

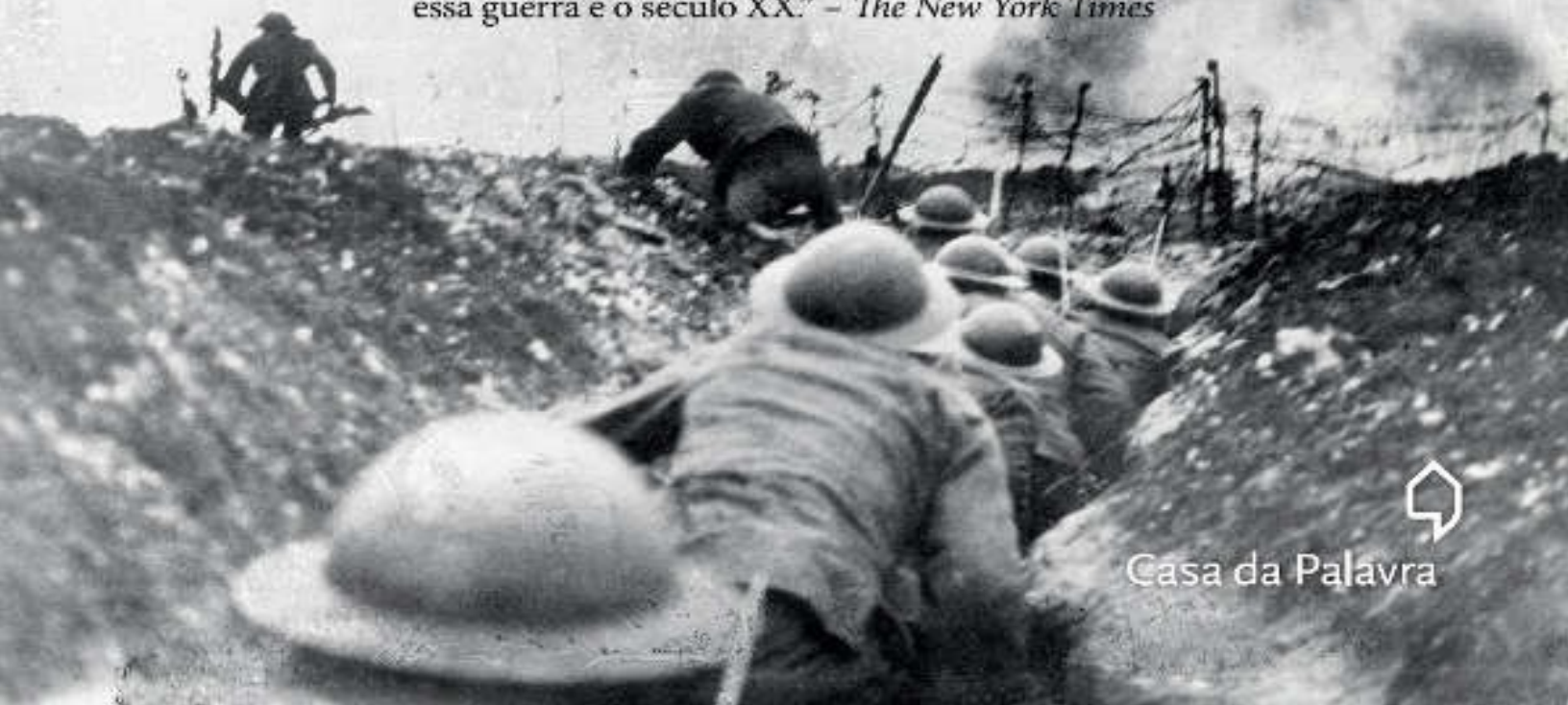


MARTIN GILBERT

A PRIMEIRA GUERRA MUNDIAL

OS 1.590 DIAS QUE TRANSFORMARAM O MUNDO

“Um livro que todo mundo deveria ler para entender o que foram
essa guerra e o século XX.” – *The New York Times*



Casa da Palavra



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

a

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.site](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#).

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



Era para ser a guerra que acabaria com todas as guerras. Começou às onze e quinze da manhã do dia 28 de junho de 1914, em Saraievo, com o assassinato do arquiduque Franz Ferdinand. E terminaria oficialmente quase cinco anos depois, dentro de um vagão-restaurante na floresta de Compiègne, na França, onde os alemães assinaram o armistício. Porém, extraoficialmente, ela nunca acabou: os horrores que vivemos hoje nasceram na Primeira Guerra Mundial.

Fomos apresentados a novas tecnologias de morte: tanques, aviões, submarinos, metralhadoras e gás venenoso. Tivemos nosso primeiro contato com bombardeios estratégicos e passamos a conviver com guerras que atingiam civis sem restrição. Fomos deixados com mais de 10 milhões de mortos e passamos a praticar maus-tratos com prisioneiros. O mundo mudou.

Em seu rastro, impérios ruíram, monarquias caíram, sistemas políticos e fronteiras geográficas se realinharam. Cidades como Varsóvia, Lille, Bruxelas e Belgrado conheceram bem os rigores da ocupação. De Praga, Budapeste, Berlim, Viena, Constantinopla, Atenas, Paris, Roma, Londres, Nova York, Cidade do Cabo e Bombaim saíram tropas que se deslocaram para zonas

A PRIMEIRA GUERRA MUNDIAL

MARTIN GILBERT

A PRIMEIRA GUERRA MUNDIAL

OS 1.590 DIAS QUE TRANSFORMARAM O MUNDO

Tradução

Francisco Paiva Boléo

Casa da Palavra 

Título original: *The First World War – A Complete History*

Copyright © 1994 by Martin Gilbert (Unlimited)

Tradução para a língua portuguesa © 2017, Casa da Palavra/LeYa, Francisco Paiva Boléo

Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei 9.610, de 19.2.1998.

É proibida a reprodução total ou parcial sem a expressa anuência da editora.

Copidesque

Elisa Nogueira

Beatriz Sarlo

Revisão

Eduardo Carneiro

Juliana Alvim

Capa

Sérgio Campante

Fotos de capa

Time Life Pictures/Mansell/The LIFE Picture Collection/Getty Images

Diagramação

Futura

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO.
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ.

G393p

Gilbert, Martin, 1936-2015

A primeira guerra mundial: os 1.590 dias que transformaram o mundo /

Martin Gilbert ; ilustração Tim Aspden ; tradução Francisco Paiva Boléo. –

Rio de Janeiro : Casa da Palavra, 2017.

il.

Tradução de: *The first world war: a complete history*

Inclui índice

ISBN 978-85-441-0603-7

1. Guerra Mundial, 1914-1918. I. Título.

17-42849

CDD: 940.3

CDU: 94(100)''1914/1918''

Todos os direitos reservados à
EDITORA CASA DA PALAVRA
Avenida Calógeras, 6 | sala 701
20030-070 — Rio de Janeiro — RJ
www.leya.com.br

“A corrida não é para os ágeis nem a batalha é para os bravos (...) Todos estão à mercê das circunstâncias e da sorte.”

Eclesiástico, 9,11

Sumário

[Prefácio à nova edição](#)

[Introdução](#)

[1. Prelúdio da guerra](#)

[2. “Louco de alegria” | 28 de junho a 4 de agosto de 1914](#)

[3. Primeiros combates | Agosto a setembro de 1914](#)

[4. De Mons ao Marne | Agosto a setembro de 1914](#)

[5. Escavar: O início da guerra de trincheiras | Setembro a outubro de 1914](#)

[6. A caminho do primeiro Natal: “lama, lodo e vermes” | Novembro a dezembro de 1914](#)

[7. Impasse e procura de soluções | Janeiro a março de 1915](#)

[8. Desembarques em Galípoli | Abril a maio de 1915](#)

[9. A Entente em perigo | Maio a junho de 1915](#)

[10. As Potências Centrais em ascensão | Junho a setembro de 1915](#)

[11. A Entente continua a fracassar | Setembro a dezembro de 1915](#)

[12. “Esta guerra terminará em Verdun” | Janeiro a abril de 1916](#)

[13. “A Europa está louca. O mundo está louco.” | Abril a junho de 1916](#)

[14. A Batalha do Somme: “Será um holocausto sangrento” | Julho a agosto de 1916](#)

[15. Guerra em todas as frentes | Agosto a dezembro de 1916](#)

[16. Intensificação da guerra | Novembro de 1916 a junho de 1917](#)

[17. Guerra, deserção e amotinacões | Abril a julho de 1917](#)

[18. Impasse no Ocidente, agitação no Oriente | Julho a setembro de 1917](#)

[19. Batalha de Passchendaele; revolução na Rússia | Setembro a novembro de 1917](#)

- [20. Os termos da guerra e da paz | Novembro a dezembro de 1917](#)
- [21. As Potências Centrais à beira do triunfo | Janeiro a março de 1918](#)
- [22. A última grande investida alemã | Março a abril de 1918](#)
- [23. “A batalha, a batalha, nada mais importa” | Abril a junho de 1918](#)
- [24. Contra-ataque aliado | Junho a agosto de 1918](#)
- [25. Mudança da maré | Agosto a setembro de 1918](#)
- [26. Colapso das Potências Centrais | Outubro a novembro de 1918](#)
- [27. O armistício final | 9 a 11 de novembro de 1918](#)
- [28. Construção da paz e memórias](#)
- [29. “... em memória dessa grande companhia”](#)

[Bibliografia](#)

[Notas](#)

[Índice remissivo](#)

[Mapas](#)

[Agradecimentos](#)

Prefácio à nova edição

A Primeira Guerra Mundial acabou há noventa anos. Em 11 de novembro de 2008 – Dia do Armistício – apenas três veteranos britânicos que combateram nesta guerra ainda estavam vivos, o mais jovem deles com 106 anos.

Como aluno do ensino médio, entre o final da década de 1940 e o início da década de 1950, três de meus mestres tinham lutado na Primeira Guerra Mundial. Na universidade, diversos professores fizeram o mesmo. Em 1960, quando comecei minhas pesquisas históricas, conheci muitos veteranos de guerra: marinheiros, soldados e aviadores. O marechal de campo Montgomery e o marechal de campo Alexander, que lutaram nas trincheiras do front ocidental, incentivaram-me em meu trabalho, assim como o almirante Richard Bell Davies, que conquistou a Cruz Vitória em Galípoli.

Entre os livros de minha autoria, em que narrei aspectos da história dessa “guerra para acabar com todas as guerras”, incluem-se *Atlas of the First World War* e *The Somme: The Heroism and Horror of War*. Em minhas viagens, visitei os campos de batalha do front ocidental, da Palestina, do norte da Itália e dos Balcãs. Li as inscrições nos memoriais dedicados à Primeira Guerra Mundial em Gaza e Jerusalém, em Galípoli e no Canal de Suez, em Nova Deli, em Ypres e Vimy, em Somme e Compiègne, em Roma e Berlim, e nos museus de guerra em Bruxelas, Belgrado, Ottawa e Kansas City.

Memórias de guerra, biografias, romances, peças e filmes permitiram que as gerações seguintes se familiarizassem com suas múltiplas facetas. Não obstante a segunda “Grande Guerra” que a seguiu, e as guerras subsequentes que continuaram a assolar a humanidade até o fim do século XX e além, as imagens e os ecos da Primeira Guerra Mundial continuam a se impor à consciência popular, assim como seus diversos feitos de valor em terra, mar e ar. Mesmo noventa anos após o fim da Primeira Guerra Mundial, os fazendeiros e os construtores continuam a descobrir cartuchos enferrujados e estruturas destruídas.

Esta nova edição é oferecida a uma geração para quem a Primeira Guerra Mundial

é pouco mais do que história, ainda que seus pais e avós tenham lutado nela. Também vive em artigos de jornais e revistas, livros, sites de Internet, museus, monumentos, cemitérios de guerra e excursões em campos de batalha, que são uma lembrança permanente daqueles quatro anos, agora ocorridos há mais de noventa anos. Durante aqueles quatro anos, muito do mundo “civilizado” – pelo melhor, pior e mais obscuro dos motivos – enlouqueceu, e mais de 8,6 milhões de homens – inúmeros no final de adolescência e na faixa dos vinte e poucos anos – morreram nos campos de batalha.

Martin Gilbert
11 de novembro de 2008

Introdução

Na Primeira Guerra Mundial morreram mais de 9 milhões de soldados da Infantaria, da Marinha e da Força Aérea. Calcula-se que morreram também 5 milhões de civis em consequência da ocupação, de bombardeios, fome e doenças. O assassinato em massa de armênios em 1915 e a epidemia de gripe que teve início enquanto ainda decorria a guerra foram dois fatores que provocaram enorme destruição. A emigração de sérvios em finais de 1915 constituiu outro episódio cruel em que civis pereceram em grande número, assim como o bloqueio naval aliado à Alemanha, que teve como resultado a morte de mais de 750 mil civis alemães.

Entre 1914 e 1918, desenrolaram-se duas guerras muito diferentes. A primeira foi uma guerra de tropas de Infantaria, Marinha e Força Aérea, de marinheiros da Marinha Mercante e de populações civis sob ocupação, em que o sofrimento individual e a angústia atingiram uma escala enorme, em particular nas trincheiras da linha de frente. A segunda foi uma guerra de gabinetes de guerra e de soberanos, de propagandistas e idealistas, repleta de ambições e ideais políticos e territoriais, que determinaram o futuro dos impérios, nações e povos, de modo tão contundente quanto no campo de batalha. Houve momentos, particularmente em 1917 e 1918, em que a combinação da guerra dos exércitos com a guerra das ideologias conduziu à revolução, à capitulação e à emergência de novas forças nacionais e políticas. A guerra alterou o mapa e o destino da Europa da mesma forma que cauterizou sua pele e deixou marcas na sua alma.

Quando cursei a escola primária, logo depois da Segunda Guerra Mundial, eu estava bem consciente da Primeira Guerra Mundial, apesar de ter terminado 27 anos antes. O porteiro da escola, sr. Johnson, que tinha estado na Infantaria da Marinha britânica, era um veterano do ataque naval a Zeebrugge em 1918, e dizia-se que tinha sido recomendado para a atribuição de uma condecoração de valor. O reitor, Geoffrey Bell, tinha recebido a Cruz Militar na frente ocidental, apesar de perante os alunos demonstrar um espírito pacifista. Um dos meus primeiros professores de história, A. P. White, tinha também combatido nas trincheiras e costumava andar para lá e para cá na sala de aula, com uma vassoura apoiada no ombro, enquanto

entoava canções militares. Quando comecei a trabalhar neste livro, foram publicadas suas cartas enviadas das trincheiras, que revelavam grande sofrimento e sensibilidade. O irmão mais velho do meu pai, meu tio Irving, tinha lutado no Somme. Sua experiência o tinha aterrorizado, e nós, os garotos da família, havíamos sido advertidos para não lhe fazermos perguntas sobre esse assunto. Ele morreu enquanto eu escrevia este livro, aos 93 anos.

Na época em que prestei serviço militar, em 1954 e 1955, a Primeira Guerra Mundial era uma recordação sempre presente. O Regimento de Infantaria em que fiz minha recruta, o Wiltshires, tinha perdido um batalhão em Reutel, no saliente de Ypres, quando morreram mil homens em outubro de 1914, e os poucos sobreviventes foram feitos prisioneiros. Outro batalhão foi praticamente chacinado, em poucos minutos, nas encostas de Chunuk Bair, na península de Galípoli, em 1915. Um terceiro batalhão foi encurralado pela artilharia naval alemã na frente de Salonica em 1917. Durante minhas pesquisas acadêmicas, qualquer que fosse o assunto em que estivesse trabalhando, fosse o império britânico na Índia na virada do século ou o estabelecimento do domínio soviético na Ucrânia na década de 1920, a Primeira Guerra Mundial continuava a impregnar minhas pesquisas. Meu supervisor de história da Índia, C. C. Davies, tinha sido ferido na frente ocidental, e esse ferimento ainda o incomodava. Meu trabalho em geografia histórica no início da década de 1960 levou-me ao apartamento de Arnold Toynbee, em Londres. Na mísula da chaminé da lareira havia fotografias de meia dúzia de jovens em uniforme. Perguntei-lhe quem eram eles. Disse-me que eram seus melhores amigos na universidade antes de 1914. Todos tinham morrido nas trincheiras.

Ao longo de várias décadas, minhas viagens levaram-me a muitas zonas de guerra e a locais associados ao combate. Em 1953, encorajado por um dos meus professores de história, Alan Palmer, andei por várias regiões onde os memoriais da guerra me fizeram ver as diferentes perspectivas do conflito. Também fui a Viena, onde o Hofburg e a Ballhausplatz me fizeram recordar tanto o velho imperador como seus ministros das Relações Exteriores; a Liubliana, que como Laibach foi uma das cidades cuja população eslava conseguiu tornar-se independente da Áustria e cujos soldados se irritaram com a obrigação de manter o império dos Habsburgos; e a Veneza, ameaçada em 1917 pela chegada iminente do Exército austríaco.

Em junho de 1957, em Saraievo, estive no preciso local onde Gavrilo Princip disparou o tiro fatal em junho de 1914. Mais tarde, ainda sob o regime comunista na Iugoslávia, Princip seria aclamado como um dos precursores da independência nacional. Num bloco de cimento foram gravadas duas pegadas, que comemoram o ato que mergulhou a Europa num conflito que durou quatro anos. Em Belgrado, ainda em 1957, olhei, por sobre o rio, para o local de onde os austríacos tinham bombardeado a capital da Sérvia no primeiro dia de guerra. Uma década depois, fui com meu pai à frente ocidental: estivemos em Arras, a leste da qual os cemitérios

militares são os últimos vestígios das batalhas de 1917 e 1918, e a Ypres, onde todas as noites, às 20 horas, ouvimos o toque de silêncio, tocado na Porta de Menin por dois membros do Corpo de Bombeiros de Ypres.

Ao som das cornetas, sob o vasto arco da Porta de Menin, o tráfego parava. Esse trabalho era em parte custeado por um legado de Rudyard Kipling, cujo filho tinha morrido em Ypres. Nas paredes e colunas da porta monumental estão gravados os nomes de 54.896 soldados britânicos mortos no saliente de Ypres entre outubro de 1914 e meados de agosto de 1917, que não têm sepultura. Estão conservadas em pedra as marcas de tiros da batalha que se desenrolou ali durante a Segunda Guerra Mundial. Os últimos pedreiros ainda estavam trabalhando na gravação dos nomes de 1914-1918 quando chegaram os exércitos alemães, como conquistadores, em maio de 1940. Os pedreiros foram repatriados para a Inglaterra.

Partindo da Porta de Menin, meu pai e eu caminhamos até o saliente, com mapas das trincheiras na mão, lendo, no local de cada batalha, os acontecimentos descritos nos vários volumes da história oficial, do general Edmond, as cartas e recordações de soldados e as poesias. Ficamos em silêncio, como todos os visitantes, no memorial de Tyne Cot, em Passchendaele, onde estão gravados os nomes de 34.888 soldados mortos no saliente entre meados de agosto de 1917 e o final da guerra, em novembro de 1918, dos quais não foram encontrados traços suficientes para uma identificação para sepultamento. No cemitério em frente ao memorial há mais de 11 mil sepulturas com nomes. Nem mesmo o gramado aparado, as flores cuidadosamente tratadas e as árvores com 50 anos de idade podem fazer esquecer o chocante impacto de tantos nomes e tantas sepulturas. Não longe, em Menin, que esteve em poder dos alemães durante toda a guerra, exceto um mês, visitamos o cemitério militar, onde estão sepultados 48.049 soldados alemães.

Quinze anos depois da minha visita ao local onde foi assassinado o arquiduque Franz Ferdinand, em Saraievo, onde se pode dizer que a Primeira Guerra Mundial teve início, dirigi-me a uma clareira no bosque, perto de Rethondes, na França, para ver uma réplica do vagão de trem no qual os alemães assinaram o armistício em novembro de 1918. Hitler insistiu em receber a rendição da França, em junho de 1940, no mesmo vagão. Há relações entre as duas guerras que nos trazem à lembrança que decorreram apenas 21 anos entre elas. Muitos daqueles que lutaram nas trincheiras na Primeira Guerra Mundial foram líderes na Segunda Guerra Mundial, como Hitler, Churchill e De Gaulle, ou comandantes, à semelhança de Rommel, Zhukov, Montgomery e Gamelin. Outros, como Ho Chi Minh, que se voluntariou para servir com os franceses como ordenança vietnamita na Primeira Guerra Mundial, e Harold Macmillan, que combateu e foi ferido na frente ocidental, destacaram-se depois da Segunda Guerra Mundial.

Em 1957, visitei as zonas de batalha na fronteira russo-turca e as povoações em que centenas de milhares de armênios foram massacrados no primeiro ano da guerra.

Dez anos depois, estive no cemitério militar de Gaza, onde as lápides, propositadamente baixas devido à possibilidade de tremores de terra, recordam a morte de milhares de soldados que pereceram num dos mais ferozes confrontos anglo-turcos. Estive no local, nas imediações de Jerusalém, onde dois soldados britânicos, que andavam à procura de ovos no início de uma manhã, viram aproximar-se um grupo de dignitários, que incluía sacerdotes, imames e rabinos, que lhes ofereceram, em vez de alimentos, a rendição da Cidade Santa. Com início em 1969, fiz viagens durante três anos consecutivos à península de Galípoli, lendo em voz alta trechos da história oficial da guerra, em dois volumes, de Aspinall-Oglander, e também outras obras em muitas das praias onde se fizeram desembarques, em barrancos e em colinas. O contraste entre sua beleza e sua tranquilidade atuais e o conhecimento das lutas e do sofrimento que existiram ali em 1915 nunca deixou de me perseguir.

Durante meu trabalho sobre Winston Churchill, li também em voz alta, nos pátios das fazendas onde ele as escreveu, as cartas diárias destinadas à sua mulher, enviadas das trincheiras na frente ocidental, nas quais ele reconhecia o sofrimento daqueles que não poderiam regressar, como ele pôde, seis meses depois, ao conforto da vida civil em Londres. Oito anos antes do início da guerra em 1914, numa carta particular para sua mulher, escrita durante as manobras do Exército alemão em Würzburg, para as quais ele tinha sido convidado pelo Kaiser, Churchill escreveu: “Por mais que a guerra me atraia e minha mente se fascine com suas situações tremendas, sinto mais profundamente, de ano para ano — e posso medir esse sentimento aqui, rodeado de armas —, quão vil e perversa loucura e barbárie é tudo isso.”

Em 1991, poucos meses depois da queda da Cortina de Ferro, eu estava na Ucrânia recentemente independente, onde andei pelos quartéis austríacos na antiga cidade fronteiriça de Brody, sobre os quais o Exército russo marchou com tanta confiança em 1914, durante seu triunfo inicial, e da qual foi expulso menos de um ano depois. Apesar de decisão de Lênin e dos bolcheviques de retirarem-se da guerra em março de 1918, a luta na frente oriental continuou, principalmente na forma de guerra civil e depois como guerra russo-polonesa, que durou dois anos a mais do que no ocidente. Na estrada de Brody a Lviv, passei pela grande estátua de bronze cujo cavaleiro aponta (ou apontava, antes de ter sido retirado tudo o que era comunista) triunfantemente para Varsóvia. Esse significativo monumento comemorava a tentativa bolchevique de invadir a Polônia em 1920. À semelhança dos seus compatriotas russos, que tinham se esforçado, seis anos antes, por reter a Polônia, os bolcheviques lutaram e morreram em vão. Estive em Varsóvia várias vezes ao longo dos anos, visitando o Monumento ao Soldado Desconhecido, que comemora não um soldado desconhecido da guerra de 1914-1918, como acontece na abadia de Westminster ou sob o Arco do Triunfo, mas uma vítima desconhecida da Guerra

Russo-Polonesa de 1920.

Durante quatro décadas, muitos militares falaram comigo acerca das suas experiências em todas as frentes. Eu mesmo, quando era um jovem soldado, em 1954 e 1955, estive na casa de veteranos de guerra, onde viviam e morriam os poucos sobreviventes das trincheiras. No decurso das minhas pesquisas históricas, que tiveram início em 1960, falei com muitos militares de Infantaria, Marinha e Força Aérea de todos os exércitos beligerantes. Suas recordações e as cartas e os documentos que conservaram constituíram uma janela aberta para o passado. Também tive o encorajamento pessoal de um dos historiadores da Primeira Guerra Mundial, Sir John Wheeler-Bennett, e de três dos meus superiores quando estive no Merton College, em Oxford, como pesquisador, em 1962: Alistair Hardy, Hugo Dyson e Michael Polanyi. Os três tinham conhecido os lados mais nobres e mais terríveis daquela guerra distante; Hardy e Dyson como soldados na frente ocidental e Polanyi como oficial-médico no Exército austro-húngaro.

Durante meu trabalho sobre Churchill, estive com o general Savory, de 80 anos de idade, que tinha prestado serviço em Galípoli e que me convidou a passar um dedo por um orifício no seu crânio, causado por uma bala turca. Depois de Galípoli, serviu na Mesopotâmia e na Sibéria. Um aviador, Richard Bell Davies, que também tinha lutado em Galípoli, onde lhe foi atribuída a Cruz Vitória, tirou da carteira um pedaço de papel higiênico do tempo da guerra onde estava impresso um retrato do Kaiser alemão com as palavras “Limpe sua bunda em mim”.

Dois outros soldados que serviram na frente ocidental desde as primeiras semanas influenciaram-se com sua amizade e seus escritos. Um foi o pintor francês Paul Maze, Medalha por Distinção em Serviço, Medalha de Mérito com barra e Cruz de Guerra, que se mudou para a Inglaterra depois da Primeira Guerra Mundial e que conseguiu escapar da França quando os alemães entraram em Paris em junho de 1940. Maze serviu na frente ocidental como perito de reconhecimento durante quatro anos e foi testemunha das principais ofensivas britânicas. O outro soldado foi o político britânico e comandante de brigada Sir Edward Louis Spears, Cruz Militar, que entrou para o Parlamento depois da Segunda Guerra Mundial e conduziu o general De Gaulle à Inglaterra em junho de 1940. Tanto Maze como Spears conseguiram, nos seus livros e nas suas palestras sobre a Primeira Guerra Mundial, traçar um retrato em palavras das ações e dos ambientes em Flandres, das esperanças dos soldados e dos perigos dessa viagem de quatro anos, desde a declaração de guerra em 1914 até o armistício em 1918.

Em 3 de setembro de 1976, um dia que recorro muito bem, almocei com Anthony Eden (então conde de Avon) em sua casa em Wiltshire. Ele falou sobre episódios da Segunda Guerra Mundial, cujo início ocorrera precisamente 37 anos antes, na qual seu filho de 27 anos, Simon, piloto da Força Aérea britânica, foi morto em combate, na Birmânia, em junho de 1945. Falamos sobre a decisão britânica de ir em ajuda à

Grécia em 1941, sobre os perigos de um colapso da Rússia e sobre uma paz separada nazi-soviética em 1942.

Em nossa conversa, houve muitos ecos da Primeira Guerra Mundial, incluindo a decisão britânica de ajudar a Sérvia em 1915 (através do mesmo porto, Salonica, por onde a Grécia recebeu ajuda em 1941) e o impacto da retirada russa da guerra em 1917. Uma das memórias mais vívidas de Eden foi terem-lhe dito, enquanto estava nas trincheiras da frente ocidental, em 1916, que seu irmão Nicholas tinha sido morto em combate na Batalha da Jutlândia. Nicholas Eden, encarregado de uma torreta do *Indefatigable*, tinha apenas 16 anos quando morreu.

Harold Macmillan também me auxiliou no meu trabalho sobre Churchill, por meio de correspondência e conversas na casa dele e na minha, mas foi só quando escrevi este livro que soube que sua escrita insegura, seus apertos de mão pouco firmes e sua forma arrastada de andar eram resultados de ferimentos sofridos em combate em 1916.

Em minhas viagens, descobri que não há área na Europa sem memoriais e monumentos à Primeira Guerra Mundial. Cidades como Varsóvia, Lille, Bruxelas e Belgrado conheceram bem os rigores da ocupação em duas guerras mundiais. De Praga, Budapeste, Berlim, Viena, Constantinopla, Atenas, Paris, Roma, Londres, Nova York, Cidade do Cabo e Bombaim saíram tropas que se deslocaram para zonas de guerra, e aqueles que regressaram, depois do choque e do prolongamento da batalha, encontraram cidades, pelo menos na Europa, onde a privação e a mágoa tinham substituído o efêmero entusiasmo anterior. Em todas essas cidades há monumentos que recordam as perdas.

Enquanto viajava, estudei textos e iconografia dos memoriais de guerra espalhados por todos os lados. Esses memoriais testemunham todas as formas de destruição, desde sepulturas individuais de soldados e civis até monumentos que recordam a morte de mais de 500 mil cavalos nas zonas de guerra e de outros 15 mil que morreram afogados a caminho da guerra. Esses memoriais constituem uma recordação crua, muitas vezes bela e por vezes grotesca, da destruição. Suas inaugurações, como sucedeu com o memorial canadense das colinas de Vimy em 1936, prolongaram o impacto da retrospectão. Mesmo depois da Segunda Guerra Mundial, eram os veteranos condecorados na Primeira Guerra Mundial que provocavam maior impacto nos desfiles do Dia do Armistício. Em Bolonha-sobre-o-Mar, em 1974, assisti ao desfile de antigos soldados de ambas as guerras, conduzidos por um encurvado sobrevivente da Batalha do Marne, sessenta anos antes, a quem foi atribuído um lugar de destaque à frente do desfile.

As batalhas constituíram o enquadramento e o relato diário da guerra, mas amotinações, greves e revolução ecoaram no rastro dos homens em combate, da mesma forma que o trabalho de milhões de pessoas em fábricas e em batalhões de trabalho. O gás de mostarda era um perigo a mais para os combatentes. Os

submarinos enviaram milhares de marinheiros mercantes, militares e civis para sepulturas anônimas. Bombardeios aéreos acrescentaram uma dimensão civil ao terror. Por trás das linhas, milhões de cidadãos sofreram fome e privações.

Minhas pesquisas levaram-me a vários livros nos quais a Primeira Guerra Mundial ocupa um lugar importante, entre os quais *Sir Horace Rumbold: Portrait of a Diplomat* [*Sir Horace Rumbold: Retrato de um diplomata*], que trata do impacto da guerra pela perspectiva de um diplomata britânico em Berlim; os terceiro e quarto volumes da biografia de Churchill, em que constam a luta no estreito de Dardanelos e na frente ocidental e a guerra de munições; e o *The Atlas of the First World War* [*O Atlas da Primeira Guerra Mundial*], que cobre todas as frentes e todos os aspectos do conflito. O impacto da guerra nas aspirações judaicas e árabes no Oriente Médio foi objeto de três capítulos de *Exile and Return: The Struggle for a Jewish Homeland* [*Exílio e retorno: a luta por uma pátria judaica*]. O impacto da guerra nos três tratados de paz e os anos entreguerras foram objeto de cartas e documentos que publiquei, em 1964, em *Britain and Germany Between the Wars* [*Grã-Bretanha e Alemanha no entreguerras*].

No mesmo ano, pouco depois de ter entregado a uma agência de datilografia o manuscrito do meu livro *The European Powers 1900-1945* [*As potências europeias 1900-1945*], a diretora da agência, sra. Wawerka, quis encontrar-se comigo. No livro, eu tinha atribuído à Áustria parte da responsabilidade pelo início da guerra em 1914, o que a desconcertou e magoou. Ela tinha nascido e estudado em Viena; como judia, tinha sido forçada a abandonar a Áustria em 1938, mas sabia que o país era inocente de qualquer responsabilidade nos acontecimentos de 1914. A culpa devia ser atribuída (e eu deveria ter dito isso no manuscrito) aos sérvios e aos russos.

O episódio teve um grande impacto em mim, como teve também a descrição que a sra. Wawerka fez da fome desesperada que houve em Viena durante a guerra e da injustiça, segundo o ponto de vista dela, dos acordos do pós-guerra que desmantelaram o império dos Habsburgos.

Para alguns, foi uma guerra para castigar e punir. Para outros, tornou-se a guerra que acabaria com todas as guerras. O nome que recebeu por algum tempo, Grande Guerra, indicava sua escala sem precedentes. Contudo, foi seguida por uma segunda guerra ainda mais destrutiva e por outras guerras “menores” por todo o mundo. Em janeiro de 1994, calculava-se que decorriam 32 guerras espalhadas pelo planeta. A Primeira Guerra Mundial continua a ter seu lugar na discussão desses conflitos modernos. Em dezembro de 1993, enquanto escrevia este livro, um jornalista da televisão britânica, ao comentar a ausência de uma trégua de Natal nos conflitos na Bósnia, reportou, tendo uma trincheira como fundo: “Em torno de Vitez, o sistema de trincheiras recorda a Primeira Guerra Mundial, onde nem a lama falta.” A trincheira mostrada não era particularmente lamacenta e não estava alagada nem sob fogo de artilharia, mas as imagens da Primeira Guerra Mundial mantiveram-se

durante oitenta anos, ao longo de várias gerações. Um período de tempo relativamente curto, uma guerra que durou quatro anos e três meses, inspirou, confundiu e perturbou todo o século.

Algumas mudanças políticas que a Primeira Guerra Mundial criou foram tão destrutivas como a própria guerra, tanto no que diz respeito à vida como à liberdade, e perpetuaram tiranias durante mais de meio século. Algumas alterações de fronteiras na Primeira Guerra Mundial, com a intenção de corrigir erros antigos, ainda são causas de disputas e de conflitos.

Em 1923, na introdução ao seu livro *The Irish Guards in the Great War* [*A Guarda Irlandesa na Grande Guerra*], Rudyard Kipling escreveu: “O que mais surpreende o compilador destes dados é que se possa retirar qualquer dado concreto da voragem da guerra.” Desde os primeiros tiros, há oitenta anos, vários autores fizeram pesquisas tanto sobre fatos principais como sobre os mais obscuros episódios da guerra e também sobre seus pontos mais enigmáticos. Este livro é uma tentativa de transmitir minhas próprias pesquisas, meus sentimentos e minhas perspectivas sobre um acontecimento que, à semelhança do Holocausto em anos posteriores, deixou uma marca indelével no mundo ocidental. É também uma tentativa de descrever, num quadro de comandantes, estratégias e grandes números, a história de indivíduos.

Se a cada um dos 9 milhões de militares mortos na Primeira Guerra Mundial fosse dedicada uma página, a recordação dos seus feitos e sofrimentos, das suas esperanças em tempo de guerra, da sua vida e dos seus amores anteriores ao conflito ocuparia 20 mil livros com as dimensões deste. O sofrimento individual não é uma coisa que possa ser contada facilmente numa história geral, ainda que alguns historiadores o tentem fazer. Em 3 de dezembro de 1993, fiquei surpreso com três pequenas frases numa crítica de Meir Ronnen a dois livros sobre a Primeira Guerra Mundial. A crítica foi publicada no *Jerusalem Post*, onde Ronnen escreveu: “Milhões morreram e sofreram na lama de Flandres entre 1914 e 1918. Quem se lembra deles? Mesmo aqueles que têm seu nome em sepulturas são agora soldados desconhecidos.”

Nenhum livro pode por si restabelecer esse equilíbrio, apesar de alguns bons autores terem tentado fazê-lo; entre eles, mais recentemente, Lyn Macdonald, na Inglaterra, e Stephanie Audouin-Rouzeau, na França (um dos livros da crítica de Meir Ronnen; o outro livro é uma biografia do poeta Isaac Rosenberg, morto em combate em 1º de abril de 1918). Neste livro, tentei incorporar o sofrimento dos indivíduos à narrativa de uma guerra em seu sentido mais amplo.

Martin Gilbert
Merton College, Oxford
20 de junho de 1994

1

Prelúdio da guerra

Uma guerra entre as grandes potências foi muito falada na primeira década do século XX por políticos, escritores, romancistas e filósofos, e, no entanto, a natureza de uma guerra europeia, em oposição aos aventureirismos coloniais, era mal compreendida. O que se conhecia eram as rápidas incursões por forças superiores contra antagonistas distantes e fracos, metralhadoras contra lanças ou armamentos navais contra canhões antiquados. Por mais assustadores que esses conflitos pudessem ser, o público em geral não pressentia nada tão terrível.

Por que temer uma guerra na Europa? Pouco antes do início da guerra, em 1914, um coronel francês, que era adolescente quando a Alemanha invadiu a França em 1870, ouviu um grupo de jovens oficiais brindarem à perspectiva da guerra e escarnecerem da possibilidade de um conflito, mas os risos cessaram abruptamente quando ele lhes perguntou: “Vocês acham que a guerra é sempre divertida, *toujours drôle*?” Chamava-se Henri-Philippe Pétain. Dois anos depois, em Verdun, foi testemunha de uma das piores chacinas militares do século XX.

Os militares franceses cujas risadas Pétain fez cessar abruptamente eram herdeiros de uma tradição de inimizade franco-germânica que culminara mais de quarenta anos antes, em 11 de maio de 1871, quando o chanceler alemão, Otto von Bismarck, assinou, no Hotel Swan, em Frankfurt, o acordo que transferia a Alsácia e grande parte da Lorena para a Alemanha. Nesse dia, na cidade de Metz, ocupada pelos alemães, as armas dispararam em celebração do triunfo. Na sala de aula do colégio jesuíta francês de Saint-Clément, o historiador britânico Basil Liddell Hart escreveu em 1931: “A mensagem das armas não precisa de intérprete. Os meninos deram um salto. O superintendente, mais sóbrio, gritou ‘*Mes enfants!*’ e, depois, incapaz de dizer mais qualquer coisa, baixou a cabeça e uniu as mãos numa prece. A memória daquele terrível momento não se apagou das mentes dos estudantes.” Um desses estudantes era Ferdinand Foch, de 19 anos, que lamentava a derrota ter sucedido antes que ele mesmo pudesse ser enviado para o campo de batalha.

Nem todos na recém-unificada Alemanha ficaram satisfeitos com a vitória sobre a França, já que outras ambições estavam em ebulição à medida que o império ganhava força industrial. Aspirações a uma expansão colonial, a um poder naval no mínimo à altura do poderio da Grã-Bretanha, à influência no mundo muçulmano da Ásia e a um lugar dominante nos conselhos da Europa intensificavam a sensação germânica de inferioridade. A Alemanha, unida apenas em 1870, tinha chegado tarde demais, assim parecia, à corrida por poder e influência, por império e respeito. A necessidade de mais guerra e de um avassalador poder militar essencial para vencê-la é a conclusão que se pode tirar do livro *Germany and the Next War* [*A Alemanha e a próxima guerra*], publicado por um oficial de cavalaria alemão reformado, Friedrich von Bernhardi, em 1912. Bernhardi tinha entrado como conquistador em Paris em 1870. Nesse livro, ele enfatiza a necessidade de a Alemanha fazer a guerra ou perder a luta pelo poder mundial. “A lei natural, em que se baseiam todas as leis da natureza, é a lei da luta pela existência”, escreveu ele. A guerra era uma “necessidade biológica”. Soldados alemães quarenta anos mais novos do que ele em breve testariam essa confiante teoria no campo de batalha e morreriam ao fazê-lo.

A guerra de 1870 foi a última guerra do século XIX entre potências europeias. Três mil soldados morreram em ambos os lados na Batalha de Sedan. Na disputa civil que se seguiu na França, mais de 25 mil apoiadores da Comuna foram executados em Paris. Por meio desses exemplos, é evidente que as guerras tinham custos em vidas humanas e que seus resultados eram imprevisíveis e tantas vezes atroz. Depois de 1870, os impérios germânico, francês, belga e britânico viveram uma saga de guerra, derrotas e chacinas no ultramar. O filho de Napoleão III, o príncipe imperial, esteve entre as centenas de soldados britânicos mortos em 1879 pelos zulus durante e depois da Batalha de Isandlwana. Em 1894, o tenente-coronel Joffre conduziu uma coluna francesa através do Saara para conquistar Timbuktu. Na virada do século, um coronel alemão, Erich von Falkenhayn, ganhou a reputação de cruel durante uma expedição internacional para esmagar o Levante dos Boxers na China, ocasião em que o Kaiser Wilhelm II comparou as tropas germânicas aos hunos, cunhando assim uma frase que viria a ser usada contra eles: “À semelhança dos hunos, que há mil anos, sob a liderança de Átila, ganharam reputação pelo modo virtuoso como vivem na tradição histórica, também o nome da Alemanha tornou-se conhecido de tal forma na China que nenhum chinês se atreverá jamais a olhar com desprezo para um alemão.”¹

Essas guerras, muitas vezes distantes, mas sempre sangrentas, foram um aviso para aqueles que se deram ao trabalho de ouvir. Em 1896, o poeta e classicista britânico A. E. Housman expressou a crueldade da guerra em seu poema “A Shropshire Lad” [“Um sujeito de Shropshire”]:

*On the idle hill of summer,
Sleepy with the flow of streams,
Far I hear the steady drummer
Drumming like a noise in dreams.*

*Far and near and low and louder
On the roads of earth go by,
Dear to friends and food for powder,
Soldiers marching, all to die.*

*East and west on fields forgotten
Bleach the bones of comrades slain,
Lovely lads and dead and rotten;
None that go return again.*

*Far the calling bugles hollo,
High the screaming fife replies,
Gay the files of scarlet follow:
Woman bore me, I will rise.²*

As advertências de Housman tiveram eco cinco anos depois, na Câmara dos Comuns, por intermédio de Winston Churchill, então com 26 anos, jovem membro do Partido Conservador no Parlamento. Após experiências de luta na Índia, no Sudão e na Guerra dos Bôeres, Churchill ouviu, quando regressou a Londres, pedidos para a criação de um exército capaz de enfrentar um inimigo europeu. “Fico frequentemente admirado ao ver com que compostura e fluência membros desta câmara, e até ministros, falam de uma guerra europeia”, declarou ele em 13 de maio de 1901, três meses depois de ter ingressado no Parlamento, e sublinhou, para reforçar seu ponto de vista, que se no passado as guerras tinham sido feitas “por reduzidos exércitos regulares de soldados profissionais”, no futuro, quando “poderosas populações forem impelidas umas contra as outras”, uma guerra europeia só poderia terminar “na ruína dos vencidos, num prejuízo comercial pouco menos que fatal e na exaustão dos vencedores”.

A democracia, advertiu Churchill, seria “mais vingativa” do que os antigos tribunais e gabinetes: “As guerras entre povos serão mais terríveis do que as guerras entre reis.” Dez anos depois, em 9 de agosto de 1911, enquanto crescia a febre de uma guerra alemã contra a Grã-Bretanha e a França devido à exigência alemã de um porto na costa atlântica de Marrocos, o dirigente social-democrata alemão August Bebel avisou o Reichstag de que uma guerra europeia podia conduzir à revolução. Riram dele, apelidando-o de alarmista, e um parlamentar disse: “As coisas melhoram depois de qualquer guerra!”

As rivalidades que fomentam as guerras não podem ser suavizadas pela lógica de um sentimento pacifista. Na primeira década do século XX, houve muitas rivalidades e muitos ressentimentos nas nações para as quais a paz, o comércio, a indústria e o aumento da prosperidade nacional pareciam ser as verdadeiras necessidades, os desafios e as oportunidades. Na França, a perda de territórios anexados pela Alemanha em 1871 causou ressentimentos durante quatro décadas. O conselho dado pelo patriota francês Léon Gambetta, que disse “Pensem sempre nela, mas nunca falem sobre ela”, ecoou nos ouvidos dos franceses. O pano negro que cobria a estátua de Strasbourg na Place de la Concorde foi um lembrete visual constante da perda de duas províncias orientais. O guia de Paris escrito por Karl Baedeker e publicado em Leipzig em 1900 fazia o seguinte comentário sobre a estátua coberta: “Strasbourg está quase sempre coberta de crepes e grinaldas de luto para marcar a perda da Alsácia.” Por seu lado, a Alemanha tinha muitas ambições territoriais, em particular para além de sua fronteira oriental. Desprezando a Rússia, os alemães pretendiam anexar as províncias ocidentais polonesas do império russo e alargar a influência alemã à Polónia Central, à Lituânia e à costa do Báltico. Era como se o império de Wilhelm II restaurasse o equilíbrio de forças que começou a quebrar-se com Pedro, o Grande duzentos anos antes e, quarenta anos depois da sua morte, com Catarina, a Grande.

A Rússia de Nicolau II também tinha suas ambições, em particular nos Bálcãs, como a campeã eslava de um país eslavo, a Sérvia, que lutava continuamente para alargar suas fronteiras e chegar ao mar. A Rússia também se via como defensora das raças eslavas sob domínio austríaco. Ao longo da fronteira da Rússia com a Áustria-Hungria, viviam três minorias eslavas, de quem a Rússia era a grande defensora: ucranianos, rutenos e poloneses.

Governada por Franz Joseph desde 1848, a Áustria-Hungria pretendia manter sua vasta estrutura imperial buscando um equilíbrio entre suas muitas minorias. Em 1867, numa tentativa de reduzir as exigências conflituosas de alemães e magiares, Franz Joseph foi nomeado imperador da Áustria e rei da Hungria. Na metade austríaca dessa monarquia dual tinha sido estabelecido um complexo sistema parlamentar, cujo objetivo era dar a cada minoria um lugar na legislatura.³ Porém, mesmo o desejo dos Habsburgos de não mudar nada, de não mexer em nada, chocou-se com o desejo de domar o irritante e sempre crescente (pelo menos assim parecia) Estado sérvio, que enfadava o governo austríaco no sul.

Na Grã-Bretanha, romancistas e colunistas, bem como almirantes e parlamentares, refletiam os receios britânicos de uma supremacia naval germânica, inflados, no princípio do verão de 1914, por notícias da abertura iminente do canal de Kiel, que permitiria aos navios alemães movimentarem-se com segurança e rapidez desde o mar Báltico até o mar do Norte. O sentimento antigermano era um tema comum na imprensa popular. Houve também repetidos apelos ao governo liberal para que

implantasse a conscrição militar e não ficasse dependente, na eventualidade uma guerra, de um pequeno exército profissional. O gabinete liberal resistiu a esses apelos.

Os sistemas de alianças europeus refletiam os receios de todos os estados. As duas Potências Centrais, a Alemanha e a Áustria-Hungria, estavam ligadas por laços tanto sentimentais como formais. O mesmo acontecia, desde 1892, com a França e a Rússia, com as quais a Grã-Bretanha tinha feito acordos para a redução de conflitos. A Grã-Bretanha e a França, mesmo que não aliadas por meio de um tratado, tinham assinado a Entente Cordiale, em 1904, para resolver suas disputas no Egito e no Marrocos e faziam consultas mútuas sobre assuntos militares desde 1906. Esses acordos e hábitos criaram o que passou a ser conhecido por Tríplice Entente, formada por Grã-Bretanha, França e Rússia, que deu às Potências Centrais a sensação de estarem cercadas. O Kaiser alemão, Wilhelm II, era particularmente sensível a isso. Seu sonho era que a Alemanha fosse respeitada, temida e admirada. Neto da rainha Vitória, ressentia-se da aparente superioridade do seu filho, Edward VII, e do seu neto, George V, os reis-imperadores que governavam o subcontinente indiano com suas centenas de milhões de súditos.

Em seu palácio em Potsdam, Wilhelm II estava rodeado pela memória e pelo cerimonial do seu antecessor, Friedrich Wilhelm I, fundador do Exército prussiano. “Até hoje, muitos soldados, em especial os homens escolhidos nos regimentos de guarda, são os elementos mais característicos nas ruas da cidade”, comentou Karl Baedeker em 1912. Também havia na cidade uma estátua equestre de Wilhelm I, inaugurada por Wilhelm II em 1900, com a deusa da vitória sentada em frente ao pedestal. A entidade, que no tempo dos romanos tinha sido a principal divindade dos césores, foi embelezada com a estátua do príncipe quando jovem oficial em Bar-sur-Aube, em 1814, durante a guerra contra Napoleão, e com elementos da entrada triunfal dos alemães em Paris em 1871.

Era irônico que Potsdam, símbolo do poder militar germânico e vitrine imperial, mencionada pela primeira vez no século X, fosse, nas palavras de Baedeker, “de antiga origem eslava”. Nenhum eslavo reclamava então Potsdam, mas os russos se encontrariam ali com os aliados ocidentais, em 1945, como vencedores, ocupantes e pacificadores. O mapa da Europa pós-1900, com suas fronteiras bem marcadas, muitas inalteradas desde 1815, outras alteradas apenas em 1871, disfarçava poderosas forças de descontentamento, muitas com uma origem étnica.

A Sérvia, sem acesso ao mar desde sua primeira independência, várias décadas antes, como primeiro estado eslavo dos tempos modernos, desejava um acesso ao Adriático, mas foi bloqueada pela Áustria, que tinha anexado a antiga província turca da Bósnia-Herzegovina em 1908. Essa união não só desafiava o Tratado de Berlim de 1878, de que a Grã-Bretanha tinha sido signatária, como completava o controle austríaco de quase quinhentos quilômetros de costa adriática. A Bósnia

podia também servir como base militar, se surgisse a necessidade ou a oportunidade para um ataque austríaco à Sérvia.

Cada minoria dentro da Áustria-Hungria buscava ligar-se a um estado vizinho, como Sérvia, Itália ou Romênia, ou, no caso dos tchecos, eslovacos, eslovenos e croatas, conseguir alguma forma de autonomia e até aceder a um Estado independente. Os poloneses, sob domínio germânico, austro-húngaro e russo, nunca tinham perdido a esperança de independência, que Napoleão havia estimulado, mas que sucessivos Kaisers, czares e imperadores tinham reprimido durante um século.

O perigo que as ambições dos eslavos representavam para a Áustria-Hungria foi explicado, em 14 de dezembro de 1912, numa carta do chefe do Estado-Maior austríaco, barão Conrad von Hötzendorf, ao herdeiro forçado do império dos Habsburgos, o sobrinho do imperador e arquiduque Franz Ferdinand. “A unificação da raça eslava do sul é um dos mais poderosos movimentos nacionais, que não pode ser ignorado nem contido”, disse Conrad a Franz Ferdinand. “A única questão reside em saber se esse processo se dará dentro das fronteiras da monarquia — ou seja, à custa da independência da Sérvia — ou sob a liderança da Sérvia, à custa da monarquia.” Se a Sérvia fosse líder da unificação eslava, seria à custa, para a Áustria, de todas as suas províncias eslavas e, portanto, de quase toda a sua linha costeira. A perda de território e prestígio “relegaria a monarquia ao estatuto de pequena potência”, explicou Conrad.

Os receios em relação a conflitos e os desejos de muitos Estados e povos não criaram uma guerra europeia, mas serviram como diversos detonadores que esperavam ser ativados se fosse iniciada uma guerra entre dois Estados. O conflito seria uma irresistível oportunidade para satisfazer desejos longamente acalentados ou para vingar ódios bem nutridos. A Alemanha, tão forte industrialmente e tão confiante militarmente, desconfiava da estreita aliança entre seus vizinhos a leste e a oeste, a França e a Rússia. Como contrapeso, voltou-se para seu vizinho ao sul, a Áustria-Hungria, um parceiro em dificuldade, por mais complicado que fosse ou dividido que estivesse. A Alemanha também tinha atraído a Itália para sua órbita, em 1882, criando a Tríplice Aliança.

A visita do Kaiser ao sultão Abdul Hamid em Constantinopla, em 1898, e sua flamejante peregrinação a Jerusalém, onde dignitários das três fés monoteístas ergueram arcos festivos para que ele passasse a cavalo por baixo, indicaram ao império turco-otomano, e a todo o mundo muçulmano, que podiam considerar a Alemanha uma potência amiga. Em 1914, havia três impressionantes edifícios de pedra erguidos no topo do monte das Oliveiras, sobrepujando o mar Morto: a igreja russa da Ascensão, símbolo do interesse de São Petersburgo no Oriente desde 1888; a casa particular de um inglês, Sir John Gray Hill, adquirida nessa primavera pelos sionistas que nela queriam instalar uma universidade judaica, símbolo de nascentes aspirações nacionalistas; e o sanatório Augusta-Victoria, construído em 1909,

chamado assim em honra à irmã do Kaiser, um monumento da confiante afirmação dos interesses e ambições germânicos.

Em 1907, a Grã-Bretanha havia assinado um acordo com a Rússia, tendo como principal objetivo a resolução de antigas disputas anglo-russas na longínqua Pérsia e no Afeganistão, mas o documento pareceu à Alemanha ser mais uma prova do fechamento do círculo à sua volta. Como sinal de suas próprias ambições no Oriente, a Alemanha avançava, desde 1899, com sua linha férrea Berlim-Bagdá, utilizando Constantinopla como fronteira entre a Europa e a Ásia. O barco que levava viajantes, mercadorias e vagões de trem da estação de Sirkeci, na margem europeia do Bósforo, para a estação de Haydar Paxá, na margem asiática, também era um símbolo do empreendimento alemão.

Os alemães faziam planos para que a linha férrea seguisse através da Turquia asiática até os portos de Gaza, no Mediterrâneo, de Ácaba, no mar Vermelho, e de Baçorá, no golfo Pérsico. Um ramal que continuaria para leste, a partir de Bagdá, chegaria até os campos petrolíferos da Pérsia, num desafio direto à influência que a Grã-Bretanha e a Rússia tinham estabelecido sobre essa região sete anos antes. Em 1906, numa tentativa de contrariar a construção de um possível terminal ferroviário alemão em Ácaba, a Grã-Bretanha, então a potência ocupante no Egito, anexou aos seus territórios a zona oriental do deserto do Sinai, que pertencia à Turquia. Isso permitiria que armamentos britânicos fossem transportados rapidamente do Egito para a pequena baía de Taba, a partir de onde poderiam ser usados para bombardear o terminal ferroviário e as instalações portuárias em Ácaba se esses locais fossem utilizados pelos alemães contra os interesses britânicos.

Os receios germânicos de ficarem cercados baseavam-se em graduais ações conjuntas e em acordos e conversações entre França, Rússia e Grã-Bretanha. Em janeiro de 1909, um antigo chefe do Estado-Maior alemão, Alfred von Schlieffen, que se aposentara quatro anos antes, publicou um artigo sobre a futura guerra em que chamava a atenção para Grã-Bretanha, França, Rússia e até Itália:

Há um empenho para que essas potências se unam num ataque coordenado contra as Potências Centrais. No momento certo, as pontes levadiças serão baixadas, as portas serão abertas e exércitos de milhões de homens entrarão livremente, pilhando e destruindo tudo através dos Vosges, do Meuse, do Neman, do Bug e mesmo do Isonzo e dos Alpes tirolezes. O perigo parece ser gigantesco.

Ao ler esse artigo em voz alta aos seus generais, o Kaiser comentou: “Bravo!”

Em 1911, cinco anos após os britânicos terem garantido sua capacidade de destruir pelo menos um dos terminais da estrada de ferro Berlim-Bagdá, dominada pelos alemães, a Grã-Bretanha e a França atuaram em conjunto para evitar que os

alemães estabelecessem um porto em Agadir, na costa atlântica do Marrocos. Quando uma canhoneira alemã chegou ao porto, os britânicos ameaçaram com hostilidades caso não abandonassem o porto. A ameaça foi eficaz, mas criou um rancor substancial.

A opinião pública não estava necessariamente alinhada com os fatos. Os comerciantes britânicos podiam utilizar a linha férrea Berlim-Bagdá tal como os comerciantes alemães e houve oito diretores franceses na administração da ferrovia para onze diretores alemães. Ainda assim, a ideia de cerca de 3 mil quilômetros de trilhos alemães atravessando a Europa, a Anatólia e as províncias árabes do império otomano era preocupante e até ameaçadora para a Grã-Bretanha, que tinha interesses particulares no golfo Pérsico e no oceano Índico.

Ao longo da linha férrea, apenas a Sérvia, através da qual corriam apenas 280 quilômetros, não pertencia à esfera de influência e alianças da Alemanha. Para a Alemanha, os impérios francês e britânico eram uma fonte de invejosa indignação, apesar de as possessões ultramarinas alemãs incluírem vastas regiões na África e grandes extensões no oceano Pacífico, nas quais não havia qualquer estabelecimento particularmente ativo ou exploração. Para a Alemanha, as possessões imperiais eram mais símbolos de poder do que mostras de desenvolvimento significativo de empreendimentos e de prosperidade nacional.

Outra causa para os atritos anglo-germânicos, exacerbada por nacionalismos em ambos os lados do mar do Norte, era o desejo do Kaiser de equiparar-se à Grã-Bretanha em poderio naval, mesmo que as possessões ultramarinas alemãs não exigissem uma Marinha à escala britânica. Em 1912, uma lei naval alemã, a quarta em doze anos, acresceu 15 mil oficiais e homens à já substancial força naval. O primeiro lorde do Almirantado⁴ britânico, Winston Churchill, sugeriu uma pausa mútua na expansão naval de ambos os países, mas sua sugestão foi rejeitada pela Alemanha. Seu argumento de que uma Marinha poderosa era uma necessidade para os britânicos, mas um “luxo” para os alemães, apesar de ser essencialmente verdadeiro, devido à Índia e a outras responsabilidades imperiais disseminadas, ofendeu os alemães, que se consideravam no mesmo patamar que os britânicos e sentiram que se esperava que adotassem uma posição de inferioridade. Por outro lado, os britânicos, com receio do sempre crescente poderio naval alemão no mar do Norte, acolheram com satisfação a expansão naval russa: em 12 de maio de 1914, o gabinete britânico notou com aprovação que “o vasto incremento da armada russa no Báltico deve necessariamente facilitar nossa posição em relação à Alemanha em águas territoriais”.

A vitória sérvia contra a Turquia na Primeira Guerra dos Bálcãs, em 1912, foi um revés para a Alemanha. O sucesso militar e territorial desse pequeno Estado eslavo ameaçou não só a predominância austríaca nos Bálcãs, mas também o desejo alemão de ser a potência predominante na Turquia. A perda do território turco na Europa,

em proveito da Sérvia, foi uma vitória para o sentimento russo. Os russos, como grandes defensores dos eslavos e governantes das províncias polonesas e bálticas adjacentes à Alemanha, estimularam a animosidade alemã. O conceito de diferença racial entre teutônicos e eslavos estava presente, mas não parecia que algum mal resultaria desse conflito. Em 8 de dezembro de 1912, numa conversa com o chefe do Estado-Maior, conde Moltke, com o chefe do Estado-Maior da Marinha, almirante Müller, e o secretário de Estado da Marinha, almirante Tirpitz, o Kaiser disse-lhes, como Müller registrou em seu diário: “A Áustria deve ter uma ação vigorosa contra os eslavos estrangeiros (sérvios) ou perderá seu poder sobre os sérvios na monarquia austro-húngara. Se a Rússia vier em apoio dos sérvios, a guerra pode ser inevitável para nós.” A armada alemã “deve considerar uma guerra contra a Grã-Bretanha”, acrescentou o Kaiser.

Durante esse encontro, Moltke sugeriu que “a aceitação popular de uma guerra contra a Rússia, conforme sublinhado pelo Kaiser, precisaria ser mais bem-trabalhada”. O Kaiser concordou com a ideia de que os jornais deveriam começar a “esclarecer o povo germânico”, pois era “do mais alto interesse” para a Alemanha que uma guerra desse sequência ao conflito austro-sérvio. De acordo com instruções dadas pelo almirante Müller ao chanceler, Theobald von Bethmann-Hollweg, que não estivera presente no encontro: “O povo não deve estar numa posição em que se interrogue no início de uma grande guerra europeia sobre os motivos pelos quais a Alemanha lutará. A população deve acostumar-se previamente à ideia dessa guerra.”⁵

Moltke compreendia e preocupava-se com a questão da preparação do público para aceitar a guerra. No início de 1913, foi tão longe quanto Bethmann-Hollweg e chegou a advertir seus homólogos austríacos para que não entrassem em guerra contra a Sérvia, apesar do desejo sérvio de ocupar a Albânia. Moltke estava convencido, conforme contou ao general Conrad von Hötzendorf, chefe do Estado-Maior austríaco, em 10 de fevereiro de 1913, de que “uma guerra na Europa virá mais cedo ou mais tarde, e nela estará em causa a luta entre o mundo germânico e o mundo eslavo” e de que “é dever de todos os Estados que defendem os ideais e a cultura germânicos se prepararem para essa contingência”. Essa guerra, contudo, “necessita de um povo entusiasmado e preparado para fazer sacrifícios”. Esse tempo ainda não tinha chegado.

Em junho de 1913, Churchill repetiu, numa conversa particular com o adido naval alemão em Londres, capitão E. von Müller, sua sugestão de fazer uma pausa na expansão naval de ambos os lados. Müller, que não gostava dos britânicos e que não queria que o Ministério das Relações Exteriores britânico em Berlim nem o Kaiser aceitassem a sugestão conciliatória de Churchill, pediu a opinião do almirante Tirpitz. Tirpitz aconselhou-o a reportar a conversa com Churchill de modo tão resumido quanto possível, dando assim a impressão de que Churchill desejava

apenas atrasar a expansão naval germânica por recear que a Grã-Bretanha não conseguisse manter sua superioridade naval. Assim, a iniciativa de Churchill foi distorcida de tal forma que iria influenciar a opinião do Kaiser. Quase um ano depois, o ministro alemão das Relações Exteriores, Gottlieb von Jagow, faria uma queixa ao embaixador alemão em Londres: “É muito desagradável e tendenciosa a forma como seu adido naval dá informações. O senhor poderia refreá-lo um pouco mais? Essas constantes afrontas e calúnias sobre a política britânica são extraordinariamente perturbadoras, em especial porque são utilizadas nas altas esferas como um argumento contra mim.”

A crescente força alemã era visível. Na primavera de 1913, a Infantaria, que um ano antes tinha sido aumentada para 544 mil homens, aumentara mais ainda, para 661 mil homens. Em outubro, o chanceler alemão apresentou os aumentos no Exército com as palavras: “Uma coisa é indubitável: se houver uma conflagração de *Slaventum* contra *Germanentum*, será para nós uma desvantagem que a posição de equilíbrio de forças até agora ocupada pela Turquia europeia passe a ser preenchida pelos Estados eslavos.”

Na sequência das guerras dos Bálcãs, não foi a Alemanha, mas sua vizinha e aliada, a Áustria, que defendeu a necessidade de *Germanentum* contra *Slaventum*. Como resultado da pressão austríaca, a Turquia concordou com a criação de uma Albânia independente, cortando o acesso da Sérvia ao mar Adriático. Ao mesmo tempo, a Grécia, governada por um rei que era casado com a irmã do Kaiser, negou à Sérvia acesso ao mar Egeu ao anexar a região costeira da Trácia.

As diferentes nações envolvidas sentiram-se lesadas, insatisfeitas, ameaçadas ou confiantes. Os jornais estimulavam as sensações de perigo e de privação. Os governos falaram em racismo, patriotismo e proezas militares. Enquanto os desertos e os pântanos de continentes distantes pareciam oferecer perspectivas de expansão, a competição entre potências rivais transformava uma simples via férrea, que atravessa um deserto, numa provocação. Nenhuma rivalidade por si só ou região disputada causou a guerra, e, no entanto, todas as rivalidades e regiões disputadas criaram e aceleraram os sentimentos e as oportunidades que tornaram a guerra imaginável, possível e, por fim, desejável. “Estou farto de guerra, de clamores pela guerra e de armamentos”, disse Bethmann-Hollweg a um amigo num momento de irritação em junho de 1913. “Está na hora de as grandes nações se acalmarem e ocuparem-se com questões pacíficas ou haverá uma explosão que ninguém deseja e que virá em detrimento de todos.”

Ganância territorial e conquistas bem-sucedidas desempenharam seu papel na permanente ideia de uma guerra desejável. Depois da vitória sobre a Turquia, em 1912, a Itália anexou a vasta província da Líbia, no norte da África, que era turca. Um ano depois, a Bulgária, tendo derrotado também os turcos, conseguiu uma saída para o mar Egeu, com acesso ao Mediterrâneo. A Sérvia, sem acesso ao mar,

considerando que o domínio austríaco sobre a Bósnia e a costa da Dalmácia era uma tentativa deliberada para negar-lhe o acesso ao mar Adriático, ocupou a Albânia durante a Segunda Guerra dos Bálcãs. Assim, a Sérvia adquiriu, momentaneamente, uma considerável linha na costa do Adriático.

O centésimo aniversário de uma das maiores vitórias militares alemãs, a derrota de Napoleão em Leipzig pela Prússia, Áustria e Suécia, na Batalha das Nações, foi celebrado em outubro de 1913.⁶ Para comemorar esse triunfo, o Kaiser inaugurou um monumento à vitória, numa cerimônia preparada para enfatizar as tradicionais e históricas proezas militares da Alemanha. Entre os presentes na cerimônia estava o chefe do Estado-Maior austríaco, general Conrad, a quem o Kaiser expressou seu apoio em qualquer ação destinada a obrigar a Sérvia a sair da Albânia. “Estou ao seu lado nesse ponto”, confidenciou o Kaiser. As outras potências não estavam preparadas. “Dentro de poucos dias, os senhores devem estar em Belgrado. Sempre defendi a paz, mas existem limites. Li muito acerca da guerra e sei o que significa, mas quando uma grande potência já não pode apenas olhar, a espada deve ser desembainhada.”

A ocupação da Albânia pela Sérvia foi um triunfo efêmero. Em 18 de outubro de 1913, o governo austríaco enviou um ultimato a Belgrado, exigindo a evacuação da Albânia num prazo de oito dias. Os sérvios cumpriram a ordem. Nesse dia, o diplomata britânico Eyre Crowe, com veracidade e certa presciência, apontou: “A Áustria saiu do concerto das potências para tentar chegar sozinha a uma solução para uma questão até então tratada como concernente a todas as potências.” No dia seguinte, o ministro alemão provisório das Relações Exteriores, dr. Alfred Zimmermann, disse ao embaixador britânico em Berlim, Sir Edward Goschen, que havia ficado surpreso com o fato de o imperador da Áustria ter adotado uma política que, sob certas circunstâncias, poderia conduzir a sérias consequências, mas ele o havia feito, e isso deixou bem claro que conselhos de moderação a Viena por parte da Alemanha estavam fora de questão.

Nessas últimas palavras estão as sementes de uma guerra europeia. Após o ultimato da Áustria, o Kaiser enviou um telegrama de felicitações tanto ao imperador Franz Joseph como ao seu herdeiro forçado, o arquiduque Franz Ferdinand. Essa aprovação germânica, comentou Eyre Crowe no final de outubro de 1913, “confirma a impressão de que a Alemanha, fazendo de conta que desaprovava e lamentava a atitude austríaca, havia, na verdade, encorajado seu aliado”. Notou-se, na Áustria, que nenhum jornal russo sugeriu que a Rússia tomasse uma atitude em favor da Sérvia, o que poderia conduzir a um conflito entre a Rússia e a Áustria.

A Áustria-Hungria dava claros indícios externos de firmeza e confiança. “É difícil pensar sem a Áustria”, dissera Bismarck em 1888. “Um estado como a Áustria não desaparece”, completou ele. Em 2 de dezembro de 1913, foi celebrada, em Viena, uma missa solene para assinalar o 65º aniversário da subida ao trono do imperador

Franz Joseph. Nenhum soberano europeu mantivera sua autoridade real durante tanto tempo, mas Franz Joseph não podia refrear as aspirações nacionalistas de seu povo nem evitar que fatores externos encorajassem tais aspirações. De todas as principais potências, a Rússia era a que mais ativamente agitava os ânimos. Em 19 de janeiro de 1914, o governador austríaco da Galícia reportou ao Ministério do Interior em Viena: “Recentemente, a agitação do partido russófilo (...) avivou-se (...). A contínua russificação da Galícia, ajudada pelos ortodoxos, exige maior atenção por parte dos oficiais administrativos se forem capazes de combatê-la.”

Nos primeiros meses de 1914, na constante busca por fontes de combustível, essenciais para manter os mais modernos navios de guerra em funcionamento, a Grã-Bretanha adiantou-se aos alemães ao negociar uma cota predominante nos campos petrolíferos da Pérsia, para onde os construtores da via férrea alemã haviam voltado suas obras. Porém, na mesma época, como responsável pela Marinha Real, Winston Churchill, que por duas vezes propusera uma pausa anglo-germânica na construção naval, sugeriu aos seus colegas seniores⁷ do gabinete que fossem organizadas conversações secretas com seu homólogo alemão, almirante Tirpitz. Seu objetivo era acabar com “a perniciosa concentração de armadas em águas domésticas”, explicou Churchill. O ministro britânico das Relações Exteriores, Sir Edward Grey, rejeitou essa sugestão, argumentando que, se houvesse um vazamento de informação, “circulariam os piores relatórios e seríamos obrigados a dar constantes explicações a embaixadores e ao Ministério das Relações Exteriores e a desmentir à imprensa coisas que seriam atribuídas a nós”. Prevaleceu a posição do veterano Grey.

Apesar da recusa de negociações anglo-germânicas, a guerra parecia ser improvável na primavera e no verão de 1914. As disputas entre estados soberanos podiam ser apresentadas para resolução ao Tribunal Internacional de Haia, estabelecido em 1900 e símbolo da determinação do mundo civilizado em não se ver envolvido em conflitos destrutivos mútuos. Socialistas espalhados por toda a Europa denunciaram o próprio conceito de guerra e tentaram persuadir a classe trabalhadora a recusar-se a tomar parte nos entusiasmos de guerra capitalistas. Banqueiros e investidores, assim como a aristocracia rural com quem estavam em competição, sentiam-se parte de um agrupamento internacional mais vasto, que, quer por meio de ações comerciais ou de uniões matrimoniais, não tinha nada a ganhar com a guerra, mas tinha muito a perder. Foram feitos acordos que transformaram rivalidades em cooperação: em 13 de agosto de 1913, os britânicos e os germânicos tinham negociado secretamente a criação de esferas de influência nas possessões africanas portuguesas na África. O acordo, destinado a um eventual controle anglo-germânico de Angola e Moçambique, teve início em 20 de outubro de 1913, dois dias depois do ultimato austríaco à Sérvia. Parecia não haver razão para que uma crise nos Bálcãs,

mesmo sendo iniciada por uma potência europeia tão próxima da Alemanha, inibisse as relações anglo-germânicas.

A nível político, um escritor britânico, Norman Angell, no seu livro *A grande ilusão*, argumentou que a guerra traria extraordinárias perdas económicas e financeiras mesmo a uma potência vencedora. Sua advertência, publicada inicialmente em 1909, foi traduzida para francês, alemão, italiano e russo, havendo mais de dez edições em língua inglesa já em 1913. Angell enfatizava que as grandes nações industrializadas, sendo elas Grã-Bretanha, Estados Unidos, Alemanha e França, estavam “perdendo o impulso psicológico para a guerra, tal como perdemos o impulso psicológico para matar nossos vizinhos com base em diferenças religiosas”. “Como poderia ser de outro modo?”, perguntava ele. “Como pode a vida moderna, com sua esmagadora proporção de atividades industriais e sua infinitesimal proporção de equipamento militar, manter vivos os instintos associados a guerras em vez daqueles que se relacionam com a paz?” Até mesmo os *junkers*⁸ prussianos “tornam-se menos energúmenos, passando a ser mais científicos”.

Angell não estava sozinho ao apontar que as potências cujas rivalidades tornaram suas populações tão desejosas de guerra estavam também estreitamente ligadas por interdependências industriais e relacionadas ao mercado livre. Em junho de 1914, foi uma companhia de investidores britânicos e germânicos que conseguiu direitos exclusivos de exploração de petróleo na Mesopotâmia. Navios de todas as nações europeias transportavam nos seus porões produtos de campos petrolíferos e saídos de fábricas de outras nações. Automóveis e caminhões alemães, franceses, britânicos e russos, que na eventualidade de uma guerra transportariam tropas e mantimentos, funcionavam graças a geradores da marca Bosch, feitos exclusivamente na Alemanha e importados por fabricantes de veículos em todos os países europeus. Se houvesse guerra e tal abastecimento fosse interrompido, essa pequena, mas crucial peça teria de ser reinventada e produzida desde o início.

A acetona, solvente usado na manufatura da cordite, componente explosivo dos projéteis, é outro exemplo da interdependência entre os Estados europeus. A substância era quase totalmente produzida por destilação de madeira, e a Alemanha e a Áustria eram dois entre os principais países exportadores de madeira, sendo os outros o Canadá e os Estados Unidos. Uma tonelada de acetona requeria pelo menos oito toneladas de madeira de bétula, faia ou bordo. Todas as florestas britânicas juntas não poderiam fornecer o mínimo de cem toneladas necessárias todos os anos na eventualidade de uma guerra, portanto a madeira importada era um componente essencial da capacidade bélica. Seis meses depois do início da guerra, as necessidades britânicas de acetona sintética tornaram-se urgentes, dando à ciência um papel primordial, mas o processo de produção sintético só foi completamente instalado em fevereiro de 1916. Uma área totalmente monopolizada pela Alemanha era a manufatura de binóculos. Em agosto de 1915, a Grã-Bretanha seria obrigada a

recorrer a um intermediário suíço para adquirir 32 mil pares de binóculos alemães para uso na frente ocidental.

Não apenas a interdependência comercial e o aumento de viagens e turismo desde o início do século, mas também o fato de que quase todos os chefes de Estado europeus estavam relacionados uns com os outros pelo matrimônio, criaram vínculos que pareciam inquebráveis. O Kaiser alemão e seu primo por casamento, o czar russo, trocavam regularmente correspondência amigável, dirigindo-se um ao outro, em inglês, como “Willie” e “Nicky”. A correspondência entre eles nunca revelou excessos ou inimizade, mas a contínua constituição de exércitos e armadas, o desenvolvimento de novos conhecimentos de guerra aérea e as rivalidades nacionais entre as potências europeias continham germes que não podiam ser mascarados por cartas amigáveis, comércio livre ou senso comum.

Nos primeiros meses de 1914, os russos zangaram-se quando o Kaiser enviou um oficial superior alemão, o general Otto Liman von Sanders, à Turquia como consultor militar do Exército otomano. Em 12 de maio de 1914, em Carlsbad, o chefe do Estado-Maior alemão, conde Moltke, disse ao seu homólogo austríaco, barão Conrad, que qualquer atraso na guerra com a Rússia “significa uma redução das nossas possibilidades; não podemos competir com os russos em número”. Oito dias mais tarde, ao viajar de carro de Potsdam para Berlim, Moltke disse ao secretário de Estado alemão, Gottlieb von Jagow, que receava que a Rússia chegasse, em dois ou três anos, ao seu máximo poder em armamentos de guerra, e que a Alemanha não tinha alternativa que não fosse “desencadear uma guerra preventiva de modo a derrotar o inimigo enquanto há uma possibilidade de vencer”. Durante a viagem, Moltke aconselhou a Jagow que orientasse sua política “para a mais ínfima provocação de guerra”.

Em 29 de maio, em Berlim, o coronel House, emissário do líder norte-americano Woodrow Wilson, escreveu ao presidente: “A situação é extraordinária. O militarismo anda à solta. A não ser que alguém que atue em seu nome traga um novo entendimento, mais cedo ou mais tarde haverá um terrível cataclismo.” Ninguém parecia conseguir esse acordo. “Há demasiado ódio, demasiadas invejas”, avisou House. “Quando a Grã-Bretanha consentir, a França e a Rússia irão lançar-se sobre a Alemanha e a Áustria. A Grã-Bretanha não quer que a Alemanha fique totalmente destruída, pois assim terá de enfrentar sozinha sua antiga inimiga, a Rússia, mas não terá escolha se a Alemanha continuar insistindo em aumentar constantemente seu poder naval.” Ao chegar a Londres, House disse ao ministro britânico das Relações Exteriores que, em Berlim, “o ar parece estar cheio de ruídos de armas, em prontidão para o ataque”.

Enquanto o coronel House escrevia e dizia essas palavras premonitórias, a Grã-Bretanha e a Alemanha negociavam o Acordo da Ferrovia de Bagdá, acertando a partilha de oportunidades econômicas e buscando evitar conflitos territoriais na Ásia

Menor. Porém, os benefícios econômicos da paz não eram os únicos sendo argumentados nesse verão. No começo de junho, o chanceler alemão, Bethmann-Hollweg, disse ao ministro bávaro em Berlim, conde Hugo von Lerchenfeld, que alguns círculos alemães esperavam que a guerra levasse a uma melhoria na situação interna no país, seguindo “numa direção conservadora”. Contudo, Bethmann-Hollweg pensava que “uma guerra mundial, com suas consequências incalculáveis, pode fortalecer o tremendo poder da social-democracia, pois prega a paz, e derrubar mais de um trono”.

Em 11 de junho, na Caen Wood House, num dos mais elegantes subúrbios da parte norte de Londres, uma orquestra trazida especialmente de Viena apresentou-se num espetacular jantar e baile. O anfitrião era o grão-duque Michael, tetraneto de Catarina, a Grande, e primo de segundo grau do czar. Os convidados eram aristocratas e nobres da Europa, com destaque para o rei George V e a rainha Mary. Os convidados e os músicos não tinham motivo para sentirem outra coisa que não fosse comodidade e bem-estar. No entanto, no meio da calma e da satisfação, espreitavam terríveis perturbações.

Para os eslavos da Áustria-Hungria e para os sérvios em seu reino independente, a Rússia czarista, governada pelo primo do grão-duque, era um patrono bem-vindo. Em maio de 1914, um destacado membro tcheco do Parlamento austríaco, dr. Karel Kramar, tinha enviado a um amigo russo suas opiniões sobre “uma confederação eslava dirigida de São Petersburgo”, que seria criada depois da guerra entre a Rússia e a Áustria, assim que o império dos Habsburgos entrasse em colapso durante a guerra.

Havia um sentimento de instabilidade por toda a vasta estrutura austro-húngara. O chefe da monarquia dual, o imperador da Áustria e rei da Hungria, Franz Joseph, tinha 83 anos de idade, e dizia-se que ao seu sobrinho e herdeiro, o arquiduque Franz Ferdinand, desagradava sobremaneira a predominância húngara em seu reino, de tal modo que tinha planos para subdividir o império a ponto de que a metade húngara deixasse de ser exclusivamente húngara, dando aos sérvios e aos croatas uma autonomia muito maior. Na primavera de 1914, o arquiduque tinha em mente um futuro “Parlamento do Povo” para a Hungria, que reduziria substancialmente a influência húngara, crescendo o poder das várias minorias não húngaras, incluindo os eslovacos e os croatas.

Em 12 de junho de 1914, o Kaiser passou um fim de semana em Konopischt, perto de Praga, com Franz Ferdinand. Foi um momento de relaxamento e caça. O principal tópico para conversações sérias era a recente afeição do Kaiser pelo primeiro-ministro húngaro, conde István Tisza, cuja influência desagradava a Franz Ferdinand. O Kaiser e o herdeiro discutiram também a visita, nesse mesmo fim de

semana, do czar russo à família real romena em Constança, no mar Negro. O arquiduque teria perguntado ao Kaiser, brevemente, se a Alemanha continuava desejando, como ele tinha dado a entender durante a crise albanesa, oito meses antes, dar apoio à Áustria-Hungria na destruição dos “vespeiros” sérvios, a partir dos quais, ao menos para a Áustria, o sentimento antiaustriaco era instigado na Bósnia-Herzegovina. O Kaiser respondeu que a Áustria devia agir antes que a situação piorasse, pondo em dúvida que houvesse razões para recear uma intervenção russa em apoio à Sérvia, pois o Exército russo ainda não estava preparado para a guerra. A ação austriaca contra a Sérvia, ao menos assim parecia, teria o apoio total da Alemanha.

O Kaiser partiu de Konopischt para seu palácio em Potsdam. Nove dias depois, estava em Kiel para a regata anual, passando uma semana entre corridas, bailes e divertimento. Apesar de o recém-aberto canal de Kiel representar uma ameaça germânica à Grã-Bretanha, uma esquadra de navios de guerra britânicos foi apresentada como convidada de honra, ancorando quatro couraçados e três cruzadores ao lado da Esquadra de Alto-Mar alemã. Oficiais e marinheiros de ambas as armadas trocaram entusiásticas saudações enquanto passeavam pelos navios, apreciando a pompa. Também estiveram juntos no enterro de um piloto britânico morto num acidente aéreo durante as festividades.

A bordo do seu iate de corrida, o *Meteor V*, o Kaiser foi o centro do esplendor da regata. Em 26 de junho, com seu uniforme de almirante da esquadra britânica, subiu a bordo do couraçado *King George V*. Tecnicamente, ele era o mais graduado oficial da Marinha Real ali presente. Durante a visita, houve um incidente absurdo: o conselheiro da embaixada britânica em Berlim, Sir Horace Rumbold, tinha propositadamente vestido um casaco e posto um chapéu alto. O almirante da esquadra decidiu que o diplomata não estava convenientemente vestido. Apontando para o chapéu alto, disse a ele: “Se eu voltar a ver esse chapéu, sou capaz de esmagá-lo. Não se usam chapéus altos a bordo de navios.”

Na noite de 27 de junho, o comandante da esquadra britânica foi o anfitrião de uma recepção, a bordo do *King George V*, para os oficiais germânicos. Rumbold recordou, poucas semanas depois, como, enquanto decorria a regata, “notava-se a grande cordialidade que havia entre os alemães e nossos marinheiros”. No dia seguinte, 28 de junho, houve uma corrida de iates, seguida com o mesmo entusiasmo tanto por espectadores alemães como britânicos. O próprio Kaiser participava da corrida em seu iate *Meteor*, mas, enquanto estava na baía de Kiel, uma lancha trouxe-lhe um telegrama, que foi colocado numa caixa de cigarros e lançado a bordo do iate. O Kaiser leu a mensagem, que dizia que o arquiduque Franz Ferdinand, seu anfitrião em Konopischt duas semanas antes e herdeiro dos Habsburgos, tinha sido assassinado na capital da Bósnia, Saraievo, juntamente com sua mulher. A corrida foi cancelada e todas as festividades foram encerradas. O Kaiser regressou

apressadamente ao seu palácio em Potsdam.

2

“Louco de alegria”

28 de junho a 4 de agosto de 1914

O assassinato de Franz Ferdinand, herdeiro dos Habsburgos, aconteceu no aniversário da derrota dos sérvios pelos turcos na Batalha do Kosovo, em 1389, uma humilhante lembrança coletiva para todos os sérvios. Houve falta de tato na decisão de realizar uma visita de Estado a Saraievo em 28 de junho de 1914, dia de solenes memórias e também o dia nacional da Sérvia. Entre os que assistiam ao desfile do arquiduque e de sua mulher ao longo da cidade, rumo à residência do governador, estava um bósnio sérvio de 19 anos de idade, Gavrilo Princip, que carregava uma pistola. Era um dos seis jovens conspiradores presentes nas ruas naquele dia que sonhavam com o momento em que a Bósnia seria libertada do jugo austríaco e faria parte integrante da Sérvia.

Naquela manhã, um dos cúmplices de Princip lançara uma bomba dentro da carruagem do arquiduque, mas a bomba caíra e explodira perto da carruagem seguinte, ferindo dois oficiais da comitiva do arquiduque. Com a garantia de que os dois homens tinham sido levados ao hospital e de que os presumíveis assassinos tinham sido capturados, o arquiduque insistiu em dar continuidade ao seu trajeto até a Câmara Municipal. Uma vez ali, comentou com alguma irritação: “Aqui dão as boas-vindas aos visitantes com bombas?” Então, foi formalmente recebido na cidade pelo presidente da Câmara Municipal. Depois da cerimônia, pediu que o levassem ao hospital para visitar os dois oficiais que tinham ficado feridos. Durante essa não programada parte da jornada, o condutor, Franz Urban, enganou-se e entrou numa rua onde não podia manobrar e retornar. Então, diminuiu a velocidade para tentar recuar.

Gavrilo Princip, desapontado com seus companheiros por terem arruinado a possibilidade de assassinar o arquiduque (ou mais desiludido ainda por não ter tido a oportunidade de fazê-lo), estava, por acaso, na rua em que entrou a carruagem, a cerca de dez metros do veículo. De súbito, viu seu alvo “perdido” surgir à sua frente,

deu alguns passos e disparou dois tiros. A princípio, pareceu que ninguém tinha ficado ferido, e Urban conduziu lentamente a carruagem para a rua correta, mas ambos os passageiros tinham sido atingidos. O arquiduque, que havia escapado naquela manhã e estava muito zangado com a falta de segurança, esvaiu-se em sangue durante o percurso. Sua mulher também morreu.

Princ e dois cúmplices tinham sido treinados por membros da organização terrorista Mão Negra, um feroz grupo nacionalista que o próprio governo sérvio tentava suprimir. Os conspiradores tinham sido encorajados a executar aquela tarefa pelo líder da organização, coronel Dimitrievic (também conhecido por Apis), inimigo jurado da Áustria. Após receberem suas armas em Belgrado, em maio, os conspiradores tinham passado clandestinamente pela fronteira com o império austro-húngaro, dirigindo-se a Saraievo, com o objetivo de aplicar um forte golpe ao domínio austríaco. Em 1878, os turcos tinham sido expulsos da Bósnia, que haviam governado durante muitos séculos, mas a subsequente anexação da província pela Áustria foi um golpe para as aspirações nacionalistas sérvias. O fato de Franz Ferdinand ter ido à Bósnia para dirigir as manobras de dois corpos do Exército austríaco estacionados na província, tropas que podiam vir a ser pontas de lança de um ataque austríaco à Sérvia, constituía uma particular provocação. As manobras tinham acontecido nos dois dias que precederam a visita a Saraievo.

Ainda que os conspiradores não soubessem, a vítima de suas balas não deixava de ser simpática às aspirações nacionalistas existentes dentro do império, inclusive entre os sérvios. Em círculos políticos e na corte, Ferdinand tinha a reputação de pretender alterar o dualismo da Áustria-Hungria para um trio de Áustria, Hungria e Eslavos do Sul, dando aos povos do império os mesmos poderes separados e autonomias de que gozavam os húngaros desde 1867. Sua simpatia em relação às aspirações eslavas e seu casamento fora do círculo da realeza e da alta aristocracia tinha afastado o arquiduque de seu tio, o imperador, cujo primeiro comentário ao saber sobre o assassinato do sobrinho teria sido: “Um poder mais elevado restabeleceu a ordem que eu, infelizmente, não consegui preservar.” Para ele, aparentemente, não fora o assassino, mas Deus, quem tinha impedido a possível repercussão do casamento de seu sobrinho fora do círculo real.

O comentário de Franz Joseph foi transmitido pelo homem que o ouviu, conde Parr, a seu ajudante, coronel Margutti, que escreveu sobre o acontecimento dez anos depois. O mais recente biógrafo de Franz Joseph escreveu sobre a ocasião:

O duro comentário, que é um eco de antigas preocupações sobre a intrusão de um casamento morganático naquilo que o imperador considerava uma linha de descendência dinástica divinamente ordenada, parece ser tão artificial que poderia ser apócrifo. Por outro lado, as notícias foram sabidas num domingo, num momento em que os impenetráveis desígnios

da providência podem ter estado próximos da superfície de sua horrorizada mente.¹

Exatamente catorze anos antes, Franz Ferdinand tinha sido obrigado, pelo seu tio, a jurar que impediria que qualquer filho que tivesse acesse ao trono, mas o imperador sempre temera que esse juramento fosse abandonado quando Franz Ferdinand lhe sucedesse. Esse perigo estava afastado. O novo herdeiro do trono, o quinto em seu reinado, seria seu sobrinho-neto, o arquiduque Charles. “Para mim, é um grande alívio de preocupações”, comentou Franz Joseph.

O alívio do imperador não foi divulgado ao público e não teve qualquer efeito ou repercussão. A indignação em relação ao assassinato e o receio de uma mais vasta conspiração sérvia conduziram a agitações contra a Sérvia em Viena e em Brno. Em Budapeste, o cônsul-geral britânico reportou: “Uma onda de ódio à Sérvia e a tudo o que é sérvio está varrendo todo o país.” Tanto o ministro austríaco das Relações Exteriores, conde Berchtold, como o chefe do Estado-Maior austríaco, barão Conrad von Hötzendorf, viram no assassinato uma oportunidade para reduzirem o poder da Sérvia. Não estava perfeitamente claro em suas mentes se deviam anexar uma parte ou toda a Sérvia ou se deviam derrotá-la em guerra, de modo a exigir não territórios, mas uma substancial indenização financeira. Franz Joseph não era grande adepto de uma ação, com receio de que um ataque pudesse fazer outras potências intervirem, em particular a Rússia, que seria obrigada, por um sentimento pan-eslavo, a ajudar a Sérvia. Igualmente hesitante estava o primeiro-ministro húngaro, conde Tisza. Em 1º de julho, Conrad anotou: “Tisza estava contra a guerra com a Sérvia, com receio de que a Rússia nos atacasse e de que a Alemanha nos abandonasse.”

No dia anterior, tendo regressado de Kiel a Berlim, o Kaiser estava com um humor belicoso. “Os sérvios devem ser despachados, e já!”, anotou à margem de um telegrama enviado por seu embaixador em Viena, em 30 de junho. Em oposição ao comentário do embaixador, que sugeria que seria imposta à Sérvia “apenas uma ligeira punição”, o Kaiser escreveu: “Espero que não.” No entanto, esses comentários não pretendiam mais do que uma rápida vitória austríaca sobre a Sérvia, sem maiores repercussões. No mesmo dia, enquanto a esquadra naval britânica partia de Kiel, o almirante britânico enviou um recado à armada alemã: “Amigos no passado e amigos para sempre.” Ainda em 30 de junho, Sir Arthur Nicolson, funcionário civil mais elevado no Ministério das Relações Exteriores britânico, escreveu ao embaixador britânico em São Petersburgo: “A tragédia que acabou de acontecer em Saraievo não levará, assim espero, a maiores complicações.”

Em 3 de julho, foi anunciado, a partir de Berlim, que a ferrovia Berlim-Bagdá continuaria para sul, até Baçorá, dando acesso ao golfo Pérsico e ao oceano Índico. Nesse verão, contudo, a Grã-Bretanha estava a poucos meses de concluir um acordo com a Alemanha para que a ferrovia não causasse conflitos entre os países.

A atitude alemã em relação à Áustria foi crucial. Em 4 de julho, o embaixador alemão em Londres, o príncipe Lichnowsky, acabado de regressar de Berlim, disse ao anterior ministro britânico da Guerra, lorde Haldane, que estava “muito preocupado” com o estado da opinião pública na Alemanha. Para Lichnowsky, o sentimento berlinense era de que “não se podia permitir que a Sérvia continuasse a fazer intrigas e criar agitações contra a Áustria” e de que a “Alemanha deve apoiar a Áustria em qualquer ação que se proponha a tomar”. Nesse mesmo dia, o embaixador alemão em Viena, conde Tschirschky, disse a um funcionário superior austríaco que a Alemanha apoiaria a Áustria-Hungria “em todas as circunstâncias”. “Quanto mais cedo atacarem, melhor. Era melhor terem atacado ontem do que hoje e é melhor atacarem hoje do que amanhã”, acrescentou ele.

A esse conselho, o Kaiser somou, em 5 de julho, uma dimensão essencial do ativo apoio germânico, dizendo ao embaixador austríaco na Alemanha, conde Szogyeny, que a Rússia “não estava de modo nenhum preparada para a guerra” e que os austríacos lamentariam se, tendo reconhecido a necessidade de uma guerra contra a Sérvia, “não fizerem uso do momento presente, que tem tudo a nosso favor”. O Kaiser acrescentou que se uma guerra entre a Áustria-Hungria e a Rússia fosse inevitável, a Alemanha estaria ao lado da Áustria.

Mais tarde, ainda em 5 de julho, em Potsdam, o Kaiser disse ao chanceler alemão, Bethmann-Hollweg, e ao ministro prussiano da Guerra, general Falkenhayn, que “não acreditava que houvesse quaisquer perspectivas de grandes desenvolvimentos bélicos. O czar não estará ao lado dos assassinos do arquiduque, e a Rússia e a França não estão preparadas para a guerra”, afirmou ele. Por essa razão, explicou o Kaiser, “não é necessário tomar disposições especiais”. Então, decidiu voltar para Kiel, e, na manhã de 6 de julho, partiu no iate imperial *Hohenzollern* para seu cruzeiro anual de três semanas pelas águas da Noruega.

Mais de uma semana se passara desde o assassinato do arquiduque. A ordem do dia era fúria em Viena, apreensão em Belgrado e tranquilidade em Berlim. Com a partida do Kaiser para seu cruzeiro, o choque que envolveu o último episódio europeu começara a apaziguar. Em Viena, contudo, mantinham-se os debates secretos sobre como lidar com a Sérvia. Em 7 de julho, os oito membros do gabinete austro-húngaro reuniram-se para discutir a oferta de ajuda alemã feita pelo Kaiser. Berchtold, que presidia, propôs um ataque imediato à Sérvia, sem sequer uma declaração de guerra.

O sentimento geral na reunião era a favor da guerra e da redução das dimensões da Sérvia, tornando-a dependente da Áustria. Somente o conde Tisza protestou junto ao imperador, escrevendo-lhe no dia seguinte com o argumento de que um ataque austríaco à Sérvia “iria, com grande probabilidade, provocar uma guerra mundial”,

uma guerra que, acreditava Tisza, colocaria não só a Rússia, mas também a Romênia, contra a Áustria-Hungria, expondo o império a uma perspectiva “muito desfavorável”.

Os alemães ignoraram as preocupações do conde. Quando o embaixador alemão em Viena, conde Tschirschky, falou com Berchtold, enfatizou o desejo alemão de agir contra a Sérvia. “Ele me disse que recebeu um telegrama de Berlim em que seu imperial senhor o instruíra para que declarasse aqui, com toda a ênfase, que se espera uma ação contra a Sérvia e que não será compreendido que percamos a oportunidade sem aplicar um golpe”, disse Berchtold a Tisza. Receios em relação à Rússia continuavam a influenciar os alemães. Em 7 de julho, Bethmann-Hollweg comentara: “O futuro depende da Rússia, que está crescendo e crescendo e causa-nos pesadelos.” No dia seguinte, informou o príncipe Lichnowsky de que “não apenas os extremistas” em Berlim, “mas também políticos em altas esferas estão preocupados com o aumento da força russa, e com um possível ataque iminente”.

Em 8 de julho, dez dias depois do assassinato do arquiduque Franz Ferdinand, um general britânico, Sir Horace Smith-Dorrien, disse, num jantar da associação de sua antiga escola, que todos deviam estar preparados para “a luta que vem aí”. Mais tarde, recordou que “meus amigos debocharam, riram e perguntaram-me por que estava eu tão sombrio naquela noite”. Vera Brittain, que assistiu ao seu discurso na Uppingham School três dias depois e cujo irmão, Edward, e um amigo, Roland Leighton, também estavam na escola, recordaria “o silêncio sepulcral que se seguiu às palavras do reitor, religiosamente enfáticas: ‘Se um homem não pode ser útil ao seu país, mais vale que esteja morto’”.

Em 9 de julho, onze dias depois do assassinato, Edward Grey pediu ao embaixador alemão em Londres, príncipe Lichnowsky, que encontrasse com ele no Ministério das Relações Exteriores. Lá, disse ao embaixador que a Grã-Bretanha tinha “feito esforços contínuos para persuadir o governo russo a, mesmo na atual conjuntura, adotar uma atitude calma e conciliatória em relação à Áustria, caso o gabinete em Viena se sentisse obrigado, em consequência do assassinato em Saraievo, a tomar uma atitude severa em relação à Sérvia”. Contudo, havia medidas que a Áustria poderia adotar, conforme explicou Grey, “tais como trazer à tona o sentimento eslavo”, que talvez impossibilitassem aos russos “manterem-se passivos”. Grey não especificou quais seriam essas medidas. Nesse mesmo dia, seu principal conselheiro diplomático, Sir Arthur Nicolson, escreveu, com alguma confiança, ao embaixador britânico em Viena: “Tenho dúvidas sobre as ações austríacas e espero que a tempestade se afaste.”

Essa otimista opinião poderia ter sido confirmada em 13 de julho, se Nicolson tivesse conhecimento de um relatório austríaco secreto que chegou nesse dia a

Viena, enviado de Saraievo, informando que nenhuma evidência implicava o governo sérvio no assassinato. Contudo, a Áustria ainda desejava punir a Sérvia, acreditando que a Alemanha apoiaria uma ação punitiva. Quando Berchtold finalmente convenceu Franz Joseph de que a Áustria podia castigar a Sérvia sem que qualquer potência se colocasse ao lado dos sérvios, o velho homem concordou relutantemente com um ultimato austríaco. Assim, o poder de persuasão de Berchtold foi o primeiro passo na direção da guerra. As perspectivas de Nicolson não se confirmaram.

Em Viena, discutia-se em sigilo e publicamente se deveria ser tomada uma ação contra a Sérvia. O comentário otimista de Nicolson havia sido escrito em resposta à advertência de um subordinado de que “a falta de senso de uma política anti-Sérvia cega não é inteiramente compreendida na Áustria, o que é o ponto central de uma situação ameaçadora”. O jovem oficial tinha razão. Seu nome era Robert Vansittart. Vinte anos depois, ele seria o principal responsável do Ministério das Relações Exteriores britânico e um grande oponente da conciliação com a Alemanha.

Nenhum ultimato foi enviado à Sérvia, e, aos poucos, a sensação de crise começou a desvanecer-se. Em 16 de julho, numa conversa sobre a situação internacional e sobre os perigos de uma “grande fogueira militar”, Norman Angell disse a uma vasta audiência de socialistas londrinos: “A geração mais jovem está, creio eu, cada vez mais determinada a não ser vítima dessa suprema futilidade.”

Porém, enquanto Norman Angell punha sua fé na “geração mais jovem”, diminuía as hesitações entre a geração vienense mais velha. Em 14 de julho, o Conselho de Ministros da Áustria decidiu enviar um ultimato dentro de uma semana. Em Londres, dois dias depois, o embaixador alemão, príncipe Lichnowsky, comentou, com certa aspereza, numa carta para o chanceler da Alemanha, que as autoridades austríacas só podiam culpar a si mesmas pelo assassinato de Franz Ferdinand, por o terem colocado num “beco de lançadores de bombas” em Saraievo. Até mesmo o ministro sérvio das Relações Exteriores havia enviado uma mensagem ao ministro austríaco das Finanças em Viena, que tinha responsabilidades na Bósnia-Herzegovina, dizendo-lhe que a visita não era sensata. No entanto, tudo isso pertencia ao passado: sob grande sigilo, as mais altas autoridades em Berlim foram informadas sobre a data em que o ultimato austríaco seria entregue à Sérvia. Ninguém protestou. Os líderes do Exército alemão estavam prontos para a guerra. Em 17 de julho, o vice-chefe do Estado-Maior geral, general Waldersee, em Berlim, escreveu ao ministro das Relações Exteriores, Jagow: “Ficarei a postos. No Estado-Maior geral, todos estamos preparados.”

Jagow, à semelhança do Kaiser, estava confiante de que a Rússia não interviria. Em 18 de julho, informou a Lichnowsky, que estava em Londres: “Quanto mais resoluta mostrar-se a Áustria e quanto mais energicamente a apoiarmos, mais cedo a Rússia cessará seus protestos. É garantido que haverá manifestações em São

Petersburgo, mas, no fim das contas, a Rússia não está preparada para uma guerra.”

Os termos do ultimato austríaco foram concluídos em Viena em 19 de julho. Associando o governo de Belgrado ao assassinato de Franz Ferdinand e sua esposa, o documento consistia num total de quinze exigências, entre as quais que o governo sérvio condenasse a propaganda anti-Áustria, que fosse criada uma comissão conjunta austro-sérvia para investigar o assassinato, que fosse emitida uma ordem militar condenando o envolvimento sérvio nos assassinatos e que recebessem uma firme promessa de que não haveria mais intrigas sérvias na Bósnia. A Sérvia também deveria fazer todos os esforços para punir quem quer que alimentasse a propaganda anti-Áustria, quer nas escolas quer nas várias sociedades nacionalistas. Além disso, oficiais austríacos participariam do processo judicial e da punição de qualquer envolvido com a conspiração.

Para todos os intervenientes do Conselho de Ministros austríaco, realizado em 19 de julho, incluindo o general Conrad von Hötzendorf, estava claro que a Sérvia rejeitaria os termos do ultimato e que haveria alguma forma de ação militar punitiva por parte da Áustria. Conrad era ardentemente favorável à guerra e estava determinado a conquistar ganhos territoriais austríacos na fronteira com a Bósnia em resultado do episódio.

Em 21 de julho, Franz Joseph concordou com os termos do ultimato, influenciado pelo fato de alguns grupos dentro da Sérvia estarem envolvidos na conspiração e receando a ameaça de uma expansão sérvia. No dia seguinte, o ministro russo das Relações Exteriores, Sergius Sazonoff, advertiu a Áustria a não tomar qualquer ação drástica, mas o aviso chegou tarde demais e não houve qualquer ameaça de ação militar russa.

O ultimato austríaco ainda não havia sido entregue. Em 23 de julho, o ministro britânico da Fazenda,² David Lloyd George, disse, na Câmara dos Comuns, que a “civilização” não teria dificuldade em resolver disputas que surgissem entre nações, por meio de “uma arbitragem sensata e organizada”. Para ele, as relações entre a Grã-Bretanha e a Alemanha estavam melhores do que alguns anos antes e deveria haver, no orçamento seguinte, uma economia em armamentos. Nessa noite, 23 de julho, o ultimato austríaco foi entregue em Belgrado, exigindo uma resposta num prazo de 48 horas.

Ao ler o ultimato austríaco enviado à Sérvia, Edward Grey comentou, em 24 de julho, que se tratava do “mais formidável documento já enviado por um Estado a outro”. Nesse dia, o Conselho de Ministros da Rússia concordou, em sigilo, em mobilizar treze corpos do Exército para “finalmente” entrarem em ação contra a Áustria, enquanto anunciava publicamente que a Rússia “não podia ficar indiferente”. No dia seguinte, num movimento obscurecido pela crise austro-sérvia, mas perigoso para a Grã-Bretanha, o primeiro navio de guerra alemão navegou através do canal de Kiel, marcando a capacidade alemã de enviar navios em

segurança e com tranquilidade do mar Báltico para o mar do Norte.

Era evidente que a repercussão europeia do ultimato austríaco podia ser grave. Na Grã-Bretanha, contudo, havia quem se sentisse desligado do continente. O primeiro-ministro, H. H. Asquith, disse ao rei George V que a Europa estava “a uma boa distância de um verdadeiro armagedom”, mas que, no que dizia respeito à Grã-Bretanha, “felizmente nada indica que precisemos ser mais do que espectadores”. O primeiro lorde do Almirantado, Winston Churchill, numa carta à sua mulher, disse que a Europa “tremia na eminência de uma guerra generalizada” e que o ultimato austríaco era “o mais insolente documento que se podia imaginar”. O britânico encarregado de negócios em Berlim, Sir Horace Rumbold, escreveu à sua mulher: “Dentro de duas horas expirará o limite e provavelmente os austríacos estarão em Belgrado na segunda-feira. Só Deus sabe o que acontecerá, e permita que eu diga, aqui entre nós, que teremos sorte se sairmos dessa situação sem uma temível guerra europeia, que será de fato uma luta generalizada.”

A Sérvia relutava em concordar com todas as exigências austríacas, mas relutava ainda mais em provocar um ataque de sua poderosa vizinha. Era difícil conciliar as exigências de defesa e de sobrevivência. O imperador Franz Joseph ordenou uma mobilização parcial ao final do prazo do ultimato, mas o processo só seria iniciado três dias depois, com uma organização tão desastrada que levaria dezesseis dias para estar completo.

Às 15 horas de 25 de julho, a Sérvia tomou uma decisão. Três horas depois, respondeu ao ultimato, concordando, como exigido pela Áustria, que os propagandistas anti-Áustria fossem punidos e que os movimentos subversivos fossem suprimidos. Todos aqueles que estivessem ligados ao assassinato do arquiduque seriam, conforme as exigências, levados perante a Justiça. Quanto à insistência austríaca na participação no processo judicial, o ponto mais drástico entre as dez exigências do ultimato, a Sérvia pediu apenas que essa exigência fosse submetida ao Tribunal Internacional de Haia.

Meia hora depois da resposta sérvia, que foi considerada por todos os observadores exteriores como conciliatória, até mesmo humilhante, o embaixador da Áustria, barão Giesl, deixou Belgrado. Num gesto imediato de autopreservação, o governo sérvio, receando um ataque imediato à capital, que em relação à Áustria fica do outro lado do Danúbio, deslocou-se para a cidade de Niš, mais ao sul. Um problema inesperado para a Sérvia, que atraiu atenção internacional e causou até algum divertimento, foi a detenção, em Budapeste, do chefe do Estado-Maior sérvio, general Putnik, que regressava por trem de uma estação termal na Boêmia, onde tratava de sua saúde. Franz Joseph, indignado com a detenção do general por parte dos húngaros, ordenou que um trem fosse posto à sua disposição para que retornasse

à Sérvia e enviou-lhe um pedido de desculpas.

A Áustria e a Sérvia não estavam ainda em guerra. A falta de preparo também constituía um problema. Em 26 de julho, Conrad explicara a Berchtold que uma invasão austríaca em larga escala seria impossível no prazo de algumas semanas. Na Rússia, cuja preparação estava ainda mais atrasada do que na Áustria, o czar, sublinhando que o país não podia ficar indiferente ao destino da Sérvia, propôs, em 27 de julho, a abertura de negociações com Viena, com base na resposta sérvia ao ultimato. A proposta russa foi rejeitada pelos austríacos. Uma tentativa britânica feita no mesmo dia para convocar uma reunião entre Grã-Bretanha, Alemanha, França e Itália, “para buscar uma forma de evitar complicações”, foi rejeitada pela Alemanha com o argumento de que essa conferência “não era viável”. Nesse dia, o Ministério da Guerra britânico deu instruções ao general Smith-Dorrien para que defendesse “todos os pontos vulneráveis” no sul da Grã-Bretanha.

A perspectiva de uma guerra generalizada na Europa obrigou aqueles que até então tinham um ponto de vista ideológico inatacável ou ainda não testado a decidirem uma posição em relação à evolução real da crise. Em 27 de julho, o único membro da classe trabalhadora no governo liberal britânico, John Burns, escreveu em seu diário: “Ninguém consegue entender por que quatro potências lutarão por causa da Sérvia.” Para ele, a guerra deveria ser evitada “por todos os meios ao nosso alcance” e era seu dever “dissociar a mim, aos princípios que defendo e à confiança que a classe trabalhadora depositou em mim, de um crime tão universal como será a guerra que se prevê”.

No mesmo dia, Burns expressou seus sentimentos numa reunião do gabinete. Quando o encontro chegou ao fim, Lloyd George informou um destacado jornalista liberal de que “em primeiro lugar, nem se coloca a questão de participarmos em qualquer guerra. Não conheço nenhum ministro que seja favorável a ela”. No entanto, havia sido acordado na reunião que a primeira e segunda frotas, que por um acaso estavam concentradas em Portland, no canal da Mancha, no final de uma prática de mobilização iniciada seis meses antes, não retornariam aos seus portos de origem. Considerando que a Grã-Bretanha poderia ver-se envolvida numa guerra devido ao sistema de alianças, Churchill conseguiu que Asquith aprovasse, nessa tarde, que guardas especiais armados cercassem depósitos de munições e de combustível e informou a todos os comandantes navais: “A situação política europeia torna perfeitamente possível uma guerra entre a Tríplice Aliança e a Tríplice Entente. Este telegrama não é um aviso, mas devem estar preparados para seguir de perto navios de guerra hostis.”

O alto-comando alemão estava pressionando a Áustria para que desencadeasse uma

ação militar contra a Sérvia e que o fizesse com rapidez, de modo a eliminar o perigo de pressões contrárias; ou seja, o perigo de a crise ser resolvida antes que forças austríacas ocupassem Belgrado. Em Berlim, ainda havia um sentimento de que um conflito de maiores proporções podia ser evitado. “Ainda não estamos em guerra”, disse o Kaiser a um amigo em 27 de julho. “E, se estiver em meu poder, ela será evitada”, continuou ele. Num telegrama enviado de Berlim no dia seguinte, o embaixador austríaco informou ao conde Berchtold: “Estamos sendo fortemente pressionados para agir imediatamente e apresentar ao mundo o *fait accompli*.” A Sérvia seria castigada antes que a guerra se alastrasse. O alto-comando alemão desejava de tal modo esse ataque que pressionou a Áustria a não esperar o fim da mobilização, que ainda levaria mais duas semanas.

Nos cinco dias que se seguiram ao ultimato austríaco, a Grã-Bretanha adiantou-se aos outros estados europeus, pressionando a Áustria para que não atacasse a Sérvia e sugerindo até mesmo uma fórmula que uniria Áustria e Rússia. Porém, o embaixador austríaco em Berlim, ao comunicar as propostas britânicas para uma mediação de Viena, sublinhou que o governo alemão “opõe-se decididamente a tais considerações e só comunica-as para satisfazer os britânicos”. Em 28 de julho, o embaixador britânico em Viena avisou aos seus superiores que “o adiamento ou o impedimento de uma guerra com a Sérvia provocará, sem dúvida, uma grande decepção neste país, que ficou louco de alegria com a perspectiva da guerra”.

Houve, então, um episódio bizarro, que se manteve secreto até depois da guerra. O Kaiser, ao ler pela primeira vez o texto integral do ultimato e a resposta sérvia, na manhã de 28 de julho, não viu qualquer razão para que a Áustria declarasse guerra e escreveu à margem da resposta sérvia: “Trata-se de uma grande vitória moral para Viena, mas, com ela, remove-se qualquer motivo para a guerra, e Giesl deve manter-se tranquilo em Belgrado. Dessa forma, *eu* nunca deveria ter dado ordens para uma mobilização.” O Kaiser também sugeriu que “como uma visível *satisfaction d'honneur* para a Áustria, seu exército deve ocupar Belgrado temporariamente, a título de penhor”. Podia dar-se início a conversações para encerrar o breve conflito militar. “Estou convencido de que, de um modo geral, os desejos da monarquia do Danúbio foram cumpridos”, escreveu o Kaiser a Jagow. “As poucas reservas que a Sérvia coloca em relação a questões pontuais podem, na minha opinião, ser esclarecidas por meio de negociações, mas o texto contém o anúncio *urbi et orbi* de uma capitulação da forma mais humilhante, e com ela se removem quaisquer motivos para uma guerra.”

No entanto, era tarde demais para um conselho conciliatório como aquele: ao meio-dia, uma escassa hora após o Kaiser ter dito essas palavras conciliadoras, a Áustria declarou guerra à Sérvia, confiante em que teria o apoio alemão no caso de uma guerra generalizada. Tinha começado o primeiro conflito militar da Primeira Guerra Mundial. Por enquanto, apenas Áustria e Sérvia combatiam. Rússia e

Alemanha, apesar de todos os preparativos, não estavam inexoravelmente obrigadas a entrar na contenda. A guerra se alastraria? Winston Churchill, sobre quem recairia a responsabilidade da guerra naval britânica, escreveu à sua mulher ao saber da declaração de guerra da Áustria: “Pergunto-me se os estúpidos reis e imperadores não poderiam reunir-se e revivificar a monarquia, salvando as nações do inferno, mas estamos entrando numa espécie de estúpido transe cataléptico, como se fosse um assunto que dissesse respeito apenas aos outros.”

Não se tratava apenas de um êxtase noturno sem qualquer aspecto prático: na manhã seguinte, Churchill propôs ao gabinete britânico que os soberanos europeus “se reunissem em nome da paz”. Porém, apesar da tardia satisfação do Kaiser com a resposta da Sérvia, os soberanos europeus não conseguiram unir-se para impedir um avanço para a guerra, levando o Gabinete de Guerra e o Almirantado britânicos a trabalharem para garantir que os preparativos estivessem tão adiantados quanto possível. Nesse dia, enquanto a Marinha começava a mobilizar-se, a esquadra britânica era enviada para suas posições de guerra no mar do Norte, pondo em ação meios pelos quais a Grã-Bretanha pudesse evitar um assalto naval alemão ou, em caso de guerra, proteger as tropas britânicas que tivessem de ser enviadas através do canal.

Em Berlim, houve um vislumbre de esperança em relação à neutralidade da Grã-Bretanha quando, em 29 de julho, o irmão do Kaiser, o príncipe Henry, que tinha estado na regata Cowes, na Inglaterra, e que tinha estado com seu primo, o rei George V, no palácio de Buckingham, poucos dias antes, disse-lhe: “Faremos tudo o que estiver ao nosso alcance para ficarmos fora dos acontecimentos e para nos mantermos neutros.” Um dos biógrafos do Kaiser comentou: “Embora Henry já tivesse demonstrado ser pouco preciso ao reportar os comentários de seus parentes britânicos — provavelmente devido a falhas na compreensão das sutilezas linguísticas —, o Kaiser deu mais atenção a essa mensagem do que a quaisquer relatórios vindos de Londres ou às conclusões do seu departamento de inteligência naval.”³ Quando o almirante Tirpitz expressou suas dúvidas sobre a Grã-Bretanha manter-se neutra, o Kaiser disse: “Tenho a palavra de um rei. Para mim, é suficientemente boa.”

Na manhã de 29 de julho, com os fortes da fronteira sérvia sob ameaça de um bombardeio austríaco, a Rússia chamou publicamente às armas uma proporção considerável de sua vasta população. Não houve uma declaração de guerra por parte da Rússia, mas houve uma mobilização parcial de uma força de quase 6 milhões de homens, com soldados de artilharia colocados a caminho de acampamentos e fortificações militares situados ao longo da fronteira com a Áustria. O ministro russo da Guerra, general Sukhomlinov, desejava que fosse feita uma mobilização geral, mas o czar recusou a sugestão, ainda esperançoso de que a guerra pudesse fosse evitada. Porém, à medida que o foco se concentrou nos Exércitos e Marinhas, a

autoridade foi mudando, por todos os lados, para os ministérios da Guerra e Estados-Maiores gerais.

Em Berlim, Horace Rumbold estava à entrada do palácio quando o príncipe herdeiro entrou em seu carro: “A multidão aplaudiu com entusiasmo. Havia no ar um indescritível sentimento de agitação. Era evidente que algum importante acontecimento estava prestes a suceder. Os carros verde-escuros do Estado-Maior geral deslocavam-se em todas as direções.”

Tanto a Rússia como a França pressionavam a Grã-Bretanha a comprometer-se com a aliança franco-russa e declarar publicamente que um ataque alemão à França envolveria a Grã-Bretanha na guerra, como aliada e defensora da França, mas Grey recusou-se a assumir qualquer compromisso, mesmo que Sazonoff, seu homólogo russo, afirmasse não se tratar de uma ação militar, mas de uma forma de dissuasão. Sazonoff argumentava que, se a Grã-Bretanha se mantivesse firme, favorável à França e à Rússia, não haveria guerra. Se não estivesse disposta a adotar essa atitude, haveria rios de sangue e, de qualquer forma, a Grã-Bretanha seria arrastada para o conflito. O governo italiano juntou sua voz à França e à Rússia, mas o governo britânico não tinha qualquer intenção de envolver-se. Ainda em 29 de julho, Grey disse ao embaixador francês em Londres: “Ainda não decidimos o que faremos se a Alemanha e a França se envolverem. É um caso que teremos de considerar.”

A Alemanha tentava isolar a Grã-Bretanha, afastando-a do conflito e sugerindo, numa mensagem secreta em 29 de julho, que, caso se mantivesse neutra, a Alemanha não ocuparia nenhum território francês, à exceção das colônias. Essa proposta foi rejeitada por Grey e recebida com indignação pelos britânicos, que a consideraram uma demonstração do cinismo alemão.

Na capital da Rússia, São Petersburgo, circularam rumores de que os objetivos da Áustria poderiam alargar-se consideravelmente para além de uma ocupação punitiva do território sérvio, colocando a própria independência do país em perigo. A mobilização parcial da Rússia coincidiu com o primeiro bombardeio a Belgrado, feito por navios austríacos monitores de rio. A opinião pública russa enfureceu-se ainda mais com a Áustria. No pânico de uma provável guerra com a Alemanha, o czar apelou diretamente ao Kaiser, com quem mantinha uma amistosa correspondência havia mais de vinte anos. “Para tentar evitar uma calamidade tão grande, como certamente será uma guerra na Europa, imploro-lhe, em nome da nossa velha amizade, que faça tudo o que estiver ao seu alcance para evitar que seus aliados entrem na guerra”, telegrafou o czar em inglês, assinando como Nicky. Em seu caminho, o telegrama cruzou com outro (também escrito em inglês), do Kaiser para o czar, assinado como Willie: “Estou exercendo toda a influência que tenho para induzir os austríacos a terem um comportamento correto e chegarem a um entendimento satisfatório com vocês.”

Ao fim da tarde de 29 de julho, encorajado pela mensagem que recebera do

Kaiser, o czar enviou um telegrama aos seus chefes militares cancelando a mobilização geral e autorizando apenas uma mobilização parcial. Além disso, propôs ao Kaiser que “o problema austro-sérvio” fosse levado ao Tribunal Internacional de Haia. No mesmo dia, o Kaiser propôs ao czar que a Rússia “mantenha-se como espectadora do conflito austro-húngaro, sem envolver a Europa na mais horrível guerra jamais travada”. O Kaiser ainda sugeriu que poderia ajudar a promover um entendimento entre Rússia e Áustria. Animado com essa perspectiva, o czar tentou conter até mesmo a mobilização parcial que havia ordenado, mas seu ministro das Relações Exteriores, Sazonoff, e o chefe do Estado-Maior geral, Yanushkevich, convenceram-no de que isso não podia ser feito, pois todo o império já se movimentava para a mobilização. Depois da meia-noite, o czar telegrafou novamente ao Kaiser: “Necessitamos que exerça sua pressão para que os austríacos busquem um entendimento conosco.”

A Áustria não tinha qualquer intenção de submeter sua disputa com a Sérvia ao Tribunal Internacional de Haia nem o Kaiser estava em condições de dissuadir seu próprio Estado-Maior geral de responder à mobilização parcial russa com medidas semelhantes. Quando notícias de uma mobilização parcial alemã chegaram a São Petersburgo, Sazonoff e Yanushkevich conseguiram convencer o czar a autorizar uma mobilização geral, pois, sem ela, as províncias polonesas na Rússia, mais expostas, estariam em perigo.

Às 16 horas de 30 de julho, o czar assinou a ordem para uma mobilização geral na Rússia. A decisão foi bem recebida pela população, que aplaudiu a possível solidariedade com os irmãos eslavos sitiados na Sérvia. Todas as esperanças russas de utilizar a mobilização não para entrar em guerra com a Áustria, mas para deter a guerra com essa ameaça, foram em vão. Se entrasse em guerra com a Rússia, a Áustria poderia ter de enfrentar 6 milhões de conscritos, tendo apenas 3 milhões. Em Berlim, o chanceler alemão, Bethmann-Hollweg, telegrafou a Berchtold, em Viena, na manhã de 31 de julho, pressionando os austríacos a não se mobilizarem contra a Rússia. Porém, também em Berlim, na mesma manhã, o chefe do Estado-Maior geral alemão, general Moltke, aconselhou seu homólogo em Viena, general Conrad, a solicitar uma mobilização imediata. Berchtold comentou: “Quem manda em Berlim: Moltke ou Bethmann?” Confiante no apoio alemão caso a Rússia declarasse guerra, a Áustria mobilizou-se. Nessa tarde, a Alemanha enviou um ultimato à Rússia, exigindo que “cesse qualquer medida de guerra contra nós ou contra a Áustria-Hungria” dentro de doze horas. A Rússia não aceitou fazê-lo.

Confiante numa rápida vitória sobre a pesada e pouco organizada máquina de guerra russa, a Alemanha preparou-se para declarar guerra. Antes, contudo, pediu que a França declarasse categoricamente que se manteria neutra na eventualidade de uma guerra entre Alemanha e Rússia. Aliada da Rússia desde 1894, a França recusou o pedido alemão e convocou imediatamente seus homens às fileiras: cerca

de 3 milhões de franceses colocaram-se a caminho das estações de trem e dos quartéis, e um total exato de 4.278 trens foram colocados à disposição nessa enorme manobra preparatória. Porém, apesar da ordem de mobilização, a França hesitou em declarar guerra à Alemanha. “Ainda há esperança, apesar de as nuvens serem cada vez mais negras”, escreveu Churchill à sua mulher em 31 de julho, dando-lhe também sua opinião sobre os mais recentes desenvolvimentos conhecidos pelo gabinete britânico: “A Alemanha está percebendo, penso eu, a dimensão das forças que se erguem contra ela e está tentando, tardiamente, refrear seu aliado idiota. Estamos trabalhando para acalmar a Rússia.”

A diplomacia e a hesitação de alguns indivíduos mostravam-se incapazes de deter a caminhada para a catástrofe. Em 31 de julho, o embaixador francês em Berlim, Jules Cambon, e o ministro belga, barão Beyens, apelaram ao seu colega norte-americano, James W. Gerard, para que fizesse todo o possível para evitar a guerra. Gerard não tinha recebido instruções de Washington, mas escreveu imediatamente a Bethmann-Hollweg: “Excelência, há alguma coisa que meu país possa fazer? Há alguma coisa que eu possa fazer para conter essa terrível guerra? Tenho certeza de que o presidente aprovará qualquer ato meu que tenha em vista a paz.” Gerard não recebeu resposta.

Na França, a reação popular à mobilização foi extraordinariamente entusiasmada, ainda que houvesse resistentes. Durante dez anos, o Partido Socialista francês havia pregado a solidariedade entre os trabalhadores ao longo das fronteiras nacionais. Diante das primeiras ameaças de guerra, seu jornal, *L'Humanité*, e seu chefe, Jean Jaurès, tentaram criar uma política conjunta franco-alemã. Em vão, Jaurès apelou aos interesses comuns da classe trabalhadora europeia e à apresentação de uma exigência para que todas as medidas bélicas e de mobilização fossem cessadas. Em 31 de julho, em meio a um crescente fervor patriótico em todas as classes, foi assassinado por um nacionalista fanático.

Jaurès não foi o único que percebeu os perigos da febre da guerra. Em Berlim, em 31 de julho, um importante industrial alemão, Walther Rathenau, publicou um artigo no *Berliner Tageblatt* protestando contra a cega lealdade germânica em relação à Áustria. “Sem a proteção alemã, a Áustria não teria dado o passo que deu”, escreveu ele. Para Rathenau, questões como a participação de funcionários austríacos na investigação do atentado sérvio não eram motivos para uma guerra internacional. O artigo publicado lançou as sementes das acusações de traição que cairiam sobre Rathenau após a guerra, um conflito que, após iniciado, forneceu-lhe sua experiência e a sua energia pessoais.

Os alemães que estavam entusiasmados com a guerra, enxergando novas oportunidades numa vitória sobre a Rússia, enfrentavam um dilema: se a França

reunisse todo o seu poder militar e declarasse guerra à Alemanha, cujos Exércitos estariam avançando contra a Rússia, a Alemanha poderia ser terrivelmente maltratada no ocidente, talvez até invadida. Para evitar essa situação, seria utilizado um plano concebido muito antes, que todos os generais alemães conheciam em detalhes: derrotar rapidamente a França e, então, dirigir todo o poderio militar germânico contra a Rússia. O plano nascera na mente de Alfred von Schlieffen, chefe do Estado-Maior geral alemão entre 1891 e 1905, que o aperfeiçoara por doze anos.

Completado em 1905, o Plano Schlieffen visava um ataque alemão ao norte da França, através da Bélgica e da Holanda, passando ao longo da fronteira fortificada da França e descendo até Paris. Mesmo aposentado, Schlieffen continuou aperfeiçoando seu plano, tendo feito uma última revisão em dezembro de 1912, pouco antes de sua morte. Seu sucessor como chefe do Estado-Maior geral, o general Moltke, reduziu a linha de avanço, eliminando a Holanda, que Hitler devolveria ao plano em 1940. Como a possibilidade de uma guerra com a Rússia tornava-se iminente, o Plano Schlieffen modificado emergiu como um modo essencial de evitar uma guerra em duas frentes, conseguindo assim uma dupla vitória.

De acordo com o plano alemão, Paris seria ocupada e a vitória sobre a França seria concluída em seis semanas, quando os alemães poderiam marchar contra a Rússia. Foi um cálculo cuidadoso, preciso e reconfortante. Em 31 de julho, os britânicos perguntaram tanto à França como à Alemanha se respeitariam a neutralidade da Bélgica, cuja manutenção era uma obrigação da Grã-Bretanha. A França comprometeu-se a não envolver a Bélgica. A Alemanha não respondeu.

Nenhuma capital europeia manteve-se isenta de ansiedade e de atividade. “Todas as tropas austríacas disponíveis para mobilização partiram imediatamente”, recordou Betty Cunliffe-Owen, em 1º de agosto, em Constantinopla, onde seu marido era o adido militar britânico. “Eu lamentei profundamente pela marquesa Pallavicini (a embaixadora); sendo inglesa, seu coração deve ter sido dilacerado em dois. Seus dois filhos estavam no Exército austríaco. Ela partiu imediatamente para Viena, naturalmente ansiosa por estar com eles antes que partissem para a frente.” Nesse dia, o primeiro-secretário da embaixada da Alemanha, conde Kanitz, escreveu ao marido de Betty Cunliffe-Owen: “Meu caro, as grandes questões que interessam à Grã-Bretanha há muito tempo são a questão irlandesa e o sufrágio feminino. De que serve preocuparem-se com as questões de outros? Primeiro, é preciso pôr a casa em ordem.”

Em Munique, ainda em 1º de agosto, uma exuberante multidão reuniu-se na Odeonplatz para aclamar as notícias da aproximação da guerra. Nas fotografias tiradas no momento da exaltação pública aparece Adolf Hitler, natural da Áustria, que na época tinha uma vida precária vendendo suas aquarelas. O pintor francês Paul

Maze, que estava em Paris na mesma data, ouviu por todos os lados, nesse dia, gritos de “*À Berlin*”. Na Place de la Concorde, viu um regimento de cavalaria francês marchando “muito dignamente”, composto por oficiais de luvas brancas, e ouviu “o ruído dos cascos dos cavalos misturado com os gritos da multidão, que lançava flores aos homens”. Ao longo do dia, passaram pela cidade soldados a caminho das estações de trem. “Quando a artilharia passou, as armas foram enfeitadas com flores e as mulheres saltaram para as carretas que levavam canhões para beijarem os homens.” Em paralelo, o chefe da missão militar russa em Paris, conde Ignatiev, telegrafava para São Petersburgo informando que o ministro francês da Guerra tinha “sugerido, com seriedade, que a Rússia invadisse a Alemanha e avançasse sobre Berlim”. Em resposta, o general Golovin comentou que a sugestão era “equivalente a pedir à Rússia que cometesse suicídio, na verdadeira acepção do termo”.

Nesse dia, o czar enviou outro apelo ao Kaiser, pedindo que evitasse uma guerra russo-germânica. “Nossa longa amizade deverá conseguir, com a ajuda de Deus, que não haja um banho de sangue”, disse ele num telegrama. Contudo, o Kaiser, cujo encorajamento à Áustria tinha sido um fator para o avanço da crise, estava agora determinado a honrar sua promessa, caso a Áustria fosse atacada pela Rússia.

Às 17 horas, ordenou a mobilização de todas as forças alemãs, mas poucos minutos depois agarrou-se desesperadamente à esperança de evitar uma guerra generalizada, quando recebeu um telegrama de Lichnowsky, em Londres, que sugeria que a Grã-Bretanha poderia estar disposta a manter-se neutra e garantir a neutralidade da França numa guerra russo-alemã, desde que a Alemanha não atacasse a França. “Então, agora precisamos apenas lutar contra a Rússia; simplesmente avançaremos com todo o exército para leste”, comentou, entusiasmado e esperançoso, o Kaiser a Helmut von Moltke, chefe do Estado-Maior dos exércitos alemães.

Moltke informou imediatamente que não era possível fazer qualquer alteração no plano para atacar a França. Tudo já estava pronto e em andamento. Uma divisão alemã, dirigindo-se para leste a partir de Tréveris, estava prestes a capturar as linhas de trem de Luxemburgo, como parte do Plano Schlieffen e medida preliminar essencial para evitar uma guerra em duas frentes. O Kaiser, não convencido, ordenou que fosse enviado um telegrama para Tréveris cessando as operações militares, mas, às 23 horas, invertendo sua posição, disse a Moltke que a esperança de uma neutralidade da Grã-Bretanha e da França era ilusória e que a guerra no ocidente devia seguir em frente. Assim, foi dada ordem de marcha às tropas em Tréveris.

“Trezentos milhões de pessoas estão hoje à mercê do medo e do destino”, publicou um vespertino de Londres em 1º de agosto. Após a afirmação, seguia-se uma pergunta: “Não há ninguém que possa quebrar o encanto, nenhuma luz nessa fria e

negra cena?” Ainda que o jornal não soubesse, o rei George V, primo do czar e do Kaiser, telegrafara no mesmo dia ao czar: “Não posso deixar de pensar que um mal-entendido conduziu a esse beco sem saída. Não quero perder nenhuma possibilidade de evitar a terrível calamidade que nesse momento ameaça todo o mundo.” O rei esperava ainda que o czar “mantivesse aberta uma possibilidade de negociações e de paz”.

Sir Edward Grey esperava que essa iniciativa pudesse ter algum efeito. “Se for possível conseguir uma pequena pausa antes de qualquer uma das grandes potências iniciar a guerra, talvez se consiga garantir a paz”, escreveu num telegrama para o embaixador britânico em Berlim. Os telegramas de Grey e de George V chegaram aos seus destinatários ao fim da tarde de 1º de agosto, mas, como o czar escrevera ao Kaiser, era tarde demais.

Nessa noite, o embaixador alemão na Rússia, conde Pourtalès, procurou o ministro russo das Relações Exteriores em São Petersburgo e entregou-lhe em mãos a declaração de guerra da Alemanha. “Esse é um ato criminoso”, disse Sazonoff ao embaixador. “Cairá sobre vocês a maldição de todas as nações.” “Estamos defendendo nossa honra”, respondeu o embaixador. “Sua honra não está envolvida”, declarou Sazonoff. “Podiam ter impedido a guerra com uma só palavra, mas não o quiseram fazer.” O embaixador, emocionado, teve um acesso de choro e precisou ser ajudado pelo ministro das Relações Exteriores.

Por fim, a Alemanha tinha declarado guerra à Rússia. “Esposas e mães acompanharam os reservistas às estações, atrasando ao máximo a hora de partir, e nós vimos essas cenas cruéis”, recordou, mais tarde, o adido militar britânico em São Petersburgo, coronel Knox. “As mulheres choravam em silêncio e não houve histeria. Os homens, de um modo geral, tinham um ar grave e tranquilo e saudavam-se quando se encontravam nas ruas.” Num desafio à Alemanha, e acima de tudo aos alemães, o nome da capital russa, São Petersburgo, que honrava Pedro, o Grande, fundador da cidade em 1702, foi mudado para Petrogrado (Cidade de Pedro).⁴

Na noite de 1º de agosto, o ministro russo das Relações Exteriores jantou com o embaixador britânico, Sir George Buchanan, cuja filha, Marie, recordou mais tarde:

O sr. Sazonoff foi chamado e precisou ausentar-se quatro vezes. A campanha do telefone não cessava de tocar; na praça em frente, uma multidão cantava o hino nacional. Até tarde, a multidão manteve-se à porta da embaixada, aclamando a armada britânica e repetindo a mesma pergunta: A Inglaterra ajudaria? A Inglaterra se juntaria a eles?

Nessa noite, num primeiro passo dos movimentos estratégicos longamente

preparados contra a França, as tropas alemãs entraram em Luxemburgo. Foi uma operação em pequena escala, quase uma escaramuça, com o único objetivo de ocupar um entroncamento ferroviário e telegráfico.

Em pouco tempo, teve início uma luta por abastecimentos. Na França, cinquenta monoplanos que estavam sendo construídos para o governo turco foram apreendidos pelas autoridades. Na Grã-Bretanha, dois couraçados que também estavam sendo construídos para a Turquia foram apreendidos, sendo que um dos navios era uma encomenda turca que se juntaria à Esquadra de Alto-Mar alemã assim que estivesse pronto para navegar. Em Danzig, as autoridades germânicas preparavam-se para requisitar dois cruzadores ligeiros que estavam sendo construídos para a Rússia. “Foi e ainda é excitante, mas é terrível pensar no que veremos nos próximos meses”, escreveu Horace Rumbold, da embaixada britânica em Berlim, na manhã de 2 de agosto.

Nesse dia, patrulhas militares alemãs atravessaram a fronteira francesa pela primeira vez desde 1871, tendo diversas escaramuças. Em Joncherey, perto da fronteira alemã com a Suíça, foi morto um soldado francês, o cabo André Peugeot, o primeiro francês vítima de uma guerra que tiraria a vida de mais de 1 milhão de franceses. Nesse dia, foi efetivada uma mobilização naval britânica total e foram dadas ordens para que dois navios de guerra alemães a caminho da Turquia, via Mediterrâneo, fossem acompanhados. Também foi dada uma garantia secreta, por parte da Grã-Bretanha, de que se a armada alemã se dirigisse para o mar do Norte ou passasse pelo canal da Mancha para atacar navios franceses, a armada britânica daria aos franceses “toda a assistência que pudesse oferecer”.

Contudo, os planos alemães não dependiam de uma vitória naval sobre a França no mar do Norte ou no canal da Mancha, mas de uma rápida marcha por terra através da Bélgica. Para atingir esse objetivo, a Alemanha, às 19 horas de 2 de agosto, entregou um ultimato de doze horas à Bélgica, exigindo a passagem livre das tropas alemãs. Os belgas recusaram, apoiados no Tratado de Londres, de 1839, em que Grã-Bretanha, Áustria, Prússia, França e Rússia tinham concordado em que a Bélgica formasse perpetuamente um Estado independente e neutro. Esse tratado estava ainda em vigor. Bruxelas informou Berlim de que “se aceitasse as propostas apresentadas, sacrificaria a honra da nação e trairia seus compromissos com a Europa”.

Em 3 de agosto, a Alemanha declarou guerra à França e, como primeiro passo para a vitória, as tropas alemãs entraram na Bélgica. Nesse dia, Bethmann-Hollweg disse no Reichstag: “O erro, pois falo abertamente, que estamos cometendo deve ser corrigido assim que seja atingido nosso objetivo militar.” Dessa forma, a Bélgica seria libertada quando a França fosse conquistada. Diante da ameaça, um jorro de

fervor patriótico afetou todas as classes francesas, que se viram dispostas a recuperar a Alsácia e a Lorena e a inverter as humilhações de 1870 e 1871. Nesse dia, em Munique, o cidadão austríaco Adolf Hitler pediu autorização ao rei da Baviera para alistar-se num regimento bávaro. No dia seguinte, sua petição foi aprovada.

Até então, a Grã-Bretanha se mantivera à parte. Entre os ministros do gabinete, não havia uma clara maioria a favor da guerra com a Alemanha, mesmo se os alemães atacassem a França. A Grã-Bretanha não tinha um tratado de aliança com a França, apenas a Entente Cordiale, assinada em 1904, para resolver questões antigas sobre o Egito e o Marrocos. A questão da Bélgica provocou complicações, pois sua neutralidade estava garantida pelos britânicos, segundo um tratado assinado em 1839. Assim, Londres enviou um ultimato a Berlim, exigindo que a Bélgica não fosse atacada.

A Alemanha não aceitaria, já tendo colocado seu plano de duas frentes em ação. Numa reunião do gabinete prussiano, realizada em Berlim, em 3 de agosto, Bethmann-Hollweg disse aos seus colegas que a participação da Grã-Bretanha na guerra era inevitável. Para alarme dos presentes, o almirante Tirpitz gritou: “Tudo está perdido!”

Na Grã-Bretanha, outros também tinham premonições sobre o terror que a guerra traria. Na aldeia de Rudston, Winifred Holtby, uma aluna de 16 anos, nunca esqueceu um episódio que aconteceu pouco antes da guerra.

Numa pequena loja de jornais, cheia de gente, grandes mosquitos voavam desajeitadamente em torno de um candeeiro de querosene. Uma mulher, ébria, que usava um chapéu masculino, plantou-se numa cadeira embaixo do candeeiro: “A guerra é um inferno”, disse ela em tom de conversa. “Por Deus, o que eu digo é a verdade. Dois filhos meus morreram na África do Sul. É um inferno, isso sim.”

A confiança do alto-comando alemão em suas proezas militares era tamanha que, em 3 de agosto, antes do início da marcha através da Bélgica, as tropas alemãs no leste do país atravessaram a fronteira russa e ocuparam três cidades na Polônia: Bedzin, Kalish e Chenstokhov.⁵

Contudo, a exigência britânica de que o Exército alemão não entrasse na Bélgica não era um blefe e expiraria às 23 horas de 4 de agosto. Em paralelo, eram colocadas minas no canal da Mancha para evitar uma súbita incursão de navios de guerra alemães. Diversos navios a vapor sofreram atrasos como resultado da colocação das minas, inclusive um navio que vinha da África do Sul e trazia entre seus passageiros um advogado indiano de 44 anos, M. K. Gandhi. Apesar do ponto de vista de muitos

indianos nacionalistas, que achavam que os indianos não tinham nada a ver com os conflitos de seus chefes, Gandhi advogaria que os indianos que viviam na Grã-Bretanha deveriam “ter sua parte na guerra”.

Sete horas antes do prazo do ultimato britânico à Alemanha, tropas alemãs entraram na Bélgica. Em resposta, às 11 horas dessa noite, a Grã-Bretanha declarou guerra à Alemanha. Em Berlim, uma multidão juntou-se rapidamente diante da embaixada britânica, atacando o prédio com pedras, quebrando vidros e proferindo insultos. Na manhã seguinte, ao pedir desculpas pelo ataque, um emissário do Kaiser apontou, contudo, ao embaixador britânico “que o povo sentiu profundamente a ação da Grã-Bretanha, que parecia ter esquecido que tinham lutado lado a lado em Waterloo”. O emissário acrescentou que o Kaiser tinha orgulho em ser marechal de campo e almirante da esquadra britânica, mas que devia “despojar-se dessas honras”. O embaixador e sua equipe prepararam-se para abandonar Berlim. Horace Rumbold recordou, mais tarde, como, num último gesto de menosprezo, os três empregados alemães da embaixada, tendo recebido três meses de ordenado adiantados, “tiraram as librés, jogaram-nas no chão e pisaram-nas, recusando-se a ajudar a levar as bagagens para os táxis”. Um século de cortesia diplomática e deferência tinha chegado ao fim.

A Grã-Bretanha e a Alemanha devotariam à guerra ainda mais energia do que tinham devotado até então ao comércio, à indústria, à expansão imperial, à cultura e à evolução de uma sociedade mais justa. Sir Edward Grey, que se esforçara para evitar um ataque da Áustria à Sérvia e recusara-se a comprometer-se formalmente com a França, defendia agora a guerra contra a Alemanha num plano muito mais vasto do que a violação da neutralidade belga, dizendo ao embaixador americano em Londres:

Para nós, a questão é que, se vencer, a Alemanha dominará a França. A independência da Bélgica, da Holanda, da Dinamarca e talvez da Noruega e da Suécia será uma quimera, e sua existência como nações será uma ficção. Todos esses portos estarão à disposição da Alemanha, que dominará toda a Europa ocidental, e isso tornará nossa posição quase impossível. Não podemos existir como um Estado de primeira classe em tais circunstâncias.

Durante agosto, Itália, Portugal, Grécia, Bulgária, Romênia e Turquia mantiveram-se neutras, apenas observando, mas considerando uma futura participação caso fosse possível obter alguma vantagem. Por toda a Europa, outras nações mantiveram-se firmes e permanentemente fora do círculo do conflito. Holanda, Suíça, Espanha, Dinamarca, Noruega e Suécia não tomaram parte na guerra, ainda que, para alguns, o conflito tenha sido uma lucrativa fonte de rendimentos e comércio. Os primeiros tiros de rifles, metralhadoras e artilharia

marcaram uma nova era no comércio de armas, bem como em camaradagem, bravura, sofrimento e tormento.

Na noite de 4 de agosto de 1914, cinco impérios encontravam-se em guerra: o império austro-húngaro contra a Sérvia; o império germânico contra a França, a Grã-Bretanha e a Rússia; o império russo contra a Alemanha e a Áustria-Hungria; e os impérios inglês e francês contra a Alemanha. Mesmo que a guerra terminasse antes do Natal, como muitos esperavam, ou na Páscoa de 1915, dezenas de milhares de soldados poderiam ser mortos ou feridos antes que as armas se silenciassem. Cada exército pensava ser capaz de esmagar seus oponentes em poucos meses. As tropas germânicas estavam tão confiantes em sua marcha em triunfo ao longo da Champs-Élysées, em Paris, como as tropas francesas estavam em seu desfile ao longo da Unter den Linden, em Berlim. Na manhã de 5 de agosto, em Constantinopla, Betty Cunliffe-Owen recordou: “Os alemães partiram com o brilho da vitória nos olhos, e um dos mais truculentos era o conde Kanitz, que prometeu enviar um cartão-postal de Paris poucas semanas depois! Mas, ao fim dessas poucas semanas, foi feito prisioneiro em Malta!”

À semelhança dos diplomatas que saíram de Constantinopla na expectativa da vitória, os pacifistas alemães encontravam-se, em 4 de agosto, com seus amigos europeus na serenidade da cidade de Constança, no sul da Alemanha, para a fundação da Aliança Mundial para a Promoção da Amizade Internacional pelas Igrejas. Porém, os delegados, entre os quais havia clérigos britânicos, franceses e alemães, para quem a guerra era uma abominação, foram obrigados, poucas horas depois do início da reunião, a interromper seus debates e a regressar rapidamente às suas casas.

3

Primeiros combates

Agosto a setembro de 1914

Milhões de soldados que formavam a vanguarda de muitos exércitos encontravam-se em quartéis ou em movimento na manhã de 4 de agosto de 1914. No leste, as tropas russas que haviam sido enviadas para a fronteira da Prússia Oriental tinham a intenção de avançar sobre Berlim. Pelas fronteiras da Alsácia e da Lorena, tropas francesas entraram na Alemanha, cheias de confiança de que poderiam reaver suas províncias perdidas e, vingando-se de derrotas e humilhações passadas, chegar ao Reno. Mais ao norte, na fronteira belga, um avanço alemão se destacava, ameaçando percorrer a Bélgica até o norte da França. Em 1870, um exército prussiano, tendo regimentos da Baviera, da Saxônia e de Württemberg ao seu lado, marchara até Paris. Em 1914, pela primeira vez desde a unificação alemã, um exército germânico tentava emular seu antecessor.

A Grã-Bretanha, que havia declarado guerra à Alemanha, não tinha tropas na Europa continental. Uma força expedicionária britânica, sob o comando de Sir John French, ainda precisaria ser reunida, armada e enviada através do canal para assumir seu lugar na linha de frente, mas a decisão de enviá-la ainda não tinha sido tomada. Conhecendo a relutância britânica em envolver-se na Europa, Sir Edward Grey garantiu ao Parlamento, nesse dia, que os britânicos não tinham nenhum “compromisso” de enviar quaisquer tropas. Enquanto isso, o Almirantado alemão estava confiante de que conseguiria evitar que tropas britânicas chegassem aos portos franceses no canal ou aos portos belgas do mar do Norte, mas, quando os almirantes alemães informaram ao chefe do Estado-Maior geral alemão, general Moltke, que poderiam tomar uma iniciativa mal as tropas britânicas comesçassem a cruzar as águas, Moltke rejeitou tal ação: “Não é necessário e será até uma vantagem que os Exércitos do Ocidente recebam 160 mil britânicos em meio aos franceses e belgas.”

A máquina de guerra alemã deu mais um sinal de confiança quando, em Aix-la-

Chapelle, em 4 de agosto, o Kaiser emitiu uma Ordem do Dia apelando para que o 1º Exército “exterminasse os traidores ingleses e marchasse sobre o desprezível exército do general French”.¹

Desde a primeira noite do avanço alemão, os franco-atiradores belgas disparavam o melhor que podiam, posicionados em valas e em edifícios, contra os soldados alemães que ocupavam, com confiança e aparente facilidade, as aldeias da Bélgica Oriental. Os persistentes tiros de *snipers* provocaram a ira das tropas ocupantes, que consideravam que, se tinham vencido no combate em campo aberto, não deveriam ser atacadas ali. O líder do quartel-general do 2º Exército alemão, general Erich Ludendorff, recordou como, logo na primeira noite da guerra, na cidade belga de Hervé, foi acordado “por fogo rápido, em parte dirigido à nossa casa”. O historiador britânico John Terraine comentou: “Hervé, intacta até 4 de agosto, não se manteve assim por muito tempo.” Um jornalista alemão, ao passar pela cidade poucos dias depois, considerou-a “arrasada até o chão”. Das cerca de quinhentas casas que havia na cidade, “só escaparam dezenove”, reportou ele. “Há corpos espalhados por todos os lados e um cheiro de queimado. A igreja é um monte de ruínas.”

Hervé foi considerada responsável pelos tiros noturnos dos atiradores de elite. Os alemães insistiam em que os belgas estavam utilizando civis para essa tarefa, de modo que pudessem causar estragos por trás da linha de frente, mas os belgas garantiam que os responsáveis eram destacamentos militares devidamente organizados, soldados extraviados ou guardas civis, o que constituía um ato legítimo de guerra contra um invasor. As leis internacionais estavam do lado dos franco-atiradores, pois a última Convenção de Haia, de 1907, não só proibía que beligerantes deslocassem tropas através de territórios neutros, como também garantia que resistir a tais movimentações não podia ser considerado em si como um ato de hostilidade.

Após as primeiras represálias violentas dos alemães, incapaz de proteger seus cidadãos por meio de um apelo às leis internacionais, o governo belga tentou mantê-los afastados do perigo, proibindo qualquer resistência local. Os alemães, frustrados com a intensidade da oposição militar belga, começaram rapidamente a encarar as represálias contra civis belgas como um meio de evitar ataques atrás das linhas. Para o primeiro-secretário da delegação alemã em Bruxelas, barão Stumm, estava claro, desde o início, que a resistência belga era vergonhosa, mas inútil. Em 5 de agosto, ele disse ao seu homólogo americano, Hugh Gibson: “Coitados! Por que não saem do caminho do rolo compressor? Não queremos machucá-los, mas se atravessarem nosso caminho, serão reduzidos a nada.”

No mesmo dia, um ataque germânico ao seu primeiro obstáculo real, a fortaleza belga de Liège, com uma guarnição de 35 mil homens, não conseguiu capturar nenhum dos doze fortes da cidade. Houve um momento de pânico entre os atacantes, mas a sensação foi anulada já no dia seguinte pelo general Ludendorff, que,

liderando 1.500 homens, penetrou por entre os fortes e entrou na cidade. Um dia depois, em 7 de agosto, a cidadela central rendeu-se, mas os fortes mantiveram-se resistentes e foi necessário que as tropas germânicas capturassem um por um.

No meio de vastos exércitos de países com sistemas de serviço militar obrigatório, apenas os britânicos tinham um exército verdadeiramente profissional e altamente treinado, mas sem a dimensão numérica dos exércitos europeus. Em 6 de agosto, o gabinete britânico discutiu se seu Exército, com um total de seis divisões, deveria ser enviado para França. O primeiro-ministro, H. H. Asquith, e o ministro das Relações Exteriores, Edward Grey, expressaram suas preocupações em relação à vulnerabilidade da Grã-Bretanha se suas tropas fossem enviadas para o continente. Grey, em particular, considerava que a Força Expedicionária Britânica devia manter-se na Grã-Bretanha. Numa reunião do Conselho de Guerra naquela tarde, lorde Kitchener, secretário de Guerra, chocou seus colegas ao sugerir que a guerra poderia ser longa e insistiu para que duas das seis divisões fossem mantidas na Inglaterra para a defesa interna do país. Acordou-se que as outras quatro divisões seriam enviadas para a França. Ainda assim, a contribuição britânica para a luta na Europa só podia ser reduzida: 50 mil armados, comparados com mais de 3 milhões de austro-húngaros, 4 milhões de franceses, 4,5 milhões de alemães e quase 6 milhões de russos.

Mesmo com poucos homens, o governo britânico recusou uma oferta de tropas por parte do líder nacionalista irlandês John Redmond, que se disponibilizou a reunir uma força inteiramente irlandesa que lutasse juntamente com britânicos, galeses e escoceses. Para não perturbar o bom andamento dos planos existentes, Kitchener rejeitou a oferta, ignorando a força do sentimento nacionalista irlandês, que poderia ter sido canalizado para a guerra e distanciado, como alguns irlandeses acreditavam, de rebeliões e terrorismo. Ao longo de toda a guerra, 160 mil irlandeses lutaram nas fileiras do Exército britânico, onde 49 mil morreram, mas alguns patriotas irlandeses sentiram-se ultrajados pela rejeição da oferta de Redmond. Hubert Gough, general da Força Expedicionária Britânica, escreveu quarenta anos depois: “A recusa de Kitchener acrescentou uma página sangrenta à história da Irlanda.”

Em 7 de agosto, numa tentativa de aumentar o número de soldados britânicos disponíveis, Kitchener apelou publicamente para 100 mil voluntários. “A multidão de candidatos era tão grande e tão persistente que foi necessário chamar a polícia montada para impor a ordem e só foram admitidos seis a cada vez”, reportou o *Times* ao fazer a cobertura das atividades num centro de recrutamento em Londres naquele dia. Segundo o jornal, não houve aclamações e a animação era moderada, “mas havia um substrato de entusiasmo e foi óbvia a decepção daqueles que não conseguiram passar nas provas”. Em tempos de paz, menos de cem jovens alistavam-se diariamente no Exército regular, mas agora apareciam mais de 1.500

voluntários por dia. Em Londres, nos primeiros quatro dias de recrutamento, os juramentos à bandeira acumularam-se a um ritmo de cem por hora, tendo sido erguido um toldo na parada da Guarda Montada para lidar com tais números.

O sentimento antibelicista, que até pouco antes do início do conflito havia tido forte presença nos círculos do Partido Liberal e do Partido Trabalhista e no movimento sindicalista, era cada vez menos intenso. Em 6 de agosto, o jornal do Partido Trabalhista Independente, intitulado *Labour Leader*, numa tentativa de estimular o sentimento antibelicista, exortou seus leitores: “Trabalhadores da Grã-Bretanha, digam não à guerra. Vocês não têm problemas com os trabalhadores da Europa. Eles não têm problemas com vocês. Essa luta é entre as classes dirigentes da Europa. Não façam seus esses problemas.” Em 7 de agosto, contudo, até mesmo o editor antibelicista do *Manchester Guardian*, C. P. Scott, líder e influente liberal, ao explicar os motivos pelos quais não estaria presente num comício público de protesto contra a participação da Grã-Bretanha na guerra, escreveu aos organizadores: “Estou fortemente convencido de que não haverá guerra, mas, se houver, estará em causa todo o futuro da nossa nação, e não teremos outra possibilidade que não seja fazermos o melhor que pudermos para garantir nosso sucesso.”

Uma atitude semelhante era evidente em todos os beligerantes. Em Viena, o filósofo austríaco Ludwig Wittgenstein, de 25 anos de idade, tendo regressado das aulas que dava em Cambridge, voluntariou-se como artilheiro no Exército austríaco, apesar de ter uma hérnia dupla que o isentara do serviço militar. “A princípio, só conseguiu dirigir-se à Galícia com um grupo de reparações militares, mas sempre acalentou a perspectiva de sua ida para a frente”, recordou, mais tarde, sua irmã Hermione. Segundo ela, houve vários desentendimentos cômicos “resultantes do fato de que as autoridades militares com quem ele lidava constantemente achavam que ele estava sempre tentando conseguir o lugar mais fácil, enquanto, pelo contrário, ele procurava o posto mais perigoso”.

Em todos os países envolvidos no conflito, as autoridades passaram a deter e aprisionar aqueles que eram vistos como perigosos inimigos estrangeiros. Em 8 de agosto, na cidade de Neumarkt,² na Galícia Ocidental, a setenta quilômetros da fronteira russa, a polícia austríaca deteve um eLivros russo que vivia ali havia alguns anos, Vladimir Lênin, com receio de que fosse um espião. O líder dos social-democratas austríacos, Victor Adler, protegido pelas autoridades porque seu partido havia declarado seu apoio à guerra, apressou-se em garantir que, se libertado, Lênin seguramente dirigiria uma vigorosa campanha de propaganda contra o czar e seus aliados. Assim, Lênin foi libertado e recebeu autorização para viajar para a neutra

Suíça.

Em Berlim, Walther Rathenau, o industrial que se encontrava tão desalentado na semana que antecedeu a guerra, visitou, em 8 de agosto, o chefe do Departamento Geral de Guerra, coronel Scheüch, para oferecer seu apoio no esforço de guerra. Acentuando que a Alemanha dispunha de “um número limitado de meses de aprovisionamento” de materiais indispensáveis à guerra, Rathenau propôs-se a “salvar o país do estrangulamento” e, poucos dias depois, foi encarregado de chefiar o Departamento de Matérias-Primas para a Guerra, criado especialmente na ocasião. Metais, substâncias químicas, juta, lã, borracha e algodão eram algumas das matérias-primas que o departamento devia encomendar dentro da Alemanha, requisitar no território ocupado, adquirir em outros países ou manufaturar por métodos novos e, se necessário, sintéticos. A tarefa de Rathenau consistia em ajudar a Alemanha, mas, sendo civil e judeu, enfrentou uma contínua hostilidade por parte dos comandantes do Exército, cujas capacidades de luta estava encarregado de crescer.

Em pouco tempo, Rathenau percebeu que as matérias-primas necessárias para o Exército alemão não poderiam ser conseguidas indefinidamente durante uma guerra longa. A perspectiva de um conflito prolongado era alarmante, inclusive para o Kaiser, que convocou, em 10 de agosto, o embaixador americano, James W. Gerard. O diplomata mais tarde recordou: “O Kaiser falou desalentadamente sobre a guerra. Tentei animá-lo dizendo-lhe que as tropas alemãs em breve entrariam em Paris, mas ele respondeu: ‘Os britânicos alteraram tudo... São uma nação obstinada. Eles continuarão na guerra. Não vai acabar depressa.’”

O sentimento pacifista não morreu com os disparos dos primeiros tiros. Os socialistas, que se opuseram à guerra em julho, continuavam pensando da mesma maneira em agosto. Na Rússia, tanto os mencheviques quanto os bolcheviques do Partido Social-Democrata eram contra a guerra e, durante uma sessão do Parlamento russo, a Duma, votaram contra a aplicação de verbas no combate. Apesar da garantia dada em 10 de agosto pelo embaixador francês em São Petersburgo, Maurice Paléologue, que afirmou que a alma coletiva da Santa Rússia não se manifestava com tanta força desde 1812, as potências da Tríplice Entente estavam preocupadas com a propagação do sentimento antibelicista na Rússia. Em 11 de agosto, o governo belga convenceu seu recém-nomeado secretário de Estado, o socialista Émile Vandervelde, a enviar um telegrama aos deputados do Partido Social-Democrata presentes na Duma, estimulando-os a apoiar o esforço de guerra. Como presidente do Bureau Socialista Internacional, Vandervelde era muito respeitado na Rússia e tinha estado em São Petersburgo em junho anterior, tentando conciliar as diversas facções socialistas. Seu telegrama pró-guerra foi publicado na imprensa russa e cópias datilografadas circularam pelas fábricas.

Contudo, longe de estimular o fervor patriótico russo, o telegrama de Vandervelde

serviu apenas para dividir ainda mais as facções socialistas, estimulando Lênin, que mal havia chegado à Suíça, a publicar e infiltrar clandestinamente na Rússia suas famosas teses sobre a guerra, incitando os trabalhadores a oporem-se ao conflito. Lênin ficou tão chocado quando leu em jornais suíços que deputados socialistas do Reichstag tinham apoiado a guerra que a princípio não acreditou nas notícias, pensando que eram resultado de uma maquinação do Estado-Maior geral alemão para enganar a classe operária de seu país, levando-a a aceitar a guerra. Aceitando a inevitável força do patriotismo alemão, preferiu voltar sua atenção para o distante proletariado russo.

Quando a guerra começou, a Áustria apelou às aspirações nacionalistas de sua minoria polonesa para fortalecer o esforço imperial de guerra. Em 6 de agosto, uma pequena força de soldados poloneses, da província austríaca da Galícia, atravessou a fronteira russa e avançou em direção à cidade de Kielce. Alguns homens transportavam suas selas à cabeça, na esperança de tomarem cavalos aos russos. Quando esse “exército de libertação” chegou perto de seu destino, foi aclamado por mulheres polonesas, que jogaram flores aos homens, mas os habitantes da cidade, receando uma retribuição russa, mantiveram-se em suas casas. Depois de um breve encontro com uma patrulha russa, os poloneses, já mais moderados, regressaram à Galícia.

O sentimento antibelicista russo, que Lênin pretendia estimular a favor da causa da revolução, também era bem recebido e apoiado pelos austríacos e pelos alemães, uma vez que qualquer agitação interna ajudaria os atacantes na luta contra as vastas forças russas. Ainda em 6 de agosto, o governo austríaco decidiu dar fundos à União para a Libertação da Ucrânia, desejando encorajar a agitação antirrusa e separatista. Socialistas armênios e georgianos também foram encorajados a encarar a derrota do czar como um passo no caminho para a independência.

Um elemento racial, e também político, emergiu rapidamente nas primeiras semanas de guerra. Em 11 de agosto, num grande comício na Câmara Municipal de Berlim, o professor Harnack, presidente da Biblioteca Real, disse que a civilização ocidental estava ameaçada pela “civilização da horda, que se juntou e se mantém junta por déspotas: a civilização mongol moscovita. Essa civilização não suportou as luzes do século XVIII, ainda menos a luz do século XIX, e agora, no século XX, anda à solta e nos ameaça. Essa massa asiática desorganizada, à semelhança do deserto com suas areias, quer ficar com nossas sementeiras”.

Entre os habitantes de Berlim estava o recém-nomeado diretor do Instituto de Física, Albert Einstein. “A Europa, em sua insanidade, deu início a uma coisa inacreditável”, escreveu ele a um amigo em 19 de agosto. “Nesse momento, percebemos a que triste espécie de animal pertencemos. Prossigo tranquilamente em

meus pacíficos estudos e em minha contemplação e nada mais sinto do que pena e repugnância.”

Longe do conflito europeu, mas muito ligado a ele, o tenente-coronel alemão Kress encontrou-se com o ministro turco da Guerra, Enver Paxá, e disse-lhe que dois navios de guerra alemães, o cruzador de combate *Goeben* e o cruzador ligeiro *Breslau*, que tinham escapado aos esforços da Marinha britânica, estavam à entrada do estreito de Dardanelos e pediam autorização para entrar. Sabendo que tal autorização constituiria um ato hostil em relação à Grã-Bretanha, colocando a Turquia na órbita da Alemanha, Enver permitiu a entrada dos navios de guerra alemães. Kress perguntou-lhe então se abririam fogo contra navios de guerra britânicos que por acaso tentassem segui-los. Novamente, Enver disse que sim. Outro oficial alemão que estava na sala, Hans Kannengiesser, recordou mais tarde: “Ouvimos o ruído metálico do passadiço sendo baixado nos Dardanelos... Ninguém moveu um único músculo. Kress saiu e continuei meu trabalho como se nada tivesse acontecido.”

Para simular a neutralidade turca, os navios foram nominalmente vendidos à Turquia, tendo seus nomes mudados para *Javus Sultan Selim* e *Midilli*, e seu comandante alemão, almirante Souchon, hasteou a bandeira turca. Todos os pedidos britânicos pela proibição de uma missão militar alemã na Turquia foram recusados tanto pelos turcos como pelos alemães, mas não houve qualquer ato de guerra, e sim apenas a provocação causada por dois navios de guerra alemães ancorados ao largo de Constantinopla.

No mar do Norte, os alemães tinham sofrido um revés na segunda semana de agosto, quando seu submarino U-15 colidiu com um navio de guerra britânico e afundou. Esse foi o primeiro submarino alemão entre os mais de 180 que seriam afundados antes do fim da guerra. Na mesma semana, no distante lago Niassa, na África Central, um oficial da Marinha britânica, comandante E. L. Rhoades, atravessou o lago em sua canhoneira, *Gwendolen*, com um único canhão de três libras, percorrendo cerca de cinquenta quilômetros entre o porto britânico na baía de Nkata até o minúsculo porto alemão de Sphinxhaven. Então, Rhoades abriu fogo e capturou a canhoneira alemã *Wissman*, cujo comandante, Berndt, sequer sabia sobre o início da guerra entre britânicos e alemães. A manchete no *Times* foi “Vitória naval no lago Niassa”.

Nos campos de batalha da Europa, a luta era contínua e intensa. Em 13 de agosto, tropas francesas foram pegas, perto de Dinant, pelo fogo cerrado da artilharia alemã, tendo seus movimentos detectados por um avião alemão que fazia o reconhecimento da área. Com ordens para evitar um avanço da Infantaria alemã por uma ponte, o

comandante de um pelotão francês colocou seus homens diretamente sob fogo. Ao chegar à ponte, foi ferido no joelho e caiu. Pouco depois, o sargento do pelotão caiu por cima dele, morto. O tenente recordou posteriormente “o ruído das balas entrando nos corpos de mortos e feridos espalhados por todos os lados”. Com dificuldade, o oficial arrastou-se para longe. Essa foi a prova de fogo de Charles de Gaulle, que terminou por ser transportado para um hospital em Paris, ainda que já desejasse retornar à frente.

Em 12 de agosto, o Exército austríaco invadiu a Sérvia. Na cidade de Šabac, no lado sérvio do rio Sava, houve cenas terríveis em que muitos civis foram cercados e mortos a tiros, crianças foram massacradas e mulheres foram violentadas. O avanço alemão através da Bélgica foi acompanhado por incidentes de selvageria que chocariam e endureceriam a opinião pública britânica e francesa. Em 10 de agosto, habitantes de Linsmeau foram cercados e baleados. Dez dias depois, foi a cidade de Andenne, perto de Namur, que sofreu. Um cartaz do general Bülow, datado de 22 de agosto e afixado nos muros de Liège, dizia: “A população de Andenne, depois de ter manifestado intenções pacíficas em relação às nossas tropas, atacou-nos da forma mais traiçoeira. Com minha autorização, o general que comandava as tropas reduziu a cidade a cinzas e matou 110 pessoas.”

Em Seilles, cinquenta habitantes foram mortos a tiro. Na pequena cidade mineradora de Tamines, onde as tropas alemãs tinham ficado furiosas com o vigor dos soldados franceses, foram escolhidos 384 homens perto da igreja, que foram alinhados e baleados com rifles e metralhadoras em 22 de agosto. A vítima mais jovem tinha treze anos, e a mais velha, 84 anos. Uma execução ainda mais numerosa aconteceu no dia seguinte na cidade de Dinant. Alegando que civis belgas tinham disparado contra soldados alemães que reparavam uma ponte, os invasores mataram 612 homens, mulheres e crianças como represália, inclusive um bebê de três semanas que a mãe tinha ao colo.

Dois dias depois, às primeiras horas de 25 de agosto, um zepelim alemão lançou várias bombas sobre a Antuérpia. Numa casa, seis cidadãos foram mortos em suas próprias camas enquanto dormiam. Os zepelins, grandes e mais leves que o ar, deslocando-se lentamente, já tinham sido vistos por toda a Europa no período anterior aos conflitos, quando não eram mais do que objetos de admiração, assim como os aeroplanos e talvez ainda mais. Com a proximidade da guerra, receou-se que os zepelins fossem usados para levar morte e destruição a qualquer cidade. Era “a bomba de hidrogênio daqueles dias, uma terrível espada de Dâmocles empunhada sobre as cabeças dos inimigos da Alemanha”, escreveu um historiador.³ Nos primeiros meses da guerra, um caricaturista francês, R. Delville, desenhou o Kaiser pairando num zepelim, acompanhado pelo anjo da morte, com um elmo alemão, e

transportando, numa almofada, a Cruz de Ferro, prêmio pela terrível ceifa aérea.

O jornalista americano E. Alexander Powell, que estava na Antuérpia quando o primeiro zepelim atacou a cidade, escreveu em seu relato, publicado na Inglaterra três meses depois, que se sentiu “fraco e nauseado” quando entrou numa casa para ver um quarto onde uma mulher estivera dormindo no momento do ataque. “Estava literalmente em fragmentos. O chão, as paredes e o teto estavam manchados de... Bem, basta dizer que o que restava da mulher só poderia ser recolhido com uma pá.” Numa praça perto dali, “um policial que estava numa ponta foi morto instantaneamente enquanto outro perdeu as pernas”. Uma mulher que fora acordada pela primeira explosão “e que se debruçara na janela para ver o que estava acontecendo ficou sem cabeça”. Houve um total de dez mortos. Outras duas pessoas, feridas, morreram pouco depois.

No mesmo dia, após o Exército belga ter desencadeado um contra-ataque bem-sucedido a partir da Antuérpia, as forças de ocupação alemãs em Louvain assustaram-se com a chegada de um cavalo em disparada. Muitas sentinelas, não sabendo o que havia causado a agitação, abriram fogo. Ouviram-se gritos de “Os franceses estão aqui!”, “Os ingleses estão aqui!” e, o que foi humilhante para a cidade e para seus cidadãos, “Os franco-atiradores estão aqui!”. Então, por cinco dias, as tropas alemãs mantiveram-se estacionadas em Louvain, onde queimaram edifícios e executaram civis. Quando o diplomata americano Hugh Gibson visitou a cidade, em 28 de agosto, um oficial alemão disse-lhe: “Vamos destruir tudo! Garanto-lhe que não vai ficar pedra sobre pedra! Vamos ensinar-lhes a respeitarem a Alemanha. Durante gerações, as pessoas virão aqui para ver o que fizemos!”

Cerca de um quinto das casas de Louvain foram destruídas, e a igreja de São Pedro foi muito danificada pelo fogo. Esses episódios não só chocaram a opinião pública britânica e francesa como deram um antecipado triunfo aos propagandistas europeus da Tríplice Entente. Histórias de atrocidades foram rapidamente aumentadas e tornadas tão horríveis quanto possível, com uso de expressões como “mutilações horríveis demais para serem descritas”, “rios de sangue” e “montanhas de mortos inocentes”, seguidas por exortações como “a humanidade clama por vingança”. Os estragos deliberadamente infligidos às igrejas belgas aumentaram a dimensão da culpa atribuída aos líderes alemães. Um cartão-postal francês dos primeiros tempos da guerra mostra Jesus afastando-se desdenhosamente do Kaiser, enquanto o líder alemão, de joelhos, tenta em vão segurar a mão do Salvador. No fundo, vê-se uma catedral seriamente danificada.

Em 12 de agosto, enquanto as tropas alemãs lutavam contra a última resistência nos fortes de Liège, as primeiras tropas da Força Expedicionária Britânica atravessavam o canal da Mancha, protegidas por um escudo de dezenove couraçados. Em dez dias,

foram transportados 120 mil homens, sem uma única perda. O sigilo da operação foi tão protegido que, mesmo após dez dias de contínuos movimentos, o alto-comando germânico ainda tinha dúvidas sobre se um relevante número de forças britânicas tinha realmente chegado à França. Os navios de transporte de tropas sequer foram incomodados pela Marinha alemã. O desejo de Moltke, que ansiava por enfrentar o Exército britânico no campo de batalha, cumpria-se.

No dia em que as primeiras tropas britânicas chegaram à França, uma enfermeira-chefe britânica alocada na Bélgica, Edith Cavell, escreveu ao *Times* pedindo que os donativos recolhidos entre a população britânica fossem entregues à sua instituição médica, pois “os feridos do Exército terão de ser tratados no continente e, até onde se sabe, especialmente em Bruxelas. Nossa instituição, que inclui muitas enfermeiras inglesas, está preparada para lidar com várias centenas de feridos, número que cresce todos os dias”. A carta foi publicada em 15 de agosto sob o título “Enfermagem britânica em Bruxelas”.

Antes da eclosão da guerra, a França e a Grã-Bretanha não tinham qualquer conflito com a Áustria-Hungria. O filho de um dos homens mais ricos da Áustria era membro do Parlamento britânico. O inspetor-geral das forças britânicas no Sudão era um austríaco, Sir Rudolph Slatin. O embaixador austríaco em Londres, conde Mensdorff, era primo e amigo próximo do rei George V. Porém, em 12 de agosto, oito dias depois da declaração britânica de guerra à Alemanha, e no dia em que a Força Expedicionária Britânica iniciou o movimento de travessia do Canal, a Grã-Bretanha e a França declararam guerra à Áustria-Hungria, alegando que os pequenos contingentes de tropas austríacas estacionados na fronteira franco-germânica constituíam “uma ameaça direta à França”.

O embaixador britânico em Viena, angustiado por um embate entre duas nações que não tinham razões para se enfrentar, pediu ao conde Berchtold que apresentasse “seu profundo pesar” ao imperador e que expressasse sua esperança de que o imperador “atravessasse esses tristes tempos com excelente saúde e grande coragem”. O embaixador austríaco em Londres também se sentia perturbado, e, na presença de seu homólogo americano, denunciou as ações da Alemanha e do Kaiser. Em 15 de agosto, em Bruxelas, Hugh Gibson escreveu em seu diário: “Ontem, os jornais anunciaram a declaração francesa de guerra à Áustria. Nessa manhã, chegaram notícias de que Montenegro declarou sua intenção de varrer a Áustria do mapa. A pergunta que fazemos diariamente é: ‘Quem declarará guerra hoje?’”

As novas declarações de guerra, que alargavam a escala geográfica e humana do conflito, não tinham custos monetários, mas ficaria claro que redimi-las exigiria enormes custos, até mais do que se podia imaginar. Após cortesias, os embaixadores alocados em todos os Estados em luta fizeram as malas, fecharam suas residências e

voltaram às suas respectivas capitais. Nos círculos políticos e diplomáticos britânicos houve tristeza pela partida do embaixador austríaco, que era uma pessoa muito estimada, mas a população não gostou quando soube que a Marinha não apenas havia posto um contratorpedeiro à disposição para transportá-lo através do canal como permitido que duzentos cidadãos austríacos, que de outra forma seriam detidos, partissem para a Áustria no mesmo navio. Em breve, as cortesias seriam consideradas antiquadas, mas ainda não tinham sido abandonadas.

Lentamente, mas com crescente ênfase, os britânicos começaram a atuar como grandes defensores das minorias eslavas na Áustria-Hungria, assumindo especialmente a causa dos tchecos. Em 19 de agosto, em São Petersburgo, os russos publicaram dois manifestos, prometendo o renascimento da Polônia após a guerra, “livre em religião, língua e com governo próprio”, e incitando os povos da Áustria-Hungria a rebelarem-se e a lutarem pela independência nacional. O czar chegou até mesmo a dizer ao líder tcheco, Karel Kramar, que recebeu em audiência em 20 de agosto, que a Rússia veria com bons olhos o brilho da “livre e independente coroa de São Venceslau”, após a derrota da Áustria, junto à “radiância da coroa dos Romanov”.

Nesse dia, em Londres, claramente afastado da verdade, o *Times* noticiou uma revolução tcheca em Praga e informou que o rio Moldava havia ficado “vermelho com o sangue tcheco”. Foi também noticiado, embora não fosse verdade, que alguns políticos tchecos, incluindo o líder nacionalista Tomáš Masaryk, tinham sido executados no castelo de Hradčany. Na verdade, Masaryk era não só um homem livre como partiria para a Suíça cinco meses depois. Dois meses após o início da guerra, um importante jornal britânico conservador previu que “o mosaico racial da monarquia dual será feito em migalhas para formar uma nova e, assim o esperamos, mais estável e afortunada combinação no mapa da Europa”. Em Viena, contudo, a perspectiva de uma vitória austríaca sobre a Rússia levou a ideias expansionistas. Em 12 de agosto, dia em que a Grã-Bretanha declarou guerra à Áustria, diplomatas austríacos iniciaram uma discussão para a anexação das províncias russas na Polônia, incluindo a cidade de Varsóvia, aos domínios dos Habsburgo.

Tanto os sistemas imperiais como os Exércitos estavam em conflito. Em apenas uma semana, o império czarista comprometeu-se a aceitar uma forma de autogoverno da Polônia após a guerra, e o império dos Habsburgos decidiu-se por uma forma de domínio político sobre a Polônia. Para garantir este último objetivo, as autoridades austríacas permitiram, em 16 de agosto, que o líder polonês, Józef Piłsudski, organizasse um Comitê Nacional Supremo em Cracóvia, em solo austríaco, para organizar-se para o dia em que poloneses e austríacos marchariam lado a lado rumo à Varsóvia. A primeira contribuição de Piłsudski para seus dirigentes austríacos, bem como para seus compatriotas poloneses, foi a formação da Legião Polonesa. A primeira brigada seria chefiada pelo próprio Piłsudski, que

guiaria 10 mil homens contra os exércitos russos.

Na Rússia, pelo menos na mente do grão-duque Nicolau, chefe do Estado-Maior, ainda havia esperança de que o conflito seria vencido rapidamente. Em 21 de agosto, em Petrogrado, Maurice Paléologue informou a Paris: “O grão-duque está determinado a avançar com força para Berlim e Viena, mais particularmente para Berlim, passando pelas fortalezas de Toruń, Poznań e Breslau.”

Em 23 de agosto, as tropas austríacas estavam em combate ao longo de uma frente de 280 quilômetros quando o general Conrad enviou seus soldados, pela fronteira austríaca, para o território polonês russo. O filósofo Wittgenstein era um desses homens e estava encarregado de um holofote numa canhoneira fluvial capturada aos russos. Numa noite, foi acordado à uma hora da manhã com a ordem de que manejasse o holofote. “Corri para a ponte quase despido”, escreveu em seu diário. “Tive certeza de que morreria.” Mas foi um falso alarme. “Eu estava agitado, cheio de medo, e gemia audivelmente. Senti os terrores da guerra.”

Nessa manhã, em Moscou, o czar compareceu à catedral de Uspenski para uma cerimônia solene em que se rezaria pela vitória. No campo de batalha, a mais de 1.100 quilômetros a sudoeste, perto da cidade russo-polonesa de Kraśnik, o rápido avanço da cavalaria austríaca foi abruptamente interrompido pelas metralhadoras da Infantaria russa. O soldado austríaco Friedrich Feuchtinger, de um regimento de reserva, recordou o ataque:

À direita, o jovem tamborileiro, com olhos vermelhos de sangue, boca trêmula e lábios pálidos, quase chorando, já não era aquele rapaz cujo vigoroso toque de tambor obrigava-nos a mantermo-nos sobre nossos pés cansados. Olhei novamente para ele e vi seus olhos muitos abertos e sua boca escancarada, da qual saía sangue. Ele gritou um rouco “Mãe” e morreu. Nós continuamos, com a respiração entrecortada. Havia mortos e feridos por todos os lados e nós olhávamos para eles com indiferença.

Quando o regimento de Feuchtinger chegou às trincheiras inimigas, os russos fugiram. Um homem, ao ser perseguido, aparentemente sem seu rifle, parou de repente, voltou, levantou a mão direita e levou a mão esquerda ao bolso do casaco. Ao fazê-lo, Feuchtinger espetou-lhe a baioneta.

Vi o sangue dele inundar o uniforme e ouvi seus gemidos enquanto girava a baioneta espetada em seu corpo jovem. Fiquei aterrorizado. Deitei-me no chão e arrastei-me até ele, querendo ajudá-lo, mas ele já estava morto. Puxei a baioneta ensanguentada. Ao cruzar-lhe os braços, vi em sua mão esquerda uma fotografia amassada da mulher e do filho.

As tropas austríacas também estavam em ação perto de Lemberg, onde foram obrigadas a retirar-se pelos russos que estavam na fortaleza. Entre os homens em retirada estava o violinista Fritz Kreisler. “Durante 21 dias, não tirei a roupa e dormi na grama molhada, na lama ou nos pântanos”, recordou ele mais tarde. Numa ocasião, houve uma trégua de vinte minutos quando um russo desarmado encontrou um austríaco desarmado em meio à terra de ninguém, onde trocaram um pacote de tabaco por um charuto.

A perspectiva de ser mandado para a frente de batalha era um motivo de preocupação. Em 30 de agosto, o pintor Oskar Kokoschka escreveu a um amigo em Viena:

Esses simples, esfomeados e desnorteados rapazes e homens, que nada possuem a não ser sofrimento em suas vidas, estão sendo mandados para a morte ou para tornarem-se incapacitados, e ninguém se importará com eles após o conflito. As ruas estão cheias de mulheres dignas de pena, pálidas e doentes, mas que ainda têm força para não deixarem que os homens vejam como estão sendo afetadas. Hoje, na minha rua, uma mulher abraçou-se ao pescoço do marido, como uma louca, porque ele tinha de partir. O homem transportava o pouco que possuía num saco. E, no entanto, os recrutas são dóceis e agradecem os olhares de compreensão.

Em 23 de agosto, quando o Japão declarou guerra à Alemanha, houve um recrudescimento do conflito militar. Em Berlim, os restaurantes recusaram-se a servir clientes japoneses e, em poucos dias, muitos civis japoneses foram internados no campo de Ruhleben, um hipódromo perto de Berlim cujos edifícios haviam sido convertidos num campo de internamento. Outros japoneses conseguiram salvar-se fugindo para a Suíça. Com a declaração de guerra por parte do Japão, algumas ilhas do oceano Pacífico, adquiridas pelos alemães no quarto de século anterior e estando muito distantes da Alemanha e de seu poderio militar, ficaram à mercê do Japão. Quando Sir Edward Grey tentou restringir a área em que o Japão poderia intervir, Churchill escreveu-lhe: “Você pode facilmente provocar uma ofensa mortal, que não será esquecida. Nós ainda não estamos seguros. A tempestade ainda está por vir.”

No mar, a guerra provocou incidentes desde o primeiro dia. Em 6 de agosto, um cruzador ligeiro britânico, *Amphion*, havia colidido com uma mina alemã e afundado imediatamente. Entre os homens que afundaram com o navio estavam a tripulação inglesa e os prisioneiros alemães que tinham sido capturados do navio lança-minas que colocara a mina fatal. Todos os 150 homens morreram. Em 12 de agosto, foram estabelecidos dois bloqueios navais: um britânico para evitar que navios cargueiros chegassem aos portos do mar do Norte e um francês para impedir o comércio nos

portos austríacos do mar Adriático.

Também havia começado a guerra no ar, com cada país beligerante fazendo uso de sua fraca Força Aérea para reconhecimento e bombardeio. Em 12 de agosto, morreram os primeiros aviadores britânicos, franceses e alemães, mas nenhum foi abatido em combate. O piloto alemão, o veterano tenente Jahnou, tinha combatido como piloto para os turcos na Primeira Guerra dos Bálcãs em 1912 e morreu num acidente no norte da França. O sargento francês, Bridou, despencou em seu avião quando regressava à base. Dois aviadores ingleses, o segundo-tenente Skene e o mecânico Barlow, morreram em seu avião de dois lugares quando a aeronave caiu perto de Dover a caminho da França.

Na frente oriental, as forças alemãs perseguiram os russos e, em 14 de agosto, encontravam-se a oitenta quilômetros de Varsóvia. No dia seguinte, Liège, no ocidente, finalmente caiu perante o assalto de Ludendorff. “Liège caiu!” foi a manchete triunfal de um jornal alemão e a manchete seca e assustadora de jornais na Grã-Bretanha e na França. Não houve grande compensação quando, no dia seguinte, tropas francesas, em rigoroso cumprimento do Plano 17 anterior à guerra, que já considerava um possível confronto com a Alemanha, entraram na Alsácia. Os franceses conseguiram capturar as cidades fronteiriças de Thann e Altkirch, mas, poucos dias depois, sua tentativa de avanço para Mulhouse foi repelida.⁴ Os alemães, por meio de uma hábil retirada, conduziram os franceses para uma linha onde ficaram expostos à artilharia concentrada e ao fogo de metralhadoras. “Há espantosas alterações na prática da guerra”, comentou o general Foch diante da ferocidade do poder de fogo alemão contra os atacantes franceses, que, “verdadeiramente chocados e desnorteados por perdas enormes, tiveram de travar uma luta de dez dias antes de conseguirem uma retirada”.

Todos os exércitos regulares estavam em ação. Nos Estados beligerantes, apelava-se a voluntários. “Seu rei e seu país precisam de você!” era o apelo britânico, publicado pela primeira vez em 7 de agosto e reiterado e embelezado numa multiplicidade de espaços públicos. Na Alemanha, Adolf Hitler, nascido na Áustria, que um ano antes fora rejeitado pelo Exército austríaco por motivos médicos, apresentou-se como voluntário num regimento de Infantaria da Baviera, em 16 de agosto, e foi aceito. Na frente ocidental, um oficial de reserva alemão, Walter Bloem, escreveu entusiasticamente depois de sua primeira ação: “Foi fabuloso, um verdadeiro sonho! Será a guerra apenas um jogo, uma espécie de esporte? Será o Exército belga apenas um monte de mulas?”

No quartel-general francês, todos riram da Ordem do Dia dada por Kitchener às forças britânicas que então atravessavam a França. O secretário de Guerra solicitou aos homens que estavam no solo de seu aliado: “Sejam invariavelmente corteses, tenham consideração e sejam amáveis. Nunca façam nada que possa prejudicar ou destruir propriedades e encarem sempre qualquer saque como um ato ignominioso.”

Os soldados deveriam estar constantemente em guarda contra “tentações, quer do vinho, quer de mulheres”. “Ainda que devam tratar as mulheres com toda a cortesia, devem evitar intimidades”, concluiu Kitchener. Essa Ordem do Dia foi distribuída a todos os soldados e deveria ser mantida em sua cartilha militar, mas acabou tornando-se a “anedota do momento”, segundo um oficial de ligação no quartel-general francês, capitão Edward Louis Spears. “Estávamos transportando um colégio de meninas, e não um Exército”, escreveu ele em 17 de agosto.

As tropas alemãs tinham sucessos por todos os lados. Em 17 de agosto, dois exércitos russos, um comandado pelo general Rennenkampf (um nome que soava alemão), o outro comandado pelo general Samsonov, iniciaram seu avanço pela Prússia Oriental. Numa frente de quase sessenta quilômetros, Samsonov foi desafiado pelo comandante do 1º Corpo alemão (general François, um nome que podia causar confusão), que o obrigou a combater contra as ordens de seus superiores. Durante a batalha, em Stallupönen, François fez três mil prisioneiros russos antes de retirar-se para uma posição mais segura.

Apesar da vitória em solo alemão, era claro para o general Staff que havia um perigo ameaçador na Prússia Oriental, que tinha sido despojada de tropas para permitir que a França fosse derrotada antes de uma invasão à Rússia. Em 19 de agosto, Rennenkampf tinha avançado para Gumbinnen, deixando o comandante-chefe alemão na Prússia Oriental, general Prittwitz, em pânico. “Tenho de abandonar o Vístula”, disse ele ao general François por telefone. Essa retirada envolveria o abandono de toda a Prússia Oriental. Numa ligação telefônica histórica para o quartel-general do Kaiser, Prittwitz mostrou-se duvidoso até mesmo de sua capacidade de manter a linha do Vístula, “devido à pouca profundidade da água” naquela época do ano.

Um oficial superior, coronel Max Hoffmann, apontou que somente uma ofensiva inicial e bem-sucedida contra as forças russas poderia permitir que as tropas alemãs se retirassem sem serem constantemente atacadas por forças superiores. Para evitar combates severos em cada ponto da retirada, Hoffmann queria que Prittwitz deslocasse suas forças para um ponto em que pudesse atacar com igual eficácia qualquer exército russo. Contudo, Prittwitz já não desejava lutar, terminando por ser exonerado em 22 de agosto, juntamente com seu chefe do Estado-Maior. Era uma alteração decisiva no comando, e, para conduzir os exércitos a leste, Moltke indicou o reformado general Hindenburg, de 67 anos de idade. Como chefe do Estado-Maior de Hindenburg, nomeou o general Ludendorff, que fora tão bem-sucedido em Liège e em quem o alto-comando alemão realmente depositava suas esperanças. Sua transferência para leste, porém, apontava uma falha nos cálculos alemães, pois iniciava-se uma guerra mais séria no leste antes de uma vitória decisiva no ocidente.

Ao chegar à Prússia Oriental, Ludendorff achou que as capacidades do coronel Hoffmann já haviam colocado os alicerces da vitória, mas os dois exércitos russos

tinham avançado profundamente pela província, ameaçando a capital, Königsberg. À semelhança da frente ocidental, a guerra ali era muito mais do que a cavalaria movendo-se para a frente e para trás e a Infantaria avançando custosamente atrás dela. “Nunca houve, e seguramente nunca haverá, uma guerra disputada com tal fúria”, escreveu Hoffmann em seu diário em 23 de agosto. “Os russos queimam tudo”, completou ele.

Em 26 de agosto, os russos entraram em Rastenburg, exatamente no centro da Prússia Oriental.⁵ A batalha recomeçou no lago Masúria, perto das povoações de Frögenau e Tannenberg, em 27 de agosto. Num momento decisivo, os nervos de Ludendorff cederam de tal modo que ele mesmo propôs que se chamasse o general François⁶ e que se fizesse um novo cerco das forças de Samsonov, conforme Hoffmann havia projetado. Hindenburg, imperturbável perante a intensidade e o risco da batalha, apoiou o plano de Hoffmann. A luta prosseguiu. Na manhã de 28 de agosto, Ludendorff insistiu para que o general François desviasse o avanço de suas tropas para apoiar um setor fraco da frente, mas François desobedeceu, empurrando os russos. “Nem mesmo fez um esforço para informar Ludendorff sobre o não cumprimento de uma ordem definitiva”, escreveu um historiador britânico da batalha, o general Ironside. “Foi sem dúvida à desobediência de François que Ludendorff ficou devendo a magnitude de sua vitória nos dias seguintes.”

Por volta de 30 de agosto, o exército de Samsonov estava derrotado. “O imperador confiou em mim”, disse ele ao seu chefe do Estado-Maior enquanto buscavam segurança num bosque que, ainda que não soubessem, já estava em mãos alemãs. “Como poderei encará-lo depois desse desastre?” Dezenas de milhares de russos estavam em retirada. Os homens largavam os rifles para conseguirem correr mais depressa, mas muitos avançavam em direção ao seu onipresente inimigo. Depois de 28 dias de agitação, a Prússia Oriental havia sido inteiramente tomada pela Alemanha. Em triunfo, os alemães anunciaram que tinham capturado 30 mil feridos e 95 mil ilesos, recolhendo quinhentas peças de artilharia. Os cavalos capturados também somavam milhares. Foram necessários sessenta trens para transportar o saque do campo de batalha para a Alemanha.

Ludendorff, já recuperado, elaborou um triunfal comunicado para o Kaiser. O comunicado se dizia escrito em Frögenau, mas Hoffmann propôs que o local fosse alterado para Tannenberg, cenário de uma batalha, cinco séculos antes, na qual os cavaleiros teutônicos, entre os quais um Hindenburg, tinham sido massacrados por um vasto exército de eslavos e lituanos. A Batalha de Tannenberg, como ficou conhecida na história, foi descrita pelo general Ironside como “a maior derrota sofrida por qualquer combatente durante a guerra”. Foram mortos mais de 30 mil soldados russos. Entre as pilhas de cadáveres, um grupo de reconhecimento alemão encontrou o corpo de um general de cabelos grisalhos, com uma bala na cabeça e um revólver na mão. Era o comandante do 1º Exército Russo, general Alexander

Samsonov.

Na Galícia austríaca, em 18 de agosto, os austríacos tiveram menos sucesso do que os alemães ao oporem-se a um ataque russo, em grande parte devido às esmagadoras forças do general Aleksei Brusilov, que tinha 35 divisões de Infantaria sob seu comando. Os austríacos também tiveram dificuldades na Sérvia, onde, depois de terem capturado a cidade de Šabac, no lado sérvio do rio Sava, e avançado ao longo do vale do Jadar, foram confrontados por tenazes combatentes determinados a expulsá-los dali de uma vez por todas. Furiosas e frustradas, as tropas austríacas cercaram e mataram 150 camponeses sérvios na cidade de Lešnica. As atrocidades da guerra aumentavam.

O contra-ataque sérvio foi preparado pelo general Putnik, que três semanas antes tinha sido detido pelos austríacos em Budapeste. A Batalha do Jadar, que durou três dias e culminou com uma retirada austríaca em 19 de agosto, foi a primeira vitória das potências da Tríplice Entente. “Essa guerra é uma tarefa horrível para nós, mas morro de rir ao ver esses sujeitos correrem”, comentou um oficial sérvio. Em uma semana, os austríacos tinham evacuado Šabac e retiravam-se através do Sava para a Áustria. Para explicar sua derrota, o Departamento de Imprensa de Viena anunciou que todas as forças austríacas deveriam concentrar-se na batalha contra a Rússia, que a invasão da Sérvia seria considerada apenas uma “expedição punitiva” e que a verdadeira ofensiva aconteceria “numa ocasião mais favorável”.

Para uma mera ação punitiva, a batalha teve pesados custos, com pelo menos 6 mil soldados austríacos mortos, 30 mil feridos e 4 mil feitos prisioneiros. Contudo, as perdas sérvias não foram pequenas: 3 mil soldados sérvios foram mortos e 15 mil ficaram feridos. O número total de mortos, 9 mil, sobrevive como uma simples estatística: como sucede em todas as batalhas, quase nada é revelado acerca de 9 mil casos de sofrimento individual e de terror na ação e na previsão da morte ou acerca da dor de milhares de mães, pais, irmãos, viúvas e órfãos. O correspondente do *Times* que reportou a batalha comentou: “É difícil calcular as perdas austríacas, pois muitos que caíram só foram descobertos quando o penetrante odor de carne decomposta começou a revelar a presença de corpos em bosques ou em campos não ceifados.”

Os retrocessos austríacos na Sérvia formavam um forte contraste com os sucessos alemães na Bélgica. Após a captura de Liège, o Exército alemão deslocou-se rapidamente através da Bélgica, obrigando o governo a deixar Bruxelas rumo à Antuérpia. Em 17 de agosto, numa tentativa malsucedida de conter os alemães em Tienen, as tropas belgas sofreram pesadas baixas, chegando a 1.630 homens mortos ou feridos. Dois dias depois, a fortaleza belga de Namur, a maior em dimensões com exceção de Liège, foi cercada. Uma guarnição de 27 mil homens enfrentou cinco

divisões alemãs. “Essa chacina causou certa ansiedade no quartel-general do 5º Exército, mas não passou pela cabeça de ninguém que a cidade, rodeada por nove fortes, não conseguiria resistir durante pelo menos alguns dias, tempo suficiente para que o general Lanrezac atravessasse o Sambre e, apoiando sua direita na fortaleza, aplicasse um golpe decisivo aos atacantes”, recordou o capitão Spears, oficial britânico de ligação.

As esperanças estratégicas e a realidade militar não eram semelhantes. Em Bruxelas, o diplomata americano Hugh Gibson escreveu em seu diário em 19 de agosto: “Há multidões fugindo do leste em variados estados de pânico, e algumas pequenas forças de cavalaria também se retiraram para a cidade, fatigadas e desencorajadas. Houve, sem dúvida, uma derrota.” No mesmo dia, mais ao sul da frente ocidental, no ponto em que as tropas francesas avançavam para a Alsácia e aproximavam-se da cidade de Mulhouse, seiscentos soldados franceses foram mortos nas aldeias de Zillisheim e Flaxlanden. Tinham chegado a quinze quilômetros do Reno, mas não conseguiram avançar mais. Entre os mortos estava o general Plessier, o primeiro general francês a morrer num campo de batalha em 1914.

No dia seguinte, enquanto os fortes de Namur sofriam o impacto do superior poder de fogo dos alemães, suas tropas entravam em Bruxelas, a primeira capital europeia a ser ocupada por um exército de conquista desde a queda de Paris em 1870. Bruxelas não era ocupada desde os tempos de Napoleão. Naquele dia, uma parada militar celebrou a vitória germânica. Entre outros, desfilaram cem veículos motorizados, cada um com uma metralhadora montada; baterias de regimentos de cavalaria e de artilharia, cada um com sua banda; e colunas de Infantaria precedidas por pífaros e tambores. “Alguns regimentos tinham um belo aspecto”, noticiou um jornal britânico. “As tropas estavam em boas condições e impressionaram muito os cidadãos.”

Nos momentos de esplendor da conquista ou durante o descanso, as tropas podiam esquecer a realidade dos campos de batalha, mas para aqueles que tinham estado na frente, ou mesmo perto dela, enquanto avançava rapidamente, um mundo novo e cruel estava sendo imposto sobre as convenções aceitas entre exércitos em guerra. Para o capitão Spears, que estava com o 5º Exército Francês havia duas semanas, esse momento chegou na tarde de 20 de agosto, quando se sentou numa colina com um oficial francês para observar os campos, cidades e aldeias do vale do Sambre, ao sul de Charleroi.

Um cão ladrava para um rebanho de ovelhas. Uma jovem cantava enquanto caminhava por uma trilha atrás de nós. De uma pequena fazenda à direita vieram vozes e risos de alguns soldados que cozinhavam seu jantar. A escuridão foi crescendo enquanto a luz declinava. Então, sem

qualquer aviso, com tamanha surpresa que nossos olhos começaram a tentar ver o que nossas mentes não conseguiam perceber, vimos o horizonte explodir em fogo.

Tratava-se de um bombardeio da artilharia alemã numa frente alargada. Com o céu ao fundo, viam-se vários focos de incêndio.

Sentimos um arrepio de horror. Subitamente, parecia que a guerra assumia um aspecto cruel, terrível, que não tínhamos visto até então. Para nós, tinha sido uma guerra como a concebíamos, com golpes duros e luta direta, mas ali, pela primeira vez, sentimos como se alguma Coisa horrível, totalmente desapiedada, avançasse em nossa direção para pegar-nos.

Enquanto dois oficiais, um britânico e um francês, olhavam para o bombardeio contínuo e para o fogo por todos os lados, tornava-se claro que “para sobreviver era necessário ir além da exaustão, caminhar quando o corpo clamava por cair e morrer, disparar quando os olhos estavam cansados demais para fazê-lo, manter-se acordado quando um homem teria dado sua esperança de salvação pela possibilidade de dormir. Percebemos também que, para levar o corpo além de seus poderes físicos e para obrigar a mente a trabalhar muito depois de ter desistido de sua capacidade de pensar, só o desespero poderia fornecer a força motivadora”.

Esse sentimento tornou-se verdadeiro para todos os exércitos, em todas as frentes, que encontravam condições ainda piores do que Spears podia imaginar em seu aterrorizador momento de revelação. Um aspecto dominante da terceira semana de agosto, com os exércitos a movimentarem-se rapidamente, foi a fuga de civis. Quando o exército de Bülow dirigiu-se para Charleroi, milhares de belgas fugiram da cidade e das aldeias vizinhas. Spears, que presenciou uma fuga em Chimay, de onde o 5º Exército Francês se retirara, recordou: “Estávamos, pela primeira vez, em contato com o Grande Pânico. Era a vanguarda de uma população aterrorizada e desenraizada, que fugia de um terror assassino, que destruía e queimava tudo o que encontrava.”

Nesse dia, tropas francesas, cujos companheiros, seis dias antes, haviam marchado com tanta confiança para a Lorena, foram derrotadas em Morhange após uma das primeiras chacinas da guerra. Com o 2º Exército Francês em retirada, muitas tropas reportaram estar no limite de sua resistência. O 20º Corpo era comandado pelo general Foch, que mais tarde escreveu: “Os caminhos estavam bloqueados por colunas de abastecimento e por magníficos automóveis procedentes de Nice. Em 21 de agosto, tivemos de continuar a retirada (...) Fui para Nancy. Eles queriam evacuar a cidade. Eu disse: ‘O inimigo está a dois dias de marcha de Nancy e o 20º Corpo está lá. Não marcharão sobre nós sem protesto!’” Foch tinha razão. Três dias

depois do início da retirada, seu corpo iniciou uma ofensiva. As forças alemãs, que haviam chegado a Dombasle, treze quilômetros a sudeste da cidade, avançaram e depararam-se com uma temível barragem de 48 canhões de 75mm, sendo obrigadas a retirarem-se, em desordem, para Le Léomont, uma fazenda cinco quilômetros a leste.⁷ Foram também expulsas de Lunéville, cidade em que foi assinado o Tratado de Lunéville, em 1801, alargando a fronteira leste da França até a margem esquerda do Reno.

Durante a curta ocupação alemã de Lunéville e de Gerbéviller, dezesseis quilômetros ao sul, foram cometidas atrocidades contra civis. As tropas alemãs também atravessaram a estrada Lunéville-Dombasle, entrando na aldeia de Vitrimont. Apesar de terem sido expulsos ao fim de 48 horas, os alemães queimaram todas as casas que ainda não tinham sido destruídas ou danificadas por bombardeios anteriores. Dois anos depois, as casas arruinadas ainda estariam sendo restauradas, com a ajuda de duas mulheres americanas e de subsídios fornecidos pelos governos francês e americano para a recuperação de propriedades danificadas. “A senhora americana que dirige os trabalhos e que se instalou num local isolado, afastado do monte de escombros que foi outrora a cidade de Vitrimont, deu-nos, talvez melhor do que ninguém, mostras de por que a França, sob todas as circunstâncias, continuará a lutar até que se consiga uma paz indestrutível”, noticiou o *Times* em 18 de janeiro de 1917.

Em Sarrebourg, a nordeste de Lunéville, no que havia sido a frente do 2º Exército Francês, sete soldados franceses renderam-se e foram mortos em 21 de agosto. Esse episódio foi um dos poucos a ser julgado no pós-guerra. O julgamento realizou-se num tribunal alemão, e os acusados eram oficiais alemães. O major Crusius admitiu sua responsabilidade. “Um francês caído no solo parecia estar morto”, disse um soldado alemão em tribunal. “O major Crusius empurrou o corpo com o pé. Na terceira vez, o homem moveu-se e abriu os olhos.” Crusius ordenou então que o homem fosse abatido com um tiro. Vários soldados se recusaram a cumprir a ordem, mas então um homem “apontou para a cabeça do francês e disparou”.⁸

Nesse dia, na aldeia de Bleid, perto da fronteira, já no interior da Bélgica, a ocidente de Longwy, o comandante de um pelotão alemão, de 23 anos de idade, adiantando-se com três homens, viu perto de uma casa, no extremo da aldeia, quinze ou vinte soldados franceses tomando café. Sem chamar o resto de seu pelotão, o jovem oficial abriu fogo, matando ou ferindo metade dos franceses e tentando conseguir tempo para atacar com todos os seus homens e capturar a vila. No mesmo dia, mais tarde, o comandante voltou a atacar e explicou a seus superiores: “Como eu não queria ficar inativo com meu pelotão, decidi atacar o inimigo que estava à nossa frente.” Erwin Rommel agiria da mesma forma 27 anos mais tarde, flagelando as forças britânicas no norte da África e mostrando sua audácia pela primeira vez.

Em 21 de agosto, os cidadãos de Bruxelas viveram o primeiro dia da ocupação.

Nessa data, Edith Cavell escreveu à revista *Nursing Mirror*: “Alguns belgas falaram com os invasores em alemão e descobriram que eles tinham ideias muito vagas sobre o que pretendiam fazer e que pensavam já estar em Paris; ficaram surpreendidos por estarem falando com belgas e não conseguiam compreender o que estavam conversando com eles.”⁹ Os alemães concederam a Edith Cavell e a outras enfermeiras britânicas que estavam em Bruxelas salvo-condutos para a Holanda, mas muitas recusaram-nos. Nessa noite, perto da aldeia belga de Saint-Symphorien, um soldado britânico, J. Parr, saiu em sua bicicleta para explorar os campos. Não retornou e encontra-se enterrado num cemitério de guerra onde os alemães mais tarde enterraram tanto seus mortos como mortos britânicos. Parr foi o primeiro soldado britânico a morrer na Primeira Guerra Mundial.

Às primeiras horas de 22 de agosto, dois exércitos alemães, um comandado por Kluck e o outro por Bülow, estavam posicionados numa larga faixa no centro da Bélgica. Tinham avançado mais de 160 quilômetros desde a fronteira alemã e estavam a mais da metade do caminho até os portos de Oostende e Dunquerque, no mar do Norte. Tropas de três nações tentavam conter esse avanço: belgas que defendiam a fortaleza de Namur, franceses que lutavam ao sul de Charleroi e homens da Força Expedicionária Britânica, que chegara à cidade de Mons no exato momento em que o 1º Exército Alemão, sob o comando de Kluck, dirigia-se para a fronteira francesa através de Mons. Os exércitos alemães tinham um total de 580 mil homens, enquanto os franceses e britânicos tinham menos de 336 mil, dos quais quase 36 mil eram britânicos. A dimensão das forças alemãs não tinha sido bem calculada pelos serviços secretos franceses, que pensavam que apenas quinze corpos do Exército alemão avançavam, quando eram, na verdade, 28 corpos divididos em 5 exércitos completos.

Refletindo sobre a natureza das tropas britânicas que, naquele momento, avançavam ao encontro das tropas alemãs ao longo de uma frente de 32 quilômetros, o tenente Walter Bloem escreveu: “Soldados ingleses? Sabíamos como eram pelas tirinhas dos jornais; casacos vermelho-escuros e curtos, com quepes pequenos e inclinados, às vezes feitos de pele de urso com tiras sob o lábio, e não sob o queixo. Havia muitas piadas sobre isso e também sobre Bismarck, que enviou a polícia para deter o Exército inglês.”

As piadas cessaram rapidamente quando os soldados britânicos, agora usando uniformes cáqui, tomaram posições ao longo do canal Mons-Condé.

4

De Mons ao Marne

Agosto a setembro de 1914

Às 7 horas da manhã de 22 de agosto de 1914, muito perto da aldeia de Casteau, cinco quilômetros a nordeste de Mons, um esquadrão de tropas britânicas do 4º Dragões da Guarda viu um grupo de soldados alemães facilmente distinguíveis em seus uniformes cinzentos. Foram disparados os primeiros tiros britânicos no continente europeu nos últimos cem anos, excluindo o conflito da Crimeia. Após o cabo E. Thomas ter disparado com seu rifle, seu comandante, capitão Hornby, desembainhou sua espada e atacou. Os alemães fugiram. Três horas depois, dois aviadores britânicos, o tenente Vincent Waterfall e o segundo-tenente George Bailey, saíram de sua base em Maubeuge para um voo de reconhecimento sobre Mons e Soignies. Quando sobrevoavam Enghien, foram abatidos pelo fogo de artilharia alemão e ambos morreram.

Então, às 11h15, os homens de uma bateria de artilharia do 5º Exército Britânico viram tropas alemãs avançarem ao longo de uma colina para atacar uma linha de postos avançados de tropas britânicas. A bateria abriu fogo. “Nossos projéteis caíram muito perto da bateria alemã, que tinha começado a disparar”, recordou o comandante do 5º Exército, general Gough. “Virei-me para o comandante da bateria e disse-lhe sem contemplações: ‘Por Deus, atinja-os!’ O comandante era Foreman, um esplêndido oficial, mas sua resposta foi desalentadora: ‘Não consigo que esses canhões disparem nem um metro mais longe.’” As armas britânicas eram de treze libras, e nem seu alcance nem seu calibre podiam ser comparados aos canhões de campanha alemães, de 75 milímetros. “Poucos minutos depois, os projéteis alemães começaram a cair em cima de nós em resposta ao nosso fogo”, acrescentou Gough.

Ao longo de 22 de agosto, os alemães avançaram contra as tropas francesas para leste da linha britânica. Em Rossignol, um cemitério militar francês com 874

sepulturas e outro cemitério próximo com os corpos de 1.108 soldados que não puderam ser identificados são lembranças da severidade da luta. Numa tentativa de expulsar os alemães de Neufchâteau, cinco batalhões franceses avançaram, com baionetas, contra nove batalhões alemães. No início do ataque, uma única metralhadora alemã matou três comandantes de batalhão, que discutiam à beira da estrada. Quarenta e oito horas depois, Joffre deu ordens: “O ataque deve ser preparado pela artilharia. A Infantaria deve esperar e não desencadear o assalto até que a distância seja tão curta que se tenha a certeza de que os objetivos serão atingidos.”

Enquanto os franceses eram chacinados em Rossignol, em Jamoigne, a cinco quilômetros de distância, uma divisão colonial francesa não estava nem sob ataque nem em ação. Contudo, seu comandante, general Leblois, não fez qualquer esforço para ir em ajuda dos seus compatriotas. Mais tarde, Joffre afastou-o do comando por “incapacidade”. Leblois defendeu sua inação com o argumento de que não havia recebido ordens para avançar. Também em 22 de agosto, perto de Virton, os homens do 5º Corpo francês entraram em pânico e recuaram para Tellancourt apesar das ordens de seus oficiais para que dessem a volta e enfrentassem os alemães. Essa precipitada retirada expôs os dois corpos franceses, adjacentes, a severos ataques.

Entre os soldados franceses mortos em combate nesse dia encontrava-se o único filho do general Foch, Germain, soldado de Infantaria, de 25 anos de idade, e o genro de Foch, o capitão Bécourt. Ambos foram sepultados numa vala comum em Yprecourt, na fronteira belga, com outros homens mortos na mesma ação.

O 5º Exército Francês, tendo sido desviado de Charleroi, chamou a Força Expedicionária Britânica em seu auxílio. Mais tarde, porém ainda em 22 de agosto, o general Lanrezac enviou uma mensagem a Sir John French pedindo-lhe que atacasse, no dia seguinte, o flanco ocidental das tropas alemãs que, a partir do Sambre, pressionavam o Exército francês para sul. O comandante-chefe britânico disse-lhe que não poderia fazê-lo. O peso das tropas alemãs que ainda se aproximavam de suas próprias forças era considerável. Para evitar que Lanrezac fosse flanqueado, contudo, pretendia manter as tropas britânicas por 24 horas no canal Mons-Condé.

Na manhã de 23 de agosto, em Obourg, a nordeste de Mons, na margem norte do canal, tropas britânicas do Regimento de Middlesex viram um grupo de soldados em uniformes cinzentos emergindo de um bosque. Entre aqueles que observavam os soldados estava um corneteiro que tinha sido membro da Guarda da legação britânica em Xangai, onde a legação germânica era protegida por suas tropas. O corneteiro reconheceu os soldados que se aproximavam como sendo alemães, observando seus uniformes cinzentos e quepes achatados. As tropas britânicas

abriram fogo. Seu comandante, major Abell, foi o primeiro oficial britânico a ser morto, tendo sido atingido na cabeça. À medida que o fogo continuava, o segundo-comandante, capitão Knowles, também foi morto, seguindo-se o segundo-tenente Hancock. Após uma prolongada troca de tiros, com muitos mortos em ambos os lados, as tropas britânicas retiraram-se.

Havia animação no quartel-general britânico. “Estou bastante avançado em relação à linha defendida pelo 5º Exército”, disse John French a Lanrezac ao justificar sua decisão de manter-se no canal de Mons. “Sinto que minha posição é tão avançada quanto as circunstâncias permitem, particularmente pelo fato de que não estou devidamente preparado para desencadear uma ação ofensiva antes de amanhã.” A esperança de uma ofensiva no dia seguinte era uma quimera. Nas seis horas que precederam a mensagem de French a Lanrezac, as forças britânicas tinham estado sob o fogo de uma força germânica muito mais numerosa, e era muito mais provável que fossem obrigadas a recuar, em vez de avançar, no dia seguinte.

Havia começado a Batalha de Mons, que marcou o primeiro grande confronto dos britânicos na frente ocidental, cuja participação tinha sido depreciada por Moltke e ridicularizada pelo Kaiser, ainda que o contraditório monarca também tenha dito que os soldados britânicos sabiam resistir. Ao longo de 23 de agosto, entre névoa e chuva, dois exércitos envolveram-se no violento confronto.

A chegada da guerra àquela região foi tão inesperada que os habitantes das aldeias próximas a Mons, onde se desenrolaram os combates mais ferozes, iniciaram seu domingo na igreja, assistindo à missa. Em muitos casos, foram pegos entre as duas linhas hostis. Os alemães, em número muito maior, surpreenderam-se com a intensidade do fogo dos rifles britânicos: o tiroteio era tão rápido que os alemães muitas vezes confundiram os rifles com metralhadoras. “As perdas foram muito severas, pois os homens aproximavam-se em formações densas, proporcionando os mais perfeitos alvos, e somente quando foram ceifados aos milhares adotaram uma formação mais aberta”, recordou o general Smith-Dorrien.¹

O pintor francês Paul Maze, que se juntara às forças britânicas como intérprete, registrou a primeira vez que viu as tropas alemãs, o que aconteceu em 23 de agosto, numa aldeia perto de Binche: “Apontei o telescópio para uma ferrovia num aterro, a cerca de 2 mil metros, e vi, num círculo de luz, muitas figurinhas cinzentas deitadas no chão. Movendo-se ao longo da via férrea, apareciam cada vez mais por trás de uma elevação no terreno.” Maze recordou também como ver os alemães causou um efeito imediato nos aldeões. “As mulheres começaram a lamentar-se e correram para suas casas, seguidas pelos homens, enquanto as crianças, cheias de curiosidade, iam atrás, virando-se para ver.” Então, os alemães aproximaram-se e começou o tiroteio.

De repente, a atmosfera mudou. Em poucos segundos, todos aqueles civis fugiam pelos caminhos enquanto a invasão, subindo como uma maré, ganhava terreno. Em suas roupas de domingo, as mulheres, com chapéus de plumas na mão, sem terem tempo de colocá-los na cabeça, a pé ou com carrinhos de mão ou bicicletas, tudo o que tivesse rodas, fugiam com seus bebês e seus homens aterrorizados.

Durante todo o dia 23 de agosto, os britânicos lutaram para manter a linha. Foi um motivo de orgulho serem menos de 36 mil, apenas cerca de 4 mil a mais que o número de soldados comandados pelo duque de Wellington em Waterloo em 1815, na última vez que o Exército britânico lutara no continente europeu. Os alemães ficaram impressionados com a tenacidade do adversário, mesmo sob pesado fogo de artilharia. “Se pensávamos que os ingleses tinham sofrido ataques suficientes, estávamos redondamente enganados, pois eles enfrentaram-nos com fogo certo”, recordou um capitão alemão. Para Walter Bloem, a piada de alguns dias antes desapareceu: “Para onde quer que se olhe, para a direita ou para a esquerda, há mortos e feridos a estrebucharem em convulsões, soltando altos gemidos, com sangue jorrando de feridas recentes. Talvez esses malditos ingleses saibam mesmo alguma coisa sobre a guerra.”

Duas semanas depois da batalha, começou a circular uma lenda que dizia que um anjo havia aparecido na batalha, “num tradicional cavalo branco, vestido em trajes brancos e com uma espada flamejante”, e que, olhando para os alemães, “proibiu que avançassem”. O anjo de Mons não foi a única alucinação naqueles dias de batalha, de marchas e de exaustão. “Se foram vistos anjos durante a retirada, como os jornais reportaram, então foram vistos naquela noite”, sugeriu o soldado Frank Richards sobre a retirada de Le Cateau três dias depois do início da batalha. “Marchar e marchar por horas e horas sem parar. Estamos no quinto dia de uma marcha contínua, quase sem dormir (...) Stevens disse: ‘Há um belo castelo aqui, estão vendo?’ Ele apontava para um lado da estrada, mas não havia nada ali. Estávamos tão cansados que quase todos víamos coisas.”

Os britânicos sofreram pesadas baixas naquele dia, com 1.600 mortos ou feridos, e perderam terreno. O cemitério comunal de Mons contém as sepulturas de 330 soldados britânicos mortos em 23 de agosto.² As forças belgas e francesas também foram obrigadas a recuar após um combate feroz. Uma tentativa francesa para avançar através da floresta das Ardenas falhou. O 17º Corpo do Exército Francês, tendo perdido sua artilharia para os alemães sem terem disparado um único tiro, fugiu, parando apenas quando estava atrás das posições que ocupava no dia anterior. Na cidade bávara de Landshut, um aluno da escola primária, de treze anos, escreveu em seu diário: “Toda a cidade está adornada com bandeiras. Os franceses e os belgas nunca pensaram que seriam derrotados tão depressa.” O nome do rapaz era Heinrich

Nem todas as unidades francesas estavam sendo derrotadas em 23 de agosto. Em Onhaye, onde o Exército alemão tinha conseguido atravessar o rio Meuse e estava a pouco mais de dois quilômetros de Dinant, o general Mangin, que comandava uma brigada que estava na reserva, avançou rapidamente com dois batalhões de um regimento de cavalaria, numa série de cargas de baioneta, e expulsou os alemães que ocupavam a aldeia.

Quando Sir John French soube, na mesma data, que o 5º Exército, do general Lanrezac, enfrentava uma queda iminente em Namur e estava em vias de ser derrotado, seu primeiro instinto foi manter sua posição. “Deterei o ataque no terreno agora ocupado pelas tropas, mas você deve reforçar sua posição por todos os meios possíveis durante a noite”, informou ele a um comandante. Porém, era tarde demais e arriscado demais. Percebendo que, com a retirada de Lanrezac, suas tropas corriam o risco de ficar isoladas, Sir John French ordenou, à meia-noite, que a Força Expedicionária Britânica se retirasse.

Em 24 e 25 de agosto, a Força Expedicionária Britânica retirou-se de Mons para o sul, através da fronteira francesa, “com os homens que caminhavam aos tropeções, mais parecendo fantasmas do que soldados”, escreveu uma testemunha. “Não tinham consciência do que se passava com eles, mas ainda conseguiam mover-se sob o impulso mágico da disciplina e do orgulho do regimento.” Durante uma escaramuça ao sul de Mons, no dia 24, viu-se um exemplo do que é chamado num perverso eufemismo de “fogo amigo” quando uma unidade alemã, que penetrava numa trincheira britânica, ficou sob fogo de sua própria artilharia.

Enquanto a Força Expedicionária Britânica iniciava sua retirada para sul, Sir John French ficava sabendo que a última fortaleza belga, Namur, tinha caído em poder dos alemães. Abalado com a notícia, e consciente da infeliz retirada de Sir John Moore para Corunha em 1808, ordenou a imediata defesa do porto de Le Havre, mais de trezentos quilômetros a sudoeste. Quando sua ordem foi discutida em Londres, receou-se que mesmo o porto de Le Havre poderia ser insustentável e que Saint-Nazaire, na costa atlântica, a mais de seiscentos quilômetros do campo de batalha, deveria ser fortificada. Não só a guerra poderia terminar bem antes do Natal, o que parecia ser possível, como também poderia terminar com uma vitória germânica. Churchill, que se encontrou com lorde Kitchener pouco tempo depois de saber sobre a queda de Namur, escreveu: “Apesar de seus modos serem perfeitamente calmos, seu rosto estava diferente. Tive a sensação de que estava distorcido e descolorido, como se tivesse sido atingido por um soco.”

Em 25 de agosto, os jornais britânicos noticiaram as condições da luta. “Trava-se um combate que até agora tem corrido mal para os Aliados” foi o comentário do

Times. E houve ainda um aviso: “Ontem foi um dia de más notícias, e receamos que as más notícias continuem a chegar.” Na manhã de 26 de agosto, no campo de batalha, o general Allenby, que comandava a cavalaria, temeu que toda a Força Expedicionária fosse cercada e capturada, como sucedera ao Exército francês em Sedan em 1870, se não prosseguisse em sua marcha para sul. Smith-Dorrien avisou, contudo, que os homens estavam esgotados. “Nesse caso, acho que não conseguirá escapar”, disse Allenby. “Lutarei”, respondeu Smith-Dorrien. Quando soube que os homens ficariam e lutariam contra tamanha adversidade, o chefe do Estado-Maior da Força Expedicionária Britânica desmaiou.³

A batalha que se seguiu, em Le Cateau, foi assustadora. Em determinada altura, a superioridade alemã em metralhadoras pareceu decisiva, mas o esforço britânico foi tal que os alemães acreditaram estar lutando com forças muito mais numerosas. Depois da batalha, que conseguiu manter a linha por tempo suficiente para permitir que milhares de homens retornassem em relativa ordem, a retirada britânica prosseguiu. O extremo cansaço de oficiais e de homens era evidente, mesmo entre as patentes mais elevadas. O próprio Allenby, esgotado pela fadiga, foi encontrado por um homem de seu pessoal, exausto e totalmente desanimado, com os cotovelos apoiados nos joelhos e a cabeça entre as mãos.

Um batalhão britânico, exausto pelos esforços despendidos em Le Cateau e incapaz de reagrupar-se para entrar em ação, recuou para Saint-Quentin. Ali, seu comandante, tenente-coronel John Elkington, concordou com um pedido do prefeito para que assinasse um documento de rendição de seus homens se os alemães entrassem na cidade enquanto recobravam forças. O prefeito, que não queria que Saint-Quentin se tornasse um campo de batalha, insistiu. Os alemães não entraram na cidade naquele dia, quando Elkington e seus homens juntaram-se às principais forças britânicas, mas o documento de rendição foi tornado público. Em consequência, Elkington foi julgado em tribunal militar e expulso do Exército. Desesperado para provar seu desejo de lutar, juntou-se à Legião Estrangeira Francesa.

Entre os soldados britânicos mortos na luta de 27 de agosto estava o segundo-tenente Carol Awdry, que, 79 anos depois, foi recordado por seu irmão: “Meu pai sentiu-se realizado quando Carol foi para o Exército. Estava preparado para aceitar os riscos da guerra, que tinha sido declarada poucas semanas antes, mas ficou totalmente destroçado com a morte do filho em 27 de agosto. Ele e Carol tinham feito tudo juntos.”⁴ Todos os dias, durante mais de quatro anos, homens e mulheres por toda a Europa receberam a chegada de um telegrama anunciando que haviam perdido um filho, um irmão ou um marido. Diariamente, todos sabiam que podiam encontrar o nome de um parente, um amigo ou alguém muito querido na lista de mortos em combate.

A exaustão dos homens foi recordada por todos aqueles que lutaram em 27 de

agosto. Uma testemunha ocular recordou:

Os oficiais acordaram os sargentos, e os homens foram procurados e obrigados a porem-se de pé. Não se sabe como conseguiram formar uma coluna. Então, a coluna pôs-se em movimento, com condutores e soldados de cavalaria dormindo em suas selas, a Infantaria cambaleante enquanto marchava, todos os homens tremendo de frio e de medo, com fome, mas, sob o miraculoso poder da disciplina, caminhando arrastadamente.

Marchavam e lutavam. O tenente alemão Walter Bloem recordou a resistência de dois oficiais britânicos e 25 soldados de Infantaria que, isolados do restante batalhão, lutaram até quase todos, à exceção de quatro homens, estarem mortos. Os quatro sobreviventes foram feitos prisioneiros. Bloem foi testemunha do que aconteceu depois e escreveu: “A caminho, tropeçamos no corpo de um soldado britânico morto, caído entre o mato, com o crânio aberto, e outro com uma baioneta espetada no peito.” Do outro lado da retirada de 27 de agosto, Paul Maze testemunhou a última fase de uma ação britânica contra uma unidade alemã de cavalaria.

Havia alguns alemães escondidos em montes de feno, nos quais os homens davam estocadas com lanças e espadas, e eu ouvi gritos aterradores. Os cavalos estavam muito agitados, como os homens, que mostravam uns aos outros o sangue que escorria da lâmina das espadas. Outros estavam ocupados em recolher lembranças. Enquanto isso, eu ajudava um alemão ferido, que vomitava groselheira em grande quantidade. Num inglês ruim, ele me disse que tinha saído do Ritz, em Londres, apenas vinte dias antes, onde trabalhava.

À semelhança do Anjo de Mons, outra aparição, mais duradoura, surgiu pela primeira vez no campo de batalha na última semana de agosto. Segundo os registros de um oficial britânico, vários homens ficaram psicologicamente abalados e foram evacuados para a Grã-Bretanha por se sentirem “acabados” após a experiência da retirada. Um mês depois, nos hospitais de base na França, o tenente-coronel Gordon Holmes, perito em distúrbios nervosos, “viu frequentemente exemplos de grave histeria associada a simples feridas provocadas por balas ou outros projéteis ou mesmo a simples contusões nas costas, nos braços e nas pernas”. No final do ano, mais de cem oficiais britânicos e oitocentos homens tinham recebido tratamento devido a doenças nervosas, algo então conhecido como uma “severa perturbação mental que afeta o indivíduo temporariamente e torna-o incapaz de manter-se em serviço”. Na parte final da guerra, cerca de 80 mil oficiais e soldados eram incapazes de continuar nas trincheiras, e muitos foram considerados incapazes até de serem mantidos no Exército devido a distúrbios nervosos, inclusive o que ficou conhecido

como “trauma de guerra”.

Durante um contra-ataque francês em Richaumont, em 27 de agosto, o comandante de um regimento de guardas germânico, príncipe Eitel Friedrich, viu seus homens recuarem e imediatamente começou a tocar um tambor. A cena do segundo filho do Kaiser mantendo toda a firmeza no meio da agitação estancou o pânico, e, assim, as tropas alemãs voltaram a defrontar os atacantes. Isso constituiu, contudo, apenas um pequeno sucesso localizado, pois um contra-ataque em larga escala conduzido pelo general Lanrezac contra o 2º Exército Alemão, no mesmo dia, foi tão forte que obrigou o distante 1º Exército a voltar de seu ataque em torno de Paris para ajudar os colegas em perigo. Nesse dia, Joffre criou um comando especial para o general Foch, retirando homens de outros grupos para formar o 9º Exército, com o qual pretendia conter o avanço alemão. Entre os oficiais realocados estava o coronel Weygand.⁵ A força improvisada estava cheia de determinação para readquirir a vantagem para a França.

A guerra estava adquirindo um novo impulso com o abandono de planos fixos e falhos e a inovação da improvisação. O conflito também estava ganhando novos opositores. Em 27 de agosto, num artigo do *Daily Citizen*, o jornal do Partido Trabalhista Independente, um jornalista socialista, Clifford Allen, clamou por um protesto generalizado dos trabalhistas contra a guerra. Allen declarou: “Se, por meio de uma campanha nacional, denunciarmos incessantemente a participação britânica nesta guerra — e não apenas a guerra em geral —, valerá para todo o sempre que a voz do socialismo nunca foi calada com argumentos enganadores de diplomatas para justificar uma guerra perversa.”

Os nomes dos diplomatas de todas as nações envolvidas no conflito tornaram-se conhecidos durante agosto, pois todos os governos publicaram os telegramas diplomáticos e memorandos que conduziram à guerra, cuidadosamente escolhidos para mostrar que a responsabilidade pelo conflito residia em outro local. Ao publicar seu artigo antibelicista em forma de panfleto, Clifford Allen escreveu: “Não devemos justificar o sofrimento humano com as horas e datas dos despachos dos embaixadores.”

Enquanto a oposição à guerra defrontava as prevalecentes ondas de sentimento patriótico, a Legião Estrangeira Francesa, composta por 10 mil homens e baseada no norte da África, via-se afogada em candidaturas de novos membros que desejavam lutar na Europa. Nos sete meses seguintes a 21 de agosto, quando foi iniciado o recrutamento, alistaram-se 32 mil não franceses, entre os quais 5 mil italianos, mais de 3 mil russos, 1.467 suíços, 1.369 tchecos, mil alemães (todos dispostos a lutar contra a Alemanha) e mais de cem americanos. Entre esses americanos estava

William Thaw, de Pittsburgh, que escreveu para casa em 30 de agosto:

Terei uma participação, ainda que pequena, na maior e provavelmente última guerra da história, que aparentemente evoluiu para uma luta da civilização contra o barbarismo. Essa razão pode soar um pouco grandiloquente e dramática, mas concordariam comigo se ouvissem as histórias de soldados franceses, belgas e britânicos que regressaram da frente.

Nessa carta, Thaw dá uma amostra da variedade de legionários que treinavam com ele, incluindo “um professor de Colúmbia (conhecido como Shorty), um velho tutor com numerosos doutorados e mestrados, um pregador da Geórgia, um apostador de jogos do Missouri, um antigo pugilista de pesos leves, dois obscuros cavalheiros de pele morena, vindos da Luisiana e do Ceilão, um par de sujeitos durões da gangue Gopher, da parte sul de Nova York, um sueco, um norueguês, vários poloneses, brasileiros, belgas etc.”. Para Thaw, era como a escola, exceto que, em vez de ser castigado “por ser travesso, recebe-se rações reduzidas e podemos ir parar na prisão”.

No final de agosto, as tropas britânicas, durante sua tenaz luta na retirada, foram consideravelmente ajudadas por um contra-ataque francês em Guise. Também foram beneficiadas pela diversão de 3 mil homens da Brigada de Infantaria da Marinha Real, que foram enviados pelo mar do Norte para Oostende, fazendo a travessia sem incidentes apesar da presença de submarinos alemães. O alto-comando alemão ficou preocupado com os números que apareceram nos relatórios, que sugeriam que a força da Marinha inimiga era muito mais vasta do que realmente era. Correu o boato de que não se tratava de tropas britânicas, mas de soldados russos que tinham sido trazidos por mar desde o norte da Rússia até a Escócia e que depois foram levados rapidamente, por trem, para portos do canal. Foi mencionada a cifra de 80 mil homens, que foi crescendo até “pouco menos de 1 milhão”.

Os viajantes britânicos, segundo o rumor, haviam visto esses russos, “com neve nas botas”, em várias estações da estrada de ferro que se dirigia para sul. O *Times* noticiou o rumor de que os russos tinham desembarcado no porto escocês de Leith e que “foram transportados, durante a noite, em centenas de trens diretamente para portos na costa sul”, de onde foram enviados, através do mar do Norte, para a Bélgica. “Diz-se, a confirmar, que passageiros que se encontravam a altas horas em estações de trem por todo o país viram longos trens, uns atrás dos outros, com as cortinas fechadas, mas mesmo assim deixando ver homens de olhar feroz, barbudos, usando barretes de pele.”

Durante sete dias, na vizinhança de Oostende, a Brigada de Infantaria da Marinha

Real deu aos alemães a impressão de ser uma força muito maior, mas logo depois regressou à Grã-Bretanha. A última divisão de soldados regulares que estava na Grã-Bretanha já tinha sido enviada para a França, desnudando as ilhas britânicas de seu Exército profissional na eventualidade de uma invasão alemã. Foram tempos difíceis para a Grã-Bretanha, pois a Alemanha tinha tropas suficientes para colocar uma força considerável na costa leste. Com a ajuda de um nevoeiro ou até mesmo da sorte, tal armada podia evitar ser interceptada pela Marinha britânica. Porém, em 28 de agosto, numa ação naval na enseada de Helgoland, três cruzadores alemães foram destruídos e três outros foram danificados. Morreram setecentos alemães e 35 britânicos. Nenhum navio britânico foi afundado. O perigo de uma invasão diminuiu. “Todos estão loucos de alegria com o sucesso de nossa primeira vitória naval”, escreveu à sua mulher o triunfante almirante britânico que comandara a ação. Num incidente que pareceu favorecer a sobrevivência do cavalheirismo, duzentos marinheiros alemães de um cruzador destruído foram salvos pelos britânicos.

Na Alemanha, a chegada de prisioneiros de guerra tornou-se familiar. Em 30 de agosto, em Landshut, Himmler, ainda na escola, escreveu em seu diário: “A estação estava cheia de curiosos cidadãos de Landshut, que eram cruéis e quase violentos com os *gravemente* feridos franceses (que estão seguramente piores do que nossos feridos, pois são prisioneiros) que recebiam pão e água.”

Na mesma data, numa edição dominical de guerra, o *Times* publicou um artigo de um dos seus mais experientes correspondentes, Arthur Moore, que tinha acompanhado as tropas britânicas durante a retirada de Mons. Já em Amiens, Moore relatou a “terrível derrota” de Mons uma semana antes e descreveu os “fragmentos de muitos regimentos” e os soldados britânicos “abatidos pela marcha”. O público britânico ficou chocado. Para um historiador, o texto “caiu como um trovão sobre uma confiante nação que espera notícias de vitórias famosas e criou consternação num gabinete que já estava alarmado com a falta de boas notícias vindas da frente”.⁶ Nesse dia, o governo britânico, que doze dias antes tinha encomendado 162 mil cartuchos, duplicou a encomenda.

O comandante-chefe, Sir John French, duvidava de que as forças francesas no campo de batalha, muito mais vastas do que as suas próprias, pudessem conter o avanço do Exército alemão, que tinha rechaçado as forças anglo-francesas para além do rio Aisne em 30 de agosto. No dia seguinte, tropas coloniais francesas que atacavam a leste de Gerbéviller foram confrontadas com metralhadoras alemãs que as aniquilaram. Perto dali, um regimento da reserva francês quebrou as defesas alemãs em meia hora, mas, como os planos de batalha previam três horas de assalto, as posições alemãs continuaram a ser bombardeadas pela artilharia francesa de forma tão severa que as tropas que já haviam tido sucesso foram obrigadas a regressar aos seus pontos de origem. Em poucos dias, uma divisão de 14.500 homens ficou reduzida em 8 mil combatentes.

Em 31 de agosto, Sir John French escreveu a Londres, informando que pretendia retirar a Força Expedicionária Britânica que estava além de Paris, abandonando os exércitos franceses ao seu destino. Muitos soldados britânicos estavam “despedaçados”, escreveu ele a um amigo, e todos precisavam de “descanso para recompor-se”. Se a Grã-Bretanha aumentasse seis vezes o número de seus homens de Infantaria e quatro vezes sua cavalaria, acrescentou ele causticamente, “eu chegaria a Berlim em seis semanas sem qualquer ajuda francesa”. Sem poder obter reforços nessa escala impossível, seu plano era separar sua força das tropas francesas e retirar-se da linha.

A atitude de French chocou todos aqueles cujas forças o comandante-chefe devia assistir. Em 31 de agosto, Joffre apelou diretamente ao primeiro-ministro francês, René Viviani, para que interviesse no sentido de “conseguir que o marechal de campo, French, não executasse sua retirada de forma rápida demais e que reconsiderasse conter o inimigo que estava na frente britânica”. O recém-formado Conselho de Guerra britânico ficou tão chocado com a atitude de seu comandante-chefe que lorde Kitchener foi enviado à França para explicar pessoalmente aos dirigentes dos exércitos franceses que continuavam tendo o apoio contínuo da Grã-Bretanha. Os dois homens encontraram-se em Paris em 1º de setembro. Quando o encontro terminou, Kitchener telegrafou para Londres com notícias sobre a bem-sucedida conversa: “As tropas de French estão na linha de luta, onde se manterão de acordo com os movimentos do Exército francês.”

Depois de seis dias de marcha contínua para sul, o 5º Exército, do general Lanrezac, tinha chegado a Craonne. O capitão Spears foi testemunha do sofrimento dos soldados franceses, que registrou:

Cabisbaixos, em calças vermelhas e casacos azuis cujas cores não se distinguem devido à poeira, esbarrando em transportes, em carros abandonados, uns nos outros, por estradas intermináveis, olhos cheios de pó que reduzem a visão da escaldante paisagem, permitindo que vissem claramente apenas o primeiro plano de mochilas tiradas, homens prostrados, e aqui e ali um canhão abandonado. Cavalos mortos e moribundos que deixavam cair suas cargas, fatigados, aos montes à beira das estradas. Pior ainda, cavalos morrendo, por vezes lutando um pouco, um estranho apelo feito com os olhos, fitando para as colunas que passam cobertas de poeira, lábios endurecidos e narinas sedentas.

O calor naquele dia foi intenso. Muitos homens, “totalmente esgotados, vencidos pela fadiga ou pelo calor do sol, caíam e ali ficavam, no local onde caíam, mas a centelha do dever e o espírito de sacrifício sobreviviam e latejavam no Exército”.

Um general francês, crendo que tudo estava perdido, pensou em suicidar-se, mas

ultrapassou seu desespero. O comandante Duruy, que estava retirado desde Namur, disse ao capitão Spears que, ao cruzar com centenas de homens que literalmente fugiam para sul, colocou-se no meio da estrada e gritou-lhes para que parassem, mas eles não prestaram a mínima atenção. “Duruy, ao ver o medo a rondar seus ombros e o pânico que reinava nas suas almas, sacou sua pistola e disparou, mas os homens tropeçaram nos que jaziam prostrados e continuaram, sem sequer tentar escapar à arma apontada”, registrou Spears.

Na aldeia de Néry, na extrema direita da linha alemã, a 4ª Divisão de Cavalaria alemã, ao avançar em 1º de setembro, numa manhã nevoenta, atingiu a parte da linha defendida pelos três regimentos da 1ª Brigada de Cavalaria britânica. Uma unidade de artilharia britânica, chamada bateria “L”, foi surpreendida pela inesperada rapidez do avanço alemão. Seus cavalos ainda presos quando veio o ataque. Em poucos minutos, os inimigos haviam dominado dois canhões e seus respectivos artilheiros. Os homens que operavam o outro canhão resistiram. O oficial no comando, capitão E. K. Bradbury, apesar de mortalmente ferido, insistiu em dirigir o fogo até morrer. Ele e dois homens que continuaram a disparar o canhão receberam a Cruz Vitória. Três cruzeiros Vitória em praticamente três minutos. “Para os homens de cavalaria da primeira guerra, a lenda da bateria ‘L’ em Néry tornou-se como que um santuário guardado no fundo do coração, onde se podia prestar um orgulhoso e secreto tributo de afeto e de respeito à sua querida artilharia montada e aos seus artilheiros, que nunca os decepcionaram”, escreveu Spears.

Com as ações do capitão Bradbury em Néry, a 4ª Divisão de Cavalaria germânica foi dispersada e não pôde desempenhar um papel significativo na batalha decisiva que se aproximava.

Enquanto a retirada anglo-francesa continuava em direção ao Marne, um avião alemão sobrevoou Paris e lançou várias bombas e folhetos anunciando a derrota dos exércitos da França e da Rússia. Assim, ao mesmo tempo que milhares de refugiados belgas entravam na cidade, vindos do norte, dezenas de milhares de parisienses começaram a dirigir-se para sul e para oeste, por estradas e ferrovias e pelo rio. Foram cortadas árvores, erguidas barricadas e cavadas trincheiras nas principais avenidas que conduziam à cidade. O próprio governo, que acompanhava a opinião pública, partiu para Bordeaux em 2 de setembro, o que precipitou um êxodo ainda maior. De uma população de 3 milhões de habitantes em tempos de paz, mais de 1 milhão de parisienses fugiram. Nesse dia, a dura realidade da ocupação militar tornou-se clara em Bruxelas, quando o recém-empossado governador alemão, marechal de campo e barão Goltz, emitiu uma proclamação que dizia: “É na estrita necessidade da guerra que a punição por atos hostis recai não somente sobre os culpados, mas também sobre os inocentes.”

A “estrita necessidade da guerra” ficou evidente na França, onde, a pouco mais de quarenta quilômetros de Paris, as tropas alemãs, ao atravessarem a antiga cidade de Senlis, fizeram como reféns o prefeito, Eugene Odent, e seis cidadãos. Todos foram levados para um campo fora da cidade e fuzilados. Além do prefeito, as vítimas foram um curtidor, um carroceiro, um garçom, um motorista, um ajudante de padeiro e um quebrador de pedras. Uma pintura do século XIX pendurada na prefeitura da cidade mostrava a execução de quatro reféns pelos habitantes de Armagnac, o que acontecera cerca de quinhentos anos antes, em 1418, quando a cidade foi cercada pelos borguinhões. “Passaram séculos, mas vê-se que, no que diz respeito a reféns, os alemães mantêm a atitude mental da Idade Média”, comentou o guia Michelin publicado em 1917 sobre as batalhas do Marne.

Uma hora antes da meia-noite de 1º de setembro, o alto-comando francês teve conhecimento de uma importante informação dos serviços secretos militares, que apontava, em detalhes, para onde seguiria o 1º Exército Alemão. Um oficial alemão, conduzindo um carro do quartel-general de Kluck para seu próprio quartel-general, havia tomado, por engano, um caminho que o levara diretamente a uma patrulha francesa, tendo sido morto. Sua mochila, que continha alimentos, roupas e vários documentos empapados em sangue, foi levada ao oficial dos serviços secretos franceses, coronel Fagalde, que descobriu um mapa que não só assinalava a posição precisa das forças de Kluck, o que já era uma informação de grande valor, como mostrava, a lápis, as linhas de avanço que seriam utilizadas no dia seguinte. Não se dirigiam para sul, ao encontro do 6º Exército Francês, comandado por Maunoury, e para Paris, mas para sudeste, ao encontro da Força Expedicionária Britânica e do rio Marne.

Nessa noite, o ponto mais a sudeste do avanço alemão era a vila de Longpont, situada num ponto indefensável entre os homens da Força Expedicionária Britânica e do 5º Exército Francês, sob o comando de Lanrezac. Esses pontos, onde se reúnem os exércitos, são sempre fracos. Por um incidente, os comandantes anglo-franceses haviam recebido uma chave de ouro, sabendo exatamente para onde dirigir o 4º Exército, que não precisaria, assim, defender Paris de um assalto direto.

A Força Expedicionária Britânica chegou ao Marne em 2 de setembro. “As tropas recuperam sua disposição e ficam mais capazes a cada dia”, escreveu o general Smith-Dorrien em seu diário. “O que mais desejam é a ordem de avançar e atacar o inimigo, mas tal não é possível com o atual movimento para trás do Exército francês”, continuou ele. Dada a rapidez do avanço alemão e a inesperada direção que tomou, não pareceu surpreendente que uma patrulha de cavalaria capturasse Arthur Moore, correspondente do *Times* cujos textos sobre a retirada de Mons tanto tinham alarmado a Grã-Bretanha.⁷

No dia seguinte, a Força Expedicionária Britânica atravessou o Marne, explodindo as pontes pelas quais já haviam passado. Em treze dias, tinham recuado quase 240 quilômetros. O escárnio do Kaiser ao falar num exército “pequeno a ponto de ser desprezível” parecia quase justificável, mas as forças em retirada haviam lutado durante todo o percurso e realizado dúzias de ações. Os homens dormiam apenas quatro horas por noite, por vezes menos, e estavam tão exaustos que um oficial, ao referir-se a elas, disse: “Nunca achei que homens tão esgotados e tão esfomeados pudessem sobreviver.” Outro oficial, o tenente George Roupell, que mais tarde receberia a Cruz Vitória por bravura, escreveu em seu diário sobre os homens “fisicamente fracos devido a longas marchas e mentalmente fracos devido à contínua tensão de nunca estarem fora do alcance das armas inimigas”. Roupell acrescentou: “É pouco surpreendente que em tais condições haja traços de pânico e perdas de controle.”

Em 3 de setembro, no mar do Norte, o submarino alemão U-21 afundou o cruzador britânico HMS *Pathfinder*, o primeiro navio de guerra a sucumbir ao lançamento de um torpedo, matando 259 marinheiros. O submarino era uma nova arma de guerra, que tinha a vantagem de poder atacar e fugir sem ser visto. Os alemães pretendiam utilizar sua frota de submarinos para destruir os navios aliados, prejudicando o esforço de guerra e desmoralizando os países. Houve contramedidas, incluindo choques com outros navios, ataque de superfície, cargas de profundidade e até mesmo ataques aéreos. Os aviões, em particular, eram ajudados com a decifração de mensagens alemãs, uma ciência em que os britânicos eram excelentes. Contudo, a destruição provocada pelos submarinos alemães continuaria até os últimos dias da guerra, arruinando os abastecimentos aliados transportados por mar.

No dia em que os alemães tiveram seu primeiro sucesso com um ataque de submarino, um piloto britânico, o tenente Dalrymple-Clark, efetuou o primeiro bombardeio estratégico, que foi feito perto da fronteira franco-belga. De acordo com o relatório oficial, “lançou uma bomba sobre cerca de quarenta alemães, deixando alguns claramente feridos”. Outros pilotos, numa ação conjunta com esquadrões de carros blindados, devastaram as patrulhas motorizadas alemãs que se deslocavam ao longo das estradas. O cônsul britânico em Dunquerque informou a Londres que esses ataques combinados tiveram “um extraordinário sucesso”, tendo perturbado os alemães que avançavam.

Os belgas também utilizaram esquadrões de carros blindados. Quando enfrentavam um esquadrão alemão também blindado, as semelhanças eram mais do que apenas os carros, pois tanto alemães como belgas tinham a mesma metralhadora Lewis, inventada pelo major americano Isaac Newton Lewis (cujos pais claramente anteciparam as capacidades inventivas) e repetidamente recusada pelo Departamento de Guerra Americano. A metralhadora podia disparar entre 100 e 500 balas por minuto. Nos confrontos ocorridos na Bélgica, recordou o correspondente de guerra

E. Alexander Powell, “vi árvores tão largas quanto um homem serem literalmente cortadas pela cadência de fogo daquelas armas”.

Em 3 de setembro, o Exército alemão estava a apenas quarenta quilômetros de Paris. Nesse dia, na aldeia de Baron, o compositor Albéric Magnard, de 49 anos, barricou-se em sua casa e abriu fogo contra os alemães, que gritavam para que ele saísse de casa, chegando a matar um soldado. Os alemães colocaram fogo na casa, usando palha e granadas, e Albéric morreu no interior de sua residência. Então, a aldeia foi saqueada. O saque também marcou, nesse dia, a captura de uma aldeia próxima, chamada Ermenonville, onde o filósofo Jean-Jacques Rousseau morrera em 1778.

Durante o dia 3 de setembro, várias patrulhas da cavalaria alemã avançaram até Écouen, a apenas doze quilômetros de Paris, cujos cidadãos aguardavam um assalto alemão. Soube-se que, para noroeste, unidades alemãs tinham chegado ao Sena, explodindo uma ponte sobre o rio em Pontoise. Os parisienses estavam muito preocupados com a possibilidade de que Paris ficasse entregue, como acontecera com Bruxelas duas semanas antes, mas a disposição melhorou um pouco quando foi publicada uma proclamação do governador militar da cidade, general Gallieni, que dizia: “Recebi ordens para defender Paris contra o invasor. Elas serão cumpridas até o fim.”

Para defender Paris, Gallieni contava com um exército recentemente formado, sob o comando do general Maunoury. Como ambos esperavam uma chacina, o exército entrincheirou-se em torno do perímetro da cidade. Contudo, os alemães tinham caído numa armadilha criada pela retirada dos franceses, que desviaram as tropas inimigas para leste de Paris e sul do Marne, alargando bastante suas linhas de abastecimentos e comunicações. Ao perseguirem as forças anglo-francesas em retirada, não para Paris, mas para além do rio Marne, os alemães perderam a possibilidade de tomar a capital, pois as forças anglo-francesas já se prepararam novamente para a batalha. “Estava sendo organizado, para aquela noite, um recuo de cerca de vinte quilômetros em direção ao Sena, para tirarmos vantagem da escuridão e encobrirmos nossos movimentos”, escreveu Smith-Dorrien em seu diário. “Também se queria evitar o forte calor do sol, tão penoso para homens e cavalos.”

Havia outros perigos. Para Smith-Dorrien, uma retirada era sempre “uma operação perigosa no que diz respeito à disciplina, e houve muitos casos de extravios desnecessários e saques. Nessa noite, cinco homens serão julgados em tribunal marcial. As perdas de oficiais em algumas unidades tornam muito difícil manter um padrão de disciplina conveniente, em especial porque as tentações são muito grandes devido à hospitalidade dos habitantes e ao abandono de casas nas quais ficaram objetos de valor”.

Mais de 15 mil soldados britânicos foram mortos, feridos ou feitos prisioneiros em apenas duas semanas. Falando no Guildhall, em Londres, em 4 de setembro, um mês depois da declaração de guerra britânica, Asquith declarou que a Grã-Bretanha “não deve embainhar a espada até que os danos causados à Bélgica tenham sido corrigidos”. Esses danos tinham sido largamente divulgados na imprensa. Duas semanas depois do discurso de Asquith, o *Times* publicou uma carta em que um cabo de um regimento britânico de lanceiros foi citado como tendo declarado, depois da Batalha de Le Cateau: “Os alemães não gostam do aço frio. Caíam de joelhos e imploravam, mas nosso sangue fervia pelo modo como eles tratavam os civis, e não tivemos misericórdia.”

O despacho de Amiens sobre a retirada britânica de Mons também reverberou por toda a Grã-Bretanha na semana seguinte. “Creio que devem compreender o mal que foi feito com a edição de domingo do *Times*”, escreveu Winston Churchill, que também já havia sido correspondente de guerra, ao proprietário do jornal em 5 de setembro. “Nunca antes vi algo escrito por um correspondente de guerra suscitar tal pânico, o qual, acrescido à autoridade do *Times*, constitui uma arma contra nós em qualquer estado dubitativo.” A pedido do primeiro-ministro, o próprio Churchill preparou um comunicado especial, que foi publicado nesse dia, com mais pormenores sobre a retirada, tentando garantir ao público britânico que tudo estava bem. “Não há dúvida de que nossos homens estabeleceram uma superioridade pessoal sobre os alemães e têm consciência do fato de que, com forças em números iguais, não haveria dúvidas sobre o resultado”, escreveu Churchill. Esses “números iguais” eram praticamente uma impossibilidade, dado o sistema de voluntariado britânico, mas o comunicado não mencionava esse fato. No entanto, Churchill, já três dias antes do início da guerra, tinha dado ao Comitê de Defesa Imperial detalhes sobre a sequência de acontecimentos no desenrolar da guerra, apontando a gradual e posteriormente acelerada falta de ímpeto do avanço alemão por volta do quadragésimo dia.

Durante 33 dias, as tropas alemãs avançaram continuamente, a pé, transportando pesadas cargas, armas e munições. Com o tempo e a distância, o ímpeto do ataque começou a desvanecer-se. A logística também trabalhava gradualmente em seu desfavor. A reparação da estrada de ferro deliberadamente demolida na Bélgica e no norte da França consumia 26 mil trabalhadores alemães, cujo trabalho se tornava cada vez mais inviável. Dos 4 mil quilômetros que compunham a rede belga de estradas de ferro, apenas 500 ou 600 quilômetros tinham sido reparados até a primeira semana de setembro. Mais imediatamente perigoso para as batalhas naquele mês, à medida que o 1º Exército e o 2º Exército avançavam, era a crescente distância até os pontos para onde as munições tinham de ser transportadas. Em 25 de agosto, a distância entre o ponto extremo da linha férrea de abastecimento do 2º Exército e a linha de frente era de mais de trinta quilômetros, um percurso que tinha de ser

coberto por estrada, com muito congestionamento e muitas dificuldades, tendo as cargas de longos trens sido transferidas para transportes individuais, caminhões e transportes puxados a cavalo. Em 2 de setembro, essa distância tinha aumentado para 150 quilômetros; em 4 de setembro, chegava a mais de 160 quilômetros. Uma parte da estrada de ferro, entre Liège e Ans, mostrava-se particularmente difícil. Essa via, usada pelo 1º Exército, era tão inclinada que eram necessárias quatro locomotivas para puxar e empurrar cada trem. A própria Liège, pela qual o 1º Exército e o 2º Exército tinham de passar, estava frequentemente congestionada. Ao sul de Charleroi, as únicas duas linhas ao longo das quais podiam ser transportados abastecimentos para o 2º Exército eram de via única.

Enquanto o problema de abastecimentos piorava acentuadamente, o fervor militar alemão diminuía, principalmente em consequência da resistência diária com que as tropas se confrontavam e das batalhas sem pausa, mesmo de tropas em retirada. No entanto, os alemães não tinham qualquer suspeita de que uma contraofensiva era iminente. “A continuação da retirada francesa era aceita como certa”, escreveu um oficial alemão. “Nenhum sinal, nenhuma palavra de prisioneiros e nenhum parágrafo em jornais levantou qualquer suspeita em contrário.”

A Batalha do Marne começou em 5 de setembro. “Nesse momento em que a batalha que tem nas mãos o destino da França está prestes a começar, devemos recordar que o tempo de olhar para trás já passou, e que todos os esforços devem ser concentrados em atacar e expulsar o inimigo”, proclamou Joffre aos seus homens. As tropas que já não pudessem avançar “devem, a todo o custo, defender o solo que foi ganho e morrer no local em que estiverem, sem fazer concessões”, continuou ele. A proclamação foi concluída com a afirmação de que não seria tolerada qualquer fraqueza. Na frente britânica, havia um sentimento semelhante sobre a crucial importância do momento. “Visitei as divisões e vi os homens muito animados com a ideia de avançar em vez de recuar”, escreveu Smith-Dorrien em seu diário nesse dia.

A Força Expedicionária Britânica era o grupo aliado que estava mais perto de Paris, entre o Marne e o Sena. Os alemães tinham ordens sucintas para obrigar os britânicos a recuarem, mas nesse dia, e nos oito dias que se seguiram, foram os britânicos que fizeram os alemães recuarem, avançando sua cavalaria rapidamente para norte, sendo o reconhecimento feito por patrulhas em bicicletas e por aviões. A Infantaria que seguia a cavalaria também ficou surpresa com a ausência de oposição. “Havia provas irrefutáveis da desmoralização do inimigo”, recordou o general Edmonds. “A região perto das estradas estava cheia de garrafas vazias, e os habitantes diziam que tinham visto muitos alemães embriagados. De fato, alguns condutores da artilharia britânica, enquanto cortavam feno, descobriram soldados alemães completamente bêbados.”

No dia em que começou a Batalha do Marne, a revista *London Opinion* publicou um anúncio que mostrava lorde Kitchener, com a mão enluvada e o indicador apontado para fora da página, e a legenda “Seu país precisa de você”. A peça gráfica, desenhada por Alfred Leete, tinha sido preparada durante a retirada de Mons. Seriam produzidos 10 mil cartazes com a arte criada por Leete, mas, por insistência de Kitchener, foram acrescentadas as palavras “Deus salve o rei”. Peter Simkins, o historiador da campanha de recrutamento, escreveu: “Considerando que se tornou um dos mais conhecidos cartazes da história, é talvez grosseiro notar que sua generalizada circulação, em várias formas, não estancou o declínio no recrutamento.”

Enquanto o apelo de Kitchener ao recrutamento era publicado, baseado no choque da retirada e nas pesadas baixas, o público britânico acompanhava os novos sucessos militares com uma confiança rapidamente recuperada, orgulho e superioridade moral. Esse sentimento foi expresso em versos pelo muito respeitado romancista e poeta Thomas Hardy:

*In our heart of hearts believing
Victory crowns the just,
And that braggarts must
Surely bite the dust.*

*Press we to the field ungrieving
In our heart of hearts believing
Victory crowns the just.*⁸

Entre as tropas que enfrentaram os alemães em 5 de setembro estavam 5 mil marroquinos comandados por 103 oficiais franceses. Numa tentativa de diminuir a pressão sobre os marroquinos, que retrocediam, um batalhão de soldados franceses que estava próximo recebeu ordens para atacar os alemães. O oficial no comando foi morto imediatamente, enquanto conduzia os homens em campo aberto sob o contínuo fogo alemão de metralhadoras. O tenente Charles de la Cornillière o substituiu, avançando com os homens até onde pudessem deitar-se no chão e responder ao fogo. Enquanto seus homens se protegiam como podiam, ele manteve-se de pé. Ao ordenar “A quinhentos metros, fogo à vontade!”, foi atingido e caiu. Um sargento que tentou ajudá-lo foi morto. Quando alguém gritou que o tenente estava morto, houve alguns sinais de pânico, mas o tenente conseguiu pôr-se de joelhos e gritou: “É verdade, o tenente está morto, mas mantenham-se firmes!” Os homens avançaram. Ao fazê-lo, Cornillière morreu. Sua proeza em breve seria um ponto comum do sentimento patriótico francês.

Durante doze dias, os marroquinos lutaram com as outras tropas francesas para obrigar as forças alemãs a recuarem. À semelhança de outras tropas envolvidas na

batalha, tiveram êxito, mas a um preço muito elevado: a morte em ação de 46 oficiais e mais de 4 mil homens, que representavam 85% das forças envolvidas. Contudo, não foi a perda de vidas, mas a rapidez do movimento, que determinou o desfecho da batalha. Em 6 de setembro, o almirante Tirpitz, alarmado, observou: “Não conseguimos armar uma cilada nem fazer prisioneiros em massa; como consequência, o Exército francês, utilizando sua rede de estradas de ferro, ocupa constantemente novas posições.” Nesse dia, o general Maunoury, que esperara lutar contra o Exército alemão às portas de Paris, avançou para leste para atacar o flanco direito alemão no rio Ourcq. Seu movimento foi tão rápido, e seu ataque foi tão duro, que forças substanciais alemãs tiveram de ser destacadas da importante Batalha do Marne para conter o ataque.

Para alimentar esse assalto adicional, Maunoury apelou a Gallieni para que enviasse mais tropas. Dois regimentos de Infantaria de zuavos tinham acabado de chegar a Paris, vindos de Tunes, e Gallieni requisitou mais de 2 mil táxis parisienses para levarem os recém-chegados até o campo de batalha. O comandante do 1º Exército Alemão, general Kluck, comentou: “Houve apenas um general que, contra todas as regras, atreveu-se a levar a luta até tão longe de sua base; infelizmente para mim, esse homem foi Gallieni.”

A Batalha do Marne durou quatro dias e marcou a destruição do Plano Schlieffen e o fim de qualquer possibilidade de uma rápida vitória alemã no ocidente. Sua ferocidade foi um reflexo da determinação das forças anglo-francesas em inverter a maré de retirada, e o número de tropas envolvidas na batalha foi enorme: 1,275 milhão de alemães em ação contra 1 milhão de franceses e 125 mil ingleses. Numa ação, na fazenda Guebarré, tropas francesas conseguiram instalar uma metralhadora de tal modo que puderam, de uma distância de quinhentos metros, lançar fogo sobre toda uma trincheira alemã que tinha sido escavada durante a noite. Algumas tentativas de rendição alemãs foram ignoradas. Quando os franceses cessaram fogo, seis oficiais alemães e 87 homens emergiram da trincheira para se renderem. Os mortos e feridos, que somavam mais de 450 homens, ficaram na trincheira.

Em 7 de setembro, enquanto o Exército britânico avançava, homens que tinham a esperança de um breve momento de descanso voltaram seus rostos para norte, “em decidida resolução”, escreveu um oficial do Estado-Maior, Sir Frank Fox: “Foi inspirador saber que agora nós perseguíamos os alemães”, acrescentou ele. Contudo, à medida que o avanço prosseguia, os mortos continuavam a impor suas regras de acaso. Nesse dia, um oficial que tinha chegado da Grã-Bretanha poucas horas antes, o segundo-tenente H. A. Boyd, foi morto numa escaramuça.

Naqueles primeiros dias de guerra, a vida ceifada de um jovem oficial exatamente quando estava prestes a realizar a maior ambição da vida de

um soldado, que era entrar em ação na defesa de sua pátria, impressionou seus camaradas e deixou um profundo sentimento de tragédia. Com o tempo, a determinação de cada um tinha de aprender a resistir a tal situação, bem a todas as outras...

As perdas britânicas, tanto na retirada como no avanço, foram severas e são lembradas por um monumento em La Ferté-sous-Jouarre, que recorda os nomes de 3.888 britânicos mortos em Mons, Le Cateau, Aisne e Marne, pois todos ficaram sem sepulturas conhecidas. A violência da luta tinha destruído seus corpos sem possibilidade de reconhecimento. Entre os nomes que aparecem no monumento de La Ferté-sous-Jouarre está o de Thomas Highgate, um soldado que, porém, não morreu em batalha, mas sim executado por decisão de um tribunal marcial. Tinha sido encontrado escondido num celeiro em Tournan, na propriedade do barão de Rothschild, imediatamente ao sul do Marne. Quando foi encontrado, estava vestido como um civil, com o uniforme ao lado. Questionado pelo coureiro que o encontrou, Highgate respondeu: “Quero sair da guerra, e é assim que vou conseguir.” Por uma incrível coincidência, bem infeliz para o desertor, o coureiro era inglês e ex-soldado.

Highgate foi detido pelas autoridades militares britânicas e julgado por deserção. Seu caso foi decidido por um conselho de guerra composto por um coronel, um capitão e um tenente, e foi-lhe aplicada uma sentença de morte por fuzilamento. Em seu testamento, escrito nas costas de sua caderneta de pagamento, deixou tudo o que possuía, fosse o que fosse, para sua namorada em Dublin. Nos registros militares, tornados públicos pelo Exército, consta que “morreu devido a ferimentos”. Além de Highgate, sabe-se, pelo diário de Smith-Dorrien, que dois outros soldados britânicos morreram longe do campo de batalha nesse dia: “Lamento ter de dizer que dois dos nossos homens foram executados hoje, um por ter cometido furtos e o outro por deserção”, escreveu ele em 7 de setembro.

Qualquer que tenha sido o trauma de guerra, a exaustão ou o medo que levou Highgate a esconder-se para fugir da batalha, nada pôde ser dito em sua defesa. Contudo, a incapacidade de alguns soldados de entrarem em luta é um dado em qualquer batalha. Durante a retirada dos alemães do Marne, alguns soldados também perderam a vontade de lutar, e um oficial alemão chegou a informar a seus superiores que havia “casos de pânico atrás da linha”.

Em 7 de setembro, o Kaiser deslocou-se até a zona de batalha, mas, quando se aproximou do ruído da artilharia, o coronel que o acompanhava receou que uma patrulha da cavalaria francesa pudesse penetrar na linha já em retirada e capturar o supremo senhor da guerra. O Kaiser afastou-se da zona de guerra. Nesse dia, um contra-ataque alemão, efetuado pelos Guardas Prussianos, foi anulado pela artilharia do 9º Exército. “A artilharia francesa provocou um efeito inesperado”, registrou a

história oficial alemã. “Em todos os lados, o ataque previsto foi anulado em seu início (...) Sete de setembro foi, até agora, o pior dia da guerra para as tropas.” Nesse dia, o general Moltke, ao refletir sobre todo o sangue derramado durante um mês de guerra, escreveu à sua mulher: “Por vezes, quando penso sobre o assunto, sou subjugado pelo terror, e o sentimento que tenho é que devo responder por esse terror.” Houve também alarme na Alemanha. “É agora certo que a Grã-Bretanha está levando um grande número de tropas da Ásia”, escreveu para casa, em 7 de setembro, o almirante Tirpitz, cujos navios não poderiam impedir essa chegada.

A confiança anglo-francesa crescia. Numa carta particular para casa, em 8 de setembro, um membro do Estado-Maior de Sir John French escreveu: “A maré da invasão parece estar baixando, e sem nenhum conflito sério. Estou inclinado a pensar que fecharam o ferrolho e que perderam a força à vista dos seus objetivos.” Contudo, a fragilidade da luta também ficou patente nesse dia quando um ataque inesperado da Infantaria alemã, não precedido por fogo de artilharia, surpreendeu três divisões francesas do 9º Exército, juntamente com uma de suas divisões de reserva, e fez todas fugirem para a retaguarda. Em sua precipitação, abandonaram a aldeia de Fère-Champenoise, deixando o quartel-general avançado de Foch, em Pleurs, quase na linha de frente. Os soldados franceses só foram persuadidos a parar e reagrupar-se quando tinham recuado dez quilômetros em relação às suas posições na véspera.

Os alemães, desconhecendo até onde tinha ido o recuo dos soldados franceses, contentaram-se em entrar nas posições abandonadas da linha de frente francesa, que tinham ficado vazias, e entrincheirar-se. Algumas unidades entraram nas ruas desertas de Fère-Champenoise, mas nada foi feito para explorar o sucesso obtido naquela manhã. Em sua biografia de Foch, Liddell Hart comenta: “Os ‘vitoriosos’ alemães limitaram-se a avançar como homens ébrios e foram incapazes de fornecer ao alto-comando informações sobre a situação para além de relatórios sobre sua própria ‘exaustão extrema’.”

Foch tomou medidas imediatas para encurtar a distância que fora criada pelo inesperado avanço alemão. O contra-ataque francês que ordenou causou pânico entre os alemães, fazendo-os recuar. Seu avanço anterior tinha feito parte de uma estratégia pensada para facilitar uma retirada mais vasta dos alemães. Ao perceber isso, Foch concluiu assim seu relatório para Joffre, escrito na noite de 8 de setembro: “A situação é, portanto, excelente; o ataque dirigido ao 9º Exército parece ter sido uma forma de garantir a retirada do flanco direito alemão.” Essa confiante mensagem foi mais tarde “melhorada” com uma legenda, ficando uma majestosa declaração: “Minha direita retrai-se e meu centro está cedendo; a situação é excelente e ataco.”

Nessa noite, o general Kluck quase foi capturado por um esquadrão da cavalaria francesa que penetrou por trás da linha e, após atacar uma base aérea alemã ao sul de

La Ferté-Milon, avançou em direção ao seu quartel-general. “Todos os membros do Estado-Maior pegaram rifles, carabinas e revólveres, para evitar um possível avanço da cavalaria francesa, e espalharam-se e lançaram-se ao solo, formando uma longa linha de fogo. O céu de fim de tarde, nublado e com uma poeira avermelhada, derramava uma luz estranha sobre essa pequena e curiosa força de combate”, recordou ele quatro anos mais tarde. Sabendo que o esquadrão francês tinha sido derrotado, Kluck refletiu mais tarde: “Aqueles valentes soldados de cavalaria desperdiçaram um valioso prêmio!”

Na mesma noite, o 5º Exército Francês, que Lanrezac havia comandado durante sua longa retirada na Bélgica, atacou e capturou a aldeia de Marchais-en Brie. O novo comandante do Exército, general Franchet d’Esperey, estava determinado a que se tomasse uma decisão contra Bülow. Para defrontar d’Esperey, Bülow abandonou Montmirail e formou uma linha virada para Paris, entre Margny e Le Thout, que abriu caminho para que os franceses se deslocassem em direção ao Marne. Isolado de Kluck e do 1º Exército, Bülow deu uma ordem de retirada para trás do Marne.

Entre essas dificuldades dos alemães, a ofensiva de Foch, ainda que frequentemente temperada por momentos de cautela e entrincheiramento, ganhou vida. Em 9 de setembro, enquanto algumas das suas tropas recuavam mais uma vez perante um renovado ataque alemão, ele emitiu uma proclamação verdadeiramente majestática:

Peço a cada um que se muna da última centelha de energia, que nunca foi negada à nossa raça em seus momentos de supremo julgamento. A desordem nas hostes do inimigo é a antessala da vitória. Ao continuarmos com grande energia o esforço já iniciado deteremos a marcha do inimigo e conseguiremos expulsá-lo do solo da nossa pátria. Cada um deve convencer-se de que o sucesso só está do lado daquele que resistir mais tempo. Estão em causa a segurança e a honra da França. Com mais um esforço, teremos a certeza de vencer.

A retirada francesa continuou durante várias horas. Um dos comandantes de Foch disse-lhe que em todas as patentes não se discutia outra coisa que não fosse a retirada. Eram tempos de crise. O general Eydoux, comandante do 9º Exército, disse a Foch que era tarde demais para esperar que houvesse uma retirada ordenada. Foch respondeu-lhe: “O senhor diz que não pode resistir e que não pode realizar uma retirada, então a única coisa a fazer é atacar.” O ataque deveria ter início duas horas e meia depois e ser conduzido “sob toda e qualquer circunstância”, mas, na verdade, as exaustas tropas francesas não foram postas à prova nessa ocasião. Quatro horas antes do avanço, os alemães tinham parado, tendo recebido ordens do general Bülow para uma retirada, pois quatro divisões britânicas ainda estavam em marcha,

atravessando a brecha aberta entre seu exército e os homens de Kluck.

A retirada alemã trouxe consigo vários graus de crueldade contra civis. Em 9 de setembro, enquanto abandonavam a aldeia de Varreddes, na margem norte do Marne, e como contrapartida a vinte homens feridos que ficaram no edifício da Prefeitura, as tropas alemãs fizeram vinte reféns na aldeia, sendo todos eles idosos. Três conseguiram fugir. Sete foram mortos durante a marcha. O sr. Jourdain, de 77 anos, e o sr. Milliardet, de 78 anos, que caíram, exaustos, foram mortos à queima-roupa. Quando o sr. Mesnil, de 67 anos, caiu, seu crânio foi esmagado com a coronha de um rifle. Durante a recaptura de Sompuis, onde o sr. Jacquemin, de 70 anos de idade, estava em cativeiro em sua casa, sendo repetidamente espancado por um oficial alemão, um projétil caiu na casa e matou o oficial. Em consequência do tratamento brutal a que tinha sido submetido, Jacquemin morreu dois dias depois da libertação da aldeia. Foram casos de crueldades fortuitas e de vítimas individuais numa guerra que ainda teria milhões de vítimas. Durante a recaptura de Sompuis, pouco ao sul do Marne, um único projétil alemão matou os comandantes de duas brigadas francesas, o general Barbade e o coronel Hamon.

Em 9 de setembro, os alemães atravessaram o Marne, e, em 13 de setembro, o Aisne, numa retirada total de cem quilômetros desde o início da batalha. Não voltariam a estar tão próximos da capital francesa até o verão de 1940, quando a vingança e os ataques aéreos teriam sucesso onde o cálculo e a estratégia tinham falhado e quando outro governo francês, refugiado em Bordeaux, aceitaria um armistício. Em 1914, tal colapso não sucederia. Enquanto o governo francês se preparava para regressar à capital, o grande movimento de flanco dos alemães estava, por sua vez, sendo flanqueado. Forças francesas e britânicas, deslocando-se apressadamente para norte, em direção ao canal da Mancha, lutaram para evitar que os alemães prosseguissem seu avanço para o ocidente ou impedissem o acesso dos britânicos às suas linhas de abastecimento através do canal.

A corrida ao mar representou a decisiva segunda fase da guerra no ocidente. Sir John French advertiu Londres para não subestimar a capacidade militar alemã. “Não devem ser confrontados a não ser pelas tropas mais bem treinadas, comandadas pelos melhores oficiais”, escreveu ele a Kitchener em 7 de setembro. “Todos os seus movimentos são marcados por uma extraordinária unidade e por apoio mútuo; para resistirem à fadiga a que estão sujeitos, devem estar sob uma disciplina de ferro.”

Os alemães, por seu lado, também reconheceram as qualidades de seu adversário tão desdenhado até pouco antes. “Dos bosques que bordejam o rio, surgiu e avançou uma segunda linha de escaramuçadores, com pelo menos dez passos de intervalo entre os homens”, escreveu um oficial alemão durante a retirada.

Nossa artilharia disparou, mas, naturalmente, acertou no máximo um único homem. A segunda linha aguentou-se e aproximou-se cada vez mais. Duzentos metros atrás, veio um terceiro grupo de homens, seguidos por outros. Nossa artilharia disparou loucamente, mas foi tudo em vão. Vieram uma quinta e uma sexta linhas, a uma boa distância e com claros intervalos entre os homens. Esplêndidos! Estamos cheios de admiração! Toda a planície estava cheia de engraçadas figuras em uniformes cáqui, sempre a se aproximarem.

“Durante cinco dias inteiros, fomos perseguidores em vez de perseguidos e transformamos a vida dos alemães num inferno”, escreveu Sir John French a um amigo em 10 de setembro.

Hoje fizemos centenas de prisioneiros, cortamos as linhas de muitos transportes e capturamos de dez a doze peças de artilharia — o solo está cheio de alemães mortos e feridos. E ontem e o dia anterior foram semelhantes. Mas isso é nada se comparado ao que perderam perante o 5º Exército e o 6º Exército franceses, que tiveram oposição muito maior. Estão seguramente em fuga, e nós perseguimos os inimigos com entusiasmo.

Quando, durante a retirada alemã, Foch entrou em Fère-Champenoise, notou que as tropas alemãs tinham sido surpreendidas depois de uma noite de muita bebida, “num tal exagero que centenas estavam dormindo, ébrios, nas adegas”, escreveu ele. “Vi alguns nos telhados das casas, correndo como gatos e sendo obrigados a descer com tiros para o ar.” Paul Maze, ao cavalgar para a linha de frente numa montaria da cavalaria alemã que tinha sido abandonada na retirada, viu subitamente dois cavaleiros que vinham em sua direção. “Totalmente admirado, esperei, com meu rifle preparado, quando vi que se tratava de soldados alemães que montavam cavalos negros. Acenaram ao verem-me. Estavam perdidos e andavam à procura de alguém a quem pudessem render-se.”

Pouco depois desse encontro, Paul Maze foi a um castelo onde havia sido erguida uma bandeira da Cruz Vermelha.

Cirurgiões franceses, com aventais cheios de manchas de sangue, fumavam cigarros enquanto contemplavam, com ar satisfeito, os prisioneiros. Os homens da Cruz Vermelha transportavam feridos que estavam em macas colocadas nos degraus de uma larga escadaria de mármore, levando-os para carros. Não havia ambulâncias e as condições médicas pareciam ser muito inadequadas. Um comboio de automóveis particulares com feridos britânicos passava nas estradas, a caminho do

castelo da família Rothschild, em Chantilly, transformado em hospital.

Na frente do rio Meuse, o forte Troyon, dezesseis quilômetros ao sul de Verdun, encontrava-se cercado desde 8 de setembro. Durante cinco dias, os alemães sujeitaram-no a intensos bombardeios de artilharia. Emissários alemães exigiram duas vezes que o forte se rendesse “em nome do imperador”. Quando os defensores responderam que nunca se renderiam, os alemães dispararam 236 obuses em meia hora, chegando a um total de 10 mil projéteis. Vinte e dois homens morreram esmagados quando um projétil destruiu o telhado de uma pequena passagem por onde estavam tentando chegar aos principais defensores. O oficial francês no comando, comandante Toussaint, e um único destacamento de Infantaria de 472 homens, juntamente com uma dúzia de peças de artilharia e duas metralhadoras, resistiram durante cinco dias, mas acabaram sendo vencidos. O alto-comando francês decidiu abandonar totalmente Verdun, mas o comandante do exército local, general Sarraill, ignorou a ordem e manteve a posse da cidade e suas fortalezas.

Tendo-lhe sido negada uma entrada triunfal em Paris, o Exército alemão continuaria lutando na frente ocidental nos quatro anos seguintes, com tanta confiança na vitória como tinham em agosto de 1914. Porém, as esperanças de derrotarem a França com um golpe mortal e dirigirem todo o seu poderio militar contra a Rússia desvaneceram-se. A guerra de vitórias rápidas era uma estratégia do passado e um sonho para o futuro. A Alemanha teria de lutar simultaneamente, e em constante perigo, tanto no leste como no ocidente. A França lutaria em solo francês. A Rússia precisaria recuperar território no ocidente, e a Áustria, território no leste. Ainda faltavam três meses e meio para o Natal, mas todos os Estados em luta teriam de encontrar novas estratégias e até mesmo novos aliados.

Escavar: O início da guerra de trincheiras

Setembro a outubro de 1914

Enquanto os alemães eram repelidos no Marne, tendo falhado em seu plano de uma vitória rápida a oeste, os austríacos lutavam para não serem obrigados pelos russos a recuar até sua fronteira da Galícia. Em 10 de setembro de 1914, dia em que Joffre ordenou a perseguição dos alemães ao norte do Marne com as palavras “a vitória está agora nas pernas da Infantaria”, em Kraśnik, no interior da Polônia russa, os russos derrotaram um numeroso Exército austríaco que tinha avançado. Mais ao sul, na Galícia austríaca, uma vitória russa levou o general Conrad a ordenar uma retirada austríaca. “Hoje, muito cedo, abandonamos o navio com tudo o que continha”, escreveu Ludwig Wittgenstein em seu diário na data de 13 de setembro. “Os russos estão no nosso encalço. Vivi cenas aterrorizadoras. Não durmo há trinta horas, sinto-me muito fraco e não vejo ajuda externa.”

A ideia de uma guerra de vitórias rápidas se desvanecia, e todos os Estados envolvidos no conflito tentavam conseguir o apoio de todos os países que não estavam diretamente envolvidos. Com a esperança de criar dificuldades à Grã-Bretanha, o adido militar alemão em Washington, Franz von Papen (que se tornou chanceler da Alemanha em 1932 e primeiro vice-chanceler de Hitler em 1933), falou, em 13 de setembro, com o diplomata britânico Sir Roger Casement, que pretendia conseguir o apoio alemão à independência da Irlanda. Casement sugeriu o estabelecimento de uma brigada irlandesa que lutaria ao lado da Alemanha. “Eles estão abertos a essa possibilidade”, escreveu ele a um amigo no dia seguinte. “E agora mais abertos do que nunca, pois compreenderam o apoio moral à sua causa.” A Alemanha lutaria pela pequena nação irlandesa do mesmo modo que a Grã-Bretanha lutava pela Bélgica.

Para conseguir o apoio da Alemanha para um levante nacional irlandês, Casement viajou, sob um nome falso, de Nova York até a Alemanha. Três semanas depois de sua chegada, persuadiu o governo alemão a fazer uma declaração formal afirmando

que “se os acasos dessa grande guerra, que não é desejo da Alemanha, levarem tropas alemãs às praias da Irlanda, lá desembarcarão não como um exército de invasores para pilhar e destruir, mas como forças de um governo de boa-vontade em relação a um país e a um povo para o qual deseja apenas prosperidade e liberdade nacional”.

Nunca haveria soldados irlandeses lutando ao lado dos alemães como patriotas ou libertadores, mas houve soldados poloneses lutando ao lado dos austríacos, na esperança de que uma vitória sobre a Rússia conduzisse ao restabelecimento da nação polonesa. Os austríacos encorajaram a Legião Polonesa, conduzida por Piłsudski, a considerar-se precursora de um exército nacional. Para compensar o desejo polonês de servir com as forças austríacas, os russos apelaram a todos os cidadãos que estavam sob seu domínio para que vissem uma vitória russa como vantajosa para as aspirações nacionais polonesas. Foi posta em funcionamento uma Legião Pulawy, formada por voluntários poloneses que lutariam como uma entidade no Exército russo. Isso foi seguido de uma brigada de fuzileiros poloneses. Da mesma forma que havia judeus lutando contra judeus (como era o caso de Wittgenstein, no Exército austríaco, e de muitos soldados judeus entre as tropas russas), houve poloneses lutando contra poloneses.

Mais tarde, durante a guerra, os alemães formaram uma força militar polonesa para guarnecer territórios poloneses tomados da Rússia. No outro lado do conflito, poloneses que lutaram nas fileiras do Exército alemão e foram capturados na frente ocidental formaram a base de um Exército polonês que lutou ao lado dos Aliados. O Canadá também encorajou o recrutamento para formações especiais em seu Exército. Mais tarde, os americanos fizeram o mesmo. Cerca de 2 milhões de poloneses serviram nas linhas de combate, onde 450 mil foram mortos. Em setembro de 1914, o poeta Edward Słōński expressou a tragédia polonesa:

*We're kept far apart, my brother,
By a fate that we can't deny.
From our two opposing dug-outs
We're staring death in the eye.*

*In the trenches filled with groaning,
Alert to the shellfire's whine,
We stand and confront each other.
I'm your enemy: and you are mine.¹*

Contudo, Słōński estava confiante em que, a longo prazo, nem tudo estava perdido para a Polônia:

Now I see the vision clearly,

*Caring not that we'll both be dead;
For that which has not perished
Shall rise from the blood we shed.*²

As esperanças das minorias podiam ser alimentadas de formas pouco comuns. Na frente oriental, a primeira medalha da Cruz de São Jorge, o equivalente à Cruz Vitória, foi atribuída pelo czar, por excepcional bravura no campo de batalha, a um soldado judeu, Leo Osnas. De acordo com o jornal britânico *Yorkshire Herald*, Osnas, com sua bravura em ação, tinha conseguido “a liberdade para os judeus na Rússia; conseguiu que homens de sua raça pudessem ser oficiais no Exército e na Marinha russos, algo que até então lhes era negado, e agradou tanto ao governo russo que foi proclamado que, a partir de então, os judeus do império gozariam dos mesmos direitos de outros cidadãos”. O jornal comentou: “Seguramente, a atribuição de uma Cruz Vitória nunca levou a tão magníficos resultados para um povo subjugado!” Na verdade, os judeus russos não gozavam de cidadania total durante a guerra nem escaparam a violentos ataques de cidadãos russos que transformaram judeus em bodes expiatórios de maus resultados militares.³

De acordo com relatórios que chegaram à Grã-Bretanha, Osnas era voluntário, e, como resultado dos apelos de Kitchener, tal condição havia ganhado uma súbita estatura. Em 12 de setembro, foi divulgado na Grã-Bretanha o extraordinário número de 478.893 homens alistados como voluntários desde o início da guerra, seis semanas antes. Sem seguir o sistema continental de serviço militar obrigatório, a Grã-Bretanha tinha conseguido formar um Exército considerável.⁴

Muitos voluntários serviram em “batalhões de amigos”, constituídos inteiramente por homens de determinada cidade ou profissão. O primeiro, um batalhão de agentes da bolsa de valores, foi formado em Londres e teve 1.600 inscritos numa única semana. Muitas cidades seguiram o exemplo londrino, formando outros grupos, como o Bristol Citizens e o Liverpool Pals. Em Glasgow, decidiu-se formar dois batalhões, mas logo havia homens suficientes para formar três; um dos grupos de combate era totalmente constituído por condutores, mecânicos e trabalhadores da Secretaria Municipal de Transportes. O Batalhão dos Elétricos foi o décimo quinto da Infantaria Ligeira Highland. O décimo sexto foi quase totalmente constituído por antigos e atuais membros da Brigada Municipal de Jovens.

Comportamentos semelhantes repetiram-se por toda a Grã-Bretanha, e mesmo trabalhistas que se opunham à guerra apoiaram esse tipo de voluntariado: Ramsay MacDonald, que era atacado devido aos seus sentimentos antibelicistas, apoiou a convocação de recrutas em Leicester, seu círculo eleitoral. Dentro de um mês, tinham sido formados cinquenta batalhões. O “Exército de Kitchener” estava em formação e lentamente preparava-se para a guerra. Até então, não era possível prever sua atuação no campo de batalha, mas havia quem duvidasse de que se tratava de

uma boa ideia. Um soldado profissional, o general Henry Wilson, não tinha dúvidas. Em seu diário, afirma que os voluntários constituíam “um Exército ridículo e absurdo” e que seriam “alvo de chacota de todos os soldados da Europa”. Os alemães tinham gastado quarenta anos de “incessante trabalho” para formar seu Exército, e com a ajuda do alistamento obrigatório. “Demoraremos uma eternidade para fazer o mesmo com voluntários.”

Na França, houve novas represálias, em 12 de setembro, após dois oficiais de cavalaria alemães serem mortos por soldados franceses a sudoeste de Reims, perto da aldeia de Bouilly. Alegando que as mortes tinham sido causadas pelos moradores, os alemães destruíram a aldeia. Na Bélgica, enquanto os alemães se retiravam do Marne, o Exército de operações belga desencadeava um substancial contra-ataque, com a esperança de obrigar os alemães a chamarem em seu auxílio tropas que estavam lutando contra britânicos e franceses na decisiva batalha ao sul. No dia seguinte, 13 de setembro, quatro divisões belgas chegaram aos arredores da aldeia de Weerde, cerca de trinta quilômetros ao sul da Antuérpia e a pouco mais de vinte quilômetros de Bruxelas, ocupada pelos alemães.

O jornalista americano E. Alexander Powell, que observou as tropas belgas avançarem para Weerde, foi testemunha das consequências.

Através de sebes, por valas e pela estrada chegaram os soldados da Infantaria belga, agachados, curvados, correndo para salvarem suas vidas. De vez em quando, um soldado perdia o equilíbrio, como se tivesse dado uma pancada com o pé, lançava os braços para a frente e caía, batendo com a cabeça. Uma bala atingira-o. A estrada estava salpicada de silhuetas silenciosas azuis e verdes. Os campos também estavam semeados de corpos. Um homem foi ferido quando tentava, em desespero, atravessar uma sebe e morreu em pé, apoiado em ramos torcidos.

Um jovem oficial belga “que se expusera incansavelmente enquanto tentava supervisionar a retirada de seus homens, girou subitamente sobre os calcanhares, como um daqueles bonecos de madeira que são vendidos nas feiras, dobrou-se e caiu como se não tivesse ossos nem músculos”. Perto dali, um soldado “mergulhou numa vala parcialmente cheia e ali ficou, com a cabeça submersa. Vi a água a ficar lentamente vermelha”.

Weerde estava em mãos alemãs. Malines, cerca de três quilômetros para norte, foi ocupada pouco depois de Louvain ter sido recuperada. As tropas alemãs e sua artilharia austríaca de cerco estavam livres para voltar-se para a cidade portuária da Antuérpia, o último centro importante ainda controlado pelos belgas, onde as tropas nacionais que havia pouco tinham avançado até mais da metade do caminho para

Bruxelas reforçavam a defesa dos fortes em torno da cidade.

Apesar das violentas surpresas no campo de batalha, o otimismo dos comandos aliados sobrevivia. Em 13 de setembro, dia da derrota belga em Weerde, realizou-se uma conferência de generais franceses e britânicos no quartel-general de Joffre. A característica dominante no conflito era a continuada retirada dos alemães do Marne, e houve uma discussão sobre quantos dias decorreriam antes que os exércitos alemães pudessem ser obrigados a recuar até a fronteira de seu país. O general britânico Henry Wilson sugeriu quatro semanas. Alguns generais franceses pensaram que poderiam ser apenas três. A vitória ainda poderia ser conseguida antes do Natal.

“Derrota” e “vitória” tornavam-se palavras familiares. Outro termo frequente no vocabulário era “baixas”, uma palavra que, juntamente com as estatísticas que a acompanhavam, incluía “mortos”, “desaparecidos” e “feridos”. A expressão “baixas pesadas”, associada a quase todas as vitórias ou retiradas, podia significar centenas ou mesmo milhares de mortos. Os jornais de todos os Estados em conflito publicavam obituários de oficiais e listas de baixas todos os dias, e havia poucos leitores que não conhecessem alguém que estivesse lutando na frente. Em 13 de setembro, o general Foch soube da morte de seu genro e de seu único filho, que tinham sido mortos em combate na fronteira belga três semanas antes. Quando recebeu a notícia, Foch pediu para ser deixado sozinho durante alguns momentos. Meia hora depois, chamou sua equipe e continuou a trabalhar. Mais tarde, escreveu a um amigo de longa data, o general Millet: “Com discrição, dei as notícias à minha mulher, que ainda está em Plougean. Não deveria abater-me, mas estremeço quando penso no que está acontecendo, no sofrimento das mulheres no meu país. No que me diz respeito, tento afastar-me desse assunto para não deixar de cumprir meus deveres.” Nesta carta, Foch também lamentava a “desolação” de Millet, pois o seu genro também tinha sido morto e sua filha havia morrido após saber das notícias. O próprio Millet morreria um mês depois dessas tragédias.

Em 14 de setembro, o general Moltke foi afastado de seu posto de chefe do Estado-Maior alemão. A Batalha do Marne tinha sido sua nêtese, apenas seis semanas após o início da guerra. Um historiador descreveu-o como “um soldado culto, com sensibilidade, que nas horas vagas gostava de tocar violoncelo e de ler Goethe e Maeterlinck e que estava interessado nos ensinamentos de cura pela fé dos cientistas cristãos”.⁵ O insucesso da batalha havia reclamado seu primeiro bode expiatório entre os poderosos. Moltke considerava a lista de baixas insuportável.

Em 14 de setembro, o primeiro professor de uma escola pública britânica foi morto em combate. Tratava-se de Alexander Williamson, que prestava serviço como tenente no Seaforth Highlanders.⁶ Percy Wyndham, neto de um dos homens mais

ricos da Grã-Bretanha, o primeiro duque de Westminster, morreu no mesmo dia. Três dias antes, Wyndham escrevera à mãe: “Por favor, mande-me meias e chocolates, que são duas necessidades absolutas na vida.” Foi morto quando conduzia seus homens em Soupir, atingido na cabeça à curta distância.

Em todos os exércitos em luta, houve soldados que não conseguiram enfrentar a intensidade da batalha. Em 16 de setembro, em seu terceiro dia de serviço ativo, um soldado britânico de 23 anos, George Ward, abandonou a batalha após dois companheiros terem sido feridos, dizendo ao seu sargento-mor que também tinha sido ferido. Seis dias depois, Ward foi chamado ao seu batalhão e verificou-se que não estava ferido. Ele foi julgado por um tribunal marcial, a quem seu comandante de corpo, o general Sir Douglas Haig, escreveu um relatório: “Em minha opinião, é necessário haver, tanto quanto possível, um exemplo para evitar covardia perante o inimigo.” Ward foi fuzilado e sepultado nas margens do Aisne. À semelhança do soldado Highgate, que fora executado três semanas antes, Ward é recordado no memorial de La Ferté-sous-Jouarre, dedicado aos que morreram em combate e não tiveram sepultura.⁷

Nem sempre a deserção levava a penas de morte. No mesmo dia em que Ward foi sentenciado, no mesmo local e sob a mesma alegação, o cabo N. Prior foi rebaixado a soldado e condenado a dois anos de trabalhos forçados.

A severa moralidade no campo de batalha era acompanhada, na Grã-Bretanha, por um crescente sentimento de sacrifício e de austeridade, expresso pelo ministro britânico da Fazenda, David Lloyd George, em 19 de setembro, quando disse a uma vasta audiência no Queen’s Hall, em Londres: “A grande onda de luxúria e de indolência que submergiu o país está recuando, e surge uma nova Grã-Bretanha. Podemos ver, pela primeira vez, as coisas que são importantes na vida e que foram obscurecidas de nossa visão pelo crescimento fervoroso da prosperidade.” Na Rússia, esse sentimento já tinha sido expressado, de um modo político mais prosaico, por intermédio de uma declaração do Partido Social-Democrata feita na Duma depois do início da guerra: “Através da agonia do campo de batalha, a camaradagem do povo russo será reafirmada, e será criado um desejo comum de libertar nossa terra de suas terríveis perturbações internas.”

O elevado tom moral, quer em “coisas que são importantes na vida” quer em “camaradagem”, precisava ser ancorado numa capacidade de vitória no campo de batalha, mas sete semanas depois do início da guerra já havia uma escassez de munições que começava a impedir que os artilheiros do Exército francês explorassem a retirada alemã. Em 19 de setembro, Joffre escreveu diretamente ao ministro da Guerra, Alexandre Millerand, pedindo-lhe que enviasse pelo menos 50 mil balas por dia, pois era preciso continuar a avançar. Millerand respondeu dois

dias depois, informando que esse número não podia ser atingido, mas que “havia esperança” de conseguir uma média de 30 mil balas por dia dentro de três semanas. Também disse a Joffre que, “pelo seu lado”, fizesse tudo o que pudesse para evitar desperdícios. “Por favor, veja se consegue que as equipes de trabalho recolham caixas de munições deixadas nos campos de batalha ou então ofereça esse trabalho, com remuneração, aos habitantes locais.”

Na busca por novas de fontes de munições, Joffre mandou que fossem vasculhadas as baterias de artilharia por trás das linhas em Paris e Dunquerque. Eram medidas improvisadas, até mesmo desesperadas, muito distantes do grito triunfante de “*À Berlin!*”, dado sete semanas antes. Porém, as dificuldades na guerra não necessariamente criavam dúvidas acerca de seu desfecho. “Estamos absolutamente unidos e prontos para uma luta de peito aberto, prolongada e implacável. Creio que não teremos dificuldade em pôr 1 milhão de homens em campo na primavera de 1915”, escreveu Churchill, em 20 de setembro, a um amigo que estava no campo, e acrescentou: “A arrogância militar prussiana está condenada. Necessitamos de tempo e determinação.” No dia seguinte, o sentimento de perda pelos milhares de homens que já tinham morrido foi expressado no *Times*, que publicou o poema “For the Fallen” [“Para os Caídos”], escrito por Laurence Binyon, historiador de arte de 45 anos. Diz-se que Binyon escreveu as palavras quando estava sentado diante de um penhasco em Polzeath, na região de Cornwall, onde trabalhava como voluntário na enfermaria na Cruz Vermelha. Depois da guerra, quatro linhas escritas por Binyon tornaram-se os versos mais recitados na Grã-Bretanha durante as homenagens aos mortos na guerra.

*They shall grow not old, as we that are left grow old,
Age shall not weary them, nor the years condemn.
At the going down of the sun and in the morning
We will remember them.*⁸

Em 22 de setembro, os britânicos fizeram seu primeiro bombardeio estratégico à Alemanha, atacando hangares de zeplins em Colônia e em Düsseldorf. “A surpresa foi completa”, reportou o piloto-chefe britânico. “Muitos alemães que se encontravam por perto correram em todas as direções.” Contudo, no mesmo dia, o submarino alemão U-9 torpedeou três cruzadores britânicos — o *Aboukir*, o *Cressy* e o *Hogue* — no intervalo de uma hora e, apesar de terem sido resgatados 837 homens, 1.459 morreram afogados. Foi o mais grave desastre naval em toda a guerra. Uma semana depois, Asquith deu ordens ao Almirantado para que o mar do Norte fosse minado “sem restrições e, se necessário, numa escala napoleônica”.

No oceano Índico, na mesma data, o cruzador ligeiro *Emden*, que já tinha afundado ou capturado uma dúzia de navios mercantes britânicos, bombardeou o

depósito da Companhia de Petróleo da Birmânia, em Madras, incendiando 50 mil toneladas de óleo combustível naval. Um parente do Kaiser, o príncipe Joseph de Hohenzollern, que estava de serviço a bordo do cruzador, comentou: “Felizmente para Madras, o vento estava soprando para oeste, por isso as chamas dos depósitos de combustível dirigiram-se para o lado contrário ao mar. Se tivesse acontecido o contrário, parte da cidade poderia facilmente ter sido destruída pelas chamas.”

Incidentes de guerra proliferavam por todo o mundo. Os leitores de jornais eram confrontados com um excesso de incidentes diários, sempre importantes para uma região ou uma população. Não se passava um único dia sem que a escala da guerra fosse evidente. Em 23 de setembro, por exemplo, durante um curto período, tropas sérvias ameaçaram invadir Saraievo, mas foram afastadas por tropas austríacas. No mesmo dia, no Extremo Oriente, tropas britânicas, australianas e japonesas movimentaram-se contra muitos portos e ilhas germânicos disseminados, adquiridos pelos alemães nas três décadas precedentes. Os portos alemães na África também estavam sendo capturados.

Na tentativa de conseguir aliados contra a Turquia, caso o país decidisse entrar na guerra, a Grã-Bretanha buscou a colaboração do filho do xerife de Meca, Abdullah, oferecendo-lhe o controle de vastas regiões do império turco como contrapartida pela participação árabe. Na neutra Washington, o presidente Woodrow Wilson protestava perante o governo britânico, afirmando que o bloqueio naval à Alemanha teria “efeitos terríveis” na opinião pública americana. Paralelamente, tropas canadenses preparavam-se para atravessar o Atlântico e participar da guerra antes que o conflito chegasse ao fim.

Muitos haviam imaginado que a guerra estaria terminada antes do Natal, mas essa possibilidade era cada vez menos provável. Um soldado alemão, que participava da corrida para o mar, escreveu à família: “Tenho a impressão de que a guerra durará muito tempo. Bom, aguentarei, mesmo que se prolongue por mais um ano.” O soldado foi morto pouco depois de ter escrito essa carta.

Em 26 de setembro, em Saint-Mihiel, entre Verdun e Toul, os alemães cercaram a fortaleza francesa de Camp des Romains. Apesar de estar isolada e sujeita a fortes ataques de artilharia e granadas, a guarnição recusou repetidas exigências de rendição. Um ataque com fumaça obrigou-os por fim a saírem. Segundo um relatório publicado um mês depois no *New York Times*, “os sobreviventes da corajosa guarnição, ao saírem, viram seus oponentes baixarem as armas em reconhecimento de seu valente comportamento. Foram-lhes garantidos os mais honrosos termos de rendição. Seus oficiais puderam manter suas espadas, e, na marcha para um honroso cativeiro, os homens foram cumprimentados com expressões de respeito e

admiração”. Foram feitos prisioneiros cinco oficiais e trezentos soldados.

Com a intenção de atingir a costa belga e francesa, a artilharia alemã começou a bombardear, no mesmo dia da queda de Camp des Romains, os fortes que defendiam a Antuérpia, último grande círculo de fortes da Bélgica. Em Londres, Kitchener e Grey reconheciam a importância de prolongar a resistência na Antuérpia tanto quanto possível e receavam que as tropas alemãs, se conquistassem a Antuérpia, avançassem rapidamente para os portos do canal, obrigando o Exército britânico a retirar-se para a parte ocidental da França e talvez ameaçando a própria Grã-Bretanha. Uma simples semana de resistência permitiria ao Exército britânico formar uma linha defensiva em Flandres, de onde poderia ser desencadeado um ataque para libertar a Bélgica e, depois, empurrar os alemães de volta para seu país.

Determinado a consolidar a capacidade de resistência da Antuérpia por mais alguns dias, Kitchener enviou imediatamente artilharia pesada e homens para a cidade e pediu que o Exército francês fizesse o mesmo. Em 30 de setembro, Asquith escreveu à sua amiga Venetia Stanley:

Os belgas estão com “baixo moral” e alarmados com o bombardeio da Antuérpia, que só agora começou. Estão enviando seus arquivos e tesouros para cá e sugerem deslocar a sede de governo para Oostende. Kitchener fez então algumas boas sugestões, especialmente que não se preocupassem com o bombardeio de seus fortes, mas que se entrincheirassem com arame farpado etc. nos espaços intermediários e que desafiassem os alemães a avançar.

Em 1º de outubro, o gabinete britânico decidiu enviar à Antuérpia uma divisão completa, que naquele momento ia ao encontro de Sir John French, no norte da França. Na manhã seguinte, os alemães penetraram em dois fortes da cidade. Citando Churchill, Kitchener e Grey sublinharam a importância da luta na França para uma resistência continuada dos belgas na Antuérpia. Churchill ofereceu-se para ir pessoalmente à Antuérpia, de onde reportaria a situação. Recebendo autorização, partiu de Londres na mesma noite e passou os três dias seguintes nas trincheiras e fortificações da cidade, em negociações com o governo belga, que se mudara para a Antuérpia depois da queda de Bruxelas. Em 4 de outubro, telegrafou a Kitchener e informou que as tropas belgas estavam “cansadas e desanimadas”, principalmente porque o solo entre os fortes e a cidade estava tão encharcado, em parte devido a inundações deliberadas, que não era possível cavar trincheiras para sua proteção.

Numa tentativa de prolongar a defesa da cidade por tempo suficiente para que a Força Expedicionária Britânica chegasse à região costeira antes dos alemães, o governo belga apelou ao envio de tropas britânicas. Mal havia tropas disponíveis, e foram enviados imediatamente apenas 2 mil homens, seguidos por mais 6 mil

homens no dia seguinte. Entre esses soldados estava o poeta Rupert Brooke, que, com centenas de outros, compunha essa divisão de voluntários organizada por Churchill no início da guerra. Trazidos diretamente de seus aquartelamentos na Grã-Bretanha, dois terços dos homens tinham apenas iniciado seu treinamento e alguns nunca tinham disparado nem utilizado uma ferramenta de escavação de trincheiras. Os homens chegaram a Oostende em ônibus que ainda tinham nas laterais as informações dos percursos e destinos do tempo de paz: Bank, Holborn, Piccadilly, Shepherd's Bush e Strand.

Não se pretendia que essa divisão, que incluía uma treinada Brigada de Infantaria de Marinha, ficasse sozinha por muito tempo. Vinte e dois mil soldados profissionais, compondo uma divisão inteira, estavam a caminho, atravessando por mar para Oostende. “É imperioso que os belgas não cedam antes que as forças que agora atravessam o mar cheguem em seu apoio”, telegrafou Kitchener a Churchill em 5 de outubro. Para os cidadãos da Antuérpia, já com 8 mil soldados britânicos na cidade, a libertação parecia já ter chegado. Ouviram-se pelas ruas gritos de “*Vive les Anglais!*” e “*Vive Tommy Atkins!*”.⁹

Louise Mack, uma australiana que estava na Antuérpia em 5 de outubro, anotou em seu diário: “Macilentos, com olhos encovados, exaustos, suplicando por um repouso que talvez nunca consigam, esses gloriosos heróis revivem, como por magia, ao saberem que outras tropas vêm em seu auxílio na gigantesca luta pela Antuérpia. O cáqui amarelado parece andar ao lado dos uniformes azuis como se fosse a luz do sol.” A presença de tropas britânicas parecia até dar uma nova perspectiva ao distante ruído das armas. “O *boom* dos canhões diminui à medida que as tropas alemãs parecem ser empurradas cada vez mais para trás”, escreveu Louise Mack naquele mesmo dia. Era, porém, uma ilusão. Apesar de uma força britânica de 22 mil homens ter chegado a Oostende no dia seguinte, a decisão do governo francês de não enviar quaisquer tropas, como havia sido acordado anteriormente, levou os britânicos a hesitarem e a cessarem o avanço.

No começo da noite de 7 de outubro, utilizando morteiros austríacos de 430 milímetros, os alemães, que até então tinham concentrado seus esforços nos fortes, começaram a bombardear a própria Antuérpia. O primeiro morteiro caiu perto da catedral. “Quando explodiu, fechei os olhos, apertei as mãos e caí no chão ao lado da minha cama, dizendo para mim mesma: ‘Meu Deus, estou morta!’ E pensei que estava morta. A enormidade da sensação provocada por aquele som parecia pertencer a uma transição para o outro mundo. Parecia impossível passar por aquele ruído e sair dali viva”, escreveu Louise Mack. A primeira pessoa a ser morta na cidade foi um rapaz de 14 anos. A segunda pessoa foi um varredor da cidade, que foi decapitado enquanto corria para se proteger.

A ferocidade do bombardeio foi tal que os defensores não tinham meios para responder. Contra obuses austríacos de 300 milímetros, os canhões navais de 150

milímetros e os obuses de 120 milímetros não eram nada. Além disso, a divisão britânica que estava em Oostende não podia avançar sem os franceses, que, tendo parado em Gante, recusavam-se a avançar. “Os franceses abandonaram-nos”, escreveu Asquith a Venetia em 8 de outubro. “O Exército belga é pouco confiável e aí de nós! Não há outra coisa a fazer que não seja ordenar aos nossos marinheiros que evacuem as trincheiras nessa noite.” Asquith, que tinha um filho presente no cerco, mais tarde disse a Venetia: “Os belgas fugiram e foram obrigados a retornar aos fortes na ponta das baionetas enquanto os alemães, a uma distância segura de oito ou nove quilômetros, bombardeavam com seus colossais obuses.” A cidade continuou sendo bombardeada em 9 de outubro. Na manhã seguinte, depois de dois dias e duas noites de destruição, a Antuérpia não pôde resistir. Diz-se que o rei belga (casado com uma filha de um duque da Baviera) disparou o último tiro antes da rendição.¹⁰

A prolongada resistência da Antuérpia permitiu à Força Expedicionária Britânica completar o movimento desde suas posições a nordeste de Paris, posteriores à Batalha do Marne, até Flandres e os portos do canal da Mancha. Dentro da Antuérpia, E. Alexander Powell testemunhou o desfile dos vitoriosos, que durou cinco horas e contou com 60 mil alemães. Estavam presentes o governador militar, o almirante Schroeder e o seu comandante, o general Beseler. Depois de filas massivas de homens da cavalaria, com suas lanças erguidas, vieram os marinheiros da Divisão Naval alemã, “e então os bávaros em uniformes azul-escuros, os saxões em uniformes azul-claros e os austríacos — os mesmos que tinham disparado os canhões de forma tão eficaz — em belos uniformes cinzentos”.

Cinquenta e sete soldados britânicos foram mortos durante o cerco à Antuérpia, 936 foram feitos prisioneiros de guerra e enviados para campos na Alemanha e 1.600 conseguiram retirar-se para a neutra Holanda, onde ficaram até o final da guerra. Entre aqueles que conseguiram regressar à Grã-Bretanha estava Rupert Brooke, que tinha celebrado o advento da guerra com as seguintes palavras:

*Now, God be thanked Who has matched us with His hour,
And caught our youth, and wakened us from sleeping.*¹¹

“Essa guerra é, sem dúvida, a maior insanidade em que jamais se envolveram raças brancas”, escreveu o almirante Tirpitz à sua mulher em 4 de outubro. “Estamos exterminando o continente para que a Inglaterra obtenha benefícios. Além disso, a muito pérfida Albion consegue apresentar-nos ao mundo como se fôssemos os culpados.” Para os cidadãos da Bélgica ocupada, o domínio germânico era opressivo. Em 5 de outubro, o governador militar, marechal de campo Goltz, emitiu uma proclamação em que dizia que as aldeias ao redor de pontos onde as vias ferroviárias e telegráficas tinham sido destruídas seriam punidas sem piedade

(fossem ou não culpadas dos atos em questão). Com esse propósito em vista, tinham sido feitos reféns em todas as aldeias perto das estradas de ferro ameaçadas, que seriam imediatamente fuzilados no caso de tentativas de destruição das vias.

Era assim a crueldade germânica, conhecida na Grã-Bretanha como “aterrorizadora”. Em contraste a ela, cinco dias depois, Walther Rathenau enviou uma carta particular à chancelaria, na qual, em meio a toda a loucura gerada em dois meses de guerra, o homem que estava encarregado de conseguir as matérias-primas essenciais para manter o combate propunha “uma paz real”. Para Rathenau, essa paz deveria basear-se na evacuação da Bélgica por parte dos alemães, na reconciliação com a França e na criação de um sistema econômico europeu que unisse Alemanha, Áustria, França e Bélgica. Tal sistema representaria “uma vitória interna que ultrapassaria em muito todas as possíveis realizações externas”. Rathenau assinalou ainda que uma “aliança econômica com um país vizinho poderia incluir também uma futura aliança política”. Oito anos depois, Rathenau adotaria essas ideias como base de sua política como ministro das Relações Exteriores, mas as mesmas ideias conduziram ao seu assassinato nas mãos de ultranacionalistas antisemitas.

Na Galícia, o Exército russo continuava a avançar profundamente pela Áustria, e alguns homens da cavalaria chegaram até a Hungria. “A situação parece ruim para os austríacos”, comentou o general Max Hoffmann em 26 de setembro. “Poupamos dinheiro com o Exército durante vinte anos e agora estão pagando o preço.” Contudo, as províncias russas da Polônia, que tinham sido anexadas no século XVIII, estavam sendo lentamente conquistadas, com ajuda do próprio Hoffmann, por meio das ações de Hindenburg e Ludendorff, e batalhas de grande intensidade abriam à Polônia a perspectiva de um fim de quase 150 anos de domínio russo. Mesmo assim, ainda não se sabia se os novos governantes, os alemães, garantiriam autonomia e independência à Polônia. Nacionalistas extremistas alemães pediam a criação de uma zona de separação permanente entre a Alemanha e a Polônia, deportando 16 milhões de poloneses para a Rússia e abrindo espaço para colonos alemães.

Os países neutros que observavam o progresso diário da guerra, tendo em mente seus próprios interesses e ambições nacionais, não conseguiam prever o que aconteceria e mantiveram-se como espectadores. As potências da Entente, em sua busca por novos aliados e novos exércitos, deparavam-se com grande relutância por parte de outros países. A Itália, com sua fronteira com a Áustria e suas aspirações territoriais no Adriático, era interessante para a Entente, mas o governo italiano manteve-se tenazmente neutro. O país foi desafiado em 10 de outubro, quando o futuro líder fascista Benito Mussolini, na época dirigente socialista, publicou um

artigo num jornal socialista apelando a uma inversão da posição antibelicista de seu partido e incitando uma participação italiana ao lado da Entente. Mussolini tinha a esperança de que aquela guerra pudesse conduzir à revolução e à queda da monarquia. Para o governo francês, ansioso por ter a Itália como aliada, o objetivo final não era importante, e sim ter uma voz influente convocando a Itália para a guerra. Para garantir que os pontos de vista de Mussolini tivessem a maior divulgação possível, o governo francês financiou seu primeiro jornal independente, o *Popolo d'Italia*, fornecendo-lhe verbas mensais. O primeiro pagamento foi entregue a Mussolini por um político socialista francês.¹²

Foi o patriotismo, e não pagamentos em dinheiro, que levou um tenente naval alemão, Karl Lody, a executar uma missão de espionagem na Grã-Bretanha logo após o início da guerra. Ele partiu de Berlim, com um passaporte americano falso, para Edimburgo, Rosyth e Liverpool, reportando por telegramas, para a neutra Suíça, os preparativos navais britânicos e seus respectivos dispositivos. Lody enviou também relatórios sobre defesas antiaéreas londrinas. Seus telegramas foram lidos pelo censor britânico e tornaram-se suspeitos, por isso os envios foram interrompidos. A única mensagem autorizada foi um relatório sobre o boato de que soldados russos estavam a caminho da França através da Grã-Bretanha.

Lody foi detido em 2 de outubro, enquanto se dirigia a uma base naval britânica em Queenstown, julgado em tribunal marcial reunido na Câmara Municipal de Westminster e condenado à morte por fuzilamento na Torre de Londres. Na manhã de sua execução, disse ao guarda que o acompanhava: “Suponho que não dará um aperto de mão a um espião”. “Não, mas dou um aperto de mão a um homem corajoso”, respondeu o guarda. Depois da execução de Lody, um chefe dos serviços secretos britânicos escreveu: “Nunca vacilou, nunca lisonjeou e morreu como se deseja que qualquer inglês morra: tranquilamente e sem drama, apoiado em sua coragem pela orgulhosa consciência de ter cumprido seu dever.” Em Berlim, houve menos elogios. “Devo confessar que suas capacidades para um trabalho tão importante eram praticamente nulas”, escreveu o chefe de espionagem de Lody.

Em 3 de outubro, no contexto da corrida ao mar, as forças alemãs entraram na cidade belga de Ypres. Dois dias depois, houve um combate aéreo sobre a França, quando dois aviadores franceses abateram uma aeronave alemã, cuja tripulação, de dois membros, foi morta. Em 8 de outubro, o primeiro de dezesseis zepelins alemães a serem destruídos por aviões britânicos foi bombardeado em seu hangar por um piloto britânico, o tenente-aviador Reginald Marix.¹³

Em 10 de outubro, numa intensificação do avanço para norte, o 4º Exército Alemão recebeu ordens para “isolar as fortalezas de Dunquerque e Calais”. Nesse dia, um destacamento da cavalaria alemã entrou em Lille, no norte da França.

Enquanto estabeleciam conversações com o prefeito, chegou a cavalaria francesa. Houve uma breve escaramuça, e os alemães foram-se embora. Poucas horas depois, a artilharia alemã caiu sobre a cidade, e um avião alemão soltou uma bomba, matando um menino e um cavalo.

Em 11 de outubro, o bombardeio alemão a Lille recomeçou com energia. Em dois dias, foram disparados mais de 5 mil projéteis sobre a cidade e foram destruídas oitocentas casas. Em 13 de outubro, Lille rendeu-se. As tropas alemãs que ocuparam a cidade estavam tão exaustas que muitos soldados se deitaram nas ruas e dormiram.

A corrida pelo mar estava sendo ganha, a um ritmo muito lento, por britânicos e franceses. Em 14 de outubro, tropas britânicas expulsaram os alemães que haviam ocupado Bailleul e descobriram que, nas poucas semanas de ocupação, os alemães haviam imposto uma taxa de guerra aos camponeses e matado catorze franceses em idade militar. Antes de saírem, os alemães tinham aberto as portas de um manicômio, deixando centenas de internados andando pelos campos sem qualquer ajuda. Muitos foram encontrados mortos nas beiras das estradas e em bosques.

Mortes violentas tornavam-se triviais, provocando diferentes emoções. Depois de um grande amigo ter sido atingido por um projétil perdido em 14 de outubro, o general Smith-Dorrien escreveu numa carta particular: “Aqueles que vão para a eternidade antes de terem completado sua tarefa são heróis. Devemos pensar neles como tal e não como alvo de lamentos.” Entre aqueles para quem tinham sido cavadas sepulturas na véspera estava o tenente Bernard Montgomery, de 26 anos de idade, que tinha sido ferido com tamanha gravidade que se supôs que morreria. Quando comandava seu pelotão de trinta homens num ataque à aldeia de Méteren, uma bala de um rifle alemão atravessou-lhe o peito. Um soldado que tentava pôr uma atadura na ferida foi atingido e caiu sobre ele. Com os dois homens caídos ali, sem poderem se mover, os alemães continuaram a disparar. Montgomery foi novamente atingido, dessa vez num joelho. O soldado que o ajudara morreu e só quatro horas depois foi possível transportar Montgomery; ele estava inconsciente e julgava-se que estava morto, mas ainda não se entregara. “Com uma característica falta de cooperação, recusou-se a morrer, e, quando chegou a hora de movimentar-se, sua unidade teve de levá-lo consigo”, escreveu um de seus biógrafos.¹⁴

Em 15 de outubro, os alemães conseguiram entrar no porto belga de Oostende. “É extraordinário como somos impopulares”, escreveu o almirante Tirpitz à sua mulher após visitar a Antuérpia. Praticamente toda a Bélgica estava ocupada e dezenas de milhares de refugiados belgas tinham chegado à Inglaterra, estimulando o sentimento antialemão. Em 17 de outubro, o *Evening Standard* publicou a manchete “Libertando hotéis de Londres do inimigo” e listou os hotéis que naquele dia haviam sido declarados “livres de alemães e austríacos”. No dia seguinte, Thomas Hardy escreveu sobre um sonho bucólico em que os refugiados belgas chegariam à Inglaterra com seus sinos e sua música:

*Then I awoke; and lo, before me stood
The visioned ones, but pale and full of fear;
From Bruges they came, and Antwerp, and Ostend,*

*No carillons in their train. Foes of mad mood
Had shattered these to shards amid the gear
Of ravaged roof, and smouldering gable-end.*¹⁵

Graças aos grandes esforços das tropas britânicas, francesas e belgas, o avanço alemão tinha chegado a um limite. Em vários pontos, as unidades alemãs mais a ocidente retrocediam para leste através da fronteira franco-belga. A cidade francesa de Armentières foi recuperada pelos britânicos em 18 de outubro. Entre os mortos nessa luta estava um primo de Churchill, Norman Leslie. “A cada vez maior conflagração dessa guerra devora tudo o que é precioso, e seu fim ainda está bem longe”, escreveu Churchill ao apresentar suas condolências à mãe de seu primo, Leonie Leslie. “O Exército britânico fez reviver em poucas semanas de guerra, por todo o mundo, as glórias de Azincourt, Blenheim e Waterloo, e Norman desempenhou seu papel.”

Ypres foi recapturada aos alemães na mesma data. A partir daí, os britânicos planejaram empurrar os alemães através da Bélgica, chegando pelo menos até Menin e Roulers. Contudo, poucos quilômetros acima da estrada de Menin e ao longo da estrada de ferro para Roulers, os alemães interromperam o avanço britânico. Durante 19 de outubro, o general Rawlinson, que tinha recebido ordens para “deslocar-se para Menin”, hesitou, pois pilotos britânicos e refugiados belgas tinham reportado que reforços alemães avançavam. Menin, a apenas dezenove quilômetros de Ypres, manteve-se em mãos alemãs.

Havia muita esperança entre os soldados alemães em mais vitórias, em particular entre aqueles que ainda estavam atrás das linhas. Um soldado alemão que tinha acabado de ir para a frente escreveu ao seu senhorio em 20 de outubro: “Quando chegarmos ao nosso destino, escrevo-lhe imediatamente e envio-lhe meu endereço. Espero que cheguemos à Inglaterra.” Esse soldado era Adolf Hitler, que entraria em ação nove dias depois.

Determinado a evitar que os soldados alemães conseguissem chegar à Inglaterra, e receando a relutância dos marinheiros britânicos em abrirem fogo contra navios de tropas, Churchill, em 22 de outubro, informou os oficiais do Almirantado: “Deve ser dada uma ordem precisa para que todos os navios em que se acredite haver tropas alemãs transportadas para a Inglaterra sejam afundados por torpedos ou peças de artilharia. Não serão aceitas conversações nem rendições em alto-mar.”

Tropas alemãs que se rendessem após chegarem às costas britânicas, “sem condições e imediatamente”, poderiam ser tratadas “com tanta misericórdia quanto permitam as circunstâncias”, mas os oficiais britânicos deveriam garantir “que o inimigo não consiga vantagens devido a qualquer ato de humanidade”. Somente quando a luta estivesse concluída é que esses alemães poderiam ser feitos prisioneiros de guerra “regulares, desde que o poder de fogo dos navios não seja afetado”. A possibilidade de uma invasão obrigava a medidas duras, mas, na realidade, essas medidas nunca foram testadas, nem mesmo na Segunda Guerra Mundial.

Na manhã de 21 de outubro, tropas da cavalaria britânica e francesa que estavam na aldeia belga de Passchendaele, numa colina na metade do caminho entre Ypres e Roulers, deixaram a localidade e dirigiram-se para Ypres. Não tinham sido atacadas, mas aumentaram a segurança ao aproximarem-se da cidade. Ambos os lados começaram a escavar trincheiras, ligando-se numa linha contínua e formando ninhos de metralhadoras, abrigos, trincheiras de comunicações que conduziam à retaguarda e terrenos minados que iam até tão perto quanto possível da linha de frente inimiga. Os postos de observação da artilharia, os balões e as patrulhas aéreas vigiavam qualquer movimento. As linhas de trincheiras estabelecidas entre Ypres, no lado britânico, e Menin e Roulers, no lado alemão, um terreno conhecido como saliente de Ypres, tornou-se o cenário, durante quatro anos, de algumas das mais ferozes lutas de qualquer guerra na história. Naquele momento, contudo, parecia que as escaramuças a leste de Ypres não eram mais do que um momento passageiro da luta. “Na minha opinião, o inimigo está jogando vigorosamente sua última cartada e estou confiante em que irá falhar”, telegrafou Sir John French a lorde Kitchener na tarde de 21 de outubro.

Porém, a “última cartada” foi muito mais do que uma série de escaramuças da cavalaria. O que se tornou conhecido como Primeira Batalha de Ypres foi uma decidida tentativa alemã de afastar definitivamente os britânicos do saliente, como parte de uma estratégia mais vasta de avançar pelo mar do Norte e pelas costas do canal da Mancha.

Não apenas em Ypres, mas mais ao sul, em Messines e Neuve Chapelle, unidades alemãs tentavam fazer os britânicos recuarem, cantando canções patrióticas conforme avançavam, mas o grande desígnio alemão não tinha qualquer sucesso à vista. A guerra de movimentos rápidos tinha virado uma luta por aldeias, colinas, matas e estradas. Em 21 de outubro, um artilheiro alemão, Herbert Sulzbach, que estava em ação pela primeira vez, escreveu em seu diário: “Avançamos. Temos uma primeira visão do campo de batalha e é preciso habituar-se a cenas terríveis e

impressionantes de cadáveres, cadáveres e mais cadáveres, escombros e o que resta de aldeias.”

A Infantaria alemã tinha acabado de capturar a aldeia de Prêmesques. “Os corpos de amigos e inimigos jaziam juntos”, escreveu Sulzbach.

O fogo da Infantaria obriga-nos a abandonar posições que tínhamos conquistado, e a isso acresce o forte fogo da artilharia dos britânicos. Estamos agora numa área de prados, coberta por gado morto, com algumas vacas sobreviventes e abandonadas. As ruínas da aldeia, que foi tomada de assalto, ainda fumegam. Trincheiras cavadas às pressas pelos britânicos estão cheias de corpos. Nós também fomos expulsos de nossas posições pelo fogo da Infantaria e da artilharia.

Nessa noite, Sulzbach refletiu sobre esse primeiro dia de ação.

Caiu uma assustadora noite sobre nós. Vimos muitas coisas horríveis num só dia, sentimos os odores de ruínas fumegantes e ouvimos os mugidos de gado disperso e o matraquear de metralhadoras, que nos causa uma forte impressão, nós que mal temos 20 anos, mas essas coisas também nos fortalecem para o que vem por aí. Nós não quisemos essa guerra! Apenas defendemos a nós mesmos e aos nossos alemães contra um mundo de inimigos que se uniram contra nós.

Em 23 de outubro, depois de dois dias de luta quase corpo a corpo perto de Langemarck, no saliente de Ypres, havia 1.500 alemães mortos no campo de batalha. Na aldeia de Kortekeer, mais de setecentos alemães foram feitos prisioneiros. Entre eles, estavam cinquenta soldados britânicos que tinham sido capturados pelos alemães no início da batalha.

A linha de trincheiras começava a adquirir sua lógica fatal e estática. Apesar de o sucesso britânico em Kortekeer ter sido reportado para o quartel-general como “um grande avanço”, não foi feita qualquer tentativa para tirar proveito dessa situação. Ao mesmo tempo, projéteis alemães altamente explosivos, conhecidos pelos franceses como *marmites* e pelos britânicos como *coal-boxes* e Jack Johnsons, explodiam nas trincheiras e causavam contínuas baixas aos Aliados.¹⁶ As esperanças alemãs de chegar ao mar eram tão vãs quanto os desejos britânicos de fazer os germânicos recuarem consideravelmente na Bélgica. A batalha no saliente de Ypres tornou-se uma luta pelo próprio saliente, por uma área que não excedia treze quilômetros de largura em sua maior extensão. Em Reutel, imediatamente ao norte

da estrada de Menin, um batalhão do Regimento de Wiltshire foi quase totalmente dizimado, e os poucos sobreviventes foram feitos prisioneiros.

Ao sul de Ypres, tropas indianas entraram em ação pela primeira vez na frente ocidental quando repeliram um ataque alemão na noite de 25 de outubro, entre Wijtschate e Messines. A história oficial do Corpo Indiano na França recorda como um soldado, o sipaio Usman Khan, tendo sido atingido duas vezes por tiros de rifle, recusou-se a abandonar sua posição. Somente quando “grandes pedaços de carne de ambas as pernas foram lançados para longe por um estilhaço de projétil” é que foi transportado para fora do cenário de luta. Por seu “grande exemplo”, Khan recebeu a Medalha por Distinção em Serviço da Índia. Os indianos tinham saído do subcontinente quase dois meses antes.

Em 26 de outubro, o Corpo Indiano fez seu primeiro ataque na frente ocidental, mas nesse mesmo dia morreu seu primeiro oficial britânico, o capitão P. C. Hampe-Vincent, e nove dos seus homens. Dentro de quatro dias, mais quatro oficiais britânicos, quatro oficiais indianos e mais de duzentos soldados indianos foram mortos. No saliente de Ypres, muitos soldados britânicos que defendiam a aldeia de Kruiseecke, um pouco ao sul da estrada de Menin, foram mortos ou enterrados vivos quando a artilharia britânica disparou em direção à aldeia, de longe, desconhecendo que tinha sido capturada por seus próprios homens. A artilharia alemã manteve um fogo quase contínuo durante 56 horas. Um historiador militar, Anthony Farrar-Hockley, que esteve em ação na Coreia em 1950, escreveu:

Gradualmente, de cada um dos nossos quatro batalhões, homens começaram a cair, literalmente projetados de suas trincheiras quando procuravam o que restava de suas unidades; homens feridos deslocavam-se penosamente para a retaguarda; homens que se recuperavam da terrível experiência de serem enterrados vivos, mas que tinham tido sorte suficiente para serem localizados e desenterrados por seus camaradas; homens no limite da exaustão e em contínuo choque por verem seus amigos mortos e feridos e com a crescente impressão de que em breve também morreriam.¹⁷

Alarmado com informações de que havia “unidades em desordem”, Sir Douglas Haig, comandante do 1º Corpo, escreveu em seu diário que “viajei, quando eram cerca de 3 horas da manhã, para ver o que se passava, e fiquei aturdido ao ver homens aterrorizados que recuavam”. Ele acrescentou: “Houve unidades da divisão que ficaram paralisadas em suas trincheiras.” Sir John French foi ainda mais longe e telegrafou a Kitchener nessa noite, dizendo que os alemães estavam incapacitados “de fazer qualquer tipo de ataque forte e sustentado”.

No quartel-general alemão, o sucessor de Moltke como chefe do Estado-Maior, o

general Falkenhayn, ficou profundamente desapontado por não ter conseguido quebrar a linha britânica, dizendo aos seus comandantes, em 27 de outubro, que seriam necessários reforços substanciais antes de desencadear qualquer ação ofensiva decisiva, mas que esses reforços estavam a caminho. Seriam suficientes? Com azedume, o afastado Moltke escreveria ao Kaiser sobre Falkenhayn, dizendo que “não possui força interior nem espírito nem alma para delinear e pôr em ação operações de grande envergadura”.

Falkenhayn, contudo, ainda tinha a esperança de quebrar as linhas britânicas. Nesse dia, uma tentativa alemã de disparar projéteis que continham uma substância irritante, testada em Neuve Chapelle, não teve sucesso.¹⁸ Contudo, após o oficial no comando e o assistente do batalhão britânico que defendia a linha logo ao sul de Neuve Chapelle terem sido mortos, as tropas alemãs conseguiram abrir uma brecha na linha britânica.

Foram combatentes que vieram de longe, de um dos batalhões de indianos recém-chegados, que haviam atravessado o oceano Índico e os mares Vermelho e Mediterrâneo, que responderam ao apelo urgente para preencher a brecha. Tinha anoitecido. Os soldados indianos, que não estavam habituados a solos pantanosos e a defesas feitas de arame farpado, tiveram dificuldade em atingir a brecha. Quando conseguiram, ficaram sob fogo de metralhadoras alemãs guiadas por focos de luz.

Às primeiras horas de 28 de outubro, os indianos atacaram, entrando em Neuve Chapelle e lutando casa a casa, homem a homem. Um alemão receoso de ser morto ao render-se foi confortado por um *sikh*, que lhe deu um tapa amigável nas costas e disse-lhe que não tivesse medo. Contudo, horas depois de seu sucesso, um contra-ataque alemão sustentado expulsou os indianos da aldeia. Quando recuavam, foram barbaramente atacados pelos alemães com fogo de artilharia e de metralhadoras, e apenas 69 homens, entre os 289 indianos que conseguiram afastar-se de Neuve Chapelle, conseguiram atingir a estrada onde se iniciara o ataque. Por sua coragem durante a retirada, Subadar Malla Singh foi agraciado com a Cruz Militar, sendo o primeiro oficial indiano a recebê-la durante a guerra. Nos seguintes seis dias de luta, mais de 25 oficiais britânicos e quinhentos oficiais indianos foram mortos e 1.455 ficaram feridos.

Nesse dia, quando o gabinete se reuniu em Londres, foi decidido manter em segredo que um dos mais modernos couraçados britânicos, o *Audacious*, havia sido afundado por uma mina alemã na costa norte da Irlanda. O principal argumento para esse sigilo, escreveu a mulher de Asquith em seu diário, era que as tropas britânicas estavam “totalmente exaustas” na frente ocidental e que notícias do afundamento teriam “animado perigosamente” os alemães.¹⁹

Reforços germânicos estavam sendo enviados rapidamente para o setor britânico da frente, e a ofensiva alemã iniciou-se às 5h30 de 29 de outubro. Uma mensagem

por rádio havia sido interceptada dois dias antes, dando informações precisas sobre o início do ataque, mas a artilharia britânica, que devido à escassez de munições estava limitada a nove projéteis diários por canhão, não pôde tirar vantagem da informação obtida pelos serviços secretos. Durante a batalha, Herbert Sulzbach, cuja bateria de artilharia estava camuflada para evitar que fosse vista do ar, anotou em seu diário: “Os aviões britânicos lançam panfletos que dizem que devemos apresentar nossa rendição. O contrário faz mais sentido!” Na frente, ele acrescentou: “Uma companhia saxônica tentou fazer um assalto muito arriscado e por conta própria, que custou a vida de quase todos os homens da companhia.”

O Regimento List estava entre as unidades alemãs em ação pela primeira vez nessa manhã e, durante as lutas, nos arredores de Gheluvelt, perdeu 394 homens. “Posso dizer orgulhosamente que os homens do nosso regimento lutaram como heróis”, escreveu Adolf Hitler ao seu senhorio. “Fui promovido a cabo e escapei quase por milagre.”

Para o general Falkenhayn, a batalha por Gheluvelt era o prelúdio essencial — e esperava-se que breve — da captura de Ypres e da caminhada para o mar. Nessa noite, foi emitida uma nova Ordem do Dia pelo general Fabeck para as tropas alemãs, apontando onde deviam lutar quando a batalha recrudescesse na manhã de 30 de outubro:

O avanço terá uma importância decisiva. Devemos e conseguiremos conquistar. Resolveremos a luta que dura há séculos, acabaremos com a guerra e aplicaremos um golpe mortal ao nosso mais detestado inimigo. Acabaremos com britânicos, indianos, canadenses, marroquinos e outra escória e enfraqueceremos nossos adversários, que se renderão se forem atacados com vigor.

Com essa exortação, o general Fabeck esperava inspirar as tropas que tinham sido postas sob seu comando para o assalto crucial. Durante quatro dias, seus homens tomaram parte, e Hitler entre eles, na batalha por Gheluvelt. A luta foi selvagem: um batalhão britânico, posto sob fogo a uma curta distância durante vinte minutos, perdeu seu comandante e 275 homens e seus 54 sobreviventes foram feitos prisioneiros. Todos eles estavam feridos. Ainda assim, Gheluvelt manteve-se em mãos britânicas.

Na tarde de 30 de outubro, tropas alemãs atravessaram a linha britânica a caminho do bosque de Zillebeke, e homens do Guardas Irlandeses foram enviados para defender a linha. Em seu caminho para a frente, durante uma breve parada, um oficial da companhia recordou em seu diário:

No meio da estrada encontramos um soldado de um regimento britânico de cavalaria que já estava morto, e cujo cavalo, moribundo, caíra sobre ele. Passou uma mulher. Levava todos os bens de sua casa às costas e puxava pelas mãos duas crianças muito novas. Não deu pela presença de ninguém, mas notei que as duas crianças evitavam olhar para o homem morto.

Nessa noite, os Guardas Irlandeses em patrulha viram as silhuetas de seus adversários alemães, “com seus capacetes pontiagudos”, contra as chamas de uma casa de fazenda incendiada, deslocando-se para suas posições para o ataque da manhã seguinte. O historiador irlandês registrou que, se a ação tivesse acontecido dois anos depois “nossos canhões teriam esperado até que a formação de inimigos estivesse completa e teriam removido esses batalhões da face da terra, mas ainda não tínhamos as armas certas”.²⁰ Nessa tarde, Foch concordou com o envio de tropas francesas para reforçar a linha britânica e aconselhou a Sir John French que continuasse a persistir.

Na manhã de 31 de outubro, um renovado ataque alemão expulsou os britânicos de Gheluvelt. Farrar-Hockley escreveu que “para aumentar os horrores do dia”, um batalhão britânico soube que seus oponentes alemães “tinham espetado baionetas em alguns feridos e tirado suas roupas, relógios, carteiras e outros objetos”. Houve “ocasionais represálias selvagens”, mas, de modo geral, esse comportamento bárbaro não era habitual. Pouco depois do meio-dia, um projétil atingiu o quartel-general britânico no saliente, matando um general e vários oficiais do Estado-Maior. No meio da tarde, Gheluvelt estava novamente em mãos britânicas, mas o comandante-chefe quase perdeu a calma ao ver centenas de soldados britânicos feridos. “Nada mais me resta que não seja avançar e ser morto com o 1º Corpo”, disse Sir John French a Foch nessa tarde, mas o indomável francês respondeu sem hesitação: “Não deve falar em morte, mas em vitória.”

Tendo prometido enviar seis batalhões de soldados franceses para a linha britânica, Foch escreveu ao comandante-chefe britânico informando o que pensava sobre a estratégia: “É absolutamente essencial *não fazermos retiradas*, por isso os homens devem escavar trincheiras onde quer que se encontrem e aguentar-se no local que ocupam.” Qualquer movimento para a retaguarda por “qualquer considerável corpo de tropas conduzirá a um assalto por parte do inimigo e provocará confusão entre as tropas. Essa ideia deve ser absolutamente rejeitada”.

Dos 84 batalhões britânicos sob o comando de Sir John French, cada um com uma força original de trinta oficiais e entre 966 e 977 homens, apenas nove batalhões ainda tinham entre 350 e 450 homens. Alguns tinham sido tão maltratados que tinham apenas entre duzentos e trezentos homens, e 31 batalhões não tinham mais do que cem ou duzentos soldados. Dezoito batalhões britânicos tinham menos de cem homens. Apesar de tão drástica redução em sua força de combate, a Força

Expedicionária Britânica, com apoio canadense, indiano e francês, defendeu o saliente de Ypres. Entre os oficiais britânicos mortos no saliente no último dia de outubro, encontrava-se o príncipe Maurice de Battenberg, que comandava seu batalhão num espaço aberto quando um projétil explodiu perto dele. Battenberg chegou a ser levado para um hospital de campanha, despedindo-se de seus homens enquanto se encontrava na maca, mas morreu antes de obter ajuda. À semelhança do Kaiser, o príncipe Maurice era neto da rainha Vitória.

Na tarde de 1º de novembro, no flanco direito da força britânica, onde se unia aos franceses, homens dos Guardas Irlandeses que defendiam a linha foram obrigados a recuar, devido à artilharia pesada e ao fogo de metralhadoras, até perto do bosque de Zillebeke. Oficiais, ordenanças, impedidos e até mesmo cozinheiros pegaram em rifles e juntaram-se às tropas da frente. “Era como uma linha de ataque num jogo de *rugby*”, recordou um dos homens. “Todos eram importantes, entende? Se caísse, ninguém o substituiria.” Dos quatrocentos homens desse batalhão, mais de 130 foram mortos, sendo 88 de uma só vez, quando a trincheira foi destruída pelo fogo da artilharia alemã.

Em 2 de novembro, o flanco direito da linha britânica foi ajudado por tropas francesas. A cidade de Ypres, apesar de estar sob o fogo da artilharia alemã, mantinha-se em mãos aliadas. Três dias depois, os alemães fizeram uma nova tentativa de avançar para a costa, atacando o sul de Ypres, ao longo das colinas de Wijtschate, mas a falta de projéteis de artilharia obrigou a uma redução da escala do bombardeio preliminar, que teria agradado a Falkenhayn. Entre os soldados alemães em ação perto de Wijtschate, em 5 de novembro, estava Hitler. Por sua ação no combate foi-lhe mais tarde atribuída uma Cruz de Ferro de Segunda Classe. “Foi o dia mais feliz da minha vida”, escreveu ele ao seu senhorio. “É verdade que muitos dos meus companheiros que a teriam merecido tanto como eu estão mortos.” Mais de setecentos dos 3.600 homens do Regimento List tinham morrido durante os primeiros dez dias de combate.

Em 6 de novembro, uma semana depois de seu primo, o príncipe Maurice de Battenberg, ter morrido em ação lutando contra os alemães, o próprio Kaiser foi a Warneton, ao sul de Ypres, para encorajar suas tropas. Foi o primeiro soberano da guerra a sentir que sua presença poderia inspirar seus homens. Durante a visita, contudo, deixou uma má impressão numa divisão alemã que o viu falando amigavelmente, em inglês, com alguns prisioneiros de guerra britânicos.

O campo de batalha tornava-se a sepultura de milhares de jovens alemães e ingleses. Um oficial britânico de 19 anos, Eric Dorman-Smith, que tinha sido ferido em Mons em agosto, regressou ao seu batalhão na primeira semana de novembro e ficou chocado com o que viu. “Era impossível suportar o número de perdas”, escreveu sua biógrafa, Lavinia Greacen. O primeiro comandante de companhia de Dorman-Smith tinha sido morto no Aisne em 15 de setembro. Um amigo próximo,

que era um atleta brilhante de Cambridge, tinha sido morto por um atirador cinco dias antes. Outro amigo também tinha morrido, “em 27 de outubro, em Neuve Chapelle, depois de catorze dias de luta contínua; também fora alvo de um atirador bem-posicionado”. Na luta em Neuve Chapelle, o fogo de artilharia tinha matado nove soldados de sua companhia. “O pesadelo mais recente foi o desaparecimento do capitão Fletcher, especialista em pugilismo, que se sabia ter sido morto, juntamente com outros, em 1º de novembro, mas cujo corpo não foi encontrado.”

Em 11 de novembro, os Guardas Prussianos receberam ordens para tomar a cidade de Ypres. Seu ataque foi precedido pelo mais intenso bombardeio até então, possível devido ao armazenamento deliberado de munições ao longo da semana anterior. Durante algum tempo, as tropas alemãs penetraram na linha de frente britânica, mas foram repelidas. Num momento da batalha, um batalhão britânico viu o que parecia ser uma onda de tropas alemãs aproximando-se em meio à névoa e à fumaça. Durante alguns minutos, parecia que as figuras em uniformes cinzentos não se moviam. Então, quando a névoa começou a clarear, viram que não se tratava do avanço de uma linha inimiga, mas de alemães mortos ao longo da sua linha de frente.

Em Dixmude, ao norte de Ypres, o 3º Regimento de Guardas de Artilharia de Campanha, composto quase inteiramente por estudantes alemães, anulou os ninhos de metralhadoras francesas, mas foi praticamente aniquilado. Entre os estudantes que sobreviveram, estava um jovem de 19 anos, Richard Sorge, que mais tarde seria jornalista no Japão e um dos mais bem-sucedidos espiões de Stálin.²¹

A Primeira Batalha de Ypres estava chegando ao fim. Nas últimas horas, um oficial britânico, o comandante de brigada FitzClarence, que tinha ganho a Cruz Vitória na Guerra dos Bôeres e estava desapontado por um ataque ao muito disputado bosque de Polygon estar simplesmente fora de questão, foi enviado para que visse por si mesmo se alguma coisa podia ser feita. Ao fazê-lo, foi morto, sendo uma das últimas baixas da batalha.

No total, haviam sido mortos mais de 5 mil ingleses e mais de 5 mil alemães numa área com menos de dezesseis quilômetros de norte a sul e oito quilômetros de leste a oeste. O avanço alemão para Calais tinha falhado. Os ingleses mantiveram-se em Ypres, e os alemães, em Menin, fazendo pressão contra Ypres por três lados e bombardeando-a na vã esperança de tornar sua defesa insustentável. Ambos os exércitos construíram linhas de trincheiras, trincheiras de comunicação, abrigos e pontos de resistência. Entre os dois exércitos, desde o mar até os Alpes, as crateras formadas pelos projéteis e a devastação da terra de ninguém foram cenários de combates constantes. Os dois exércitos eram apoiados por uma crescente força de artilharia, cuja capacidade de depredação era limitada apenas pela escassez de

munições.

6

A caminho do primeiro Natal: “lama, lodo e vermes”

Novembro a dezembro de 1914

Enquanto os exércitos estacionavam na frente ocidental, aprofundando as trincheiras e alargando suas fortificações, ao mesmo tempo que havia tiros furtivos e alguns ataques, obrigando o outro lado ao fogo esporádico da artilharia, aumentava o abismo entre perigo e dificuldades na linha de frente e a percepção do combate nas capitais. O general Smith-Dorrien fez um rápido regresso a Londres, em novembro de 1914, do qual se recordou mais tarde:

Fiquei chocado por as pessoas na Inglaterra não terem conhecimento da natureza difícil da luta na frente ou de que estávamos muito perto de ficar sem reservas, o que poderia acontecer a qualquer momento. Suas mentes pareciam estar voltadas apenas para o que me pareceu ser um ridículo receio de uma invasão à Grã-Bretanha.

O recrutamento para os muito divulgados novos exércitos de Kitchener, que se pretendia que fossem enviados para a guerra na primavera de 1915, continuou no inverno de 1914. Em 21 de outubro, uma caricatura publicada na revista *Punch*, que mais tarde foi transformada em cartaz, mostrava o sr. Punch dizendo a um jogador de futebol profissional: “Não há dúvida de que se pode ganhar dinheiro nesse campo, meu amigo, mas hoje em dia há apenas um campo onde se pode ganhar honra.” Em 7 de novembro, um membro do Parlamento, pertencente ao Partido Trabalhista, J. H. Thomas (que quinze anos mais tarde seria secretário de Estado das Colônias), disse perante uma audiência que, se os milhares de jovens que estavam em condições de alistar-se no Exército preferiam estar num campo de futebol, “ou não entendem a situação ou são covardes e traidores”. Um mês depois, um membro conservador do Parlamento, William Joynson-Hicks, organizou o primeiro de dois

batalhões de jogadores de futebol. Ele mesmo serviu no Regimento de Middlesex.

Nesse outubro, na Alemanha, o governo imperial decidiu contrariar o sentimento hostil que surgira entre neutros e beligerantes após a invasão da Bélgica. A forma escolhida foi um Manifesto ao Mundo Civilizado, subscrito por 93 artistas alemães, poetas, historiadores, filósofos, cientistas, músicos e clérigos. “Empreenderemos essa luta até o fim como uma nação civilizada, uma nação que herdou o legado de Goethe, Beethoven e Kant e o legado não menos sagrado da casa e do lar”, declarava o manifesto. Entre os signatários incluíam-se Wilhelm Roentgen, o descobridor dos raios-X, e Max Reinhardt, pioneiro do teatro moderno. Em alemão, a expressão usada para “mundo civilizado” foi “Kulturwelt”, o que fez o manifesto ser imediatamente aproveitado pelos inimigos da Alemanha, que debochavam da realidade da “Kultur” alemã, conotando-a com cada ato de violência, cada atrocidade, cada bombardeio de uma cidade, cada destruição de uma igreja e cada ato individual de selvageria.¹

Um contramanifesto, intitulado Manifesto aos Europeus, foi imediatamente preparado por um líder pacifista alemão, Georg Friedrich Nicolai, professor de fisiologia na Universidade de Berlim e distinto cardiologista. No texto, Nicolai apelava a uma resposta europeia unida e intelectual, que poderia conduzir, no fim da guerra, a uma Europa unida:

O primeiro passo nessa direção seria todos aqueles que realmente valorizam a cultura da Europa juntarem forças, todos aqueles a quem Goethe profeticamente apelidou de “bons europeus”. Não devemos abandonar a esperança de que suas vozes, falando em uníssono, possam ainda hoje erguer-se acima do clamor das armas, particularmente se a elas se juntarem todos aqueles que já gozam de renome e autoridade.

Nicolai pensava em recolher assinaturas de um vasto número de professores da Universidade de Berlim, mas apenas três concordaram em assinar, entre eles Wilhelm Forster, de 80 anos, diretor do Observatório de Berlim, que também tinha assinado o manifesto oficial. Os outros dois signatários, ambos cientistas, tinham chegado recentemente a Berlim: Otto Buek, que vinha de Heidelberg, e Albert Einstein, que vinha da Suíça. Essa foi a primeira incursão de Einstein no mundo da política. “Infelizmente, superestimamos a coragem e a integridade dos professores alemães”, declarou Buek.

O próprio Kaiser juntou-se à campanha pela afirmação dos valores culturais germânicos, escrevendo, em 25 de novembro, ao filósofo racista, de nascimento britânico, Houston Stewart Chamberlain, que se tornara cidadão alemão: “É minha indizível convicção que um país a quem Deus deu Lutero, Goethe, Bach, Wagner, Moltke, Bismarck e meu avô ainda será chamado a desempenhar grandes tarefas

para benefício da humanidade.”

Enquanto a guerra terrestre no norte da França se transformava num confronto de trincheiras e arame farpado, a tirania dos torpedos se estabelecia em todas as águas. Em 15 de outubro, o submarino alemão U-9, que tinha afundado três cruzadores britânicos em setembro, torpedeou o cruzador britânico *Hawke* no mar do Norte: 525 marinheiros britânicos morreram afogados e apenas 21 sobreviveram. Dois dias depois, no mar do Sul da China, um torpedo alemão afundou o cruzador japonês *Takachiho* e morreram 271 marinheiros japoneses. Em 26 de outubro, no canal da Mancha, o barco a vapor francês *Amiral Ganteaume*, confundido com um navio de transporte de tropas, foi torpedeado pelo submarino alemão U-24, matando quarenta refugiados belgas.

Os ataques de submarinos alemães, em particular contra navios mercantes e transatlânticos, foram consideráveis, mas, em meio a essa crescente batalha, os britânicos conseguiram uma preciosa vantagem. Em 13 de outubro, a Marinha Imperial Russa enviou a Londres o livro de sinalização naval do cruzador alemão *Magdeburg*, que andara em torno do golfo da Finlândia e que estava sob fogo naval russo. O livro foi encontrado junto ao corpo do operador de sinais alemão, que estava prestes a destruí-lo quando foi morto pela deflagração de um projétil. Como resultado dessa descoberta, os criptógrafos britânicos puderam começar a trabalhar na decodificação das mensagens navais alemãs e a localizar seus adversários.

No oceano Pacífico, o Esquadrão Alemão do Extremo Oriente, comandado pelo almirante Maximilian von Spee, semeava a destruição entre os navios mercantes britânicos. Em 1º de novembro, ao largo de Coronel, Spee foi confrontado com navios de guerra britânicos conduzidos pelos cruzadores *Good Hope* e *Monmouth* e afundou ambos, matando 1.500 marinheiros britânicos, inclusive seu almirante, Sir Christopher Cradock. Foi a primeira séria derrota naval britânica em cem anos, desde que a nascente Marinha norte-americana derrotara uma armada britânica em Lake Champlain em 1814. Entre os mortos estava um vizinho da família Callaghan, de Portsmouth. “As notícias levaram dois dias para chegar a Portsmouth”, recordou James, que então tinha dois anos e nove meses de idade.

Quando chegaram, recordo-me com clareza de segurar com força a mão da minha mãe enquanto ela caminhava pela rua para visitar e confortar a viúva. Eu tive consciência da dor naquela sala. O que a deixou indelevelmente gravada na minha memória foi a visão da jovem viúva amamentando seu bebê.²

Desde o segundo dia da guerra, a Marinha alemã colocava minas no mar do Norte, instalando-as fora do limite de cinco quilômetros em relação ao inimigo, o que, pela Convenção de Haia de 1907, era ilegal. Essa prática conduziu, em 3 de novembro, a uma declaração, fortemente defendida pelo primeiro-ministro britânico, de que todo o mar do Norte deveria ser considerado uma área militar britânica e que parte dele seria minada. Navios neutros entrariam no mar do Norte “à sua responsabilidade”. Se atracassem em portos britânicos, onde as cargas poderiam ser revistadas quando a caminho da Alemanha, seriam escoltados através dos campos de minas, tendo sido previamente removida toda a carga “ilegal”.

Os países neutros mais afetados pelo bloqueio, Noruega e Suécia, protestaram contra essa quebra britânica da lei internacional, mas os britânicos estavam convencidos de que era “necessário adotar medidas excepcionais devido às novas condições em que a guerra estava sendo disputada”, e o bloqueio manteve-se, negando firmemente abastecimentos militares alemães e alimentos. Os Estados Unidos, apesar de um pedido norueguês que se juntassem ao protesto contra a Grã-Bretanha, recusaram-se a fazê-lo.

As práticas britânica e alemã no mar do Norte eram essencialmente diferentes, pois, enquanto a política alemã de colocação de minas resultava no afundamento de muitas centenas de navios neutros, o bloqueio britânico era perigoso apenas para os navios que se negassem a atracar em portos britânicos. Em dois anos, só foram afundados cinco navios americanos e perdidas quatro vidas, em casos de navios mercantes com matrícula americana que se recusaram a cumprir o bloqueio britânico.

Na frente oriental, as tropas alemãs pressionavam na direção do interior da Polônia russa, onde as populações locais voltavam-se de modo selvático contra os judeus, que viviam entre eles há séculos. Lojas, casas e sinagogas foram saqueadas. Na zona onde estavam tropas russas, segundo o embaixador francês na Rússia, Maurice Paléologue, judeus eram enforcados todos os dias, acusados de terem uma simpatia secreta pelos alemães e desejarem sua vitória. A presença de 250 mil judeus servindo no Exército russo não ajudou a combater o preconceito. Centenas de milhares de judeus foram expulsos de suas casas em Łódź, Piotrków, Białystok e Grodno e em dúzias de outras cidades e aldeias. Esses judeus tomaram as estradas para leste, levando consigo todas as posses que conseguiam carregar em todos os tipos de veículos, na esperança de encontrarem um santuário entranhado na Rússia, longe da histeria das zonas de guerra.

Nos campos de batalha da frente oriental, as baixas eram ainda mais numerosas do que no ocidente. Em 12 de outubro, Stanley Washburn, correspondente especial do *Times* junto aos exércitos russos, escreveu de uma base hospitalar em Rivne:

Ao mesmo tempo em que ficamos impressionados com as vastas enfermarias cheias de feridos, ficamos cada vez mais surpresos com aquilo de que o corpo humano é capaz e das coisas de que, com tratamentos médicos modernos, consegue recuperar-se. O corpo humano é tão delicado que parece incrível que possa suportar danos tão terríveis e recuperar-se e até mesmo ficar como novo. Vi um homem que tinha sido ferido na cabeça por um tiro. A ferida estava limpa, e, ao fim de duas semanas, o homem estava quase bom.

Outros soldados, que tinham sido feridos com tiros no estômago, bexiga e pulmões, “recuperam-se de modo tão fácil como se levar tiros fizesse parte do dia a dia de trabalho”.

Dez dias depois, na Galícia, Washburn enviou ao *Times* uma descrição do campo de batalha.

Por todos os lados em que há buracos formados pelos disparos de projéteis, há fragmentos dos uniformes austríacos azuis, rasgados em pedaços pela força das explosões; há, por todo o campo, pedaços de braços, uma perna ainda dentro de uma bota ou restos espantosos de soldados que, disciplinados, defendiam uma posição atingida por projéteis e metralha por todos os lados.

Naquilo que pouco tempo antes tinha sido o campo de batalha, Washburn encontrou uma cruz de madeira com um crucifixo. Um braço do corpo de Cristo tinha sido “levado por um estilhaço de obus”. Pregado à cruz estava um tosco pedaço de madeira com as palavras: “Aqui jazem os corpos de 121 guerreiros austríacos e quatro guerreiros russos.”

Em 17 de outubro, as forças alemãs no sul da Polônia, confrontadas com um número muito superior de russos, foram obrigadas a recuar, e unidades individuais chegaram a recuar quase cem quilômetros num só dia. Os russos estavam em posição de ameaçar a região da Silésia, que era o coração industrial alemão. Por meio de um supremo esforço de capacidade logística, Ludendorff e Hoffmann deslocaram o 9º Exército Alemão, que então avançava para sudeste, de Poznań para Cracóvia, para uma nova posição, a nordeste, de Poznań para Toruń, de forma a ameaçar a cidade russa de Łódź, obrigando as tropas russas, então prontas a entrar na Silésia, a defender a cidade ameaçada. Foi nesse momento que, em 21 de outubro, tropas polonesas, que lutavam sob comando austríaco, participaram de sua primeira batalha contra os russos.

Nessa semana, o rumor de que Paris tinha sido tomada pelos alemães circulou pelas forças austro-húngaras na frente oriental. Quando soube do boato, o filósofo

Wittgenstein teve pensamentos de desespero sobre o desenrolar da guerra e sobre o futuro de todos os alemães. De sua canhoneira fluvial na frente russa, escreveu, em 25 de outubro:

Faz-se sentir hoje, mais do que nunca, a triste posição da nossa raça germânica, pois me parece indubitável que não temos vantagem sobre os ingleses. Os ingleses — a melhor raça do mundo — não podem perder. Nós, no entanto, podemos perder e perderemos; se não for neste ano, será no próximo. O pensamento de que nossa raça será derrotada torna-me terrivelmente deprimido, pois sou totalmente germânico.

Esses pensamentos pessimistas pareciam contraditórios ao que se seguiu na guerra, pois, às primeiras horas de 29 de outubro, longe da frente oriental, houve um considerável sucesso dos alemães, e mais um fardo para os russos, quando dois navios de guerra alemães, *Goeben* e *Breslau*, que estavam ancorados em Constantinopla desde meados de agosto, bombardearam dois portos russos do mar Negro, Nikolaiev e Odessa, e lançaram minas nas rotas marítimas russas. Um navio lança-minas também foi afundado. Os dois navios de guerra bombardearam depois Sebastopol, Teodósia e Novorossisk, incendiando cerca de cinquenta tanques de combustível e celeiros. Como os dois navios alemães navegavam sob bandeira turca, com esse breve bombardeio a Alemanha e a Áustria ganharam um novo aliado contra a Entente. O almirante alemão que comandava a ação, almirante Souchon, escreveu à sua mulher: “Coloquei os turcos no barril de pólvora.”

O bombardeio dos portos do mar Negro conduziu a um imediato alastramento da guerra, que o alto-comando germânico estava convencido de que seria proveitoso. Numa reduzida e trivial retaliação, os britânicos, em 1º de novembro, atacaram um navio lança-minas turco no porto de Esmirna.³ No dia seguinte, um cruzador ligeiro britânico bombardeou o porto turco de Ácaba, no mar Vermelho. Após a guarnição turca ter fugido, um grupo da Marinha britânica desembarcou e explodiu a estação dos correios. Em 3 de novembro, navios de guerra britânicos e franceses bombardearam fortes turcos nos Dardanelos. A fortaleza da margem norte, Sedd el Bahr, foi atingida e os paíóis explodiram. Nesse mesmo dia, tropas russas atravessaram a fronteira oriental da Turquia.

Os turcos responderam declarando guerra às potências da Entente e não estavam totalmente despreparados. Nos Dardanelos, o coronel alemão Erich Weber estava, havia mais de um mês, encarregado das fortificações turcas, selando as vias aquáticas e organizando a colocação de minas. Depois do breve bombardeio naval britânico, foram enviados quatro oficiais e 160 soldados alemães para fortalecerem as defesas turcas e foram espalhadas minas, inclusive minas russas que os turcos tinham recuperado no mar Negro, minas francesas recuperadas ao largo de Esmirna

e até minas búlgaras remanescentes da Guerra dos Bálcãs. A colocação das minas foi executada por um oficial naval alemão, capitão Gehl. Artilheiros alemães preencheram os fortes em Chanak e Kilid Bahr e os estreitos através dos quais qualquer frota invasora precisaria passar. Em Chanak, um oficial alemão de artilharia, tenente-coronel Wehrle, colocou seis baterias de obuses sobrepujando os Dardanelos.

Com a declaração de guerra por parte da Turquia, mais um império ficava refém da sorte ou dos azares da guerra. Contudo, enquanto muitos alemães podiam ver a novidade como um ganho para as Potências Centrais, os britânicos consideraram o alastramento da guerra com certo menosprezo. “Foi o império otomano, e não nós, que marcou o fim do domínio otomano não só na Europa, mas também na Ásia”, declarou Asquith, no Guildhall, em 5 de novembro. Dois dias depois, 4.500 soldados ingleses e indianos, que tinham saído de Bombaim três semanas antes, desembarcaram em Fao, no extremo sul do golfo Pérsico, na distante província turca da Mesopotâmia. “*Detesto os turcos e tenho a grande esperança de que sejam riscados da Europa*”, escreveu a esposa de Asquith em seu diário naquela semana. “A Alemanha chantageou a Turquia até conseguir que ela ficasse do seu lado, mas, à exceção de ameaçar o Egito, duvido que nos aborreça muito.” Churchill queria que 50 mil soldados russos fossem levados por mar, de Arcangel ou Vladivostok, para atacar os turcos na península de Galípoli. “Não são necessárias quaisquer outras operações militares”, escreveu ele a Sir Edward Grey. “O preço a pagar para tomar Galípoli é sem dúvida elevado, mas não haveria mais guerra com a Turquia. Um bom exército de 50 mil homens com poder naval será o fim da ameaça turca.”

Nesse inverno, nenhuma ação militar foi desencadeada em Galípoli. Em paralelo, investigações russas conduziram a relatórios alarmantes de que havia 800 mil recrutas prontos para ir para a frente, mas sem rifles para lutar, enquanto os oficiais russos queixavam-se de que seus homens “podem comer o que conseguirem encontrar — batatas e nabos gelados — e podem adaptar-se ao gelo, mas munições não crescem nos campos”. Churchill sugeriu que os gregos poderiam “desencadear um ataque próprio a Galípoli em nome dos Aliados”, mas os gregos, apesar de seus desejos há muito acalentados em relação a Constantinopla, não queriam enviar tropas contra a Turquia, ficando divididos entre as simpatias pró-Entente de seu primeiro-ministro, Elefthérios Venizélos, e as aparentes inclinações pró-germânicas do rei, Constantino I, cuja mulher, Sofia, era irmã do Kaiser. Os turcos enfrentaram apenas um ataque militar naquele mês, na Mesopotâmia, realizado por tropas britânicas e indianas que tinham desembarcado em Fao em 7 de novembro, ocupado Baçorá e, duas semanas depois, chegando a Al-Qurnah, na confluência dos rios Tigre e Eufrates. Tinham sido mortos cinco soldados britânicos, sessenta indianos e trezentos turcos. Mais de mil turcos, que os britânicos buscavam capturar vivos, tinham sido feitos prisioneiros. Com isso, uma das mais remotas regiões do império

otomano estava sob controle britânico e foi evitada a ameaça turca aos campos petrolíferos britânicos em Abadã.

Em Constantinopla, onde a embaixada britânica constituía um impressionante monumento ao poder e à influência vitorianos, Betty Cunliffe-Owen, esposa do adido militar, presenciou uma cena sem precedentes: “No jardim da embaixada, havia uma enorme fogueira feita com documentos e relatórios dos sucessos britânicos na Turquia durante mais de cem anos, que ardiam lentamente perante os olhares do embaixador e dos secretários. Era a pira funerária do poder britânico que se esvaía no império otomano.”

Na neutra Suíça, o líder bolchevique e Livros, Vladimir Lênin, via o conflito alastrar-se. “Começou a época da baioneta”, escreveu ele. Para Lênin, emergiria uma guerra civil entre as classes, prelúdio da revolução e do triunfo das classes trabalhadoras. Um dia de greve em Petrogrado, em 12 de novembro, constituiu uma minúscula antevisão dos objetivos bolcheviques. Mais complicado para a estabilidade da Rússia foi a polícia czarista descobrir células bolcheviques em diversas unidades do Exército, em especial nos batalhões nas estradas de ferro, dos quais dependia a proteção das comunicações do Exército russo.

Na Alemanha, um pequeno grupo de intelectuais dirigido por Georg Friedrich Nicolai lançou, em 16 de novembro, a Liga da Pátria Mãe, que apelava à “pronta consecução de uma paz justa e sem anexações” e ao estabelecimento, após a guerra, de uma organização internacional que tivesse como objetivo a prevenção de guerras futuras. Einstein foi fundador e apoiador ativo da liga. Presente nas reuniões, a dra. Franziska Baumgartner-Tramer recordou, cinquenta anos depois, que Einstein sempre falava “com grande pessimismo sobre o futuro das relações humanas”. Ela recordou como “consegui, uma vez, falar com ele, quando estava deprimida pelas notícias das consecutivas vitórias alemãs e pela resultante e intolerável arrogância e superioridade dos berlinenses. ‘O que acontecerá, caro professor?’, perguntei a ele, com alguma ansiedade. Einstein olhou para mim, ergueu o punho direito e respondeu: ‘Isto governará!’”

Em 18 de novembro, as desdobradas forças alemãs na frente oriental atingiram e quase cercaram a cidade de Łódź, onde 150 mil soldados russos que defendiam a fortaleza tiveram de enfrentar 250 mil soldados alemães. Quando o general russo ordenou a retirada, para evitar o cerco total, o tio do czar, o grão-duque Nicolau, comandante-chefe das forças russas, anulou a ordem.

A batalha por Łódź atingiu proporções gigantescas. Em determinado momento, três divisões alemãs que também estavam em perigo de serem cercadas conseguiram sair da ratoeira russa, levando com elas 16 mil soldados russos que tinham feito prisioneiros e 64 canhões pesados que tinham capturado. No decurso da fuga, foram

mortos 1.500 soldados alemães. Reforços alemães, convocados urgentemente da frente ocidental, demoraram demais e não conseguiram tirar partido da confusão nas tropas russas. A Alemanha, animada com a perspectiva de uma vitória de ainda maiores proporções do que a luta por Tannenberg, foi incapaz de concretizá-la. “A colossal massa que haviam tentado fazer recuar retirou-se apenas para uma pequena distância, onde permaneceu imóvel”, escreveu um historiador.

A energia de ambos os exércitos vacilou, esgotados por derrotas, por lutas e pelas dificuldades dos campos pantanosos; as tempestades de gelo tornavam-se cada vez mais intensas, o vento era extremamente frio e a temperatura noturna descia a 18 graus centígrados negativos. A aproximação do inverno paralisava as atividades em ambos os lados.⁴

Pela vitória em Łódź, Hindenburg foi promovido a marechal de campo. Mais para sul, o adido militar britânico junto dos exércitos russos, coronel Knox, estava desanimado e escreveu em seu diário em 25 de novembro: “A necessidade de rápido preenchimento das baixas, devido às enormes perdas causadas pela guerra moderna, não foi, creio eu, encarada na Rússia, e, se tivermos de avançar durante o inverno, nossas perdas serão três vezes maiores.” O inverno traria seus próprios terrores a todos os exércitos em combate. “À noite, perdemos vários homens, congelados até a morte nas trincheiras”, anotou Knox. O diário de um oficial austríaco capturado revelou problemas parecidos, informando que, numa única noite, um oficial e seis homens de sua companhia tinham congelado até a morte. Nas linhas russas tinham sido dadas ordens para manter os homens abastecidos de chá quente, mas um comandante russo disse a Knox: “Ordens assim são fáceis de escrever, mas difíceis de pôr em prática quando não passa um único dia sem que os ordenanças que transportam as refeições dos oficiais para as trincheiras não sejam feridos.”

Na frente austríaca, tropas russas atravessaram para a Silésia austríaca por um breve período e, pela segunda vez, entraram na Hungria. O general Conrad, conhecendo o desejo das minorias nacionais de tirarem vantagem da fraqueza austríaca, propôs, em 26 de novembro, a imposição de um comando militar na Boêmia, na Morávia e na Silésia. Contudo, a proposta foi rejeitada por Franz Joseph, que confiava em que a agitação da guerra não minaria seu império multinacional. Apesar de suas dúvidas, Conrad sempre tinha levado em consideração as unidades eslavas ao estabelecer seus planos militares, ainda que nem sempre se pudesse confiar em que poloneses, tchecos, eslovacos, eslovenos e croatas dariam seu melhor ao lutar contra tropas russas.⁵

Houve um momento de pânico em Viena, em 28 de novembro, quando chegaram notícias de que tropas russas estavam a treze quilômetros de Cracóvia, capital da Polônia austríaca. Porém, na batalha perto de Limanowa, que durou dezessete dias, o

4º Exército Austríaco derrotou os russos e empurrou-os para leste. Quando começou a Batalha de Limanowa, o 3º Exército Austríaco expulsou as tropas russas que estavam na cidade de Bardejov, no norte da Hungria, empurrou os russos nos Cárpatos e, em duas semanas, havia recuperado a estratégica passagem de Dukla. Tinha-se desvanecido a ameaça militar à Áustria-Hungria.

Buscando formar mais tropas, a Rússia voltou-se para os britânicos para conseguir peças de artilharia e munições. Esse auxílio chegou apenas numa base comercial e, ao longo de dois anos, a Grã-Bretanha venderia à Rússia mil aviões, 250 canhões pesados, 27 mil metralhadoras, 1 milhão de rifles, 8 milhões de granadas, 64 mil toneladas de ferro e aço, 200 mil toneladas de explosivos e 2,5 bilhões de cartuchos de balas.

A mobilização de estudantes russos para o combate, ordenada em 1º de dezembro, além de aumentar o número de soldados em armas, deu aos organizadores dos estudantes bolcheviques acesso ao Exército. Em meados desse mês, a polícia do leste da Sibéria reportou para Petrogrado que soldados que viajavam na estrada de ferro transiberiana estavam sendo sujeitos a propaganda antibelicista. Na própria Petrogrado, reportou o chefe do Estado-Maior do 6º Exército russo, soldados feridos trazidos da frente para a capital estavam sendo contatados por civis não identificados que “a pretexto de simpatia, conversavam, e, no fim, tentavam dar-lhes panfletos que, ao serem examinados, verificou-se serem proclamações que incitavam ao fim da guerra”. Em 21 de dezembro, o comandante do 1º Exército Russo reportou que, com a chegada de reservistas, “foram observados sinais de propaganda socialista” e medidas estavam sendo tomadas para evitá-la.

Na busca de aliados contra os turcos, o czar visitou a frente do Cáucaso em 30 de dezembro e disse ao líder da Igreja armênia que “um brilhante futuro espera os armênios”. Com essas palavras, o destino de centenas de milhares de armênios foi colocado em perigo, pois a Turquia viu em sua vasta minoria uma fonte de clandestinidade, traição e deslealdade e nada fez para desencorajar o sentimento antiarmênio. Os judeus constituíam outra minoria em perigo em certas zonas de guerra. Em outubro, cidadãos russos, na busca de bodes expiatórios para os sucessos alemães na Polônia russa, tinham se voltado selvaticamente contra os judeus em Vilna, Grodno e Bialystok, e soldados russos garantiam que, “se não fossem os Yids⁶ — traidores —, o Exército prussiano teria sido totalmente derrotado”. Em dezembro, o recém-nomeado comandante turco na Palestina, Djemal Paxá, cercou quinhentos russos judeus emigrantes e ordenou que fossem deportados por mar para o Egito. O sionista Arthur Ruppin, nascido na Alemanha, tentou interceder por eles, mas não teve sucesso. Em seu diário, há registros da situação que viviam os judeus: “No porto, nessa noite, tive de presenciar famílias inteiras — velhos, mães e bebês —, com os seus parques pertences brevemente arrebanhados, sendo empurrados para o navio na mais completa desordem.”

O patriotismo turco de Djemal Paxá levou-o a negligenciar possíveis aliados. A caminho de Constantinopla, Paxá passou por Beirute, onde mandou enforcar vários líderes do movimento nacionalista árabe. Em Jerusalém, encontrou vários sionistas que, tendo-se juntado a um comitê que buscava a “otomanização” local, tinham obtido permissão para recrutar uma milícia de judeus que ajudasse a defender a Palestina contra as ações da Entente. Ignorando seu gesto, Paxá dispersou a milícia, anunciou que quem fosse encontrado com documentos sionistas seria morto e expulsou do território palestino dois dos principais apoiadores sionistas do comitê: David Ben-Gurion e Yitzhak Ben-Zvi. Ambos foram algemados e colocados a bordo de um navio para Jafa com uma nota do governador do porto: “Devem ser banidos definitivamente do império turco.” Dentro de poucas semanas, estavam a caminho dos Estados Unidos, onde tentariam reunir sionistas que se juntassem à Entente e organizar uma Legião Sionista dentro das forças da Entente.⁷

Os Estados Unidos preservavam uma estrita neutralidade em relação ao conflito europeu, mas os aspectos comerciais e lucrativos da guerra não eram impedidos pela neutralidade, e sim estimulados por ela. Em Londres, em 3 de novembro, Churchill garantiu a Charles Schwab, presidente da Bethlehem Steel, que a Grã-Bretanha compraria oito canhões de 350 milímetros necessários para os navios monitores recentemente encomendados. Os mesmos canhões estavam sendo manufaturados pela Bethlehem Steel para um cruzador grego então em construção na Alemanha. Quatro dias depois, duas companhias americanas aceitaram uma encomenda do Almirantado britânico para doze hidroaviões, quatro a serem construídos em Buffalo e oito em Long Island. A primeira leva de materiais de guerra tinha iniciado seu caminho através do Atlântico rumo à Grã-Bretanha e à França. A seguir, viriam submarinos, encomendados pela Grã-Bretanha e transportados em navios através do Atlântico sob grande sigilo.

Não havia pausas na guerra no mar. Em 9 de novembro, no oceano Índico, na primeira ação em tempo de guerra com participação de um navio de guerra australiano, o cruzador *Sydney* afundou o cruzador ligeiro alemão *Emden*. Durante sua viagem de sete semanas, o *Emden* capturara oito navios mercantes aliados desarmados e afundara quinze, destruindo cargas de carvão, chá, borracha, gado e até cavalos de corrida. No porto de Penang, tinha afundado um cruzador russo e um contratorpedeiro francês. À sua chegada à ilha de Diego Garcia, em outubro, tinha recebido as boas-vindas de um residente francês, que ofereceu ovos e vegetais, sem saber que uma guerra tinha começado dois meses antes, e que ficou satisfeito com a explicação que ouviu sobre o aspecto bélico do navio, que fazia parte das “manobras navais germano-franco-inglesas”.

Na luta em que o *Emden* foi destruído, morreram 134 membros da tripulação. O

comandante, Karl von Müller, foi elogiado nos jornais britânicos por ter demonstrado “cavalheirismo no tratamento da tripulação e dos passageiros dos navios capturados”. “Se todos os alemães tivessem lutado tão bem como o comandante do *Emden*, o povo alemão não seria criticado pelo mundo afora”, escreveu o *Times*.

Em 26 de novembro, enquanto embarcava munições em Sheerness, o couraçado britânico *Bulwark* foi destruído por uma explosão interna, matando 793 marinheiros. Houve apenas doze sobreviventes. Em 8 de dezembro, no Atlântico sul, o almirante Spee preparava-se para atacar as ilhas Malvinas, mas forças navais britânicas, conduzidas pelo almirante Sturdee, repeliram-no: na batalha naval, foram afundados quatro navios de guerra alemães e morreram 2.100 marinheiros alemães. Houve apenas dez mortos entre os ingleses. Oito dias depois, quatro cruzadores de batalha alemães bombardearam as cidades de Scarborough, Whitby e Hartlepool, na costa leste da Grã-Bretanha, matando quarenta civis e ferindo várias centenas.

O bombardeio alemão das três cidades costeiras britânicas proporcionou uma boa propaganda à Grã-Bretanha. A partir de então, os alemães passaram a ser retratados como “assassinos de crianças de Scarborough”. O ataque também foi um choque para a Grã-Bretanha, pois era a primeira ocasião em que civis eram mortos por uma ação inimiga desde 1690. Uma descrição do ataque foi feita por uma estudante de 16 anos, Winifred Holtby, que estava na escola quando caíram os primeiros projéteis. “Mal chegamos ao portão, caiu outro projétil”, escreveu ela a uma amiga.

E veio a ordem “Corram!”, e nós corremos. Corremos sob o céu da manhã, na lama, pela estrada mal pavimentada, com o ensurdecido ruído nos nossos ouvidos, o eco mesmo depois de o bombardeio ter parado por uns momentos; corremos, mas nossos apressados passos escorregavam na lama da estrada. Por toda a cidade havia um denso véu de fumaça, amarelo, irreal, que fazia o lugar parecer uma cidade fantasma, muito, muito longe. Só eram reais a estrada e a dor aguda que nos apanhou no peito — não era medo, mas qualquer coisa de inexplicável que machucava, e que, no entanto, por alguma razão estranha, não era totalmente desagradável.

Olhando para trás alguns momentos depois, Winifred Holtby “ouviu o rugido de uma arma, e, no instante seguinte, houve um choque e uma densa nuvem de fumaça escura envolveu uma das casas na Seamer Road, da qual saiu uma pequena chama vermelha”. Correram rumores de que os alemães tinham desembarcado. Ao regressar ao local duas horas depois, Winifred Holtby acrescentou ter a “mais profunda esperança de que a Grã-Bretanha nunca venha a sofrer como sofreu naquele terrível 16 de dezembro de 1914 — mas, se isso acontecer, que eu lá esteja para ver”.

A emergência da guerra no ar, apesar de ainda existir em pequena escala, teve importantes desenvolvimentos no final de 1914. Em 21 de novembro, três aviões britânicos realizaram o primeiro bombardeio de longa distância, indo da cidade francesa de Belfort até os hangares dos zepelins em Friedrichshafen, no lago de Constança, levando cada um quatro bombas. Um zepelim foi danificado e um depósito de hidrogênio foi destruído. Um aviador britânico que tinha feito uma aterrissagem forçada foi atacado por civis alemães e ficou muito ferido, tendo de ser resgatado por soldados alemães. Dois dias depois dos bombardeios estratégicos a Friedrichshafen foi formado o primeiro grupo francês de bombardeiros. Em 1º de dezembro, o primeiro avião alemão foi equipado com instrumentos de rádio que permitiriam voar sobre a linha de frente e reportar a localização das unidades da artilharia inimiga e os movimentos de tropas. Essas missões de reconhecimento tornaram-se um dos traços mais importantes da guerra no ar. Nesse mês, também foram testados novos equipamentos: em 6 de dezembro, por acaso, uma flecha de metal lançada por um avião francês feriu mortalmente um general alemão que cavalgava.

Nos Bálcãs, a Áustria havia alcançado seu objetivo de ocupar Belgrado, em 1º de dezembro. Aquilo que cinco meses antes tinha sido o único objetivo da guerra na Europa estava agora cumprido. Contudo, os sérvios continuavam a lutar tenazmente, e, duas semanas depois, Belgrado foi recapturada e foram feitos prisioneiros mais de 40 mil austríacos e capturados 133 canhões pesados. Ao entrar em Belgrado, os sérvios encontraram 10 mil prisioneiros de guerra sérvios e mil cavalos, que tinham sido abandonados pelos austríacos durante a retirada.

Nesse inverno, o correspondente de guerra americano John Reed viajou através da Sérvia. Seu percurso começou na cidade de Niš, ao sul, onde viu “soldados andrajosos, com os pés embrulhados em trapos brancos, e soldados com dificuldades para andar, equilibrando-se em muletas, sem braços, sem pernas, que não foram aceitos em hospitais lotados, ainda azulados e a tremer com tifo. A doença tinha varrido a cidade, onde seis ou dez pessoas dividiam um quarto, e por todos os lados havia bandeiras negras em cenários sinistros e vitrines de cafés cheias de papéis negros com notícias de mortes”. Ao viajar para Belgrado, Reed visitou a universidade, que era “um monte de ruínas”. “Os austríacos tinham-na escolhido como alvo especial, pois tinha sido o reduto da propaganda pan-sérvia e do assassinato do arquiduque Franz Ferdinand”, explicou ele

Reed viajou até Šabac, onde foram descritas a ele e a um companheiro artista as atrocidades cometidas pelos austríacos durante sua breve ocupação.

Os soldados andavam como animais selvagens soltos nas cidades, queimando, pilhando, violando. Vimos o estripado Hotel d’Europe e a negra e mutilada igreja onde 3 mil homens, mulheres e crianças haviam

sido colocados sem comida nem água durante quatro dias e depois divididos em dois grupos — um grupo foi enviado para a Áustria como prisioneiros de guerra e o outro, colocado à frente do exército, que marchava para sul contra os sérvios.

Foi mostrada a Reed uma fotografia tirada na aldeia de Łęknica, “que mostrava mais de cem mulheres e crianças acorrentadas umas às outras e decapitadas”. Seu livro, publicado em 1915, confirmou aos seus leitores aliados a barbárie das Potências Centrais.⁸

No final de novembro, quando estava em Londres, Winston Churchill soube que um amigo próximo, Hugh Dawnay, tinha sido morto em combate e recebeu também uma carta de um amigo e membro do Parlamento, Valentine Fleming, que servia na frente ocidental e que tentou descrever-lhe o cenário:

Em primeiro lugar, e de forma muito impressionante, está a devastação absolutamente indescritível da moderna artilharia, não só sobre os homens, animais e casas naquela região, mas sobre a própria natureza. Imagine uma faixa longa, de quinze ou dezesseis quilômetros de largura, que vai do canal da Mancha até a fronteira da Alemanha perto da Basileia, praticamente cheia de corpos de homens e marcada por sepulturas toscas; nas fazendas, aldeias e cabanas há montes disformes de alvenaria enegrecida; os campos, os caminhos e as árvores estão esburacados e torcidos por projéteis e desfigurados por cavalos, gado, rebanhos e cabras mortos, dispersos nas mais repulsivas poses de distorção e desmembramento.

Fleming continuou, contando que tanto o dia como a noite se tornavam “repugnantes pelo incessante explodir e por zumbidos e ruídos de todas as espécies de projéteis, por sinistras colunas de fumaça e chamas, pelos gritos dos homens feridos e pelos lancinantes apelos de animais de todas as espécies, abandonados, esfomeados e talvez feridos”.

Ao longo desse “terreno de morte”, estendiam-se duas linhas mais ou menos paralelas de trincheiras, nas quais “uma linha de homens agachados, usando uniformes marrons, cinzentos ou azuis, cobertos de lama, com a barba por fazer e olhos encovados pela contínua tensão, são incapazes de responder ao incessante fogo de artilharia lançado sobre eles a uma distância de cinco, seis, oito ou mais quilômetros de distância, desejando um ataque de Infantaria apenas para encontrarem e enfrentarem assaltantes *humanos*, e não máquinas invisíveis, invencíveis, resultados de uma inteligência que você e eu concordaríamos em

considerar improdutiva sob qualquer ponto de vista”. Por fim, Fleming concluía sua carta: “Será uma *guerra longa*, apesar de, em ambos os lados, todos os homens envolvidos desejarem que termine *imediatamente*”.⁹

Em 23 de novembro, Churchill enviou uma carta à sua mulher, Clementine, expondo suas dúvidas: “O que acontecerá se os exércitos súbita e simultaneamente entrarem em greve e disserem que deve ser descoberto outro método para resolver uma disputa? Contudo, novas avalanches de homens preparam-se para entrar no conflito, que cresce a cada hora que passa.” Nessa noite, no saliente de Ypres, tropas alemãs penetraram nas trincheiras, sendo detidas pelos indianos em Festubert. Houve muita luta corpo a corpo e perderam-se várias trincheiras. Aquilo a que a história oficial do Corpo Indiano na França chama de “ordens que não se discutem” foi recebido do comandante do corpo, tenente-general Sir James Willcocks, e diziam que “a linha original deve ser restaurada antes da madrugada e mantida a todo o custo”.

As ordens foram obedecidas, mas uma queda de neve durante a noite transformou os indianos num alvo fácil para os rifles e as metralhadoras alemãs. A história oficial diz que, em certo momento, quando o fogo de metralhadoras fazia com que os homens hesitassem em avançar, dois soldados indianos, ambos gurkhas, “avançaram, e fizeram avançar a companhia, terminando por receber a Medalha por Distinção em Serviço”.

Em 24 de novembro, os indianos recapturaram as trincheiras que tinham sido perdidas, fazendo cem prisioneiros alemães. Quando a batalha terminou, descobriu-se que um cabo indiano, Darwan Singh Nedi, tinha continuado a lutar mesmo duplamente ferido na cabeça. Somente quando sua companhia alinhou após a ação é que seu comandante viu que “estava cheio de sangue, da cabeça aos pés”. Por sua resistência, Nedi recebeu a Cruz Vitória. Nesse dia, num setor próximo, o tenente britânico F. A. De Pass conduziu dois soldados indianos sob suas ordens a uma escavação alemã que fora avançada até dez metros da linha indiana. A escavação foi destruída. De Pass realizou uma proeza ainda mais notável quando ele e um soldado indiano enfrentaram o fogo de uma metralhadora alemã, durante um percurso de quase duzentos metros, para transportarem um indiano que jazia na terra de ninguém.

No dia seguinte, De Pass avançou novamente até uma escavação avançada na linha de frente, com o intuito de reparar um parapeito danificado. Ao ver um atirador em ação, tentou atingi-lo, mas foi ele mesmo atingido na cabeça e morreu. A história oficial do Corpo Indiano escreveu acerca dele: “Era o tipo perfeito de oficial britânico. Unia uma singular beleza pessoal a um encanto de maneiras e a um grau de valor que o tornou um ídolo para seus homens. Foi-lhe concedida, a título póstumo, a Cruz Vitória. Ninguém na guerra foi mais merecedor.” Ainda que a história não o mencione, o tenente De Pass, londrino, era também judeu.

Em 25 de novembro, a artilharia francesa bombardeou a aldeia de Arnaville, na margem leste do rio Mosel, apenas dezesseis quilômetros ao sul de Metz. A ação marcou aquilo a que um porta-voz militar francês chamou “o início de uma nova invasão do território alemão”. Contudo, não houve ganhos territoriais. Mais para oeste, civis franceses foram evacuados da aldeia de Sampigny devido ao receio de que os alemães pudessem tentar destruir a casa do presidente Raymond Poincaré ou mesmo capturá-lo numa visita à aldeia. De qualquer forma, os alemães conseguiram destruir a casa, Le Clos, e grande parte da cidade, utilizando os canhões pesados de cerco austríacos, de longa distância, que tinham sido tão eficazes contra os fortes belgas em agosto.

Em outro ponto do setor francês na frente ocidental, entre os voluntários da Legião Estrangeira Francesa que lutavam nesse mês, estava o americano William Thaw. “Como gostaria de voltar a divertir-me saltando para os bondes da Broadway”, escreveu ele para casa em 27 de novembro. “Estou farto de ser alvo de tiros!” Thaw também informou que já tinha sido atingido “no capacete” e que não se lavava “há vinte dias”.

As tropas britânicas no saliente de Ypres estavam sendo instruídas por Joffre para fazerem um ataque limitado às trincheiras alemãs. Não havia um objetivo estratégico nesse propósito nem a intenção de penetrar nas linhas de trincheiras, mas o mais limitado desejo, em conjunção com uma série de ataques franceses mais para o sul, de ajudar os exércitos russos. Os governos francês e britânico esperavam diminuir a pressão sobre os russos no leste fazendo com que os alemães desviassem cada vez mais soldados para o ocidente. Entre esses soldados estava Hitler, que, em 2 de dezembro, recebeu a Cruz de Ferro. Ao escrever ao seu senhorio dois dias depois, disse-lhe: “É um milagre eu estar forte e com vigor, apesar de tremendas dificuldades e da falta de sono.”

Na sequência de sua declaração a favor da “prosperidade e liberdade nacional” da Irlanda, em 20 de novembro de 1914, os alemães encorajaram soldados britânicos que tinham sido feitos prisioneiros a formarem uma brigada irlandesa que lutasse ao lado do Exército alemão e prepararam um campo especial em Limburg, onde se reuniriam esses irlandeses. Em 3 de dezembro, e também em 4 e em 6, Sir Roger Casement visitou esse campo para encorajar os 2 mil soldados que ali se encontravam a incorporarem-se nas forças irlandesas. Estava acompanhado por um príncipe alemão, Emich von Leiningen, que, assim como Churchill, tinha estudado na escola particular Harrow e recebera a Grã-Cruz da Real Ordem Vitoriana em 1898. Os soldados irlandeses não ficaram impressionados. “Não voltarei a Limburg para ser insultado por uns covardes irlandeses”, escreveu Casement a um amigo, irritado após uma quarta visita no começo de janeiro.

Casement conseguiu recrutar 55 homens, entre os quais era possível confiar suficientemente em apenas dez para um eventual desembarque em solo irlandês. Apesar de fazer um apaixonado apelo aos nacionalistas irlandeses nos Estados Unidos, apenas um voluntário irlandês-americano atravessou o Atlântico para juntar-se à força. Contudo, Casement obteve um sucesso diplomático quando, em Berlim, em 27 de dezembro, subscreveu um tratado secreto com o secretário de Estado alemão, Jagow, segundo o qual, na eventualidade de uma vitória naval alemã sobre a Grã-Bretanha, as tropas de sua minúscula brigada desembarcariam na costa irlandesa com uma unidade alemã de apoio, incluindo oficiais e soldados.

Ao visitar a linha de frente nesse inverno, o general Pétain reportou que a lama profunda estava atrasando o avanço francês. No setor britânico, 20 mil homens estavam impossibilitados de atuar durante o inverno em decorrência de frieiras ou casos de “pé de trincheira”. O comandante-chefe britânico, Sir John French, considerou o terreno “um pântano” quando o visitou em 10 de dezembro. “Naquela parte do mundo, parecia não haver pedras ou cascalho, e a chuva converteu o solo numa espécie de lama líquida, com a consistência de uma papa densa, mas sem o valor nutritivo da excelente comida escocesa”, recordou o general Smith-Dorrien. “Caminhar fora das estradas significava afundarmo-nos imediatamente.” À medida que eram construídos parapeitos, “gradualmente cediam, deixando as trincheiras inundadas; por isso, era necessário um trabalho constante para se conseguir qualquer retenção e proteção”.

A luta continuou, mas sem vantagens para qualquer lado. “Tomamos cinco trincheiras na noite passada, mas fomos expulsos de quatro, particularmente por meio de bombas, e receio termos perdido cerca de 1.500 homens”, escreveu o general Henry Wilson em dezembro. “O movimento foi bom, mas a elevados custos”, concluiu ele. Em 16 de dezembro, o Corpo Indiano, que já tinha perdido 2 mil homens, foi mandado avançar perto de Givenchy para capturar uma trincheira alemã na linha de frente, mas a tentativa falhou e foram perdidos mais 54 homens. Dois dias depois, foram dadas ordens para que os indianos voltassem a avançar, mas “apenas com objetivos razoavelmente favoráveis”. Foi durante esse ataque, com sucesso inicial, que, nas palavras da história oficial do Corpo Indiano:

O inimigo, tendo falhado na tentativa de eliminar nossos homens, tentou utilizar uma das muitas astúcias peculiares às crianças da “Kultur”. Alguns alemães avançaram a partir da trincheira com as mãos erguidas no ar, em sinal de rendição. Ao aproximarem-se, descobrimos que atrás havia metralhadoras prontas para disparar contra qualquer dos nossos homens que se expusesse. Esse empreendedor procedimento teve uma recepção adequada.

As condições na frente ocidental pioravam com a aproximação do inverno. Durante o ataque a Givenchy, em 18 de dezembro, um grupo do Highlanders, adjacente à linha do Corpo Indiano, não pôde disparar devido a muitos rifles terem ficado obstruídos com lama, terminando por serem capturados pelos alemães. Nesse dia, na parte da linha dominada por um batalhão dos Guardas Escoceses, um ataque às trincheiras alemãs, naquilo a que o historiador oficial C. T. Atkinson chamou “um empreendimento não muito bem concebido”, levou metade dos homens do batalhão a serem mortos ou feridos. As ordens para atacar mostraram “um otimismo que não indicava qualquer conhecimento da situação do terreno ou das condições gerais da linha de frente nem qualquer apreciação precisa das dificuldades de ataque a posições entrincheiradas defendidas por rifles modernos, metralhadoras e cinturas de arame farpado”. O que incitara a ordem de ataque fora somente a informação de que várias divisões alemãs tinham sido desviadas da frente ocidental para a frente oriental. Mas não tinham levado consigo o arame farpado.

Em Givenchy, um contra-ataque alemão, em 20 de dezembro, conseguiu recuperar as poucas galerias que tinham sido perdidas dois dias antes. Tratava-se, na verdade, de estreitas trincheiras que se estendiam a partir da linha principal e que muitas vezes chegavam até poucos metros das trincheiras inimigas, sendo frequentemente locais de ferozes lutas corpo a corpo. As condições climáticas impunham outro tipo de problemas. A história oficial do Corpo Indiano registrou que “os elementos lutavam a favor do inimigo, pois chuvas torrenciais que caíram durante a noite tinham tornado as trincheiras quase indefensáveis. Em muitos locais, o parapeito de tiro tinha sido arrastado, por isso os homens não conseguiam colocar-se em posição suficientemente alta para dispararem sobre o parapeito inimigo”. Além disso, as trincheiras tinham uma profundidade até a altura dos joelhos “e, em alguns locais, a lama e a água gelada até a cintura obstruíam muitos rifles e tornavam-nos inúteis”. Devido à “lama espessa e pegajosa”, as trincheiras tornaram-se verdadeiras “ratoeiras” onde só era possível fazer pequenos movimentos: “A lama arrancava as botas e até as roupas dos homens.”

Durante uma retirada, os alemães explodiram uma mina sob uma das trincheiras dos indianos, num dos primeiros exemplos do que seriam tentativas frequentes de explodir uma seção das trincheiras inimigas por baixo, escavando profundamente a partir das próprias linhas. A história oficial do Corpo Indiano fez o seguinte comentário sobre o efeito da mina: “Da Companhia F, sob o comando do capitão Yates, não foi encontrado um único traço.”

A selvageria do conflito provocaria grande indignação quando fossem conhecidos, nas capitais aliadas, os pormenores do tratamento dado pelos alemães aos homens feridos e capturados. O diário de um soldado alemão, encontrado pelos franceses, foi entregue aos britânicos e reproduzido no boletim diário do 1º Exército. “A imagem

das trincheiras e da fúria, para não dizer da bestialidade, dos nossos homens batendo nos ingleses feridos até morrerem afetou-me tanto que, durante o resto do dia, não consegui fazer nada”, escrevera o soldado em 19 de dezembro. Poucos dias depois do fracasso do ataque de 18 de dezembro a Givenchy pelos Guardas Escoceses, um sentimento de raiva espalhou-se pelas linhas britânicas quando correram notícias de que um inglês ferido, que se arrastava penosamente para trás, tinha sido atingido por dois tiros dos alemães nos quadris e deliberadamente assassinado quando chegava ao parapeito britânico.

Os incidentes diários na luta de trincheiras podiam ser extremamente cruéis. Em 22 de dezembro, dois homens feridos que se mantinham encostados ao parapeito alemão havia dois dias, desde o contra-ataque inimigo, conseguiram chegar à sua linha de frente. Ambos tinham gangrenas e um havia enlouquecido. No dia seguinte, depois de um ataque do Regimento Liverpool Scottish, o sargento, R. A. Scott Macfie, escreveu ao pai e falou sobre as mensagens recebidas de uma trincheira que tinha acabado de ser capturada aos alemães pela Companhia F: “Vance, um cabo recentemente promovido, morto; um gaitista da Companhia F gravemente ferido; Beach, um dos meus homens, levou um tiro num joelho etc.”

Nesse momento, chegaram maqueiros a caminho da frente, que chamaram a atenção de Macfie:

- Alto! Quem vem aí?
- Maqueiros do Liverpool Scottish.
- Está aí o Faulkner?
- Não.
- O Citrine?
- Está.
- Como você está, Citrine?
- Estou bem, sargento!

Citrine era o único que tocava o eufônio na banda do regimento. “Ele queria ter ido à guerra como soldado, mas, como era inteligente, o médico tinha-o persuadido a ser maqueiro.” Quinze minutos depois, os maqueiros regressaram:

- E então, o que trazem aí?
- O Citrine. Levou um tiro.

Macfie ficou preocupado com o homem ferido. “Os maqueiros foram novamente enviados e voltaram algum tempo antes do amanhecer. O oficial recusou-se a deixá-los prosseguir porque já era tarde demais. O pobre Citrine morreu esvaído em sangue e exposto ao frio da manhã, numa trincheira cheia de água, e sem ter o que comer ou beber, e outro homem ferido teve de ser deitado em cima do cadáver dele”, completou Macfie.

Entre esses horrores da guerra, havia ainda outro perigo para as tropas em combate. Em 22 de dezembro, Churchill informou os oficiais do Almirantado de que Sir John French ordenara “fogo imediato” contra qualquer bandeira branca alemã erguida na frente ocidental, “pois a experiência mostra que os alemães abusam habitual e sistematicamente desse sinal”. Consequentemente, “por uma questão de princípio, deve disparar-se contra qualquer navio alemão em que seja hasteada uma bandeira branca”. Seria dada a possibilidade de rendição a um navio “obviamente impotente”, mas, em caso de dúvida, o navio deveria ser afundado. Em tal ação naval, “deve disparar-se prontamente contra bandeiras brancas”.

Naquele Natal, um sentimento pacífico surgiu de modo espontâneo nas zonas de guerra, após quase cinco meses de guerra disputada com crescente severidade. Quando escureceu na véspera do Natal, houve, em seções da linha de frente, um momento de comportamento pacífico: “Passamos a conversar com os alemães, que estavam ansiosos por um armistício durante o Natal”, escreveu o tenente Sir Edward Hulse, de 25 anos, dos Guardas Escoceses, no diário do batalhão. “Um batedor, F. Murker, saiu e encontrou uma patrulha alemã. Foi-lhe oferecido um copo de uísque e alguns cigarros e enviaram uma mensagem que dizia que se nós não disparássemos contra eles, eles não disparariam contra nós.” Nessa noite, numa frente onde cinco dias antes tinha havido uma luta selvagem, as armas estiveram silenciosas.

Na manhã seguinte, soldados alemães deslocaram-se até a linha de arame farpado britânico e soldados ingleses foram ao encontro dos inimigos. “Pareceram ser muito amigáveis e trocamos lembranças, estrelas para os bonés, insígnias etc.”, registrou Hulse. Os ingleses ofereceram aos alemães pudins de ameixa, “de que eles gostaram muito”. Então, foram feitos preparativos de ambos os lados para enterrar os ingleses que tinham sido mortos durante o desastroso ataque na noite de 18 de dezembro, cujos corpos ainda jaziam entre as linhas, muitos à beira da linha de frente alemã onde tinham sido mortos. “Os alemães trouxeram os corpos até a metade do caminho entre as linhas e nós sepultamos nossos homens”, escreveu Hulse no diário do batalhão. “Os destacamentos de ingleses e de alemães formaram uma linha e dois capelões disseram algumas orações alternadamente em inglês e em alemão. Tudo foi feito na maior solenidade e reverência.”

No dia de Natal, houve confraternizações entre os alemães e seus inimigos em praticamente toda a terra de ninguém britânica, e nas linhas francesa e belga, quase sempre por iniciativa das tropas alemãs, através de mensagens ou canções. Perto de Ploegsteert, um oficial britânico que falava alemão, capitão R. J. Armes, tendo ouvido, com seus homens, uma serenata de um soldado alemão, pediu outra e foi-lhes oferecido “Die Beiden Grenadiere” [“Os Dois Granadeiros”], de Schumann. Homens de ambos os lados deixaram então suas trincheiras e encontraram-se na terra de ninguém, onde houve “convívio”, como registrou o capitão Armes, e no fim

foram cantadas duas canções: “Die Wacht Am Rhein”, pelos alemães, e “Christians Wake!”, pelos ingleses.

“Foi o Natal mais peculiar que já tive e que talvez jamais tenha”, escreveu o soldado J. Davey em seu diário. “Era quase impossível acreditar no que estava acontecendo.” Davey, também na frente ocidental, trocou lembranças com os alemães que se encontravam nas trincheiras em frente à sua. Outros soldados britânicos juntaram-se a soldados de Infantaria alemães numa caça às lebres. Chegaram até a jogar futebol na terra de ninguém. O segundo-tenente britânico R. D. Gillespie foi conduzido às linhas alemãs e foi-lhe mostrado um quadro que tinha sido elaborado em honra de um oficial britânico que, num anterior ataque, conseguira chegar àquela trincheira antes de ser morto.

Bruce Bairnsfather, que esteve nas trincheiras e posteriormente escreveu o livro de contos *Bullets & Billets*, que se tornou um dos livros de maior sucesso popular na Grã-Bretanha durante os tempos de guerra, recordou-se de ter ido à terra de ninguém nesse dia de Natal para juntar-se “aos muitos que estavam a cerca de meio caminho das trincheiras alemãs”. “Era tudo muito curioso: ali estavam aqueles desgraçados comedores de salsichas, que tinham decidido dar início a uma luta europeia. Estávamos todos juntos no mesmo mar de lama.” Foi a primeira vez que soldados alemães foram vistos de tão perto. “Naquele dia, não houve um átimo de ódio pelo lado deles; pelo nosso lado, nem por um momento houve um sentimento de guerra e ou o desejo de derrotá-los.” Em determinado momento, Bairnsfather usou seus cortadores de arame farpado para trocar dois botões de casaco com um oficial alemão. “A última coisa que vi desses acontecimentos foi um dos meus homens de uma bateria de metralhadoras, que na vida civil era como um aprendiz de barbeiro, cortando os estranhamente longos cabelos de um dócil boche,¹⁰ pacientemente ajoelhado no chão enquanto a máquina automática raspava a parte de trás de seu pescoço”, recordou Bairnsfather dois anos mais tarde.

O segundo-tenente Dougan Chater também ficou surpreso com a confraternização. “Creio que vi hoje uma das mais extraordinárias cenas que alguém pode ver”, escreveu ele à mãe, de sua trincheira perto de Armentières.

Hoje, pela manhã, quando eram cerca de 10 horas, eu estava espreitando pelo parapeito da trincheira e vi um alemão agitando os braços. Dois alemães saíram da trincheira e vieram ao nosso encontro. Estávamos quase disparando contra eles quando vimos que não tinham rifles, por isso um homem foi ao encontro deles. Dois minutos depois, o espaço entre nossas duas linhas estava cheio de homens e de oficiais de ambos os lados, dando apertos de mão e desejando mutuamente um Feliz Natal.

Chater disse à mãe que essa confraternização durou mais uma hora até serem

dadas ordens aos homens para que regressassem às trincheiras. Depois, porém, tudo recomeçou. “Durante o resto do dia, ninguém disparou um tiro, e os homens passeavam à vontade no cimo do parapeito e saíam para buscar palha e madeira para fazerem fogueiras em campo aberto. Também sepultamos conjuntamente alguns mortos, alemães e nossos, que jaziam entre as duas linhas.”¹¹

A Legião Estrangeira Francesa também estava numa parte da linha onde a luta foi interrompida, corpos foram sepultados e tabaco e chocolates foram trocados. Entre os legionários estava Victor Chapman, um americano graduado em Harvard em 1913. “Durante todo o dia, não houve troca de tiros, e a tranquilidade foi absoluta na noite passada, mas mesmo assim fomos instados a permanecer alertas”, escreveu aos seus pais em 26 de dezembro.

Nessa manhã, Nedim, um turco pitoresco e infantil, começou novamente a erguer-se na trincheira e a gritar para o outro lado. Vesconsolado, um cauteloso português, disse-lhe que não se expusesse daquele modo e, então, porque falava alemão, fez alguns comentários, mostrando a cabeça acima da trincheira. Ao virar-se para descer, uma bala entrou-lhe pela parte de trás do crânio. Houve apenas gemidos e uma poça de sangue.

Sir John French recordou mais tarde que, ao saber daquela confraternização, deu “ordens imediatas para evitar qualquer nova ocorrência de tal conduta e disse aos comandantes locais que essas ordens deveriam ser estritamente cumpridas, o que teve como resultado uma boa quantidade de problemas”. A. J. Peacock, que estudou as tréguas no Natal de 1914, escreveu que, no Boxing Day,¹² o Estado-Maior da 7ª Divisão Britânica “deu ordens de que tal atividade, tão oposta à guerra, deveria cessar”.¹³

No ar, a guerra havia sido mantida no dia de Natal, quando nove hidroaviões britânicos atacaram hangares de zepelins em Cuxhaven. Um denso e gelado nevoeiro tornou impossível aos pilotos localizarem os hangares, mas o voo por sobre dois cruzadores alemães causou tanto alarme que um navio tentou soltar amarras e bateu no outro, danificando ambos. No mesmo dia, um hidroavião alemão lançou duas bombas sobre a aldeia de Cliffe, perto de Gravesend. Ninguém ficou ferido.

Também não houve tréguas natalinas para os homens da Legião Estrangeira Francesa alocados na Alsácia. No dia de Natal, ao contrário de seus amigos legionários em outros locais, foi-lhes dada a ordem de que deveriam manter a luta. Comandados pelo tenente-coronel Giuseppe Garibaldi, neto do patriota italiano, desencadearam um ataque às posições alemãs. Entre os mortos nesse ataque estaria o primo do coronel, capitão Bruno Garibaldi. A oeste de Mulhouse, no extremo sul da frente ocidental, tropas francesas viram-se em ação, no Boxing Day, contra a aldeia

de Steinbach. A luta pelo povoado, combatida rua a rua na fase final, durou cinco dias, matando setecentos soldados alemães e seiscentos soldados franceses antes que os franceses fossem finalmente obrigados a recuar.

Longe da linha de frente, morreram, no Natal de 1914, os primeiros prisioneiros de guerra russos, detidos num campo em Wittenberg, cinquenta quilômetros a sudoeste de Berlim. Os homens tinham sido capturados na Batalha de Tannenberg, quatro meses antes, e suas rações diárias consistiam num pão negro de um quilo, a ser dividido entre dez homens, e numa sopa rala feita de farinha de batata e feijões. Havia pouco combustível para aquecer as cabanas, onde um simples e fino colchão servia para três homens, que o utilizavam em turnos. Ao contrário dos prisioneiros de guerra britânicos e franceses, os russos não recebiam encomendas vindas de casa. Um oficial britânico que havia tentando ajudar os russos descreveu-os como “descarnados, com uma peculiar palidez acinzentada e cheios de doenças”.

Fome, frio e fraquezas físicas provocaram muitas mortes, problemas aos quais se juntou uma epidemia de tifo. Um médico alemão que chegou ao campo durante a epidemia coletou algumas amostras bacteriológicas para seu trabalho de pesquisa e retornou a Magdeburg. Seis oficiais médicos britânicos fizeram o que puderam para ajudar. Três contraíram a doença e morreram.

Na Inglaterra, na semana posterior ao Natal, mais de cem cristãos antibelicistas reuniram-se no Trinity Hall, em Cambridge, durante quatro dias, para discutir o desafio doutrinal que a guerra representava. Entre os intervenientes, estava o reverendo Richard Roberts, um presbiteriano que pouco tempo depois foi obrigado a abandonar sua igreja no norte de Londres devido às suas convicções pacifistas. Os cristãos viram-se confrontados com uma dualidade, sem saber se deveriam entrar em conflito com a moralidade internacional, sem defender a França contra a invasão, ou com a moralidade cristã. Depois de quatro dias de debate, os participantes concluíram que a Grã-Bretanha devia honrar sua oferta de ajuda à França e que a guerra era contrária ao cristianismo.

A natureza “contrária ao cristianismo” não era amplamente aceita. Em resposta aos pacifistas cristãos de Cambridge, um importante classicista de Oxford, Alfred Zimmern, escreveu, na introdução a um livro de ensaios que associava o esforço de guerra aliado à manutenção da democracia, que aqueles que defendiam que o cristianismo e a guerra eram incompatíveis pareciam comprometidos com uma visão monástica e pacificamente anarquista da vida, inconsistente com um membro de uma sociedade política. Os dirigentes do clero europeu, por sua vez, apoiaram a guerra e abençoaram os soldados que participavam nela. Em 26 de dezembro, a poetisa irlandesa Katharine Tynan publicou um poema no *Spectator*, posteriormente

muito citado pelo bispo de Londres, A. F. Winnington-Ingram, em que a morte no campo de batalha tinha um motivador divino:

*Lest Heaven be thronged with grey-beards hoary,
God, who made boys for His delight,
Stoops in a day of grief and glory
And calls them in, in from the night.*¹⁴

Deus chamava por eles na frente do Cáucaso, onde estavam em conflito duas diferentes faces de Deus, dos cristãos russos e dos muçulmanos turcos, defrontando-se numa azeda luta nos desfiladeiros das montanhas na Turquia Oriental. Lentamente, os russos foram expulsos do solo turco, através da fronteira que a própria Rússia havia estabelecido, à custa dos turcos, em 1878. Em Sarikamish, os dois exércitos enfrentaram-se numa feroz batalha. Desesperados para que as tropas russas não fossem empurradas mais para trás, o grão-duque Nicolau apelou à Grã-Bretanha para que iniciasse uma ação contra os turcos que pudesse afastar as tropas que estavam no leste.

A resposta britânica, iniciada por Kitchener e apoiada por Churchill, defendia um ataque naval aos fortes turcos nos Dardanelos, com o convincente argumento de que os navios de guerra britânicos podiam reunir-se, ilesos, no mar Egeu. Se fosse necessário, tropas australianas já a caminho do Egito, que se dirigiam à frente ocidental, estariam disponíveis, presumindo que não seriam desembarcadas para lutar contra o inimigo turco, que Kitchener considerava inferior. Em Sarikamish, os russos começaram a obrigar os turcos a recuarem, mas uma manobra de diversão, apesar de já não ser vital, continuava sendo urgente. As tropas russas vindas da Sibéria, que poderiam equilibrar as forças no Cáucaso, eram mais necessárias para a defesa de Varsóvia. De qualquer forma, com o movimento nos Dardanelos, os britânicos poderiam ajudar os russos sem retirar um único soldado da frente ocidental.

Para o Conselho de Guerra britânico, era o equilíbrio na frente ocidental que proporcionava mais uma razão para atacar na Turquia, presumindo que esse movimento poderia conduzir a uma vitória rápida. “Não há alternativa a enviar nossos exércitos para mastigarem arame farpado em Flandres?”, perguntou Churchill a Asquith em 29 de dezembro. Três dias depois, Lloyd George expressou o mesmo ponto de vista ao propor que derrotassem os alemães “enxotando os apoios que têm sob eles”. Lloyd George sugeriu que a mesma ação fosse tomada contra a Áustria-Hungria, talvez com um desembarque em qualquer ponto ao longo da costa da Dalmácia. Poucas semanas mais tarde, depois de consideráveis discussões, o Conselho de Guerra, liderado por Asquith, decidiu que a Turquia seria o apoio alemão enxotado. “Serão tomadas ações para fazer uma demonstração contra os

turcos”, informou Kitchener ao governo russo no segundo dia de 1915.

Outra zona de guerra estava prestes a ser criada. A capacidade de matar e de destruir crescia. Centenas de cidades e povoados que tinham tido muitas décadas de tranquilidade, até séculos de tranquilidade, foram transformados em pontos de encontro de exércitos e de cenas de devastação e dor. “Um mecanismo pesado e de enormes proporções lançou uma praga paralisante sobre o empenho humano”, escreveu um historiador da guerra, John Buchan. “As frentes foram atingidas pela estagnação devido à sua vastidão: um homem podia ir a pé, ao longo de uma cadeia de postos, da Suíça aos Vosges e, por uma vala, dos Vosges ao mar do Norte.”¹⁵

Todos os relatos de corpos, regimentos ou regiões contam a mesma história de perigos e fracassos naquele dezembro. O historiador que escreveu sobre a participação do Conselho do Condado de Londres na guerra, Vincent Weeks, ele próprio um veterano que passou quinze meses na frente ocidental, descreveu a guerra de trincheiras, nesse momento, como um lugar de “lama, lodo e vermes, com patrulhamentos na terra de ninguém e distribuição de rações todas as noites. Grupos de trabalho, grupos de sepultamento, constantes baixas devido a projéteis, bombas, minas e atiradores, bombardeios súbitos e ataques de menor envergadura, frio e umidade, enfado e desconforto, sempre pontuados por minutos de perigo mortal”.

Em duas semanas de confrontos estáticos de trincheiras, em dezembro de 1914, foram mortos seis membros somente do Conselho do Condado de Londres. Eram homens que tinham trabalhado, na vida civil, em bondes, parques, departamentos escolares e asilos. Arthur James Webb, que costumava trabalhar como atendente no Hospital de Doenças Mentais de Bexley, passara, em agosto, a atuar como soldado no Granadeiros da Guarda, sendo morto em combate em 29 de dezembro de 1914, perto de La Bassée, junto de um hospital francês para doentes mentais. Foi uma das últimas baixas de 1914. Nesse dia, Churchill escreveu a Asquith:

Quando Kitchener declarou, perante nós, que no Exército havia apenas “rapazes e velhos”, estava enganado, mas, quando você e eu concordamos que era um bom e terrível Exército, tínhamos razão. Foram necessários mais de 5 mil homens, entre mortos e feridos, para provar esse simples fato.

No entanto, outros mortos ainda marcariam o encerramento do ano: num tribunal marcial, em 30 de dezembro, dois soldados britânicos que tinham sido encontrados escondidos num celeiro foram condenados à morte e fuzilados duas semanas depois.

Nas trincheiras e nas capitais, as conversas refletiam a crescente crença de que a

guerra seria longa e de que a vida nas trincheiras seria uma característica permanente. Um trava-língua popular nesse inverno em Londres dizia:

*Sister Susie's sewing shirts for soldiers,
Such skill at sewing shirts our shy young sister Susie shows
Some soldiers send epistles,
Say they'd rather sleep in thistles
Than the saucy, soft, short shirts for soldiers sister Susie sews.*¹⁶

Em Flandres, os soldados britânicos cantavam, seguindo a melodia de “My Little Grey Home in the West”:

*I've a little wet home in a trench,
Where the rainstorms continually drench,
There's a dead cow close by
With her feet towards the sky
And she gives off a terrible stench.*

*Underneath, in the place of a floor,
There's a mass of wet mud and some straw,
But with shells dropping there,
There's no place to compare,
With my little wet home in the trench.*¹⁷

Ao longo da guerra, foram publicados muitos relatos de soldados que estavam na frente, alguns românticos, outros engraçados, outros tristes. O leitor, que se encontrava longe da zona de guerra, só podia ter um fragmento da realidade, uma impressão, e captar um sentimento ou uma imagem. Durante o conflito, foram publicadas notas enviadas pelo capitão Philippe Millet, um intérprete francês que atuava junto das forças britânicas e tinha sido ferido em Charleroi em agosto de 1914. Em seu livro, ele recordou uma conversa com um soldado britânico naquele dezembro. “Vinte e dois dias nas trincheiras... Sim, vinte e dois dias. O regimento tinha perdido quinhentos homens. Quanto a mim, tive apenas uns arranhões no nariz, mas a bala que me feriu matou meu companheiro imediatamente.”

A dor e as baixas na guerra de trincheiras e as calmas discussões sobre aspirações territoriais faziam parte de mundos diferentes, e, no entanto, caminhavam lado a lado. Em 3 de dezembro, o governo japonês, que lutava contra os alemães em ilhas e portos remotos do oceano Pacífico, obteve uma promessa da Grã-Bretanha de que o Japão podia ocupar todos os territórios alemães ao norte do Equador. Esse acordo

causou enorme descontentamento no governo australiano, que tinha a esperança de adquirir significativas possessões coloniais. Na neutra Itália, vozes incitaram à participação na guerra para que o país não fosse excluído quando chegasse o momento de dividir os despojos da guerra. Nas colunas de seu jornal, subsidiado pelos franceses, e em seus discursos políticos, Benito Mussolini também argumentou que o governo italiano devia entrar na guerra. “Aqueles que se mantêm neutros nunca dominaram os acontecimentos”, declarou ele num discurso em Parma. “Sempre afundaram. Só o sangue move as rodas da história.”

Não era assim tão fácil ser lírico acerca de “sangue” e “história” num momento em que a guerra se chocava com a vida pessoal de cada um. Quando Betty Cunliffe-Owen, que tinha saído de Constantinopla em agosto com outros diplomatas da Entente e suas esposas, finalmente chegou a Atenas, recordou como “lemos os jornais de nossos países, recebemos cartas de nossos países, soubemos notícias de nossos países! Notícias tristes, infelizmente!, para alguns de nós. Foi lá que lorde Gerald Wellesley soube da morte de seu valente irmão na França, e, pela Lista de Honra, soubemos do falecimento de amigos de longa data dos felizes tempos de paz. Para mim, seus nomes pareciam sobressair, como se escritos em tinta de ouro. Sim, ‘mais forte do que a Morte, acima da Vida’. Nunca se apagarão, mas como dói. Como dói horivelmente o pensamento de nunca mais podermos apertar suas mãos, nunca mais sorrirmos a uma saudação. Uma sombra caiu sobre minha alma, e, de certo modo, o mundo ficou mais sombrio.”

Esse aspecto sombrio podia ser visto de modo mais acentuado nas baixas francesas desde o início da guerra cinco meses antes, que chegavam a 300 mil mortos e 600 mil feridos, capturados ou desaparecidos. Segundo o historiador Alistair Horne, o número de mortos franceses nesses cinco meses iniciais foi mais elevado do que o número total de mortos ingleses em toda a Segunda Guerra Mundial.^{[18](#)}

Impasse e procura de soluções

Janeiro a março de 1915

O ano de 1915 começou com sangue sendo derramado sem pausas. Na frente sérvia, o tifo atingiu os soldados dos exércitos austríaco e sérvio. Num gesto de apoio à Sérvia, mulheres inglesas voluntárias levaram para a Sérvia mais de cem toneladas de artigos hospitalares e medicamentos. Para a Grã-Bretanha, o ano começou com um desastre naval, o afundamento do couraçado *Formidable* por um submarino alemão, matando afogados 547 marinheiros. Na guerra de trincheiras da frente ocidental, grandes exércitos foram incapazes de avançar mais do que algumas centenas de metros sem baixas pesadas. Perto de Perthes, em Champagne, depois de doze ataques e vinte contra-ataques, tropas francesas avançaram menos de 1.500 metros. Em Xon, ao sul de Metz, para onde foram rechaçados de terrenos elevados que depois recuperaram, o comunicado francês anunciou: “Encontramos corpos mortos de cinco regimentos diferentes.”

A luta por trincheiras, colinas, bosques e matas parecia ser feita de peito contra bala. Contudo, em Londres, Asquith recebeu uma carta de um colega que dizia que “seria fácil, num curto intervalo de tempo, preparar um bom número de tratores a vapor com pequenos abrigos blindados, onde homens e armas poderiam ser colocados. Usados à noite, não seriam afetados pelo fogo de artilharia em nenhuma extensão. Um sistema de locomoção com lagartas permitiria atravessar trincheiras de modo bastante fácil, e o peso da máquina destruiria o emaranhado de arame farpado”. A carta fora escrita por Winston Churchill e marcou o primeiro passo de uma evolução prática do tanque de combate.

Todos os países em guerra tentavam conseguir novos aliados e zonas de guerra. Em 5 de janeiro, lorde Kitchener disse ao Conselho de Guerra, como está registrado nas minutas oficiais do encontro, que “os Dardanelos parecem ser o objetivo mais adequado, pois um ataque pode ser feito em cooperação com a Marinha”. Se tivesse sucesso, restabeleceria a comunicação com a Rússia, resolveria a questão do Oriente

Médio, arrastaria a Grécia e talvez a Bulgária e a Romênia e libertaria trigo e navios mercantes retidos no mar Negro. O secretário do Conselho de Guerra, coronel Hankey, foi ainda mais longe. Para ele, um sucesso nos Dardanelos “permitiria que utilizássemos o Danúbio como linha de comunicação para um exército que penetrasse no coração da Áustria e levasse nosso poderio naval ao meio da Europa”.

As potências da Entente esperavam arrastar para a sua órbita não apenas a Grécia, a Bulgária e a Romênia, mas também a Itália. A Alemanha e a Áustria também procuravam aliados, em particular contra a Rússia. Um pequeno, mas ativo, grupo à espera de ser seduzido eram os bolcheviques russos, sendo que muitos dos seus líderes encontravam-se em exílio na Suíça. Os bolcheviques não esperavam que os governos da Áustria e da Alemanha tivessem simpatias em relação à sua causa revolucionária, mas os políticos, tanto em Berlim como em Viena, desejavam ansiosamente o alargamento do bolchevismo, na esperança, nunca tão claramente demonstrada, de que minassem o estável governo russo e destruíssem o poder de guerra do czar.

Em 7 de janeiro, um grupo bolchevique em Petrogrado distribuiu panfletos a soldados, trabalhadores e camponeses, apelando a que não pagassem seus aluguéis mensais. No mesmo dia, em Constantinopla, um bolchevique rico, Alexander Helphand, procurou o embaixador da Alemanha na Turquia e disse-lhe que os interesses do governo alemão eram idênticos aos desejos dos revolucionários russos. Helphand explicou também que o objetivo dos bolcheviques era a destruição total do czarismo e a divisão da Rússia em estados menores. A Alemanha não conseguiria derrotar a Rússia no campo de batalha se não fosse possível atear uma importante revolução no interior do enorme país. As palavras de Helphand marcaram o início de um interesse crescente da Alemanha em estimular uma revolução na Rússia, que seria intensificado pelo equilíbrio de forças no campo de batalha e que culminaria na facilitação do regresso de Lênin à Rússia, que aconteceu através de solo alemão. Três meses depois, o governo alemão entregou dinheiro a um intermediário estoniano para que fosse repassado a Lênin, para encorajá-lo a prosseguir em suas atividades contra a guerra. Na verdade, não era preciso qualquer encorajamento.¹

O próprio poder alemão para prosseguir na guerra foi assinalado por Stanley Washburn, correspondente do *Times* junto aos exércitos russos, que, em 15 de janeiro, depois de ter falado com vários prisioneiros de guerra alemães perto de Varsóvia, escreveu: “Quanto mais vemos os alemães, e estão bem abaixo do tipo médio, mais sentimos que há um longo, longo caminho a percorrer pelos Aliados antes que esse determinado povo ceda.”

Na noite de 19 de janeiro, os alemães desencadearam seu primeiro bombardeio estratégico na Grã-Bretanha, quando dois zeplins atravessaram o mar do Norte para

a costa de Norfolk. Foram mortos quatro civis, dois em Yarmouth e dois em King's Lynn. Na frente ocidental, os alemães fizeram 5 mil prisioneiros franceses durante a Batalha de Soissons. No saliente de Ypres, tropas alemãs mantiveram a pressão sobre as linhas britânicas, tornando a própria cidade praticamente inabitável. Apesar de renovados assaltos, Messines, ao sul de Ypres, manteve-se em mãos alemãs. “Ainda estamos em nossas antigas posições e continuamos a incomodar os ingleses e os franceses”, escreveu Hitler ao seu senhorio em 20 de janeiro.

O tempo está terrível, e muitas vezes passamos dias mergulhados em água até os joelhos e, ainda pior, sob fogo pesado. Esperamos ardentemente por uma pequena pausa. Temos a esperança de que em pouco tempo toda a frente comece a mover-se para diante. As coisas não podem manter-se assim para sempre.

Enquanto a Alemanha incrementava sua influência militar na Turquia, outros encaravam, cada vez mais, o Oriente Médio como a área mais frágil para a Grã-Bretanha, onde podia ser mais duramente atingida e sofrer mais danos. Em 21 de janeiro, um entusiástico professor pró-Turquia, Ernst Jackh, disse ao Kaiser que oficiais prussianos na Turquia em breve tomariam o canal de Suez, a linha vital da Grã-Bretanha para a Índia. O Kaiser teve uma explosão de irritação: “Está louco? Minhas tropas não estão lá com esse propósito.” A um almirante que estava presente, o Kaiser pareceu “obviamente aterrorizado pela possibilidade de uma guerra prolongada”.

Nos céus acima da costa do mar do Norte ocupada pelos alemães, aviadores britânicos aprendiam uma nova arte de bombardeio aéreo. Em 23 de janeiro, dois jovens pilotos, Richard Bell Davies e Richard Peirse, lançaram, cada um, oito bombas a baixa altitude sobre submarinos alemães que se encontravam perto do molhe em Zeebrugge. Davies, gravemente ferido no início de seu ataque por um tiro nos quadris, seguiu em frente, apesar da perda de sangue e da extrema dor. Por bravura, recebeu uma Medalha por Distinção em Serviço.²

Na frente ocidental, conflitos diários e bombardeios da artilharia causavam uma quantidade constante de baixas, mas os soldados alemães tinham a esperança de uma rápida vitória. “Devemos esperar aqui até que Hindenburg tenha amaciado a Rússia”, escreveu Hitler ao seu senhorio em 26 de janeiro. “Depois virá o dia da retribuição!” No entanto, a vitória sobre a Rússia não chegaria nesse ano nem no seguinte.

Cada ação na frente ocidental tinha sua própria história. Numa carta enviada para os pais, o segundo-tenente Preston White recordou-lhes que em 27 de janeiro era o “aniversário do Bill II”. Em “honra” do Kaiser, a artilharia britânica em seu setor

“disparou uma salva de 21 tiros sobre as trincheiras alemãs pouco depois do nascer do dia. Parece que alguns comandantes de artilharia do nosso lado têm certo senso de humor. Os alemães também tinham senso de humor e começaram, das trincheiras, a assinalar os erros, usando uma bandeira, a cada vez que um projétil lançado errava o alvo, mas, por fim, um projétil caiu na bandeira e o sinaleiro não apareceu mais”.

Em 29 de janeiro, em Argonne, onde as tropas francesas e alemãs se defrontavam, o tenente alemão Erwin Rommel conduziu seu pelotão na captura de quatro *blockausses*³ franceses. Tendo-se arrastado sob o arame farpado francês, gritou para que seu pelotão o seguisse, mas ninguém o fez. Depois de novos gritos, Rommel precisou arrastar-se novamente para trás e avisou o comandante do primeiro pelotão: “Obedeça imediatamente às minhas ordens ou dou-lhe um tiro.” Toda a companhia rastejou por baixo do arame. Tendo capturado as *blockausses*, rechaçaram um contra-ataque francês, mas, flanqueados e sob fogo intenso, foram obrigados a recuar. Por sua bravura em ação, Rommel recebeu a Cruz de Ferro de Primeira Classe, sendo o primeiro oficial de seu regimento a receber essa honra. Em breve popularizou-se a frase “A frente está onde Rommel está.”

Em 30 de janeiro, em outro ataque alemão a Argonne, setecentos soldados franceses foram feitos prisioneiros.

No mar, o número de baixas era determinado não pela intensidade da luta, mas pelas dimensões dos navios e pela rapidez com que afundavam. Em 13 de janeiro, à exceção de um, todos os membros da tripulação do submarino alemão U-7, comandado pelo capitão Koenig, morreram afogados quando seu submarino foi torpedeado, por engano, pelo U-22, comandado pelo capitão Hoppe. Koenig e Hoppe eram melhores amigos. Um terceiro submarino, o U-23, que zarpara de Wilhelmshaven no mesmo dia, desapareceu. Acredita-se que colidiu com uma mina.⁴

Em 24 de janeiro, ao largo de Dogger Bank, os britânicos utilizaram o livro de código alemão capturado, que tinha sido enviado pelos russos, para interceptar uma esquadra alemã de cruzadores de batalha, numa vitória britânica que deu impulso ao moral nacional. Morreram quinze marinheiros ingleses, mas no navio alemão *Seydlitz* morreram 192 homens. No *Blucher*, afogaram-se 782 marinheiros alemães, num episódio registrado em filme. A imagem de um dos fotogramas, que mostra centenas de marinheiros saltando do casco do navio a afundar-se, foi gravada em cigarreiras de prata vendidas como um souvenir britânico.

No canal da Mancha, o primeiro navio mercante britânico a ser torpedeado sem aviso foi afundado por um submarino alemão em 30 de janeiro. Outros sucessos se

seguiram. Em 1º de fevereiro, um diplomata americano em Paris, John Coolidge, anotou em seu diário: “Mais um navio mercante foi afundado pelos alemães, na foz do Mersey, o que provoca em nós um horrível sentimento. Os alemães estão tão furiosos por não conseguirem avançar que não deixam nada por fazer.”

Nesse dia, o chanceler alemão aceitou ao pedido da Marinha imperial sobre desencadear uma guerra de submarinos contra todos os navios, incluindo embarcações neutras, que transportassem alimentos ou abastecimentos para as potências da Entente. Essa decisão foi divulgada pela Alemanha em 4 de fevereiro, na forma de uma declaração de uma “área de guerra” nas águas em torno da Grã-Bretanha e da Irlanda. A declaração informava que “mesmo que as forças navais alemãs tenham instruções para evitar exercer violência sobre navios neutros e identificados”, em vista das contingências da guerra naval, o torpedeamento de navios neutros “nem sempre poderá ser evitado”.

A razão dada pelos alemães para enveredarem por essa escalada na guerra submarina foi uma “retaliação” contra “o bloqueio de fome” dos britânicos à Alemanha com a colocação de minas no mar do Norte, realizada em novembro. Até os Estados Unidos tinham sido censurados pelos alemães por terem, de um modo geral, “aquiescido” às medidas britânicas. Cinco dias depois da declaração alemã, os Estados Unidos avisaram o governo alemão de que a guerra submarina proposta constituía “uma violação indefensável dos direitos de neutralidade” e de que a Alemanha seria “estritamente responsabilizada” se qualquer navio americano ou as vidas de cidadãos americanos fossem perdidas como resultado da nova política. Os Estados Unidos tomariam “todas as medidas que considerem necessárias” para salvaguardar vidas e bens americanos. Não foi explicado o que significariam essas medidas.

No Mediterrâneo oriental, uma marcha turca de duzentos quilômetros ao longo do deserto do Sinai, utilizando poços previamente escavados em segredo por engenheiros alemães, atingiu seu objetivo, o canal de Suez, na noite de 3 de fevereiro. Na manhã seguinte, 5 mil soldados turcos, comandados por um oficial alemão, o tenente-coronel Kress, tentaram atravessar o canal. Foram colocados três pontões, levando cerca de sessenta homens à margem ocidental do canal, mas os homens foram rechaçados por tropas indianas, apoiadas por navios de guerra britânicos que bombardeavam a partir do mar e por canhões colocados num trem blindado. As esperanças turcas de enviar mais 20 mil soldados através do canal frustraram-se, assim como os desejos alemães de estimular um levantamento contra os britânicos no Egito assim que Ismaília fosse capturada. Duzentos turcos foram mortos e setecentos foram feitos prisioneiros.

O número crescente de prisioneiros de guerra tinha levado todos os governos em

luta a estabelecerem departamentos especiais para colher informações sobre eles, para tentar trocar homens com ferimentos muito graves e ainda para apresentar protestos por tratamentos incorretos. Um visitante holandês que foi a três campos na Alemanha, Ruhleben, Doberitz e Burg, reportou, em 4 de fevereiro, que o campo de Burg era “simplesmente horrível”. “O ódio à Inglaterra é inacreditável e receio que os pobres prisioneiros tenham de sofrer por isso”, completou ele. Contudo, o diplomata americano encarregado dos assuntos britânicos não estava impressionado. “Um anjo do céu não seria capaz de satisfazer os prisioneiros em Ruhleben, a não ser que abrisse os portões e dissesse que podiam ir embora”, escreveu ao seu homólogo britânico após mais uma queixa. Porém, as acusações continuavam: no campo de Gütersloh, os prisioneiros ficaram furiosos ao saberem que poderiam escrever apenas uma carta e três cartões-postais por mês. Jogos de críquete e encenações teatrais ajudavam a passar o tempo, mas não aliviavam o fardo, a frustração e a monotonia do cativeiro. Em Zossen, parte do campo foi separada para prisioneiros muçulmanos, indianos e negros. No centro do campo foi erigida uma mesquita “por ordem do Kaiser”.

Quando a guerra começou, havia britânicos de quase todos os cantos do império vivendo na Alemanha. Houve também muitos homens da Marinha Mercante cujos navios tinham sido atracados em portos alemães no início da guerra ou que tinham sido capturados no mar por corsários alemães. Entre eles, havia *sikhs*, africanos e malaios. Em Ruhleben, onde estava internada a maioria, eram mantidos à parte. A troco de um pequeno montante podiam prestar trabalhos domésticos a outros detidos, como Percy Brown, fotógrafo *freelance* britânico, que durante um trabalho na Holanda inadvertidamente atravessou a fronteira alemã e que mais tarde descreveu as instalações para os não brancos como “as mais alegres e mais limpas do campo”.

Muitos homens de cor tocavam, cantavam e dançavam. Sua vida era um concerto contínuo (...) Os naturais das Índias Ocidentais e os malaios cantavam canções de embalar, uma música tranquila, doce, sem batidas nem dissonâncias. No centro dos barracões havia uma risonha lavanderia de cinco africanos. Enquanto passavam as roupas lavadas, murmuravam preces ao ritmo da passagem dos ferros. Na saída aos fundos, nosso sapateiro movia-se numa estranha dança rítmica ao compasso de um uquelele enquanto alguns clientes esperavam pacientemente pelos seus tamancos.

Os prisioneiros de guerra russos eram menos afortunados. O soldado canadense Mervyn Simmons, que estava num campo em Parnewinkel, viu quando alguns russos “cadavéricos e exaustos”, que eram obrigados a fazer trabalhos forçados dezessete horas por dia, recusaram-se a ir trabalhar. No dia seguinte, chegaram

soldados alemães. Foram organizados novos grupos de trabalho, e todos os russos que não se juntaram a eles foram obrigados a correr em círculo. Simmons continua sua narrativa:

Uma hora depois, começaram a implorar misericórdia, lastimando-se e repetindo a única palavra alemã que conheciam — “Kamerad, O Kamerad” — para o suboficial que ordenava que continuassem. Imploraram e rezaram em sua própria língua; como única resposta, receberam golpes de baioneta. Suas cabeças pendiam, com a língua de fora, os lábios a espumar, os olhos vermelhos e queimados — um deles caiu aos pés do suboficial, que se inclinou para ele e puxou-lhe as pálpebras para ver se estava mesmo inconsciente ou se fingia. Seu exame provou que se tratava do segundo caso, e eu vi o comandante a chutar o russo para que se levantasse, com toda a convicção, e a esgotante corrida prosseguiu.

Em 10 de fevereiro, quinhentos soldados franceses foram feitos prisioneiros durante um contra-ataque em Champagne. Nesse mesmo dia, 10 mil russos foram cercados e capturados perto de Kaunas, na frente oriental, onde a escalada de batalhas e de baixas era enorme. Quatro dias depois, em Ełk, mais 5 mil russos foram feitos prisioneiros, seguidos por 70 mil, número sem precedentes, em Augustów, na semana seguinte. Isso coincidiu com um sucesso militar francês em Champagne, marcado pela captura de três metros de trincheiras alemãs e quatro soldados alemães.

Feridos de todos os exércitos eram levados para dispensários de triagem; quando as feridas eram graves, mas passíveis de tratamento, eram enviados para hospitais militares. Trens-hospital tornaram-se uma cena comum atrás das linhas. Num desses trens, que se dirigia da frente ocidental para Le Havre, via Bolonha-sobre-o-Mar, a irmã K. Luard, do Serviço Imperial de Enfermagem Rainha Alexandra, anotou em seu diário em 13 de fevereiro:

De novo a caminho de Le Havre! E já enchemos um trem na quinta-feira. Essa viagem é mais uma mostra daquilo que o soldado britânico é capaz de suportar sem resmungar. Há oito lugares sentados por vagão, alguns têm os pés doloridos, alguns têm feridas nos braços, alguns tosse e têm reumatismo etc., mas não se ouve uma palavra de lamento. Foi uma bênção termos tratado os casos mais graves fora de Bolonha-sobre-o-Mar — pneumonia, desarranjos intestinais e alguns feridos graves usando rifles como muletas, incluindo um oficial literalmente vestido com ataduras. Era

um ótimo rapaz. Quando foi colocado num pijama lavado e recebeu um lenço molhado com água-de-colônia, disse: “Meu Deus, valeu a pena ter sido ferido para estar aqui, depois do cheiro de cavalos mortos, de homens mortos, de tudo morto.”

No ar, as esperanças de realizar bombardeios eficazes excederam a realidade, mas os ataques contínuos dos russos a estações de trem controladas pelos alemães na Polônia não conseguiram interromper o avanço alemão. Em 12 de fevereiro, o Kaiser expressou suas esperanças de que a guerra aérea contra a Grã-Bretanha fosse “levada a cabo com a maior energia”. Foi elaborada uma lista de alvos, incluindo bases e depósitos militares, aquartelamentos, depósitos de petróleo e combustível e as docas de Londres. Por uma ordem específica do Kaiser, foram proibidos ataques aos palácios reais e a áreas residenciais. Três zepelins partiram uma semana depois da ordem do Kaiser, mas foram surpreendidos por uma tempestade de neve perto da costa da Jutlândia e ficaram destruídos. Durante uma tentativa posterior, no começo de março, para atacar a Grã-Bretanha, o zepelim que devia executar a ação foi empurrado para trás por uma rajada de vento enquanto sobrevoava o mar do Norte e abatido por uma bateria antiaérea em Nieuwpoort, na costa belga.

No dia em que o Kaiser defendeu os bombardeios estratégicos à Grã-Bretanha, um agente britânico estava entrevistando uma refugiada francesa na Grã-Bretanha, *mademoiselle* de Bressignies, que pretendia regressar à sua cidade natal, Lille, e transmitir informações à Grã-Bretanha. Ao regressar à sua cidade, viveu num convento, disfarçada de freira. O equipamento de rádio de que necessitava foi contrabandeado para o interior em seções, utilizando um barco comercial de ligação que fazia o percurso entre Folkestone e o porto holandês de Flushing. Devido ao gerador necessário para utilizar o equipamento ser muito ruidoso, decidiu-se que, ainda que recebesse as tarefas por rádio, enviaria as respostas por pombo-correio. Assim ela fez, trabalhando regularmente por dois meses até ser detida. No momento da detenção, tinha um relatório consigo, mas engoliu-o. Condenada à prisão perpétua, morreu dois meses antes do Dia do Armistício.

Em 15 de fevereiro, soldados indianos amotinaram-se em aquartelamentos em Singapura e foram mortos 39 europeus. Foi o primeiro grande motim da guerra. Para seus organizadores, fazia parte de um levantamento generalizado de militantes *sikh* contra a presença de britânicos na Índia e tinha sido encorajado pelos alemães, na esperança de que a Índia estivesse pronta para uma revolução, do mesmo modo que, duas semanas antes, tiveram a esperança de que os egípcios estivessem prontos para derrubar os britânicos quando os turcos atravessassem o canal de Suez. Descobriu-se que o navio alemão *Bayern*, que tinha sido apreendido pelos italianos, transportava 500 mil revólveres, 100 mil rifles e 200 mil caixas de munições, possivelmente para o levantamento na Índia. Os militantes *sikh* certamente esperavam esse apoio

alemão.

Em Singapura, soldados britânicos foram encarregados de executar os líderes do motim, fuzilando 37 homens. Na Índia, os levantamentos foram traídos por um policial infiltrado como espião, e os líderes do levantamento foram detidos antes que pudessem iniciar a revolta. Dezoito foram enforcados. Por todo o subcontinente, indianos continuaram a apresentar-se como voluntários para servir na França, onde a primeira Cruz Vitória foi concedida a um indiano no final de janeiro. Como Gandhi escreveria mais tarde, em apoio à participação indiana na guerra: “Se podemos melhorar nossa condição com o auxílio e a cooperação dos britânicos, é nosso dever merecer seu auxílio, mantendo-nos ao lado deles em tempos de dificuldade.”⁵

Naqueles “tempos de dificuldade”, estava sendo tentada uma nova tática, que consistia em escavar túneis subterrâneos sob as trincheiras inimigas, onde poderiam ser colocadas cargas explosivas que explodiriam na véspera do ataque, matando, ferindo e confundindo os defensores. Em 17 de fevereiro, um engenheiro de minas britânico e membro conservador do Parlamento, John Norton Griffiths, tendo persuadido o Ministério da Guerra a estabelecer companhias especiais para a guerra sob trincheiras, conseguiu seus primeiros voluntários. Eram todos mineiros dispostos a expor-se ao perigo de escavar em zona de guerra. Uma semana depois, os voluntários chegaram à França. Ao serem conduzidos por um guia para as trincheiras, sentiram o primeiro sabor da guerra quando um atirador disparou e o guia caiu morto. Ainda que não soubessem, seus esforços seriam um marco em futuras ofensivas: em 1917, depois de um abrigo de trincheira alemão ter sido parcialmente soterrado por uma explosão, quatro oficiais alemães foram encontrados no interior, confortavelmente sentados e sem qualquer ferimento aparente. Não fizeram qualquer movimento quando os soldados britânicos se aproximaram. Tinham morrido em consequência de concussões.

Em 19 de fevereiro, nos Dardanelos, os britânicos repetiram seu único dia de bombardeio naval, que acontecera em novembro. Os dois fortes exteriores, em Sedd el Bahr e Kum Kale, foram destruídos por canhões de 380 milímetros, contra os quais não havia defesa. Um oficial naval alemão, o tenente Woermann, foi morto. Coberto por uma bandeira turca, com o rosto voltado para Meca, foi sepultado na península na mesma noite. Seis dias depois, foi efetuado outro bombardeio, que transformou Sedd el Bahr e Kum Kale em ruínas. Contudo, eram ruínas nas quais seriam instaladas peças de artilharia e ninhos de metralhadoras.

Na frente oriental, a batalha continuava numa escala formidável. Ao capturarem

Przasnysz, em 22 de fevereiro, os alemães fizeram 10 mil prisioneiros russos. Quando, três dias depois, foram expulsos da cidade, foram feitos 5.400 prisioneiros alemães. A luta na frente ocidental, mesmo sem essas espetaculares mudanças de sorte, não diminuiu: em 26 de fevereiro, os alemães utilizaram lança-chamas pela primeira vez, testando-os contra trincheiras francesas perto de Verdun. Calcula-se que após o primeiro foram feitos mais 652 ataques com lança-chamas, mas o sistema de trincheiras, com sua profunda proteção, proporcionava aos lança-chamas pouco mais do que o elemento-surpresa. No dia seguinte ao primeiro ataque, um contra-ataque convencional francês teve sucesso, e, dois dias depois, em 1º de março, foram fornecidas granadas às tropas francesas pela primeira vez. Nesse dia, um destacamento de Infantaria alemão composto por setenta homens, avançando por trás de escudos blindados, perdeu metade de seus homens, mortos ou feridos, sem ter conseguido penetrar nas trincheiras francesas. Entre os soldados franceses em ação, estava o recém-promovido capitão De Gaulle. Em 10 de março, De Gaulle ficou ferido em uma das mãos por fogo de metralha. A ferida, apesar de superficial pelos padrões da guerra de trincheiras, infeccionou, obrigando-o a passar dois meses num hospital.

Ainda em 10 de março, os britânicos tentaram penetrar nas trincheiras alemãs em Neuve Chapelle e capturar a aldeia de Aubers, menos de dois quilômetros para leste. No início da batalha, 342 canhões lançaram uma barragem com duração de 35 minutos sobre as trincheiras alemãs, sendo a artilharia dirigida em parte por 85 aviões de reconhecimento. Foram lançados mais projéteis nessa curta barragem inicial do que em toda a Guerra dos Bôeres, numa indicação da aterrorizante transformação da natureza da guerra no breve intervalo de quinze anos.

Na sequência dessa barragem, as divisões britânicas e indianas atacaram ao longo de uma frente de pouco menos de quatro quilômetros. No centro do ataque, depois de quatro horas de frequentes lutas corpo a corpo, a aldeia de Neuve Chapelle foi capturada e quatro linhas de trincheiras alemãs foram invadidas. Porém, no setor norte, perto de Aubers, quatrocentos metros da linha de frente alemã não foram atingidos pelas armas de bombardeio. Os homens que avançaram nesse setor, em três levadas sucessivas, atravessaram a terra de ninguém em direção ao intacto arame farpado alemão. “A princípio, foi como se o ataque tivesse chegado às trincheiras alemãs, pois ninguém conseguia ver o combate e nenhum homem regressou”, recordou a história oficial. Todos os atacantes, que chegavam a quase mil, foram mortos.

A cadeia de comando envolvida na batalha em Neuve Chapelle era tal que decorria um considerável lapso de tempo para que fosse tomada uma decisão sobre o que deveria ser feito em cada passo do combate. As linhas de telefone tinham sido cortadas pelo fogo de artilharia alemão, de forma que as mensagens, frequentemente intermináveis e por vezes pouco claras, tinham de ser enviadas por mensageiros. Por

vezes, mensagens cruciais cruzavam-se no meio da luta, sendo necessárias novas mensagens, o que criava mais confusão. Os serviços secretos cometiam erros: a força inicial alemã foi subestimada e, em alguns locais, as posições alemãs foram exageradas. Um ataque britânico pouco depois do meio-dia, em 11 de março, efetuou-se cinco minutos após o término do fogo da artilharia de apoio, o que levou a pesadas baixas. Quando um oficial perguntou ao seu coronel se havia dado uma ordem de avanço, o coronel respondeu: “Não, não é mais que perder vidas. É impossível avançar vinte metros, muito menos duzentos. As trincheiras não foram alcançadas pela artilharia. Se a artilharia não conseguiu atingi-las, a única forma é avançar a partir do flanco direito. Um ataque frontal não nos levará até elas.”

No entanto, Haig ordenou um ataque frontal e quase todos os homens envolvidos foram mortos. Naquela noite, Haig ordenou um novo avanço no dia seguinte.

No terceiro dia de batalha, os ingleses repeliram um ataque alemão pela manhã e desencadearam seu próprio ataque pouco depois do meio-dia. Esse esforço teve de ser interrompido duas horas depois, pois muitas unidades tinham sido chacinadas. Contudo, Haig buscou tropas que ainda não tinham entrado em ação nesse dia. “As informações indicam que o inimigo à nossa frente está muito desmoralizado”, informou ele. “O Corpo Indiano e o 4º Corpo avançarão através da barragem de fogo independentemente das baixas, utilizando reservas se for necessário.” Quando essa ordem chegou àqueles que a teriam de pôr em prática naquela noite, houve alguma consternação. Um comandante do Corpo Indiano, o brigadeiro-general Egerton, informou seu superior, o general Willcocks, dizendo-lhe que “o ataque ordenado não pode ter êxito”. Willcocks cancelou o ataque, dizendo a Haig, que tinha acabado de chegar ao quartel-general do Corpo Indiano, que “era impraticável fazer um ataque com um conjunto tão grande de tropas, à noite, num terreno pouco conhecido”.

Haig aceitou a decisão de Willcocks, mas já era tarde demais para evitar que as unidades do 4º Corpo se movimentassem mais para norte. A história oficial registrou, acerca desses ataques do 4º Corpo, os últimos da batalha, que a confusão foi aumentada pela exaustão dos homens que, após três dias e três noites sob fogo, tinham adormecido e “só podiam ser acordados pelo uso da força — um processo muito demorado pelo fato de o campo de batalha estar coberto de mortos ingleses e alemães, que, na escuridão, eram indistinguíveis dos sobreviventes que estavam dormindo”.

Quando a batalha terminou, tinha sido tomado um pequeno saliente, com 2 mil metros de largura e 1.200 metros de profundidade, e tinham sido capturados 1.200 soldados alemães. O custo foi elevado, com 7 mil baixas britânicas e 4.200 baixas indianas. Um membro do Estado-Maior de Haig, o general Charteris, escreveu: “Receio que a Grã-Bretanha precisará habituar-se a baixas muito mais pesadas do

que teve em Neuve Chapelle antes de finalmente esmagar o Exército alemão.” Do saliente de Ypres, em 12 de março, o capitão Colwyn Philipps escreveu à mãe: “Parece que as pessoas aqui pensam que a guerra vai ser curta. Não sei por que pensam assim; pessoalmente, não vejo que se possa impedir que se prolongue para sempre.”⁶

As baixas não chegaram ao fim com o término da batalha. Ao escrever aos pais, o tenente Preston White descreveu um dia na linha de frente pouco depois de Neuve Chapelle: “Evidentemente, não há trincheiras de comunicação, e os alemães tornaram nossa chegada bastante difícil. Uma bala atravessou a cabeça de um homem da companhia que estávamos socorrendo e alojou-se no maxilar de um dos nossos homens.” Houve também uma experiência “horrível” enquanto seus homens recolhiam terra para encherem sacos: “Encontraram um braço endurecido e a mão de um homem em roupas caqui poucos centímetros abaixo da superfície. Fizemos um pequeno monte com uma cruz em cima para evitar que alguém escavasse ali e o trouxesse para cima.” O último esforço do sargento-mor da companhia foi “rastejar pela frente da barreira para recolher os indianos mortos e qualquer coisa de valor que tivessem com eles”.

White, à semelhança de muitos outros homens que escreviam para casa, dava detalhes sobre as aldeias e os vilarejos onde houvera luta. Em seu caso, indicou também os nomes. “Posso imaginá-lo na sala de jantar em Henley, debruçado sobre um mapa, com uma lupa na mão”, e também a mãe, deitada no sofá, dizendo de vez em quando ao pai: “Meu Deus! Que trabalhadeira, Harry! Acha que vale a pena?” White não deu resposta à imaginada pergunta da mãe. No dia seguinte, escreveu novamente para casa: “Hoje foi um dia cheio de notícias, boas e más. Wood-Martin, três colegas meus e quatro homens que conhecíamos morreram, perdemos dois couraçados ingleses e houve avanço nos Dardanelos e intervenção da Itália, tudo num só dia!”⁷

A tentativa de pressão nos Dardanelos aconteceu em 18 de março, menos de uma semana depois do término da batalha em Neuve Chapelle. Os Aliados pretendiam que esse fosse um ponto de virada na guerra, acabando, se tivesse sucesso, com a paridade de forças na frente ocidental tão bem exemplificada em Neuve Chapelle. Nessa data, a intenção era que uma força naval anglo-francesa penetrasse nos estreitos até o mar de Mármara e depois até Constantinopla.

No Conselho de Guerra britânico, houve longas e detalhadas discussões sobre o ataque aos Dardanelos. Não apenas Churchill, cuja Marinha era o principal componente do ataque, mas também seus colegas no conselho, esperavam uma rápida penetração nos estreitos, seguida de momentos de pânico na capital turca quando muitos navios de guerra aparecessem em sua costa. Lorde Kitchener confiava em que, quando a frota forçasse sua passagem através dos estreitos, a guarnição turca na península de Galípoli evacuaria suas posições sem que quaisquer

tropas britânicas precisassem desembarcar, e que, sem luta posterior, “a guarnição de Constantinopla, o sultão e provavelmente o Exército turco na Trácia também abandonariam as costas asiáticas”.

Tal triunfo seria conseguido apenas por meio de navios. Kitchener acreditava também que, com paciência e hábeis negociações, as forças turcas restantes na Europa “provavelmente pediriam sua rendição”. Edward Grey disse ao Conselho de Guerra que, uma vez concluído o sucesso nos Dardanelos, “poderá ocorrer um *coup d'état* em Constantinopla”, com os turcos a abandonarem as Potências Centrais e a regressarem à sua anterior neutralidade. Churchill perguntou-se sobre se soldados turcos não concordariam em servir como mercenários nos exércitos aliados. Os outros ministros consideravam a vitória naval um meio de persuadir a Grécia, a Bulgária e a Romênia a entrarem na guerra ao lado da Entente. Pensou-se que, quando a armada britânica tivesse o controle do mar de Mármara, podia juntar-se à Marinha russa no mar Negro e fazer um assalto combinado pelo Danúbio até o coração da Áustria-Hungria.

Para todos os membros do Conselho de Guerra, o ataque aos Dardanelos parecia a mais óbvia e promissora estratégia para superar o equilíbrio na frente ocidental, abrindo uma nova frente no Danúbio e auxiliando a Rússia. Lloyd George resumiu os benefícios num memorando que circulou entre os Conselho de Guerra: “Trazer a Bulgária, a Romênia e a Grécia juntamente com a Sérvia significa ter um Exército de 1,5 milhão de homens para agir contra o flanco austríaco. Isso não só aliviará a pressão sobre a Rússia como também, indiretamente, sobre a França. A ação tenderá a equilibrar as coisas, dando-nos tempo para reequipar o Exército russo.”

Na Índia, o vice-rei, lorde Hardinge, também se entusiasmou, acreditando que uma vitória nos Dardanelos teria um “forte efeito” nos sentimentos até então pró-germânicos dos muçulmanos da Pérsia e do Afeganistão e libertaria o trigo russo, de modo que a pressão indiana para obter alimentos seria “muito aliviada”. Por fim, havia a possibilidade de ganhos territoriais. Lorde Kitchener queria que a Grã-Bretanha anexasse as cidades sírias otomanas de Alepo e Alexandreta. O Almirantado desejava anexar todo o vale do Eufrates, de Urfa a Bagdá e para sul até Baçorá, para evitar que a Rússia chegasse às águas quentes do golfo Pérsico. Lewis Harcourt, o secretário colonial, pretendia que a Grã-Bretanha anexasse o porto de Marmaris, no sul da Anatólia. Herbert Samuel queria que a Grã-Bretanha estabelecesse um Lar Nacional Judeu na Palestina turca.

Dessa forma, os benefícios territoriais que resultariam de uma vitória nos Dardanelos eram atrativos para muitas nações, encorajando-as a encararem favoravelmente o plano anglo-francês. Com a derrota dos turcos, a Rússia receberia a província oriental da Armênia e também a capital, Constantinopla, que lhe tinha sido prometida pela Grã-Bretanha em conversações secretas tidas já em 1908. A Grécia, a quem Constantinopla tinha sido negada devido à promessa anterior da Grã-

Bretanha à Rússia, receberia a província ocidental da Anatólia, Esmirna, que continha uma vasta população grega. A Itália, caso se juntasse à Entente, receberia a província de Adana, na Anatólia. A França, cujos navios de guerra estavam prontos para entrar em ação ao lado dos britânicos, receberia a província turca da Síria, incluindo o Líbano. A Bulgária, a troco de juntar-se à Entente, manteria o porto de Dedeagatch [Alexandrópolis], no mar Egeu, que tinha sido retirado à Turquia um ano antes.⁸ A Grécia e a Romênia, bem como a Bulgária, poderiam receber portos no mar de Mármara.

Muitas aspirações nacionais e modificações territoriais dependiam do sucesso do ataque naval nos Dardanelos, que teve início na manhã de 18 de março. A ação, com seis navios de guerra britânicos e quatro navios de guerra franceses, quase teve sucesso. Na preparação para o ataque, os fortes turcos à entrada dos estreitos já tinham sido tirados de ação por bombardeios navais nos dias anteriores, e, em três horas, os fortes que cobriam os campos de minas no interior dos estreitos foram incapacitados. As linhas de minas colocadas ao longo da entrada dos Dardanelos foram limpas à medida que os navios de guerra avançavam.

Apenas nove linhas de minas, todas identificadas pelos britânicos e prontas para serem limpas, separavam os navios de guerra e o forte de Chanak, mas uma inesperada linha de vinte minas, que tinha sido colocada paralelamente à linha de costa por um pequeno barco a vapor turco, o *Nousret*, dez dias antes, provocou o caos. Três navios aliados foram afundados; os britânicos perderam o *Irresistible* e o *Ocean* e os franceses, o *Bouvet*. Um segundo couraçado francês, o *Gaulois*, ficou seriamente danificado e foi ser levado para terra. O couraçado britânico *Inflexible* também bateu numa mina e ficou fora de ação. No *Bouvet*, 620 homens morreram afogados; nos navios de guerra britânicos, houve apenas 47 baixas. Tanto o almirante britânico como o francês consideraram as baixas aceitáveis dentro do risco de guerra.

Para os oficiais alemães que supervisionaram a artilharia turca, o ataque aliado foi quase um sucesso total, pois sua artilharia tinha ficado sem munições. “Tivemos muita sorte”, comentou o tenente-coronel Wehrle. Suas baterias tinham disparado 1.600 projéteis e conseguido atingir 139 alvos nos navios de guerra aliados, perdendo apenas três homens. Baterias simuladas, com os canos apontados para o céu, serviram para enganar os artilheiros aliados.

O almirante britânico estava ansioso por fazer um novo ataque no dia seguinte e foi encorajado por Churchill. Ambos os homens confiavam em que, se os navios de guerra forçassem a passagem pelos estreitos até o mar de Mármara, as baterias de artilharia da península seriam flanqueadas e, por fim, o impacto da armada anglo-francesa no mar de Mármara desmoralizaria os turcos e faria com que abandonassem

a luta. No entanto, uma súbita mudança de tempo e um crescente desejo entre os britânicos de ver o Exército em terra para atacar o que restava dos fortes atrasados levaram a um adiamento.

Na manhã de 19 de março, imediatamente depois do insucesso naval, o Conselho de Guerra britânico continuou discutindo os possíveis frutos de uma vitória sobre os turcos. Grey sugeriu que se causasse uma boa impressão nos súditos muçulmanos britânicos, em particular nos 60 milhões de muçulmanos do império indiano, criando um estado muçulmano, patrocinado pela Grã-Bretanha, na Arábia, Síria e Mesopotâmia. Tendo em mente as futuras relações com o mundo muçulmano, Kitchener propôs a transferência de Meca, centro do mundo islâmico, para o controle britânico. O India Office insistiu em que a província turca de Baçorá “fizesse parte do império britânico”. Lloyd George chegou ao ponto de sugerir a possibilidade de dar à própria Alemanha “um osso qualquer” no império turco como contrapeso ao futuro crescimento da predominância russa. Estava claro que um único dia de insucesso não havia destruído as esperanças territoriais de vitórias futuras.

A escolha de lorde Kitchener para comandante das forças aliadas que desembarcariam na península de Galípoli ou que seriam conduzidas através dos Dardanelos por navios até a própria Constantinopla se o ataque inicial, e único, de 18 de março tivesse tido êxito, recaiu sobre o general Sir Ian Hamilton. Ao chegar aos Dardanelos a tempo de presenciar o ataque naval a bordo de um navio, Hamilton ouviu o almirante dizer, após o ataque ser suspenso, que estava pronto para tentar novamente. Hamilton encarava a possibilidade de desembarcar suas tropas junto com o ataque naval seguinte. Nessa noite, escreveu a Kitchener: “De fato, parece agora que a armada não conseguirá avançar nesse ritmo, e, se for assim, terão de ser os soldados a fazê-lo.” “Deve ser uma operação militar deliberada e progressiva”, acrescentou Hamilton.

Nesse momento, Kitchener já planejava desembarcar um vasto exército. Churchill, ainda acreditando que um segundo ataque naval poderia ser bem-sucedido, não conseguiu persuadir seus conselheiros navais e foi forçado a manter-se em segundo plano, deixando o planejamento militar à responsabilidade de Kitchener, que mantinha sigilo extremo. Qualquer possibilidade de uma vitória rápida e espetacular nos Dardanelos havia desaparecido, apesar de um ataque, dez dias depois, aos fortes do Bósforo feito pela armada russa do mar Negro. Cinco couraçados russos, dois cruzadores e dez contratorpedeiros participaram do ataque, mas um segundo dia de atividade tornou-se impossível devido ao nevoeiro. Então, foram afundados dois contratorpedeiros pelo *Goeben*, comandado pelos alemães, e a esquadra russa retirou-se. Nos Dardanelos, rajadas de vento impediam até mesmo as mais simples operações de dragar minas. Tanto os Dardanelos como o Bósforo

mantinham-se firmemente sob controle turco.

A perspectiva de uma rápida desintegração do império otomano também desvanecera. Os governos da Grécia, da Bulgária e da Itália, que tinham ficado animados com as perspectivas do Conselho de Guerra britânico de uma rápida rendição de Constantinopla, mantiveram sua cautelosa neutralidade. O governo romeno permitiu que 150 minas navais alemãs passassem através da Romênia a caminho da Turquia. Como as tropas britânicas, australianas, neozelandesas e francesas juntaram-se no Egito e nas ilhas do mar Egeu, apenas os russos tiraram vantagem do que ainda poderia ser uma vitória terrestre dos britânicos sobre os turcos. Em 20 de março, o governo britânico assinou um pacto secreto segundo o qual, como contrapartida pela benevolência russa em relação aos desejos britânicos em todo o restante império otomano e na zona neutra na Pérsia Central, a Rússia anexaria Constantinopla e o Bósforo, mais de metade da Turquia europeia e as costas europeias e asiáticas dos Dardanelos, incluindo a própria península de Galípoli. A Grã-Bretanha conquistaria Galípoli, mas seria a Rússia que a dominaria.

Era irônico que a Grã-Bretanha tivesse entrado em guerra com a Rússia em 1854, enviando um exército para lutar na Crimeia, justamente para evitar que os russos se tornassem senhores de Constantinopla e dos estreitos. Em 1878, Disraeli chegara a enviar a esquadra britânica através dos Dardanelos para advertir os russos de que deveriam manter-se afastados da capital turca. Agora, porém, a Grã-Bretanha concordava que, se suas tropas, que se reuniam para um assalto a Galípoli, obtivessem uma vitória militar, a Rússia seria a vencedora territorial.

O poeta Rupert Brooke estava entre os soldados que se preparavam para a batalha em terra. Contudo, quando estava ainda em treino, foi levado, doente, com disenteria, e, tendo tomado parte num exercício na ilha de Esquiro, no mar Egeu, morreu em consequência da infecção de uma picada de mosquito num lábio. Foi enterrado na própria ilha, sob um olival. Quatro horas depois, seus colegas rumaram para Galípoli.

Na frente oriental, os russos, comandados por Brusilov, continuavam a pressionar os austríacos para os Cárpatos. Em 20 de março, dia em que Constantinopla e os estreitos foram prometidos secretamente à Rússia, Brusilov fez 2.400 prisioneiros austríacos perto de Smolnik. Em Okna, no dia de Páscoa, 22 de março, durante um ataque-surpresa dos russos, homens da cavalaria dos circassianos ocuparam uma posição austríaca. Um sargento croata, Josip Broz (mais tarde conhecido como Tito, dirigente comunista da Iugoslávia), foi atingido nas costas por uma lança. “Desmaiei”, recordou ele mais tarde. Então, “os circassianos começaram a matar cruelmente os feridos, cortando-os com suas facas. Por sorte, a Infantaria russa atingiu a posição e pôs fim ao massacre”. Broz foi feito prisioneiro. Nesse mesmo

dia, a fortaleza austríaca de Przemyśl rendeu-se. Entre outras atrocidades, centenas de homens feridos congelaram até a morte nos campos antes mesmo de poderem ser tratados enquanto o comandante austríaco escapava num avião. Os despojos da vitória foram impressionantes: setecentos canhões pesados e 120 mil soldados austríacos foram capturados, incluindo nove generais.

“Alguns de nós estamos céticos sobre o número de prisioneiros feitos em P...”, escreveu numa carta para casa o tenente Preston White, da frente ocidental, ao saber da captura de Przemyśl. “Que se dane! Não pretendo mudar esse mundo brutal”, acrescentou ele.⁹ O setor de White nas trincheiras estava relativamente calmo. “Só morreu um homem”, escreveu ele. “Levou um tiro na cabeça quando estava contando quantos mortos jaziam entre as duas linhas de defesa e morreu enquanto colocávamos as ataduras.”

No quartel-general do Kaiser, em Charleville, a queda de Przemyśl foi um choque, contrariado apenas pelo fracasso britânico nos Dardanelos. “Um reduzirá o efeito do outro”, escreveu o almirante Tirpitz. “Mas os russos atacam por todos os lados, sem piedade, e os austríacos são sempre derrotados, e nós também estamos ficando nervosos. Hindenburg está chegando ao fim dos seus recursos.” Brusilov não perdeu tempo após seu sucesso em Przemyśl: em 25 de março, retomou o desfiladeiro de Łupków, capturando mais 8.200 soldados austríacos.

Em Petrogrado e Viena, Paris, Londres e Berlim, os tambores do patriotismo rufavam ainda mais quando se intensificava o equilíbrio e a chacina no campo de batalha. Nesse dia, Albert Einstein, em Berlim, escreveu ao escritor francês e pacifista Romain Rolland:

Quando a posteridade descrever os feitos na Europa, deveremos deixar os homens dizerem que três séculos de penoso esforço cultural não nos levaram mais longe do que do fanatismo religioso à insanidade do nacionalismo? Hoje, em ambos os campos, os eruditos comportam-se como se tivessem subitamente perdido a cabeça oito meses atrás.

Na frente oriental, o avanço alemão tinha criado sentimentos antissemitas na Lituânia, semelhantes à onda que tinha sido gerada seis meses antes na Polônia. Os judeus eram novamente acusados de apoiarem secretamente os alemães e de esperarem ser bem-vindos nas tropas germânicas. Mais uma vez, houve saques generalizados de casas e lojas de judeus. Os cossacos russos, tradicionais inimigos dos judeus desde o século XVII, obrigaram-nos a abandonar suas casas e partirem, caminhando pela neve. Cerca de 500 mil judeus foram obrigados a sair da Lituânia e da Curlândia, criando mais refugiados em busca de um local seguro; sua forma de viver e sua segurança estavam destruídas.

Mais para sul, o alto-comando austríaco apelou ao auxílio alemão para tentar sustentar o contínuo avanço russo. Contudo, antes que chegasse um corpo alemão especial de montanha, 11 mil austríacos foram feitos prisioneiros por Brusilov. No quartel-general austríaco, o moral das tropas da linha de frente foi descrito como “abaixo de zero”.

A Turquia também havia apelado ao auxílio alemão. Em 26 de março, o general Liman von Sanders chegou à península de Galípoli para comandar o 5º Exército Turco, pois um exército anglo-francês se agrupara nas ilhas do Egeu mais próximas, planejando um assalto à península. Sob pressão da Alemanha, a Bulgária e a Romênia tinham autorizado a passagem de armamentos alemães por seus territórios a caminho da Turquia, ignorando um protesto da Grã-Bretanha. Em Chanak, chegaram até mesmo aviões alemães, que forneceram aos turcos informações de reconhecimento.

Os políticos britânicos ainda alimentavam o sentimento de uma vitória iminente nos Dardanelos. Em 25 de março, o ministro das Colônias, Lewis Harcourt, enviou aos membros de Conselho de Guerra um memorando intitulado “Os Despojos”, em que sugeria que, com a derrota da Turquia, a Grã-Bretanha deveria anexar a Mesopotâmia “como uma saída para a imigração indiana” e entregar os Lugares Santos¹⁰ como mandatos aos Estados Unidos. Nos Dardanelos, o general Hamilton também estava confiante e informou ao almirante Robeck, em 30 de março, que o “procedimento mais correto” seria fazer um novo ataque naval. “É sempre possível que a oposição possa desmoronar”, escreveu Hamilton. “Se conseguir triunfar, assegure-se de deixar cruzadores ligeiros suficientes para me apoiarem em meu ataque militar, caso, apesar de tudo, venha a ser necessário.”

O ataque militar realizou-se somente três semanas e meia depois, mas Hamilton continuava considerando uma possível vitória naval que tornasse desnecessário um desembarque militar. Entretanto, ambos os lados preparavam suas tropas, armas e munições para a batalha em terra naquilo que Asquith descreveu como o “glorioso Oriente”. Uma nota de precaução foi dada pelo coronel Hankey, que escreveu a Asquith, em 12 de abril, argumentando que os desembarques militares em Galípoli eram “um risco que se baseava na suposição de escassez de munições e inferior qualidade de luta dos exércitos turcos”. Contudo, os britânicos pareciam ter tido uma confirmação da incompetência militar turca nesse mesmo dia, quando, na Mesopotâmia, foi repellido um ataque turco às tropas britânicas e indianas que mantinham Al-Qurnah e Baçorá. Em Shaiba, a sudoeste de Baçorá, uma força britânica e indiana de 6 mil homens pôs em debandada mais de 10 mil turcos, estimulando a sensação de superioridade. Seis dias depois, um avião britânico lançou bombas de 45 quilos sobre um hangar alemão de aviões em Chanak, tendo

destruído as aeronaves que estavam no interior.

Quando as notícias sobre a Batalha de Shaiba chegaram à Inglaterra, pareceu aos britânicos que os turcos poderiam ser derrotados e prejudicados com aparente facilidade, favorecendo o sentimento de superioridade moral. Em determinado ponto da ação, o major britânico Wheeler e seu oficial indiano, Jemadar Sudhan Singh, galoparam em direção à principal força árabe que apoiava os turcos. Quando chegaram ao estandarte árabe, viram que estavam isolados de seus companheiros. Wheeler foi morto com um tiro, ainda montado no cavalo. Sudhan Singh foi atirado ao chão, regado com querosene e queimado: seu corpo, ainda em chamas, foi recolhido mais tarde pelos britânicos. Ambos os homens receberam medalhas a título póstumo: Wheeler recebeu a Cruz Vitória e Sudhan Singh, a Ordem do Mérito da Índia.

Ao longo de março e abril, forças britânicas e abastecimentos foram agrupados no Mediterrâneo Oriental para um desembarque militar na península de Galípoli. Os turcos também estavam ocupados. Batalhões de trabalho, constituídos por gregos, armênios e judeus da cidade de Chanak, trabalhavam para reforçar as defesas da península. Do cabo Helles, na ponta, até Bulair, na parte mais estreita, faziam-se progressos nos trabalhos.

Quinhentos oficiais e soldados alemães ajudavam os turcos nesses preparativos. Duas entre as seis divisões turcas na península eram comandadas por oficiais alemães, mas os ataques aéreos britânicos durante o dia obrigavam a maior parte dos defensores a prepararem-se à noite. “A península de Galípoli está sendo fortificada numa pressa frenética”, reportou o almirante de Robeck ao general Hamilton. “Milhares de turcos trabalham à noite como castores, construindo trincheiras e redutos e colocando arame farpado. É verdade que nunca vimos nenhum exército, mas cada madrugada traz-nos evidências das suas atividades noturnas.” Essas atividades incluíam, no cabo Helles, colocação de arame farpado nas praias onde os Aliados poderiam desembarcar e a escavação de ninhos de metralhadoras nos penhascos que davam para essas praias.

Com tantas frentes de batalha e preparativos, cada nação em guerra focava sua atenção nas notícias sobre seus soldados e cidadãos. Histórias individuais tinham, por vezes, um grande impacto. Em 28 de março, foi morto o primeiro cidadão americano nos dezoito meses de guerra. Tratava-se de Leon Thrasher, engenheiro de minas, que morreu afogado quando o submarino alemão U-28 torpedeou o navio de carga e de passageiros *Falaba*. O navio, que ia de Liverpool para a África Ocidental, submergiu em oito minutos. Dos 242 passageiros e tripulação, 104 morreram afogados. No mesmo dia, houve um sucesso contra um submarino alemão quando o

comandante britânico Charles Fryatt salvou seu navio a vapor *Brussels*, da Great Eastern Railway, que ia em direção a um submarino que o atacava, tentando abaloá-lo. O submarino fugiu. Fryatt recebeu um relógio de ouro do Almirantado.

Apesar do risco de provocar a hostilidade da neutra América, a Marinha alemã intensificou sua campanha submarina contra navios mercantes. Em 31 de março, foram afundados 29 navios, mais do que em toda a guerra até essa altura, matando 161 britânicos.

Nesse mês de março, o sentimento antibelicista era evidente tanto na frente como nas linhas recuadas, com uma provocação britânica e uma agitação comunista dividindo o mesmo objetivo. Na neutra Suíça, o agente britânico George Pollitt, que na vida civil era químico industrial, criou uma rede de agentes alocados na Alemanha para explorar o sentimento antibelicista. Entre seus informantes, havia um “judeu socialista idealista russo-alemão” que pensava que uma vitória alemã faria “o relógio socialista andar para trás”, por isso queria ajudar a Grã-Bretanha. Para isso, entrara em contato com o editor de um jornal socialista que trabalhava secretamente para desencadear um golpe antibelicista e que “estava em contato com socialistas por toda a Alemanha, que enviavam informações militares que, esperavam, poderiam ajudá-lo a determinar a melhor oportunidade para o golpe. Não faziam ideia de que estavam ajudando o inimigo nem que faziam alguma coisa parecida com espionagem”.

Em Berlim, houve um protesto contra a guerra em 1º de abril, conduzido por Rosa Luxemburgo, que terminou por ser detida. Outros antimilitaristas alemães preparavam-se para ir à abertura, em 18 de abril, do Congresso Internacional de Mulheres pela Paz, que aconteceria em Haia. No evento, encontraram-se mais de mil delegados, de doze países, mas 25 mulheres foram impedidas de ir por intermédio da simples suspensão governamental da ligação por mar entre a Grã-Bretanha e a Holanda, a mesma rota usada pelos serviços de espionagem britânicos para o envio de equipamento entregue clandestinamente a *Mademoiselle* de Bressignies em Lille.

O sentimento antibelicista também crescia na França. Em 8 de abril, na frente ocidental, o escritor francês e antimilitarista Louis Pergaud foi acidentalmente morto pelo fogo de sua própria artilharia após sua unidade ter avançado para as linhas alemãs. Um regimento da Legião Estrangeira Francesa foi desfeito quando a indisciplina alastrou-se. Os desgostosos voluntários russos, belgas e italianos não tinham autorização para permanecer na França, sendo enviados para suas unidades. Nelas, lutaram, e muitos morreram, sob uma estrita disciplina e com a especial camaradagem encontrada nos Exércitos nacionais. Nessa Páscoa, o poeta britânico Edward Thomas, recrutado havia pouco, mas ainda em treino na Grã-Bretanha, escreveu sobre o crescente número de mortos na guerra em seu poema “In

Memoriam”:

*The flowers left thick at nightfall in the wood
This Eastertide call into mind the men,
Now far from home, who, with their sweethearts, should
Have gathered them and will do never again.*[11](#)

Sempre preservando sua neutralidade, a Itália procurava os melhores incentivos territoriais para entrar na guerra. Em 8 de abril, ofereceu-se para juntar-se às Potências Centrais se a Áustria cedesse à Itália o Trentino, as ilhas da Dalmácia e as cidades de Gorizia e Gradisca, no rio Isonzo, e reconhecesse a “primazia” italiana na Albânia. Uma semana depois, a Áustria declinou esses termos. Então, os italianos pediram à Entente ainda maiores ganhos a troco de sua entrada na guerra. A Entente concordou em negociar, o que levou um diplomata francês a comentar: “Os italianos apressam-se para ajudar os vencedores.”

Os contínuos sucessos russos, tanto na frente dos Cárpatos como na frente da Armênia, contribuíam para um sentimento de bem-estar entre as potências da Entente. Para encorajar o esforço de guerra russo, um membro do Parlamento britânico que viajava pelo Oriente Médio, Sir Mark Sykes, propôs o estabelecimento, a seguir à derrota da Turquia, de uma “administração especial da Rússia” na Palestina, centrada na região de Jerusalém, Belém e Jafa. Depois de um mês de luta nos Cárpatos, o general Brusilov controlava 110 quilômetros do cume dos Cárpatos, de Dukla até o desfiladeiro de Uzsok, ameaçando a planície húngara.

Na frente do Cáucaso, os avanços dos russos conduziram a uma tragédia quando os turcos, zangados com as perdas de homens e de terras, acusaram a população armênia local de cooperar com os invasores. No início de 8 de abril, dezenas de milhares de homens armênios foram perseguidos e mortos a tiro. Milhares de mulheres, idosos e crianças foram deportados para sul, pelas montanhas, tendo como destino a Sicília e a Síria. Em 15 de abril, os armênios convocaram o embaixador alemão em Constantinopla para pedir-lhe proteção formal. Esse pedido foi rejeitado por Berlim, com base em que tal ato ofenderia o governo turco. Por volta de 19 de abril, tinham sido assassinados mais de 50 mil armênios na província de Van. Em 20 de abril, a cidade de Van, predominante armênia, foi cercada por forças turcas. Nela, 1.300 armênios armados, defendendo 30 mil civis, resistiram, durante trinta dias, às repetidas tentativas de penetração turca, tendo sido salvos pela chegada de forças russas com as felicitações do czar por sua coragem na resistência.

A morte e a expulsão dos armênios não cessaram em todo o império otomano. Mesmo entre aqueles que resistiram ao cerco em Van, milhares foram deportados de Erzurum e enviados para sul, pelas montanhas, para o norte da Mesopotâmia. Nesse dia, o líder da Igreja armênia, Catholicos Kevork, apelou ao presidente norte-

americano Woodrow Wilson para que interviesse, mas foi em vão. Em Constantinopla, o embaixador alemão encontrou-se com o ministro turco das Relações Exteriores e expressou sua esperança de que “tudo o que se assemelhe a massacres de cristãos seja evitado”. Foi-lhe dito que a guarnição turca na província de Van consistia em conscritos mal treinados e que alguns “excessos” não podiam ser inteiramente evitados.

As notícias de mortes em Van foram largamente divulgadas em toda a Europa e nos Estados Unidos. Em 28 de abril, o vice-cônsul alemão em Erzurum, Max Erwin von Scheubner-Richter, foi instruído por Berlim a intervir contra “massacres”. Contudo, foi avisado de que deveria fazê-lo sem criar a impressão de que “pretendia exercer um direito de proteção dos armênios ou que interferia nas atividades das autoridades”. Isso, na prática, deixou-o de mãos atadas.¹² A matança continuou.

O impasse na frente ocidental não evitava bombardeios aéreos diários à terra de ninguém, de ambos os lados, com baixas todos os dias. Em 13 de abril, um membro do Parlamento britânico, tenente William Gladstone, neto de W. E. Gladstone, quatro vezes primeiro-ministro, foi morto em combate.¹³ Houve também momentos de reflexão filosófica. Em 18 de abril, o tenente Robert Sterling, de 22 anos, que um ano antes tinha recebido o prêmio Newdigate por sua poesia, escreveu a um amigo e contou-lhe como, cerca de três semanas antes, estava nas trincheiras, sob fogo alemão, e subitamente viu um par de tordos construindo um ninho alguns metros atrás dele. “Ao mesmo tempo, uma cotovia começou a cantar acima das trincheiras alemãs”, escreveu Sterling. “Parecia quase impossível, mas agora, sempre que penso naqueles construtores de ninhos e no ‘canto invisível’, acredito que parecem representar de certo modo a verdadeira essência do Universo Normal e Imutável que segue seu caminho, com tranquilidade e despreocupação, por entre os cadáveres e as balas e a loucura.”

O tenente Roland Leighton, de 20 anos de idade, que tinha ido diretamente da universidade para o Exército, estava também na frente ocidental em 20 de abril, imediatamente ao sul do saliente de Ypres, na floresta de Ploegsteert. Em 24 de abril, escreveu à sua amiga Vera Brittain, que anotou em seu diário que ele tinha “encontrado o corpo de um soldado britânico oculto numa cova a poucos metros do caminho. Devia ter sido ferido durante uma luta na floresta no começo do ano. O corpo tinha ficado enterrado no solo lamacento, de modo que só se viam as pontas das botas”.

Na terceira semana de abril, o impasse na frente ocidental foi marcado por uma nova e muito desagradável fase em que os alemães mostraram-se decididos a acabar com o impasse e chegar à vitória. Nesse contexto, usaram gás pela primeira vez na Primeira Guerra Mundial. Na noite de 22 de abril, perto de Langemarck, no saliente

de Ypres, os alemães lançaram, em cinco minutos, 168 toneladas de gás cloro, saídos de 4 mil cilindros, contra duas divisões francesas e contra a adjacente divisão canadense, numa frente de mais de seis quilômetros.

O efeito do gás foi devastador. Segundo a informação dada por Sir John French a Kitchener, “centenas de homens entraram em coma ou ficaram comatosos ou mesmo mortos”. As tropas argelinas fugiram, deixando um espaço de mais de setecentos metros na linha dos Aliados. Utilizando respiradores, os alemães avançaram com cautela, fazendo 2 mil prisioneiros e capturando 51 peças de artilharia, mas não tinham reservas para explorar o sucesso. O ataque tinha sido experimental, e não tático: a possibilidade de explorar o saliente de Ypres não estava nas mentes dos chefes militares alemães.

No dia seguinte, foi feito um segundo ataque com gás aos canadenses, perto de Langemarck. Foram derrotados, mas sua bravura na defesa foi comemorada com a atribuição de uma Cruz Vitória ao cabo Frederick Fisher. Tendo dado cobertura, com sua metralhadora, à retirada de uma bateria de artilharia sob fogo intenso, Fisher seguiu em frente, até a linha de fogo, onde foi morto “enquanto levava sua metralhadora para a ação, dando cobertura ao avanço de reforços”.

O tenente Sterling também se encontrava em ação no saliente de Ypres em 23 de abril. Ao longo do dia, com quinze homens, manteve sua seção da trincheira contra repetidos assaltos alemães antes de, por fim, ser morto.

Em 24 de abril, enquanto a batalha prosseguia, a artilharia alemã e o fogo de metralhadoras aniquilavam centenas de soldados britânicos e indianos em contra-ataques através da terra de ninguém, antes que conseguissem sequer atingir a primeira linha de trincheiras alemãs. Outro canadense, o sargento-mor da companhia, Frederick Hall, recebeu a Cruz Vitória nesse dia, após sair duas vezes de sua trincheira, sob o contínuo fogo de metralhadoras alemão, para retirar dois homens feridos que ele tinha ouvido gritarem por ajuda. Quando estava erguendo o segundo homem para uma trincheira, foi pego pelo fogo de uma metralhadora e foi morto.

Nessa noite, o general Smith-Dorrien, que estava na frente ocidental desde a Batalha de Mons, oito meses antes, dirigiu-se ao quartel-general de Sir John French para convencê-lo a não ordenar outros ataques. Sua missão não foi bem-sucedida. Na manhã seguinte, 25 de abril, foi dada ordem para que 15 mil soldados britânicos e indianos entrassem em ação. Bandeiras amarelas, erguidas ao avanço das tropas de modo a mostrar suas posições à artilharia britânica, serviram como guia aos artilheiros alemães.

Quando as tropas indianas no centro do ataque começaram a hesitar e alguns passaram a procurar proteção nas crateras formadas por explosões, os alemães lançaram gás, tornando qualquer avanço impossível. As tropas coloniais francesas, com homens do Senegal, receberam ordens para realizar um ataque de diversão no flanco britânico, mas ficaram tão aterrorizadas pelo gás que dispararam contra seus próprios oficiais (que tinham ordens para disparar contra eles se recuassem na linha de avanço) e recuaram rapidamente para os depósitos de abastecimentos e dispensários nas linhas francesas, onde durante horas saquearam as mercadorias e violaram as enfermeiras. Uma brigada de cavalaria britânica foi intimada pelos franceses para restabelecer a ordem, o que conseguiram fazer.

Um terceiro canadense, o capitão Francis Scimager, recebeu a Cruz Vitória em 25 de abril, por trabalhar como médico num dispensário avançado, localizado numa fazenda, durante os quatro dias de batalha. Quando os edifícios da fazenda ficaram sob fogo forte, Scimager dirigiu a remoção dos feridos, e ele próprio transportou um homem gravemente ferido para uma zona segura. Quando lhe foi impossível levar o homem adiante, ficou com o doente, sob fogo, até que chegasse auxílio.

Apesar de 2 mil canadenses terem morrido naqueles ataques, os alemães tiveram grandes dificuldades para combinar um ataque com gás com um avanço da Infantaria. Sem ventos favoráveis, o gás constituía um perigo para as tropas que avançavam, movimentando-se no sentido da nuvem de gás. Com um súbito vento desfavorável, as armas de gás podiam tornar-se um perigo real, atingindo as trincheiras, onde homens que esperavam para subir à superfície para ver se o gás estava fazendo efeito, eram eles mesmos afetados, ficando incapacitados. Em poucos dias, as forças aliadas foram equipadas com um respirador simples, mas eficaz, e com panos que podiam ser ensopados em substâncias químicas ou, havendo necessidade, molhados com a própria urina, afastando o perigo imediato. Zangado, Kitchener declarou: “A Alemanha inclina-se para atos equivalentes aos dos dervixes”,¹⁴ mas, no dia seguinte, ele mesmo recebeu permissão do gabinete para usar gás contra as linhas alemãs.

Uma nova arma tornava-se parte dos métodos de guerra aceitos. “O aspecto horrível da nova arma é a longa e agonizante morte dos que são gaseados”, escreveu o general Charteris em seu diário, seis dias depois do primeiro ataque. “Vi cerca de cem coitados deitados ao relento, no adro de uma igreja, tentando inspirar todo o ar que pudessem e afogando-se lentamente com a água dos pulmões — uma cena horrível, em que os médicos nada podiam fazer.”

8

Desembarques em Galípoli

Abril a maio de 1915

Em 25 de abril de 1915, um dia de ataques com gás e de desmoralização tanto para britânicos como para franceses na frente ocidental, ocorreram também desembarques militares anglo-franceses, tão esperados pelos Aliados, na península de Galípoli. À semelhança do ataque naval nos estreitos cinco semanas antes, os desembarques de tropas foram realizados com a esperança de uma vitória rápida. Contudo, não tiveram qualquer vitória como consequência, nem rápida nem lenta. Como acontecera com o ataque naval, houve momentos em que o sucesso pareceu à mão. Houve oportunidades de sucesso, mas foram anuladas por erros e pela falta de sorte.

Foram escolhidas duas diferentes áreas de desembarque na península de Galípoli, no cabo Helles, localizado na ponta sul da península, e outra mais para norte, em frente à cidade de Maidos. Esperava-se que o avanço a partir dos desembarques encurralasse os turcos, deixando-os entre as duas forças. O primeiro desembarque foi feito na praia ao norte, que recebeu o codinome Praia Z, pouco antes da madrugada. Dois meses antes, a estimativa britânica, por baixo, das capacidades de luta dos turcos levava Kitchener a comentar, com certo tom cáustico, que as tropas australianas e neozelandesas seriam perfeitamente adequadas a uma tarefa que foi apelidada de “um cruzeiro no mar de Mármara”. Foram, portanto, os australianos e os neozelandeses, que tinham chegado ao Egito a caminho da frente ocidental, os homens desviados para a rápida e fácil batalha contra os turcos e levados para a Praia Z. Possivelmente devido a um erro de navegação, foram desembarcados não em seu destino original, Gaba Tepe, de onde poderiam avançar quase ao nível do solo ao longo da parte central da península até seu ponto mais estreito, mas em Ari Burnu, um cabo menor, mais ao norte, abaixo dos precipícios de Chunuk Bair. “Digam ao coronel que os idiotas nos desembarcaram longe demais, 1.600 metros ao norte do local previsto!”, recordou o comandante Dix, encarregado do primeiro desembarque.

O desembarque praticamente não encontrou oposição, mas, pouco antes do meio-dia, uma bateria turca próxima a Gaba Tepe começou a bombardear os soldados que estavam na praia de desembarque. Muitos conseguiram penetrar em terra, onde os turcos começaram a infligir pesadas baixas. Mesmo assim, os australianos prosseguiram, por um terreno inclinado, para atingirem pontos mais elevados. Ao fim da tarde, a companhia de tropas turcas que defendia o cume de Chunuk Bair viu-se sem munições e começou a retirar-se. Quando um pequeno grupo de australianos aproximou-se do cume, o comandante de uma das seis divisões turcas na península, Mustafa Kemal, que fazia o reconhecimento da área à frente da maior parte de suas tropas, chegou ao pé dos homens que recuavam. Em suas memórias, Kemal recordou o seguinte diálogo:

— Por que está fugindo?

— O inimigo.

— Onde?

— Ali.

Kemal olhou para a colina, vendo que os australianos tinham acabado de chegar e que, se não fossem contidos, podiam movimentar-se rapidamente até níveis mais elevados. “Não se foge do inimigo”, disse Kemal às suas tropas em retirada. “Não temos munições”, responderam. “Se não têm munições, têm baionetas.” Então, Kemal ordenou ao destacamento turco que parasse, fixasse as baionetas e deitasse, virado de frente para o inimigo. “Mal os homens se deitaram, o inimigo fez o mesmo”, recordou ele mais tarde. “Foi nesse momento que ganhamos.” O capitão australiano Tulloch recordou posteriormente um oficial turco que estava sob uma árvore a menos de mil metros e que dava ordens. Tulloch disparou contra o turco, que não se moveu.

O melhor regimento do próprio Kemal estava, nesse momento, envolvido em manobras de treinamento nas encostas orientais de Chunuk Bair. Dando-lhes a ordem de avançar, liderou duzentos homens até o topo da encosta, onde viu, quatrocentos metros abaixo, uma coluna australiana em movimento. Conduzindo seus homens mais para adiante, organizou cada grupo à medida que chegava, mantendo os australianos longe do cume. Quando chegou uma bateria de canhões, ele próprio colocou o primeiro canhão em posição e, sob fogo, Kemal percebeu que, se o cume não fosse mantido, toda a posição na península poderia ser perdida.

Um batedor australiano, ao regressar do ponto mais elevado, encontrou um grupo de australianos sentados ao sol, “fumando e comendo como se estivessem num piquenique”. Quando disse a eles que os turcos estavam chegando “aos milhares”, o oficial replicou: “Nunca pensei que eles voltariam.” A linha turca de retirada ao longo da península de Bulair forneceu homens para reforçar o contra-ataque e ainda foram envolvidos um regimento turco e dois árabes. A luta continuou durante o dia e

os australianos foram detidos a dois terços do cume.

Levas sucessivas de turcos, que se atiravam contra seus adversários, morreram sob o fogo de metralhadoras à medida que avançavam sobre os corpos dos soldados dos grupos anteriores. Cada vez mais australianos feridos recuavam para a estreita brecha. “Não havia descanso nem momentos mais calmos”, escreveu um soldado australiano. “Havia mortos apodrecendo por todos os lados, sem uma pausa ao longo de todo aquele dia que começara ainda no início da madrugada. Como desejávamos que anoitecesse! Como rezamos para que aquele terrível dia acabasse! Como ansiávamos que chegassem as primeiras sombras da noite!”

Ao cair da noite, tanto os australianos como os turcos estavam exaustos, e os dois regimentos árabes estavam no limite de suas capacidades de luta. Durante a noite, Kemal tentou que seus cansados soldados empurrassem os australianos para o mar, mas eles, que estavam nas vertentes ocidentais de Chunuk Bair, não puderam ser desalojados. No entanto, muitos estavam recuando da linha de frente “e não podiam ser recolhidos num terreno tão difícil”, reportou seu comandante, o general Birdwood, acrescentando que a Brigada da Nova Zelândia, que tivera muitas baixas durante o dia, “está até certo ponto desmoralizada”. Ele pretendia evacuar a cabeça de ponte. Quando seu pedido foi enviado por barco ao comandante-chefe, general Sir Ian Hamilton, que confiantemente tinha iniciado suas ordens com as palavras “Força Expedicionária de Constantinopla”, a resposta foi: “Suas notícias são sem dúvida graves, mas não há outra coisa a fazer senão nos entrincheirarmos e aguentar.”

Hamilton acrescentou que a força ao sul deveria avançar na manhã seguinte, “o que retirará parte da pressão sobre vocês”. Foi uma declaração exageradamente otimista do que seria possível fazer, como os acontecimentos de 25 de abril tinham deixado claro.

Houve desembarques em cinco praias do cabo Helles em 25 de abril, com codinomes S, V, W, X e Y. Na Praia V, 2 mil soldados, dois batalhões irlandeses e um batalhão de Hampshire estavam escondidos no *River Clyde*, um navio de armazenamento de carvão que estava deliberadamente encalhado. Havia sido preparada uma ponte de luzes para que os homens pudessem ir rapidamente do navio para terra, mas, ao tentarem fazê-lo, ficaram sob o feroz fogo de metralhadoras dos penhascos acima e sob o fogo de artilharia de uma das baterias do coronel Wehrle, localizada nas ruínas do forte de Sedd el Bahr, que tinha sido atingido durante bombardeios navais dois meses antes. Ainda ao longo da Praia V, foram desembarcados mais homens em pequenos barcos de madeira movidos a remos, mas esses também foram ceifados e muitos morreram afogados sob o peso de seus equipamentos. Morreram tantos homens na primeira hora que os desembarques

foram interrompidos até o cair da noite, quando as tropas remanescentes no *River Clyde* foram transportadas para terra. Enquanto os turcos recuavam, mais da metade dos homens que desembarcaram foram mortos ou feridos. Um comandante da Marinha Real, um subtenente, dois guardas-marinhas e dois marinheiros receberam a Cruz Vitória pela bravura demonstrada na Praia V naquela manhã.

Os Fuzileiros de Lancashire deveriam desembarcar na Praia W. Em 1811, durante uma batalha da Guerra da Península Ibérica, contra o exército de Napoleão, fora dito de seus predecessores que nada poderia parar sua extraordinária Infantaria, mas o mesmo não aconteceria em Galípoli. Colocados em botes, os homens foram rebocados em flotilhas por barcos-patrolha a vapor e remaram na parte final do percurso. Ao chegarem à praia, verificaram que os bombardeios navais preliminares não tinham infligido danos sérios ao arame farpado ao longo das zonas de desembarque. Muitos turcos tinham sobrevivido aos bombardeios e estavam escondidos em abrigos, onde esperaram pelo invasor em silêncio, com as metralhadoras prontas para entrar em ação. “Parecia que nossos barcos se aproximavam de uma terra deserta”, recordaria o capitão britânico Raymond Willis. “De repente, zás! O primeiro remador do meu bote caiu para a frente, para grande espanto de seus companheiros, e um pandemônio teve início à medida que soldados e marinheiros lutavam para escapar da súbita saraivada de balas que varriam a praia e os botes.”

Os homens estavam tão apertados nos botes que alguns continuaram em posição vertical depois de terem sido mortalmente atingidos. Outros saltaram para águas profundas. Com um equipamento que pesava mais de trinta quilos, além dos rifles, muitos homens atingidos afogaram-se sob o peso de sua carga. Outros foram mortos imediatamente. Muitos, tendo chegado à praia, foram mortos enquanto se esforçavam para ultrapassar o arame farpado. Vários homens foram mortos por um projétil naval britânico que caiu muito antes de atingir o alvo. O capitão Clayton, que conseguiu chegar ao abrigo no penhasco com alguns de seus homens, recordaria como “gritei ao soldado que estava atrás de mim para fazer-me um sinal, mas ele gritou de volta: ‘Fui atingido no peito.’ Percebi, então, que todos tinham sido atingidos”. Ao todo, 950 homens desembarcaram na Praia W. Quando a praia foi assegurada, tinham sido mortos seis oficiais e 254 homens e outros 183 homens estavam feridos.

Foram atribuídas seis cruzes Vitória a homens do Fuzileiros de Lancashire, incluindo o capitão Willis, por sua bravura naquela manhã na Praia W. Um dos homens agraciados com a cruz, o soldado W. Keneally, morreu num hospital de Malta devido a ferimentos. A expressão “seis VC [Victoria Cross] antes do café da manhã” tornou-se uma ostentação de orgulho em Lancashire.¹ A partir de então, a Praia W passou a ser conhecida como Desembarque dos Lancashire.

Três das seis praias no cabo Helles — S, X e Y — quase não estavam defendidas, e as tropas que desembarcaram na Praia S praticamente não encontraram oposição. Quando um prisioneiro turco disse que havia apenas mil homens na área, eles entrincheiraram-se, supondo que o turco se referia à área imediata, mas, na verdade, referia-se a toda a península ao sul de Gaba Tepe. Quando outros prisioneiros confirmaram o número, tendo ficado claro que havia mil homens na área do cabo Helles, incluindo a aldeia de Krithia e as colinas de Achi Baba, ninguém acreditou. E, no entanto, o que eles diziam era verdade: naquele momento, os turcos tinham muito menos chance de repelir um avanço do que haviam tido em Chunuk Bair. Se aqueles que desembarcaram soubessem, poderiam ter entrado em Krithia e atingido as colinas de Achi Baba sem oposição séria.

Na Praia X, uma pequena guarda de doze defensores turcos rendeu-se sem que um único tiro fosse disparado, e os atacantes chegaram ao topo da falésia sem uma única baixa, ajudando então na batalha que acontecia na Praia W. Um capelão que estava entre eles descreveria o que viu: “Cem corpos deitados em filas na areia, alguns tão maltratados que não era possível reconhecê-los (...). Alguns do Lancashire jaziam mortos na metade do caminho das falésias, ainda com o rifle nas mãos frias e fechadas com força.”

Na Praia W, os turcos foram flanqueados por homens que haviam desembarcado em outras praias e obrigados a recuar pelos sobreviventes do Lancashire e por um contínuo fluxo de reforços que possivelmente excediam suas forças em dez para um. Na Praia Y, os homens que desembarcaram atingiram o topo da falésia sem qualquer oposição. Como as várias praias estavam ligadas, pareceu possível que, apesar do terror do primeiro dia de luta nas Praias V e W, o plano estratégico ainda fosse bem-sucedido, obrigando os turcos a recuarem tanto para norte que as tropas aliadas pudessem capturar todos os fortes na margem europeia. Se isso fosse conseguido, o objetivo dos desembarques estaria assegurado e a armada rumaria aos estreitos e, depois, a Constantinopla.

Para os homens que tinham desembarcado no meio da carnificina das Praias V e W, o principal pensamento era cavar abrigos e cuidar dos feridos, algo que, na Praia W, revelou-se uma batalha. “Era difícil selecionar os casos mais urgentes”, lia-se num documento médico.

Alguns homens tinham perdido braços e pernas ou tinham os miolos saindo de crânios abertos ou pulmões saindo do peito fendido; muitos tinham perdido os rostos e nem seus amigos, creio eu, conseguiriam reconhecê-los... Um coitado tinha perdido o nariz e parte do rosto, e nós fomos obrigados a tirar-lhe um braço e a outra mão e a extrair duas balas afundadas como dentes de tubarão em uma coxa, além de intervenções menores. Na verdade, desperdiçou-se uma hora ou mais, pois morreu no

dia seguinte.

Ao cair da noite de 26 de abril, mais de 30 mil soldados aliados tinham desembarcado. O número de mortos e feridos nos dois primeiros dias da batalha ascendia a mais de 20 mil. Os navios-hospital, que em breve se tornariam uma cena tão familiar no Mediterrâneo oriental como os navios de guerra, transportavam os feridos para o Egito.

No cabo Helles, os turcos utilizaram reforços para pressionar. Em 27 de abril, incapazes de expulsar os britânicos das praias, recuaram para uma posição ao longo da península em frente ao monte de Achi Baba. Para comandar a frente sul, Liman von Sanders enviou o oficial alemão Hans Kannengiesser, que chegou à península em 29 de abril, seguido poucos dias depois pelo tenente Bolz, com oito metralhadoras e 32 homens da Infantaria da Marinha alemã. Os britânicos tinham tentado chegar a Achi Baba em 27 de abril, mas tinham sido repelidos pelos soldados turcos enviados de Maidos. Mesmo a aldeia de Krithia, o primeiro objetivo britânico, a menos de sete quilômetros das praias de desembarque, mostrou-se um propósito impossível: dos 14 mil homens que atacaram os turcos nesse dia, 3 mil foram mortos ou feridos.

Poucos dias depois, quando quatro batalhões dos Fuzileiros de Lancashire aproximavam-se da península por mar, para reforçar os homens que já se encontravam ali, passaram por um navio-hospital que transportava feridos para o Egito. Aqueles que chegavam gritaram: “Estamos desanimados? Não!” Os sobreviventes responderam imediatamente: “Mas logo vão estar!”

Um grupo especial de soldados desembarcou no cabo Helles não só para lutar contra os turcos, mas para lutar também por seu ideal nacional. No dia seguinte ao ataque naval em 18 de março, o líder sionista Vladimir Jabotinsky, determinado a contribuir para uma vitória sobre os turcos que poderia favorecer as aspirações nacionalistas dos judeus, esteve presente no estabelecimento de uma unidade inteiramente constituída por judeus, que recebeu o nome Zion Mule Corps [Corpo de Maqueiros de Sião], com judeus que tinham fugido da Palestina para o Egito. Comandados pelo tenente-coronel britânico Patterson, com cinco oficiais britânicos e oito oficiais judeus, os quinhentos homens serviram na península de Galípoli.

O oficial judeu mais experiente no corpo, capitão Joseph Trumpeldor, tinha lutado no Exército russo contra o Japão em 1904 e perdido um braço. Em 1912, fixara-se na Palestina. Um ano depois dos desembarques em Galípoli, o coronel Patterson escreveu: “Muitos sionistas, que eu pensava serem medrosos, mostraram não ter medo sob fogo intenso, enquanto o capitão Trumpeldor, na verdade, até gostava, e quanto mais perigoso fosse, mais ele se deliciava e chegava a afirmar: ‘Ah, assim é

plus gai.”

Do primeiro ao último, os estreitos mantiveram-se sob controle turco, não tendo sequer sido ameaçados pelo assalto de Infantaria. Houve momentos em que um comando incompetente e confuso em Galípoli escarneceu da bravura e da tenacidade das tropas aliadas. O comandante-chefe britânico, general Sir Ian Hamilton, que tinha sido tão arrojado como oficial na fronteira noroeste da Índia quanto se podia esperar, manteve-se durante todos os desembarques e durante muitas das lutas que se seguiram a bordo do navio, observando a batalha ao largo ou estudando os relatórios de seus comandantes em seu quartel-general na distante ilha de Mudros.

Os turcos, sob o comando de generais alemães, mas inspirados por Mustafa Kemal, conseguiram manter as forças invasoras limitadas a duas cabeças de ponte. Os desembarques anglo-franceses, contudo, tiveram êxito: dezenas de milhares de homens desembarcaram e a perspectiva de uma vitória aliada manteve-se suficientemente viva para que os italianos assinassem um tratado secreto, em 26 de abril, comprometendo-se com a luta da Entente.

À semelhança do que o tratado secreto de 20 de março havia oferecido à Rússia, garantindo-lhe Constantinopla e os estreitos quando o império otomano fosse derrotado, o tratado secreto assinado com a Itália oferecia também um território considerável. Os ganhos territoriais viriam da Áustria-Hungria derrotada e da Turquia, esperando-se que ambas estariam derrotadas. Os territórios foram claramente definidos no texto do tratado. Da Áustria-Hungria, a Itália adquiriria Trentino, o sul do Tirol, Trieste, as regiões de Gorizia e Gradisca, a península da Ístria, o norte e muitas ilhas na costa da Dalmácia. Da Turquia viria uma substancial “esfera de influência” na Anatólia. A Itália também receberia um território colonial no Norte da África e, tirados da Albânia, o porto de Vlorë, no Adriático, e a ilha de Sazan.

A perspectiva de ganhar esses consideráveis territórios dependia, tanto para a Rússia como para a Itália, de uma vitória na península de Galípoli. A princípio parecia haver uma real esperança de um rápido sucesso. Em 28 de abril, uma força de 14 mil homens avançou mais de três quilômetros a partir do cabo Helles, quase até os cumes de Achi Baba, de onde poderiam ter um amplo panorama e fazer fogo contra os fortes turcos na margem europeia. Porém, apesar de repetidos assaltos, esses cumes mantiveram-se em mãos turcas, como sucedeu com a aldeia de Krithia. Desde o desembarque inicial, reforços turcos tinham chegado ininterruptamente da região de Constantinopla e da Anatólia.

Em 30 de abril, o ministro turco das Relações Exteriores, Enver Paxá, confiante em que conseguiria eliminar os dois pontos de apoio aliados em solo turco, ordenou

ao general Liman von Sanders que “expulsasse os invasores para o mar”, mas isso seria impossível. Quando, em 3 de maio, Kitchener garantiu ao Conselho de Guerra que “não há qualquer dúvida de que conseguiremos avançar”, também estava enganado. Nessa noite, um feroz ataque turco ao cabo Helles foi anulado pelos franceses.

Em Galípoli, à semelhança do que acontecia na frente ocidental, trincheiras e até mesmo colinas mudavam constantemente de mãos, mas, num mapa em tamanho comum, não era perceptível qualquer alteração nas linhas. A guerra no mar também continuava nos Dardanelos, mas sem uma conclusão: na noite de 30 de abril, lançando mais de cinquenta de seus massivos projéteis de 300 milímetros em toda a extensão dos Dardanelos, o couraçado britânico *Lord Nelson* incendiou metade da cidade de Chanak e voltaria a fazer o mesmo quatro semanas depois. Em 1º de maio, um submarino britânico, tendo penetrado nas defesas dos estreitos, afundou o navio de tropas turco *Guj Djemal*, com 6 mil soldados a bordo. Contudo, nem as chamas em Chanak nem a presença do submarino britânico no mar de Mármara afetaram o moral turco ou a capacidade aliada de tomar a região.

Em 6 de maio, numa segunda tentativa de capturar uma colina de cume plano de Achi Baba, ou pelo menos a aldeia de Krithia em sua base, uma força de 25 mil soldados britânicos e franceses, apoiados por 105 canhões pesados, avançou quase seiscentos metros, mas a aldeia e a colina escaparam. Entre as tropas britânicas, estavam duas brigadas navais que tinham lutado em outubro de 1914 na Antuérpia, onde perderam cinquenta homens. Em Krithia, 1.600 homens, metade do número total, foram mortos ou feridos. Durante a batalha, o tenente neozelandês Bernard Freyberg, de 26 anos, cujo comandante fora morto no ataque, sofreu um grave ferimento na barriga. Dois meses depois, foi novamente ferido na barriga. Depois de uma notável carreira militar em duas guerras mundiais e graves ferimentos na frente ocidental, Freyberg morreu em 1963, em consequência de uma nova abertura da ferida em Galípoli.

O oficial alemão que comandava as tropas turcas ao sul de Achi Baba, que expulsou os britânicos, era o comandante de brigada Erich Weber. Seis meses antes, ainda coronel, supervisionara a colocação de arame farpado e de minas nos Dardanelos.

Estava claro que a tentativa de alterar o impasse na frente ocidental por meio de uma rápida e decisiva vitória em outro local falhara. A luta na península se prolongaria pelo resto do ano e as batalhas nas frentes ocidental e oriental, que o ataque à Turquia pretendia aliviar, continuariam, sem pausas ou melhorias.

As esperanças navais de março e as esperanças militares de abril desvaneceram. Falta de sorte e erros, seguidos por um inesperado vigor dos defensores turcos, esfrangalharam o sonho aliado de mudar completamente sua situação na guerra e obter, além de uma vitória no campo, novos territórios no mapa.

A Entente em perigo

Maio a junho de 1915

Em 1º de maio de 1915, uma força combinada austro-germânica iniciou uma ofensiva para expulsar os russos que ocupavam os Cárpatos. As tropas foram comandadas pelo general alemão August von Mackensen e por um perito alemão em artilharia, o coronel Georg Bruchmüller. O ataque principal foi antecedido por um bombardeio com 610 peças de artilharia, a maior barragem jamais tentada na frente ocidental, que incluiu granadas de gás. O bombardeio durou quatro horas, durante as quais foram lançados 700 mil projéteis.

Em 24 horas, os russos foram expulsos de Gorlice; cinco dias depois, foram expulsos de Tarnów. Milhares de soldados russos jaziam mortos no campo de batalha ao fim de nove meses de avanços vitoriosos. Um por um, os desfiladeiros dos Cárpatos foram recuperados pelos exércitos austro-alemães. Uma semana depois, 30 mil soldados russos tinham sido feitos prisioneiros. Depois de uma batalha pela aldeia montanhosa de Sanok, o comandante russo reportou que seu exército tinha “sangrado até a morte”.

Uma enfermeira britânica, Florence Farmborough, que servia numa unidade médica, foi testemunha do sofrimento dos russos. Ao chegarem a um mosteiro na aldeia de Molodych, os médicos e enfermeiras em retirada organizaram uma sala de cirurgia para emergências. “Era impossível saber como e quando tinham sido infligidas as feridas; no meio de tamanha onda de sofrimento, cuja gravidade era perfeitamente visível e audível, não podíamos fazer mais do que cerrar os dentes e trabalhar”, escreveu ela. Uma dúzia de ambulâncias transportava os homens feridos com menos gravidade para a retaguarda, mas outros eram trazidos. As feridas que a enfermeira presenciou eram tais “que faziam nosso coração bater com o espanto de ver como um homem podia estar tão mutilado e continuar vivo, falando, compreendendo”. Um homem para quem ela se virou tinha a perna esquerda inundada de sangue. “Puxei a roupa para um lado e vi uma massa polposa, um corpo

destruído das costelas para baixo; o estômago e o abdome estavam totalmente esmagados e a perna esquerda pendia do corpo, presa por apenas alguns pedaços de carne.” Um padre, que passava por ali naquele momento, fechou os olhos, horrorizado, e virou as costas. “Os olhos vazios do soldado continuavam a fixar-me e seus lábios moveram-se, mas não saiu qualquer palavra. Não consigo descrever o que me custou afastar-me sem ajudá-lo, mas não podíamos desperdiçar tempo e material com casos perdidos e havia muitos outros à espera.”

Dois dias depois, Florence Farmborough sentiu-se atormentada quando foram recebidas ordens para recuar ainda mais e para abandonar os feridos mais graves.

Aqueles que ainda conseguiam andar ergueram-se e seguiram-nos, correndo, mancando ou coxeando ao nosso lado. Os gravemente aleijados arrastavam-se atrás de nós e pediam, imploravam, para que não fossem abandonados em tal situação. E na estrada havia mais, muitos mais. Alguns jaziam exaustos na poeira do caminho e agarravam-se a nós, implorando que ficássemos com eles. Tínhamos de rasgar as saias, que agarravam com força. Depois, seus lamentos começaram a ser entrecortados por insultos, e, muito depois de passarmos por eles, podíamos ouvir os repetidos insultos dos nossos irmãos que tínhamos abandonado ao seu destino. A escuridão acentuava o pânico e a desgraça. Acompanhados pelos ruídos dos projéteis que explodiam e pelos insultos e pedidos dos homens feridos à nossa volta e atrás de nós, entramos rapidamente na noite.

Em Viena, o ministro austríaco das Relações Exteriores, conde Ottokar Czernin, considerou que havia chegado o momento de obter uma paz com a Rússia, “numa política de renúncia” de todas as conquistas austríacas e alemãs. Como diria no Parlamento de Viena imediatamente depois da guerra, aquele era o “único ponto”, em todo o conflito, em que teria sido possível estabelecer uma paz com a Rússia em bons termos, “com o Exército russo em fuga e as fortalezas russas a caírem como um castelo de cartas”. Contudo, a crença alemã de que o triunfo em Gorlice era apenas o prelúdio da destruição total dos exércitos russos tornava prematuras quaisquer conversações nesse sentido. Nesse mês, os seis grupos econômicos e industriais mais poderosos do país enviaram uma petição ao chanceler, exigindo uma série de anexações territoriais e alterações assim que a guerra estivesse ganha.

As exigências dos industriais e fabricantes alemães incluíam, no ocidente, a dependência militar e econômica belga em relação à Alemanha, a retirada da França da sua linha de costa no canal da Mancha até a foz do rio Somme, a anexação da região produtora de carvão no norte da França e o controle das fortalezas de Verdun, Longwy e Belfort. Os peticionários também desejavam o estabelecimento de um “império colonial adequado à satisfação dos muitos interesses econômicos da

Alemanha”, presumivelmente à custa da Grã-Bretanha e da França, e, a oriente, a anexação de “pelo menos uma parte” das províncias bálticas da Rússia e do território russo “ao sul”, de modo que a “grande adição” aos recursos de manufatura alemães fosse contrabalançada “por uma anexação equivalente de território agrícola a leste”. A área total exigida englobava uma população de 11 milhões de pessoas, e uma das principais forças por trás dessas exigências era Alfred Hugenberg, diretor da empresa Krupp.¹

Os alemães tinham a sensação de estarem em ascendência tanto a ocidente como a oriente. Na frente ocidental, repetidos ataques alemães com gás realizados em 1º de maio empurraram os britânicos quase até os subúrbios de Ypres. Muitos dos homens afetados pelo gás foram levados para uma estação de tratamento em Essex Farm, perto de Boezinge. Mais de mil soldados britânicos, nove canadenses e 83 soldados desconhecidos estão sepultados no cemitério junto ao dispensário. Entre aqueles que tentaram ajudar os feridos e moribundos em Essex Farm estava um médico canadense de 42 anos, John M. McCrae. Autor de um livro de patologia, McCrae apresentou-se como voluntário para ser artilheiro no início da guerra, mas foi transferido para o corpo médico do Exército canadense. Depois de passar dois dias cercado de despojos humanos provocados pelo ataque alemão, escreveu um dos poemas mais frequentemente citados sobre a guerra:

*In Flanders fields the poppies blow
Between the crosses, row on row,
That mark our place; and in the sky
The larks, still bravely singing, fly
Scarce heard amid the guns below.*

*We are the Dead. Short days ago
We lived, felt dawn, saw sunset glow,
Loved and were loved, and now we lie
In Flanders fields.*

*Take up our quarrel with the foe:
To you from failing hands we throw
The torch; be yours to hold it high.
If ye break faith with us who die
We shall not sleep, though poppies grow
In Flanders fields.*²

No mar, em 1º de maio, dia em que os alemães tiveram sucessos em ambas as

frentes, um submarino alemão afundou o *Gulflight*, um navio mercante americano, ao largo da Sicília. Três americanos morreram. No mesmo dia, os principais jornais de Nova York publicaram um anúncio enviado pela embaixada alemã em Washington, que continha o seguinte aviso: “Viajantes que pretendem embarcar numa viagem pelo Atlântico devem lembrar-se de que há um estado de guerra entre a Alemanha e a Grã-Bretanha e seus Aliados. Essa zona de guerra inclui as águas adjacentes às ilhas britânicas”. O texto também informava que navios sob pavilhão britânico ou de qualquer um dos seus Aliados “estão sujeitos à destruição nessas águas e que os viajantes que se encontrem na zona de guerra, em navios da Grã-Bretanha ou de seus Aliados, estarão sob sua própria responsabilidade”. O aviso foi publicado ao lado de um anúncio da empresa britânica Cunard Line sobre a saída do *Lusitania* às 10 horas daquela manhã e novamente em 29 de maio: “O maior e mais rápido navio atualmente a serviço no Atlântico.”

O *Lusitania* partiu nesse dia, como planejado, mas deixou o ancoradouro com um atraso de duas horas e meia. Seis dias depois, em 7 de maio, seria torpedeado ao largo da costa sul da Irlanda. Se tivesse saído no horário, talvez não tivesse sido avistado pelo submarino alemão. Em 6 de maio, o U-20, comandado pelo capitão Walther Schwieger, já havia afundado dois navios mercantes britânicos, o *Candidate* e o *Centurion*. Tinham sido lançados quatro torpedos e restavam três. Nessa noite, o comandante do *Lusitania*, William Turner, recebeu uma mensagem por rádio enviada pelo Almirantado britânico: “Submarinos ativos na costa sul da Irlanda.” Foram enviados mais quatro avisos nessa noite e no começo da manhã seguinte.

O *Lusitania* recebeu um sexto aviso enviado pelo Almirantado às 11h52 da manhã de 7 de maio. As diretivas informavam que todos os comandantes de navios britânicos deviam “evitar promontórios, perto dos quais se ocultam submarinos e onde encontram suas melhores presas”. Turner estava navegando ao largo de três promontórios: Brow Head, Galley Head e Old Head of Kinsale. As instruções também sublinhavam que era preciso manter uma rota pelo centro do canal e navegar a toda a velocidade e numa rota em zigue-zague. Turner, que estava a vinte quilômetros da costa da Irlanda, num ponto em que a distância de costa a costa era de 225 quilômetros, reduziu a velocidade e mantivera uma rota direta. As indicações estavam em vigor desde 10 de fevereiro, ainda que a instrução sobre a rota em zigue-zague tenha sido elaborada em 16 de abril.

Ao meio-dia de 7 de maio, o U-20 avistou o cruzador *Juno*, mas, como o cruzador navegava em zigue-zague e a toda a velocidade, o comandante Schwieger desistiu de persegui-lo. Uma hora e meia depois, avistou o *Lusitania*. Foi disparado um único torpedo, sem aviso, que fez o navio afundar em dezoito minutos. Dos 2 mil passageiros a bordo, 1.198 afogaram-se, entre os quais 128 americanos. Quando o embaixador americano em Berlim, esperando erroneamente ser chamado aos Estados Unidos como forma de protesto, pediu a um importante banqueiro alemão

que guardasse seu dinheiro, o banqueiro respondeu por intermédio de um secretário: “Diga ao juiz Gerard que tomo conta do dinheiro, mas diga-lhe também que, se zarpar amanhã, o *Mauretania* também será afundado.”

O afundamento do *Lusitania* chocou a opinião pública americana, mas o presidente Woodrow Wilson não tinha qualquer intenção de abandonar a neutralidade. Seis dias depois, numa censura oficial ao aviso publicado nos jornais em 1º de maio, Wilson disse que “nenhum aviso de que um ato ilegal e inumano seria cometido” pode ser aceito como uma legítima desculpa por tal ato. Como sucedera com o *Gulflight*, os alemães apresentaram desculpas, mas seus jornais não foram tão longe. Um jornal do Partido Católico de Centro, o *Kölnische Volkszeitung*, publicou:

O afundamento do grande navio a vapor inglês é um sucesso de significado moral, ainda maior do que um sucesso material. Com feliz orgulho contemplamos esse último feito da nossa Marinha. Não será o último. Os britânicos pretendem entregar o povo alemão à morte e à fome. Nós somos mais humanos. Apenas afundamos um navio britânico de passageiros, que, à sua inteira responsabilidade e risco, entrou na zona de operações.

Na Grã-Bretanha, o afundamento do *Lusitania* manteve-se, durante o resto da guerra, como um poderoso símbolo do conflito entre certo e errado, enquanto o Kaiser passou a ser constantemente retratado como o verdadeiro assassino das vítimas do comandante Schwieger. Houve manifestações antialemãs em locais tão afastados como Victoria, a Colúmbia Britânica e Joanesburgo. O comandante Turner sobreviveu, apesar de ter sido arrancado da ponte de comando pela força das águas. O comandante Schwieger continuou a perseguir navios britânicos.

Apesar do afundamento do *Lusitania*, os Estados Unidos preservaram sua neutralidade, mas havia, na América, quem questionasse o conceito e a moralidade de manterem-se fora do conflito europeu. Nessa primavera, um antigo presidente americano, Theodore Roosevelt, publicou um livro em que argumentava, com exemplos retirados da ocupação alemã da Bélgica, que o governo americano não devia hesitar em denunciar “tamanho erro”, como o que fora cometido pelos alemães na Bélgica. Roosevelt avisava aos descendentes de alemães que viviam nos Estados Unidos que “por sua honra estavam obrigados a considerar todos os assuntos internacionais apenas do ponto de vista dos interesses dos Estados Unidos e das exigências da moralidade”. Além disso, apontava que Dante reservou no Inferno “um local especial para a infâmia, destinado aos anjos que se atrevem a não estar nem ao lado do mal nem ao lado do bem”. A única paz que tinha um valor

permanente “é a paz da retidão”.

Roosevelt também argumentava que o muito divulgado envio de alimentos para ajudar os belgas que estavam sob ocupação levara os alemães a tirar dinheiro e alimentos dos belgas, que estavam sendo apoiados por alguém de fora. Para ele, “os pacifistas profissionais fariam melhor se considerassem o fato de que as nações neutras, se quisessem ter evitado a invasão da Bélgica, o que só poderia ter sido feito com o desejo e a capacidade de uso da força, poderiam ter evitado maior desgraça e sofrimento de homens, mulheres e crianças inocentes do que toda a caridade organizada de todas as nações ‘pacíficas’ do mundo pode agora remover”.

Incitando um rápido rearmamento americano, a intensificação do treinamento militar e um vasto programa de aumento da construção naval, Roosevelt expressava o ponto de vista de que “talvez não tivesse havido guerra” se a Grã-Bretanha houvesse seguido o conselho daqueles que desejavam a introdução da conscrição, “pois nesse caso seria imediatamente posto em campo um exército tão numeroso e eficaz como, por exemplo, o Exército francês”. Ele estava convencido de que uma Grã-Bretanha mais bem armada poderia ter detido a Alemanha em agosto de 1914 e continuava avisando que “o que havia acontecido à Antuérpia e a Bruxelas seguramente aconteceria a Nova York, São Francisco e talvez até a muitas cidades do interior” se não fossem feitos preparativos para a defesa da nação.

Quanto ao papel dos Estados Unidos no conflito, Roosevelt escarnecia daqueles que argumentavam que o país devia atuar como um mediador neutro. Se as nações da Europa queriam a paz e a ajuda dos Estados Unidos “é porque lutaram enquanto quiseram ou puderam. Não é porque nos encaram como um exemplo espiritual por termos ficado sentados, proferindo belas frases triviais e recuperando nosso comércio enquanto eles derramam seu sangue como água em apoio a ideais nos quais acreditam com todo o seu coração e toda a sua alma”.

Em 9 de maio, na frente ocidental, tropas francesas desencadearam um ataque às posições alemãs nas colinas de Vimy como parte da primeira tentativa anglo-francesa para penetrar as linhas de trincheiras fortemente fortificadas. Durante as cinco horas anteriores ao ataque, a artilharia francesa lançou granadas. Depois, decorridos dois minutos de silêncio, os corneteiros deram o sinal de avanço e as tropas saíram de suas trincheiras e avançaram para a terra de ninguém. Após terem percorrido cerca de mil metros, chegaram à primeira linha de arame farpado alemão, que o bombardeio da artilharia não tinha conseguido quebrar. Usando cortadores de arame, as tropas conseguiram criar passagens suficientes enquanto as metralhadoras alemãs abriam fogo sobre elas. Os sobreviventes avançaram para a linha seguinte de arame. Por fim, os objetivos foram atingidos, pois os alemães se retiraram para linhas melhores. Alguns homens avançaram cinco quilômetros até as aldeias de

Vimy e Givenchy, onde foram atingidos por sua própria artilharia. Entre os soldados franceses estava um regimento da Legião Estrangeira Francesa, constituído por 3 mil homens. Durante o ataque, o regimento perdeu seu comandante, que foi atingido no peito por um atirador, três comandantes de batalhão e 1.889 soldados.

Os britânicos também atacaram em 9 de maio, em Fromelles e La Bassée, numa tentativa de capturar as colinas de Aubers, que não tinham conseguido tomar na Batalha de Neuve Chapelle dois meses antes. Porém, no crucial bombardeio preliminar, menos de 8% dos obuses de artilharia eram altamente explosivos, e a duração total possibilitada por uma barragem de artilharia era de apenas quarenta minutos, o que limitou muito os danos que se pôde infligir ao arame farpado dos alemães e às defesas das trincheiras. Muitos projéteis eram leves demais para provocar danos sérios às fortificações alemãs, enquanto outros eram simplesmente defeituosos. Um diário regimental alemão informa que os projéteis que caíam na frente alemã eram bombas que não explodiam, feitas nos Estados Unidos, e cheias de serragem no lugar de explosivos. Alguns projéteis, disparados de armas antigas, não atingiam as linhas alemãs.

Com o insucesso dos bombardeios preliminares, os soldados britânicos que atacaram foram incapazes de penetrar nas relativamente pouco danificadas defesas alemãs. O mesmo diário alemão também afirma que, conforme cessavam os bombardeios britânicos e a fumaça se dissipava, “nunca houve alvo tão perfeito como aquela parede sólida de homens em uniformes cáqui, britânicos e indianos, lado a lado. Só havia uma ordem a dar: ‘Disparar até que os canhões explodam’”.

Nove de maio não foi apenas um dia triste para o Exército britânico, que sofreu com a falta de munições e foi apanhado pelo fogo de metralhadoras dos alemães nas colinas de Aubers, mas também um dia de expectativa, pois uma primeira divisão do novo exército, formado por Kitchener, estava partindo para o serviço ativo na França. Tratava-se da 9ª Divisão, composta por voluntários escoceses, que, como muitos outros homens, tinham sido zelosamente recrutados durante os nove meses anteriores por toda a Grã-Bretanha. À 9ª Divisão seguiu-se, duas semanas depois, a 12ª Divisão (leste), que também lutaria na frente ocidental. Ainda estavam sendo preparadas mais três divisões do novo exército para a luta em Galípoli.

Enquanto os impacientes voluntários do exército de Kitchener dirigiam-se para a França, na Batalha das Colinas de Aubers uma série de tragédias abatia-se sobre as tropas britânicas e indianas. Após um primeiro assalto que não conseguiu penetrar nas linhas alemãs, os homens que tinham sido feridos na terra de ninguém foram mortos por um bombardeio da artilharia britânica que se estendeu por quarenta minutos e teve como alvo as crateras formadas por projéteis onde tinham encontrado abrigo. Na história oficial da Brigada de Fuzileiros está registrada uma conversa em que o general Rawlinson demonstra insatisfação e pergunta onde estavam o Sherwood Foresters e o East Lancashires. O comandante de brigada Oxley

respondeu-lhe: “Estão estendidos na terra de ninguém e muitos jamais se levantarão.”

Depois do fracasso do primeiro assalto, as tropas britânicas que recuaram para a segurança de suas próprias linhas viram-se sob o fogo dos alemães à medida que corriam, mas, como havia entre eles alguns prisioneiros alemães, os britânicos pensaram que se tratava de um contra-ataque inimigo e também reagiram com fogo. Poucos homens escaparam. Numa tentativa de restaurar a ordem, o comandante de brigada, Lowry-Cole, um “veterano” da Batalha de Neuve Chapelle, colocou-se no parapeito britânico, onde, enquanto exortava os homens em retirada a oferecerem resistência, foi atingido e morreu.

Nessa tarde, Haig ordenou um segundo ataque, apesar das recentes informações de reconhecimento aéreo sobre o avanço de reforços alemães. O comandante do Corpo Indiano, general Willcocks, protestou novamente contra a ordem de ataque, como tinha protestado antes, e com sucesso, em Neuve Chapelle. O general Gough, que comandava em 7ª Divisão, também disse a Haig que, depois de um “reconhecimento pessoal” do terreno, estava convencido “de que qualquer tentativa de ataque durante o dia seria um fracasso”. Apenas o general Haking, comandante da 1ª Divisão, confiava num novo ataque. Haig aceitou a opinião de Haking.

Liderados pelos gaitistas em *kilts* da 1º Black Watch [Guarda Negra], tocando suas gaitas de foles, as forças britânicas avançaram mais uma vez e foram dizimadas pelo fogo de metralhadoras dos alemães. Quando Haig ordenou que o ataque “fosse feito com baionetas ao cair da noite”, os comandantes responderam que consideravam essa ordem um engano. Haig cancelou-a e disse aos comandantes que deveriam seguir as ordens no dia seguinte, mas, numa conferência posterior, na manhã de 10 de maio, os três comandantes, Haking, Gough e Willcocks, deixaram bem claro a Haig que não tinham munição de artilharia suficiente para um segundo dia de ofensiva.

As perdas no primeiro e, como se viu, único dia da Batalha das Colinas de Aubers somaram 458 oficiais e 11.161 homens. Ao longo de todo o dia, viram-se amostras de bravura individual. Foram atribuídas três cruzeiras Vitória, mas não se descortinou uma nova forma de penetrar nas linhas inimigas. Por fim, Haig concordou em que a batalha não deveria prosseguir. “Nosso ataque falhou”, escreveu o general Charteris em seu diário em 11 de maio. “Falhou redondamente, com pesadas baixas. Essa é a pura verdade, por mais dura que seja.”

Em 13 de maio, os alemães iniciaram um forte bombardeio de artilharia no saliente de Ypres. O capitão Julian Grenfell, que já tinha estado em combate no saliente em novembro e que tinha sido citado duas vezes em despachos por sua bravura, encontrava-se novamente em Ypres. Duas semanas antes, Grenfell tinha escrito um dos mais citados poemas da guerra, intitulado “Into Battle”, cujas quatro últimas estrofes dizem:

*In dreary, doubtful, waiting hours,
Before the brazen frenzy starts,
The horses show him nobler powers;
O patient eyes, courageous hearts!*

*And when the burning moment breaks,
And all things else are out of mind,
And only joy of battle takes
Him by the throat, and makes him blind,*

*Through joy and blindness he shall know,
Not caring much to know, but still
Nor lead nor steel shall reach him, so
That it be not the Destined Will.*

*The thundering line of battle stands,
And in the air death moans and sings;
But Day shall clasp him with strong hands,
And Night shall fold him in soft wings.*⁴

Durante o bombardeio alemão de 13 de maio, Grenfell foi atingido por um estilhaço de projétil. “Parei um Jack Johnson com minha cabeça, e meu crânio está um pouco rachado”, escreveu ele à mãe quando já estava no dispensário. “Mas estou ótimo”, completou o capitão, que foi levado para um hospital em Bolonha-sobre-o-Mar. Seus pais viajaram da Inglaterra para estarem com o filho. Sua irmã, Monica, não teve de deslocar-se de tão longe, pois era enfermeira no hospital de Wimereux. Dez dias depois, Grenfell estava morrendo. “Segure minha mão até eu partir”, pediu ele à mãe em 25 de maio. No dia seguinte, morreu.

Não apenas a frente ocidental, mas também a península de Galípoli, desmentiam quaisquer pretensões de que uma vitória rápida e fácil seria possível. Lutando em Galípoli, o irmão de Winston Churchill, Jack, escreveu-lhe em 9 de maio: “Tornou-se uma guerra de cerco, tal como acontece na França.” Na frente ocidental, conseguiam-se pequenos ganhos com grandes custos, como sucedeu, em 12 de maio, perto do cabo Helles, quando soldados gorkhas capturaram o cabo Tekke. No dia seguinte, foram abandonados todos os planos para um novo assalto naval aos estreitos: pela manhã, 570 marinheiros britânicos tinham morrido afogados após um ataque ao couraçado *Goliath* por um torpedeiro turco comandado por um oficial alemão, tenente Firle.

Da mesma forma que o anjo de Mons tinha servido como fonte de inspiração para

as tropas fatigadas no outono de 1914, outra imagem tornou-se ícone das emoções dos Aliados no verão de 1915. Em 15 de maio, *The Times* publicava uma história, muito conhecida na Frente: durante a Batalha de Ypres em abril, tropas que faziam o contra-ataque tinham descoberto o corpo de um soldado canadense, crucificado na porta de um celeiro belga. Suas mãos e seu pescoço haviam sido perfurados por baionetas alemãs, o que tornava claro quem tinham sido os assassinos.

Sua veracidade nunca foi verificada e é quase certo que a história não é verdadeira, mas os rumores correram rapidamente. Quatro dias depois da publicação do *Times*, um soldado canadense escreveu à sua mulher dizendo que não apenas um, mas seis canadenses tinham sido crucificados, tendo sido pregada em seus corpos uma placa que dizia aos canadenses para “ficarem no Canadá”. A outro soldado canadense foi dito que, após ser recapturada uma pequena zona da trincheira, um soldado canadense tinha sido encontrado com “grandes pregos atravessando as palmas das mãos”. Quando a unidade entrou novamente em combate, “nossos oficiais disseram-nos que não fizéssemos prisioneiros”. “Fuzilem-nos ou perfurem-nos com as baionetas”, ordenaram os oficiais.

Uma representação artística da cena foi ainda mais longe: uma placa de bronze exposta na Academia Real em Londres, tornada pública pouco depois do armistício, mostrava soldados alemães aos pés do crucifixo, fumando e jogando dados. O escultor, Derwent Wood, deu ao seu trabalho o título *O gólgota do Canadá*.⁵

Nas colinas de Aubers, o fracasso da barragem de artilharia britânica e a incapacidade de desencadear um segundo ataque devido à falta de munições ou de artilharia adequada enfureceu Sir John French, cujos homens estavam sendo assassinados numa batalha desigual. Ele mesmo havia dado uma ordem para que as munições da artilharia estivessem numa proporção de 75% de *shrapnel* e apenas 25% de projéteis altos explosivos. Sem mencionar essa ordem, decidiu dar uma informação detalhada sobre a insuficiência de projéteis nas colinas de Aubers ao coronel Repington, correspondente de guerra do *Times*. Repington causou um efeito devastador ao publicar uma série de artigos que criticavam as capacidades do governo na guerra. Foi o primeiro grande desafio ao controle exclusivo da política de guerra por parte do Partido Liberal.

Sir John French também enviou a Londres dois oficiais que deveriam dar detalhes sobre a escassez de projéteis ao líder dos conservadores, Andrew Bonar Law, e ao mais descontente do gabinete de ministros liberais, David Lloyd George. Por meio desse estratagema, Asquith foi posto sob imediata pressão para alterar sua administração inteiramente liberal, incluindo nela alguns de seus rivais conservadores, e para estabelecer um Ministério das Munições. Em grande parte, políticos de ambos os partidos concordavam que a guerra já não podia ser

considerada um empreendimento de um só partido, sem um planejamento e uma produção a longo prazo. Nesse momento, tinha-se recebido apenas um terço de 6 milhões de projéteis que deveriam ter sido entregues ao Exército no início de maio.

O primeiro artigo de Repington sobre a escassez de munições na França foi publicado em 14 de maio. Dois dias depois, o primeiro lorde do Almirantado, almirante Fisher, exonerou-se, alertando o líder dos conservadores para sua insatisfação com a forma como fora conduzida a campanha dos Dardanelos. A escassez de munições na frente ocidental e o fracasso naval no estreito obrigaram Asquith, em 19 de maio, a formar uma coligação governamental, cedendo à pressão dos conservadores para que houvesse igual número de lugares nos conselhos de guerra. Como contrapartida à sua admissão na coligação, os conservadores insistiram em que Churchill fosse destituído do Almirantado, o que foi feito apesar dos seus pedidos e dos pedidos de sua mulher, Clementine, com o fundamento de que apenas seu marido tinha o que era preciso para lutar contra a Alemanha.

Arthur Balfour, antigo primeiro-ministro conservador, foi nomeado novo chefe do Almirantado. Kitchener manteve-se no Ministério da Guerra, encarregado tanto da batalha em terra na península de Galípoli como da crescente guerra por meio de desgaste na frente ocidental. Em 19 de maio, em Galípoli, acima da praia de desembarque mais ao norte, um assalto massivo de 40 mil turcos foi repellido por 17 mil soldados australianos e neozelandeses já desembarcados. Dessa forma, o que tinha sido encarado menos de um mês antes como um movimento contínuo até que a península estivesse dominada tornou-se uma luta defensiva para manter dois pequenos apoios num terreno adverso. Em 22 de maio, a milhares de quilômetros de Galípoli, 214 soldados que se preparavam para partir da Escócia para a península foram mortos num choque de três trens em Gretna Green, que foi considerado o pior acidente ferroviário em 150 anos de história das estradas de ferro britânicas.⁶

Três dias depois, na própria Galípoli, mais de cem marinheiros morreram afogados quando o submarino alemão U-21, o primeiro a chegar aos Dardanelos a partir do mar Báltico, torpedeou o couraçado britânico HMS *Triumph*. O comandante do submarino era Otto Hersing, que oito meses antes tinha afundado o primeiro couraçado a ser destruído por um torpedo. Um oficial naval alemão, Wilhelm Täger, que então prestava serviço com os turcos na península, recordou mais tarde:

O afundamento do *Triumph* foi uma cena tão tremenda que por momentos a guerra em terra foi esquecida. Os soldados em ambas as linhas de trincheiras nas colinas de Galípoli ficaram à vista, esquecendo tudo com a agitação do acontecimento. Viram, fascinados, o *Triumph* afundar por completo, voltaram às trincheiras e recomeçaram a disparar uns contra os outros.

A proeza de Hersing causou um grave alarme entre os Aliados que estavam no estreito de Dardanelos. E seu trabalho ainda não tinha chegado ao fim. Sua segunda vítima, apenas um dia depois, foi o couraçado britânico HMS *Majestic*. Os outros seis couraçados, cujos canhões de 355 e 380 milímetros tinham massacrado as trincheiras turcas a partir das águas ao largo da península, que até então tinham sido seguras, afastaram-se imediatamente para portos mais distantes. O historiador naval oficial britânico, Julian Corbett, comentou: “Centenas de milhares de tropas turcas, deprimidas por derrotas e por fracassos e desmoralizadas pelo intenso fogo que vinha do mar, observaram a debandada dos temidos navios; milhares dos nossos próprios homens também viram a perda dos navios e souberam que restavam apenas cruzadores e contratorpedeiros para apoiá-los em sua luta diária nas trincheiras.”⁷

As Potências Centrais tinham razões para alegrarem-se com os feitos de Hersing. Contudo, houve consternação em Constantinopla quando um submarino britânico, que dois dias antes tinha afundado um torpedeiro turco ao largo do cabo do Serralho, torpedeou um navio turco de transporte de tropas. Na própria península, os contínuos massacres atingiram tais proporções que as forças australianas e neozelandesas concordaram com uma trégua de dez horas, em 24 de maio, para permitir que os turcos sepultassem 3 mil mortos.

Na frente ocidental, apesar da escassez de projéteis por parte dos britânicos, o que tinha conduzido ao fracasso e à suspensão da Batalha das Colinas de Aubers, a utilização de gás por parte dos alemães foi ineficaz na tentativa de alterar o impasse a seu favor. Em 24 de maio, um ataque alemão com gás contra três divisões britânicas, numa frente de sete quilômetros no saliente de Ypres, não teve consequências. Nesse dia, o soldado J. Condon, do Royal Irish, foi morto, sendo talvez o mais jovem soldado a morrer no saliente durante a guerra. Segundo a lápide de sua sepultura, tinha apenas 14 anos de idade. No dia seguinte, quando a Segunda Batalha de Ypres chegou ao fim, as forças britânicas e canadenses tinham feito a linha de trincheiras avançar cerca de novecentos metros, numa frente de 2.800 metros. Também haviam feito oitocentos prisioneiros alemães, mas ao elevado custo de 16 mil baixas contra 5 mil baixas no lado alemão.

Na terra de ninguém perto de Loos, uma enorme cerejeira tinha florido com espantosa beleza naquela primavera. Depois da queda das flores, um jovem oficial britânico, durante uma patrulha noturna, subiu ao topo da árvore e prendeu a bandeira britânica ao tronco. Enquanto descia da árvore, os alemães lançaram um sinalizador, permitindo que o oficial britânico fosse visto. Uma metralhadora abriu fogo, atingindo-o. Seu corpo ficou pendurado na árvore e as tentativas de duas patrulhas britânicas para descerem o corpo nas duas noites seguintes foram infrutíferas. Então, foi pedido à artilharia britânica que disparasse contra a árvore na

esperança de derrubá-la. Gradualmente, todos os ramos caíram, jogando o corpo no chão, mas a árvore manteve-se de pé.⁸

No final de maio, em Londres, o *Labour Leader* publicou uma carta do pacifista Clifford Allen. “O país parou de lutar pelas causas da guerra e limita-se a continuar brigando, cada vez mais intensamente e mais loucamente, pelos resultados da guerra”, escreveu Allen. Para ele, quanto mais fosse adiada a paz, “mais amarga se torna a guerra e mais difícil e, portanto, mais temporária é a verdadeira paz”. Por mais verdade que contivesse seu argumento, não teve qualquer impacto no decorrer do conflito.

Em 31 de maio, um único zepelim que sobrevoou Londres lançou noventa pequenas bombas incendiárias e trinta granadas. Sete pessoas morreram e 35 ficaram feridas. O coronel A. Rawlinson, que mais tarde teria a seu cargo a defesa de Londres, comentou contra esse ataque: “Voltando de Flandres, onde estive próximo de um Jack Jackson (projétil alemão de grande calibre e altamente explosivo) nas colinas de Aubers em 9 de maio, os estragos provocados pela quantidade de bombas lançadas sobre Londres pareceram-me, segundo recorde, absolutamente insignificantes.” Dos nove aviões que tentaram em vão atacar o zepelim, um caiu, matando o piloto.

Na frente ocidental, o impasse era total: pequenos bombardeios estratégicos na terra de ninguém, bombardeios esporádicos, atiradores furtivos e a criação de áreas cada vez mais profundas de arame farpado e defesas de trincheiras tornaram-se comuns. Nesse mês, na luta em Notre Dame de Lorette, foram mortos milhares de soldados franceses. Atualmente, no topo de uma torre de farol, no cume de um monte, um farol brilha todas as noites, girando em 360 graus, como um memorial. Perto dali, arde uma chama perpétua. No ossário, jazem os ossos de 20 mil soldados desconhecidos, recolhidos dos campos de batalha próximos. No cemitério há 20 mil sepulturas individuais.

Na frente oriental, tinha começado uma guerra de movimento em que as forças austro-alemãs passaram a recapturar os desfiladeiros dos Cárpatos e as terras da Galícia. Em contraste com os oitocentos alemães capturados pelos ingleses nos últimos dias da Segunda Batalha de Ypres, os alemães anunciaram, em 25 de maio, que tinham feito 21 mil prisioneiros russos a leste do rio San. Dentro de uma semana, os russos foram obrigados a recuar para Przemyśl. O pintor vienense Oskar Kokoschka, então na cavalaria do Exército austro-húngaro, preparava-se com outros para abandonar a frente. “Quando deixei a Hungria, moças em trajes coloridos trouxeram-nos vinho Tokay e saudaram-nos; ergui uma moça até a sela do meu cavalo”, recordou ele mais tarde. “Eu estava muito orgulhoso por estar a cavalo! Na Galícia, as pessoas lançavam flores e mostravam grande satisfação pela nossa presença. Fomos recebidos como libertadores.”

Após as forças austríacas entrarem novamente na cidade de Stryj, na Galícia

Oriental, foi anunciado que seus ganhos na frente dos Cárpatos incluíam 153 mil prisioneiros russos e trezentas peças de artilharia. As esperanças russas de conquistar territórios austríacos desvaneciam rapidamente. Era agora seu único território ocidental que, pela primeira vez desde as guerras napoleônicas, encontrava-se seriamente em risco. Na frente da Polônia, onde a Rússia já tinha sido obrigada a recuar quase até Varsóvia, tropas alemãs, utilizando gás, causaram mais de mil baixas russas perto de Bolimów e, num segundo ataque com gás, duas semanas depois, fizeram os russos recuarem seis quilômetros no rio Bzura.

Em 23 de maio, quando a Itália declarou guerra à Áustria-Hungria, abriu-se uma sétima frente.⁹ A principal batalha aconteceria nas duas regiões montanhosas reclamadas pela Itália à Austria, no sul do Tirol e ao longo do rio Isonzo. Houve alguns avanços italianos e tomou-se posse de alguns cumes de montanhas, mas o Estado-Maior austríaco, cujos exércitos avançavam na frente oriental, recebeu ordem para defender-se com vigor. “As tropas devem construir posições, colocar obstáculos e manter-se onde estão”, ordenou-se aos austríacos em 27 de maio.

Por todos os lados, tornava-se urgente conseguir munições. Na França, em 1º de junho, mais de 1 milhão de conscritos prontos para serem enviados para a linha de frente foram desviados para fábricas de munições. Nesse dia, na Grã-Bretanha, uma mulher foi empregada, pela primeira vez, numa fábrica de munições. Em 3 de junho, Lloyd George declarou que era um dever de todos os cidadãos colocarem sua vida e sua força de trabalho à disposição do Estado. No dia seguinte, Churchill enfatizou essas palavras com outra declaração: “Toda a nação deve organizar-se, socializar, se gostarem desse termo, e mobilizar-se.” O governo precisaria conseguir “um poder de reserva e uma autoridade que controlem, organizem e garantam que cada um, em cada tarefa e condição, homens e mulheres, cumpra sua justa parte”. A fabricação de munições, a princípio sob a responsabilidade de Lloyd George e depois Churchill, seria a principal tarefa do trabalho feminino e, antes que a guerra chegasse ao fim, a principal fonte de afirmação dos direitos das mulheres.

Em paralelo ao acréscimo na produção de munições surgiram novas invenções: naquele junho, o general Dumézil desenhou um morteiro de trincheira que seria usado nos Exércitos francês, italiano, russo e, no devido tempo, americano. Dez novos submarinos, construídos para a Grã-Bretanha pela Bethlehem Steel, da Pensilvânia, foram enviados em blocos pela fronteira canadense, para evitar quebrar as leis de neutralidade americanas, montados em Montreal e transportados pelo Atlântico.

Em 24 de maio, por iniciativa do governo russo, a Rússia, a França e a Grã-Bretanha denunciaram publicamente o assassinato de armênios pelos turcos, chamando-o de

um “ato contra a humanidade e a civilização”. Por esses “crimes sub-humanos”, a declaração avisava que “todos os membros” do governo otomano seriam pessoalmente responsabilizados. Em 4 de junho, tendo consultado o embaixador alemão em Constantinopla, o governo turco respondeu à declaração dos Aliados dizendo que se limitara a exercer seu direito soberano de autodefesa e que a responsabilidade por tudo o que aconteceu nos distritos armênios devia ser atribuída aos Estados da Tríplice Entente, pois foram eles que “organizaram e dirigiram movimentos revolucionários”.

Numa vasta área de mais de oitocentos quilômetros atrás da frente russa, desde a antiga capital otomana, Bursa, até a cidade cruzada de Aleppo, os assassinatos continuavam. Num massacre em Bitlis, que teve início em 17 de junho e prolongou-se por oito dias, foram mortos 15 mil armênios. Próximo dali, em Siirt, foram assassinadas centenas de cristãos armênios, nestorianos e jacobitas. Em julho, tanto o governo alemão como o governo austríaco decidiram protestar, mas os turcos ignoraram o protesto. Quando o cônsul alemão em Aleppo, Walter Rossler, pressionou Berlim para que protestasse junto às autoridades turcas contra as crueldades cometidas durante a deportação na área, foi-lhe dito que, apesar das reprováveis “maquinações” dos armênios, já tinham sido feitos esforços em seu favor.

Num ato humanitário, cinco navios de guerra franceses levaram 4 mil sobreviventes dos massacres desde a costa síria até Porto Said. Era um gesto que, apesar de bem-vindo, não poderia ter qualquer impacto na ação turca. Num intervalo de sete meses, foram massacrados 600 mil armênios. Entre os 500 mil armênios deportados no mesmo período, mais de 400 mil pereceram como resultado de brutalidades e de privações na marcha para a Síria e a Mesopotâmia. Por volta de setembro, mais de 1 milhão de armênios tinham morrido, vítimas do que mais tarde foi chamado de genocídio e, ainda mais tarde, de limpeza étnica. Outros 200 mil foram convertidos à força ao islã. “É tão grande a angústia e o sofrimento dos armênios, que é tão odioso e sem precedentes, que se deve considerar a infinidade e a insondabilidade do universo para o classificar; não há palavras nos dicionários para qualificar o terror. Não há um único poeta que encontre palavras...”, escreveu o poeta armênio Avetik Isahakian em fevereiro.

Na luta contra os turcos, as tropas britânicas e indianas alocadas na Mesopotâmia, comandadas pelo general Townshend, um veterano da luta na fronteira noroeste da Índia, deslocaram-se para norte em 2 de junho, a partir de sua base em Al-Qurnah, no rio Tigre. Quando uma pequena força avançada de cem marinheiros e soldados britânicos chegou a Amara, a guarnição turca rendeu-se, com receio de que uma força maior estivesse próxima, mas que, na realidade, não estava. Dois mil turcos já estavam em Amara, incluindo um batalhão inteiro do Corpo de Bombeiros de

Constantinopla, mas estavam com medo ou até aterrorizados diante do ódio dos 20 mil habitantes árabes da cidade, vendo-se felizes com a possibilidade de uma rendição. Houve grande júbilo entre os britânicos quando um oficial turco pediu autorização para telegrafar à sua mulher na Anatólia, enviando-lhe o texto “Capturado são e salvo”. A autorização foi concedida.

Em 3 de junho, as forças austro-húngaras retomaram a fortaleza de Przemyśl. O controle russo da Galícia chegara ao fim. Um observador britânico que acompanhava o 3º Exército Russo escreveu: “Esse grupo é agora uma multidão inofensiva.”

Em Galípoli, em 4 de junho, as forças anglo-francesas tentaram pela terceira vez atingir a colina de Achi Baba. Mais de 30 mil soldados britânicos e franceses participaram do ataque e bombardearam uma falsa trincheira construída pelos turcos antes de avançarem, descobrindo que a verdadeira trincheira estava além da falsa e encontrava-se intacta e totalmente equipada. Contudo, à custa de pesadas baixas, capturaram-na, expulsando os turcos, e apoderaram-se de seis metralhadoras. Foram então deliberadamente bombardeados pelos turcos e acidentalmente por sua própria artilharia, que finalmente havia descoberto a armadilha da falsa trincheira. Tentando escapar ao duplo bombardeio, os homens abandonaram suas armas e regressaram, sob fogo turco contínuo, às suas próprias linhas. Muitos oficiais foram mortos.

Do outro lado de Krithia, o avanço dos Fuzileiros de Lancashire foi bem-sucedido, e os turcos foram obrigados a recuar para uma distância de oitocentos metros em relação a Krithia. Porém, quando o coronel Kannengiesser quis deslocar um batalhão turco de outra parte da linha para defender aquela zona, um oficial turco disse-lhe: “Pelo amor de Deus, coronel, não ordene a nenhum homem que retire. Se os outros virem, correrão até Constantinopla.” Era a oportunidade para o general britânico, Aylmer Hunter-Weston, explorar a fraqueza turca, mas, em vez disso, decidiu enviar suas reservas para o setor da linha onde os franceses não tinham conseguido fazer os turcos recuarem e onde um batalhão da Divisão da Marinha Britânica quase tinha sido destruído. “Foi uma decisão difícil e uma decisão errada”, escreveu um historiador.¹⁰ Como resultado, os homens que já tinham avançado quase até Krithia foram obrigados a recuar e aceitaram novas posições apenas quinhentos metros à frente das trincheiras das quais haviam partido naquela manhã.

Naquele dia, foram tomados entre 250 e 500 metros de trincheiras turcas, numa frente de 1.600 metros, mas Achi Baba mantinha-se bem atrás das linhas turcas. O transporte de ingleses e franceses feridos até as praias, para evacuação, mostrou-se uma tarefa árdua, sob contínuo fogo turco de atiradores e de artilharia. “À medida que eu me deslocava ao longo da trincheira, passava por montes de mortos e por uma festança de moscas horrorosas”, escreveu em seu diário o suboficial Johnston,

membro da Marinha britânica. “Feridos às dúzias eram empurrados para trincheiras laterais e ficavam à espera de macas para transportá-los para a base”, continuou ele. Os indianos que conduziam as carroças e os homens do Corpo de Maqueiros de Sião, depois de trazerem munições das praias para as trincheiras, regressavam com novos feridos.

Quanto aos mortos, a necessidade de consolidar as novas posições significava que não havia tempo para sepultamentos. Na frente de um dos regimentos escoceses, o Scottish Borderers, escreveu o historiador oficial britânico, os mortos “eram empilhados nos lados da trincheira de comunicação, onde formavam uma horrível avenida. Num lamentável erro psicológico, um batalhão territorial de Scottish Borderers, que chegou da península pouco mais tarde, teve como primeira tarefa sepultar esses corpos. Não foi um início auspicioso”. A tarefa era nauseabunda. “Insetos arrastavam-se aos milhões pelos cadáveres e elevavam-se em nuvens quando um corpo era levado para a sepultura, descendo para um novo festim antes de ser jogada a última pá de terra”, escreveu o suboficial Johnson.

Entre os mortos de 4 de junho estava o soldado Jim Scotson, que estava de pé ao lado do pai, na trincheira, quando foi mortalmente atingido por um atirador turco. O pai desmaiou com o choque e foi enviado num navio-hospital para o Egito, sofrendo de uma depressão nervosa. Dois irmãos, Fred e Harry Tennant, também tinham estado nas trincheiras nessa manhã. Harry foi morto. Fred escreveu à mãe: “Caiu com o rosto voltado para o inimigo. Tenho certeza de que nenhum homem pode ter uma morte mais gloriosa.” Poucos dias depois, Fred foi gravemente ferido e morreu antes do fim do mês.

Os turcos tinham ficado exaustos com o ataque de 4 de junho. “Creio que outro ataque enérgico por parte dos britânicos levaria aos piores resultados”, recordou o coronel Kannengiesser. “Se os britânicos tivessem prosseguido seu ataque com a mesma violência no dia seguinte, tudo estaria perdido”, escreveu um oficial turco. Porém, nem os britânicos nem os franceses tinham forças para atacar no dia seguinte. O Batalhão Hood, da Divisão da Marinha Britânica, que tinha chegado à península com trinta oficiais e que tinha perdido vinte homens no ataque de 6 de maio, perdeu mais seis em 4 de junho. Entre eles, o tenente Oscar Freyberg, cujo irmão, Bernard, estava no Cairo, recuperando-se de um ferimento no estômago. Oscar foi visto com vida pela última vez em combate numa trincheira turca, com uma pistola em cada mão. Seu corpo nunca foi encontrado.

Outro soldado morto na mesma data foi T. Eardley, natural de Manchester, que servia na península desde os desembarques em abril. Na vida civil, era um ávido colecionador de autógrafos. Depois de sua morte, foi encontrado um cartão-postal em sua trincheira, onde se lia: “Um homem que anda calmamente à caça de autógrafos enquanto toda a civilização desmorona à sua volta, e vendo o inimigo turco num horizonte próximo, merece ter sucesso. Por isso, aqui vai: G. Bernard

Shaw.”

Entre os sobreviventes da batalha de 4 de junho estava A. P. Herbert, cujo livro sobre vida e morte no cabo Helles e sobre um homem corajoso que foi fuzilado por covardia, intitulado *The Secret Battle*, foi chamado por Churchill, na sua introdução, de “um grito de dor dilacerado, arrancado das tropas em luta pelo tormento prolongado e sem medida pelo qual passaram; à semelhança dos poemas de Siegfried Sassoon, devia ser lido por todas as gerações, de modo que homens e mulheres não tenham quaisquer ilusões sobre o que a guerra significa”. A. P. Herbert também escreveu um poema sobre a batalha:

*This is the Fourth of June
Think not I never dream
The noise of that infernal noon,
The stretchers' endless stream,
The tales of triumphs won,
The night that found them lies,
The wounded wailing in the sun,
The dead, the dust, the flies.*

*The flies! Oh God, the flies
That soiled the sacred dead,
To see them swarm from dead men's eyes
And share the soldiers' bread!
Nor think I now forget
The filth and stench of war,
The corpses on the parapet,
The maggots in the floor.*¹¹

Os turcos contra-atacaram em 6 de junho, colocando em prática um planejamento feito por Kannengiesser e dois oficiais do Estado-Maior alemão. Quando avançaram para a terra de ninguém, os turcos encontraram um elemento da Infantaria da Marinha alemã que tinha feito parte de uma equipe de metralhadoras e sido capturado pelos britânicos em 4 de junho. O marinheiro, Peters, enquanto era transportado pelas trincheiras britânicas, fugira, correndo em meio à confusão da linha de frente. Os britânicos, pensando se tratar de um compatriota, ficaram maravilhados com a coragem do homem que havia saído das trincheiras e corria pela terra de ninguém. Infelizmente, os turcos presumiram que o homem era inglês e abriram fogo. Peters teve de abrigar-se numa cratera de explosão, onde ficou escondido durante dois dias e duas noites, sem comida nem água, e só foi salvo quando os turcos o encontraram durante um contra-ataque. Pouco depois, os ingleses fizeram os turcos recuarem novamente para as linhas originais.

A Segunda Batalha de Krithia havia terminado. O número de mortos e feridos foi enorme: 4.500 ingleses, 2 mil franceses e 9 mil turcos. Os navios-hospital a caminho do Egito faziam paradas para sepultar no mar aqueles cujos ferimentos não lhes permitiam sobreviver. O subdiretor de Serviços Médicos em Alexandria escreveu: “Eu costumava acordar pela manhã e ver navios à espera para entrarem no porto, perguntando-me onde colocariam tanta gente.”

À semelhança da frente ocidental, a linha de trincheiras também estava sendo rebaixada e fortificada no cabo Helles, pois os dois exércitos defrontavam-se todos os dias com atiradores e fogo de artilharia. No cabo, os turcos tinham a possibilidade de bombardear não só pela direção de Achi Baba, ao norte, mas também pelo sul, disparando a partir da margem asiática do estreito de Dardanelos, posicionando-se na mesma planície que presenciara o antigo drama da Guerra de Troia. Entre os oficiais britânicos no cabo Helles estava Patrick Shaw-Stewart, professor em Oxford e poeta:

*I saw a man this morning
Who did not wish to die:
I ask, and cannot answer,
If otherwise wish I.*

*Fair broke the day this morning
Against the Dardanelles;
The breeze blew soft, the morn's cheeks
Were cold as cold sea-shells.*

*But other shells are waiting
Across the Aegean Sea,
Shrapnel and high explosive,
Shells and hells for me.*

*O hell of ships and cities,
Hell of men like me,
Fatal second Helen,
Why must I follow thee?*^{[12](#)}

“Atualmente, aqueles entre nós que ainda estão vivos têm a sensação de serem velhos, velhos sobreviventes”, escreveu para casa Shaw-Stewart, que estava em Galípoli. Dois anos depois, foi morto em combate na frente ocidental, recusando-se a recuar para um dispensário depois de uma orelha ter-lhe sido arrancada por metralhadora poucos minutos antes.

Em 6 de junho, os alemães tentaram coordenar um ataque naval e aéreo à Grã-Bretanha. Nessa noite, três zepelins saíram de seus hangares na Bélgica ocupada pelos alemães. Um, com problemas técnicos, aterrissou pouco depois de decolar. Os outros dois sobrevoaram o mar do Norte, mas, devido a um nevoeiro, foram obrigados a regressar antes de atingirem a costa leste. Enquanto regressava, um dirigível foi visto, perto de Gante, por um jovem piloto, o subtenente aviador Rex Warneford, que, apesar do fogo intermitente do zepelim, tentou manter-se acima dele. Warneford lançou três bombas até acertar e destruir o zepelim. Nove entre os dez membros da tripulação do zepelim morreram. O décimo membro, o timoneiro Alfred Mühler, sobreviveu a uma queda de 2.500 metros na gôndola do zepelim, que, por fim, bateu no telhado do convento de Santa Isabel em Gante, lançando-o a mais de trinta metros. O convento pegou fogo. Duas jovens freiras, uma criança e um homem que tentara salvar a criança, perderam a vida. “Apesar da nossa dor, havia em nossos corações uma grande alegria pela intrepidez e pela vitória do tenente Warneford”, recordou a madre Thérèse. “Depois da guerra, uma placa foi colocada na parede do convento em memória do jovem aviador e seu nome foi dado a uma rua próxima.”

A força da explosão do zepelim fez o avião de Warneford dar várias voltas e ficar invertido durante algum tempo, perdendo todo o combustível que restava. A aeronave planou até um campo perto de Gante, onde, ao bater no chão, um tubo de fornecimento de combustível foi quebrado. Depois de 35 minutos atrás das linhas alemãs, Warneford viu um grupo da cavalaria alemã aproximar-se. Nesse instante, saltou para seu lugar no avião e tomou velocidade, conseguindo levantar voo e gritando para os homens da cavalaria: “Deem meus cumprimentos ao Kaiser.” Sua façanha foi amplamente divulgada na imprensa britânica, e, como escreveu sua prima, Mary Gibson, “aliviou parte do negrume dos outros tristes boletins da guerra”. Numa atitude extraordinária, o rei enviou um telegrama pessoal a Warneford no dia seguinte, atribuindo-lhe a Cruz Vitória. Numa carta anexa para o Almirantado, o secretário particular do rei acrescentou: “Sua Majestade acredita que a carta deve ser enviada o mais cedo possível.”

A presciência do rei era melhor do que ele poderia imaginar. Dez dias depois, Warneford levou um jornalista americano, Henry Needham, para um voo a partir do aeródromo de Buc, perto de Paris. A seiscentos metros de altitude, o avião virou. Quando Warneford conseguiu reverter a posição, a cauda do avião partiu-se. Na queda de 250 metros, o avião entrou em voo invertido, e, para horror de quem via, Warneford e Needham foram cuspidos da aeronave e caíram no solo. Needham morreu imediatamente. Warneford morreu uma hora mais tarde no hospital. Seu funeral público foi seguido por um movimento de recrutamento que o utilizou como foco do apelo, pedindo que os homens não permitissem que o jovem Warneford fosse o último herói da guerra. Ele tinha 23 anos de idade. O *Daily Express* erigiu

um memorial a ele no cemitério Brompton, em que se via seu avião atacando o zepelim.

A população de Londres, porém, não sabia que os alemães tinham conseguido estabelecer uma rede de espionagem de sete agentes em portos britânicos. Contudo, em 15 de junho, o chefe dos criptógrafos militares franceses, coronel Cartier, entregou aos serviços secretos britânicos várias mensagens alemãs enviadas por rádio, que davam a identificação desses agentes. Todos foram detidos, e pelo menos dois foram executados na Torre de Londres. A espionagem alemã estava praticamente desfeita, sendo em sua maioria feita por cidadãos de países neutros. Dois, um peruano e um norueguês, também foram fuzilados após terem sido capturados.

Na Bélgica ocupada pelos alemães, um novo governador, o barão Bissing, deixou claro que, quando a guerra terminasse, a Alemanha pretendia manter uma forma de controle das regiões que conquistara. Num discurso feito em 19 de junho, explicou o motivo por que sua política seria cuidar do “bem-estar e da prosperidade” da Bélgica. “Acredito que um limão espremido não tem valor e que uma vaca morta não dará leite, mas é necessário e importante que um país com tal importância para a Alemanha, não só economicamente, mantenha-se vivo e que as feridas de guerra possam sarar até onde for possível.” Ainda nesse ano, Bissing escreveu um memorando chamando a atenção para a dificuldade que a Alemanha tivera, antes de 1914, para assimilar ou satisfazer suas minorias francesa e polonesa. “Durante anos futuros, devemos manter o atual estado de ditadura”, escreveu ele. “A Bélgica deve ser tomada e mantida, como é agora e como deve ser no futuro”. No aniversário do Kaiser, sete meses depois, ele declarou: “Aquilo que nos foi confiado será conservado.”

Na frente ocidental, os britânicos não desencadearam nenhuma ofensiva em junho. Em suas cartas para casa, Robert Graves, de 19 anos, descreveu os ataques diários com bombardeios e os disparos de atiradores na linha “estática”. Em 8 de junho, escreveu que dezessete homens do seu batalhão haviam sido mortos ou feridos por bombas e granadas alemãs. As trincheiras alemãs da linha de frente estavam em média a apenas trinta metros de distância dele. No dia seguinte, numa seção da linha que estava a apenas vinte metros de uma escavação ocupada pelos alemães, “eu assobiava ‘The Farmer’s Boy’, para manter o moral elevado, quando, de repente, vi um grupo inclinar-se para um homem que estava no fundo de uma trincheira”, escreveu Graves.

Ele emitia ruídos nasais misturados com grunhidos de animais. Aos meus pés, estava o capacete que ele usava, sujo com seus miolos. Eu nunca tinha visto miolos humanos; de certo modo, encarei-os como ficção poética.

Pode-se rir com um homem gravemente ferido e congratulá-lo por ter escapado e pode-se não levar em consideração um homem morto, mas nem um mineiro pode fazer uma piada sobre um homem que leva três horas para morrer após a parte superior de sua cabeça ter voado devido a uma bala disparada a uma distância de vinte metros.

As tropas francesas estavam lutando em Artois, tentando penetrar nas trincheiras alemãs, mas o trabalho era em vão. Em 18 de junho, depois de uma selvagem luta corpo a corpo, pequenos avanços e colinas capturadas e perdidas, além de 18 mil baixas, a batalha terminou. Na frente Meuse-Argonne, outros 16 mil soldados franceses foram mortos ou feridos enquanto tentavam repelir um ataque alemão. Milhares de homens de ambos os lados foram suprimidos pela intensidade dos bombardeios de artilharia e pela severidade do combate de trincheiras. Entre os combatentes que “desapareceram” em Artois estava o romancista francês Jules Leroux. Tinha 34 anos de idade.

Em 27 de junho, Vera Brittain iniciou seu primeiro dia de trabalho como enfermeira num hospital britânico, cuidando de homens feridos trazidos da frente ocidental. Nesse dia, ela ouviu um comentário de um sargento escocês no hospital: “Iremos vencê-los, mas primeiro eles acabarão com nossos corações!” Num memorando escrito em 29 de junho, o general Pétain disse aos seus superiores que a guerra por meio de desgaste na frente ocidental seria ganha “pelo lado que possuir o último homem”. Em Londres, no mesmo dia, o governo britânico promulgou a Lei de Registro Nacional, um primeiro passo na transição do serviço militar voluntário para o serviço militar obrigatório. O exército de voluntários de Kitchener, que se juntava às tropas regulares na frente ocidental e em Galípoli, atingira 2 milhões de homens, mas ficou claro, no final de 1915, que nem mesmo esse número era suficiente. Nessa semana, o número de soldados franceses em armas chegou a 5 milhões. Para proteger os homens colocados na frente, continuavam sendo fornecidos novos dispositivos a todos os exércitos. Para os soldados franceses, o mais importante era o capacete de aço, mas nunca parecia haver peças suficientes. Em julho, foram produzidos 180 mil capacetes, mas em agosto foram feitos apenas 55 mil. Os capacetes de aço britânicos viriam pouco depois.

A guerra na frente ocidental concentrava-se em bombardeios estratégicos às trincheiras inimigas, bombardeios esporádicos e ataques ocasionais em pequena escala. Um ataque, feito pela 1ª Brigada de Fuzileiros de Londres, fez a linha britânica avançar setenta metros ao longo de uma frente de 275 metros. Entre os atacantes estava o fuzileiro Ernest Jones. Seu sobrinho, Nigel H. Jones, revisitou o local 67 anos depois e apontou que, de acordo com a história oficial britânica, a trincheira capturada estava “atulhada de alemães mortos e com cartas e embrulhos espalhados. Era evidente que o correio tinha acabado de chegar. Deviam estar na

metade de uma refeição, pois havia muito café quente, que foi avidamente tomado pelos atacantes, que, além disso, encheram-se de charutos”, completou ele. Um contra-ataque alemão foi rechaçado, mas a custo elevado. Ao fim do dia, tinham sido mortos mais de oitenta soldados britânicos, inclusive Ernest Jones.

Na Mesopotâmia, onde após a captura de Amara no início de junho pareceu que surgiriam possibilidades de uma série de vitórias britânicas, começaram a emergir graves dificuldades. Em 27 de junho, uma força combinada inglesa e indiana atacou a guarnição turca na Nassíria. Nesses dias, o calor, suportável três semanas antes, tornara-se forte demais, atingindo 45 graus centígrados. Mosquitos vorazes surgiram em profusão. Os canhões de campo turcos, como em Galípoli, mantiveram um fogo inesperado e preciso. Ainda assim, a Nassíria foi capturada e as forças turcas retiraram-se, mas rapidamente começaram a preparar uma nova posição defensiva em Kut. Enquanto os britânicos e os indianos preparavam-se para persegui-los, a doença começou a dizimar a capacidade de luta das tropas. Como escreveu um historiador dessa campanha, com o sol e o calor apareceram “agitação, ansiedade, má disposição e uma profunda depressão”.¹³ Mais tarde, um oficial britânico recordou uma cerimônia de sepultamento:

Dirigimo-nos para o cemitério, a cerca de 1.500 metros, às 6 horas da manhã. Na metade do caminho, um homem caiu com uma insolação; foi levado para o hospital, mancando e com contrações no corpo. Quando o corpo que enterrávamos estava sendo descido para a cova, um dos homens que segurava as cordas inclinou-se para a frente e caiu, desamparado, sobre o morto. Quando decidimos ir embora, outro homem caiu. Felizmente, tínhamos levado uma maca a mais e, junto com a maca em que havíamos levado o morto, pudemos regressar com os dois. Durante aquele trabalho, tínhamos enterrado um homem e perdido três.

Enquanto os homens sofriam com o calor, com a falta de medicamentos e até com a falta de vegetais frescos, apesar de uma entusiasmada notícia no *Times* afirmar que vegetais frescos chegavam regularmente de Bombaim, começaram a ser feitos planos para marchar sobre Kut.

Em Galípoli, Mustafa Kemal estava confiante em sua capacidade de expulsar as forças australianas e neozelandesas de Chunuk Bair para o mar. Em 28 de junho, dez dias depois da chegada de um novo regimento turco para a batalha, ele conduziu o ataque, mas o movimento foi repellido e o novo regimento, dizimado. Kemal apresentou um pedido de exoneração, mas foi persuadido pelo general Liman von Sanders a manter-se na luta, pois sua coragem era uma inspiração para os defensores do solo turco. Numa ocasião, enquanto uma bateria aliada bombardeava

sistematicamente uma linha turca de trincheiras, com projéteis que chegavam cada vez mais perto do local onde Kemal estava, ele recusou-se a mover-se, acendeu um cigarro e manteve-se na trincheira com seus homens. Os bombardeios voltaram-se para outro lado. Tinha nascido uma lenda.

Ainda em 28 de junho, forças britânicas colocadas no cabo Helles atacaram, na esperança de expulsarem os turcos que estavam em Krithia. Apesar de não terem conseguido chegar à aldeia, o flanco esquerdo da posição britânica, ao longo da ravina de Gully, avançou cerca de novecentos metros. Um batalhão britânico, ao entrar nas trincheiras turcas, encontrou um café da manhã de biscoitos e ovos cozidos à espera de ser consumido. Também houve um aprovisionamento de cigarros. “Uma descoberta mais horrenda foram os corpos de alguns homens dos Fuzileiros de Dublin, mortos em 27 de abril e que ainda aguardavam um enterro”, registrou um historiador do regimento.¹⁴

Vários contra-ataques turcos foram repelidos. Um grupo de soldados turcos conseguiu penetrar na linha e começou a escavar entre a frente britânica e a trincheira de apoio. Pareciam fazer sinais de que se renderiam, mas quando alguns soldados britânicos se dirigiram a eles, os turcos abriram fogo. Foram então atacados por todos os lados e derrotados.

A luta na península de Galípoli, tão valorizada pelas potências da Entente, atingiu um novo impasse, e temia-se agora que uma réplica da guerra de trincheiras na frente ocidental, que se pretendia que chegasse a um rápido fim, fosse reproduzida numa zona de guerra distante.

As Potências Centrais em ascensão

Junho a setembro de 1915

Em 13 de junho de 1915, na frente oriental, homens da cavalaria polonesa, lutando sob comando austríaco, mas impulsionados por aspirações nacionalistas, venceram os russos em Rokitna. Nove dias depois, tropas austríacas recapturaram a mais importante cidade da Galícia Oriental, Lemberg, e encararam a possibilidade de entrar na província russa de Volínia. Na frente polonesa, o Exército alemão tinha ganhos contínuos. Em 18 de julho, por exemplo, mais de 15 mil russos foram feitos prisioneiros em Krasnostav.

O pintor Oskar Kokoschka, ao chegar a Lemberg em 22 de julho, escreveu a um amigo:

Partirei pela manhã para me juntar ao regimento. São três dias de viagem. Agora faço parte de uma força de cavalaria alemã que irá para a Rússia! Não há trincheiras, mas reconhecimento, graças a Deus, e, o que é maravilhoso acerca da Rússia, a possibilidade de ganhar uma Cruz de Ferro. Ao longo do caminho, há muitas aldeias destruídas por fogo de artilharia, cemitérios, todos os campos de batalha famosos, cólera...

Na última semana de julho, o Estado-Maior russo distribuiu por todos os comandantes um relatório secreto sobre a propaganda bolchevique antibelicista, que, como se explicava, estava sendo ocultada em encomendas enviadas para as tropas. Um relatório do Exército russo reiterava que eram necessários esforços sobre-humanos para manter os homens nas trincheiras. Os alemães reconheceram, nesse descontentamento, uma forma de destruir a capacidade de luta de seu adversário. Em 27 de julho, o embaixador americano em Paris, James W. Gerard, reportou para Washington que os alemães “estavam escolhendo revolucionários e liberais entre os muitos prisioneiros de guerra russos, fornecendo-lhes dinheiro, passaportes e

documentos falsos e enviando-os para a Rússia, incentivando-os a fomentar uma revolução”. Em Petrogrado, em 30 de julho, o ministro da Guerra, general Poplivanov, avisou seus colegas ministros que a desmoralização, a rendição e a deserção estavam ganhando proporções gigantescas.

Não apenas na Rússia a continuação da guerra estava criando um espectro de mudança não desejado. Em 15 de julho, duas semanas antes do aviso de Poplivanov, Sir Edward Grey encontrara-se com o primeiro-ministro canadense, Robert Borden. “Contou-me com muita gravidade sobre os fardos impostos pela guerra”, escreveu Borden em seu diário. A continuação da guerra, na opinião de Grey, “resultará na queda de todas as atuais formas de governo”.

Nesse julho, os italianos saíram-se muito mal em suas frentes com a Áustria. Nas Dolomitas, os austríacos repeliram quinze ataques italianos. No Isonzo, depois de cinco dias de luta numa frente de 34 quilômetros, os italianos, apesar de uma superioridade de seis para um, sofreram pesadas baixas e avançaram menos de 1.500 metros. Nos montes sobre Gorizia, os austríacos repeliram-nos, fazendo 1.500 prisioneiros italianos. No Adriático, dois cruzadores italianos foram afundados por submarinos austríacos.

Os Aliados também estavam em dificuldade nos Dardanelos. Na península de Galípoli, tropas britânicas recusaram-se por duas vezes a avançar. Nos estreitos, um submarino francês perdeu-se nas defesas turcas.

Em 25 de julho, com um assalto alemão iminente, os russos evacuaram as fábricas em Varsóvia.¹ Na Armênia turca, tropas turcas haviam repellido o avanço russo ao longo de julho. Por trás das linhas, em Trebizonda, no mar Negro, entre 7 e 23 de julho, mais de 15 mil soldados turcos, irrompendo pela cidade predominantemente armênia, massacraram seus 17 mil habitantes, deixando apenas uma centena de sobreviventes. Ao mesmo tempo, mais para sul, na parte superior do Eufrates, milhares de armênios eram massacrados nas aldeias em torno de Muş. As notícias desses massacres causaram indignação nas potências da Entente; em Londres, a Câmara dos Lordes debateu-os e denunciou-os em 6 de setembro. Porém, conforme a guerra continuava, eram abandonados constrangimentos anteriores. A Grã-Bretanha, por exemplo, preparava-se para utilizar gás venenoso na ofensiva seguinte, e o Kaiser, sob pressão do chefe do Estado-Maior alemão, Bachmann, revogou, em 20 de julho, sua ordem anterior sobre não bombardear áreas residenciais em Londres. A partir desse momento, só seriam poupados edifícios que tivessem “interesse histórico”.

No distante sudoeste africano alemão, houve uma vitória da Entente em 9 de

julho, quando forças sul-africanas receberam a rendição dos alemães que ali se encontravam. Dezesseis dias depois, a África do Sul anexou o território, de tal forma que, menos de um ano depois do início da guerra, os despojos já estavam sendo distribuídos. Na Europa, sem entrar na guerra ao lado das Potências Centrais, a Bulgária assinou um tratado secreto com a Alemanha e a Áustria em 17 de julho, garantindo a promessa de 1.500 quilômetros quadrados de território turco na Trácia. Além disso, começou a pressionar no sentido de conseguir mais ganhos, incluindo as províncias sérvias e gregas da Macedônia e a região costeira romena da Silistra.

Em Berlim, em 27 de julho, a Liga da Pátria Mãe deu seu apoio a uma declaração composta por 91 intelectuais alemães proeminentes, opondo-se a anexações territoriais e pressionando por um acordo de paz. Einstein estava mais uma vez entre os signatários. Também apoiou a liga quando o grupo distribuiu pelo correio uma antologia de declarações de vários pacifistas britânicos, entre os quais Bertrand Russell e George Bernard Shaw, mas isso foi demais para as autoridades alemãs. Os ofícios da liga foram apreendidos e foi proibida qualquer outra publicação. Seus membros foram proibidos de estabelecer comunicação uns com os outros e duas secretárias foram detidas. Era o prelúdio da completa proibição de existência da liga.

Na sequência dos fracassos em Neuve Chapelle em março e nas colinas de Aubers em maio, o novo governo britânico, com membros de todos os partidos, mas ainda liderado por Asquith, estava determinado a fazer uma nova ofensiva na frente ocidental. Os conservadores, que não faziam parte do governo desde 1905, haviam passado a ser membros de conselhos internos da guerra, que então decidiram tentar um grande avanço nesse outono. Num encontro anglo-francês em Calais, em 6 de julho, em que o ministro francês da Guerra, Alexandre Millerand, e o primeiro-ministro britânico, Asquith, foram os principais políticos presentes, essa estratégia foi coordenada. No dia seguinte, no quartel-general de Joffre, em Chantilly, Sir John French concordou que a situação estratégica exigia uma ofensiva, comprometendo-se até o limite dos seus meios. Porém, Kitchener, que estava presente no encontro em Calais, escreveu de forma mordaz ao chefe do Estado-Maior imperial, Sir William Robertson: “Joffre e Sir John disseram-me, em novembro, que empurrariam os alemães até a fronteira. Deram-me as mesmas garantias em dezembro, em março e em maio. O que eles fizeram? Os ataques têm custos elevados e não levam a nada.”

Sem ofensivas não podia haver uma vitória rápida, e, contudo, Lloyd George declarou, em 17 de julho, que “uma vitória demorada significa uma vitória com pegadas de sangue”. À semelhança do que dissera o recentemente nomeado ministro das Munições, Lloyd George apoiou a ideia de que as mulheres trabalhassem nas fábricas de munições para que se pudesse apressar o dia em que a vitória seria possível. No saliente de Ypres, antes ainda que o novo plano de ataque acordado em

Calais e em Chantilly pudesse ser posto em prática, houve combates ferozes entre os exércitos em confronto, em especial por uma cratera de mina em Hooge, criada durante um assalto britânico às trincheiras alemãs. Uma cratera como aquela era um excelente objetivo, proporcionando um abrigo para as tropas que a capturassem e um local de relativa proteção para atacar o inimigo com fogo. Numa tentativa de manter os britânicos fora da cratera, que se encontrava da linha de frente germânica, os alemães utilizaram seu receado morteiro pesado, o *Minenwerfer*, conhecido pelos britânicos por Minnie ou Minnie Chorona.

Um oficial britânico presente em Hooge quando o ataque teve início, em 29 de julho, tenente G. V. Carey, recordou mais tarde:

Foi a situação mais alarmante que nossos companheiros enfrentaram. Além do número de pessoas que voaram em pedaços, as explosões foram tão aterrorizantes que qualquer pessoa num raio de cem metros poderia vir a perder a razão algumas horas depois, e o 7º Batalhão foi obrigado a enviar para a linha vários homens que se encontravam num estado de atabalhoamento ininteligível.

Nenhum soldado envolvido no ataque, desde o bosque de Zouave à cratera de Hooge, tinha estado naquela parte da linha. Estavam totalmente desordenados quando os alemães, em 30 de julho, usaram lança-chamas pela primeira vez, enviando jatos de combustível ardente contra eles. “De repente, houve um som como um silvo, e um clarão carmesim sobre a cratera tornou a cena totalmente vermelha”, recordou o tenente Carey. “Quando olhei, vi três ou quatro jatos de chamas, como uma linha de poderosas mangueiras que jorravam fogo em vez de água, atravessando minha trincheira.” Os homens apanhados pelo jato de fogo “nunca mais foram vistos”.

As trincheiras alemãs seriam novamente atacadas nessa mesma tarde. “É uma questão de caridade assumir que o Estado-Maior, de sua posição 25 quilômetros atrás, está mal informado sobre a posição real”, comentou Carey. “Às 15 horas, os quatro batalhões saíram das trincheiras, dirigindo-se ao topo, e foram varridos por um inimigo cujas metralhadoras nem tiveram tempo de localizar, nas quais nossa fraca preparação de artilharia não tinha causado qualquer consequência. Muitos homens ficaram presos no nosso próprio arame farpado e creio que nenhum avançou mais de cinquenta metros além da orla do bosque.”

Nesse verão, o impasse no ocidente contrastava com as movimentações no leste. Há uma imagem da luta numa carta que Kokoschka enviou a um amigo quando estava na frente da Galícia, em que descreve o que aconteceu em 5 de agosto: “Ontem, tive muita sorte por escapar com vida, porque os cossacos não têm misericórdia quando

nos pegam!”, escreveu o pintor e soldado de cavalaria.

Eu e uma patrulha estávamos emboscados nas intermináveis florestas e pântanos que existem por aqui. Perdemos mais da metade dos nossos homens na luta corpo a corpo. Todos pensavam que tinha chegado nosso último momento. Foi pura sorte dois ou três entre nós termos conseguido escapar, e eu tive ainda mais sorte porque meu cavalo estava fraco e, para piorar, mancava!!!! Houve uma perseguição de vida ou morte, com o primeiro dos brutos apenas dez passos atrás de mim, sempre disparando e gritando “Urrah! Urrah!”. Eu sentia a lança dele no meu fígado. Utilizei o sabre para açoitar meu cavalo até o limite e mal consegui chegar à minha unidade. Você precisava ver como eles me respeitam!

Em 5 de agosto, o Exército alemão entrou em Varsóvia. Depois de quase um ano de guerra, outra grande cidade europeia era ocupada. Pela primeira vez desde 1815, a Rússia não tinha o controle da capital polonesa, o que era um sinal de triunfo para as Potências Centrais. Agora, os alemães se concentrariam num antigo objetivo, a Finlândia, província russa desde que os suecos tinham sido expulsos do território em 1808. Em 8 de agosto, o Kaiser autorizou a formação de um batalhão de 2 mil homens a serem recrutados inteiramente entre os finlandeses, que lutariam contra a Rússia na frente oriental. “O recrutamento para esse batalhão começou e constitui um entre os mais emocionantes capítulos da história recente da Finlândia”, recordou mais tarde o líder nacional finlandês Gustav Mannerheim. “Era evidente que tudo precisava ser feito no maior sigilo num país entranhado de policiais russos.” Os recrutas viajavam clandestinamente da Finlândia para a Alemanha. Centenas de finlandeses, acusados de ajudar os recrutas a fugirem, foram presos em Petrogrado. Contudo, nove meses depois, o batalhão entrava em ação.

Enquanto as forças alemãs avançavam a leste de Varsóvia, o Exército russo recuava, mantendo apenas o forte de Novogeorgievsk, na confluência dos rios Vístula e Bug, para retardar o avanço alemão. Porém, quando sua guarnição de 90 mil homens foi cercada, o Exército alemão continuou seu avanço para leste. Para manter Novogeorgievsk, foram reunidos 80 mil soldados alemães, essencialmente de unidades que não estavam na linha de frente. Para destruir o forte, cujos baluartes e fortificações exteriores tinham sido reforçados em 1891, foram novamente utilizados os obuses austríacos que tinham sido tão eficazes na Antuérpia em outubro de 1914, incluindo seis canhões de 400 milímetros, sob o comando do vencedor da Antuérpia, general Beseler.

O cerco a Novogeorgievsk começou em 10 de agosto, e o bombardeio, poucos dias depois. A fortaleza rendeu-se em 20 de agosto, quando os alemães fizeram 90 mil prisioneiros, incluindo 30 generais.

Entre os terríveis combates no campo de batalha, o perigo do dia a dia nas trincheiras e as horríveis privações nos campos de prisioneiros, muitos oficiais ainda conseguiam, em todos os exércitos, ter acesso a certas coisas a que estavam habituados. Oficiais britânicos na frente ocidental podiam encomendar cestas especiais, organizadas pela loja Harrods, e assim conseguir regularmente alimentos especiais e outros artigos. Era até possível convencer amigos a ajudarem. Oskar Kokoschka tentou conseguir alguns itens a mais naquele outono, pedindo ao seu patrono artístico em Viena que enviasse uma encomenda para a frente oriental, incluindo os seguintes itens:

- 6 pares de meias marrons e grossas, que não sejam de lã
- 300 cigarros bons (fortes)
- 1 conjunto de roupa íntima de seda ou semelhante
- 1 garrafa de brandy ou uísque (e copo)
- 1 lata grande de biscoitos Kösten
- 5 latas de sardinhas
- 1 boa lanterna com 5 pilhas sobressalentes
- 6 frascos de guloseimas variadas
- 3 frascos de doce em conserva
- 1 escova de roupa
- 1 lata de cera para peles
- 1 caixa de bombons Sarotti

“Se não couber num pacote comum, por favor faça dois ou três”, acrescentou Kokoschka. “Preciso de tudo. Uma vez mais, peço, por favor, que seja o mais rápido possível.”

Em 6 de agosto, numa tentativa de quebrar as defesas turcas em Galípoli e de permitir que os navios aliados forçassem sua passagem através dos estreitos, forças britânicas substanciais desembarcaram numa nova praia na baía de Suvla. O objetivo do novo desembarque era fazer uma ligação com as posições de Anzac, ao sul, e expulsar os turcos das colinas de Chunuk Bair e até do mais elevado monte Koja Chemen Tepe, ligado às colinas por um contraforte.

Para afastar as tropas turcas daqueles terrenos elevados, foram planejados dois ataques de diversão. O primeiro seria no terreno acidentado acima da enseada de Anzac Cove, onde os australianos tinham penetrado nas trincheiras turcas em Lone Pine, numa das mais duras batalhas ocorridas na península. As consequências desse embate foram a atribuição de sete cruzeiros Vitória por valentia e 1.700 atacantes mortos ou feridos. Quando os australianos consolidaram suas novas trincheiras, foi preciso retirar mais de mil corpos de turcos para sepultamento. Outros 4 mil turcos

foram mortos ou feridos.

No segundo ataque de diversão, no cabo Helles, a aldeia de Krithia e as colinas de Achi Baba constituíram novamente objetivos, mas o ataque foi repellido pelos turcos, cujo número de baixas nesse dia, entre mortos e feridos, chegou a 7.510. Houve 3.480 baixas britânicas. Entre os britânicos em ação estava o segundo-tenente George Horridge, que tinha sido atingido por um tiro nas costelas na batalha de junho, quando tentava socorrer um homem ferido. Ao regressar do hospital, no Egito, a tempo da batalha de agosto, ele lutou com uma bengala numa mão e uma pistola na outra. Nessa noite, um projétil caiu em sua trincheira, ferindo-o mais uma vez.

O ataque no cabo Helles tinha como objetivo chamar a atenção das tropas inimigas para permitir um novo desembarque ao norte, na baía de Suvla, que foi bem-sucedido. Tropas australianas, neozelandesas, indianas, gurkhas e britânicas desembarcaram, derrotaram os defensores turcos e atravessaram a planície costeira em direção às colinas. Então, os generais hesitaram, surpreendidos com um avanço tão rápido. Em suas mentes, marcadas pela guerra da frente ocidental, as “vitórias” eram avanços de cem metros. Um avanço de oitocentos metros praticamente sem oposição era bastante estranho. Grande parte da força ficou perto da praia, onde muitos homens aproveitaram o inesperado momento para nadar e relaxar, mas, para alguns, essa hesitação se mostraria decisiva e desastrosa.

Mais ao sul, a partir das linhas australianas da enseada de Anzac, 16 mil homens avançaram para norte durante a noite de 6 de agosto, seguindo ao longo da praia em direção à baía de Suvla e depois para o interior, com a intenção de atingirem o cume do monte Kojia Chemen Tepe. Nesse momento, o coronel Kannengiesser atingiu Kojia Chemen Tepe. Tinha sido destacado antes, com uma divisão turca, para ajudar a repelir o ataque em Lone Pine, mas, tendo percebido que não fazia falta ali, dirigira-se mais para norte, para uma zona de batalha onde era mais necessário. Dali, viu, à luz da madrugada, uma coluna australiana subindo a inclinada colina, ainda trezentos metros abaixo. Tendo seguido apressadamente à frente de seus homens, Kannengiesser tinha consigo apenas vinte soldados e ordenou-lhes que se deitassem no chão e disparassem. Os atacantes, crendo tratar-se de uma força substancial, deitaram-se no chão, abrigaram-se e prepararam-se para defender sua posição na encosta. Durante o dia, o general Liman von Sanders ordenou que dois regimentos de reserva se dirigissem ao cume e, por fim, Kojia Chemen Tepe foi tomado.

Mais ao sul, ao longo do desfiladeiro, um batalhão neozelandês atingiu o cume de Chunuk Bair sem enfrentar oposição. Quando chegaram à crista, os neozelandeses encontraram uma única metralhadora turca e sua equipe de homens a dormir. No entanto, as tropas turcas que estavam em ambos os lados, na Colina Q e na Colina Battleship, abriram fogo para evitar que chegassem reforços e para expulsar os neozelandeses que tentavam desalojá-los. Um contingente maori, incapaz de

responder à intensidade do fogo turco, tentou abrigar-se num barranco próximo.

Em 9 de agosto, uma pequena força de tropas britânicas e gurkhas atingiu o cume de Koja Chemen Tepe, repelindo um contra-ataque turco com uma carga de baioneta. Os homens estavam quase conseguindo fazer com que os turcos descessem a encosta mais afastada quando canhões navais britânicos, desconhecendo que o cume estava em mãos aliadas, abriram fogo, atingindo os atacantes e obrigando-os a recuar.

Durante o dia, as tropas neozelandesas que mantinham o cume de Chunuk Bair foram atacadas por turcos comandados por Mustafa Kemal, mas contra-atacaram, deixando os turcos momentaneamente confusos. O Estado-Maior de Kemal sugeriu que recuassem, descendo a encosta leste, mas Kemal, recentemente promovido a coronel e a quem fora atribuída a Cruz de Ferro de Primeira Classe pelos alemães, incitou-os, e aos seus homens, a defenderem sua terra natal.² “Não se apressem, meus filhos”, disse ele enquanto caminhava ao longo das trincheiras turcas. “Não se apressem. Nós escolheremos exatamente o momento certo e eu irei à frente. Quando me virem levantar a mão, chequem se têm as baionetas fixas e afiadas e sigam-me.” Os homens esperaram.

Também enfrentaram os turcos em Chunuk Bair os homens que tinham acabado de libertar os neozelandeses, membros de dois batalhões do novo exército de Kitchener, o 6º Loyal North Lancashire e o 5º Wiltshire. Os dois grupos nunca tinham entrado em ação. Do outro lado da colina formavam-se seis batalhões turcos. Às 4h45 da manhã de 10 de agosto, Kemal deu o sinal, erguendo a mão, para seus homens seguirem em frente. Os turcos correram para os defensores com suas baionetas. Todos os homens do 6º Loyal North Lancashire foram mortos à baioneta. Os homens do 5º Wiltshire, que por um incrível azar estavam descansando num vale imediatamente abaixo, tendo largado seus rifles e seus equipamentos, não puderam fazer mais do que correr.

Os turcos desceram rapidamente a colina, com a intenção de expulsar permanentemente os britânicos, mas, nesse momento, operadores de metralhadoras neozelandesas, num contraforte próximo, abriram fogo, obrigando a ala esquerda do avanço turco a parar. A ala direita, tendo chegado a um pequeno planalto conhecido como A Fazenda, lutava corpo a corpo com homens da 38ª Brigada, outra tropa do novo Exército. Mais da metade dos soldados britânicos morreram ou ficaram feridos; os sobreviventes recuaram. Entre os mortos, estava o comandante de brigada A. H. Baldwin e seu superior, ambos caídos na linha de frente. A história oficial britânica diz: “Os turcos, exaustos demais para perseguirem os Aliados, e fracos demais para sequer se manterem onde estavam, tinham retirado para o principal contraforte. O planalto chamado de A Fazenda, desejado por ambos os lados, foi conquistado por moribundos e mortos.”

Retirando-se para o cume, os turcos mantiveram a posse de Chunuk Bair. A linha

britânica estava muito mais abaixo do que estivera antes da batalha de agosto, mas ainda dentro dos limites da parte ocidental da península. Durante algum tempo, as tropas aliadas tinham visto as águas dos estreitos brilhando abaixo, mas nunca mais as viam. Os objetivos britânicos estabelecidos em 6 de agosto jamais foram atingidos. Kemal foi promovido a general.

Na baía de Suvla, os desembarques bem-sucedidos de 6 de agosto foram seguidos por três dias de inércia e lutas descoordenadas. Vinte e cinco batalhões britânicos estavam em terra na manhã de 7 de agosto. “Há lutas duras nos Dardanelos”, escreveu o almirante Tirpitz em seu diário naquele dia. “Obviamente, a situação é crítica. Se o estreito cair, a guerra mundial ficará decidida contra nós.”

Durante a manhã de 7 de agosto, apenas três batalhões turcos estavam a caminho para reforçar as pequenas unidades que ainda estavam em ação em Suvla. A maioria dos canhões e artilharia tinha sido retirada para evitar uma captura. A cerca de oitocentos metros do local onde decorria uma pequena ação, seis batalhões de britânicos estavam sentados sem fazer nada. “Tínhamos a sensação de que os líderes britânicos haviam passado tempo demais nas praias em vez de avançarem, a todo o custo, a partir dos pontos de desembarque”, escreveu o general Liman von Sanders.

O historiador oficial britânico e comandante de brigada Aspinall-Oglander, que também havia desembarcado na baía de Suvla no terceiro dia, foi ainda mais severo. Para ele, devido à “hesitação e adiamento em 7 e 8 de agosto, as vantagens conseguidas com a surpresa dos desembarques em Suvla tinham sido desperdiçadas. O 9º Corpo tinha desperdiçado tempo demais. A possibilidade de atingir terrenos mais elevados de forma fácil desvaneceu-se. Tratava-se agora de uma luta entre forças equiparáveis, com as tropas britânicas em campo aberto, em planícies batidas pelo sol, e os turcos na posse de todos os pontos vantajosos. Além disso, eles eram claramente superiores, tanto em escaramuças como no uso de rifles, aos jovens soldados do novo exército, que haviam acabado de chegar da Inglaterra; sem o elemento-surpresa, havia poucas possibilidades, com números equivalentes, de um sucesso britânico”.

Em 9 de agosto, tropas britânicas na baía de Suvla conseguiram capturar a colina Cimitarra, no sopé da cadeia de Chunuk Bair, mas foram repelidas e tiveram de retirar-se em confusão para as praias, “como uma multidão saindo de um jogo de futebol”, descreveu um oficial em seu diário. Os turcos avançaram rapidamente ao longo da planície. O tenente-coronel H. G. A. Moore foi ferido com uma baioneta após se render e morreu pouco depois. Outro oficial, o major F. W. Brunner, que tinha levado um tiro no calcanhar ao descer a colina, foi também morto a sangue-frio.

O primeiro cidadão da Terra Nova a ser morto em combate na Primeira Guerra

Mundial também estava na baía de Suvla. O mais recente historiador da contribuição dos cidadãos da Terra Nova durante a guerra, David Macfarlane, escreveu:

O soldado Hugh McWhirter não fez nenhum ataque corajoso. Não pronunciou belas palavras finais. Simplesmente estava ali, ensurdecido pelo ruído das explosões de artilharia; um rapaz aterrorizado, num uniforme que não lhe servia, enfiado numa trincheira da frente perto da colina de Karakol Dagh. De repente, foi feito em pedaços vermelhos de uniforme cáqui e de carne, destruído por um projétil turco vindo de lugar nenhum. Num instante, tinha partido, e aqueles que estavam atrás dele na estreita trincheira ficaram atordoados. Sujos de estilhaços, terra e intestinos, descobriram o que seria guerra.

Nos quatro dias de batalha da baía de Suvla e Chunuk Bair, lutaram 50 mil soldados britânicos, australianos e neozelandeses, entre os quais 2 mil foram mortos e 10 mil ficaram feridos. Mais de 22 mil doentes e feridos foram levados para fora da península, por mar, para hospitais no Egito e em Malta. Em 13 de agosto, os hospitais militares estavam totalmente cheios, mas houve um novo assalto. Tropas que atacaram a partir de posições avançadas na baía de Suvla chegaram à colina de Anafarta, abaixo da colina Tekke Tepe, de 270 metros de altitude, parte de Chunuk Bair, mas aí estacionaram, não querendo, como tinha sucedido uma semana antes, avançar até onde pudessem.

Um oficial do Estado-Maior foi em frente para ver o que tinha acontecido. “Encontrei a 53ª Divisão numa linha de trincheiras pouco profundas, com homens perto do parapeito e até cozinhando em frente das trincheiras”, reportou ele mais tarde. “Não se faziam quaisquer preparativos e havia uma sensação geral de inatividade. Fiquei espantado, pois tratava-se da linha de frente. Não se avistavam trincheiras nem tropas turcas e apenas se ouviam bombardeios e tiros isolados. Enquanto ali estive, descobriu-se que alguns soldados escondidos em trincheiras e em bosques à nossa esquerda, que durante dias julgou-se tratar-se de turcos, eram britânicos.”

Nas 24 horas seguintes, a recentemente constituída 5ª Divisão turca, comandada por um oficial alemão, o major Willmer, contra-atacou, repelindo os britânicos.

Em 14 de agosto, em Londres, Kitchener leu o relatório do general Ian Hamilton sobre os desembarques na baía de Suvla e ficou indignado com o relato de Hamilton sobre a relutância dos comandantes em avançarem na fase inicial e com as deficiências reveladas, como o fato de a 53ª Divisão (Territorial de Gales) ter desembarcado sem nenhuma artilharia, sem mantimentos e com o apoio de uma

única ambulância. “Estou tomando providências para substituir esses generais por verdadeiros combatentes”, escreveu Kitchener a Churchill nesse mesmo dia. Dois dias depois, o general Stopford, que comandava o 9º Corpo, e outros dois generais de divisão — o general Hammersley, comandante da 11ª Divisão, e o general Lindley, comandante da 53ª Divisão — foram destituídos de seus comandos. O general Mahon, comandante da 10ª Divisão (irlandesa), apresentou sua renúncia, porém mais tarde comandaria o Exército de Salonica.

“Todos nós estamos tentando entender o que se passou com aqueles homens e a razão por que mostraram tão extraordinária incapacidade de empreendimento”, escreveu Jack, que estava no Estado-Maior de Ian Hamilton, ao seu irmão, Winston Churchill, após a batalha.

Eles não são covardes — fisicamente, são um corpo de homens tão bom como se vê no Exército regular. Creio que em parte deveu-se ao treinamento que tiveram. Nunca tinham visto um tiro ser disparado. Durante um ano, foram soldados e só lhes ensinaram a guerra de trincheiras. Foi-lhes dito que escavassem por todos os lados e estavam à espera de encontrar o inimigo a uma distância de cem metros. Ao lerem histórias sobre a guerra, aprenderam a encarar um avanço de cem metros como um assunto da maior importância.

Jack Churchill continuou a explicar:

Desembarcaram e avançaram um quilômetro e meio, julgando que tinham feito uma coisa maravilhosa, mas não tinham um roteiro que deveriam seguir e não havia tropas que indicassem o que devia ser feito. Pareciam não saber o que fazer. Deveriam continuar até tão longe? Poderiam ficar isolados ou dirigir-se para uma armadilha? Era uma bala ocasional de um único atirador ou era uma trincheira escondida, com homens e rifles à espera? (...) A 10ª e a 11ª não tinham referências. Demonstraram uma extraordinária ignorância. Um projétil explodiu perto de um grupo de trabalho, talvez a 1.500 metros de distância. Oficiais e homens interromperam o trabalho para esconder-se atrás das pequenas rochas da praia, onde deitaram-se no chão, protegendo-se! Uma mina terrestre explodiu e todos os homens que estavam por perto deitaram-se no chão, pensando que estavam sendo atingidos! Eu soube que a 53ª não foi melhor. Alguns tiros fizeram-nos recuar das Colinas do Chocolate! Não resta mais às pessoas do que acusar os oficiais superiores, mas não há dúvida de que aquelas divisões estavam completamente fora de controle.

John Hargrave, que servia numa unidade de ambulâncias em Suvla, recordou a

disposição dos homens quando chegaram notícias do afastamento dos generais justamente quando havia sido ordenado um novo assalto na colina de Kiretch Tepe, por sobre o golfo de Saros. Para Hargrave, os homens estavam “sem comando e perdidos no meio da batalha, sonhando em fazer as malas e ir para casa”. Muitos desses soldados “estavam num estado de total desânimo — muitos pareciam alheios e traumatizados pela guerra — e não estavam em condições de combater sob fogo, mas, evidentemente, tinham de ‘recompor-se’”.

À medida que os turcos negavam aos Aliados a vitória na península de Galípoli, seus aliados continuavam fazendo estragos no mar e em terra. Em 13 de agosto, um submarino alemão afundou o *Royal Edward*, um navio de transporte de tropas aliadas, de 11 mil toneladas, perto da ilha de Cós, no Dodecaneso, afogando 1.865 soldados. Na frente oriental, em 17 de agosto, depois de um bombardeio de 1.360 canhões, incluindo canhões navais de 400 milímetros, e o disparo de 853 mil projéteis, as forças alemãs capturaram a cidade-fortaleza de Kaunas.³

O comandante russo do forte, general Grigoriev, não tinha conseguido destruir o único túnel ferroviário entre Oostende e Petrogrado, e tinha deixado intacta a ponte sobre o rio Neman. Dizia-se dele que nunca saía de seu refúgio a não ser à noite e que abandonara a fortaleza antes da queda, sem dizer nada ao chefe do Estado-Maior. Por fim, foi julgado em tribunal marcial e condenado a oito anos de trabalhos forçados. Nos armazéns militares de Kaunas, os alemães apossaram-se de milhões de latas de carne em conserva, o principal abastecimento dos russos, e puderam alimentar suas próprias tropas. Mais ao sul, as forças germano-austriacas aproximavam-se da fortaleza de Brest-Litovsk, fazendo as forças russas recuarem para o rio Bug.

Notícias do sofrimento dos russos em sua retirada para o rio Bug foram reportadas ao general Gourko, que estava na Galícia:

Homens que lutaram em várias guerras e em muitas batalhas sangrentas disseram-me que nenhum dos horrores dos campos de batalha pode comparar-se ao terrível espetáculo de êxodos sem fim de uma população que não sabe o objetivo da movimentação nem o local onde finalmente poderá ter algum repouso, alimentação e abrigo. A tão terríveis condições acresceram as preocupações das tropas, em especial o transporte ao longo de caminhos tomados por uma onda humana desorganizada. Muitas vezes, nossas forças tiveram de parar e intervir na retaguarda apenas para conseguir espaço para a passagem das tropas (...) Só Deus sabe o sofrimento que houve ali, quantas lágrimas foram derramadas e quantas vidas humanas foram dadas como vítimas do inexorável Moloch da guerra.

A condição dos soldados russos alastrava um grande descontentamento entre todos os seus exércitos. Também cresciam os campos de prisioneiros de guerra por todas as regiões conquistadas pelos alemães. Em 17 de agosto, dia da queda de Kaunas, o número de prisioneiros de guerra russos atingiu 726.694 nos campos alemães e mais 699.254 nos campos austríacos, num total de 1.425.948 russos em cativeiro.⁴ As condições de cativeiro podiam ser muito severas. Na primavera e no verão de 1915, houve uma epidemia de tifo entre os russos que estavam no campo de prisioneiros de Gardelegen. De 11 mil prisioneiros, morreram trezentos. Em agosto de 1915, o tifo propagou-se tão rapidamente no campo de Wittenberg que a administração alemã abandonou os 15 mil prisioneiros de guerra russos, britânicos e franceses ao seu destino, cercando as grades do campo com metralhadoras e cães. Apenas uma efusão de crítica neutras levou a direção alemã a regressar ao campo e a melhorar as condições do local.

Em 18 de agosto, um mês depois de estudar as possibilidades de sucesso de uma ofensiva britânica na frente ocidental, lorde Kitchener visitou o quartel-general do 1º Exército na França e disse a Haig que, para irem em auxílio da Rússia, a Grã-Bretanha e a França deviam “agir vigorosamente” na frente ocidental. À semelhança do que havia acontecido com o apelo russo por ajuda no final de 1914, que constituiu um catalisador para o ataque anglo-francês nos Dardanelos no início de 1915, as perdas russas na frente oriental naquele agosto constituíram um catalisador para uma nova ofensiva no ocidente. Kitchener disse a Haig, que sublinhou suas palavras em seu diário, que “precisamos atuar com toda a nossa energia e fazer tudo o que for possível para ajudar a França, mesmo que, ao fazê-lo, tenhamos baixas muito pesadas”.

As contínuas perdas russas no leste, que culminaram, em 19 de agosto, com a rendição de 90 mil oficiais e soldados em Novogeorgievsk, tornou ainda mais justificável e urgente o apelo de Kitchener por uma nova ofensiva no ocidente. Winston Churchill, que esteve com Kitchener no Ministério da Guerra, em Londres, nessa semana, recordou:

[Ele] olhou para mim de lado, com uma expressão estranha no rosto. Percebi que ele tinha alguma coisa muito importante a dizer e fiquei à espera. Depois de uma apreciável hesitação, disse-me que tinha concordado com os franceses em desencadear uma grande ofensiva na França. Eu disse-lhe imediatamente que não havia qualquer possibilidade de sucesso. Ele disse que a escala restauraria tudo, incluindo, evidentemente, os Dardanelos. Ele tinha um ar de animação camuflada, como um homem que tomou uma importante decisão de forma terrivelmente incerta e que está prestes a pô-la em prática.

O ataque britânico foi planejado para fins de setembro e teria início em Loos. Em 21 de agosto, Churchill estava presente numa conferência realizada em Margate, convocada pelo primeiro-ministro canadense, Robert Borden. Durante o encontro, Borden perguntou quando o fornecimento de munições seria suficiente. As opiniões diferiram: Bonar Law respondeu que seria “em cerca de cinco meses”, mas Churchill pensava que não seria “antes da metade do próximo ano”. Apesar desse aviso, a conferência decidiu que a ofensiva seria mesmo realizada.

As estratégias de guerra eram sustentadas tanto pela necessidade prática no campo de batalha como pelo fervor patriótico. E isso era verdade em todos os países beligerantes. “Devo confessar que estou profundamente desapontado com o pouco entusiasmo nacionalista entre os homens de grande estatura”, escreveu Albert Einstein em agosto, de Berlim, a um colega físico que estava na Holanda: “Se, além disso, se reconhece que àqueles que estão bem-informados e possuem o poder de atuar falta compaixão humana, torna-se aparente quão triste é aquilo que é adorado como ‘pátria mãe’. As fronteiras pouco importam; o mesmo acontece por todos os lados.”

Em Berlim, o Reichstag votou, em 20 de agosto, a proposta de dar ao governo todo o dinheiro extra de que necessitasse para a guerra. Apenas o deputado Karl Liebknecht votou contra, exigindo também negociações de paz imediatas. Sem que soubesse, o governo alemão tinha proposto uma paz com a Rússia, no entanto com a garantia de ganhos territoriais para a Alemanha, retirados de terras já capturadas, o que deixaria o país livre para concentrar todo o seu poder bélico em derrotar a Grã-Bretanha e a França. O governo russo respondeu que não poderia haver paz enquanto um único soldado alemão ou austríaco estivesse em solo russo. Mais 2 milhões de homens estavam em vias de ser convocados para o Exército russo.

Contudo, o avanço dos exércitos austro-germânicos era inexorável. No final de agosto, os russos foram forçados a abandonar a fortaleza de Brest-Litovsk, a cidade industrial de Białystok e a cidade de Lutsk, onde foram feitos prisioneiros 7 mil soldados russos. Entre os oficiais alemães mortos na luta estava um poeta da guerra, o capitão August Stramm.⁵

Desde o afundamento do *Lusitania*, tinha havido, nos Estados Unidos, uma série de irados protestos pela perda de vidas de americanos, mas isso não conduziu a uma declaração de guerra à Alemanha. Nem a morte de três cidadãos americanos que estavam a bordo do *Arabic*, um transatlântico desarmado da White Line, torpedeado sem aviso pelo submarino alemão U-24 no mar da Irlanda em 19 de agosto, com a perda de 44 passageiros, acelerou a entrada dos Estados Unidos na guerra.⁶

Houve outro incidente no mar, ainda nesse dia, depois de um submarino alemão, o U-27, ter disparado contra o cargueiro a vapor *Nicosian*, que transportava uma carga de mulas de Nova Orleans para a Inglaterra. Um couraçado britânico, o *Baralong*, fingindo ser um barco mercante que navegava sob a bandeira dos Estados Unidos, aproximou-se do U-27. Arriando a bandeira americana e hasteando as cores britânicas, o navio, que tinha a bordo dois canhões e um pelotão de fuzileiros da Marinha, abriu fogo contra o U-27. Doze membros da tripulação do submarino saltaram para a água. Pensando, erroneamente, que esses marinheiros tinham afundado o *Arabic*, os fuzileiros abriram fogo. Seis alemães foram mortos enquanto estavam na água. Os seis sobreviventes conseguiram chegar à casa de máquinas do *Nicosian*, onde se refugiaram. Foram todos perseguidos e mortos pelos fuzileiros, tendo seus corpos jogados ao mar. O embaixador alemão em Washington protestou contra o mau uso da bandeira americana para “matar marinheiros alemães”, um ato que o secretário de Estado americano, Robert Lansing, descreveu como “chocante”.

Em 15 de agosto, houve outro assalto britânico às colinas detidas pelos turcos na baía de Suvla. Depois de oito horas, durante as quais os turcos foram rechaçados, um contra-ataque obrigou as tropas assaltantes a regressarem às suas trincheiras. Entre os atacantes estava o cabo Francis Ledwidge, o poeta irlandês que prestava serviço nos Fuzileiros Inniskilling, que escreveu a um amigo sobre a batalha:

Um homem à minha direita, que estava mortalmente ferido, disse: “Agora já não deve estar longe.” Eu comecei a pensar no que ele queria dizer, no que poderia já não estar longe. Depois, pensei que era a morte e não pude parar de repetir as palavras daquele homem que estava morrendo: “Agora já não deve estar longe.” Porém, quando os turcos iniciaram a retirada, dei-me conta da minha posição e, pondo-me de pé, atirei contra os homens que estavam perto de mim, que caíram como mato diante da foice.

Ledwidge acrescentou: “Era o inferno! O inferno! Nenhum homem achou que voltaria. Dos 250 componentes da Companhia D, só 76 regressaram.”

A carta de Ledwidge refletia o choque entre o inferno e a animação da guerra. “Por Deus, devia ver a bravura daqueles homens”, escreveu ele. “Cassidy, de pé numa colina, com o quepe em cima do rifle, gritava para os turcos que apareciam; maqueiros levavam tanto amigos como inimigos. Foi um horrível e grande dia. Eu não o perderia por nada neste mundo.” Alguns meses depois, Ledwidge recordou aquele dia e seus amigos irlandeses, muitos deles católicos romanos, que tinham sido mortos naquele dia, quando, tendo ficado ferido na Frente de Salonica, era levado para o hospital no Cairo. Um clérigo da Igreja da Inglaterra “parecia ter um grande interesse em mim e prometeu mandar-me um livro de poesia, mas, quando viu na

minha ficha que eu era católico romano, afastou-se de mim como se eu estivesse possuído pelo demônio. Nunca mais se aproximou de mim, mas esteve muitas vezes na enfermaria. Pergunto-me se Deus perguntou aos desgraçados se são católicos ou anglicanos quando chegaram a Ele depois da luta de 15 de agosto”.

Em 21 de agosto, os britânicos desencadearam um ataque final à baía de Suvla, mas os turcos estavam em posição, bem defendidos, bem armados e determinados a não ceder. Os principais objetivos eram as colinas mais baixas da cordilheira de Chunuk Bair, a colina 60 e a colina Cimitarra, que já havia sido atacada em 9 de agosto, quando os turcos não estavam tão bem defendidos. O oficial destacado para comandar o ataque preliminar à colina Cimitarra, tenente-coronel Sir John Milbanke, tinha ganho a Cruz Vitória na Guerra dos Bôeres. Depois de receber suas ordens no quartel-general da divisão, Milbanke dirigiu-se aos seus homens e disse-lhes: “Vamos tomar um reduto, mas não sei onde está e acho que ninguém sabe, mas, em todo o caso, temos de ir em frente e atacar quaisquer turcos que encontrarmos.” Os homens avançaram para a colina, com Milbanke a liderá-los, mas o tenente-coronel morreria na frente deles.

Durante o ataque à Colina 60, uma unidade australiana de 150 homens foi pega pelo fogo de metralhadoras turcas e 110 homens morreram ou foram feridos. Uma segunda unidade também foi detida e teve muitas baixas. Os homens feridos procuraram abrigo numa moita, mas os projéteis turcos a acertaram. A moita começou a queimar descontroladamente e muitos soldados morreram antes que pudesse chegar socorro. Dois homens, o reverendo A. Gillison e o maqueiro R. G. Pittendrigh, que tinha sido clérigo metodista na vida civil, avançaram para tirar os homens das chamas. Ao tentarem repetir um ato semelhante de socorro na manhã seguinte, ambos os homens morreram.

No ataque à colina Cimitarra, o comandante da 87ª Brigada, lorde Longford, conduziu seus homens pessoalmente, mas foi morto. O corpo nunca foi encontrado. Alguns soldados, tendo atingido uma posição imediatamente abaixo do cume, puderam olhar para trás, ao longo da planície, quase até a entrada dos Dardanelos, mas o cume mantinha-se em mãos turcas. O capitão William Pike, dos Fuzileiros Inniskilling, na reserva naquele dia, estava tão determinado a atingir o cume que pediu voluntários e seguiu em frente. Nem ele nem os outros regressaram. Outro oficial do Inniskilling, o capitão Gerald O’Sullivan, que tinha ganho a Cruz Vitória em Krithia menos de dois meses antes por um corajoso bombardeio estratégico às trincheiras turcas, incitou a uma nova tentativa de atingir o cume, pedindo “mais uma carga pela honra do regimento”. Cinquenta homens responderam ao seu chamado. Apenas um, um sargento ferido, sobreviveu. Os corpos de Pike e O’Sullivan nunca foram encontrados.

Outro homem que ficou gravemente ferido no ataque à colina Cimitarra, o soldado F. W. O. Potts, manteve-se na colina durante 48 horas para não abandonar um amigo que estava ferido demais para deslocar-se, mas que Potts não podia transportar. Utilizando uma pá para improvisar um trenó para seu amigo e puxando-o enquanto os turcos atiravam, Potts conseguiu chegar às linhas britânicas. Por esse ato de coragem, foi-lhe concedida a Cruz Vitória.⁷

O ataque à colina Cimitarra foi o último e, em comparação com os números envolvidos, o que teve mais baixas e menos sucesso na península de Galípoli. Dos 14.300 homens que tomaram parte no ataque, mais de 5 mil foram mortos ou feridos. As baixas turcas somaram apenas metade das britânicas. O general Liman von Sanders escreveria mais tarde sobre “a luta dura e sangrenta”.

Quatro divisões britânicas, apoiadas por canhões de quatro cruzadores, não tinham conseguido penetrar nas defesas turcas. “Não tenho outra possibilidade a não ser manter-me na defensiva”, telegrafou o general Ian Hamilton a Kitchener em 23 de agosto. Seis dias depois, desistiu-se até mesmo de um assalto planejado à colina 60. Porém, Kitchener disse aos seus colegas ministros naquele dia que “os turcos não podem durar muito tempo mais”. Era um desejo que teve um destino muito custoso, mas veio apenas nove dias depois de a Itália ter declarado guerra à Turquia: os italianos esperavam, como Kitchener, que a derrota do império otomano não só fosse iminente, mas cheia de promessas territoriais para os vencedores.

Foi enviado um novo general para Suvla, Sir Julian Byng, veterano da frente ocidental. O historiador oficial da campanha de Galípoli e comandante de brigada Aspinall-Oglander comentou: “Chegou o experiente piloto, mas o navio que devia ser conduzido ao porto já estava encalhado nas rochas.” Aspinall-Oglander, que serviu na península durante toda a campanha, também recordou um problema que nem mesmo o mais zeloso comandante poderia remediar. “A maior calamidade de que sofriam as tropas era uma forma de diarreia peculiarmente violenta. De modo geral, toda a força, desde o comandante-chefe, estava afetada por essa queixa, e os homens estavam tão fracos que poucos conseguiam andar a um ritmo mais acelerado”, escreveu ele.⁸

As posições dos Aliados eram observadas pelos turcos, em posições mais elevadas. Em 29 de agosto, um único projétil turco matou 113 mulas. Dois dias depois, o chefe do Estado-Maior de Byng, capitão Basil Brooke, escreveu para casa: “Estamos sendo bombardeados todos os dias e não temos para onde recuar, o que nos deixa com os nervos em frangalhos. Graças a Deus não são tão fortes como os boches, ou tão poderosos, mas mesmo assim são muito desagradáveis.” O próprio Byng, tendo examinado a situação, disse ao general Ian Hamilton que faltavam projéteis altamente explosivos para a realização de mais ofensivas britânicas. Hamilton não aceitou o argumento de Byng, que mencionara “padrões franceses de munições”, e comentou: “Sua estadia na frente ocidental deu-lhe uma visão

inflacionada da quantidade de armas, munições e projéteis de alto poder explosivo essenciais para ter sucesso, em especial com tropas que sofreram pesadas baixas.” Byng ainda não percebera “que se ficássemos à espera de abastecimentos nessa escala esperaríamos até o dia do Juízo Final”.

Outro contraste entre Galípoli e a frente ocidental foi mencionado por Basil Brooke numa carta que escreveu para casa. “Os turcos são verdadeiros cavalheiros. Nunca mandam disparar contra navios-hospital que estão na baía ou contra hospitais. São muito diferentes dos nossos amigos boches.” Contudo, mesmo em Galípoli, um ferimento não significava necessariamente atendimento num navio-hospital, cuidados médicos adequados e convalescença. Uma das vítimas da escassez de tratamento, no começo daquele setembro, foi um primo de Vera Brittain, que recordou posteriormente aquele momento:

Soubemos da primeira baixa na nossa família. Um primo da Irlanda, como viemos a saber, morreu devido a ferimentos depois de ter desembarcado na baía de Suvla; a ferida original de bala por trás da orelha não tinha sido grave, mas ele passou uma semana numa cama em Mudros, sem ser tratado, e já sofria de sepsia cerebral quando foi operado, tarde demais, por um ocupadíssimo médico no lotado *Aquitania*. Eu mal conhecia meu primo, mas foi um choque saber que estavam sendo desperdiçadas vidas devido à inadequação dos serviços médicos oferecidos no Mediterrâneo.

Como resultado do afundamento do navio de passageiros *Arabic*, os navios britânicos foram armados para defesa própria. A primeira embarcação turística a ser atacada foi o transatlântico *Hesperian*, que foi afundado em 4 de setembro, matando 32 passageiros. Seu adversário era o U-20, comandado pelo capitão Schwieger. Ele não sabia que o *Hesperian* transportava o corpo, só recentemente encontrado no mar, de um passageiro que estivera a bordo do *Lusitania*.

Na frente ocidental, os quatro meses e meio de calmaria entre a Batalha das Colinas de Aubers e a Batalha de Loos não foram tão calmos assim. Todos os dias, houve bombardeios, coragem, medo e mortos. O diário do capitão F. Hitchcock, do Regimento Leinster, menciona, em agosto, cenas da “estática” linha de frente do saliente de Ypres. A linha tinha sido recentemente estabelecida onde antes houvera uma luta feroz. Hitchcock escreveu sobre figuras em cáqui, da batalha precedente, penduradas no arame farpado, “em posições repugnantes”, de mortos britânicos na terra de ninguém, de mortos alemães nas trincheiras inglesas, da grama que restara “queimada por fogo líquido” e de homens que tinham sido atingidos pelo fogo esporádico da artilharia alemã enquanto esperavam que os maqueiros conseguissem chegar a eles e que, “atingidos pela segunda vez, eram mortos”.

Em 16 de agosto, as trincheiras de Hitchcock foram inspecionadas pelo comandante de brigada. “O comandante disse que o batalhão tinha feito um trabalho esplêndido e que a posição estava verdadeiramente consolidada; contudo, fez objeções a uma perna de um alemão espetada no parapeito.” Foi dito a Hitchcock que enterrasse o membro.

Chamei Finnegan e pedi-lhe que sepultasse o ofensivo membro. Para fazê-lo, seria preciso puxar para baixo todo o parapeito, então Finnegan pegou uma pá e acertou a perna com a parte afiada. Depois de algumas pancadas, conseguiu desfazer o membro. Eu já me afastara e estava na posição de tiro seguinte quando ouvi Finnegan dizer a outro homem: “E em que vou pendurar meu equipamento agora?”

Esse episódio é um exemplo de até onde chegou a sensibilidade dos homens e seu humor. A alternativa era remover todo o parapeito, pondo em risco outras vidas. Nesse mesmo dia, um inglês ferido, “moribundo”, como mencionou Hitchcock, foi encontrado numa cova ali perto. “Parece que está aqui há vários dias e sem qualquer auxílio.” No dia seguinte, 17 de agosto, Hitchcock recordou em seu diário como três homens mortos foram descobertos numa cova. “Foi uma cena triste, pois o trio consistia num paciente numa maca e em dois maqueiros, que jaziam ao lado dele, ainda com as correias da maca aos ombros. Tinham sido atingidos pelo mesmo projétil.”

Os soldados britânicos em solo belga não estavam inteiramente entre amigos. Esse aspecto da guerra foi abordado numa breve entrada no diário do soldado Edmund Herd, datada de 30 de agosto: “Civis belgas flagrados fazendo sinais para os alemães por meio de um moinho de vento. Foram chamados ao tribunal marcial e fuzilados. Choveu durante toda a tarde.” Ao penetrar nas trincheiras alemãs depois de um ataque, Herd ficou chocado ao ver civis belgas, inclusive mulheres, confraternizado com os alemães. Ele e seus soldados ficaram ainda mais chocados ao verem as trincheiras alemãs cheias de coisas que certamente não existiam em suas próprias trincheiras, como vinho, queijo, café e charutos. Até os prisioneiros alemães, anotou ele alguns meses depois, estavam “em excelente condição e usavam bons uniformes”.

Nos bastidores, o movimento antibelicista continuava a agir pelo fim da guerra. Entre 5 e 11 de setembro, realizou-se uma Conferência da Internacional Socialista, que aconteceu em Zimmerwald, na Suíça. Entre os militantes russos estava o líder bolchevique Vladimir Lênin e o antigo líder menchevique Leon Trótski. A conferência tornou público um manifesto que exigia uma paz imediata e, na prossecução de seus objetivos revolucionários, uma guerra civil “entre as classes”

por toda a Europa.

As deliberações feitas em Zimmerwald e o chamado à paz coincidiram com uma intensificação da guerra aérea. Durante um bombardeio estratégico alemão a Lunéville, num dia de feira, foram mortos 48 civis e cinquenta pessoas ficaram feridas. Na noite de 7 de setembro, em meio à Conferência de Zimmerwald, um zepelim alemão iniciou um grande incêndio no centro de Londres. Seis homens, seis mulheres e seis crianças foram mortos e trinta pessoas ficaram feridas. No dia seguinte, um segundo zepelim, ao lançar bombas sobre Holborn e Bloomsbury, atingiu dois ônibus e matou 22 pessoas. Anteriormente, no exílio, Lênin tinha vivido ali perto, em Clerkenwell. No dia seguinte, recordou o coronel Rawlinson, “cidadãos de todas as classes, do prefeito para baixo, tomaram medidas para garantir sua participação numa manifestação geral de desagrado”.

Os londrinos insistiram num sistema de defesa antiaéreo. Rawlinson foi enviado a Paris, onde o general Pellé, chefe do Estado-Maior francês, concordou em fornecer imediatamente um canhão de 75 milímetros montado num carro blindado. A peça de artilharia chegou a Londres dois dias depois e foram encomendadas mais trinta. Para acomodar as novas unidades antiaéreas, o grão-duque Michael, bisneto de Catarina, a Grande, pôs à disposição a Caen Wood House, cenário de um magnífico baile realizado pouco menos de um ano antes. Barragens antiaéreas foram instaladas em torno da capital para permitir que os zepelins, e mais tarde os aviões, que se aproximassem fossem detectados de uma barragem para outra. Foi dado um nome a cada barragem: os atacantes que se aproximassem por norte atravessavam as barragens Dickens, Potsdam, Amethyst e depois Pot Luck. Os invasores de leste passavam por Jigsaw, Knave of Hearts e Zig Zag.

Enquanto os londrinos reagiam a um segundo ataque aéreo exigindo uma defesa adequada, a Conferência Internacional Socialista em Zimmerwald exigia uma paz imediata. Cinco dias depois do encontro, Albert Einstein foi à Suíça para visitar um pacifista francês, Romain Rolland, em Vevey, mas não estava confiante num rápido fim da guerra. “As vitórias sobre a Rússia reavivaram a arrogância e o apetite dos alemães”, disse ele a Rolland, que escreveu em seu diário: “‘Vorazes’ é, para Einstein, o termo que melhor caracteriza os alemães. Seu poder de avanço, sua admiração e crença na força e sua firme determinação em conquistar e anexar territórios são aparentes por todos os lados.” Einstein acrescentou que o governo alemão era mais moderado do que seu povo. “Desejaram evacuar a Bélgica, mas tal não pôde ser feito, pois os oficiais ameaçaram revoltar-se. Os grandes bancos, indústrias e corporações são muito mais poderosos e esperam ser ressarcidos dos sacrifícios que fizeram.” Quanto ao Kaiser, era “apenas um instrumento” dos grandes negócios e dos oficiais. “Teve decência, fraqueza e desespero perante uma guerra que nunca quis, na qual foi forçado a entrar porque foi muito fácil manipulá-lo.”

Na frente austríaca, por um curto período em setembro, os russos conseguiram inverter o padrão de derrotas quando o general Denikin, comandante da 4ª Divisão de Brusilov, recapturou Lutsk, mas a cidade foi perdida dez dias depois. Houve uma derrota bem mais séria em 18 de setembro, quando forças alemãs entraram em Vilnius, a maior cidade da Lituânia russa, tomando 22 mil soldados russos como prisioneiros. Duas semanas depois, o alto-comando oriental alemão deslocou seu quartel-general para a cidade de Kaunas, onde, em 1812, Napoleão observara suas tropas atravessarem o rio Neman em sua marcha para Moscou.

Para Ludendorff, o deslocamento para Kaunas era mais do que apenas uma ação militar. Nos anos anteriores à guerra, a Alemanha havia alimentado um sentimento de ofensa por ter sido excluída, pela Rússia, das regiões bálticas. Agora, esse equilíbrio podia ser restabelecido. “Estou determinado a retomar, no território ocupado, o trabalho de civilização que os alemães realizaram nessas terras durante muitos séculos”, escreveu Ludendorff. “A população, constituída por uma mistura de raças, nunca produziu uma cultura própria e, abandonada a si mesma, sucumbiria à dominação polonesa.” Sua ideia era que, depois de vencida a guerra, a Lituânia e a Curlândia fossem governadas por um príncipe alemão e colonizadas por alemães. A Polônia, ainda que parecesse ser um brinquedo de seus vizinhos, viria a ser “um Estado mais ou menos independente sob a soberania alemã”.

A germanização das terras conquistadas a leste teria início imediato. O general Ernst von Eisenhart-Rothe foi nomeado intendente-geral, responsável por seis áreas administrativas que, independentes do controle do Exército, organizavam sistemas financeiros, judiciais e de agricultura e florestas nas áreas ocupadas. A natureza germânica desses esforços era essencial. Poloneses, lituanos e letões viviam sob lei marcial e atividades políticas eram proibidas. Além disso, não eram permitidas reuniões públicas, jornais foram censurados e tribunais eram obrigatoriamente presididos por juizes alemães. Todos os professores em instituições de ensino deviam ser alemães e ensinar em alemão, e um pedido polonês para o estabelecimento de uma universidade em Vilnius foi recusado pelo próprio Ludendorff.

No mar, dava-se continuidade aos afundamentos provocados por submarinos alemães: em 19 de setembro, quando um submarino afundou o *Ramazan*, um transporte de tropas britânico que navegava no mar Egeu, 311 soldados indianos morreram afogados; um mês depois, 140 soldados britânicos morreram afogados quando um submarino alemão torpedeou o *Marquette*, outro navio de tropas. Nesse outono, contudo, a maior perda naval foi a morte de 672 marinheiros alemães que estavam no *Prinz Adalbert*, afundado por um submarino britânico no mar Báltico, havendo apenas três sobreviventes. Em 27 de setembro, no porto italiano de Brindisi, sabotadores austríacos destruíram o couraçado italiano *Benedetto Brin* e

matarem 456 marinheiros.

Atrás das linhas, quatro cidadãos franceses foram mortos por alemães em Lille, em 22 de setembro, por terem ajudado prisioneiros de guerra franceses a alcançar as linhas aliadas. Na Rússia, o descontentamento contra o Exército aproveitava qualquer causa para protesto. Em 24 de setembro, quinhentos reservistas atacaram a polícia numa estação de trem em Petrogrado em protesto contra a suspensão do Parlamento russo, a Duma. Realizaram-se outros protestos atrás das linhas, em Rostov do Don e em Astracã, aos quais se seguiram cinco dias de tumultos em Orsha, por parte de 2.500 soldados que estavam em convalescença. Até mesmo os feridos erguiam sua voz contra a guerra, à qual seriam obrigados a regressar quando curados.

Na frente, notícias de distúrbios causaram grande preocupação. Na aldeia de Chertoviche, na Rússia Branca, Florence Farmborough, a enfermeira britânica que acompanhava o Exército russo, escreveu em seu diário em 25 de setembro: “As notícias vindas da Rússia são tudo menos boas; rumores de distúrbios internos chegaram-nos como maus ventos. O pão começa a faltar; em alguns locais, a fome já ameaça atingir grandes grupos. Os milhares de refugiados que pululam as cidades são seguidos por pestes e crimes.”

A Entente continua a fracassar

Setembro a dezembro de 1915

A ofensiva aliada na frente ocidental, que tinha como objetivo aliviar as dificuldades dos russos na frente oriental, teve início em 25 de setembro de 1915, duas semanas depois do encerramento da Conferência da Internacional Socialista em Zimmerwald, que exigiu o fim imediato da guerra. As dificuldades de um aliado em perigo não podiam ser ignoradas, já que uma derrota da Rússia permitiria aos alemães transferirem forças de grandes proporções para lutarem contra a Grã-Bretanha e a França.

A ofensiva foi desencadeada em duas regiões separadas: os franceses atacaram as linhas de trincheiras alemãs em Champagne enquanto os britânicos atacaram em Loos. Essas decisões haviam sido tomadas de comum acordo entre os líderes britânicos e franceses nas conferências de Calais e Chantilly, realizadas em julho. Em Champagne, os franceses abriram uma brecha de três quilômetros na linha alemã ao longo de uma frente de 25 quilômetros e fizeram 1.800 prisioneiros. A notícia da captura do ponto de resistência alemão em La Courtine foi recebida com entusiasmo em Paris, pois eram notáveis a profundidade e os caminhos intrincados de suas trincheiras de comunicação e túneis subterrâneos.

Em Champagne, esperando pela ordem de avançar, um voluntário americano da Legião Estrangeira Francesa, o poeta Alan Seeger, escreveu entusiasticamente para casa em 25 de setembro: “Espero marchar até Aisne sem parar. Será o grande momento da minha vida.” Outro voluntário americano, Edmond Gênét, de 19 anos (bisneto do Cidadão Gênét, que tinha sido enviado à América como representante da França revolucionária em 1792) também escreveu para os pais nesse dia, falando sobre os prisioneiros de guerra alemães que tinha visto quando estava a caminho da frente: “Alguns, entre 16 e 20 anos de idade, tinham um aspecto horrível. Sangravam, tinham as roupas rasgadas, tinham sido feridos por balas, projéteis e baionetas e constituíam uma cena digna de pena. Muitos soluçavam, com os braços

apoiados no pescoço de um camarada.” Mais perto da linha de frente, Gênét viu “um desgraçado que deve ter ficado completamente cego, pois caminhou diretamente para o arame farpado e teve uma enorme e dolorosa dificuldade em libertar-se”.

Gênét e quinhentos amigos legionários estiveram em ação em 28 de setembro, numa luta por um ponto de resistência alemão conhecido como fazenda Navarin, a leste de Reims, onde mais de trezentos morreram ou foram feridos. Gênét e Seeger sobreviveram. Entre os mortos estava Henry Weston Farnsworth, diplomado por Harvard em 1912, que tinha saído diretamente da universidade para a Primeira Guerra dos Bálcãs, onde trabalhou como correspondente de guerra e que, quando começou a guerra na Europa, apressou-se em fazer parte dela. Numa carta para os pais, Farnsworth revelou a diversidade da Legião Estrangeira, ao escrever acerca de “um estudante de Oxford, natural das ilhas Fiji e negro como tinta”, “um dinamarquês com mais de um metro e noventa”, “outro dinamarquês muito pequeno e jovem”, “um carpinteiro suíço, nascido e criado nos Alpes, que canta muito melhor do que estrelas de ópera, desde que beba meio litro de vinho” e “o brigadeiro Mussorgsky, primo do compositor”. Muitos homens que morreram naquele dia foram esquecidos. Farnsworth é recordado porque as cartas que escreveu aos pais sobreviveram.¹

Entre os legionários que ficaram gravemente feridos na fazenda Navarin estava John Elkington, o oficial britânico que tinha sido condenado em tribunal marcial e expulso do Exército britânico por seu “documento de rendição” um ano antes. Por bravura em combate, o Exército francês atribuiu-lhe a Médaille Militaire e a Cruz de Guerra. Quando a notícia chegou a Londres, Elkington foi reintegrado no mesmo posto pelos britânicos, por iniciativa pessoal do rei George V.

Enquanto os franceses atacavam em Champagne, os britânicos atuavam em Loos, com um bombardeio inicial ao longo de uma frente de dez quilômetros. Utilizando gás venenoso pela primeira vez, os britânicos lançaram 150 toneladas de cloro ao longo da terra de ninguém, usando 5.243 cilindros de gás. Como resultado direto, seiscentos soldados alemães morreram. As tropas britânicas avançaram mais de 3.500 metros. O movimento foi tão fácil que um batalhão trocou dribles com uma bola de futebol enquanto seguia pela terra de ninguém.

Num setor da linha, nas mãos da 15ª Divisão Escocesa, os britânicos não conseguiram que o gás chegasse às trincheiras alemãs. Enquanto os homens hesitavam em avançar através de sua própria nuvem de gás, o gaitista Peter Laidlaw subiu no parapeito britânico e, andando de um lado para o outro, começou a tocar “Scotland the Brave” em sua gaita de foles, ignorando tanto a fumaça do gás que o circundava como o fogo das metralhadoras alemãs. Mesmo ferido, continuou a tocar. Os escoceses avançaram, penetrando nas primeiras duas linhas de trincheiras alemãs.

Laidlaw recebeu a Cruz Vitória.

Frank Cousins, membro da companhia especial que havia lançado o gás naquele dia, escreveu em seu diário:

Um rapaz desmaiou no parapeito e caiu. Veio um rapaz com uma veia estourada, na qual aplicamos um torniquete.² Às 2 horas, ainda estava lá. Ele queria voltar a atacar. Depois, veio um sujeito gaseado. Depois, recolhemos um homem que tinha levado um tiro na barriga e que sangrou até a morte. Depois veio um homem com uma perna esmagada. Nós ajudamos a todos. Um oficial da Guarda Negra chegou com uma perna despedaçada. Nós o puxamos para a trincheira e ele fez um comentário típico: “Que bagunça!” Ficamos ocupados até as 11h30. Depois, subimos e trabalhamos entre duas trincheiras para dar conforto e água aos homens.

Outro combatente que recebeu a tarefa de lançar gás foi Donald Grantham, que se viu, como Cousins, tratando dos feridos. Garside, Harris e Aldridge eram membros de uma brigada especial, responsáveis pelos cilindros de gás e pelos tubos. “Ouvi um homem que tinha sido gaseado, e vi Garside inconsciente”, escreveu ele em seu diário.

Trouxe-o e coloquei-o num abrigo subterrâneo ali perto (...) Depois, meti-me numa trincheira de tiro onde encontrei Harris. Ele estava morto, com um buraco de bala na cabeça. Ajudei a arrastá-lo para um refúgio subterrâneo. Isso foi por volta das 9 horas e, durante mais de dez horas, não pude limpar o sangue dele que ficara nas minhas mãos. Fiz umas ligaduras e ajudei os feridos. Transporte um homem ferido no pé direito e outro durante uma parte do caminho. Ajudei outros mais. Regressei ao refúgio subterrâneo. Depois, saí e trouxe o Aldridge (muito gaseado) da trincheira de fogo. Nós o levamos para o dispensário.

O número de mortos em Loos foi maior do que em qualquer batalha anterior. Em 25 de setembro, a lista de vítimas ocupou quatro colunas no *Times*.³ Os soldados fizeram grandes esforços para manterem o moral. Harold Macmillan, futuro primeiro-ministro britânico, dirigindo-se para a linha de frente em Loos com seu regimento no dia seguinte, escreveu à mãe: “Um fluxo de ambulâncias vindas da linha de fogo continua a passar por nós. Alguns feridos parecem satisfeitos. Um companheiro afagava, radioso, o capacete de um oficial alemão. ‘Eles estão fugindo’, gritou ele.” O regimento de Macmillan esperou três horas e cantou “quase incessantemente ‘Rag-time’, ‘Music-Hall’ e canções sentimentais. Foi maravilhoso”.

No dia seguinte, 27 de setembro, o regimento de Macmillan entrou em ação, mas o oficial no comando foi gaseado e tanto o segundo-comandante como seu adjunto

foram mortos. O próprio Macmillan ficou ligeiramente ferido na cabeça e levou um tiro na mão direita.⁴ Estava “mais assustado do que ferido”, escreveu à mãe quando estava no hospital, dizendo que tinha sido “realmente horrível; muitos dos nossos oficiais ficaram feridos”. As palavras “realmente horrível” mascaravam um profundo sofrimento.

Pressionando através de Loos, no segundo dia da batalha os britânicos atravessaram a estrada entre Lens e La Bassée em dois pontos, diante de Hulluch e do bosque Hugo. Tinham uma considerável superioridade numérica, mas dezenas de metralhadoras alemãs fizeram-lhes frente em ambos os locais. “Viam-se claramente dez colunas alargadas”, lê-se no diário do regimento alemão sobre os homens que defendiam Hulluch. Calculava-se que cada coluna em avanço continha mais de mil homens, “oferecendo um alvo como nunca se tinha visto antes e como nem se pensava que fosse possível. Os operadores de metralhadoras nunca tinham feito um trabalho tão direto nem tão eficaz, atravessando incessantemente as linhas inimigas”, informa o diário alemão.

Fazia apenas cinco meses desde que Haig tinha dito ao Conselho de Guerra que metralhadoras eram armas superestimadas e que bastavam duas peças por batalhão, mostrando-se enganado mais uma vez. O relato do regimento alemão continuava: “Alguns estavam posicionados nos degraus de tiro, outros até nos parapeitos, e disparavam triunfantemente contra a massa de homens que avançava em campo aberto. Quando a Infantaria inimiga encheu o campo de fogo, o efeito foi devastador e os homens caíram às centenas.” Mais para sul, à medida que as tropas britânicas se aproximavam do bosque Hugo, houve uma chacina semelhante. Mais uma vez, o diário do regimento alemão proporciona uma imagem clara ao descrever como “densas massas de inimigos, linha após linha, surgiam no alto da colina, alguns oficiais até montados em cavalos, avançando como se cumprissem uma tarefa em tempos de paz. Nossa artilharia e nossas metralhadoras ceifavam as linhas à medida que se aproximavam. Quando atravessaram a frente norte no bosque Hugo, ficando diante das metralhadoras, batalhões inteiros foram aniquilados”.

Centenas de homens deixaram descrições da Batalha de Loos, alguns em cartas, outros em recordações. Catorze anos depois, Robert Graves, que na época tinha apenas 20 anos, descreveu em seu livro *Goodbye to All That* um episódio e a história de um oficial:

Quando seu pelotão tinha percorrido cerca de vinte metros, fez-lhes sinal para que se deitassem no chão e atirassem como forma de proteção. O ruído foi ensurdecador. Viu o pelotão caindo à esquerda e assobiou para que avançassem novamente. Parecia que ninguém tinha ouvido. Então, saltou de sua cratera de obus e acenou, indicando para seguirem em frente. Ninguém se mexeu. Ele gritou: “Seus covardes! Querem que eu vá

sozinho?” O sargento de seu pelotão, gemendo e com um ombro destroçado, respondeu-lhe: “Não são covardes. São corajosos. Mas estão todos mortos.” A metralhadora apelidada de Nariz do Papa tinha-os acertado ao se levantarem para responder ao assobio.⁵

Os alemães ficaram tão surpreendidos com o efeito de suas metralhadoras que passaram a chamar a batalha de Campo de Cadáveres de Loos. Perto do bosque Hugo, quando a quinta tentativa britânica falhou e quando os feridos começaram a tentar regressar, os alemães cessaram a artilharia. No diário do regimento alemão lê-se: “Ao longo do dia, nenhum outro tiro saiu das trincheiras alemãs e tivemos um sentimento de compaixão e pena pelo inimigo depois de uma vitória tão grande.”

Depois da quinta tentativa britânica, o ataque foi suspenso. Entre os oficiais reportados como “desaparecidos” estava o segundo-tenente John Kipling, filho único de Rudyard Kipling. Alguns anos depois, o escritor conversou com um soldado que tinha presenciado o ataque: “Os alemães foram duros em Loos e em inocentes como nós, que não sabíamos o que era a guerra e que fomos recebidos com metralhadoras. Foi isso que aconteceu *nesse* dia.” Depois da guerra, Rupert Grayson, que tinha sido ferido na mão pelo mesmo estilhaço que matou John Kipling, tornou-se quase um filho adotivo do escritor e também um prolífico escritor, morrendo somente em abril de 1991, aos 93 anos de idade.

O corpo de John Kipling nunca foi encontrado. O oficial que avançara com ele, o segundo-tenente Clifford, também foi atingido e morreu, mas não se sabe se imediatamente ou em consequência de ferimentos. Seu corpo só foi encontrado mais tarde. O capitão Cuthbert, que comandava o destacamento, também foi morto nesse dia, mas seu corpo nunca foi encontrado. Vinte e sete homens que ele comandava também foram mortos.⁶ Rudyard Kipling escreveu sobre a morte de seu filho e sobre a morte de tantos outros filhos:

*That flesh we had nursed from the first in all cleanness was given...
To be blanched or gay-painted by fumes... to be cindered by fires...
To be senselessly tossed and retossed in stale mutilation
From crater to crater. For this we shall take expiation.
But who shall return us our children?*⁷

Num momento de raiva, outro dos jovens oficiais que lutaram em Loos, Roland Leighton, escreveu à namorada, Vera Brittain:

Eles, que pensam que a guerra é gloriosa e dourada, que gostam de fazer jorrar palavras de exortação, que invocam Honra e Glória e Valor e Amor à Pátria com uma fé tão impensada e tão apaixonada como a que inspira os sacerdotes de Baal para invocarem suas divindades sonolentas, eles que

olhem para um monte de farrapos cinzentos empapados cobrindo metade de seu crânio e uma tíbia e o que pode ter sido suas costelas ou que olhem para o esqueleto que jaz ao seu lado, agachado tal como caiu, perfeito, mas sem cabeça, e com a roupa feita em farrapos ainda à volta dele, e percebam como é grande e glorioso ter destilado toda a Juventude, a Alegria e a Vida numa fétida pilha de putrescência.

Leighton interrogava-se: “Quem, entre aqueles que conhecem e viram a guerra, pode dizer que a Vitória vale a morte de um só destes?”

Enquanto, para os franceses, a ofensiva de Champagne foi considerada um sucesso, com Joffre a anunciar aos seus mais próximos que tinham sido capturados 25 mil soldados alemães e 150 canhões pesados, a Batalha de Loos, para os ingleses, foi uma derrota que provocou muita reflexão e preocupação. De cerca de 10 mil soldados britânicos que atacaram, 385 oficiais e 7.861 soldados foram mortos ou ficaram feridos. Sem encontrar explicação para o fracasso, o general Haking perguntou aos sobreviventes o que havia corrido mal. A resposta aparece na história oficial da batalha: “Não sabíamos como era. Da próxima vez, faremos as coisas bem.” Mesmo na Inglaterra, os sentimentos estavam mudando: na Câmara dos Lordes, um bastião da decência e do patriotismo, as batalhas de Neuve Chapelle e de Loos foram descritas como “derrotas”. Em 8 de outubro, depois de uma visita ao quartel-general de Sir John French, Haig anotou em seu diário: “Alguns dos feridos foram para casa e dizem que receberam tarefas impossíveis e nenhum alimento.”

Durante e depois da Batalha de Loos, o capitão W. Johnson, que prestava serviço numa ambulância de campo, observou um fenômeno que não se via nos campos de batalha desde a retirada de Mons. Muitos membros jovens dos novos exércitos de Kitchener, voluntários de 18 e 19 anos, eram tirados da linha de frente e levados a ele com aquilo que a história médica oficial da guerra descreve como “claras manifestações de histeria (mutismo e tremores)”.

Na frente oriental, o movimento de refugiados da zona de guerra para leste provocou caos e dificuldades atrás das linhas. Ao chegar à estação de Brest-Litovsk, em 5 de outubro, em seu regresso a Moscou, Florence Farmborough anotou em seu diário: “Tudo estava na maior desordem e confusão. Mais tarde, a cidade foi bombardeada por um zepelim alemão e foram destruídas duas ou três casas perto da estação. Na cidade propriamente dita havia um grande caos provocado por bombas incendiárias.”

Em 10 de outubro, o poeta alemão Rilke, em Munique, escreveu numa carta particular: “Não há ninguém que possa evitá-la ou acabar com ela?” Contudo, numa pensão na neutra Suíça, a guerra apresentava uma perspectiva de vitória. No mesmo

dia, Lênin, por sua vez, comentou numa carta que as notícias vindas da Rússia demonstravam um crescente sentimento revolucionário.

Naquele setembro, um enérgico oficial, o comodoro Roger Keyes, chefe do Estado-Maior naval nos Dardanelos, apresentou, para apreciação, um novo plano de pressão nos estreitos utilizando apenas navios de guerra, mas a proposta foi contrariada pelo almirante. Dezesseis anos depois, Churchill comentou com azedume:

Fiquei espantado, naqueles tristes dias, com o padrão de valores e com o senso de proporção que prevaleciam entre nossos políticos e autoridades navais e militares. Os generais estavam tão confiantes em que quebrariam a linha na França que reuniram massas de cavalaria para passarem pelos enormes espaços que esperavam criar na frente hostil. Sacrificar um quarto de milhão de homens nessa ação parecia-lhes ser resultado do mais alto discernimento militar. Era essa a doutrina ortodoxa da guerra; mesmo que não surtisse efeito, nenhum erro ou quebra de regras teria sido cometido. Porém, perder uma centésima parte desses marinheiros e uma dúzia de navios velhos — que, de qualquer modo, seriam retirados dentro de poucos meses —, e com a possibilidade de ganhar um inestimável prêmio, era, sim, um risco capaz de aterrorizar o mais audaz uniformizado. O Almirantado e os generais tinham seu modo de fazer as coisas. A armada continuava inativa nos Dardanelos. Os exércitos batiam-se com as defesas alemãs na França. Os búlgaros disponibilizavam um exército de 300 mil homens para nossos inimigos e a Sérvia já não era um fator na guerra.

Na Mesopotâmia, o avanço britânico ao longo do Tigre continuara, com um assalto a Kut em 26 de setembro, enquanto as batalhas de Loos e de Champagne estavam no seu auge. Kut foi tomada, mas não sem alguns alarmes, como tropas indianas que pareceram relutantes em atacar as linhas de trincheiras turcas, e privações trazidas pela sede, tão intensa que os homens ficavam incapacitados. Houve uma causa adicional para o medo: na primeira noite da batalha, homens feridos, que não podiam ser encontrados na intensa escuridão, foram roubados, mutilados e assassinados por ladrões árabes. Apesar disso, parecia haver esperança e os turcos ainda não se apresentavam como um inimigo considerável. Entre as armas turcas capturadas estava um canhão persa do tempo de Napoleão, com a data de 1802. Os britânicos tinham avançado seiscentos quilômetros desde o mar e seria aberto, em novembro, um caminho para um avanço, através de Ctesifonte — onde foi reportado que os turcos estavam entrincheirados —, até Bagdá, a apenas 35 quilômetros de distância.

Na Europa, por trás das linhas, a punição para aqueles que ajudavam o outro lado era contínua. Na Bruxelas ocupada pelos alemães, na manhã de 12 de outubro, segundo sentença em tribunal marcial, a enfermeira britânica Edith Cavell, de 49 anos de idade, foi levada para sua execução por ter ajudado prisioneiros de guerra britânicos e franceses, além de belgas que queriam servir com os Aliados, a fugirem para a Holanda. No local de execução, um belga, Philippe Baucq, seria executado junto com ela. Ela pediu alfinetes grandes aos guardas, que usou para apertar sua comprida saia em torno dos tornozelos, de modo que não levantasse depois de ser fuzilada. Foi atingida por quatro balas; uma perfurou-lhe o coração e matou-a imediatamente.

Durante o julgamento, Edith Cavell havia admitido ser culpada. Protestos por parte de diplomatas americanos em Bruxelas, que estavam encarregados dos interesses britânicos, não tiveram qualquer efeito, apesar do apelo de Hugh Gibson ao chefe do Departamento Político alemão na Bélgica, barão Lancken, para que telefonasse ao Kaiser e tentasse sua intervenção direta. No entanto, Lancken respondeu que a sentença tinha sido aplicada e que “nem mesmo o imperador poderia intervir”. Diz-se que, quando essa enfática declaração foi publicada mais tarde, ainda durante a guerra, o Kaiser ficou muito desagradado.

Na noite anterior à sua execução, Edith Cavell havia dito ao capelão da Legação Americana, reverendo Horace Gahan: “Foram todos muito simpáticos comigo, mas devo dizer, perante Deus e a eternidade, que creio que o patriotismo não basta. Não devo sentir ódio nem azedume em relação a ninguém.” Apesar desse sentimento cristão, sua execução levou a um recrudescimento do sentimento antigermânico na Grã-Bretanha e nos Estados Unidos, inflamado pela ampla circulação de uma falsa história de que Cavell havia desmaiado enquanto caminhava para o local da execução e de que fora fuzilada enquanto ainda estava no chão. Esse episódio imaginado foi mencionado no *New York Tribune* por meio de um desenho do corpo prostrado de Edith Cavell, deitada de costas e perdendo sangue, com um oficial alemão bastante alto, usando um capacete, de pé junto a ela e com um revólver fumegante na mão. A legenda dizia “Deus está conosco”.

Em Flandres, continuava a Batalha de Loos. Entre os homens que morreram no local em 13 de outubro, num ataque ao reduto Hohenzollern, estava o poeta Charles Sorley, de 23 anos de idade, que tinha escrito pouco antes de sua morte:

*Earth that blossomed and was glad
'Neath the cross that Christ had,
Shall rejoice and blossom too
When the bullet reaches you.
Wherefore, men marching
On the road to death, sing!*

*Pour gladness on earth's head,
So be merry, so be dead.*

*On marching men, on
To the gates of death with song.
Sow your gladness for earth's reaping,
So you may be glad though sleeping.
Strew your gladness on earth's bed,
So be merry, so be dead.*⁸

O corpo de Sorley nunca foi encontrado, mas seu nome foi gravado no Memorial de Loos aos Desaparecidos. Um poema que foi encontrado entre seus pertences depois de sua morte fala de “milhões de mortos sem boca” e deixa um aviso àqueles que diziam que recordariam os acontecimentos:

*... scanning all the o'ercrowded mass, should you
Perceive one face that you loved heretofore,
It is a spook. None wears the face you knew.
Great death has made all his forevermore.*⁹

Na noite em que Charles Sorley morreu, os alemães fizeram seu mais duro bombardeio estratégico sobre a Grã-Bretanha, com cinco zepelins lançando 189 bombas sobre Londres e arredores. Foram mortos 71 civis.

Em Champagne, o poeta francês Auguste Compagnon foi morto nesse mês. Na frente ocidental, o pintor Oskar Kokoschka estava entre os soldados austríacos feridos em combate, tornando-se daí em diante um civil em praticamente tudo. “Minhas feridas eram mais decorativas do que letais”, escreveu o segundo-tenente, de 29 anos, a um amigo. “Uma bala na cabeça e um buraco no peito. Meu compromisso foi desfeito, meu estúdio foi devolvido e ainda recebi uma grande medalha de prata. Sou pensionista!!!!!!” Sua encomenda, feita a seu patrono, chegou depois de ter sido ferido e foi devolvida a Viena. Pouco depois ele estaria lá.

Tanto a Rússia como a Grã-Bretanha, a França e a Itália sofreram reveses nesse outono. Na frente do Isonzo, uma epidemia de cólera obrigou os comandantes italianos a isolarem unidades inteiras. A febre paratifoide era também um inconveniente. Entre aqueles que a contraíram estava o soldado Benito Mussolini, o editor socialista que tinha recebido com satisfação a notícia da entrada da Itália na guerra. Seu filho, nascido no outono enquanto o pai estava nas trincheiras, recebeu o

nome Vittorio Alessandro, em honra de uma vitória que ainda não havia chegado e de um comandante naval inglês que recentemente se distinguira por bravura. “Chuva e piolhos são os inimigos do soldado italiano”, escreveu Mussolini em seu diário. “Os canhões vêm depois.” Sua própria trincheira ficava no monte Nero, a uma altitude de mais de 1.800 metros. “Não tomamos fortalezas pela força. Temos de tomar as montanhas”, anotou ele. No entanto, essas montanhas eram defendidas pelos austríacos com toda a sua arte defensiva.

A falta de sucesso da Entente continuava a contrastar com os sucessos da Potências Centrais. Em 5 de outubro, um bombardeio massivo de artilharia, incluindo 170 canhões pesados e 420 morteiros pesados, foi o prelúdio de uma invasão austro-alemã à Sérvia. Finalmente, apesar de reveses no outono de 1914, o assassinato de Franz Ferdinand seria vingado, o que seria feito de forma terrível. Nesse dia, 13 mil soldados franceses e ingleses desembarcaram em Salonica com a intenção de dirigir-se rapidamente para norte e defender a Sérvia. Entre as forças que enfrentariam os austríacos e alemães que atravessariam o Danúbio para atacar Belgrado estavam quatro canhões navais anglo-franceses, mas as forças austro-alemãs eram capazes de esmagar qualquer oposição. Os sérvios, enfraquecidos por uma epidemia de tifo, evacuaram sua capital em 9 de outubro. Nesse mesmo dia, a Áustria invadiu Montenegro, país aliado e vizinho da Sérvia. A Bulgária, desejando anexar a região sul da Sérvia, a Macedônia, atacou os sérvios dois dias depois. As Potências Centrais tinham ganhado um novo parceiro.

A Entente apressou-se em defender a Sérvia, como a Grã-Bretanha se apressaria em defender a Iugoslávia em 1941. Em 14 de outubro, enquanto as primeiras unidades francesas chegavam à fronteira greco-sérvia, mais 18 mil soldados franceses desembarcavam em Salonica, mas eram as provações na frente ocidental que continuavam a dominar o pensamento francês. Em 19 de outubro, em Champagne, 815 soldados franceses foram mortos e mais de 4 mil ficaram seriamente doentes quando os alemães usaram uma mistura de cloro e fósforo num ataque com gás ao longo de uma frente de dezesseis quilômetros.¹⁰ Para os italianos, o avanço austro-germânico-búlgaro na Sérvia também foi completamente ofuscado pelo início da terceira Batalha do Isonzo. As forças italianas, numericamente superiores, com dezenove divisões contra onze e 1.250 canhões contra 604, não conseguiram capturar dois objetivos, o monte Sabotino e o monte San Michele.

Em 21 de outubro, os búlgaros, que tinham intenções de anexar a Macedônia sérvia, entraram na cidade macedônia de Skopje. Os primeiros tiros disparados pelos franceses na frente de Salonica foram contra tropas búlgaras, repelindo um ataque à estação de trem de Strumica, a 32 quilômetros da fronteira da Bulgária. Assim, era aberta a décima segunda zona de guerra, numa região com poucas estradas, montanhas agrestes, desfiladeiros estreitos e torrentes caudalosas.¹¹ Quando as tropas francesas, continuando sua marcha para norte a partir de Negotin,

aproximaram-se do rio Vardar, a caminho de Veles, dirigiram-se para a ponte rodoviária assinalada no mapa. Quando lá chegaram, descobriram que tinha sido destruída na Primeira Guerra dos Bálcãs.

Para um dos principais combatentes, o general austríaco Conrad, o rápido sucesso de seu novo ataque à Sérvia alimentou a esperança de, quando a Sérvia fosse derrotada, estabelecer alguma forma de paz com a Rússia e terminar a guerra enquanto a estrutura europeia ainda estava intacta. Conrad apresentou essa possibilidade a Franz Joseph num memorando de 22 de outubro, mas decorreriam três anos antes que houvesse paz e, com ela, a completa desintegração do império dos Habsburgos. A iminência da vitória foi um tempo de vanglória e avanço, mas não de compreensão e compromisso. Em Potsdam, em 22 de outubro, numa reunião com o embaixador americano James W. Gerard, o Kaiser falou com desagrado sobre o apoio financeiro americano à Grã-Bretanha e à França e protestou contra o fato de “muitos submarinos” construídos nos Estados Unidos terem sido escoltados até a Grã-Bretanha por navios da Marinha americana. “Os Estados Unidos devem ter cuidado depois dessa guerra”, avisou o embaixador. “Não aceitarei bobagens americanas depois da guerra.” Contudo, foi cuidadoso ao distanciar-se do afundamento do *Lusitania*, dizendo a Gerard que “não teria permitido” que o navio fosse torpedeado e que “nenhum cavalheiro teria matado tantas mulheres e crianças”.

Nas zonas de guerra, eram evidentes o sofrimento e as privações. Em 24 de outubro, os búlgaros haviam conseguido criar uma separação entre as forças sérvias e as forças francesas que tentavam ir em seu auxílio. Três dias depois, forças alemãs entraram em Knjazevac, fazendo prisioneiros 1.400 sérvios. Enquanto as forças alemãs, austríacas e búlgaras invadiam a Sérvia, duas zonas da Tríplice Entente eram amaldiçoadas pela lama e pela chuva. Na península de Galípoli, as tropas que se acotovelavam em trincheiras lotadas, molhadas e sob constante fogo de artilharia não tinham possibilidade de expulsar os turcos dos pontos elevados. Nas frentes do Isonzo e das Dolomitas, tropas italianas que ainda lutavam pelos cumes eram repetidamente repelidas ou faziam ínfimos avanços com grandes custos.

Com o fim da Terceira Batalha do Isonzo, em 4 de novembro, mais de 20 mil soldados italianos estavam mortos e 60 mil tinham ficado feridos. Nas Dolomitas, houve, por parte dos italianos, um breve período de regozijo em 30 de outubro, quando um neto de Garibaldi, o general Peppino Garibaldi, capturou a aldeia montanhosa de Panettone. Contudo, suas forças foram repelidas duas noites depois de capturarem a passagem de Col di Lana, a quase 1.500 metros de altitude, em 7 de novembro.¹²

Na frente ocidental, em Champagne, soldados alemães, muitos dos quais tinham

acabado de chegar da frente russa, repeliram os franceses de La Courtine, que tinha sido conquistada com tanta aclamação um mês antes. Também expulsaram os franceses de uma seção de 820 metros de suas trincheiras na linha de frente ao norte de Massiges em 4 de novembro, matando quase todos os seus ocupantes e fazendo 25 prisioneiros. Num contra-ataque francês, contudo, em sua maioria com granadas, os alemães foram obrigados a recuar.¹³

A luta em Champagne era severa. Na região de La Courtine e Massiges, num raio de apenas oito quilômetros, cinco aldeias foram totalmente destruídas: Hurlus, Perthes-les-Hurlus, Le Mesnil-les-Hurlus, Tahure e Ripont. Dezesseis quilômetros para ocidente, além da fazenda Navarin, havia mais duas aldeias arruinadas, Moronvilliers e Nauroy. Nos modernos mapas Michelin, essas relíquias de oitenta anos da devastação da zona de guerra são indicadas com o símbolo designado para ruínas.

A Entente tinha resultados piores na frente oriental, onde toda a Polônia russa tinha caído sob controle alemão. O número de soldados russos feitos prisioneiros nos doze meses do conflito chegava a 1.740.000. Em Helsinque, marinheiros russos do couraçado *Gangut* e do cruzador *Rurik* protestaram contra a má alimentação e a severidade de seus oficiais. Cinquenta homens foram detidos. O ministro russo das Finanças, Peter Bark, viajou apressadamente à França, via Grã-Bretanha, para tentar conseguir meios financeiros para melhorar as capacidades bélicas de seu país. Na segunda semana da guerra, tinha sido pedido um empréstimo de 1 milhão de libras. Essa soma já chegava a 50 milhões, com uma promessa suplementar de 100 milhões. Bark queria ainda mais, mas o presidente Raymond Poincaré não pôde ajudar. “Devo recordar ao senhor Bark que nem o texto nem o espírito de nossa aliança nos levava a prever que a Rússia solicitaria, em qualquer momento, a concessão de créditos”, diz o protocolo de suas conversações. Bark lançou seu trunfo, que não eram reservas de ouro nem garantias de matérias-primas, mas a ameaça de que a Rússia não conseguiria continuar a guerra sem a assistência da economia francesa. Poincaré cedeu. O argumento era imbatível. A Rússia manteve-se na guerra, com uma dívida que crescia a cada dia.

Com novos créditos, a Rússia pôde importar materiais de guerra em escala mais larga, mesmo do Japão, que era seu inimigo uma década antes. Uma grande quantidade de materiais passou a chegar através do porto russo de Arcangel e depois por trens, percorrendo enormes distâncias. Dentro de um ano, a Rússia devia à Grã-Bretanha 757 milhões de libras, e aos Estados Unidos, 37 milhões de libras. As mercadorias britânicas que chegavam à Rússia sob esse sistema de crédito incluíam 27 mil metralhadoras, 1 milhão de rifles, 8 milhões de granadas, 2.500 milhões de balas, 300 aviões e 650 motores de avião. Uma grande necessidade da Rússia era

aramé farpado, pois no início da guerra possuía pouco mais de 13 mil toneladas em armazém. No ano seguinte, fabricou mais 18 mil toneladas, mas nesse mesmo ano foram compradas 69 mil toneladas, entregues em Arcangel. O problema, como acontecia com todas as mercadorias que chegavam àquele remoto porto no norte do país, era transportá-las para Petrogrado e depois para a frente. O coronel Knox, ao passar por Arcangel naquele outubro, viu “uma enorme acumulação de materiais no porto: cobre, chumbo, alumínio, borracha, carvão e pelo menos setecentos automóveis em embalagens de madeira. Grande parte do material estava ao relento”. Por dia, apenas 170 vagões de trem podiam sair do porto, mas uma empresa britânica estava trabalhando para melhorar a via férrea.

Numa tentativa de melhorar sua capacidade de transportar provisões de guerra ocidentais para a frente, os russos também tentaram ligar o porto de Murmansk a Petrogrado. Foram trazidos mais de 30 mil trabalhadores russos de províncias do Volga, com contratos de seis meses para trabalhar na fria e inóspita região, e 5 mil homens da Finlândia, porém centenas e depois milhares desertaram e quase nenhum concordou em renovar o contrato. Seria preciso recorrer aos prisioneiros de guerra alemães e austríacos, entre os quais se reuniu 15 mil, e a 10 mil trabalhadores chineses. Foi preciso um ano para concluir a estrada de ferro. Mesmo nessa altura, sua capacidade de transporte desenvolveu-se a um ritmo lento.

Em Galípoli, as devastações diárias causadas por temporais e doenças criaram um caos na capacidade de luta das forças aliadas. Cerca de trezentos homens eram evacuados em consequência de doenças todos os dias. A escassez de munições limitava o fogo de artilharia a dois disparos diários por arma. Um novo comandante britânico, Sir Charles Monro, foi enviado para resolver a situação, porém, mal havia chegado quando recebeu, em 28 de outubro, um telegrama de Kitchener com a mais franca mensagem: “Por favor, envie-me assim que possível seu relatório sobre os principais problemas nos Dardanelos, ou seja, se devemos sair ou ficar.” Imediatamente, Monro pediu a opinião de cada um dos seus comandantes, em Helles, Anzac e Suvla, sobre a possibilidade de uma nova ofensiva contra as posições turcas. Os homens foram unânimes na resposta de que não estavam em condições de sustentar uma batalha durante mais de 24 horas.

Em 31 de outubro, Monro respondeu ao telegrama de Kitchener e recomendou a retirada. Foi apoiado pelo general Byng, comandante em Suvla, que escreveu: “Considero aconselhável a retirada.” O general Birdwood, comandante em Anzac, discordou, receando que uma retirada não só seria usada pelos turcos para reclamarem uma vitória total, mas teria um efeito adverso nos muçulmanos por todos os lados, inclusive na Índia. Como não se chegou a nenhuma conclusão, as tropas mantiveram-se na península.

Em Salonica, forças britânicas, algumas vindas de Galípoli, tinham desembarcado para unir-se ao esforço francês em auxílio à Sérvia. O progresso era lento. “Provavelmente perguntará por que não avançamos, mas há uma boa razão: a forte posição do inimigo e não termos homens suficientes”, escreveu, em 1º de novembro, G. H. Gordon, capitão da 10ª Divisão Irlandesa. As condições em Salonica fizeram-no desejar regressar à França. “Todos os nossos movimentos aqui têm sido feitos no escuro e geralmente sob chuva por caminhos muito mal definidos nas colinas.”

Em 5 de novembro, forças búlgaras capturaram Niš, fornecendo aos alemães uma ligação direta entre Berlim e Constantinopla e concluindo a seção da estrada de ferro Berlim-Bagdá controlada pela Sérvia.¹⁴ Os exércitos sérvios lutaram tenazmente, recuperando aldeias conforme avançavam, mas eram vigorosamente repelidos. Para cada cinquenta projéteis da artilharia austríaca, os sérvios tinham apenas um para lançar em resposta, e seus artilheiros recebiam continuamente ordens para não desperdiçarem munições, usando-as somente em situações de emergência.

Tendo esgotado seus últimos veículos motorizados e armamentos pesados, 200 mil soldados e civis sérvios fizeram uma retirada de 160 quilômetros, através de montanhas, para tentarem encontrar um santuário na Albânia. No entanto, a marcha de três semanas, por terrenos difíceis, provocou a morte de 20 mil civis sérvios refugiados. “Pessoas que fizeram a retirada contam uma confusa história de frio, fome, paisagens maravilhosas, emboscadas dos albaneses ou caminhos cobertos de carcaças de cavalos e de homens moribundos nas valetas”, escreveu Lily Florence Waring em seu livro sobre a guerra sérvia.

Ouvimos dizer que ministros da Rússia e da Grã-Bretanha deitaram-se em colchões de palha ao lado do ministro sérvio das Relações Exteriores, sua mulher e seu filho, enquanto no quarto ao lado estavam o ministro italiano, o ministro francês, secretários, cônsules, intérpretes e criados, misturados entre si. Ouvimos dizer que o rei, deitado numa maca puxada por quatro bois, partilhou as dificuldades do caminho com os soldados comuns.

A marcha pelas montanhas foi uma saga de desgaste, fome, privações e doenças acrescidas às dificuldades do terreno. Entre aqueles que viajaram da Grã-Bretanha para auxiliar os sérvios estava Mabel Dearmer, pioneira na realização de filmes e romancista, dramaturga e ilustradora. “Que chance teria Cristo hoje em dia?”, escreveu ela, num apelo público, enquanto a marcha continuava. “A crucificação seria uma morte suave para tamanha loucura.” Pouco depois de ter enviado seu apelo, Dearmer morreu de febre tifoide enquanto ajudava mulheres e crianças doentes.

Durante a marcha para oeste, a Albânia declarou-se favorável à Entente e ofereceu auxílio aos sérvios, mas tribos albanesas que tinham sofrido nas mãos dos sérvios

em 1912 e 1913 aproveitaram o momento para atacar as colunas e mataram centenas de caminhanes.

Apesar de estarem fugindo para salvar suas vidas, os sérvios levaram consigo para as montanhas da Albânia mais de 24 mil prisioneiros de guerra austríacos. Quando os caminhanes chegaram à costa da Albânia, esses austríacos foram levados para a Itália e a Sardenha, onde muitos morreram de tifo e cólera. Os soldados sérvios que chegaram ao mar, mais de 260 mil, foram, em sua maioria, para a ilha grega de Corfu, onde esperaram em exílio pelo dia em que poderiam libertar a Sérvia do domínio austríaco. A evacuação envolveu 1.159 viagens escoltadas por 45 navios a vapor italianos, 25 navios franceses e onze navios britânicos. Além dos homens, foram transportados 10 mil cavalos. Como escreveu um historiador, foi “a mais vasta evacuação da história até Dunquerque”.¹⁵

Os soldados sérvios que estavam doentes ou feridos foram enviados para campos de quarentena na pequena ilha de Vido, onde morreram tantos que o lugar tornou-se conhecido como ilha da Morte. Dos 30 mil rapazes sérvios que haviam iniciado a marcha pelas montanhas, apenas metade sobreviveu. Centenas foram mortos por bombardeios austríacos enquanto esperavam, no porto de San Giovanni di Medua, pelos navios que os levariam para Corfu. Mesmo após chegarem à ilha grega, cem rapazes morriam todos os dias por falta de alimentos. Os sobreviventes dessa terrível saga foram enviados para locais seguros na Grã-Bretanha e na França, onde puderam frequentar a escola. Aqueles que tinham contraído tuberculose foram enviados para um sanatório na Córsega. A guerra de exércitos tornara-se também uma guerra de prisioneiros, de marchas forçadas, de refugiados e de órfãos.

Os dois aliados militares da Sérvia, franceses e ingleses, retiraram-se para a Grécia enquanto as tropas búlgaras tomavam posições ao longo da antiga fronteira sérvia. Essa zona de guerra, à semelhança da frente ítalo-austríaca, era constituída por estreitas passagens montanhosas, terrenos duros, poucas estradas e desfiladeiros profundos. Para os soldados da Entente, o lugar era, além disso, muito longe de suas casas. Não havia forma de tais pequenas forças intervirem no destino da Sérvia ocupada, onde centenas de cidadãos foram executados e outros foram feitos prisioneiros pelos mais insignificantes sentimentos de nacionalismo. Contudo, o nacionalismo dos eslavos do sul, com sua esperança de um mais vasto reino eslavo, não podia ser esmagado pela perseguição austríaca. Nas palavras do poeta sérvio Zmay Yovanovitch:

*And what the power that drove thee on, and bore
Thee up, and lent thee wings? Is was the hope
Within the brain. Without it there had been*

Em 7 de novembro, perto da Sardenha, um submarino austríaco bombardeou e torpedeou o transatlântico italiano *Ancona*, que ia a caminho de Nova York com muitos emigrantes italianos: 208 passageiros morreram, incluindo 25 americanos. Como sucedera com os afundamentos anteriores por submarinos alemães, o governo americano protestou e considerou a resposta austríaca insatisfatória, mas não tomou outras providências. Em 17 de novembro, o navio-hospital britânico *Anglia* bateu numa mina ao largo de Dover e afundou, afogando 139 membros da tripulação e os feridos que estavam a bordo.

Em 14 de novembro, uma nova zona de guerra foi aberta, ainda que seja uma das áreas de batalha menos recordadas da guerra. Nesse dia, no deserto da Líbia italiana, que fizera parte do império otomano antes de 1912, a tribo senussi rebelou-se contra os Aliados. Apoiados pelos turcos, os senussi abriram fogo contra um posto fronteiriço anglo-egípcio em Sallum. Dois dias depois, trezentos membros da tribo ocuparam o mosteiro de Zaura, em Sidi Barrani. Foram enviadas tropas britânicas, mas os homens da tribo, utilizando o deserto como esconderijo, causaram problemas graves.

O capitão Jarvis, oficial britânico baseado no Egito e especialista da guerra no deserto, escreveu mais tarde:

Em certos aspectos, esse foi o movimento tático de maior sucesso feito por nossos adversários em toda a guerra, pois esses milhares de verminosos árabes obrigaram-nos a manter na fronteira ocidental, durante um ano, cerca de 30 mil soldados muito necessários em outros locais e obrigaram-nos a fazer despesas em estradas de ferro no deserto e a utilizar carros, transportes etc., chegando a gastos suficientes para acrescer dois centavos aos impostos para toda a vida da geração atual.

Cinco dias depois do início da revolta senussi onde antes tinha sido a extremidade do império turco, houve um ato de heroísmo atrás das linhas turcas europeias quando dois pilotos britânicos, Richard Bell Davies, que em janeiro tinha ficado ferido num ataque a Zeebrugge, e G. F. Smylie, bombardearam um entroncamento ferroviário em Ferrijik, no golfo de Enos. O avião de Smylie foi atingido por fogo antiaéreo turco, obrigando-o a fazer uma aterrissagem forçada. Sem conseguir acionar novamente o motor, Smylie abandonou a aeronave. Davies, que viu tudo do ar, aterrissou ali perto, encontrou Smylie quando um grupo de soldados turcos aproximava-se, puxou-o para dentro do avião e decolou com ele para um local

seguro. Por essa “façanha da aviação, que dificilmente pode ser igualada em destreza e galantaria”, Davies recebeu a Cruz Vitória.

Desde maio, num cargo menos importante, Churchill pressionava seus colegas de gabinete a verem uma possibilidade de vitória em Galípoli, se fossem melhorados o planejamento e a execução das campanhas em terra e reativado o ataque naval. Sua opinião não tinha sido levada em consideração. Em 4 de novembro, o general Monro, enviado para a frente de Salonica, foi substituído, em Galípoli, pelo general Birdwood, que queria tentar mais um ataque militar às posições turcas. Contudo, Birdwood foi obrigado a seguir as ordens de Kitchener, que fez uma visita-surpresa à península em 11 de novembro e insistiu numa evacuação. Nesse dia, o gabinete ficou reduzido a cinco membros. Excluído, Churchill demitiu-se imediatamente do governo e partiu para a frente ocidental, com a patente de tenente-coronel, para comandar um batalhão.

Em Galípoli, em 27 de novembro, uma tempestade com granizo e chuva torrencial arrastou homens e animais ao longo de ravinas e trincheiras, matando pelo menos cem homens. Entre os oficiais britânicos em Suvla durante a tempestade, estava o capitão C. R. Attlee, que em suas memórias descreveu como a tempestade “transformou nossas trincheiras em fossos”.¹⁷ Seguiram-se dois dias de uma feroz nevasca, quando mais de cem homens morreram de frio ou por exposição à tempestade. Em Suvla, 12 mil homens foram tratados por exposição à tempestade de neve. As temperaturas negativas foram um tormento particular para os australianos e os indianos. Os mortos só foram bem-recebidos por milhões de moscas, que se refastelaram no banquete.

A evacuação tornou-se inevitável e a única questão que se colocava era quando deveria ser feita. Porém, em 2 de dezembro, tendo regressado de Londres, Kitchener perguntou aos comandantes em Galípoli se, apesar de tudo, não seria possível um ataque se as quatro divisões britânicas em Suvla fossem enviadas de Salonica para a baía de Suvla (de onde antes algumas tinham saído). O general Byng não acreditava ser possível, dizendo que os pontões de desembarque em Suvla estavam sendo arrasados por repetidas tempestades, que as chuvas tinham tornado os caminhos praticamente intransitáveis e que não havia abrigos suficientes para proteger as tropas que já estavam lá. Mais uma vez, a evacuação voltava a ser a prioridade.

Na Mesopotâmia, o inalterado plano de campanha britânico era um renovado avanço. Em 21 de novembro, o general Townshend atacou as defesas turcas de Ctesifonte, como prelúdio do que se pretendia que fosse uma rápida marcha até Bagdá, a apenas 35 quilômetros de distância. Contudo, a anterior boa sorte de Baçorá, Al-Qurnah, Amara e Kut tinha chegado ao fim. Dos 8.500 soldados britânicos e indianos que entraram em combate em Ctesifonte, mais da metade

foram mortos ou ficaram feridos. Os defensores turcos, apesar de terem sofrido cerca do dobro de baixas, não entraram em pânico e nem fugiram como tinham feito em batalhas anteriores, mantendo suas posições e até realizando contra-ataques. Os britânicos, a 640 quilômetros do mar, não podiam esperar reforços de qualquer tipo; os turcos podiam chamar, e chamaram, reforços de Bagdá, que estavam a apenas algumas horas de marcha.

Tendo chegado tão longe, os britânicos viram-se obrigados a retirar, num movimento para Kut que teve início em 25 de novembro. Os sobreviventes da batalha estavam exaustos e desmoralizados, e a falta de condições para os feridos transformava cada quilômetro de retirada num tormento. Pouco depois do início da retirada, uma bateria turca conseguiu imobilizar a flotilha de rio, expondo os homens que marchavam ao longo das margens a um contínuo receio de um ataque. Muitos feridos, que seguiam em barcos pelo rio, de Kut para Baçorá, foram mortos por meliantes árabes que se posicionaram em ambas as margens para atirar nos indefesos homens.

Em Kut, as defesas foram reforçadas e houve preparativos para resistir a um ataque turco. Soube-se que o marechal de campo alemão Goltz estava a caminho para assumir o comando, trazendo consigo 30 mil reforços turcos. A opinião pública britânica, até então confiante numa iminente captura de Bagdá, subitamente considerou a perspectiva de um de seus exércitos ficar isolado e cair numa armadilha, como tinha sucedido com Gordon, em Cartum, três décadas antes. Quando o Gabinete de Guerra avisou o general Townshend para abandonar Kut e mover suas tropas para mais abaixo no rio, recebeu a resposta de que já estava cercado.

Nas trincheiras na frente ocidental, o inverno havia trazido umidade e frio para flagelar as tropas. Raymond Asquith, de 36 anos, filho do primeiro-ministro britânico, e ele mesmo membro do Parlamento, escreveu a um amigo em 19 de novembro sobre “outro fato desagradável” no dia a dia nas trincheiras, sendo ele “o vasto número de ratos que roem os cadáveres e passeiam pelos rostos dos mortos fazendo ruídos e gestos obscenos”. O filho do primeiro-ministro acrescentou: “Recentemente, alguns gatos vieram acomodar-se junto aos cadáveres, mas creio que, no fim, os ratos vencerão; à semelhança de todas as outras, essa será uma guerra por meio de desgaste.”

Em 27 de novembro, pacifistas de toda a Grã-Bretanha reuniram-se em Londres para estabelecer a No-Conscription Fellowship [Irmandade de Não Conscrição], com o objetivo declarado de recusarem-se a prestar qualquer tipo de serviço militar. Muitos entre eles eram Quakers e o que os unia, declarou seu presidente, Clifford Allen, era

“a crença no caráter sagrado da vida humana”. Em 4 de dezembro, Henry Ford enviou um “navio da paz”, o *Oscar II*, ao longo do Atlântico, com destacadas mulheres americanas e jornalistas a bordo. Suas instruções eram: “Tirem os rapazes das trincheiras e garantam que estejam em casa antes do Natal.”

Nesse mês, em Berlim, um proeminente banqueiro disse ao embaixador americano James W. Gerard que “os alemães estão fartos da guerra” e que “a Krupp e outras grandes indústrias estão investindo grandes somas de dinheiro e prolongando a guerra ao insistir na anexação da Bélgica”. Os latifundiários prussianos também eram favoráveis à continuação da guerra, “pois estão recebendo quatro a cinco vezes mais dinheiro por seus produtos enquanto o trabalho é feito por prisioneiros”.

A vida dos armênios era a mais dura fora das zonas de guerra. Uma moça judia, de 25 anos, Sarah Aaronsohn, que tinha saído de Constantinopla para a Palestina, viajou nesse dezembro pelos montes Taurus para Aleppo. Seu biógrafo escreveu:

Viu abutres voando sobre crianças que tinham caído mortas na estrada. Viu seres arrastando-se, mutilados, esfomeados, implorando por pão. De vez em quando, passava por soldados que conduziam, a chicotadas e pontapés, famílias inteiras, homens, mulheres e crianças, que gritavam, que imploravam, que se lamentavam. Eram armênios enviados para o exílio no deserto, de onde não havia regresso.¹⁸

O impacto do segundo inverno da guerra fez-se sentir em todas as zonas de combate, mas o tempo frio na frente oriental não impediu que novecentos soldados cossacos marchassem por três dias, avançando quarenta quilômetros sob temperaturas de 14 graus centígrados negativos, através dos pântanos de Pripet, até o quartel-general de uma divisão alemã. Ao chegarem, em 28 de novembro, capturaram oitenta elementos do Estado-Maior, inclusive o general de divisão, que mais tarde se suicidou com um tiro. Aos poucos, a linha de frente no leste se estabilizava. Os alemães tinham avançado até Dvinsk e Vilnius, e os austríacos haviam recuperado Brody e Chernivtsi. A Polônia russa estava totalmente sob ocupação alemã. Para alimentar a população cativa, os alemães iniciaram conversações, em 2 de dezembro, com o diplomata americano dr. Frank Kellogg.

Nos Dardanelos, o almirante britânico Wester Wemyss argumentou que um novo ataque naval, como o que fora feito em 18 de março apenas com navios de guerra, permitiria que os Estreitos fossem abertos e assim se mantivessem. Em dois telegramas para Londres, Wemyss sublinhou seu plano e expressou sua confiança no sucesso de tal operação, mas sua proposta de ação foi rejeitada. Em vez disso, foi

encarregado dos preparativos para a evacuação completa da península de Galípoli. A evacuação das tropas que estavam em Anzac e em Suvla começou em 8 de dezembro. Em Suvla, o capitão Attlee ficou no comando de uma retaguarda que defendeu o perímetro em torno da praia de evacuação. Em doze dias, foram evacuados 83.048 soldados, 4.695 cavalos e mulas, 1.718 veículos e 186 canhões pesados. O longo esforço, por um ano inteiro, para atingir Constantinopla por mar e derrotar os turcos por meio de uma irresistível demonstração de força naval no mar de Mármara estava terminado. Tudo o que restava era evacuar as tropas do cabo Helles.

O triunfo turco no final de 1915 não ficou confinado a Galípoli. Na Mesopotâmia, numa das extremidades sul do império otomano, 25 mil soldados britânicos e indianos viram-se cercados por 80 mil turcos em Kut. O cerco começara em 5 de dezembro. Os defensores resistiram durante 147 dias, esperando em vão por reforços, já que a força de socorro estava, por sua vez, sob constante ataque: numa batalha em Sheikh Sa'ad, mais de 4 mil soldados da força de socorro foram mortos ou feridos. O atendimento médico era tão ruim que uma unidade de ambulâncias indianas, ao chegar onze dias depois da batalha, encontrou duzentos soldados britânicos e oitocentos indianos feridos ainda deitados ao relento, em solo lamacento, sem abrigo, e ainda com as primeiras ataduras.

O fracasso na Mesopotâmia não enfraqueceu o desejo dos britânicos por um esforço renovado para minar as Potências Centrais e conseguir ganhos territoriais substanciais, quebrando o império otomano. Estavam em jogo muitas aspirações nacionalistas. Como escreveu o nacionalista judaico Vladimir Jabotinsky, nascido na Rússia, quando o desfecho da guerra ainda era incerto:

O único teatro onde se pode imaginar “golpes decisivos” é a Turquia asiática. Nesse teatro, a guerra parece ter mantido seu antigo caráter, com poucos homens, poucos materiais, menores baixas e um incomparavelmente mais rápido avanço territorial no caso de vitória. Essa verdade não pode ser obscurecida pelos dois fracassos em Galípoli e Kut: as causas dos resultados melancólicos das campanhas dos Dardanelos e da Mesopotâmia são suficientemente conhecidos, mas não provam nada a não ser o perigo de uma guerra negligente ou feita com pouca convicção.

Somente na última fase da guerra na Europa foram ouvidas as indicações de Jabotinsky para uma vitória na Ásia, que se provaram corretas, abrindo vastas áreas do império otomano a partilhas e esferas de influência. Não só as aspirações judaicas, mas também árabes foram estimuladas pela perspectiva de uma vitória aliada na península de Galípoli. Em 14 de julho, enquanto a luta não estava decidida, o xerife de Meca, Hussein bin Ali, havia escrito às autoridades britânicas no Cairo e pedido que a Grã-Bretanha reconhecesse “a independência dos países árabes”. Se

não houvesse uma resposta dentro de trinta dias, os árabes “reservam para si mesmos uma completa liberdade de ação”; na verdade, tratava-se de uma pouco velada ameaça de colocarem seus recursos no deserto ao serviço dos turcos.

O pedido do xerife chegou ao Cairo após os segundos desembarques em Galípoli, mas nem mesmo o enforcamento de onze líderes árabes na Síria pelo governador turco, Djemal Paxá, em 21 de agosto, estimulava uma atitude britânica mais favorável em relação às aspirações árabes, apesar de um dos enforcados, Abd al-Karim al-Khalil, ter tido a esperança de organizar uma revolta antiturca ao longo da costa do Mediterrâneo oriental, entre Beirute a Sídon, o que poderia ter facilitado ali o desembarque dos Aliados, cortando as linhas de comunicação turcas com Gaza, o Sinai e o canal de Suez.

A imediata resposta dos britânicos à tentativa de independência de Hussein foi cínica: “Devo recomendar a inserção de uma aspiração piedosa no que diz respeito ao ideal do xerife de uma União Árabe”, avisou o governador-geral do Sudão, Sir Reginald Wingate. “Alguma coisa pode ser acrescentada para garantir que se mantenha definitivamente ao nosso lado até que nosso sucesso nos Dardanelos permita-nos expressar nossos pontos de vista com maior autoridade.”

Antes dessa esperança de um sucesso britânico em Galípoli, um oficial do Estado-Maior árabe junto ao Exército otomano, Muhammed Sharif al-Faruqi, desertou das forças turcas e dirigiu-se às linhas britânicas. A quem o interrogou, disse que era descendente do profeta e queria ser levado à cidade santa de Meca para falar com o xerife Hussein. Levado num barco para o Cairo, foi interrogado, em 11 de outubro, pelo coronel Gilbert Clayton, dos serviços secretos, a quem revelou que era membro da sociedade secreta Jovens Árabes, que se opunha ao domínio turco. Os líderes da sociedade, informou ele, tanto na Síria como na Mesopotâmia, queriam colaborar com os britânicos em troca da independência árabe.

De acordo com Faruqi, tanto os turcos como os alemães queriam garantir aos árabes suas exigências territoriais. Isso não era verdade, mas Clayton e seus colegas no Cairo não poderiam checar a veracidade da informação. No mesmo dia em que Faruqi foi interrogado, a Bulgária mobilizou-se contra os Aliados, e a situação na península de Galípoli agravou-se subitamente com a perspectiva de tropas búlgaras entrarem no conflito. Faruqi disse a Clayton que, se houvesse uma declaração imediata do apoio britânico à independência árabe, com linhas territoriais especificadas, a revolta antiturca começaria imediatamente na Síria, na Mesopotâmia e na Palestina. No dia seguinte, 12 de outubro, Clayton telegrafou para o Ministério das Relações Exteriores em Londres e sugeriu a aceitação dos termos implícitos no que Faruqi dissera. Para ele, rejeitar a oferta iria “atirar os Jovens Árabes definitivamente aos braços do inimigo”. O “maquinismo” árabe passaria imediatamente a estar contra os interesses britânicos por todo o império otomano.

O raciocínio de Clayton foi decisivo, e, onze dias depois de ter enviado o

telegrama para Londres, o governo britânico comprometeu-se a apoiar a independência árabe que o xerife Hussein antes buscara em vão. Numa carta enviada por Sir Henry McMahon ao xerife, a Grã-Bretanha concordou em “reconhecer e apoiar a independência dos árabes nos territórios incluídos nos limites e fronteiras propostos pelo xerife de Meca”, o que significava a Mesopotâmia e grande parte da Síria. Por insistência de McMahon, excluíram-se “porções da Síria a oeste dos distritos de Damasco, Hama, Homs e Alepo”. Se excluíssem ou não a Palestina seria assunto para uma disputa subsequente, pois não estava mencionado na troca de cartas. Seis anos depois, McMahon explicou numa carta para o Ministério das Colônias: “Era minha intenção excluir tanto a Palestina como a região costeira mais ao norte da Síria.”

O cerco de Kut começara em 5 de dezembro. Em 7 de dezembro, o gabinete britânico tomou a decisão de evacuar Suvla e Anzac, mas não, ainda, cabo Helles. Uma semana depois, McMahon escreveu novamente a Hussein, informando-o de que a última pretensão árabe, de que nem Alepo nem Beirute fossem excluídas da área de uma futura independência árabe, precisaria ser resolvida com os franceses. Quanto ao papel que os árabes desempenhariam no futuro, era essencial, para McMahon, “que não poupe esforços no sentido de ligar o povo árabe à nossa causa unitária e pressioná-lo para que não preste qualquer assistência aos nossos inimigos. A permanência e a força do nosso acordo dependem do sucesso desses esforços e de medidas mais ativas que os árabes possam tomar daqui em diante em apoio da nossa causa, em especial quando chegar o momento de entrar em ação”.

Os britânicos não conseguiram garantir a vitória nem em Galípoli nem na Mesopotâmia, fracassos que se provariam um forte entrave a outras campanhas distantes e adiariam o momento em que a revolta árabe contra os turcos se tornaria uma parte integrante da estratégia de guerra dos Aliados. Em 1916, os árabes, à semelhança dos italianos e dos búlgaros em 1915, desejariam ver algumas perspectivas de vitória e de ganhos territoriais antes de se envolverem na batalha. Para os britânicos, as frustrações de cada fracasso de 1915 foram consideráveis, sendo Galípoli e a Mesopotâmia os momentos mais deprimentes. Em 20 de dezembro, David Lloyd George expressou esses sentimentos ao falar na Câmara dos Comuns:

É tarde demais para nos movimentarmos aqui, é tarde demais para chegarmos lá, é tarde demais para chegar a uma decisão, é tarde demais para dar início a empreendimentos, é tarde demais para fazer preparativos! Nessa guerra, os passos das forças aliadas têm sido marcados pelo escarnecedor espectro do “tarde demais”, e, a menos que aceleremos nossas ações, a maldição cairá na sagrada causa pela qual tanto sangue corajoso foi derramado.

Conforme o ano chegava ao fim, ficava claro que a guerra que deveria ter terminado no Natal de 1914 não terminaria antes do Natal de 1915. Contudo, o governo britânico não queria continuar nos Bálcãs. Em 4 de dezembro, numa conferência em Calais, os britânicos, conduzidos por Asquith, insistiram numa retirada das forças aliadas em Salonica. Agora que a Sérvia fora derrotada, não havia motivo para uma presença ali. Os franceses aceitaram essa lógica, mas, dois dias depois, numa conferência entre os Aliados, desta vez em Chantilly, os russos, os italianos e os sérvios tiveram prevalência sobre os franceses e concordaram em manter aberta a frente de Salonica. Em apoio a esse ponto de vista, o próprio czar enviou um telegrama a Asquith em que lamentava a decisão tomada em Calais. Assim, menos de uma semana depois do encontro, Kitchener e Grey regressaram à França e concordaram com a manutenção da frente de Salonica; Kitchener reportou aos seus colegas que “a boa disposição foi restaurada”.

Também foram esboçados planos em Chantilly para uma vitória aliada na frente ocidental em 1916, quando Joffre conseguiu um acordo britânico para uma ofensiva anglo-francesa conjunta e simultânea no verão de 1916, que aconteceria ao norte e ao sul do rio Somme, numa frente de 64 quilômetros. Aquilo que Joffre havia descrito como “resultados táticos brilhantes” nas ofensivas em Champagne e em Artois em 1915 seriam repetidos ou até mesmo ultrapassados. A Alemanha, segundo informações de peritos, tinha cada vez menos reservas. Com o novo exército de Kitchener na frente britânica, com armamentos suficientes para um bombardeio inicial irresistível e com munições suficientes para um avanço sustentado, a Batalha do Somme seria decisiva.

Em 19 de dezembro, Sir Douglas Haig foi nomeado por Sir John French comandante-chefe do Exército britânico na França. Nesse mesmo dia, uma data nefasta para milhões de pessoas, Haig escreveu asperamente em seu diário sobre o destino de um telegrama que enviara ao Ministério da Guerra ao meio-dia, perguntando quem lhe sucederia como comandante do 1º Exército.

Às 23 horas ainda não tinha recebido nenhuma resposta. Então, Sir William Robertson chegou, vindo da Inglaterra, e telefonou de Saint-Omer com as informações de que o primeiro-ministro e lorde K. tinham saído de Londres para o fim de semana e de que só seria tomada uma decisão na segunda-feira pela manhã! E isso em tempo de guerra!

Nesse dia, os alemães lançaram gás fosgênio, dez vezes mais tóxico do que o gás cloro, contra as forças britânicas no saliente de Ypres, com o objetivo de causar pânico e uma retirada geral. Porém, as tropas britânicas, que em abril tinham sido surpreendidas pela nova arma, estavam agora mais bem-treinadas em exercícios com

gás e bem-equipadas com máscaras antigás. Mil soldados foram gaseados e 120 homens morreram. O vento estava forte nesse dia, levando a nuvem de gás para sul, ao longo das linhas britânicas, e muito para a retaguarda; devido à uma mudança de direção, parte do gás dirigiu-se para a linha de trincheiras alemã na colina de Wijtschate.

O esperado pânico nas linhas britânicas não se concretizou, e a linha foi mantida. Em Londres, Vera Brittain recebeu um recado escrito a lápis do namorado, Roland Leighton, que estava na frente ocidental: “Estarei em casa, de licença, de 24 a 31 de dezembro. Chego no dia de Natal, R.” Ela estava entusiasmada com a possibilidade de um casamento durante essa breve licença e mesmo de chegar a ter um filho “do Roland, qualquer coisa que me fique como recordação se ele partir”. Durante o dia de Natal, esperou por ele, mas se deitou sabendo que ele chegaria no dia seguinte.

Na manhã seguinte, tinha acabado de me arrumar e estava colocando uma blusa de crepe azul-claro quando chegou a esperada chamada telefônica. Pensando que finalmente ouviria a voz pela qual eu tinha esperado durante 24 horas, corri alegremente pelo corredor. Mas a mensagem não era do Roland... E não dizia que ele tinha chegado naquela manhã, mas sim que tinha morrido em consequência de ferimentos num dispensário em 23 de dezembro.

Roland Leighton não tinha sido morto no calor da batalha. À semelhança de muitos outros, sua vida tinha sido destruída longe da violência de um massacre no meio da batalha. Como seu pelotão tinha tomado uma seção de trincheiras onde a linha de frente necessitava urgentemente de reparação, Leighton foi enviado para inspecionar a área onde a equipe de reparação do arame farpado trabalharia. Dali, deveria seguir para uma trincheira de comunicação, mas o caminho estava inundado, por isso teve de ir por um caminho oculto através de uma sebe. Os ocupantes britânicos anteriores daquele setor da frente não tinham divulgado a mensagem de que a trincheira de comunicações já estava inundada havia algum tempo e de que os alemães costumavam atirar com metralhadoras contra o espaço aberto ali. Naquela noite, a lua estava praticamente cheia, e a metralhadora alemã estava a meros cem metros da sebe. Quando Leighton chegou ao espaço aberto, os alemães abriram fogo, e ele foi ferido no estômago. Dois homens arriscaram suas vidas para arrastá-lo para a trincheira. Uma cirurgia foi feita no dia seguinte, mas não conseguiu salvá-lo, pois uma bala tinha-lhe atingido a base da espinha. Nessa noite, como sua noiva escreveu posteriormente, “o vencedor do prêmio Uppingham, cuja natureza o preparara completamente para o drama espetacular de uma grande batalha, morreu desamparado numa cama de hospital”.¹⁹

Na frente ocidental, as condições da guerra no final de 1915 eram aterrorizantes, descritas imediatamente após a guerra por um antigo correspondente na linha de frente, Philip Gibbs, em seu livro *Realities of War*: “Nossos homens nunca estavam secos”, escreveu ele. “Estavam úmidos nas trincheiras e úmidos quando escavavam. Dormiam em roupas molhadas, com as botas cheias de água, bebiam água da chuva com o chá, comiam lama com a ‘ração’ e suportavam tudo com a filosofia do ‘vamos em frente’ e com risos, pois eu os ouvia rir naqueles locais, entre ataques com explosivos. Mal as trincheiras eram drenadas após uma tempestade, outra vinha para destruir o trabalho, “e os parapeitos desabavam, e a água entrava, e havia espaços abertos pela artilharia alemã, e havia menos proteção para a cabeça contra estilhaços de metralha que se misturavam com a chuva e contra os intensos explosivos que caíam na lama”.

Durante novembro, as chuvas foram tão intensas que muitas trincheiras tinham água até os joelhos e por vezes até a cintura. Gibbs recordou as condições num setor da frente:

(...) com uma temeridade resultante do desconforto, os alemães se arrastavam até os parapeitos, sentavam-se ali para secarem as pernas e gritavam: “Não disparem! Não disparem!” Nossos homens não disparavam. Também se sentavam nos parapeitos para secar as pernas, fazendo caretas devido às mordidelas de formigas cinzentas, até que esses incidentes foram reportados ao quartel-general — onde havia lareiras sob tetos — e vieram ordens estritas contra tal “confraternização”. Cada alemão que se expusesse com a queda de um parapeito deveria ser fuzilado. Seriam seis mortos para cada lado a cada subida no parapeito, mas a dignidade do quartel-general não seria ultrajada por tão indecentes espetáculos como ingleses e alemães estando mutuamente à vista e recusando-se a matarem-se. Alguns homens obedeceram às ordens, e, quando um alemão se sentou no parapeito e gritou “Não disparem!”, foi atingido na cabeça por um tiro. Outros homens eram extraordinariamente míopes... De vez em quando, os alemães arrastavam-se até nossas trincheiras e pediam humildemente para serem feitos prisioneiros.

Um episódio ocorrido nesse inverno foi comentado em toda a frente ocidental e narrado por Gibbs:

[Por sobre um parapeito alemão] apareceu um cartaz em que se lia, em grandes letras, “Os ingleses são idiotas.” “Não somos tão idiotas assim”, comentou um sargento. Pouco depois, o cartaz foi feito em pedaços com fogo de rifles. Então, apareceu outro cartaz, que dizia “Os franceses são idiotas”. A lealdade para com nossos aliados levou à destruição desse

cartaz. Surgiu um terceiro cartaz: “Somos todos idiotas. Vamos para casa.” Esse cartaz também foi destruído, mas a mensagem causou alguns sorrisos, e os homens disseram: “Há muita verdade naquelas palavras. Por que isso continua? E por causa de quê? Os velhos que começaram essa guerra que venham lutar em Hooge. Os homens que estão lutando não têm nenhuma questão séria entre si. Queremos ir para casa, para nossas mulheres, para nosso trabalho.” Porém, nenhum dos lados estava preparado para ser o primeiro a “ir para casa”. Ambos os lados tinham caído numa armadilha infernal, da qual não havia escapatória.

Em seu livro, Gibbs descreveu a “armadilha infernal” do seguinte modo:

Lealdade ao seu próprio lado, disciplina com a pena de morte por trás, belas palavras da antiga tradição, obediência às leis da guerra ou à casta dirigente, toda a propaganda moral e espiritual conduzida por pastores, jornais, generais, oficiais do Estado-Maior e velhos que estavam em casa, mulheres exaltadas, fúrias femininas, um profundo e simples amor pela Inglaterra, ou pela Alemanha, orgulho da raça humana, medo e covardia — mil complexidades de pensamento e de sentimento impediam que homens, de ambos os lados, rompessem as redes do destino nas quais estavam emaranhados e se revoltassem contra o mútuo e incessante massacre, erguendo-se de suas trincheiras aos gritos de: “Somos todos loucos! Vamos para casa!”

Naquele inverno, uma particular fonte de agonia, somada ao tormento dos piolhos e dos ratos, era o “pé de trincheira”. “Os homens, que passavam dias e noites com os pés dentro da água, usando botas ou polainas de campanha, deixavam de sentir os pés”, escreveu Gibbs. “Os pés, frios e úmidos, começavam a formar frieiras e pareciam ‘mortos’. Então, começavam a queimar como fossem ferro em brasa. Quando as feridas pioravam, muitos homens não podiam andar e tinham de rastejar ou ser transportados nos ombros dos companheiros. Vi centenas de homens assim, e, conforme o inverno endurecia, milhares.” Houve batalhões que perderam mais homens devido aos “pés-de-trincheira” do que a ferimentos. Gibbs continua seu relato:

Os comandantes de brigadas e divisões estavam de mau humor e amaldiçoavam o novo mal que afligia seus homens. Alguns diziam que tal se devia à falta de cuidado, outros estavam mais inclinados a pensar que se devia a ferimentos deliberados, numa época em que muitos feriam a si próprios e que homens disparavam contra os próprios dedos, das mãos e

dos pés, para serem retirados das trincheiras. Não havia sinais de feridas autoinfligidas nos rostos dos rapazes transportados aos ombros para ambulâncias instaladas em trens parados em Rémy, perto de Poperinge, com ambos os pés aleijados e envolvidos em ataduras de algodão hidrófilo e dores muito intensas. Num batalhão da 49ª Divisão (West Riding), houve mais de quatrocentos casos no inverno de 1915.

Foi encontrada uma possível cura, que consistia em esfregar os pés com óleo duas ou três vezes por dia, mas, enquanto se mantinha, a doença enfraquecia a capacidade de luta dos batalhões. No entanto, escreveu Gibbs, “os homens lutaram contra tamanho sofrimento, resistiram, e não seriam vencidos por ele”.

A trégua de Natal, que tinha surgido tão espontaneamente na frente ocidental em 1914, não se repetiu em 1915. “Nada semelhante será autorizado na frente este ano”, informaram a uma brigada britânica de Infantaria cinco dias antes de ter início a época festiva. “A artilharia manterá lento fogo de canhão contra as trincheiras inimigas, com início ao nascer do dia, e serão aproveitadas todas as oportunidades, como hoje é feito, para infligir baixas a qualquer dos inimigos que se exponham.”

De modo geral, essas ordens foram obedecidas. O historiador Lyn Macdonald descreveu como “perto do bosque de Ploegsteert, uma extraordinária voz entreteve as trincheiras de ambos os lados com uma seleção de *La Traviata*, parando abruptamente no meio de uma ária como se uma porta tivesse sido violentamente batida”. Perto de Wulvergen, os alemães ergueram uma árvore no parapeito de sua trincheira na véspera de Natal, iluminando-a com lâmpadas. “Os pequenos pontos iluminados piscaram na escuridão por alguns momentos, até que um oficial britânico ordenou uma salva de tiros e os soldados britânicos derrubaram a árvore.”²⁰

O dia de Natal não foi diferente. “Saudamos o nascer do dia com cinco salvas de fogo rápido e mantivemos fogo lento durante todo o dia”, escreveu o cabo D. A. Pankhurst, da Artilharia Real. “Eram as ordens que tínhamos. Algumas baterias dispararam mais de trezentos projéteis. Disseram que era um presente de Natal para os Fritz, mas pessoalmente penso que a intenção era desencorajar a confraternização.” Tiros de canhão e de rifles continuaram durante todo o dia. O segundo-tenente W. Cushing foi testemunha da morte de um soldado de seu batalhão após um estilhaço de projétil ter atingido gravemente sua artéria femoral. “Os maqueiros tentaram reduzir a gravidade do ferimento por meio de um torniquete, mas isso causava muitas dores ao pobre homem, e o médico disse-nos, pelo telefone de campo, que tirássemos o torniquete e o deixássemos morrer em paz”, escreveu Cushing. O médico aparentemente “esteve a ponto de arriscar sua própria vida e atravessar o campo aberto para vir ao nosso encontro — já não havia trincheiras de comunicação —, mas o oficial no comando ordenou-lhe que ficasse no quartel-

general do batalhão. Não podíamos perder um oficial médico num esforço infrutífero para salvar uma vida e ele jamais chegaria a tempo.”

Dessa forma, o soldado W. G. Wilkerson morreu no dia de Natal. Foi sepultado no cemitério New Irish Farm, em Saint-Jan, perto de Ypres. Como a localização exata da sepultura não pôde ser identificada quando o cemitério foi organizado no fim da guerra, Wilkerson é lembrado num memorial especial com a inscrição “Sabe-se que está enterrado neste cemitério”. Ao seu lado, estão os corpos de 4.500 soldados.²¹ Na península de Galípoli, onde os homens no cabo Helles esperavam ser evacuados dentro de poucas semanas, houve mais mortos no dia de Natal, devido a fogo turco e a atiradores. Entre as perdas, estava Arnold Thompson, de 29 anos de idade, capitão no corpo médico do Exército britânico, que se formara em New College, Oxford, oito meses antes.²²

Na frente oriental, as Potências Centrais estavam confiantes em seu poder. Na Galícia, uma ofensiva russa que havia durado duas semanas terminou em 27 de dezembro. Apesar de apoiada por mil canhões, cada um com mil projéteis, não conseguira penetrar nas linhas austríacas e perdera 6 mil soldados russos feitos prisioneiros. Nesse dia, o gabinete britânico decidiu evacuar cabo Helles, suprimindo qualquer presença da Entente na península de Galípoli.

No final de 1915, as Potências Centrais encontravam-se num movimento ascendente: a Sérvia estava inteiramente sob ocupação austríaca e búlgara, a Polônia russa e a Bélgica estavam sob controle alemão, e, no mar, o afundamento de navios da Entente era contínuo. Os planos alemães para a vitória no ano seguinte incluíam uma guerra submarina ilimitada e um ataque às forças francesas que defendiam Verdun e os fortes que a cercavam, com o objetivo de esgotar o Exército francês por meio do desgaste dos seus homens. O general Falkenhayn, em particular, via no ataque a Verdun a criação de um “ponto de quebra” do moral francês. “Se conseguirmos abrir os olhos da população para o fato de que no sentido militar não podem ter qualquer esperança, esse ponto de quebra será atingido e a Grã-Bretanha perderá sua melhor arma”, escreveu ele ao Kaiser em 15 de dezembro. Se os franceses estavam determinados a defender Verdun até o fim, como acreditava Falkenhayn, então “as forças da França sangrarão até a morte”, quer os alemães capturassem Verdun, quer não.

“Nunca, através dos tempos, qualquer grande comandante ou estrategista propôs-se a vencer um inimigo fazendo-o sangrar lentamente até a morte”, comentou posteriormente o historiador Alistair Horne. “O macabro e o desagradável da imagem só poderia ter surgido, e era disso sintomático, nessa Grande Guerra, na qual, em sua crueldade, os líderes podiam encarar vidas humanas como meros corpúsculos.” Em sua história de Verdun, Horne citou dois outros comentários

relacionados à atitude dos comandantes quanto a baixas, feitos pelo filho de Haig, que disse que o comandante-chefe britânico parecia acreditar que era seu dever “reduzir as visitas aos dispensários, pois essas visitas tornavam-no fisicamente doente”, e por Joffre, que, depois de ter colocado uma condecoração no peito de um soldado cego, disse ao seu Estado-Maior: “Não me mostrem mais coisas assim... Eu não terei coragem de ordenar outro ataque.”²³

Ao insistir em suas razões para a ofensiva em Verdun, o general Falkenhayn desconsiderou o poder da Rússia em intervir para tirar a pressão que seria colocada sobre a França ou para ameaçar o leste da Alemanha. “Mesmo que não possamos esperar uma revolução em grande estilo, temos razões para acreditar que as perturbações internas na Rússia impelirão o país a desistir dentro de um período de tempo relativamente curto”, disse ele ao Kaiser em seu memorando de 15 de dezembro. Em 26 de dezembro, para enfraquecer internamente a Rússia, as autoridades em Berlim entregaram a um judeu russo bolchevique, Alexander Helphand, 1 milhão de rublos para divulgar propagandas antibelicistas por toda a Rússia. O montante foi pago após o embaixador alemão na Dinamarca ter persuadido Berlim de que a Rússia só se afastaria da Entente por meio de uma revolução e de que os bolcheviques tinham o poder de minar a autoridade tanto do czar como dos generais russos.

Assim como começara, o ano de 1915 terminou com um desastre no mar. Em 30 de dezembro, no mar do Norte, uma explosão interna acidental lançou pelos ares o cruzador britânico *Natal*, levando a 304 baixas. No mesmo dia, no Mediterrâneo oriental, um submarino alemão torpedeou, sem aviso, um navio a vapor de passageiros da companhia Peninsular e Oriental, afogando 334 passageiros, entre os quais o cônsul dos Estados Unidos em Áden e mais um cidadão americano. Três dias depois do afundamento, um diplomata americano em Paris, John Coolidge, escreveu com mordacidade em seu diário: “Um cônsul americano a caminho de seu posto em Áden estava a bordo, por isso é provável que o sr. Lansing adquira uma caixa de papel de carta e comece a escrever.” Ele tinha razão: a neutralidade americana ainda era uma característica fixa no cenário de guerra. Robert Lansing, secretário de Estado, emitiu unicamente um protesto formal.

Em 29 de dezembro, em Paris, a Assembleia Nacional Francesa votou uma lei que cedeu a terra onde estavam situados os cemitérios de guerra britânicos em solo francês “como uma oferta do povo francês para o repouso perpétuo daqueles que ali descansam”. Os cemitérios ainda estão lá, mais de oitenta anos depois do início da guerra, e chegam a mais de 2 mil, cuidados por cerca de quinhentos jardineiros. Mesmo enquanto a guerra decorria, seus mais comoventes monumentos eram

protegidos na lei como santuários.

Depois de doze meses de luta, a linha de trincheiras ao longo da frente ocidental não tinha sido quebrada por nenhum oponente, e a Alemanha mantinha-se como conquistadora e ocupante do solo francês e belga, longe de suas próprias fronteiras. Várias aldeias francesas situadas ao longo da linha tinham sido destruídas de tal modo que nunca foram reconstruídas; a leste de Saint-Mihiel há duas dessas aldeias, Regniéville e Remenauville, recapturadas em abril. Atualmente, à entrada de cada uma, há um cartaz na estrada que diz “*Village détruit*” [Aldeia destruída]. Contudo, a natureza do confronto foi tal que os britânicos no saliente de Ypres eram enfáticos quando garantiam que manter a cidade havia sido uma grande vitória. A própria cidade, regularmente bombardeada pelos alemães, fora transformada em ruínas, mas também isso podia ser mostrado como um aspecto virtuoso.

“Apenas o boche, metódico e consciencioso, poderia ter reduzido uma cidade desse tamanho a tal estado”, comentou Ian Hay, soldado e um dos mais populares escritores britânicos sobre a guerra.

Mas (...) o ponto mais importante a considerar é que estamos dentro e que os boches estão fora! Cercada por um poderoso crescente de prosaicas trincheiras, elas mesmas mantidas por paladinos de uma quase incrível impassibilidade, Ypres ainda aponta seus dedos quebrados ao céu — despedaçada, silenciosa, mas ainda inviolada, e tudo isso devido à obstinação de uma nação apagada e despreparada que se limita a manter sua fé e que apoia seus amigos.

Hay disse aos seus leitores que havia mais uma lição a tirar: “Tal atitude mental é incompreensível ao boche e satisfaz-nos que seja assim.” Podia confiar-se em “certas eminências recentemente ganhas”, como as colinas de Wijtschate, de Messines, de Vimy e de Monchy, e olhar para trás, “não apenas para essas colinas, mas para certas colinas morais, por sobre o terreno que foi sucessivamente atravessado, e podemos maravilhar-nos, pela centésima vez, não que a coisa tenha sido bem-feita ou malfeita, mas que muito simplesmente tenha sido feita”. Em contraste com um sentimento de superioridade moral estavam os homens que acordavam “com horror e estremecimento para outro dia desagradável”. Esses “dias desagradáveis”, contudo, dificilmente tinham lugar na narrativa de Hay. Em seus relatos, os mortos tinham “ido para felizes terrenos de caça”.

O que era claro, enquanto aquele ano se aproximava do fim, era que tinha prevalecido um sentimento de maior resignação do que seis meses antes. “Já não encaramos a guerra com pouco entusiasmo”, escreveu Hay. “Vimos a guerra cara a cara. Nosso único propósito agora é instigar nossos robustos seguidores até que alcancem o ponto de eficácia necessária e mantê-los sem desfalecimentos nesse nível

até a aurora de uma paz triunfal e duradoura.” Um escritor experiente ainda podia usar palavras e conceitos como “eficácia”, “nível” e “triunfal”. Soldados igualmente experientes poderiam usar uma linguagem diferente, uma perspectiva diferente. Ao regressarem à frente ocidental após sua licença de Natal, os soldados reunidos na estação Victoria cantavam um novo refrão:

*I don't want to die,
I want to go home.
I don't want to go to the trenches no more,
Where the whizz-bangs and shells do whistle and roar.*

*I don't want to go over the sea,
To where the alleyman will shoot at me,
I want to go home
I don't want to die.*^{[24](#)}

“Esta guerra terminará em Verdun”

Janeiro a abril de 1916

A superioridade das Potências Centrais no campo de batalha no início de 1916 teve reflexos no tratamento das minorias nacionais dentro da Áustria-Hungria. Em janeiro, a língua alemã foi declarada a única língua oficial na Boêmia. Nas ruas de Praga, policiais usavam cassetetes para punir as pessoas que ouviam falar tcheco. Em paralelo, no centro de decisão política, Viena, os líderes austríacos reconheciam os enormes problemas que a guerra estava criando, em especial porque o Exército russo, apesar de tantas derrotas, continuava lutando com tenacidade. “Não há qualquer possibilidade de destruir a máquina de guerra russa”, avisou o general Conrad ao conde Tisza, em 4 de janeiro, e acrescentou: “A Grã-Bretanha não pode ser derrotada; deve ser feita a paz num período curto de tempo ou ficaremos fatalmente enfraquecidos, se não mesmo destruídos.”

A Grã-Bretanha, a Austrália e o Canadá eram os únicos combatentes que ainda tinham exércitos compostos apenas por voluntários. No dia em que Conrad fez o aviso havia 2.675.149 britânicos voluntários em armas. No Canadá, o sistema de voluntariado tinha alistado 150 mil homens desde o início da guerra e enviado quatro divisões para a frente ocidental, mas o primeiro-ministro canadense, Sir Robert Borden, tendo visitado a Grã-Bretanha e ganhado uma ideia da enormidade da tarefa, apelou em sua mensagem de 1º de janeiro para que 500 mil canadenses entrassem para o Exército, numa população de 8 milhões.

Na própria Grã-Bretanha, crescia a pressão para a introdução da conscrição, o que teria significado pelo menos mais 2 milhões de homens para as forças armadas. Em 5 de janeiro, o primeiro-ministro, Asquith, apresentou a primeira Lei de Conscrição à Câmara dos Comuns. Na frente ocidental, um de seus antigos colegas políticos, Winston Churchill, estava em seus primeiros dias como comandante de um batalhão. Em 17 de janeiro, Churchill foi convocado pelo coronel Tom Holland, seu amigo, para assistir a uma palestra sobre a Batalha de Loos na cidade de Hazebrouck e

descreveu a cena à sua mulher, Clementine:

O teatro estava cheio de generais e oficiais. (...) Nem consegui um lugar; fiquei nos bastidores ao lado do palco. Tom falou muito bem, mas sobre derrota e sem esperança, sobre heroísmos sublimes desperdiçados e os esplêndidos soldados escoceses ceifados em vão (...) sem o menor vislumbre de sucesso. Seis mil mortos e feridos em 10 mil só na divisão dos escoceses. Ai! Ai! Depois perguntou que lição tirar. Eu retive o impulso de responder “Nunca mais fazer isso”, mas farão. Não tenho qualquer dúvida.

Ao avançar com seu batalhão para a posição da linha de frente, perto da aldeia de Ploegsteert, Churchill partilhou com seus homens os perigos da guerra. Numa manhã, depois de sair da trincheira da linha de frente, um projétil explodiu no sótão de um convento arruinado perto do qual ele passava. “Um jorro de pedaços de tijolos foi lançado ao ar”, escreveu à sua mulher.

Observei-os curiosamente de uma distância de cinquenta metros para ver se algum cairia em cima de mim. De repente, vi, quase simultaneamente à explosão, cinco ou seis objetos escuros que se dirigiam na minha direção... Você sabe quão rápido é o pensamento. Não tive tempo para pensar em estilhaços nem para concluir que não podiam ter sido originados pela mesma explosão antes de ver que se tratavam de pássaros apavorados!

Churchill prestou serviço na frente ocidental durante seis meses. Em várias ocasiões quase foi morto quando projéteis alemães explodiram perto dele. Uma vez, quando estava na reserva, um projétil atravessou o quarto dele e entrou num celeiro onde muitos homens haviam procurado refúgio, mas acabou por não explodir. Em outra ocasião, ao dirigir-se para as trincheiras, viu como um canhão alemão massacrava sistematicamente a linha de frente, atingindo pontos cada vez mais próximos. “Era possível calcular mais ou menos onde o próximo cairia”, escreveu três dias depois à sua mulher:

Eu disse que o próximo atingiria o convento. Quando estávamos ao lado do prédio, o projétil chegou com um zumbido e ouviu-se um estrondo tremendo; vi uma chuva de tijolos e nuvens de fumaça e todos os soldados deram um salto e fugiram precipitadamente para procurar abrigo. A mim o projétil não fez saltar; minha pulsação manteve-se a mesma. Não me importo com o barulho, como sucede com muita gente corajosa. Vinte metros a mais para a esquerda e não haveria mais complicações a resolver,

mais ansiedades a enfrentar, mais ódios e injustiças a defrontar... Um belo fim numa vida com muitos altos e baixos, uma última oferenda, de valor incalculável, a um país ingrato, um empobrecimento do poder de guerra da Grã-Bretanha que ninguém nunca conheceria ou mediria ou lamentaria.

Com a conquista austríaca da Sérvia completada antes do final de 1915, abriu-se uma nova frente em 8 de janeiro de 1916, quando 45 mil soldados austríacos e 5 mil muçulmanos bósnios atacaram Montenegro, vizinho e aliado da Sérvia. Uma barragem de artilharia, bem como ataques aéreos e navais, abriu a campanha. Dentro de 48 horas, os montenegrinos foram expulsos do monte Lovcen, de 1.480 metros de altitude, conhecido como “Gibraltar do Adriático”, e foram forçados a retirar-se da capital, Cetinje. Em 11 de janeiro, Cetinje caiu. Seis dias depois, Montenegro rendeu-se. “Está tudo acabado para o pobre Montenegro”, escreveu em seu diário o diplomata americano John Coolidge em 16 de janeiro. “Quando chegou a vez dela, não houve ninguém para ajudar, portanto ela caiu.” A guerra durou nove dias. As tropas montenegrinas que conseguiram escapar juntaram-se aos sérvios que fugiam para Corfu.

Sem que os austríacos soubessem até depois do ataque, o dia da ação em Montenegro foi também o dia em que as últimas tropas britânicas abandonaram o cabo Helles na península de Galípoli. Durante onze dias, 35.268 soldados tinham sido evacuados sem baixas. Num esforço final para desafiar os turcos, deixaram armadilhas, minas terrestres, sentinelas falsas e rifles “mecânicos”, que disparavam com o peso da água que pingava de uma lata com areia para uma segunda lata e, então, para o mecanismo do gatilho. Um dos últimos soldados britânicos a deixar o cabo, o sargento Mannion, contou mais tarde que quando estavam a 1.500 metros da praia receberam a ordem para se jogarem no chão.

Nesse momento, um projétil explodiu em terra e ouvimos os estilhaços caírem na cobertura da barcaça. O mar estava agitado e nossa barcaça oscilava para cima e para baixo como um pedaço de cortiça nas ondas. Estávamos muito enjoados. Houve um boato de que estávamos afundando, confirmado pelos marinheiros. Nosso cabo se partira e estávamos à deriva, num mar revolto, ao largo de uma costa hostil, mas parecia que ninguém estava muito preocupado com isso. Saímos ilesos de Galípoli, coisa que nenhum de nós esperava.

À semelhança dos homens, 3.689 cavalos e mulas foram evacuados da península, mas foram abatidas 508 mulas e abandonados 1.590 veículos. O custo humano do esforço consta nas estatísticas de cada Exército. Mais de 66 mil soldados turcos tinham sido mortos, assim como 28 mil britânicos, 7.595 australianos, 2.431

neozelandeses e 10 mil franceses. Os memoriais, um no cabo Helles e outro em Anzac, contêm os nomes dos soldados britânicos e da Commonwealth sem uma sepultura conhecida. Trinta e três cemitérios de guerra da Commonwealth na península contêm as sepulturas daqueles cujos corpos não foram encontrados. Na sepultura do artilheiro J. W. Twamley, seu familiar mais próximo escreveu as seguintes linhas:

*Only a boy but a British boy,
The son of a thousand years.*¹

Um desolado australiano enviou as seguintes linhas:

*Brother Bill a sniping fell:
We love him still,
We always will.*²

De pais cuja mágoa não encontrou conforto na religião, veio uma pergunta:

*What harm did he do Thee, O Lord?*³

Os turcos, aliviados com o desaparecimento do seu inimigo em Galípoli, transferiram 36 mil soldados dali para a Mesopotâmia. Na frente do Cáucaso, o comandante russo e general Yudenitch, apesar de um feroz tempo frio que incapacitou 2 mil homens, repeliu os turcos da cidade de Erzurum, numa batalha em que muitos soldados árabes, que lutavam ao lado dos turcos, desertaram. Quando por fim entraram em Erzurum, em meados de fevereiro, os russos fizeram 5 mil prisioneiros turcos, mas perderam a capacidade de luta de mais 2 mil homens devido ao frio. Na perseguição aos turcos a oeste de Erzurum, os russos fizeram mais 5 mil prisioneiros. Com esses distantes sucessos, o moral dos russos em seu país melhorou muito, pelo menos momentaneamente.

A Alemanha continuava a encarar a agitação antibelicista na Rússia como uma forma de aliviar o fardo na frente oriental e talvez até pôr-lhe um fim definitivo. Em 11 de janeiro, mais de 10 mil trabalhadores russos entraram em greve no porto e na base naval de Mykolaiv, no mar Negro. Nas duas semanas seguintes, a greve alastrou-se até Petrogrado, onde pelo menos 45 mil trabalhadores entraram em greve. Tanto o descontentamento dos russos com a guerra como as aspirações nacionalistas dos povos subjugados pela Rússia estimularam a atenção germânica. Em 18 de janeiro, Berlim foi informada por um dos seus agentes de que tinha sido estabelecido contato com um revolucionário estoniano, Keskula. Não só as intrigas como as realidades do campo de batalha pareciam apontar para vitórias alemãs. Nessa semana, o chefe do Estado-Maior naval alemão, almirante Holtzendorff,

expressou sua confiança na capacidade de seus submarinos afastarem a Grã-Bretanha da guerra, de uma vez por todas, muito antes do fim do ano. O novo comandante-chefe da Esquadra de Alto-Mar alemã, almirante Scheer, nomeado em 24 de janeiro, também estava confiante em que podia levar a principal armada britânica a entrar em ação no mar do Norte e derrotá-la.

A Grã-Bretanha preparava-se para uma guerra longa com igual confiança, dando os primeiros passos, em 27 de janeiro, para estabelecer o serviço militar obrigatório e aproveitando o contínuo apoio financeiro dos Estados Unidos para conseguir meios financeiros para a compra e a manufatura de armas.

Na Alemanha, iniciou-se uma campanha antiamericana, ilustrada por uma caricatura que mostrava o presidente Woodrow Wilson libertando a pomba da paz com uma das mãos e com a outra dando munições aos Aliados. No dia do aniversário do Kaiser, 27 de janeiro, uma bandeira americana, coberta de preto, foi colocada na estátua de Frederico, o Grande, em Berlim, com as seguintes palavras em letras douradas na bandeira de seda: “Wilson e a sua imprensa não são a América.” Fotografias da bandeira foram espalhadas por toda a Alemanha. Um jornal alemão declarou: “Frederico, o Grande, foi o primeiro a reconhecer a independência da jovem república quando conseguiu libertar-se do jugo britânico ao preço de seu próprio sangue durante anos de luta. Seu sucessor, Wilhelm II, recebe como prova de gratidão da América frases hipócritas e fornecimentos ao seu inimigo mortal.”

Na frente, o aniversário do Kaiser foi antecipado pelas tropas alemãs que poucos dias antes tinham gritado aos britânicos no lado oposto: “Somos saxões, e, depois do dia 29, podem ficar com nossas trincheiras e também com o Kaiser de m...” Soldados alemães mais entusiasmados, buscando dar um presente de aniversário ao Kaiser, atacaram posições francesas ao sul do Somme na noite de 28 de janeiro, devastando a aldeia de Frise e capturando ou matando todos os soldados franceses que estavam ali. No dia seguinte, ainda cedo, os alemães atacaram uma parte das linhas britânicas, perto de Carnoy, sendo detidos pelos Liverpool Pals, um dos primeiros batalhões constituídos de amigos a chegarem à frente. Os Pals ficaram animados quando descobriram que um dos oficiais alemães que capturaram, o tenente O. Siebert, tinha a fita da Cruz de Ferro de Segunda Classe. Siebert morreu em consequência dos ferimentos ainda no mesmo dia.

Não houve pausa nos esforços de luta da Tríplice Entente. Na Mesopotâmia, os britânicos disputavam uma constante e dura batalha contra os turcos na intenção de atingirem a guarnição cercada em Kut, quase não noticiada entre as notícias mais divulgadas da frente ocidental. A força de socorro que Kut aguardava tão desesperadamente estava lutando para prosseguir para norte, encontrando contínua resistência turca, dirigida pelo marechal de campo alemão Goltz, de 72 anos. Na

Batalha de Wadi, em 13 de janeiro, foram mortos mais de duzentos soldados britânicos e indianos e 1.400 homens ficaram feridos. As baixas foram ainda mais pesadas na Batalha de Hanna, oito dias depois, onde foram mortos ou feridos 2.600 atacantes. Os britânicos dispunham de 46 canhões, mas a quantidade se mostrara inadequada para desalojar ou desmoralizar os defensores turcos antes do assalto.

Entre os oficiais britânicos que combateram em Hanna estava o futuro primeiro-ministro britânico, capitão C. R. Attlee, que, transportando uma grande bandeira vermelha para alertar a aviação inglesa sobre o avanço da Infantaria, conduziu seus homens a partir das trincheiras. A barragem de artilharia foi eficaz e houve pouca oposição turca, tanto na primeira como na segunda linha de trincheiras. Attlee chegou então à terceira linha turca. “Quando cheguei e enfiei minha bandeira no solo, um estilhaço apanhou-me por trás, jogando-me para o alto como se eu tivesse levado um pontapé”, recordou mais tarde. “De repente, eu estava sentado na frente do soldado O’Neill. Dois companheiros chegaram e perguntaram-me se eu estava ferido. Eu disse que não sabia, mas, quando me levantei, vi que não conseguia me mover.” Nas suas memórias, Attlee relembrou como “um projétil, lançado, como vim a saber anos depois, por uma das baterias britânicas, entrou na minha coxa, e um estilhaço em uma nádega, e tive de ser levado para fora do campo de batalha”.

Nessa noite, num navio-hospital no Tigre, um segundo-tenente, ao ver o tormento dos feridos que tinham sido levados para o navio, mas para os quais não havia, nem mesmo ali, ajuda médica, teria dito ao seu sargento: “Creio que nunca veremos nada mais parecido com o inferno.” Erguendo-se, como se estivesse respondendo uma pergunta feita numa parada, o sargento respondeu: “Eu diria que não, senhor.”

Entre os que morreram em Hanna estava Robert Palmer, neto do primeiro-ministro na virada do século, lorde Salisbury, e primo do ministro das Relações Exteriores, Sir Edward Grey. Três meses antes, o *Times* tinha publicado um poema de Palmer, intitulado “How Long, O Lord?”, que inclui os seguintes versos:

*From sodden plains in West and East the blood
Of kindly men steams up in mists of hate,
Polluting Thy clean air; and nations great
In reputation of the arts that bind
The world with hopes of heaven, sink to state
Of brute barbarians, whose ferocious mind
Gloats o’er the bloody havoc of their kind,
Not knowing love or mercy.*⁴

Na manhã seguinte à Batalha de Hanna, os britânicos pediram uma trégua de seis horas para sepultarem seus mortos e recolherem os feridos. Mal a bandeira branca foi agitada para assinalar o início da trégua, vários árabes saíram das linhas turcas e

começaram a roubar os feridos e os mortos, que foram despojados de suas roupas. Aqueles que tentaram resistir foram asfixiados com areia, atando-se uma fita apertada para que ficassem com a boca fechada até morrerem. Oficiais turcos, aterrorizados com o que viam, tentaram ajudar os sobreviventes.

A batalha havia sido iniciada com a esperança de aliviar os homens cercados em Kut, mas ali, em contraste com o terrível calor do verão, geadas e ventos frios pioravam o empenho e o moral dos atacantes e dos muitos feridos para os quais não havia tratamento disponível. “Jazendo em poças fundas, num mar de lama, devem ter mergulhado nas profundezas da agonia; em toda a história de sofrimento do Exército britânico, a dor coletiva da noite de 21 de janeiro de 1916 provavelmente não tem paralelo desde a Crimeia”,⁵ escreveu um historiador. “Um dia negro para Kut em geral e para mim em particular”, escreveu E. O. Mousley no seu diário. “Por volta das 6 horas da manhã, numa total escuridão, começou a cair água em nossa linha de frente pelo Reduto B, inundando as trincheiras até a altura do pescoço. Todos os cuidadosos esforços dos nossos sapadores não conseguiram impedir a inundação.” Os turcos também ficaram inundados em suas defesas e tiveram de recuar. “Foi um espetáculo terrível vê-los correndo no alto, onde antes tínhamos visto apenas suas picaretas e seus capacetes (...) Disparamos contra aquelas massas esfarrapadas com grande satisfação.”

O general Aylmer, que comandava a força enviada para auxiliar as tropas em Kut, já não estava confiante em seu sucesso. “Tenho muitas dúvidas sobre o moral dos soldados indianos, em especial porque tenho graves suspeitas de extensas automutilações entre eles”, telegrafou ele ao general Townshend em 24 de janeiro. Mesmo com reforços, Townshend pensava que não conseguiria penetrar em Kut e disse que poderia resistir “durante 84 dias”. Tinha também pouca confiança nos indianos. “Uma ou duas divisões totalmente britânicas é tudo o que precisamos”, telegrafou a Aylmer. “É hora de pedir boas tropas brancas do ultramar e um corpo do Exército para salvar e conservar a Mesopotâmia, se o governo considerar que é útil mantê-la.”

Novas técnicas e invenções estavam acrescentando uma nova dimensão à guerra. Em 29 de janeiro, começou a ser testado o primeiro tanque britânico. Mais de um ano antes, Churchill tinha começado a encorajar inventores e peritos técnicos a buscarem um *design* eficaz e, quando o Gabinete de Guerra recuou, chegou a fornecer meios financeiros do seu Almirantado para iniciar as experiências. Encorajou também aqueles que acreditavam, como ele, que um tanque poderia ser uma arma eficaz para desfazer o impasse da guerra de trincheiras e para reduzir substancialmente as baixas, marcas terríveis de cada ofensiva na frente ocidental.

No ar, a Alemanha mantinha sua superioridade. Tanto no Almirantado como nas

suas cartas enviadas das trincheiras, Churchill também tinha insistido na importância de compor uma Força Aérea forte para reconhecimento aéreo e para oferecer proteção aos soldados em terra. Para a opinião pública britânica, era a atividade aérea alemã que criava maior alarme. Em 31 de janeiro, nove zepelins voaram sobre o mar do Norte até a Grã-Bretanha e foram lançadas 389 bombas nas Midlands.⁶ Um dos zepelins caiu no mar quando regressava, matando os dezesseis membros da tripulação.

Na guerra no mar, o primeiro navio mercante foi afundado por bombardeio aéreo em 1º de fevereiro. Tratava-se do navio de carga britânico *Franz Fischer*, destruído por um avião alemão a três quilômetros de Kentish Knock. Treze membros da tripulação morreram. Uma semana depois, 374 marinheiros franceses morreram afogados quando um submarino alemão torpedeou o cruzador francês *Amiral Charner*, que afundou quatro minutos depois de ter sido atingido. Houve apenas um sobrevivente. O submarino alemão era o U-21, comandado por Otto Hersing, que já tinha afundado um couraçado britânico ao largo da Escócia e dois perto de Galípoli.

Em meados de fevereiro, estavam sendo preparados dois planos, um alemão e outro anglo-francês, com o mesmo objetivo de garantir a vitória na frente ocidental. Os alemães estavam na fase final de planejamento do que acreditavam ser uma eficaz guerra por meio de desgaste, centrada num ataque massivo e contínuo à fortaleza francesa de Verdun. Escolhida por Vauban no século XVIII como ponto vital no caminho para Paris, Verdun se rendera após apenas dois dias de batalha contra um exército prussiano em 1792. A notícia da sua queda provocou pânico em Paris e funcionou como causa imediata dos massacres de setembro daquele ano. Em 1870, Verdun capitulou perante os alemães depois de um cerco de seis semanas. Em setembro de 1914, Joffre ordenou ao general Sarraill que retirasse suas tropas de Verdun, como parte de uma estratégia mais vasta. Ao longo de 1915, a linha de frente alemã esteve a apenas dezesseis quilômetros do centro da cidade, sendo o principal objetivo do Exército alemão para 1916.

À semelhança dos planos alemães para um ataque em Verdun, os ingleses e os franceses faziam preparativos para um avanço no Somme naquele verão. Confiantes, ambos os governos emitiram uma declaração em Le Havre, em 14 de fevereiro, afirmando que não poderia haver paz com a Alemanha enquanto a independência da Bélgica não fosse restaurada e não fossem pagas indenizações pelos danos causados no interior do país durante a ocupação alemã.

Em 21 de fevereiro, os alemães desencadearam seu ataque em Verdun. Dois meses antes, Falkenhayn tinha informado ao Kaiser que a determinação francesa de defender a cidadela histórica a caminho de Paris “obrigaria o Estado-Maior francês a

envolver todos os homens de que dispusesse” em vez de desistir da fortaleza e tentar encontrar outra linha de resistência com menos custos. A cidade de Verdun, que tinha resistido durante mais tempo do que Sedan, Metz ou Strasbourg em 1870, era defendida por duas fortalezas principais, o forte Douaumont e o forte Vaux, e por 500 mil homens. Os alemães lançaram 1 milhão de homens contra eles. A batalha durou dez meses e foi descrita por um historiador como “a maior batalha por meio de desgaste da história”.⁷

O embate começou com um bombardeio da artilharia alemã, com 850 canhões pesados, ao longo de uma frente de treze quilômetros. O primeiro tiro, disparado por um canhão naval Krupp de quinze polegadas, a mais de trinta quilômetros de distância, atingiu a catedral. Depois de um intenso bombardeio que durou nove horas, sem precedente em outras guerras, 140 mil soldados da Infantaria alemã avançaram em direção às defesas francesas. O volume dos tiros havia criado pânico na linha de frente de trincheiras e defesas, enterrando homens sob uma inescapável camada de terra. “Resistiremos aos boches, apesar de o bombardeio ser infernal”, reportou uma unidade da linha de frente nessa noite. Dos seus 1.300 homens, mais da metade morreram ou ficaram feridos. Um cabo notou que em cada cinco homens “dois foram enterrados vivos sob os abrigos, dois ficaram feridos de uma forma ou de outra e o quinto está à espera”.

Os alemães tinham usado granadas de gás em 21 de fevereiro. No dia seguinte, os franceses, por sua vez, lançaram obuses de gás fosgênio fabricado por eles e abriram uma estrada para receberem abastecimentos de Bar-le-Duc, que ficou rapidamente conhecida como *la voie sacrée*, a via-sacra, cuja defesa tornou-se vital para a luta em Verdun. Em paralelo, os alemães colocaram 168 aviões em constantes patrulhas de reconhecimento sobre a fortaleza.

No segundo dia do ataque, os alemães utilizaram uma nova arma, os lança-chamas, colocando 96 unidades em uso. No terceiro dia, tinham avançado 3 quilômetros e capturado 3 mil soldados franceses. Nesse dia, 23 de fevereiro, tropas francesas que defendiam a aldeia de Samogneau foram vítimas do boato de que o lugar tinha caído nas mãos dos alemães. Acreditando no boato, franceses que haviam acabado de chegar de Verdun iniciaram um bombardeio pesado e preciso contra a aldeia. Durante duas horas, os defensores franceses foram bombardeados por seus compatriotas, e, quando o ataque terminou, os alemães avançaram para tirar proveito da situação e tomar a aldeia. Um dos homens que foram feitos prisioneiros, o tenente-coronel Bernard, que tinha obedecido às ordens para que a aldeia resistisse “a todo o custo”, foi levado até um augusto visitante que tinha ido ao lugar para presenciar a queda de Verdun e que observava a batalha por meio de um periscópio: o Kaiser. “Nunca entrará em Verdun”, disse-lhe Bernard.

Em 24 de fevereiro, os alemães avançaram pouco menos de dois quilômetros e fizeram mais 10 mil prisioneiros. As tropas francesas fugiam da linha de frente em

pânico ou despedaçadas. Uma divisão norte-africana, constituída majoritariamente por homens de tribos marroquinas e argelinas, foi lançada na luta nesse dia, mas virou-se e fugiu ao enfrentar uma massa de alemães que avançavam em direção a eles. Alguns não chegaram muito longe. Um oficial francês tentou em vão contê-los com uma ordem. Então, como escreveu um oficial do Estado-Maior francês, “uma seção de metralhadoras disparou contra as costas dos fugitivos, que caíram como moscas”.

Em 25 de fevereiro, os alemães capturaram o forte Douaumont. Os defensores franceses haviam avaliado mal a rapidez do avanço alemão, de forma que muitos dos canhões que poderiam ter prolongado a defesa estavam desarmados ou tinham sido deslocados para outros locais. Foi um desastre para a França e um triunfo para a Alemanha. Dois oficiais alemães receberam a condecoração Pour le Mérite. O Kaiser estava suficientemente próximo para congratulá-los pessoalmente. Os alemães estavam inclinados a abandonar a sugestão de Falkenhayn de utilizar o ataque a Verdun para prejudicar as forças francesas, preferindo tirar vantagem da fraqueza e do caos e avançar para a própria cidade. Os franceses também haviam decidido, talvez nessa mesma noite, desistir de Verdun, abandonar o saliente e recuar para uma linha cuja defesa fosse mais fácil, mas à meia-noite o general Pétain recebeu o comando da defesa de Verdun. Ele estava determinado a não permitir que a fortaleza caísse em mãos alemãs. “Que qualquer pedaço de terra tomada por eles seja recuperado”, insistiu. No dia seguinte, emitiu sua famosa ordem: “Não passarão.”

Depois de cinco dias de muita carnificina, a batalha ainda continuava. Douaumont mantinha-se em mãos alemãs, mas os ferozes e contínuos bombardeios, apesar de criarem enorme destruição entre os defensores franceses, não facilitaram a entrada dos alemães na cidade. Na semana que teve início em 27 de fevereiro, os franceses levaram para Verdun, ao longo da Via-Sacra, 190 mil homens e 23 mil toneladas de munições. Nessa semana, um inesperado degelo de primavera transformou o campo de batalha num mar de lama, o que não impediu a continuação da luta nem a intensidade das barragens de artilharia. Nas primeiras cinco semanas do conflito em Verdun, soldados alemães foram mortos à incrível média de um em cada 24 segundos. As mortes entre os franceses foram ainda maiores. O biógrafo do Kaiser, Alan Palmer, escreveu: “Recentemente, apenas nesse setor da frente ocidental, os alemães sofreram um terço de milhão de baixas para ocuparem uma área cheia de crateras, com as dimensões de Berlim.”

Nesse mês de fevereiro, os austríacos, conquistadores da Sérvia e de Montenegro, voltaram suas forças contra a Albânia. Durrës foi ocupada em 27 de fevereiro e teve 900 mulas e burros assassinados na véspera do dia em que as forças italianas e albanesas abandonaram a cidade. O líder das forças albanesas, Essad Paxá, foi para Nápoles, onde organizou um governo provisório. O governo sérvio permaneceu em Corfu. Os ingleses e os franceses, determinados a não permitir que forças austríacas e búlgaras controlassem os Bálcãs sem encontrar oposição, continuaram desembarcando tropas em Salonica. Em 26 de fevereiro, quando o navio francês *Provence II*, que carregava tropas, foi afundado por um submarino alemão ao largo de Cerigo, 930 soldados morreram afogados, mas 1.100 sobreviveram, juntaram-se à força de Salonica e enfrentaram as dificuldades não só provocadas pelo Exército austro-húngaro, mas também por doenças. Em 29 de fevereiro, um médico britânico escreveu ao médico-chefe das tropas britânicas em Salonica: “Há ainda dois meses antes que o general Malária chegue ao campo.”

Em Verdun, o elevado número de mortes levou, em 28 de fevereiro, a um encontro emergencial entre o príncipe herdeiro alemão, que comandava o 5º Exército, e o general Falkenhayn. Apesar de terem perdido o efeito-surpresa, o príncipe herdeiro comentou que mantinham “uma considerável vitória moral e material” e que para dar prosseguimento à ofensiva era necessária uma quantidade de homens e material “não aos pedaços, mas em grande escala”. Falkenhayn concordou. Então, em 2 de março, forças francesas repeliram um assalto alemão a Vaux. Entre os franceses capturados estava o capitão Charles de Gaulle, que tinha ficado ferido por uma baioneta que atravessou sua coxa. Houve muitos feridos entre os alemães, e, à medida que eram transportados pelo seu quartel-general, um general descreveu a cena como “uma visão do inferno”. O pintor expressionista alemão Franz Marc escreveu em 3 de março: “Durante dias, vi apenas as mais terríveis coisas que a mente humana pode pintar.” No dia seguinte, Marc foi morto por um projétil francês.

Em 6 de março, durante uma tempestade de neve, os alemães lançaram um ataque nos terrenos elevados de Mort-Homme, na margem esquerda do Meuse. O bombardeio preliminar da artilharia foi tão intenso quanto o embate de 21 de fevereiro. Atravessando o rio em Brabante e em Champneuville, apoiadas pelo fogo de canhões pesados de um trem blindado, as tropas alemãs conseguiram uma inesperada vantagem quando muitos projéteis disparados contra elas pelos franceses não explodiram no solo macio e pantanoso. Mort-Homme foi mantida, mas 1.200 soldados franceses renderam-se no decurso de dois dias de luta. Para manter os outros em linha, o comandante das forças da margem esquerda, general De Bazelaire, avisou que metralhadoras disparariam contra qualquer unidade que se retirasse mais.

No segundo dia da batalha por Mort-Homme, os alemães capturaram o bosque de Corbeaux. O contra-ataque francês foi conduzido pelo tenente-coronel Macker, que entrou para a história da batalha por conduzir seus homens “brandindo uma bengala e fumando calmamente um charuto”.⁸ Avançando entre tiros de metralhadoras e da artilharia até cem metros do bosque, Macker ordenou que seus homens fixassem e carregassem as baionetas. A força alemã, tendo seu próprio comandante sido morto, recuou. Uma hora depois, o bosque estava novamente em mãos francesas. Ainda nesse dia, outra unidade francesa repeliu os alemães de um bosque menor ali perto. Quando Macker seguiu em frente para felicitar o outro comandante, ambos foram mortos pelo fogo de uma metralhadora alemã. Os homens de Macker ficaram desmoralizados com sua morte, e, num contra-ataque alemão, o bosque de Corbeaux foi perdido mais uma vez. A luta por Mort-Homme continuou durante um mês. Milhares morreram de ambos os lados, mas as colinas nunca foram conquistadas.

Milhares também foram mortos na margem direita do Meuse na luta pelo forte Vaux. A vila de Vaux foi tomada e recuperada treze vezes durante março daquele ano, mas o forte manteve-se em mãos francesas. Quando disseram ao general alemão Guretzky-Cornitz que o forte finalmente fora tomado, ele passou a informação ao quartel-general, que divulgou a notícia ao mundo. O Kaiser concedeu ao general a muito apreciada condecoração Pour le Mérite, mas os homens do general foram mortos enquanto marchavam em colunas de quatro para ocuparem o forte. No fim das contas, o forte Vaux não tinha sido tomado. Joffre, em triunfo, emitiu uma Ordem do Dia aos defensores: “Vocês serão aqueles de quem se dirá que “barraram o caminho para Verdun”.

Em 20 de março, num ataque alemão ao extremo oeste do saliente de Verdun, entre as aldeias de Malincourt e Avocourt, a 11ª divisão da Baviera foi comandada pelo general Kneussel, que tinha obtido a condecoração Pour le Mérite por ter capturado a fortaleza de Przemyśl, em 1915, que estava em mãos russas. A princípio, o ataque correu mal, com muitos soldados de Infantaria alemães sendo enterrados vivos nos pontos que tinham escavado profundamente diante da linha de frente inimiga, que os franceses descobriram e explodiram. Contudo, as tropas francesas tinham estado nas trincheiras por tempo demais e seu moral era baixo. Desertores, que chegavam às linhas alemãs, davam pormenores da passagem pelo arame farpado francês. Quatro horas depois do início do ataque alemão, a posição francesa foi capturada e uma brigada inteira foi cercada e rendeu-se com 2.825 homens, 25 metralhadoras e, para o divertimento do correspondente de guerra alemão que contou a história, uma caixa cheia de cruzes de Guerra prontas para serem distribuídas.

Dois dias depois, os alemães tentaram dar continuidade aos seus êxitos, mas os metralhadores franceses, disparando contra eles por três lados, provocaram 2.400 baixas nos alemães sem outros ganhos. O presidente Poincaré, que tinha ficado

envergonhado com os desertores de Avocourt, pôde respirar aliviado por algum tempo.

Enquanto o tormento de Verdun prosseguia, De Gaulle era levado para um hospital militar alemão em Mogúncia e, depois, para o primeiro de vários campos para prisioneiros de guerra mais para leste, do qual tentou, com grande engenho, fugir. Numa ocasião, conseguiu chegar a cem quilômetros da fronteira suíça, mas suas tentativas foram fracassadas e ainda se encontrava em cativeiro quando a guerra acabou. Na prisão, uma das suas atividades era ensinar francês a outro prisioneiro de guerra, Mikhail Tukhachevsky, de 23 anos e oficial do czar. Nomeado marechal da União Soviética por Stálin em 1935, Tukhachevsky foi executado pelo ditador dois anos depois, mas como prisioneiro de guerra teve mais sucesso do que De Gaulle, conseguindo regressar à Rússia e ao serviço ativo na sexta tentativa de fuga.

Numa tentativa de contribuir para a redução da pressão sobre os franceses em Verdun, o Exército italiano desencadeou a quinta batalha pelo Isonzo em 11 de março. Contudo, cinco dias de luta terminaram abruptamente quando precipitações de chuva e neve tomaram o campo de batalha na montanha. Os poucos ganhos dos italianos foram perdidos quando, depois de terminada a batalha, granadas austríacas de gás obrigaram os inimigos a evacuarem das suas novas posições.

Pela Via-Sacra, que ganhou esse nome durante a batalha, dado pelo escritor Maurice Barrès, os franceses conseguiam enviar 6 mil carregamentos por dia para Verdun, que totalizavam 50 mil toneladas de mercadorias e 90 mil homens por semana, num sistema de apoio e de abastecimento de armas sem precedentes na guerra. Foi empregado o equivalente a toda uma divisão de homens para manter a estrada, usando-se cerca de 750 mil toneladas de cascalho para mantê-la firme. “Todos os componentes do império colonial francês se encontram dedicados a manter aberta a linha de vida de Verdun”, escreveu um historiador, apontando a presença de “poderosos senegaleses (...) empunhando piques perto dos industriais e pequenos anamitas em uniformes amarelos”.⁹

No final de março, um oficial britânico, o tenente Bernard Pitt, que antes da guerra teve aulas de literatura inglesa no Working Men’s College em Londres, estava na reserva ao norte de Arras e, sendo poeta e amante dos campos ingleses, escreveu a um amigo: “Sabe que, ao ler Wordsworth numa clareira de bosques não poluídos nessa tarde, e ao ver as belas cores das asas de borboletas hibernadas e seus movimentos suaves, senti um nojo, até ânsias de vômito, diante da terrível maldade da guerra?” No entanto, depois de estar várias vezes em ação, tinha “até então” escapado sem ferimentos. “Agora comando uma bateria de morteiros de trincheira e acho que o trabalho é tão interessante como pode ser qualquer outro na guerra. Sabe que todos esperamos que a guerra termine, quer seja por meio da paz quer seja por

uma furiosa carnificina que leve à paz. Verdun, sem dúvida, encurtou a guerra em vários meses.”

Ataques e contra-ataques diários em torno de Verdun dizimavam tanto defensores como atacantes, mas os franceses estavam tão determinados a não ceder a fortaleza como os alemães estavam determinados a fazê-los sangrar. Durante um mês de luta, a linha de frente entre o forte Douaumont e o forte Vaux andou não mais de mil metros. Não só homens como cavalos foram vítimas dessa guerra por meio de desgaste. Numa das suas últimas cartas para casa antes de ser morto, Franz Marc exclamara: “Pobres cavalos!” Num só dia, tinham sido mortos 7 mil cavalos em consequência de tiros de longa distância de franceses e alemães, noventa e sete saídos de um único projétil disparado por um canhão naval francês.

Na frente do Cáucaso, os russos continuavam a fazer avanços rápidos. Na noite de 3 de março, durante uma carga de baioneta sob uma tempestade de neve, a cidade de Bitlis foi capturada e mil turcos foram feitos prisioneiros. Nas margens do mar Negro, forças russas movimentaram-se decididamente para oeste, ocupando o porto de Rize. Durante essa primeira semana de março, um acordo britânico permitiu uma extensão para sul da esfera de influência russa na Pérsia, inicialmente demarcada em 1907, representando um ganho político.

Depois da evacuação de Galípoli, o coronel turco Mustafa Kemal foi enviado para a frente do Cáucaso e promovido ao posto de general, com o título de paxá. Tinha 35 anos de idade. Outras tropas turcas tinham sido enviadas de Galípoli para a Mesopotâmia, onde, em 7 de março, os britânicos tentaram mais uma vez chegar aos soldados que estavam cercados em Kut. A força de socorro tinha conseguido avançar até um local onde podia ver os minaretes da cidade sitiada, mas o ataque em Dujaila, a menos de quatro quilômetros de Kut, falhou: 3.500 atacantes foram mortos ou feridos e o general Aylmer foi exonerado. A força de socorro recuou e o cerco a Kut se manteve.

Em sua tentativa de anular as tropas britânicas e italianas no norte da África, os turcos continuaram a ajudar a tribo senussi na Líbia em sua revolta contra os britânicos. Uma força do deserto ocidental, baseada em Alexandria, tinha sido preparada para proteger o Egito e para tentar repelir um ataque senussi. Um destacamento de carros blindados, conduzidos pelo duque de Westminster, foi enviado e, juntamente com o South African Scottish, dirigiu-se para o deserto para perseguir a divisão turco-senussi, composta por 7 mil homens. Sua principal tarefa era libertar 92 prisioneiros de guerra britânicos detidos pelos senussi, todos eles oficiais e tripulação do barco-patrolha *Tara*, da Marinha britânica, antes navio-correio irlandês *Hibernia*, que tinha sido torpedeado pelos alemães no Mediterrâneo e entregue aos senussi. Os homens eram mantidos prisioneiros num acampamento

remoto em Bir Hakeim.

Em 17 de março, os carros blindados chegaram a Bir Hakeim. Os prisioneiros de guerra ficaram tão espantados que não conseguiram articular qualquer palavra durante algum tempo. Muitos sofriam de disenteria. Durante semanas haviam comido apenas caracóis do deserto e pequenas raízes. Para evitar uma inversão súbita do destino, o duque ordenou que os antigos guardas senussi fossem executados.¹⁰

Em 22 de março, os britânicos tiveram sucesso no mar com uma nova arma, uma carga de profundidade, que foi lançada de um navio ao largo da costa sudoeste da Irlanda e que destruiu um submarino alemão, mas o balanço dos afundamentos navais ainda era favorável aos inimigos. Em 23 de março, um submarino alemão torpedeou e afundou o *Sussex*, um *ferry* Folkestone–Dieppe, que erroneamente pensara ser um transporte de tropas: cinquenta passageiros morreram afogados, inclusive o compositor espanhol Granados e três americanos. Um apelo americano aos Aliados para que não armassem navios mercantes ou transportes de passageiros, enviado dois meses antes, foi rejeitado pela Grã-Bretanha e pela França no mesmo 23 de março.

A guerra no mar encontrava poucas restrições de ambos os lados. Em 28 de março, o Reichstag aprovou uma guerra submarina imediata e irrestrita. Dois dias depois, no mar Negro, um submarino alemão afundou o navio-hospital russo *Portugal*, dizendo que o tinha confundido com um navio de transporte de tropas, matando 115 pacientes, enfermeiras e tripulação. O transatlântico com bandeira americana *Cymric* foi afundado cinco semanas depois, com cinco mortos, sendo o 37º navio de passageiros desarmado a ser afundado por submarinos alemães desde o *Lusitania*.

A ocupação, assim como a guerra submarina, era impiedosa. Na madrugada de 1º de abril, na Bélgica ocupada, as autoridades alemãs executaram uma mulher belga, Gabrielle Petit, que distribuía o jornal clandestino *Libre Belgique*. Durante o julgamento, ela confessou ter outras atividades, ajudando possíveis recrutas para o Exército belga a atravessarem clandestinamente as linhas. Depois da sentença, Petit foi mantida na prisão durante duas semanas na esperança de que a perspectiva da morte a levasse a trair seus companheiros, mas ela não se deixou quebrar pela coação mental e física.

No império otomano, havia quem encarasse a oposição ao regime como um ato patriótico. Não só armênios, mas também árabes, sofriam com os receios turcos de aspirações nacionalistas entre os povos que sujeitavam. Em Beirute, um cristão

maronita, Yusuf al-Hani, havia tentado conseguir o apoio francês para a independência do Líbano ainda antes da guerra. Ele e outros sessenta que pensavam como ele decidiram convidar os franceses a entrar no levante como protetores do Líbano, mas foram detidos antes que pudessem fazer mais do que discutir a ideia. Quando um agente britânico procurou os rebeldes na prisão de Aley, um dos homens perguntou-lhe: “Onde estão os ingleses? Onde estão os franceses? Por que fomos abandonados assim?” Em 5 de abril, Yusuf al-Hani foi enforcado em Beirute.

Durante o mês de abril, tropas britânicas estiveram em ação na frente ocidental, mas a verdadeira batalha acontecia em Verdun. No final de março, o número de mortos e feridos atingira 89 mil franceses e 81.607 alemães. Em 1º de abril, o Kaiser declarou: “A decisão da guerra de 1870 aconteceu em Paris. Esta guerra terminará em Verdun.” Oito dias depois, em mais uma tentativa de capturar Mort-Homme, os alemães foram repelidos, deixando 2.200 mortos e feridos no campo de batalha. Nesse dia, Pétain exortou suas tropas: “Tenham coragem. Nós vamos derrotá-los.”

Na frente oriental, os russos tinham batido em retirada perto do lago Narocho, deixando 12 mil mortos devido ao frio, mas em 14 de abril, dia em que terminou a Batalha de Narocho, o general Brusilov apresentou um plano de ataque para o mês seguinte, numa frente alargada, e começou a fazer os preparativos. Na mesma altura, os britânicos planejavam sua ofensiva pelo Somme em junho. A intensidade do envolvimento alemão na luta em Verdun parecia ser um bom presságio para ambas as ofensivas.

Não era claro até onde as tropas russas poderiam chegar com uma forte ofensiva. Durante as celebrações da Páscoa ortodoxa russa, em 10 de abril, houve tréguas na frente austríaca e soldados de quatro regimentos russos atravessaram as linhas para confraternizar durante esse dia solene e festivo. Os austríacos tomaram mais de cem russos como prisioneiros. Em 18 de abril, Brusilov sentiu-se obrigado a emitir uma diretiva severa: “Declaro, de uma vez por todas, que contatos com o inimigo são permitidos apenas com canhões e baionetas.”

Entre aqueles que defrontaram os russos nesse mês estava Richard Sorge, que sobrevivera à prova de fogo do Batalhão de Estudantes em Dixmude em outubro de 1914 e ficara ferido na perna durante a luta na Galícia em junho de 1915. Agora, Sorge tinha ambas as pernas partidas devido a um estilhaço. Levado para o hospital de Königsberg, ficou permanentemente manco. Por sua atuação em combate, foi-lhe atribuída a Cruz de Ferro de Segunda Classe. Ao regressar aos seus estudos, voltou sua atenção ao marxismo e ao comunismo e a uma carreira de espião que levaria à sua execução durante a Segunda Guerra Mundial.

O mês de abril foi marcado por lutas e pela preparação para outros combates em

todas as frentes de guerra. Churchill, nas trincheiras da frente ocidental pelo quarto mês, mostrou sua capacidade de premonição ao escrever à sua mulher em 14 de abril:

Tenho grandes receios sobre o resultado final. Mais do que nunca, entendo a estupenda natureza da tarefa, e o pouco discernimento com que nossos assuntos têm sido conduzidos quase me faz perder as esperanças num resultado vitorioso. A mesma liderança que há tanto tempo busca apoio na opinião pública e nos jornais será em breve o expoente de uma paz verdadeira, se for esse o sentimento dominante na nação.

Então, Churchill perguntou à sua mulher:

Acha que poderemos ter êxito numa ofensiva, se os alemães não conseguem avançar em Verdun com todas as suas habilidades e seus conhecimentos? Nosso Exército não é como o alemão e evidentemente seu Estado-Maior está quase intacto e apoia-se em experiências bem-sucedidas. Nosso Estado-Maior representa apenas a capacidade de raciocínio do nosso pobre Exército de tempo de paz, que não atrai quase nenhum homem realmente capaz. Somos crianças a jogar se comparados com eles. E, na minha opinião, eles perdem metade do que nós perdemos nessa luta de trincheiras no dia a dia.

Entre aqueles que morreram no saliente de Ypres, em 18 de abril, estava um voluntário canadense, sargento-mor S. Godfrey, de 47 anos de idade. Na inscrição em sua sepultura lê-se: “Depois de passada a idade militar, respondeu ao chamado de sua pátria.” Com palavras semelhantes para expressar fatos e afetos, centenas de milhares de pais, viúvas e crianças perpetuaram a memória de seus entes queridos.

Durante abril, os ataques com zepelins alemães intensificaram-se. Sunderland foi bombardeada na noite de 1º de abril, Leith e Edimburgo foram atacadas na noite seguinte e a parte leste de Londres recebeu cinco bombardeios nesse mês. Os alvos eram docas e instalações navais, mas a maior parte dos mortos eram civis. A morte também veio por acidente para aqueles que ajudavam no esforço de guerra. Em 2 de abril, uma explosão numa fábrica de munições em Faversham, Kent, matou 106 trabalhadores, incluindo muitas mulheres. Em abril de 1916, quase 200 mil mulheres estavam empregadas nas indústrias de guerra.

Em 20 de abril, formou-se na França um esquadrão aéreo especial, centrado em 180 cidadãos americanos que se tinham voluntariado para lutar contra a Alemanha. O esquadrão recebeu o nome Escadrille Lafayette, em homenagem ao aristocrata

francês que lutou contra a Grã-Bretanha na Revolução Americana de 1776, e seus pilotos chegaram a abater duzentos aviões alemães, com baixas de 51 voluntários.

Os treinos para a planejada ofensiva anglo-francesa no Somme eram contínuos. Em 25 de abril, Siegfried Sassoon estava entre os homens que assistiram a uma palestra de um major sobre o uso da baioneta. Mais tarde, recordou as frases do major:

“Se não o matar, ele matará você.”

“Acertem-lhe entre os olhos, na garganta, no peito ou nas coxas.”

“Se ele estiver fugindo, só há um local: enterrem a baioneta nos rins, onde entrará tão fácil como se penetrasse em manteiga.”

“Matem-nos e matem-nos. O único boche bom é o boche morto.”

“Rapidez, raiva, força, fúria e precisão no alvo. Não desperdicem bom aço. Quinze centímetros são suficientes. De que valem trinta centímetros de aço despontando do pescoço de um homem? Oito centímetros matam-no. Quando ele começar a tossir, sigam em frente à procura de outro.”

Durante o treino, Sassoon escreveu um poema, intitulado “The Kiss” e dedicado à bala e à baioneta, o chumbo e o aço com que muitos soldados lutavam e nos quais depositavam sua esperança de viver.

*To these I turn, in these I trust...
Brother Lead and Sister Steel.
To this blind power I make appeal,
I guard her beauty clean from rust.*

*He spins and burns and loves the air,
And splits a skull to win my praise;
But up the nobly marching days
She glitters naked, cold and fair.*

*Sweet Sister, grant your soldier this:
That in good fury he may feel
The body where he sets his heel
Quail from your downward darting kiss.* [11](#)

Entre os ingleses que ouviram falar sobre o que se sofria na frente ocidental naquele abril estava Winifred Holtby, que tinha quase 18 anos. Um amigo seu tinha ficado ferido no ombro e sido enviado para recuperar-se na Inglaterra. Através dele, tinha conhecido em segunda mão “todas as enormidades que ele tinha visto na frente: rostos com a boca estropiada, ossos humanos que os ratos roíam, cavalos em

torturas frenéticas, com patas ou quadris cortados, fazendas arruinadas, camponeses sem esperança, inúmeros camaradas em sofrimento, o deserto da terra de ninguém, todos os ruídos e gemidos da guerra, a fumaça, o frio e a continuação insensível e perpétua, mantida por alguma grande Força, que lançou em fornalhas, aos milhões, corações e corpos humanos, com suas esperanças e seus amores cálidos”.

Em 28 de abril, o segundo-tenente Bernard Pitt esteve fora das trincheiras durante 24 horas. “Merecia um dia de repouso”, escreveu ele a um amigo. “Estou sentado sob um carvalho nos limites de uma aldeia arruinada, com cerejeiras em flor e pessegueiros perto de mim nas cercas quebradas, um campo de dentes-de-leão e de margaridas aos meus pés e andorinhas voando em torno dele.” Flores e pássaros em profusão deleitavam os olhos de Pitt. “As borboletas com muitas cores abanam-se sob a luz do sol e escaravelhos marrons e pretos deambulam pelos caminhos. E, contudo, os bosques são profanados pela guerra.”

Em 30 de abril, os alemães fizeram seu terceiro ataque com gás em quatro dias contra unidades britânicas na frente ocidental, ao longo de uma linha de 3 mil metros. Com ventos numa velocidade de quase quinze quilômetros por hora, o gás avançou dez quilômetros além da linha britânica. Um relatório da época, mantido em sigilo, descreveu como o gramado e outras vegetações “ficaram amarelos devido ao gás, mesmo a mais de mil metros da linha da frente. Ratos morreram em grandes quantidades nas trincheiras. Onze vacas, 23 bezerros, um cavalo, um porco e quinze galinhas foram mortos nos campos atrás das linhas...” Os soldados haviam sido suficientemente precavidos para que colocassem seus respiradores, mas, como informa o relatório, “a rapidez com que a nuvem atingiu as trincheiras e a concentração de gás foram tais que um homem morreria se hesitasse por um instante ou ajustasse inadequadamente seu respirador”.

Oitenta e nove soldados britânicos morreram nesse dia devido ao gás e quinhentos ficaram incapacitados. Os homens que “morreram rapidamente nas trincheiras”, diz o relatório, mostraram “muita espuma (...) acessos de tosse foram também uma importante característica nessas primeiras fases”. Alguns homens, “quer porque sentissem uma leve irritação nos olhos ou nos pulmões devido a uma pequena penetração de gás no capacete ou porque confundissem o cheiro dos produtos químicos com que o tecido dos capacetes era tratado com defeitos que deixavam passar o gás venenoso, tiravam os capacetes e caíam vítimas da nuvem”.

Entre aqueles que morreram em 30 de abril estava o segundo-tenente Bernard Pitt, encarregado de uma bateria de morteiros de trincheira. “Seu marido estava na trincheira, onde observava os disparos”, escreveu o oficial em comando à viúva de Pitt. “Tinha acabado de enviar o homem que estava com ele para buscar morteiros quando os alemães explodiram uma mina perto do local. Desde então, não fomos

capazes de encontrar nenhum traço dele.”

Em meados de abril, a Tríplice Entente recebeu um novo impulso em Salonica, quando os primeiros 125 mil soldados sérvios chegaram de Corfu, tendo sido escoltados por navios de guerra franceses e britânicos. Ali, os sérvios juntaram-se ao Exército do Oriente, de 42 mil homens, que incluía forças francesas e inglesas. Durante os quatro dias de viagem, nenhum dos navios franceses ou britânicos foi afundado. Ao largo de Malta, contudo, quando o couraçado inglês *Russell* bateu numa mina, 124 marinheiros morreram afogados.

Na frente italiana, houve pequenos ganhos para os italianos nos picos das montanhas, onde havia neve espessa, mas com pesadas baixas. Em 14 de abril, um dos netos de Garibaldi, o capitão Menotti Garibaldi, retomou Punta Serauta, de 2.961 metros de altitude, nas Dolomitas, depois de ter sido conquistada e perdida. Na Mesopotâmia, os soldados indianos da guarnição britânica cercada em Kut viram-se obrigados a alimentarem-se dos seus próprios cavalos e, depois, a tomarem pastilhas de ópio para acalmar o tormento da fome. A força enviada em seu auxílio em janeiro ainda não tinha conseguido aproximar-se, mas deve-se notar que os turcos que os enfrentavam eram agora comandados por oficiais alemães. Os russos também não conseguiam movimentar-se desde o norte para fazerem um resgate a partir do sul, apesar de outras vitórias sobre os turcos na frente do Cáucaso e da captura do porto de Trebizonda, no mar Negro, em 18 de abril. Numa corajosa tentativa para levar adiante mantimentos, quinze homens voluntariaram-se para levar 270 toneladas num barco a vapor movido por pás, o *Julnar*. Conduzidos por um antigo empregado da Companhia de Navegação do Tigre e do Eufrates, o tenente-comandante Cowley, e pelo tenente H. O. B. Firman, a expedição estava a treze quilômetros de Kut quando foi pega por defesas turcas de arame farpado e feita prisioneira. Cowley foi executado pelos turcos e Firman morreu em cativeiro na Turquia. A Cruz Vitória foi atribuída a ambos a título póstumo.

Era evidente que a guarnição em Kut não podia manter-se por muito tempo. Em 27 de abril, três oficiais britânicos, entre eles o capitão T. E. Lawrence, conhecido como “Lawrence da Arábia”, ofereceram aos turcos 1 milhão de libras em ouro para que as tropas cercadas pudessem sair em paz e juntar-se às forças britânicas no sul. “Suas valentes tropas serão nossos mais sinceros e preciosos convidados”, respondeu o comandante turco. A guarnição continuou a resistir em Kut enquanto os turcos esperavam pacientemente pelo inevitável e iminente colapso. Tropas russas na Pérsia, movendo-se para ocidente do desfiladeiro de Paitak, aproximavam-se da fronteira da Mesopotâmia, mas ainda estavam a mais de 160 quilômetros de Bagdá.

Mais longe das principais zonas de guerra europeias, desenrolava-se uma batalha contínua na África Oriental, com britânicos, belgas e sul-africanos contra forças

alemãs. Apesar de longas marchas e de muitos embates ferozes, os alemães, conduzidos pelo intrépido general Paul Emil von Lettow-Vorbeck, não desistiam.

A guerra estava em seu 25º mês. Nesse abril, no Reichstag, o líder dos social-democratas alemães, Karl Liebknecht, enraiveceu a patriótica massa de membros ao interromper o chanceler para declarar que o país não era livre e que o povo alemão não tinha desejado a guerra. Em Kienthal, na neutra Suíça, reuniu-se a Segunda Internacional Socialista, na segunda-feira de Páscoa, para buscar uma atitude comum. Estiveram presentes socialistas franceses e alemães, que denunciaram a guerra como uma conspiração capitalista, criada para o benefício de quem produz armas e busca ganhos territoriais. Em tal atmosfera, não surpreendeu que Lênin, como o Livro russo, não conseguisse impor aos delegados seu ponto de vista de que a guerra deveria ser bem-vinda, como um prelúdio necessário e inevitável da queda do capitalismo através do embate civil. Dez dias antes da realização da conferência, a polícia secreta russa reportara a existência de um sentimento revolucionário entre alguns dos 2 mil motoristas da Escola de Condutores Militares de Petrogrado.

No dia em que os líderes socialistas antiguerra reuniram-se em Kienthal, houve um levantamento antibritânico em Dublin. Desde o início da guerra, o nacionalista irlandês Sir Roger Casement pressionava os alemães para que levassem a sério a revolução irlandesa. Em 2 de abril, na sequência dos esforços de Casement, um pequeno navio mercante alemão, o *Aud*, tinha sido enviado com 20 mil rifles e 1 milhão de balas, chegando à costa atlântica da Irlanda. Três semanas depois, um submarino alemão, o U-19, levou o próprio Casement, que estava na Alemanha, até a baía de Tralee, na mesma costa, mas uma corveta da Marinha britânica, a *Bluebell*, interceptou o *Aud*, que submergiu antes de desembarcar sua carga. Casement, levado até a costa num bote inflável, foi detido quatro dias depois, julgado e executado por traição.¹²

Apesar da detenção de Casement, a rebelião da segunda-feira de Páscoa prosseguiu, mas uma incerteza surgida na última hora levou um dos líderes, Eoin MacNeill, a cancelar as ordens de mobilização no sábado. Como resultado, apenas cerca de mil membros, em vez de 5 mil, marcharam dos seus quartéis-generais, no Liberty Hall, até o centro de Dublin, onde ocuparam a estação dos correios, os tribunais, o parque St. Stephen e outros locais. Foi proclamada uma República da Irlanda nos degraus da estação dos correios, onde foi lida uma declaração em que os alemães eram descritos como “valentes aliados” da nova república, “esquecendo o fato de que a juventude irlandesa vinha lutando contra os Aliados na Europa durante os últimos vinte meses”, escreveu um historiador.¹³

As primeiras tropas enviadas para conter os rebeldes na estação dos correios

foram constituídas por irlandeses dos dois regimentos mais recentemente recrutados, a 3ª de Fuzileiros Reais Irlandeses e a 10ª de Fuzileiros Reais de Dublin. Disparando do mar, a canhoneira *Helga* destruiu o quartel-general no Liberty Hall. Apesar das esperanças dos rebeldes, não houve nenhum levantamento popular para apoiá-los e foram esmagados depois de uma semana. Durante a luta, foram mortos 64 rebeldes e pelo menos 220 civis foram apanhados no fogo cruzado e nos ataques de artilharia aos edifícios; 134 soldados e policiais morreram ao esmagar a rebelião. Quinze líderes dos rebeldes foram executados. Um outro, Éamon de Valera, professor de matemática, foi salvo da execução porque era cidadão americano.¹⁴

Nessa primavera, o governo britânico introduziu duas novas medalhas por bravura, a Cruz Militar, para oficiais, e a Medalha Militar, tanto para homens como para mulheres. A Medalha Militar destinava-se principalmente a soldados, mas duas enfermeiras estiveram entre as primeiras que receberam, por “bravura sob fogo” durante o levante da Páscoa.

Como a experiência irlandesa demonstrara, o conflito que tinha eclodido no outono de 1914 em frentes de batalha e nos oceanos e que se tinha concentrado em linhas paralelas de trincheiras no ano seguinte já não se restringia a um confronto entre exércitos que se opunham. Ideologias nacionais e políticas também eram capazes de desencadear violência.

“A Europa está louca. O mundo está louco.”

Abril a junho de 1916

Enquanto a Inglaterra esmagava os rebeldes em Dublin, seus diplomatas repartiam a Ásia Menor num acordo secreto com a França. No acordo, a França controlaria o litoral libanês, com capital em Beirute. Um estado soberano na Síria, baseado em Damasco, ficaria sob protetorado francês. A Grã-Bretanha seria soberana na cidade portuária de Haifa e na cidade das cruzadas, Acre, controlando assim a baía que serviria como terminal de oleodutos que viriam da Mesopotâmia. A Palestina ficaria sob o triplo protetorado de Grã-Bretanha, França e Rússia. Um estado árabe sob protetorado britânico se estenderia do Mediterrâneo ao mar Vermelho.

Era uma divisão substancial, mas ainda estavam longe de derrotar a Turquia. O acordo, negociado em Paris por Sir Mark Sykes e Georges Picot, que deram nome ao documento, foi assinado em 26 de abril de 1916. Três dias depois, em Kut, as forças britânicas e indianas renderam-se. Foi uma grande vitória para os turcos, como tinha sido a evacuação da península de Galípoli três meses antes. Na véspera, tinham sido oferecidos 2 milhões de libras aos turcos e a promessa de que nenhum homem libertado lutaria contra os turcos, mas a oferta foi rejeitada. Depois da rendição, o exército do general Townshend foi levado para cativeiro.

Mais de 9 mil soldados renderam-se aos turcos em 29 de abril. O choque na Grã-Bretanha foi considerável, pois mais homens se entregaram aos desprezíveis turcos em Kut do que aos americanos em Yorktown.¹ Foi concedida a liberdade a mais de 2.500 homens gravemente feridos e doentes em troca da libertação de igual número de prisioneiros de guerra turcos mantidos em cativeiro britânico. Em 30 de abril, a guarnição de Kut marchou para cativeiro na distante Anatólia.

Em 3 de maio, tarde demais para salvar a guarnição de Kut, um destacamento de tropas russas chegou à fronteira da Mesopotâmia, onde soube pelo rádio da rendição. Os russos seguiram ao longo da fronteira, capturando a cidade de Khanaqin, já na

Mesopotâmia, mas não foram além e nunca conseguiram cumprir os objetivos de seus governantes de chegar às águas quentes do golfo Pérsico.

Durante 1915, foram mortos mais de 7 mil soldados indianos na frente ocidental. Em Galípoli, morreram 1.700 indianos. Na Mesopotâmia, as perdas indianas atingiram 29 mil. Esse foi o teatro de guerra em que mais sofreram. Da Mesopotâmia, milhares de soldados indianos foram levados por mar para Bombaim. O editor do *The Times of India*, Stanley Reed, indignado ao ver “um fluxo terrível de homens despedaçados”, publicou um editorial sobre o fracasso das autoridades. “Os pobres enfermos, que deviam ser considerados convalescentes, regressaram em navios comuns de transporte de tropas; milhares, que deviam ser considerados como casos hospitalares, foram transportados em veículos sem condições.”

Dos 850 mil soldados indianos que deixaram o continente durante a Primeira Guerra Mundial, 49 mil foram mortos em combate. A Índia também contribuiu para os aspectos materiais da luta aliada, incluindo a manufatura de 555 milhões de balas e de mais de 1 milhão de projéteis. Mais de 55 mil indianos serviram no Corpo de Trabalho Indiano, como açougueiros, padeiros, carpinteiros, sapateiros, alfaiates e lavadores de roupa. Muitos faziam trabalhos domésticos ao alcance do fogo inimigo. Em Nova Délhi, um arco monumental recorda as baixas indianas e a contribuição nacional em sangue para o esforço de guerra aliado.

A determinação turca de não abandonar o controle sobre seu império pôde ser vista na Síria, em 6 de maio, quando, por ordem do governador Djemal Paxá, 21 árabes sírios, defensores da “Síria Autônoma”, foram enforcados, sendo catorze em Beirute e sete em Damasco. Entre os homens enforcados em Damasco estava o senador do Parlamento otomano em Constantinopla, Abd al-Hamid al-Zahrawi. Quando estava sendo enforcado, a corda cedeu com seu peso. O carrasco não hesitou e fez uma nova tentativa, dessa vez com sucesso. Ainda nesse mês, outros dois líderes árabes foram enforcados em Jerusalém: o mufti de Gaza, Ahmed Arif al-Husseini, e seu filho, Mustafa. Ambos tinham sido pegos quando saíam de Gaza para se juntarem à revolta árabe em Hedjaz.

As execuções levaram Djemal Paxá a ser conhecido como O Sanguinário. Um sentimento antiturco intensificou-se por todo o levante. Muitos dos homens que tinham sido enforcados pretendiam separar a Síria e o Líbano do império otomano e alguns tinham convidado os franceses a dominarem o litoral. Outros já tinham tentado estimular a revolta, mas os Aliados não estavam em condições de tirar vantagens de tais atividades: a expedição a Galípoli terminara em ignomínia quatro meses antes, a expedição à Mesopotâmia estava desarticulada e a frente de Salonica era uma recordação próxima das dificuldades envolvidas em explorar qualquer

desembarque por mar. Um vasto exército estava em terra em Salonica, com mais de um quarto de milhão de homens, mas, além de algumas escaramuças, não se movimentou contra os entrincheirados búlgaros. “O que estavam fazendo?”, perguntou Clemenceau com ironia: “Cavando! Então, que sejam conhecidos na França e na Europa como os ‘jardineiros de Salonica’.”

Em Charleville, quartel-general do Exército alemão na França, o embaixador americano na Alemanha, James W. Gerard, protestou junto ao Kaiser, em 1º de maio, sobre os contínuos afundamentos de navios mercantes por submarinos alemães. O Kaiser replicou mencionando o apoio americano ao bloqueio naval britânico à Alemanha. Antes de permitir que sua família morresse de fome, disse ele, “explodiria o castelo de Windsor e a família real”. Em nome dos Estados Unidos, Gerard pressionou o Kaiser para que autorizasse ataques de submarinos apenas a navios de guerra. O embaixador explicou que a política americana era que os submarinos podiam exercer “o direito de visita e busca, mas que não deviam torpedear ou afundar quaisquer navios a não ser que passageiros e tripulação fossem colocados em local seguro”.

Uma semana depois, o governo alemão deu essas garantias, uma vez que não podia arriscar a beligerância americana. Porém, numa carta para o Departamento de Estado, o embaixador expressou sua crença de que os governantes da Alemanha iriam, “numa data futura, forçados pela opinião pública, por Tirpitz e pelos partidos conservadores, agravar a guerra submarina, possivelmente no outono, mas seguramente por volta de fevereiro ou março de 1917”.

Em Verdun, os exércitos francês e alemão mantinham-se em conflito diário. Depois de um pequeno sucesso alemão em 5 de maio, um sargento francês escreveu: “Como alguém pode atravessar a zona de extermínio em torno de nós?” Três dias depois, 350 soldados alemães foram mortos no forte Douaumont com a explosão de um paiol. Em 19 de maio, os alemães introduziram um projétil de gás líquido no bombardeio de Chattancourt, mas, apesar de aumentarem o horror do ataque, a linha resistiu. O general Pétain, ao ver soldados jovens, de 21 anos, regressarem do campo de batalha em Verdun, escreveu: “Nos seus olhares incertos, sente-se visões de horror enquanto seu andar e seu aspecto revelam um enorme desânimo. Estão esmagados por terríveis memórias.”

No setor britânico da frente ocidental, o tenente Harold Macmillan (futuro primeiro-ministro) escreveu à mãe em meados de maio, após ter sido repellido um ataque alemão: “O mais extraordinário sobre os modernos campos de batalha é a desolação

e o vazio.” Macmillan estava convencido de que a causa aliada era justa e que era esse o aspecto moral que possibilitava que ele continuasse a lutar. Na sua carta, criticou todas as negociações de paz. “Se alguém em casa pensar ou falar em paz, você pode dizer que o Exército está suficientemente farto da guerra, mas preparado para lutar durante mais cinquenta anos se necessário, até que atinja o objetivo final.” Os jornais diários britânicos estavam, para ele, “tão cheios de falta de senso sobre nossa ‘exaustão’, e os ingleses estão tão envolvidos em suas questões pessoais, que os grandes problemas (é o que acho) tornam-se obscuros ou são esquecidos”. Muitos soldados “jamais suportariam a tensão e a dificuldade dos horrores que vemos todos os dias, se não sentíssemos que isto é mais do que uma guerra: é uma cruzada”.

Macmillan disse à mãe que todos os soldados aliados na frente tinham a mesma convicção “de que nossa causa é justa e de que chegaremos ao triunfo final”. Era devido a esta “não expressa e quase inconsciente fé” que os exércitos aliados tinham “um moral superior”, que um dia seria o fator decisivo.

Por trás das linhas, a tirania da ocupação era insistente e largamente divulgada entre os Aliados. Em 12 de maio, os alemães deportaram 25 mil homens e mulheres da França ocupada para trabalharem em fazendas na Alemanha. Foi-lhes dado apenas uma hora e meia para arrumarem suas coisas. Três dias depois, na Bélgica, o governador-geral alemão ordenou que todos os desempregados aceitassem trabalhar na Alemanha.

A utilização de mão de obra estrangeira permitiu aos alemães destinar um número ainda maior de homens capazes para o combate. A ocupação estava oferecendo meios para prolongar a guerra.

Na Mesopotâmia, havia sido iniciada uma verdadeira marcha da morte, como que renunciando as marchas da morte de prisioneiros judeus dos campos de concentração, organizadas pela Gestapo no final da Segunda Guerra Mundial. Os soldados capturados em Kut, perto de 12 mil, tanto britânicos como indianos, eram obrigados a marchar para norte sem qualquer preocupação com seu bem-estar ou com sua situação indefesa como prisioneiros de guerra.

A marcha teve início em 6 de maio. No segundo dia, os cativos, entre os quais muitos tiveram as botas roubadas durante a noite, foram obrigados a percorrer 24 quilômetros sem água nem sombra. Aqueles que tropeçavam e caíam eram agredidos com chicotes e bastões pelos guardas árabes. Um oficial que fora enviado para Ctesifonte por barco viu os prisioneiros em marcha forçada na outra margem. “Nossos homens encaravam o vazio, com rostos pálidos alongados pelo sofrimento de uma morte lenta demais, e erguiam as mãos na direção do nosso barco. Enquanto arrastavam os pés, alguns caíam, e os guardas que seguiam atrás apressavam-se para

bater-lhes com paus e bastões.”

Em Ctesifonte, esse oficial, o capitão E. O. Moulsey, viu alguns indivíduos que marchavam “morrerem com baba verde a sair dos lábios e com moscas dentro e ao redor da boca”. Em 18 de maio, chegaram a Bagdá, onde o cônsul americano, o sr. Brissell, pagou às autoridades turcas, em dinheiro, para que quinhentos homens fossem levados ao hospital e, em devido tempo, deslocados para Baçorá. Mais de 160 homens morreram de inanição no caminho de volta. Para proteger os milhares que ainda marchavam para norte, aqueles que conseguiram segurança em Baçorá foram proibidos de falar sobre o que tinham passado nas mãos dos turcos e dos árabes.

Depois de serem mantidos durante três dias em instalações sem sombra ou estruturas sanitárias, os prisioneiros de guerra foram obrigados a continuar sua marcha, tendo sido apedrejados enquanto se arrastavam por Tikrit.² Oficiais que tinham sido separados dos outros homens e que viram os companheiros em marcha notaram que os doentes eram apedrejados quando se arrastavam dos parques abrigos onde tentavam descansar. Os homens “tinham medo de percorrer a menor distância para fazer suas necessidades, com receio de serem assassinados para terem suas roupas roubadas”. Outro oficial recordou que passou por um soldado britânico que tinha sido deixado pelos turcos numa caverna “e que evidentemente não tinha comido nada durante dias, mas que conseguira arrastar-se até o rio. Entrara em delírio, falava muito rapidamente e pensava ser um cão”. Ao encontrar, entre sete corpos despídos que jaziam num pátio, um homem que parecia estar vivo, um prisioneiro pediu um pouco de água a um guarda árabe. “Ele pegou uma garrafa de água e disse-me que mostrasse a ele onde estava o homem. Sem suspeitas, assim fiz. O árabe andou em volta da cabeça do homem, obrigou-o a abrir a boca e meteu-lhe o gargalo da garrafa na boca. Soltando algumas bolhas pela boca, o corpo torceu-se, e o pobre homem morreu, sufocado até a morte.”

O general Townshend partiu de Mossul para Constantinopla pela parte completada da estrada de ferro Berlim-Bagdá. No mesmo trem viajava o corpo do marechal de campo Goltz, que tinha morrido em Bagdá no final do cerco a Kut. Enquanto seus homens eram obrigados a submeter-se às indignidades e aos horrores de uma marcha forçada, uma residência era atribuída a Townshend na ilha de Prinkipo, ao largo de Constantinopla, onde o general se manteve até o fim da guerra.

Dos 2.500 soldados britânicos capturados em Kut, 1.750 morreram na marcha para norte ou em consequência das terríveis condições dos campos de prisioneiros de guerra na Anatólia. Dos 9.300 soldados indianos capturados no mesmo cerco, 2.500 morreram. O número total de mortos chegou a 4.250 homens. A saga de dor e morte do cerco de Kut constituiu um dos mais terríveis aspectos da guerra.

Em 15 de maio, os austríacos desencadearam uma ofensiva em massa na frente de Trentino, usando quase quatrocentos canhões no bombardeio inicial. Depois de uma resistência tenaz, os italianos foram expulsos dos cumes das montanhas. Nove dias depois, uma grande queda de neve obrigou a uma parada antes de poderem conquistar o monte Pasúbio, de 1.200 metros de altitude, mas a ofensiva foi reiniciada uma semana depois e, um por um, todos os cumes e desfiladeiros caíram. No último dia de maio, os austríacos tinham capturado 30 mil prisioneiros italianos, mas o avanço pelas montanhas, num terreno muito acidentado, exaurira os atacantes. Um ganho de vinte quilômetros, que representava uma minúscula área no mapa, constituiu, para aqueles que o conseguiram, uma grande façanha.

Na frente ocidental ainda não houvera ofensiva. Tudo estava sendo preparado para a Batalha do Somme. Bombardeios britânicos diários ao longo da terra de ninguém até a linha de frente das trincheiras alemãs mantinham os soldados de ambos os lados constantemente preparados para a ação. Em 16 de maio, durante um desses bombardeios, o soldado David Sutherland ficou ferido. O comandante do seu pelotão, tenente Ewart Mackintosh, transportou-o para trás por cerca cem metros, através das trincheiras alemãs, sempre sob fogo. Sutherland morreu quando estava sendo retirado da trincheira para ser transportado através da terra de ninguém. Ewart teve de informar aos pais de Sutherland sobre a morte do filho. Escreveu também um poema:

*So you were David's father,
And he was your only son,
And the new-cut peats are rotting
And the work is left undone,
Because of an old man weeping,
Just an old man in pain,
For David, his son David,
That will not come again.*

*Oh, the letters he wrote you,
And I can see them still,
Not a word of the fighting
But just the sheep on the hill
And how you should get the crops in
Ere the year got stormier,
And the Bosches have got his body,
And I was his Officer.*

*You were only David's father,
But I had fifty sons*

*When we went up in the evening
Under the arch of the guns,
And we came back at twilight...
O God! I heard them call
To me for help and pity
That could not help at all.*

*Oh, never will I forget you,
My men that trusted me,
More my sons than your fathers',
For they could only see
The little helpless babies
And the young men in their pride.
They could not see you dying,
And hold you while you died.*

*Happy and young and gallant,
They saw their first-born go,
But not the strong limbs broken
And the beautiful men brought low,
The piteous writhing bodies,
They screamed "Don't leave me, sir",
For they were only your father
But I was your officer.³*

Mackintosh recebeu a Cruz Militar por sua tentativa de salvar o soldado Sutherland, mas ele próprio ficou ferido e foi atacado com gás no bosque de Foureaux durante a Batalha do Somme. Um ano e meio depois, foi morto em ação em Cambrai. O corpo de Sutherland nunca foi encontrado. Seu nome aparece no memorial de Arras, como um dos 35.928 soldados mortos nas batalhas ao redor e que não tiveram sepultura conhecida.⁴

No Parlamento, o governo britânico tentava conseguir mais recursos para o prosseguimento da guerra. Churchill, que regressara de uma temporada de seis meses nas trincheiras, disse na Câmara dos Comuns:

Todos os dias pergunto-me o que estará acontecendo enquanto estamos sentados aqui, enquanto voltamos para casa, jantamos e dormimos. Em cada 24 horas, perto de mil homens, ingleses e britânicos, homens da nossa raça, transformam-se em montes de farrapos ensanguentados e são

transportados para sepulturas precipitadas ou para ambulâncias de campanha.

Eram homens nas trincheiras da linha de frente, e não aqueles com empregos em posições de retaguarda, com funções de abastecimento ou guarnição, ou em casa, que pagavam “todas as penalidades dessa terrível prova”.

Essas penalidades estavam sendo pagas permanentemente e sem possibilidade de respiro. Em Verdun, em 23 de maio, outra tentativa francesa de capturar o forte Douaumont pareceu por um momento ter sucesso. “Duas companhias do 124º tomaram as linhas alemãs”, escreveu uma testemunha ocular, o comandante de companhia Charles Delvert. “Penetraram sem dispararem um tiro.” Contudo, tinham apenas rifles e baionetas. “Os boches contra-atacaram com granadas. As duas companhias, sem defesa, foram aniquiladas.” O 3º Batalhão, que veio em ajuda, foi “esmagado pela barragem de fogo quando se aproximava das trincheiras”. Cerca de quinhentos homens foram mortos ou ficaram feridos. “Os mortos eram empilhados até a altura do parapeito.”

Entre os homens que serviram no 124º Regimento estava o segundo-tenente Alfred Joubaire, de 21 anos de idade. Poucos dias antes, marchara para Verdun atrás da banda do regimento, ao som de “Tipperary”. Em 23 de maio, escreveu em seu diário: “A humanidade está louca! Precisa estar louca para fazer o que está fazendo. Que massacre... Que cenas de horror e carnificina! Não consigo encontrar palavras para expressar minhas impressões. O inferno não pode ser tão terrível. Os homens estão loucos!” Essas foram as últimas palavras que Joubaire escreveu em seu diário. Nesse dia, ou no dia seguinte, foi morto por um projétil alemão disparado de uma das 2.200 peças de artilharia que os alemães tinham concentrado no saliente. Os franceses, que também causavam baixas diárias, tinham 1.777 peças de artilharia com as quais responder, usando aço contra carne.

O esforço de guerra francês estava centrado em defender Verdun e seus fortes. Em Picardy, os britânicos enfrentavam os alemães ao longo de linhas de trincheiras profundas e aramadas. Na noite de 25 de maio, Siegfried Sassoon viu 27 homens avançarem para um bombardeio perto de Mametz, com expressões pesadas em seus rostos e “pequenos machados nos cintos, bombas nos bolsos e maçãs primitivas”, mas os homens não conseguiram penetrar no arame farpado alemão. Então, ouviram-se tiros de rifle e bombas lançadas por ambos os lados e os feridos começaram a recuar. Sassoon seguiu em frente e encontrou um homem ferido, que apontou para uma profunda cratera e disse: “O’Brien está naquela cratera e encontra-se gravemente ferido.” Sassoon entrou na cratera. Os alemães abriram fogo novamente. “Os malditos estão disparando contra mim e, a tão pouca distância, será difícil falharem”, pensou Sassoon, imaginando que tinha chegado sua hora. Depois

de alguns minutos “que pareceram horas”, encontrou O’Brien na cratera, a mais de sete metros de profundidade. “Ele está gemendo e o braço direito está partido ou quase arrancado. Também está ferido numa perna.” Viu-se, mais tarde, que tinha sido atingido no corpo e na cabeça.

Sassoon regressou à trincheira britânica para pedir auxílio. Outros soldados, feridos com gravidade, eram trazidos. Um homem tinha perdido um pé.

Peguei uma corda e, com mais dois homens, fui ao encontro de O’Brien, que estava inconsciente. Com grande dificuldade, conseguimos erguê-lo até metade da altura da cratera; já passava de uma hora da manhã e o céu começava a ficar mais claro. Fiz mais uma viagem à trincheira para buscar um homem forte e conseguir uma maca. Conseguimos tirá-lo da cratera e vimos que estava morto, como eu receava.

O cabo Mick O’Brien servia na frente ocidental desde novembro de 1914. Tinha combatido em Neuve Chapelle, em Festubert e em Loos. Sassoon preparava-se para a próxima batalha no Somme e não conseguia esquecer esse episódio, recordando-o dois dias mais tarde:

O corpo despedaçado de O’Brien sendo içado daquela cratera infernal, com o rosto desfigurado à luz de uma lanterna, roupas rasgadas e os cabelos colados na testa, não deixou nada da alegria, da coragem, do prazer e da animação da caça ao huno. Enquanto tentávamos retirá-lo da cratera, a terra cedia sob nosso peso: era um homem pesado, de 1,85 metro, mas era um homem morto quando o baixamos numa maca...

Na noite de 31 de maio, 42 navios de guerra saíram do mar do Norte para atacarem navios aliados ao largo da costa da Noruega, esperando também encontrar a Grande Frota Britânica, com a qual 24 couraçados alemães, cinco cruzadores pesados, onze cruzadores ligeiros e 63 contratorpedeiros lutariam, quebrando, se saíssem vitoriosos, o cada vez mais apertado bloqueio britânico.

Por volta de 14 horas de 1º de junho, foram atacados por uma força naval britânica de 28 couraçados, nove cruzadores de batalha, 34 cruzadores ligeiros e oitenta contratorpedeiros. Duas formidáveis frotas estavam à beira de um confronto, com foco no treino, na experiência, nas capacidades e nas ambições de quatro importantes almirantes: Hipper e Scheer, no lado alemão, e Jellicoe e Beatty, no lado britânico. Os primeiros movimentos começaram pouco antes das 16 horas, quando os navios de Hipper e de Beatty foram avistados pelos respectivos inimigos. Durante a ação, o cruzador de batalha *Indefatigable* foi afundado e 1.017 homens morreram afogados. Depois, o cruzador de batalha *Queen Mary* foi atingido e morreram 1.266

homens.

Às 6 horas, ao largo da costa da Jutlândia, teve início um novo embate, encabeçado por Hipper e Jellicoe, com 96 navios britânicos colocados entre 59 navios alemães e sua base. O principal navio de Hipper, o cruzador de batalha *Lützow*, ficou incapacitado após ter sido atingido 24 vezes, mas, apesar dos estragos, e antes de afundar, conseguiu afundar o cruzador de batalha britânico *Invincible*, do qual restaram apenas seis sobreviventes. Os outros mil marinheiros pereceram nas águas. O navio almirante de Beatty, *Lion*, também ficou danificado. Então, exatamente às 18h30, Scheer iniciou uma retirada previamente treinada, regressando à base, tendo perdido apenas um couraçado obsoleto, o *Pommern*.

A Batalha da Jutlândia foi uma punição para os alemães, apesar de terem tido menos baixas do que os ingleses. Assim, decidiram não arriscar novamente uma grande batalha naval. A Grã-Bretanha havia perdido três couraçados, três cruzadores e oito contratorpedeiros. Os alemães tinham perdido um couraçado, quatro cruzadores e cinco contratorpedeiros. Com arrogância, o Kaiser comentou: “Quebrou-se o feitiço de Trafalgar.” Porém, a armada alemã não voltou a entrar em batalha com a Grande Frota Britânica, e Scheer, em seu relatório para o Kaiser, afirmou que só conseguiriam a vitória por meio de uma guerra submarina contra o comércio britânico.

O resultado da Batalha da Jutlândia foi uma decepção para os britânicos, que haviam esperado usar sua superioridade numérica e naval para quebrar a armada alemã. Um comunicado do Almirantado, um tanto depressivo, foi seguido por outro, elaborado por Churchill, a pedido do governo britânico, colocando a batalha sob uma luz mais confiante. Vera Brittain recordou que a pergunta que circulava em seu hospital em Londres era:

Estamos celebrando uma gloriosa vitória naval ou lamentando uma ignominiosa derrota? Não sabemos. Cada nova edição dos jornais tanto obscurece como ilumina essa distinção tão importante. O único fato indiscutível é que centenas de jovens, muitos deles guardas-marinhas adolescentes, se foram, sem esperança de salvação ou de compreensão das coisas, para uma fria e anônima sepultura.

Nos navios de guerra britânicos morreram afogados 6.097 marinheiros; nos navios alemães, 2.551.

No dia seguinte à Batalha da Jutlândia, forças alemãs desencadearam um ataque massivo às linhas britânicas no saliente de Ypres, avançando setecentos metros através das trincheiras britânicas numa frente de mais de 2.500 metros. Um general britânico foi morto e outro foi feito prisioneiro. Contudo, 48 horas depois, parte do

terreno capturado foi novamente tomada pelos britânicos. Nesse mesmo dia, na frente oriental, o general Brusilov desencadeou uma grande ofensiva russa. Era sua chance de vingar as derrotas ocorridas no ano anterior na Polônia e os reveses nos Cárpatos. Brusilov queria que a ofensiva tivesse início em julho, mas, como a Áustria continuava a defender-se obstinadamente na frente italiana, adiantou-a para junho, forçando a Áustria a transferir tropas para leste.

A ofensiva de Brusilov começou com uma incrível barragem de 1.938 peças de artilharia ao longo de uma frente de mais de trezentos quilômetros, desde os pântanos de Pripet até Bucovina. A superioridade numérica do Exército austríaco que defendia Lutsk, com 200 mil homens contra 150 mil russos, não era, como escreveu um historiador, “muito significativa numa guerra de armas de fogo”.⁵ Depois de algumas horas, a barragem tinha provocado grande destruição nas trincheiras austríacas da linha de frente e aberto mais de cinquenta brechas no arame farpado. “Além da destruição provocada pelo bombardeio nos obstáculos de arame”, reportou uma comissão de investigação austríaca duas semanas depois, “toda a zona de batalha ficou coberta por uma enorme e densa nuvem de pó e fumaça, muitas vezes misturada com gases explosivos, que impedia que os homens pudessem ver, que dificultava a respiração e que permitia que os russos ultrapassassem os obstáculos de arame arruinados em grupos sucessivos, seguindo para nossas trincheiras”. Num avanço que não pôde ser contido, os russos capturaram 26 mil soldados austríacos num único dia.

Em 5 de junho, segundo dia da ofensiva de Brusilov, enquanto os defensores austríacos fugiam de Lutsk e a cidade era ocupada pelos russos, um acontecimento inesperado causou um profundo choque em toda a Grã-Bretanha e até nas tropas britânicas que se encontravam na frente ocidental. Nas águas geladas do mar do Norte, o *Hampshire*, um cruzador britânico a caminho da Rússia, foi afundado por uma mina alemã a noroeste de Scapa Flow. A bordo, estava o ministro da Guerra, lorde Kitchener, que viajava numa missão à Rússia e morreu afogado. Apesar de seus colegas do Gabinete de Guerra o considerarem ineficaz havia muito tempo, para o público ele era o homem que tinha trazido força e estabilidade à condução da guerra. A lenda diz que Kitchener não se afogou, mas que foi levado à Rússia para dirigir uma nova ofensiva extremamente sigilosa.

Também em 5 de junho, com os jornais tomados pela morte de Kitchener, o filósofo Bertrand Russell apresentou-se ao tribunal, na Mansion House, em Londres. Apesar de seu apaixonado apelo ao “respeito pela consciência individual”, foi multado em cem libras por ter publicado um panfleto em que apoiava a objeção consciente ao serviço militar. Nesse mesmo dia, seu amigo e protegido em Cambridge, o filósofo Ludwig Wittgenstein, encontrava-se em ação na frente oriental, defendendo Okna,

que estava sendo atacada pelas forças de Brusilov. Como resultado de sua bravura, Wittgenstein foi recomendado para a Medalha ao Valor, Segunda Classe, uma honra rara para um cabo. Na citação, podia ler-se: “Ignorando o fogo de artilharia pesada na casamata e a explosão de bombas, observou os disparos de morteiros e localizou-os. A bateria conseguiu destruir dois dos três morteiros de grande calibre com tiros diretos, como foi confirmado por prisioneiros capturados.” Ignorando os gritos do oficial para que se protegesse, Wittgenstein continuou a observar o efeito dos disparos. “Com esse comportamento particular, teve um efeito muito calmante em seus camaradas”, reportou o oficial.

Os dois filósofos, que três anos antes tinham discutido profundamente sobre verdade e lógica, haviam tomado posições diametralmente opostas diante da guerra.

Em 7 de junho, ainda que Brusilov estivesse levando certo conforto aos Aliados na frente oriental, houve um sério revés no destino dos Aliados no ocidente quando, após ter resistido durante três meses, o forte Vaux caiu em mãos alemãs. Durante quase uma semana, os defensores tinham lutado em passagens subterrâneas, no meio de corpos em decomposição que não podiam ser sepultados e sob bombardeios massivos que incluíam granadas de gás. Pulverizados pela artilharia alemã, tinham apenas 45 litros de água. Um pombo-correio, que havia sido gravemente afetado pelo gás em seu percurso anterior, levantou voo para transportar a última mensagem emitida pelo forte: “Ainda resistimos... é imprescindível socorro... este é nosso último pombo.” O pássaro caiu morto, mas foi-lhe atribuída a Legião de Honra. Dos milhares de pombos-correios que voavam diariamente com mensagens por todas as zonas de guerra, enviados por todos os exércitos em confronto, foi o único a receber uma condecoração militar.

Os seiscentos sobreviventes da guarnição de forte Vaux foram levados para cativeiro. O príncipe herdeiro alemão ficou tão impressionado com a coragem do comandante do forte, major Raynal, que não só o felicitou como o presenteou com uma espada capturada de outro oficial francês, pois Raynal havia perdido sua própria espada. Tais cortesias, depois de duras batalhas, faziam parte do antigo cavalheirismo, mas o combate era mantido por todos os lados. Na luta que prosseguiu a oeste do forte, cerca de vinte soldados franceses, com as baionetas prontas para entrarem em ação, acabaram soterrados numa trincheira.⁶

Como Pétain havia insistido, Verdun não cairia, apesar das contínuas chacinas mútuas. Na frente oriental, Brusilov continuou avançando. Em 9 de junho, o general austríaco que estava no comando na frente de Chernivtsi, Pflanzer-Baltin, ordenou a retirada. Muitos artilheiros austríacos fugiram, quer abandonando suas armas para caírem nas mãos dos russos, quer levando-as, de modo que os soldados de Infantaria, mantidos em suas posições, ficaram sem proteção. Mais tarde, Wittgenstein

recordou que durante a longa retirada “ia montado, exausto, num cavalo numa interminável coluna, com o único pensamento de manter-se na sela, pois se caísse seria pisado até a morte”.

Em 12 de junho, Brusilov anunciou que, nos avanços que seus homens tinham feito desde o início da ofensiva, oito dias antes, capturara 2.992 oficiais austríacos, 190 mil soldados austríacos, 216 canhões pesados, 645 metralhadoras e 196 obuses. Um terço das forças austríacas que enfrentara tinha sido aprisionado. Cinco dias depois, os russos ocuparam Chernivtsi, a cidade austro-húngara mais oriental e um centro de cultura e comércio.

Outro sucesso dos Aliados nesse junho foi a entrada de forças árabes no conflito. Comandada pelo xerife de Meca, Hussein bin Ali, a Revolta Árabe havia começado em 5 de junho, no exterior da cidade de Medina, que era controlada pelos turcos. Suas ações iniciais, apesar de entusiásticas, foram prematuras e fracassaram. Uma força árabe de 50 mil homens, entre os quais só 10 mil tinham rifles, foi repelida pelos turcos. Nesse dia, meia dúzia de assessores britânicos, incluindo o capitão T. E. Lawrence (“Lawrence da Arábia”), desembarcaram secretamente em Jidá, no mar Vermelho.

Longe dos conflitos pesados e destrutivos nas frentes ocidental e oriental, abria-se uma nova frente, a décima em atividade.⁷ Em 7 de junho, Hussein declarou a independência de Hejaz em relação à Turquia. Quatro dias depois, dois cruzadores britânicos, *Fox* e *Hardinge*, bombardearam as posições turcas ao norte de Jidá. Três hidroaviões britânicos bombardearam as posições turcas no porto. As forças árabes tinham aprendido a lição em seu primeiro encontro em Medina, e, no encontro seguinte, uma semana depois, os turcos ficaram em minoria e com menos peças de artilharia. Meca caiu em poder dos árabes em 13 de junho e Jidá caiu três dias depois.

A guerra no ar tornara-se um fator diário nas zonas de guerra. Decolando da cidade francesa de Nancy, um aviador francês, o tenente Marchal, lançou panfletos sobre Berlim, com textos que acusavam o Kaiser alemão e o imperador austríaco pela guerra. Depois, Marchal voou para Kholm, na Polônia ocupada pelos austríacos, onde foi feito prisioneiro, mas conseguiu fugir. Em 22 de junho, bombardeiros franceses fizeram um ataque aéreo a Karlsruhe, causando mais de duzentas baixas entre civis. Em Verdun, o tenente Balsley, o primeiro piloto de caça americano que se voluntariara para lutar na Europa, foi atacado por um piloto de caça alemão, mas escapou ileso.

A última grande tentativa alemã de capturar Verdun foi feita na noite de 22 de

junho, quando a artilharia desencadeou um bombardeio, utilizando um novo gás foscênio, chamado Cruz Verde. Homens e cavalos foram mortos pelas terríveis nuvens de fumaça. Os médicos que tratavam os feridos também foram afetados. A chuva mortífera continuou durante várias horas, e 30 mil alemães atacaram. Perto de Fleury, uma divisão francesa inteira, com 5 mil homens, foi ceifada, e o forte Thiaumont, pouco mais de três quilômetros ao norte de Verdun, foi capturado. Entre os atacantes alemães estava o tenente Friedrich Paulus que, 26 anos depois, aceitaria render-se juntamente com todo um Exército alemão, em Stalingrado, após ter sido cercado e colocado em inferioridade numérica.

Um estudante universitário alemão, que servia no Exército, Hans Forster, recordou mais tarde algumas cenas do avanço para Fleury. “À nossa frente, um aterro ferroviário; à direita, uma curva, onde estavam 45 franceses com as mãos erguidas no ar. Um cabo ainda disparava contra eles, e eu detive-o. Um velho francês ergueu a mão direita, ferida, sorriu e agradeceu-me.”⁸ Fleury foi capturada, mas os alemães foram detidos antes de entrarem no forte Souville, o penúltimo entre eles e a própria Verdun. Os alemães não tinham gás Cruz Verde suficiente para um segundo ataque.

“Não passarão!” era a última linha de uma ordem de serviço do general Nivelle. Receosos de que Verdun ficasse indefesa caso o forte Souville caísse, os franceses pediram ajuda aos ingleses. Sir Douglas Haig lançaria uma ofensiva britânica no Somme em 29 de junho, mas o próprio primeiro-ministro francês, Aristide Briand, procurou-o em 24 de junho para pedir-lhe que atacasse mais cedo. Haig disse que era tarde demais para fazê-lo, mas que a barragem de artilharia teria início conforme planejado e que se manteria até o assalto, cinco dias depois. Assim começou o mais longo bombardeio concentrado de artilharia da guerra moderna.

Na Alemanha, o sentimento antiguerra crescia. Mortes devido à fome, como resultado do bloqueio aliado, tornavam-se ocorrências diárias. Em 1915, 88.232 mortes foram atribuídas ao bloqueio. Em 1916, o número subiu para 121.114.⁹ Houve tumultos para conseguir alimentos em mais de trinta cidades alemãs. Em 28 de junho, teve início uma greve de três dias, da qual participaram 55 mil trabalhadores alemães. O único membro antiguerra no Reichstag, Karl Liebknecht, foi expulso e condenado a dois anos de trabalhos forçados por continuar aliciando soldados para que não lutassem. Dois meses depois, sua condenação foi ampliada para quatro anos.

A Entente tinha começado a fazer algum progresso. Na frente italiana, um terço dos avanços austríacos realizados durante a ofensiva no Trentino foram recuperados com segurança, apesar de um bombardeio aterrorizador na noite de 28 de junho, quando foram disparados projéteis de gás hidrocianídrico, causando graves lesões a

mais de 6 mil italianos, que estavam dormindo no momento do ataque. No dia seguinte, contudo, os italianos retomaram as trincheiras que tinham sido forçados a abandonar, ajudados pelo vento, que levava as nuvens de gás em direção aos soldados austríacos. Mais de mil austríacos tiveram lesões e 416 foram feitos prisioneiros. Na frente da Rússia, os austríacos foram derrotados na Batalha de Kolomea, quando os russos fizeram mais de 10 mil prisioneiros, entrando na cidade em 29 de junho.

Em Verdun, os franceses conservaram o forte Souville, e a ameaça à cidade foi afastada. Pouco depois, um planejado e iminente avanço britânico para o Somme seria um segundo teste à Entente, e a esperança de Haig, conforme escreveu ao Estado-Maior geral em 16 de junho, era de que “o avanço pressionasse suficientemente para leste para permitir que a cavalaria avançasse por um campo aberto para além das linhas de defesa preparadas”. O major britânico Robert Money escreveu em seu diário no final de junho: “Parece que em cerca de uma semana teremos de penetrar nas trincheiras dos hunos alegremente — e eu espero que eles gostem.” Money estava impressionado com o fato de “nada parecer ter sido poupado para fazer desse espetáculo um sucesso, nada parecer ter sido esquecido”.

A barragem preliminar de artilharia, iniciada a pedido francês em 24 de junho, foi sustentada ao longo de uma frente de vinte quilômetros. Mais de 1.500 canhões e obuses dispararam 1.732.873 projéteis. Apesar de grande parte da enorme quantidade de projéteis ter meramente revolvido a superfície do terreno, causando menos danos do que era esperado aos profundos refúgios subterrâneos dos defensores alemães, e apesar de muitos não terem explodido, o impacto do bombardeio no humor e no moral dos atacantes foi considerável. Durante breves pausas, foram feitas incursões ao longo da terra de ninguém para trazer informações sobre a situação nas trincheiras alemãs. Um resumo dos serviços secretos referente a 25 e 26 de junho informava com certo mau agouro: “As incursões tentadas ao longo de toda a frente do Corpo foram infrutíferas, em alguns setores, devido a intenso fogo de metralhadoras e de rifles.” Na noite de 28 de junho, homens do Regimento da Terra Nova entraram na terra de ninguém para atacar as trincheiras, mas, segundo um observador, “fugiram”.

Foi a escala do bombardeio que deu maior confiança às tropas britânicas e canadenses. “Aqui, as coisas estão agitadas, e eu estou gostando”, escreveu o segundo-tenente George Norrie à mãe, em 29 de junho. “Quanto a ‘disparar’, esse espetáculo é o melhor. Acho que nasci para isso.” Nessa noite, homens do Regimento da Terra Nova voltaram a penetrar nas trincheiras alemãs, encontrando-as “cheias de hunos”. De acordo com o mesmo observador: “Mataram muitos, mas tiveram pesadas baixas.” Em outra incursão nessa noite, homens da Infantaria escocesa retornaram com 46 prisioneiros alemães. Prevvia-se que a ofensiva

começasse em 29 de junho, mas a chuva forte e a conclusão de que o bombardeio não tinha sido tão eficaz, obrigaram a adiá-la 48 horas, reduzindo o impacto e a surpresa do bombardeio. Porém, quando por fim foi dada a ordem de ataque, em 1º de julho, teve início uma das batalhas potencialmente decisivas.

No Atlântico sul, o explorador Ernest Shackleton, depois de dois anos de isolamento na remota Antártida, chegou à pequena ilha de Geórgia do Sul. Em suas memórias, Shackleton recordou a primeira pergunta que fez ao sr. Sorlle, administrador da pequena estação britânica de baleias, e a resposta que ouviu:

— Diga-me... Quando terminou a guerra? — perguntei a ele.

— Ainda não terminou — respondeu ele. — Estão morrendo aos milhões. A Europa está louca. O mundo está louco.

A Batalha do Somme: “Será um holocausto sangrento”

Julho a agosto de 1916

Iniciada em 1º de julho de 1916, a Batalha do Somme foi uma tentativa anglo-francesa de quebrar as linhas alemãs por meio de um assalto massivo de Infantaria, tentando criar as condições para que a cavalaria pudesse então avançar rapidamente e talvez até mesmo alcançar a vitória. Enquanto se movimentavam para suas posições, os soldados britânicos cantavam:

*We beat them on the Marne,
We beat them on the Aisne,
We gave them hell
at Neuve Chapelle
And here we are again!¹*

Entre as dezenas de milhares de homens reunidos para a batalha, estava o tenente William Noel Hodgson, contemporâneo de Rupert Brooke em Cambridge. Tinha 23 anos de idade e era conhecido por seus companheiros soldados como Smiler. Na véspera da batalha, escreveu um poema intitulado “Before Action”:

*I, that on my familiar hill
Saw with uncomprehending eyes
A hundred of Thy sunsets spill
Their fresh and sanguine sacrifice,
Ere the sun swings his noonday sword
Must say goodbye to all of this!
By all delights that I shall miss,*

A batalha começou na manhã de 1º de julho, quando cerca de 250 mil projéteis foram disparados contra as posições alemãs em apenas uma hora, numa média de 3.500 unidades por minuto. A barragem foi tão intensa que pôde ser ouvida em Hampstead Heath, ao norte de Londres. Às 7h28, foram explodidas dez minas sob as trincheiras alemãs. Dois minutos depois, tropas britânicas e francesas atacaram ao longo de uma frente de quarenta quilômetros.

Ao saírem das suas trincheiras, os soldados britânicos, em sua maioria, transportavam cerca de trinta quilos de equipamento: um rifle, munições, granadas, rações, uma capa impermeável, quatro sacos de areia vazios, um capacete de aço, duas máscaras antigás, um par de óculos contra gases lacrimogêneos, ataduras, um pique ou uma pá, uma garrafa com água e um prato feito de estanho. O general Edmonds escreveu, em sua história oficial, que o peso do equipamento tornava “difícil saírem das trincheiras e impossível fazerem movimentos mais rápidos do que passos lentos ou levantarem-se e deitarem-se rapidamente”. Um historiador militar britânico, Peter Liddle, comentou: “Quando era o caso, os milhares de homens que formavam um alvo tão volumoso e tão lento deitavam-se no chão suficientemente depressa, mas não se levantavam, e muito menos depressa.”³

No começo da batalha, um jovem tamborileiro escocês, Walter Ritchie, subiu ao parapeito de uma trincheira alemã capturada e, enquanto os homens começavam a cair à sua volta, repetiu o toque de carga diversas vezes. Foi-lhe concedida a Cruz Vitória. Um batalhão britânico, os Accrington Pals, deixou para trás alguns de seus sinaleiros ao sair das trincheiras, que assistiram ao ataque protegidos atrás de um montículo de terra. “Podíamos ver nossos camaradas avançando numa tentativa de atravessar a terra de ninguém, apenas para serem ceifados como se fossem grama”, recordou, mais tarde, o cabo H. Bury. “Senti-me muito mal ao ver tal carnificina e recordo que chorei. Vimos uma bandeira fazendo sinais perto da aldeia de Serre, mas o movimento durou apenas alguns segundos e os sinais eram ininteligíveis.”

Cerca de cem metralhadoras alemãs, em grande parte ocultadas em localizações blindadas que ofereceram proteção durante os bombardeios, abriram fogo à medida que a Infantaria saía de suas trincheiras. Muitos atacantes foram mortos quando se juntavam para penetrar em brechas pequenas em seu próprio arame farpado, ainda menores do que haviam suposto. O segundo-tenente Eric Miall-Smith escreveu para casa três dias depois, contando sobre a “gloriosa vitória” no primeiro dia de batalha: “Sei que eliminei quatro alemães, então fiz minha parte.” Miall-Smith acrescentou:

Vi grupos de alemães dispararem contra homens nossos até estarem a poucos metros; depois, quando percebiam que não havia esperança,

largavam as armas e avançavam para apertar a mão de nossos homens. Muitos receberam o que mereciam e não foram feitos prisioneiros. Vários alemães feridos disparavam pelas costas contra aqueles que tinham acabado de ajudá-los a colocar-lhes ataduras. Acreditem em mim: são uns porcos. Vi essas coisas acontecerem com meus próprios olhos.

Outro oficial, o tenente J. Capper, recordou, mais tarde, que um soldado alemão pôs-se de joelhos e mostrou-lhe uma fotografia de sua mulher e de seus filhos. “Recordo-me de ter rido interiormente de minha aproximação tão ‘dura’ junto a um indivíduo comparativamente tão indefeso e assustado, quando eu mesmo precisava fazer um grande esforço para disfarçar minha própria ‘perturbação’.” Um oficial e médico britânico, capitão G. D. Fairley, que também estava ferido, escreveu em seu diário que, ao percorrer as trincheiras com maqueiros e olhar para os feridos, “encontramos um caso de ‘trauma de guerra’, um soldado emocionalmente perturbado que recuava, cheio de medo, falando excessivamente e apavorado com o fogo de artilharia”.

O irmão de Vera Brittain, Edward Brittain, estava no Somme em 1º de julho. Enquanto esperavam por ordens para sair das trincheiras, na segunda leva, seus homens ficaram nervosos devido ao elevado número de soldados feridos na primeira leva, que regressavam e se amontoavam nas trincheiras. Subitamente, um batalhão em frente a eles, na terra de ninguém, entrou em pânico. “Não me recordo como consegui que os homens se mantivessem unidos e que subissem ao parapeito”, disse Brittain à irmã algumas semanas depois. “Só sei que tive de voltar duas vezes para conseguir convencê-los a avançar. Não voltaria a passar por aqueles minutos nem para ganhar uma Cruz Vitória.” Por fim, enquanto seus homens o seguiam e quando já havia avançado cerca de setenta metros na terra de ninguém, foi ferido na coxa. Depois de tentar continuar liderando seus homens na avançada, mas incapaz de fazê-lo, refugiou-se numa cratera formada por uma explosão, onde um estilhaço de um projétil perfurou-lhe o braço. Havia mais dois homens ali. “Um estava gravemente ferido, mas o outro não tinha nada; estava apenas aterrorizado”, disse Edward à irmã.

Brittain conseguiu arrastar-se para as trincheiras britânicas. “Já não me lembro muito bem, mas no meio do caminho vi a mão de um homem que tinha sido morto naquela manhã, que já ficava esverdeada e amarelada. Isso me deixou muito enjoado e tentei ir mais depressa.” Por sua coragem nessa manhã, o segundo-tenente recebeu a Cruz Militar.

Duas aldeias em poder dos alemães, Mametz e Montauban, foram capturadas em 1º de julho, bem como o reduto alemão de Leipzig. O custo em vidas nesse ataque foi mais elevado do que em qualquer outro dia da guerra. Foram mortos mais de mil oficiais britânicos e mais de 20 mil homens. Além disso, 25 mil homens ficaram

gravemente feridos.

Na Batalha de Mametz, 159 homens do Regimento de Devonshire, que atacaram em Mansell, foram mortos por uma única metralhadora alemã, colocada na base de um crucifixo no limite da aldeia, a cerca de quatrocentos metros de seu ponto de partida. O oficial britânico que conduzia o ataque, capitão D. L. Martin, tinha previsto que a metralhadora representaria um perigo fatal se sobrevivesse ao ataque preliminar da artilharia britânica, mas foi morto com seus homens quando avançavam para um fogo ininterrupto. Os homens foram sepultados numa trincheira na mata, onde foi colocada uma tabuleta com as frases: “O Regimento de Devonshire defendeu esta trincheira. Ele ainda a defende.” Entre os oficiais sepultados na trincheira estava William Noel Hodgson, conhecido como Smiler, oficial de bombardeio do batalhão, que foi morto por uma bala na garganta quando levava um carregamento de bombas para a trincheira. Seu corpo foi encontrado junto ao de seu assistente pessoal.

Ao chegar à linha de frente, dez dias depois da Batalha do Somme, um oficial britânico anotou em seu diário uma informação que recebera do capelão sobre o ataque a Mametz.

As notícias eram incríveis. Tinham morrido todos os meus amigos. Tinham morrido todos os quatro oficiais da minha companhia. O querido Harold morreu esplendidamente perante as linhas alemãs. Foi atingido no estômago. O Lawrence, que estava atrás dele, morreu do mesmo tiro. Iscariot levou um tiro no coração, abaixo da mata de Mansell, e todo seu pessoal, em torno dele, também foi morto; Smiler foi morto perto do mesmo local quando transportava bombas. Nenhum oficial saiu ileso. Os homens portaram-se maravilhosamente, avançando sem oficiais e cumprindo todos os seus objetivos.

Entre os homens em ação em 1º de julho encontrava-se o segundo-tenente Henry Field. “Graças a Deus, não fico assustado com o barulho dos canhões”, escrevera ele à mãe quatro meses antes. Seu batalhão, de oitocentos homens, o 6º Royal Warwicks, atingiu seu objetivo perto de Serre, mas, após estarem sob fogo de metralhadoras alemãs que tinham ficado intactas, de ambos os flancos, foram obrigados a recuar para sua linha original. Dos 836 homens que saíram, 520 foram mortos e 316 foram feridos. O tenente Field estava entre os mortos. No primeiro Natal passado em batalha, escrevera:

*Through barren nights and fruitless days
Of waiting when our faith grows dim
Mary be with the stricken heart,
Thou hast a son, remember him.*

*Lord Thou hast been our refuge sure,
The Everlasting Arms are wide,
Thy words from age to age endure,
Thy loving care will still provide.*

*Vouchsafe that we may see, dear Lord,
Vouchsafe that we may see,
Thy purpose through the aching days.*⁴

Field não pôde concluir o último verso. Sobre a destruição do batalhão perto de Serre, sua história oficial informa que: “1º de julho: dia fatídico. Ferimentos e morte foram seu fruto, e, para os que sobreviveram, uma terrível memória de horror. Uma coragem imperecível inspirou todos os homens em luta, mas onde, onde, está a vitória?”

Num ataque à aldeia de Serre, John Streets, sargento da companhia do Sheffield Pals, outro que tentou encontrar consolo na poesia, foi ferido. Ao ser levado para receber cuidados médicos, foi-lhe dito que um soldado do seu pelotão tinha ficado ferido com demasiada gravidade para retornar por seus próprios meios. Então, Streets regressou à linha de frente para trazer o soldado, mas nunca mais foi visto nem pôde ter um enterro como o que havia descrito em seu poema, “A Soldiers Funeral”:

*No splendid rite is here... yet lay him low,
Ye comrades of his youth he fought beside,
Close where the winds do sigh and wild flowers grow,
Where the sweet brook doth babble by his side.
No splendour, yet we lay him tenderly
To rest, his requiem the artillery.*⁵

No mesmo dia, o irmão de Streets, Harry, prestava serviço numa Unidade de Ambulâncias de Campanha, num dispensário em Albert. Mais tarde, descreveu como os feridos “chegavam a pé em levas ou eram trazidos por maqueiros, carretas, carros ou qualquer coisa. Punham-se curativos nos ferimentos e ficavam estendidos no chão à espera de serem evacuados dali”. Aqueles que se esperava que não sobrevivessem eram postos ao lado e ali ficavam. “Custava muito ignorar seus gritos por ajuda, mas era preciso cuidar daqueles que poderiam viver”, escreveu ele.

Nesse primeiro dia, a única força dos domínios britânicos no Somme, o Batalhão da Terra Nova, quase foi exterminada. De 810 soldados em ação, 310 foram mortos e mais de 350 ficaram feridos. “Foi um exemplo magnífico do valor do treinamento e da disciplina”, informou o general de Lisle, comandante de uma divisão de Sir

Douglas Haig, ao primeiro-ministro da Terra Nova. “O assalto só não teve sucesso porque mortos não podem avançar mais”, continuou ele.

Por toda a batalha, mais de quinhentos atacantes foram feitos prisioneiros pelos alemães no primeiro dia. Um objetivo britânico, Bapaume, a cerca de quinze quilômetros do ponto de partida, nunca foi alcançado, nem nesse dia nem ao longo dos cinco meses de ataques contínuos.

A escala e intensidade do ataque britânico no primeiro dia teve um efeito imediato sobre os alemães, provocando a transferência de sessenta canhões pesados e duas divisões de Infantaria que estavam em Verdun e pondo um fim à tentativa alemã de vitória em Verdun.

O primeiro dia da Batalha do Somme foi o 132º dia da Batalha de Verdun, em que os atormentados defensores viram-se livres de dezenas de milhares de soldados alemães. Os ataques franceses no Somme, mais para sul, tiveram mais ganhos do que as ações britânicas, mas não conseguiram chegar mais perto da aldeia de Pérrone, objetivo do primeiro dia. Contudo, conseguiram fazer 3 mil prisioneiros entre os soldados alemães e capturar oitenta canhões alemães.

No segundo dia da Batalha do Somme, 2 de julho, um jovem soldado sul-africano, Hugh Boustead, estava entre os soldados de Infantaria que atacariam. “Nossa brigada atravessou campos cheios de marcas da guerra em meio a esquadrões devastados”, escreveu ele mais tarde.

Cavalos mortos e moribundos, atingidos pela artilharia, com as entranhas para fora e membros arrancados, jaziam nos caminhos que conduziam à batalha. Seus cavaleiros, caídos, com olhos esbugalhados, olhavam para os céus chorosos. Em frente, o fogo constante das metralhadoras vibrava no ar. Apanhados por uma barragem, esses homens corajosos e bons cavalos tinham sido varridos da estrada de Longueval.

No mesmo dia, os alemães tentaram capturar Montauban, mas foram repelidos. No dia seguinte, forças britânicas atacaram, mas não conseguiram capturar Ovillers e La Boisselle, aldeias da linha alemã. Ao sul do Somme, os franceses fizeram mais progressos, a tal ponto que um general alemão proibiu claramente a evacuação voluntária das trincheiras. Porém, ao cair da noite de 4 de julho, os franceses tinham feito 4 mil prisioneiros alemães e penetrado na linha inimiga numa frente de dez quilômetros.

Entre as tropas que avançaram no dia seguinte havia destacamentos da Legião Estrangeira com várias dúzias de americanos, incluindo o poeta Alan Seeger (Legionário Nº 19.522), formado em Harvard. Seeger fazia parte de uma unidade

comandada por um barão suíço, o capitão De Tscharner, que atacou a fortificada aldeia de Belloy-en-Santerre e foi apanhada pelo fogo de seis metralhadoras alemãs. Jazendo mortalmente ferido numa cratera formada por uma explosão, Seeger gritou por água e pela mãe. No início daquele ano, tinha escrito um poema intitulado “Rendezvous”:

*I have a rendezvous with Death
On some scarred slope or battered hill,
When Spring comes round again this year
And the first meadow-flowers appear.*

*God knows 'twere better to be deep
Pillowed in silk and scented down,
Where love throbs out in blissful sleep,
Pulse nigh to pulse, and breathe to breath,
Where hushed awakening are dear...
But I've a rendezvous with Death
At midnight in some flaming town,
When Spring trips north again this year,
And I to my pledge word am true,
I shall not fail that rendezvous.*⁶

Ao cair da noite, Belloy-en-Santerre havia sido tomada pela Legião Estrangeira, mas tinham sido mortos ou gravemente feridos 25 oficiais e 844 homens, um terço da força de ataque.

Em 4 de julho, ao avançar ao longo de uma antiga trincheira de comunicação alemã, Siegfried Sassoon passou por “três corpos bastante mutilados que estavam ali: um homem, baixo, gordo, de bigodes virados para cima, tinha o rosto enfiado no chão e estava meio de lado, com um braço sobre a cabeça, como se quisesse protegê-la. Uma bala tinha-lhe atravessado a testa. Mais parecia um boneco. Outro, torcido e destroçado, chamuscado e mutilado, com uma barba de muitos dias, escura, dentes cerrados e um sorriso de escárnio nos lábios”. Depois, ao meio-dia, perto da linha de frente, passou por “trinta homens nossos deitados na estrada de Mametz-Carnoy, alguns lado a lado, com dedos ensanguentados como se houvessem apertado a mão de camaradas mortos. E um cheiro indefinível”.

O correspondente de guerra britânico Philip Gibbs, que avançou em 4 de julho para as trincheiras alemãs em Fricourt, que tinham sido anteriormente invadidas, recordou-se como o lugar assemelhava-se à uma cena de vitória na guerra, “com os mortos alemães que jaziam ali, naquele campo destruído, com o nojo e o cheiro de mortos por todos os lados, com a enorme destruição provocada pela nossa artilharia e com a fúria do fogo que ainda caía sobre as baterias inimigas que tinham

avançado. Desci lances e lances de escadas até os refúgios subterrâneos alemães, surpreendido com a profundidade e a resistência. Nossos homens não construíam assim. A capacidade alemã era uma censura a nós, e, no entanto, tínhamos tomado as trincheiras, e os corpos mortos dos homens que haviam trabalhado ali estavam naquelas cavernas escuras, mortos pelas granadas que nossas mãos haviam lançado. Afastei-me daqueles corpos gordos. Pareciam monstruosos, enrugados, no meio de roupas, bombas, botas velhas e garrafas. Grupos de mortos jaziam em valas que tinham sido trincheiras, nas quais nossos bombardeios, que eu presenciara, tinham provocado o caos. Recordo-me de um homem mais velho, sentado, com as costas apoiadas num pedaço de terra e com as mãos parcialmente levantadas. Sorria um pouco, e, no entanto, tinha sido atingido no estômago e estava morto”.

Gibbs comentou: “Vitória! Alguns alemães mortos eram rapazes, novos demais para serem mortos por crimes de velhos; outros eram novos ou velhos, mas não se conseguia saber pelos rostos, que eram apenas massas de carne amassada com uniformes em farrapos. Havia pernas e braços soltos, sem que se pudesse ver o tronco nas proximidades.”

Os primeiros feridos da Batalha do Somme começaram a chegar em Londres em 4 de julho. Vera Brittain, que estava trabalhando num hospital em Camberwell, recordou “os intermináveis trens que chegaram incessantemente durante cerca de duas semanas e que continuaram a chegar em curtos intervalos durante todo aquele opressivo mês de agosto”. A distância em relação ao campo de batalha não constituía proteção contra uma extrema angústia. “Dia após dia, tive de lutar contra a terrível e assustadora sensação, com a qual em muitos anos como enfermeira nunca me habituei, de ver macas cobertas chegando, uma após a outra, sem saber, com o coração aos saltos, que terrível visão, som ou cheiro, que problema de agonia ou morte iminente, cada cobertor ocultava.” Entre os feridos que chegaram ao hospital em que Vera Brittain trabalhava, por puro acaso, estava seu irmão Edward, que ficaria na Inglaterra, com dores atrozes, durante muitos meses.

A Batalha do Somme tornou-se uma luta diária por pequenos bosques e aldeias ainda menores. Em 6 de julho, La Boisselle foi capturada. A aldeia de Contalmaison, capturada pelos ingleses na manhã de 7 de julho, foi perdida nessa noite. No mesmo dia, foi rechaçado um ataque britânico ao bosque de Mametz. Em 8 de julho, forças britânicas capturaram a maior parte da floresta de Trônes, mas um intenso bombardeio alemão, seguido por um contra-ataque, obrigou-os a uma retirada. Nesses ataques foram mortos centenas de homens e outros milhares ficaram feridos. Hugh Boustead recordou, mais tarde, o momento em que ele e seus homens foram pegos pelo fogo de barragem alemão. “Apesar de um projétil ter caído praticamente no meio da seção, nós três, que estávamos no centro, escapamos sem ferimentos, sentindo apenas o tremendo choque da explosão, que arrancou os equipamentos de

nossos ombros e os capacetes, deixando a trincheira cheia de nuvens de gás lacrimogêneo. Tossindo, cuspiendo, com lágrimas nos olhos devido ao gás, ouvíamos nossos camaradas feridos gemerem sob os escombros. Seis homens da seção, três a cada lado, estavam totalmente destruídos, em pedaços, e havia mais seis feridos”, recordou mais tarde.

No Somme, à semelhança do que acontecia em todas as grandes batalhas em que a artilharia desmembrava os corpos e depois os cadáveres, era impossível identificar corretamente centenas de milhares de corpos, que figuram nos memoriais dessas batalhas “sem sepulturas conhecidas”. Quatro anos depois da Batalha do Somme, Boustead recebeu uma carta do Ministério da Guerra em Londres que “perguntava se podia dar alguma informação sobre a sepultura de número 5.100, do soldado raso Hugh Boustead, do Regimento South African Scottish, cuja cruz tinha sido erigida no vale de Montauban durante a Batalha do Somme”. Boustead garantiu às autoridades que estava vivo e saudável.

Depois de nove dias de batalha, os alemães tinham sido obrigados a recuar mais de um quilômetro e meio em alguns locais e mais de três quilômetros em outros. Em 10 de julho, os ingleses recapturaram o que havia restado da aldeia de Contalmaison. Nessa noite, em Verdun, os alemães desencadearam sua última tentativa de penetrar nas defesas francesas, tomaram o forte Souville e atingiram a cidade. Assim como o ataque de 23 de junho, este foi iniciado com um bombardeio com projéteis de gás Cruz Verde, mas, nas duas semanas e meia que tinham decorrido, os soldados franceses haviam sido equipados com máscaras de gás efetivas contra o novo veneno. Mais tarde, ainda durante o ataque, o uso de lança-chamas por parte dos alemães eliminou um batalhão inteiro, matando ou capturando 33 oficiais e 1.300 homens.

Ao cair da noite, 2.400 soldados franceses tinham sido feitos prisioneiros e a guarnição do forte Souville tinha sido eliminada pelo fogo de artilharia. No dia seguinte, um pequeno grupo de soldados alemães, com não mais do que trinta homens, tomou a muralha exterior do forte e desfraldou sua bandeira. A pouco mais de três quilômetros dali, podiam ver as torres gêmeas da catedral de Verdun. Dentro do forte, estavam sessenta soldados franceses liderados por um tenente, Kléber Dupuy. Comandando seus homens, Dupuy recuperou as muralhas, capturando dez alemães. Os outros foram mortos ou fugiram. Verdun estava assegurada.

O avanço britânico continuava no Somme. Em 12 de julho, o bosque de Mametz foi finalmente tomado. O número de alemães capturados atingiu mais de 7 mil. Foram feitos mais 2 mil prisioneiros durante uma ofensiva através das linhas alemãs dois dias depois, quando tanto Longueval como Bazentin foram capturadas e a floresta de Trônes foi assegurada uma segunda vez. Num esforço para aproveitar o sucesso em

desmoralizar os alemães, um avião britânico recebeu ordem de sobrevoar a linha de frente e enviar por rádio, para os britânicos, uma mensagem que se sabia que os alemães interceptariam: “O inimigo da segunda linha de defesa foi capturado numa frente de cinco quilômetros. A cavalaria britânica está atravessando a linha em perseguição ao inimigo desmoralizado.” O historiador oficial da Força Aérea britânica, H. A. Jones, comentou a armadilha: “Apesar da mensagem, que foi enviada às 10h30, exagerando deliberadamente a situação naquele momento, os acontecimentos ao longo do dia dariam um tom de veracidade ao recado. A cavalaria atravessou a linha ao fim da tarde.”

O poder aéreo também desempenhou um papel no Somme em 14 de julho. Um observador do Royal Flying Corps, o tenente T. L. W. Stallibrass, anotou em seu diário de voo: “Uma vasta força de Infantaria dos hunos estava entrincheirada numa estrada que se estendia em sentido sudeste a partir de High Wood. Felizmente, um avião britânico do 3º Esquadrão localizou a Infantaria e desceu até 150 metros, sobrevoando a linha e disparando contra eles com uma metralhadora Lewis.”

Em 15 de julho, teve início uma luta pelo bosque de Delville, o primeiro de quinze dias de luta corpo a corpo e de ferozes bombardeios de artilharia. A batalha começou quando a Brigada Sul-Africana, com 3 mil homens, entre os quais Hugh Boustead, recebeu ordens para capturar o bosque. “Seguimos em frente por um pomar, em fila indiana, conduzidos pelo oficial do pelotão”, recordou ele. “Smith, o segundo-tenente, conseguiu passar, mas os sete homens que o seguiam foram mortos poucos metros depois, apanhados por disparos limpos sem um murmúrio.”

Na segunda noite de batalha, Boustead escreveu: “Quase fomos aniquilados por nossas próprias ‘bolas de aço’, bombas circulares com um longo cabo pelo qual a carga é projetada. Andaram à nossa volta durante horas; curiosamente, não provocaram baixas, mas ficamos aterrorizados. No terceiro dia, avançamos com um grupo de atiradores para tentar pegar os alemães na fazenda Waterlot. Três homens de nosso grupo passaram a tarde lá”, escreveu ele. “Já havia seis South African Scottish mortos nas suas posições de fogo à nossa frente, mas conseguimos fazer alguns bons disparos contra os alemães que se movimentavam em Waterlot, mas, depois de alguns tiros, eles pararam.” Poucas horas depois, Boustead foi ferido e abandonou o campo de batalha. “Meu maior alívio foi poder dormir”, recordou ele mais tarde. “Durante cinco dias e cinco noites, mal dormimos, e, por vezes, tive consciência de querer ser ferido para poder dormir.”

A oeste do bosque de Delville, em 15 de julho, os britânicos conseguiram chegar ao bosque de Foureaux. A certa altura da luta, um pombo-correio da linha de frente entrou no quartel-general da artilharia britânica com uma mensagem que pedia que a artilharia pesada fosse voltada para uma concentração de metralhadoras alemãs no bosque. Um reconhecimento feito pelo Royal Flying Corps, ainda nesse dia, mostrou que o bosque só tinha sido parcialmente conquistado: no lado ocidental, tropas

britânicas desfraldaram bandeiras em resposta à presença do avião, mas, no lado oriental, os alemães abriram fogo rápido. No dia seguinte, os britânicos evacuaram sua parte no bosque. No cemitério que existe ao sul do bosque, há 107 sepulturas de britânicos, 37 de neozelandeses e 36 de australianos, numa recordação incompleta, mas permanente, dos custos de um dia de batalha.

Em 16 de julho, um bombardeio de artilharia pesada foi lançado contra as defesas alemãs ao longo das colinas da aldeia de Pozières. Contudo, chuva e neblina impossibilitaram um reconhecimento aéreo, e os alemães, que perceberam o ataque iminente, conseguiram estabelecer novos esconderijos de metralhadoras. No dia seguinte, um ataque preliminar da Infantaria britânica foi repelido por um fogo de metralhadoras tão intenso que as ações do dia seguinte foram canceladas. Em 18 de julho, Harold Macmillan ficou ferido. “Os óculos que eu usava devem ter voado devido à força da explosão, pois nunca mais os vi”, escreveu ele à mãe no dia seguinte. “Tive muita sorte por não terem sido esmagados nos meus olhos.” Uma granada explodiu diante de seu rosto, deixando-o sem sentidos. Quando se recuperou, perguntou a um cabo o que havia acontecido depois da explosão da granada. “Vi um alemão tentando fugir”, respondeu o cabo. “Então, disparei contra ele, que perdeu o capacete. Disparei outra vez e a parte de trás da cabeça dele explodiu.”

Havia sido planejado um ataque de diversão ao norte do Somme, em Fromelles, para 19 de julho, que seria realizado por tropas australianas. Os australianos, entre os quais muitos tinham lutado no verão, no outono e no inverno anteriores em Galípoli, lidavam com suas novas e difíceis tarefas com a irreverência habitual, cantando ao som de “The Church’s One Foundation”:

*We are the Anzac Army,
The A.N.Z.A.C.,
We cannot shoot, we don’t salute,
What bloody good we are.
And when we get to Ber-*lin*
The Kaiser he will say,
“Hoch, Hoch! Mein Gott, what a bloody odd lot
To get six bob a day!”²*

Esta foi a primeira ação ofensiva dos australianos na frente ocidental, com o objetivo de evitar que os alemães deslocassem reforços para o Somme. Na véspera da batalha, o general Elliott, o oficial australiano de maior patente, alarmado pela força da posição alemã, perguntou a um oficial do Estado-Maior britânico, o major H. C. L. Howard, como pensava que decorreria o ataque. Howard respondeu: “Se me

pergunta, senhor, devo dizer-lhe, de homem para homem, que será um holocausto sangrento.”

O general Elliott pediu a Howard que reportasse seu ponto de vista a Haig, o que ele fez. Esse relatório coincidiu com a informação, vinda dos serviços secretos, de que já não havia urgência no ataque, pois não estavam sendo transferidas forças alemãs para o Somme. No entanto, o comandante do corpo de Exército de Haig, general Sir Richard Haking, queria que o ataque fosse feito, e os registros do quartel-general informam que “estava muito confiante no sucesso da operação e considerava que as munições ao seu dispor eram suficientes para instalar e manter a Infantaria”. Pressionado para concordar com um adiamento do ataque, Haking foi enfático: “As tropas estão preparadas. Estão prontas e ansiosas por atacar e considero que qualquer alteração nos planos terá um efeito ruim sobre elas.”

O terreno elevado das colinas de Aubers, o objetivo do ataque, situava-se cerca de três quilômetros ao sul de Fromelles. A luta em si se estenderia por uma terra de ninguém baixa e úmida em direção a um saliente alemão fortemente fortificado, chamado de Pão de Açúcar, de onde se via o avanço dos atacantes. “Sei que farão o melhor que puderem para ajudar nossos amigos que lutam mais ao sul”, disse Haking aos seus homens na véspera da batalha. Da torre da igreja de Fromelles, reforçada por uma escada de cimento e com uma seteira especialmente projetada para um observador, os alemães puderam acompanhar, durante todo o dia, os preparativos para o ataque, tanto nas trincheiras da linha de frente como nas trincheiras recuadas. O assalto começou no dia seguinte, ao fim da tarde de 19 de julho, e foi precedido por uma longa barragem de artilharia que durou o dia inteiro. As primeiras baixas australianas foram causadas pelos seus próprios projéteis, que por vezes caíam muito antes de alcançar o alvo, e pelo fogo de artilharia pesada dos alemães. As metralhadoras alemãs no saliente abriram fogo assim que o ataque começou. A artilharia não tinha conseguido silenciá-las.

Uma hora depois do avanço de seu primeiro homem além da trincheira, o general Elliott reportou: “Cada homem que sai é morto. Informações dos feridos indicam que o ataque está falhando por falta de apoio.” Os homens atingidos recuavam rapidamente. Um ataque britânico iniciado do outro lado do saliente também foi repellido com muitas baixas. Então, em certo ponto da linha, perto do Pão de Açúcar, os australianos atingiram uma importante trincheira alemã. “O inimigo foi pego enquanto guarnecia seus parapeitos e seguiu-se uma intensa luta corpo a corpo”, escreveu o historiador do batalhão, capitão Ellis. “Terminou como sempre terminaram essas lutas corpo a corpo ao longo da guerra: com o triunfo absoluto dos australianos e a extinção ou o extermínio dos alemães.”

O saliente do Pão de Açúcar, que o general Haking ordenara que fosse atacado durante a noite, frustrou seus atacantes. Na aurora, mais feridos tentaram recuar para as linhas australianas, mas muitos jaziam na terra de ninguém, “tentando regressar

até nós”, escreveu o sargento H. R. Williams, mas, “ao fazê-lo, tornavam-se alvos para as metralhadoras alemãs”. Os homens que conseguiam regressar mais pareciam “despertar de um pesadelo”, recordou H. R. Williams. “A terrível provação da noite anterior estava estampada em todos os rostos, nos quais um branco cadavérico aparecia por baixo das máscaras de transpiração pretas e secas, e via-se os olhos vidrados, protuberantes e aterrorizados que só existem nos rostos de homens que sobreviveram a um pesado bombardeio.”

Durante a noite, um grupo formado por soldados australianos e por alguns britânicos havia atingido o arame exterior que cercava o Pão de Açúcar, mas não conseguiu penetrá-lo. O historiador de guerra australiano C. E. W. Bean, ao visitar o campo de batalha em novembro de 1918, pouco depois do armistício, escreveu:

Encontramos a terra de ninguém cheia dos nossos mortos. No estreito setor oeste do saliente do Pão de Açúcar, havia crânios, ossos e uniformes despedaçados por todos os lados. Encontrei um pedaço da mochila de um australiano a cinquenta metros da ponta do saliente e os ossos de um oficial e de vários homens a cerca de cem metros dela. No flanco, estavam alguns britânicos. Podia saber-se que eram britânicos por seu equipamento de couro.

Entre as centenas de cemitérios criados na frente ocidental, um, a cerca de quinhentos metros de Fromelles, contém as sepulturas de 410 australianos e os nomes de 1.298 “desaparecidos” na lama e nos detritos do campo de batalha. Mesmo que tenha sido um breve interlúdio, longe da vasta Batalha do Somme, o número de baixas em Fromelles foi elevado: 1.708 australianos mortos e quase 4 mil feridos. Os mortos britânicos chegaram a pelo menos quatrocentos. Os mortos e feridos alemães somaram menos de 1.500 homens. Quatrocentos australianos foram feitos prisioneiros pelos alemães, que obrigaram os inimigos a marcharem através da cidade de Lille.

O ataque, com seu objetivo de manter as tropas alemãs afastadas do Somme, foi um fracasso. Um contra-ataque bem-sucedido, em 20 de julho, mostrou aos alemães que sua linha não estava verdadeiramente em perigo. Nesse dia, no Somme, houve um incidente sem precedentes e talvez único, recordado por um capelão britânico:

A única ocasião em que ouvimos as tropas em batalha comemorarem de forma espontânea e entusiasmada foi quando, após um único combate de meia hora, em 20 de julho de 1916, um avião alemão despencou por trás das nossas linhas, com um glorioso céu vermelho ao fundo. A agitação foi tão intensa que todos os artilheiros, de ambos os lados, pararam de disparar e ficaram observando.⁸

No Somme, seria feito um novo ataque a Pozières. “Por que estamos em guerra? Não há problemas entre nós”, escreveu um jovem professor australiano, o soldado Jack Bourke, numa carta para casa quatro dias antes do início da batalha. Um soldado alemão, ao escrever para seus familiares em 21 de julho, intitulou sua carta como “Nas trincheiras do inferno” e acrescentou: “Não é realmente uma trincheira, mas uma pequena vala despedaçada por projéteis, sem qualquer cobertura nem proteção. Perdemos cinquenta homens em dois dias e a vida é insuportável.”

O ataque a Pozières foi renovado em 22 de julho, após tropas alemãs aproveitarem seis dias desde o ataque anterior para instalarem uma rede de ninhos de metralhadoras em crateras formadas por explosões em frente às suas principais defesas. O bombardeio noturno britânico, que se podia ver ao longe, transformou o céu numa “mistura bruxuleante de luz”. Quando o recém-chegado Corpo de Anzac entrou em ação, houve pouco tempo ou disposição para misericórdia. Um oficial australiano, o tenente E. W. D. Laing, lembrou-se, mais tarde, de um soldado alemão que “tentou entregar-se assim que viu nossos homens. ‘Sai daí!’, gritou um dos meus homens. Eu ouvi-o e regressei para gritar-lhe que disparasse contra o porco ou eu mesmo dispararia. Ele disparou”.

Seis alemães foram mortos e oitenta foram capturados durante essa investida. “Os homens estavam contentes, lançando bombas em todos os buracos que encontravam”, recordou Laing. Num canto de um refúgio subterrâneo, o soldado Bourke encontrou algumas caixas de bolos endereçadas com uma letra infantil. “Em outro canto, estava um casaco enrolado”, escreveu ele numa carta para casa. “Abri-o e vi que tinha manchas de sangue. Um buraco feito por um projétil, entre os ombros, contava uma história trágica. O dono do casaco era um alemão e pode-se dizer que não foi alvo de muita simpatia. Talvez não a merecesse, mas não pude deixar de pensar com tristeza na menina ou no menino que lhe enviou os bolos.”

Esse foi o segundo batismo de fogo australiano na frente ocidental em três dias. Cartas e recordações posteriores são provas da severidade e da crueldade da luta. O tenente-coronel Iven Mackay recordou como, enquanto os australianos avançavam, muitos alemães “mantiveram-se em seus refúgios subterrâneos, aterrorizados, e tiveram de ser retirados dali à bomba ou à baioneta. Alguns nunca saíram. Vários prisioneiros alemães, por puro terror, não atravessariam a terra de ninguém. Tinham de ser mortos.” No cemitério militar de Pozières, há um memorial a 14.691 soldados mortos enquanto atacavam a colina em 1916, 1917 e 1918, mas que não têm sepultura conhecida. Há também 690 túmulos de australianos.

As tropas voltaram a atacar Pozières em 25 de julho. O cabo E. Moorhead recordou como, depois de sua companhia ter entrado numa trincheira alemã abandonada, um capitão “bêbado de rum até o pescoço” ordenou aos homens que continuassem e desatou a correr em frente. “Por fim, os sobreviventes regressaram, em pânico, gritando que era preciso recuar, que tinham ficado isolados, que os

alemães estavam atacando etc. O capitão tinha recebido um tiro no coração e caído junto ao arame farpado.” Pouco depois, os alemães atacaram, mas seu ímpeto foi quebrado pela artilharia australiana.

Quando vimos os hunos, em grupos de dois ou três, por vezes sozinhos, alguns com mochilas provavelmente cheias de bombas, outros com baionetas caladas, nós nos alinhamos no parapeito como uma multidão entusiasmada e disparamos contra eles como loucos, abatendo-os como coelhos. Nenhum homem escapou, pelo menos até onde eu podia ver. Nós estávamos a cerca de 350 metros e cada homem que aparecia levava cem tiros. Um oficial apareceu e acenou aos seus homens para que avançassem, com um ar senhorial, mas depois caiu como um saco, cheio de balas. Disparei cerca de trinta tiros e cumpri a minha parte.

Pouco tempo depois, houve um momento de humor negro. “Um infeliz boche, tendo desafiado o fogo dos nossos rifles, estava fugindo, aparentemente apenas com um ferimento breve, quando um dos nossos canhões o atingiu, como se tivesse sido apontado para ele, e o alemão voou pelos ares em pedaços”, recordou Moorhead. “Bom, nós aplaudimos e rimos como se tivesse sido a coisa mais divertida do mundo.”

Não tão divertida foi a experiência de um oficial australiano, o capitão W. G. M. Claridge, que foi ferido naquele dia e enviado para um hospital na Inglaterra. “Não vou mentir e dizer que não estava com medo, porque estava, e quem não estaria, com a Morte rindo por todos os lados e projéteis infernais de quinze centímetros assobiando pelo ar e semeando a morte à nossa volta? Não sei por quanto tempo resisti”, escreveu Claridge aos seus pais duas semanas depois da batalha. O capitão tinha ficado enterrado três vezes e estava “muito agradecido por ter sido ferido, pois isso me tirou da linha de fogo e permitiu-me descansar um pouco”.

Na noite de 25 de julho, Haig escreveu em seu diário: “A situação parece ser totalmente nova e estranha ao quartel-general australiano. A luta e o fogo de artilharia são muito mais severos do que aqueles pelos quais passei em Galípoli e os alemães são muito diferentes dos turcos! Hoje, o bombardeio hostil a Pozières foi muito severo.” O general Rawlinson, ao comentar em seu diário sobre o filme da batalha que estava sendo editado, escreveu: “Há partes muito boas, mas cortei grande parte dos horrores dos mortos e feridos.”

Ao escrever para seus pais em 28 de julho, um jovem soldado de Infantaria, George Leigh-Mallory, descreveu a vida nas trincheiras como “a mais cruel que se pode imaginar quando vemos os mortos e os moribundos e ouvimos falar sobre regimentos que foram ceifados por metralhadoras”. Leigh-Mallory acrescentou: “Não sou um dos otimistas acerca da guerra e ficaria muito surpreso se o conflito

terminasse antes do Natal. Creio que a qualquer momento podemos ouvir notícias muito boas por parte da Rússia, mas elas nunca chegam e a máquina de guerra alemã deve estar longe de ser esgotada e pode seguir combatendo como tem combatido.”⁹

Em 29 de julho, um dia depois da pessimista, ou pelo menos realista, carta de Leigh-Mallory, Haig recebeu uma mensagem vinda de Londres, escrita pelo general Sir William Robertson, chefe do Estado-Maior imperial, advertindo-o de que “os mandantes estão começando a ficar um pouco inquietos em relação à situação”. A preocupação estava em não terem certeza de que “a morte de, digamos, de 300 mil homens conduzirá de fato a grandes resultados, pois, se não for assim, teremos de contentar-nos com menos do que estamos fazendo nesse momento.” Esses mesmos mandantes, acrescentou Robertson, “perguntam-se constantemente por que estamos lutando e os franceses, não. Pensa-se que o objetivo principal, que era aliviar a pressão sobre Verdun, foi até certo ponto conseguido”.

Haig não tinha dúvidas de que era preciso dar continuidade à ofensiva no Somme. “Dentro de seis semanas, o inimigo terá dificuldade em conseguir homens”, replicou ele. “A manutenção de uma pressão ofensiva resultará, finalmente, em sua completa destruição.” Essa “pressão ofensiva” prosseguiu, mas sem resultados decisivos e com um aumento permanente das baixas britânicas. Em 30 de julho, quatro batalhões britânicos, entre eles três batalhões do Liverpool Pals, atacaram a aldeia de Guillemont, que havia resistido a um ataque semelhante uma semana antes. O denso nevoeiro tornou os preparativos da artilharia britânica praticamente inúteis, pois muitos soldados alemães deixaram suas trincheiras sem serem vistos e refugiaram-se na terra de ninguém. Contudo, quando os atacantes avançaram, o nevoeiro não serviu como proteção, pois os metralhadores alemães sabiam de que direção viria o ataque e dispararam contra os homens que avançavam. Um grupo do Liverpool Pals, ao chegar à linha de frente alemã, encontrou mais de sessenta alemães no fundo de uma trincheira, aparentemente protegendo-se do bombardeio. Foi feito apenas um prisioneiro, “presumivelmente para o serviço secreto”, comentou o historiador dos Liverpool Pals.¹⁰

Cartas que foram conservadas, escritas por atacantes imediatamente depois da batalha por Guillemont, formam um retrato da qualidade aleatória da morte. O cabo H. Foster descreveu a morte de seu superior, apontando que “nosso sargento tinha acabado de dar-nos a ração de rum e foi para a cratera de projéteis, e ali, infelizmente, caiu um projétil de gás, no centro dos artilheiros. Pobres rapazes, não restou nada deles”. O cabo G. E. Hemingway fez uma descrição dos mortos a um amigo, cabo J. Quinn, numa das centenas de milhares de cartas enviadas para casa durante a guerra, que narravam a esposas e a pais os destinos de seus entes queridos:

Na metade do caminho da terra de ninguém, enquanto esperava uma das nossas barragens para sair, escondido num buraco formado por uma

explosão, percebi que Joe estava num buraco ao lado, e sorrimos, encorajando-nos. Metralhadoras inimigas varriam todo o lugar com balas explosivas e havia um ruído assustador, que tornava impossível falar. Os projéteis mortíferos assobiavam acima do nosso buraco, vindos do flanco esquerdo, e, estando num buraco à esquerda do meu, Joe foi atingido por uma bala. Seu corpo escorregou lentamente, com apenas um olhar ansioso, um fraco gesto de agarrar o espaço e um suave mergulhar no esquecimento, com a cabeça apoiada num braço.

Entre os membros do Liverpool Pals mortos em Guillemont em 30 de julho estava o cabo S. Atherton, que durante quinze anos tinha sido jogador e depois fora encarregado da manutenção do Oxtou Cricket Club em Birkenhead. Apesar de ser casado, foi um dos primeiros homens a apresentarem-se como voluntários. Com sua morte, deixou viúva e quatro filhas, a mais velha com 7 anos de idade e a mais nova com 2 anos e meio. Em seu nome, o clube fez um apelo especial aos seus membros para conseguir fundos para “auxiliar a viúva durante os próximos seis anos” ou até que as crianças “estejam em condições de sustentarem a si próprias com seus proventos”.

Quinhentos homens dos batalhões do Liverpool Pals, que tinham um total de 2.500 combatentes, foram mortos nesse dia, mergulhando o condado de Merseyside em luto. Muitos corpos ficaram na terra de ninguém, onde foram reduzidos a esqueletos sob a intensidade do sol de agosto. Abandonados num terreno continuamente remexido pelos projéteis, alguns corpos só foram descobertos mais de uma década depois da guerra.

Da Turquia Central e Oriental, o êxodo dos armênios, expulsos de sua terra em meio a cenas de brutalidade e terror, continuou durante os primeiros meses de 1916, quando grupos de refugiados tornaram-se uma cena habitual em muitos portos do Mediterrâneo. Em 1º de julho, um oficial britânico alocado no Egito, Ronald Storrs, escreveu para casa: “Porto Said está inundado de refugiados armênios vindos da Cilícia em navios de guerra franceses. Estão lutando contra os turcos com muita bravura. Isso me recorda que devemos deixar de usar a expressão ‘os bons e velhos turcos’ etc. Se os massacres de Urfa e Adana não foram suficientes, que os horrores atuais apaguem de nosso vocabulário a falsa e absurda lenda dos ‘primeiros cavalheiros da Europa’.”

Na literatura de guerra, o romance *Os quarenta dias de Musa Dagh*, de Franz Werfel, tornou-se o monumento do épico êxodo do povo armênio.

Na frente oriental, os russos continuavam pressionando os alemães e os austríacos

para ocidente. Na primeira semana de julho, mais de 30 mil alemães foram feitos prisioneiros. Mais uma vez, a enfermeira britânica Florence Farmborough foi testemunha, num hospital de campanha em Barish, das terríveis marcas da batalha, tanto nos vencedores como nos vencidos.

À medida que a luta se tornava mais intensa, os feridos amontoavam-se em nosso dispensário, à espera de atenção, com incontáveis macas entre eles. Alguns se arrastavam para o interior do dispensário, implorando pelo auxílio de que tanto necessitavam. Nós trabalhávamos dia e noite e aproveitávamos, aqui e ali, alguns momentos para dormir. À noite, os mortos eram recolhidos e colocados lado a lado em sepulturas mais parecidas com fossos, cavadas no campo de batalha. Alemães, austríacos e russos estavam em paz ali, jazendo numa “sepultura como irmãos”. Nuvens e camadas de moscas pioravam o horror da batalha e cobriam os mortos, que esperavam em valas abertas para serem sepultados, formando uma densa mortalha negra. Recordo-me do sentimento de horror que tive quando vi, pela primeira vez, tal mortalha de moscas *mover-se*.

Em 8 de julho, tropas russas chegaram a Delatyn, a menos de cinquenta quilômetros da passagem de Jablonitsa, nos Cárpatos, e da fronteira húngara. “Que tempo horrível”, escreveu Ludwig Wittgenstein em seu diário em 15 de julho. “Nas montanhas; um abrigo ruim, inadequado; muito frio, chuva e neblina. Uma vida terrível.” Alguns dias depois, em 16 de julho, Florence Farmborough, do outro lado da linha em que estava Wittgenstein, escreveu em seu diário: “A lama é tão densa que botas altas são arrancadas das pernas.” Duas enfermeiras tinham sido mortas por bombas austríacas quatro dias antes e uma enfermeira morrera da mesma maneira no dia anterior. No dia seguinte, setenta homens gravemente feridos foram transportados para o dispensário.

Um jovem tártaro, muito ferido, foi levado para a mesa de operações. Não falava russo e, em vão, tentou sussurrar alguma coisa que não conseguimos entender. Foi chamado um dos motoristas tártaros, que se inclinou sobre a forma prostrada, mas não houve resposta às suas impacientes perguntas. “Já partiu!”, disse uma voz. Os rostos dos homens mais velhos da tribo, curtidos pela intempérie, ficaram tensos com a emoção quando ele foi embora.¹¹

No final do mês, a cidade fronteira de Brody, na Galícia Oriental, tinha caído nas mãos dos russos e tinham sido feitos 40 mil prisioneiros austríacos em duas semanas. As baixas russas também foram pesadas. O hospital de campanha em que Florence Farmborough estava alocada recebeu oitocentos homens feridos em 24

horas. A maioria havia sido ferida no estômago. Amputações também eram comuns. “Uma perna amputada era tão pesada que não a consegui levantar da mesa”, escreveu ela. Alguém a ajudou a transportar a perna “até um pequeno barracão onde um monte de membros amputados esperavam para ser enterrados. Eu nunca tinha estado naquele barracão e voltei apressadamente, fui para nosso quarto e engoli duas aspirinas com um pouco de água. A sensação de choque desapareceu e voltei a mim, mas meus pensamentos não se acalmaram tão depressa: depois da guerra, o que aconteceria àqueles homens mutilados?”.

Para tentar conter a ofensiva de Brusilov, o marechal de campo Hindenburg e o general Ludendorff tomaram conta de uma vasta seção da frente austríaca na última semana de julho. Um comandante alemão, o general Bothmer, assumiu o comando de grande parte da frente da Galícia Oriental enquanto Karl von Pflanzer-Baltin era obrigado a aceitar um oficial alemão, Hans von Seeckt, como chefe de seu Estado-Maior.¹² Tropas alemãs foram enviadas para a linha de batalha e companhias alemãs e austríacas juntaram-se para criar batalhões mistos. Até tropas turcas foram enviadas. “A chegada de turcos à Galícia foi proclamada com tanta pompa que chegou a ser humilhante para os austríacos”, escreveu o general Hoffmann em seu diário em 27 de julho.

Por trás das linhas alemãs, na Bélgica ocupada, as autoridades de ocupação faziam grandes esforços para evitar a celebração do 85º aniversário da independência belga em 21 de julho. “Nove dias antes da data, o governador de Bruxelas e Brabante, general Hurt, avisou à população que deveria evitar qualquer demonstração e considerou puníveis ‘reuniões públicas, desfiles, assembleias, alocações e discursos, cerimônias acadêmicas, colocação de flores em certos monumentos, decoração de edifícios públicos ou privados e fechamento de lojas cafés etc. a horas pouco habituais’.” O chefe da legação americana na Bélgica, Brand Whitlock, comentou: “Num daqueles misteriosos e tácitos acordos que ninguém consegue realmente compreender, todos usaram uma fita verde nesse dia, pois o verde é a cor da esperança, e, ainda que fosse sem dúvida desencorajado, não era proibido aos belgas terem esperança.”

Os alemães não ficaram satisfeitos com essa manifestação de zelo patriótico nem com uma breve demonstração popular de apoio ao cardeal Mercier, arcebispo de Malines, quando, naquela noite, foi visto partir, de carro, de Bruxelas para Malines. Foi imposta uma multa de um milhão de marcos aos cidadãos de Bruxelas, que foi paga. Mercier tinha ganho estima popular por suas cartas públicas de protesto contra os excessos da ocupação alemã.

Seis dias depois do aniversário da independência belga, os alemães executaram, em Bruges, o capitão Charles Fryatt, anteriormente comandante do navio a vapor *Brussels*, da Great Eastern Railway, confirmando o ponto de vista britânico sobre a selvageria alemã. Fryatt foi considerado culpado em tribunal marcial por uma

tentativa de ataque a um submarino alemão e detido numa interceptação do *Brussels* durante uma de suas duas travessias semanais regulares de Harwich para Hoek van Holland, dez semanas depois da façanha que lhe proporcionara tanta fama na Inglaterra. Ele e sua tripulação foram levados para o campo de prisioneiros de Ruhleben, nas redondezas de Berlim. No tribunal marcial, os alemães acusaram Fryatt de ser um “pirata” somente por ter atacado o submarino que o atacava. Um civil canadense também internado em Ruhleben, John Ketchum, que estava estudando música na Alemanha quando a guerra começou, recordou mais tarde: “O assassinato judicial de um homem que tinha vivido em Ruhleben, mesmo que por apenas um mês, causou um profundo choque e grande raiva, e com isso tomamos consciência da guerra como nunca havíamos tomado antes.”

Na Grã-Bretanha, o mesmo sentimento patriótico que considerou a execução de Fryatt repugnante considerou igualmente revoltante a recusa de alguns homens a prestarem serviço no Exército. Durante algum tempo, esses resistentes foram alvos de insultos, acusados de serem covardes e traidores. Na última semana de julho, mais de duzentos opositores foram enviados para trabalhar numa pedreira em Dyce, na região de Aberdeen. No entanto, um tribunal estabelecido pelo governo detectou mais de 4 mil casos de objetores e foi estabelecido um serviço alternativo para eles, que incluía trabalho médico e em agricultura. Os homens que também recusavam esse serviço alternativo eram frequentemente aprisionados. Recusas sucessivas conduziram, em muitos casos, a penas de prisão e de trabalho forçado, como quebrar pedras na prisão de Princetown, em Dartmoor.

Nos Estados Unidos, que se mantinha neutro, realizou-se um desfile do Dia da Preparação, que aconteceu em São Francisco, em 22 de julho. Durante o desfile, Thomas J. Mooney, um socialista-anarquista que se opunha à guerra, lançou uma bomba no edifício da bolsa de valores da cidade. Nove pessoas morreram e quarenta ficaram feridas. Mooney foi condenado à morte, mas a sentença foi comutada para prisão perpétua e o prisioneiro acabou sendo libertado em 1939.

Durante o outono de 1916, houve atividade violenta em quase todas as frentes da guerra, mas não houve mudanças decisivas nas linhas de batalha. No Somme, assim como em Verdun, o Exército alemão, longe de marchar de seus antigos triunfos, estava sendo ferido de morte. A convicção de Haig de que assaltos contínuos levariam à destruição do inimigo fez com que continuasse tentando atingir os objetivos que tinha estabelecido para o primeiro dia de batalha. Em 23 de julho, tropas australianas que tinham entrado em Pozières e dois soldados receberam a Cruz Vitória. Lentamente, apesar de diversos contra-ataques, os alemães foram sendo repelidos ao longo do campo de batalha do Somme. Em 31 de julho, em seu escritório em Berlim, Walther Rathenau escreveu em seu diário que a “delirante exaltação” que presenciara nas ruas, dois anos antes, tinha-lhe parecido até então

“uma dança da morte”. Era uma abertura para uma fatalidade que seria “negra e apavorante”.

Um glorioso sol de verão brilhava no Somme: “Não é o tempo para matar pessoas”, escreveu Harold Macmillan à mãe em 2 de agosto. Seis noites depois, os alemães atacaram as trincheiras britânicas no saliente de Ypres, precedendo o ataque com uma descarga de gás. Um soldado de 19 anos, John Bennett, que entrou em pânico com o súbito e assustador ruído do “alarme do gás”, fugiu da trincheira para a retaguarda. Quando regressou, algumas horas depois, viu que sete homens tinham sido mortos e 46 homens estavam feridos como resultado do ataque. Bennett foi imediatamente detido e acusado de “má conduta perante o inimigo”.

Em seu julgamento, o oficial no comando informou que Bennett, que se alistara seis semanas antes do início da guerra, perdia totalmente a compostura debaixo de bombardeios. O soldado foi condenado à morte, mas, durante uma revisão do processo, um comandante de brigada recomendou que a sentença fosse comutada. O comandante do corpo, Sir Aylmer Hunter-Weston, um veterano da luta em Galípoli, discordou. Para ele, os covardes constituíam “um sério perigo para o esforço de guerra, e a sentença de pena de morte havia sido pensada para assustar os homens mais do que a perspectiva de enfrentar o inimigo”. Bennet terminou por ser fuzilado. Dois outros homens foram executados no mesmo dia por deserção.

Conforme a luta no Somme prosseguia, milhares de homens deixavam o campo de batalha com os nervos em frangalhos. Muitos se diziam doentes, e, quando lhes perguntavam o que havia sucedido, respondiam que estavam em choque. Em alguns casos, era verdade, mas as autoridades médicas nem sempre concordavam. A história oficial médica informa que “explicar a um homem que seus sintomas são resultado de desordens emocionais devidas à sua dura experiência na linha de batalha e não, como ele pensava, a sérios distúrbios do sistema nervoso produzidos pela explosão de projéteis, tornou-se a mais frequente e eficaz forma de psicoterapia”. O texto continua, informando que “tal simplicidade não retira o valor dos combatentes, e muitas vezes os homens se apresentam voluntariamente para voltar ao serviço depois de dois dias de um muito necessário descanso”.

Mesmo assim, os casos genuínos de trauma de guerra aumentavam, atingindo mais de 50 mil homens ao final da guerra. Foi durante a Batalha do Somme que, devido à intensificação de crises de nervos, foram abertos, em cada zona de batalha, centros especiais para diagnóstico e tratamento. O ponto de vista das autoridades militares, como foi enfatizado pela história médica oficial, era que a questão do colapso mental “estava tão relacionada com a manutenção do moral do Exército que todos os soldados que não fossem eficazes devido a uma crise nervosa deviam ser submetidos a uma rigorosa investigação. Em caso nenhum devem ser evacuados para a base a não ser que sua condição justifique tal procedimento”.

Em 8 de agosto, forças britânicas no Somme desencadearam mais um ataque à

aldeia de Guillemont. A ação, planejada na última hora, não teve uma adequada preparação da artilharia e, à medida que saíam das trincheiras, os soldados viam que a artilharia alemã estava atingindo a terra de ninguém com grande precisão. Ao continuarem o avanço ao longo do Vale da Morte, foram atingidos por um intenso fogo de metralhadoras alemãs. No setor em que lutavam os Liverpool Scottish, dez de seus vinte oficiais e 96 de seus seiscentos homens foram mortos ou desapareceram. O batalhão atacou três vezes antes de ser obrigado a retroceder. Nessa noite, o médico do batalhão, capitão Noel Chavasse, conduziu um grupo de voluntários até a terra de ninguém à procura de homens feridos. “Recolhemos muitas medalhas de identificação, o que permitiu encurtar a trágica lista de desaparecidos”, escreveu ele para casa. A palavra “desaparecidos” significava, em praticamente todos os casos, morto sem qualquer traço de identificação.

Entre os homens que Chavasse resgatou estavam três combatentes gravemente feridos que tinham caído a pouco mais de vinte metros da linha de frente alemã. Dois morreram mais tarde. “O mais espantoso nessa proeza de resgate é que ele carregava consigo uma lanterna elétrica acesa enquanto andava entre as trincheiras, assobiando e convidando os homens feridos a indicarem onde estavam para serem resgatados”, recordou um soldado. “Ignorando as balas de atiradores furtivos e o esporádico fogo de artilharia, continuou fazendo seu trabalho de socorro durante as horas de escuridão.” A certa altura, o grupo de resgatadores ficou muito próximo de uma trincheira alemã. Os alemães abriram fogo, ferindo Chavasse na coxa. Por seu trabalho nessa noite, foi-lhe atribuída a Cruz Vitória.

Na frente oriental, o general Brusilov aproximava-se do limite ocidental do avanço russo, capturando a cidade de Stanislav (Stanislawow) na Galícia Oriental, em 7 de agosto, e fazendo 7 mil prisioneiros austríacos e 3.500 prisioneiros alemães, mas sem conseguir ameaçar a Polônia ocupada pela Alemanha, a Galícia Ocidental ou a Hungria. A carnificina foi considerável. Florence Farmborough e suas amigas russas, numa manhã em que se dirigiam para a frente, passaram pelo que tinha sido um campo de batalha. “Ainda havia mortos por todos os lados”, escreveu em seu diário. “Tinham posturas estranhas, pouco naturais: de cócoras, dobrados, de bruços, prostrados, esticados (...) austríacos e russos lado a lado. E havia corpos lacerados e esmagados em meio a manchas escuras na terra. Havia um austríaco sem uma perna, com a face escurecida e inchada; outro tinha a face esmagada, o que era horrível; um soldado russo, com as pernas dobradas sob o corpo, estava encostado ao arame farpado. Em mais de uma ferida aberta, havia moscas e coisas que se moviam como filamentos.”

Dez dias depois, Florence Farmborough reportou a presença de “vários grupos de desertores” perto de seu dispensário. Foram cercados e enviados novamente para as trincheiras. Dois dias depois, um soldado moribundo, com um grave ferimento no

estômago, implorava por água, mas sabia-se em todas as frentes que era um grande perigo dar água a doentes com tal tipo de fermento.

Seus olhos desafiaram os meus; eram olhos de um moribundo, mas ardentes devido à enormidade da sede que sentia. Pensei comigo mesma: se eu não lhe der água, morrerá atormentado pela enorme sede; se eu lhe der água, morrerá, mas seu tormento será menor. Em minha fraqueza e compaixão, dei-lhe um copo de água; seus olhos febris fitaram-me e ficaram suspensos em gratidão. Levei o copo aos seus lábios, mas ele segurou meu braço e levantou o copo. A água caiu em sua boca aberta e molhou-lhe o rosto e o travesseiro, mas o homem engoliu a água em grandes sorvos ruidosos. Quando consegui libertar meu braço, o copo estava vazio. Eu estava profundamente angustiada e sabia que tremia. Limpei-lhe o rosto. Ele abriu os olhos e olhou para mim; naqueles olhos, vi uma enorme gratidão, um enorme alívio. Porém, antes que eu pudesse arrumar o copo, o homem soltou um ruído estranho, como que a afogar-se, e saiu um líquido denso e esverdeado de sua boca, que se espalhou pela maca e começou a pingar no chão. Ele tinha os olhos fechados (...) tinha deixado de respirar.

Em 22 de agosto, o exército de Brusilov defrontou, ao longo de um setor da frente de vinte quilômetros, duas divisões de tropas turcas, que um ano antes tinham combatido em Galípoli, mas mesmo assim as tropas austríacas foram obrigadas a recuar. “Os oficiais na ativa ocupam confortáveis lugares nos mais altos cargos do Estado-Maior”, escreveu em seu diário, em 27 de agosto, o general Hoffmann, que agora comandava a batalha na Galícia. “Além disso, há várias raças misturadas e não menos de 23 línguas diferentes. Ninguém entende ninguém.”¹³

Nesse agosto, os turcos lutavam não só contra os russos na Galícia, mas também contra os britânicos no Sinai, numa nova tentativa de chegar ao canal de Suez. Contudo, por trás das linhas turcas, dez hidroaviões britânicos, que decolaram de um porta-aviões ao largo do porto de Haifa, bombardearam armazéns militares turcos e entroncamentos ferroviários em Afula, na estrada de ferro Haifa-Damasco, e em Adana, na linha Berlim-Bagdá. Os turcos, que tinham recursos aéreos próprios, bombardearam Porto Said, ferindo quase cinquenta civis e danificando um porta-aviões da Marinha britânica.

Na frente de Salonica, a linha manteve-se estática ao longo da fronteira greco-sérvia, apesar da chegada de 5 mil soldados russos e 11 mil soldados italianos no início de agosto. No começo do verão, os gregos, ainda neutros, entregaram aos búlgaros o poderoso forte Rupel, dominando a profunda garganta do rio Struma, que conduz à Bulgária. Os Aliados viram esse ato como uma traição. Os gregos

defenderam-se dizendo que já haviam acordado com os Aliados que não ajudariam nem atrapalhariam as Potências Centrais. Entregar o forte era, na perspectiva dos gregos, um ato neutro. Os britânicos continuaram tentando convencer os gregos, em cujo solo lutavam, a adotarem atitudes mais ativas a favor dos Aliados. Para isso, foi utilizada muita propaganda. Um jovem historiador britânico, Llewellyn Woodward, que visitara a Alemanha várias vezes antes da guerra, estava empregado em Salonica, distribuindo informações vindas de Londres aos jornais gregos. “Lembre-me de uma frase vergonhosa transmitida por telegrafia sem fio desde o Gabinete de Propaganda, que dizia: ‘Nossos homens estão muito satisfeitos em matar alemães sob o sol primaveril’”, escreveu ele mais tarde.

Tropas britânicas e francesas, em ação naquele mês na frente de Salonica, capturaram uma estação de trem abandonada e duas colinas. Em 17 de agosto, contudo, uma força de 18 mil búlgaros atacou a linha dos Aliados perto de Florina, num ponto que estava nas mãos de forças sérvias. O comandante búlgaro, um general em seus 70 anos, tinha lutado ao lado dos prussianos em 1870, e permitia que suas tropas alardeassem que estariam em Salonica dentro de uma semana enquanto já se antevia uma entrada triunfal dos alemães em Atenas. Os búlgaros capturaram Florina no segundo dia da ofensiva, garantindo um pequeno ponto de apoio no norte da Grécia, mas outros avanços búlgaros foram repelidos com a chegada de reforços sérvios transportados por caminhões britânicos. No flanco oriental da frente, onde apenas um ano antes a Bulgária tinha ocupado uma faixa com oitenta quilômetros de profundidade na região grega da Trácia, um navio monitor da Marinha britânica, o *Picton*, metralhou posições búlgaras perto de Kavalla enquanto aviões britânicos bombardeavam pontes de estradas de ferro controladas pelos búlgaros perto da cidade interiorana de Drama.

Em 4 de agosto, os italianos haviam desencadeado sua sexta ofensiva na frente do Isonzo, capturando vários cumes de montanhas e penetrando na cidade de Gorizia, que era seu objetivo. Entre os soldados italianos proeminentes nessa ofensiva estava o coronel Badoglio, chefe do Estado-Maior de um corpo do Exército, que numa ocasião comandou seis batalhões em ação.¹⁴ Quando o ataque foi suspenso, duas semanas depois, os italianos tinham ganho entre cinco e seis quilômetros ao longo de uma frente de 24 quilômetros e tinham feito quase 50 mil prisioneiros austríacos, mas o custo desse sucesso foi extremamente alto. Mais de 20 mil soldados italianos tinham sido mortos e 30 mil tinham ficado feridos.

Na frente do Cáucaso, tropas russas sofreram um sério revés em 6 de agosto, quando forças turcas, comandadas pelo comandante de brigada Mustafa Kemal, retomaram as cidades de Bitlis e Muş, na Anatólia Oriental, dando fim a qualquer perspectiva de uma Grande Armênia apadrinhada pela Rússia.

Na África Oriental alemã, britânicos, belgas e sul-africanos não conseguiram realizar mais do que pequenos avanços na periferia, cujo ápice foi um ataque bem-

sucedido da Marinha britânica a Dar es Salaam. As forças germânicas, não querendo desistir de suas notáveis operações apesar de terem perdido dois terços de seu território, continuaram a infligir derrotas tanto aos belgas como aos sul-africanos. Numa carta a sua esposa, o general Smuts comentou que estavam vivendo tempos bem difíceis. Em dois meses, ele perderia 33.500 animais de carga, dos quais dependia para transportar mantimentos pelo país.

No mar, os submarinos alemães continuavam a causar grandes estragos nos navios mercantes que transportavam produtos alimentares para os Aliados. Um único submarino, o U-35, durante uma curta missão de 25 dias no Mediterrâneo, afundou, na maioria dos casos por meio de artilharia, um total de 54 navios mercantes, incluindo 32 navios italianos que transportavam 50 mil toneladas de carvão. O total de mortos em desastres navais também continuava a ser elevado: quando, no começo de agosto, sabotadores austríacos entraram no porto de Taranto e explodiram o couraçado italiano *Leonardo da Vinci*, 248 marinheiros italianos morreram. No entanto, a guerra no mar nem sempre era favorável às Potências Centrais: durante um ataque a uma patrulha naval russa no golfo da Finlândia, três meses mais tarde, sete contratorpedeiros alemães foram afundados num campo de minas ao largo de Talim, numa única noite, matando mais de mil marinheiros.

Em muitos aspectos, a guerra no mar era uma questão esquecida, ainda que marinheiros, fossem combatentes ou não, estivessem diariamente em perigo. Um cronista, E. Hilton Young, escreveu sobre os barcos pesqueiros navios-varredor, cujas tripulações eram constituídas por guerreiros praticamente esquecidos:

*We sift the drifting sea,
and blindly grope beneath;
obscure and toilsome we,
the fishermen of death.*¹⁵

Todos os navios de guerra aliados e todos os navios mercantes, fossem aliados ou neutros, que navegassem pelo Atlântico ou pelo Mediterrâneo com equipamentos de guerra ou alimentos estavam vulneráveis a um ataque de submarinos alemães. Durante os quatro anos da guerra, foram afundados mais de 2 mil navios britânicos, tendo morrido mais de 12 mil marinheiros. O número de submarinos alemães destruídos pelos Aliados também foi considerável, chegando a mais de duzentos, com a perda de 515 oficiais alemães e 4.849 homens. Se comparadas às mortes nas frentes oriental e ocidental, essas perdas eram pequenas, mas, para aqueles que lutavam ou navegavam no mar, eram um custo elevado numa guerra perigosa.

No Somme, a guerra por meio de desgaste, mais do que a guerra de penetração, tornou-se o triste padrão para os exércitos anglo-franceses. Era uma luta de bosques, matas, vales, ravinas e aldeias ganhos e perdidos diversas vezes. Em 17 de agosto, o poeta e pintor britânico Isaac Rosenberg escreveu a um amigo: “Estamos muito ocupados e o clima é pouco saudável; os médicos não o suportam. Hoje foi um dia de muita agitação, e, apesar de estarmos atrás da linha de fogo e logo à saída das trincheiras, alguns homens foram enviados para o céu ou para o hospital. Eu mesmo transporte um em um carro de mão até o hospital (que muitas vezes é a sala de espera do paraíso).”

Em 18 de agosto, tropas alemãs contra-atacaram a partir de suas posições no bosque de Leuze. O correspondente de guerra Philip Gibbs viu-os avançando em direção às trincheiras britânicas “ombro a ombro, como uma barra sólida”. Era um “verdadeiro suicídio”, escreveu ele.

Vi nossos homens porem suas metralhadoras em ação e o lado direito da barra alemã desfazer-se. Depois, toda a linha caiu na grama chamuscada. Seguiu-se outra linha. Eram homens altos, que não hesitavam enquanto avançavam, mas pareceu-me que caminhavam como se estivessem conscientes de que se dirigiam para a morte. Morreram. A semelhança é um clichê, mas era exatamente como se uma foice invisível ceifasse os homens.

Gibbs notou que em todas as cartas escritas por soldados alemães durante aquelas semanas de luta, “capturadas por nós entre mortos e vivos, havia um grito de agonia e horror”.

Eu estava diante dos mais terríveis dias da minha vida, que foram os dias da Batalha do Somme, que começou com um ataque noturno em 13 e 14 de agosto. A luta durou até a noite do dia 18, quando os ingleses escreveram em nossos corpos em letras de sangue: “Para vocês, acabou.” Uma meia dúzia de criaturas um tanto loucas, esgotadas e desgastadas no corpo e no espírito foi tudo o que restou de todo o batalhão. Nós éramos essa meia dúzia.

As baixas de muitos batalhões alemães foram, segundo Gibbs, “impressionantes, mas não maiores do que entre nós, e, em meados de agosto, o moral das tropas estava seriamente abalado”.

Num aquartelamento do exército em Warley, em Essex, na Inglaterra, foi julgado em tribunal marcial, em 18 de agosto, não um soldado acusado de deserção, mas um

pacifista acusado de recusar-se a concordar com qualquer forma de serviço militar. Tratava-se do presidente da Irmandade de Não Conscrição, Clifford Allen, que disse aos oficiais que o julgavam: “Creio no valor e na santidade de cada personalidade humana, independentemente da nação a que um homem pertence.” Allen foi condenado a três meses de trabalho forçado, libertado durante algumas horas para comparecer a um tribunal marcial e novamente condenado por períodos de tempo cada vez mais longos.

Na terceira semana de agosto, os australianos estavam em ação para além de Pozières. “Quando receberem esta carta, estarei morto, mas não se preocupem”, escreveu um antigo bancário, o sargento D. G. J. Badger, aos seus pais antes do ataque. Foi morto em 21 de agosto. Três dias depois, o tenente Bert Crowle, que tinha ficado ferido naquele dia, escreveu à sua esposa e ao filho:

Escrevo apenas uma linha para dizer-lhes que devem estar preparados para o pior, que pode acontecer a qualquer momento. Não vale a pena esconder as coisas. Estou vivendo uma terrível agonia. Se me tivessem trazido logo, haveria uma esperança. Agora está instalada uma gangrena devida ao gás e é tão grave que o médico não a poderá salvar cortando-a, pois já se alastrou demais e a única esperança é que os saís possam secá-la; de outra forma, não há esperança.

Crowle tinha sido transportado em maca por mais de seis quilômetros, tendo iniciado o percurso num campo aberto em frente às trincheiras alemãs. Um maqueiro, que ia à frente, agitava uma bandeira da Cruz Vermelha. Como muitas vezes acontecia em circunstâncias semelhantes, os alemães não abriram fogo. Crowle disse isso à sua esposa e prosseguiu: “A dor agrava-se. Estou desolado, querida, mas cuidarão de ti; estou tranquilo a esse respeito. Por isso, anime-se. Gostaria de escrever muito mais, mas estou à beira da inconsciência. Meu amor para o Billy e para você; tome cuidado contigo e com ele. Do seu marido que te ama, Bert.” Poucas horas depois, o tenente Crowle morreu.

Guerra em todas as frentes

Agosto a dezembro de 1916

Uma nova frente de Guerra estava prestes a ser aberta. Desde julho de 1914, a Romênia tinha preservado tenazmente sua neutralidade, mas permitindo que provisões militares alemãs e austríacas e homens passassem pelo seu território a caminho do esforço de guerra turco contra os Aliados. Em 18 de agosto de 1916, o governo romeno decidiu tirar vantagem do que esperava que pudesse ser um continuado sucesso russo contra a Áustria. Nesse dia, foi assinado um tratado secreto entre os Aliados e a Romênia, por meio do qual a Romênia adquiriria três pedaços de território cobiçados havia muito tempo: a província austro-húngara da Transilvânia até o rio Tisza, a província da Bucovina até o rio Prut e toda a região de Banato.

Nove dias depois, em 27 de agosto, abriu-se a nova zona de guerra. A Romênia, com seus sonhos de expansão agora realizáveis, pelo menos no papel, declarou guerra à Áustria. Nesse dia, tropas romenas atravessaram a fronteira austro-húngara para a Transilvânia. O rei Ferdinand, alemão por sangue, disse ao Conselho da Coroa da Romênia: “Agora que venci o Hohenzollern que havia em mim, não receio ninguém.”

Outro Hohenzollern, o Kaiser alemão, momentaneamente apavorado pelas tropas romenas que avançavam pelo coração do império dos Habsburgos, disse aos mais chegados: “A guerra está perdida.” As Potências Centrais enfrentavam o contínuo avanço russo no leste, a pressão diária britânica no Somme e a beligerância romena. Em 28 de agosto, numa tentativa de fortalecer a capacidade alemã de guerra, o Kaiser substituiu seu chefe do Estado-Maior, general Falkenhayn, pelo marechal de campo Hindenburg. Nomeado imediato de Hindenburg, foi atribuído a Ludendorff um novo e impressionante título: primeiro-intendente geral.

Hindenburg e Ludendorff foram convocados pelo Kaiser em 29 de agosto para tomarem conhecimento de sua nomeação. Eles o pressionaram para que iniciasse

imediatamente uma guerra submarina irrestrita, independentemente do efeito que pudesse ter nos Estados Unidos ou nos países escandinavos. Nesse mesmo dia, Hindenburg escreveu também ao ministro da Guerra insistindo em que a produção de munições devia duplicar e a produção de artilharia e metralhadoras devia triplicar antes da primavera de 1917.

Duas semanas depois, com a criação de um Comando Supremo da Guerra, Hindenburg conseguiu o comando efetivo de todos os exércitos das Potências Centrais. Assim foi acordado numa conferência com o Kaiser, à qual o ministro turco da Guerra, Enver Paxá, e o czar búlgaro, Ferdinand, estiveram presentes. Para fortalecer a frente de Salonica, Enver já tinha enviado uma divisão turca de 12 mil homens para encarregar-se do setor de Drama-Kavalla, na linha búlgara. Tropas alemãs estavam também em serviço na frente de Salonica: numa tentativa de tomarem uma aldeia na posse dos alemães, tropas britânicas capturaram setenta soldados alemães.

As Potências Centrais, apesar de estarem envolvidas em muitas zonas de guerra e apesar da sangria no Somme, continuavam em ascensão. O pânico do Kaiser tinha sido desnecessário. Os avanços dos romenos na Transilvânia contra os austríacos, que em muito poderiam ajudar as forças russas nos Cárpatos, tiveram curta duração. Em 1º de setembro, os búlgaros declararam guerra ao seu vizinho nos Bálcãs e dispuseram-se a incorporar-se ao Exército alemão, que se preparava para atacar do outro lado do Danúbio, a partir do sul. Ao antigo chefe do Estado-Maior do Exército, general Falkenhayn, foi dado o comando do principal Exército que atacava a partir do norte, com a ajuda, em seu flanco, dos austríacos. A Romênia estava geograficamente vulnerável a esse ataque em tenaz.

Em 3 de setembro, as primeiras tropas das Potências Centrais deslocaram-se contra a Romênia ao sul. À medida que avançavam, aviões búlgaros bombardeavam Bucareste. Os romenos tinham apelado a Londres e a Paris em busca de auxílio. Numa tentativa de aliviar a pressão na frente romena, os franceses e os ingleses lançaram uma nova ofensiva no Somme no mesmo dia em que as Potências Centrais atacaram. A aldeia de Guillemont, que durante muito tempo fora um objetivo das forças britânicas, foi capturada, mas o bosque de Foureaux e o reduto de Schwaben, dois locais de muita luta num campo de batalha desolado, mantiveram-se na posse dos alemães. Nas margens do rio, as aldeias de Cléry e Omiécourt caíram em poder dos franceses.

A luta continuou durante todo o dia 4 de setembro. Entre os oficiais em ação, estava um destacado líder nacionalista irlandês, Tom Kettle, de 36 anos, professor de Economia Nacional em Dublin e antigo membro do Parlamento, que tinha entrado para o Exército britânico no início da guerra. Segundo escrevera, fizera isso para lutar “não pela Inglaterra, mas por nações pequenas”; isto é, pela Bélgica. Numa carta para seu irmão, em 4 de setembro, escreveu: “Estou calmo e feliz, mas

desesperadamente ansioso por viver. Se viver, passarei o resto da vida trabalhando por uma paz perpétua. Vi a guerra e enfrentei a artilharia moderna e sei como é ultrajante utilizá-la contra homens simples.” Poucas semanas antes, Kettle tinha escrito à sua mulher: “Quero viver também para usar todos os meus poderes de pensamento e de trabalho para eliminar essa coisa abominável que é a guerra e colocar, em seu lugar, compreensão e camaradagem.”

Em 5 de setembro, no Somme, os britânicos capturaram o bosque de Leuze, cinco quilômetros a leste da linha de frente de 1º de julho. Num ataque posterior, ainda nesse dia, tropas irlandesas capturaram a aldeia de Ginchy. Ao dirigirem-se para a linha, o cheiro dos mortos nas trincheiras de comunicação era tão forte que alguns cobriram o rosto com talco para os pés. Antes do ataque, foram entregues aos oficiais pedaços de tecido verde para serem cosidos na parte de trás do uniforme, como um símbolo do patriotismo irlandês. Ao tocar em seu pedaço de tecido, Tom Kettle disse ao seu impedido: “Rapaz, estou orgulhoso de morrer por ele!” Ao liderar seus homens para a aldeia, Kettle foi morto. Seu impedido, numa carta de condolências para a esposa de Kettle, escreveu: “Levou sua mochila pela Irlanda e pela Europa. Agora, isso acabou. Ele defendeu a linha.”

Um homem que estava perto de Kettle quando ele foi morto escreveu mais tarde:

Eu estava atrás de Tom quando saímos da trincheira. Ele estava agachado, e uma bala atravessou um colete de aço que ele usava e penetrou no coração. Não durou mais de um minuto e tinha meu crucifixo na mão. Então, Boyd retirou os documentos e coisas dos bolsos de Tom para os entregar à senhora Kettle, mas o pobre Boyd foi feito em pedaços poucos minutos depois.

Quatro dias antes de morrer, Kettle tinha escrito um poema à filha, para quando ela perguntasse por que o pai a tinha “abandonado” para ir “jogar dados com a morte”:

*And oh! they'll give you rhyme
And reason: some will call the thing sublime,
And some decry it in a knowing tone.
So here, while the mad guns curse overhead,
And tired men sigh with mud for couch and floor,
Know that we fools, now with the foolish dead,
Died not for a flag, nor King, nor Emperor,
But a dream, born in a herdsman's shed,
And for the secret Scripture of the poor.*¹

Se Kettle tivesse sobrevivido ao ataque de 5 de setembro, teria ficado com o posto de censor da base, longe dos perigos diários da linha de frente e dos ataques. Em sua última carta para o irmão, escrevera: “Em algum lugar, aqueles que elegem os caídos vão tocando com varinhas invisíveis, como em nossa história nórdica, aqueles que têm de morrer.”

No setor francês, em 4 de setembro, a aldeia de Bouchavesnes, a mais de seis quilômetros do ponto de partida de 1º de julho, foi capturada. Contudo, em Verdun, onde os franceses tinham conseguido defender o círculo interior de fortes, mais de quinhentos soldados franceses foram mortos nessa noite quando o túnel ferroviário de Tavannes, que era utilizado para o alojamento de tropas, explodiu. O desastre deveu-se a um acidente causado por um incêndio que começou num depósito de munições. Uma entre as poucas testemunhas oculares descreveu mais tarde como, depois das explosões, “um corpo despedaçado voou na minha direção ou, melhor, verteu-se sobre mim. Vi, a três metros de distância, homens a contorcerem-se nas chamas sem que fosse possível prestar-lhes qualquer auxílio. Pernas e braços voavam no ar no meio de explosões de granadas que sucediam sem cessar”. Os homens que conseguiam chegar à saída do túnel eram apanhados por um bombardeio alemão e vários foram mortos. Entre os mortos dentro do túnel estava um comandante de brigada, seu Estado-Maior e quase duas companhias inteiras do Exército territorial. O fogo manteve-se durante três dias. Quando, por fim, foi possível entrar, encontraram-se apenas mortos.

Os franceses preparavam um contra-ataque em Verdun. O desastre no túnel de Tavannes não podia impedir que fizessem esse contra-ataque. No Somme, a batalha parecia chegar ao fim. “É bom pensar que nossos violentos combates estão terminando”, escreveu Noel Chavasse para casa em 7 de setembro. “Os hunos estão ficando em frangalhos à nossa frente. Sentimos que somos os melhores. Já não temos tantas baixas como antes.”

Depois do sucesso inicial da Romênia ao entrar na Hungria, a nova zona de guerra tornou-se palco de um rápido avanço alemão. Em 5 de setembro, num ataque ao forte de Tutracaia, nas margens do Danúbio, o general Mackensen capturou 25 mil soldados romenos e 115 canhões pesados. Na frente oriental, onde os russos tinham continuado a avançar, fazendo dezenas de milhares de prisioneiros austríacos, o Estado-Maior geral russo foi avisado pelo general Averianov, em 11 de setembro: “Estamos à beira da exaustão total de reservas humanas.” A ofensiva de Brusilov se aproximava do fim. No Somme, era preparada uma nova ofensiva. “As moscas são mais uma vez uma terrível praga”, escreveu Harold Macmillan à mãe, a partir de seu abrigo subterrâneo na linha de frente, “e o cheiro dos cadáveres que se empilham à

nossa volta é nauseabundo”. Paul Maze, que se dirigia para as trincheiras com um rolo de mapas atados com uma fita vermelha, ouviu um soldado a gritar: “Pelo amor de Deus, deixem-no passar! O sujeito leva ali um tratado de paz!” Uma noite, ao voltar das trincheiras, escreveu ele, “passei numa pedreira onde um forte bombardeamento com granadas de gás tinha feito as baixas do dia, que estavam ali em filas para serem transportadas à noite. Os gritos e lamentos dos homens levaram-me a ajudar a retirá-los da zona de gás”. Como resultado, também foi afetado pelo gás.

Em 12 de setembro, o general Sarrail iniciou a primeira ofensiva na frente de Salonica, com tropas francesas, russas, sérvias, britânicas e italianas. No sopé das colinas, o avanço teve êxito, mas ao chegarem a zonas mais elevadas, parou. Os sérvios recuperaram por pouco tempo algumas centenas de metros de solo sérvio, mas foram repelidos. Os franceses também tiveram dificuldades; sua posição não ficou mais fácil com os telegramas que Sarrail recebeu: “Vá em frente com todas as suas forças”, “Vá em frente em seu flanco. Estou contando com isso”, “Vá em frente. Vá em frente. Vá em frente”.

Outra área de ofensiva contínua para a Entente era a frente italiana. Em 14 de setembro, os italianos desencadearam sua sétima ofensiva. Mais uma vez, vários cumes de montanhas, incluindo monte Cardinal, de 2.353 metros de altitude, no Trentino, foi capturado. Mais uma vez, os austríacos defenderam a linha.

No Somme, em 15 de setembro, o destino da Entente sofreu uma reviravolta que poderia ter tido consequências dramáticas quando, pela primeira vez, foram usados tanques na batalha. Quarenta e nove tanques tomaram parte no ataque, avançando numa frente alargada. Dez tanques foram atingidos pelo fogo de artilharia alemã, nove ficaram fora de serviço, com dificuldades mecânicas, e cinco não conseguiram avançar. Contudo, aqueles que avançaram percorreram cerca de 2 mil metros, capturando o tão ansiado bosque de Foureaux e três aldeias: Flers, Martinpuich e Courcellette. Churchill escreveu ao almirante Fisher (que, assim como ele, não ocupava qualquer cargo nem fazia parte do governo): “Meus pobres ‘couraçados de terra’ partiram prematuramente e com pouco poder. Era com eles que se esperava uma vitória real.” Ao reconhecer o potencial da nova arma, Haig pediu um fornecimento de mil tanques ao Ministério da Guerra. Os alemães estavam muito atrasados em suas experiências com tanques.

Entre as tropas que tiraram partido da atuação dos tanques durante seu próprio avanço estava a Divisão da Guarda. Durante seu avanço, porém, morreu, entre outros, Raymond Asquith, filho do primeiro-ministro, ferido no peito enquanto conduzia o avanço de seus homens. Para que seus homens não soubessem que estava mortalmente ferido, acendeu um cigarro depois de cair e morreu na maca enquanto

era levado para um dispensário.

Harold Macmillan, futuro primeiro-ministro, que também prestava serviço na Divisão da Guarda, foi gravemente ferido em 15 de setembro, mas sobreviveu numa cratera da terra de ninguém, durante toda a manhã, suportando duas explosões de projéteis alemães a poucos metros. A princípio, pôs-se a ler *Prometeu*, de Ésquilo, em grego; depois, quando começou a tarde, “tomei meio grama de morfina e consegui dormir até as 15h30”, escreveu à mãe, quando um sargento-mor, ao chegar junto a ele, no fundo da cratera, disse, como se estivesse na praça de armas: “Obrigado por permitir que eu o transporte.” Ao fazer o percurso de volta, por seus próprios meios, para o hospital de campanha, Macmillan viu-se no meio de um súbito e intenso bombardeio. “Aí, fiquei com muito medo”, escreveu ele. No hospital em Abbeville e depois na Inglaterra, os cirurgiões decidiram que seria arriscado demais remover os fragmentos de bala da pélvis, por isso aí ficaram, pelo resto da vida, deixando-o com um andar arrastado. Andou de muletas, com um tubo inserido na ferida, até o fim da guerra.

Durante o dia em que foi ferido, Macmillan viu um tanque, um “daqueles estranhos objetos”, atolado numa cratera formada por um obus. Aquele veículo tosco em breve demonstraria sua utilidade, mesmo quando utilizado em pequenos números, durante onze dias após ter sido usado pela primeira vez num ataque britânico com treze tanques que capturaram a aldeia de Thiepval, que tinha resistido desde o primeiro dia da ofensiva do Somme. Nesse mesmo dia, Combles caiu sob um ataque de Infantaria apoiado por dois tanques enquanto em Gueudecourt, onde os tanques tinham avançado apoiados por reconhecimento aéreo, foram feitos quinhentos prisioneiros alemães com apenas cinco baixas britânicas.

Em 15 de setembro, os canadenses foram enviados para a linha. Quando atacaram, às 15h, o soldado John Chipman Kerr conduziu uma carga que entraria nos anais da história militar do Canadá. Como escreveu o tenente-coronel G. R. Stevens, cronista do serviço militar dos soldados de Edmonton:

Apesar de ter ficado sem um dedo, saiu do abrigo e começou a correr ao longo da parte superior da trincheira, disparando contra os bombardeiros inimigos à esquerda e à direita. Sua espantosa arremetida constituiu a última gota para os pobres alemães, e 62 prisioneiros ilesos renderam-se. Tendo entregado seus cativos numa trincheira de apoio, Kerr voltou à ação sem se preocupar em tratar de sua própria ferida.

Por essa ação, Kerr recebeu a Cruz Vitória. Era um dos catorze voluntários de uma única família. Para se alistarem, ele e o irmão caminharam mais de oitenta quilômetros, em pleno inverno, desde sua remota fazenda até a estação de trem mais

próxima.

No ataque de 16 de setembro foram mortos 42 canadenses. Entre os que foram mortos no Somme seis dias depois, estava um soldado inglês de 19 anos de idade, E. W. Tennant. Tendo saído da escola aos 17 anos para alistar-se, chegara às trincheiras pouco depois de ter completado 18 anos. Seu poema “The Mad Soldier” (“O Soldado Louco”) começa com esses versos:

*I dropp'd here three weeks ago, yes... I know,
And it's bitter cold at night, since the fight...
I could tell you if I chose... no one knows
Excep' me and four or five, what ain't alive.
I can see them all asleep, three men deep,
And they're nowhere near a fire... but our wire
Has 'em fast as can be. Cant' you see
When the flare goes up? Ssh! Boys, what's that noise?
Do you know what these rats eat? Body-meat!²*

Naquele mês, não o Somme, mas a Romênia tornou-se o principal foco do esforço militar para o novo alto-comando alemão. Em 15 de setembro, Hindenburg emitiu a seguinte ordem: “A principal tarefa dos exércitos é defender com empenho todas as posições nas frentes ocidental, oriental, da Itália e da Macedônia e empregar todas as forças disponíveis contra a Romênia.” Seriam necessários não só meios humanos militares, mas também trabalho civil para o esforço de guerra alemão: o novo Programa Industrial Hindenburg envolvia o recrutamento de trabalhadores alemães e a deportação forçada de 700 mil trabalhadores belgas, que seriam transportados para a Alemanha. Em 16 de setembro, o industrial germano-judeu Walther Rathenau, que tinha apelado à reconciliação europeia e à diminuição do ódio, escreveu uma carta aberta a Ludendorff em que apoiou as deportações de belgas. Entre aqueles que protestaram estava o cardeal Farley, de Nova York, que declarou: “É preciso recuar aos tempos dos medos e dos persas para encontrar um exemplo de toda uma população reduzida à escravidão.”

O presidente Woodrow Wilson, refletindo a indignação dos americanos pelas deportações de belgas, instruiu seu embaixador em Berlim, James W. Gerard, a apresentar a questão ao chanceler alemão. “Há belgas empregados na fabricação de munições, contrariamente às regras da guerra e da Convenção de Haia”, disse-lhe Gerard. “Não acredito”, respondeu o chanceler.” “Meu automóvel está à porta”, respondeu Gerard. “Posso levá-lo, e só demora quatro minutos, a um local onde trinta belgas trabalham numa manufatura de munições.” O chanceler declinou o convite para o passeio.

Em 16 de setembro, na frente oriental, as tropas turcas chegadas recentemente repeliram um ataque russo com gás. Nesse dia, na frente ocidental, enquanto visitava Cambrai, Hindenburg deu ordens para que fosse construída uma linha de defesa “semipermanente” entre oito e cinquenta quilômetros atrás da frente, que seria chamada linha Hindenburg e formaria uma zona muito fortificada que impediria qualquer penetração militar aliada que se aproximasse da fronteira belga ou alemã. Entre os que morreram nesse dia na frente ocidental estava Dillwyn Parrish Starr, um tenente americano de 32 anos, parte do regimento da Guarda Britânica. Nascido na Filadélfia e educado em Harvard, Starr apresentara-se como voluntário em 1914, como condutor de ambulância para os franceses, servira nos carros blindados britânicos em Galípoli e fora depois transferido para a Guarda, com quem foi para o Somme. Starr era um dos 32 mil americanos que driblaram as normas militares britânicas que incluíam os estrangeiros na categoria “não pode alistar-se ou realistar-se sob nenhuma circunstância”.

Entre os milhares de soldados que receberam ordens para entrar em ação em 16 de setembro estava o soldado Henry Farr, que se recusou a avançar até as trincheiras da linha de frente. “Não consigo suportar”, disse ele. Foi então arrastado, enquanto se debatia e gritava, mas conseguiu libertar-se e fugir. Pouco tempo antes, tinha recebido alta do hospital para um tratamento de um trauma de guerra após ter estado na frente desde 1914. Foi apresentado a um tribunal marcial, acusado de covardia e executado.³

Na frente de Salonica, tropas francesas e russas recapturaram Florina em 17 de setembro, apesar de os sérvios, tendo tomado o monte Kajmakčalan, de 2.367 metros de altitude, terem sido expulsos desse território. Por fim, duas semanas depois, capturaram os dois cumes da montanha, já dentro da fronteira sérvia.

Em 17 de setembro, atrás das linhas turcas, aviões alemães abateram dois hidroaviões que atacavam a base turca de El Arish, mas depois recuaram cerca de cem quilômetros para leste, ao longo do deserto de Berseba. Como desejava Hindenburg, a principal ofensiva das Potências Centrais era contra o novo beligerante, a Romênia.

Em 26 de setembro, o exército do general Falkenhayn atravessou a passagem de Rotenturm para a Transilvânia, capturando a cidade de Hermannstadt e fazendo 3 mil prisioneiros romenos. Apenas um mês depois da decisão da Romênia sobre entrar na guerra, as esperanças de seus líderes de uma expansão para a Hungria estavam ameaçadas. Em 1º de outubro, os alemães chegaram a Petroșani, obrigando os romenos a recuarem até a fronteira. Mais para leste, foram expulsos da cidade de Kronstadt uma semana depois e obrigados a recuar pelos Alpes da Transilvânia até a fronteira romena e, em 13 de outubro, pela passagem de Torzburg para a cidade de

Rucar, dez quilômetros no interior da Romênia.

A partir de meados de outubro, o destino da Romênia já parecia incerto. Em 19 de outubro, o exército de Mackensen penetrou nas linhas de defesa de Dobruja, e, três dias depois, entrou na cidade portuária de Constanta, capturando grandes quantidades de petróleo e cereais. Na frente da Transilvânia, um mês depois, o tenente Rommel distinguiu-se durante a captura do monte Lesculiu, de 1.200 metros de altitude.

Na guerra contra a Grã-Bretanha, os alemães ganhavam confiança, apesar dos riscos. Em 2 de setembro, dezesseis dirigíveis alemães da Marinha e do Exército decolaram para fazerem uma operação conjunta sobre o leste da Grã-Bretanha. Foi o maior ataque aéreo jamais organizado. Dez dirigíveis conseguiram atravessar o mar do Norte, chegando a Londres pouco antes da meia-noite. Um deles, depois de lançar suas bombas, foi perseguido por vários aviões e obrigado a desviar-se de uma intensa barragem de artilharia aérea antes de ser abatido pelo tenente Robinson acima de Cuffley, em Hertfordshire. Foi a primeira vítima de uma nova bala incendiária. O dirigível caiu no solo em chamas, visto por milhares de pessoas que foram para os telhados e para as ruas.

A combustão do dirigível foi tão luminosa que pôde ser vista em Reigate, mais de cinquenta quilômetros ao sul. “Foi um momento pelo qual tantos londrinos esperavam havia muito tempo”, escreveu o historiador de zepelins R. L. Rimell.

Eles tiraram o máximo partido. Houve um verdadeiro pandemônio quando as pessoas começaram a correr pelas ruas. Cantos, aplausos e festejos pareciam não acabar, tendo eco nos telhados. Muitos grupos começaram a cantar “God Save the King”, enquanto crianças e mulheres dançavam nas ruas. Os trens apitavam e as sirenes das fábricas juntavam-se à cacofonia delirante. Pais animados levantavam os filhos nos braços junto às janelas para verem o espetáculo, e para muitos foi uma impressão que ainda perdurava mais de sessenta anos depois.

Rimell acrescentou: “Ninguém conseguia tirar os olhos daquele monstro em chamas, enquanto ali esteve, imobilizado durante vários segundos a 3.500 metros de altitude, antes de por fim cair num voo picado. Diz-se que ficou no ar um cheiro acre de tecido queimado até muito depois de os restos terem desaparecido.” Entre as milhares de testemunhas, estava Henry Tuttle, de 10 anos de idade. “Abrimos a porta e ali estava”, recordou ele mais tarde.

Era uma visão fantástica, como um charuto de prata enorme que parecia mover-se com grande lentidão. Muitas pessoas saíram de suas casas e, de

súbito, começaram a sair chamas do zepelim.⁴ Depois, quebrou-se em dois e era uma só massa de chamas. Foi uma visão incrível: pessoas a festejar, a dançar, a cantar e houve quem começasse a tocar uma gaita de foles. Os festejos entraram pela noite adentro. O italiano que estava em nossa casa começou a andar pelo meio da rua a gritar aos céus em italiano e a agitar uma faca de curtidor. Todas as crianças (e eu era uma) andaram para cima e para baixo com ele, gritando como loucos. Foi um espetáculo que nunca mais esqueci. Soubemos depois, na escola, que o zepelim foi abatido pelo tenente Robinson, do Royal Flying Corps.

Quando, no momento de seu triunfo, o tenente William Leefe Robinson disparou as cargas verdes e vermelhas para assinalar seu sucesso, a grande multidão que presenciava a destruição do dirigível percebeu o que aquele sinal significava e ouviu-se uma estrondosa ovação. Robinson recebeu a Cruz Vitória por sua façanha, a única que foi atribuída por um ato corajoso em (ou sobre) solo britânico, o que provocou alguma insatisfação entre os pilotos da frente ocidental. “Eu preferiria atacar um daqueles sacos de gás a um par de hunos em combate”, foi o comentário de um piloto. Porém, a façanha de Robinson, um triunfo em si, foi também um impulso para o moral nacional. Quando Robinson recebeu a Cruz Vitória das mãos do rei George V, no castelo de Windsor, uma enorme multidão reuniu-se para o felicitar e aplaudir.

Nas 48 horas que se seguiram à queda do dirigível, 10 mil pessoas foram de trem a King’s Cross para visitar o local e tentar conseguir suvenires. Na igreja local, os corpos dos dezesseis membros da tripulação foram colocados em caixões. Uma moça que espreitou pelo buraco de fechadura viu vários policiais jogando bola com os capacetes dos alemães ao redor dos caixões. O funeral militar, uns dias depois, no cemitério Potters Bar, no qual os corneteiros do Granadeiros da Guarda tocaram “The Last Post” em honra dos aviadores mortos, causou certo desagrado a um público chocado com a perda de vidas causadas pelo ataque, durante o qual foram lançadas 371 bombas, tendo morrido quatro civis.

Leefe Robinson tornou-se um herói britânico devido à sua façanha em 2 de setembro. Duas semanas depois, um herói alemão, o barão Manfred von Richthofen, entrou para a história da guerra quando abateu seu primeiro avião por sobre a frente ocidental. Richthofen, que já tinha entrado em ação ao bombardear formações militares russas e entroncamentos ferroviários na frente oriental, entrou em combate aéreo com um piloto britânico, o segundo-tenente Lionel Morris, e seu observador, tenente T. Rees. “Meu inglês girava e retorcia-se, voando em ziguezagues”, escreveu Richthofen após o combate. “Animava-me um único pensamento:

O homem que está à minha frente deve ser abatido, aconteça o que acontecer.” Por fim, chegou o momento favorável. Meu oponente aparentemente me perdera de vista. Numa fração de segundo, eu estava atrás dele, com minha excelente máquina. Disparei uma breve rajada com minha metralhadora. Eu estava tão perto que receava embater no inglês. De repente, quase gritei de alegria, pois a hélice do avião do inimigo parou de funcionar. Hurrah! Eu tinha desfeito a máquina dele; o inimigo seria obrigado a aterrar, pois era impossível chegar às suas linhas.

Richthofen observou seu adversário descer.

A máquina inglesa balançava curiosamente para a frente e para trás. Talvez tivesse acontecido alguma coisa ao piloto. O observador já não se via. Aparentemente sua metralhadora estava abandonada. É evidente que eu tinha atingido o observador e que ele tinha caído de seu lugar. O inglês aterrisou perto da base aérea de um dos nossos esquadrões. Eu estava tão animado que também aterrissei, tão ansioso que quase destruí meu aparelho. Corri para a máquina inglesa e vi que muitos soldados corriam em direção ao meu inimigo. Quando cheguei lá, descobri que minha conclusão fora correta. Eu tinha destruído o motor e tanto o piloto como o observador tinham ficado gravemente feridos. O observador morreu imediatamente, e o piloto enquanto era transportado para o dispensário mais próximo. Honrei o inimigo caído colocando uma pedra em seu belo túmulo.

Depois do ataque do zepelim de 2 de setembro, os londrinos, na vulnerável zona de East End da capital, iam para os metropolitanos todas as noites, buscando assim uma maior segurança, como no West End.⁵ Em 1º de outubro, sete zepelins lançaram mais de duzentas bombas sobre a Grã-Bretanha. Um dos zepelins foi abatido em Potters Bar por um piloto do Royal Flying Corps, o tenente W. J. Tempest, tendo morrido todos os dezenove membros da tripulação.

No mar, os submarinos alemães continuavam com suas depredações. Em 22 de setembro, a principal agência de notícias informou: “Um de nossos submarinos atingiu no Mediterrâneo, em 17 de setembro, um navio inimigo de transporte de tropas. O navio afundou em 43 segundos.”⁶ Em 1º de outubro, o Kaiser felicitou seu serviço de submarinos pelo afundamento de 1 milhão de toneladas de navios aliados, a maioria britânicos. Uma semana depois, o primeiro ataque de um submarino alemão no litoral leste dos Estados Unidos, pelo U-53, levou ao afundamento de cinco navios mercantes, sendo três britânicos, um holandês e um norueguês, ao largo da ilha de Nantucket. O embaixador americano em Berlim estava a bordo de um

navio a caminho de Nova York e passou perto dos navios afundados. “Pensei que o comandante tinha alterado ligeiramente a rota, mas, no dia seguinte, sentiu-se o cheiro de óleo queimado durante horas”, escreveu ele mais tarde. Alguns dias depois, numa conversa que durou quatro horas, o presidente Wilson disse a Gerard que “tanto queria manter como fazer a paz”.

No distante Mediterrâneo, era mantida a guerra de torpedos contra navios de passageiros. Em 4 de outubro, um submarino alemão atacou duas vezes, ambas com sucesso, afundando primeiro o *Franconia*, da companhia Cunard, tendo morrido doze pessoas, e depois o transporte de tropas francês *Gallia*, tendo-se afogado seiscentos homens.

Na frente de Salonica, a malária reduzia a capacidade de luta dos soldados britânicos, matando trezentos num mês. Em 14 de outubro, apesar do uso de granadas de gás, uma grande ofensiva contra as linhas búlgaras não conseguiu capturar nem a primeira linha de trincheiras. No mar, os afundamentos causados por submarinos alemães eram contínuos: em 28 de outubro, o navio de passageiros *Marina* foi torpedeado sem aviso ao largo do rochedo Fastnet. Afogaram-se dezoito passageiros, entre eles seis americanos. Um navio a vapor norte-americano, o *Lanao*, também foi afundado nesse dia por um submarino alemão ao largo de Portugal. Muitos observadores interrogavam-se sobre quanto tempo decorreria até que os Estados Unidos se vissem forçados a declarar guerra à Alemanha. Dois dias antes, o presidente Wilson dissera na Câmara de Comércio de Cincinnati: “Creio que o assunto da neutralidade está encerrado. A natureza da guerra moderna não mantém intacto nenhum Estado.”

No Somme, os britânicos ainda tentavam atingir seus objetivos do primeiro dia, mas a chuva e a lama impediam que esse esforço se concretizasse. Em 2 de outubro, a recentemente capturada aldeia de Le Sars foi perdida durante um contra-ataque alemão. O historiador oficial britânico, general Edmonds, comentou: “A chuva caía torrencialmente, e a zona de batalha tornou-se um mar de lama. Houve homens que morreram no esforço de levar mensagens verbais.” Le Sars foi recapturada cinco dias depois. Nesse dia, Leslie Coulson, sargento de um pelotão britânico, que tinha lutado em Galípoli e sido ferido, foi morto em ação. No início da batalha, havia escrito seu poema “From the Somme” [“Do Somme”]:

*I played with all the toys the gods provide,
I sang my songs and made glad holiday.
Now I have cast my broken toys aside
And flung my lute away.*

A singer once, I now am fain to weep.

*Within my soul I feel strange music swell,
Vast chants of tragedy too deep... too deep
For my poor lips to tell.*⁷

Em 11 de outubro, quatro dias depois da morte de Leslie Coulson, o soldado canadense Earl Hembroff, que prestava serviço na ambulância de campanha canadense, descreveu em seu diário uma trincheira utilizada como parte de um dispensário avançado, para onde eram levados os feridos. Tinha sido palco de uma feroz luta pouco tempo antes. “Havia mortos por todos os lados, muitos em pedaços que os projéteis traziam à superfície. Corpos encerrados, escurecidos pela fumaça das bombas. Havia um soldado britânico com os braços em torno de um boche, como numa luta de morte.” Pregadores enterravam os mortos à noite. Os soldados estavam exaustos “e alguns entre os maiores choravam como bebês”.

Nesse dia, uma visitante britânica, a viscondessa D’Abernon, que fora à cidade de Albert, escreveu em seu diário: “Deixei Paris ansiosa e entusiasmada por ir ver a frente britânica, cuja visita, até agora, não tinha sido permitida a nenhuma mulher.” Ao olhar para o campo de batalha com sua escolta militar, o general Davidson, “vimos todo o horizonte, de Pozières a Thiepval, sob uma barragem de fogo dos alemães”. Durante mais de uma hora, ela viu o bombardeio.

Passaram vários aviões nossos, que se dirigiam para seus hangares, localizados muitos quilômetros para lá, e contavam-se histórias de valentes façanhas, em especial a proeza de um jovem chamado Albert Ball, que tinha abatido seu trigésimo avião boche; tem 19 anos e vive para contar sua façanha.⁸ Durante algum tempo, ficamos dominados por aquela estranha cena satânica, mas, por fim, foi um alívio voltar. O solo que pisávamos, as crateras que evitávamos, são pedaços rasgados do campo de batalha de apenas um mês antes. Foi aqui, e nesse instante, que a brilhante promessa de Raymond Asquith extinguiu-se e que meu querido sobrinho, Charles Feversham, foi morto; no horizonte cinzento para além de Albert há, neste momento, milhares de compatriotas em cujas trincheiras caem projéteis de forma tão densa e continuada que o general Davidson pensou que estavam desencadeando um ataque iminente. A cena tinha um esplendor luciferino, do Príncipe das Trevas, mas o que minha mente mais reteve foi um sentimento de perversidade e de desperdício de vidas, a ausência de qualquer objetivo definido que justificasse toda a destruição, a desolação e o sofrimento humano.

Lady D’Abernon visitou também um dispensário. “As camas são muito pequenas

e têm apenas um cobertor por cima de um lençol muito áspero que não foi lavado”, escreveu ela.

Na tenda dos oficiais, a única diferença (mas religiosamente cumprida) é que há uma colcha de algodão sobre o cobertor, que é colorida em vez de ser branca. À exceção dessa marca distintiva de certo modo fria, uma distinção sem conforto, o resto é idêntico. Na tenda dos oficiais, os rostos eram, quase sem exceção, de meros rapazes. Para ferimentos abdominais, no peito, nos olhos, gangrenas provocadas pelo gás etc. foram erguidas tendas à parte e, evidentemente, tendas à parte também para os boches. Entre esses, uma figura solitária, ainda numa maca esquecida, jazia com a face voltada para a parede. Ao contrário dos outros, não falava e sequer olhou à sua volta quando passamos. Ficou na minha memória aquela patética figura solitária.

Em 12 de outubro, no Somme, soldados da Terra Nova combatiam em Gueudecourt. Os britânicos experimentavam uma barragem de fogo móvel, em que os homens avançavam atrás de uma cortina de explosivos destinada a pulverizar o arame farpado alemão e a assustar os soldados. Um atacante em cada dez morreu por avançar depressa demais ou porque os projéteis caíam a uma distância curta demais. Entre os soldados da Terra Nova, estava o cabo Raymond Goodyear. Era sua primeira batalha. Ao correr em frente, pareceu ter tropeçado e caiu: seu capitão voltou-se para ajudá-lo e viu que Goodyear tinha sido atingido por um projétil abaixo da cintura. O historiador da família Goodyear, David Macfarlane, escreveu: “Por um momento, seu rosto, redondo, escurecido, pareceu confuso sob o capacete de estanho grande demais. Parecia não ter percebido o que se passara. Tinha sido ceifado como se tivesse corrido contra o movimento de um machado.”

À medida que o inverno se aproximava, os generais buscavam um equilíbrio entre o que podia ser feito e o que achavam que podia ser feito. “O mau tempo, que nos obrigou a abrandar, permitiu que os boches respirassem”, escreveu o general Rawlinson em seu diário. “A artilharia inimiga está mais organizada e a Infantaria luta com mais tenacidade, mas os desertores continuam a chegar, e, quanto mais bombardeamos, mais prisioneiros fazemos e mais desertores apanhamos. Por isso, quero ser mais ou menos agressivo durante todo o inverno, mas não devemos ser mais suaves no próximo ano.” Uma semana depois, no Somme, os britânicos fizeram mil prisioneiros alemães.

Em Verdun, em 24 de outubro, os franceses desencadearam sua primeira ação

ofensiva do ano, tendo recapturado o forte Douaumont e fazendo 6 mil prisioneiros alemães. Na frente italiana, os italianos desencadearam a Oitava Batalha do Isonzo, capturando mais de 5 mil soldados austríacos, e, no Trentino, recuperaram as colinas do monte Pasúbio. Porém, a ofensiva russa tinha atingido seu limite e terminou nesse outubro, quando cerca de 200 mil trabalhadores russos envolveram-se em 177 greves políticas. Não se sabia se seria possível haver qualquer outra iniciativa militar russa. Nesse mês, o czar advertiu o general Alexeiev de que só havia tropas de reserva suficientes para mais cinco meses de luta. No final do mês, um departamento de censura militar reportou que os soldados andavam dizendo que teriam de ajustar contas com o inimigo interno depois da guerra.⁹

Na Áustria, através do jornal satírico de Karl Kraus, o *Fackel*, de formato grande, as opiniões antibelicistas chegavam às tropas. Paul Engelmann, que havia contribuído para essa publicação, amigo de Wittgenstein, convalescia de uma doença em Olmütz. Enquanto estava doente de cama, viu um grupo de soldados tchecos ser levado para a igreja de St. Maurice, em frente da casa onde estava, para ir à missa, como era costume antes de serem enviados para a frente. Engelmann saiu da cama, foi à igreja e falou aos homens, incitando-os, em nome do Espírito Santo, a não lutar. Um historiador desse episódio comenta: “Naturalmente, falou em alemão e é pouco provável que os soldados tchecos tenham compreendido. Simpaticamente, o oficial responsável limitou-se a dizer a Engelmann que saísse e não tomou qualquer outra ação. Engelmann, novamente na cama, sentiu-se muito aliviado.”¹⁰

Wittgenstein visitou Engelmann em Olmütz e expressou-lhe seu pessimismo em relação ao desfecho da guerra para a Áustria-Hungria. Contudo, ofereceu ao Tesouro Austríaco a soma de 1 milhão de coroas, seus proventos de três anos, para a compra de um obus de 305 milímetros, uma das mais formidáveis peças de artilharia da Áustria. Igualmente patriótico, no lado russo da linha, era um jovem soldado de cavalaria, Georgi Konstantinovich Zhukov, que já tinha recebido a Cruz de São Jorge por ter capturado um oficial alemão na frente da Romênia. Nesse outubro, quando estava numa patrulha de reconhecimento, foi atirado de seu cavalo devido à explosão de uma mina e teve a audição afetada. Enviado para um hospital em Carcóvia, recordou mais tarde como ficou “encantado” quando foi colocado num regimento de combate.¹¹

Em 3 de novembro, na frente italiana, a Nona Batalha do Isonzo foi suspensa ao cabo de três dias devido à lama profunda: durante esse curto intervalo, foram feitos prisioneiros 9 mil soldados austríacos, mas não faltaram homens para preencher as vagas.

Na frente oriental, outras carências não permitiam ter qualquer esperança num novo sucesso russo. “A pura verdade é que, sem aviões, sem canhões e sem projéteis

muito mais pesados e algum conhecimento de seu uso, é uma chacina, e uma chacina inútil, enviar a Infantaria russa contra as linhas alemãs”, escreveu o coronel Knox em seu diário em 5 de novembro. Nos cinco meses anteriores, segundo disse o general Dukhonin, quartel-mestre geral, a Knox, as baixas russas “podem ter sido superiores a 1 milhão de homens”, mortos e feridos.

Em dois anos e três meses de guerra, os conflitos nos campos de batalha tinham sido duros, mas essencialmente inconclusivos. A confiança das Potências Centrais num avanço decisivo, ou mesmo em diminuir a determinação de luta do inimigo, havia sido desfeita pela perseverança francesa e britânica na frente ocidental, pelos avanços de Brusilov no leste e pela tenacidade dos italianos nas montanhas. O Kaiser concluiu que era necessário um golpe de gênio político ou pelo menos realista: ganhar a opinião pública e o sentimento nacionalista dos poloneses para a causa alemã. Ludendorff já era um entusiasta dessa ideia. “Vamos fundar um grão-ducado da Polônia, com um Exército polonês sob comando de oficiais alemães”, escrevera nesse verão ao ministro das Relações Exteriores, Gottlieb von Jagow. “De qualquer forma, tal Exército será formado um dia, e agora podemos usá-lo.”

Em novembro de 1916, o encorajamento e a formação de um nacionalismo polonês criaram, nas províncias polonesas em território russo, ocupadas pela Alemanha, um aliado e bastião contra incursões russas, permitindo à Alemanha concentrar-se um pouco mais na frente ocidental. Em 5 de novembro, foi proclamado o reino da Polônia, patrocinado pela Alemanha, com Varsóvia como capital. Os poloneses, notando a fraqueza alemã nessa simples oferta, pressionaram por terem o poder político referente ao estatuto militar que era oferecido. “Não existe nenhum Exército sem um governo que o dirija”, comentou Józef Piłsudski, pouco cortês, mas pragmático. Quando lhe foi negado um governo, Piłsudski retirou a brigada polonesa, de 10 mil homens, do comando de Ludendorff.

A decisão do Kaiser e de Ludendorff sobre proclamarem um reino da Polônia prejudicou de forma ainda mais grave a esfera mais vasta dos interesses da Alemanha, pois o chanceler, Bethmann-Hollweg, ainda explorava a possibilidade de uma paz separada com a Rússia. Quaisquer que pudessem ter sido seus arranjos territoriais, uma coisa era certa: o czar não podia aceitar um reino da Polónia independente retirado de suas províncias ocidentais. Conversações secretas para uma paz russo-alemã, que já tinham sido iniciadas informalmente na neutra Estocolmo, entre o industrial alemão Hugo Stinnes e o vice-presidente da Duma, A. D. Protopopov, não prosseguiram. Uma pessoa que ficou aliviada foi Lênin, que em seu exílio na Suíça estava preocupado que uma paz entre a Rússia e a Alemanha poderia prejudicar o desencadeamento da revolução.

Não a possibilidade de paz, mas a certeza da continuação da guerra, marcou a realidade do iminente inverno de 1916. No campo de internamento de Ruhleben, mais de 5 mil civis haviam acreditado, durante dois anos, na esperança de uma rápida dissolução do campo, mas, após os governos britânico e alemão terem concordado na troca de todos os prisioneiros civis de mais de 45 anos, aqueles que ficaram perceberam que poderiam ser mantidos em cativeiro durante muito tempo. Um dos britânicos que voltaram, Israel Cohen, comentou, em 6 de novembro, em seu prefácio à primeira publicação sobre a história do campo:

Há centenas de tragédias, lentas e secretas, por trás das paredes de tijolo e de arame farpado de Ruhleben, tragédias que nunca serão conhecidas para além do círculo imediato daqueles que nelas estão envolvidos, homens afastados de suas famílias, despojados de seus meios de vida, atormentados todos os dias por uma permanente ansiedade pela luta futura, que a privação física e a depressão mental tornam cada vez menos capazes.

A privação da liberdade em Ruhleben era aliviada, se tal pode ser aliviado, por concertos de música, espetáculos de teatro e de ópera, círculos de debates, uma biblioteca, serviços de igreja e de sinagoga e esportes. O críquete era jogado em casacos de lã e calças de flanela. Os prisioneiros também organizaram aulas de educação, dentro de uma Associação de Artes e Ciências que contava com dezessete departamentos e 247 professores. Julgava-se, no campo, que Einstein fora um dos que doaram aparelhos científicos para aulas sobre calor, luz e som. Aulas de literatura eram dadas por um professor de Oxford, J. C. Masterman, que, em 1939, teria a seu cargo “converter” todos os espões alemães na Grã-Bretanha em agentes britânicos, dentro do Sistema de Traição.¹²

Houve até mesmo um simulacro de eleições parlamentares (em 3 de agosto de 1916). O resultado foi: Candidatura do Sufrágio Feminino, 1.220; liberais, 924; conservadores, 471. Esse resultado foi imediatamente publicado pelos alemães como protesto contra o governo britânico ter entrado na guerra. Contudo, os 3 mil homens que se manteriam no campo depois de efetivada a troca estavam, escreveu Israel Cohen, longe de ser antibelicistas: na realidade, eram, como ele expressou, “homens a quem tinham sido negadas as glórias e as compensações da guerra e que precisavam encarar a batalha da vida com constituições físicas debilitadas”.

As “glórias e compensações da guerra” eram assunto de muitos livros e artigos publicados em todas as capitais de países beligerantes. Na frente de Salonica, contudo, um assalto conjunto servo-francês, que teve início em 10 de novembro, sob uma chuva gelada, conteve todos os terrores e perigos de uma guerra. Como exercício estratégico foi um sucesso, sendo os búlgaros repelidos para além da

fronteira sérvia e garantindo um avanço aliado que atingiu a cidade de Monastir, no sul da Sérvia. Entre os milhares de prisioneiros, havia muitos soldados alemães que tinham chegado recentemente para reforçar a linha búlgara. Em 19 de novembro, unidades de cavalaria sérvia, francesa e russa entraram em Monastir. À frente de uma divisão franco-russa, enquanto saía a última bateria de artilharia alemã, entrou o capitão Murat, descendente do marechal de Napoleão que entrou em Moscou em 1812. Nesse dia, complementavam-se quatro anos desde o dia em que os sérvios tinham libertado a população do domínio turco durante a Primeira Guerra dos Balcãs. Eufórico com esse sucesso, o general Sarraill considerou-a a primeira vitória francesa desde a Batalha do Marne.

Nesse novembro, foi desencadeada uma ofensiva final no campo de batalha do Somme, contra as aldeias de Beaumont Hamel, Beaucourt e Saint-Pierre Divion, no rio Ancre, aldeias que tinham resistido a todos os assaltos desde 1º de julho. Havia uma densa névoa quando o ataque começou. Conforme os britânicos avançavam, grupos de alemães que haviam ficado intactos continuaram a disparar. Paul Maze, ao dirigir-se para Beaumont Hamel para reportar a situação, diz que “andei às voltas por bastante tempo antes de encontrar a antiga linha de frente alemã, mas, quando a encontrei, segui seu rastro e reconheci seus mortos”. A certa altura, um amigo cruzou com ele. “Pareceu-me exausto e desganhado em contraste com os dois pombos-correios que levava num cesto, cujos olhos brilhavam de entusiasmo.” As únicas comunicações eficazes entre as tropas da frente e seus quartéis-generais eram feitas por meio de pombos.

No primeiro dia da renovada batalha foram feitos 5 mil prisioneiros alemães. No segundo dia foi capturado Beaucourt, dia em que o romancista “Saki”, o sargento H. H. Munro, de 46 anos, foi morto por um atirador alemão. Em 1915, Munro tinha falsificado deliberadamente sua idade para poder entrar no Exército. Seis dias depois da batalha, um dos comandantes britânicos da companhia, o capitão “Cardy” Montague, veterano de Galípoli, recordou que, quando chegou às ruínas de Beaucourt, “os alemães não podiam enfrentar nossos homens e rendiam-se às centenas. Era uma visão fantástica. Saíam dos buracos e rasgavam os uniformes”.

O próprio Montague ficou ferido, assim como o oficial no comando, tenente-coronel Bernard Freyberg, atingido por um estilhaço no pescoço após ter conduzido um ataque decisivo através das trincheiras alemãs. “Ouvi um estrondo, um estranho zumbido no ouvido, e perdi a consciência”, recordou Freyberg mais tarde. “Quando recuperei os sentidos, minha cabeça doía muito e fiquei deitado, com o rosto virado para baixo; saía sangue do meu nariz e do queixo. A princípio, pensei que minha cabeça tinha ficado esmagada, mas localizei a ferida no pescoço, com dois dedos muito sujos. Olhei para o homem à minha esquerda, que estava encolhido. Movi-lhe a cabeça e vi que estava cinzento e morto.”

Por ter “inspirado todos com seu desprezo pelo perigo”, Freyberg recebeu a Cruz Vitória. A história oficial da 29ª Divisão, informou, oito anos depois: “Por sua iniciativa e sua correta e valente direção, o tenente-coronel Freyberg venceu a Batalha do Ancre. Foi provavelmente o mais distinto ato pessoal da guerra.” Foi quase o último ato de Freyberg: ao ser transportado para o dispensário, com a cabeça e os olhos cobertos de ataduras ensopadas em sangue, pálido devido à perda de sangue, foi posto na tenda daqueles que se esperava que morressem e aos quais não era dado qualquer tratamento exceto a administração de medicamentos para tirar as dores. Mais tarde, ouviu uma voz suave a dar ordens para que ele fosse levado para a tenda daqueles que se esperava que pudessem sobreviver e recebeu tratamentos. Freyberg não conseguiu saber quem foi seu salvador. Um quarto de século mais tarde, no saguão de um hotel no Cairo, ouviu a mesma voz e perguntou ao homem se tinha estado na Batalha do Ancre em novembro de 1916. Era o oficial médico que salvara sua vida, capitão S. S. Greaves, que então comandava um navio-hospital.

Um relato das últimas batalhas da ofensiva do Somme foi publicado no *Daily Mirror* e no *Paris Daily Mail*, que as tropas liam. Foi escrito por W. Beach Thomas, que escreveu sobre o soldado britânico morto: “Mesmo quando está estendido no campo, aparenta estar mais tranquilo e ter maior confiança do que outros.” Ao comentar o relato de Thomas, um oficial escreveu para casa: “Demonstra muita imaginação, pois metade do que diz não é verdade, e sim o que ele pensa que deveria ser.” A realidade não era descrita nos jornais e, de um modo geral, aparecia apenas em cartas enviadas para a família. Um cronista, o tenente Guy Chapman, captou a realidade em seu conciso artigo na noite de 16 de novembro: “Nº 1 Coy perdeu o conhecimento. Lauder e Young ficaram ambos gravemente feridos. O sargento-mor, ferido. Farrington, morreu. Não há esperança de que o sargento Brown viva. Sargento Baker, ferido. Westle, pobre rapaz, morto. Foley, o último de sua família, morto, muitos outros bons homens, demais para mencionar todos.”

Perto da estação de Beaucourt, jaziam “os esqueletos de cinco vagões e sua equipe, macabra evidência da tragédia de um trem de rações dos boches”, escreveu Chapman. “Há um cheiro nauseabundo, cheiros misturados de ácido pícrico que explodiu, gás, sangue, corpos putrefatos e tijolos partidos. Aqui e ali, há corpos caídos.” Os grupos que faziam os enterros trabalhavam sem parar: “Ontem foram enterrados oitocentos ingleses e quarenta alemães, o que mostra o preço a pagar pelos grupos de assalto para conseguirem avançar alguns metros. Maldita Alemanha!”¹³

Na noite de 17 de novembro, a primeira neve caiu no campo de batalha do Somme. Na noite seguinte, deu-se o assalto final da campanha, com um avanço de novecentos metros ao longo do Ancre, muito prejudicado pelo nevoeiro e pela neve. Entre os que morreram nessa noite estava o sargento Alexander Macdonald, um atirador britânico. Em sua memória, seu amigo Ewart Macintosh escreveu uma

paródia ao trava-línguas favorito dos soldados, “Sniper Sandy”, cujo refrão dizia:

*Sniper Sandy's slaying Saxon soldiers,
And Saxon soldiers seldom shew but Sandy slays a few,
And every day the Bosches put up little wooden crosses
In the cemetery for saxon soldiers Sniper Sandy slew.*¹⁴

Depois de quatro meses e meio de luta, sofrimento e avanços, não havia uma vitória concludente ou sequer um fim: uma história da divisão recorda que duas companhias que tomaram parte no assalto de 18 de novembro tinham desaparecido “inteiramente, arrasadas por completo pelo fogo de metralhadoras”.

À medida que a Batalha do Somme se aproximava do fim, cada lado fazia planos para uma nova ofensiva em 1917 e calculava o custo da defensiva do Somme. Em 1º de novembro, os britânicos e os franceses anunciaram que, desde o início da batalha, em 1º de julho, tinham feito 72.901 prisioneiros alemães e capturado 303 peças de artilharia, 215 morteiros e perto de mil metralhadoras.

As estatísticas de mortos estavam sendo calculadas por ambos os lados, atingindo cifras sem precedentes. Os mortos britânicos no Somme nos quatro meses desde 1º de julho ascendiam a 95.675; entre os franceses, chegavam a 50.729. O número total de mortos entre os Aliados no Somme foi de 146.404. Entre os alemães, o número era ainda maior: 164.055. Os mais de 70 mil prisioneiros foram, afinal, os afortunados, enviados para a retaguarda e para campos de prisioneiros, onde o Comitê Internacional da Cruz Vermelha supervisionava as condições em que viviam.

Em Verdun, os franceses recapturaram o forte Vaux em 3 de novembro. Quando a Batalha do Somme terminou, naquele mês, a linha britânica tinha avançado dez quilômetros, mas estava ainda a cinco quilômetros de Bapaume, o objetivo do primeiro dia. Num massivo esforço humano, tinham sido mortos milhares de soldados.

Em cinco meses, foram disparados mais de 23 milhões de projéteis pelos dois exércitos em contenda, numa média de cem projéteis por minuto. Verdun propriamente dita ficou nas mãos dos franceses, mas o número de mortos foi de 650 mil homens. Quando somamos esse número ao registros do Somme, o número total de mortos chega a 960.459, quase 1 milhão de combatentes. Isto dá uma média de 6.600 homens mortos por dia, mais de 277 por hora, quase cinco homens por minuto.

Na frente ocidental, depois da selvageria do Somme e de Verdun, 127 divisões alemãs defrontaram 106 divisões francesas, 56 britânicas, seis belgas e uma russa: ao

todo, 169 divisões. A Força Expedicionária Britânica, que em agosto de 1914 tinha 160 mil homens, em finais de 1916 tinha 1.591.745.^{[15](#)}

As estatísticas do confronto refletem a intenção e a determinação de todos os exércitos a continuarem a lutar. Enquanto o ano chegava ao fim, o Exército alemão possuía 16 mil metralhadoras na frente ocidental, e o Exército russo, 16 mil metralhadoras na frente oriental. Três anos antes, esse tipo de arma, que tem fogo rápido e ininterrupto, tinha sido o símbolo do domínio europeu sobre povos distantes, inimigos e desprezados:

*Whatever happens, we have got
The Maxim gun, and they have not.*^{[16](#)}

A invenção de Maxim tornara-se um meio por intermédio do qual todos aqueles que partilhavam os mais elevados valores de civilização, religião, ciência, cultura, literatura, arte, música e amor à natureza continuariam a derramar sangue até morrerem ou vencerem. O escritor britânico Israel Zangwill, um romancista pró-guerra com encanto e capacidade de observação, resumiu o ano em outro tom:

*The world bloodily-minded,
The Church dead or polluted,
The blind leading the blinded,
And the deaf dragging the muted.*^{[17](#)}

Intensificação da guerra

Novembro de 1916 a junho de 1917

Em 7 de novembro de 1916, Woodrow Wilson foi reeleito presidente dos Estados Unidos. Doze dias depois, em 19 de novembro, enviou uma nota a todos os Estados em guerra, propondo que tentassem encontrar um meio de pôr fim ao conflito. No dia anterior, Franz Joseph, de 85 anos de idade, manifestava sua “grande satisfação” pela intenção de que houvesse conversações de paz. Em 20 de novembro, apesar de um ataque de bronquite, trabalhou, como habitual, em documentos oficiais. De tarde, os médicos persuadiram-no a deitar-se, mas ele deu instruções para que o acordassem cedo na manhã seguinte. “Amanhã, às três e meia”, disse ao seu mordomo. “Tenho o trabalho atrasado.” De manhã cedo, em 21 de novembro, como pretendia, trabalhou em documentos oficiais, mas faleceu pouco depois das 21h desse dia.¹

O novo imperador da Áustria e rei da Hungria foi o sobrinho-neto de Franz Joseph, o arquiduque Karl. Os primeiros relatórios que lhe chegaram como imperador foram sobre a iminente conquista austro-germânica da Romênia. Em 23 de novembro, o general Mackensen atravessou o Danúbio num ponto perto de Zimnicea, sendo a passagem de seu exército acelerada por meio de um pontão construído por engenheiros austríacos. Dois dias depois, o governo romeno começou a evacuar Budapeste para a cidade de Jassy, mais ao norte.

Em novembro, houve êxitos dos alemães no ar e no mar. Em 21 de novembro, o transatlântico *Britannic*, então utilizado como navio-hospital, foi torpedeado no mar Egeu. Doze pessoas que estavam a bordo morreram afogadas quando o navio foi a pique, algumas no bote salva-vidas que foi cortado ao meio pela hélice do navio. Entre os que foram salvos estava uma garçonne que estivera na infeliz viagem, antes da guerra, de um navio-irmão da companhia, o *Titanic*. Dois dias depois, sobre a frente ocidental, Manfred von Richthofen abateu um ás britânico, o major Lanoe Hawker, que tinha sido agraciado com a Cruz Vitória. Era a décima primeira “presa”

de Richthofen. Em 25 de novembro, no Atlântico, ao largo de Lisboa, o submarino alemão U-52 afundou o couraçado francês *Suffren*. Não houve sobreviventes.

Em 27 de novembro, 27 zepelins desencadearam um ataque à Inglaterra, lançando mais de duzentas bombas. Dois dirigíveis atacantes foram abatidos: num deles, atingido pelas balas incendiárias disparadas por um piloto britânico, todos os trinta tripulantes morreram. No dia seguinte, um único hidroavião alemão sobrevoou Londres e lançou seis bombas sobre Kensington. “Ouvi as explosões quando estava no Ministério das Relações Exteriores e pensei que estavam praticando tiros no quartel de Wellington”, recordou mais tarde lorde Hardinge. Ninguém morreu, mas seis civis ficaram feridos. O ataque marcou a primeira vez que a capital era atacada por um avião, e não por zepelins.

Nesse mês, a bordo de um navio sueco no porto de Dieppe, dois homens em roupas civis foram detidos e conduzidos às autoridades militares britânicas. Chamavam-se Albert Ingham e Alfred Longshaw e eram ambos soldados rasos de uma companhia de metralhadoras que estava quase partindo para as trincheiras em outubro quando eles desertaram. Na vida civil, ambos tinham sido funcionários do depósito da estação de trem de Salford. Foram ambos apresentados a um tribunal marcial e fuzilados em 1º de dezembro. Foi dito aos pais de Ingham que ele tinha morrido “por ferimentos provocados por tiros” e aos pais de Longshaw que ele tinha “morrido em consequência de ferimentos”. Os nomes de ambos os homens apareceram na lista de honra de funcionários da estação de Salford. Depois da guerra, quando o pai de Ingham descobriu o que tinha acontecido, pediu à Comissão de Sepulturas de Guerra que colocasse uma única inscrição na sepultura do filho na França:

MORREU COM UM TIRO AO AMANHECER
UM DOS PRIMEIROS A ALISTAR-SE
UM FILHO DIGNO
DO SEU PAI

*

Para evitar que o petróleo dos campos romenos de Ploiești caísse em mãos austro-húngaras, um membro do Parlamento britânico, o coronel Norton Griffiths, organizou um espetacular ato de sabotagem em 5 de dezembro, fazendo explodir ou derramando de seus depósitos mais de 800 mil toneladas de petróleo. Foi um gesto impressionante, mas não seria capaz de afetar o resultado da campanha. Em 6 de dezembro, tropas alemãs, seguidas pelo general Mackensen em seu cavalo branco, entraram em Budapeste. O Kaiser comemorou a vitória com champanhe. As Potências Centrais eram agora os conquistadores de cinco capitais: Bruxelas,

Varsóvia, Belgrado, Cetinje e Bucareste. A Entente não tinha em seu poder nenhuma capital das Potências Centrais.

A única capital em que as tropas da Entente tinham estado em ação foi Atenas. Como o rei da Grécia recusou o pedido de que a Entente fizesse uso de sua capital para a passagem de mantimentos para a frente de Salonica, tropas francesas e britânicas desembarcaram no Pireu e, em 1º de dezembro, entraram em ação contra as forças do rei. Foram mortos cerca de quarenta soldados gregos e houve várias mortes de franceses e britânicos. Depois, as forças da Entente concordaram em retirar-se. Em 6 de dezembro, para garantir o controle dos cabos de telegrafia do Mediterrâneo oriental, os britânicos ocuparam a ilha de Siros e, dois meses depois, ocupavam todas as ilhas Cíclades. Em Salonica, as forças gregas pró-Entente, sob a direção de Venizélos, instalaram um governo provisório e declararam guerra à Alemanha e à Bulgária, mas quando venizelistas tentaram controlar Atenas, foram derrotados por forças leais ao rei e à neutralidade.

Na Grã-Bretanha, houve uma mudança na direção central da guerra em 6 de dezembro. Envelhecido e desmoralizado, Asquith foi substituído como primeiro-ministro por David Lloyd George, a única pessoa no governo, conforme Churchill escreveu a um amigo, que possuía “alguma aptidão para a guerra ou conhecimento a respeito dela”. Churchill ainda advertiu para o fato de as dificuldades que se apresentavam ao novo governo serem enormes e de que “durante muitos meses só se encontrariam desastres”.

Em 12 de dezembro, o chanceler alemão, Bethmann-Hollweg, num discurso no Reichstag, disse estar aberto a negociações com a Entente num país neutro. Três dias depois, os franceses lançaram um ataque massivo ao domínio alemão em torno de Verdun, fazendo a linha avançar quase para onde estava nove meses antes e capturando mais de 11 mil soldados alemães e 115 canhões pesados. Em triunfo, o novo comandante, general Nivelle, disse aos seus homens: “Posso garantir-lhes que a vitória é certa.” Um dos historiadores de Verdun, Alistair Horne, escreveu, com toda a verdade e um pouco de amargura, nascida de um profundo estudo: “Nenhum dos lados ‘venceu’ em Verdun. Foi uma batalha não decidida numa guerra não decidida, uma batalha desnecessária numa guerra desnecessária, uma batalha que não teve vencedores numa guerra que não teve vencedores.”

A guerra terminaria agora que os combatentes anteviam a possibilidade de negociações? Em 20 de dezembro, antes que a Entente respondesse à sugestão de Bethmann-Hollweg para negociações, o presidente Wilson pediu a cada país aliado que formulasse suas próprias condições de paz. “Será que o presidente não entendeu que apoiar a paz naquele momento consistia em apoiar o militarismo com todos os horrores que pressupunha?”, perguntou, mais tarde, o diplomata britânico lorde

Hardinge em retrospectiva. Uma frase na carta de Wilson, sobre os Estados Unidos “serem orgulhosos demais para combaterem”, foi considerada particularmente ofensiva entre aqueles que tinham lutado durante mais de dois anos. A resposta oficial britânica chegou no dia seguinte ao texto de Wilson e foi dada por Lloyd George, que se tornara primeiro-ministro doze dias antes. “Colocaremos toda a nossa confiança mais num Exército decidido do que numa fé debilitada”, declarou ele. Lloyd George tinha sido nomeado primeiro-ministro por aqueles que, nos dois principais partidos, acreditavam que ele era a pessoa mais indicada para prosseguir na guerra com vigor. Ele não iria desiludi-los. No dia seguinte, e respondendo diretamente a Lloyd George, o general Ludendorff pressionou os seus superiores para que se iniciasse imediatamente uma guerra submarina sem restrições.

Apesar da intervenção do presidente Wilson, a intensificação da guerra era uma perspectiva evidente. No dia em que Lloyd George rejeitou a nota americana, foi organizado na Grã-Bretanha um departamento para coordenar a chamada de mais homens ao serviço ativo. Para dirigir o novo departamento foi nomeado um político e empresário local, Neville Chamberlain, cujo primo e amigo, Norman, prestava serviço na frente ocidental.²

Enquanto se aproximava o Natal de 1916, e durante as festividades, houve abundantes indicações de que a guerra prosseguiria em todas as frentes. Na frente do Sinai, forças australianas e neozelandesas tinham obrigado os turcos a retrocederem até El Arish, a cerca de apenas trinta quilômetros da fronteira com a Palestina, ocupando a cidade no deserto em 21 de dezembro. Na Romênia, em 23 de dezembro, o exército de Falkenhayn fez 10 mil prisioneiros romenos: agora, a Alemanha podia conseguir os tão necessários alimentos vindos de um dos celeiros da Europa. A rejeição, por parte do czar, da nota de Wilson foi publicada na ordem do dia às suas forças armadas em 25 de dezembro. Dois dias depois, no mar Egeu, um submarino alemão afundou o couraçado francês *Gaulois*. Em 30 de dezembro, as potências da Entente rejeitaram formalmente a sugestão de Bethmann-Hollweg para negociações, considerando-as “vazias e pouco sinceras”. Três dias depois, o Kaiser disse aos seus colaboradores mais próximos que, quando a guerra terminasse, “a costa de Flandres deve ser nossa”.

As tréguas do Natal de 1914 eram uma coisa do passado. Tal confraternização não seria permitida na frente ocidental em 1916. Um jornal francês da linha de frente descreveu as atividades dos soldados imediatamente ao sul do Somme:

No dia de Natal, cerca de vinte dos nossos homens estavam apinhados numa vala asquerosa capturada aos alemães perto de Ablaincourt.

Tínhamos ido para lá 24 horas antes, para organizar aquele setor em particular. Nossos homens tinham percorrido cerca de quarenta quilômetros a pé e estado quatro horas sob o ar nauseabundo dos veículos a motor. Tinham trazido mantimentos para três dias, que se pensava que durariam até a noite de Natal. Na refeição da noite, contudo, comemos o que ficara no fundo das nossas mochilas... naquelas em que ainda havia qualquer coisa para comer. Nessa área do Somme, “coberta de lama, não havia água para beber. Esses dois corpos do Exército, os que socorrem e os socorridos, tiveram uma noite de Natal verdadeiramente infeliz e angustiante... Nesse terceiro Natal da guerra houve seguramente na frente milhares de esquadrões que não tiveram mais do que projéteis para ajudá-los a festejar o Natal.

Muitos tinham uma grande esperança em que o envolvimento do presidente Wilson trouxesse a paz. “Ao que parece, a guerra aproxima-se gradualmente do fim”, escreveu em seu diário, no último dia de 1916, Arthur Ruppin, alemão e sionista, na época em Constantinopla. “Provavelmente, levará algum tempo, mas o novo ano vai trazer-nos a paz.” Era uma quimera: apesar da matança, dos ferimentos, da captura de centenas de milhares de homens e da nota de Wilson, os exércitos continuavam crescendo. A guerra prosseguiria, depois de dois anos e cinco meses de chacinas. A capacidade da Rússia de fazer a guerra foi acrescida no último mês do ano, com a abertura da linha de trem Murmansk-Petrogrado. À medida que 1916 chegava ao fim, a Rússia tinha mais de 9 milhões de homens em armas. A Alemanha tinha 7 milhões. A Áustria, apesar de terem sido mortos 800 mil dos seus soldados e de 1 milhão terem ficado feridos, tinha quase 5 milhões.

O ano seguinte iniciou-se com uma perda no mar, quando um submarino alemão afundou o *Ivernia*, um navio britânico de transporte de tropas, ao largo do cabo Matapão, matando 121 soldados. Os homens estavam a caminho do Egito, onde fariam parte da força que rechaçava os turcos ao longo do deserto do Sinai em direção à Palestina. Nove dias depois, uma força britânica expulsou os turcos da cidade fronteiriça de Rafa e fez 1.600 prisioneiros. Toda a península do Sinai, até então um posto avançado do império otomano, estava agora sob controle britânico.

Nesse inverno, em Londres, Alex Aaronsohn, um palestino judeu nascido na Romênia, ofereceu seus serviços aos britânicos para tentar expulsar os turcos da Palestina. Sua família já tinha estabelecido uma rede de espionagem dentro da Palestina, que foi colocada a serviço dos britânicos. Seu conhecimento dos poços e fontes de água no deserto, entre Gaza e Berseba, seria um fator crucial na condução das forças britânicas quando chegasse a hora de avançar. Aaronsohn, cujos serviços

foram aceitos depois de uma entrevista aprofundada, voltou ao Cairo.

Além da Turquia, cujo principal território situava-se na Ásia, onze nações europeias estavam em guerra no início de 1917. O mais recente país a entrar na guerra tinha sido Portugal,³ cujas tropas iriam para a linha aliada na frente ocidental. O lado aliado era composto agora por russos, britânicos, franceses, italianos, japoneses, portugueses, sérvios (com um pequeno ponto de apoio no sul do país), belgas (da mesma forma numa pequena parte do seu solo) e romenos (que tinham sido expulsos de sua capital). As forças britânicas incluíam contingentes da Austrália, da Nova Zelândia, da Índia, da África do Sul, das Índias Ocidentais e do Canadá. Além dos turcos, as Potências Centrais incluíam a Alemanha, a Áustria-Hungria e a Bulgária.

As aspirações nacionalistas desempenhavam um papel cada vez mais importante na guerra. Na Arábia, a revolta árabe estava em crescimento, com oficiais britânicos, incluindo T. E. Lawrence, participando numa série de ataques às posições turcas perto de Iambo, no mar Vermelho, e três navios de guerra apoiando o líder árabe, o emir Faïçal, na captura de Wejh três semanas depois. Tchecos, eslovacos e poloneses desejavam também uma consolidação de suas aspirações nacionalistas, no caso do colapso da Áustria-Hungria. Muitos judeus esperavam que a derrota turca conduzisse a uma forma de autonomia judaica na Palestina. Nesse janeiro, um membro da rede de espionagem judaica conduzida pela família Aaronsohn dentro da Palestina, entrou em contato com uma patrulha militar australiana na fronteira do Sinai.

Apenas os Estados Unidos, entre as grandes potências, mantinham sua neutralidade, apesar de terem perdido muitas vidas de civis na guerra de submarinos alemã. “Não haverá guerra”, garantiu o presidente Wilson aos seus concidadãos em 4 de janeiro. “Seria um crime contra a civilização entrarmos na guerra.” Contudo, Wilson soube, por uma conversa entre seu embaixador em Berlim com o chanceler, dois dias depois, que a paz que o Kaiser oferecera no mês anterior não era o que parecia. Embora a Alemanha se preparasse para “retirar-se” da Bélgica, as “garantias” que mencionara em termos gerais eram claramente inaceitáveis quando vistas em detalhes: de acordo com o chanceler, a Alemanha exigia a ocupação permanente de Liège e Namur e de “outros fortes e guarnições por toda a Bélgica”, a “posse” das estradas de ferro e dos portos belgas e uma presença militar da Alemanha, não permitindo que a Bélgica possuísse Exército próprio.

O embaixador Gerard disse ao chanceler: “Não me parece que estão deixando muito aos belgas, exceto que o rei Albert terá o direito de residir em Bruxelas com uma guarda de honra.” “Não podemos permitir que a Bélgica seja um posto avançado da Grã-Bretanha”, respondeu o chanceler.

Todas as discussões sobre o futuro da Bélgica passariam a ser acadêmicas. O

Kaiser estava à beira de dar o passo que levaria os Estados Unidos a entrarem na guerra. Em 9 de janeiro, presidiu uma reunião do Conselho da Coroa em que a longamente debatida questão da guerra submarina sem restrições seria decidida. A primeira pessoa a falar foi o chefe do Estado-Maior da Marinha, almirante Holtzendorf, que garantiu ao Kaiser que, com a introdução da guerra irrestrita de submarinos, a Grã-Bretanha pediria a paz dentro de seis meses. O Kaiser perguntou ao almirante sobre o efeito de afundamentos de navios nos Estados Unidos: “Como oficial, dou minha palavra a Vossa Majestade que nenhum americano desembarcará no continente”, respondeu Holtzendorf. Hindenburg, que falou a seguir, citou o decréscimo de mantimentos e munições que se dirigiam aos Aliados como uma grande vantagem. Bethmann-Hollweg, que desde sempre fora um oponente da medida, advertiu que uma guerra irrestrita de submarinos levaria à entrada dos Estados Unidos no conflito, mas, perante a opinião contrária dos chefes do Estado-Maior do Exército e da Marinha, pediu que fosse retirada sua oposição.

O Kaiser não hesitou. A guerra submarina sem restrições, contra todos os navios, qualquer que fosse o pavilhão sob o qual navegasse ou a carga que transportasse, teria início “com a maior energia” em 1º de fevereiro. O objetivo da decisão, explicou o chefe dos submarinos alemães, comodoro Bauer, aos seus comandantes, era “obrigar a Grã-Bretanha a pedir a paz, o que decidiria toda a guerra”. Em janeiro de 1917, último mês em que as restrições estiveram em vigor, os submarinos alemães tinham afundado 51 navios britânicos, 63 de outros países aliados e 66 navios neutros, num total de mais de 300 mil toneladas, das quais um terço eram britânicas. Com os navios mercantes americanos como alvos aceitáveis, esses números podiam ter agora um incremento substancial.

Na Áustria, havia menos confiança numa vitória por meio da nova medida: em 12 de janeiro, em Viena, o conde Czernin disse ao Conselho de Ministros austríaco que era necessário tentar conseguir um compromisso de paz. Isso era tão urgente quanto manter a unidade do império dos Habsburgos, pois nesse dia foi divulgada uma declaração dos Aliados, em Roma, em que prometiam lutar pela libertação nacional de todos os povos submetidos dos domínios dos Habsburgos, principalmente poloneses, tchecos, eslovacos, eslovenos, croatas, sérvios e romenos. Um apelo do presidente Wilson, em 21 de janeiro, em seu State of the Nation Address [Discurso sobre o Estado da Nação], de que uma “Polônia unida” deveria emergir da guerra como Estado soberano, com acesso ao mar Báltico, teve o apoio público do czar russo na última semana de janeiro. Na tentativa de conseguir apoio para a luta militar, os captores da Polônia estavam dispostos a tornar-se seus libertadores. Num campo de prisioneiros no sul da Rússia, romenos que tinham sido capturados enquanto lutavam no Exército austríaco assinaram o compromisso de lutarem contra seus antigos amos.

Nesse mês de janeiro, na frente ocidental, o confronto entre os exércitos, apesar de não ter havido nenhuma ofensiva, foi uma luta contínua contra bombardeios, atiradores e lama. Em 12 de janeiro, o poeta Wilfred Owen estava entre os homens que avançaram para a linha a fim de passar quatro dias perto de Beaumont Hamel. Quatro dias depois, quando voltava ao alojamento de reserva do seu batalhão, escreveu à mãe: “Não encontro nenhuma desculpa para desiludi-la acerca desses quatro últimos dias. Sofri como se tivesse estado no sétimo inferno. Não estive na frente. Estive à frente dela. Estive defendendo um posto avançado; isto é, um ‘refúgio’ subterrâneo no meio da terra de ninguém.” No refúgio estavam 25 homens “amontoados”, explicou ele. “A água enchia-o até quarenta ou cinquenta centímetros, ficando apenas, digamos, 1,20 metro de ar. A entrada tinha explodido e sido bloqueada. Conseguimos manter a outra. Os alemães sabiam que estávamos ali e decidiram que não devíamos estar.”

Durante cinquenta horas, o refúgio de Owen esteve sob fogo de artilharia, por vezes intenso, por vezes intermitente. No domingo, segundo disse à mãe, “quase perdi o controle e deixei-me mergulhar na água que subia lentamente e já me chegava aos joelhos. Por volta das 6 horas, quando, creio, você estava indo à igreja, o fogo de artilharia tornou-se menos intenso e com menos precisão. Fui caridosamente ajudado a fazer meu dever e a rastejar, patinhar, subir e avançar com dificuldade pela terra de ninguém para visitar meu outro posto. Demorei meia hora para avançar 130 metros”. No pelotão à esquerda de Owen, “as sentinelas acima do refúgio ficaram reduzidas a nada”.

Uma sentinela que vigiava o refúgio de Owen foi também atingida por um projétil. Em seu poema “The Sentry” [“A sentinela”], Owen escreveu:

*... down the steep steps came thumping
And splashing in the flood, deluging muck
The sentry's body; then, his rifle, handles
Of old Boche bombs, and mud in ruck on ruck.
We dredged him up, for killed, until he whined
“O sir, my eyes... I'm blind... I'm blind, I'm blind!”
Coaxing, I held a flame against his lids
And said if he could see the least blurred light
He was not blind; in time he'd get all right.
“I can't,” he sobbed. Eyeballs, huge-bulged like squids',
Watch my dreams still; but I forgot him there
In posting next for duty, and sending a scout
To beg a stretcher somewhere, and floundering about
To other posts under the shrieking air.”⁴*

Enquanto a Alemanha se preparava para intensificar a guerra no mar, o recentemente nomeado ministro alemão das Relações Exteriores, dr. Alfred von Zimmermann, trabalhava num esquema segundo o qual, se a guerra submarina irrestrita levasse os Estados Unidos a entrarem na guerra, a Alemanha poderia conseguir o apoio e fazer uma aliança ativa com o México. Com o “generoso apoio econômico” da Alemanha, explicou num telegrama em código ao ministro alemão na Cidade do México em 19 de janeiro, o México poderia “reconquistar” os territórios que perdera setenta anos antes: Texas, Novo México e Arizona. A Alemanha e o México “fariam a guerra juntos, fariam a paz juntos”.

Em 23 de janeiro, enquanto o telegrama de Zimmermann era ainda um segredo, o embaixador da Alemanha em Washington, conde Bernsdorff, ainda com a esperança de que os Estados Unidos fossem mantidos fora da guerra, pediu a Berlim 50 mil dólares para influenciar individualmente membros do Congresso americano.⁵ Como resultado de uma hábil criptografia britânica, o telegrama foi decodificado em Londres dois dias antes de ser recebido em Berlim, mas em 3 de fevereiro, menos de duas semanas depois da tentativa de comprar a neutralidade americana, o submarino alemão U-53, numa das primeiras ações de guerra submarina irrestrita, afundou o cargueiro americano *Housatonic* ao largo das ilhas Scilly. Apesar de um navio britânico ter resgatado a tripulação, o carregamento de cereais perdeu-se. Em Berlim, Zimmermann disse, naquela noite, ao embaixador americano: “Está tudo bem. Os Estados Unidos não vão fazer nada, pois o presidente Wilson é a favor da paz e nada mais. Tudo será mantido como antes.”

Contudo, Zimmermann estava enganado. Nesse dia, o presidente Wilson anunciou ao Congresso que cortaria relações diplomáticas com a Alemanha. Não declarou guerra, mas pôs fim a dois anos e meio de diplomacia de guerra. As notícias sobre o corte de relações só chegaram a Berlim na manhã seguinte. Nesse momento, havia pouco mais de cem submarinos alemães prontos para entrar em ação e outros quarenta estavam sendo reparados. Cinquenta e um tinham sido afundados desde o início da guerra.

Em 3 de fevereiro, à medida que crescia a possibilidade da entrada dos Estados Unidos na guerra, a Força Expedicionária Portuguesa chegava à França. Eram mais 50 mil homens comprometidos na guerra de trincheiras e com a esperança de um grande avanço. No dia seguinte, contudo, num brilhante movimento de defesa, o Kaiser ordenou a retirada de tropas da frente ocidental para a recentemente fortificada linha Hindenburg, conhecida dos alemães como linha Siegfried. Ao remover suas tropas das muitas covas criadas durante a luta em 1916, a extensão de linha a ser defendida ficava reduzida em quarenta quilômetros, libertando treze divisões para prestar serviço na reserva.

Os alemães tinham sistematicamente devastado a área entre a antiga linha de frente e a linha Hindenburg, explodindo casas, incendiando fazendas, devastando

hortas, minando os poucos edifícios remanescentes e destruindo estradas, de modo a que os aliados não encontrassem mais do que ruínas inúteis. Quando o príncipe Rupprecht, herdeiro da Baviera, marechal de campo e comandante de um corpo do Exército protestou contra a extensão da devastação, foi contrariado por Ludendorff. Conforme os soldados aliados avançavam, sem oposição, ficavam também espantados com a escala de destruição. Na Câmara Municipal de Bapaume, dois vereadores franceses foram mortos quando o edifício, minado, foi pelos ares. Vários membros do Estado-Maior de uma divisão britânica sofreram o mesmo destino em outros locais da zona evacuada.

A Alemanha estava agora preparada para enfrentar os poderosos Estados Unidos, mas o perigo dessa entrada na guerra foi mitigado, pelo menos no que dizia respeito ao alto-comando germânico, pelas contínuas notícias da fraqueza militar dos russos e dos sentimentos antibelicistas atrás das linhas. Em 16 de fevereiro, o general Hoffmann anotou em seu diário: “Há notícias muito encorajadoras vindas do interior da Rússia. Parece que não conseguirá resistir além do outono.” Dez dias depois, pelo menos quinhentos russos protestaram nas ruas de Petrogrado contra a guerra. O adido militar britânico junto do Exército russo, coronel Knox, já tinha enviado para Londres uma estimativa da diminuição da capacidade militar russa. Tinha morrido mais de 1 milhão de homens. Mais 2 milhões estavam desaparecidos (que era o mesmo dizer que estavam mortos) ou eram prisioneiros de guerra. Mais de 500 mil estavam no hospital. Perto de 1,5 milhão estava com licença prolongada ou afastado de todo o serviço militar. Mais de 1 milhão de homens tinham desertado. “Esses homens viviam tranquilamente em suas aldeias, sem serem incomodados pelas autoridades; sua presença era ocultada pelas comunas locais, pois se beneficiavam com seu trabalho.” O número de soldados na frente e de homens disponíveis para serem chamados seria insuficiente para as exigências de 1917 se as baixas continuassem como antes.

Cerca de dois anos antes, os Aliados tinham prometido à Rússia a anexação de Constantinopla e dos estreitos quando a Turquia fosse derrotada. Em 12 de fevereiro, o governo russo procurou conseguir outra garantia secreta em relação à sua fronteira ocidental, tentando, para isso, dar liberdade à França em relação à sua fronteira com a Alemanha. Numa audiência com o czar, o embaixador francês em Petrogrado transmitiu o desejo francês de garantir à França “a restauração da Alsácia e da Lorena e uma posição especial no rio Sarre, bem como a consecução da separação política da Alemanha de seus distritos transrenanos e sua organização numa base separada, de modo que no futuro o rio Reno pudesse constituir uma fronteira estratégica e permanente contra uma invasão germânica”.

O czar demonstrou “prazer em concordar com o princípio”, reportou o embaixador para Paris e Londres, e, com a autoridade imperial a apoiá-lo, iniciaram-se conversações para um acordo, baseado na fórmula russa, que tinha sido

expressada quase um ano antes, de que “embora se permita à França e à Grã-Bretanha que delimitem as fronteiras ocidentais da Alemanha em total liberdade, esperamos que os Aliados, por seu lado, permitam igual liberdade na delimitação de nossas fronteiras com a Alemanha e a Áustria-Hungria”. Enquanto os exércitos e povos russos mergulhavam no caos, seus governantes ainda encaravam a possibilidade de conseguir vantagens territoriais de uma potência que estava à beira da vitória.

O acordo anglo-russo em relação à fronteira ocidental da Alemanha foi concluído em 14 de fevereiro. Nesse dia, o governo russo aceitou, no maior sigilo, que a Alsácia e a Lorena fossem “restituídas à França”. Ficou acordado que a fronteira da França com a Alemanha ficaria “à discrição do governo francês”, que a França adquiriria “todo o distrito carbonífero do vale do Sarre” e que as cidades e regiões alemãs a oeste do Reno seriam “inteiramente separadas da Alemanha, ficando libertas de qualquer dependência política e econômica”. Faltava apenas a delimitação das fronteiras russas no leste, cujas negociações continuaram em Petrogrado durante fevereiro e início de março.

Em 22 de fevereiro, no setor do Isonzo da frente italiana, uma explosão acidental de uma granada de morteiro feriu o sargento Mussolini em sua trincheira. Quatro homens que estavam com ele morreram. Mussolini passou seis meses no hospital, tendo-lhe sido retirados do corpo 44 fragmentos e estilhaços. Para estimular o moral nacional, o rei, a cuja monarquia Mussolini se opusera, visitou o patriótico editor no hospital. Quando teve alta,⁶ retornou não à frente, mas ao jornalismo e a cinco anos de uma caminhada para o fascismo e o poder.

Na frente de Salonica, os rigores do inverno tornavam impossível um avanço aliado além de Monastir, mas os alemães procuravam constantemente meios de levar a guerra para essa remota região. Em 27 de fevereiro, quinze aviões alemães, máquinas com três motores transportando cada uma quatro metralhadoras, causaram muitas baixas nas fileiras aliadas. Alguns soldados britânicos que ficaram feridos foram levados para um hospital que foi bombardeado cinco dias depois, sendo mortos em suas camas. Uma semana depois desse segundo bombardeio, bombardearam um terceiro hospital. Duas enfermeiras britânicas morreram.

A frente dos Bálcãs foi um importante centro de enfermagem britânico. Os britânicos tinham uma generalizada simpatia pelos sérvios e não era difícil conseguir voluntários. Além disso, o corpo médico do Exército britânico tinha providenciado mais de 6.500 camas para soldados sérvios. A sra. Harley, irmã do marechal de campo Sir John French, cuidava, junto com outros, da distribuição de alimentos para o Fundo Sérvio de Socorro em Monastir, mas foi morta devido a uma barragem de

artilharia.

Tendo cessado todas as restrições aos submarinos alemães, a morte no mar aumentou em quase todos os dias da guerra. Nas últimas semanas de janeiro, 350 marinheiros morreram afogados quando o cruzador mercante *Laurentic*, um antigo transatlântico, chocou-se com uma mina ao largo da costa da Irlanda. Em 15 de fevereiro, um navio de transporte de tropas que se dirigia a Salonica, o *Minas*, foi torpedeado pelo submarino alemão U-39. Dos mil soldados que seguiam a bordo, 870 morreram. Dois dias depois, o navio britânico antiminas *Farnborough* afundou o U-83. Houve apenas dois sobreviventes do submarino alemão. O comandante do navio britânico, Campbell, recebeu a Cruz Vitória. Em 24 de fevereiro, o navio de passageiros francês *Athos* foi torpedeado no Mediterrâneo.

Entre os homens que se afogaram no *Athos*, estavam 543 trabalhadores chineses, recrutados para fazerem parte de uma força de trabalho alargada na frente ocidental. As notícias do afundamento, ao chegarem à China, tiveram um efeito dissuasor no recrutamento, mas até o final da guerra haveria quase 100 mil chineses empregados em trabalhos domésticos em toda a zona de atuação dos exércitos. O governo francês permitiu que empresas particulares empregassem trabalhadores chineses em toda a França. Os contratos, assinados antes de saírem da China, obrigava-os a trabalhar dez horas por dia, sete dias por semana, com a “devida consideração” pelas festividades chinesas. Nem sempre essa consideração foi cumprida. Os trabalhadores recebiam de um a dois francos por dia. Suspeitava-se constantemente de alguma trapaça. Um correspondente do *Times* avisou que o trabalhador chinês “tem seus próprios truques e artimanhas. Como um chinês é indistinguível de outro chinês aos olhos dos ocidentais, há sempre o perigo de Ah Lung ficar com o pagamento de Weng Chow, que está na lista de doentes ou que já foi para a sua terra. Assim, foram recolhidas e registradas, sob supervisão da Scotland Yard, as impressões digitais de todos os cules”.

Apesar de os trabalhadores chineses terem sido excluídos do dever de combater e estarem trabalhando atrás das linhas, não estavam imunes ao perigo. Num ataque alemão a uma base do Exército britânico, em Dunquerque, oito chineses foram mortos e quinze ficaram feridos com uma única bomba. Depois de outros ataques na mesma área, um grupo de chineses empregados pelos franceses entrou em greve. Foram enviados guardas armados franceses para obrigá-los a voltar ao trabalho. Na luta que se seguiu, foram mortos dois chineses. Nas memórias de Lloyd George, há uma passagem acerca desses homens, cujas sepulturas, somando 1.612, estão por todo o norte da França, em mais de vinte cemitérios britânicos de guerra. “Por vezes, evidentemente, esses cules chineses ficavam sob bombardeios aéreos ou de longa distância”, escreveu Lloyd George.

Isso não os perturbava; ficavam muito menos nervosos sob fogo do que os auxiliares vindos das Índias Ocidentais, que também eram parte do corpo de trabalho. Porém, seu trabalho tendia a ficar desorganizado, pois, se havia vítimas mortais, todos abandonavam o trabalho para estarem presentes no enterro e nem ameaças nem lisonjas tinham qualquer efeito, e nem bombardeios nem a artilharia do inimigo faziam dispersar o cortejo, até que todas as cerimônias estivessem devidamente concluídas.

Os homens encarregados dos trabalhadores chineses recebiam um livro com frases escrito por um major inglês. As frases incluíam: “Menos conversa e mais trabalho”, “Essa tenda está imunda”, “Vocês são muito indisciplinados e, se não tiverem mais cuidado, serei obrigado a castigá-los” e “Essa latrina é reservada aos europeus e não pode ser usada por chineses”. O que podiam usar, em alguns casos, era uma espécie de molhe feito de pedaços de madeira e construído sobre um rio. A “latrina” era o espaço entre os pedaços de madeira.

Em 19 de fevereiro, um mês depois do envio, o telegrama de Zimmermann para os mexicanos a entrar na guerra contra os Estados Unidos e a “recapturar” o Texas, o Arizona e o Novo México foi decodificado em Londres e imediatamente transmitido ao governo americano. A primeira reação do diplomata americano a quem o telegrama foi mostrado em Londres foi: “E por que não Illinois e Nova York, já que estão ali?”

O telegrama de Zimmermann foi publicado nos Estados Unidos em 1º de março. Os americanos alarmados com a perspectiva de guerra consideraram que o telegrama era uma fraude, mas, dois dias depois, Zimmermann anunciou que era genuíno. Tinha sido colocado mais um prego no caixão da neutralidade americana.

A guerra dos Aliados contra os turcos, que tivera um grave revés um ano antes com a evacuação de Galípoli e de toda a encosta de Kut, ganhou ímpeto em várias frentes nos primeiros meses de 1917. Na Mesopotâmia, tropas britânicas e indianas, novamente num avanço decidido rio acima, chegaram a Kut em 24 de fevereiro, fazendo prisioneiros 1.730 turcos. Tinham passado dez meses desde que cerca de 12 mil soldados britânicos e indianos tinham sido capturados ali e enviados na direção norte numa marcha cruel.

Na Pérsia, forças turcas foram repelidas de Hamadã para Kermanshah. Na Arábia, na estrada de ferro de Hedjaz, foi feito o primeiro ataque sério à via, em Toweira, por cinquenta árabes comandados pelo oficial britânico e capitão Garland. Nas costas da Palestina, um veleiro da Marinha britânica, o *Managam*, levou dinheiro para a rede de espionagem judaica que trabalhava para a Grã-Bretanha e entregou-o no porto dos cruzados, Atlit. Na fronteira Sinai-Palestina, tropas britânicas ocuparam

dois postos fronteiriços turcos, em Nakhl e Bir-el-Hassana. O objetivo aliado, naquele ano, era expulsar os turcos de Jerusalém. Três dias após as tropas britânicas na Mesopotâmia ocuparem Ctesifonte, onde os britânicos tinham sido derrotados um ano antes, levando-as mais uma vez até menos de quarenta quilômetros de Bagdá, a orientalista britânica Gertrude Bell comentou: “É o fim do sonho germânico de dominar o Oriente Médio. Não terão um lugar ao sol.” No dia seguinte à carta ter sido escrita, os turcos começaram a evacuar Bagdá: 9.500 soldados turcos saíram enquanto se aproximavam 45 mil soldados britânicos e indianos.

À medida que os turcos abandonavam Bagdá, os alemães explodiam a estação de rádio antes de partir. Porém, sete aviões, ainda em suas caixas, ficaram intactos, à espera do conquistador. Depois de terem marchado mais de 160 quilômetros em quinze dias, as forças britânicas entraram na cidade em 11 de março. “Para as tropas britânicas, que não conhecem o terreno, foi uma recepção que os deixou desorientados”, escreveu um historiador.

Persas vestidos de São José, em longos mantos de seda de muitas cores; judeus orientais, de feição vermelha com roupas europeias mal combinadas; elegantes refugiados armênios que tinham passado a noite acotovelados em igrejas cristãs, com receio de seu destino se qualquer turco em fuga soubesse de sua existência; e muçulmanos de turbante, com ar senhorial, em largas roupas negras, foram aplaudi-los enquanto entravam lentamente pelo portão sul da cidade. Era um espetáculo de gala, uma festa, algo que não tinha acontecido quando os homens de Townshend tinham passado, cambaleantes, nas mesmas ruas.⁷

Esses homens ainda estavam cativos na Anatólia, longe demais, ao norte.

Por trás das linhas, era mantida a severidade da ocupação. Os 700 mil belgas que tinham sido deportados para a Alemanha estavam trabalhando em fazendas e fábricas. Na Sérvia, uma rebelião perto de Niš foi reprimida por tropas austríacas e búlgaras com grande brutalidade, tendo sido executados mais de 2 mil sérvios. A propaganda antibelicista também se difundia, não só na Rússia, mas também na França, onde, no final de fevereiro, o general Nivelle disse às autoridades que a propaganda pacifista estava chegando aos soldados.

As condições da guerra de trincheiras também eram desmoralizadoras. Em 26 de março, um jornal escrito e produzido por soldados franceses na frente ocidental comentou, referindo-se à lama, que se tornara uma maldição para o sistema de trincheiras:

À noite, arrastando-se pela cratera formada por um projétil e enchendo-a, a

lama observa, como um enorme polvo. Chega a vítima. Deita-lhe sua baba venenosa, cega-a, aperta-a, enterra-a. Mais um disparo, mais um que se foi... Os homens morrem da lama, como morrem de balas, mas é mais horrível. A lama é onde os homens se afundam e, o que é pior, onde se afundam suas almas, mas onde estão os jornalistas mercenários que escrevem artigos tão heroicos quando a lama é tão funda? A lama esconde os galões das divisas. Há apenas pobres bestas que sofrem. Vejam, ali, manchas vermelhas num mar de lama, sangue de um homem ferido. O inferno não é o fogo, isso não seria o máximo do sofrimento. O inferno é a lama!

Na frente oriental, tornava-se quase impossível aos oficiais russos manter a disciplina militar. No começo da manhã de 17 de fevereiro, na linha de frente, esquadrões de cavalaria receberam munições e ordens para se dirigir ao quartel-general da cavalaria, a certa distância atrás da linha. Não foram informados sobre o propósito dessa manobra. “Em breve tudo se tornaria claro”, recordou mais tarde um deles, Georgi Zhukov. “Da esquina de uma rua, apareceu uma manifestação com bandeiras vermelhas. Esporeando seu animal, o comandante de nosso esquadrão, seguido por outros comandantes de esquadrão, galopou em direção ao quartel-general do regimento, do qual emergiu um grupo de oficiais e trabalhadores fabris.”

Um “soldado de cavalaria alto” dirigiu-se então à assembleia de soldados, dizendo-lhes que a classe trabalhadora, os camponeses e os soldados já não reconheciam o czar. “O povo russo quer que se ponha fim à chacina de uma guerra imperialista. O povo quer paz, terra e liberdade”, disse ele. O cavaleiro terminou seu breve discurso com um incitamento ao fim do czarismo e ao fim da guerra. “Apesar de não haver um comando, os soldados sabiam o que deviam fazer”, escreveu Zhukov. “Aos gritos de vivas, incorporaram-se na manifestação.”

Por toda a frente oriental, os bolcheviques faziam apelos aos soldados para que não lutassem e para que se juntassem aos comitê de soldados para manter e propagar exigências revolucionárias. Da frente, a agitação alastrou-se às cidades e à capital. Em Petrogrado houve uma greve, em 3 de março, na fábrica de munições de Putilov, o principal fornecedor de armas e munições. Nessa noite, como recordou a filha do embaixador britânico, Meriel Buchanan, “uma padaria no bairro mais pobre da cidade foi saqueada e a primeira guarda de cossacos patrulhou a Niévski”. Nos três dias seguintes, nas ruas, houve tumultos de cidadãos que exigiam pão. Em 8 de março, calcula-se que 90 mil trabalhadores de fábricas estavam em greve. Nesse dia, em Mogilev, o czar escreveu à sua mulher dizendo-lhe que estava com muitas saudades de sua meia hora de jogo de paciência todas as noites e acrescentou: “Vou voltar a jogar dominó no meu tempo livre.” Em seu diário, escreveu: “Em todo o meu tempo livre leio um livro francês sobre a conquista da Gália por Júlio César.”

Mais ainda do que o Kaiser, o czar isolou-se dos costumes e mudanças do seu país. Em 10 de março, por ter começado uma greve geral na Rússia, foi decretada a lei marcial em Petrogrado.

Os Estados Unidos ainda não estavam em guerra e a Rússia encontrava-se em grande agitação: era um momento de crise para os Aliados. Porém, por quanto tempo mais os Estados Unidos poderiam manter-se neutros? Essa era a pergunta que todos faziam. Outro sério desafio a essa neutralidade viera em 25 de fevereiro, quando um submarino alemão afundou o navio de passageiros *Laconia*, da companhia Cunard, ao largo do rochedo Fastnet. Morreram afogados doze passageiros, entre eles quatro americanos. Contudo, a reação do governo americano não foi muito rápida nem decisiva. Em 5 de março, enquanto a bandeira vermelha da revolução era hasteada nas ruas de Petrogrado, Woodrow Wilson disse ao Congresso norte-americano: “Nós nos manteremos firmes na neutralidade armada.” O afundamento do navio a vapor americano *Algonquin*, uma semana mais tarde, torpedeado sem aviso, seguido por mais três afundamentos em quatro dias, constituiu mais uma provocação, mas não levou a qualquer declaração de guerra.

Em 10 de março, em Petrogrado, o poder da Duma, até então o fraco, mas autoritário Parlamento da Rússia, foi desafiado pelos representantes do Soviete de Trabalhadores, Soldados e Camponeses de Petrogrado. Conduzido pelo príncipe Tsereteli, membro do Partido Menchevique, o soviete sustentava sua autoridade no voto popular e no desagrado popular com a guerra. No entanto, apesar da existência de autoridades rivais, tanto na Duma como no Soviete de Petrogrado, o czar, a partir de seu quartel-general militar perto da frente, em Mogilev, a setecentos quilômetros da capital, ainda tentava conduzir seus deveres de soberano e defender os interesses nacionais do seu país. Em 11 de março, autorizou a fase final do acordo franco-russo sobre o futuro das fronteiras da Europa. Quase um mês antes, a Rússia havia concordado em praticamente outorgar total liberdade à França no ocidente. Agora, em 11 de março, depois de novas negociações em Petrogrado e em Paris, os franceses concordavam, no maior sigilo, em reconhecer “a completa liberdade da Rússia em estabelecer suas fronteiras ocidentais”.

No entanto, essa “liberdade” teve curta duração. Em 12 de março, enquanto o czar deixava Mogilev para dirigir-se à capital, os soldados da guarnição de Petrogrado, 17 mil homens, somavam-se à população nas ruas da capital. Houve lutas nas ruas quando soldados leais ao czar, juntamente com a polícia, tentaram manter a ordem, mas em clara minoria. Às 11h, foram incendiados os tribunais de justiça da praça Liteiny e, depois, foram atacadas e incendiadas estações de polícia por toda a cidade. Começara a primeira Revolução Russa.⁸ A luta no interior da Rússia intensificou-se. Ao dirigir-se para seu navio, em 13 de março, o comandante do cruzador russo

Aurora, que estava em reparo em Petrogrado, foi assassinado por marinheiros revolucionários. Nesse mesmo dia, na base naval da ilha de Kronstadt, nos arredores da capital, marinheiros amotinados assassinaram quarenta oficiais e sargentos e detiveram mais de cem oficiais. No dia seguinte, quando o trem do czar se aproximava da capital, foi parado em Pskov por ordem dos revolucionários. Nesse dia, o Soviete de Petrogrado emitiu a sua Ordem nº 1, declarando que todas as armas deveriam ser controladas por comitês eleitos e que, fora de serviço, estava abolida a continência a oficiais. A filha do embaixador britânico reportou uma conversa entre dois soldados nesse dia: “O que nós queremos é uma república.” “Sim, uma república, mas devemos ter um bom czar para dirigi-la!”

O czar ainda estava em seu trem em 15 de março, incapaz de chegar à capital. Como as principais estações a caminho da capital estavam ocupadas por tropas revolucionárias, tinha sido obrigado a fazer um desvio para Pskov. Nessa manhã, em Mogilev, o comandante-chefe, general Alexeiev, incitou todos os comandantes, por telegrama, a se juntarem a ele num apelo para que o czar abdicasse. Foi apoiado pelo general Ruzsky, comandante da frente norte, que estava com o czar em Pskov e que insistia em que apenas a abdicação poderia evitar a anarquia. À medida que chegavam a Alexeiev respostas por telégrafo, ficava claro que o Exército não manteria o czar no poder. O general Brusilov foi enfático quanto ao fato de que apenas a abdicação poderia salvar tanto a monarquia como a possibilidade de continuar na guerra. Até mesmo o general Sakharov, um firme monárquico, que comandava a frente da Romênia, era a favor da abdicação como único meio de persuadir os soldados a continuarem a lutar. O mesmo sucedeu com o vice-rei do Cáucaso, o antigo comandante-chefe e grão-duque Nicolau, tio do czar. Por volta das 14h30, Alexeiev pôde enviar todas as respostas telegráficas ao general Ruzsky, em Pskov.

Levando todos os telegramas, o general Ruzsky procurou o czar. Pouco tempo depois, o czar cedeu a tantos protestos. A participação de seu tio na unanimidade teve um peso particular para ele. Sem mais discussões, telegrafou a Alexeiev: “Em nome do bem-estar, da tranquilidade e da salvação da minha bem-amada Rússia, estou pronto a abdicar do trono em favor do meu filho. Peço a todos que o sirvam com fidelidade.”

A guerra reclamara o primeiro monarca aliado. O sistema imperial, que durara trezentos anos e a que presidira um czar, acabara.⁹ A antiga pompa e circunstância, a classe sobrevivente e a estrutura de poder do império russo tinham chegado ao fim. Os tratados secretos que o czar tinha aprovado e os territórios que adquirira ou que esperava adquirir, fosse dos turcos, dos alemães ou dos austríacos, já não eram válidos.

A Duma mudou-se para o palácio Tauride, onde formou um governo provisório. A ele se opunha o Soviete de Petrogrado, que se mantinha em sessão. Em Zurique,

na tarde de 16 de março, a calma do escritório de Lênin foi interrompida quando um amigo e Livros correu até ele agitando um jornal e declarou: “Não sabe da novidade? Há uma revolução na Rússia!” Porém, em Petrogrado, o presidente da Duma, Mikhail Rodzianko, disse ao adido militar britânico: “Meu caro Knox, fique tranquilo. Está tudo bem. A Rússia é um grande país e pode participar numa guerra e lidar com uma revolução ao mesmo tempo.”

As restrições políticas ao czarismo foram removidas pelo governo provisório, cuja autoridade estava acrescida. Foi garantida uma anistia aos prisioneiros políticos, que foram libertados do exílio na Sibéria. Contudo, para desapontamento de muitos soldados e marinheiros, o governo provisório anunciou que a Rússia continuaria na guerra. Lênin denunciou imediatamente essa decisão, e o próprio governo provisório, criando o slogan: “Todo o poder aos soviets!”

Dois centros de poder rivais atuavam agora na capital da Rússia. À frente do governo provisório, o novo primeiro-ministro da Rússia, príncipe Lvov, defendia uma participação ativa na guerra. Em contraste, o Soviete de Petrogrado nomeou comissários políticos para todas as unidades militares, com a principal tarefa de convencer os soldados a não lutarem. As forças revolucionárias eram fortes e tinham liberdade: em 17 de março, o comandante-chefe da Marinha russa, almirante Nepenin, que tinha acabado de demitir-se, foi assassinado por um marinheiro. A febre antibelicista era intensa. Mesmo assim, o ministro das Relações Exteriores, Paul Miliukov, numa declaração feita no dia seguinte, anunciou ao mundo que a Rússia se manteria ao lado dos seus aliados. “Lutará contra um inimigo comum até o fim, sem descanso e sem hesitações.” O antigo czar, tendo retornado ao seu quartel-general em Mogilev em 20 de março, disse às tropas que deviam ser leais ao governo provisório e leais, também, à determinação de continuar a guerra.

Nesse março, enquanto a Rússia mergulhava numa agitação política, nas frentes de guerra defrontavam-se exércitos incapazes de conseguir uma vantagem decisiva. Os alemães tinham saído do Somme sem perderem sua nova linha defensiva. No ar, o piloto canadense Billy Bishop abateu o primeiro de 72 aviões alemães que garantiria ter derrubado sobre a frente ocidental. Na frente de Salonica, os búlgaros, usando pela primeira vez granadas de gás, não conseguiram penetrar nas posições aliadas. Na Mesopotâmia, o Exército britânico avançou para além de Bagdá com o propósito de capturar Baquba, cerca de sessenta quilômetros a nordeste, enquanto seu comandante, o general Maude, prometia aos Aliados promover a liberdade árabe. Junto à fronteira da Palestina, os britânicos atacaram as posições turcas em Gaza, mas, apesar de estarem numa proporção de dois para um em relação aos turcos, não conseguiram penetrar na cidade. Durante a batalha, um avião de reconhecimento alemão foi uma ajuda crucial para os defensores turcos.

No mar, 296 marinheiros franceses morreram afogados em 19 de março quando o U-64 afundou o couraçado *Danton* ao largo da Sardenha. Dois dias depois, o petroleiro americano *Healdton* foi afundado por um submarino alemão quando se encontrava numa “zona de segurança” especialmente declarada, em águas holandesas. Morreram vinte membros da tripulação, sendo todos americanos. O presidente Wilson convocou uma reunião do Congresso para 2 de abril. Oito dias antes, o alto-comando conjunto alemão e austríaco concordara em providenciar transporte por trem a Lênin e a um grupo de 32 bolcheviques que estavam com ele na Suíça, para voltarem à Rússia, sabendo que seriam uma força importante para a agitação civil e para que a Rússia saísse da guerra. Em 27 de março, o Soviete de Petrogrado pediu a todos os povos que exigissem o fim da guerra. Quatro dias depois, Lênin concordou em retornar à Rússia por via férrea, mas através da Alemanha. Sabia, ou receava, que se viajasse pelos territórios das potências aliadas, seguindo de trem através da França e depois por navio pelo mar da Bretanha até o norte da Rússia, poderia ser detido numa tentativa de garantir que a Rússia continuasse na guerra.

As tropas russas ainda lutavam. Em 2 de abril, duas unidades russas que vinham da Pérsia e unidades britânicas que avançavam de Baquba juntaram forças na cidade de Kizil Rabat, na Mesopotâmia. Porém, no dia seguinte, na frente oriental, os alemães fizeram 10 mil prisioneiros russos. Os Estados Unidos ainda não estavam em guerra, mas, em 1º de abril, perto de Brest, o vapor armado americano *Aztec* foi torpedeado e morreram 28 membros da tripulação. “O mundo deve ser um local seguro para a democracia”, declarou o presidente Wilson no dia seguinte. Já havia 533 graduados de Harvard entre os milhares de americanos que prestavam serviço como voluntários nos exércitos aliados ou que trabalhavam em hospitais ou ambulâncias atrás das linhas: até então, 27 americanos tinham sido mortos em ação.

Em 1º de abril, o 4º Exército Britânico capturou a floresta de Savy, a apenas seis quilômetros de Saint-Quentin, cujo pináculo da catedral podia ser visto da nova linha de trincheiras da frente. Entre os soldados em ação naquele dia estava o poeta Wilfred Owen, que conduziu seu pelotão através da barragem de artilharia até as trincheiras alemãs apenas para verificar que os alemães tinham realizado uma retirada. Severamente abalado pelo bombardeio, adormeceu num aterro da via férrea e foi lançado ao ar por um projétil. “Salvou-se por pouco, pois parece que restos desmembrados de outro oficial serviram como escudo”, comentou um dos seus biógrafos. “Quando voltou à base, as pessoas notaram que estava trêmulo e confuso e que balbuciava. Parece que sua coragem foi posta em causa pelo oficial no comando, que o teria chamado de covarde.”¹⁰

Apesar do ceticismo do oficial no comando, um médico diagnosticou um caso de trauma de guerra e Owen foi enviado para um hospital em Étretat. Dali, enviou para

casa um cartão-postal que mostrava as falésias perto da cidade: “Esse é o paraíso em que estou agora, o Hospital Geral nº 1. O médico, os ordenanças e as freiras são todos americanos e, estranhamente, de Nova York! *Terei* permissão para passear de barco e até mesmo para tomar banho.” De volta à Grã-Bretanha, Owen foi enviado ao Hospital de Guerra Craiglockhart para Oficiais Neurastênicos, sobre cujos internados escreveu mais tarde:

*These are men whose minds the Dead have ravished.
Memory fingers in their hair of murders,
Multitudinous murders they once witnessed.*¹¹

Woodrow Wilson parecia querer encontrar uma forma de acabar com esses assassinatos, mas o governo alemão menosprezava sua iniciativa. As autoridades alemãs estavam confiantes em que tinham um amplo apoio popular. De sua casa em Berlim, Albert Einstein escreveu a um amigo na Holanda, em 3 de abril, acerca do nacionalismo extremo dos jovens cientistas e professores em torno dele. “Estou convencido de que estamos lidando com uma espécie de epidemia da mente. Se não for assim, não consigo compreender como homens inteiramente decentes em sua conduta pessoal podem adotar pontos de vista tão antiéticos em assuntos gerais. Pode ser comparado ao que acontecia nos tempos dos mártires, dos cruzados e da queima de bruxas.”

A guerra submarina irrestrita estava sendo levada a cabo havia dois meses. Em 4 de abril, o Senado dos Estados Unidos votou a favor da guerra, por 82 votos contra 6. Dois dias depois, a Câmara dos Representantes também votou a favor da guerra, por 373 votos contra 50. Nesse dia, 6 de abril, os Estados Unidos declararam guerra à Alemanha. Não havia dúvidas sobre o potencial impacto da presença de tropas americanas no campo de batalha. Pelo menos 1 milhão de homens, e em devido tempo 3 milhões, começariam o treinamento nos Estados Unidos, mas era claro que ainda teria de decorrer um longo período de tempo, pelo menos um ano, talvez mais, antes que estivesse instalado o vasto aparato de recrutamento, treinamento, transporte para o outro lado do Atlântico e abastecimentos quando estivessem na França. O Exército americano era reduzido e sua experiência militar limitava-se a expedições punitivas ao México.

A tarefa de criar um exército que combateria na Europa começou com lentidão. Somente um mês depois da declaração de guerra dos Estados Unidos à Alemanha o antigo comandante da expedição ao México, general John J. Pershing, então estacionado no Texas, recebeu um telegrama um tanto críptico do sogro, um senador dos Estados Unidos: “Mande-me hoje um telegrama e diga-me se sabe falar, ler e escrever em francês.” Antes mesmo que pudesse responder que falava francês “de forma bastante fluente”, tinha sido atribuído a Pershing o comando das forças

americanas que seriam enviadas à França.

Em abril, os presságios para a Alemanha e a Áustria não foram favoráveis. Lentamente, os Estados Unidos se tornariam um beligerante ativo. A Rússia, apesar de contínuas detenções e frequentes assassinatos de oficiais por seus próprios homens, ainda estava na guerra. As potências aliadas tinham agora vantagem sobre as Potências Centrais em número de homens e em recursos. Contudo, a Alemanha e a Áustria tinham a vantagem geográfica das “linhas internas” de comunicação. Ferrovias, estradas e redes fluviais ligavam seus exércitos, fábricas e capitais numa massa continental compacta. A ligação entre Nova York e Londres, e entre a Grã-Bretanha, a França e suas provisões essenciais do ultramar, como matérias-primas e alimentos, podia, e era, dificultada por ataques de submarinos. As ligações entre Berlim, Viena, Budapeste e Belgrado não podiam ser prejudicadas com eficácia.

O sentimento de indignação moral dos Aliados foi estimulado em 8 de abril, quando o vapor britânico *Torrington* foi afundado ao largo da Sicília pelo submarino alemão U-55, que não só destruiu uma baleeira, matando seus catorze passageiros, como submergiu deliberadamente enquanto vinte passageiros do vapor subiam para o casco do submarino: todos morreram afogados.

Nesse dia, numa movimentação destinada a destruir um dos pilares da aliança, Lênin e 32 colegas bolcheviques iniciaram sua viagem a partir de Zurique, num trem especial que seguiria através da Alemanha e da Suécia e depois por barco pelo golfo da Bótnia até a Rússia. O Kaiser, quando foi informado sobre esse estratagema, aprovou-o. Seu homólogo austríaco, o jovem imperador Karl, advertiu-o, contudo, para o fato de que uma revolução bolchevique bem-sucedida poderia ser perigosa para todas as monarquias, cinco das quais já tinham sido “destronadas na guerra”.¹²

Lênin chegou a Petrogrado em 16 de abril, graças às facilidades proporcionadas pelos alemães. Seu primeiro discurso, na estação de trem Finlândia, em Petrogrado, conteve uma frase ominosa para a Alemanha: “Não está longe o momento em que, perante a incitação de Karl Liebknecht, o povo alemão voltará suas armas contra os exploradores capitalistas.”

Na frente ocidental, uma nova ofensiva aliada era iminente. Em 5 de abril, durante um ataque às linhas alemãs, Leefe Robinson, que tinha abatido o dirigível sobre a Grã-Bretanha em setembro e que por isso tinha ganhado a Cruz Vitória, foi atingido e feito prisioneiro. Robinson passaria o resto da guerra em cativeiro, tendo sido infrutíferas suas várias tentativas de fuga. Sua proeza, que lhe dera uma medalha, não provocou simpatia em seus captores. “Os boches atormentavam-no, incomodavam-no e intimidavam-no de todas as formas possíveis”, recordou outro

prisioneiro. Aqueles que tentavam fugir eram particularmente maltratados, e Robinson, a quem um dos comandantes do campo se referia com desprezo como o “Richthofen inglês”, foi frequentemente castigado e humilhado.

Os soldados britânicos esperavam uma nova ofensiva na frente ocidental, mas não o revelavam em sua correspondência. Numa carta para um amigo, em 8 de abril, o poeta e pintor inglês Isaac Rosenberg escreveu:

Há bastante tempo não estamos em perigo, ao menos de fogo de artilharia, apesar de estarmos muito perto de terríveis combates. Porém, no que diz respeito a casas ou sinais de vida humana normal, poderíamos estar no deserto do Saara. Penso que poderia escrever sobre detalhes medonhos, se quisesse contar o que vi, como homens mortos enterrados a voar de suas sepulturas e mais, mas vou poupá-lo.

Em 9 de abril, uma segunda-feira de Páscoa, as forças britânicas e canadenses desencadearam ofensivas simultâneas em Arras e na colina de Vimy. Na luta aérea preparatória, em que por cinco dias os pilotos britânicos tentaram limpar os ares para os trabalhos de reconhecimento, foram abatidos 75 aviões britânicos e morreram dezenove pilotos. Os primeiros assaltos britânicos na manhã de 9 de abril tiveram sucesso. A linha Hindenburg foi penetrada e foram feitos 5.600 prisioneiros alemães: praticamente todo o sistema de trincheiras alemão da linha de frente foi invadido em 45 minutos e a segunda linha, em duas horas. Ao cair da noite, até mesmo parte da terceira linha estava sob controle britânico. Os canadenses também tiveram êxito nas primeiras horas, tendo feito 4 mil prisioneiros.

Parte do sucesso deveu-se a um novo recurso de artilharia, a “barragem rasante” ou, como mais tarde foi chamada, “barragem de fogo móvel”, por meio da qual os alvos da artilharia avançavam firme e sistematicamente enquanto a Infantaria seguia pouco atrás, tirando vantagem do efeito da artilharia, surpreendendo os defensores e despedaçando as defesas. A barragem de fogo móvel em Arras foi planejada e executada pelo major da brigada, Alan Brooke.¹³

A terceira linha alemã, contudo, muito mais fortificada do que a linha anterior, resistiu aos repetidos assaltos contra ela, mesmo que partes tenham sido tomadas. Conforme o dia decorria, tanques britânicos, que deveriam ir à frente da Infantaria, atrasaram-se devido a falhas mecânicas e ficaram atolados na lama. Canhões puxados por cavalos tinham dificuldade em atravessar as trincheiras alemãs capturadas, o que constituiu um obstáculo inesperado e prejudicial para os artilheiros, que nunca tinham precisado transportar suas armas para além da linha de frente. Contudo, o termo “sucesso” não significava que o sofrimento dos vencedores fosse menor do que as dificuldades dos vencidos, quer nesse ataque, quer em

qualquer outro. Entre os canadenses mortos em 9 de abril, estava o soldado Earl Hembroff, que em outubro tinha servido na ambulância de campanha do Canadá no Somme. Nessa ocasião, ele escreveu em seu diário: “Não há muitos ratos e o Fritz está ocupado demais para lançar gás.” Quem também morreu nesse primeiro dia da batalha em Arras foi o poeta britânico Edward Thomas, que tanto gostava dos campos da Inglaterra:

*This ploughman dead in battle slept out of doors
Many a frozen night, and merrily
Answered staid drinkers, good bedmen, and all bores:
“At Mrs. Greenland’s Hawthorn Bush,” said he,
“I slept.” None knew which bush. Above the town,
Beyond “The Drover”, a hundred spot the down
In Wiltshire. And where now at last he sleeps
More sound in France that, too, he secret keeps.*¹⁴

Outro soldado inglês morto em 9 de abril foi R. E. Vernede, um londrino de 41 anos. Depois de ter ficado ferido no Somme em 1916, tinha recusado um trabalho no Ministério da Guerra para poder retornar à frente. Foi morto pelo fogo de uma metralhadora enquanto comandava seu batalhão no bosque de Havrincourt. Em seu poema “A Listening Post” [“Um local de escuta”] expressara a sua confiança na retidão da causa aliada.

*And yonder rifleman and I
Wait here behind the misty trees
To shoot the first man that goes by
Our rifles ready on our knees

How could he know that if we fail
The world may lie in chains for years
And England be a bygone tale
And right be wrong, and laughter tears?*¹⁵

Na noite de 9 de abril, as forças atacantes tentaram dormir sob um inesperado frio, com queda de neve, que matou pelo menos um homem. Em 10 de abril, o ataque prosseguiu, sendo mais urgente para o comandante, o general Allenby, que soubera que estavam sendo trazidos substanciais reforços alemães. Na segunda noite da batalha, Allenby sentiu-se tão confiante em que conseguiria fazer uma incursão que enviou uma mensagem aos seus comandantes: “Todas as tropas devem compreender

que o 3º Exército está em perseguição de um inimigo derrotado e que todos os riscos devem ser corridos.” O mais recente biógrafo de Allenby, Lawrence James, comentou: “Quando foi transmitida aos homens na frente, a mensagem foi recebida com incredulidade.”

Um sentimento de vitória iminente persistiu mesmo no dia seguinte, quando, por insistência de Haig, a cavalaria recebeu ordens para penetrar no que parecia ser uma brecha cada vez maior nas linhas alemãs. À medida que homens e cavalos avançavam rapidamente sob uma tempestade de neve, cantavam a canção dos remadores de Eton, “Jolly Boating Weather” [“Que tempo bom para passear de barco”]. Contudo, tiveram de parar, como escreveu mais tarde Allenby, e recuar “devido ao arame farpado e ao fogo de metralhadoras”.

No terceiro dia de batalha, em 11 de abril, Allenby capturou um de seus objetivos do primeiro dia, a aldeia de Monchy-le-Preux. Porém, como as tempestades de neve se tornavam mais frequentes, os primeiros reforços alemães chegaram ao campo de batalha. Após três dias consecutivos em ação, muitos atacantes estavam no limite de sua resistência. Allenby foi avisado por um oficial da linha de frente de que os homens “sofriam com o frio e estavam esgotados”. Haig recomendou cautela e disse a Allenby que o tempo para “grandes riscos” tinha passado, que mais ataques de Infantaria levariam apenas a desnecessárias perdas de vida e que “devemos tentar substituir projéteis, tanto quanto possível, por homens”. Allenby tentou mais um assalto de Infantaria, tendo mandado avançar um batalhão de escoceses para um ponto onde foram acidentalmente atingidos, mas de forma severa, por uma barragem rasante britânica e depois por metralhadoras alemãs cuidadosamente instaladas.

Em 14 de abril, num ato de heroísmo amplamente divulgado, os homens do Regimento da Terra Nova, tendo perdido 485 colegas, mortos ou gravemente feridos, defenderam Monchy-le-Preux durante cinco horas contra uma divisão alemã até a chegada de reforços. Na colina de Vimy, os canadenses tinham penetrado mais de quatro quilômetros na linha alemã e feito 4 mil prisioneiros alemães, mas à custa da morte de 3.589 dos seus homens e mais de 7 mil feridos. Nesse dia, três generais britânicos desafiaram a tradição do Exército ao protestarem diretamente junto a Haig contra o aumento das baixas. Allenby argumentou que as tropas tinham passado tempo demais nas trincheiras e esquecido como se comportar numa guerra de movimento por campo aberto. Em 15 de abril, Haig ordenou a cessação da ofensiva. Pelos padrões da frente ocidental, Allenby podia considerar-se um vencedor. Tinha-se conseguido abrir uma brecha de mais de seis quilômetros ao longo de dezesseis quilômetros da linha de frente alemã.

Num cemitério dos subúrbios de Arras, um memorial nacional britânico lista os nomes de 35.928 soldados mortos no campo de batalha, mas que não tinham sepultura conhecida. Nesse cemitério estão também 2.395 sepulturas britânicas com nomes e muitas outras sepulturas.¹⁶ As perdas britânicas no ar também foram

elevadas na Batalha de Arras: 131 aviões e 316 aviadores, um terço do Royal Flying Corps na França, que passaram a referir-se àquele mês como “Abril Sangrento”. Acima das linhas francesas, o capitão Joseph Vuillemin iniciou, em 16 de abril, a primeira de uma série de combates aéreos com sucesso, que lhe valeriam uma Cruz de Guerra com treze palmas e onze estrelas.¹⁷

Na colina de Vimy, numa zona de cerca de cem hectares, oferecida em caráter perpétuo pelo povo da França ao povo do Canadá, estão plantadas árvores canadenses que dominam um enorme memorial de guerra com os nomes de 11.500 soldados canadenses mortos no campo de batalha e que nunca foram identificados para sepultamento. Por todo o campo de batalha, grandes e pequenos cemitérios contam a história das pesadas perdas de vidas entre os atacantes.¹⁸ Sessenta e sete cemitérios militares marcam o decurso da destruição nessa única batalha. O poeta Siegfried Sassoon expressou assim esse sentimento:

*“Good-morning; good-morning!” the General said
When we met him last week on our way to the line.
Now the soldiers he smiled at are most of ‘em dead,
And we’re cursing his staff for incompetent swine.
“He’s a cheery old card,” grunted Harry to Jack
As they slogged up to Arras with rifle and pack
But he did for them both by his plan of attack.”¹⁹*

Em 16 de abril, dia seguinte ao fim da Batalha de Arras, os franceses desencadearam seu próprio ataque às forças alemãs no rio Aisne, utilizando vinte divisões ao longo de uma frente de quarenta quilômetros. Planejado pelo general Nivelle e conhecido como Ofensiva Nivelle, o ataque, em que os franceses utilizaram tanques pela primeira vez, foi um desastre. Nivelle planejava avançar pelo menos dez quilômetros, mas seus homens foram obrigados a parar ao fim de menos de seiscentos metros. Esperava cerca de 15 mil baixas, mas houve quase 100 mil. Dos 128 tanques em ação, 32 foram postos fora de combate no primeiro dia. De duzentos aviões que se pensava colocar em ação, apenas 131 estavam disponíveis quando a batalha começou, e mesmo assim foram vencidos em combate pelos caças alemães. Naquele dia, tudo o que fora planejado terminou por sair desastrosamente mal, até mesmo a utilização de tropas de africanos para penetrarem nas linhas alemãs. “Dizimados pelo fogo de metralhadoras, tropas senegalesas desorientaram-se e fugiram”, escreveu um historiador.²⁰

Entre os objetivos da Ofensiva Nivelle estava o forte de Nogent-l’Abbesse, incluído numa série de fortes em torno de Reims, do qual os alemães bombardearam repetidamente a cidade. Porém, os pontos altos situados a leste de Reims haviam

sido muito bem fortificados, e, apesar do entusiasmo em Paris com as notícias de um sucesso inicial, os contra-ataques alemães tiveram sucesso. Duas aldeias na zona da batalha, Nauroy e Moronvillers, ficaram totalmente destruídas.

Enquanto a Ofensiva Nivelle mostrava-se um fracasso, os britânicos desencadeavam sua segunda tentativa de capturar Gaza. Mais uma vez, os turcos tinham o dobro das forças. Dessa vez, com oito tanques e as primeiras granadas de gás usadas na frente da Palestina, a vitória parecia certa, mas o ataque foi um fracasso. Os tanques eram inadequados às condições do deserto, três foram capturados pelos turcos e Gaza manteve-se sob total controle turco. Tropas francesas e italianas da Europa foram levadas para se juntarem ao assalto seguinte.

Guerra, deserção e amotinações

Abril a julho de 1917

Bem longe dos campos de batalha, e sem que se sentisse a influência dos Estados Unidos, dois dos três parceiros da Alemanha, a Áustria e a Bulgária, buscavam uma forma de discutir a paz com os Aliados. Por intermédio de diplomatas que se encontraram na Suíça em 12 de abril, houve uma iniciativa para chegar a termos que pudessem ser aceitáveis, mas o sentimento dos Aliados era intransigente: a decisão americana de entrar na guerra parecia abrir perspectivas de uma reviravolta decisiva a favor dos Aliados. Cinco dias depois, um acontecimento de mau agouro, que se transformaria numa tempestade, teve lugar no Aisne, onde dezessete soldados franceses desertaram de suas trincheiras pouco antes do início de um ataque.

No flanco do Aisne, o general Mangin conseguiu uma penetração de mais de seis quilômetros na linha alemã, mas, quando a batalha foi suspensa, em 20 de abril, Nivelle admitiu que não seria possível conseguir um grande avanço. No ar, os alemães também tinham mantido sua superioridade na frente ocidental: em 21 de abril, o barão Richthofen comemorou sua octogésima vitória aérea. No dia seguinte, no que até recentemente tinha sido parte dos domínios czaristas, tropas alemãs entraram em Helsinque.

Em 23 de abril, numa tentativa de aliviar a crescente pressão alemã sobre os franceses e reduzir o potencial impacto desastroso das amotinações francesas, que se alastravam, tropas britânicas foram colocadas novamente em ação a leste de Arras, em Monchy-le-Preux. Haig tinha estado relutante em reiniciar uma ofensiva que ele mesmo tinha suspenso oito dias antes a pedido de três de seus generais, mas os franceses insistiram. Entre os mortos no primeiro dia da renovada ofensiva estava um amigo de Vera Brittain, Geoffrey. Outro de seus amigos mais próximos, Victor, tinha ficado cego perto de Arras duas semanas antes, depois de ter levado um tiro na

cabeça. Como muitas vezes aconteceu durante a guerra, uma carta de um soldado que tinha morrido chegou ao seu destino. Três dias antes de ser morto, Geoffrey escrevera sobre sua esperança em não fraquejar num momento crítico e sobre ser um “terrível covarde”, querendo também se portar bem pela honra de sua escola. A carta de Geoffrey terminava assim: “Se o destino quiser, voltarei a escrever.”

Vera Brittain comentou mais tarde: “Afinal, o destino não quis, e eu não vou voltar a ver aquela escrita graciosa e generosa num envelope.” Seu Geoffrey tinha sido morto por um atirador enquanto tentava entrar em contato com o batalhão à sua esquerda poucas horas antes do início da batalha. “Levou um tiro no peito e morreu sem dizer uma palavra, olhando fixamente para seu ordenança. O local onde caiu foi cuidadosamente marcado, mas, quando a ação terminou, seu corpo tinha desaparecido e nunca mais foi encontrado.” O irmão de Vera Brittain, Edward, que estava na frente ocidental e se recuperara de um ferimento de que fora vítima no Somme, escreveu da frente ocidental: “Querida menina, não há mais nada a dizer. Perdemos quase tudo o que havia a perder, e o que ganhamos? Na verdade, como você diz, o patriotismo está muito, muito gasto.”

Haig queria que a ofensiva sobre Arras prosseguisse. Em 1º de maio, perturbado com o elevado número de baixas, Allenby pediu-lhe que suspendesse a ofensiva. Algumas unidades, com graves problemas devido à lama e à má visibilidade, tinham avançado sem o devido apoio e “ficaram isoladas e perderam-se como consequência de sua valentia”. Haig, contudo, estava convencido de que era possível conseguir mais ganhos. Dois dias depois, um ataque noturno falhou quando as unidades, ao avançarem, perderam o contato umas com as outras na escuridão. Mesmo assim, a ofensiva prosseguiu durante seis dias depois do primeiro protesto de Allenby. Em 7 de maio, no entanto, Allenby advertiu Haig de que as reservas enviadas para a batalha eram “tropas semitreinadas, incapazes de usar um rifle corretamente”.

Nos renovados ataques que Haig exigia, estavam sendo mortos dois soldados ingleses por cada soldado alemão. Na Câmara dos Comuns, em 10 de maio, Churchill, então na oposição, disse que as tropas americanas não estariam prontas para entrar em ação antes de 1918 e perguntou: “Não é óbvio que não devemos desperdiçar o que resta dos exércitos da França e da Grã-Bretanha em ofensivas precipitadas antes que o poderio americano se faça sentir nos campos de batalha?” Não obteve resposta. Haveria mais ofensivas antes da chegada dos americanos. Os protestos de Allenby também não deram resultados: poucas semanas depois de sua advertência a Haig, foi chamado a Londres, onde soube que já não voltaria a comandar nenhuma força na frente ocidental. Ficou convencido de que tinha sido arrancado de seu posto.

O comando de Allenby foi atribuído ao general Byng, vencedor em Vimy.

Allenby comandaria a Força Expedicionária Egípcia no distante Cairo. Ali, as tropas britânicas e imperiais tinham por duas vezes tentado atravessar o Sinai para entrar na Palestina, mas em ambas as ocasiões tinham sido derrotadas pelos turcos na vizinhança de Gaza. Allenby, no entanto, não foi enviado para o Egito apenas para defender a linha ou para entrar numa terceira batalha e perdê-la. Lloyd George, sem se impressionar com fracassos passados, deu-lhe instruções: “Tome Jerusalém antes do Natal.” A captura da Cidade Santa seria um presente inesperado e exótico à nação, cansada de retiradas e baixas na frente ocidental.

Para a Grã-Bretanha e os países do império, o número de mortos na guerra e a necessidade de marcar suas sepulturas, levou, em 21 de maio, à criação da Comissão de Sepulturas de Guerra. Por decreto real, essa comissão estava encarregada de marcar e manter as sepulturas de todos os membros das forças armadas do império que morressem ou houvessem morrido durante a guerra, construir cemitérios e memoriais e manter registros e listagens. Em torno da própria Arras, onde naquele maio a luta era feroz, mais de cem cemitérios marcam os locais e baixas do conflito. A dois quilômetros da estação de Arras, um memorial aos desaparecidos contém os nomes de 35.928 soldados que foram mortos em ação na região em 1917 e 1918, assim como de todos os pilotos britânicos e tripulantes de aviões que caíram na frente ocidental, mas que não têm sepultura conhecida. No cemitério que fica junto ao memorial há mais de 2.600 nomes em lápides, de soldados britânicos, canadenses, sul-africanos, neozelandeses, indianos e cidadãos das Índias Ocidentais e da Terra Nova. Há também um francês, um russo e 28 alemães.

Na frente de Salonica, em 24 de abril, houve um assalto britânico de doze horas às posições búlgaras acima do lago Doiran. Depois de dois dias de bombardeio preliminar de artilharia, esperava-se expulsar os búlgaros de sua primeira linha de trincheiras e depois, trazendo artilharia, obrigá-los a recuar de sua segunda linha. O ataque foi planejado para a noite. Uma hora antes de começar, os búlgaros, utilizando holofotes, desencadearam uma barragem de artilharia. Mesmo assim, o ataque prosseguiu. As trincheiras búlgaras foram alcançadas e perdidas duas vezes.

Uma linha de avanço ficava no alto do desfiladeiro da ravina de Jumeaux. Ali, a força da explosão dos projéteis era tanta que os homens morriam ao serem atirados contra as rochas. Foi tragicamente irônico que as primeiras tropas britânicas apanhadas na ravina tivessem vindo de tão longe, Devon e Wiltshire, para serem mortas a longa distância por projéteis disparados por armas navais alemãs, sempre infernais quando usadas em terra. A luta continuou até a madrugada. Enquanto algumas unidades eram obrigadas a recuar para suas próprias trincheiras, outras conseguiram capturar a primeira linha de trincheiras búlgara e mantê-la contra quatro contra-ataques sucessivos. Quando nasceu o dia, os búlgaros permitiram que maqueiros britânicos recolhessem os feridos da ravina. Um maqueiro foi autorizado

a passar por uma abertura no aramado búlgaro para recolher um homem que jazia ferido a apenas dez metros do parapeito da primeira linha.

Um ataque francês à frente de Monastir deveria ter sido realizado ao mesmo tempo, mas teve de ser adiado devido a uma nevasca. Quando a luta se renovou, ao anoitecer de 26 de abril, uma brigada britânica, que tinha conseguido atravessar a ravina de Jumeaux, avançou cedo demais e foi apanhada pelo fogo de sua própria artilharia. Durante a batalha foram mortos ou ficaram feridos mais de 5 mil atacantes.

Em Petrogrado, apesar da existência de um governo provisório partidário da guerra, o soviete operava como uma fonte paralela de autoridade e como um foco antibelicista. Na frente oriental, o movimento antibelicista ganhava força, mas ainda não era apoiado por todos. No começo de abril, a 109ª Divisão russa confraternizou com tropas alemãs que estavam à sua frente. Uma leal unidade de artilharia russa abriu fogo contra os rebeldes, após o que seu chefe, o tenente Khaust, deteve os dois oficiais de artilharia que tinham ordenado os disparos.

Em 20 de abril, Khaust e dez soldados de seu regimento compareceram perante uma assembleia do 12º Exército Russo, especialmente convocada, e exigiram uma paz imediata, com uma deposição de armas simultânea pelos dois lados. A assembleia, contudo, apesar de ser constituída apenas por soldados, sem qualquer oficial, não os apoiou. Seu “presidente”, um soldado judeu chamado Rom, precisou intervir para que Khaust e seus colegas não fossem atacados pelos outros homens. Em Petrogrado, o adido militar britânico, coronel Knox, sugeriu que Khaust e seus amigos agitadores fossem detidos. Foi-lhe dito pelo vice-ministro da Guerra, coronel Yakubovich, que isso não podia ser feito pelo Exército, nem o Exército se atreveria a isso, mesmo tendo sido publicamente anunciado que tinha poderes disciplinares acrescidos. Yakubovich disse também a Knox que, de cada mil homens enviados da retaguarda, apenas 250 ou 300 chegavam à frente. Os técnicos das fábricas de munições estavam sendo expulsos dos edifícios. A propaganda bolchevique antibelicista era também incessante. Em 23 de abril, o jornal do partido, *Pravda*, perguntou aos soldados russos: “Querem continuar a lutar para que os capitalistas ingleses roubem a Mesopotâmia e a Palestina?”

Em 24 de abril, num ato de secessão sem precedentes, a Ucrânia pediu sua autonomia em relação à Rússia. Greves nas fábricas russas tinham reduzido a produção de carvão a quase uma quarta parte em relação ao ano anterior. Em 27 de abril, Lênin, que chegara a Petrogrado onze dias antes, ocupou a presidência da Conferência Bolchevique de Petrogrado.

Nesse dia, os marinheiros em Kronstadt declararam seu apoio aos bolcheviques e anunciaram que não responderiam às ordens emanadas do governo provisório. Dois

dias depois, o comandante-chefe russo, general Alexeiev, disse ao ministro da Guerra que havia informações, de todos os lados, que “indicavam que o Exército está desmoronando sistematicamente”. Olhando para a situação russa, o general Hoffmann, na Alemanha, anotou em seu diário no dia seguinte: “Estamos inundando os russos com jornais e panfletos e tentando chegar a eles de diversas formas.” A revolução russa, acrescentou Hoffmann, “é uma bênção para nós”. Porém, no início de maio, mais de 50 mil soldados russos feridos manifestaram-se em favor da continuação da guerra, e, em 4 de maio, por uma pequena margem, e para desgosto de Lênin, o Soviete de Petrogrado deu seu apoio ao governo provisório.

A frente oriental seria mantida, apesar de um aumento massivo do número de desertores, que chegou a cerca de 2 milhões no início de maio. A vida noturna de Petrogrado também continuaria. “Teatros e cabarés mantiveram-se abertos”, escreveu o historiador John Wheeler-Bennett. “No Europa, Jimmy, o *barman* do velho Waldorf-Astoria, de Nova York, continuava preparando suas famosas criações. A temporada de balé decorria normalmente, com Karsavina a maravilhar o público, enquanto na ópera Chaliapin estava no seu melhor.”¹

Os alemães ficaram alarmados com a decisão do governo provisório russo de manter-se na guerra. “Estamos dando aos russos muito bons conselhos, dizendo-lhes que tenham bom senso e que façam a paz, mas eles não me parecem ansiosos por fazê-lo”, escreveu Hoffmann em seu diário em 12 de maio. O presidente da Duma, Rodzianko, tentava conseguir meios para estimular o esforço de guerra. Nesse mês, autorizou o estabelecimento de um batalhão de mulheres. Era comandado por Maria Bochkareva, filha de um camponês siberiano e antigo servo, que tinha lutado contra os turcos na guerra de 1878, tendo atingido o posto de sargento. Em 1914, a admissão da filha no Exército tinha sido recusada. Depois de sucessivas petições ao czar, ela lutou na frente oriental durante três anos, tendo sido ferida quatro vezes e condecorada por atos de bravura em três ocasiões. A criação do batalhão de mulheres teve tal impacto que a sufragista britânica Emmeline Pankhurst foi a Petrogrado para apoiar os esforços de Bochkareva, que os bolcheviques antibelicistas criticavam.

A capacidade russa de continuar em guerra era minada por todos os lados. Em Pärnu, no golfo de Riga, os homens de um regimento exigiram que o comandante tirasse suas divisas “como um gesto de simpatia para com seus irmãos da frota do Báltico”, que já tinham declarado seu apoio à revolução. O comandante recusou-se e foi assassinado. Os homens de toda a 120ª Divisão russa não só atravessaram as trincheiras alemãs num ato de deserção em massa como indicaram aos alemães a localização da artilharia russa apontada para eles. Em 27 de maio, um comandante de batalhão disse ao coronel Knox que ainda que nenhum de seus homens tivesse desertado, “tudo na retaguarda desapareceu, motoristas, unidades de depósito etc. Seus homens não tinham botas e estavam enfraquecidos pela doença”.

Tornava-se claro, nas capitais aliadas, que a entrada dos Estados Unidos na guerra não teria influência no campo de batalha antes de um ano. Isso constituía um sério revés para os Aliados, em particular porque a Alemanha, país cuja guerra submarina indiscriminada obrigara os Estados Unidos a entrarem na guerra, continuava a operar no mar com relativa impunidade. No início de maio, foi anunciado que as perdas dos Aliados e Estados neutros em abril, devido a afundamentos, tinham sido as mais altas até então: 373 navios, num total de 873.754 toneladas.²

Entre os sucessos alemães nessa primavera, inclui-se o afundamento do navio de transporte de tropas *Arcadian*, em 15 de abril, no mar Egeu, matando 279 soldados britânicos; o afundamento do contratorpedeiro francês *Etendard*, ao largo de Dunquerque, dez dias depois, matando toda a tripulação; o afundamento do contratorpedeiro *Derwent*, por uma mina, em 2 de maio, tendo morrido afogados 52 marinheiros; e o afundamento do navio de transporte de tropas *Transylvania*, no golfo de Gênova, em 4 de maio, matando 413 soldados, ainda que 2.500 tenham sido salvos pelo contratorpedeiro japonês *Matsu*, que os escoltava.³

Durante mais de três anos, o Almirantado britânico tinha resistido a adotar o sistema de comboio, por não querer que seus navios de guerra fossem retirados de suas frotas ou impedidos de participar, por mais remota que fosse, de uma grande batalha naval. Porém, os crescentes sucessos dos submarinos alemães obrigaram o governo de Lloyd George a organizar um sistema em que todos os navios mercantes que atravessassem o Atlântico navegassem em grupo e com proteção naval. Um comboio de dez a cinquenta navios mercantes com, possivelmente, mais um navio de transporte de tropas, poderia ser escoltado durante toda a viagem por um cruzador, seis contratorpedeiros, onze traineiras armadas e dois barcos torpedeiros, cada um com um balão aerostático onde observadores pudessem observar e detectar submarinos em imersão e o rastro dos torpedos.

Somente com a introdução do sistema de comboio, em 24 de maio, é que o número de afundamentos por submarinos alemães declinou. No primeiro comboio, que saiu de Hampton Roads, na Virgínia, para a Inglaterra, o único navio mercante perdido foi um que ficara para trás no comboio. Em junho, seis navios mercantes viajaram juntos ao longo do Atlântico sem uma única perda. De 1,1 milhão de soldados americanos transportados pelo Atlântico entre maio de 1917 e novembro de 1918, apenas 637 morreram afogados como resultado de afundamentos por submarinos alemães. Quando o transporte de tropas americano *Tuscania* foi torpedeado em fevereiro de 1918, o comboio em que seguia resgatou 2.187 de um total de 2.397 soldados a bordo.

No final de maio de 1917, estabeleceram-se mais sete pontos de encontro: Halifax, na Nova Escócia, para navios que vinham dos Grandes Lagos e do rio St.

Lawrence; Panamá, para navios que vinham da Austrália e da Nova Zelândia; Rio de Janeiro, para produtos alimentares e cavalos vindos da Argentina, dos quais tanto dependiam os esforços de guerra britânicos; Murmansk, para provisões militares enviadas para a Rússia; Porto Said e Gibraltar, para mercadorias transmediterrânicas vindas da África Oriental e do oceano Índico e para o transporte de tropas; e Dacar, na costa atlântica da África, para comércio e provisões de guerra da África Oriental, da África do Sul e do Extremo Oriente.

A esperança alemã de exaurir a Grã-Bretanha desfez-se, mas, apesar do sucesso do sistema de comboios, a guerra no mar continuava sendo dura: em 26 de maio, um submarino alemão afundou o navio-hospital britânico *Dover Castle* ao largo da costa da Argélia. Sete passageiros morreram afogados. Quatro anos depois, em junho de 1921, o comandante desse submarino, capitão Neumann, seria acusado de crimes de guerra no Tribunal de Leipzig perante juízes alemães e condenado a quatro anos de prisão. Contudo, com a ajuda de funcionários da prisão, fugiu ao fim de seis meses. Essa fuga foi aplaudida pela imprensa alemã, como se ele fosse um herói.

Na frente ocidental, apesar de uma grande quantidade de baixas em Arras, a Força Expedicionária Britânica tinha conseguido, em seis meses de luta, fazer os alemães recuarem entre três e oito quilômetros ao longo de uma frente de mais de trinta quilômetros, tendo disparado mais de 6 milhões de projéteis. Mais da metade das divisões alemãs envolvidas foram obrigadas a ter um período de descanso e recuperação. Na primeira semana de maio, o poeta britânico Isaac Rosenberg concluiu o primeiro esboço de um poema que descrevia o percurso de uma carreta que transportava arame farpado para a linha da frente ocidental:

*The wheels lurched over sprawled dead
But pained them not, though their bones crunched,
Their shut mouths made no moan,
They lie there huddled, friend and foeman,
Man born of man, and born of woman,
And shells go crying over them
From night to night and now.*

*Earth has waited for them
All the time of their growth
Fretting for their decay:
Now she has them at last!⁴*

Para aqueles que lutavam nas trincheiras, havia muitos momentos de contemplação e longos períodos de espera, com tempo para refletir sobre a

finalidade e as consequências da guerra. Numa carta para os pais, enviada da frente ocidental, um jovem soldado escreveu, em 20 de maio: “Nada a não ser incomensuráveis progressos poderá justificar todo o odioso desperdício e a injustiça dessa Guerra... Só espero que os que fiquem não esqueçam *nunca, nunca*, a que custo e sacrifícios esses progressos foram conseguidos.” Seu nome era Norman Chamberlain, primo do futuro primeiro-ministro da Inglaterra. Também com tempo para refletir, mas no isolamento de uma cela de prisão na planície de Salisbury, Clifford Allen, líder da Irmandade da Não Conscrição, que estava na prisão desde agosto, enfrentou o tribunal marcial pela terceira vez, em 25 de maio. Não há qualquer “razão”, disse ao tribunal, “que impeça que se iniciem negociações de paz imediatamente”.

Citando uma declaração recente de um ministro do Gabinete de que até então, na guerra, “foram mortos 7 milhões de seres humanos em todas as nações e 45 milhões ficaram feridos”, Allen perguntou: “Haverá diferença tão grande assim entre a paz agora e, digamos, a paz dentro de dois anos que justifique o supremo sacrifício de, digamos, mais 7 milhões de vidas?” Em anos vindouros, “os povos de todas as nações olharão para trás com espanto quando perceberem como o governo permitiu e instigou esse sacrifício para conseguir tão magros resultados”. Quanto mais tempo os objetores de consciência fossem mantidos na prisão, acrescentou Allen, “maior é a certeza de nossa esperança de que o espírito da liberdade russa não se confinará às fronteiras de seu país”. Allen foi condenado a dois anos de trabalhos forçados e enviado para a prisão de Winchester.

Em meados de maio, tropas sob o comando de Haig tinham feito avanços maiores do que em qualquer outro momento desde o início da guerra de trincheiras dois anos e meio antes. Esses ganhos incluíam cerca de cinquenta quilômetros quadrados de território ocupado pelos alemães, mais de 20 mil prisioneiros de guerra e 252 canhões pesados em apenas um mês de luta. Os tanques tornaram-se parte integrante do avanço da Infantaria britânica. O primeiro teste de um tanque alemão só foi feito nesse mês, em 14 de maio, em Mogúncia, dois dias antes do fim da renovada Batalha de Arras.

Na frente de Salonica, iniciou-se uma nova ofensiva britânica na noite de 8 de maio. À semelhança do ataque de duas semanas antes, foi frustrada pelos holofotes e pelo fogo de artilharia dos búlgaros, garantindo apenas um avanço de cerca de quinhentos metros numa frente de mais de três quilômetros. No dia seguinte, tropas russas, sérvias, italianas e francesas, estas últimas incluindo anamitas e senegaleses, entraram também em ação em outras zonas da linha, em particular ao norte e a oeste de Monastir. Esses avanços, conforme eram conseguidos, eram perdidos, ficando a maioria das trincheiras exposta ao fogo de artilharia búlgara, alemã e austríaca. Não se conseguiu abrir brechas nas linhas búlgaras. Defendidos por canhões pesados

alemães, *howitzers* austríacos e pela artilharia búlgara, os objetivos de abril e maio, cumes elevados com nomes imponentes, mantiveram-se na posse dos búlgaros. Como escreveu um dos historiadores da campanha, Alan Palmer: “Nem um único soldado aliado chegou a menos de três quilômetros do Grand Couronné, a torre de mensagem da cidadela do Diabo; de seus contrafortes, o Olho montaria guarda durante os dezesseis meses seguintes, observando, contando e esperando.”⁵

Na planície, à medida que chegava o verão, os britânicos retiravam-se para além do rio Struma, conservando uma série de cabeças de ponte ao longo do rio, que poderiam ser rapidamente reforçadas se os búlgaros dessem sinais de atividade hostil. Na verdade, os búlgaros acolheram o repouso e mostraram cartazes em que se podia ler: “Sabemos que vocês voltarão às colinas, mas nós também.” Nesse verão, comentou o correspondente do jornal oficial britânico nos Bálcãs, G. Ward Price: “As únicas forças que defendem o vale de Struma são os mosquitos, e seus efetivos somam milhões e milhões.” Outro inimigo também tinha chegado aos Bálcãs: em 18 de maio, o comandante das forças russas na frente de Salonica, general Dietrichs, expressou sua preocupação pelos efeitos que poderiam ter em seus homens notícias vindas da Rússia. “Os últimos acontecimentos na Rússia aumentaram a lentidão e a incerteza da comunicação postal”, escreveu ele. “Os vários rumores e ocasionais boatos que chegam às trincheiras, vindos da retaguarda e divulgados por uns inúteis, servem apenas para esgotar ainda mais os nervos dos homens, preocupando-os e paralisando sua vontade.”

Enquanto o impasse se mantinha nos Bálcãs, o Exército italiano desencadeou a Décima Batalha do Isonzo na frente com a Áustria. Baterias de artilharia britânica, em ação pela primeira vez na frente italiana, levaram o comandante italiano, general Cadorna, a fazer uma constatação lírica: “Por entre o fragor da batalha, ouvia-se distintamente a voz dos canhões britânicos.” A batalha durou dezoito dias e, apesar de muitos cumes capturados pelos italianos terem sido perdidos durante os contra-ataques austríacos, levou a uma vitória italiana, tendo sido feitos 23.681 prisioneiros austríacos, entre os quais mais de seiscentos oficiais.

Os soldados italianos não tinham ilusões acerca de um rápido avanço. Entre as muitas cantigas, havia a seguinte:

*Il general Cadorna
Ha scritto alla Regina
“Se vuoi veder Trieste,
Compra una cartolina.”*⁶

Entre os prisioneiros feitos pelos italianos havia muitos tchecos, eslovacos, croatas e até italianos da província austríaca da Ístria. Alguns se juntaram então ao Exército

italiano para lutarem contra seus anteriores amos imperiais.

Em Petrogrado, o ministro da Guerra do governo provisório, general Guchkov, apresentou sua exoneração em 13 de maio, avisando que havia um limite para a democratização do Exército “para além do qual se iniciaria uma desintegração”. Em 15 de maio, o Soviete de Petrogrado emitiu um manifesto aos “Socialistas de Todos os Países”, exigindo uma “plataforma de paz sem anexações nem indenizações”. O governo provisório rejeitou todos os apelos à paz: no dia seguinte à publicação do manifesto socialista, o ministro da Justiça, Alexander Kerensky, aceitou a pasta da Guerra. Seu objetivo era renovar as capacidades ofensivas do Exército russo.

Nesse dia, no Reichstag, o chanceler alemão Bethmann-Hollweg propôs aos russos uma paz imediata. O governo provisório rejeitou essa proposta, mas as forças antibelicistas juntavam-se. No dia da oferta de paz por parte da Alemanha, chegou a Petrogrado um líder revolucionário que tinha estado detido no Canadá no mês anterior. Tratava-se de Leon Trótski. Na mesma altura, o governo provisório incorporou em suas fileiras seis membros moderados do Soviete de Petrogrado, todos eles da facção menchevique, que Trótski tinha liderado, e em relação aos quais tanto Lênin como os bolcheviques se opunham implacavelmente.

Guerra e revolução estavam inextricavelmente ligadas. Um entre os mais enérgicos membros do governo provisório, Alexander Kerensky, que tinha acabado de ser nomeado ministro da Guerra, estava determinado a cessar a inexorável marcha para a anarquia e a fazer a paz. Em 19 de maio, anunciou que não mais seriam aceitas exonerações por parte dos oficiais militares de mais alta patente e que todos os desertores que não retornaram às suas unidades seriam punidos. Três dias depois, substituiu o hesitante general Alexeiev pelo vitorioso Brusilov como comandante-chefe e, em 25 de maio, deu ordem para uma ofensiva. Contudo, no dia seguinte foi reportado que chegavam 30 mil desertores por dia a Kiev, vindos da frente, em seu caminho de volta à Rússia.

Na Áustria, no final de maio, quando o Parlamento austríaco, o Reichsrat, reuniu-se pela primeira vez desde março de 1914, os deputados poloneses declararam seu apoio à independência polonesa enquanto os deputados sérvios, croatas e eslovenos anunciaram a formação de um “Clube Parlamentar Iugoslavo”. No dia seguinte, numa tentativa de acalmar o descontentamento nacionalista, o imperador Karl prometeu uma Constituição de pós-guerra mais orientada para o nacionalismo.

Naquela primavera, o sentimento antibelicista não era sentido apenas na Rússia e no crescente número de deserções no Exército francês: em 22 de maio, o Gabinete britânico aprovou um esquema para “contra-atacar o movimento pacifista” na Grã-Bretanha. Objetores de consciência estavam preparados para enfrentar longas penas

de prisão em vez de cumprirem serviço nas trincheiras. Poetas, que estavam nas trincheiras, começaram a escrever com uma amargura sem precedentes. Siegfried Sassoon captou um sentimento de infelicidade em sua descrição do trabalho de um soldado que empilhava sacos de areia ao longo do parapeito em sua trincheira, à noite, ansioso por voltar ao seu copo de rum e dormir:

*He pushed another bag along the top,
Craning his body outward; then a flare
Gave one white glimpse of No Man's Land and wire;
And as he dropped his head the instant split
His startled life with lead, and all went out.*⁷

Em 18 de maio, chegaram à Grã-Bretanha os primeiros soldados americanos, num total de 243 homens. Eram a equipe médica e ordenanças para um hospital de base. Em 26 de maio, as primeiras tropas de combate americanas chegaram à França. No final dessa semana, desembarcaram 1.308 homens.

A chegada das primeiras tropas americanas coincidiu com um momento dramático no setor francês, onde deserções, em números cada vez maiores, transformaram-se, em 27 de maio, numa amotinação. Na própria frente, ao longo do Chemin des Dames [Caminho das Damas], cerca de 30 mil soldados saíram das trincheiras e dos alojamentos de reserva e deslocaram-se para a retaguarda. Depois, em quatro cidades atrás das linhas, os soldados ignoraram as ordens de seus oficiais, ocuparam edifícios e recusaram-se a ir para a frente.⁸ No dia seguinte, na estação de trem de Fère-en-Tardenois, os amotinados tentaram ir para Paris, mas os trens foram impedidos de sair. Dois dias depois, na frente, centenas de soldados de Infantaria franceses recusaram dirigir-se para as trincheiras da linha de frente, onde eram necessários para apoiar as tropas franco-marroquinas já na linha.

Em 28 de maio, segundo dia das amotinações, o comandante da Força Expedicionária Americana, general Pershing, e seu Estado-Maior saíram de Nova York com destino a Liverpool, a bordo do vapor britânico *Baltic*. Durante a viagem transatlântica, Pershing decidiu planejar um exército de pelo menos 1 milhão de homens “para chegar à França o mais breve possível”. Para o alto-comando francês, mergulhado em ondas diárias de notícias das regiões amotinadas, mesmo o “mais breve possível” parecia ser uma perspectiva longínqua.

Em 1º de junho, em Missy-aux-Bois, um regimento de Infantaria francês apoderou-se de toda uma cidade e estabeleceu um “governo” antibelicista. Durante uma semana, houve caos no setor francês da guerra, pois os amotinados recusavam-se a retornar à frente. As autoridades militares agiram imediatamente: sob a mão de

ferro de Pétain, seguiram-se detenções em massa e tribunais marciais, com 23.385 sentenças de condenação por amotinação. Foram condenados à morte mais de quatrocentos soldados; entre eles, cinquenta foram fuzilados e os outros foram enviados para trabalhos forçados nas colônias francesas. Para milhões de soldados de Infantaria, alguns dos quais tinham lutado por cerca de três anos, Pétain introduziu melhorias imediatas, organizando períodos de repouso mais longos, mais licenças e melhor alimentação. “Dediquei-me a suprimir casos graves de indisciplina com a maior urgência”, explicou aos comandantes de seu exército em 18 de junho. “Manterei firmemente essa repressão, mas sem esquecer que se aplica a soldados que estão conosco nas trincheiras há três anos e que são nossos soldados.” Seis semanas depois, as amotinações tinham cessado. “Cessaram com tal rapidez que se torna um mistério saber quais as ações tiveram maior eficácia para reconciliar o Exército com a infinda continuação de uma guerra desoladora e perigosa”, comentou um historiador.⁹

A escala das amotinações tornou claro ao alto-comando francês que os soldados já não estavam dispostos a voltar aos tormentos de uma nova ofensiva. Defenderiam a linha, mas não saíam das trincheiras. Isso colocava um pesado fardo sobre os ombros das forças britânicas na frente ocidental, que em breve teriam de sofrer o principal impacto de um novo esforço aliado na França e em Flandres. “As terríveis baixas sofridas pelos britânicos na Terceira Batalha de Ypres (Passchendaele) foram, em parte, resultado de esforços para desviar a atenção e a força dos alemães do enfraquecido setor francês”, escreveu um dos principais historiadores britânicos.¹⁰

No ar, um novo tipo de guerra foi posto em prática na tarde de 25 de maio, quando 23 bombardeiros alemães decolaram de dois campos de aviação na Bélgica com destino a Londres. Os novos aparelhos chamavam-se Gotha. Havia qualquer coisa no próprio nome que parecia torná-los mais aterrorizadores. Cada um transportava treze bombas. Devido à nebulosidade, apenas dois chegaram à Inglaterra, mas as cinco bombas lançadas por um dos aviões causou mais baixas do que em qualquer ataque anterior de zepelins. Num campo militar de Shorncliffe, foram mortos dezesseis soldados canadenses. Em Folkstone, as vítimas foram civis: dezesseis homens, trinta mulheres e 25 crianças. Quando o ataque terminou, tinham sido mortas 95 pessoas e 192 tinham ficado feridas; além disso, tinha sido introduzido um novo elemento na guerra, que só atingiria seu apogeu duas décadas depois. “O velho Jeová continua longe”, escreveu Albert Einstein a um amigo na Holanda em 3 de junho. “Ah!, chacina tanto os inocentes como os culpados, deixando-os de tal forma cegos que não podem sentir qualquer sentimento de culpa.”

No bombardeio seguinte, em 4 de junho, morreram treze civis ingleses.

A guerra no campo de batalha tinha adquirido contrastes bizarros. Tanto na frente ocidental como na frente oriental, a selvageria do conflito andava junto com deserções em massa, amotinacões e confraternizações. Na frente oriental, o general Hoffmann anotou em seu diário, em 1º de junho, que em muitos aspectos existia um potencial armistício. Em outros pontos, lutava-se. “É mesmo uma guerra estranha!”

Três dias depois, em Paris, como as amotinacões das tropas francesas por todos os lados revelavam um ódio à guerra, o ministro francês da Guerra, Paul Painlevé, considerou haver apenas duas divisões francesas em que se podia confiar, entre a linha de frente e Paris, separadas por cerca de 110 quilômetros. Numa tentativa de arregimentar mais homens, e também de encorajar um sentimento geral contra as Potências Centrais, o governo francês autorizou, em 4 de junho, a formação de um Exército polonês para prestar serviço juntamente com as forças aliadas na frente ocidental. Em Varsóvia, estudantes universitários poloneses entraram em greve, numa manifestação de aspirações nacionalistas.

Na Inglaterra, um encontro antibelicista foi realizado, em Leeds, na primeira semana de junho. Um jornal comentou em 4 de junho: “Leeds, como cidade, não recebeu entusiasticamente a Convenção Nacional Trabalhista e Socialista, inaugurada nessa manhã no Coliseu.” A primeira resolução, apresentada pelo antigo (e futuro) líder do Partido Trabalhista, Ramsay MacDonald, felicitava o povo russo e sua revolução. Foi depois proposto, por entre aclamações, que os delegados fossem buscar Clifford Allen e que fizessem o que tinham feito os russos. Bertrand Russell, que estava presente, colocou-se como defensor dos milhares de pacifistas que, como Allen, estavam detidos em prisões, dizendo que “com sua recusa a cumprirem o serviço militar, os objetores de consciência tinham mostrado que era possível um indivíduo colocar-se contra o poder do Estado. Foi uma grande descoberta, que fez crescer a dignidade do homem”.

Entre aqueles que estavam na prisão por se recusarem a prestar serviço militar ou a realizar serviços cívicos alternativos, estava Stephen Hobhouse, membro de uma abastada família quacre, que tinha renunciado à sua herança e que trabalhara para os pobres no East End, e Corder Catchpool, também quacre, que lideraria uma campanha contra o bombardeio de cidades alemãs durante a Segunda Guerra Mundial.

Em 5 de junho, ao abrigo da Lei do Serviço Militar, foi iniciado, nos Estados Unidos, um censo para todos os homens entre 21 e 30 anos de idade. A lei, segundo o *New York Times*, forneceu “um meio, há tanto tempo necessário, para disciplinar certo elemento estrangeiro e insolente nesta nação”. Era uma referência aos judeus americanos, cujos elementos pacifistas não eram em maior número,

proporcionalmente, do que entre outros grupos americanos. O serviço militar universal, insistiu um rabino americano, era uma instituição que vinha dos tempos de Moisés. Em apoio dessa visão pró-guerra, havia também um salmo que os judeus britânicos tinham citado dois anos antes como justificação religiosa para irem à guerra: “Bendito seja o Senhor, minha Rocha, que instrui minhas mãos na guerra e os meus dedos na luta.”

Dois meses depois da aprovação da Lei do Serviço Militar, os judeus constituíam 6% das forças armadas americanas, apesar de serem apenas 2% da população.

Na frente ocidental, já sem o pessimista Allenby como um de seus comandantes, Haig disse aos seus generais mais antigos em 5 de junho: “O poder e a persistência do povo alemão estão sendo levados a um extremo que se torna possível que o ponto de ruptura seja atingido este ano.” Dois dias depois, a Força Expedicionária Britânica desencadeou sua segunda ofensiva em dois meses, contra trincheiras alemãs, abrigos subterrâneos e fortificações nas colinas de Messines-Wijtschate. O ataque foi precedido às primeiras horas do dia de uma fenomenal explosão, tão ruidosa que causou pânico em Lille, ocupada pelos alemães, que ficava a cerca de 25 quilômetros de distância. Foi o culminar do esforço das companhias de túneis, que tinham chegado à França dois anos e meio antes.

As companhias tinham explodido dezenove minas sob a linha de frente alemã, com um poder explosivo total de quinhentas toneladas. Os técnicos de túneis britânicos, canadenses e australianos tinham demorado seis meses a escavar poços de minas, um com seiscentos metros de comprimento. As minas mais profundas foram colocadas trinta metros abaixo das trincheiras alemãs. Uma das explosões, em Spanbroekmolen, abriu uma cratera com 130 metros de diâmetro. Duas minas não explodiram: uma foi deliberadamente detonada em 1955 e a outra continua enterrada em algum ponto da parte nordeste da floresta de Ploegsteert, sendo sua localização exata desconhecida, o que agita periodicamente o nervosismo local.

O efeito das explosões em Messines foi devastador. Pensa-se que morreram imediatamente ou ficaram soterrados vivos 10 mil soldados alemães. Milhares ficaram atordoados e perderam os sentidos. Foram feitos 7.354 prisioneiros. Um bombardeio de artilharia britânica com 2.266 canhões contribuiu para o impacto. Entre os oficiais britânicos cujos homens avançaram imediatamente depois das explosões das minas, estava Anthony Eden, de 20 anos de idade. “Quando a barragem se iniciou, os sons dos canhões abafaram todos os sons das minas, exceto aqueles que podíamos ouvir por cima desse *crescendo* e os gritos dos alemães que tinham ficado aprisionados na cratera”, escreveu ele mais tarde. “Não podíamos fazer nada por eles, pois tínhamos de manter o ritmo de nossa barragem a todo o custo.” Avançando imediatamente atrás da barragem de artilharia britânica, Eden e

seus homens capturaram, intacto, um ninho de metralhadoras e seus elementos. “Presumivelmente, tremiam demais com a explosão da mina para cumprirem seu dever a tempo.”

Da companhia de Eden, apenas um soldado britânico foi morto naquela manhã, possivelmente por ter avançado na frente dos outros homens para tentar anular uma posição alemã. Eden recorda aproximar-se dele:

O homem tinha acabado de cair e jazia de braços e pernas estendidos, mortalmente ferido e já inconsciente. Sabia que o fuzileiro era um dos nossos homens de maior confiança e, por qualquer razão que não posso explicar, fiquei desolado pelo momento, com a mais profunda tristeza. Talvez fosse devido à posição indefesa do corpo, o súbito e patético desperdício de uma jovem vida, um rapaz determinado a cumprir seu dever. É possível que tenha sido atingido por um estilhaço de nossa própria barragem, mas isso não altera nada. Ele fizera o que tinha de fazer, e com seu ato decidido ajudou a salvar muitas vidas, pagando com a própria vida.

Sessenta anos depois daquele acontecimento, Eden acrescentou: “O instante daquela cena está ainda fresco na minha mente.”

As explosões da mina sob a colina de Messines provocaram, em todo o sul da Inglaterra, aquilo que Vera Brittain recordou como “um estranho choque matinal, como um tremor de terra”. Na noite seguinte, seu amigo e soldado cego, Victor, morreu no hospital. Seu irmão Edward, em casa de licença, parecia outro, “era um Edward estranho, assustado, que nunca sorria nem falava a não ser para dizer coisas triviais, que parecia não ter nada a dizer e quase parece não ter notado meu regresso”.

Quatro dias depois das explosões subterrâneas, os alemães abandonaram Wijtschate e Messines e retiraram-se para uma linha mais para leste. A retirada foi cuidadosa e deliberadamente conduzida sob as ordens do príncipe Rupprecht da Baviera. Durante a retirada, em 8 de junho, um avião alemão, de 24 anos, teve sua primeira vitória reconhecida. Todo o seu esquadrão viu do solo, e do ar, como ele abateu um avião aliado depois de um prolongado combate. Tratava-se do tenente Hermann Goering.¹¹

Uma semana depois, restabeleceu-se o equilíbrio na linha de frente. Nesse mês de junho, T. S. Eliot enviou à revista *Nation* uma carta que recebera de um oficial que tinha estado na frente desde antes de seu décimo nono aniversário. O oficial estava zangado com o que considerava ser uma falta de compreensão, em seu país, das

condições na frente, uma “terra leprosa, semeada de corpos inchados e enegrecidos de centenas de jovens, e o pavoroso cheiro de carne podre”. Sua descrição continuava: “Lama como papas de farinha, trincheiras como gretas estreitas e inclinadas nas papas, papas que cheiram pessimamente ao sol. Enxames de moscas pousadas em montes de matéria decomposta. Homens feridos nas crateras de projéteis por entre corpos em decomposição, indefesos sob um sol abrasador e noites amargas, sob bombardeios permanentes. Homens com as tripas de fora, pulmões desfeitos, rosto enegrecido, esfacelado, ou membros a voar pelo ar. Homens a gritar e a gemer. Homens feridos pendurados em agonia no arame farpado até que um caridoso jorro de fogo líquido os faça murchar como uma mosca numa vela. (..) Mas isso são apenas palavras e provavelmente transmitem a quem ouve apenas uma fração do seu significado. Estremecem e esquecem-nas”, concluiu o oficial.

A determinação dos governos de continuar a lutar, apesar dos horrores da guerra de trincheiras, apesar do caos na Rússia, apesar das amotinações na França, não diminuiu. O líder sul-africano general Smuts, que era membro do Gabinete britânico, defendia uma ofensiva britânica, o mais cedo possível, na frente ocidental; de outro modo, os alemães “terão tempo de recuperar seu moral (...) Se não conseguirmos quebrar a frente do nosso inimigo, podemos quebrar-lhe o coração”.

A ofensiva foi planejada para 10 de junho, sob o comando de Haig. Dois dias antes, em 8 de junho, Lloyd George convocara uma reunião de emergência do Gabinete para discutir o argumento de Smuts. O Gabinete trataria também de detalhes sobre a escala de amotinações dos soldados franceses. Lloyd George propôs um imediato adiamento da ofensiva britânica. Em vez disso, argumentou, a Grã-Bretanha deveria examinar “a possibilidade de uma paz separada com a Áustria”, o que isolaria a Alemanha e poderia levar o Kaiser a pôr fim à guerra. Segundo disse aos seus colegas, não era justificável que a Grã-Bretanha tentasse sozinha penetrar nas linhas alemãs quando “os franceses estão tendo dificuldade em avançar, e com suas reservas física e mentalmente exaustas”. Smuts, relutante em ver a ofensiva ser abandonada, pediu que Haig fosse consultado sobre as perspectivas de sucesso. A resposta, uma mensagem de três palavras, chegou da frente ocidental: “Haig tem esperança.” Foi-lhe pedido que viajasse a Londres para explicar sua esperança com mais detalhes.

Em 8 de junho, o general Pershing e o Estado-Maior do seu quartel-general tinham chegado a Liverpool. Ao ir acolhê-los, um jornal britânico disse aos seus leitores que, se os Estados Unidos e a Grã-Bretanha tinham estado separados pela “política prussiana” do rei George III em 1776, agora os prussianos serviram para uni-los. O *Graphic* encontrou em Shakespeare sua inspiração: “Agora, o inverno de nosso descontentamento transformou-se num glorioso verão graças a esse sol de (Nova) York.” Era boa a intenção, apesar de Pershing e o presidente Truman serem

naturais do Missouri.

Durante as conversações de Pershing com o rei George V no dia seguinte, no palácio de Buckingham, o rei “mencionou os grandes custos da guerra, o elevado número de homens que a Grã-Bretanha já tinha fornecido ao Exército e à Marinha e as tremendas baixas que sofreu”. O rei mencionou depois rumores de que os Estados Unidos teriam em breve 50 mil aviões no ar. Profundamente embaraçado com esse típico exagero do poder militar americano, Pershing disse ao rei que “essas informações eram muito exageradas e que não seriam enviados aviões tão cedo”. Nesse momento, os Estados Unidos possuíam apenas 55 aviões de treino, sendo 51 obsoletos e quatro em vias de se tornarem obsoletos.

Em seu segundo dia em Londres, Pershing soube que os afundamentos de navios aliados pelos submarinos alemães, num total de 1,5 milhão de toneladas em abril e maio, eram tamanhos que não haveria navios suficientes para trazer a Força Expedicionária Americana para a França ou para mantê-la abastecida. Tinham sido afundados quinze navios, só em águas britânicas, durante os onze dias que Pershing levou para atravessar o Atlântico. O certo é que, para evitar a possibilidade de um ataque de torpedos, o navio não respondeu a nenhum dos frequentes pedidos de socorro que recebeu.

Em 9 de junho, o governo provisório russo rejeitou a oferta alemã de um armistício. Na mesma altura, numa tentativa de diminuir as amotinações no Exército francês que se alastravam havia quase um mês, foram tentadas duas políticas diferentes, mas que não se excluía mutuamente. Em 10 de junho, os dois primeiros amotinados condenados à morte foram executados. Em algumas unidades, um em cada dez dos amotinados foi executado. Nove dias depois da primeira execução, o general Pétain iniciou a formidável tarefa de falar pessoalmente a todos os regimentos em que houvera amotinações. Em dois meses, visitou mais de oitenta divisões. Foi uma tarefa longa e árdua. Um relatório secreto enviado por noventa *préfets* ao ministro do Interior, em Paris, nesse mês, sobre o moral em suas capitais departamentais, revelou que o moral em 54 cidades era “fraco” ou “indiferente” e em 36 estava “contaminado”.

Na frente italiana, a crescentemente frustrante batalha pelos cumes das montanhas reiniciou-se em 10 de junho no Trentino, mas os desertores italianos deram detalhes do assalto aos austríacos, que puderam contra-atacar com êxito. Seis cumes foram atacados pelos italianos: apenas um, de 2.070 metros de altitude, no monte Ortigaro, foi capturado. Os austríacos conseguiram manter o topo da montanha, a 2.100 metros de altitude. A batalha pelos cumes tornava-se cada vez mais difícil. Um assalto italiano ao cume do monte Ortigaro teve sucesso e foram feitos prisioneiros mil austríacos, mas os austríacos mantiveram em seu poder um pico que ficava

perto, de 2.050 metros de altitude, e o monte Camigoletti, outro importante objetivo italiano. Então, para desespero dos italianos, duas semanas depois de sua captura, o monte Ortigaro foi recuperado pelos austríacos e foram feitos prisioneiros quase 2 mil italianos. Quando a batalha terminou, depois de três semanas de luta, a linha no mapa mal tinha mudado, mas tinham morrido ou ficado feridos 23 mil italianos e 9 mil austríacos.

Na manhã de 13 de junho, a guerra voltou mais uma vez ao tranquilo mundo dos civis e das cidades quando catorze bombardeiros alemães, voando a 3.600 metros de altitude, atacaram Londres. Foram lançadas mais de cem bombas, matando 162 civis, o maior número de mortes na capital em toda a guerra. Na City, Vera Brittain viu “vários carros de vendedores ambulantes despojados de forma sangrenta dos seus condutores”. Numa escola em Poplar, quinze crianças foram mortas e 27 ficaram mutiladas. “Tal ‘chacina de inocentes’ era um aspecto horivelmente familiar da guerra em cidades e vilas do continente, mas em Londres não houvera nada comparável nos últimos novecentos anos”, escreveu o mais recente historiador do East End. “Luto, choque e raiva tornaram-se mais uma vez sentimentos xenofóbicos. Como a bomba foi lançada durante o dia, assumiu-se que a escola era um alvo.”¹² Na realidade, os alvos eram as docas ali perto, armazéns e linhas de trem. Alguns pais ficaram tão alarmados que enviaram os filhos para fora de Londres, um espontâneo momento precursor das evacuações organizadas da Segunda Guerra Mundial. Entre os que foram enviados para Reigate estavam os jovens irmãos Winogradsky.¹³

Nesse dia, o general Pershing chegou à França, desembarcando em Bolonha-sobre-o-Mar e viajando de trem para Paris. Sua chegada era precursora do há muito esperado e muito festejado novo ímpeto para o poder de guerra aliado. “Ele cativou a volúvel multidão parisiense e poderia ser eleito rei da França se isso dependesse da capital”, notou um observador. Porém, Pershing tinha sido avisado por um amigo americano que tinha vivido na França: “Há um limite para o que carne, sangue e resistência podem suportar.” Os franceses “tinham atingido esse limite”.

Ainda decorreriam muitos meses, talvez mesmo um ano, antes que as tropas americanas pudessem ocupar seu lugar na linha em número suficiente para ter qualquer impacto. Em seu primeiro encontro com Pétain, em 16 de junho, Pershing compreendeu o que o francês queria dizer quando comentou, sem que se esperasse, num momento em que a conversa arrefeceu: “Espero que não seja tarde demais.” O desejo de luta dos franceses não tinha desaparecido. Em 15 de junho, entre a chegada de Pershing à França e seu encontro com Pétain, o aviador francês, capitão Joseph Vuillemin, tinha acrescentado uma palma à sua Cruz de Guerra quando, num voo de reconhecimento acima da terra de ninguém, foi atacado por cinco aviões alemães, mas repeliu-os. Foram tropas franco-marroquinas, que viram sua exibição de perícia aérea a partir de suas trincheiras, que pediram que o capitão fosse

condecorado.

Na guerra contra a Turquia, o veleiro *Managam*, da Marinha britânica, devolveu a Atlit dois palestinos judeus em 15 de junho, depois de terem sido treinados no uso de explosivos em Chipre. Sua tarefa consistia em explodir um seção da estrada de ferro Haifa-Damasco, entre Afula e Daraa. Mais para sul, na estrada de ferro Damasco-Medina, os árabes explodiram o trecho entre Amã e Daraa, dessa vez sob a orientação de T. E. Lawrence e usando explosivos britânicos. Aviões britânicos estiveram também em ação contra posições turcas por trás das linhas. Em 23 de junho, voando do porta-aviões *Empress* e de campos de aviação perto de Gaza, bombardearam a estação de trem de Tulkarm, o campo de aviação de Ramla e o quartel-general militar alemão em Jerusalém, localizado na igreja e sanatório Augusta-Victoria, no cume do monte das Oliveiras. O principal estrago das bombas foi causado a um grande teto em mosaico representando o Kaiser e sua mulher.

Na frente ocidental, a Força Expedicionária Portuguesa entrou em ação pela primeira vez em 17 de junho, em Flandres. No dia seguinte, os britânicos estavam em ação em Messines. Entre os que foram mortalmente feridos estava Paul Freyberg, irmão do herói da Batalha do Ancre em novembro de 1916, que morreu em Bolonha-sobre-o-Mar enquanto era levado para um hospital na Inglaterra. O poeta neozelandês Elsdon Best escreveu acerca dele:

*Today the lonely winds are loose
And crying goes the rain.
While here we walk the field they knew
The dead who died in pain.
The fields that wait the slow hours long
For sounds that shall not come.
In other fields, in other earth
The laughing hearts are dumb.*¹⁴

Em 19 de junho, Sir Douglas Haig viajou à Inglaterra para explicar ao Gabinete de Guerra por que apoiava a ofensiva de verão apesar das hesitações de Lloyd George. Haig argumentou que a Alemanha estava a seis meses da exaustão total. Com mais um empurrão, a guerra podia ser ganha em 1917. Foi fortemente apoiado pelo general Smuts. Lloyd George cedeu: a nova ofensiva, a maior desde o Somme, um ano antes, teria início no último dia de julho.

Em 28 de junho, teve início uma forte luta no Aisne, onde britânicos e canadenses

tinham feito alguns progressos, e em Verdun, onde os alemães invadiram algumas trincheiras defendidas pelos franceses.

Dois dias antes, chegara a França o primeiro grande contingente de tropas americanas, com 14 mil homens, que desembarcaram em Saint-Nazaire, mas eles não teriam qualquer efeito na batalha. Primeiro, os homens tinham de ser treinados e reforçados por colegas de um contingente que só chegaria três meses depois. Os Estados Unidos estavam em guerra, mas seu esforço na França centrava-se necessariamente na construção de instalações portuárias e de treinamento, de linhas de abastecimento e de depósitos. Algumas falhas foram detectadas imediatamente. Alguns artilheiros tinham não só chegado sem suas armas, como também não faziam ideia sobre como eram essas armas ou como se operavam. Muitos homens de Infantaria eram recrutas recentes, pois a maioria dos soldados profissionais havia ficado nos Estados Unidos para atuar como estímulo para os jovens que ainda estavam sendo recrutados. Até mesmo Pershing estava chocado com a pouca qualidade de seus homens. Seu mais recente biógrafo conta um episódio: à pouca luz de um palheiro onde os soldados americanos estavam alojados, Pétain confundiu o próprio Pershing com um sargento e perguntou-lhe: “Sargento, seus homens estão satisfeitos?” Surpreso, mas sem se descompor, Pershing respondeu: “*Oui, mon général, nous sommes très contents.*” Pétain prosseguiu, sem dar pelo erro que cometera. Em outra ocasião, um general francês aproximou-se de um soldado americano “desgrenhado” que estava no posto de sentinela. Em vez de pôr-se em posição de sentido, o americano entregou o rifle ao general e sentou-se para enrolar um cigarro.¹⁵

Pershing, um excelente organizador, estabeleceu uma rede de escolas de treinamento para os recém-chegados e iniciou um vasto programa de abastecimento e preparação, essencial para garantir a participação americana na frente dez ou doze meses depois. Essa participação ainda estava muito longe. Os americanos tinham chegado, mas era muitas vezes feita a pergunta: “Onde estão os americanos?” Em 4 de julho, contudo, enquanto as tropas americanas marchavam por Paris, dirigindo-se à sepultura de Lafayette, que tinha sido sepultado, a seu pedido, em terra trazida dos Estados Unidos, houve um pandemônio de entusiasmo e muita agitação quando um oficial americano, o coronel Charles Stanton, declarou em frente aos parisienses reunidos: “Lafayette, aqui estamos!”¹⁶

Naquele verão, outro país beligerante estava prestes a entrar na guerra. Em 12 de junho, o rei da Grécia, Constantino, pró-germânico, abdicara em favor de seu segundo filho. Em 26 de junho, o pró-aliado Venizélos tornara-se primeiro-ministro. Tudo estava preparado para que a Grécia se comprometesse com os Aliados. Então, numa ansiada mudança da sorte dos Aliados, em 1º de julho, encorajado a fazê-lo por Kerensky, o general Brusilov desencadeou sua segunda ofensiva contra as forças austro-húngaras na frente oriental. Em 2 de julho, a Grécia declarou guerra às

Potências Centrais.

Quase três anos depois do início da guerra, uma potência quase arruinada renovava a ofensiva e uma potência até então neutra entrava no conflito.

Impasse no Ocidente, agitação no Oriente

Julho a setembro de 1917

No interior do império russo, com o czar afastado, o poder na capital ainda estava dividido entre o governo provisório, ansioso por criar um sistema democrático liberal, e os soviets, com sua doutrina revolucionária. No primeiro Congresso dos Trabalhadores e Soldados Soviéticos, que se realizou entre 16 e 22 de junho de 1917, os bolcheviques tinham 781 delegados, e sua maioria decidiu que a guerra devia terminar. Porém, com Kerensky como ministro da Guerra, o governo provisório continuou a desenvolver seu plano de renovação da ofensiva o mais depressa possível. O jornalista britânico Michael Farbrman, ao voltar de Petrogrado para Londres, reportou em 28 de junho que “o crescimento do poder dos extremistas socialistas, devido à desconfiança em relação dos objetivos de guerra dos Aliados”, e igualmente ominoso para os Aliados, as “condições deficientes” das estradas de ferro russas e de seus trens “estavam destruindo rapidamente os meios de comunicação”.

Em 1º de julho, realizou-se em Petrogrado uma demonstração massiva pela paz. No mesmo dia, o general Brusilov, vitorioso na ofensiva do ano anterior, fez uma ofensiva na Galícia Oriental, ao longo de uma frente de oitenta quilômetros. Trinta e uma divisões russas, apoiadas por 1.328 canhões pesados, desencadearam o ataque, tendo como objetivo atingir e capturar Lemberg, situada oitenta quilômetros mais a leste. A frente era defendida por soldados alemães e austríacos, sendo que mais de 10 mil foram feitos prisioneiros no primeiro avanço. No segundo dia da batalha, soldados tchecos que lutavam juntamente com os russos numa brigada tcheca específica, persuadiram muitos soldados tchecos que os defrontavam, membros da 19ª Divisão austríaca, a desertarem. Também se viram soldados russos lançando para longe seus rifles e recusando-se a avançar, mantendo-se “carrancudos e de braços cruzados, enquanto seus oficiais, cujas ameaças e pedidos eram inúteis, afastavam-se silenciosos e avançavam sozinhos contra o inimigo”, escreveu John Wheeler-

Bennett.

Num ataque separado dos russos, mais ao sul, o general Kornilov fez 7 mil prisioneiros austríacos, e o colapso completo da linha foi evitado pela chegada de tropas de reserva alemãs. Contudo, Kornilov continuou a pressionar, atravessando o Dniester para tomar Halich e depois Kalush, a caminho dos desfiladeiros dos Cárpatos e da fronteira húngara, pela qual os russos tinham marchado triunfalmente nos primeiros meses da guerra.

O avanço russo atingiu Ldziany, ameaçando os campos petrolíferos da Galícia Oriental. Na defesa de Ldziany, o cabo e filósofo austríaco Ludwig Wittgenstein ganhou a Medalha de Prata ao Valor por seu trabalho como observador artilheiro quando, sob fogo intenso, apontou os canhões de tal forma que causou pesadas baixas aos russos “em momentos decisivos”. Os austríacos começaram a avançar em 23 de julho, salvando os campos petrolíferos salvaram-se, mas nem tudo corria bem para as Potências Centrais: por trás das linhas alemãs, tropas polonesas até então leais à Alemanha, e que formavam várias legiões dentro do Exército alemão, recusaram-se a jurar lealdade ao Kaiser. Mais de 5 mil homens foram detidos e internados durante julho. Também detido foi o líder das Legiões Polonesas, Józef Piłsudski, que apoiou a recusa de seus homens a se manterem leais à Alemanha.

Quando o governador alemão de Varsóvia, general Beseler, apelou a Piłsudski, em 21 de julho, que trabalhasse conjuntamente com os alemães, Piłsudski respondeu: “Terá Vossa Excelência pensado, por um momento que seja, que conseguiria ter do seu lado a confiança da nação colocando insígnias polonesas em cada um dos dedos da mão que estrangula a Polônia? Os poloneses sabem em que consiste o domínio prussiano.” Pressionado para que se tornasse o líder de uma Polônia que teria a Alemanha como patrono, Piłsudski replicou: “Se eu for sozinho com vocês, a Alemanha ganhará um homem, mas eu perderei uma nação.” Piłsudski foi aprisionado pelos alemães durante o resto da guerra e seus soldados, que tinham lutado tão corajosamente contra os russos em todas as frentes orientais, foram internados em campos alemães.

As ambições nacionalistas mostravam-se um sério impedimento para a capacidade de guerra por parte das Potências Centrais. As dificuldades da Alemanha com os poloneses encontravam um paralelo nas dificuldades turcas com os árabes. No extremo mais meridional do império otomano, a hostilidade árabe para com seus amos turcos produzia efeitos. Em 6 de julho, T. E. Lawrence estava presente quando 2.500 árabes esmagaram os trezentos soldados turcos que defendiam o porto de Ácaba, na extremidade sul do mar Vermelho. Isso levou as forças árabes até cerca de duzentos quilômetros da linha de frente britânica no Sinai, onde o general Allenby recebera instruções para entrar em Jerusalém até o final do ano, apesar dos repetidos

insucessos de seu predecessor em capturar Gaza.

Atravessando o deserto do Sinai e evitando engenhosamente todas as patrulhas turcas, Lawrence juntou-se a Allenby no Cairo em 10 de julho, conseguindo assim um subsídio mensal de 200 mil libras esterlinas em ouro para os árabes, posteriormente aumentado para 500 mil. Por seu sucesso na captura de Ácaba, os árabes receberam 16 mil libras esterlinas em ouro.¹ No final do mês, sucedeu uma tragédia pessoal a Allenby, quando recebeu um telegrama que anunciava que seu filho, Michael, tinha sido morto na frente ocidental, atingido na cabeça por um estilhaço, tendo morrido cinco horas depois, sem ter recuperado a consciência. Allenby chorou. Aos seus novos colegas, pareceu ser uma “figura capaz de dar pena” em sua tristeza. Numa carta que enviou à sua mulher, tentando confortá-la, Allenby escreveu: “Michael conseguiu, cedo, o que todos os grandes homens na história do mundo tentam conseguir ao longo de uma vida: morrer com honra, amado e com sucesso, em todo o vigor do corpo e da mente.” Michael Allenby lutara na frente ocidental durante dezoito meses e ganhara a Cruz Militar por bravura. Ainda não tinha 20 anos quando morreu.

Na Grã-Bretanha, em 7 de julho, o governo concordou em estabelecer um Corpo Auxiliar Feminino no Exército. Era a primeira vez que mulheres usariam uniforme e seriam enviadas para a França a fim de trabalhar como funcionárias, telefonistas, garçonetes, cozinheiras e instrutoras no uso de máscaras de gás. Segundo a tradição, apenas homens podiam ter o grau de oficiais nas forças armadas, por isso nenhuma voluntária poderia tornar-se oficial: aquelas que tinham cargos de responsabilidade receberam as designações “controladora” e “administradora”. Por trás do estabelecimento do corpo estava a necessidade de liberar soldados que desempenhavam tarefas não essenciais na Grã-Bretanha e na França para o serviço ativo na frente.

Já havia mulheres trabalhando, em grande número, em fábricas de munições em toda a Grã-Bretanha. Longas horas, gases acres e pagamentos baixos eram algumas das características negativas desse trabalho, mas o chamamento patriótico ao voluntariado era tão forte como se via entre os soldados. “A situação é séria. As mulheres devem ajudar a salvá-la”, dizia um dos cartazes erguidos durante uma marcha em Londres sob o lema “As Mulheres têm o Direito de Servir”, quando a falta de munições tornou-se conhecida no verão de 1915. Em Gretna, na Escócia, estavam empregadas 11 mil mulheres na fábrica nacional de cordite. Mais de um terço dessas mulheres tinham sido empregadas domésticas antes da guerra. “Com o objetivo de manter as trabalhadoras dentro da área da fábrica, e afastadas de tentações indesejáveis em outros locais, não haveria trens noturnos entre Gretna e Carlisle, exceto aos sábados, quando o último trem saía da cidade vizinha às 21h30”,

recordou um superintendente.

As mulheres desempenhavam um papel essencial em providenciar as munições necessárias à guerra, mas os perigos estavam sempre presentes. As mulheres que trabalhavam com o explosivo TNT eram jocosamente referidas como “canários”, devido à descoloração amarelada da pele, sintoma de envenenamento pelo TNT. Sessenta e uma mulheres que trabalhavam na fabricação de munições morreram por envenenamento e 81 morreram em acidentes de trabalho. Em explosões acidentais durante a guerra, morreram 71 mulheres, uma na fábrica em Gretna e setenta em Silvertown, na zona leste de Londres, quando 72 mulheres também ficaram gravemente feridas. As explosões em Silvertown, onde um incêndio acidental atingiu cinquenta toneladas de TNT, devastou 2,5 quilômetros quadrados do East End de Londres, causando maior destruição do que todos os ataques à capital durante toda a Primeira Guerra Mundial. Como a fábrica pertencia à empresa Brunner, Mond e Cia., houve uma intensificação da xenofobia, com o argumento de que havia alemães entre os proprietários.²

Na frente oriental, entre as várias unidades russas em ação, estava o batalhão, de trezentas mulheres, formado em maio, sob o comando de Maria Bochkareva. Conhecido como o Batalhão Feminino da Morte, de acordo com os relatos populares da época, o grupo capturou 2 mil prisioneiros austríacos, mas as tropas que prestavam serviço juntamente com esse batalhão, imbuídas de ideias bolcheviques e receosas de que o sucesso das mulheres pudesse provocar represálias por parte do inimigo, espancaram brutalmente Bochkareva e obrigaram-na a desfazer seu batalhão. Florence Farmborough, para cujo hospital, em Seret, algumas mulheres feridas foram transportadas em meados de agosto, escreveu em seu diário:

Em honra dessas mulheres voluntárias, constará que entraram em combate e que “subiram às trincheiras”, ainda que nem todas. Algumas ficaram nas trincheiras, a desmaiar e mostrar-se histéricas; outras correram ou arrastaram-se para a retaguarda. Bochkareva retirou-se com seu dizimado batalhão. Estava muito zangada, de coração destroçado, mas aprendera uma grande verdade: as mulheres não estão aptas a serem soldados.³

O alto-comando alemão colocava cada vez maior ênfase na capacidade da campanha submarina alemã para vencer os Aliados. As estatísticas dos afundamentos mensais de navios aliados e de países neutros deram a Ludendorff, em particular, um sentimento de que as capacidades dos Aliados de prosseguirem na guerra estavam diminuindo, pois estavam sendo afundados abastecimentos bélicos e alimentares, sistematicamente, em todos os mares e oceanos. Porém, as estatísticas criaram falsas esperanças. Em 10 de julho, Walther Rathenau foi falar com Ludendorff para avisá-

lo de que mesmo as mais elevadas estimativas de afundamentos de navios aliados eram ilusórias, pois os britânicos estavam fazendo extraordinários esforços para substituir os navios perdidos. Rathenau chamou ainda a atenção de Ludendorff para “a possibilidade de os Estados Unidos construírem mais tonelagem do que nós afundamos”. Contudo, o soldado não se dissuadia com números ou previsões e disse ao industrial que respeitava o que ele dizia, “mas admitirá que preciso seguir minha intuição”.

Na época, Rathenau não sabia quão correto estava, pois, na Grã-Bretanha, o perito em construção naval Arthur Salter estava exatamente organizando o programa de substituição a que Rathenau referira, e a tal ritmo que, já no verão de 1917, quase se conseguia substituir imediatamente cada tonelada perdida. Contudo, o que Ludendorff “intuía”, como o próprio expressou, tinha substituído os fatos e os números na busca alemã pela vitória.

Não só torpedos submarinos, mas também cilindros de gás, pareceram ao alto-comando germânico oferecerem uma boa perspectiva de vitória. Na frente ocidental, em 12 de julho utilizou-se pela primeira vez gás de mostarda, lançado pelos alemães contra os ingleses perto de Ypres. Foram lançados 50 mil projéteis e mais de 2 mil soldados aliados foram afetados pelo gás. Oitenta e sete morreram. Nas três semanas seguintes, os alemães lançaram 1 milhão de projéteis de gás, tendo matado quinhentos soldados e incapacitado milhares, mas não conseguiram penetrar nas linhas britânicas.

Em 17 de julho, os britânicos retaliaram, lançando 100 mil projéteis de gás, que continha cloropicrina, causando 75 mortes entre os alemães. Essa retaliação não conduziu a qualquer avanço. Em paralelo, morreram mais britânicos nesse mês de julho numa única explosão acidental em Scapa Flow, a bordo do couraçado *Vanguard*, do que em todos os ataques com gás de mostarda e cloropicrina. No *Vanguard*, uma explosão súbita matou 804 marinheiros. Houve apenas três sobreviventes.

Na frente oriental, tropas alemãs dominavam o setor central, antes tomado pelos austríacos. “As notícias de ontem sossegaram muito meu espírito”, escreveu o general Hoffmann em seu diário em 17 de julho. “Litzmann retomou Kalush e há agora reforços alemães tão fortes nesses locais que nada pode preocupar-nos.”⁴ Dois dias depois, os alemães penetraram nas posições russas em Zlochov, numa frente de vinte quilômetros. “O assunto está correndo segundo o plano”, escreveu Hoffmann em 21 de julho, mas acrescentou: “Preciso de mais alguns prisioneiros. Os sujeitos fogem tão rapidamente que não conseguimos apanhar nenhum. Até agora, apenas 6 mil e só setenta canhões.”

O território austríaco tinha sido libertado pelos alemães. “O imperador da Áustria esteve aqui ontem e teve um comportamento que pouco menos foi do que falta de cortesia”, escreveu Hoffmann em 23 de julho. “É claro que nem agradeceu a

reconquista de uma província para eles.” Três dias depois, o Kaiser foi a Zlochov, e dali para Ternopil. Suas tropas, e não os austríacos, tinham recuperado a Galícia Oriental para as Potências Centrais. “Estava, evidentemente, com um excelente humor”, anotou Hoffmann.

Os esforços para conseguir a paz prosseguiram nesse verão, mas com tão pouco sucesso como nos meses anteriores. Em julho, o fabricante de armas britânico Sir Basil Zaharoff encontrou-se em segredo, na Suíça, com o ministro turco da Guerra, Enver Paxá, e fez aos turcos uma oferta de 1,5 milhão de dólares em ouro se assinassem uma paz separada com os Aliados.⁵ Era uma oferta tentadora, mas Enver recusou. Em Berlim, o Reichstag foi convocado para votar um acréscimo de recursos financeiros destinados à guerra. Exigiu-se que, quando a guerra terminasse, houvesse paz sem qualquer anexação territorial por parte da Alemanha. Uma “Resolução de Paz” apresentada ao Reichstag em 19 de julho foi aprovada com 212 votos a favor e 126 votos contra, com dezessete abstenções. Incitava o governo alemão a trabalhar no sentido de “conseguir a paz por meio de um acordo e uma reconciliação permanente”. Porém, o dr. Michaelis, que sucedera a Bethmann-Hollweg como chanceler, seis dias antes, e que era o candidato e porta-voz do Estado-Maior, insistiu em que a Alemanha não procuraria a paz. “Considero que um corpo como o Reichstag não é adequado para decidir sobre a paz e a guerra por sua própria iniciativa”, foram suas palavras de desdém.

Todas as ideias sobre uma paz negociada foram recusadas pelo Kaiser, que em 20 de julho, pela primeira vez em quase duas décadas, encontrou-se com representantes de todos os partidos políticos alemães, exceto os socialistas independentes. Num discurso intransigente, falou-lhes sobre seus planos para uma segunda guerra púnica contra a Inglaterra, em que toda a Europa, sob liderança alemã, destruiria o domínio mundial da Grã-Bretanha.⁶ Os delegados dos partidos moderados ficaram chocados, sobretudo quando, referindo-se às recentes vitórias alemãs na frente da Galícia, declarou: “Quando surgem meus guardas, não há lugar para a democracia.” A “Resolução de Paz” do Reichstag não despertava nenhum interesse no governante da Alemanha.

Uma tentativa feita pelo antigo líder do Partido Trabalhista britânico, Ramsay MacDonald, a fim de conseguir apoio na Câmara dos Comuns para a “Resolução de Paz” do Reichstag foi derrotada por 148 votos contra dezenove. Com azedume, MacDonald escreveu ao presidente Woodrow Wilson e disse que a neutralidade americana tinha sido melhor para a paz. Em 27 de julho, foi organizado um encontro com simpatizantes dos bolcheviques no East End. Dando a si mesmos o nome de Soviete de Londres, seu propósito era exigir um fim imediato da guerra. Para encorajar a população local a impedir o encontro, o governo fez com que o *Daily*

Express revelasse onde se realizaria e distribuiu panfletos que informavam que aconteceria um encontro pró-alemão, exortando os cidadãos: “Lembrem-se do último ataque aéreo e não faltem.” Apareceram 8 mil pessoas, incluindo muitos soldados em uniforme, que invadiram o palco e acabaram com o encontro.

Na última semana de junho e durante todo o mês de julho, realizaram-se negociações, na ilha de Corfu, entre vários representantes de eslavos do sul, sobre a possibilidade de criação de um novo país, em parte incluído nos confins da Áustria-Hungria, com base na assunção de que o império acabaria por desintegrar-se e de que a Sérvia recuperaria sua independência. O Pacto de Corfu, assinado em 20 de julho, previa uma união no pós-guerra dos três principais grupos de eslavos do sul, sérvios, croatas e eslovenos, que formariam um só país, governados pela família real sérvia. Os direitos das minorias linguísticas e religiosas seriam garantidos e seria eleita, por sufrágio secreto e universal, uma assembleia constituinte.

A ideia dessa nova nação agradava particularmente aos Estados Unidos, onde havia muitos grupos de eslavos do sul imigrados e onde a possível emergência de sistemas democráticos, e com coesão nacional, sobre as ruínas de uma estrutura imperial, era bem recebida como um avanço nas relações humanas. Durante as conversações, e depois, o conflito entre sérvios, que queriam um domínio de Belgrado, e croatas, que queriam um Estado eslavo do sul (Iugoslávia) em favor de uma “Grande Sérvia”, foi intenso e ficou por resolver.

Esses planos para o futuro estavam em contraste com os problemas do dia a dia criados com a continuação da guerra. Amotinações e descontentamento continuavam a ameaçar as capacidades de luta de vários exércitos. Em 16 de julho, quatro dias antes de ter sido assinado o Pacto de Corfu, tropas francesas amotinaram-se na frente de Salonica. No entanto, seria a partir daí que viria a libertação da Sérvia. Os soldados franceses não eram revolucionários e exigiam apenas o direito de irem para casa em licenças. Trezentos desses soldados foram persuadidos a aceitar novas formas de licença, mas noventa foram detidos.

Naquele mês, outras frentes foram agitadas por descontentamento entre as tropas. Um oficial italiano escreveu acerca da frente Austro-Húngara: “Alguns maus elementos que entraram nas unidades são para mim fonte de muita preocupação.” Na Alemanha, Ludendorff estava suficientemente preocupado com a disseminação da propaganda política entre os soldados da linha de frente para ordenar um exame detalhado de todas as cartas enviadas aos soldados que estavam na frente.

Contudo, estava nos russos a principal ameaça à capacidade dos Aliados de fazerem a guerra ou de planejarem uma paz baseada na conquista. Em 16 de julho, um levantamento em Petrogrado, encorajado por Leon Trótski, exigiu um fim imediato da guerra: seiscentos marinheiros da base naval de Kronstadt juntaram-se à

revolta, que Trótski pensava que conduziria a uma revolução, mas que Lênin, que se recuperava de um excesso de trabalho, considerava prematura. Os distúrbios se prolongaram por três dias. Em 18 de julho, cadetes leais ao governo provisório e à continuação da guerra invadiram as instalações do jornal bolchevique *Pravda* e destruíram-nas. Lênin, com receio de ser detido, ou mesmo morto, escondeu-se.

Na frente oriental, os sucessos militares russos estavam em vias de cessarem abruptamente. Em 19 de julho, o general Hoffmann ordenou um contra-ataque a leste de Zlochov, que criou uma brecha de vinte quilômetros nas linhas russas. Foram feitos mais de 6 mil prisioneiros russos e milhares fugiram do campo de batalha. Quando as notícias dessa derrota chegaram a Petrogrado, o príncipe Lvov exonerou-se do cargo de primeiro-ministro e foi substituído por Kerensky. Nesse dia, renderam-se os últimos rebeldes de Kronstadt, mas o avanço russo na frente se transformara numa retirada, quase uma fuga em debandada. Dezenas de milhares de soldados russos simplesmente desfizeram-se de seus rifles e fugiram da zona de guerra. Foram mortos dezenas de oficiais. Duas unidades aliadas de carros blindados, uma britânica e outra belga, estavam prestando serviço na frente oriental, perto de Buczacz, e seus oficiais imploraram aos desertores russos que voltassem à linha de frente, mas em vão.

As forças austro-germânicas tinham começado a avançar em direção à fronteira russa. Em 21 de julho, perto de Ternopil, o destacamento de carros blindados do Serviço Aeronáutico da Marinha britânica tomou parte na defesa da Rússia. Duas povoações, Halich e Stanislau,⁷ foram recapturadas em 23 de julho, e Ternopil foi tomada dois dias depois, estando o Kaiser presente para ver o avanço austríaco. Em 28 de julho, o Exército austríaco, perante o qual não havia uma defesa russa organizada, mas 40 mil desertores que fugiam para leste, atingiu a fronteira russa em Husiatin. O general Brusilov, que Kerensky tinha nomeado comandante-chefe dos exércitos russos, foi substituído pelo general Kornilov, cuja primeira ordem do dia condenou a traição de “certas unidades”.

Uma possível forma de ajudar os russos consistia numa ofensiva britânica na frente ocidental para desviar tropas alemãs e canhões do leste. Haig acreditava que o Exército britânico poderia penetrar nas linhas alemãs naquele verão, sem ter de esperar que chegassem forças americanas substanciais. O general Pershing tinha tornado claro que não tinha intenção de colocar suas tropas em ação antes do verão de 1918, quando teria 1 milhão de homens em armas e prontos para entrar em combate. Mesmo essa quantidade era o dobro do que o Departamento de Guerra em Washington pensava poder fornecer. Haig encontrou-se com Pershing pela primeira vez em 20 de julho, tendo anotado em seu diário: “Já começou a compreender que não se pode confiar nos franceses.”

O general Smuts, depois de seus lentos, mas firmes sucessos contra as forças alemãs na África Oriental, argumentou perante o Gabinete de Guerra em Londres que era um dever moral da Grã-Bretanha desencadear uma ofensiva na frente ocidental nesse ano. Churchill, que tinha acabado de entrar novamente para o governo como ministro das Munições, mas que não era membro do Gabinete de Guerra, insistiu com Lloyd George para que “limitasse as consequências” de uma nova ofensiva na frente ocidental. “Os exércitos equivalem-se”, advertiu Churchill ao primeiro-ministro. “De qualquer forma, os alemães são mais fortes. Têm maiores reservas e abundantes munições, uma série infinda de linhas fortificadas, com todas as espécies de formas de enchê-las, e acidentes naturais de solo que constituem obstáculos insuperáveis.”

O que Churchill tinha em mente, como explicou ao ministro da Guerra, lorde Milner, em 26 de julho, era que os Estados Unidos providenciassem os homens necessários para a vitória e que a ofensiva seguinte fosse adiada, ou muito limitada, até que chegassem suficientes tropas americanas à França para desequilibrarem a balança do poderio militar em detrimento da Alemanha. O principal papel da Grã-Bretanha seria manufaturar munições, tanques e aviões de que essas tropas americanas necessitariam e proporcionar navios que trouxessem tanto homens como matérias-primas.

Tratava-se de um planejamento para 1918, e até mesmo 1919, que evitaria a repetição das enormes perdas de vidas no Somme e futuros insucessos. Contudo, Haig estava confiante em que poderia conseguir em Ypres, no outono de 1917, o que se provou impossível no Somme um ano antes: um avanço que quebrasse as trincheiras alemãs, obrigando os alemães a recuarem profundamente para a Bélgica, pelo menos quarenta quilômetros, antes da chegada à linha do potencialmente vasto Exército americano. Mais de 2 milhões de homens estavam já sob as ordens de Haig. A advertência de Churchill tinha sido ignorada.

Os ataques com gás de mostarda por parte dos alemães tinham sido contínuos na frente ocidental desde 12 de julho. Os serviços médicos britânicos trabalhavam sem descanso para tentar remediar a situação, mas o número de mortos era elevado. O major J. W. McNee, encarregado de um laboratório ambulante, menciona um caso típico:

Exposto a gás de mostarda na manhã de 28 de julho de 1917. Admitido no dispensário em 29 de julho, sofrendo de uma severa conjuntivite e queimaduras superficiais no rosto, pescoço e escroto. Sintomas respiratórios que se desenvolveram gradualmente. A morte ocorreu cerca de cem horas depois da exposição ao gás.

Nas seis semanas seguintes a 12 de julho, mais de 19 mil soldados britânicos ficaram incapacitados devido ao gás de mostarda, muitos dos quais ficaram cegos, e 649 morreram entre uma semana e dez dias depois do ataque.

Entre os oficiais britânicos que entraram em ação naquele verão estava Siegfried Sassoon. Ferido no pescoço, foi transportado para um hospital-base numa das centenas de trens-hospital que atravessavam incessantemente os campos franceses. A bordo, havia mais quinhentos homens feridos. “As memórias que tenho daquele trem são estranhas e terríveis, pois transportava um carregamento de homens em cujas mentes os horrores de que escaparam ainda eram vívidos e violentos”, escreveu Sassoon tempos depois.

Muitos de nós tínhamos ainda a lama seca da zona de guerra em nossas botas e roupas, e cada homem com ataduras estava acompanhado de sua experiência na batalha. Apesar de alguns falarem sobre ela com leveza e até em tom de piada, havia um conjunto de enormidades na atmosfera daquele trem. Ouvi alguns oficiais com ferimentos leves que recordavam com animação suas aventuras em Wancourt, onde tinham sido bombardeados enquanto saíam de uma trincheira à noite. Sua vozearia misturava-se com o ruído surdo e a vibração do trem que ia prosseguindo, em muita segurança e tranquilidade, através da penumbra circundante. A linha de frente ficava para trás, mas pousava sua mão nos nossos corações, ainda que a realidade do seu impacto fosse diminuindo a cada quilômetro percorrido.

Sassoon foi enviado para Londres. Quando chegou à estação de Charing Cross, “uma mulher estendeu-me um ramo de flores e um folheto do bispo de Londres que com sinceridade recomendava-me que levasse uma vida limpa e que comungasse”. Sua maca foi depois “erguida para uma ambulância” que o levou a um hospital militar. Sassoon, que antes tinha ganho a Cruz Militar, estava ferido com tanta gravidade que podia ser mantido permanentemente na frente interna. Contudo, decidiu que, melhor do que se manter em silêncio e aceitar o conforto da frente interna, pediria baixa do Exército ealaria contra aquilo que agora considerava uma guerra injusta.

Numa carta que foi publicada nos jornais em julho, Sassoon escreveu que era sua convicção “que essa guerra, na qual entrei porque era uma guerra de defesa e de libertação, tornou-se uma guerra de agressão e conquista”. Ele prosseguiu:

Vi e suportei sofrimentos dos soldados e não posso continuar a fazer parte do prolongamento desses sofrimentos, para fins que creio serem malévolos

e injustos. Não protesto contra a condução da guerra, mas contra os erros políticos e a falta de sinceridade pelos quais os homens em luta estão sendo sacrificados. Em nome daqueles que sofrem faço esse protesto contra o logro que está a ser praticado sobre eles e acredito também que posso ajudar a destruir a insensível complacência com que a maioria dos que estão em suas casas encaram a continuação da agonia que eles não compartilham e que não têm imaginação suficiente para compreender.

Em 23 de julho, Sassoon foi admitido no Hospital de Guerra Craiglockhart para Oficiais Neurastênicos. Teve sorte, pois foi hospitalizado em vez de ser apresentado a um tribunal marcial. Vozes influentes tinham se erguido em seu apoio, e mesmo um ministro do governo disse, na Câmara dos Comuns, que parecia haver “alguma coisa errada” com esse “tão valente oficial”. Os membros da Câmara não deveriam aproveitar-se de “um jovem em tal estado mental”. Enquanto estive em Craiglockhart, Sassoon conheceu outro doente, Wilfred Owen, a quem encorajou a escrever sobre a guerra, tal como ambos a tinham conhecido. O resultado foi um dos mais poderosos poemas da guerra, o “Dulce et decorum est”: “To die for the fatherland is a sweet thing and becoming” [“É doce e honroso morrer pela pátria”].⁸

*Bent double, like old beggars under sacks,
Knock-kneed, coughing like hags, we cursed through sludge,
Till on the haunting flares we turned our backs
And towards our distant rest began to trudge.
Men marched asleep. Many had lost their boots
But limped on, blood-shot. All went lame; all blind;
Drunk with fatigue; deaf even to the hoots
Of gas shells dropping softly behind.*

*Gas! GAS! Quick, boys! An ecstasy of fumbling,
Fitting the clumsy helmets just in time,
But someone still was yelling out and stumbling
And flound'ring like a man in fire or lime...
Dim, through the misty panes and thick green light,
As under a green sea, I saw him drowning.*

*In all my dreams, before my helpless sight,
He plunges at me, guttering, choking, drowning.*

*If in some smothering dreams, you too could pace
Behind the wagon that we flung him in,
And watch the white eyes writhing in his face,*

*His hanging face, like a devil's sick of sin;
If you could hear, at every jolt, the blood
Come gargling from the froth-corrupted lungs,
Obscene as cancer, bitter as the cud
Of vile, incurable sores on innocent tongues,
My friend, you would not tell with such high zest
[To children ardent for some desperate glory]
The old Lie: Dulce et decorum est
Pro patria mori.*⁹

O novo assalto ao saliente de Ypres, em relação ao qual Haig estava tão determinado, teve início em 31 de julho. Depois de uma barragem de 3 mil peças de artilharia, nove divisões britânicas e francesas avançaram numa frente de 24 quilômetros. O primeiro objetivo era a aldeia de Passchendaele, sete quilômetros além do ponto de partida. Nos primeiros dois dias de batalha, houve mais avanços do que durante a ofensiva anterior na frente ocidental; num setor ganharam-se quatro quilômetros, em outros, 2,5 quilômetros. Entre os britânicos que morreram, estava o cabo Francis Ledwidge, veterano irlandês das frentes de Salonica e de Galípoli, de 26 anos. Ele colocava pranchas de madeira num caminho coberto de lama, para que armas e munições pudessem chegar à linha de frente, e tinha feito uma pausa para tomar uma xícara de chá quando um projétil explodiu perto dele. Morreu imediatamente. Sua poesia anterior à guerra deleitava-se com cenas pastoris irlandesas e contos de fadas:

*And now I'm drinking wine in France,
The helpless child of circumstance.
Tomorrow will be loud with war,
How will I be accounted for?*

*It is too late now to retrieve
A fallen dream, too late to grieve
A name unmade, but not too late
To thank the gods for what is great;*

*A keen-edged sword, a soldier's heart,
Is greater than a poet's art.
And greater than a poet's fame
A little grave that has no name.*¹⁰

Contudo, o túmulo de Ledwidge tem seu nome, no cemitério Wood de Artilharia, em Boezinge. Esse cemitério foi iniciado imediatamente depois da batalha em que Ledwidge foi morto e manteve-se na linha de frente até março de 1918: em novembro de 1918, tinha 141 sepulturas. Depois da guerra, foram levados para lá corpos dos campos de batalha e de outros cemitérios ali perto. Contém hoje sepulturas de 1.243 britânicos, trinta canadenses, dez naturais da Terra Nova, cinco australianos e três neozelandeses e 506 soldados desconhecidos, enterrados em sepulturas menores e sem nome.

Com um elevado custo em mortos e feridos, as forças britânicas no saliente de Ypres avançaram, em 31 de julho e nos dias seguintes, obrigando os alemães a retrocederem quase 1.500 metros em alguns pontos. Não era nada que se comparasse ao que Haig tinha em vista, mas era mais do que em qualquer assalto anterior ao saliente. Entre os oficiais britânicos que ficaram feridos no terceiro dia de batalha, estava o capitão Noel Chavasse, oficial-médico que um ano antes tinha recebido a Cruz Vitória no Somme por resgatar feridos na terra de ninguém. Agora, tendo novamente transportado soldados feridos para o primeiro dispensário de seu batalhão, um refúgio subterrâneo nas trincheiras, e voltado à terra de ninguém sob intenso fogo para tratar dos feridos, descansava uns momentos no abrigo quando um projétil caiu e explodiu ali.

Muitos ocupantes do abrigo, quase todos homens feridos, foram mortos. Chavasse, o homem que tinha trazido e tratado de cada um, ficou ferido no estômago. Sangrando profusamente, arrastou-se pelas escadas e conseguiu chegar a outro posto. Transportado para um dispensário, foi operado por um especialista do Hospital Guy, de Londres, mas morreu dois dias depois. A uma enfermeira que esteve com ele nas últimas horas, ditou uma mensagem para a irmã: “Mande-lhe meu carinho e diga-lhe que o Dever me chamou e que tive de obedecer.”

Pouco depois de morrer, Chavasse recebeu uma segunda Cruz Vitória.¹¹ Seu irmão, Christopher Chavasse, escreveu a um amigo, mais de quarenta anos depois: “Ainda choro meu Noel todos os dias, e faço-o há 44 anos (...) Ainda penso em coisas com Noel e tenho a impressão de que pode entrar pelo meu quarto a qualquer momento.” Também no saliente de Ypres, outro irmão de Noel, Aidan Chavasse, foi morto em ação, constando como “desaparecido e presumivelmente morto”. Seu nome é um dos 54.896 inscritos na Porta de Menin, sem sepultura conhecida.

Menos de duas semanas depois do início da ofensiva, em 31 de julho, o governo belga, em cujo solo o combate foi disputado, assinou um acordo, em Le Havre, com o governo britânico, por meio do qual a terra em que estão implantados cemitérios e sepulturas britânicos na Bélgica foi “cedida a título perpétuo” à Grã-Bretanha. O acordo foi assinado em 9 de agosto, quase dois anos depois de um acordo britânico

semelhante ter sido assinado com os franceses. Era o reconhecimento pelas crescentes baixas britânicas em solo belga.

Foram feitos prisioneiros mais de 5 mil soldados alemães durante os três dias de batalha, de 31 de julho a 2 de agosto. Para o Kaiser e seus comandantes, contudo, o perigo não estava apenas na frente ocidental. Em 2 de agosto, enquanto as tropas britânicas tomavam novas posições no saliente de Ypres, estalaram tumultos a bordo do couraçado alemão *Prinzregent Luitpold*, em Wilhelmshaven, quando um fogueiro, Albin Kobis, foi à cidade à frente de quatrocentos marinheiros e dirigiu-se a eles com as palavras de ordem: “Abaixo a guerra! Não queremos continuar a lutar nesta guerra!” Um sargento da Marinha e alguns homens persuadiram os marinheiros a voltarem ao navio.

Não houve violência. Contudo, centenas de marinheiros, devido àquilo a que se chamou “más atitudes políticas”, foram enviados para estações em terra e 75 foram presos. Kobis foi condenado à morte e fuzilado por um pelotão em Colônia. Antes de sua execução, escreveu aos pais: “Morro com uma maldição ao Estado militarista alemão.” Foi também fuzilado Max Reichpietsch, que liderara outra manifestação no navio *Friedrich der Grosse*.¹² Outro marinheiro, Willy Weber, que foi condenado à morte, mas cuja condenação foi comutada em quinze anos de prisão, disse ao tribunal: “Ninguém quer uma revolução. Queremos apenas ser tratados como seres humanos.”

No mesmo dia em que houve esses tumultos na frota alemã, o piloto naval britânico e comandante Edwin Dunning fazia história ao decolar do campo de aviação de Scapa Flow, aterrissando, pela primeira vez, no porta-aviões *Furious*. Até então, os aviões podiam decolar de um porta-aviões, mas não podiam aterrissar, tendo de ser transportados para o navio em barcaças e içados a bordo. Depois de uma segunda aterrissagem bem-sucedida, cinco dias depois, Dunning morreu ao fazer uma terceira tentativa, no mesmo dia, quando seu avião resvalou pela borda do porta-aviões e caiu no mar.

Na frente oriental, a retirada russa continuava. Tropas austríacas recuperaram a cidade de Chernivtsi em 3 de agosto. Na frente da Romênia, em 6 de agosto, o 4º Exército Russo fugiu diante de um assalto alemão. Contudo, os russos esperavam conseguir um ponto na frente oriental de onde pudessem movimentar-se novamente para oeste. Em finais de julho, tinham tido êxito no setor central, fazendo prisioneiros 12 mil soldados austríacos, num só combate, quase uma divisão inteira, e em 8 de agosto desencadearam um ataque às forças austríacas que defendiam Kovel. Nesse setor, ao sul dos pântanos de Pripet, as tropas austríacas defrontavam forças russas em muito maior número, 863 mil contra 480 mil. Compreensivelmente,

ficaram alarmados. Para os alemães, isso constituía uma típica falta de valor do seu aliado: o general Hoffmann comentou que o Exército austríaco se assemelhava a “uma boca cheia de dentes hipersensíveis: cada vez que sopra o vento, têm dores de dentes”. Foram enviadas tropas alemãs, como tinha acontecido no ano anterior, para reforçar os austríacos.

Os russos desencadearam um ataque massivo, em que alguns regimentos avançaram dezessete vezes, apesar do intenso fogo de metralhadoras e de artilharia. Era tão horrível o cheiro dos cadáveres de russos na terra de ninguém que os russos pediram ao comandante alemão, general Marwitz, uma trégua para que pudessem enterrar os mortos. Marwitz não concordou. Não havia “melhor dissuasor para batalhas futuras do que uma floresta de corpos a apodrecer”, comentou um historiador.¹³

Os austríacos resistiram ao ataque russo. A ofensiva de Kovel continuou, mas a linha austríaca não foi quebrada e a cidade manteve-se sob controle das Potências Centrais. Apesar de repetidos esforços, o novo comandante russo da frente central, general Alexeiev, foi incapaz de repetir o grande avanço de Brusilov em 1916.

Em 6 de agosto, num gesto de solidariedade entre os aliados, 3 mil soldados russos chegaram ao porto escocês de Invergordon, a caminho da frente ocidental. Ali, em 10 de agosto, os britânicos renovaram a ofensiva de Ypres, mas o avanço foi dificultado quatro dias depois por chuvas torrenciais. Em 16 de agosto, a aldeia de Langemarck foi capturada, mas um contra-ataque alemão recuperou muito do terreno ganho. Contudo, a iniciativa foi dos britânicos, que utilizaram tanques para a captura dos fortins alemães, e também dos franceses, por meio de um feroz ataque de diversão às linhas alemãs em Verdun, onde foram feitos prisioneiros mais de 5 mil alemães.

Em 18 de agosto, enquanto britânicos e franceses faziam sólidos avanços na frente ocidental, os italianos desencadeavam a Sétima Batalha do Isonzo. Três dias depois, uma enfermeira britânica na frente italiana, viscondessa D'Abernon, escreveu em seu diário: “O campo ficou submerso por uma maré cada vez maior de feridos. Ontem passaram setecentos.” A certa altura, seu dispensário ficou sem macas.

Temos muitos casos de feridos na cabeça, também com pernas e braços desfeitos, mas até agora poucos “abdominais”. Por vezes, suspeito de que os oficiais médicos na frente não lhes dão atenção. Provavelmente pensam que não vale a pena trazer casos sem esperança. É melhor dar uma oportunidade aos que podem sobreviver, mas é tudo muito triste e horrível.

Havia também tropas italianas em ação nos Bálcãs em 18 de agosto, mas com a

tarefa de apagar fogos, juntando-se a todas as forças aliadas que estavam em Salonica para tentar extinguir um fogo que se alastrava sem controle. Quase metade da cidade ficou destruída pelo fogo, e 80 mil pessoas ficaram desalojadas. O quartel-general dos britânicos ficou destruído, bem como quase todos os depósitos de quinino, necessário para combater o mosquito da malária, um flagelo da frente de Salonica. Um paiol, cheio de granadas, explodiu. Para as tropas, que tinham a esperança de ter uns dias de licença na cidade, escreveu o historiador Alan Palmer, “ainda era possível gozar a beleza natural do golfo e ter alguma paz nas colinas por trás dele, mas havia quem quisesse algo mais ruidoso, e Montmartre — ou seria a Babilônia? — tinha sido tomada pela fumaça. Durante o resto da campanha, Salonica manteve-se um local desolado”.

Desde o desencadeamento de seu novo ataque em 18 de agosto, os italianos tinham capturado cinco cumes de montanhas e feito mais de 20 mil prisioneiros alemães e austríacos. Entre aqueles que foram levados para o dispensário de Helen D’Abernon estava um tenor da ópera de Hanôver. “Seu pobre rosto estava coberto por uma massa de ataduras empapadas em sangue. Para dar-lhe de comer, a única possibilidade era por meio de um tubo de borracha passado por baixo das ataduras. Parecia que a gangrena já se tinha instalado, mas ele fez por escrito uma pergunta ansiosa, querendo saber se poderia ‘voltar a cantar’.” Em 24 de agosto, D’Abernon anotou: “O fluxo de chegada de doentes e feridos transformou-se numa inundação.” Na noite anterior, tinham por ali passado 4 mil austríacos a caminho de seu internamento “atrás do arame farpado eletrificado em Cividale”. “Alguns eram muito novos, alguns pareciam montenegrinos e outros, calmucos de rosto achatado. Todos arrastavam os pés em atitudes de grande exaustão, mas pareciam estar bem-dispostos e por vezes riam e cantavam.” O internamento, uma séria privação de liberdade em tempos de paz, significava a sobrevivência em tempos de guerra.

Um contra-ataque austríaco em 28 de agosto foi repelido pelos italianos, que fizeram mais mil prisioneiros. Os austríacos recuaram para outra linha. A Itália tinha ganhado dez quilômetros de terreno montanhoso, mas também sofria com um crescente número de deserções, calculado em mais de 5 mil em julho e mais 5 mil em agosto.

Na frente ocidental, a promessa inicial dos britânicos não se manteve. Em 22 de agosto, tinham sido ganhos uns meros oitocentos metros na estrada de Menin, a um custo de mais de 3 mil mortos e feridos, elevando o número de baixas para mais de 60 mil em três semanas. Era um número terrivelmente pesado. Para os alemães, que mais uma vez tinham suportado um ataque sustentado massivo e numericamente superior, foi um triunfo.

Entre os terrores do campo de batalha incluíam-se as perturbações mentais, que tinham começado a surgir nas primeiras semanas da guerra e sido identificadas nas ofensivas do Somme e de Verdun em 1916. No setor britânico da frente ocidental, foram estabelecidos centros especiais, em 1917, para tentar resolver casos de desordens mentais, em particular de histeria. A esses centros foi dada a designação NYDN, que equivalia a algo tão superficial como “Not Yet Diagnosed (Nervous)” [“Ainda não diagnosticado (Nervoso)”]. Nesses centros, à medida que eram feitos diagnósticos, eram propostos jogos e exercícios, havia uma biblioteca que emprestava livros e eram feitos concertos de música. Os centros foram estabelecidos entre vinte e 25 quilômetros atrás das linhas, de modo que não se ouvisse o ruído das batalhas. Depois do tratamento, os homens que não conseguiam superar aquela experiência eram enviados para a Grã-Bretanha.

Outros homens, considerados instáveis, mas que ainda podiam ser úteis, eram transferidos para companhias de emprego e trabalho na retaguarda. Aqueles que eram considerados capazes para o serviço ativo eram enviados para centros de convalescença e recebiam mais treinamento antes de serem enviados para as trincheiras. Constatou-se que as perturbações de cerca de um terço dos homens eram apenas temporárias. Confusos, silenciosos e incapazes de entender perguntas, recuperavam-se rapidamente e regressavam às trincheiras. Outros ficavam destruídos mentalmente para o resto da vida. Na Grã-Bretanha, além de seis hospitais de tempos de paz que podiam lidar com perturbações nervosas, foram instalados mais seis hospitais para oficiais e treze hospitais para militares de patente inferior, em 1917 e 1918, para tratar exclusivamente de desequilíbrios mentais devido à experiência nas trincheiras em homens enviados para casa definitivamente.

Haveria uma forma de sair do impasse na frente ocidental? Em conversações com um dos secretários particulares do rei, em 14 de agosto, Lloyd George, que já em janeiro de 1915 era favorável a um ataque à Áustria como forma de conseguir a vitória, falou amargamente contra seus próprios conselheiros militares. Haviam cometido um “erro egrégio”, segundo ele, “em não termos lançado nosso poderio ao lado da Itália para esmagar a Áustria e tomar Trieste e, depois, apertar as mãos e fazer a paz com a Áustria”. Em 4 de setembro, instado a estar presente numa reunião do Gabinete de Guerra em Londres, Haig mostrou-se favorável à continuação da ofensiva na frente ocidental. Tinha apoiado um apelo do general Pétain por uma continuação da atividade britânica para evitar que os alemães massacrassem as posições francesas, ainda enfraquecidas devido às sequelas das amotinações. Foi discutida a pressão dos italianos para que fossem enviadas tropas britânicas a fim de contrariar uma possível ofensiva austríaca e o apoio de Lloyd George a essa proposta, mas o pedido foi recusado depois de Haig ter reiterado sua confiança em penetrar nas linhas alemãs.

Tirando vantagem da agitação que reinava no interior da Rússia, os alemães conseguiram duas vitórias nos extremos da frente oriental na primeira semana de setembro. Em 3 de setembro, depois de um bombardeio massivo com mais de 100 mil granadas de gás, tropas alemãs expulsaram os russos do porto de Riga, no mar Báltico. Na frente da Romênia, em Mărășești, os alemães avançaram oito quilômetros numa frente de cerca de trinta quilômetros, fazendo 18 mil prisioneiros.

Tropas americanas atingiram a fronteira ocidental, mas em pequeno número e com tarefas limitadas. Durante agosto, o general Pershing, de seu quartel-general em Paris, estabeleceu a estrutura básica para a participação americana na guerra, ainda planejada para o verão de 1918. Em 13 de agosto, instalou uma linha de comunicação que ligava os portos às bases e aos depósitos mais adiantados. Em 20 de agosto, criou um Conselho Geral de Compras, dirigido por um amigo dos seus tempos na Universidade do Nebraska, Charles G. Dawes.¹⁴ A primeira e imediata ação do conselho foi encomendar 5 mil aviões e 8.500 caminhões aos franceses. Esse material deveria ser entregue em junho de 1918. Quando seus conselheiros disseram que a criação de uma agência de compras centralizada era ilegal, Pershing não levou em consideração as objeções e, mais tarde, comentou: “Estamos confrontados com uma emergência e não há tempo para discutir detalhes técnicos.”

Em 4 de setembro, quatro americanos foram mortos num ataque aéreo alemão a um hospital-base britânico, sendo as primeiras vítimas mortais dos Estados Unidos na França. No dia seguinte, dois soldados americanos, ambos engenheiros, foram mortos pelo fogo de artilharia alemão enquanto reparavam um trecho da estrada de ferro em Gouzeacourt, atrás das linhas. Houve um êxito da Marinha britânica, em 5 de setembro, que teve a ver com os Estados Unidos, quando o submarino alemão U-88 foi afundado por minas britânicas ao largo de Terschelling. Em 1915, o comandante do submarino, Walther Schwieger, afundara o *Lusitania*, um dos 49 navios que sucumbiram aos seus torpedos. Seis semanas antes de morrer, tinha-lhe sido atribuída a mais elevada condecoração alemã por bravura, Pour le Mérite, em reconhecimento de sua perícia no afundamento de 190 mil toneladas de navios aliados. Não foi feita qualquer menção às 30 mil toneladas do *Lusitania*, de longe sua maior vítima.

Na frente ocidental, em 5 de setembro, deu-se um episódio cujas consequências só seriam conhecidas em 1991, como resultado de um paciente trabalho detetivesco de um historiador.¹⁵ Um soldado de um dos batalhões do Liverpool Pals, James Smith, foi executado em Kemmel por deserção. Tinha entrado para o Exército em 1910 e lutado em Galípoli em 1915. Enviado para a frente ocidental, tinha ficado soterrado devido a um projétil alemão quando estava nas trincheiras. Mais tarde, ainda nesse ano, foi condenado por duas vezes por quebra da disciplina militar; como punição, foram-lhe retiradas duas condecorações de Boa Conduta. Em agosto de 1917, desertou, mas foi capturado, julgado e condenado à morte. No pelotão de

fuzilamento, estava o soldado Richard Blundell, que conhecia bem Smith. Depois dos disparos do pelotão de executores, descobriu-se que Smith ainda estava vivo. O oficial encarregado, que por tradição deveria ter dado o tiro de misericórdia com seu revólver, não o conseguiu fazer. Em vez disso, entregou seu revólver a Blundell e ordenou-lhe que desse o tiro. Blundell cumpriu a ordem. Como recompensa por sua ação, foram-lhe concedidos dez dias de licença. Essa licença teve início no próprio dia. Setenta e dois anos depois, Blundell, moribundo, repetia incessantemente na presença do filho: “Que forma de conseguir uma licença! Que forma de conseguir uma licença!”

Em 6 de setembro, o general Pershing mudou o quartel-general da Força Expedicionária Americana, que ficava em Paris, para Chaumont, perto do que provavelmente seria o setor americano de operações. Ter seus homens prontos para entrar em ação mostrava-se uma tarefa difícil. Nesse dia, Poincaré foi inspecionar as tropas americanas. A praça de armas teve de ser preparada às pressas, depois de escurecer, pelo chefe do Estado-Maior em funções, capitão George C. Marshall.¹⁶ Pela manhã, verificou-se que tinha um piso irregular, remexido e lamacento. O presidente da França não ficou impressionado, nem Pershing, cuja tarefa era transformar aqueles homens em combatentes e cujo credo era disciplina e astúcia. A acrescer aos problemas de Pershing e dos Aliados, o secretário de Guerra americano, Newton D. Baker, insistiu em que não deviam ser enviadas tropas americanas para a frente enquanto não estivessem perfeitamente treinadas. Quando foi dito a Clemenceau, que queria ter os americanos em ação o mais rapidamente possível, que eles ainda não estavam prontos, respondeu exacerbadamente que não era uma questão de estarem prontos, pois nunca ninguém está totalmente pronto, mas de ajudar a França, que estava exausta e esgotada. Pershing compreendeu as quase desesperadas necessidades dos Aliados e escreveu em seu diário em 15 de setembro: “Recentes ataques britânicos que se iniciaram em meados de julho tiveram elevados custos, e o moral britânico não está tão elevado como estava há dois meses.”

Seis dias antes dessas palavras tão pessimistas, houve um incidente atrás das linhas, em Étaples, onde soldados britânicos que tinham sido hospitalizados receberam, durante semanas, treinamento intensivo de guerra com gás e marcha. Na cidade, houve tumultos entre soldados e a polícia militar. Quando os tumultos se alastraram, o comandante do campo e uma dúzia de oficiais foram lançados ao rio, mas os homens voltaram ao campo nessa noite e, na manhã seguinte, recomeçaram o treinamento. Quando estalaram novos distúrbios, em 12 de setembro, dirigidos à detestada polícia militar, foram chamados reforços e alertada uma brigada de cavalaria, mas, quando foram feitas concessões aos homens e os rigores do treinamento foram aliviados, a calma voltou. A “amotinação” britânica tinha sido emudecida. Contudo, quando trabalhadores chineses alocados em Étaples exigiram

melhores condições, seu protesto foi abafado por tropas, sem contemplações nem compaixão.

Em paralelo, uma brigada de tropas russas em La Courtine, 320 quilômetros ao sul de Paris, debatia seu iminente envio para a frente ocidental. Erguendo a bandeira vermelha dos bolcheviques, os homens recusaram-se a ir para as trincheiras. Em 16 de setembro, seu campo foi atacado por outra brigada de tropas russas leais a Kerensky e à guerra. Naquilo que ficou rapidamente conhecido como Massacre de La Courtine, foram mortos dezenas de russos. No dia anterior, em Petrogrado, Kerensky declarara a República, determinado a manter as conquistas liberais da revolução e a tentar que seu país emergisse da guerra como uma democracia. Contudo, o poder estava lenta e inexoravelmente passando para o Soviete de Petrogrado, que se manteve reunido no palácio Tauride.

O general Pershing, ao visitar o campo russo em La Courtine, descreveu-o como “o lugar mais repugnante e insalubre que já vi”. Circulava uma piada sobre os soldados russos na frente oriental que seria cômica se não fosse significativa do insucesso russo em relação aos Aliados ocidentais: “Quantos quilômetros os russos recuaram hoje?” “Catorze, e amanhã recuam outro tanto.” “Como você sabe?” “É o máximo que um alemão cansado consegue andar.”

No dia da revolta russa em La Courtine, quinhentos trabalhadores egípcios, que estavam empregados pelos Aliados no descarregamento de mercadorias em Marselha, também se revoltaram. Tinham sido levados a acreditar que seu período de serviço nas docas seria de duração limitada e tinham acabado de saber que continuariam a trabalhar até o final da guerra, fosse quando fosse. Na manhã de 16 de setembro, recusaram-se a sair do acampamento em que estavam. Foram enviadas tropas britânicas e indianas, escoltadas por uma guarda da cavalaria indiana. Nessa noite, houve mais distúrbios, e um dos trabalhadores, Mohamed Ahmed, bateu com um pedaço de pau num oficial britânico, deixando-o inconsciente, e tirou-lhe o rifle e a baioneta antes de ser dominado por três outros egípcios. Doze dias depois, foi julgado por “distúrbios com caráter de amotinação”, considerado culpado e fuzilado.

Nesse mesmo 16 de setembro, um episódio na frente ocidental causou considerável irritação. Era o terceiro dia de uma ofensiva limitada ao saliente de Ypres, em frente de Saint-Julien. O recém-promovido a general de brigada Bernard Freyberg escreveu para casa:

Em 16 de setembro, um dos nossos aviões, quando voava a baixa altitude, reportou que vira três homens em roupas cáqui fazendo sinais numa cratera causada por uma explosão na terra de ninguém. Um oficial dirigiu-se para lá em pleno dia e trouxe esses homens, que declararam, sob

juramento, que na manhã seguinte ao ataque viram um grupo de quatro dos nossos homens que, depois de serem desarmados e feitos prisioneiros, foram mortos à baioneta pelo inimigo. Disseram que os gritos foram terríveis.

A ofensiva britânica no saliente de Ypres foi renovada em 20 de setembro. O primeiro dia de ação foi um sucesso. “Todos os nossos objetivos foram capturados conforme planejado”, notou Freyberg, mas acrescentou, referindo-se aos homens mortos à baioneta quatro dias antes: “Nossos homens não fizeram muitos prisioneiros. O incidente de alguns dias antes estava vivo demais em nossas mentes.” O próprio Freyberg ficou novamente ferido, em cinco locais, incluindo o pulmão e a coxa, depois de ter sido atingido pela explosão de um projétil. Mais tarde, recordou o dispensário em Rémy, para onde o levaram.

A excisão de fragmentos do projétil ou de balas, quando possível, era feita imediatamente. Nos casos simples, eram feitas radiografias sob uma tela e o corpo era marcado com um lápis antes de os pacientes serem levados para uma sala de operações, onde ficavam à espera da vez. Dentro da tenda, oito equipes de cirurgiões trabalhavam simultaneamente. Mal acabavam de operar, o paciente era levado para fora, ainda sob o efeito da anestesia, para dar lugar a outro homem anestesiado, que era colocado na mesa de operações. Eu esperei pela minha vez de receber a anestesia, que me foi dada por uma médica.

O objetivo britânico ainda era a colina de Passchendaele, para além da qual se esperava que o terreno fosse mais favorável. Passaram sete das mais terríveis semanas da história da guerra britânica antes que a colina fosse dominada. Num dos encontros, o sargento inglês W. Burman utilizou uma espada para matar onze alemães num ninho de metralhadoras e foi-lhe atribuída a Cruz Vitória. Um oficial da cavalaria americana que estava presente durante a batalha escreveu à sua mulher: “Os alemães lançaram um gás que faz as pessoas vomitarem, e, quando se tira a máscara, disparam o gás sobre essa pessoa. É uma boa ideia, não é?”¹⁷

Em todos os dias da guerra havia novos incidentes que revelavam como era tênue a barreira entre ferimento e morte. Um sargento da Infantaria alemã que tinha ficado ferido num braço pela explosão de um projétil, em Verdun, em 1916, e depois fora novamente atingido no braço por um estilhaço em julho de 1917, na frente da Romênia, foi gravemente ferido uma terceira vez nesse mesmo outono. Quando ia à frente de seu pelotão na terra de ninguém, em direção a uma trincheira romena, viu-

se confrontado por um soldado romeno que abriu fogo a trinta passos. A bala atravessou-lhe o peito, entre a aorta e o coração, e saiu a um dedo de distância da coluna vertebral. Sangrando profusamente, conseguiu correr até as trincheiras alemãs. Depois de passar quatro meses no hospital, apresentou-se como voluntário para a aviação, foi aceito e participou em combates aéreos nas últimas semanas de guerra. Seu nome era Rudolf Hess. Desde 1934 até seu dramático voo para a Escócia em 1941, foi o “vice” de Hitler e um dedicado apoiador do Terceiro Reich.

Outro futuro líder nazista também ficou ferido em setembro. Joachim Ribbentrop, mais tarde embaixador de Hitler na Grã-Bretanha e ministro das Relações Exteriores, tinha lutado tanto na frente ocidental como na frente oriental ao longo de três anos. Recebeu a Cruz de Ferro de Primeira Classe e, em resultado dos ferimentos, teve baixa por invalidez, com a patente de tenente.

19

Batalha de Passchendaele; revolução na Rússia

Setembro a novembro de 1917

Os alemães sofreram mais duramente do que os britânicos durante a Terceira Batalha de Ypres. Depois do primeiro dia de um assalto britânico ao bosque de Polygon, em 26 de setembro de 1917, Ludendorff escreveu: “Um dia de lutas violentas, acompanhado de todas as circunstâncias que podem causar perdas. Poderíamos ser capazes de suportar perdas de território, mas a redução de nossa força de luta foi maior.”

Na Grã-Bretanha, começavam a ser levantadas questões sobre a continuação de uma guerra por meio de desgaste. Apesar de os alemães terem sido repelidos cem metros aqui e cem metros ali, a lista de baixas aumentava. Em 27 de setembro, o chefe do Estado-Maior imperial, Sir William Robertson, escreveu a Haig: “Confesso que mantenho minha posição porque não vejo nada melhor e porque meu instinto me leva a mantê-la, mais do que devido a bons argumentos por meio dos quais eu possa apoiá-la.” No dia seguinte, Haig escreveu em seu diário: “O inimigo está vacilando.” Era esse seu argumento para continuar.

Nos primeiros seis dias de outubro, foram repelidos cinco contra-ataques alemães sucessivos, sendo capturados mais de 4 mil atacantes. Por volta de 5 de outubro, mais de 20 mil alemães tinham sido feitos prisioneiros, mas, segundo se calcula, à custa de 162.768 mortos e feridos. Os dois generais mais antigos de Haig, Plumer e Gough, instaram-no a que pusesse fim à ofensiva, mas ele não o faria. A ofensiva britânica foi renovada numa frente de dez quilômetros em 9 de outubro. Um dos que tomaram parte nessa ofensiva, Hugh Quigley, escreveu para casa alguns dias depois, do hospital, falando sobre como os “oficiais nos contaram a história de sempre, ‘é um trabalho fácil’, e reconheço que poderia ter sido um trabalho fácil se tivéssemos tido um início decente, mas nenhum de nós sabia para onde ir quando começou a

barragem, se para a esquerda ou se para a direita...”.

Quigley e os homens que estavam com ele atingiram seu primeiro objetivo, “um horroroso parapeito cheio de corpos de alemães”, depois do que um projétil fez-lhe perder os sentidos durante um momento. “O que vi enjoou-me antes de prosseguir: ao considerar curiosa a posição do capacete sobre o rosto de um oficial morto, afundado até o nariz, o sargento do meu pelotão levantou-o e viu que não tinha a parte superior da cabeça. Toda a cabeça, acima do nariz, tinha ficado em minúsculos pedaços, uma massa polposa de cérebro, ossos e músculos.” Além desse episódio, Quigley acrescentou: “Tudo aquilo parecia divertido. Sabe como se fica muito animado no meio de um grande perigo? Eu esqueci por completo que as granadas se destinam a matar, e não a produzir efeitos luminosos.” Durante algum tempo, olhou para o fogo de barragem, “o nosso e o dos alemães”, como uma coisa que estava ali para seu divertimento, “um clima de loucura, se quiser pensar assim”. O clima de loucura passou logo. Um dos homens de seu pelotão, que transportava quinhentas balas, “quis agir com coragem, avançou, fez um sinal e comportou-se como se estivesse num tranquilo exercício em tempos de paz. As últimas coisas que vi dele foram dois braços se retorcendo desesperadamente no solo e sangue a jorrar da boca enquanto as pernas e o corpo se afundavam numa cratera de granada cheia de água”.

Então, os alemães desencadearam uma barragem massiva de artilharia, com gás de mostarda e bombas altamente explosivas. “Diante de nós, os campos pareciam um mar de chamas rastejantes”, escreveu Quigley. Enquanto avançavam, os homens “tinham a sensação de estar num pesadelo, como se estivessem sob uma montanha de fogo”. Os projéteis britânicos, com uma trajetória curta, caíam perto de grupos de homens que tentavam avançar. “Mas quando a lama e a fumaça deixaram ver alguma coisa, ali estavam eles, sujos, mas intactos. A lama, empapada de chuva, atolara o projétil, que parecia ter amolecido, tornando-se inútil.” Nesse momento, um projétil alemão explodiu no meio deles. “Um homem ao meu lado pôs as mãos nos ouvidos e deu um grito de horror, meio surdo, com os tímpanos arrebatados.” Ao avançar mais, o próprio Quigley foi atingido pelo fogo de metralhadora: “Quatro homens levaram-me numa maca para a estrada de Passchendaele, passando por uma selva de buracos cheios de homens mortos, que a barragem tinha desenterrado. Tive uma visão que recordo perfeitamente: um prisioneiro alemão, lívido, que prestava auxílio a um ‘Cameron’,¹ mais pálido ainda do que ele, que tinha sido ferido no estômago. Apesar do fogo violento, não o deixou.” Dois homens que transportavam um Highlander ferido foram atingidos pela explosão de um projétil e morreram. O Highlander ferido sobreviveu. “O único problema foi que caiu numa cratera de projétil que cheirava pessimamente. Eu próprio caí uma ou duas vezes, tão ruim era o caminho, mas meus maqueiros, do corpo médico do Exército britânico, eram bons, sem medo de nada, e pediam desculpa por cada sacudidela.”

Os casos que necessitavam de maca envolviam até dezesseis homens para fazerem

o transporte ao longo de 1.500 metros de lama até as passagens formadas com tábuas e os dispensários avançados.

Em 12 de outubro, à medida que as tropas aliadas se aproximavam da colina de Passchendaele, chuvas torrenciais transformavam os campos em lama líquida. As baixas alemãs eram tão elevadas que Ludendorff foi forçado a desviar doze divisões alemãs para Flandres enquanto iam a caminho da frente italiana. A chuva era de tal modo torrencial, e tão funda a lama, que, em 13 de outubro, Haig cancelou o ataque que deveria chegar para além de Passchendaele. Um general britânico comentou laconicamente: “A lama interrompe as operações em Flandres. A neve interrompe as operações na Itália.” Nos últimos cinco dias da batalha por Passchendaele, durante a qual tropas australianas atingiram os arredores da cidade, foram mortos 130 oficiais e mais de 2 mil homens e 8 mil ficaram feridos. Muitos morreram ao caírem na lama, feridos, e afogarem-se.

Entre os Aliados havia mais um sentimento de dever cumprido do que existira depois do Somme. Tinha-se conseguido ganhar mais terreno com menos baixas. Os mortos e feridos durante a Terceira Batalha de Ypres totalizavam 224.897, com cerca de 66 mil mortos.²

Para os alemães, a Terceira Batalha de Ypres tinha sido um severo golpe em sua força e em seu moral. As baixas, entre mortos e feridos, rondavam 400 mil, quase o dobro das baixas entre os britânicos. O general Kuhl, chefe do Estado-Maior na frente de Flandres, descreveu mais tarde as batalhas que transformaram Passchendaele “no maior martírio da [Primeira] Guerra Mundial” e acrescentou: “Nenhuma divisão podia aguentar esse inferno durante mais de catorze dias.”

As tropas americanas ainda estavam em treinamento, e seu número crescia mais lentamente do que Pershing gostaria, sendo o programa de abastecimento prejudicado pela necessidade dos próprios americanos de construir muitas das instalações portuárias. Em 3 de outubro, durante uma inspeção feita por Pershing à 1ª Divisão, o major Theodore Roosevelt Jr., filho do antigo presidente dos Estados Unidos, fez uma demonstração de um ataque a uma trincheira inimiga. Quando Pershing, ao vê-la, explodiu de indignação pela falta de competência dos oficiais que comentavam a demonstração, o capitão George Marshall interveio para explicar algumas dificuldades do treinamento. Nem tudo estava bem no Exército sobre cujos ombros recairia a responsabilidade dos combates. “Receio que tenhamos alguns oficiais sem experiência, energia e agressividade de espírito necessárias para prepararem suas unidades e para manejá-las nas condições de batalha que existem hoje”, escreveu Pershing ao ministro britânico da Guerra, Newton Baker, no dia seguinte.

No mar, sucessos e fracassos dos Aliados alternavam-se. Em 2 de outubro, no Báltico, a armada russa recusou-se a obedecer às ordens do governo provisório, permitindo aos alemães fazerem planos para desembarcar nas duas grandes ilhas do golfo de Riga, Dagö e Ösel. Enquanto os alemães enviavam transportes de tropas para esses novos desembarques, a tripulação do lança-minas russo *Pripyat* recusava-se a colocar as minas. No Atlântico e no Mediterrâneo, contudo, a instituição do sistema de comboios no mar dava bons resultados para os Aliados. As perdas de navios mercantes em setembro foram as mais baixas do ano, com o afundamento de apenas 159 navios britânicos e neutros, ainda que tenham perecido 293 tripulantes de navios mercantes, um número elevado. Em terra, os países aliados viviam maus dias. Nas frentes do Isonzo e do Trentino, o número de desertores italianos tinha subido, no princípio de outubro, para 70 mil. Na Palestina, a polícia secreta turca tinha descoberto a rede de espionagem judaica que trabalhava para os britânicos e detido uma de suas dirigentes, Sarah Aaronsohn. Torturaram-na durante quatro dias, mas ela não revelou nada. Em 5 de outubro, suicidou-se.

Influenciado pelo entusiasmo e pelos esquemas práticos do irmão de Sarah Aaronsohn, Aaron, o governo britânico começou a encarar com bons olhos a substituição do domínio turco por uma entidade sionista sob mandato britânico na Palestina. Nesse verão, lorde Rothschild tinha apresentado ao governo britânico um projeto para um Lar Nacional Judaico na Palestina, que serviria para encorajar os judeus de todos os exércitos aliados a encararem a derrota dos turcos como um importante objetivo. A princípio, o governo britânico foi lento para responder, mas, em 2 de outubro, os serviços secretos britânicos tiveram conhecimento de um encontro em Berlim em que alemães e turcos faziam planos para oferecer aos judeus da Europa um Lar Nacional Judaico na Palestina, patrocinado pelos alemães. Isso estimulou os britânicos a procurarem uma fórmula que tornasse mais atrativa a oferta aliada aos judeus.

Ao longo de 1917, o futuro dos tchecos tinha constituído uma preocupação para os políticos em Viena e para os nacionalistas em Praga. Em 4 de agosto, como arma para virar a opinião pública contra os Habsburgos, o governo francês anunciou a formação, em solo francês, de um Exército tcheco. Em Viena, apesar desse estímulo dado pela Entente, manteve-se uma forte oposição a qualquer concessão real às minorias. As esperanças nacionalistas tchecas tinham aumentado com a subida ao trono do imperador Karl; um dos seus primeiros atos consistiu em comutar as penas de morte dos líderes nacionalistas, Karel Kramar e Alois Rasin para quinze anos e dez anos de prisão, respectivamente. O novo imperador, que tinha 30 anos em agosto de 1917, afastava-se rapidamente da velha ordem de seu tio-avô, nomeando um primeiro-ministro moderado, Ernst Seidler, convocando o Parlamento pela primeira vez em mais de treze anos e propondo um sistema federal para a Áustria, no qual as

terras tchecas seriam autônomas. O dr. Kramar foi posteriormente libertado da prisão.

Kramar foi recebido em Praga com regozijo, mas os húngaros estavam determinados a não permitir que suas fronteiras fossem alteradas e vetaram não só as exigências tchecas sobre a Eslováquia, mas também as exigências romenas e dos eslavos do sul. Porém, mesmo os húngaros estavam sendo arrastados para a teia de incerteza e caos implícitos no futuro da guerra. Em 19 de setembro, o conde Károlyi, líder do Partido da Independência da Hungria, estabeleceu os detalhes de uma campanha que se destinava a pôr um fim à guerra tão rápido quanto possível.

Houve um momento de humilhação para os tchecos, em 27 de setembro, no Parlamento, quando o deputado austríaco Karl Hermann Wolf, em resposta a um apelo tcheco à integridade do solo da Boêmia, disse que as exigências da Boêmia eram a raiz dos males da Áustria. Wolf continuou, dizendo que o primeiro-ministro “comportava-se com uma bondade, uma gentileza, uma delicadeza, uma doçura que podem ser perdoadas em círculos muito civilizados, mas que não podem ser adotadas em relação a tigres”. “Entre animais selvagens, não se trabalha com promessas e carícias, mas com o chicote”, completou ele.

Houve um burburinho, e, durante vinte minutos, Wolf não pôde dizer mais nada, mas, quando o barulho diminuiu, continuou no mesmo estilo. Elizabeth Wiskemann, historiadora das aspirações nacionais tchecas, comentou: “Os tchecos já eram suficientemente sensíveis a respeito de sua ‘linguagem de servos’ e de sua descortesia, que tanto divertia os vienenses, para que os comparassem a animais selvagens.”

Surgiram tumultos civis onde tinham falhado processos parlamentares. Durante uma greve em Prostejov, na Morávia, 23 trabalhadores foram mortos e quarenta ficaram feridos quando tropas austríacas abriram fogo.

O Kaiser, querendo mostrar aos turcos que a Alemanha estava determinada a prosseguir na guerra apesar da amotinação naval em Wilhelmshaven, da agitação no Reichstag e das pesadas baixas no saliente de Ypres, deslocou-se para Constantinopla. Podia, pelo menos, encarar com confiança o iminente colapso russo na frente oriental, onde, em 6 de outubro, mais de 1 milhão de trabalhadores russos das estradas de ferro entraram em greve, tornando o movimento de tropas para a frente praticamente impossível.

Nesse mês, houve outros êxitos alemães. Na frente ocidental, foram repelidos vários ataques franceses. Em Passchendaele, apesar do grande número de baixas, as defesas alemãs resistiram e o plano britânico de avançar profundamente na Bélgica falhou. No Báltico, foi desencadeada uma operação anfíbia contra três ilhas russas, Dagö, Ösel e Lua, com uma armada de navios de guerra, incluindo onze couraçados

e dezenove vapores para 23 mil soldados e 5 mil cavalos. As ilhas foram defendidas pelo almirante Altvater, mas sua tarefa tornou-se impossível devido aos marinheiros revolucionários que estavam sob seu comando. Como disse mais tarde ao general Hoffmann: “A influência da propaganda bolchevique nas massas é enorme. Eu estava defendendo Ösel quando as tropas desapareceram diante dos meus olhos.” A ilha foi ocupada e foram feitos prisioneiros 5 mil soldados russos.

Na África Oriental alemã, as forças alemãs continuaram a lutar contra os britânicos e prepararam-se, sob a tenaz liderança de Lettow-Vorbeck, para invadir a África Oriental portuguesa, que, depois de vários atritos com seus inimigos numa vasta área geográfica, só se renderia catorze dias depois da assinatura do armistício na Europa. No mar do Norte, dois cruzadores alemães, o *Bremse* e o *Brummer*, atacaram e desfizeram um comboio naval que ia da Noruega para as ilhas Shetland, afundando nove navios mercantes em pouco mais de duas horas. Dois contratorpedeiros britânicos, o *Mary Rose* e o *Strongbow*, tentaram intervir, mas foram afundados, tendo morrido afogados 135 tripulantes. Nesse mesmo dia, 17 de outubro, o navio americano de transporte *Antilles* foi afundado por um submarino alemão, matando 67 pessoas que iam a bordo.

Martin Niemöller, comandante de um submarino alemão que estava então ao largo da costa do Marrocos, recordou mais tarde aqueles emocionantes dias:

Em 20 de outubro, ao cair da noite, afundamos um vapor desconhecido, provavelmente britânico, perto da costa, por meio de um torpedo depois de um duelo de artilharia. No dia 21, tivemos um combate feroz com outro vapor britânico, que primeiro veio em direção a nós e depois se desviou e se afastou. Era um domingo, e a princípio o vapor teve sorte, pois conseguiu afastar-se e nós tivemos de cessar fogo. Pouco depois do meio-dia, o *Gryfevale* pareceu ter problemas, pois começou a navegar mais devagar, e voltamos a abrir fogo. Aproximou-se da terra com as ondas. Depois de a tripulação ter desembarcado, destruimo-lo com artilharia, e o que restou não é suficiente para saber que foi um navio a vapor.³

Esses foram sucessos alemães, mas também houve insucessos naquele mês, incluindo a execução, nos arredores de Paris, em 15 de outubro, da dançarina holandesa de 41 anos Mata Hari, considerada culpada de espionagem para os alemães.⁴ O *Times* reportou:

Mata Hari, a dançarina, foi fuzilada nesta manhã. Foi detida em Paris em fevereiro e condenada à morte em tribunal marcial no mês de julho por espionagem e por ter dado informações ao inimigo (...) Tinha o costume

de reunir-se com notórios mestres de espionagem alemães fora do território francês e provou-se que comunicou-lhes importantes informações em troca de avultadas somas em dinheiro recebidas desde maio de 1916.

Seu nome real era Margaretha Gertruida Zelle e, desde 1903, quando tinha 27 anos, era dançarina na França.

Quatro dias depois da execução de Mata Hari, um ataque com onze zepelins às cidades industriais no norte da Inglaterra, cuidadosamente planejado, correu muito mal. Um zepelim lançou suas bombas sobre Londres e quatro desviaram-se da rota devido a um vento de cem quilômetros por hora, caindo sobre a França ocupada pelos alemães. Outro zepelim foi abatido pelo fogo antiaéreo francês, a 5.800 metros de altitude, outro despencou no solo, outro caiu intacto em mãos francesas e outro desapareceu no Mediterrâneo sem deixar rastro.

Houve um momento de mau presságio para os alemães em 21 de outubro, no setor de Lunéville da frente ocidental, quando as primeiras tropas de combate americanas se juntaram a várias unidades francesas. Foram enviados para um setor tranquilo da frente, escolhido por esse motivo. O esquema consistia em enviar batalhões individuais, rotativamente, para as trincheiras da linha de frente. Um batalhão americano capturou o primeiro prisioneiro feito pela Força Expedicionária Americana, um ordenança alemão que entrou naquele setor por engano.

Em 23 de outubro, no Aisne, os franceses desencadearam um ataque, limitado, mas sustentado, às posições alemãs que defendiam o Chemin des Dames. O ataque tinha sido precedido por seis dias (e noites) de bombardeios de artilharia, nos quais uma das baterias de canhões franceses de 75 milímetros foi operada por artilheiros americanos. O ataque em si, por meio de oito divisões francesas apoiadas por oitenta tanques franceses, avançou mais de três quilômetros no terreno pulverizado, fazendo 10 mil prisioneiros alemães e privando os inimigos de um importante ponto de observação em Laffaux. Um dos locais capturados pelos franceses nessa ocasião foi o forte de Malmaison, uma antiga fortaleza que antes da guerra tinha sido vendida a um construtor particular para ser usada como pedreira. Conhecida como a Batalha das Pedreiras, a vitória foi descrita por um historiador como “limpa, compacta e satisfatória, como um embrulho de presente; sem dúvida, um presente para animar um país cansado e desencorajado”.⁵ Os alemães, que não estavam interessados em disputar uma batalha prolongada, retiraram-se do Chemin des Dames para uma posição mais baixa, três quilômetros ao norte.

O foco do plano de ofensiva alemão era a frente italiana, onde uma substancial força alemã se juntara aos austríacos para penetrar no Isonzo. Era a décima segunda

batalha nos inóspitos e altos cumes, mas a primeira cujos planejamento, escala e padrão tinham sido determinados pelas Potências Centrais. A ação começou com um bombardeio de artilharia que durou 24 horas, sendo que durante duas horas foram usadas granadas de gás, contra as quais os italianos não tinham uma proteção adequada. Os italianos, devastados pelo gás, recuaram em pânico mais de vinte quilômetros. Nessa tarde, as forças alemãs entraram na cidade de Caporetto. Para os italianos, esse passaria a ser um nome com conotações vergonhosas, apesar de seus homens não terem como resistir a um assalto tão avassalador.

A morte não fazia discriminações: entre os que morreram em Isonzo naquela semana, estava o poeta lírico austríaco, de 25 anos de idade, Franz Janowitz. Também em ação em Caporetto estava o tenente Rommel, que, em 25 de outubro, conduziu seus homens a dois cumes de montanha e capturou 3.600 italianos. No final desse dia, o Exército alemão tinha feito 30 mil prisioneiros ao todo e capturado mais de trezentos canhões. No dia seguinte, o avanço austro-germânico continuou, com tropas austríacas a capturar o monte Maggiore. Rommel, depois de um avanço de cerca de vinte quilômetros, atingiu o cume do monte Matajur, a 1.650 metros de altitude. Depois de 52 horas de luta, tinha feito mais de 9 mil prisioneiros, tendo perdido apenas seis homens.

Nesse terceiro dia de sucessos austro-germânicos contra os italianos, Haig desencadeou uma última tentativa britânica para tomar Passchendaele. “O inimigo arremeteu como um touro bravo contra um muro de aço”, comentou Ludendorff. Em 26 de outubro, o mesmo dia em que se iniciou a ofensiva de Passchendaele, na esperança de evitar um colapso italiano no sul, Lloyd George ordenou que duas divisões da frente ocidental fossem enviadas, sem demora, para a Itália, mas era tarde demais para uma recuperação imediata do equilíbrio militar, e, em 27 de outubro, o Exército italiano retirou-se de suas posições no Isonzo. Nesse dia, Mussolini, um dos mais estridentes jornalistas da Itália, apelou a uma renovação do zelo patriótico. Enquanto a luta continuasse, escreveu, “temos de abandonar a grande palavra ‘Liberdade’. Há outra, que nesse terceiro inverno da guerra deve estar nos lábios do Gabinete quando se dirige ao povo italiano, que é ‘Disciplina’”. Sua exortação aos leitores em 27 de outubro foi: “Enfrentem o inimigo.” Os italianos deviam considerar “não a gravidade, mas a grandeza do momento”.

Um oficial de ligação britânico na Itália, Sir Samuel Hoare, estava de tal forma preocupado com o alastramento do derrotismo e do sentimento antibelicista em Milão, e com o sentimento pró-germânico que viu em Roma, que se encontrou com Mussolini e obteve permissão dos serviços secretos britânicos para ajudar a financiar seu jornal e para encorajar a publicação de artigos claros contra os pacifistas milaneses. “Deixe isso comigo”, comentou a um intermediário que lhe levou o dinheiro britânico. De seu posto de editor, Mussolini continuou a advogar coragem, resistência, desafio e sacrifício. No Isonzo, onde os italianos tinham recuado para

sul, até o Údine, tropas francesas e britânicas faziam todos os esforços para apoiar seu aliado.

Por todos os lados, os exércitos aliados estavam envolvidos em lutas tremendas, cada uma potencialmente decisiva para o desfecho da guerra. Em 30 de outubro, finalmente entraram em Passchendaele, mas tiveram pesadas baixas e foram repelidos. “O que se vê daqui está além de qualquer descrição”, escreveu algumas semanas depois o futuro chefe do Estado-Maior imperial, general de brigada Alan Brooke. “É, de certa forma, uma bênção podermos ficar insensíveis a tudo o que a mente não possa abarcar totalmente.” De uma conferência dada por Haig, Brooke recordou: “Difícilmente podia crer que meus ouvidos não me traíam! Falou nos termos mais idílicos sobre nossas hipóteses de abrir uma brecha. Eu estive em todos os lados e para mim não tínhamos qualquer chance. Estou certo de que ele estava mal informado e de que nunca tinha visto o terreno com os próprios olhos.”

Na Palestina, o 8º Exército Turco, comandado pelo general Kress von Kressenstein, veterano de Galípoli, preparava-se para repelir uma terceira tentativa britânica de expulsar os turcos para a fronteira sul da Palestina. Antes, por duas vezes, Gaza, que defendia a Palestina ao sul, fora atacada em vão. Contudo, o terceiro ataque seria diferente, e Gaza não seria o alvo principal. A ação tinha sido precedida por um plano de diversão ao longo de dois meses, com a finalidade de convencer os turcos, por intermédio de ordens falsas, captadas “inadvertidamente”, de que o assalto principal seria a Gaza, como fora antes. Três semanas antes da batalha, um oficial britânico, Richard Meinertzhagen, foi a cavalo a um posto de guarda turco, permitiu que os guardas o perseguissem, e quando desaparecia, deixou cair uma mochila manchada com sangue de cavalo, para dar a impressão de que tinha ficado ferido. Dentro da mochila estavam, cuidadosamente preparados, detalhes, todos falsos, do próximo ataque a Gaza, e uma carta do departamento dos serviços secretos que advertia para a impraticabilidade de um ataque a Berseba.

A principal ofensiva britânica, a primeira comandada pelo general Allenby na Palestina, foi justamente contra Berseba, em 31 de outubro. Os turcos, que tinham sido enganados, pensando que não seriam atacados naquele ponto, foram confrontados com uma força de assalto de 40 mil homens. O comandante turco, general Ismet, foi obrigado a lançar suas reservas para deter o primeiro assalto.⁶ Como muitas vezes acontece em batalhas, a sorte também desempenha seu papel: o recém-formado 7º Exército Turco já tinha deixado Jerusalém para a frente de Berseba, mas não estava nem na metade do caminho.

A primeira unidade atacante a entrar em ação foi a cavalaria neozelandesa. No campo de batalha, um soldado britânico, o cabo Collins, quando transportava um

homem ferido para um local seguro, matou à baioneta quinze turcos que tentaram barrar-lhe o caminho de volta às linhas britânicas. Foi-lhe atribuída a Cruz Vitória. Na captura da própria Berseba, australianos fizeram uma carga de cavalaria em grande estilo, utilizando suas afiadas espadas e baionetas. O reconhecimento aéreo, um ramo da guerra a que Allenby dedicava particular atenção, revelara que os turcos não estavam protegidos nem por arame farpado nem por fossos anticavalaria. Pensando que os australianos constituíam a guarda avançada de uma força mais vasta, os turcos fugiram para a cidade. Os australianos perseguiram-nos, fazendo mais de mil prisioneiros.

Depois da captura de Berseba, Gaza também foi capturada, tendo o assalto sido precedido de um massivo bombardeio naval anglo-francês, feito do mar, em que participaram dez navios de guerra. Mesmo nesse momento, o poderio da combinação de forças turco-germânicas não podia ser negligenciado: um submarino alemão aproximou-se da costa e afundou dois navios de guerra aliados, mas, quando começou o ataque combinado da Infantaria e da cavalaria a Gaza, levou tudo diante de si, e o sistema de fortificações que Von Kressenstein tinha levado 25 semanas para construir foi arrasado em 25 minutos. Quando se descobriu que o minarete da principal mesquita estava sendo usado como ponto de observação da artilharia, foram dadas ordens à flotilha naval, e o minarete foi metralhado e destruído.

Ao entrarem em Gaza, os soldados britânicos, entre eles soldados judeus especialmente recrutados do 39º Batalhão de Fuzileiros, encontraram uma cidade em ruínas. E encontraram também, entre as sepulturas de soldados britânicos que tinham morrido nos dois assaltos anteriores, a sepultura de James Bonar Law, filho do destacado político conservador e futuro primeiro-ministro, Andrew Bonar Law. A cidade tinha sido saqueada pelos turcos antes da retirada. Perto de Huj, ao norte de Gaza, os turcos tentaram impedir que os britânicos avançassem mais para norte utilizando obuses e artilheiros austríacos, mas a cavalaria de Allenby, resoluta, carregou contra a artilharia austríaca e os ninhos de metralhadoras turcas. A maioria dos artilheiros, ao ver os atacantes subirem decididamente as colinas, ao seu encontro, lançou-se em fuga para norte. Outros, percebendo tarde demais que seriam derrotados e que estava perdida sua chance de fugir, “dispararam à queima-roupa contra a massa que subia rapidamente a colina”, como escreveu o biógrafo de Allenby, Raymond Savage. “Os cavalos batiam, esventrados, nos canhões, enquanto os artilheiros, inabaláveis, enfrentavam a morte.”

Foram capturados três obuses austríacos e nove canhões de campanha. A cavalaria tinha defrontado a artilharia e vencido. A carga de cavalaria prosseguiu, capturando as metralhadoras turcas, “que foram voltadas para dispararem contra os turcos em fuga”. Von Kressenstein e o 8º Exército Turco recuaram quase até Jafa. Estava aberto o caminho para Jerusalém, o objetivo de Allenby. Dos campos e valas de escoamento em torno de Gaza foram tirados os corpos dos vencedores que tinham

caído, sepultados imediatamente a leste da estação de trem, onde ainda hoje repousam 3 mil soldados britânicos, um aviador, uma enfermeira e uma freira enfermeira, com australianos, vinte neozelandeses, nove soldados das Índias Ocidentais Britânicas, dois oficiais britânicos do Exército indiano, quatro sul-africanos e dois membros do corpo de trabalho egípcio. Os soldados judeus foram identificados com uma estrela de Davi sobre suas sepulturas. Há ainda 781 sepulturas de homens que não puderam ser identificados. Um cemitério especial indiano, que contém quarenta sepulturas, está dividido numa seção hindu e outra muçulmana. No cemitério militar de Berseba estão 1.239 sepulturas de homens dos domínios britânicos.

Em 31 de outubro, os aviões Gotha alemães desencadearam o primeiro ataque com bombas incendiárias sobre a Grã-Bretanha. O ataque não teve sucesso e poucos foram os danos causados pelas 83 bombas de 4,5 quilos que foram lançadas, muitas das quais não explodiram. Foram mortos dez civis. Os canhões antiaéreos de Londres, colocados de modo que cada bateria pudesse alertar sua vizinha sobre a chegada dos bombardeiros, expulsaram por completo alguns dos atacantes e dispersaram outros. Dos 22 atacantes, cinco tiveram de fazer aterrissagens de emergência quando retornaram.

As tropas dos Estados Unidos estavam prontas para entrar em ação, e assim fizeram pela primeira vez na noite de 2 de novembro, quando um batalhão de Infantaria substituiu as tropas francesas em Barthelémont. Às 3h da manhã seguinte, um de seus postos isolados foi sujeito a uma hora de bombardeio de artilharia, depois do que um grupo de assalto de 213 alemães, de um regimento da Baviera, atacou. Os americanos estavam em minoria de quatro para um. Três foram mortos: o cabo Gresham e os soldados Enright e Hay. Um foi morto com um tiro, outro teve a garganta cortada e o outro teve o crânio esmagado. Depois, o grupo de assalto retirou-se. Tinha perdido dois dos seus homens e um desertou para os americanos, mas voltou às linhas alemãs levando consigo doze prisioneiros de guerra americanos.

Os sobreviventes do posto foram encontrados “com rostos pálidos e extenuados e olhos apavorados”. Pershing, ao saber do ataque, chorou. Uma investigação apurou que as tropas americanas não estavam suficientemente treinadas e, portanto, deviam ser retiradas das linhas. Com amargura, o comandante francês, general Paul Bordeaux, teve dúvidas sobre “a coragem e a capacidade com que os americanos se defenderam”. Depois de seu depoimento ter sido criticado, o general Bordeaux retratou-se, pedindo que os corpos dos três americanos mortos “fiquem aqui, fiquem aqui conosco para sempre”. Ele ainda declarou:

Havemos de inscrever em suas sepulturas “Aqui jazem os primeiros

soldados da famosa República dos Estados Unidos a caírem em solo francês, pela justiça e pela liberdade”. Quem passar por eles, descobrirá a cabeça. Os viajantes da França e dos países aliados dos Estados Unidos que aqui vierem visitar nosso campo de batalha da Lorena desviarão de seu percurso para virem aqui, para trazer a essas sepulturas seu respeito e sua gratidão. Cabo Gresham, soldado Enright e soldado Hay, em nome da França, agradeço-vos. Que Deus receba vossas almas. Adeus!

Setenta e cinco anos depois, um guia de viagens britânico indica esse campo de batalha na Lorena e o local específico da primeira ação ofensiva americana na frente ocidental.⁷

Na frente oriental, a guerra depressa cedeu lugar à revolução. Apesar das declarações, em 16 de outubro, do novo ministro russo da Guerra, general Verkhovski, ao coronel Knox, de que “será restaurado o Exército russo e estará em condições de lutar antes da primavera!”, Knox anotou em seu diário duas semanas depois: “É evidente que não há a menor esperança de que o Exército russo volte a combater.” Em 2 de novembro, em parte na esperança de influenciar os judeus russos para que convencessem seus compatriotas a lutar, a Grã-Bretanha publicou a Declaração Balfour, uma carta do ministro das Relações Exteriores, lorde Balfour, a lorde Rothschild, em que expressava o apoio britânico a “um Lar Nacional Judaico para o povo judeu” na Palestina. Os debates finais que conduziram à declaração tinham a ver diretamente com a forma como poderia servir para unir o sentimento patriótico na Rússia.

“Informações vindas de todos os quadrantes mostram como é importante o papel que os judeus estão desempenhando na situação política da Rússia”, escreveu um oficial do Ministério das Relações Exteriores britânico, Ronald Graham, a Balfour, em 24 de outubro. “Quase todos os judeus na Rússia são sionistas, e, se conseguirmos fazê-los ver que o sucesso das aspirações sionistas dependem do apoio dos Aliados e da expulsão dos turcos da Palestina, teremos um poderoso elemento do nosso lado.” Concordou-se, em 3 de novembro, que três destacados sionistas, entre eles Vladimir Jabotinsky, iriam a Petrogrado para tentar reunir os judeus russos em torno da causa aliada. “Que pena ter se perdido tanto e tão valioso tempo”, escreveu nesse dia o subsecretário de Estado permanente, lorde Hardinge, mas não estava muito pessimista e disse a Balfour: “Com uma condução engenhosa dos judeus russos, a situação pode recompor-se antes da primavera.”

Era tarde demais para recuperar uma situação de desintegração. Nada, por mais atrativo que fosse a uma minoria, ou por mais tentador que fosse a longo prazo, poderia contrariar a onda da opinião pública antibelicista. Em 3 de novembro, soube-se em Petrogrado que tropas russas na frente do Báltico tinham deposto as armas e

começado a confraternizar com o “inimigo” alemão. Quando, em 4 de novembro, o governo provisório ordenou a uma guarnição de Petrogrado, com 155 mil homens, que fosse para a frente, o Comitê Militar Revolucionário Bolchevique instou-os a não irem. No dia seguinte, Kerensky ordenou às tropas que estavam fora de Petrogrado, que julgava serem leais ao seu governo, que entrassem na cidade. Em 6 de novembro, essas tropas recusaram-se a fazê-lo. Nesse dia, um batalhão de mil mulheres leais ao governo foi escarnecido por soldados quando marchava pelas ruas a caminho de ser inspecionado por Kerensky. Nessa noite, os bolcheviques ocuparam os principais edifícios da capital: as estações de trem, as pontes sobre o Neva, o banco do Estado e, ainda mais importante, a central telefônica.

O vasto império, que ia do mar Báltico ao oceano Pacífico, cujo apoio à Sérvia e cuja aliança com a França tinham sido catalisadores da guerra em 1914, estava em tumulto e confusão. Em 7 de novembro, mais de 18 mil bolcheviques cercaram os ministros do governo provisório no Palácio de Inverno, que era defendido por apenas mil soldados. Da base naval de Kronstadt tinham vindo mais de 9 mil marinheiros envolvidos na revolução. A eles juntaram-se, nesse dia, quase 4 mil marinheiros e novecentos soldados, que chegaram à capital a bordo de um lança-minas, dois navios-varredores, dois vapores e cinco embarcações navais menores. Chegaram também dois contratorpedeiros de Helsinque, que anunciaram seu apoio à revolução.

Pouco depois da 23h desse dia, o cruzador *Aurora*, tripulado por bolcheviques e que estava ancorado no Neva, anunciou que abriria fogo contra o Palácio de Inverno e fez algumas descargas de pólvora seca como um aviso de sua determinação. Perto da uma hora da manhã de 8 de novembro, os bolcheviques invadiram o Palácio de Inverno, dispersando seus defensores. Lênin, eleito nesse dia presidente do Conselho de Comissários do Povo, tornou-se governante da capital da Rússia. Trótski tornou-se comissário das Relações Exteriores. “Não podia durar muito”, refletiu a filha do embaixador britânico, Meriel Buchanan. “A própria Petrogrado poderia talvez ser obrigada a submeter-se àquele domínio durante algum tempo, mas não era crível que toda a Rússia pudesse ser governada por aquele homem.”

Não era crível, mas era a realidade: os seis meses de vida do governo provisório tinham chegado ao fim, com tanta garantia como chegara ao fim o governo do czar pouco antes. Em Moscou, guardas vermelhos ocuparam o Kremlin. Kerensky fugiu de Petrogrado num carro da embaixada americana, indo para Pskov, onde esperava juntar-se às forças leais ao seu governo. “Foi obrigado a pedir um carro emprestado, pois durante a noite os bolcheviques tinham roubado todos os dínamos dos carros que estavam na praça do palácio”, anotou o coronel Knox em seu diário. “Enviou uma mensagem ao embaixador americano, pedindo-lhe que não reconheça o novo governo antes de decorridos cinco dias, pois antes desse prazo ele voltará e a ordem será reposta. Na minha opinião, não voltará.”

Ordens e decretos começaram a chegar da nova fonte de poder. O primeiro, datado de 8 de novembro, foi um decreto de paz. Lênin leu-o nessa noite a uma multidão em êxtase, mas, no dia seguinte, quando Trótski pediu ao Ministério das Relações Exteriores, de que acabara de ser nomeado ministro, que traduzisse o decreto em línguas estrangeiras para imediata distribuição no exterior, seiscentos oficiais, antes funcionários públicos leais ao czar e ao governo provisório, demitiram-se e abandonaram o edifício do ministério. No dia seguinte, foram enviadas para a frente 4 milhões de cópias do decreto, apelando para o fim das hostilidades.

O poder de guerra russo, até então o braço oriental dos Aliados, estava destruído.

Os termos da guerra e da paz

Novembro a dezembro de 1917

Com a Rússia imobilizada pela revolução, os Aliados faziam todos os esforços de que eram capazes para manter todo o ímpeto possível nas outras frentes. Em 5 de novembro de 1917, conforme chegavam aos Aliados notícias sobre a Revolução Russa, o general Foch disse numa conferência entre aliados, em Rapallo, que o 2º Exército Italiano estava “absolutamente desorganizado”, mas que o 1º, o 3º e o 4º exércitos “mantinham-se intactos”. O problema com o 2º Exército era o pânico que se alastrara nas fileiras. Diante de um assalto austríaco sustentado, a ordem militar e a disciplina tinham entrado em colapso.

O recém-nomeado primeiro-ministro da Itália, Vittorio Orlando, pediu ajuda aos ingleses e aos franceses. Não era suficiente. Segundo disse a Lloyd George, “prestar apenas assistência, era essencial que essa assistência fosse adequada”. Quando Lloyd George disse que era “no óbvio interesse” da Grã-Bretanha e da França que a Itália se mantivesse na guerra, Orlando retorquiu, como conta Lloyd George, “trememente de paixão, que era o que a Itália pretendia a todo o custo, mesmo que tivesse de retirar-se para a Sicília”. Lloyd George anotou neste ponto: “Ele é siciliano.”

Os italianos tinham decidido recuar cem quilômetros para a linha do rio Piave e tentar combater os austríacos ali. “Neste momento, o país está calmo”, disse Orlando aos seus aliados. “Resignou-se à perda de território e não tinha dado grande importância à retirada para o Piave.” A ordem interna podia ser garantida “a não ser que a linha do Piave seja abandonada”, avisou Orlando. “Daqui em diante, o futuro da Itália depende da decisão que os Aliados tomarem agora.”

Os italianos pediram que fossem enviadas imediatamente quinze divisões britânicas e francesas, declarando que a proporção de austríacos para os italianos era, batalhão contra batalhão, de 811 para 377. Foch declarou que essa estimativa era um “exagero ridículo”, e realmente era. O fato de essa estimativa ter sido mencionada, refletiu mais tarde Lloyd George, “era apenas mais uma prova do pânico” que se

apoderara do Estado-Maior italiano. A Grã-Bretanha e a França concordaram entre si em enviar oito divisões, mas não mais.

Essa decisão permitiu que os austríacos tivessem um inesperado êxito inicial. Em 8 de novembro, tropas austríacas, descendo rapidamente dos cumes das montanhas dos Alpes julianos e das Dolomitas, ocuparam Vittorio Veneto, a apenas setenta quilômetros de Veneza. De Caporetto, onde os italianos tinham estado dez dias antes, até a linha do Piave, supunha-se uma retirada de cem quilômetros, nas proporções da frente oriental, no decurso da qual, na aldeia de Longarone, no Piave superior, por meio de uma engenhosa passagem do rio, o tenente Rommel tomou parte na captura de 8 mil soldados italianos e vinte canhões. Quando se aproximou da aldeia, Rommel viu um tenente alemão que tinha sido capturado pelos italianos pouco tempo antes, que se dirigia a ele, montando uma mula, seguido por italianos que agitavam lenços brancos. O tenente levava uma carta do comandante da guarnição italiana de Longarone, onde se dizia que a guarnição e a aldeia se rendiam.¹

Cinco dias depois, as Potências Centrais tiveram outro êxito na frente italiana, quando, em 15 de novembro, uma divisão húngara atravessou o delta do Piave, capturando Cavazuccherina, a 25 quilômetros de Veneza. Contudo, o espírito militar italiano não tinha desaparecido, e, na noite de 15 de novembro, quando quatro batalhões de tropas alemãs atravessaram o rio perto da Ponte di Piave, os italianos repeliram-nos fazendo seiscentos prisioneiros.

Na costa do Mediterrâneo oriental, tendo capturado mais de 4 mil turcos e 59 canhões em Gaza e em Berseba, Allenby avançou rapidamente para seu objetivo, Jerusalém. Longe de seus países, alemães, austríacos e turcos lutavam contra britânicos, australianos e neozelandeses. Durante a Batalha de Tel el Khuweilfeh, em 6 de novembro, um capitão do corpo médico do Exército, de 24 anos, John Russell, foi postumamente agraciado com a Cruz Vitória depois de ter “repetidamente saído para tratar feridos sob o fogo assassino de atiradores e metralhadoras, e, em muitos casos, sem meios ao seu dispor, transportou-os ele mesmo, apesar de estar exausto”.

Num ataque com bombas, em 8 de novembro, ao campo de aviação alemão de Al-Tina, na planície costeira, onze aviões alemães foram destruídos no solo e centenas de soldados turcos, alarmados com a guerra aérea, fugiram da linha de frente. Em 9 de novembro, uma mensagem de rádio turca interceptada revelou uma grave escassez de locomotivas de trem e vagões. À medida que forças turcas, que tinham sido expulsas de Berseba, retiravam-se para as colinas da Judeia, aviões britânicos bombardearam suas colunas e atacaram com metralhadoras.

Em 11 de novembro, o Gabinete de Guerra britânico, que não estava habituado a receber telegramas diários reportando avanços tão rápidos, avisaram Allenby que

não devia correr riscos com linhas de comunicação tão extensas. Caso pensasse que os políticos estavam sendo temerosos demais, recordavam-lhe o destino das tropas britânicas que tinham avançado rapidamente para Bagdá e sido repelidas para Kut, cercadas e forçadas a render-se. Porém, nem o ímpeto do avanço nem a sedução de Jerusalém poderiam impedi-lo. Em 15 de novembro, tropas australianas e neozelandesas ocuparam as cidades de Ramla e Lida, a antiga cidade dos cruzados, onde vivia São Jorge, que os britânicos tinham adotado como seu patrono seiscentos anos antes. A cavalaria neozelandesa entrou em Jafa em 16 de novembro. Seu próximo objetivo era Jerusalém.

Na frente ocidental, a Batalha de Passchendaele tinha terminado, em 10 de novembro, com um avanço final de quinhentos metros dos canadenses em meio a bombardeios massivos da artilharia alemã, com mais de quinhentos canhões, e ataques aéreos contínuos. Desde o início da ofensiva no último dia de julho, as forças de Haig tinham ganhado sete quilômetros de terreno à custa de 62 mil mortos e 164 mil feridos. Os alemães tiveram 83 mil mortos e cerca de 250 mil feridos. Foram feitos 26 mil prisioneiros alemães. “Conseguimos grandes vitórias”, disse Lloyd George ao Conselho Supremo de Guerra, em Paris, em 12 de novembro. “Quando olho para as terríveis listas de baixas desejo que não tivessem sido necessárias tantas vitórias.”

Nesse mês, uma profunda relutância em fazer parte das listas de baixas ficou evidente nas estatísticas da chamada às fileiras no Canadá. A perspectiva de cumprir o serviço militar na Europa era tão impopular que, entre os 331.934 homens que foram inspecionados ao abrigo da lei, 21.568 apresentaram-se ao serviço militar e 310.376 solicitaram isenção.² Era uma indicação da crescente compreensão da realidade da guerra.

Em 11 de novembro, forças russas leais ao antigo governo provisório em Petrogrado, tendo se organizado num exército substancial, chegaram a uma distância mínima para fazer fogo sobre a capital. Na cidade de Petrogrado era convicção geral, por parte daqueles que encaravam o governo dos bolcheviques como um pesadelo e uma aberração, que tinha chegado o momento da libertação. Grupos que se opunham aos bolcheviques organizaram um Comitê de Salvação Pública e pediram a cadetes que desencadeassem uma ação ofensiva dentro da cidade. Um dos generais czaristas que era mantido cativo no hotel Astoria deteve a guarda militar colocada ali pelos bolcheviques. Oficiais apoderaram-se de vários edifícios, mas, na mesma tarde, os bolcheviques tinham recuperado o controle, tendo o Astoria sido capturado e os cadetes, expulsos dos seus bastiões com fogo de canhões e metralhadoras. Muitos cadetes foram brutalmente assassinados enquanto tentavam render-se.

Com a capacidade bélica russa reduzida a zero, e a Itália sendo pressionada no Piave, o fardo da França e da Grã-Bretanha era pesado. Em 16 de novembro, a França passou a ter um novo governante, Georges Clemenceau, de 76 anos, que apesar da idade estava determinado a conduzir seu país à vitória. Como primeiro-ministro e também como ministro da Guerra, rapidamente dominou os esforços bélicos da França, impulsionando seus subordinados da mesma forma que fazia a si mesmo. Não havia tempo a perder. Chegara um telegrama de Petrogrado para os alemães, dirigido “a todos” e assinado por Trótski, que anunciava que o novo governo soviético pretendia fazer a paz. Em 17 de novembro, o ministro austríaco das Relações Exteriores, conde Czernin, escreveu a um amigo: “É necessário fazer a paz o mais rapidamente possível para nossa salvação, e não conseguiremos obter a paz antes que os alemães cheguem a Paris... E eles não chegarão a Paris sem que a frente oriental esteja livre.”

Esse momento podia não demorar muito: em 19 de novembro, os bolcheviques pediram um armistício imediato em todas as frentes. Desafiante, Clemenceau disse à Câmara dos Deputados francesa, no dia seguinte, que a sua política era “guerra e nada mais do que guerra”. A ouvi-lo dizer essas palavras de desafio, estava o ministro britânico das Munições, Winston Churchill, que faria eco a esse mesmo sentimento 22 anos depois, quando a Grã-Bretanha perderia seu principal aliado, a França, e Londres estaria sob o mesmo perigo que Paris enfrentava com a retirada da Rússia da guerra em 1917.

Um dia depois das inflexíveis palavras de desafio de Clemenceau, outras foram ditas, no maior sigilo, por Lloyd George ao emissário de Woodrow Wilson, coronel House. Estava claro que a esperança de Pershing sobre ter 1 milhão de americanos armados na Europa no verão de 1918 estava muito longe da realidade. Os cálculos mais recentes do máximo possível reduzira esse número para 525 mil em maio. Os Estados Unidos também não teriam tonelagem naval suficiente para abastecer e alimentar a todos antes de 1919. A incompetência também constituía um problema: alguns navios americanos de abastecimento estavam chegando à França com menos da metade da sua capacidade de carga ocupada. Para os britânicos, a perspectiva de uma redução na escala e do adiamento da contribuição americana foi um duro golpe. “É preferível contar-lhe com toda a franqueza, pois há o perigo de o senhor pensar que pode desenvolver seu Exército como lhe aprouver, e que não importa se suas tropas lá estarão em 1918 ou em 1919, mas quero que entenda que isso pode significar uma diferença vital”, disse Lloyd George ao coronel House em 20 de novembro.

No mesmo dia em que Lloyd George protestou, os britânicos desencadearam outra ofensiva na frente ocidental, a terceira em 1917. Seu objetivo era a cidade de Cambrai e o território para além dela. Tomaram parte 250 mil soldados britânicos contra igual número de alemães, ao longo de uma frente de apenas dez quilômetros.

No comando das forças britânicas estava o general Sir Julian Byng. Trezentos aviões faziam atividades de reconhecimento e localização, mas o fator dominante da batalha era que, pela primeira vez na história da guerra, o principal impulso de avanço era feito por tanques: no primeiro ataque, estiveram envolvidos 324 veículos. Seu aparecimento em tal quantidade foi eficaz a princípio, pois conseguiu esmagar o arame farpado alemão e abrir, em poucas horas, brechas na linha alemã ao longo dos dez quilômetros da frente de ataque.

“As três barreiras de arame farpado foram atravessadas como se fossem urtigas e foram abertas 350 passagens para a Infantaria”, recordou o capitão D. G. Browne. “Os defensores da trincheira da frente saíram apressadamente dos abrigos subterrâneos para enfrentarem o impacto e o fogo de barragem e viram os primeiros tanques quase a atropelá-los.” O aparecimento daquelas criaturas metálicas foi “grotesco e aterrador”.

O sucesso inicial reduziu-se e cessou, devido à pouca sorte — pois um defeito de concepção levou as lagartas dos tanques a se quebrarem depois de pouco tempo de funcionamento — e à tenacidade germânica. Em Flesquières, a menos da metade do caminho entre o ponto de partida e Cambrai, observadores aéreos britânicos não conseguiram reportar a existência de baterias alemãs de artilharia, que interromperam o avanço dos tanques num setor, tendo destruído 39 tanques. Sete veículos foram parados por um único artilheiro alemão, o *Unteroffizier* Kruger, que manejou sozinho o canhão até ter sido morto a tiros. Foi o único soldado alemão a ser mencionado nos despachos militares britânicos da Primeira Guerra Mundial.

Os homens da cavalaria canadense no forte Garry Horse, avançando para Masnières, ao norte, chegaram mais perto de Cambrai naquele dia do que quaisquer outras tropas aliadas. Durante o avanço, capturaram todo um Estado-Maior de engenheiros alemães. Depois, ao aproximarem-se de uma bateria de artilharia alemã que disparava contra tanques, os homens da cavalaria canadense puxaram seus sabres. Em seguida, desceram, literalmente, quando chegaram a uma estrada íngreme, sobre uma bateria de metralhadoras alemã. Nessa curta carga, foram mortos cinquenta alemães, mas os canadenses foram pegos por outras metralhadoras alemãs. Então, desmontaram, lançaram seus cavalos sobre as linhas alemãs e conseguiram voltar a Masnières, usando os sabres para abrir caminho. Pela sua liderança durante a carga, o tenente H. Strachan recebeu a Cruz Vitória.

O primeiro dia da Batalha de Cambrai marcou um sucesso decisivo para os tanques e para a estratégia de utilizá-los para criar uma brecha decisiva na linha da frente do inimigo. As defesas alemãs foram quebradas, ganharam-se oito quilômetros e foram feitos prisioneiros mais de 4 mil soldados alemães. Os jornais britânicos declararam em triunfo: “A MAIOR VITÓRIA BRITÂNICA DA

GUERRA” e “UMA SURPRESA PARA OS ALEMÃES”.

O sentimento de dever cumprido, nesse primeiro dia, foi real, mas os reveses sofridos em Flesquières e em Masnières constituíam maus presságios. No segundo dia de batalha, chegou uma divisão alemã da frente russa, enviada apressadamente da estação de trem de Cambrai para fortalecer a linha num ponto em que poderia ceder ao longo de todo aquele dia, entre Rumilly e Crèvecœur, no canal de Saint-Quentin. Isso tornou impossível a fase seguinte do plano britânico. Quando Byng soube que essa nova divisão alemã estava na linha, compreendeu que a cavalaria não poderia galopar em frente, a leste de Cambrai. Esse “galopar em frente”, imagem e realidade da guerra antes de 1914, não aconteceria em 1917.

As notícias da penetração inicial em Cambrai, dando alguma esperança de que o impasse na guerra de trincheiras pudesse ser desfeito em favor dos Aliados, foram tornadas públicas em 23 de novembro, o que levou a uma reação sem precedentes. Na Grã-Bretanha, os sinos das igrejas repicaram para celebrar a vitória.³ Nos Estados Unidos, um clube de Nova York divulgou o esforço de Edward I. Kidder:

*Cheer Boys Cheer
We sing,
Of Byng,
The Britisher who won his charge,
Without artillery or barrage,
With no attempt at camouflage,
With steady ranks, with sturdy “tanks”.
He’s gained the world’s undying thanks.
His prowess flashes o’er the main
While Hohenzollern writhes with pain.
Onward in your victorious swing,
We drink to you, brave warrior Byng!⁴*

Enquanto essa exaltação vivia seu auge em Londres e em Nova York, a “reviravolta vitoriosa” chegava ao fim. Em 23 de novembro, no dia em que os sinos das igrejas repicaram por toda a Grã-Bretanha e em que foi anunciado que o número total de alemães feitos prisioneiros em Cambrai excedia 7 mil, o avanço britânico foi interrompido por uma violenta batalha no bosque de Bourlon. Sessenta e dois tanques estavam em ação ali, mas continuavam a aumentar as baixas de tanques, perdendo-se o elemento de força e de surpresa.

O futuro da batalha dependia do destino do bosque de Bourlon. Haig insistia em que o bosque devia ser capturado para permitir que se renovasse um plano de ataque mais vasto. Por sua sugestão, homens da cavalaria, cuja tarefa deveria ser explorar a

vitória dos tanques para avançar, eram agora desmontados e chamados a desempenhar tarefas da Infantaria. Deveriam ser usados, pelo que Haig disse a Byng, “em qualquer que seja a quantidade”. Quando foi a decisão de atacar comunicada ao general Feilding, um dos comandantes de corpo replicou: “Faremos o melhor que pudermos, mas meu general pede-nos demais.”

Provou-se que o “demais” era impossível. A intenção dos atacantes de dominar os terrenos acima de Bourlon não se concretizou. Os alemães, num contra-ataque, recuperaram cem dos canhões que tinham sido capturados. Numa outra luta pela aldeia de Moevres, três batalhões de irlandeses conseguiram, ao crepúsculo do dia 23, expulsar os alemães de três quartos da aldeia. Uma de suas companhias ficou então sob o fogo intenso de metralhadoras alemãs, de um ponto de resistência a sudoeste do bosque de Bourlon. A situação difícil em que estavam foi vista por um piloto do Royal Flying Corps, que desceu para atacar o ponto de resistência. Os alemães dispararam contra ele, que foi abatido e morreu. Os soldados não esqueceram sua bravura. Poucas semanas depois, surgiu uma nota na coluna “In Memoriam” do *Times*: “A um avião desconhecido, abatido em 23 de novembro de 1917 enquanto atacava um ponto de resistência alemão a sudeste do bosque de Bourlon, num esforço para ajudar uma companhia do Royal Irish Fusiliers, quando falhou outro auxílio.” O piloto que morreu era um voluntário americano, tenente A. Griggs, do 68º Esquadrão (australiano).

Também em ação no ar, acima do campo de batalha, estava o esquadrão do barão Richthofen. Ao norte da aldeia de Fontaine, o próprio Richthofen abateu um piloto britânico, o tenente J. A. V. Boddy, que ficou ferido na cabeça e teve de fazer uma aterrissagem de emergência. Boddy foi mais tarde resgatado por um piloto amigo que, por acaso, teve de fazer uma aterrissagem de emergência ali perto.

Na última semana de novembro, caiu a primeira neve, e a guerra de movimento de tanques foi substituída pela luta corpo a corpo. Quando, em 27 de novembro, os britânicos fizeram uma tentativa de capturar Fontaine, foram enviados tanques para as estreitas ruas, para as quais não estavam minimamente preparados. “Houve uma horrível carnificina em Fontaine”, escreveu mais tarde o general de divisão J. F. C. Fuller, oficial superior dos tanques. “Eu, que tinha passado três semanas antes da batalha pensando nas suas probabilidades, nunca tinha pensado na possibilidade de lutar numa aldeia. Devia dar um chute em mim mesmo por tamanha falta de previsão, mas nunca me ocorreu que os comandantes de nossa Infantaria pudessem enviar carros de combate para aqueles locais.”

Um oficial alemão viu a batalha pelo lado oposto. “Entraram na aldeia veículos blindados”, escreveu em seu relatório. “É sabido que podem conquistar terreno, mas não o manter. Nas ruas estreitas e becos não têm campo livre para seu fogo e seus

movimentos encontram obstáculos por todos os lados. O terror que nos provocava desapareceu. Aprendemos quais são seus pontos fracos. Está crescendo uma feroz paixão por caçá-los.” Os alemães tinham descoberto que granadas de mão lançadas no alto ou nas laterais dos tanques eram ineficazes. “Atamos várias granadas, que explodimos por baixo dos tanques”, escreveu o oficial. A nova arma tinha encontrado um novo adversário.

Os artilheiros alemães realizaram uma barragem sobre Fontaine a partir do norte e os britânicos, a partir do sul. O correspondente de guerra britânico Philip Gibbs escreveu no *Daily Telegraph*: “Nenhum ser humano podia manter-se vivo durante um segundo depois de aparecer na aldeia.” Os tanques que atingiram o outro extremo da aldeia, e dali viram num relance a cidade de Cambrai, foram obrigados a retroceder. As tropas britânicas que tinham entrado na aldeia retiraram-se. Dos 1.500 membros da Guarda que tinham lutado nas ruas, menos de quinhentos retornaram às suas linhas. Entre os mortos nesse dia, estava Norman Chamberlain, cujo primo, Neville, futuro primeiro-ministro, descreveu mais tarde, em memórias publicadas em privado, como Norman, tendo conduzido seus homens para seus objetivos, ficara sob intenso fogo de metralhadora. “Era campo aberto, não havia cobertura, e foram dadas ordens de retirada de cerca de cinquenta metros para uma trincheira (...) ou porque não chegou a ter conhecimento da retirada ou porque não o conseguiu fazer, nem ele nem seus homens voltaram a ser vistos.”

Em 27 de novembro, os britânicos foram obrigados a interromper a ação. Cambrai continuaria a uma distância inatingível. A cavalaria britânica não seria capaz de ir além da linha de trincheiras e de arame farpado. A área que se ganhara deu aos britânicos a vantagem de ver uma área considerável ocupada pelos alemães na direção norte, o que seria um benefício em futuros ataques e possíveis ofensivas. Os alemães estavam determinados a que nem esse benefício fosse concedido. Em 27 de novembro, dia em que Haig ordenou o fim da Batalha de Cambrai, o príncipe Rupprecht da Baviera emitiu uma ordem aos comandantes do 2º Exército Alemão: “Ataquem em 30 de novembro.”

Como preparação para esse ataque, os canhões alemães dispararam 16 mil projéteis em 28 de novembro, inclusive de gás, contra posições britânicas no bosque de Bourlon. O ataque começou, conforme ordenado, em 30 de novembro. Muitas companhias britânicas lutaram até que o último dos seus homens fosse morto ou ferido. No setor sul da batalha, contudo, os alemães rapidamente penetraram nas posições britânicas mais avançadas. Masnières foi abandonada, depois do que os alemães explodiram a ponte para evitar que os tanques aliados voltassem a atravessar o canal de Saint-Quentin. Avançando quase cinco quilômetros, os alemães capturaram mais de 6 mil soldados britânicos e 158 canhões. A combinação alemã de granadas de gás e pelo menos trinta aviões voando a baixa altitude como apoio aéreo próximo foi tão eficaz como tinha sido o uso de tanques para os britânicos.

Contudo, no ar, os britânicos tinham conseguido alguma vantagem, tendo sido perdidos onze aviões alemães e sete britânicos. Em outros locais, apesar de recuos, os britânicos reagruparam-se e defenderam a linha.

Num ponto, o capitão A. M. C. M'Ready-Diarmid, do Regimento de Middlesex, não só liderou um ataque que obrigou os alemães a recuarem quase quinhentos metros, como, lançando bombas com notável precisão para os padrões daqueles perigosos tempos, matou ou feriu mais de oitenta alemães antes de ser morto. Em outro setor, um oficial britânico tentou persuadir sessenta homens, que encontrou em plena fuga, a voltarem e a lutarem contra os alemães que avançavam e que estavam em número muito superior. “Não é britânico fugir assim”, disse-lhes. “Vamos resistir.” Os soldados, cujas munições estavam praticamente esgotadas, ignoraram seu apelo e continuaram sua retirada. Mais tarde, ainda nesse dia, um alemão foi encontrado nas trincheiras britânicas, com um uniforme de oficial britânico, e executado como espião. Pensou-se que teria sido o homem que tinha tentado fazer as tropas avançarem para uma morte ou captura inevitáveis.

No restante do campo de batalha, à medida que era ocupada uma posição britânica, formava-se uma reserva arranjada às pressas e lançada na batalha, composta por oficiais do quartel-general, mensageiros, cozinheiros, ordenanças e sinaleiros. “Todos os homens lutaram”, escreveu um antigo oficial do Estado-Maior. “E, quando em 2 de dezembro se recuperou o terreno, seus corpos jaziam, indistinguíveis, com um monte de atacantes mortos.”⁵

A Batalha de Cambrai, que em seu primeiro dia causara tanto entusiasmo nos Aliados, tinha, em duas semanas, mostrado não ser o tão desejado ponto de virada. “Byng capturou cem canhões e foi promovido”, escreveu o general Gough, com algum azedume, cerca de quarenta anos depois. “Dobramos sinos na Inglaterra e houve regozijo geral, mas a batalha não teve, ou não podia ter, continuação. Byng descobriu que tinha metido a cabeça num saliente estreito, onde o nome do bosque de Bournon tornou-se nome de mau agouro para muitos soldados britânicos.”

A cavalaria não conseguiu penetrar as linhas alemãs e foi repostado o custoso impasse da guerra de trincheiras. Em 2 de dezembro, Haig deu instruções a Byng para escolher uma linha de inverno segura e recuar sem demora. A retirada começou na noite de 4 de dezembro. Utilizando a experiência que tinha ganho em Galípoli dois anos antes, Byng conseguiu garantir que o movimento fosse feito sem baixas, mas as baixas dos Aliados em Cambrai tinham sido consideráveis: 44 mil britânicos e canadenses mortos e feridos. As baixas alemãs chegaram a 53 mil.

Muitos feridos britânicos que deveriam ser enviados para Londres não conseguiram ir além dos hospitais da costa francesa. Vera Brittain estava, nessa altura, no Hospital Geral nº 24, em Étaples. Em 5 de dezembro, escreveu à mãe: “Gostaria que todas as pessoas que escrevem com tanta fluência e dizem que essa

guerra é santa, e os oradores que falam tanto sobre a continuação da guerra pelo tempo que for necessário, o que quer que isso possa significar, vissem um caso, para não dizer dez casos, de gás de mostarda em seu início. Vissem aqueles coitados queimados e cobertos de bolhas da cor da mostarda, com olhos cegos por vezes permanentemente, pegajosos e amontoados, sempre lutando para respirar, as vozes apenas um murmúrio, a dizerem que a garganta está fechando e que sabem que vão sufocar. A única coisa que se pode dizer é que os casos mais graves não duram muito: ou morrem depressa ou melhoram. Em geral, é o primeiro caso.”

Na frente italiana, as forças austríacas a ocidente do Piave lutavam nas escarpas do monte Grappa, quase na orla da planície para além da qual está Viena, Pádua e o rio Pó. Em 22 de novembro, capturaram o cume do monte Tomba, de 968 metros de altitude, mas foram expulsos. Mais para oeste, nas montanhas em torno de Asiago, como a doença atingiu 7 mil soldados atacantes, não foi possível prosseguir o avanço austríaco, e o imperador Karl ordenou o fim do ataque. Seu povo estava cansado de lutar. Em 25 de novembro, numa demonstração massiva em Budapeste, cerca de 100 mil trabalhadores húngaros marcharam a favor de uma paz imediata e da revolução bolchevique.

Os soldados que estavam na frente não eram atraídos por tal subversão, dada sua disciplina e suas circunstâncias. Num ataque austríaco ao monte Pertica, em 26 de novembro, o cume mudou de mãos sete vezes. Três semanas depois, os austríacos atingiram o cume do monte Asolone, de 1.620 metros de altitude, de onde tinham uma visão extraordinária das distantes planícies embaixo, mas seu exército não se aproximaria mais do interior da Itália. O tenente Rommel, que tinha lutado com seu batalhão de montanha durante o avanço, recebeu a medalha Pour le Mérite.

Na frente de Salonica, os britânicos utilizavam 4 mil prisioneiros de guerra turcos, trazidos em grupos de Chipre, para construir uma linha de trem de oitenta quilômetros. Armazéns militares e acampamentos na frente eram protegidos dos ataques aéreos alemães por meio de balões cheios de explosivos. Um desses balões foi responsável pela morte de um destacado piloto de caça alemão, o tenente Eschwege, conhecido como Águia do Egeu, que tinha abatido em combate vinte aviões aliados.

O apelo dos bolcheviques, em 19 de novembro, para um armistício em todas as frentes, não obtivera resposta. Trótski, encarregado da política externa, pressionou a Grã-Bretanha e a França a abrirem negociações e ameaçou que, se não fossem iniciadas, faria uma paz separada com as Potências Centrais. Em 21 de novembro, foi enviada ao embaixador francês em Petrogrado, Maurice Paléologue, uma nota oficial informando-o de que o governo bolchevique tinha ordenado um imediato

cessar-fogo em todas as frentes e pretendia iniciar negociações com os alemães com o objetivo de fazer uma paz separada.

Os Aliados continuaram a não dar resposta. Em 27 de novembro, o embaixador britânico em Petrogrado advertiu Londres: “A cada dia que mantemos a Rússia na guerra contra sua vontade não fazemos mais do que voltar seu povo contra nós.” Nesse dia, três emissários russos, vendados, atravessaram as linhas alemãs perto de Dvinsk, autorizados por Petrogrado a fazerem os preparativos iniciais para um armistício. Nesse mesmo dia, num gesto de desafio, Trótski divulgou ao mundo os tratados secretos que a Rússia tinha assinado com os Aliados entre 1914 e 1917, incluindo aqueles que davam à França total liberdade para adquirir território alemão, à Itália grandes pedaços da Áustria e da Turquia, à Romênia terras que ela cobiçava e à própria Rússia, Constantinopla e os estreitos.

“O governo dos trabalhadores e camponeses aboliu a diplomacia secreta, com suas intrigas, cifras e mentiras”, declarou Trótski nesse dia a partir de Petrogrado.

Queremos uma paz imediata, de modo a que os povos possam viver com honradez e trabalhar em conjunto. Ao revelar perante o mundo o que fazem as classes governantes, como ficou patente nos documentos secretos da diplomacia, dirigimo-nos aos trabalhadores com um apelo que sempre formará as bases de nossa política externa: “Proletários de todo o mundo, uni-vos!”

Não apenas os bolcheviques tentavam encontrar uma forma de acabar com o conflito. Em 29 de novembro, o *Daily Telegraph* publicou uma carta de lorde Lansdowne, ex-ministro britânico das Relações Exteriores, em que se lia: “Nós não vamos perder essa guerra, mas seu prolongamento trará a ruína ao mundo civilizado e um infinito acréscimo ao sofrimento humano que já se faz sentir.” Se negociações fossem iniciadas imediatamente, poderiam pôr um fim à guerra por meio de uma “paz duradoura e com honra” até o ano-novo. A imprensa popular opunha-se a qualquer tipo de conversações com os alemães, mas Lansdowne ficou surpreso, como escreveu à filha, “com o número de cartas que oficiais da frente me escrevem, dizendo que *eles* acolheram minha carta com agrado”.

No dia em que a carta de Lansdowne foi publicada, o conde Hertling, novo chanceler alemão, deu seu apoio público ao apelo bolchevique a um armistício. O Kaiser chegou a sugerir ao seu novo ministro das Relações Exteriores, Richard von Kühlmann, que a Alemanha tentasse fazer uma aliança com a Rússia. Os austríacos também acolheram com satisfação a proposta bolchevique para que a luta terminasse. Para os Aliados, a proposta era o espectro da ruína.

As Potências Centrais estavam eufóricas. Na Itália, os austríacos estavam a uma curta distância de Veneza. Na frente oriental, os alemães transferiam 42 divisões,

mais de 500 mil homens, para ocidente.

Em 1º de dezembro, os bolcheviques ocuparam o quartel-general militar russo em Mogilev, onde o último comandante-chefe de tempo de guerra, o general Dukhonin, de 44 anos de idade, foi arrastado para fora de seu trem especial por marinheiros bolcheviques, que antes arrancaram suas divisas. Foi agredido e atirado ao chão, onde continuou a ser atacado até que um marinheiro o matou com dois tiros. As pessoas que passavam pelo local aplaudiram. O líder tchecoslovaco dr. Tomáš Masaryk, que estava naquela zona para organizar cerca de 92 mil prisioneiros de guerra tchecos em formação militar, recordou que o corpo de Dukhonin foi “barbaramente profanado” na estação de trem. Dukhonin tinha aprovado a ideia de permitir que os tchecos formassem um Exército para lutar ao lado da Rússia contra as Potências Centrais. Agora, os próprios russos tinham deposto as armas, e, assim, os tchecos tinham de sair da Rússia da melhor forma possível e dirigir-se para leste, numa caminhada de 8 mil quilômetros ao longo da estrada de ferro transiberiana até Vladivostok, o único porto russo de onde poderiam dirigir-se por mar para a Europa.

No dia em que Dukhonin foi assassinado, uma Comissão Bolchevique para o Armistício partiu de Petrogrado para a frente oriental. No dia seguinte, como foi declarado um cessar-fogo formal em toda a zona de batalha, a comissão atravessou as linhas alemãs em Dvinsk e foi transportada de trem para a antiga fortaleza russa de Brest-Litovsk. Ali, encontrou-se com um grupo amplo de negociadores alemães, austríacos, búlgaros e turcos. A guerra estava prestes a terminar numa longa faixa, desde o mar Báltico até as montanhas do Cáucaso.

As negociações para o armistício em Brest-Litovsk prosseguiram durante mais cinco dias. Os dois negociadores bolcheviques mais destacados eram ambos judeus russos: Adolf Joffe e Leo Kamenev, cunhado de Trótski. Outro delegado, para demonstrar a igualdade de sexos, que era parte de uma filosofia bolchevique mais ampla, era Anastasiya Bitsenko, que havia pouco tinha sido libertada, numa anistia geral dos prisioneiros do czarismo. Bitsenko fora condenada a uma pena de dezessete anos de prisão na Sibéria pelo assassinato de um ex-ministro da Guerra. Em honra da revolução, também foram incluídos na delegação um trabalhador, um camponês e um soldado: o camponês foi encontrado à última hora, durante a viagem de trem, num parada. Esses símbolos da revolução não desempenhavam qualquer papel ativo nas negociações. O representante naval russo e ex-comandante czarista no Báltico, almirante Altvater, advertiu o general Hoffmann sobre os perigos da propaganda bolchevique na frente. Sua defesa da ilha de Ösel, dois meses antes, fora prejudicada por essa propaganda. “Aconteceu o mesmo com o Exército e, aviso, acontecerá o mesmo com o seu Exército”, disse Altvater. Hoffmann não gostou da verdade daquelas palavras. “Limitei-me a rir do infeliz almirante”, escreveu mais tarde.

Em 6 de dezembro, enquanto bolcheviques, alemães, austríacos, búlgaros e turcos ainda discutiam como pôr fim às suas confrontações militares, o governo romeno, tendo seus exércitos sido obrigados a recuar para suas fronteiras orientais, pressionados por forças alemãs e austríacas, conseguiu um cessar-fogo. Nove dias depois, em 15 de dezembro, os negociadores em Brest-Litovsk anunciaram o fim de todos os combates na frente oriental. A Rússia já não era beligerante.

Do Báltico ao mar Negro, as armas silenciaram-se. As Potências Centrais estavam livres das duas frentes de guerra que tinham sido seu pesadelo e seu fardo desde 1914. Agora, restava negociar um tratado de paz com os bolcheviques que restringisse ao máximo seu controle territorial: Lênin encarregou Trótski de encabeçar essas negociações, que se iniciaram em 22 de dezembro em Brest-Litovsk, dia em que o Kaiser visitava suas tropas na frente ocidental, onde, em breve, como esperava, veriam vistos os benefícios do acordo de paz no leste.

Os alemães não foram os únicos beneficiários do colapso da Rússia. Em 28 de novembro, a Estônia declarou a independência, e a Finlândia fez o mesmo em 6 de dezembro. Para os bolcheviques, a guerra estava longe de terminada, e, em 9 de dezembro, declararam guerra aos cossacos no sul da Rússia, um povo com espírito de independência que tinha recusado a nova autoridade revolucionária. No final do mês, os bolcheviques estavam também confrontados com forças russas antibolcheviques, dirigidas por antigos oficiais czaristas: o general Kornilov, no Kuban, e o general Alexeiev, em Novocherkassk. Na Ucrânia, o Parlamento (Rada) rejeitou o apelo de Lênin para o trânsito de tropas “vermelhas” bolcheviques no combate às forças “brancas”. A luta entre forças bolcheviques e forças ucranianas iniciou-se em 24 de dezembro. Três dias depois, a Letônia declarou a independência em relação à Rússia. Em 31 de dezembro, os “vermelhos” ocuparam a cidade de Carcóvia, no leste ucraniano. Iniciara-se a guerra civil na Rússia.

Esses acontecimentos, mesmo distantes, tiveram efeitos diretos sobre a frente ocidental. Em 6 de dezembro, enquanto bolcheviques e alemães negociavam os termos finais de um cessar-fogo, o ministro britânico do Serviço Nacional, Sir Auckland Geddes, advertiu o Gabinete de Guerra para o fato de que, mal o cessar-fogo fosse aceito, os alemães poderiam transferir 900 mil homens para a frente ocidental, dando-lhes uma superioridade de onze divisões de combate.

Quando transferissem sua artilharia do leste para ocidente, os alemães passariam de uma igualdade com as forças anglo-francesas para uma preponderância de 2 mil, com uma preponderância de 4 mil em canhões de campanha e obuses. Tudo então dependeria dos Estados Unidos: suas doze divisões, se chegassem à linha em 1918, voltariam a inclinar a balança para o lado dos Aliados, mesmo que pouco, e criariam também alguma superioridade em número de rifles. Porém, Geddes insistiu em que mais de 1 milhão de novos soldados teriam de ser convocados na Grã-Bretanha se se quisesse ter a superioridade necessária para uma ofensiva bem-sucedida. Os homens

precisariam ser tirados de fábricas de munições e de estaleiros navais, além da necessidade de novos recrutas. Os trabalhadores especializados em munições que podiam lutar teriam de ser substituídos por mulheres ou por homens incapazes para o serviço militar. A nação precisaria ser novamente mobilizada. Ao mesmo tempo, para que o esforço dos trabalhadores parecesse ser mais equitativo, as taxas que já incidiam naqueles que obtinham lucros adicionais no comércio ou na indústria como resultado da guerra foram elevadas de 40% da taxa original, em 1915, para 80%.

No mar, o sistema de comboios tinha começado a dar resultados positivos para os Aliados. As perdas de tonelagem em novembro foram as mais baixas no ano, com 126 navios afundados, sendo 56 britânicos.⁶ Quatro couraçados americanos incorporaram a grande frota britânica naquele mês de dezembro. Nos Estados Unidos, desenvolvia-se uma “cruzada da construção naval” para fornecer o número de navios mercantes necessários para a guerra em 1918, mas em 6 de dezembro, a milhares de quilômetros das zonas de guerra, houve um desastre para os Aliados: no porto canadense de Halifax, o navio mercante francês *Mont Blanc*, carregado de munições destinadas à Europa, colidiu com um navio belga e explodiu. Morreram mais de 1.600 pessoas e 9 mil ficaram feridas, o que representava um em cada cinco habitantes da cidade. Na França, seis dias depois, 543 soldados morreram quando um trem descarrilou perto de Modane, no maior número de mortos num desastre ferroviário civil, antes ou depois.

Na manhã de domingo, 9 de dezembro, num vale imediatamente ao norte de Jerusalém, dois soldados britânicos, Church e Andrewes, levantaram-se cedo para buscar ovos, na esperança de encontrarem uma propriedade abandonada ou camponeses. Faziam parte da força que lutava desde o Mediterrâneo e que agora estava acampada a cinco quilômetros da cidade, com a intenção de a capturar nos dias seguintes. Enquanto procuravam, viram um grupo heterogêneo dirigir-se até eles, alguns em roupas civis, outros em uniformes turcos, transportando uma grande bandeira branca desfraldada. Tratava-se de dignitários de Jerusalém, incluindo o presidente da Câmara, sacerdotes, rabinos e imãs, que traziam as chaves da cidade. Tinham andado à procura de alguém a quem se render. O Exército turco, com seus generais alemães e austríacos, tinha partido, em segredo, para Nablus, ao norte, e para Jericó e o rio Jordão, a leste.

Os britânicos poderiam entrar na Cidade Santa sem luta. Tinham passado mais de setecentos anos desde que Ricardo Coração de Leão chegara quase exatamente ao mesmo ponto, mas o rei fora incapaz de ir além. Os dois soldados conduziram os dignitários à presença de um sargento, que encontrou um general a quem eles puderam formalmente entregar as chaves da cidade. Em 11 de dezembro, seguindo instruções precisas dadas três semanas antes em Londres, Allenby entrou em

Jerusalém a pé, para evitar fazer como o Kaiser, que entrara triunfalmente em Jerusalém, a cavalo, em 1898. Allenby fez o que Londres mandara que fizesse: mostrar humildade perante os lugares santos e não colocar bandeiras aliadas na cidade. Para evitar ofender a tradição muçulmana, foram enviadas tropas de muçulmanos indianos para fazerem a guarda da Cúpula do Rochedo. A proclamação de boa vontade de Allenby, também preparada pelo Gabinete de Guerra, foi lida em inglês, francês, árabe, hebraico, russo e grego. Allenby estava radiante com sua vitória, que o redimiu de três anos de recuos e estagnação na frente ocidental. Em Jerusalém, adquiriu uma aranha lutadora, cujas mandíbulas podiam cortar a cauda de um escorpião, e deu-lhe o nome Hindenburg.

A captura de Jerusalém estimulou a imaginação do mundo aliado. Em Roma, os sinos das igrejas dobraram, bem como na catedral romana católica em Londres. Por todo o mundo, os judeus sentiram a chegada da aurora das suas aspirações nacionalistas. Os árabes também estavam animados: o nome Allenby tinha uma semelhança caligráfica com a palavra árabe para profeta, *Al Neby*. Alguns jornais britânicos contrapuseram o revés britânico em Cambrai ao sucesso da captura de Jerusalém. O *Times* chamou a ação em Cambrai de “um dos mais terríveis episódios da história da Inglaterra”. Porém, as perspectivas eram ainda piores. Na sequência do cessar-fogo na frente oriental, tropas alemãs moviam-se constantemente da Rússia para a frente ocidental. O Exército italiano estava defendendo o vale do Pó, com o auxílio de tropas britânicas e francesas, e Veneza estava vulnerável a qualquer novo sucesso austríaco. Rodeados de dificuldades, os líderes britânicos responderam positivamente a conversações de paz separada com a Áustria e até mesmo com a Turquia.

Com a aprovação de Lloyd George, o general Smuts foi à Suíça, onde, em 18 de dezembro, num subúrbio de Genebra, encontrou-se três vezes com o antigo embaixador da Áustria em Londres, conde Mensdorff. Smuts propôs que, como contrapartida a uma paz separada com a Entente, o império austro-húngaro ficaria intacto, sendo um contrapeso à Alemanha na Europa Central. Mensdorff respondeu que a Áustria não podia negociar uma paz separada. Philip Kerr, membro do secretariado de Lloyd George, que esteve presente nas conversações de Genebra, foi depois a Berna para encontrar-se com o negociador turco, dr. Humbert Parodi, mas a Turquia também não pretendia considerar uma paz separada. Era grande a atração germânica, fortalecida pela perspectiva de uma derrota aliada.

O diplomata britânico Sir Horace Rumbold, que esteve com Smuts e Kerr em Genebra e em Berna, notou:

Nossas conversações com os turcos foram, evidentemente, prejudicadas pela conferência de Brest-Litovsk. Na última semana, vários membros do governo turco em Genebra confirmaram que aquela conferência enchera os

turcos de esperanças extravagantes sobre o futuro de seu império. Não só esperavam recuperar a Mesopotâmia, a Palestina etc., com o auxílio dos alemães, como tinham também a esperança de conseguir porções do Cáucaso e fazer uma aliança com um Estado como a Geórgia. Parecia acreditar, de fato, nas possibilidades de um movimento turânio.

Enver Paxá, em particular, tinha esperança no alargamento do domínio turco às regiões de língua turca na Ásia Central russa.⁷

Na perspectiva de que o acordo de Brest-Litovsk tivesse aumentado a capacidade bélica alemã, os negociadores turcos voltaram atrás. Não havia qualquer indício público de que se realizavam conversações diplomáticas; na verdade, em 14 de dezembro, Lloyd George declarou, num discurso em Londres, que não havia “termo médio entre vitória e derrota”. Dois meses depois, uma conferência aliada na França repudiou a arma da diplomacia como meio de chegar à paz. Uma nota diplomática de Trótski, em 15 de dezembro, anunciou que, atendendo ao fato de que os governos aliados não concordavam com negociações de paz, os bolcheviques negociariam com os partidos socialistas de todos os países. A nota foi recebida com desprezo.

A mensagem de políticos e patriotas era de que a guerra prosseguiria. “Não consigo evitar sentir-me constantemente deprimido com os incomensuravelmente tristes fatos que pesam em nossas vidas”, escreveu Einstein a um amigo na Holanda, em 18 de dezembro. “Já nem ajuda, como antes, refugiar-me em meus trabalhos no campo da física.” Até mesmo Lloyd George, apesar de suas afirmações públicas sobre a necessidade de vitória, não estava tranquilo, no foro privado, acerca do método de luta que estava sendo seguido. Num almoço com o editor de um jornal, C. P. Scott, em 19 de dezembro, disse que, ainda que uma vitória militar fosse “uma necessidade”, talvez “derrotar o iminente grande ataque dos alemães à França ou à Itália, ou onde quer que tenha lugar, constitua em si uma vitória militar”. O primeiro-ministro falou também em “estancar o inútil desperdício de vidas em ataques no Ocidente e realizar apenas pesados contragolpes, mas mantendo-nos na defensiva”.

Sabendo que as ofensivas de 1916 e 1917 não se repetiriam, Churchill escreveu a um soldado, seu amigo, em 29 de dezembro. “Dou graças a Deus por não fazermos mais ofensivas. Eles que caminhem penosamente pelos campos cobertos de crateras. Eles que se regozijem com a captura ocasional de locais sem nome e colinas estéreis.”

Desde a assinatura do armistício em Brest-Litovsk, os alemães e os austríacos, bem como os turcos e os búlgaros, estavam ansiosos por assinar a paz com a Rússia para satisfazerem suas muitas exigências. Por seu lado, os bolcheviques estavam

desesperados por garantir suas fronteiras ocidentais e consolidar a revolução. Aqueles que negociariam a paz chegaram a Brest-Litovsk em 20 de dezembro. “Considerando que a Rússia está fazendo negociações para uma paz separada, deve evidentemente ser a única responsável pelos termos que dizem respeito aos seus próprios territórios”, disse Lloyd George na Câmara dos Comuns nesse dia.

Nessa noite, em Brest-Litovsk, um banquete foi oferecido pelo comandante-chefe alemão no leste, marechal de campo e príncipe Leopold da Baviera, para todos os delegados, entre os quais estava o ministro austríaco das Relações Exteriores, conde Czernin. Um dos primeiros historiadores dessas negociações, John Wheeler-Bennett escreveu:

O quadro era rico em contrastes. À cabeceira da mesa sentou-se a figura barbuda e robusta do príncipe da Baviera, tendo à sua direita Joffe, um judeu recentemente libertado de uma prisão na Sibéria. Ao seu lado estava o conde Czernin, um grande senhor e diplomata da velha escola, Cavaleiro do Tosão de Ouro, treinado nas tradições de Kaunitz e Metternich, a quem Joffe, com seus olhos suaves e tom amável, confidenciou: “Espero conseguirmos organizar também a revolução em seu país.”

Nessa noite, Czernin comentou laconicamente em seu diário: “Não precisaremos de nenhum auxílio do bom Joffe, creio eu, para trazer a revolução para nosso seio. O povo cuidará disso caso a Entente persista em recusar-se a chegar a um acordo.”

As negociações formais iniciaram-se em 22 de dezembro. “Posso considerar que estamos diante de uma ocasião auspiciosa, pois nossas negociações começam nas vésperas de uma festa que há muitos séculos promete paz na terra e boa vontade entre os homens”, disse aos delegados o chefe da delegação alemã, barão Richard Kühlmann. Para a Alemanha, a fraqueza da Rússia bolchevique dava a possibilidade de adquirir, por meio de sutilezas legais de um acordo negociado, ganhos territoriais muito maiores do que conseguira em mais de trinta anos de guerra.

Na frente italiana, os austríacos estavam determinados a derrotar os italianos antes das neves de inverno, já um mês atrasadas, que tornariam impossível a luta nas montanhas. Numa exortação final, o general Conrad disse às suas tropas que celebrariam a missa de Natal em Veneza. O ataque começou em 23 de dezembro, precedido por um massivo bombardeio de artilharia com granadas de gás. No conseqüente avanço de três quilômetros, foram capturados dois cumes, incluindo o Col del Rosso, de 1.275 metros de altitude, tendo sido feitos 9 mil prisioneiros italianos. Porém, num contra-ataque italiano no dia seguinte, os dois cumes foram recapturados. Nessa noite, caiu a primeira nevasca, o que impediu os austríacos de atingirem seu objetivo, e foram os italianos que celebraram a missa nessa noite,

agradecendo a Deus por sua libertação. No dia anterior, durante uma visita à frente ocidental, o Kaiser havia dito às suas tropas que os acontecimentos de 1917 eram a prova de que Deus estava do lado dos alemães.

Em Jerusalém e Belém, a missa de Natal foi celebrada sob ocupação militar britânica. No dia de Natal, houve disparos da artilharia turca, ao norte e a leste, mas sem significado. Depois, na noite de 26 de dezembro, os alemães e os turcos atacaram. Tropas turcas novas, que não tinham estado envolvidas nas retiradas desmoralizantes de Berseba e Gaza, penetraram nos postos britânicos avançados na estrada de Nablus. Durante oito horas e meia, ao longo da noite e no dia seguinte, foram repelidos vários ataques turcos. Num ataque pelo leste, ao longo da estrada de Jericó, os turcos voltaram a avançar para a cidade. Num ponto, setecentos turcos cercaram uma companhia formada por cinquenta soldados britânicos, mas, mesmo sem apoio de artilharia, refugiaram-se nas ruínas de um antigo mosteiro e resistiram até a chegada de auxílio na manhã de 28 de dezembro.

Tendo impedido a tentativa turca de recapturar Jerusalém, Allenby ordenou aos seus homens que avançassem em 28 de dezembro para assegurar o perímetro da cidade. Foram usados carros blindados e aviões para apoiar o avanço e contaram-se mil cadáveres turcos no campo de batalha quando o avanço foi interrompido dezesseis quilômetros ao norte da cidade. Entre os 750 prisioneiros feitos, havia vários oficiais alemães capturados por tropas irlandesas, que expressaram surpresa ao verem que tinham estado a lutar contra tropas brancas. Para os encorajar a pensar que a luta seria fácil, tinham-lhes dito que os inimigos seriam “indianos e a ralé do Egito”.

Para alguns que estavam em alto-mar, a morte chegou sem aviso na época de Natal. Em 23 de dezembro, no mar da Irlanda, um submarino alemão afundou o vapor armado britânico *Stephen Furness*, tendo morrido afogados 101 homens, enquanto no mar do Norte, ao largo da costa da Holanda, 252 marinheiros perderam a vida quando três contratorpedeiros britânicos, *Tornado*, *Torrent* e *Surprise*, colidiram com uma mina alemã. Uma semana depois, em 30 de dezembro, quando o contratorpedeiro *Attack* resgatava sobreviventes do transporte de tropas *Aragon*, chocou-se com uma mina e afundou, levando consigo 610 marinheiros e soldados. No dia seguinte, 198 marinheiros britânicos foram mortos quando seu navio, o *Osmanieh*, embateu numa mina e afundou. Tratava-se de um total de mortos superior a mil numa única semana. Em dezembro, 520 marinheiros mercantes britânicos perderam a vida.

O ano chegava ao fim sem perspectivas de paz na Europa. Mesmo o cessar-fogo no leste não foi mais do que o prelúdio de uma guerra civil imediata, com todos os seus horrores e excessos. E mesmo os bolcheviques não estavam satisfeitos com os

severos termos em que os alemães insistiam nas negociações de paz de Brest-Litovsk. Atrás das linhas, as nações cujas importações de alimentos eram impedidas por um bloqueio naval começaram a sofrer fortemente. Em Constantinopla, 10 mil habitantes morreram em consequência de privações em 1917. Na Áustria, a fome conduziu a greves e distúrbios em Viena e em Budapeste, que obrigaram o governo a chamar, em caráter permanente, sete divisões do Exército que estavam na frente para evitar que houvesse violência nas ruas. Na Alemanha, mais de 250 mil civis morreram como resultado da fome, diretamente atribuída ao bloqueio britânico. Não apenas os soldados no campo de batalha, os marinheiros no mar, os aviadores e o crescente número de homens em campos de prisioneiros, mas também as prósperas cidades da Europa sofriam os tormentos de uma guerra prolongada.

Em 30 de dezembro, os alemães desencadearam uma barragem de artilharia contra os britânicos na frente ocidental. Entre os feridos estava um membro da Divisão da Marinha Britânica, o capitão de corveta Patrick Shaw-Stewart, que lutara em Galípoli, onde um espelho que tinha no bolso do uniforme o salvara de uma bala “que se alojaria no lado direito do coração”. Depois de ter sido atingido por fogo de metralha em 30 de dezembro, e tendo perdido o lóbulo da orelha direita, recusou-se a voltar ao quartel-general do batalhão para que a ferida fosse tratada. Pouco depois, um projétil explodiu no parapeito, matando-o imediatamente.

A natureza cruel da guerra não podia ser confinada às zonas de guerra. Em 27 de dezembro, o correspondente de guerra e romancista britânico Philip Gibbs, que retornara havia pouco da frente ocidental, disse a um grupo de políticos e jornalistas em Londres o que pôde sobre as condições da guerra de trincheiras. C. P. Scott, que estava na audiência, anotou em seu diário: “É horrível e suportá-lo está além da natureza humana.” E, no entanto, a guerra continuaria por mais um ano.

As Potências Centrais à beira do triunfo

Janeiro a março de 1918

Nem mesmo a retirada da Rússia da guerra e o perigo que significou para os Aliados alterou a cautelosa política dos Estados Unidos. No primeiro dia de 1918, o general Pershing opôs-se a um pedido urgente de Lloyd George para que os Estados Unidos enviassem o maior número possível de tropas e incorporasse os homens imediatamente a unidades britânicas e francesas.

Lloyd George argumentou que os planos alemães consistiam em “aplicar um golpe decisivo aos Aliados” antes que um Exército americano treinado estivesse pronto para lutar naquele verão. Pershing discordou. “Não acho que exista uma situação de emergência que justifique a inclusão de companhias ou batalhões em unidades britânicas ou francesas”, telegrafou ao secretário da Guerra em Washington. “E eu não o faria a não ser numa situação de emergência”, completou ele. No entanto, Pershing aceitou um pedido de Pétain para que quatro regimentos de negros que já estavam na França pudessem fazer parte das divisões francesas, o que foi feito até o fim da guerra.

No início de 1918, as frentes ocidental, italiana, de Salonica e turca eram, cada uma, não o teatro de ofensivas em larga escala, mas de lutas espasmódicas caracterizadas por ataques e contra-ataques repetidos. Na antiga frente oriental, as negociações para um tratado de paz russo-germânico foram interrompidas durante doze dias devido ao começo do ano. Por trás de cada linha de frente, agitavam-se movimentos políticos com novo entusiasmo, na esperança de que negociações, o cansaço da guerra e evoluções inesperadas de acontecimentos satisfizessem seus ambiciosos planos para a formação de Estados. Contudo, a principal condição prévia era a desintegração da Áustria-Hungria, que não estava garantida.

Em 5 de janeiro, num discurso aos sindicatos britânicos, Lloyd George afirmou que a dissolução da Áustria-Hungria não era um objetivo por parte dos Aliados. Ainda que não o pudesse afirmar, mantinha a esperança de separar os Habsburgos e

a Alemanha. Em paralelo, aspirações nacionalistas cresciam dentro das fronteiras dos Habsburgos. Em 6 de janeiro, em Praga, uma convenção reuniu-se naquilo que imediatamente antes da guerra tinha sido a Casa Municipal, cujos arquitetos pretenderam que fosse a epítome das aspirações nacionalistas tchecas, e pediu a independência das terras tchecas da Boêmia e da Morávia. Duas semanas depois, os povos de língua alemã que viviam na região da Boêmia, os sudetos, disseram que queriam ter sua própria província.

Os presságios de autodeterminação nacional, ou mesmo de independência, pareceram favoráveis a todos aqueles que tinham esperança numa vitória aliada. Em 8 de janeiro, o presidente Woodrow Wilson, num discurso ao Congresso dos Estados Unidos, estabeleceu um programa de paz para a Europa baseado em catorze pontos aparentemente democráticos e liberais. No futuro, a diplomacia e a assinatura de tratados deveriam sempre proceder-se “com franqueza e conhecimento de todos”. Deveria ser assegurada liberdade de navegação nos mares e deviam ser removidas barreiras econômicas e estabelecidas “condições de igualdade de comércio” entre todas as nações. Em questões de soberania colonial, “os interesses das populações envolvidas devem ter o mesmo peso que as exigências equitativas dos governos cuja titularidade deve ser determinada”. A Alemanha deveria retirar-se de todos os territórios russos. A Bélgica deveria ser “evacuada e restaurada”. Todo o território francês deveria ser libertado e “reparado pelo mal que foi feito pela Prússia em 1871” na Alsácia e na Lorena. As fronteiras da Itália deveriam seguir “linhas claramente reconhecíveis de nacionalidade”, dando assim aos italianos a província austríaca do Tirol do sul. Aos povos da Áustria-Hungria deveriam ser dadas “as mais livres possibilidades de desenvolvimento autônomo”. A Romênia, a Sérvia e Montenegro deveriam ser restaurados, e a Sérvia deveria ter acesso ao mar. Às porções turcas do império otomano deveria ser “garantida uma soberania segura”, mas às outras nacionalidades dentro da Turquia deveria ser garantido um “desenvolvimento autônomo”. Deveria ser erigido um Estado polonês, “unido, independente, autônomo (...) com livre e irrestrito acesso ao mar”. Por fim, deveria ser formada uma “associação geral” de nações para garantir a independência política e integridade territorial “tanto aos grandes como aos pequenos Estados”.

Esses catorze pontos pretendiam ser um contraponto à crescente atração pelo bolchevismo por parte dos soldados das Potências Centrais, mostrando-se mais atrativos do que uma paz inspirada pelo bolchevismo. Contudo, não satisfizeram totalmente as esperanças que tinham surgido sobre a criação de Estados. Não seria dada a independência aos povos da Áustria-Hungria, mas, segundo Wilson, “a mais livre oportunidade de desenvolvimento autônomo”. Muitos tchecos e eslovacos mostraram-se desapontados. O presidente norte-americano também não reconheceu nem encorajou as aspirações dos eslavos do sul a um Estado próprio. A Áustria teria de sair da Sérvia e de Montenegro, mas não se fazia menção às outras duas

nacionalidades de eslavos do sul, os croatas e os eslovenos. Dois dias depois da divulgação dos catorze pontos, chegou a Londres uma delegação de finlandeses na esperança de conseguir o apoio britânico para a independência de seu país. A anterior confiança no apoio da Alemanha desaparecera.

A corrida por apoio nacional afetava ambos os lados, pois tanto os Aliados como seus adversários tentavam conseguir novos recrutas para o conflito ou isolar antigos inimigos. No dia em que a missão finlandesa chegou a Londres, as Potências Centrais e os bolcheviques reconheceram a independência da Ucrânia. A Letônia declarou sua independência em relação à Rússia em 12 de janeiro. No dia seguinte, em seu revolucionário decreto nº 13, Lênin e Stálin anunciaram seu apoio à autodeterminação da Armênia. Em Brest-Litovsk, as negociações de paz prosseguiram depois da pausa no início do ano. Dessa vez, a delegação bolchevique era presidida por Trótski, que tinha esperança, mesmo que usando a ameaça de uma revolução mundial, de limitar as exigências da Alemanha e da Áustria sobre substanciais ganhos territoriais à custa da Rússia. Os turcos também enviaram uma delegação a Brest-Litovsk, com a intenção de recuperarem as terras da Anatólia Oriental que tinham sido perdidas para a Rússia em 1878.

Os desejos de prolongar e concluir a guerra estavam em conflito em todas as nações, mas, para as potências aliadas, o imperativo moral de uma vitória ainda era afirmado publicamente e defendido amplamente. Num discurso em Edimburgo, em 10 de janeiro, Balfour declarou que os horrores da guerra eram “nada” se comparados a uma “paz germânica”. Com quase 2 milhões de homens em armas, o governo britânico fazia planos para incorporar pelo menos mais 420 mil.

Três dias depois do discurso de Balfour, o filósofo pacifista Bertrand Russell comentou numa carta particular: “O mundo é detestável. Lênin e Trótski são os únicos inteligentes.” O pacifismo de Russell encontrava pouco eco na Grã-Bretanha. Em 14 de janeiro, tendo ficado ferido na frente ocidental e enviado para casa como inválido, o oficial de Infantaria britânico Max Plowman tomou a rara atitude de abandonar seu posto e escreveu ao ajudante de seu regimento dizendo que o seu ódio à guerra “intensificou-se gradualmente até atingir a firme convicção de que a guerra organizada, de qualquer tipo, é sempre crime organizado”. Plowman acrescentava: “Acredito de tal forma na doutrina da encarnação (que Deus vive, de fato, em cada corpo humano) que creio que matar um homem é sempre matar a Deus.”

Fome e privações no país influíram tanto no cansaço em relação à guerra como as baixas. Em 22 de janeiro, um relatório britânico secreto, baseado numa cuidadosa leitura de correspondência britânica interceptada, revelou “um claro incremento de cartas em que se falava numa paz imediata”. Em Berlim, seis dias depois, mais de 400 mil trabalhadores entraram em greve, pedindo a paz. Quarenta e oito horas

depois, já eram feitas greves em seis outras cidades. As autoridades alemãs reagiram rápida e firmemente, declarando a lei marcial em Berlim e Hamburgo e alistando no Exército muitos dos trabalhadores em greve, mas o ódio que o bloqueio naval britânico tinha suscitado não podia ser abrandado por meio da lei marcial ou do serviço militar compulsório. Os civis eram obrigados a comer cães e gatos, estes últimos conhecidos como “coelhos de telhado”. O pão era feito com uma mistura de cascas de batata e serradura.

Em Viena, houve mais tentativas de conversações para uma possível paz negociada. “Houve mais discursos estrangeiros hoje, moderados, mas muito evasivos”, escreveu o pacifista Clifford Allen em seu diário em 28 de janeiro, quando já tinha sido libertado da prisão devido à sua saúde débil. Ele ainda comentou: “A Áustria é quase branda. Por que não fazem discursos em torno de uma mesa de negociação da paz em vez de o fazerem em plataformas separadas por quilômetros e com semanas ou meses de intervalo?” Os discursos estrangeiros mencionados tinham sido feitos pelo ministro austríaco das Relações Exteriores, conde Czernin, e pelo novo chanceler da Alemanha, conde Hertling, que sugeriam “uma troca de ideias” através de Washington (Czernin) e discussões sobre a “limitação de armamentos” (Hertling). O *Times* comentou: “Não revelam a mínima predisposição para cumprir qualquer das exigências que os Aliados, de comum acordo, consideram indispensáveis.”

Em 28 de janeiro, num hospital militar em Wimereux, na costa do canal da Mancha, o oficial médico canadense e tenente-coronel John McCrae morreu. Tinham passado quase três anos desde que, no saliente de Ypres, ele tinha escrito estas linhas:

*We are the Dead. Short days ago
We lived, felt dawn, saw sunset glow...¹*

Numa ação naval nos Dardanelos, foram mortos 127 marinheiros britânicos em 20 de janeiro, quando seu monitor, o *Raglan*, foi afundado por um navio de guerra alemão. Nesse mesmo dia, no mar do Norte, dois contratorpedeiros alemães afundaram-se devido a minas britânicas e um submarino alemão afundou o vapor armado britânico *Louvain*, matando 224 ocupantes. Em 26 de janeiro, três submarinos alemães foram afundados, dois no canal da Mancha e um no canal St. George. Cinco dias depois, numa colisão noturna acidental no mar do Norte, dois submarinos britânicos chocaram-se e afundaram, com a morte de 103 tripulantes. Em 29 de janeiro, três bombardeiros gigantes alemães sobrevoaram a Inglaterra num ataque que feriu vinte civis. Os bombardeiros gigantes foram seguidos na noite seguinte por 31 aviões Gotha, que sobrevoaram Paris, lançaram 267 bombas e

matarem ou feriram 259 parisienses.

As guerras submarina e aérea combinavam-se para criar hostilidade mesmo naqueles cujos instintos eram, de uma ou outra forma, favoráveis a uma paz de compromisso. “Não é deprimente a mentalidade alemã?”, escreveu em 27 de janeiro, a um amigo, o antigo ministro britânico das Relações Exteriores, Edward Grey, que era favorável a que se oferecesse à Alemanha “igualdade econômica” depois da guerra. “Quando não temos um cargo no governo e estamos fora de Londres, é muito desconfortável odiar alguém e deseja-se a paz mais do que nunca, mas não vejo como se poderá fazer a paz com as pessoas que ainda governam a Alemanha.”

No leste, as forças de Lênin haviam entrado na Ucrânia e declarado o triunfo do bolchevismo, mas as Potências Centrais anunciaram seu apoio a uma Ucrânia independente. Em 28 de janeiro, bolcheviques russos e nacionalistas ucranianos lutaram entre si em Lutsk, onde, três anos antes, forças alemãs e russas tinham lutado pela supremacia. Em 29 de janeiro, as tropas de Lênin entraram em Kiev e em Odessa. Dois dias depois, com a Ucrânia a ficar rapidamente sob domínio bolchevique, Lênin estabeleceu a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS). A isso se seguiu, duas semanas depois, a criação da Marinha Vermelha e do Exército Vermelho.

O descontentamento crescia em cada vez mais Exércitos e Marinhas. Em 1º de fevereiro, tropas gregas na cidade de Lâmia, que estavam prestes a ser enviadas para a frente de Salonica, amotinaram-se. Dois líderes foram executados. No mesmo dia, marinheiros austro-húngaros a bordo de um navio, também no golfo de Cátar, amotinaram-se. Conduzidos por dois socialistas tchecos, os 6 mil marinheiros içaram a bandeira vermelha e anunciaram sua adesão ao bolchevismo, mas tocaram a “Marselhesa” em vez da “Internacional” e suas exigências estavam mais próximas dos catorze pontos do presidente Woodrow Wilson do que dos decretos de Lênin, pedindo autonomia nacional (como já tinha sido exigido pelos grupos eslavos no Parlamento de Viena, e não a independência), paz imediata, não anexação de território, desmobilização e melhores condições de vida. Os amotinados apelaram para o apoio das tropas austríacas da guarnição de Cátar e das tripulações de submarinos alemães, que estavam ao seu lado no golfo, mas essa tentativa de ampliar a amotinação foi rejeitada. Ao saberem o que tinha acontecido, as autoridades navais austríacas enviaram três couraçados que estavam no porto de Pula, na Ístria. Na repressão, oitocentos dos amotinados foram tirados dos barcos, quarenta foram a julgamento e quatro foram executados.

Em 5 de fevereiro, na França, a escassez de pão conduziu a um protesto de 3 mil pessoas em Roanne, no Loire, a que se seguiram saques.

Em 18 de janeiro, a 1ª Divisão Americana entrou na linha de frente, no setor de Ansauville do saliente de Saint-Mihiel, enviada para ganhar experiência em defender a linha, sem participar de ações ofensivas. Quando os alemães descobriram que tinham americanos como opositores, tentaram desmoralizá-los, desencadeando um ataque ao posto de escuta norte-americano, matando dois soldados, ferindo outros dois e capturando mais um. Depois, fizeram uma emboscada a uma patrulha americana na terra de ninguém, matando quatro, ferindo dois e capturando dois. “Isso de deixar que os boches façam tudo está mexendo com meus nervos”, anotou um oficial americano em seu diário em 30 de janeiro.

Tropas americanas chegavam à França todas as semanas, onde, sob o olhar vigilante de Pershing, eram construídas importantes instalações portuárias e de base para as tropas e seus equipamentos. A contribuição americana para a guerra, mesmo que ainda não fosse marcada pela participação dos exércitos, tornava-se um importante assunto nas reportagens de guerra. Em 5 de fevereiro, o tenente Thompson foi o primeiro piloto americano a abater um avião alemão em combate na França. No mesmo dia, ao largo da costa da Irlanda, os primeiros soldados americanos foram mortos quando o navio de transporte de tropas em que seguiam para a Europa, o *Tuscania*, foi afundado por um submarino alemão: morreram afogados 166 militares dos Estados Unidos e 44 tripulantes britânicos.

Na Grã-Bretanha, demonstrações audíveis e visíveis de sentimentos antibelicistas ainda estavam confinadas a alguns milhares de objetores de consciência. Em 6 de fevereiro, houve grande indignação entre eles quando um antigo sapateiro, Henry Firth, morreu no centro de trabalho para objetores de consciência de Princetown, em Dartmoor. Após nove meses na prisão, tinha ficado tão doente que aceitara a alternativa de trabalhar nas pedreiras de Princetown, em Dartmoor. Conduzido ao hospital depois de ter perdido a consciência enquanto trabalhava, foi-lhe recusado um pedido de ovos sob a alegação de que eram necessários para alimentar os soldados na França. Por fim, as autoridades cederam e foram-lhe dados três ovos frescos, que chegaram no dia seguinte à sua morte. Três dias depois da morte de Firth, Bertrand Russell foi condenado a seis meses de prisão por defender publicamente que o governo britânico deveria aceitar a oferta alemã de iniciar negociações de paz.

“A guerra é uma ação disciplinadora de Deus para educar a humanidade”, disse o Kaiser aos cidadãos de Bad Homburg em 10 de fevereiro. Três dias depois, disse a um conselho de guerra convocado em Homburg que havia uma conspiração mundial contra a Alemanha, em cujos participantes se incluíam os bolcheviques, apoiados pelo presidente Wilson, “a comunidade judaica internacional” e o Grande Oriente maçônico. O Kaiser não fez alusão ao fato de cerca de 10 mil judeus e milhares de franco-maçons já terem morrido enquanto lutavam nas fileiras do Exército alemão.

Nem pareceu lembrar-se dos detalhes fornecidos apenas dois meses antes sobre o apoio financeiro alemão aos bolcheviques, incluindo um subsídio secreto alemão para o jornal bolchevique *Pravda*.

Uma semana depois do discurso do Kaiser, em 17 de fevereiro, houve uma mudança drástica na antiga frente oriental, onde foram abandonadas as muito prolongadas negociações de paz entre os bolcheviques e os alemães em Brest-Litovsk. Os termos alemães eram pesados demais para os bolcheviques. Os alemães prepararam-se imediatamente para retomar a guerra no leste. “Amanhã renovaremos as hostilidades contra os bolcheviques”, escreveu o general Hoffmann em seu diário nessa noite. “Não há outra solução, pois, se não for assim, esses brutos eliminarão os ucranianos, os finlandeses e os bálticos, organizarão rapidamente um exército revolucionário e transformarão toda a Europa numa pocilga.”

A guerra foi reiniciada por 52 divisões alemãs que atravessaram a linha de cessar-fogo demarcada em novembro, ocupando Dvinsk, no norte, e Lutsk, no sul, e dirigindo-se para leste ao longo das principais estradas de ferro russas. Lênin percebeu que os bolcheviques deviam ceder em tudo o que era exigido. “Não é uma questão de Dvinsk, mas da revolução”, disse a Trótski. “Adiar é impossível. Devemos assinar já. A fera age com rapidez.” Em 19 de janeiro, Hoffmann recebeu um telegrama, assinado por Lênin e Trótski, em que eram aceitas as condições de paz que tinham sido oferecidas em Brest-Litovsk, mas Hoffmann não mostrou pressa em aceitá-las e estava até irritado por a renovação das hostilidades ser interrompida. No entanto, respondeu que a aceitação precisava ser confirmada por escrito e enviou um mensageiro através das linhas alemãs. Entretanto, o avanço alemão foi mantido. Em 20 de fevereiro, tropas alemãs entraram em Minsk, fazendo mais de 9 mil prisioneiros russos. “O Exército russo está mais corrompido do que eu supunha”, escreveu Hoffmann nesse dia em seu diário. “Não têm qualquer vontade de lutar. Ontem, um tenente e seis homens fizeram seiscentos prisioneiros cossacos.”

A guerra continuou durante mais uma semana, tendo os alemães utilizado as estradas e ferrovias russas como se estivessem numa excursão civil: em 124 horas, avançaram 240 quilômetros. “É a guerra mais ridícula que já vi”, escreveu Hoffmann em seu diário em 22 de fevereiro. “Pomos uma mão cheia de soldados de Infantaria com metralhadoras e um canhão num trem e fazemos todos recuarem para a estação seguinte. Tomamos a estação, fazemos mais prisioneiros bolcheviques, juntamos mais uns soldados e continuamos em frente. Esse procedimento tem, de qualquer forma, o encanto da novidade.”

Lênin e Trótski sabiam que a paz tinha de ser feita segundo os termos alemães, mas seu pedido por escrito, que chegou a Berlim em 21 de fevereiro, foi rejeitado pelos alemães, que, por sua vez, enviaram uma nota em 23 de fevereiro em que exigiam termos ainda mais duros. Os alemães sabiam que a unidade do território russo se desintegrava ainda mais depressa do que eles poderiam ter imaginado. Na

província czarista da Finlândia, onde o Exército Branco e o Exército Vermelho tinham estado em conflito, o líder nacionalista finlandês, general Mannerheim, exigiu a evacuação imediata de todas as tropas russas, tanto brancas como vermelhas. Os bolcheviques aceitaram fazê-lo em 23 de fevereiro. Então, no dia seguinte, depois de uma tumultuada sessão do conselho dirigente de Lênin, durante a qual o dirigente da revolução chegou a ameaçar demitir-se, obteve 116 votos contra 85 a favor dos novos termos da Alemanha. A votação do Comitê Central foi ainda mais renhida, com sete votos a favor e seis contra. Na decisão de aceitar o que quer que os alemães exigissem, uma nova figura juntou-se a Lênin e a Trótski na cena internacional: Josef Stálin.

À medida que Lênin e seus colegas se preparavam para sair formalmente da guerra e abandonar vastas áreas da Rússia Ocidental e do sul, as tropas dos Estados Unidos participavam pela primeira vez numa ação ofensiva na frente ocidental. Em 13 de fevereiro, no Butte de Mesnil, na região de Champagne, baterias de artilharia americanas tomaram parte numa barragem de fogo rasante com duração de seis horas antes de um ataque francês que penetrou nas linhas alemãs, tendo feito mais de 150 prisioneiros alemães. Dez dias depois, em Chevreigny, ao sul de Laon, dominada pelos alemães, dois oficiais americanos e 24 homens ofereceram-se como voluntários para, juntamente com forças francesas, fazerem um ataque às trincheiras alemãs. O ataque durou meia hora e foram feitos 25 prisioneiros alemães. O *Times* comentou que apesar de “o atual momento não ter muita importância, o dia 23 de fevereiro será sempre recordado na história da guerra”.

Enquanto os americanos lutavam em Chevreigny, Churchill, como ministro das Munições, visitava o saliente de Ypres, passando pelos campos de batalha de 1915, 1916 e 1917. “Perto de 800 mil pessoas da nossa raça britânica derramaram seu sangue e perderam suas vidas durante os três anos e meio de um incessante conflito”, escreveu à sua mulher em 23 de fevereiro.

Muitos dos nossos amigos e meus contemporâneos pereceram ali. A morte parece ser um lugar-comum tão pouco alarmante como um agente funerário. É um acontecimento banal, que pode acontecer a qualquer um em qualquer momento, como aconteceu a milhares, que jazem juntos num vasto cemitério, enobrecidos e para sempre gloriosos pela sua corajosa recordação.

Entre seus amigos que lutaram no saliente e foram mortos, estava o voluntário americano Henry Butters, que viera de São Francisco. “Eu menti e disse que nasci na Grã-Bretanha”, dissera ele a Churchill, quando perguntaram como um cidadão americano podia prestar serviço como segundo-tenente na artilharia britânica.

A participação americana no campo de batalha era agora um fato, mais de 42 meses depois do início da guerra. Em 26 de fevereiro, três dias depois do primeiro ataque, o chefe do Estado-Maior da 42ª Divisão Americana, a Divisão Arco-Íris, observou um ataque francês às trincheiras alemãs perto de Réchicourt. Tomado pelo entusiasmo do momento, participou no ataque, ajudou a capturar vários soldados alemães e recebeu a Cruz de Guerra, sendo o primeiro membro do Corpo Expedicionário Americano a recebê-la. Tratava-se do coronel Douglas MacArthur.² Um ano antes, quando as tropas americanas estavam sendo recrutadas, houvera alguma preocupação nos círculos políticos de Washington por alguns estados americanos poderem ofender-se se o recrutamento para determinadas divisões fosse feito apenas em outros estados. Foi então sugerido ao secretário da Guerra, Newton Baker, que fosse constituída uma divisão completa das unidades excedentes de diferentes estados, evitando assim o perigo de invejas e fricções. Segundo recorda Baker, “o major MacArthur, que estava ao seu lado, disse: ‘Ótimo, irá espalhar-se por todo o país como um arco-íris.’ Daí surgiu o nome da divisão”.

Esperava-se muito das forças americanas. Os jornais britânicos, franceses e mesmo americanos escreviam entusiasticamente sobre como os americanos em breve escureceriam o céu com seus aviões, o que obrigou Pershing a protestar em Washington contra o exagero, dizendo que, depois de quase um ano de guerra entre os Estados Unidos e a Alemanha, não havia um único avião fabricado nos Estados Unidos em serviço na frente ocidental.

No leste, tropas alemãs continuavam fazendo um rápido avanço, ocupando Borisov, Gomel e Jitomir. Ao longo do Báltico, suas forças chegaram a Dorpat em 24 de fevereiro e movimentaram-se rapidamente para Talim, onde, no dia seguinte, os bolcheviques afundariam onze submarinos para evitar que fossem capturados pelos alemães, que entrariam no porto da Estônia poucas horas depois.

Os contínuos sucessos alemães no leste conduziram a uma renovação do zelo patriótico dentro da Alemanha. Para um acadêmico que o censurou por ser contra a guerra, Einstein escreveu em 24 de fevereiro: “Sua ostentação teutônica musculada vai contra meus princípios. Prefiro seguir meu compatriota Jesus Cristo, cujas doutrinas você e outros da sua laia consideram obsoletas. Sofrer é, para mim, mais aceitável do que o recurso à violência.”³

Em 25 de fevereiro, tropas alemãs chegaram aos arredores de Narva, no Báltico. Ao fazê-lo, tiveram um breve encontro com um destacamento bolchevique de pouco mais de mil homens. Em 26 de fevereiro, o Batalhão Finlandês, que lutara ao lado dos alemães na frente oriental durante um ano e meio, voltou à Finlândia, à cidade de Vaasa, e comprometeu-se a apoiar a independência do país (declarada em dezembro) e a expulsar os bolcheviques do resto do país, incluindo a capital,

Helsinque. No dia seguinte, forças alemãs atingiram Mogilev, antigo quartel-general militar czarista, e, no mesmo dia, 27 de fevereiro, um avião alemão lançou suas bombas no aterro de Fontanka, em Petrogrado.

Com a aprovação de Lênin para prosseguirem as negociações de paz em Brest-Litovsk, a delegação bolchevique voltou à cidade, onde chegou em 28 de fevereiro. Contudo, os alemães recusaram-se a conceder que sua chegada conduzisse a um fim imediato das hostilidades. A luta só terminaria quando o tratado estivesse assinado, insistiu Hoffmann. As negociações recomeçaram em 1º de março. Os bolcheviques não podiam fazer nada além de aceitar os termos que os alemães propunham, que incluíam uma exigência turca de anexação de Ardahan e Kars, que a Rússia tinha anexado em 1878. Em 2 de março, enquanto os delegados discutiam em detalhes os termos do tratado de paz, as tropas alemãs entravam em Kiev, capital da Ucrânia, que os bolcheviques tinham capturado apenas um mês antes. No Báltico, forças alemãs ocuparam Narva, a cidade mais oriental da Estônia, a apenas 130 quilômetros de Petrogrado. Foram feitos planos na capital russa para evacuar o governo para Moscou, e Lênin deu ordens de emergência para “intensificar os preparativos para explodir vias férreas, pontes e estradas, para juntar armas e destacamentos de armas e transportar armas para o interior do país”.

Os alemães pareciam prontos para entrar em Petrogrado. Em seu avanço rápido e praticamente sem oposição desde que as negociações de Brest-Litovsk tinham sido interrompidas, tinham feito 63 mil prisioneiros russos e capturado 2.600 canhões e 5 mil metralhadoras. Esse armamento teria grande utilidade na frente ocidental. Durante 2 de março, as forças alemãs continuaram a avançar para leste. Lênin e Trótski não tinham outra opção a não ser instruir seus delegados para que assinassem. O alto-comando alemão sentiu-se aliviado, pois estava ansioso por voltar seu poderio militar contra a frente ocidental.

Às 17h de 3 de março, foi assinado o tratado de paz russo-alemão em Brest-Litovsk. Os bolcheviques aceitaram a dura realidade do campo de batalha, desistindo de todas as exigências sobre as províncias bálticas, a Polônia, a Rússia Branca (mais tarde conhecida por Bielorrússia), a Finlândia, a Bessarábia, a Ucrânia e o Cáucaso. Tratava-se de um terço de sua população anterior à guerra, um terço do solo arável e nove décimos de suas jazidas de carvão: na realidade, quase todo o território que tinha sido acrescido aos domínios czaristas desde o reinado de Pedro, o Grande, mais de duzentos anos antes. Mais uma vez, como acontecera na queda de Bucareste no fim de 1916, o Kaiser celebrou com champanhe.

Segundo o Tratado de Brest-Litovsk, a Rússia perdia todas as bases navais no Báltico, exceto Kronstadt. Os navios da armada russa do mar Negro, em Odessa e Mykolaiv, seriam desarmados e tomados. Os bolcheviques aceitaram também a

entrega imediata de 630 mil prisioneiros de guerra austríacos e permitiram que as áreas conquistadas aos armênios pela Rússia em 1916 fossem transferidas para a Turquia.⁴ Soldados armênios lutaram contra essa distante decisão, mas rapidamente foram esmagados por forças turcas que se deslocavam para leste. Em 24 de fevereiro, os armênios tinham já sido expulsos de Trebizonda, no mar Negro. Em 12 de março, foram expulsos da cidade de Erzurum, no planalto da Anatólia.

Os romenos assinaram um tratado com as Potências Centrais, em Buftea, em 5 de março, cedendo a Dobruja à Bulgária, mas receberiam uma antiga província russa, a Bessarábia, se conseguissem retirá-la do domínio bolchevique. Um congresso bolchevique, realizado em Petrogrado no dia seguinte, aceitou o Tratado de Brest-Litovsk e, ao mesmo tempo, adotou o nome Comunista para seu partido. Receando uma nova ameaça alemã no Báltico, em 12 de março mudaram a capital de Petrogrado para Moscou.

Embora a situação parecesse sombria para os Aliados na frente ocidental, duas notícias, vindas do Mediterrâneo oriental e da guerra no ar, serviram para elevar o moral dos Aliados. Em 21 de fevereiro, as forças de Allenby expulsaram os turcos que ocupavam Jericó e chegaram ao extremo norte do mar Morto, o ponto mais baixo da Terra, 393 metros abaixo do nível do mar. Na frente ocidental, pilotos britânicos de bombardeiros fizeram ataques em quatro noites, ao longo de fevereiro, a aquartelamentos e campos de aviação alemães, incluindo um ataque bem-sucedido a um importante hangar perto de Metz.

Na Grã-Bretanha, Lloyd George e Churchill pensavam em novas estratégias para vencer a Alemanha em 1919. Em 5 de março, na esperança de conseguirem garantir a vitória dentro de um ano, Churchill garantiu a Lloyd George que produziria 4 mil tanques até abril de 1919, num programa de treze meses. A vitória na frente ocidental só seria possível, disse ele ao primeiro-ministro, quando a Grã-Bretanha e a França tivessem “armamento mais forte e melhor” do que a Alemanha. “Todo o resto se fundamenta aí, e não há razões para que não os tenhamos em 1919.”

Em 1919, o Exército americano constituiria também um fator decisivo na frente ocidental. Consciente desse fato, a propaganda alemã tentou repetidamente minar a confiança dos franceses nos soldados americanos e colocar dúvidas sobre sua contribuição. Em 5 de março, notícias da rádio alemã deram um registro de interrogatórios com alguns soldados americanos que tinham sido capturados recentemente. “São fortes e jovens, mas não parecem ter muito desejo de lutar. Para eles, é uma guerra feita por investidores de Nova York. Odeiam os britânicos, mas respeitam-nos. Não se dão bem com os franceses. Não têm a mínima ideia do que são operações militares e parecem burros e fatalistas quando comparados aos combatentes franceses experientes. Sentem-se felizes quando não precisam

combater.” Outra emissão, três semanas mais tarde, informou que os oficiais franceses “não escondem seu desapontamento” sobre o valor das tropas americanas, que são “totalmente incapazes de executar operações independentes”.

Na primeira semana de março de 1918, as Potências Centrais realizaram quatro iniciativas de bombardeio. Em 4 de março, aviões austríacos bombardearam Veneza, Pádua, Mestre e Treviso, mas perderam um terço dos aviões que participaram do bombardeio. Três dias depois, três bombardeiros gigantes dos alemães atacaram Londres, tendo uma única bomba matado doze pessoas num edifício residencial em Maida Vale e danificado quatrocentas casas. Em 8 de março, bombardeiros Gotha lançaram mais de noventa bombas sobre Paris. Sem entrarem em pânico, mas com muito medo, 200 mil parisienses deixaram a capital por trem, com destino ao campo. No dia seguinte, um dirigível alemão lançou bombas na base naval e na instalação siderúrgica de Nápoles. Três dias depois, forças alemãs ocuparam Odessa. Pela primeira vez na história, uma potência controlava a Europa desde o mar do Norte até o mar Negro, o que nem Napoleão conseguira.

Duas semanas antes de ocuparem Odessa, tropas alemãs entraram no porto de Mykolaiv, no mar Negro, apoderando-se de um couraçado russo, três cruzadores, quatro contratorpedeiros e três submarinos e controlando o estaleiro naval. O triunfo alemão no leste não tinha precedentes e fora completo. Em 8 de março, o Kaiser recusou o trono do ducado da Curlândia, no mar Báltico, e, em vez disso, a região tornou-se um protetorado alemão. Na Idade Média, tinha sido um domínio dos Cavaleiros Teutônicos. Nesse momento, não era tolerada qualquer crítica ao nacionalismo alemão. Em meados de março, os alemães mostraram indignação quando um memorando escrito pelo antigo embaixador da Alemanha em Londres, príncipe Lichnowsky, justificando a diplomacia da Grã-Bretanha antes da guerra e criticando a forma como a Alemanha lidara com a crise, foi publicado nos jornais. Foi pedido a Lichnowsky que abandonasse o serviço diplomático.

Os britânicos continuavam tentando separar a Áustria-Hungria e a Alemanha. Em 9 de março, o general Smuts voltou à Suíça com o confidente de Lloyd George, Philip Kerr, para falar com um emissário austríaco, conde Alexander Skrynski.⁵ Apesar de Skrynski ser polonês, rejeitou as condições de paz que Smuts apresentou, pois “deve-se fazer justiça aos povos” dentro dos domínios dos Habsburgos, por meio da autonomia de poloneses, tchecos, croatas e de outras minorias. As conversações prosseguiram durante cinco dias, mas depois os austríacos abandonaram-nas. O ponto de vista de Kerr, segundo explicou a Rumbold, era que o ministro austríaco das Relações Exteriores, conde Czernin, “deve ter percebido que, mal iniciasse negociações, a opinião pública nunca lhe permitiria voltar atrás se os termos da Entente fossem razoáveis e que, uma vez iniciadas as negociações, era

mais uma questão de levar a uma paz separada ou à desintegração da Áustria-Hungria”.

Os austríacos interessados em negociações com os Aliados também tinham de considerar a possibilidade de uma vitória alemã no campo de batalha, com a qual se beneficiariam. Atrás das linhas, alastravam-se o sentimento e os receios antibelicistas. Em 16 de março, em Viena, um relatório da polícia austríaca mencionaria “o grande e muito difundido ressentimento contra a Alemanha” na própria Áustria. Por outro lado, em 19 de março, um antigo ministro austríaco das Relações Exteriores, o barão Burian, escreveria em seu diário: “Agora ninguém dará atenção à palavra ‘paz’. Tudo depende da próxima ofensiva, como se todos se entregassem, sem receios, à decisão do destino.”

Em 9 de março, os alemães iniciaram, por meio de séries de bombardeios de artilharia, a fase preliminar de uma ofensiva massiva contra as forças britânicas e francesas na frente ocidental, no que viria a ser um mais vasto e mais essencial jogo de guerra. Até então, as principais iniciativas militares na frente ocidental tinham sido tomadas pelas potências aliadas no Somme, em Ypres (Passchendaele) e em Cambrai. Todas essas ofensivas encontraram fortificações e linhas de defesa alemãs superiores. Agora, eram os alemães que tentariam quebrar a linha de trincheiras. Tinham a preocupação principal de que sua vitória fosse garantida antes que as numerosas tropas americanas, não derrotadas em batalha, atingissem a zona de batalha.

Nas simulações iniciais, com uma série de bombardeios por toda a frente ocidental, um dos alvos da artilharia alemã foi um posto de Infantaria na floresta de Parroy. Atingido em 7 de março, verificou-se que era defendido por homens da 42ª Divisão Arco-Íris. Num só refúgio subterrâneo, foram mortos dezenove americanos. Na cerimônia fúnebre foi lido um poema escrito pelo poeta Joyce Kilmer, que prestava serviço como cabo na divisão:

*... death came flying through the air
And stopped his flight at the dogout stair,
Touched his prey
And left them there
Clay to clay.
He hid their bodies stealthily
In the soil of the land they sought to free,
And fled away.*⁶

Entre Ypres e Saint-Quentin, o bombardeio preliminar dos alemães foi iniciado em 9 de março, com um ataque com gás no qual foram lançadas 500 mil granadas de

gás de mostarda e de fosgênio, num total de mil toneladas de gás. Nesse dia, durante um ataque alemão com gás no saliente de Feys, o coronel Douglas MacArthur supervisionou a captura de um ninho de metralhadoras alemão por uma companhia de tropas americanas, sendo-lhe atribuída posteriormente a Medalha por Distinção em Serviço. Em 11 de março, durante outra barragem de gás, MacArthur, entre outros, foi afetado. Sua lesão foi considerada “leve” e recuperou-se em uma semana. Por ter sido ferido em batalha, recebeu a condecoração Purple Heart [Coração Púrpura].

O uso de gás nos campos de batalha provocou muitos casos de pânico, medo, falsas doenças e deserção. No Exército alemão, levou ao estabelecimento de uma regra cumprida em todos os serviços médicos desde finais de 1917: segundo ela, os casos “alegados” de envenenamento por gás e fingimento que não apresentassem sintomas definitivos ficariam retidos entre 24 e 48 horas para observação médica em salas de inspeção de unidades (...) de modo que possam retornar às suas unidades se possível. Esses casos não seriam admitidos em hospitais de campanha nem em dispensários para os afetados pelo gás.

Em 19 de março, num ataque preventivo perto de Saint-Quentin, os britânicos lançaram 85 toneladas de gás fosgênio, matando 250 alemães. Depois, em 21 de março, os alemães lançaram sua grande ofensiva. Se tivesse êxito, a Alemanha poderia vencer a guerra no ocidente no campo de batalha, como já tinha vencido no leste à mesa de negociações.

A última grande investida alemã

Março a abril de 1918

Nas primeiras horas de 21 de março de 1918, Ludendorff lançou a ofensiva com a qual pretendia dar a vitória às forças alemãs na frente ocidental. Seu objetivo era expulsar os britânicos do Somme e os franceses do Aisne e ameaçar Paris, como tinha sido ameaçada em 1914. Os augúrios eram bons para os alemães. Depois da assinatura do Tratado de Paz de Brest-Litovsk, em 3 de março, a Rússia estava fora da guerra e estava afastado o pesadelo do conflito em duas frentes. O sistema de ferrovias alemão, aperfeiçoado nos dois anos anteriores, permitiria que divisões que até então tinham estado na frente oriental se movimentassem rapidamente, junto com centenas de canhões pesados e metralhadoras capturadas durante a profunda penetração alemã na Rússia nos dias anteriores à assinatura do Tratado de Paz de Brest-Litovsk.

Em nível de tática, Ludendorff tinha obtido êxito ao dar a impressão de que o ataque principal seria feito muito mais ao sul. Seu avanço de encontro ao 5º Exército Britânico foi inesperado, e Haig e seu Estado-Maior não estavam preparados, pois tinham estado concentrados em colocar suas reservas atrás do 3º Exército, mais ao norte, protegendo os portos do canal da Mancha. Ao mesmo tempo, na véspera da batalha, o 3º Exército Francês se deslocara 160 quilômetros para leste do 5º Exército Britânico, para proteger-se do inexistente avanço alemão pelo setor sul da frente. A posição do 5º Exército era, portanto, mais fraca do que deveria ser e as tropas encontravam-se muito mais expostas. Em termos de homens, o Exército estava muito diminuído: suas divisões, que foram pensadas para terem 12 mil homens, nunca tiveram mais de 6 mil. Depois de três anos e meio de guerra, a escassez de homens ainda constituía um fator determinante na capacidade bélica britânica. Tanto no número de homens como no aspecto humano, as perdas no Somme e em Passchendaele tinham sido enormes.

O bombardeio de artilharia com que se iniciou a batalha, em 21 de março, durou

cinco horas. Às 5h10, o general Gough estava 1.600 metros atrás da linha de frente e registrou em seu diário: “Acordei no meu quarto em Nesle ao som de um bombardeio tão forte e continuado que me deu a imediata impressão de um poder esmagador e temível.” Estavam em ação mais de 6 mil canhões pesados alemães, e a intensidade do bombardeio ainda foi aumentada com mais de 3 mil morteiros. Foram empregadas granadas de gás para enfraquecer a capacidade da artilharia britânica de contrapor a barragem alemã: nas duas semanas seguintes de guerra, foram lançados 2 milhões de granadas de gás sobre as linhas britânicas.

No ar, 326 aviões de combate alemães defrontaram 261 caças britânicos, abatendo dezesseis no primeiro dia, com a perda de catorze aviões alemães. O bombardeio começou às 4h40. Duas horas e meia depois, a primeira leva da Infantaria alemã saiu das trincheiras, atacando as linhas britânicas. No primeiro dia, os alemães fizeram avanços até sete quilômetros, fazendo prisioneiros 21 mil soldados britânicos. Winston Churchill, que visitava um dos quartéis-generais da linha de frente quando começou a barragem de artilharia, saiu do campo de batalha pouco antes de ser invadido pelos alemães.

A pressão do assalto alemão era poderosa demais para ser detida pelo 5º Exército. Na batalha pela colina de Manchester, um regimento britânico lutou até o último homem e a última bala. Quando seu comandante, o tenente-coronel Elstob, posicionado no primeiro degrau de sua trincheira mais avançada, recusou uma oferta alemã de rendição, foi morto com um tiro. Quando seu desafio tornou-se conhecido, Elstob foi postumamente agraciado com a Cruz Vitória. Aldeias inteiras foram destruídas à medida que as forças britânicas defendiam suas posições até o fim: em Maissemy, um cemitério alemão contém as sepulturas de 23.292 homens. A pouco mais de um quilômetro e meio, a aldeia de Le Verguier foi também destruída.

No segundo dia de batalha, 22 de março, os alemães fizeram novos avanços. Num contra-ataque com 25 tanques britânicos, foram destruídos dezesseis. Nesse dia, perderam-se trinta aviões britânicos e onze aviões alemães. Em Beaumetz-lès-Cambrai, duas divisões britânicas resistiram todo o dia, mas foram obrigadas a retroceder. O cemitério local tem 257 sepulturas de britânicos. Na fazenda Revilon, uma divisão lutou por dois dias depois de ter sido cercada, bombardeada pelo ar e sob intenso fogo de artilharia e de morteiros, antes de ser derrotada. Em Roupv, um batalhão britânico foi pego pelo fogo de sua própria artilharia, repeliu sete ataques alemães sucessivos e retirou-se contra ordens recebidas. No cemitério da colina de Hermies, perto da aldeia de Bertincourt, estão sepultados cerca de mil soldados britânicos. A intensidade da luta pode ser vista num relatório alemão de uma seção da frente do 5º Exército, que conclui: “O 7º Corpo cobriu a retirada do corpo principal a ponto de ser totalmente destruído.”

Em 23 de março, três canhões alemães, especialmente fabricados pela Krupp, começaram a bombardear Paris a partir de um ponto em Crépy-en-Laonnois, a uma

distância de 120 quilômetros. O primeiro projétil, disparado às 7h16, caiu na capital francesa quatro minutos depois. Foram disparados mais de vinte projéteis, matando 256 parisienses. Nesse dia, as forças britânicas retiraram-se para o Somme. O Kaiser, que regressava a Berlim, declarou: “Batalha ganha. Ingleses totalmente vencidos.”

Os Aliados tinham todas as razões para estarem alarmados com a rapidez e a escala do avanço alemão. Cinco divisões francesas acorreram em auxílio dos britânicos no extremo sul de sua linha, mas todas foram obrigadas a recuar. Entre os soldados britânicos mortos em ação nesse dia estava um antigo professor primário, T. P. Cameron Wilson, cujo poema “Magpies in Picardy” [“As pegas de Picardy”] começa com os seguintes versos:

*The magpies in Picardy
Are more than I can tell.
They flicker down the dusty roads
And cast a magic spell
On the men who march through Picardy
Through Picardy to hell.*¹

Os numerosos exércitos americanos com os quais os Aliados contavam para mudar o rumo da batalha na frente ocidental ainda não estavam prontos para entrar em ação na linha. Em 23 de março, Lloyd George telegrafou ao embaixador britânico em Washington, lorde Reading, pedindo-lhe que explicasse ao presidente Woodrow Wilson que, no estado atual dos recursos humanos da Grã-Bretanha, “não podemos manter nossas divisões com o recrutamento por muito tempo no atual ritmo de baixas”, não podendo assim “ser úteis aos nossos aliados, se, como é provável, o inimigo voltar-se contra eles mais tarde”.

Lloyd George disse a Reading: “Deve apelar ao presidente para que não considere as questões de interpretação de acordos passados e para que envie Infantaria o mais depressa possível sem transporte nem outros obstáculos. A situação é sem dúvida crítica e, se os Estados Unidos demorarem agora, poderá ser tarde demais.” Mal seu telegrama foi decodificado em Washington, Reading pediu seu carro e dirigiu-se à Casa Branca. Wilson recebeu-o imediatamente, reconheceu a gravidade da situação e perguntou o que podia fazer. Reading respondeu-lhe que deveria dar uma ordem imediata ao general Pershing, dizendo-lhe que as tropas americanas que já estão na França devem formar brigadas com tropas britânicas e francesas, sem esperar até que estejam em número suficientemente grande para formar brigadas próprias.

“O presidente ficou em silêncio durante um momento”, escreveu o filho de Reading. “Então, disse que, segundo a Constituição, tinha o poder de decidir sem discutir o caso com nenhum elemento do seu Gabinete e que daria as ordens

necessárias. Não havia mais nada a dizer.” O filho do embaixador comentou: “Naqueles poucos momentos e por meio de uma conversa quase áspera, a balança finalmente pendeu contra o inimigo.” Wilson acompanhou Reading à porta. Depois, enquanto se despedia, colocou-lhe a mão no ombro e disse: “Senhor embaixador, farei tudo o que for possível!”

Em 24 de março os alemães atravessaram o Somme, ameaçando formar uma cunha entre o Exército britânico e o Exército francês e criando uma crise no alto-comando aliado. Haig pressionou Pétain para que enviasse mais tropas francesas em seu socorro. Pétain recusou, receando que os alemães desencadeassem um ataque separado às posições francesas em Champagne. À medida que se dava um aceso debate, a batalha se intensificava. Entre os soldados britânicos mortos nesse dia estava o tenente R. B. Marriott-Watson, que escrevera em seu curto poema “Kismet” [“Destino”]:

*Opal fires in the Western sky
(For that which is written must ever be),
And a bullet comes droning, whining by,
To the heart of a sentry close to me.*

*For some go early, and some go late
(A dying scream on the evening air)
And who is there that believes in fate
As a soul goes out in the sunset flare?*²

Em 25 de março, os alemães penetraram entre o Exército britânico e o Exército francês, capturando Bapaume e Noyon. Cerca de 45 mil soldados britânicos e franceses tinham sido feitos prisioneiros. Como a linha britânica a leste de Amiens estava sob ameaça, foi formada uma força especial de 3 mil homens para mantê-la, incluindo cem engenheiros ferroviários americanos, lançados na luta no momento de maior perigo. Em Londres, o Gabinete de Guerra discutia a possibilidade de tropas britânicas retirarem-se para os portos do canal da Mancha. “É evidente que os boches querem chegar a Amiens e, se conseguirem, cortarão o acesso do Exército britânico aos portos de Rouen e de Le Havre, além de separarem os exércitos britânico e francês. Em último caso, podemos arranjar-nos sem Bolonha-sobre-o-Mar e Calais”, escreveu o general Rawlinson em seu diário em 26 de março.

Rawlinson não tinha perdido as esperanças. “Teremos alguns combates difíceis, mas, se nos encostarem na parede, daremos, eu sei, conta de nós. As reservas dos boches não são ilimitadas”, escreveu ele. A resistência do 5º Exército, mesmo em retirada, por incrível que pareça, era um indicador das dificuldades do Exército

alemão. Em 26 de março, na estrada para Péronne, o general Gough encontrou um general britânico ferido, cuja divisão tinha sido reduzida, escreveu Gough, “a uma brigada muito pequena e muito cansada”. O general disse-lhe: “Bom, ganhamos a guerra!” O que ele queria dizer era que os alemães, que tinham iniciado o ataque com uma superioridade numérica de quatro para um, ficavam desmoralizados devido à resistência que encontraram e, em particular, à determinação dos soldados britânicos, quando tudo parecia perdido, de contra-atacar. Um capitão britânico, avançando com vinte homens, cantava uma canção para ganhar ânimo. Ele e seus homens aproximaram-se dos alemães, que os alemães levantaram as mãos e renderam-se. Outro oficial, o general de brigada Jackson, conduziu sua dizimada brigada contra soldados alemães e, quando estava diante do inimigo, tocou uma corneta de caça. Os soldados alemães retiraram-se.

Ainda em 26 de março, depois de uma conferência de emergência com generais e políticos em Doullens, o comando de todas as forças aliadas foi atribuído ao marechal Foch. Seu primeiro ato foi ordenar ao Exército francês, que defendia a linha de Saint-Mihiel, que se deslocasse para Amiens. Quando Pétain expressou suas dúvidas sobre a defesa da linha à frente da cidade, sugerindo uma nova linha cerca de trinta quilômetros mais atrás, Foch cortou seu pessimismo: “Temos de lutar na frente de Amiens. Temos de parar onde estamos agora. Se não fomos capazes de conter os alemães no Somme, não devemos nos retirar nem um centímetro!”

Os alemães não só fizeram os franceses recuarem em Soissons, ao longo do Aisne, como também os obrigaram a recuar no Marne, a leste de Château-Thierry. Parecia que os acontecimentos de 1914 se repetiam. Em 27 de março os franceses foram expulsos de Montdidier, a apenas oitenta quilômetros de Paris. No mesmo dia, contudo, perto de Noyon, forças francesas interromperam o avanço alemão enquanto os britânicos fizeram oitocentos prisioneiros alemães no Somme. Ainda havia um intervalo de cerca de dezesseis quilômetros entre o Exército britânico e o Exército francês, mas Foch tentava tudo para encurtá-lo, declarando em seu estilo inimitável: “Não percam nem mais um metro de terreno!”

Enquanto o 5º Exército defendia a nova linha, seu comandante, general Gough, era afastado do comando, exonerado abruptamente em 28 de março, sete dias depois do início do assalto alemão, e deixando a frente já no dia seguinte. Em duas semanas, Lloyd George tirou proveito, na Câmara dos Comuns, do fracasso de Gough e de seu exército. A opinião pública ficou satisfeita com a ideia de que um general incompetente com tropas fracas tinha sido a causa de uma retirada tão profunda. Não foram mencionadas a natureza da matança alemã, a ferocidade da resposta britânica e a falta de homens na frente. Dez anos depois, ao refletir sobre aquelas duas semanas cruciais, lorde Birkenhead escreveu acerca de Gough em seu livro *The Turning Points of History* [Os pontos de virada da história]: “Com temeridade e coragem, continuou a opor-se e a amortecer o avanço inimigo de tal

forma que, depois daquela quinzena terrível, a frente ainda se mantinha e a última cartada de Ludendorff tinha claramente falhado. Amiens estava salva e também Paris, os portos do canal da Mancha, a França e a Inglaterra.”

Em 30 de março, um bem-sucedido contra-ataque de tropas britânicas, australianas e canadenses, em que foi recapturada a maior parte do bosque de Moreuil, significou uma virada para os Aliados. Os alemães estavam a apenas dezoito quilômetros de Amiens, mas a cidade escapava-lhes. Em alguns locais, tinham avançado mais de sessenta quilômetros, superando todos os ganhos aliados durante a Batalha do Somme, fazendo 90 mil prisioneiros e capturando 1.300 canhões, mas o ímpeto do ataque fora quebrado e tiveram pesadas baixas. Entre os pilotos alemães mortos estava o enteado mais novo de Ludendorff, abatido sobre o campo de batalha. À medida que prosseguia a luta, cada lado empregava todas as suas energias. Numa missão à frente, para reportar em primeira mão se a linha dos Aliados podia ser defendida, Churchill ficou impressionado com a determinação de Foch e com a coragem de Clemenceau. O espírito e a energia de Clemenceau eram “indômitos”, telegrafou ele a Lloyd George.

Estava claro para todos os observadores que uma vitória alemã na frente ocidental seria o fim para os Aliados. “O último homem pode ser importante”, comentou Lloyd George, em 31 de março, aos domínios britânicos, que haviam enviado muitos homens que compunham as tropas no centro da ação. Na França, médicos e enfermeiras garantiam que 60 mil feridos regressassem ao campo de batalha todos os meses para continuar a lutar. Da Grã-Bretanha, mais de 100 mil soldados de substituição de Infantaria chegaram à França em duas semanas, muitos dos quais rapazes de 18 e 19 anos que nunca tinham entrado em ação. Dos Estados Unidos, na sequência do pedido de lorde Reading, chegariam à França cerca de 120 mil soldados americanos por mês. Entre os navios convertidos para a tarefa de transporte de tropas estava o transatlântico *Aquitania*, que transportou um total de 90 mil soldados para a França em seis viagens transatlânticas. Contudo, os alemães também recebiam tropas adicionais na frente ocidental. Durante abril, conseguiram transferir oito divisões de leste para ocidente.

Primeiro de abril, uma Segunda-Feira Santa, marcou o décimo segundo dia consecutivo de luta. Tropas britânicas avançavam novamente, recapturando um bosque conhecido como “Bosque dos Fuzis” e fazendo cem prisioneiros alemães. Entre os britânicos mortos nesse dia estava o poeta e pintor Isaac Rosenberg. Tinha 28 anos de idade e lutara na frente ocidental desde o verão de 1916. Num de seus poemas compostos nas trincheiras, escrevera:

*Heaped stones and a charred signboard shows
With grass between and dead folk under,
And some bird sings, while the spirit takes wing.*

A importância atribuída, em todos os exércitos, à manutenção de um fluxo contínuo de cartas entrando e saindo das trincheiras e a natureza da guerra de trincheiras era tal que, em 2 de abril, no dia em que Rosenberg morreu, uma carta que havia escrito três dias antes chegou ao posto de correio do Exército, foi fechada e enviada para Londres. “Estamos novamente nas trincheiras, mas, apesar de ter muito sono, posso responder à sua carta, por isso vou fazê-lo”, escrevera ele a um amigo. “Tenho muita sorte por ter um pedaço de vela, o que me incita a esse momento epistolar. Devo medir a carta pela luz.”

Em 2 de abril, como resultado de um apelo de Lloyd George ao presidente Wilson, e de um segundo apelo de Clemenceau feito depois de Churchill ter conseguido o apoio do presidente francês, o general Pershing finalmente concordou em que as tropas americanas se juntassem aos exércitos britânico e francês em pequenas formações antes de serem suficientemente numerosos para formar exércitos próprios. Essa decisão deu um grande impulso ao moral aliado, mesmo significando que o grosso das tropas americanas que já estavam na Europa, onde chegavam a um ritmo de 120 mil por mês, não estaria em ação. Isso colocou os Aliados em desvantagem: nesse dia, Churchill, que ainda estava na França, enviou um telegrama a Lloyd George reportando a atitude dos políticos e generais franceses que consultara. “Aqui é tido como certo que os alemães prosseguirão em sua luta até uma decisão final durante o verão e que atualmente dispõem de mais recursos do que nós”, disse a Lloyd George.

Em 4 de abril, os alemães desencadearam um novo ataque em Villers-Bretonneux, iniciado com um bombardeio de artilharia de mais de 1.200 canhões seguido por quinze divisões enviadas contra sete divisões aliadas. A princípio, houve pânico entre as tropas que tiveram de enfrentar esse ataque devastador. Tropas britânicas e australianas conseguiram repelir os atacantes enquanto cinco divisões francesas no setor de Castel-Cantigny também avançavam. No dia seguinte, 5 de abril, Ludendorff suspendeu a ofensiva do Somme. Tinha decidido “abandonar o ataque a Amiens definitivamente”, tendo anotado em suas memórias que “a resistência do inimigo estava para além de nossa capacidade”. O príncipe Rupprecht da Baviera escreveu mais tarde: “O resultado final do dia foi o desagradável fato de que nossa ofensiva parou por completo. Sua continuação sem uma preparação cuidadosa não permite prever qualquer sucesso.”

Apesar desse revés, o poder de luta alemão em qualquer outro local era considerável. Três dias depois da suspensão da ofensiva no Somme, e como parte de um plano concebido havia algum tempo, os alemães prepararam-se para uma nova

ofensiva ao longo da frente britânica mais ao norte, com a intenção de lançar 40 mil granadas de gás contra Armentières, junto ao rio Lys. O objetivo era atravessar o Lys, invadir o setor do saliente de Ypres e dirigir-se para a costa, posicionando-se entre Calais e Dunquerque.

Tendo regressado de Londres, Churchill refletiu sobre a inevitabilidade de uma nova iniciativa alemã como resultado direto do fim da guerra na frente oriental. Numa nota secreta enviada para o Gabinete de Guerra em 7 de abril, propôs um método por meio do qual a Rússia poderia ser persuadida a regressar à guerra. Um importante representante aliado, por exemplo o ex-presidente dos Estados Unidos Theodore Roosevelt, poderia ser enviado à Rússia para organizar com os bolcheviques um esquema de reabertura da frente oriental. Ao oferecerem aos bolcheviques uma fórmula para “salvaguardar os frutos permanentes da revolução”, os Aliados organizariam um plano por intermédio do qual a Rússia poderia libertar-se da “cruel e crescente pressão” alemã regressando à batalha. A guerra civil e as incursões alemãs na Rússia poderiam ser utilizadas pelos Aliados. “Não devemos esquecer que Lênin e Trótski estão lutando com cordas ao redor do pescoço”, explicou Churchill. “Sairão do governo para a cova. Apresentem-lhes reais possibilidades de consolidar seu poder, de conseguir uma forma de proteção contra a vingança de uma contrarrevolução, e não serão tão inumados que não a aceitem.”

Churchill queria que a Grã-Bretanha, a França e os Estados Unidos se oferecessem para colaborar com os bolcheviques.

A autopreservação obrigará os russos a percorrerem um caminho, que também é nosso, se puderem ser ajudados. (...) Deve ser feito um esforço para reconstruir uma espécie de poder antigermânico no leste. Por mais desesperada que a tarefa possa parecer, devemos perseverar nela e devem ser utilizados simultaneamente todos os meios: americanos, japoneses, romenos, bolcheviques.

No entanto, não foi feito nenhum esforço para reabrir a frente oriental. Na frente ocidental, em 9 de abril, depois de um bombardeio que durou 24 horas, iniciou-se a Batalha do Lys. Catorze divisões alemãs atacaram numa frente de dezesseis quilômetros e, como acontecera no Somme três semanas antes, os britânicos foram obrigados a recuar. O mesmo aconteceu a uma divisão portuguesa, contra a qual os alemães enviaram quatro divisões, fazendo 6 mil prisioneiros portugueses e conseguindo abrir uma brecha de sete quilômetros na linha britânica. O bombardeio inicial da artilharia alemã foi de tal forma feroz que um batalhão de portugueses recusou-se a entrar nas suas trincheiras. Uma confusão ainda maior foi criada quando foram descarregadas 2 mil toneladas de gás de mostarda, fosgênio e difenilcloroarsina contra as forças britânicas, incapacitando 8 mil homens, entre os quais muitos ficaram cegos, e matando trinta.

A situação britânica era tão grave que, em 9 de abril, a conscrição foi alargada à Irlanda, uma medida que até então tinha sido evitada porque os nacionalistas irlandeses se opunham a ela acerbamente. O poeta W. B. Yeats escreveu a lorde Haldane em protesto: “Li ontem no jornal que mais de 300 mil americanos desembarcaram na França nesse mês, e parece-me ser imoral que a Inglaterra, para conseguir 50 mil soldados irlandeses, prepare-se para abrir outra trincheira entre os países e para inundá-la de sangue.” Yeats informou Haldane de que era opinião de uma amiga sua, lady Gregory, que se fosse imposta a conscrição na Irlanda, “as mulheres e as crianças se colocarão diante de seus homens e receberão as balas em vez de deixarem que sejam enviados para a frente”.

A independência da Irlanda não estava na agenda aliada, mas, na segunda semana de abril, em Roma, os Aliados patrocinaram o Congresso dos Povos Oprimidos, com a intenção de encorajar massas submissas e minorias dentro da Alemanha e da Áustria-Hungria a exigirem seu direito de tornar-se “Estados completamente independentes” quando a guerra chegasse ao fim. Até o governo italiano, tão pressionado por lutas no Isonzo e no Trentino, aceitou o direito à independência dos eslavos do sul, apesar de suas esperanças de uma considerável expansão territorial italiana ao longo da costa da Dalmácia. Representantes dos tchecoslovacos, dos eslavos do sul e comitês nacionais poloneses sentaram-se lado a lado em Roma, juntamente com publicistas e professores aliados que os apoiavam e muitos jornalistas italianos que divulgavam sua causa, entre eles Benito Mussolini.

No Canadá, o sentimento antibelicista que conduzira tantos homens a resistir ao alistamento no fim de 1917 reemergiu na primavera de 1918. Segundo a Lei do Serviço Militar, 320 homens deveriam apresentar-se nos centros de recrutamento de Québec no final de março, mas pelo menos cem não apareceram. Em 1º de abril, quase todos esses “desertores” tinham sido presos, perante o que oponentes da conscrição saquearam e incendiaram o edifício onde estava instalado o escritório de registro do serviço militar e dispararam contra tropas que tinham sido enviadas para dispersá-los. “A multidão utilizou espingardas, revólveres e tijolos”, reportou o *Times*. “Os militares consideraram a possibilidade de utilizar metralhadoras.” Foram mortos quatro civis. Para acalmar a situação, o governo canadense ordenou a suspensão da prisão dos desertores do Exército.

Na frente ocidental, a situação piorava para as forças aliadas. Em 10 de abril, os britânicos foram expulsos de Messines, que tinha sido ganha nove meses antes com grandes custos. Quase todos os oficiais encarregados das companhias britânicas que tinham a seu cargo ataques com gás estavam incapacitados devido às granadas de gás alemãs. “O inferno continua”, escreveu um desses oficiais, Donald Grantham,

em seu diário naquele dia. “Os hunos estão perto de Béthune. Todos fogem. É horrível ver os refugiados na estrada. Foram abandonadas coisas muito valiosas.”

Durante seis dias, os Aliados lutaram para defender sucessivas linhas atrás do rio Lys. Em 11 de abril, Haig deu a famosa ordem do dia em que declarou: “Não há outro caminho que não seja lutar até o fim. Cada posição deve ser mantida até o último homem: não haverá retiradas. Com nossas costas na parede e acreditando na justiça da nossa causa, cada um deve lutar até o fim.” Vera Brittain, cujos quartos do hospital, cheios de homens feridos, estavam agora mais perto da frente, comentou: “Nessa tarde, houve um espírito de bravura no hospital, e, ainda que o discurso breve e brusco de Haig tenha sido pouco mencionado, cada um de nós meteu na cabeça que, apesar de os aviadores inimigos destruírem nossas instalações e os alemães avançarem contra nós até Abbeville, não haverá ‘retiradas’ enquanto homens feridos estiverem em Étaples.”

Poucos dias depois da ordem de Haig, ao sair da zona dos dormitórios para voltar ao hospital, Vera Brittain teve de esperar que um grande contingente de soldados passasse na rua principal. “Dirigiam-se rapidamente para Camiers, e, embora a cena de soldados marchando fosse agora familiar demais para chamar a atenção, um raro vigor enérgico levou-me a olhar para eles com intrigado interesse”, recordou ela mais tarde.

Pareciam ser mais altos do que os homens comuns; suas figuras, altas, direitas, estavam em vívido contraste com os exércitos de homens pequenos, com recrutas pálidos, a que nós estávamos muito acostumados. A princípio, pensei que seus uniformes, asseados, limpos, eram de oficiais, ainda que obviamente não pudessem ser oficiais, pois haveria demasiados, mas pareciam ser soldados britânicos no céu. “Seria outro regimento que foram buscar nos nossos domínios?”, interroguei-me enquanto os via moverem-se com ritmo, dignidade e um consciencioso amor-próprio. Mas eu conhecia as tropas coloniais muito bem, e essas eram diferentes; mostravam-se seguros onde os australianos eram agressivos e senhores de si mesmos onde os neozelandeses eram turbulentos.

Então, ela ouviu um grito animado de um grupo de enfermeiras atrás dela: “Vejam! Vejam! Chegaram os americanos!”

Entre aqueles que escoltavam as tropas americanas na travessia do Atlântico estava o explorador Sir Ernest Shackleton. Em abril, depois de uma viagem de Nova York a Liverpool num comboio, escreveu a um amigo:

Somos um total de doze navios e transportamos 25 mil soldados americanos. Quando nos aproximamos da zona perigosa, reuniram-se a

nós sete contratorpedeiros. Ainda bem, porque no dia seguinte fomos atacados por dois submarinos, mas, antes que eles pudessem lançar um torpedo, um de nossos contratorpedeiros lançou uma carga de profundidade e explodiu um dos hunos; o outro fugiu. No nosso navio havia 3 mil soldados.

Antes que as tropas americanas pudessem entrar na linha, as forças aliadas — britânicos, australianos, sul-africanos, neozelandeses, franceses e belgas — foram obrigadas a recuar ainda mais. Em 12 de abril, uma divisão britânica vinda da Itália foi lançada na batalha. Nesse mesmo dia, no ar, 170 aviões britânicos entraram em combate com aviões alemães, sobre Merville, tendo perdido dez aviões e abatido cinco. Não se conseguia parar o ataque, mas, por seu lado, os alemães também sentiam os efeitos de um desgaste diário. “Estamos totalmente esgotados e acabados”, escreveu o príncipe Rupprecht da Baviera em 15 de abril. “Por todo o lado, ouço queixas sobre as acomodações dos homens e dos cavalos num país totalmente devastado e sobre as pesadas baixas provocadas por bombas, particularmente de cavalos que não puderam ser escondidos.”

Em 15 de abril, os britânicos evacuaram a colina de Passchendaele, ganha a custo de terríveis perdas apenas cinco meses antes. Haig e Foch emitiram um apelo para que tropas americanas entrassem imediatamente na batalha. O general Pershing, tendo prometido aos franceses e aos ingleses, três semanas antes, que enviaria as tropas que pudesse para a frente, falou nesse dia aos novecentos oficiais da 1ª Divisão: “Vocês encontrarão um inimigo selvagem, entusiasmado com a possibilidade de vitória. Enfrentem-no como americanos. Quando derem golpes, deem golpes com força e não parem. Vocês não conhecem o significado da palavra ‘derrota’.”

A necessidade da participação americana era evidente por todos os lados e todos os dias. Em 16 de abril, foram feitos prisioneiros mais de mil soldados neozelandeses. Quatro dias depois, ao sul de Ypres, os alemães desencadearam outro bombardeio massivo com gás, lançando 9 milhões de granadas de gás de mostarda, fosgênio e difenilcloroarsina, num total de 2 mil toneladas de gás venenoso. Mais de 8 mil soldados britânicos foram afetados pelo gás, levando à morte de 43 homens.

A batalha no ar era contínua, mas nem sempre com vantagem alemã. Em 7 de abril, o zepelim L-59, que recentemente havia lançado mais de seis toneladas de bombas na base naval italiana de Nápoles e numa instalação siderúrgica, pegou fogo acidentalmente e explodiu sobre o Adriático. Nenhum tripulante sobreviveu. Em 20 de abril, o ás alemão mais conhecido, barão Manfred von Richthofen, conhecido como Barão Vermelho, abateu seu octogésimo avião aliado, a nordeste de Villers-Bretonneux, atrás das linhas alemãs. O piloto, o segundo-tenente D. G. Lewis, um

rodesiano de 19 anos, foi feito prisioneiro de guerra. No dia seguinte, sobre o Somme, Richthofen foi abatido por um avião canadense, o capitão Roy Brown, mas conseguiu aterrissar seu avião na estrada Bray-Corbie. Porém, quando tropas australianas que estavam ali perto o alcançaram, Richthofen estava morto. Tinha morrido um herói e nascido uma lenda.⁴

“A batalha, a batalha, nada mais importa”

Abril a junho de 1918

Em 20 de abril de 1918, algumas das muito esperadas e muito necessitadas tropas americanas estiveram em ação no saliente de Saint-Mihiel. Nesse dia, duas companhias, ao todo 655 oficiais e soldados, que tinham estacionado na aldeia de Seicheprey durante o mês anterior, foram surpreendidas pelo ataque de 2.800 soldados alemães. Cerca da metade dos alemães eram tropas de choque especialmente treinadas. Os americanos, numa desproporção de um para quatro, tiveram de retroceder, sofrendo pesadas baixas. Ao entrarem em Seicheprey, os alemães destruíram todas as fortificações que encontraram e depois voltaram à sua linha de frente original. Foram mortos 81 americanos, mais de duzentos ficaram incapacitados devido ao gás, 187 ficaram feridos e 187 desapareceram ou foram feitos prisioneiros.

Pershing não ficou nada satisfeito com o que considerou, mesmo estando os americanos em muito menor número, incompetência de seus generais. A única coisa que o impediu de rebaixar alguns oficiais superiores, incluindo um que se recusara a organizar um contra-ataque, foi a decisão do comandante de corpo francês, general Passaga, de conceder a Cruz de Guerra a esses mesmos oficiais, e a muitos outros, para elevar seu moral. Lloyd George foi mordaz: “Esse tipo de resultado ocorrerá em grande escala se for formado um Exército americano de amadores sem a condução de oficiais generais mais experientes”, escreveu ele, referindo-se a oficiais britânicos e franceses. Esse ponto de vista também foi expressado no quartel-general britânico, que supervisionava o treinamento de sete divisões americanas. O comentário que se ouvia era que os comandantes americanos e seus Estados-Maiores não tinham quase nenhum treinamento. Enquanto isso, Haig escrevia em seu diário que seria “criminoso” contar com o auxílio americano naquela primavera ou mesmo no verão.

Um sentimento antiamericano propagava-se nos altos círculos britânicos e franceses, onde os americanos eram retratados como amadores, intrusos e atrasados.

Winston Churchill, cuja mãe era americana, compreendeu que o problema real na frente ocidental era a superioridade alemã. Numa conversa em Londres, em 23 de abril, disse ao general Pershing que os alemães tinham “muita artilharia e munições apesar das baixas recentes”.

À medida que a luta prosseguia na frente ocidental, a Marinha britânica idealizava um plano para evitar que os submarinos alemães utilizassem o abrigo do canal de Zeebrugge como base para seus ataques aos navios aliados no mar do Norte. Apesar do crescente sucesso britânico em caçar submarinos, estes continuavam sendo construídos quase ao mesmo ritmo em que eram destruídos. Tinham sido idealizados planos para trazer um número considerável de soldados americanos e equipamentos através do Atlântico nesse verão, por isso era necessário, escreveu Foch mais tarde, fechar “um dos esconderijos a partir dos quais os submarinos ameaçam as comunicações vitais dos Aliados”.

Dez quilômetros para o interior de Zeebrugge, havia abrigos para submarinos, feitos com estruturas de cimento muito grossas para resistirem a ataques aliados. Além de abrigos, a base de Bruges continha molhes flutuantes, oficinas e armazéns indispensáveis à manutenção, à reparação e ao armamento da frota de submarinos alemães. Por dia, em média, havia em Bruges dezoito submarinos, assim como 25 contratorpedeiros ou torpedeiros, pois o canal era suficientemente largo e profundo para permitir até mesmo a passagem de um cruzador ligeiro.

Em 23 de abril, Dia de São Jorge, três velhos cruzadores britânicos foram enviados pelo mar do Norte, com uma vasta força naval de apoio, para serem afundados e assim bloquearem a entrada do abrigo dos submarinos. O homem que planejou a operação, o vice-almirante Roger Keyes, tinha sido o oficial naval que, dois anos e meio antes, mostrara-se um grande entusiasta de um novo ataque naval aos Dardanelos. Quando essa força zarpar, Keyes enviou um sinal a todos os navios: “São Jorge pela Inglaterra.” Seu imediato, o capitão Carpenter, respondeu: “Que possamos dar uma boa torcida na cauda do dragão.” Era um empreendimento ousado e arriscado, ao qual foram atribuídas oito cruzeiras Vitória.

O dique fortificado que defendia o porto de Zeebrugge foi assaltado, muitas de suas instalações foram destruídas e o viaduto ferroviário que conduzia a ele foi cortado. Carpenter comentou mais tarde: “Soubemos depois que um corpo alemão de ciclistas foi enviado com urgência para reforçar a guarnição do dique e que, não sabendo qual tinha sido o dique destruído, precipitaram-se no mar, infringindo assim os direitos autorais de Gadareno.”¹

Os navios de bloqueio haviam sido colocados na entrada do canal, mas, em três semanas, os alemães dragaram um canal ao lado, e os submarinos alemães puderam reiniciar suas devastações no mar do Norte e além. As perdas britânicas no ataque

foram de duzentos mortos e quatrocentos feridos. Numa tentativa de criar dissensões entre os Aliados, os alemães fizeram propaganda nos Estados Unidos criticando a não participação de navios americanos na ação.

Uma esquadra de batalha americana, comandada por um oficial superior naval americano, o contra-almirante Hugh Rodman, tinha feito, durante algum tempo, parte da frota britânica no mar do Norte, mas seus oficiais e homens não tinham sido convocados. O capitão Carpenter explicou mais tarde: “Se tivéssemos transferido um pequeno número de oficiais e homens americanos para Chatham, onde não havia navios americanos, para treinamento especial com os nossos, levantaríamos suspeitas imediatas, seriam feitos comentários e em pouco tempo o segredo andaria nas bocas do mundo.” Contudo, o almirante Rodman, que antes tinha estado a serviço na zona do canal do Panamá, “permitiu-nos contar com sua experiência em questões de salvamento”.

A opinião pública britânica reagiu com entusiasmo à história de Zeebrugge e foi muito menos comentado o ataque simultâneo, nesse dia, à entrada do canal em Oostende, que também conduzia à base submarina de Bruges. Esse ataque, também feito em massa, não conseguiu bloquear de todo a entrada. A atribuição de medalhas, mas também o reconhecimento público, era dirigida a quem tinha sucesso.

Na frente ocidental, o avanço alemão continuava. Em 24 de abril, apoiado por treze tanques, tropas alemãs capturaram Villers-Bretonneux. Nesse dia, deu-se a primeira batalha de tanque contra tanque, quando um tanque pesado britânico fustigou seu primeiro adversário e os outros deram meia-volta e fugiram. Sete tanques britânicos avançaram então para as posições da Infantaria alemã “e promoveram um grande massacre”, anotou o general Rawlinson em seu diário. “Dizem que morreram pelo menos quatrocentos homens.”

O ímpeto do avanço alemão desapareceu completamente. Em 25 de abril, um ataque noturno anglo-australiano recapturou Villers-Bretonneux, fazendo seiscentos prisioneiros alemães. Nesse mesmo dia, 96 aviões alemães lançaram setecentas bombas sobre posições francesas em torno do monte Kemmel e dispararam 60 mil balas de metralhadora antes de expulsarem os franceses do monte. Contudo, no dia seguinte, tropas francesas obrigaram os alemães a recuar de Voormezeele e Locre. Em Langemarck, em 28 de abril, foram os belgas que repeliram um ataque alemão.

Em 29 de abril, os alemães atacaram novamente, utilizando treze divisões ao longo de uma frente de dezesseis quilômetros. Mais uma vez, obrigaram britânicos e franceses a recuar, mas uma distância pequena, porém não voltariam a avançar. Nessa noite, Ludendorff interrompeu a ofensiva. Mais de 30 mil alemães e 20 mil aliados tinham sido mortos em três semanas. O avanço alemão para a costa, como a marcha para Paris em 1914, tinha sido interrompido.

A Batalha do Lys foi um ponto de virada não só para sua ventura militar, mas também para o moral alemão no campo de batalha. Muitos soldados estavam deprimidos e exaustos, não vendo perspectivas de penetrar na linha aliada. Tinham passado quase quatro anos desde que o assassinato do arquiduque Franz Ferdinand em Saraievo: quem poderia agora recordar as causas e consequências, as voltas e reviravoltas, os ataques e contra-ataques que haviam levado a uma guerra tão alargada e tão esgotante? Contudo, ainda não se via fim para as sangrentas repercussões do ato de Gavrilo Princip. Em 28 de abril, num hospital-prisão na cidade-fortaleza austríaca de Theresienstadt, Princip morreu de tuberculose, aos 22 anos de idade. A ajuda médica de um cirurgião militar, o dr. Jan Levit, não o salvou.²

Também em Theresienstadt estiveram 5 mil prisioneiros de guerra russos e quinhentos italianos. Alguns russos eram das regiões muçulmanas do império, para os quais os austríacos tinham construído uma mesquita. Aqueles que morreram em cativeiro estão sepultados junto ao exterior das muralhas da fortaleza, um monumento russo em sua honra.³ A 65 quilômetros de Theresienstadt, em Praga, o sentimento nacionalista tcheco continuava sendo uma ameaça onipresente à unidade e ao zelo bélico da Áustria-Hungria. Em 13 de abril, na Sala Smetana, ponto focal da atividade patriótica, reuniram-se delegados de todas as cidades tchecas para se comprometerem a construir seu próprio Estado. Naquilo que tinha sido a frente oriental, os alemães continuaram a avançar por áreas onde a resistência dos bolcheviques era fraca. Em 5 de abril, ocuparam a cidade de Carcóvia, no leste da Ucrânia. Oito dias depois, entraram na capital da Finlândia, Helsinque, anteriormente capital da província russa da Finlândia. Em 21 de abril, em Petrogrado, agora uma cidade em paz, apesar de estar sob domínio bolchevique, que perdera suas áreas finlandesas e bálticas, foi tocada pela primeira vez a Sinfonia Clássica, de Prokofiev, escrita pelo compositor no entusiasmo da renovação social. Três dias depois, os alemães entraram em Simferopol, capital da Crimeia. Em 29 de abril, um oficial superior alemão, o general Groener, estabeleceu o domínio militar em toda a Ucrânia, cuja produção de cereais naquele ano tinha contribuído para o esforço militar alemão.⁴ Dois dias depois, os alemães ocuparam Sebastopol, porto e arsenal do mar Negro.

No mar, em abril de 1918, foram afundados mais de cem navios mercantes por submarinos alemães, tendo-se perdido 488 vidas. Os navios de transporte de tropas também constituíam um alvo permanente: em maio, no Mediterrâneo, perderam-se 99 vidas no *Leasowe Castle* e 44 vidas no *Missir*, ambos torpedeados por submarinos alemães ao largo do Egito. Em 14 de maio, contudo, outro navio de transporte de tropas, o transatlântico *Olympic*, de 46.359 toneladas, abalroou e

afundou o submarino alemão U-103.

Para armar os americanos assim que chegassem à França, o Ministério das Munições, sob a responsabilidade de Churchill, fazia esforços prodigiosos para aumentar a produção britânica de munições, bem como a fabricação de tanques e aviões para o novo aliado. No começo de maio, Churchill estava em condições de fornecer aos americanos 225 canhões pesados e outros cinquenta em novembro, estes para a campanha de 1919, na qual os Aliados tinham esperança de que as tropas americanas, com os mais de 3 milhões de soldados que se esperava que estivessem na Europa no verão de 1919, pudessem fazer a balança pender contra as Potências Centrais. A campanha do ano seguinte começou a preocupar cada vez mais seus planejadores. Em 24 de maio, um oficial de tanques britânico, o tenente-coronel Fuller, preparou o Plano 1919, que previa que cerca de 5 mil tanques aliados efetuassem uma grande penetração na frente ocidental. O Gabinete britânico, ansioso por manter um sentimento de dever na frente interna até os primeiros meses de 1919, decidiu, em 28 de maio, não autorizar corridas de cavalos durante a temporada de inverno. A primeira corrida dessa temporada foi adiada para 1º de janeiro de 1919.

O planejamento para o ano seguinte iniciou-se sob a ameaça de uma possível ofensiva dos alemães no verão de 1918. Numa tentativa de fortalecer o número imediato de tropas aliadas na linha, houve uma reunião do Conselho Supremo de Guerra, em 1º de maio, presidida por Clemenceau, em Abbeville, perto da costa do canal da Mancha. Clemenceau, Lloyd George e Foch pediram permissão a Pershing para colocar imediatamente na linha de frente as tropas americanas já na França. Foch chegou ao ponto de dizer que, a menos que isso fosse feito e que a Infantaria americana e unidades de metralhadoras fossem enviadas imediatamente, tudo estaria perdido. Pershing estava inflexível e disse aos presentes com certa aspereza: “Não creio que o Exército americano está inteiramente à disposição de comandos franceses e britânicos.” “Temos de aguardar até termos nosso próprio exército”, acrescentou ele.

Lloyd George, apesar de concordar em princípio com um Exército americano autônomo, disse a Pershing: “Contudo, estamos envolvidos no que é possivelmente a batalha decisiva da guerra. Se perdermos essa batalha, precisaremos de tonelagem apenas para levar o que sobrar do Exército britânico e do Exército americano.” Essa ameaça não teve qualquer efeito em Pershing, a quem Foch perguntou, zangado: “Deseja correr o risco de sermos obrigados a recuar no Loire?” Sem se impressionar com a retórica, Pershing respondeu: “Desejo e estou disposto a correr o risco. Além disso, poderá chegar o momento em que o Exército americano precisará suportar todo o fardo desta guerra e não é aconselhável destruir nossos recursos desse modo.” Foch respondeu que a guerra poderia acabar antes que o Exército americano estivesse pronto para entrar na batalha. A reunião acabou com uma alteração final:

— Não vê que a guerra estará perdida se não nos der esse apoio? — perguntou

Lloyd George.

— Meus senhores, estudei esse programa com muita cautela e não estou sujeito a coações — respondeu Pershing.

A reunião em Abbeville prosseguiu em 2 de maio, quando Lloyd George, depois de ter apontado que as baixas tinham sido de 280 mil britânicos e 340 mil francesas desde 21 de março, disse a Pershing: “Se os Estados Unidos não vierem em nossa ajuda, talvez os cálculos do inimigo estejam corretos. Se a França e a Grã-Bretanha tiverem de ceder, sua derrota será honrosa, pois terão lutado até seu último homem, enquanto os Estados Unidos serão derrotados sem terem posto na linha mais soldados do que a pequena Bélgica.”

Pershing disse que os Estados Unidos tinham declarado guerra “independentemente” de outros aliados e que deviam lutar com “um Exército poderoso”. Enfatizou também que “o moral dos soldados depende de lutarem ou não sob sua própria bandeira”. Então, propôs um compromisso que tanto Clemenceau como Lloyd George não tinham opção senão aceitar. Cento e trinta mil homens da Infantaria americana e unidades de metralhadoras seriam transportados através do Atlântico em maio, em navios britânicos, e mais 150 mil em junho, todos destinados à linha dos Aliados, mas não haveria provisões para julho. Os recursos americanos de transporte seriam utilizados exclusivamente para criar um exército, para serviço em campo quando estivesse preparado. No final de maio, haveria 650 mil soldados americanos na Europa. Como resultado do compromisso de Pershing, dois terços desses soldados só seriam colocados na linha quando fossem parte de um Exército americano. Foch estava deprimido, Clemenceau estava zangado e Lloyd George ficara profundamente desapontado, tendo escrito ao embaixador britânico em Washington: “É uma loucura pensar que, apesar dos homens que estão aqui, a situação pode ser prejudicada pela falta de visão do general e porque seu governo não está em condições de ordenar-lhe que cumpra suas promessas.”

À medida que a contenda anglo-americana prosseguia, prosseguiram também as baixas no campo de batalha e atrás das linhas. Em 5 de maio, o artilheiro britânico Francis Barber, da 32ª Bateria de Assédio da Guarnição de Artilharia, morreu num hospital militar alemão em Condé em consequência de ferimentos recebidos em combate. Barber é um dos noventa soldados britânicos que estão sepultados no cemitério francês ali perto e que morreram naquele hospital enquanto estavam cativos dos alemães. Tinha 37 anos de idade. Seu filho, Stephen, que nascera em 1914, seria morto em combate na Normandia em 1944.

No leste, os alemães alcançavam outras vitórias. Em 7 de maio, os romenos assinaram a Paz de Bucareste com as Potências Centrais, que ficaram com o controle militar da foz do Danúbio. A Bulgária, como recompensa por ter atacado a Romênia como aliada da Alemanha e da Áustria, recebeu as terras costeiras que tinha perdido para a Romênia durante a Guerra dos Bálcãs, em 1913. Em 12 de maio, na estação balnear belga de Spa, o Kaiser e o imperador Karl assinaram um acordo para a exploração conjunta, germano-austriaca, da Ucrânia. Dois dias depois, o Kaiser declarou que a Lituânia estava livre dos obstáculos do domínio russo e que era aliada da Alemanha.

Nesse mês, começaram a emergir aspirações nacionalistas no Exército austríaco. Em 12 de maio, houve uma amotinação no coração da Áustria, na cidade de Judenburg, na Estíria, quando um pelotão de Infantaria capturou quartéis e arsenais, saqueou depósitos de alimentos e destruiu linhas de telefone e de telégrafo. O pelotão era majoritariamente esloveno e sua palavra de ordem era: “Vamos para casa, camaradas! Isso não é apenas por nós, mas também pelos nossos amigos nas frentes. A guerra deve acabar agora, e quem é esloveno deve juntar-se a nós. Vamos para casa! Devem dar-nos mais comida e menos guerra. Vivam os bolcheviques! Longa vida ao pão e abaixo a guerra!”

A amotinação foi rapidamente dominada e foram executados seis eslovenos, mas movimentos semelhantes se alastraram, e, poucas semanas depois, um batalhão da Rutênia e uma unidade sérvia do Exército austríaco amotinaram-se, ainda que ambos os motins tenham sido rapidamente estancados. Em 17 de maio, em Praga, foi convocada, sem entraves, uma provocativamente chamada Conferência das Nações Reprimidas da Áustria-Hungria. Quatro dias depois, eclodiu uma quarta amotinação, por parte de tropas tchecas, em Rumburg, que se recusavam a ir para a frente a não ser que pagassem a elas o que era devido pelo tempo que os homens estiveram como prisioneiros de guerra na Rússia. As tropas ocuparam a cidade, tiveram algum apoio dos cidadãos tchecos locais e ameaçaram avançar sobre Praga. Alguns embarcaram num trem para Praga, declarando que poriam fim à guerra quando chegassem à capital, mas foram interceptados e desarmados antes de o trem chegar a Praga. No julgamento que se seguiu, em tribunal marcial, dez tchecos foram condenados à morte e 560 foram presos. A amotinação tinha terminado, mas o governador local avisou a Viena, em termos que não deixavam dúvidas: “Se os rebeldes tivessem ido para o sul e tivessem encontrado apoio, e isso era perfeitamente possível, entre os civis dessas regiões, poderíamos estar enfrentando agora uma revolução em várias partes da Boêmia.”

Tanto em Viena como em Berlim, as autoridades precisavam estar alerta a qualquer perigo de revolução e respondiam a todos os pedidos de auxílio contra o bolchevismo. Na Rússia meridional, em 16 de maio, o novo líder dos cossacos do Don, general Krasnov, apelou ao auxílio financeiro e militar dos alemães contra o

Exército Vermelho. O apoio foi dado imediatamente, e incluiu 15 milhões de rublos e 12 mil rifles. A influência alemã alargava-se a 1.600 quilômetros na direção sul da Rússia. Nesse dia, na Finlândia, o líder nacional, general Mannerheim, entrou em Helsinque à frente de 16 mil homens. Mais de um século de domínio czarista, seis meses de controle bolchevique e mais recentemente a ocupação militar alemã tinham terminado.

Na antiga frente do Cáucaso, a Turquia, aliada da Alemanha, expulsava os armênios do que restava de sua terra natal, ocupando a antiga cidade russa de Kars (que fora turca até 1878), pressionando para leste, para o coração da Armênia, ocupando Alexandropol em 15 de maio e derrotando mais de 6 mil armênios três dias depois. Durante dez dias, os armênios lutaram tenazmente, conseguindo a certa altura fazer os turcos recuarem cinquenta quilômetros, mas, em 26 de maio, na Batalha de Karakilise, os turcos saíram vitoriosos, e 5 mil armênios fugiram para os desfiladeiros das montanhas. Em 28 de maio, a Armênia declarou a independência. Foi um culminar, com curta duração, de aspirações ancestrais: em duas semanas, centenas de armênios foram massacrados pelos tártaros ao sul da capital da Geórgia, Tíflis. Três meses depois, os turcos avançaram pelo antigo Cáucaso russo e, em seu caminho até o mar Cáspio, assassinaram mais de 400 mil civis armênios.

Em Berlim, Albert Einstein, que apelara por uma Europa unida em 1914 e publicara sua Teoria Geral da Relatividade, estava preocupado por não ter participado no protesto contra a guerra ao qual seu amigo signatário em 1914, Georg Nicolai, continuara a dedicar-se. “Não deve de modo nenhum ‘censurar-se’ porque sentou e trabalhou em Berlim”, escreveu-lhe Nicolai em 18 de maio. “Se alguém tem o direito, como um Arquimedes dos nossos dias, de gritar aos mercenários da guerra ‘*Noli tangere circulos meos*’,⁵ é seguramente você!” Nicolai acrescentou que estava “muito mais convencido do que quando escrevemos o Manifesto aos Europeus de que a única forma de evitar o colapso cultural iminente é que prevaleça a ideia de Europa, pura e simplesmente”.

Cinco semanas depois, denunciado e perseguido por seu pacifismo, Nicolai fugiu, num avião, da Alemanha para a Dinamarca. Na Bélgica ocupada pela Alemanha, três anos tinham passado desde que se imprimira e circulara o primeiro jornal patriótico ilegal, intitulado *Libre Belgique*. O jornal tinha estruturado uma ampla rede de distribuição e suas operações tinham incomodado os alemães. No final de janeiro de 1918, muitos dos distribuidores do jornal, ao todo 61, tinham sido detidos, tendo o Kaiser enviado um telegrama de felicitações ao governador militar, general Falkenhausen, que o jornal tinha descrito como “uma ave de rapina enviada para viver da palpitante carne da Bélgica”. O próprio Kaiser era, para o jornal, “Sua

Satânica Majestade”.

Em 15 de maio, os distribuidores presos foram julgados em Bruxelas e condenados a penas de prisão, alguns a dez e doze anos. Depois de um curto intervalo, o jornal voltou a aparecer, sendo a edição seguinte, nº 143, produzida pelo padre Hout, praticamente sozinho, que, numa máquina de imprensa a pedais, imprimiu 7 mil exemplares e depois conseguiu uma forma de reimpressão na Antuérpia. Cópias do *Libre Belgique* eram introduzidas clandestinamente até em campos de internamento na Alemanha. Em Soltau, eram lidos para quatrocentos ou quinhentos internados, entre eles o estudante belga Paul van Zeeland, que tinha sido eleito porta-voz dos outros prisioneiros.⁶

Na frente ocidental, e nos céus da Grã-Bretanha e da Alemanha, houve muita atividade no mês de maio. As comportas dos diques de Zeebrugge estavam incluídas nos alvos britânicos, bem como entroncamentos ferroviários dentro da própria Alemanha. Em 18 de maio, em retaliação pelos ataques alemães a cidades britânicas, 33 aviões britânicos bombardearam Colônia, provocando grandes estragos em edifícios da cidade e matando 110 civis. Na noite seguinte, 28 bombardeiros Gotha atacaram Londres, tendo sido mortos 48 civis. Seis bombardeiros foram abatidos por pilotos britânicos e caíram em chamas e três caíram quando chegavam aos seus aeródromos. Esses grandes aviões de dois motores chegavam a Londres atravessando Kent. “O aviso de ataque aéreo era feito alterando a pressão do gás”, recordou mais tarde Desmond Flower, um inglês que na época tinha apenas dez anos. “Quando as luzes se apagavam e se acendiam duas vezes, todas as cortinas das janelas tinham de ser fechadas.”

A caminho de Londres, por qualquer direção que viessem, os bombardeiros alemães tinham de sobrevoar barreiras antiaéreas engenhosamente desenhadas, dispostas na forma de uma caixa alongada pelo campo. O jovem Flower recordou como, mal o ataque começava, a artilharia antiaérea “ladrava contra os gigantes que avançavam pesadamente por cima de nós; fragmentos de projéteis caíam como chuva, mas isso nunca impediu que meu pai andasse lá fora vendo o que se passava, apesar de nós implorarmos que voltasse. Uma noite, fiquei acordado por muito tempo, ouvindo um bombardeiro que andava às voltas para escapar à caixa de barragem em que tinha sido apanhado. Não conseguiu. Quando foi abatido, cessou o barulho e eu fui dormir”.

Os ataques aéreos alemães a depósitos de armas franceses, que duraram quatro dias seguidos, a partir de 19 de maio, levaram à destruição de mais de 12 mil toneladas de munições aliadas. Num ataque aéreo alemão à ponte ferroviária em Étaples, nesse mês, algumas bombas não atingiram a ponte, mas um hospital, tendo matado alguns soldados feridos e enfermeiras. Também morreram nove membros do

Corpo Auxiliar Feminino, cujo trabalho na França incluía dar instruções sobre o uso de máscaras de gás, realizar tarefas administrativas e cozinhar em campos do Exército.

Em ambos os lados, a escala de ataques de bombardeio era pequena, mas tratava-se de uma nova e visível arma de guerra, que melhorava constantemente em eficácia. Na terceira semana de maio, os bombardeiros britânicos Handley Page, conhecidos como “Bloody Paralysers” [“Paralisadores sanguíneos”], atacaram uma fábrica de produtos químicos em Oppau, a companhia de gás em Mannheim e oficinas de material de ferrovias e locomotivas em Karthaus. Em 22 de maio, nove bombardeiros alemães Gotha aproximaram-se de Paris. Uma intensa barragem antiaérea afugentou oito, mas um passou, lançando várias bombas e matando uma pessoa. O *Times* reportou: “Uma emocionante luta entre um atacante que tentava fugir e os canhões que se concentravam em abatê-lo, que durou meia hora.”

Houve outros ataques de bombardeio a Paris em junho e uma considerável ação no ar sobre as zonas de batalha. Em 2 de junho, um dia em que os alemães disseram ter abatido 38 aviões aliados com a perda de dezessete, o piloto alemão Hermann Goering recebeu a medalha Pour le Mérite. No dia seguinte, os britânicos instituíram uma nova condecoração por bravura no combate aéreo, a Cruz de Mérito Aeronáutico. Um mês antes, em 9 de maio, Hitler tinha recebido um diploma do seu regimento por grande bravura.

Os alemães controlavam a Ucrânia e o Báltico, duas das mais prósperas regiões russas anteriores à guerra, e tinham ajudado os finlandeses a expulsar os bolcheviques da Finlândia, onde as tropas alemãs se mantinham para garantir a independência. Em 27 de maio, foi criada uma República da Geórgia, independente, sob proteção alemã, mas a Alemanha não seria o único bastião contra os bolcheviques. Em 23 de maio, o Gabinete de Guerra tomou a decisão de enviar uma missão militar de 560 pessoas ao porto de Arcangel, e seiscentos homens a Murmansk, para fazerem a guarda de armazéns militares britânicos que tinham sido enviados através do Ártico como contribuição militar britânica para o Exército russo.⁷ Os britânicos também se ofereceram para treinar centenas de milhares de russos antibolcheviques contra futuros assaltos. Três dias depois, na Sibéria, 60 mil soldados tchecos, que tinham atravessado a Sibéria para o extremo oriente russo depois do Tratado de Brest-Litovsk, libertaram todos os prisioneiros de guerra austríacos e voltaram-se ativamente contra os bolcheviques.

Esses tchecos, que durante quase quatro anos tinham feito parte dos exércitos das Potências Centrais, declararam agora estar a favor dos Aliados e formaram a Legião Tcheca, determinada, a partir dali, a destruir as Potências Centrais e a conseguir que a Tchecoslováquia se tornasse um Estado independente, buscando até mesmo uma forma de retornar à Europa e lutar com os Aliados. Porém, sua batalha imediata, na última semana de maio de 1918, foi contra os bolcheviques. Em 27 de maio,

capturaram a cidade siberiana de Cheliabinsk e, quatro dias depois, Petropavlosk e Tomsk.

O alto-comando alemão não tinha desistido de penetrar na linha aliada da frente ocidental. Em 27 de maio, Ludendorff voltou a tentar, na esperança de repetir os êxitos iniciais obtidos dois meses antes e até chegar a Paris. Quatro mil canhões abriram fogo às primeiras horas daquela manhã, numa frente de quase quarenta quilômetros, dando início à Terceira Batalha do Aisne. No setor francês do Chemin des Dames, as forças atacantes entraram nas linhas numa profundidade de vinte quilômetros, aniquilando quatro divisões francesas.

Entre Soissons e Reims, os alemães passaram por mais quatro divisões francesas e quatro divisões britânicas e chegaram a Aisne em menos de seis horas. Em La Ville-aux-Bois-lès-Pontaverts, um batalhão britânico e uma bateria de campo recusaram-se a retirar-se apesar do esmagador poder de fogo lançado contra eles. “Os canhões continuaram a disparar e a resistência não cessou até que todos os homens estivessem mortos ou capturados”, recorda um memorial francês no local da resistência à bateria de artilharia. Por essa ação, toda a bateria britânica recebeu a Cruz de Guerra. Das 540 sepulturas no cemitério da Comissão de Sepulturas de Guerra da Commonwealth, em Ville-aux-Bois, 413 pertencem a soldados desconhecidos.

No final de 28 de maio, tinha sido aberta uma brecha de mais de sessenta quilômetros de largura e 25 quilômetros de profundidade através das linhas aliadas. Entre os soldados britânicos mortos nesse dia estava o major Bertram Cartland, que estava na frente ocidental desde 1914, “o que em si já era um milagre de sobrevivência”, escreveu sua filha.⁸ Nesse dia, o Kaiser visitou a “posição Califórnia”, um posto de observação perto de Croanne, a partir do qual, em 1814, Napoleão tinha testemunhado uma de suas últimas vitórias sobre os aliados que se juntaram contra ele. Apesar da ferocidade do ataque alemão em 1918, contudo, nem todos os Aliados tiveram de recuar. Em Cantigny, no Somme, na primeira ofensiva americana sustentada da guerra, estavam em ação nesse dia quase 4 mil americanos, uma brigada completa. Os franceses proporcionaram cobertura aérea, bem como 368 canhões pesados e morteiros de trincheira e equipes de lança-chamas para apoio do avanço pela aldeia. Os homens da Infantaria americana eram precedidos de doze tanques pesados franceses. Cada soldado americano transportava 220 balas, três sacos de areia, duas granadas de mão, uma granada de rifle, dois cantis de água e rações de ferro, além de dois tabletes de chocolate, um limão e pastilhas de mascar para acalmar a sede.

Uma barragem de artilharia de duas horas precedeu o ataque, e Cantigny foi invadida rapidamente. Os lança-chamas foram particularmente eficazes. O

americano Clarence R. Huebner recordou como viu um soldado alemão sair do abrigo “como, no Kansas, via coelhos saírem das pilhas de palha em que era posto fogo”. O alemão correu cerca de quinze metros e caiu morto.⁹

Os americanos fizeram cerca de cem prisioneiros alemães nesse dia, mas, como escreveu um historiador, “alguns não foram feitos prisioneiros, e eram, na verdade, elementos de equipes de metralhadoras que dispararam até acabarem as munições e depois tentaram render-se. Para alguns soldados americanos, era simplesmente demais ver um companheiro ser morto por uma metralhadora e depois ouvir quem o matou dizer ‘*Kamerad*’ para escapar à retaliação. Os americanos mataram o *Kamerad*, sentindo um misto de tristeza e ódio”.¹⁰

A aldeia de Cantigny estava sob controle americano. “Não recuaremos um centímetro”, foi a ordem de Pershing. Seguiram-se sete contra-ataques alemães no intervalo de 72 horas. Durante a batalha que se seguiu, foram mortos duzentos soldados americanos e outros duzentos ficaram incapacitados devido aos ataques de gás. Sob a tensão de contínuos bombardeios e a fadiga de três dias em ação, os homens tornaram-se, nas palavras de seu comandante, coronel Hanson E. Ely, “meio loucos, temporariamente doidos”. Um tenente americano começou a disparar à toa contra seus companheiros até ser morto por um projétil alemão. Depois de três dias de batalha e bombardeios, os americanos estavam exaustos. Quando, por fim, chegou auxílio, recordou o coronel Ely, “a única coisa que faziam era inclinar-se para trás, com olhos vagos em faces chupadas, e, se alguém parava um momento, dormia”.

Os americanos mantiveram Cantigny. O impacto dessa captura foi triplo, pois privou os alemães de um importante ponto de observação, deu a Pershing mais um argumento para um comando independente das tropas americanas e proporcionou, segundo um historiador militar americano, “a primeira impressão que os alemães tiveram de que não se tratava, como esperavam, de uma ralé de amadores que vinha aí”.¹¹

Apesar do sucesso americano em Cantigny, o avanço alemão continuava. Em 29 de maio, tropas alemãs entraram em Soissons. No final do terceiro dia de ataque, tinham sido feitos mais de 5 mil prisioneiros franceses e capturados 650 canhões e 2 mil metralhadoras. Em 30 de maio, os alemães chegaram ao rio Marne, perto de Château-Thierry. Nessa noite, Pershing jantou com Foch e os oficiais superiores de seu Estado-Maior. Mais tarde, recordou: “Seria difícil imaginar um grupo de oficiais mais deprimido. Sentaram-se para jantar e pouco disseram enquanto pensavam que talvez aquela fosse a mais séria situação da guerra.”

Em 1º de junho, tropas alemãs estiveram a 65 quilômetros de Paris, dezesseis quilômetros mais perto da capital do que tinham estado em abril. Em 2 de junho,

ocuparam o forte de La Pompelle, uma das fortificações que defendiam Reims, mas um contra-ataque francês recuperou o forte, capturando duzentos soldados alemães e quatro tanques. Nesse dia, o Conselho Supremo de Guerra reuniu-se em Versalhes. Mais uma vez, como em 1914, o governo francês estava preparado para abandonar Paris e deslocar-se na direção sul. Dezenas de milhares de civis fugiam da capital, como tinham feito em 1914 e voltariam a fazer em 1940.

Mais uma vez os franceses apelaram para Pershing, pedindo-lhe que fizesse uma transferência imediata de tropas americanas para o setor francês da desintegrada frente e autorizasse sua temporária inclusão em unidades francesas. Pershing, tão determinado como sempre a não abandonar a perspectiva de um Exército americano independente e a não ver essa perspectiva retroceder, resistiu a todos os argumentos. Foch, desesperado, repetia incessantemente: “A batalha, a batalha, nada mais importa.” Quando, durante a discussão em Versalhes, os franceses pediram que 250 mil soldados americanos se juntassem à linha em junho e mais 250 mil fizessem o mesmo em julho, Pershing surpreendeu-os ao dizer-lhes que, além de três divisões prontas para embarcar, havia nos Estados Unidos mais 263.852 homens treinados. Era muito menos do que os Aliados tinham julgado possível, mas era um número real e muito preciso. A grande contribuição americana para o poderio aliado não estaria pronta antes do fim do ano, possivelmente não antes de 1919. “Então não podemos esperar praticamente nada dos Estados Unidos depois de estarem completados os programas atuais”, comentou Clemenceau. “É um grande desapontamento.” Aqueles “programas atuais” previam entre 120 mil e 150 mil soldados americanos por mês, não mais.

Diante de uma sugestão de que fossem enviadas tropas americanas adicionais não treinadas para a Europa, Pershing insistiu em que completariam seu treinamento enquanto estivessem nos Estados Unidos. “Os homens aprendem mais depressa na França”, respondeu Foch. Quando Lloyd George sugeriu que os americanos fossem treinados na Grã-Bretanha, Pershing respondeu que não desistiria de suas prerrogativas nesse assunto.

Os líderes britânicos e franceses perderam a paciência com o comandante-chefe americano. Quando Pershing sugeriu que os franceses mobilizassem a classe seguinte de sua juventude, Lloyd George interrompeu-o: “Mas, general Pershing, seguramente o senhor não enviaria rapazes para as trincheiras.” Exasperado, Pershing replicou: “Senhor primeiro-ministro, o senhor sugeriu que puséssemos nas trincheiras rapazes americanos menos treinados do que os rapazes franceses a que se refere. Não vejo a diferença.”

Pershing manteve sua posição — as tropas americanas seriam treinadas nos Estados Unidos e seriam respeitados os termos do anterior acordo de Abbeville —, mas concordou num pequeno aumento dos números. Pershing colocaria na linha, como e quando os franceses necessitassem, 170 mil soldados em junho e 140 mil em

julho, mas nem mais um homem. As tropas que estavam previstas, 190 mil, fariam parte do próprio sistema de apoio de Pershing para o futuro Exército americano.

As exigências da batalha obrigaram o acordo a ser posto em prática imediatamente, enviando-se tropas americanas para o Marne, a leste de Château-Thierry, onde explodiram uma ponte para evitar que os alemães atravessassem para sul. Foram também enviados, via Meaux, para o ponto mais próximo do avanço alemão para Paris. No caminho, encontraram milhares de refugiados, a maioria aldeões e camponeses, que fugiam do avanço do Exército alemão, e muitos grupos de três ou quatro soldados franceses que fugiam rapidamente da zona de batalha.

À medida que se aproximavam da frente, as tropas americanas passavam por aldeias que tinham sido saqueadas por tropas francesas em retirada. Onde tinham sido saqueadas adegas, a embriaguez acresceu à indisciplina. Um camponês francês que tentara proteger sua propriedade, fora atado a uma cadeira e agredido. Mais próximo ainda da frente, os americanos encontraram soldados franceses feridos que se retiravam, como “feridos ambulantes”, com ataduras na cabeça e braços enfaixados. “Vêm aí os boches”, avisaram exaustos os franceses, a quem os americanos responderam como encorajamento: “Nós estamos aqui.” “Ah, *oui*, mas os boches *continuam* a vir aí”, foi a resposta francesa. Quando as tropas americanas chegaram à frente, em ambos os lados da estrada Paris-Metz, um general francês instruiu-os a manterem a linha “a todo o custo”. As unidades francesas ainda se retiravam. Alguns soldados se dirigiram aos americanos à medida que passavam por eles, dizendo “*La guerre est finie*” [“A guerra acabou”].

Os americanos defenderam a linha, auxiliados pela própria exaustão dos alemães ao cabo de seis dias de luta e a grande distância criada pelo avanço alemão, que originou formidáveis dificuldades de abastecimento. Contudo, os americanos não só defenderam a linha, como fizeram pequenos avanços, dando um impulso imediato ao moral francês, tanto civil como militar. Um francês que compreendeu e partilhou essa reação foi Jean de Pierrefeu, oficial do Estado-Maior de Pétain. “Todos tivemos a impressão de que estávamos à beira de ver uma maravilhosa transfusão de sangue. A vida chegava em ondas para reanimar o corpo moribundo da França”, escreveu Pierrefeu mais tarde.

Na frente britânica, o general Freyberg foi um dos que entraram em ação em 3 de junho, quando sofreu seu nono ferimento grave. “Fui ferido por um grande projétil numa pequena operação”, escreveu a um amigo. “Durante algum tempo, fiquei muito afetado; o projétil atirou-me a vários metros e fiquei ferido numa perna e na cabeça. Tiraram-me os estilhaços num dispensário. Foi uma dura prova.” Ao homem que estava na cama ao seu lado “tinham-lhe cortado as duas pernas e um braço”.

Para ajudar a estancar o avanço alemão, 10 mil soldados franceses e 10 mil

soldados ingleses foram trazidos da frente de Salonica, onde desertores búlgaros avisaram os Aliados sobre uma ofensiva iminente, que seria cancelada devido a uma amotinação entre as forças búlgaras. Naquele verão, as coisas iam mal para as Potências Centrais: na Hungria, em 20 de maio, em seus aquartelamentos em Pécs, 2 mil soldados húngaros recusaram-se a ir para a frente, ocuparam os arsenais do campo e foram ajudados na amotinação por mineiros de carvão da zona. Foi necessário ordenar a três regimentos leais que fossem suprimir a amotinação.

Devastada pela guerra e arruinada pela revolução, a Rússia havia sido transformada numa nova zona de batalha. Em 3 de junho, dois batalhões alemães desembarcaram em Poti para apoiar as autoridades da Crimeia. No dia seguinte, 150 elementos da Marinha britânica desembarcaram no porto de Pechenga, no norte da Rússia, para proteger os armazéns dos Aliados e apoiar os antibolcheviques locais. No mesmo dia, um membro de uma das casas reais alemãs, o duque de Württemberg, aceitou o trono da Lituânia, mas outro príncipe alemão, o príncipe herdeiro, Rupprecht da Baviera, pressionou o chanceler alemão, conde Hertling, para iniciar conversações de paz com a Grã-Bretanha, a França e a Itália enquanto a Alemanha e a Áustria ainda tinham alguma ascendência a ocidente. Seu pedido foi recusado, tendo o chanceler respondido que, pelo menos, era provável o colapso da França.

Guerras políticas e militares caminhavam juntas. Em 3 de junho, a Grã-Bretanha, a França e a Itália anunciaram seu total apoio aos Estados polonês, tcheco e iugoslavo. No dia seguinte, encorajado pelos britânicos, o dr. Chaim Weizmann, líder sionista, encontrou-se com o emir Faiçal, líder da Revolta Árabe, perto do porto de Ácaba, para discutirem o que parecia ser um satisfatório apoio árabe à constituição de um Lar Nacional Judaico na Palestina. Um general superior britânico apontou depois do encontro que tanto para T. E. Lawrence, que tinha contribuído para que o encontro fosse possível, como para Weizmann, “havia linhas de política árabe e sionista que convergiriam num futuro não muito distante”. Na semana seguinte, uma nova ofensiva árabe isolou a guarnição turca em Ma'an. No Exército de Allenby, na planície costeira ao norte de Jafa, à espera de avançarem na direção norte de Jerusalém, 5 mil palestinos judeus, muitos dos quais nascidos na Rússia, estavam em armas.

“Verei com bons olhos qualquer bom entendimento com os judeus”, escreveu Faiçal a Mark Sykes um mês depois do encontro em Ácaba, e acrescentou: “Admito que alguns árabes ignorantes desprezam os judeus, mas os ignorantes são iguais em todo o lado, e, no fundo, esses incidentes nada são comparados ao que os judeus sofreram em terras mais avançadas.” Nesse mesmo momento, em cidades e aldeias por toda a Ucrânia, milhares de judeus estavam sendo assassinados pelos bolcheviques brancos, cujo antissemitismo histórico, combinado com um novo ódio à presença de judeus entre os líderes bolcheviques, reacendeu os violentos *pogroms*

de quinze anos antes.

Em 3 de junho, forças alemãs atravessaram o Marne em Jaulgonne, utilizando oito enormes escadas, umas encaixadas nas outras como escadas de bombeiros, lançadas sobre o rio. Cada escada tinha largura suficiente para apenas dois homens se arrastarem lado a lado. Depois da travessia, foram utilizadas mais catorze escadas para construir uma pequena cabeça de ponte com seis metralhadoras. Era como se tivessem regressado aos tempos de agosto de 1914, com Château-Thierry, apenas dez quilômetros para oeste, vulnerável a uma captura pelos dois lados do rio, mas duas divisões dos Estados Unidos já estavam em linha havia dois dias na comuna, e foram tropas americanas que atacaram a cabeça de ponte alemã. Foram feitos prisioneiros cerca de cem alemães. Os outros foram obrigados a voltar em barcos ou a nado.

Também em 3 de junho, no outro lado de Château-Thierry, oito quilômetros a leste da cidade, a tenacidade americana emergiu durante um ataque alemão à floresta de Belleau. Quando a Brigada de Infantaria da Marinha recebeu ordem para entrar em ação, o sargento Dan Daly gritou: “Venham cá, filhos da mãe! Querem viver para sempre?” No final do dia, tinham sido mortos 1.087 americanos. Quando foi levantada a possibilidade de uma retirada americana, um oficial americano terá declarado com indignação: “Que retirada? Acabamos de chegar!”

Na Câmara dos Deputados francesa, Clemenceau refletiu esse mesmo espírito quando declarou em 4 de junho: “Lutarei diante de Paris, lutarei em Paris, lutarei atrás de Paris.” Também falou sobre “o grande sucesso que está ao nosso alcance, que estamos à beira de agarrar, e para isso basta suficiente tenacidade”. Nem todos os observadores partilhavam sua confiança. No dia do discurso de Clemenceau, o secretário do Gabinete de Guerra britânico, Sir Maurice Hankey, antigo membro da Marinha, escreveu em seu diário: “Não gosto do que está acontecendo. Os alemães estão lutando melhor do que os Aliados, e não posso excluir a possibilidade de um desastre.”

Contra-ataque aliado

Junho a agosto de 1918

Em 3 de junho de 1918, o francês Georges Panvin decodificou um sinal de rádio ultrassecreto alemão que dava detalhes de um ataque ao setor francês na frente ocidental com início previsto para 7 de junho. O sinal revelava também que o ataque aconteceria entre Montdidier e Compiègne. Essa precisa informação permitiu que os franceses fizessem preparativos. As tropas alemãs estavam novamente apenas a 65 quilômetros de Paris. Em 6 de junho, tropas britânicas avançaram em seu setor, a sudeste de Reims, expulsando os alemães da aldeia de Bligny. Acima dos exércitos em luta, mil aviões britânicos e franceses enfrentavam uma contínua e dura luta. Nessa noite, seis bombardeiros britânicos atacaram oficinas de estradas de ferro alemãs em Metz e Thionville.

À meia-noite de 7 de junho, os alemães prepararam-se para desencadear o ataque já conhecido pelos franceses, graças à informação de seus serviços secretos. Assim, os franceses desencadearam um bombardeio massivo de artilharia dez minutos antes do início do bombardeio alemão. Contudo, o ataque alemão foi ainda mais intenso, com 750 mil granadas de gás de mostarda, fosgênio e difenilcloroarsina, num total de 15 mil toneladas de granadas de gás. Cerca de 4 mil soldados franceses ficaram incapacitados pelo gás, tendo morrido 32 homens.

Às 4h30 de 8 de junho, a Infantaria alemã atacou, avançando mais de oito quilômetros e fazendo 8 mil prisioneiros. Em 9 de junho, avançaram mais três quilômetros, obrigando os franceses a evacuar vários pontos de resistência. Foi pedida a opinião a Pershing, que nesse dia estava com Clemenceau, sobre o decorrer da batalha. “Bom, sr. Presidente, o combate pode não parecer encorajador agora, mas tenho certeza de que acabaremos por vencer”, respondeu ele. Clemenceau, visivelmente comovido, apertou a mão de Pershing. “Pensa mesmo que vai ser assim?”, perguntou ele. “Estou contente por ouvi-lo dizer isso.” Até mesmo o indômito Tigre da França podia ter seus momentos de dúvida.

Em 10 de junho, os alemães avançaram para sul de Lassigny, obrigando os franceses a recuar até Antheuil-Portes, a apenas oito quilômetros de Compiègne e a pouco mais de setenta quilômetros de Paris. Churchill, que estava na capital francesa, tratando de questões de munições, escreveu nessa tarde à sua mulher: “A crítica e mortífera batalha na frente de Noyon-Montdidier durou todo o dia, e as últimas informações (17h30) são aparentemente satisfatórias. Não há surpresas, mas foi uma dura prova de força... A linha aguentou-se bem com tropas e boas reservas disponíveis.” E acrescentou, com mau agouro: “Se os franceses não conseguirem resistir naquele setor, não é fácil prever que próximo passo poderemos dar.”

Em Paris, Churchill planejava uma coordenação das necessidades de munições para britânicos, franceses, italianos e americanos no outono de 1918 e na primavera de 1919. Nesse mês, a campanha de 1919 também estava na mente de Ludendorff, que deu ordens para que se incrementasse fortemente a produção de aviões, chegando a trezentos por mês, entre julho de 1918 e abril de 1919. Nesse dia, na frente de Noyon-Montdidier, seiscentos aviões franceses e duzentos aviões britânicos participaram na batalha. Foram abatidos 38 aviões aliados e cinco aviões alemães.

Em 11 de junho, os Aliados desencadearam um contra-ataque com quatro divisões francesas e duas americanas. O apoio aéreo fez novamente parte integrante da batalha, assim como 163 tanques. Foram feitos prisioneiros mais de mil soldados alemães. A Infantaria já não operava sozinha, mas um erro num bombardeio feito pela Força Aérea britânica nesse dia feriu oito soldados franceses e matou 75 cavalos. Cerca de quarenta aviões aliados foram abatidos pelos alemães, com a perda de dezenove aviões.

A oeste de Soissons, cinco divisões alemãs atacaram em 12 de junho, mas os ganhos foram escassos, tendo as forças francesas certa vantagem, com quase duzentos tanques. Nesse dia, depois de apenas quatro dias de batalha, Ludendorff interrompeu sua ofensiva. Contudo, os Aliados continuaram a pressionar. Em 14 de junho, pela primeira vez, os franceses utilizaram gás de mostarda em grande escala.

Até mesmo o cinema estava sendo empregado como fator de guerra. Em 14 de junho, o próprio presidente Woodrow Wilson viu-se obrigado a queixar-se de uma versão cinematográfica do livro do embaixador Gerard, *My Four Years in Germany* [Meus quatro anos na Alemanha], que continha cenas horríveis de atrocidades alemãs contra prisioneiros de guerra belgas e que fora feito em Nova Jersey. Contudo, o zelo favorável à guerra era uma parte indispensável do recrutamento: um inflamado discurso antibelicista, dois dias depois, feito pelo líder socialista Eugene Debs levou à sua detenção e a uma pena de dez anos de prisão. Por todos os lados, os socialistas estavam nervosos: em 17 de junho, houve tumultos em Viena após a

redução da ração de pão e cenas violentas em Budapeste em apoio a um aumento de salários.

No leste, os alemães continuavam a ampliar seu controle a vastas áreas do antigo império czarista. Em 12 de junho, ocuparam Tíflis, capital da Geórgia. Tropas austríacas, apoiando uma possível anexação da Ucrânia pelos alemães, tinham feito 10 mil prisioneiros bolcheviques no sul da Rússia, mas foi da frente italiana que veio a maior prova de força, quando, em 15 de junho, os austríacos desencadearam uma ofensiva massiva, atacando com 55 divisões a partir do planalto de Asiago e do monte Grappa e com mais 51 divisões pelo outro lado do Piave.

Ludwig Wittgenstein fazia parte das tropas austríacas em ação nesse dia. Durante um feroz duelo de artilharia e metralhadoras, saiu em patrulha para reportar a situação. Quando dois homens da patrulha foram feridos, ajudou a transportá-los. Pouco depois, quando estava em sua posição de artilharia, um projétil soterrou o oficial e três homens. Wittgenstein encarregou-se da arma, pelo que foi recomendado para receber a mais elevada medalha austríaca, a Medalha de Ouro ao Valor. “Seu comportamento excepcionalmente corajoso, sua calma, seu sangue-frio e seu heroísmo granjearam-lhe a mais alta admiração dos soldados”, dizia a citação. “Por meio de sua conduta, deu um esplêndido exemplo do leal e marcial cumprimento do dever.” As tropas que defrontavam a bateria de Wittgenstein eram britânicas.

Em 16 de junho, o jornal *The Observer* noticiou que os defensores italianos ao longo do Piave enfrentaram os atacantes “na sua primeira arremetida e recuperaram imediatamente as poucas e pequenas posições que tinham sido perdidas nos primeiros momentos da luta”. Ao ler essa notícia em Londres, com um olhar experiente, Vera Brittain, cujo irmão Edward servia na frente italiana, refletiu, com mau agouro, dizendo que “a perda de ‘poucas e pequenas posições’, por mais depressa que tivessem sido recapturadas, significava, como sempre acontecia com os despachos, que os defensores tinham sido surpreendidos e que a ofensiva inimiga teve sucesso durante algum tempo”. Passariam seis dias antes que recebesse o telegrama curto e padronizado que tanto receava: “Lamento informar que o capitão E. H. Brittain (Cruz Militar) foi morto em combate na Itália em 15 de junho.” Pouco depois de ter conduzido seus homens na recaptura de uma trincheira, um atirador austríaco atingiu-o na cabeça. “É o cúmulo da ironia que tenha sido morto pelos contrterrâneos de Fritz Kreisler, o violinista que, entre todos, mais admirava”, escreveu a irmã dele. Vera Brittain havia perdido o noivo, dois grandes amigos e o irmão.

No dia em que Edward Brittain morreu, o *Nation* publicava um poema de Wilfred Owen, que tinha sido retirado das trincheiras da frente ocidental por invalidez, mas

às quais retornara mais tarde:

*Move him into the sun,
Gently its touch awoke him once,
At home, whispering of fields unsown.
Always it woke him, even in France,
Until this morning and this snow.
If anything might rouse him now
The kind old sun will know.*

*Think how it wakes the seeds,
Woke, once, the clays of a cold star.
Are limbs, so dear-achieved, are sides,
Full-nerved, — still warm, — too hard to stir?
Was it for this the clay grew tall?
— O what made fatuous sunbeams toil
To break earth's sleep at all?¹*

Os austríacos não conseguiram um avanço substancial com sua ofensiva de 15 de junho. Na frente do Piave, o bombardeio preliminar da artilharia tinha escassez de munições e também foi prejudicado porque os alemães não conseguiram fornecer as granadas de gás fosgênio que os austríacos pretendiam usar. No setor de Asiago, uma boa informação dos serviços secretos permitiu que os italianos iniciassem um fogo de barragem de artilharia, por sua iniciativa, quatro horas antes do início da barragem austríaca. Na fase inicial da batalha, tropas britânicas e francesas que defendiam a linha italiana foram obrigadas a recuar, mas um eficaz contra-ataque aliado levou à captura de 1.500 soldados austríacos. No setor do monte Grappa, o avanço austríaco foi travado ao cabo de três quilômetros e depois repellido por um contra-ataque italiano.

O imperador Karl, que esperava em seu trem em Merano, na esperança de avançar rapidamente para testemunhar a vitória, estava perturbado. Ao meio-dia, telefonou a um dos mais vitoriosos comandantes dos Habsburgos, o marechal de campo Svetozar Boroević, que lhe disse: “O Exército do Tirol está derrotado. As tropas perderam tudo o que tinham ganho e foram obrigadas a recuar para a linha de partida.” Boroević, cuja família havia muito lutava pelos imperadores Habsburgos, era sérvio.

Entre as vantagens dos Aliados na frente italiana estava a superioridade no ar. Mais de seiscentos aviões aliados, italianos e ingleses, causaram pânico entre as forças austríacas que atravessaram o Piave nos dois primeiros dias da batalha. Em 16 de junho, forças britânicas e italianas continuaram a fazer contra-ataques, tendo os

britânicos feito 728 prisioneiros austríacos e os italianos libertado duzentos homens seus que tinham sido feitos prisioneiros no primeiro dia de batalha. Em 20 de junho, os italianos abateram catorze aviões austríacos sobre o Piave. Cinco dias depois de desencadearem a ofensiva, os austríacos começaram a retirar-se. A retirada foi ainda dificultada por ataques aéreos feitos por cerca de cinquenta aviões britânicos.

Por volta de 24 de junho, as últimas tropas austríacas tinham recuado para norte do Piave, sem conseguir abrir uma brecha para as planícies do sul nos setores de Asiago e do monte Grappa. Nesse dia, o ministro alemão das Relações Exteriores, Richard von Kühlmann, disse no Reichstag que os deputados não deveriam esperar “um fim definitivo da guerra apenas por meio de uma decisão militar”. O Kaiser, zangado com tal “derrotismo”, exonerou Kühlmann, que foi substituído por um oficial da Marinha, o almirante Paul von Hintze.

Em 17 de junho, quando as tropas americanas ainda lutavam contra os alemães no interior da floresta de Belleau, o marechal Foch pediu ao general Pershing que transferisse cinco divisões americanas para reforçar vinte divisões francesas, destinando um regimento americano para cada divisão francesa. Foch disse a Pershing que as pessoas perguntavam onde estavam os americanos e o que estavam fazendo no combate. As tropas francesas estavam exaustas pelos renovados ataques alemães e precisavam de encorajamento. Pershing continuava a recusar-se a dispersar suas forças desse modo e disse a Foch que as tropas americanas podiam “fazer o dobro” sob as ordens de seus próprios comandantes.

Pershing reconheceu a pressão a que os franceses e os britânicos estavam submetidos, lutando havia quase quatro anos, e o efeito que provocavam suas muitas ofensivas, bem como o que significara a ofensiva germânica em março. Sabia também que 3 milhões de soldados aliados na frente ocidental estavam enfrentando 3,5 milhões de alemães. “Os Aliados estão esgotados”, escreveu com acrimônia ao coronel House em 19 de junho. “A única coisa que poderá mantê-los na guerra (sobretudo a França) será a garantia de que temos forças suficientes para assumir a iniciativa.” A tarefa dos Estados Unidos, do ponto de vista de Pershing, era vencer a guerra em 1919. Se não houvesse uma vitória, os Aliados provavelmente teriam de fazer a paz. Para garantir a vitória dos americanos em 1919, pretendia que o Exército americano, de 800 mil homens, passasse a ter 3 milhões, e, num telegrama para o Departamento de Guerra em Washington, em 19 de junho, pediu 66 divisões, mais de 2,5 milhões de homens, que deveriam estar na França em 1º de maio de 1919. Esse número, escreveu, “é o mínimo a ser considerado”.

A questão das tropas americanas continuava sendo crítica. Em 21 de junho, o primeiro-ministro canadense, Robert Borden, que tinha atravessado o Atlântico no início do mês, num comboio de treze navios que transportavam mais de 30 mil

soldados americanos para a Grã-Bretanha, escreveu a um colega em Ottawa: “A situação militar na França é muito séria e a questão da guerra pode depender da rapidez com que as tropas americanas possam ser organizadas, treinadas e equipadas.” Borden tinha aceitado um pedido americano para que oficiais canadenses, com sua longa experiência em batalha, treinassem uma parte das tropas americanas. “O problema é manter a linha na frente ocidental até que os americanos estejam prontos para atacar com força substancial”, explicou ele. Os soldados americanos que tinha visto “são homens esplêndidos e desejosos de entrar na luta”. Os dois meses seguintes seriam, para ele, “um período de grande ansiedade, durante o qual devemos esperar um ataque feroz”.

As tropas americanas que já tinham entrado em ação davam boa conta de si, apesar da pouca experiência. Em 26 de junho, na floresta de Belleau, a Infantaria da Marinha, que se recusara retirar-se três semanas antes, conseguiu finalmente tomar a floresta. Tinham morrido ou ficado feridos em ação mais da metade dos 10 mil homens da Brigada de Infantaria de Marinha dos Estados Unidos. Num cemitério de guerra na orla da floresta, estão as sepulturas de 2.288 soldados americanos e os nomes de 1.060 outros que não têm sepultura conhecida. Em outro cemitério, a poucas centenas de metros, estão as sepulturas de 8.624 soldados alemães.

Os alemães estavam impressionados com seu novo adversário. “O efeito moral de nossas armas de fogo não teve um efeito material no avanço da Infantaria”, escreveu um oficial dos serviços secretos alemães no meio da batalha. “Os nervos dos americanos ainda não foram abalados”, acrescentou ele. Depois da batalha, Pershing visitou os feridos. Homens que tinham sido atingidos por granadas de gás, com os olhos cobertos por ataduras, puseram-se em posição de sentido ao lado das camas. Alguns jamais voltariam a ver. O biógrafo de Pershing conta uma história também publicada no *Cleveland Plain Dealer* que diz que, numa sala de cirurgia, Pershing “aproximou-se da cama de um soldado chamado Jimmie, que tinha sido operado no dia anterior e que disse, pedindo desculpas, através dos lábios secos: ‘Não posso prestar continência, meu general.’ Pershing notou o vazio nos lençóis onde o braço direito deveria estar. ‘Não’, respondeu, passando levemente a mão pela cabeça do rapaz. ‘Eu é que devia prestar continência’.”²

Já havia 800 mil soldados americanos na França, mas nenhum servia em corpos do Exército americano, o que era uma contrariedade para os sonhos e intenções de Pershing. As tropas em ação estavam sob ordens de comandantes de corpo franceses ou ingleses e somente a administração e os abastecimentos estavam em mãos americanas. O pedido para que as tropas americanas entrassem na luta alastrou-se para além da França. Em 27 de junho, um regimento de Infantaria americano desembarcou no porto italiano de Gênova a fim de ser enviado para a linha no final de setembro. Entretanto, dois dias depois, num avanço na frente de Asiago, os italianos recuperaram os cumes de montanhas e capturaram mais de 2 mil soldados

austriacos. Nesse mês, morreu o primeiro americano na frente italiana, um condutor de ambulância da Cruz Vermelha americana, o tenente Edward M. McKey.

Tropas de negros americanos também chegavam à França, incluindo o 369º Regimento de Infantaria, constituído apenas por negros. Seus membros haviam sido enviados para trabalhar como estivadores nas docas, o que os ofendeu gravemente. Exigiram, então, ser enviados para a frente, mas a lei americana aparentemente proibia que negros lutassem ao lado de soldados brancos, por isso foram enviados para a luta em unidades francesas. Um de seus oficiais brancos, Hamilton Fish, ganhou a Estrela de Prata.³

Muitas americanas negras também se apresentaram como voluntárias para servir na França como enfermeiras, mas apenas cinco ou seis foram aceitas: nem a política oficial nem o preconceito público desejava vê-las cuidando de soldados brancos feridos. Cerca de 25 mil voluntárias americanas atravessaram o Atlântico, a maioria para servir como enfermeiras, mas outras como sinaleiras, datilógrafas e intérpretes. Não recebiam pagamento nem pensão.

Em 27 de junho, o navio-hospital *Llandovery Castle*, que partira do Canadá, foi torpedeado por um submarino alemão a 180 quilômetros da costa do rochedo Fastnet. Dos 283 passageiros que morreram, alguns foram mortos a tiros quando estavam na água e só vinte passageiros se salvaram, os ocupantes de um bote salva-vidas. Das 96 enfermeiras e equipe do hospital a bordo, apenas seis sobreviveram. Entre os mortos estavam todas as catorze freiras enfermeiras que seguiam a bordo.

Em junho, 453 marinheiros mercantes tinham morrido afogados quando seus navios foram torpedeados. No ar, tinham sido abatidos 505 aviões aliados e 153 aviões alemães. Em 27 de junho, foi feito o primeiro salto de paraquedas bem-sucedido em ação, quando, abatido pelos britânicos acima do Somme, o piloto e tenente alemão Steinbrecher saltou de paraquedas e salvou-se.

Na frente ocidental, os franceses faziam esforços para inverter as vitórias dos alemães nos meses anteriores. Segundo o *Times*, o estado de tensão era “comparável ao que precedeu os grandes ataques alemães anteriores, como os de 21 e 27 de março”. Em 30 de junho, ao sul de Ambleny, os franceses atacaram com um novo tipo de tanque de 5,5 toneladas, adotando a tática alemã de avançarem rapidamente para o seu objetivo num flanco antes de voltarem para capturar as tropas no centro. Depois de avançar, procuraram os soldados alemães escondidos em covas, fazendo mil prisioneiros.

Atrás das linhas, um novo espectro começou a obcecar tanto soldados como civis.

Com início em junho, tanto na Índia como na Grã-Bretanha, uma gripe tornou-se epidêmica e, depois, pandêmica. Ao atingir a frente ocidental, foi devastadora. Na França, mais soldados americanos morreriam devido à gripe espanhola na França do que às balas do inimigo.⁴

No início de junho de 1918, havia 1 milhão de soldados americanos e equipe militar na França. Seus abastecimentos entravam nos portos franceses a um ritmo de 20 mil toneladas por dia. Em 1º de julho, demonstrando grande coragem e tenacidade, tropas americanas atacaram a aldeia de Vaux, cinco quilômetros a oeste de Château-Thierry. Ações de fotografia aérea e no solo e informações providenciadas por um pedreiro local ajudaram a capturar a aldeia com um mínimo de baixas.

Em 4 de julho, o Dia da Independência dos Estados Unidos, no culminar de uma “cruzada” para a construção de navios de transporte que suprissem as necessidades da frente ocidental, saíram dos estaleiros americanos 95 navios, dezessete construídos em São Francisco. Nesse dia, o presidente Wilson declarou, num discurso em Mount Vernon, que os Aliados tinham quatro objetivos principais: “destruição do poder arbitrário”, autodeterminação nacional, construção da moralidade nacional no nível da moralidade individual e o estabelecimento de uma organização que evitasse guerras.

Nesse dia, havia tropas americanas em ação no Somme, junto com australianos, quando se conseguiu ganhar 1,5 quilômetro, sendo capturada a aldeia de Hamel e sendo feitos prisioneiros 1.472 soldados alemães. Durante esse ataque, foi feita a primeira entrega de mantimentos por meios aéreos a tropas em batalha, quando aviões britânicos lançaram 100 mil cartuchos de munições aos metralhadores australianos.

Nessa noite, perto de Autrêches, os franceses lançaram dois ataques sucessivos, conseguindo ganhar mais de um quilômetro numa frente de cinco quilômetros. “Numa das cavernas de pedreiras comuns na região, os franceses capturaram um batalhão inteiro, além do pessoal do telégrafo, do telefone e das seções de ambulâncias, levando até o cozinheiro do regimento”, noticiou o *Times* dois dias depois.

Na frente italiana, contínuos sucessos ao longo do delta do Piave nos primeiros dias de julho resultaram em mais de 3 mil prisioneiros austríacos. O segundo americano a ficar ferido na frente italiana foi um condutor de ambulâncias da Cruz Vermelha americana, Ernest Hemingway, de 18 anos de idade, ferido por um estilhaço de morteiro austríaco na noite de 8 de julho, quando levava chocolates aos soldados italianos que estavam num refúgio. Hemingway recebeu uma condecoração italiana, a Medalha de Prata ao Valor Militar. “Estou num excelente hospital, onde há cerca

de dezoito enfermeiras americanas para tomar conta dos pacientes”, escreveu duas semanas depois, quando estava em Milão. “É tudo muito bom e sinto-me muito confortável. Um dos melhores cirurgiões de Milão está cuidando dos meus ferimentos.” Tinham entrado estilhaços maiores no pé direito e no joelho, mas dezenas de outros estilhaços menores atingiram-no nas coxas, no couro cabeludo e em uma das mãos.

A carta de Hemingway mencionava também lembranças que adquirira:

Estive por todo o lado da grande batalha e tenho rifles austríacos e munições, medalhas alemãs e austríacas, pistolas automáticas de oficiais, capacetes dos boches, cerca de uma dúzia de baionetas, pistolas sinalizadoras, facas e quase tudo que se puder imaginar. O único limite é a quantidade de recordações que posso levar, pois havia tantos austríacos mortos e prisioneiros que o solo estava quase negro. Foi uma grande vitória e mostrou ao mundo como os combatentes italianos são fantásticos.

O italiano que estava perto de Hemingway no ponto de impacto do projétil perdeu as pernas e morreu pouco depois. Segundo a história oficial americana, antes de cuidar de si mesmo, Hemingway “deu uma generosa assistência aos soldados italianos feridos com mais gravidade pela mesma explosão e não permitiu que o transportassem antes que eles fossem evacuados”.⁵

Nesse mês, em Nova York, a revista *Collier's* publicou uma fotografia, tirada quatro meses antes, de um americano ferido, deitado numa maca numa trincheira na frente ocidental, com um paramédico colocando-lhe uma atadura na cabeça. Apesar de a fotografia não mostrar sangue nem feridas graves ou impressionantes, chocou os americanos, que estavam mais habituados a fotografias de homens confortavelmente reclinados em camas de hospital, com um doente tocando banjo, sendo observado por sorridentes soldados e enfermeiras diligentes.

No Extremo Oriente, as tropas da Legião Tcheca, ainda em seu regresso à Europa, chegaram ao porto russo de Vladivostok, no Pacífico, onde derrubaram a administração local bolchevique em 29 de julho. No dia seguinte, em Pittsburgh, com a aprovação dos Estados Unidos, Tomáš Masaryk assinou um acordo em nome de seus compatriotas tchecos, segundo o qual seria concedida aos eslovacos uma administração autônoma, em que teriam seus próprios tribunais, e o eslovaco seria reconhecido como sua língua oficial num futuro Estado tchecoslovaco. Duas semanas depois, na Sala Gregor, em Praga, em frente ao edifício da principal alfândega austríaca, foi estabelecido o Conselho Nacional da Tchecoslováquia.

Em 6 de julho, com as tropas tchecas controlando Vladivostok, os Aliados

declararam que o porto era um protetorado aliado. Woodrow Wilson chegou a sugerir, nesse dia, o envio de 12 mil soldados japoneses para “resgatar” os tchecos, permitindo-lhes que seguissem para as zonas de guerra na Europa. O Japão aceitou a sua sugestão.⁶ No dia seguinte, 1.600 quilômetros a ocidente de Vladivostok, tropas tchecas derrotaram unidades do Exército Vermelho perto de Chita e ocuparam a cidade siberiana de Irkutsk. À semelhança da Alemanha, que era a potência dominante no sul da Rússia e no Cáucaso, os Aliados se tornavam os senhores do Extremo Oriente russo e da Sibéria. Em 10 de julho, o governo britânico anunciou que um regimento britânico seria transferido de Hong Kong para Vladivostok.

O sentimento aliado antibolchevique endureceu seis dias depois, quando o deposto czar, seu filho e a maioria da família foram assassinados em Ekaterinburg.

Em 11 de julho, os alemães fizeram os planos finais para um novo assalto na frente ocidental. Devido à propagação da epidemia de gripe nas tropas, o alto-comando alemão considerou seu adiamento, mas decidiu avançar. “Só temos mais uma esperança: a frente alemã”, reportou o embaixador alemão em Viena para Berlim, em 11 de julho, e acrescentou: “Mesmo a esperança de uma paz separada já não existe.” A Áustria, que olhara para a Alemanha com tanta esperança de que a ajudasse a livrar-se dos russos enquanto esmagava a Sérvia, era agora um aliado forçado.

Na frente ocidental, era usado um novo método de guerra de gás nos exércitos aliados: um trem, com vagões cheios de botijões de gás, era levado para uma estrada de ferro de via estreita até a zona de guerra, onde os vagões eram retirados da linha e empurrados a mão até cerca de quatrocentos metros da linha de frente. Em 12 de julho, mais de 5 mil botijões de gás foram descarregadas simultaneamente utilizando esse método. Donald Grantham estava encarregado desse ataque. Martin Fox, um cabo que tinha trabalhado em companhias encarregadas de ataques com gás desde o início, descreveu-o:

À medida que se aproximava a meia-noite, as condições se tornavam mais favoráveis. Assim, à 1h40, Grantham “explodiu” todo o trem com sucesso. Todos estavam bastante afastados quando os detonadores voaram com a explosão. Imediatamente houve um terrível som sibilante e uma libertação monumental de gás. A nuvem densa, cinzenta, era uma visão impressionante, deslocando-se para a frente e alargando-se. Nós a vimos descer sobre nossa própria linha de frente e continuar pela terra de ninguém. Nunca antes tínhamos visto uma nuvem tão ameaçadora. Por sobre as linhas do inimigo, espreado-se ainda mais e deixamos de vê-la.

O capitão Grantham ficou satisfeito com os resultados do ataque múltiplo e anotou em seu diário: “Explodi o trem por meio de um mecanismo perto da locomotiva. Que magnífica nuvem.” Notícias de várias centenas de baixas entre os alemães confirmaram o sentimento de triunfo, mas havia riscos para os homens que utilizavam esses novos métodos. No percurso de regresso, informa o cabo Fox, o trem começou a andar antes que todos estivessem a bordo. “Eu corri para a frente, mas não adiantou. Alguns guardas subiram como puderam à medida que o trem ganhava velocidade e corria pela planície a uma velocidade assustadora, com os homens agarrados para salvarem a vida. Estavam envolvidos pelo gás que ainda saía dos botijões. Os respiradores salvaram-nos, mas foi uma viagem horrível.”

Um membro anônimo das companhias de gás escreveu um epitáfio para o trabalho que tinham realizado:

*Science of the ages, the highest arts of man,
Degraded and prostituted, that Might should take the van,
Whilst Empire, Justice, Freedom slumbered.
Then chemists, student, artisan answered Duty's call;
Our arms, our arts, our poison fumes
Gained Liberty for all.*⁷

As companhias de americanos encarregadas de ataques com gás trabalhavam intimamente com seus homólogos britânicos. Apesar de Pershing e seu chefe do Estado-Maior não serem apologistas da utilização do gás, havia 3.400 soldados americanos operando botijões de gás na frente no verão de 1918. Contudo, a cooperação no campo andava ao lado de disputas nos escalões mais elevados de comando, e o orgulho nacional podia obscurecer até as mais urgentes necessidades do campo de batalha. Em 14 de julho, numa conferência em Danny, Sussex, presidida por Lloyd George, Haig pediu, e foi-lhe dado, o apoio do político para recusar um pedido francês de que fossem enviadas quatro divisões britânicas para fazerem parte das reservas francesas perto de Vitry-le-François.

Mesmo em solo inglês, o conflito na frente ocidental não era totalmente remoto. Durante uma pausa, à tarde, na discussão em Danny, os participantes fizeram um passeio pelas colinas ao sul. “Podíamos ouvir distintamente o ruído dos canhões na França”, escreveu Robert Borden. “Dizia-se que esse ruído era trazido através da lama e da água. Estar em contato com as terríveis realidades do conflito teve um efeito solene e deprimente.”

O renovado ataque alemão na frente ocidental foi desencadeado à meia-noite de 14 de julho. Esse momento tinha sido referido por vários prisioneiros de guerra alemães, muitos oriundos da Alsácia, e, como resultado dessa informação dos

serviços secretos, a artilharia francesa e americana pôde bombardear as repletas linhas de trincheiras alemãs e centros operacionais durante meia hora antes que os alemães iniciassem seu bombardeio.⁸ Mesmo assim, a intensidade do fogo de barragem alemão foi mais uma vez formidável. Foram disparadas mais de 17.500 granadas de gás, que totalizaram 35 toneladas de explosivos, sobre os setores da frente defendidos perto de Château-Thierry pela 42ª Divisão Americana.

Quando os alemães avançaram, viram que os franceses tinham instalado uma linha de trincheiras falsa, que tinha a aparência de obstáculos reais, mas estava apenas guarnecida. O bombardeio alemão tinha sido em grande parte em vão. Esse ardil tinha sido pensado por Pétain. Os alemães ultrapassaram rapidamente as falsas defesas, matando os poucos defensores que não tinham morrido no bombardeio, tropas suicidas em tudo menos no nome. As “verdadeiras” trincheiras mais recuadas estavam perfeitamente guarnecidas e quase intocadas pelo fogo de artilharia. Ao se aproximarem das linhas defendidas, os alemães ficaram sob fogo intenso de franceses e americanos. “Quando encontraram os aterros de nossa linha real, estavam exaustos, descoordenados e disseminados, incapazes de prosseguir sem se reorganizarem e se reforçarem”, recordou um oficial americano. Esse oficial era o chefe do Estado-Maior da Divisão Arco-íris, Douglas MacArthur. Mais tarde, depois da batalha, escreveu que ficou obcecado “ao ver aqueles corpos retorcidos, presos no arame farpado”.

Ainda que a armadilha tivesse sido fatal para os planos, bem como para muitas vidas alemãs, mais de mil americanos ficaram incapacitados pelo gás às primeiras horas de 15 de julho. Muitos ficaram cegos, mas só seis morreram devido aos efeitos do gás. Outro americano que morreu nesse dia foi o piloto Quentin Roosevelt, filho do ex-presidente americano Teddy Roosevelt. Seu avião foi abatido perto da aldeia de Chamery, oito quilômetros a leste de Fère-en-Tardenois. Até hoje, uma placa marca o local em que foi morto. Diz-se que, sendo míope, incorporou-se por erro (e já não era a primeira vez) num esquadrão alemão, em vez de fazê-lo em seu próprio esquadrão, no fim de uma missão aérea. “Somente aqueles que estão prontos para viver não receiam morrer”, escreveu o ex-presidente acerca da morte do filho. “E ninguém que tenha fugido da alegria de viver e dos deveres da vida está preparado para morrer.” Essas palavras foram mais tarde gravadas em pedra no monumento a Theodore Roosevelt em Washington, numa ilha de Potomac.

Outros monumentos dão testemunho da luta nesse dia. Na aldeia de Marfaux, um memorial recorda os mortos neozelandeses desaparecidos e, em Chambrecy, uma antiga coluna romana guarda o cemitério onde estão os italianos que lutaram ao lado dos franceses na defesa de Reims, com seu general à frente dos homens. Os comandantes reconheceram a bravura dos seus homens. “Os alemães quebraram claramente suas espadas nas nossas linhas”, telegrafou o general Gouraud ao 21º Corpo Francês, que incluía a Divisão Arco-Íris. “O que quer que possam fazer no

futuro, não passarão.”

Na véspera da batalha de julho, o Esquadrão Richthofen, tendo morrido tanto seu fundador como seu sucessor, ganhou um novo chefe, Hermann Goering. Depois de ter abatido um avião aliado em 16 de julho, em sua vigésima segunda vitória na guerra, deu a si mesmo dez dias de “licença”. Nesse dia, às primeiras horas da manhã, o bombardeio alemão foi desviado para as forças francesas e americanas em Champagne, onde foram lançadas 500 mil granadas de gás: 9 mil toneladas de gás de mostarda, fosgênio e difenilcloroarsina. O Kaiser estava presente nessa manhã no ponto de observação do 1º Exército Alemão, em Ménil Lepinois, 22 quilômetros a nordeste de Reims, para ver o bombardeio.

Durante dois dias, pareceu que os alemães poderiam fazer seu avanço decisivo. Num setor da frente, contudo, artilheiros franceses conseguiram anular todos os vinte tanques alemães atacantes. Em outro setor, 3.600 soldados americanos, numa desproporção de um para três, lutaram e defenderam suas posições num combate corpo a corpo. No ar, 225 bombardeiros franceses lançaram mais de quarenta toneladas de bombas sobre pontes que os alemães tinham colocado sobre o Marne. Perderam-se 25 dos bombardeiros, mas o ataque continuou.

A leste de Château-Thierry, a 3ª Divisão Americana explodiu todos os pontões que os alemães tinham colocado para atravessar o Marne em seu setor, conquistando assim o título de Rocha do Marne. Os alemães continuavam a chegar em grande número ao rio, mas os soldados americanos de Infantaria e operadores de metralhadoras estavam à espera e ceifaram-nos. Um oficial alemão escreveu mais tarde: “Nunca tinha visto tantos homens mortos. Nunca tinha visto cenas de batalha tão terríveis.” O comandante da 3ª Divisão, general Joseph T. Dickman, tinha recordações semelhantes da carnificina. Por volta do meio-dia de 16 de julho, “não havia alemães perante a 3ª Divisão, à exceção dos mortos”. Apesar de seu sucesso, os americanos também sofreram. A terrível natureza do campo de batalha afetou tanto vencedores como vencidos, e os feridos de ambos os lados estavam vulneráveis e com medo. “Alguns estrebuchavam e deliravam e tinham de ser presos às camas”, escreveu um oficial médico americano. “Alguns sacudiam-se violentamente (...) outros tremiam e fugiam num abjeto medo de mais projéteis enquanto outros ainda simplesmente ficavam sem palavras, alheios ao que se passava à sua volta.”

À semelhança dos americanos, tropas italianas tinham sido trazidas para ajudar a refrear os ataques alemães na frente ocidental. Em 17 de julho, quando os alemães chegaram a Nanteuil-Pourcy, foram tropas italianas que os expulsaram. Nos quartéis-generais alemães, o estado de espírito era muito diferente da confiança demonstrada em março. “Um estado de alma deprimido”, disse o coronel Mertz von Quirnheim, da seção operacional, e acrescentou: “É uma questão difícil... O que vai acontecer agora?” A resposta veio no dia seguinte, quando Foch desencadeou o

contra-ataque aliado, que começou com um bombardeio de artilharia de 2 mil canhões numa frente de quarenta quilômetros. Mais de duzentos tanques tomaram parte na ofensiva. A linha alemã cedeu, tendo retrocedido sete quilômetros. Foram feitos prisioneiros 20 mil alemães e capturados quatrocentos canhões pesados. Jaulgonne, ponto onde os alemães tinham atravessado o Marne seis semanas antes, foi retomada pelos americanos, que iniciaram imediatamente, com os franceses, uma marcha na direção norte, rumo a Fère-en-Tardenois.

A área de operação dos americanos em 18 de julho, a cargo da 1ª Divisão e da 2ª Divisão, era imediatamente ao sul de Soissons. A ação começou com uma barragem rasante, que teve como testemunha americana o avião Eddie Rickenbacker. A barragem, recordou ele mais tarde, “parecia lançar a terra ao ar em mãos-cheias” à medida que se aproximava das trincheiras alemãs. “Saber que há seres humanos ali que não têm como escapar, à espera enquanto a tempestade de artilharia se aproxima cada vez mais dos seus esconderijos, parece-me ser um método de tortura tão diabólico, que perguntei a mim mesmo como que os homens nas trincheiras não enlouqueciam de medo.”

Rickenbacker observava quando um “projétil caiu diretamente na trincheira à minha frente, penetrando-a por completo num espaço de dez metros. Logo depois, um soldado boche saiu da trincheira naquele ponto e, atirando com o rifle, começou a correr para uma zona de maior segurança nas trincheiras mais recuadas. Mal tinha corrido dez metros, um projétil altamente explosivo caiu à frente dele. Antes de ver a explosão do projétil, parou, e vi-o pôr os braços sobre a cabeça. No instante seguinte, fez-se em poeira e desapareceu. Não ficou nem um vestígio dele quando a poeira pousou e a fumaça se dissipou”.

Enquanto o avião americano continuava seu voo, os soldados americanos saíam das trincheiras e avançavam através das linhas alemãs pulverizadas. Os alemães usavam todos os recursos de bravura pessoal e capacidades técnicas para conter o avanço de seu novo inimigo. O biógrafo de Pershing cita o diário de Marvin H. Taylor, que recordou ter chegado a um ninho de metralhadoras onde “encontrou um artilheiro alemão morto, sentado junto à arma, com a mão ainda no gatilho. Tinha um orifício de bala na testa e um buraco de baioneta na garganta. A metralhadora tinha um excelente campo de tiro e muitos americanos tinham morrido ao aproximarem-se dela. Taylor era humano, mas riu às gargalhadas quando viu o corpo. Pareceu-lhe ser uma boa retribuição pelo que o artilheiro tinha feito a outros”.²

Ao cair da noite de 18 de julho, a ameaça alemã a Paris tinha cessado. No final do quarto dia da ofensiva francesa, calcula-se que tenham morrido 30 mil soldados alemães. Entre as forças francesas que participaram, estava um regimento de

voluntários da Legião Estrangeira, tendo morrido ou ficado feridos um quarto de seus homens nesse dia. Um dos heróis da Legião, o sargento-mor Max Emmanuel Mader, antigo soldado alemão que tinha lutado contra os alemães desde 1914 e ganhado a Legião de Honra em 1917, entrou em ação naquela semana, quando seu braço direito e o ombro foram arrancados por um projétil alemão. Mader recobrou a consciência quando lhe eram administrados os últimos sacramentos no hospital e sua morte iminente era chorada por seus devotados colegas. Tendo sobrevivido a uma série de operações, viveu até uma idade avançada.

Os britânicos, ao avançarem em Flandres em 19 de julho, recapturaram Méteren, fazendo trezentos prisioneiros alemães. Na frente de Soissons, o avanço de franceses e americanos continuou, sendo capturados mais 3 mil alemães e 150 canhões. O saliente que os alemães tinham criado com tanta esperança em junho tornou-se insustentável e, em 21 de junho, abandonaram Château-Thierry. “Nunca tinham sido feitas tais exigências de caráter e resistência moral e física aos nossos homens”, escreveu em seu diário o tenente alemão Herbert Sulzbach em 21 de junho.

Percorrendo longas distâncias em marchas forçadas e contínuas, com calor e sem descanso, depois do fracasso de nossa própria ofensiva em que participaram com grandes expectativas, lançados para uma batalha defensiva numa escala gigantesca, cumpriram seu dever, lutaram, persistiram. Chega ao fim um dia terrível. Temos os nervos em frangalhos com todo esse barulho e fragor ininterruptos e continuamos vivos!

Em 22 de julho, os alemães recuaram mais de oito quilômetros, mas tiveram de recuar ainda mais no dia seguinte, quando os tanques e a Infantaria britânicos, avançando três quilômetros na frente do Somme, fizeram cerca de 2 mil prisioneiros alemães. Os alemães nunca tinham recuado tanto. Em 15 de julho, ainda esperavam receber propostas aliadas de paz num prazo de dois meses, com Paris à sua mercê. “Isso foi no dia 15”, escreveu mais tarde o chanceler alemão, Georg von Hertling. “No dia 18, mesmo o mais otimista entre nós sabia que tudo estava perdido. A história do mundo foi decidida em três dias.”

Ainda em 22 de julho, o Kaiser visitou o quartel-general avançado de Hindenburg, em Avesnes, onde recebeu informações sobre o fracasso da ofensiva e o grande sucesso do contra-ataque aliado. Nessa noite, seus companheiros viram-no mergulhado numa profunda depressão. “Sou um senhor da guerra derrotado, por quem os senhores devem mostrar consideração”, disse-lhes. Nessa noite, teve um sonho que contou na manhã seguinte àqueles que estavam ao seu redor: seus parentes reais na Inglaterra e na Rússia, assim como o ministro alemão e todos os generais que tinham sido nomeados desde que chegara ao trono, em 1888, apareciam diante dele e demonstravam-lhe seu desprezo. No sonho, apenas uma pessoa, sua prima, a rainha Maud da Noruega, irmã mais nova do rei George V, tinha mostrado

alguma amabilidade.

Para levar a contribuição americana na frente ocidental ao conhecimento público, o ministro britânico da Informação, lorde Beaverbrook, nascido no Canadá, pediu ao pintor americano John Singer Sargent que fosse à França e pintasse um quadro com o tema “tropas americanas e britânicas trabalhando conjuntamente”.¹⁰ Sargent, que tinha 62 anos, viajou por trás das linhas, dormiu em refúgios, visitou as ruínas de Ypres e de Arras e, em Péronne, viu centenas de prisioneiros alemães fechados numa jaula, com lama até os tornozelos. Em 24 de julho, fez o que chamou de “uma alegre viagem num tanque, por montes e vales, por sobre trincheiras e às cambalhotas”. Uma fila de tanques já obsoletos o fez pensar “nos barcos perante Troia”. Quando passou por soldados americanos, pediram-lhe que camuflasse seu grande guarda-chuva de pintor, mas não descobriu nada que o inspirasse a pintar sua encomenda. “Vamos para a guerra em vários veículos”, escreveu em seu bloco de notas, mas acrescentou: “É muito difícil encontrar qualquer coisa significativa no combate.”

Os acontecimentos significativos estavam onde nenhum pintor aliado podia ir. Em 25 de julho, a Força Aérea britânica lançou quase trezentas toneladas de bombas atrás das linhas alemãs no setor de Amiens. Em 26 de julho, tropas alemãs iniciaram sua retirada dos locais de suas vitórias anteriores, perseguidos no terreno por tanques e pela cavalaria aliados e continuamente acossados por pilotos aliados. Um desses pilotos, o major Edward Mannock, era o mais bem-sucedido e condecorado da guerra, com 72 “presas” em seu registro. Tendo levado um jovem neozelandês, o tenente Donald Inglis, para mostrar-lhe como atuava, Mannock abateu seu 73º avião alemão. Depois, quebrou uma de suas próprias regras e voou pelo cenário de seu triunfo para inspecionar os destroços. Ao voar baixo, para ver o que tinha conseguido, soldados alemães abriram fogo a partir de suas trincheiras e o avião foi abatido, tendo explodido quando caiu. Tanto Mannock como Inglis morreram. Por sua bravura em combate durante mais de um ano, Mannock recebeu a Cruz Vitória.¹¹

Em 28 de julho, tropas americanas entraram em Fère-en-Tardenois, uma das principais povoações tomadas pelos alemães em seu rápido avanço quatro meses antes. Mais tarde, foi erigido um cemitério perto da cidade, com mais de catorze hectares, onde estão as sepulturas de 6 mil soldados americanos, bem como a lista de nomes de 241 combatentes sem sepultura conhecida.

Avançando para leste, a partir de Fère-en-Tardenois, os americanos atacaram duas aldeias em mãos alemãs, Seringes e Sergy. Tinham como inimigo a muito temida Guarda Prussiana, que contra-atacou repetidamente. Por fim, os americanos decidiram-se por um ardil, retirando-se de Seringes como se pretendessem fazer uma retirada total. Então, o correspondente de um jornal americano noticiou: “Em seu

ardor, os prussianos caíram na armadilha sem se darem conta.” Os americanos, que tinham evacuado três lados da aldeia, rapidamente a cercaram.

Os guardas lutaram desesperadamente para sair, tão desesperadamente que nem um foi feito prisioneiro. As ruas ficaram cheias de mortos e moribundos. Não houve mãos erguidas. Todos lutaram como tigres. Os cruéis prussianos tinham encontrado os jovens e impiedosos americanos. Quando caiu a noite, depois do dia mais sangrento que os americanos tinham visto até então, os ianques haviam mantido todas as suas posições.

Os americanos também tinham tomado a aldeia de Sergy, depois de a Guarda Prussiana ter entrado e rechaçado os americanos duas vezes. “Foi, sem dúvida, um grande dia para a história dos Estados Unidos”, concluiu o correspondente do jornal. Enquanto se retiravam os alemães ainda foram capazes de infligir pesadas baixas e de contra-atacar seus perseguidores. No último dia de julho, no setor de Neuilly, foram mortos 68 soldados franceses e mais de 3 mil ficaram incapacitados devido ao gás quando a artilharia alemã disparou 340 mil granadas de gás de mostarda. Nesse dia, em Londres, os primeiros-ministros dos domínios discutiam a guerra numa reunião com Lloyd George e outros ministros seniores. Lorde Milner e o general Smuts achavam que não haveria suficientes homens em armas em 1919 para apoiar uma campanha aliada vitoriosa e sugeriram que não se conseguiria a vitória antes de 1920.

Do outro lado do conflito, quando o conde Hertling perguntou se o Exército alemão conseguiria tomar a iniciativa de uma ofensiva, Ludendorff respondeu: “Até agora, ao longo da guerra, tive de ordenar cinco recuos e, no fim, sempre fui capaz de vencer o inimigo. Não há razão para não ter sucesso uma sexta vez.”

Em 31 de julho, um desertor alemão encontrado pelos franceses revelou que sua divisão e várias outras estavam retrocedendo naquele dia. Às primeiras horas de 2 de agosto, perto de Sergy, após a Divisão Arco-Íris ter ouvido o ruído surdo de veículos que se movimentavam na terra de ninguém, o chefe do Estado-Maior da divisão, coronel Douglas MacArthur, dirigiu-se à zona entre os exércitos e deparou-se apenas com aquilo que chamou de “gemidos e gritos de homens feridos”, aparentemente deixados ao abandono por seus companheiros em retirada.

MacArthur calculou ter passado por pelo menos 2 mil cadáveres de alemães. Parando de vez em quando para examinar os mortos e os feridos, identificou as insígnias de seis diferentes divisões. De repente, durante o reconhecimento, viu, à luz de um sinalizador, uma metralhadora alemã apontada diretamente para ele, mas, como a metralhadora não disparou, arrastou-se até lá. “Estavam todos mortos... Um projétil tinha atravessado o coração do tenente, o sargento tinha um buraco na

barriga que lhe chegava às costas, o cabo tinha a coluna onde devia estar a cabeça.” A linha de frente dos alemães tinha sido abandonada. Por sua façanha, MacArthur recebeu sua quarta medalha de prata. Mais tarde, ainda naquele dia, conduziu seus homens num vitorioso ataque à nova linha alemã.¹²

Em oito dias, tinham morrido 566 homens da Divisão Arco-Íris e mais de 2 mil ficaram feridos. Entre os mortos estava o poeta Joyce Kilmer. Em 3 de agosto, a divisão foi colocada na reserva. O padre Francis P. Duffy, capelão da divisão, que tinha acompanhado as tropas durante toda a batalha, recordou mais tarde: “Retornaram, pelo caminho que tinham percorrido, nossos batalhões dizimados. Marcharam num silêncio enfadado até chegarem às encostas em torno da fazenda Meurcy. Marcharam por entre os corpos insepultos de seus mortos.”

Mais ao norte, os alemães lutavam ardorosamente para manter Soissons, mas, em 4 de agosto, os franceses, depois de uma luta feroz, rechaçaram-nos, fazendo 35 mil prisioneiros e capturando setecentos canhões. O sucesso francês foi na mesma escala das vitórias alemãs na frente ocidental dois anos antes. Agora, eram os alemães que precisavam recuar para posições mais defensáveis. Entre os soldados alemães que lutaram durante a retirada, estava o cabo Hitler. Em 4 de agosto, recebeu a Cruz de Ferro de Primeira Classe por “bravura pessoal e mérito em geral”. Era uma condecoração pouco comum para um cabo. O ajudante do regimento, que o tinha recomendado, capitão Hugo Guttman, era judeu.¹³

No dia em que Hitler recebeu a condecoração de que mais se orgulharia, um de seus futuros adversários, Franklin D. Roosevelt, então subsecretário da Marinha dos Estados Unidos, fez sua primeira e única visita à frente ocidental. Tendo ido de Washington à Europa para discutir vários problemas de estratégia naval e abastecimentos em Londres, em Paris e em Roma, fez a tão desejada visita ao cenário da ação. Estava na aldeia de Mareuil-en-Drôle quando aquilo a que mais tarde chamou de seu “sensível olfato naval” disse-lhe que tinha chegado à zona de guerra. Era o cheiro de cavalos mortos, e, em breve, passaria pelos seus cadáveres. “A equipe de limpeza ainda não os cobrira com cal”, escreveu um de seus biógrafos. “Os boches tinham capturado a aldeia na noite anterior, e seus corpos ainda estavam empilhados à espera de serem sepultados.”¹⁴ Uma bateria de artilharia americana estava fazendo fogo sobre a linha de frente alemã, a cerca de seis quilômetros de distância. Roosevelt disparou um dos canhões, apontado para um entroncamento ferroviário em Bazoches, treze quilômetros ao norte. Um avião de reconhecimento reportou que o projétil tinha atingido o alvo. “Nunca saberei quantos hunos matei, se é que matei algum”, comentou Roosevelt.

Enquanto estava na zona de guerra, Roosevelt viu um regimento americano saindo da linha. Em 1936, dezoito anos depois, referiu-se a isso, tendo declarado num

discurso público: “Eu vi a guerra. Vi a guerra na terra e no mar. Vi sangue jorrando dos feridos. Vi homens tossindo, com os pulmões cheios de gás. Vi os mortos na lama. Vi cidades destruídas. Vi duzentos homens esgotados, exaustos, a saírem da linha, sobreviventes de um regimento de mil homens que tinham avançado 48 horas antes. Vi crianças esfomeadas. Vi a agonia de mães e esposas. Odeio a guerra.” Pouco depois da guerra, Roosevelt escreveu a um colega de estudos, que preparava uma placa referente à guerra para a escola em que estudaram: “Creio que meu nome deve estar na primeira divisão dos homens que estiveram ‘em serviço’, em especial porque vi o serviço e não fui atingido por torpedos e projéteis.”

Ao sair da zona de guerra, Roosevelt jantou no quartel-general do Exército francês em Château-Thierry. No dia seguinte foi para Nancy, onde inspecionou a Brigada de Infantaria da Marinha americana, e fez uma peregrinação ao campo de batalha de Verdun, visitando seu cemitério e as ruínas da aldeia de Fleury. A caminho do forte Douaumont, seu grupo foi bombardeado: a linha de frente alemã estava a menos de 2 mil metros de distância. Durante suas viagens, viu grupos de desertores italianos que tinham sido pegos e enviados, como punição, para fazerem trabalhos nas estradas francesas. Foi depois a Roma e, então, voltou aos Estados Unidos.¹⁵

Em 5 de agosto, o décimo sexto zepelim alemão foi destruído pelo avião britânico e capitão Robert Leckie, que o fez cair em chamas no mar do Norte, ao largo de Cromer.¹⁶ Era um zepelim do último modelo, com sete motores. Todos os 22 membros da tripulação morreram, inclusive um dos mais vitoriosos comandantes de zepelins, Peter Strasser, que recebera a medalha Pour le Mérite e tinha o título oficial de Chefe dos Dirigíveis. Um ano antes, escrevera: “Se os britânicos conseguissem convencer-nos de que os ataques com dirigíveis têm pouco valor, levando-nos a desistir deles, estaríamos livres de um grave problema e ficaríamos rindo de nós às nossas costas.”

O zepelim de Strasser foi o último a ser abatido. As defesas da costa leste britânica haviam sido desenvolvidas de forma tão eficaz que os centros de controle de alerta, esquadrões de Defesa Nacional e estações de holofotes colocados numa linha ininterrupta desde Edimburgo até Hove tinham tornado qualquer ataque com dirigíveis uma missão praticamente suicida. O desprezo várias vezes expressado por Strasser em relação a essas defesas não o salvou.

Na frente ocidental, apesar de quase exaustas devido aos seus esforços continuados nos quatro meses e meio precedentes, as tropas alemãs não tinham desistido de lutar. Num contra-ataque em 6 de agosto, em Morlancourt, no Somme, reconquistaram uma substancial parte do terreno e fizeram 250 prisioneiros britânicos. Porém, entre

o alto-comando alemão, em Spa, havia um sentimento de fracasso, uma perda do moral e uma perda de entusiasmo. Em 7 de agosto, pareceu ao coronel Mertz von Quirnheim que Ludendorff “tinha um humor completamente inerte”. Ele acrescentou: “Esse espetáculo impressiona pouco. Pobres de nós se os Aliados perceberem que estamos mais fracos. Perderemos a guerra se não nos recompusermos.”

A 77ª Divisão Americana, a primeira divisão do Exército dos Estados Unidos a entrar em ação, com soldados de Nova York, lutou naquela semana. O fato de ser composta apenas por nova-iorquinos tornou-a uma divisão muito heterogênea, que incluía, nas palavras do *Times*, “muitos judeus, alemães ou não, italianos, irlandeses-americanos, gregos, poloneses, escandinavos e quase todo o tipo de pessoas na Terra”.

Na Rússia, tropas tchecas chegaram ao Volga em 24 de julho, capturando Simbirsk, local de nascimento de Lênin e centro de uma fértil região cerealífera. Tropas tchecas dominavam agora uma linha de 5 mil quilômetros, desde o Volga até o Pacífico. Em 25 de julho entraram em Ekaterinburg, onde o czar tinha sido assassinado onze dias antes. No dia seguinte, tropas francesas juntaram-se aos britânicos em Murmansk. Os alemães eram senhores das costas russas do mar Negro e do mar Cáspio. Os bolcheviques lutavam para manter o poder.

Em 5 de agosto, mil soldados das tropas coloniais francesas desembarcaram em Vladivostok. No dia seguinte, 6 mil quilômetros para ocidente, a Legião Tcheca capturou a cidade de Kazan, nas margens do Volga. Naquele mês, a luta pelo poder em Moscou atingiu o clímax quando sociais-revolucionários, que queriam retomar a guerra aos alemães, feriram Lênin e assassinaram dois de seus camaradas mais chegados. A resposta bolchevique consistiu em represálias numa escala massiva. Stálin, enviado para a cidade de Tsarítsin, nas margens do Volga, conduziu um feroz terror vermelho. “Terror sistemático e em massa contra a burguesia e seus agentes”, foi como o próprio Stálin descreveu sua atividade num telegrama para Moscou. Mais tarde, em sua honra, a cidade passaria a ser chamada Stalingrado, mas o terror não seria esquecido.

Nos Estados Unidos, a “cruzada” da construção naval, que em dois anos tinha duplicado o número de navios que navegavam sob a bandeira americana, era cada vez mais impulsionada num incremento extraordinário e tinha como objetivo conseguir uma tonelagem naval suficiente para todas as necessidades de transporte dos Aliados em meados de 1919. Em 5 de agosto, saiu o primeiro navio dos novos estaleiros de Hog Island, onde um pântano fora transformado não em cinco molhes de construção, como era comum, mas em cinquenta. Os trabalhadores de Hog Island

tinham seu próprio banco, sua estação de correios e um jornal semanal.

Em outros dezesseis estaleiros, de Seattle, no Pacífico, até Newport News, no Atlântico, navios eram construídos em procedimentos de emergência. Em Newark, onde tinham sido erigidos 25 molhes num local onde antes havia pântanos, foram fabricados 150 navios pré-fabricados, idênticos, de 8 mil toneladas cada um. Em Camden, Nova Jersey, um navio de 5 mil toneladas foi construído em 27 dias e equipado em dez. Em Harriman, onde foi construída uma zona especial de construção naval, com trinta ruas, foram construídos sessenta navios idênticos, de 9 mil toneladas, em dois anos, podendo ser construídos simultaneamente doze navios. Os trabalhadores envolvidos nessa prodigiosa tarefa seguiam o slogan de Charles M. Schwab, diretor-geral da Corporação de Frotas de Emergência dos Estados Unidos: “Atirem navios contra a Alemanha e salvem a América!”

Em 7 de agosto, tropas francesas, britânicas e dos domínios prepararam-se para um novo assalto na frente ocidental, que deveria ter início no dia seguinte. Entre os homens em ação encontrava-se o tenente Hedley Goodyear, natural da Terra Nova, cujo irmão Raymond tinha sido morto no Somme em 1916 e cujo irmão Stanley tinha sido morto perto de Ypres em 1917. “Estamos na noite que precede o ataque e meus pensamentos estão com vocês em casa”, escreveu Hedley Goodyear à sua mãe. “Mas, quando olho para trás, sinto apenas nostalgia pelas recordações e tristeza por sua vida talvez ficar mais triste se me acontecer alguma coisa na luta em que participarei amanhã.” O ataque seria o primeiro a que Foch chamou de seus “ataques libertadores” contra a nova linha alemã, com o objetivo de fazer os defensores recuarem ao longo de uma linha de frente de 24 quilômetros. Goodyear compreendia a importância do ataque e disse à mãe: “Será dado um golpe amanhã que marcará em definitivo a mudança da maré (...) Darei um golpe pela liberdade, juntamente com milhares de outros, para quem a segurança não conta quando a liberdade está em causa.”

Como Goodyear escrevera, a Batalha de Amiens seria um ponto de virada. Ele e seus amigos canadenses avançaram dez quilômetros, tomando doze aldeias, fazendo 5 mil prisioneiros e capturando 161 peças de artilharia. No ataque em Gentelles, Goodyear deu-se conta de que já “no início do combate” era o único oficial de sua companhia que não tinha sido ferido.

Tinha sob meu comando oito metralhadoras e mais de cem dos melhores soldados do mundo. Dei ordens para que todas as metralhadoras abrissem fogo (...) Ao fim de dez minutos, tínhamos superioridade de fogo (...) Pensei que seria o melhor momento para carregar, por isso dei a ordem, e os rapazes avançaram com as baionetas (...) Não tive piedade até eles desistirem de lutar. Então, não tive coragem para matá-los a tiros.

Tropas australianas também tiveram êxito naquele dia, tomando várias aldeias, fazendo cerca de 8 mil prisioneiros e capturando 173 peças de artilharia. Tendo chegado ao entroncamento da estrada de ferro em Bazoches, no rio Vesle, engenheiros americanos, trabalhando sob um intenso fogo de metralhadoras, prepararam uma ponte feita de troncos de árvores atados, tornando assim possível que as tropas americanas atravessassem o rio, de 1,5 metro de profundidade e cheio de arame farpado. “Atingimos os limites da nossa capacidade”, disse o Kaiser a Ludendorff nesse dia. “A guerra precisa acabar.” Segundo o ponto de vista do Kaiser, contudo, precisava acabar num momento em que a Alemanha estivesse fazendo progressos no campo de batalha, de modo a conseguir pelo menos uma parte de seus objetivos de guerra.

Em 9 de agosto, Ludendorff disse a um colega do Exército: “Já não podemos ganhar a guerra, mas podemos não perder.” Nesse dia, num arriscado voo de mil quilômetros, o avião italiano Gabrielle d’Annunzio sobrevoou Viena durante meia hora, lançando 200 mil panfletos sobre a capital austríaca, apelando aos cidadãos para que se libertassem da “servidão prussiana”. No mesmo dia, o governo britânico reconheceu o Conselho Nacional da Tchecoslováquia “como fiel depositário do futuro governo tcheco-eslovaco”. A Grã-Bretanha foi a primeira potência aliada a dar esse passo, encorajando ainda mais a agitação por trás das linhas no coração do território dos Habsburgos.¹⁷

Em 10 de agosto, terceiro dia da ofensiva aliada na frente ocidental, já tinham sido feitos prisioneiros 24 mil alemães. No ar, pilotos britânicos e observadores, membros do recém-criado Esquadrão de Cooperação do Exército, voaram até as áreas mais recuadas e reportaram o estado das defesas alemãs e o movimento de reforços. Um avião, pilotado pelo capitão Frederick West, com o tenente Alec Haslam como observador, foi atacado por sete aviões alemães. West foi ferido numa perna por três balas explosivas. Quase arrancada, a perna caiu sobre os controles do avião. West levantou-a e, apesar da continuação do fogo de metralhadoras por parte dos alemães, conseguiu voltar à base. O relatório que entregou ao seu comandante no dia seguinte foi conciso: “Senhor comandante, ontem, depois de um voo irregular, fui derrubado às 11h45. Minha perna foi arrancada, mas consegui fazer uma boa aterrissagem. Um huno seguiu-me e aproximou-se quase até oito metros. Haslam ficou ferido num tornozelo. Perdi minha perna esquerda. Fui operado. Boa sorte a todos.”

West recebeu a Cruz Vitória. Sessenta anos depois, explicou: “Eu era muito novo, forte e saudável e tive um pouco de sorte. Amputaram-me a perna numa capela na frente. Pensavam que eu iria morrer.”¹⁸

Nesse mesmo dia, quando chegaram à linha dez divisões alemãs novas, alguns

soldados alemães, ébrios, gritaram-lhes: “O que vocês querem ao prolongar a guerra?” Ninguém sabia quanto tempo mais a guerra duraria. Ainda em 10 de agosto, Churchill disse a Lloyd George que o Corpo de Carros de Combate, para o qual estava construindo tanques, necessitaria de 100 mil homens em junho de 1919. No dia seguinte, Hindenburg e Ludendorff disseram ao novo chefe do Estado-Maior da Marinha, almirante Scheer, que só os submarinos alemães poderiam ganhar a guerra. “Já não há qualquer esperança na ofensiva”, disse Ludendorff a um membro do seu Estado-Maior em 12 de agosto. “Os generais perderam seu ponto de apoio.” Em 14 de agosto, numa reunião com o Conselho da Coroa alemão, em Spa, recomendou que fossem iniciadas negociações de paz. Fez o mesmo diante do imperador Karl, cujo principal conselheiro militar avisou o Kaiser de que a Áustria-Hungria “só poderia continuar na guerra até dezembro”.

O pessimismo de Ludendorff em Spa foi repetido no dia seguinte por um dos mais importantes comandantes do Exército, o príncipe herdeiro Rupprecht da Baviera, que escreveu de Flandres ao príncipe Max de Baden a 15 de agosto: “A nossa situação militar deteriorou-se tão rapidamente que já não acredito que possamos resistir durante o inverno; é até possível que suceda uma catástrofe antes disso.” A sua grande preocupação era o maior triunfo dos Aliados: “Os americanos estão multiplicando-se a um ritmo que nunca sonhamos”, escreveu. “Atualmente, estão prontas trinta e uma divisões americanas na França.”

O alto-comando alemão receava uma derrota ainda antes do fim do ano. Em Londres, contudo, o pessimismo em relação aos resultados das batalhas em 1918, ou mesmo 1919, levou Lloyd George a preparar um memorando para os primeiros-ministros dos domínios, em 16 de agosto, onde apontava suas razões para adiar a ofensiva decisiva na frente ocidental para 1920. Foram colegas seus, que receavam que essa atitude conduzisse a um relaxamento da prossecução vigorosa da guerra durante a primavera de 1919, que o impediram de apresentar seus argumentos aos domínios, como já tinha feito no último dia de julho.

Os planos dos Aliados para 1919 foram mantidos. Em 14 de agosto, e outra vez no dia seguinte, o recém-criado Conselho Inter-Aliado de Munições reuniu-se em Paris. O oficial superior americano presente era Edward Stettinius, o principal agente de compras nos Estados Unidos para os governos aliados, que representava o Ministério da Guerra e havia concordado em que o Exército americano aceitasse uma mistura de armas britânicas e francesas para 1919 e disse que aumentaria o número de comboios que atravessavam o Atlântico para a Europa, de modo a fazer uso integral da grande produção anglo-francesa de munições. Já tinha sido construída uma fábrica de tanques na França, em Châteauroux, para produzir os tanques de que os americanos, bem como os britânicos e os franceses, necessitariam em 1919.

Também estavam em andamento outros planos naquele verão. “Maeterlinck diz que o deus das abelhas é o futuro”, escreveu Churchill, que representava a Grã-Bretanha no Conselho Inter-Aliado de Munições. “No Ministério das Munições, nós éramos as abelhas do Inferno e armazenamos em nossas colmeias a pura essência da chacina. Fico estarecido ao ler, nesses últimos anos, sobre os esquemas diabólicos para matar homens numa vasta escala por meio de maquinaria e produtos químicos a que nos devotamos apaixonadamente.” Em 1918, os alemães possuíam “os maiores armazenamentos de gás de mostarda, mas nossa produção cresce diariamente”, escreveu ele. “Apesar de queimaduras e ferimentos acidentais nas fábricas excederem 100% do pessoal cada três meses, nunca faltaram voluntários.”

Em 16 de agosto, oito dias depois dos franceses, tropas americanas desembarcaram em Vladivostok. No dia seguinte, uma força britânica, vinda do norte da Pérsia, entrou na cidade de Baku, no mar Cáspio, o que representava um desafio britânico tanto para os alemães como para os bolcheviques no Cáucaso. “Se a Entente colocar um czar na Rússia, o país estará fechado para nós”, escreveu o general Hoffmann em seu diário em 22 de agosto. Cinco dias depois, numa notável virada do destino, a Alemanha persuadiu a Rússia bolchevique a assinar um tratado suplementar de paz, segundo o qual os bolcheviques prometiam lutar contra os Aliados no norte da Rússia. Naquilo que entendiam ser os interesses nacionais, Lênin e o Kaiser concordavam, como Stálin e Hitler fariam 21 anos depois. Segundo o tratado de 25 de agosto de 1918, a Alemanha teria controle total da Armada Vermelha e das instalações no mar Negro.

Se Baku voltasse às mãos bolcheviques, a Rússia seria obrigada a enviar para a Alemanha um terço de toda a sua produção de petróleo. Em contrapartida, a Alemanha evitaria que a Finlândia atacasse a Rússia. No início de setembro, o governo antibolchevique da Ucrânia assinou um acordo econômico com a Alemanha.

A retirada da Rússia da guerra, que dera à Alemanha sua última oportunidade de manter seu esforço de guerra, servira também como inspiração para aqueles que, por toda a Europa, tinham esperança de que o proletariado de todas as nações em guerra, em algum momento, abandonasse suas armas como forma de protesto. Na Grã-Bretanha, porém, pacifistas como Clifford Allen, muitos dos quais tinham estado detidos devido à sua recusa em cumprir o serviço militar, reconheciam os limites dos apelos intelectuais à paz. Nesse mês, Allen estava em Edimburgo, onde numa noite, já tarde, pegou um bonde para voltar para casa. “No transporte, num estado de leve embriaguez, com muita hilaridade e muito ódio aos alemães”, escreveu em seu diário. “Que gente temos nós, os pacifistas, de enfrentar. O espírito da guerra torna-

se rapidamente idêntico ao do espectador de um jogo de futebol, e um infinito ódio.”

Sem que os pacifistas britânicos soubessem, e sem que os governos francês e britânico compreendessem, a guerra estava quase terminando. Contudo, era tal o hábito de lutar, e era tal o impacto do “infinito ódio” alimentado durante quatro anos, que Londres, Paris e até mesmo Berlim continuavam a pensar em termos de ofensivas, redução de despesas e prolongamento da guerra para 1919.

Mudança da maré

Agosto a setembro de 1918

Na segunda semana de agosto, os Aliados fizeram consideráveis avanços na frente ocidental, quando os alemães foram expulsos de Antheuil-Portes, ao norte de Compiègne, no limite sul de sua ofensiva de junho. Em 17 de agosto de 1918, enfrentaram um ataque francês em Lassigny, que também tinha sido perdida em junho. Por seis vezes, os franceses atacaram Lassigny e foram repelidos com pesadas baixas, mas, em 20 de agosto, estavam nos arredores da povoação. Nesse dia, Foch sentiu-se suficientemente confiante para escrever a Clemenceau e dizer-lhe que podia garantir a vitória em 1919.

Por toda a frente ocidental, o moral dos alemães estava baixo. Em 20 de agosto, o segundo-tenente britânico Alfred Duff Cooper, em ação pela primeira vez, chegou a uma linha de trem antes de seus homens. “Ao olhar para baixo, vi um homem correndo do outro lado da linha”, escreveu em seu diário.

Dei-lhe um tiro com meu revólver. Vi, então, dois homens, que se moviam cautelosamente abaixo de mim. Gritei-lhes, no pouco alemão que ainda conseguia recordar, que se rendessem e que erguessem as mãos. Assim fizeram imediatamente. Era óbvio que não tinham percebido que eu estava sozinho. Aproximaram-se, com as mãos no ar, e, para minha surpresa, vinham mais atrás. Ao todo eram dezoito ou dezenove. Poderiam atacar-me, se quisessem, pois eu não conseguia sequer atingir um celeiro usando meu revólver e meus homens estavam a cerca de setenta metros. No entanto, foram comigo como cordeiros enquanto eu quase rastejava para evitar o fogo que vinha do outro lado da linha. Dois, que eram homens da Cruz Vermelha, trataram meus feridos.¹

Lassigny, que constituía um importante objetivo dos franceses, foi recapturada em 21 de agosto. Quando, nesse dia, renovou-se a ofensiva no Somme, Haig expressou sua esperança de que a vitória se concretizasse antes do final de 1918. No mesmo dia, forças britânicas avançaram mais de três quilômetros e fizeram 2 mil prisioneiros alemães. Contudo, para cada manchete de vitória havia um título sombrio. Quatro dias antes dessa ofensiva, o oficial da Terra Nova Hedley Goodyear, que tinha conduzido seus homens no ataque de 8 de agosto, escreveu à mãe: “Não se preocupe comigo. Sou à prova de hunos.” Contudo, foi morto por um franco-atirador entre Lihons e Chaulnes. Sua fotografia, que o mostrava em seu uniforme, foi mantida na lareira de sua noiva durante cinquenta anos.

Em 22 de agosto, Duff Cooper estava novamente em ação. “Quando finalmente estávamos formados para o ataque, só vi dez homens”, escreveu ele em seu diário.

E o cúmulo foi quando descobri que o sargento do meu pelotão, que tinha sido excelente durante todo o dia anterior, estava tão bêbado que não serviria para nada. Ainda começou o ataque conosco, mas não o vimos até o dia seguinte. O ataque propriamente dito foi belo e emocionante, um dos mais memoráveis momentos da minha vida. A barragem chegou às 4h. Uma barragem rasante, e nós avançamos atrás dela. Mantínhamos a direção por meio de uma estrela, e à nossa direita brilhava uma enorme lua cheia. Senti uma enorme emoção, sem medo nenhum. Quando atingimos nosso objetivo, a trincheira do inimigo, eu quase não conseguia acreditar; por mais tempo que tivesse passado, pareceu-me apenas um momento. Encontramos muitos alemães mortos. Os outros renderam-se.

Apesar de as forças alemãs na frente do Somme serem em maior número, numa proporção de 42 divisões contra 32, havia um sentimento de determinação e até de entusiasmo nos exércitos aliados. Um a um, foram sendo capturados os cenários da luta desesperada em 1916. A colina de Thiepval foi capturada em 24 de agosto. Quando, em Berlim, o general Wrisberg disse ao Comitê de Orçamento no Reichstag que o alto-comando alemão estava confiante na vitória, foi recebido com “sorrisos de desprezo e desdém”. “Os alemães dariam muito para fazer a paz, mas ainda não estão preparados para aceitar nossas condições”, reportou Sir Horace Rumbold, de Berna a Londres, nesse dia.

Os alemães continuavam sendo rechaçados todos os dias. Em 25 de agosto, foi capturado o bosque de Mametz, que tinha sido o cenário de uma luta feroz e com pesadas baixas em 1916. Em 26 de agosto, os alemães recuaram dezesseis quilômetros numa frente de noventa quilômetros. Apenas o receio de um colapso completo de seus exércitos levou Ludendorff a rejeitar um apelo de seus comandantes do Exército para recuarem ainda mais. Em 27 de agosto, tropas

britânicas capturaram o bosque de Delville, outro cenário de uma carnificina em 1916. Dois dias depois, os alemães iniciaram a evacuação de Flandres, desistindo de todas as cidades, aldeias, colinas e rios que tinham conquistado quatro meses antes. Ludendorff decidira utilizar apenas uma estratégia defensiva para defender a linha Hindenburg a todo o custo.

Depois de uma reunião com o Gabinete de Guerra em Londres, Sir Henry Wilson, então chefe do Estado-Maior imperial, sentindo-se nervoso, enviou um telegrama a Haig, advertindo-o para o fato de que “o Gabinete de Guerra ficará muito ansioso se recebermos uma forte punição por atacar a linha Hindenburg sem êxito”. Cautela era a palavra-chave naquele momento, de ambos os lados da linha. Ninguém queria voltar aos quatro anos de carnificinas intermitentes e intensas que tinham chegado ao fim. Em 30 de agosto, o chanceler austríaco, conde Burian, informou às autoridades em Berlim que a Áustria pretendia iniciar suas próprias negociações de paz. Principalmente da frente italiana, mas também dos Bálcãs e de aquartelamentos espalhados por todo o império, calculava-se, no início de setembro, que 400 mil homens tinham desertado do Exército austríaco.

Os alemães não tinham um momento de sossego na frente ocidental. No final de agosto, os aliados lançaram ferozes ataques contra eles. Em 30 de agosto, o general Mangin, que quatro anos antes tivera êxito numa manobra na retaguarda com dois batalhões em retirada para o Marne, lançou uma divisão francesa contra forças alemãs a leste de Soissons, obrigando os alemães a retroceder para além do rio Aisne. Nesse dia, os americanos capturaram Juvigny, oito quilômetros ao norte de Soissons. Em 31 de agosto, forças australianas capturaram Péronne, obrigando os alemães a abandonar sua posição fortificada no monte Saint-Quentin. Nesse dia, foram atribuídas oito cruzeiras Vitória a combatentes das forças atacantes. Dois dias depois, em 2 de setembro, tropas canadenses atacaram a linha Hindenburg no desvio de Drocourt-Quéant. Numa batalha de quatro horas, penetraram na última e forte linha da defesa alemã. Sete homens receberam a Cruz Vitória por sua ação no ataque.

Perto de Arras, também em 2 de setembro, o tenente Alec de Candole, de 21 anos, do Regimento de Wiltshire, expressou em verso suas esperanças num futuro não muito distante:

*When the last long trek is over,
And the last long trench filled in,
I'll take a boat to Dover,
Away from all the din;
I'll take a trip to Mendip,
I'll see the Wiltshire downs,*

*And all my soul i'll then dip
In peace no trouble drowns.
Away from noise of battle,
Away from bombs and shells,
I'll lie where browse the cattle,
Or pluck the purple bells;
I'll lie among the heather;
And watch the distant plain,
Through all the summer weather,
Nor go to fight again.²*

Dois dias depois de ter escrito essas linhas, o tenente Candole foi morto num ataque aéreo às trincheiras defendidas pelos alemães.

Em 3 de setembro, Foch deu ordens para ataques contínuos ao longo de toda a extensão da frente ocidental. No mesmo dia, Ludendorff emitiu uma ordem secreta para que acabassem com a conversa derrotista dos soldados alemães que estavam de licença. “O sentimento público em Berlim não é bom”, anotou o general Hoffmann em seu diário. Três dias depois, em 6 de setembro, forças alemãs completaram sua evacuação do saliente de Lys. Em 8 de setembro, Ludendorff ordenou a evacuação do saliente de Saint-Mihiel, num momento em que franceses e americanos se preparavam para fazer um ataque massivo ao saliente.

Quando Ludendorff ordenou a retirada, os Aliados já tinham juntado mais de 3 mil peças de artilharia e 40 mil toneladas de munições para o ataque. Para dar assistência aos que, inevitavelmente, ficassem feridos, reuniram-se 65 trens de evacuação em vias não utilizadas e havia 21 mil camas disponíveis em hospitais. Para transportar tropas, armamento e munições, tinham sido construídos 25 quilômetros de estradas, utilizando 100 mil toneladas de pedra triturada, e foram construídos mais de setenta quilômetros de estrada de ferro de via comum e quatrocentos quilômetros de estradas de ferro de via estreita.

Mesmo quando a ofensiva de Saint-Mihiel estava nos últimos dias de preparativos, Foch e Haig alimentavam planos estratégicos ainda mais ambiciosos, pensando numa penetração nas frentes de Ypres e do Somme. Isso significava que Pershing não poderia contar com trezentos tanques pesados que pensava que Haig transferiria para ele quando da ofensiva de Saint-Mihiel, enquanto os franceses haviam fabricado apenas 267 dos quinhentos tanques pesados que Pershing pedira. Os sucessos do mês anterior tinham encorajado Haig e Foch a pensar para além de uma limitada conquista de linhas de trincheiras ou do reforço de salientes. Durante agosto, os britânicos, os franceses e os americanos tinham feito 150 mil prisioneiros

alemães e capturado 2 mil peças de artilharia e 13 mil metralhadoras. Os britânicos e os franceses esperavam, por meio de uma ofensiva a ser desencadeada no final de setembro, conseguir ainda mais. Em Londres, Haig pediu ao Ministério da Guerra, em 10 de setembro, homens montados e todas as formas de munições para conseguir mobilidade para um novo tipo de guerra, a guerra de movimento, que previa que aconteceria “num futuro próximo”.

Na Alemanha, em 10 de setembro, despertando de seu alheamento e de sua depressão, o Kaiser falou aos trabalhadores das fábricas de munições Krupp em Essen. Sua intenção era que o discurso provocasse entusiasmo pela guerra, mas, quando disse que quem espalhasse boatos falsos ou distribuisse panfletos antibelicistas seria enforcado, os trabalhadores ficaram em silêncio.

Em 11 de setembro, os americanos começaram os preparativos finais para expulsar os alemães do saliente de Saint-Mihiel. Poucos dias antes, artilheiros alemães tinham retirado alguns de seus canhões pesados dos bosques acima da povoação, enganados por um logro americano deliberado que convencera o alto-comando alemão de que o ataque principal viria por outro lado, contra Mulhouse. Uma cópia ou parte das ordens operacionais para o ataque a Mulhouse havia sido descartada num cesto de papéis em Belfort e, como se pretendia, fora encontrada por um agente alemão e interpretada “corretamente” para benefício dos americanos.

No entanto, a batalha seria feroz. “Os tanques americanos não se rendem enquanto houver um veículo que possa continuar em frente”, informou aos seus homens, em 11 de setembro, o tenente-coronel George S. Patton Jr. “Sua presença salvará a vida de centenas de homens da Infantaria e matará muitos alemães.”³ Quando a batalha começou, em 12 de setembro, mais de 200 mil soldados americanos, apoiados por 48 mil soldados franceses, avançaram, sob uma chuva diluviana, ao longo de uma frente de vinte quilômetros. A falta de tanques britânicos e franceses provou não ser um obstáculo ao sucesso. Durante o avanço, os artilheiros americanos dispararam 100 mil granadas de gás fosgênio, incapacitando 9 mil alemães e matando cinquenta homens. No ar, estava em ação o maior número de aviões jamais visto em combate, somando 1.483 aparelhos pilotados por americanos, franceses, italianos, belgas, portugueses e brasileiros, todos sob comando americano.

Os alemães não tinham qualquer chance de chegar perto desses números nem de igualar a determinação e o zelo das novas tropas americanas, entre as quais muitos homens entravam em combate pela primeira vez. “Avancem por ali”, exortava o coronel William “Wild Bill”, da Divisão Arco-Íris, a esses homens. “O que pensam que é isso? Uma vigília?” Dentro de 48 horas, os americanos tinham feito 13 mil prisioneiros alemães e capturado duzentas peças de artilharia. Faziam-se prisioneiros das formas mais bizarras. Em Bouillonville, o sargento americano Harry J. Adams

viu um alemão correr para um abrigo profundo. Adams tinha apenas duas balas em sua pistola e disparou-as contra a entrada do abrigo, gritando ao homem para que se rendesse. O alemão saiu, seguido por outro, e, para espanto de Adams, que já não tinha mais balas, continuaram a sair alemães até todos os trezentos ocupantes do abrigo se renderem. Armado apenas de sua pistola sem balas, marchou com eles até as linhas americanas. Quando a coluna foi vista, pensou-se a princípio que se tratava de um contra-ataque alemão.

O alto-comando alemão estava estupefato com a rapidez do sucesso inicial dos americanos. Um oficial que visitou Ludendorff em 12 de setembro notou que “estava tão diminuído pelos acontecimentos daquele dia que não era capaz de ter uma conversa clara e compreensível”. Os americanos não tinham sido vitoriosos sem perdas consideráveis. No cemitério militar americano em Thiaucourt, onde depois da guerra foram colocados os mortos da Batalha de Saint-Mihiel, há 4.153 sepulturas e, no muro, os nomes de 284 combatentes desaparecidos.

Ao meio-dia de 13 de setembro, tropas francesas entraram em Saint-Mihiel. Pétain foi ao quartel-general de Pershing poucas horas depois, e os dois homens dirigiram-se juntos à cidade. Pétain explicou aos habitantes que, apesar de tropas francesas terem libertado a cidade, tinham-no feito como parte do 1º Exército Americano, cujos soldados tinham tornado a libertação possível com suas vitórias nos flancos. Entre os civis libertados estava uma moça irlandesa, Aline Henry, que ali estava, sem poder sair, havia quatro anos, desde que chegara à França, em junho de 1914, para aprender francês. Para a consternação dos habitantes, os alemães tinham levado com eles todos os homens com idades entre 16 e 45 anos, mas, depois de fazê-los marchar quinze quilômetros para leste, deixaram-nos regressar. Nessa noite, ao entrarem em Thiaucourt, os americanos capturaram o professor Otto Schmeernkase, descrito num comunicado francês como “o especialista alemão em gás e que utilizou cloro como uma forma civilizada de tortura”.

Ao entrarem na aldeia de Essey, os americanos ficaram surpreendidos ao ver, como MacArthur, na época comandante de brigada, recordou, “o cavalo de um oficial alemão, com sela e arreios, num estábulo, além de uma bateria de canhões com todos os itens e todos os instrumentos da banda de um regimento”. Os americanos tiveram muita dificuldade em persuadir os habitantes a saírem de seus esconderijos, pois não sabiam que os soldados americanos estavam na guerra.

Avançando pelas linhas alemãs nessa noite, acompanhado pelo seu ajudante, MacArthur pôde ver, pelos binóculos, a cidade de Metz, que não lhe pareceu suficientemente defendida. Então, propôs aos seus superiores que se fizesse um ataque-surpresa imediato, um prolongamento da ofensiva de Saint-Mihiel. “Era uma oportunidade única para quebrar a linha Hindenburg em seu ponto fulcral”, escreveu ele mais tarde. MacArthur foi apoiado pelo oficial de operações do 1º Exército, coronel George C. Marshall, mas Foch, Pétain e Haig já estavam elaborando planos

para uma ofensiva aliada coordenada, em outro local, dentro de duas semanas e não queriam fazer uma ofensiva “prematura” ou desviarem-se do que seria uma grande batalha.

O domínio do saliente de Saint-Mihiel e a libertação da própria Saint-Mihiel tinham sido êxitos suficientes. O saliente tinha estado em mãos alemãs durante quatro anos e resistido a dois ataques dos franceses. Como vitória, tinha sido perfeita. “Foi uma operação de guerra tão rápida e limpa quanto possível, e talvez o mais entusiasmante tenha sido a prova que deu de que a precisão, a capacidade e a imaginação da liderança americana não são inferiores ao espírito das suas tropas”, escreveu o *Manchester Guardian*. Por fim, os soldados americanos conseguiam o reconhecimento que mereciam. Contudo, até seus últimos dias, MacArthur ainda achava que a vitória de Saint-Mihiel devia ter sido continuada imediatamente com a tomada de Metz. “Se tivéssemos aproveitado essa oportunidade, teriam sido salvos milhares de vidas americanas que se perderam nos obscuros recessos da floresta de Argonne”, escreveu ele mais tarde.

O entusiasmo de MacArthur contrastava com os muitos problemas que surgiam apesar da vitória de Saint-Mihiel. No dia em que defendeu um avanço maior, seu chefe de divisão advertiu-o para o fato de que os homens não estavam recebendo adequadamente alimentos e roupas. Problemas logísticos obrigaram os tanques do coronel Patton a esperarem 32 horas por abastecimento de combustível para percorrerem quinze quilômetros. Em 15 de setembro, quando Clemenceau se dirigiu ao saliente de Saint-Mihiel, ficou muito zangado com o caos e as condições das estradas. “Queriam ter um Exército americano e tiveram-no”, escreveu mais tarde com certo desdém. “Quem visse, como eu vi, o impossível congestionamento em Thiaucourt seria testemunha de que não o tiveram mais cedo por causa de si mesmos.” Ainda mais ominoso para a próxima ofensiva, a apenas duas semanas de distância, foi um relatório dos serviços secretos alemães que dizia: “Os americanos ainda não adquiriram experiência suficiente e não precisam ser temidos numa grande ofensiva. Até agora, nossos homens tiveram uma opinião excessivamente favorável sobre os americanos.” Saint-Mihiel tinha constituído uma vitória, mas “a grande ofensiva” ainda estava para vir.

Nos setores francês e britânico, tinham sido desencadeados pequenos ataques à linha Hindenburg durante a ofensiva a Saint-Mihiel, tendo sido rechaçados vários contra-ataques alemães, mas as forças alemãs não recuavam. Os rumores sobre sucessos dos Aliados poderiam, afinal, ser falsos. A aldeia de Pagny-sur-Moselle, por exemplo, o ponto mais ao sul das defesas fortificadas alemãs, que se disse ter sido invadida pelos americanos durante a ofensiva de Saint-Mihiel, manteve-se sob controle alemão até o final da guerra. Perto do memorial da aldeia há uma placa dedicada a um rapaz de 15 anos, executado pelos alemães “sem razão” apenas dois meses depois do início da guerra. O próprio memorial representa um soldado com

seu cão.

Nos meses de agosto e setembro, a Rússia foi, mais uma vez, um foco de preocupação para os Aliados. Em 31 de agosto, o adido naval britânico em Petrogrado, capitão Cromie, foi assassinado pelos bolcheviques no interior do edifício da embaixada. Em 2 de setembro, os bolcheviques anunciaram a instituição do Terror Vermelho, executando 512 opositores ao regime apenas em Petrogrado. Em 11 de setembro, 4.500 soldados americanos desembarcaram em Arcangel. Nesse dia, perto de Murmansk, tropas britânicas, depois de uma ação bem-sucedida contra o Exército Vermelho, avançaram quarenta quilômetros ao longo do rio Duína.

Em 14 de setembro, os Aliados desencadearam sua ofensiva na frente de Salonica, precedida de seis horas de bombardeio de artilharia às posições búlgaras. No quartel-general alemão em Skopje, cem quilômetros ao norte, ouvia-se o ruído dos canhões, um murmúrio distante na tranquilidade da manhã. Contudo, como tantas vezes sucedera na frente ocidental, o fogo de artilharia, apesar de destruir o arame farpado inimigo, manteve os ninhos de metralhadoras e postos de artilharia relativamente intocados. Um assalto sérvio à íngreme montanha de Vetrenik teve êxito, e o ataque final, com baionetas, foi feito por tropas francesas e senegalesas.

Nesse dia, os austríacos pediram às potências aliadas, aos Estados Unidos e aos países neutros que aceitassem “uma troca de pontos de vista, feita de forma confidencial e sem compromisso”, em solo neutro, com vista a determinar se seria possível fazer a paz. Os Estados Unidos rejeitaram imediatamente o convite; a Grã-Bretanha e a França fizeram-no pouco depois. Até mesmo o governo alemão ficou incomodado. A guerra continuaria, desgastando as energias vitais de milhões de pessoas. Um exemplo desse desgaste aparece no diário do pacifista Clifford Allen, que se encontrou com o subsecretário do Partido Trabalhista britânico, Jim Middleton, em 14 de setembro: “Jim está claramente desolado com as desgraças da guerra. Está quase aterrorizado com a cena de trens cheios de soldados, com mochilas e capacetes, saindo de Victoria e de Waterloo e passando com estrondo perto de sua casa em Wimbledon. Perdeu a alegria e o humor.”

Um novo fator na batalha na Macedônia, prolongada durante todo o dia seguinte, foi a participação da Divisão Iugoslava, numa demonstração da determinação dos eslavos do sul — eslovenos, croatas, sérvios, bósnios, montenegrinos e macedônios — a unirem-se territorialmente quando os austríacos fossem expulsos de Laibach, Agram, Belgrado, Saraievo, Cetinje e Skopje. Ao atravessarem a antiga fronteira greco-sérvia, em 15 de setembro, os soldados dessa divisão interromperam o assalto por momentos para se abraçarem e para abraçarem as tropas francesas que lutavam a seu lado. Receberam ordens para voltarem à ação, pois a batalha não estava

terminada.

Nesse dia, estavam em ação 36 mil sérvios, franceses e italianos contra 12 mil búlgaros e alemães, mas os metralhadores búlgaros foram tão tenazes que os franceses decidiram utilizar lança-chamas, pela primeira vez na frente de Salonica, para os desalojarem, expulsando os defensores de três cumes de montanhas. No dia seguinte, 16 de setembro, o comandante do 2º Exército Búlgaro, general Lukov, expressou verdadeiro apoio aos austríacos interessados em fazer esforços pela paz. O czar Ferdinand, seu rei e seu comandante-chefe responderam: “Vá e morra para manter suas linhas atuais.”

Em 16 de setembro, dois regimentos búlgaros amotinaram-se, sem qualquer intenção de continuar a lutar. O comandante alemão, general Von Scholtz, um dos heróis de Tannenberg, ordenou ao general Reuter, seu compatriota que comandava as reservas, que fosse para o campo de batalha com os oficiais do seu Estado-Maior e que, com a pistola em punho, acabasse com a amotinação dos búlgaros. Quando ficou claro que a maioria dos búlgaros não continuaria a lutar, Von Scholtz ordenou uma retirada limitada. O pedido feito a Hindenburg para o envio de reforços passou para o chefe do Estado-Maior austríaco, general Arz von Straussenburg, que não pôde dispensar homens para um teatro de guerra distante e quase esquecido. A única força disponível, que levaria pelo menos duas semanas para chegar, era uma brigada alemã que estava na Crimeia com ordens para ir por mar para o porto búlgaro de Varna e depois atravessar a Bulgária, dirigindo-se para a Macedônia.

Em 18 de setembro, tropas britânicas e gregas atacaram no lago Doiran, mas houve fracassos: os homens do batalhão South Wales Borderers, tendo atingido o cume do Grand Couronné, foram obrigados a retirar-se diante do intenso fogo búlgaro de metralhadoras e entraram numa nuvem do gás lançado pelos britânicos. O oficial no comando, o tenente-coronel Burges, que tinha sido ferido três vezes e feito prisioneiro, recebeu a Cruz Vitória. Num ataque à colina de Pip, feito por três batalhões britânicos, o fogo de metralhadoras foi novamente tão intenso que apenas um em cada três atacantes retornou à ravina onde haviam iniciado o ataque. Em determinado momento, os projéteis da artilharia búlgara deram origem a um incêndio na vegetação, que, ajudado pelo vento, obrigou uma divisão grega de Creta a abandonar a montanha.

Depois de dois dias de luta, a cidade de Doiran estava em mãos aliadas, bem como o Petit Couronné, mas o Grand Couronné ainda era dominado pelos búlgaros; no entanto, em 20 de setembro, o Exército búlgaro recebeu ordem de retirada. Os britânicos, franceses e gregos, ao avançarem para posições que tinham atacado em vão quatro dias antes, verificaram que estavam desertas. As colinas de Pip, Grand Couronné e Olho do Diabo, que durante dois anos tinham olhado sobranceiramente por sobre as linhas aliadas, rindo de todas as tentativas de conquista, estavam indefesas e não serviam para nada. Os soldados que haviam travado uma batalha

fracassada no dia anterior estavam no local, mortos e insepultos.

Dois dias depois, tropas sérvias estavam 22 quilômetros ao norte da linha de partida. Tropas francesas marroquinas, os *spahis*, avançaram em seus ganhões e entraram na cidade de Prilep em 21 de setembro, que tinha sido evacuada por alemães e búlgaros. Os habitantes sérvios carregaram em seus ombros os primeiros libertadores naquilo que tinha sido, poucas horas antes, e durante os três anos anteriores, o quartel-general alemão.

As derrotas búlgaras na Macedônia tinham conduzido a tumultos na capital da Bulgária, Sófia, e a uma amotinação da guarnição da cidade. Em 23 de setembro, houve agitação em mais duas cidades búlgaras, onde estudantes revolucionários haviam estabelecido sovietes. Foram enviados cadetes búlgaros leais para dispersar os amotinados em Sófia, assim como acontecera na defesa do antigo regime em Petrogrado, assistidos em sua tarefa pela divisão alemã que tinha acabado de chegar à Bulgária, vinda da Crimeia, tarde demais para inverter o curso da batalha na Macedônia.

Em 25 de setembro, forças britânicas entraram na Bulgária. Dois dias depois, foi declarada uma república búlgara na pequena cidade industrial de Radomir, sob a presidência do líder camponês Alexander Stamboliiski. Contudo, apesar do apoio de 15 mil soldados, não se conseguiu tomar o poder na capital: depois de três dias de luta em Vládaia, dezesseis quilômetros ao sul de Sófia, forças republicanas foram derrotadas, e Stamboliiski (que seria primeiro-ministro com o rei Bóris em 1919), fugiu e escondeu-se.

Enquanto decorria a abortada revolução, a capital da Macedônia, Skopje, que a Bulgária tanto tinha cobiçado para si mesma, caía em mãos francesas. Os *spahis*, comandados pelo general Jouinot-Gambetta, tinham percorrido os últimos noventa quilômetros em seis dias. Jouinot-Gambetta era sobrinho de Léon Gambetta, que tinha saído da cercada Paris num balão em 1870, com o objetivo de organizar a resistência das províncias francesas contra os invasores alemães. Agora, era a Alemanha que se retirava, tendo perdido a esperança de defender os Bálcãs e deixando o coração das Potências Centrais praticamente aberto ao avanço aliado pelo sul. A sorte parecia estar a favor dos vencedores: uma nova divisão austríaca, a 9ª, que tinha sido enviada por trem, estava a apenas oitenta quilômetros de Skopje quando Jouinot-Gambetta e seus *spahis* entraram na cidade sem encontrar oposição.

Em 16 de setembro, o presidente Woodrow Wilson rejeitou um pedido austríaco de conversações de paz. No dia seguinte, Clemenceau fez o mesmo. Uma proposta alemã de uma paz separada com a Bélgica, desde que não houvesse exigências de restituições ou indenizações por parte da Bélgica, foi rejeitada pelos belgas em 19 de dezembro. Na frente ocidental, os Aliados tinham continuado a avançar. Em sete

dias, até 24 de setembro, a Força Expedicionária Britânica fez 30 mil prisioneiros, mais do que em qualquer semana anterior ao longo de toda a guerra. Ao falar para quatrocentos oficiais de submarinos em 25 de setembro, o Kaiser insurgiu-se contra atos de traição. Apenas duas semanas antes, um de seus submarinos tinha, no prosseguimento de sua política de guerra, torpedeado sem aviso um transatlântico da Union Line, o *Galway Castle*, no canal da Mancha, com a perda de 154 vidas.

Na Palestina, em 17 de setembro, um sargento indiano desertou do exército de Allenby e atravessou as linhas turcas ao norte de Jerusalém, avisando ao inimigo que haveria uma grande ofensiva dentro de dois dias. Os comandantes turcos, entre os quais Mustafa Kemal, acreditaram nele, mas Liman von Sanders, não, e não foram feitos preparativos especiais. À meia-noite de 19 de setembro, a artilharia britânica iniciou um bombardeio. Na madrugada do dia seguinte, Allenby retomou a ofensiva na direção norte, que tinha terminado um ano antes com a captura de Jerusalém. Em poucas horas, sua Infantaria tinha penetrado nas defesas turcas e sua cavalaria pôde avançar rapidamente para norte através da planície costeira.

A Força Aérea mostrou-se um importante fator no novo avanço de Allenby. Nessa manhã, durante duas horas, as forças aéreas britânica e australiana bombardearam as instalações telefônicas alemãs e turcas e edifícios de telégrafos em Afula, Nablus e Tulkarm, interrompendo todos os contatos entre o general Liman von Sanders e seus comandantes. O principal campo de aviação alemão, em Jenin, foi também posto fora de ação. Durante sete dias, à medida que a cavalaria de Allenby avançava, o bombardeio de estradas, ferrovias e concentrações de tropas destruiu por completo os planos de defesa alemães e turcos.

Em 20 de setembro, as tropas de Allenby entraram no vale de Jizreel e, em dois dias de luta, fizeram 7 mil prisioneiros. Os turcos estavam desmoralizados e ansiosos por desistir da luta. Em Afula, na estrada de ferro Haifa-Damasco, um regimento de cavalaria indiano carregou contra uma posição turca, matando cinquenta homens e fazendo quinhentos prisioneiros ao custo de apenas um homem ferido e doze cavalos mortos. Perto de Megido, o Armagedom bíblico, onde os turcos tinham recebido a ordem de resistir, os únicos tiros foram disparados por nove fuzileiros alemães que, longe de suas posições, foram silenciados por duas metralhadoras. A cavalaria britânica dirigiu-se então para Nazaré, onde, às primeiras horas de 21 de setembro, a guarnição de 3 mil homens foi feita prisioneira. O exército tinha avançado 65 quilômetros num só dia.

Von Sanders fugiu para Nazaré sem nem mesmo trocar seu pijama. Os turcos, sem vontade nem meios para resistir, fugiram para norte e para leste. Nesse dia, havia duas colunas turcas em retirada, de Tulkarm e de Nablus, através das colinas e dos desfiladeiros da Samaria. Ambas as colunas foram atacadas por aviões britânicos

e australianos. Um historiador australiano escreveu acerca dos turcos que tentavam chegar a Nablus a partir de Tulkarm, numa coluna de cerca de três quilômetros: “Piloto após piloto, voando em perfeita ordem, lançaram suas bombas, e, depois, assistidos por observadores, varreram os infelizes turcos à metralhadora. Quando acabaram as munições, foram rapidamente ao seu aeródromo para buscar mais e voltaram à chacina. Alguns pilotos fizeram quatro viagens nesse dia.”⁴

Mais para leste, ainda nesse dia, foi feito um intenso ataque aéreo aos turcos que tentavam chegar ao rio Jordão a partir de Nablus. Foi o ataque aéreo mais devastador da guerra. Mais de cinquenta aviões bombardearam e metralharam os turcos e suas colunas de abastecimento enquanto desciam em fuga o estreito desfiladeiro do *wadi* Fara. Foram lançadas mais de nove toneladas de bombas e disparadas 56 mil balas de metralhadora enquanto os turcos tentavam chegar ao rio. Os bombardeiros atingiram primeiro os veículos na frente da coluna, de modo que os outros foram obrigados a parar. Então, metodicamente, destruíram a longa linha de veículos estacionados, causando pânico nos homens metralhados enquanto tentavam escapar, fosse descendo a inclinada escarpa do *wadi* ou subindo para o cume.⁵

No dia seguinte, 22 de setembro, foi feito um segundo ataque aéreo aos turcos que desciam para o Jordão a partir do *wadi* Fara, sendo lançadas mais quatro toneladas de bombas e disparados 30 mil cartuchos de metralhadoras. “Num lado da estrada, “caminhões abandonados, em movimento, chocavam-se com canhões que tinham sido empurrados com suas equipes contra outros caminhões de transporte, e a acumulação crescia, lançando canhões e caminhões pelo precipício até tudo parar devido ao próprio peso”, escreveu H. A. Jones, historiador da Força Aérea britânica. Alguns dos pilotos que bombardearam os turcos em retirada ficaram de tal forma enjoados com o que viram que pediram para ser poupados de missões semelhantes.

Os turcos tinham sido totalmente esmagados pelo poder aéreo britânico e pela rapidez da cavalaria aliada. Em 22 de setembro, Allenby perguntou ao comandante do Corpo Montado do Deserto quantos prisioneiros tinham sido feitos. Ao ser-lhe dito que tinham sido capturados 15 mil homens, riu e disse ao comandante: “Não me bastam! Quero 30 mil.” Seu desejo foi satisfeito. Em 23 de setembro, quinhentos cavaleiros capturaram o porto de Haifa e, galopando para norte, entraram na cidade dos cruzados, Acre. Nesse dia, no *wadi* Fara, foi feito um terceiro bombardeio às tropas turcas que tentavam chegar ao rio Jordão, com o uso de seis toneladas de bombas e 33 mil balas de metralhadora. Entre os veículos destruídos no bombardeio que durou três dias, estavam cinquenta canhões, noventa peças de artilharia e 840 veículos puxados por cavalos. Centenas de soldados turcos foram mortos. A morte vinda do ar tinha assumido uma nova dimensão.

Em 25 de setembro, soldados de cavalaria australianos e neozelandeses atravessaram o rio Jordão e entraram em Amã pela estrada de ferro Berlim-Bagdá. Ao todo, tomaram parte no ataque 2.750 soldados de cavalaria e foram feitos 2.563

prisioneiros turcos, elevando o total de prisioneiros feitos pela Força Expedicionária Egípcia a 45 mil. Zangado, um oficial alemão capturado disse a quem o interrogava: “Tentamos cobrir a retirada turca, mas esperávamos que fizessem alguma coisa, que, no mínimo, mantivessem a calma. Por fim, concluímos que não mereciam que lutássemos por eles.”

Meia hora antes da meia-noite de 25 de setembro, menos de duas semanas depois de seu início e apenas dez dias depois pela conclusão da ofensiva de Saint-Mihiel, 37 divisões francesas e americanas desencadearam uma nova e ainda mais ambiciosa ofensiva. Dessa vez, o ataque foi contra a floresta de Argonne, ao longo do rio Meuse. Nessa noite, como parte do bombardeio preliminar, a Força Expedicionária Americana lançou oitocentas granadas de gás fosgênio, incapacitando mais de 10 mil soldados alemães e matando 278 inimigos. Estiveram em ação quase 4 mil peças de artilharia, “nenhuma delas fabricada nos Estados Unidos”, como comentou um historiador americano.⁶

Entre os comandantes de bateria americanos, estava o capitão Harry S. Truman. “Disparei 3 mil balas de 75, das 4h às 8h”, recordou mais tarde. “Dormi na orla de um bosque, à direita da minha posição na bateria, na sexta-feira à noite. Se não tivesse acordado e levantado às 4h, não estaria aqui, porque, com seu fogo de barragem, os alemães acertaram o local onde eu havia dormido!”

As seis horas de bombardeio continuaram durante a noite. Depois, às 5h30 de 26 de setembro, mais de setecentos tanques avançaram, seguidos pela Infantaria, obrigando os alemães a recuar cinco quilômetros. A artilharia, que tinha sido tão eficaz durante a noite, avançou, perseguindo os alemães em retirada. “Enquanto avançávamos por uma estrada abaixo de um aterro, uma bateria francesa de 155 milímetros atirou por cima de mim, e, por isso, ainda hoje tenho dificuldade para ouvir quando há barulho”, recordou Truman quatro anos depois.

Pela manhã de 27 de setembro, tinham sido feitos 23 mil prisioneiros alemães. Nesse dia, perto de Cambrai, a Força Expedicionária Britânica atacou a linha Hindenburg. Mais de mil aviões apoiaram o ataque, sendo lançadas setecentas toneladas de bombas e disparadas 26 mil balas de metralhadora. Ao cair da noite, as forças atacantes tinham feito 10 mil prisioneiros e capturado duzentas peças de artilharia. Mesmo para os padrões da frente ocidental, a escala das baixas alemãs foi tremenda: 33 mil prisioneiros num só dia. Contudo, a luta na floresta de Argonne mostrou que o Exército alemão não desistiria, e os americanos sofreram consideravelmente com a tenaz resistência que encontraram. Como disseram os americanos: “Cada maldito alemão que não tinha uma metralhadora, tinha um canhão.” Uma divisão americana, que entrou em pânico devido a um contra-ataque alemão, fugiu desordenadamente.

Para os padrões da frente ocidental, os americanos tiveram sucesso. Montfaucon, que Pétain pensara que poderia ser defendida até o inverno, foi capturada em 27 de setembro e foram feitos avanços até dez quilômetros. Porém, com um plano muito mais ambicioso, o insucesso pareceu doloroso.

Em 28 de setembro, os britânicos desencadearam a grande ofensiva planejada por Haig, dando início à Quarta Batalha de Ypres. Quinhentos aviões participaram da ação. Entre os soldados neozelandeses em Gheluvelt nesse dia, estava o general Freyberg, nove vezes ferido, que escreveu a um amigo: “Comandei minha brigada montado a cavalo (um cavalo branco, alemão e muito feio). Avançamos sob uma barragem de fogo até que o mataram.” O avanço no terreno foi rápido, e Wijtschate caiu durante o dia, com a rendição de 4 mil alemães. Tropas belgas também estiveram em ação em 28 de setembro, recapturando Passchendaele, cenário de um terrível massacre um ano antes, com poucas baixas.

Nessa noite, Ludendorff pressionou Hindenburg para que a Alemanha tentasse conseguir um armistício imediato. Sem que soubessem, Lloyd George e seu ministro da Guerra, lorde Milner, ainda não convencidos de que a rapidez do avanço britânico significava que os alemães podiam ser vencidos, insistiam em que Haig reduzissem os recursos britânicos na ofensiva, de modo a preservar seus homens para as batalhas de 1919. Na Grã-Bretanha, intensificava-se o foco nessas batalhas. “Nunca esquecerei quando, no final de setembro de 1918, ao visitar um grande estaleiro no norte da Inglaterra, vi a fabricação e os testes de um tipo de rifle alemão contra as placas do nosso novo tipo de tanque, o Mark VIII”, escreveu mais tarde George Dewar, que era perito em munições. “Depois, passei a outro estaleiro no mesmo distrito e vi a produção e os testes do motor que seria usado naquele supertanque. O Mark VIII nunca entraria em ação, mas, se a guerra tivesse continuado, a Grã-Bretanha teria construído e enviado para a frente, no início da primavera de 1919, grandes quantidades daquele extraordinário carro.”

Na frente de Salonica, tinham sido feitos prisioneiros mais de 10 mil soldados búlgaros e alemães na terceira semana de setembro. Em 28 de setembro, a Bulgária, já com tropas britânicas e gregas em seu solo, iniciou conversações para um armistício com franceses e britânicos em Salonica, sendo a primeira das Potências Centrais a conseguir suspender a luta. Em Spa, Ludendorff continuava a insistir com Hindenburg para que a Alemanha também tentasse um armistício com os Aliados. Na manhã seguinte, 29 de setembro, os dois líderes militares alemães, uma temida combinação que várias vezes esteve à beira de derrotar todos os inimigos, foram ao Kaiser e disseram-lhe que a guerra não podia continuar.

Ludendorff e Hindenburg explicaram que o problema não residia apenas na

vontade e na capacidade de luta dos soldados alemães, mas também na profunda relutância do presidente Wilson em negociar, sob qualquer forma, com o próprio Kaiser ou com seus chefes militares. Encarando não só a derrota militar, mas também uma democratização política de seu país, o Kaiser assinou uma proclamação que estabelecia um regime parlamentar. Num único dia, tinha chegado ao fim o militarismo e a autocracia germânicos.

Contudo, as batalhas continuaram, e com ainda maior ferocidade, na frente Meuse-Argonne. Em 29 de setembro, quarto dia de batalha, as forças americanas detiveram-se, em parte devido à persistente defesa alemã e em parte devido ao incrível caos que surgiu em suas linhas de abastecimento e de comunicação. “Seus soldados estavam morrendo com bravura, mas não estavam avançando, ou avançavam muito pouco, e sofriam pesadas baixas”, notou um francês que se encontrou com Pershing. “O grande corpo de homens do Exército americano estava literalmente paralisado”, completou ele.

Paul Maze, ao visitar naquele dia o quartel-general de um batalhão americano numa missão de reconhecimento, viu um grupo de soldados americanos que parecia recuar e dirigiu-se a eles em sua motocicleta. “Estavam mesmo se retirando, mas apenas porque não tinham contato com ninguém, não sabiam o que se passava e muitos de seus oficiais tinham sido mortos durante o avanço”, escreveu ele mais tarde. “Consegui que alguns ficassem onde estavam e que virassem suas metralhadoras para o campo de batalha. Depois, disse aos restantes que avançassem, ao encontro de seus companheiros, o que fizeram imediatamente. Não estavam em pânico. Simplesmente recuavam para receber instruções.”

Paul Maze voltou ao quartel-general do batalhão para informar o que se passava com aqueles homens. “Para meu espanto, o local estava virado do avesso, como se tivesse havido um tremor de terra. Havia três cadáveres, parcialmente cobertos com um saco. Era a sentinela, que estava à entrada do abrigo, e dois oficiais com quem eu tinha falado antes de sair. Mais abaixo, o coronel estava sentado, sozinho, limpando a testa. ‘Capitão, isso é que é guerra’, comentou quando eu entrei.”

A bateria de artilharia de Harry Truman esteve em ação em 29 de setembro. “Disparamos contra três baterias”, recordou ele mais tarde. “Destruímos uma e tiramos as outras de combate. O coronel do regimento ameaçou levar-me a tribunal marcial por ter disparado do setor da 32ª Divisão! Mas salvei alguns homens na 28ª Divisão, à nossa esquerda, e eles agradeceram-me em 1948!”⁷

Nesse dia, o congestionamento de veículos de abastecimento atrás das linhas americanas foi tamanha que Clemenceau, que se dirigia para Montfaucon, onde encontraria o 4º Exército francês, ficou completamente bloqueado por caminhões americanos. Alguns dos motoristas disseram-lhe que estavam parados havia dois dias devido ao caos no tráfego. No entanto, e por mais que tamanha confusão nos transportes tenha impressionado Clemenceau, a contribuição americana tinha

deixado suas marcas no alto-comando alemão. Em 30 de setembro, Ludendorff disse ao general Hermann von Kuhl: “Não podemos lutar contra todo o mundo.”

As hostilidades na frente búlgara terminaram ao meio-dia de 30 de setembro. Com a Bulgária mergulhada em confusão e a Macedônia libertada, sem a possibilidade de reforços alemães, os delegados búlgaros, então em Salonica, incluindo o general Lukov, que duas semanas antes tentara conseguir um armistício, não viram outra possibilidade além de aceitar os termos que eram propostos: evacuação de todos os territórios gregos e sérvios, entrega de todas as armas de guerra, evacuação de todas as tropas alemãs e austríacas, ocupação aliada de pontos estratégicos no interior da Bulgária, utilização das estradas de ferro búlgaras para um avanço para norte e a quase total desmobilização do Exército búlgaro.

O colapso do país foi desastroso para a Alemanha e a Áustria, que ficaram sem qualquer comunicação por terra com a Turquia. Além disso, ficava aberto o caminho para um avanço aliado pelo Danúbio. Em Londres e em Paris, houve uma grande animação ao perceber-se que a Alemanha ficava vulnerável com a derrota dos seus aliados. “Caiu o primeiro sustentáculo”, comentou o secretário do Gabinete britânico, Sir Maurice Hankey.

Na frente ocidental, a feroz batalha prosseguia. Em 29 de setembro, tropas britânicas conseguiram atravessar o canal de Saint-Quentin, utilizando barcos, escadas e 3 mil boias salva-vidas retiradas dos *ferries* que atravessavam o canal da Mancha. Foram feitos prisioneiros mais de 5 mil soldados alemães, sendo capturados cem canhões. No dia seguinte, na frente de Ypres, os britânicos estavam a três quilômetros de Menin, cidade cuja captura tentavam conseguir, sem sucesso, havia quatro anos. Nos setores britânico e francês, foram capturados mais 18 mil prisioneiros e duzentas peças de artilharia. Apenas os americanos foram obrigados a deter-se em Argonne, mas também planejavam um novo assalto dentro de uma semana.

Paul Maze, entre outros, ficou ferido em 30 de setembro. Tendo avançado para dar informações sobre a localização da linha de frente, num ponto onde lutavam os australianos, viu, de uma cratera de explosão, a 180 metros de distância, os topos dos capacetes de aço alemães. Tratava-se de uma trincheira alemã na linha de frente. Levantando seus óculos para ver melhor, foi atingido por uma bala no pulso. Quando era transportado para o hospital, na costa, num trem a baixa velocidade, ouviu a distância “o ruído surdo dos canhões”. Recordou-se do comentário da mãe de um amigo francês, que tinha conseguido chegar ao filho numa aldeia logo atrás da linha durante uma batalha. “Tinha mandado dizer que estava à espera dele; era uma figura alta, em roupas pretas, no meio da estrada. Quando o viu chegar caminhando pela estrada despedaçada, perguntou-lhe: ‘Meu filho, que barulho é

esse? O que está acontecendo?””

Partindo da Palestina, em 27 de setembro, a cavalaria de Allenby entrou na Síria através das colinas de Golã. Damasco estava a apenas cem quilômetros. Nesse dia, mais para leste, na aldeia de Tafas, forças turcas e alemãs assassinaram centenas de mulheres e crianças árabes num cruel ato de desafio contra a pressão exercida sobre elas pelas forças da revolta árabe. No dia seguinte, 28 de setembro, em Daraa, onde milhares de beduínos se juntaram às forças árabes, soldados turcos feridos e prisioneiros foram mortos como represália, o que suscitou um violento sentimento antiárabe entre os homens da cavalaria indiana que tinham entrado na cidade durante o massacre. “Os árabes mataram a sangue-frio todos os turcos que encontraram”, foi a breve nota de resumo dos acontecimentos da 4ª Divisão de Cavalaria.

No dia seguinte, 1.500 turcos bloquearam o caminho de Allenby para Sasa, interrompendo seu avanço durante dois dias, mas, ao fim da tarde de 30 de setembro, Allenby estava a caminho de Damasco. Nessa noite, as autoridades turcas abandonaram a cidade que os otomanos tinham governado durante séculos. Em 1º de outubro, a cavalaria de Allenby, tendo percorrido mais de 650 quilômetros em doze dias, aproximava-se de sua presa. Enquanto as tropas da 3ª Brigada de Cavalaria Ligeira, da Austrália Ocidental, aproximavam-se dos arredores da cidade, houve uma rajada de tiros de rifle dos turcos. Ninguém ficou ferido, e o oficial no comando, o major Olden, decidiu continuar. Ordenando aos seus homens que desembainhassem as espadas, Olden galopou com eles em direção aos quartelamentos turcos, onde estavam milhares de turcos. “Os turcos estavam decidindo o que fazer”, diz um relato australiano. “Mas, ao verem os grandes cavalos australianos que se aproximavam a galope (os turcos e os habitantes locais estavam maravilhados com o tamanho dos nossos cavalos), o brilho das espadas e o ruído das ferraduras no metal, a situação mudou.”⁸ Um oficial australiano recordou mais tarde: “Os tiros dos turcos foram substituídos, de repente, pelo aplauso dos cidadãos.” Então, houve mais tiros, mas disparados por atiradores árabes que expressavam seu júbilo por ter chegado ao fim o domínio turco de tantos séculos. Poucas horas depois, chegou Lawrence da Arábia, num Rolls-Royce escoltado por homens da cavalaria indiana.

Durante 24 horas, foram feitos saques pelos árabes e pelos drusos. Então, Allenby saiu de seu quartel-general em Tiberíades, no mar da Galileia, percorreu cerca de duzentos quilômetros de más estradas ao longo do Jordão, pelas colinas de Golã, até Damasco, instalou o emir Faiçal como chefe da administração local e, na mesma noite, voltou a Tiberíades. Agora, competia aos políticos informarem Faiçal de que, segundo os termos do acordo secreto negociado por Mark Sykes e Georges Picot, em 1916, a Síria, bem como o Líbano e o norte da Mesopotâmia, incluindo Mossul, rico

em petróleo, ficariam sob controle da França.

Em 1º de outubro, quando a Força Expedicionária Britânica se preparava para ultrapassar os últimos obstáculos da linha Hindenburg, e os americanos se preparavam para desencadear um novo ataque em Argonne, Ludendorff pediu ao Kaiser que fizesse um pedido alemão de paz. Nessa noite, forças alemãs evacuaram Lens e Armentières. Ao norte de Cambrai, tropas canadenses tinham feito mais de 7 mil prisioneiros alemães e capturado duzentas peças de artilharia nos cinco dias anteriores. O Exército alemão, como Ludendorff tinha dito ao seu Estado-Maior, estava “muito infectado pelo veneno das ideias espartaquistas-socialistas”. Era um exagero, mas, enquanto os soldados na frente continuavam a lutar, aqueles que estavam em licença ou prestes a serem enviados para a frente eram seguramente presas da agitação política em suas formas mais extremadas. Os líderes dos espartaquistas, Karl Liebknecht e Rosa Luxemburgo, exigiam uma paz imediata e o fim da monarquia. Não desejavam uma panaceia, mesmo que o fosse, de uma democracia ou de uma monarquia parlamentar no estilo britânico. Seu objetivo era a instalação de uma república socialista.

Lênin estava tão animado com o que parecia ser o colapso iminente da Alemanha, quer através da derrota no campo de batalha, quer devido a insurreições nas cidades, que, nessa semana, escreveu a seus amigos revolucionários Sverdlov e Trótski, dizendo-lhes que a revolução internacional era iminente. Para apoiar o proletariado de todos os países em sua libertação dos grilhões, queria que os bolcheviques criassem um Exército de 3 milhões de soldados. Contudo, em Pskov, perto de Petrogrado, um Exército antibolchevique era criado, sob proteção alemã, por antigos oficiais czaristas e prisioneiros de guerra russos libertados. Nessa semana, no mar Negro, cerca de duzentos marinheiros alemães apoderaram-se do couraçado russo *Volya*, bem como de quatro contratorpedeiros e dois torpedeiros. As maquinações alemãs no leste tinham sobrevivido aos seus triunfos no ocidente.

Nos quatro primeiros dias de outubro, os exércitos aliados avançaram em todos os setores da frente ocidental e um setor de cinquenta quilômetros da linha Hindenburg foi tomado por completo. Porém, ao mesmo tempo que se sucediam os êxitos dos Aliados chegavam notícias de graves dificuldades no setor americano da frente, onde, em 4 de outubro, uma nova ofensiva foi surpreendida por uma devastadora defesa alemã com metralhadoras. “Malditas metralhadoras atrás de metralhadoras”, comentavam os soldados americanos. Nesse dia, uma força americana de apenas quinhentos homens, que defendia uma posição precária numa ravina cerca de oitocentos metros adiante da linha de frente, foi cercada por uma força alemã em muito maior número. Durante dois dias, os americanos foram bombardeados

continuamente. No segundo dia, depois de ficarem sem comida, foram atingidos acidentalmente pelo fogo de barragem de artilharia americana. Lançaram seu último pombo-correio com um apelo para que americanos parassem de bombardeá-los. Então, os alemães utilizaram lança-chamas contra os homens que estavam na ravina, mas alguns americanos conseguiram subir e mataram-nos. O alto-comando americano assumiu que a luta havia terminado e considerou os homens como “desaparecidos”. Nessa noite, os alemães se retiraram. O “Batalhão dos Desaparecidos”, como ficou conhecido, não tinha sido derrotado. Dos 554 defensores, 360 haviam sido mortos. Na tarde seguinte, os sobreviventes retornaram às linhas americanas.

No mar, a guerra de submarinos, em que os alemães tinham depositado tantas esperanças, continuava sem pausas e com mais tragédias. Tinha sido afundado o vapor espanhol *Francoli*, ao largo de Cartagena, em 2 de outubro, tendo morrido afogados 292 passageiros. No dia seguinte, o mesmo aconteceu também a 292 passageiros do transatlântico japonês *Hiramo Maru*, que foi torpedeado ao largo da Irlanda. Uma colisão acidental no canal da Mancha, na mesma semana, levou ao afundamento do cruzador mercante armado *Otranto*, que levava mil soldados americanos. Entre eles, 431 afogaram-se.

A primeira revolução alemã aconteceu em 2 de outubro. Não foi nas ruas, como Ludendorff temera, mas na sala do conselho, onde o príncipe Max da Baviera, primo em segundo grau do Kaiser, tornou-se chanceler. O príncipe Max concordou em ocupar o lugar depois de cumpridas duas condições: que apenas o Parlamento tivesse o direito de declarar guerra ou fazer a paz e que cessasse imediatamente qualquer controle sobre o Exército e a Marinha que o Kaiser ainda tivesse. Nesse dia, no Conselho da Coroa, em Berlim, Hindenburg reiterou o pedido de Ludendorff, que tinha ficado em Spa, sobre uma trégua imediata. “O Exército não pode esperar 48 horas”, disse Hindenburg ao Kaiser. O príncipe Max discordou. Não queria entrar em negociações com os Aliados numa posição de rendição. “Pensei que poderia lutar contra o pessimismo e fazer reviver a confiança, pois eu ainda estava plenamente convencido de que, apesar da diminuição das nossas forças, ainda poderíamos evitar, durante muitos meses, que nosso inimigo entrasse em nossa pátria”, escreveu ele mais tarde.

A resposta de Hindenburg foi que a situação exigia um armistício imediato. O príncipe respondeu acerbamente que, se as circunstâncias eram tão desesperadas, o Exército deveria erguer a bandeira branca no campo de batalha. Não foi tomada nenhuma decisão, pois Hindenburg, à semelhança de Kitchener no lado britânico, não tinha argumentos para defender seu ponto de vista, podendo apenas reiterá-lo.

Foi necessária uma mensagem de Ludendorff para articular o que deveria ser feito e por quais motivos. Essa mensagem foi enviada para Berlim no mesmo dia, após um telefonema de Hindenburg, dizendo que o colapso da frente de Salonica, “que obriga a um enfraquecimento das nossas reservas no ocidente”, e a impossibilidade de compensar as “muito pesadas baixas” das batalhas dos dias anteriores, tornava imperativo um armistício imediato “para poupar o povo alemão e seus aliados a mais sacrifícios inúteis”. A carta de Ludendorff, em que Hindenburg após também sua assinatura, terminava com uma referência muito clara à realidade do campo de batalha: “Cada dia custa milhares de vidas dos nossos bravos soldados.” Era uma frase que poderia ter sido escrita em quase qualquer um dos 1.500 dias anteriores.

O príncipe Max não tinha perdido as esperanças de adiar um contato com os Aliados. Em 3 de outubro, advertiu que um armistício demasiado rápido significaria a perda imediata da Alsácia e da Lorena e dos distritos da Prússia Oriental, onde havia predominantemente poloneses. A perda desses territórios alemães estavam implícitos nos catorze pontos do presidente Wilson. Hindenburg telefonou novamente a Ludendorff e respondeu ao chanceler que, ainda que a perda da Alsácia e da Lorena fosse aceitável para o alto-comando, a perda de qualquer território no leste era inaceitável. Um historiador comentou: “Tornou-se cada vez mais evidente que o chanceler tinha lido os catorze pontos enquanto o Comando Supremo, não.”⁹

O príncipe Max decidiu então como agir. Durante o dia 3 de outubro, nomeou dois deputados socialistas para seu governo, sendo um deles Philip Scheidemann, que lhe disse, com muita sabedoria: “É melhor o fim do terror do que um terror sem fim.” Para evitar o terror, era essencial que fosse assinado um armistício. Em 4 de outubro, tendo informado ao Reichstag sobre a necessidade da paz e tendo conseguido o apoio austríaco para o que agora considerava não poder ser mais adiado, o príncipe Max telegrafou a Washington e pediu o armistício.

Nesse dia, numa conferência franco-americana realizada na França, na pequena cidade de Trois Fontaines, eram elaborados planos para o transporte de tropas americanas e munições através do Atlântico, voltadas para uma vitória sobre a Alemanha no fim de 1919 ou no início de 1920. Os dois participantes de mais alta patente eram o marechal Foch e o secretário de Estado americano, Newton Baker, que concordaram em acelerar o programa de transporte no inverno de 1918, de modo que o Exército americano pudesse ter provisões adequadas para uma grande ofensiva no verão seguinte.

Durante setembro, tinha sido manufaturado um total de 297 unidades de artilharia nos Estados Unidos. Os objetivos seguintes, que seriam cumpridos em devido tempo, consistiam em pouco mais de mil unidades de artilharia entre outubro e dezembro de 1918 e mais mil entre janeiro e abril de 1919. Foi dada ordem a todos

os outros ramos de abastecimento para uma aceleração e um incremento da produção para os seis meses seguintes, e até mesmo para depois. Uma ampla rede de linhas de telefone e telégrafo foi construída pelo Exército americano por toda a França, determinada a melhorar e acelerar as comunicações com a linha de frente e, aprendendo com as lições dos fracassos de Argonne, garantir uma campanha vitoriosa em 1919.

O acordo franco-americano alcançado em Trois Fontaines em 4 de outubro mencionava a esperança de um considerável avanço militar nos primeiros meses de 1919. Enquanto as tropas de Pershing lutavam para retomar a iniciativa no Meuse, seu comandante calculava o número de divisões de que necessitaria, por volta de 1º de julho de 1919, para a batalha decisiva na França. O número de homens envolvidos, muitos dos quais seriam transportados através do Atlântico em navios britânicos, era de 3,36 milhões, cerca de 2 milhões a mais do que já tinha. Eles estavam a caminho.

Colapso das Potências Centrais

Outubro a novembro de 1918

Na França, o pintor John Singer Sargent viajava por trás das linhas desde julho à procura de inspiração para pintar o que fora encomendado pelo Ministério da Informação britânico. Em 4 de outubro de 1918, escreveu a um amigo: “Durante muito tempo, não descobri como tratar o assunto que me foi encomendado: ‘Tropas britânicas e americanas trabalhando juntas.’ Assim, em abstrato, sem um espaço particular nos limites de um quadro.” Os três meses concedidos para que pintasse o quadro estavam chegando ao fim. “Perdi muito tempo indo às trincheiras da frente”, escreveu a outro amigo seis dias depois. “Lá não há nada para pintar: é feio, seco e apertado, e só se vê um ou outro homem.” Tinha ido ao Somme, sempre à procura, onde encontrou inspiração. “Nesta região do Somme, encontrei o que procurava: estradas apinhadas de tropas em marcha”, escreveu. “É o maior espetáculo que a guerra pode proporcionar, pelo menos no que me diz respeito.”

Na verdade, não foram tropas em marcha que Sargent decidiu pintar. Com ele, no Somme, estava outro artista, Henry Tonks, que o ministério tinha encarregado de pintar um tema médico relacionado à guerra. Em busca de seu assunto, foi a um dispensário perto de Bac-de-Sud, na estrada de Dullens. “Ali, sob um perfeito céu de outono, viram soldados que tinham ficado cegos devido ao gás de mostarda e estavam à espera de tratamento”, escreveu o biógrafo de Sargent. “Finalmente, Sargent tinha encontrado *seu* quadro, apesar de não ter nada a ver com os termos da encomenda. Tonks disse que não se importava em nada.”¹

Sargent tomou notas, voltou ao seu estúdio em Londres e começou a trabalhar em sua pintura. Intitulado *Gassed* [Gaseados], o quadro mostra dois grupos de soldados cegos e com vendas nos olhos, dez no centro da pintura e nove a distância, todos em fila, cada grupo conduzido por um ordenança. Cada homem vendado tem a mão no ombro do soldado que o antecede. Alguns ainda têm seus rifles. Mais de vinte homens jazem num campo em primeiro plano, com os olhos também vendados.

Outros jazem no campo atrás. Não se veem médicos nem enfermeiras. A distância, no horizonte, tornados muito pequenos pelos homens atingidos pelo gás, uns homens jogam futebol. A pintura, de considerável força, foi considerada a pintura do ano na exposição na Academia Real em 1919.

Naquilo que tinha sido a frente de Salonica, agora bem no interior da Sérvia, tropas austríacas estavam ainda em luta na primeira semana de outubro, apesar da deserção da Bulgária. No entanto, Ludendorff reconheceu o perigo que representava, para as Potências Centrais, o avanço seguro de sérvios e franceses na direção norte, através da Macedônia sérvia em direção ao Danúbio e a Belgrado. Porém, mantinha-se, tanto em Berlim como em Viena, o instinto de negar as evidências. Em 4 de outubro, foi enviada uma nota de paz germano-austríaca ao presidente Woodrow Wilson, pedindo-lhe que concordasse com um armistício. Foi tornado claro, tanto por alemães como por austríacos, que não se tratava de uma rendição nem de uma oferta dos termos do armistício, mas de uma tentativa de acabar com a guerra sem condições que pudessem ferir a Alemanha e a Áustria. Era isso que o príncipe Max desejava.

Enquanto Wilson estudava a nota, a guerra prosseguia. Em 5 de outubro, foram feitos prisioneiros mais de 3 mil austríacos na frente de Salonica. No interior da Alemanha, a continuação da luta conduziu a um aumento do descontentamento público. Em 6 de outubro, em Gotha, uma conferência dos espartaquistas alemães, cujo líder, Karl Liebknecht, estava na prisão, exigiu o fim da monarquia e a instituição de soviets na Alemanha.

Com a desintegração dos impérios, a luta dos povos subjugados intensificou-se. Em 7 de outubro, em Varsóvia, ocupada pelos alemães, um Conselho de Regência, até então sob controle alemão, invocou os princípios do presidente Wilson de autodeterminação e declarou um Estado polonês “livre e independente”. Contudo, sua autoridade foi posta em causa por outros dois grupos poloneses, o estranhamente nomeado Comitê Polonês de Liquidação, de Cracóvia, e o Governo Provisório do Povo da República Polonesa, de extrema esquerda, em Lublin.² Os alemães, que não queriam um colapso total de suas conquistas polonesas, mantiveram Piłsudski na prisão, na Prússia Oriental. Os ucranianos, determinados a não perderem a Galícia Oriental para uma Polônia reconstruída, estabeleceram um Conselho Nacional Ucraniano, em Lviv, e começou uma luta entre poloneses e ucranianos por toda a região.

A Alemanha, em grande agitação, ainda não tinha sucumbido à anarquia nem decidido render-se. Em 7 de outubro, tendo sido declarado um Estado polonês em Varsóvia, foi publicado, no *Vossische Zeitung*, um apelo a um último esforço militar

no campo de batalha. Escrito pelo industrial Walther Rathenau, seu objetivo era proporcionar à Alemanha a mais forte posição possível e permitir que negociasse a paz em termos de igualdade, e não numa posição de derrota. “Todos os homens capazes de pegar em armas devem ser retirados dos escritórios, das salas e dos depósitos, a leste e a oeste, nas bases e no país”, escreveu Rathenau. “Que serventia têm os exércitos de ocupação e as expedições russas? No entanto, neste momento, temos menos da metade das tropas disponíveis na frente ocidental. Nossa frente está desgastada; restaurem-na e serão propostos termos de paz diferentes. É a paz que queremos, e não a guerra, mas não uma paz pela rendição.”

Impressionado com essa linha de raciocínio, o príncipe Max perguntou a Hindenburg e a Ludendorff se seria possível um “reforço adequado”, como proposto por Rathenau. Ludendorff mostrou ceticismo: de um ponto de vista prático, “causaria mais perturbações do que poderíamos suportar”, respondeu em 8 de outubro. Rathenau não desistiu e escreveu ao recém-nomeado ministro da Guerra, general Scheüch, dizendo que uma evacuação das áreas exigidas pelo presidente Wilson, incluindo toda a Bélgica, a Alsácia e a Lorena, “provocaria o fim da nossa capacidade de defesa, colocando-nos à mercê do inimigo”.

O argumento de uma posição de força alemã na frente ocidental tornava-se acadêmico. Em 8 de outubro, Wilson rejeitou a nota de paz da Alemanha. A primeira condição para um armistício, segundo ele, era a evacuação de todos os territórios ocupados. A guerra não terminaria enquanto houvesse tropas alemãs na Bélgica ou em solo francês e enquanto houvesse tropas austríacas ou alemãs na Sérvia. Nesse dia, perto de Châtel-Chéhéry, em Argonne, o sargento americano Alvin C. York, que anteriormente tinha sido um objetor de consciência com bases religiosas, estava em ação. Tendo sua patrulha sido cercada por uma força dez vezes maior, York, sozinho, matou 28 soldados alemães e capturou 132, trazendo 35 metralhadoras. Ao ser-lhe perguntado por um general de divisão quantos alemães acreditava ter matado, York respondeu: “Meu general, detesto pensar que falhei um único tiro, pois disparei de muito perto, a quarenta ou cinquenta metros.” Ao comentar a pontaria dos seus companheiros, notou: “Não acertavam nada a não ser o céu.” Ele, no entanto, era um montanhista. “Não tive dificuldade em acertar alvos tão grandes”, explicou. “Eram muito maiores do que cabeças de perus.”

Também em 8 de outubro, dia da façanha do cabo York, os britânicos desencadearam uma ofensiva numa frente de mais de trinta quilômetros, entre Saint-Quentin e Cambrai, marcando o começo da Segunda Batalha de Cambrai. A Força Aérea britânica criou uma cortina de fumaça para o ataque, lançando bombas de fósforo. Num só dia, três exércitos britânicos, com o apoio de 82 tanques, avançaram cinco quilômetros, fizeram 10 mil prisioneiros e capturaram 150 peças de artilharia. Uma divisão americana também avançou para Cambrai, fez 1.500 prisioneiros e capturou trinta peças de artilharia.

Vinte e quatro horas depois de iniciada a nova ofensiva, a linha Hindenburg foi finalmente invadida em sua totalidade. Em 9 de outubro, tropas canadenses entraram em Cambrai. Cento e três anos antes, o duque de Wellington tinha aceitado a rendição da cidade depois da derrota de Napoleão. Em 1870, os alemães capturaram-na e mantiveram-na novamente sob seu poder desde agosto de 1914. Agora, voltava a ser uma cidade livre. Uma divisão da cavalaria britânica, num avanço sem precedentes de treze quilômetros, chegou aos arredores de Le Cateau, fazendo quinhentos prisioneiros à medida que avançava.

Campos de batalha de que os britânicos haviam sido expulsos em 1914 e 1915, e novamente no início de 1918, eram agora atravessados quase sem pausas. O artilheiro e coronel Alan Brooke visitou Lens em 9 de outubro. “Era só ruína e desolação”, escreveu. “Subi num monte de pedras que marcava o local onde a igreja estivera e olhei para a devastação. Podia passar dias olhando para aquilo, imaginando as tragédias que ocorreram em cada canto daquele local. Se as pedras falassem, e repetissem o que testemunharam e o que viram nos olhos dos homens que morriam, pergunto a mim mesmo se voltaria a haver guerras.”³

No dia seguinte, o poeta Wilfred Owen, que tinha regressado às trincheiras depois de sua recuperação num hospital na Grã-Bretanha, escreveu a um amigo a partir da linha de frente: “O rapaz ao meu lado, com um tiro na cabeça, esteve em cima de mim durante meia hora, empapando meu ombro.” Contudo, acrescentou Owen, estava “cheio de confiança” quando “depois de ter capturado algumas metralhadoras (com a ajuda de um seráfico cabo), tive um glorioso momento de conversações de paz no fortim”. Tinha matado um alemão com seu revólver a cerca de trinta metros. Os outros se renderam “com um sorriso”. Owen tinha regressado à Grã-Bretanha como inválido, com uma crise de nervos iniciada após servir nas trincheiras por seus meses em 1917, mas quis retornar à linha de frente, explicando à mãe: “Vim para ajudar esses rapazes; diretamente, conduzindo-os tão bem quanto um oficial pode fazer, e indiretamente, vendo seu sofrimento, de que poderei falar tão bem quanto um bom advogado de defesa.” Porém, a guerra de trincheiras voltou a cobrar seu preço, como escreveu mais tarde para casa: “Meus sentidos estão carbonizados. Nem sequer tiro o cigarro da boca quando escrevo ‘Morto’ em suas cartas.”

Entre os mortos em ação no início dessa semana estava Charles Read, de 21 anos de idade. Seu irmão, Herbert, escritor e poeta que tinha lutado no Somme, tentou expressar seus sentimentos de dor e orgulho:

*I curse the fate that sent us
a tortured species down the torrent of life
soul-exposed to the insensate shores
and the dark fall of death.*

*All the world is wet with tears
and droops its languid life
in sympathy.
But death is beautiful with pride: the trees
are golden lances whose brave sway
assails the sadness of the day.*⁴

No mar, a implacável guerra prosseguia. Em 10 de outubro, um submarino alemão afundou o *ferry Leinster*, da companhia Kingstown-Holyhead, tendo se afogado 176 pessoas, entre passageiros e tripulação, incluindo vários americanos.

Em 10 de outubro, foi noticiado que 20 mil soldados americanos tinham morrido na França nos dois meses anteriores, não em batalha, mas em consequência de gripe e pneumonia. Enquanto os exércitos se preparavam para o que os Aliados pensavam ser a luta final, a morte atacava suas fileiras por dentro. Mesmo assim, era difícil sufocar o entusiasmo pela iminente vitória. Na frente de Allenby, Damasco tinha caído nove dias antes e uma divisão indiana entrara em Beirute em 8 de outubro.

A Sérvia vivia acontecimentos dramáticos depois de três anos de ocupação austríaca. A 9ª Divisão Austríaca, constituída em sua maioria por boêmios e morávios, demonstrava sua simpatia pelos sérvios e já não constituía uma efetiva força de combate. Em 10 de outubro, forças sérvias entraram em Niš, tendo avançado 250 quilômetros em 25 dias. A cidade tinha sido defendida por tropas alemãs. Perto de Prizren, um corpo do Exército alemão se perdera nas montanhas quando tentava chegar à costa da Albânia.

Todas as nações aliadas avançavam. Em 10 de outubro, o 1º Exército Americano, sob o comando de Pershing, conseguiu finalmente expulsar os alemães da floresta de Argonne. No entanto, a batalha não tinha corrido tão bem quanto os americanos esperavam e não avançaram muito. Munições, víveres e outras provisões essenciais ainda estavam paradas devido ao congestionamento nas estradas. Além disso, a escassez de cavalos piorara. Pershing calculou que faltavam pelo menos 100 mil cavalos, mas quando pediu a Foch, na França, que fornecesse 25 mil animais, ouviu como resposta que deveriam ser trazidos dos Estados Unidos. Isso, contudo, era impossível, já que não havia suficiente espaço para o transporte. “A situação em breve se tornará desesperada”, reportou o chefe de aprovisionamento de Pershing.

A reação de Pétain às dificuldades de aprovisionamento dos americanos consistiu em sugerir que o 1º Exército de Pershing fosse dissolvido e que o esforço americano se limitasse a corpos e divisões, de forma que as divisões que não estivessem

adequadamente provisionadas pudessem ser distribuídas “pelos exércitos franceses”. Das trinta divisões americanas prontas para combate, dez já serviam em forças francesas e britânicas e apenas vinte estavam sob o comando de Pershing. Contudo, Pershing e seu 1º Exército continuavam a lutar. Não seriam dissolvidos nem aceitavam ser derrotados por problemas de abastecimento.

Em 11 de outubro, forças alemãs começaram a retirar-se sistematicamente da frente ocidental, mas não tinham desistido de lutar. Em 12 de outubro, Hindenburg fortaleceu a resistência com o anúncio de que a garantia de termos favoráveis num armistício dependeria de uma resistência militar bem-sucedida na frente. Nesse dia, o governo alemão aceitou as condições do presidente Wilson para conversações, concordando com a retirada completa de suas tropas da França e da Bélgica. Ao ouvir essas notícias em Constantinopla, o sionista alemão Arthur Ruppin anotou em seu diário: “Dei um longo passeio a pé e repeti continuamente para mim mesmo uma só palavra: ‘Paz!’ Era tanto que isso significava!”

O entusiasmo de Ruppin, como entre outros milhões de pessoas, era prematuro. Antes que o presidente norte-americano recebesse a aceitação germânica dos termos, britânicos e franceses abriram uma nova ofensiva na Bélgica, entre Dixmude e Courtrai. Em apoio, um bombardeiro americano atacou profundamente as linhas de comunicação alemãs no interior da Bélgica. Em cinco dias, a nova ofensiva tinha avançado quase trinta quilômetros, fazendo 12 mil prisioneiros e capturando 550 peças de artilharia.

Tropas alemãs continuavam a lutar pelas cidades francesas sob seu controle, recusando-se a sair sem lutar de regiões que tinham controlado durante mais de quatro anos. Em 13 de outubro, porém, forças francesas sob o comando dos generais Debeney e Mangin expulsaram-nos da cidade de Laon, libertando 6.500 civis franceses, e, em triunfo, avançaram para norte. A libertação de Laon foi um ponto de virada, pois a cidade estivera muitas vezes ao alcance do barulho dos canhões em batalhas anteriores, mas fora mantida sob ocupação durante mais de 1.500 dias.

Numa reunião numa casa particular em Danny, Sussex, em 13 de outubro, Lloyd George disse à sua equipe militar, aos seus conselheiros navais e a vários ministros do Gabinete que receava que os alemães conseguissem “respirar” como resultado do armistício e que “pudessem ganhar tempo para se reorganizar e se recuperar”. Como está registrado na minuta da reunião, “levou em consideração a questão de uma atual derrota militar da Alemanha, dando ao povo alemão um verdadeiro sabor da guerra, ser ou não mais importante, do ponto de vista da paz no mundo, do que uma rendição num momento em que os exércitos alemães ainda estavam em território estrangeiro”.

Em Berna, Sir Horace Rumbold, que tinha estado em serviço na embaixada em

Berlim em 1914, também estava preocupado com a possibilidade de ser cedo demais para uma paz com os alemães. “Seria lastimável se parássemos antes de esmagá-los completamente na frente ocidental”, escreveu ao Ministério das Relações Exteriores britânico em 14 de outubro. “Devemos persegui-los em seu maldito país, pois será a única forma de saberem o que significa a guerra.” Nessa manhã, entre os alemães feridos no saliente de Ypres estava o cabo Hitler, temporariamente cegado por uma granada de gás lançada pelos britânicos perto da aldeia de Wervik. Foi, então, evacuado para um hospital militar em Pasewalk, na Pomerânia.

No mesmo dia, o 1º Exército Americano, com a floresta de Argonne por trás, renovou suas ofensivas no Meuse. A princípio, a batalha não correu bem. “Esperamos ter resultados melhores amanhã”, escreveu Pershing em seu diário nessa noite. “Não há qualquer razão particular para essa esperança, exceto que, se continuarmos a bater, os alemães serão obrigados a ceder”, acrescentou ele. No entanto, os alemães continuavam a bombardear posições americanas com projéteis altamente explosivos e granadas de gás e lutaram por cada metro de solo. Quando, em 15 de outubro, Pershing visitou as tropas da 3ª Divisão, tendo ficado instalado em Montfaucon, pareceu-lhe que estavam “desorganizadas e aparentemente desanimadas”.⁵

Com mais de 1 milhão de homens sob seu comando, e uma frente de 130 quilômetros, Pershing dividiu seu exército, criando um 2º Exército, mas ainda tinha de enfrentar problemas graves. A escassez de cavalos estava imobilizando a artilharia. Calculava-se que cerca de 100 mil homens estivessem vivendo como “vagabundos”, andando ao acaso atrás das linhas, longe de unidades nas quais eram necessários para constituir uma força suficiente para atacar. Alguns homens esconderam-se em abrigos subterrâneos. O comandante da 3ª Divisão autorizou o lançamento de bombas em abrigos caso os homens se recusassem a sair.

As mortes provocadas pela gripe continuavam a aumentar. Em 15 de outubro, foi anunciado que 1.500 berlinenses tinham morrido da doença. Quatro dias depois, na frente ocidental, o ás canadense da aviação, capitão Quigley, que tinha abatido 34 aviões alemães, também morreu em consequência de gripe. Não só a Europa, mas também a África e a Ásia foram afetadas. Em Bombaim, morreram mais de mil indianos. Nos Estados Unidos, o número de mortos também crescia. Em Viena, o pintor expressionista Egon Schiele, de 28 anos, foi um, entre muitos, que sucumbiu à epidemia. Nesse mês, em Londres, 2.225 pessoas morreram em uma semana. Era mais do que todos os mortos em quatro anos de ataques de zepelins e aviões alemães.

Em 14 de outubro, em Paris, os Aliados reconheceram o Conselho Nacional da

Tchecoslováquia, um grupo de determinados eLivross encabeçado por Tomáš Masaryk, como governo provisório de uma futura Tchecoslováquia. Dois dias depois, numa tentativa desesperada de preservar a unidade do império dos Habsburgos, o imperador Karl ofereceu total liberdade federal às principais nacionalidades da Áustria: tchecos, eslovacos, poloneses, croatas, eslovenos, sérvios e romenos. Essa oferta tardia, conforme escreveu a historiadora Elizabeth Wiskemann, “foi feita por uma voz que falava do túmulo”. Mesmo buscando meios de travar os Aliados, os austríacos não podiam tirar da Hungria as áreas predominantemente romenas da Transilvânia para oferecê-las à Romênia.

Quatro dias depois da oferta do imperador, foi dado um golpe fatal na sobrevivência da Áustria-Hungria quando o presidente Wilson insistiu em que a “autonomia” para povos submetidos já não preenchia adequadamente seus direitos nacionais. Wilson declarou que os Estados Unidos tinham contraído obrigações para com a Tchecoslováquia e os povos eslavos do sul que iam além da autonomia ou de uma aglomeração federal dentro do império.

Enquanto ofertas e contraofertas de território afetavam aspirações nacionalistas de longa data, a luta na frente ocidental continuava. Em 16 de outubro, enquanto os americanos avançavam para o Meuse, uma brigada comandada por Douglas MacArthur teve de lutar para tomar Côte de Châtillon. Conquistando a colina, a brigada repeliu repetidas tentativas alemãs de retomá-la. Num batalhão comandado pelo major Ross, o cabo Joseph E. Pruett, sozinho, atacou um ninho de metralhadoras alemão e, depois, numa emulação de Alvin York, capturou 68 soldados alemães. MacArthur recordou mais tarde a ferocidade da luta. “Os oficiais caíam e os sargentos passavam a comandar”, escreveu ele. “As companhias passavam a pelotões e os cabos comandavam. No fim, o major Ross tinha apenas trezentos homens e seis oficiais, de um total de 1.450 homens e 25 oficiais.” Contudo, a colina foi defendida. “Para onde quer que se olhasse, a perspectiva era sombria”, escreveu um comandante de companhia alemão. “Teria sido tudo em vão? Que fim lamentável.”

Em 17 de outubro, avançando ao sul de Le Cateau numa frente de dezesseis quilômetros, tropas americanas fizeram 5 mil prisioneiros e capturaram sessenta peças de artilharia. No mesmo dia, forças britânicas ocuparam a cidade de Lille sem disparar um único tiro. A Marinha alemã evacuou Oostende e Zeebrugge, mas, mesmo enquanto tudo parecia perdido para as Potências Centrais, alguns líderes alemães mostravam-se alheios à realidade. O grande almirante Tirpitz escreveu ao príncipe Max nesse dia, instando-o a que houvesse um “resoluto reforço” da frente ocidental, com todos os homens disponíveis, e uma “inexorável prossecução” da campanha submarina: “Todos os alemães devem entender que se não continuarmos a lutar, desceremos ao nível de escravos dos nossos inimigos.” Chamado pelo Kaiser para discutir que resposta dar ao presidente Wilson, Ludendorff declarou que o

Exército alemão podia, e devia, continuar a lutar. Um grande avanço aliado era, para ele, “improvável”, já que o inverno interromperia a batalha dentro de um mês. Uma hábil retirada para uma nova linha, baseada na Antuérpia e no rio Meuse, daria ao Exército alemão a capacidade de planejar uma ofensiva contra os Aliados na primavera de 1919.

O príncipe Max não ficou convencido, mas Ludendorff não tinha dúvidas de que, numa ofensiva alemã na primavera de 1919, a Bélgica seria transformada num campo de batalha que faria de 1914 “uma brincadeira de criança”. O ministro alemão da Guerra, general Heinrich Scheüch, disse que provavelmente poderia fornecer até 60 mil reforços para a batalha de 1919, mas advertiu que o Exército alemão só poderia lutar durante seis semanas se o abastecimento de petróleo da Alemanha na Romênia fosse cortado. Foi a primeira nota de realismo nas discussões. Uma segunda nota veio no dia seguinte, 18 de outubro, do príncipe Rupprecht da Baviera, que numa carta ao príncipe Max descreveu as condições miseráveis em que se encontrava seu exército, sem artilharia de apoio, sem munições, sem combustível, sem cavalos e sem oficiais, e concluiu: “Temos de conseguir a paz antes que o inimigo entre na Alemanha.”

Em 18 de outubro, Haig, que antes estava confiante numa vitória em 1918, disse a um comitê do Gabinete de Guerra que a Alemanha conseguiria defender suas novas linhas na frente ocidental em 1919. Contudo, a capacidade de guerra alemã estava no fim. Nesse dia, sob os termos do armistício de 30 de setembro, as últimas tropas alemãs saíram da Bulgária. No dia seguinte, 1.200 conselheiros alemães e especialistas militares começaram a sair da Mesopotâmia, com seus aviões, canhões e meios de transporte. Na Sérvia Central, ocupada pela Áustria, algumas unidades alemãs continuaram em ação, contra-atacando as forças sérvias em Paraćin, mas a maior parte das forças alemãs que tinham estado na frente de Salonica atravessava as montanhas em direção ao Adriático.

Nesse dia, com uma medida que acabou com as longamente acalentadas esperanças alemãs de derrotar a Grã-Bretanha no mar, o almirante Scheer ordenou que todos os submarinos alemães regressassem às suas bases na Alemanha. O último torpedo foi lançado por um submarino alemão em 21 de outubro, quando um pequeno navio mercante britânico, o *Saint-Barcham*, foi afundado no mar da Irlanda, tendo morrido afogados seus oito tripulantes. Foram os últimos dos 318 marinheiros mercantes mortos naquele mês.

Toda a costa belga estava agora em mãos aliadas, mas o governo alemão ainda resistia ao inevitável. Em 22 de outubro, o príncipe Max insistiu em que a Alemanha não aceitasse uma “paz de violência”. As reparações tornaram-se um novo fator nas discussões do armistício quando o governo belga informou, nessa semana, que

exigiria 400 milhões de libras à Alemanha como compensação pelos prejuízos causados.⁶ Numa tentativa de reduzir o descontentamento e o republicanismo na Alemanha, o Kaiser concordou em conceder uma anistia aos prisioneiros políticos. Liebknecht, um implacável oponente da monarquia, foi libertado. Mais de 20 mil pessoas foram à estação de Berlim para festejar sua chegada. Lênin, que observava esses acontecimentos a partir de Moscou, declarou, triunfante: “Há três meses, as pessoas riram quando eu disse que poderia haver uma revolução na Alemanha.”

Em 23 de outubro, houve uma amotinação no Exército austríaco na Itália, quando tropas croatas atrás das linhas capturaram o porto de Fiume, mas o movimento foi suprimido. Muito mais prejudicial para o tecido do império do que qualquer amotinação croata foi o Conselho Nacional Húngaro, organizado em Budapeste, em 25 de outubro, pelo líder nacionalista húngaro conde Michael Károlyi, num prelúdio de uma separação total entre a Áustria e a Hungria.

Durante outubro, de seu distante ponto estratégico de observação nos Estados Unidos, o presidente Wilson manteve-se no centro das discussões sobre o armistício. Em sua nota mais recente, enviada a Washington em 20 de outubro, mas recebida apenas no dia 22, o governo alemão concordou em renunciar à guerra de submarinos. Ao enviar essa nota a Clemenceau e a Lloyd George em 23 de outubro, Wilson sugeriu que os Aliados preparassem seus termos para o armistício.

A posição de Wilson garantia uma força considerável, uma vez que o possível futuro papel do Exército americano no campo de batalha alarmava consideravelmente os alemães. Em 24 de outubro, o jornal esquerdista *Arbeiter Zeitung* chamou a atenção de seus leitores para o fato de chegarem à Europa 10 mil soldados americanos todos os dias, 300 mil por mês, “novos e bem-equipados”, e perguntou: “Querem as pessoas continuar a guerra nessas circunstâncias, sacrificando a vida de centenas de milhares de homens, destruindo o que resta da força humana da nação e pondo em perigo seu futuro?” Um ano antes, até mesmo três meses antes, essa pergunta teria sido considerada um ato de traição. Agora, era uma simples questão de bom senso.

Numa reunião em 25 de outubro, em Senlis, os quatro principais comandantes aliados, Foch, Haig, Pétain e Pershing, discutiram quais seriam as exigências para um armistício. A principal preocupação dos generais consistia em tornar impossível que a Alemanha pudesse voltar a atacar numa data futura, talvez no início da primavera. Para evitar tal possibilidade, insistiram na rendição alemã de toda sua artilharia e todo o equipamento de reserva de estradas de ferro. Porém, não houve unanimidade sobre se a Alemanha estaria pronta a render-se nesses termos. Haig continuava acreditando que, apesar de os alemães terem sido severamente prejudicados nas batalhas mais recentes, não tinham sido vencidos e poderiam, ao se

retirar, criar uma nova e efetiva linha de frente. Por outro lado, os exércitos aliados estavam, de seu ponto de vista, “muito exaustos”. Então, Haig falou sobre o Exército americano em termos que deixaram Pershing preocupado. “Ainda não estava organizado, ainda não estava formado e tinha sofrido muito devido à sua ignorância sobre o que era uma guerra moderna.” Na batalha seguinte, não poderiam “contar muito com ele”.

Ignorando essas críticas, Pershing apontou que, considerando que as linhas de abastecimento americanas se estendiam por quase 5 mil quilômetros ao longo do Atlântico, os termos do armistício deveriam incluir a rendição de todos os submarinos alemães. Houve acordo quanto a esse ponto. Foch, desafiando o ponto de vista de Haig de que os alemães ainda não estavam vencidos, sublinhou que, desde 15 de julho, tinham sido feitos prisioneiros mais de 250 mil soldados alemães e capturadas 4 mil peças de artilharia. O Exército alemão retirava-se ao longo de toda a frente. Não era apenas um exército que tinha sido “vencido todos os dias durante três meses”, mas também “um exército que estava física e moralmente derrotado”.

O alto-comando alemão tinha a mesma opinião, mas, em Spa, Hindenburg e Ludendorff, desagradados com a insistência do presidente Wilson em que a Alemanha apresentasse suas condições para um armistício, estavam à beira de desencadear um ato de desafio. Voltando as costas às exigências de Wilson, prepararam uma circular, a ser enviada na forma de telegrama a todos os comandantes de grupos do Exército, em que consideravam as condições do armistício desdenhosas para a Alemanha e inaceitáveis para o Exército e ordenavam que se “lutasse até o fim”. As exigências de Wilson não eram “para nós, soldados, mais do que um desafio para que continuemos nossa resistência com todas as nossas forças”. Nenhum esforço aliado conseguiria “a ruptura da frente alemã”. Devido ao protesto de um comandante do Exército, o telegrama foi retirado, mas não antes de um operador de telegrafia militar, que era membro do Partido Socialista Independente, ter transmitido o texto de Kaunas, onde o recebeu, para os membros de seu partido no Reichstag.

Em 24 de outubro, iniciou-se uma nova ofensiva aliada na frente italiana, que começou com um bombardeio de 1.400 canhões às posições austríacas em torno do monte Grappa. Participaram desse novo ataque 51 divisões italianas, juntamente com unidades britânicas, francesas, tchecoslovacas e americanas. No entanto, a defesa austríaca foi tenaz: suas 73 divisões ainda não estavam dispostas a dar-se por vencidas.

No Piave, tropas britânicas veteranas da frente ocidental tomaram parte numa feroz luta pela ilha de Papadopoli. “A novidade da ação ajudou consideravelmente a

reduzir a tensão”, escreveu um de seus capelães, E. C. Crosse.

Havia qualquer coisa de odioso e desumano nos ataques de trincheiras na França. A lama, as passagens cobertas com tábuas de madeira, os cavalos mortos pelos quais se passava, o estrondo e o rugido pavoroso dos canhões, tudo produzia um efeito de certo modo sobrenatural que só se conseguia suportar se não se pensasse sobre aquilo. Agora, contudo, a situação é bem diferente. Há meses que os ativistas políticos do batalhão ansiavam por entrar na luta. As armas ainda estavam silenciosas, as avenidas de árvores estavam cheias da glória de sua folhagem de outono; acima de tudo, o elemento de aventura envolvido na passagem do rio e a luta contra um inimigo que chegamos a desprezar combinaram-se para libertar os homens do fardo da opressão que mesmo o coração mais empedernido tinha sentido, um ano antes, na colina de Passchendaele.

Crosse acrescentou: “Os homens tinham ido para acabar com a guerra, tinham ido para aplicar um golpe aos austríacos por todos os crimes que haviam cometido desde o fatídico assassinato em Saraievo, e todos sentiam que, apesar de a expedição comportar riscos, valia a pena.”⁷ A ilha de Papadopoli foi capturada, mas uma chuva torrencial e inundações tornaram impossível avançar mais. Nesse dia, nas montanhas, os italianos recapturaram o monte Asolone, que tinha sido capturado pelos austríacos um ano antes.

Na Alemanha, em 25 de outubro, os jornais publicaram o anulado telegrama de Spa sobre “lutar até o fim”. Furioso, o príncipe Max foi ao Kaiser e exigiu que Ludendorff se exonerasse ou o próprio governo renunciaria. Em Berlim, Ludendorff falou com o Kaiser e exigiu que a última nota de Wilson fosse rejeitada. Se os alemães apoiassem o Exército no campo de batalha, a guerra poderia ser mantida “durante alguns meses”.

Ludendorff era apoiado por Hindenburg e, ainda mais importante, pelo chefe do Estado-Maior da Marinha, almirante Scheer. O novo ministro da Guerra, general Scheüch, também o apoiava, mas o Kaiser estava muito irritado por Ludendorff ter telegrafado diretamente às tropas e, a certa altura, gritou-lhe, com acrimônia e sarcasmo: “Excelência, devo recordar-lhe que está na presença do seu imperador!”

Compreendendo que já não havia forma de continuar a guerra, e que não lhe seria permitido continuá-la, Ludendorff exonerou-se. A nação guerreira tinha perdido seu Senhor da Guerra. Hindenburg, uma figura decorativa, manteve-se, pois o Kaiser recusou-se aceitar seu pedido de exoneração. O próprio Kaiser, o Supremo Senhor da Guerra, também havia sido transformado numa figura decorativa, pois o governo do príncipe Max continuava tentando chegar a um acordo aceitável com os Aliados.

O general Groener, sucessor de Ludendorff como quartel-mestre-general, foi realista ao considerar que a Alemanha tinha perdido sua capacidade de continuar a guerra.

Na frente turca, as forças árabes sob o comando do xerife Hussein bin Ali tinham chegado aos arredores da cidade de Aleppo, a cidade árabe mais a norte da Síria. O exército de Allenby também estava por perto, com sua cavalaria ansiosa por coroar o avanço na Síria com a captura da cidade. A defender Aleppo estava Mustafa Kemal. Em 25 de outubro, quando os árabes que estavam dentro da cidade se revoltaram, determinados a receber seus libertadores como homens livres, Kemal ordenou às suas tropas que lutassem rua a rua. O comandante das forças árabes que se opunham a ele era um antigo oficial do Exército turco, Nuri al-Said.⁸

Ao cair da noite, Kemal percebeu que não podia ser feito mais nada para defender o último bastião sul do império otomano e ordenou que suas tropas se retirassem. Tinha compreendido que qualquer novo avanço árabe ou aliado podia levá-los ao coração da Turquia. Apenas oito quilômetros ao norte de Aleppo, voltou-se não só para defrontar seu inimigo, que avançava, mas para delinear a futura fronteira sul da Turquia. Em Haritan, onde deu a volta para lutar, 3 mil soldados turcos e alemães sob seu comando detiveram a guarda avançada do exército de Allenby, obrigando duas unidades de cavalaria indiana, os Lanceiros de Jodhpur e os Lanceiros de Misore, a se retirarem.

Na frente italiana, os austríacos ainda defendiam suas posições na montanha, metro a metro, mas um primeiro sinal de desagregação chegou em 26 de outubro, quando três divisões húngaras pediram para ser enviadas à Hungria. Seu pedido foi aceito, e, 24 horas depois, tinham partido. A Turquia, a terceira força das Potências Centrais, também se desagregava. A cavalaria de Allenby entrou na cidade de Aleppo, no norte da Síria, em 26 de outubro. Os turcos retiraram-se em direção à Anatólia. Na frente da Mesopotâmia, mil soldados da cavalaria britânica avançaram mais de 130 quilômetros em dois dias.

Em 26 de outubro, três negociadores turcos chegaram à ilha de Mudros, no mar Egeu, para iniciarem negociações para um armistício. Com eles, estava o general Townshend, que tinha sido mantido em cativeiro perto de Constantinopla desde a queda de Kut, dois anos e meio antes, e a quem os turcos pediram ajuda para conseguirem um armistício. As conversações processaram-se a bordo do *Agamemnon*, um navio de guerra que tinha sido bombardeado nos Dardanelos três anos e meio antes. Assim como na frente ocidental, a abertura de negociações não foi acompanhada por uma interrupção da luta.

Quarenta e oito horas depois da chegada dos negociadores turcos a Mudros, tropas

britânicas chegaram ao porto búlgaro de Dedeagatch [Alexandrópolis], a dezesseis quilômetros da fronteira turca, com a declarada intenção de invadir a Turquia europeia. Outras tropas britânicas aproximavam-se de Adrianopla, antiga cidade turca cedida à Bulgária em 1913.

Luta e conversações prosseguiram em todas as frentes. Na Itália, dava-se uma luta feroz. Num contra-ataque austríaco, tinham sido capturados seiscentos italianos. Em 27 de outubro, tropas italianas e britânicas conseguiram atravessar o Piave. Foi o ponto de virada da batalha, tendo sido feitos prisioneiros mais de 7 mil austríacos. Havia um espírito de amotinação no ar, que levou duas divisões austríacas a se recusarem a contra-atacar. O imperador compreendeu que nada poderia ser feito a não ser recuar, se retirar e fugir. “Meu povo não tem nem capacidade nem desejo de continuar na guerra”, telegrafou ao Kaiser nesse dia. “Tomei a inabalável decisão de pedir uma paz separada e um armistício imediato”, acrescentou ele.

Nesse dia, não eram apenas os austríacos que não queriam continuar na guerra. A Esquadra de Alto-Mar alemã recebeu uma ordem para um ataque final, desesperado, à Esquadra Britânica, que enfureceu o Almirantado quando foi decodificada em Londres, mas os marinheiros alemães recusaram-se a obedecer à ordem. O almirante Scheer fez todos os esforços para convencer seus homens a lutar: “Uma honrosa batalha por parte da esquadra, mesmo que seja uma luta mortal, lançará as sementes de uma nova frota alemã do futuro”, disse ele. “Não pode haver futuro para uma frota refém de uma paz desonrosa.”

Mesmo assim, os marinheiros não se deixaram persuadir. “Não vamos para o mar. Para nós, a guerra acabou”, responderam em coro. A ordem de zarpar foi dada e ignorada cinco vezes. Os fogueiros a bordo dos navios que estavam no mar extinguíram o fogo das caldeiras. Foram detidos mil amotinados, imobilizando a frota. “Nossos homens rebelaram-se”, escreveu em seu diário o comandante da frota, almirante Hipper. “Não poderia cumprir a operação mesmo que as condições meteorológicas o permitissem.” Zangado por a Marinha imperial não ter defrontado os britânicos naquele dia, o antigo chefe do Estado-Maior da Marinha, almirante Tirpitz, escreveu em retrospectiva: “O povo alemão não compreende o mar. Na hora de decidir seu destino, não utilizou sua esquadra (...) Se nossos netos serão capazes de tomar em suas mãos essa tarefa, está ocultado na escuridão do futuro.”

Em 27 de outubro, na frente ocidental, uma bateria de artilharia americana deslocava-se de uma zona da linha de frente para outra quando, como recordou mais tarde seu comandante, o capitão Harry Truman, “a edição francesa do *New York Herald* foi distribuída. Manchetes em letras pretas informavam-nos de que o armistício estava em andamento. Nesse momento, um obus de 150 milímetros explodiu à direita da estrada e outro à esquerda.” Um sargento comentou: “Meu capitão, os malditos alemães não leram o jornal.”

Em 28 de outubro, a Áustria pediu um armistício aos Aliados. O país que tinha iniciado, cheio de confiança, as hostilidades contra a Sérvia em 1914, estava no fim de suas possibilidades militares e políticas. Durante o dia, os italianos fizeram 3 mil prisioneiros austríacos no Piave. Ao fim da tarde, o Exército austríaco recebeu ordens de retirada. No porto de Pula, no Adriático, quatro jovens oficiais navais austríacos subiram a bordo de um submarino alemão e pediram que fossem levados para a Alemanha. “Para quê?”, perguntaram-lhes. “Queremos lutar pela Alemanha até o fim!”, responderam eles.

Em Praga, o pedido austríaco de um armistício conduziu a uma renovação definitiva da atividade nacionalista tcheca. Reunindo-se na Sala Gregor, o Conselho Nacional da Tchecoslováquia, que tinha sido formado três meses antes, assumiu os poderes de um governo, deu ordens por telefone aos oficiais austríacos que estavam no castelo de Hradcany para que transferissem o poder para ele, controlou as ruas e proclamou a independência do Estado tcheco. Nessa noite, as tropas austríacas que estavam no castelo entregaram as armas. Sem fronteiras, sem reconhecimento internacional, sem o Acordo de Viena, com pouco mais de uma única cidade sob o seu controle, tinha nascido a entidade nacional tcheca.

Em 29 de outubro, enquanto as tropas austríacas se retiravam do Piave para o rio Tagliamento, mais de seiscentos aviões italianos, franceses e britânicos atacaram as longas e lentas colunas de homens, abastecimentos e peças de artilharia. Foi um bombardeio selvagem, contra o qual os austríacos não tinham proteção. A Força Aérea britânica, por si só, lançou milhares de bombas e disparou mais de 50 mil balas de metralhadora sobre o exército em retirada. Um oficial britânico de 19 anos, Bernard Garside, recordou tempos depois sua chegada ao cenário do ataque aéreo.

Ao longo da estrada, havia veículos destruídos, com suas cargas jogadas no chão, cavalos mortos, alguns com patas quebradas ou entranhas à vista, cadáveres de homens, para onde quer que tivessem corrido para escapar ao fogo das metralhadoras e às bombas lançadas pelos aviões, e, por alguma razão, tudo o que os soldados tinham nos bolsos. Não quero entrar demais em detalhes do que vi, mas foi terrível.

Tinha sido uma repetição do ataque às forças turcas quando se retiravam do rio Jordão.

O armistício austríaco só entraria em vigor em 4 de novembro. Até essa data, a retirada continuava, e com bombardeios feitos pelos Aliados.

Na frente ocidental, o general Pershing continuava preocupado com a capacidade alemã de retomar a guerra na primavera. Em sua opinião, que deu em 30 de outubro, o avanço aliado deveria continuar até que o Exército alemão se rendesse. “Um

armistício pode elevar o baixo moral do Exército alemão e permitir-lhe que se reorganize e que venha a resistir”, advertiu ele. Contudo, o desejo de Pershing de uma rendição incondicional não foi considerado nem por Lloyd George nem por Clemenceau, que agora tinham confiança numa imposição de termos fortes, praticamente inibidores, mesmo que o Exército alemão não depusesse as armas no campo de batalha. Foch também não temia uma recuperação militar alemã. “Não faço a guerra só por fazer a guerra”, disse Foch ao coronel House, emissário de Wilson. “Se conseguir, por meio de um armistício, as condições que queremos impor à Alemanha, fico satisfeito. Quando esse objetivo for atingido, ninguém tem o direito de derramar nem mais uma gota de sangue.”

As conversações para um armistício com a Alemanha prosseguiram, assim como os combates. Em 30 de outubro, Tirpitz escreveu ao príncipe Max: “O inimigo, que pode calcular facilmente nossa força, não nos tratará com mais misericórdia se nos desarmarmos prematuramente, e sim com mais dureza e brutalidade, pois um sentimento de vitória se juntará ao sentimento de desprezo por nós.” Tirpitz estava confiante em que, caso a Alemanha decidisse rejeitar os termos aliados, “a súbita necessidade de prosseguir na luta terá um grande efeito psicológico”. Se a Alemanha rejeitasse os termos propostos para a paz, haveria um “terrível desapontamento” entre “as massas de povos inimigos, que estão cansadas da guerra”, que seria acompanhado pela “crescente força da resistência heroica na nossa frente”. O príncipe Max rejeitou esse apelo à continuação do confronto e ao prolongamento da guerra.

Na frente ocidental, os combates continuavam. Entre os soldados britânicos em ação nos últimos dias de outubro estava o poeta Wilfred Owen, que avançava com seu batalhão pelas aldeias francesas das quais os alemães tinham sido expulsos. Owen estava desagradado com as recusas de líderes aliados às tentativas alemãs de negociação. “Aqui, os civis constituem uma comunidade miserável, suja, que se arrasta, alguns com medo de *nós*, o que não se admira depois do bombardeio que fizemos há três semanas”, escreveu ao seu amigo e também poeta Siegfried Sassoon em 29 de outubro. “Já te disse que cinco meninas saudáveis morreram de medo na última aldeia? As pessoas na Inglaterra e na França que prejudicam uma retirada tranquila do inimigo dessas áreas estão sacrificando velhos camponeses e encantadoras crianças francesas. Projéteis fabricados por mulheres em Birmingham estão, neste momento, sepultando crianças que vivem não longe daqui.” Corriam rumores de que a Áustria se rendera. “Os soldados recém-chegados festejam quando ouvem esses rumores, mas os mais antigos continuam fumando seus cachimbos e limpando os rifles, incrédulos.”

A guerra prosseguiria apesar das retiradas dos exércitos alemão e austríaco de áreas que tinham estado sob controle alemão havia quatro anos. Em 30 de outubro, o

coronel Alan Brooke visitou o cemitério militar em Douai, mantido pelo Exército alemão desde fins de 1914, para “ver as sepulturas de franceses, ingleses, russos, italianos e alemães, todas cuidadas da mesma forma”. No centro do cemitério, os alemães tinham colocado um grande monumento de pedra. “Nas três pedras angulares estão três medalhões com as três divisas — francesa, inglesa e alemã —, cada uma voltada para seu respectivo país.” No topo de cada face estava escrito “Pro Patria”, seguido por uma mesma frase:

A LA MÉMOIRE DES BRAVES CAMARADES
DEN GEFALLEN KAMERADEN ZUR EHRE
IN MEMORY OF BRAVE COMRADES⁹

A luta continuava na frente italiana. Em 30 de outubro, foram feitos prisioneiros mais de 33 mil soldados austríacos. Na frente ocidental, uma divisão alemã recusou-se a cumprir ordens e entrar na batalha. Em Viena, o governo austro-húngaro continuava tentando conseguir um armistício com os Aliados.

O império dos Habsburgos entrara em colapso. Tendo o Conselho Nacional da Tchecoslováquia declarado a independência da Tchecoslováquia em Praga, em 28 de outubro, o Conselho Nacional Eslovaco, numa reunião em Turčiansky Svätý Martin no dia seguinte, associou-se à anteriormente inexistente entidade e insistiu no direito à “autodeterminação” da região eslovaca.¹⁰

Também em 29 de outubro, em Agram, o Parlamento croata declarou que a Croácia e a Dalmácia faziam doravante parte de um “Estado nacional soberano de eslovenos, croatas e sérvios”, um Estado que, à semelhança da Tchecoslováquia, constituía um novo elemento no mapa da Europa. Na cidade eslovena de Laibach e na capital da Bósnia, Saraievo, surgiram declarações semelhantes ligando essas regiões ao emergente Estado dos eslavos do sul: a Iugoslávia. Acompanhando as mudanças, o nome germânico Agram foi alterado para o nome eslavo, Zagreb, e Laibach passou a chamar-se Liubliana.

Em 30 de outubro, o porto austríaco do Fiume, que dois dias antes tinha sido declarado parte do Estado eslavo do sul, declarou sua independência, exigindo uma união com a Itália. Em Budapeste, os húngaros aproveitaram a ocasião para conseguir uma existência separada, pois o rei-imperador convidou o conde Károlyi a formar o governo. Károlyi assim fez; então, com o acordo de Karl, pôs fim aos vínculos que tinham ligado a Áustria à Hungria desde 1867 e demonstrou a recente independência da Hungria abrindo negociações para um armistício com as forças francesas na Sérvia. Em 30 de outubro, sendo a Áustria-Hungria uma coisa do passado, Karl deu a Frota Austríaca aos eslavos do sul e a Flotilha do Danúbio à Hungria. Em Viena, trabalhadores e estudantes manifestaram-se contra a própria

monarquia. Nessa noite, a delegação do armistício chegou à Itália, dirigindo-se à Villa Giusti, perto de Pádua.

No couraçado *Agamemnon*, ao largo da ilha de Mudros, negociadores turcos e britânicos, encabeçados pelo comandante das forças navais britânicas no Mediterrâneo oriental, almirante Wemyss, trabalhavam nos últimos detalhes do armistício turco, que entraria em efeito ao meio-dia do dia seguinte. O general Townshend participou dessa derrota final para a Turquia.

A assinatura do armistício concluiu a guerra na Mesopotâmia, que tinha levado seu antigo Exército até as portas de Mossul. Durante os quatro anos da campanha britânica na Mesopotâmia, os mortos em ação e devido a doenças somaram 1.340 oficiais e 29.769 homens. A guerra na Palestina e na Síria também tinha terminado, com as tropas britânicas já ao norte de Aleppo, no limite da Anatólia, dentro da Turquia.

Segundo os termos do armistício de Mudros, a Turquia deveria abrir os estreitos de Dardanelos e do Bósforo aos navios aliados, aceitar a ocupação militar dos fortes dos Dardanelos e do Bósforo, concordar com a desmobilização do Exército turco, libertar todos os prisioneiros de guerra e evacuar suas vastas províncias árabes, que, com exceção de um fragmento, estavam sob controle dos Aliados. Alguns meses depois, o *Times* comentou: “A fraqueza do armistício reside em que os turcos da Anatólia não perceberam quão completa foi a derrota que sofreram e não foram tomadas medidas adequadas para a segurança dos armênios.”

Em 30 de outubro, dia da capitulação da Turquia, em outro acontecimento de grande significado, o Kaiser partiu de Berlim para Spa. A ida para essa distante estação balneária belga deixou aos políticos a discussão sobre sua possível abdicação em favor de seu jovem filho, ficando a Alemanha sob o governo de um Conselho de Regência. A maioria dos partidos políticos com assento no Reichstag era a favor dessa solução e concordava em que o Kaiser devia sacrificar-se para que a dinastia pudesse sobreviver. Porém, quando o ministro prussiano do Interior, dr. Drews, foi a Spa para expor esse ponto de vista ao próprio Kaiser, o líder nacional ficou indignado: “Como é possível que o senhor, um oficial prussiano, consiga conciliar tal missão com o juramento que fez ao seu rei?”, perguntou ele.

Com o total apoio de Hindenburg, o Kaiser declinou a abdicação. O general Groener, que estivera presente à conversa do Kaiser com o dr. Drews e que tinha sido ruidosamente enfático (pois Drews não ouvia bem), defendendo que seu soberano não devia abdicar, tinha outra proposta a fazer. Ele disse ao Kaiser, depois de Drews retirar-se, que “devia ir para a frente, mas não para passar em revista as tropas nem para condecorá-las, mas para procurar a morte. Devia ir para uma

trincheira que estivesse sob o maior impacto da guerra. Se morresse, seria a mais bela morte possível. Se ficasse ferido, o sentimento do povo alemão mudaria por completo e ficaria a seu favor”. Hindenburg considerou que não era uma boa ideia. Os pontos de vista do Kaiser não ficaram registrados.

Na frente ocidental, a ofensiva aliada continuava, com rápidos avanços por todos os lados. Em 31 de outubro, foram feitos preparativos para uma ofensiva final. “A vida é ótima”, escreveu o poeta Wilfred Owen para casa, quando estava num abrigo perto da aldeia de Ors, no canal de Sambre, o próximo objetivo para ele e seus homens. “Estou mais alheio do que você, minha querida mãe, ao espantoso brilho dos canhões lá fora e ao barulho surdo dos projéteis explodindo. Aqui não há perigo, e, se houver, já terá acabado muito antes que você leia estas linhas. Espero que esteja tão aquecida quanto eu...”

Em 31 de outubro, no porto adriático de Pula, os eslavos do sul apoderaram-se dos navios de guerra austro-húngaros que o imperador havia entregado. Então, horrorizados, viram um torpedeiro italiano, que se recusara a aceitar que aqueles navios já não faziam parte da frota inimiga, torpedear o couraçado *Viribus Unitis*, que estava ancorado. Afogaram-se centenas de marinheiros. No mesmo dia, tropas sérvias chegaram às colinas sobranceiras à capital, Belgrado, tendo marchado desde a frente de Salonica em menos de seis semanas, libertando cidades e aldeias. De seu ponto de observação privilegiado sobre Belgrado, podiam ver uma frota de barcos que transportavam tropas austríacas, ao longo do Danúbio, até a margem húngara. No dia seguinte, abriram fogo sobre os monitores húngaros que patrulhavam o Danúbio. Mais de quatro anos antes, a Primeira Guerra Mundial tinha começado com os austríacos bombardeando posições sérvias nessas mesmas colinas.

Uma nova ofensiva americana, no Meuse, estava planejada para 1º de novembro. Os preparativos eram intensos, mas os homens mostravam-se indiferentes. Douglas MacArthur descreveu como “estavam tristes enquanto se preparavam para seus próximos deveres na linha de frente” e como, à vista de Côte de Châtillon, que tinham capturado à custa de baixas tão pesadas duas semanas antes, não conseguiam tirar de suas mentes “aqueles dias de pesadelo”. Os homens que treinavam as tropas tinham tentado criar um novo entusiasmo com slogans de exortação: “A melhor maneira de capturar metralhadoras é ir lá e pegá-las! Vamos em frente!”, “Não há desculpa para o fracasso!”, “Nenhum homem está tão cansado que não consiga dar mais um passo em frente!”.

Na noite anterior ao ataque americano, três baterias de canhões navais de 355 milímetros, o armamento-padrão de um couraçado, foram montadas em vagões de trem e, de uma distância de quarenta quilômetros, projéteis de 635 quilos foram disparados contra as defesas alemãs. Dois dias antes do início do ataque, soldados de

artilharia americanos, utilizando máscaras de gás pela primeira vez em ação, lançaram 36 mil granadas de gás, num total de 41 toneladas, sobre as quatro divisões alemãs que os defrontavam. Das doze baterias de artilharia alemãs que estavam mais próximas do setor americano, nove foram destruídas. Seguidamente, depois de uma intensa barragem de artilharia de duas horas às primeiras horas de 1º de novembro, os americanos avançaram. Aviões americanos, voando a baixa altitude, metralharam as defesas alemãs que tinham sobrevivido aos bombardeios. Bombardeiros britânicos, voando a grande altitude, atingiram linhas de comunicação alemãs, depósitos e concentrações de tropas atrás das linhas.

“Pela primeira vez, as linhas do inimigo foram completamente penetradas”, comentou Pershing. Os alemães fugiram. Um soldado americano, Rush Young, recordou: “As estradas e os campos estavam cheios de alemães mortos, cavalos mortos, pedaços de peças de artilharia, transportes, carretas de munições, capacetes, rifles e baionetas.” Ao final do dia, ficara claro que os alemães não tinham qualquer possibilidade de agrupar-se e contra-atacar. No mesmo dia, imediatamente ao norte de Aisne, perto das aldeias de Banogne e Recouvrance, tropas francesas avançaram até aquilo que tinha sido a primeira de três linhas estabelecidas atrás da linha Hindenburg.

Em Berlim, a atividade política intensificava-se, com a exigência de um fim da monarquia marcada com especial força pelos espartaquistas. O comentário do Kaiser a essas exigências, em Spa, em 1º de novembro, feito a um emissário do príncipe Max, foi: “Nem me passa pela cabeça abandonar o trono por causa de algumas centenas de judeus e mil trabalhadores.” Depois, acrescentou acerbamente: “Digam isso aos seus amos em Berlim.” O príncipe Max não estava preocupado com o ponto de vista do Kaiser. A essa altura, já tinha informado aos Estados Unidos que o governo alemão aguardava os termos do armistício.

À semelhança do império otomano, cujo armistício entrara em vigor em 31 de outubro, os domínios dos Habsburgos estavam desintegrados. Em 1º de novembro, a cidade de Saraievo, onde o herdeiro dos Habsburgos tinha sido assassinado quatro anos e cinco meses antes, declarou-se parte do “Estado nacional e soberano” dos eslavos do sul. Nesse mesmo dia, o povo da Rutênia declarou sua independência.¹¹ Em Viena e Budapeste, a revolução era iminente. O antigo primeiro-ministro húngaro, conde Tisza, tinha sido assassinado em Budapeste pelos Guardas Vermelhos em 31 de outubro. Em 2 de novembro, reforços alemães transferidos da frente oriental para a frente ocidental amotinaram-se em vez de entrarem em ação. Em Viena, um regimento de Infantaria húngaro, destacado no palácio imperial de Schönbrunn, desertou e voltou à Hungria. No mesmo dia, em reconhecimento do colapso das Potências Centrais e de tudo o que tinham representado, o Conselho de Estado da Lituânia anulou a eleição do duque de Württemberg como rei.

O Conselho Supremo de Guerra, ainda desconfiado em relação à disposição alemã

de assinar um armistício, discutiu nesse dia, e aprovou, planos para a invasão da Baviera na primavera de 1919, que seria colocada em prática principalmente pelos italianos, com apoio de alguns franceses e britânicos. A capacidade bélica dos Aliados estava em seu auge: em outubro, tinham sido produzidas cerca de 5 mil metralhadoras na Grã-Bretanha, estando a ser fabricadas mais 5 mil para entrega em novembro.

O armistício austríaco foi assinado em 3 de novembro e entraria em vigor no dia seguinte. Em Viena, a Revolução Vermelha continuava. “Está próximo o tempo em que o primeiro dia da revolução mundial será celebrado por todo o lado”, declarou Lênin em 3 de novembro, em Moscou, numa manifestação em apoio aos revolucionários austríacos. Em Kiel, 3 mil marinheiros e trabalhadores alemães içaram a bandeira vermelha. O governador de Kiel, almirante Souchon, o homem cujos canhões tinham aberto fogo nos portos russos do mar Negro em 1914, colocando a Turquia na guerra, ordenou aos cadetes leais ao governo que suprimissem a revolta. Oito amotinados foram mortos, mas a revolta prosseguiu.

Em 3 de novembro, na frente italiana, os italianos entraram na cidade de Trento. Entre os 300 mil soldados austríacos que foram feitos prisioneiros no Trentino, estava Ludwig Wittgenstein. Nesse dia, os Aliados concordaram com um pedido formal alemão para um armistício na frente ocidental, mas o combate continuou. Na frente italiana, todos os combates terminaram às 15h de 4 de novembro. Tendo atravessado o rio Tagliamento pouco antes desse horário, um capelão da 7ª Divisão Britânica comentou: “À direita, ouviam-se sons de disparos. Pensamos que vinham de um pequeno contingente americano que, à última hora, tinha cumprido sua ambição de entrar na linha de fogo e não desistiria de sua batalha devido a qualquer passividade por parte do inimigo.” Nessa noite, segundo recordou o oficial de artilharia britânico Hugh Dalton, “o céu estava iluminado pelo brilho de fogueiras e pelo disparo de foguetes coloridos (...) Podíamos ouvir sinos tocando a distância, para os lados de Treviso, e cantos e festejos por todos os lados. Foi uma hora de perfeição e de realização...”.¹²

Nesse dia, na frente ocidental, tropas britânicas e canadenses atacaram ao longo de uma frente de cinquenta quilômetros entre Valenciennes e Guise. A Divisão da Nova Zelândia conduziu um ataque à antiga cidade murada de Le Quesnoy, a menos de oito quilômetros da fronteira belga. Os alemães defenderam a cidade com firmeza, rechaçando os neozelandeses, que decidiram então cercá-la, optando por atacar posições de artilharia alemã mais para leste. Contudo, também aí, nas aldeias de Jolimetz e Herbignies, a resistência alemã foi forte. Então, os neozelandeses lançaram panfletos sobre Le Quesnoy, urgindo os soldados alemães a se renderem, mas eles recusaram-se a fazê-lo. Os neozelandeses tentaram então fazer um assalto direto, utilizando, a determinada altura, uma escada de dez metros, que subiram numa fila única. Por fim, ao entrarem na cidade, fizeram 2.500 prisioneiros e

capturaram cem peças de artilharia.

No assalto britânico ao canal de Sambre, em 4 de novembro, uma tentativa de engenheiros para colocar uma ponte temporária sobre o canal foi evitada pelo forte fogo da artilharia e das metralhadoras alemãs. Quase todos os engenheiros ficaram feridos, e o canal continuou sem ponte. O poeta Wilfred Owen foi visto encorajando seus homens a tentar atravessar o canal em botes. Um oficial de sua companhia disse recordar-se que ele dizia “Bom trabalho!” e “Está indo bem, rapaz!”. Porém, a travessia em botes não deu resultados e, por isso, foram unidas placas de madeira e tábuas. À beira da água, enquanto ajudava seus homens a cumprirem sua tarefa, Owen foi atingido e morreu. Num poema, tinha escrito:

*Voices of boys were by the river-side
Sleep mothered them; and left the twilight sad.
The shadow of the morrow weighed on men.*¹³

No local onde Owen foi morto, perto da aldeia de Ors, o canal continua sem uma ponte. Seu batalhão terminou por atravessar o canal por uma ponte que existia alguns quilômetros mais abaixo. Em seu túmulo na aldeia de Ors, foram gravadas palavras de um dos seus poemas:

*Shall life renew
Those bodies?
Of a truth
All death will he annul.*¹⁴

No poema original, a segunda frase também termina com um ponto de interrogação.

No final de 4 de novembro, forças britânicas na frente ocidental tinham avançado oito quilômetros, fazendo 10 mil prisioneiros e capturando duzentas peças de artilharia. Entre os mortos sepultados no mesmo cemitério que Owen, estão dois dos quatro homens que nesse dia receberam a Cruz Vitória, o tenente-coronel James Marshall e o segundo-tenente James Kirk. Na lápide de Marshall estão as palavras: “Esplêndido na morte, quando caíste, corajoso, a dirigir o ataque.” Na lápide de Kirk estão palavras de Jesus: “Pai, perdoa-lhes, pois não sabem o que fazem.”

Entre os soldados feridos em 4 de novembro, estava Carroll Carstairs, um dos americanos que se apresentaram como voluntários para lutar com o Exército britânico quando os Estados Unidos ainda eram neutros. Graduado por Yale, alistara-se em dezembro de 1914. Durante um ataque em novembro, foi atingido no quadril por uma bala de metralhadora e ficou estendido numa trincheira pouco

profunda.

Gunther correu até mim. Quando olhei à minha volta, ele caiu, e vi um rasgão na parte de trás do casaco dele, onde a bala se alojara. Morreu quase imediatamente. Um soldado, atingido em ambos os braços, caiu quase ao mesmo tempo, e ali ficamos, juntos, até o fim da batalha, quando os maqueiros puderam chegar. Eu sentia dores demais para poder ser levantado e arrastei-me até a maca.

Carstairs foi então transportado, como escreveu mais tarde, “por dois ou três quilômetros de um campo destroçado, por dois homens do corpo médico e dois prisioneiros alemães. Parecia que nunca chegaríamos ao fim da nossa caminhada. Cada passo era uma sacudidela e cada sacudidela era uma dor intensa. Chegamos a um local que mais parecia um campo de batalha, tantos feridos havia lá, britânicos e alemães. Ouvi alguém dizer algo como ‘Essa casa está minada’, o que explica termos sido colocados num campo. Era já fim de tarde. Eu tinha tanto frio que meus dedos ficaram endurecidos e eu não conseguia movê-los. Tinha chocolate no bolso e ofereci-o. Já estava escuro quando uma ambulância puxada a cavalo buscou-me. As pontes tinham sido bombardeadas e, por isso, utilizavam-se ambulâncias puxadas a cavalos para atravessar a corrente”.

Ao chegar ao dispensário, Carstairs foi posto num pátio, “onde um padre dizia: ‘Alguém quer chá? Se levaram um tiro no estômago, não bebam, pois isso vai matá-los.’ Eu bebi cinco xícaras de chá e nunca me senti tão vivo”.

Por trás das linhas, as amotinações na Marinha se alastravam. Em 4 de novembro, em Kiel, milhares de marinheiros, muitos trabalhadores de fábricas e 20 mil soldados de guarnições juntaram-se aos amotinados do dia anterior. Milhares de soldados foram de Kiel a Berlim para içarem ali a bandeira da amotinação. Em 5 de novembro, os marinheiros de Lübeck e Travemünde declaram sua adesão à revolução. No dia seguinte, os marinheiros de Hamburgo, Bremen, Cuxhaven e Wilhelmshaven fizeram o mesmo. De seu quartel-general em Spa, o Kaiser considerou a possibilidade de enviar tropas de combate para recuperar Kiel, mas foi dissuadido por aqueles que estavam com ele.

Em 4 de novembro, os comandantes aliados reuniram-se para planejar seus próximos ataques. Os franceses desencadeariam um ataque na Lorena dentro de dez dias, em 14 de novembro. Os americanos concordaram em dispensar seis divisões para essa tarefa, desde que constituíssem um exército americano separado. Em paralelo, no interior da Alemanha e da Áustria, os apelos à revolução aumentavam. “A Alemanha está em chamas e a Áustria, fora de controle”, foi o comentário de Lênin em 6 de novembro. Nesse dia, em Berlim, o líder socialista alemão Friedrich

Ebert propôs que o Kaiser, que ainda estava em Spa, abdicasse “hoje ou, no mais tardar, amanhã”.

O Exército americano, que prosseguia em sua triunfal ofensiva de 1º de novembro no Meuse, atingiu a margem oposta do rio Sedan em 6 de novembro: na rapidez e na confusão do avanço, Douglas MacArthur, que comandava uma brigada de Infantaria, foi feito prisioneiro por seus próprios homens. Pensando que se tratava de um oficial alemão, vigilantes sentinelas detiveram-no à ponta de pistolas. O erro foi rapidamente descoberto quando MacArthur tirou seu estranho quepe mole e um longo lenço que usava. Foi um dia de crescente confusão, ordens que se contradiziam, unidades que marchavam umas contra as outras e um rápido aumento de uma crônica falta de aprovisionamentos. Numa divisão, havia uma falta tão grave de cavalos que foram colocados arreios em homens para puxarem os carros até a frente. Contudo, o caos nas áreas recuadas, combinado com avisos de que a equipe médica estava “no ponto de ruptura”, não podia mascarar a escala da vitória. No mesmo dia, tropas canadenses entraram na Bélgica, fazendo 1.750 prisioneiros alemães em solo ocupado pela Alemanha havia exatamente quatro anos.

Em seu regresso a Spa, em 6 de novembro, depois de quatro dias na frente, o general Groener advertiu pessoalmente o Kaiser, e o chanceler por telegrama, de que um armistício deveria ser assinado até sábado, 9 de novembro. “Segunda-feira já será tarde demais”, advertiu Groener. Sua análise da situação, baseada em sua experiência pessoal nos dias anteriores, era muito negativa: a frota estava amotinada, a revolução era iminente e a autoridade do governo tinha caído a tal ponto que as tropas se recusavam a disparar contra os revolucionários.

Na manhã do dia seguinte, 7 de novembro, os delegados alemães que negociariam o armistício chegaram a Spa. O líder do Partido do Centro, Matthias Erzberger, membro do governo do príncipe Max, tinha relutado fortemente em aceitar liderar a delegação, assinando assim, como se sabe agora, sua própria sentença de morte. Era tal a dúvida em relação a Erzberger que um oficial praticamente desconhecido, o general Gündell, foi informado de que deveria estar pronto para substituí-lo. Nessa manhã, Foch recebeu do Comando Supremo da Guerra uma mensagem por rádio com os nomes dos alemães enviados para negociar o armistício, em que se perguntava se, “no interesse da humanidade”, sua chegada à França “poderia levar a uma suspensão provisória das hostilidades”. Foch ignorou o pedido. Ao meio-dia, a delegação deixou Spa a caminho da frente, atravessando territórios controlados pelos franceses. Ali, foi-lhes dito que as conversações aconteceriam na floresta de Compiègne.

No campo de batalha, os soldados ainda lutavam, como tinham feito todos os dias durante mais de quatro anos, mas as notícias da chegada dos delegados alemães a

solo francês estimularam um súbito rumor, atrás das linhas, de que a guerra tinha terminado. Nessa tarde, no porto de Brest, marinheiros franceses atiraram seus quepes para o ar aos exuberantes gritos de “*Fini la guerre!*”, sendo disparados tiros para celebrar o fato. Um jornalista americano que estava no porto, Roy Howard, e que estava prestes a partir para os Estados Unidos, telegrafou para o escritório da United Press, em Nova York, dizendo que tinha sido assinado o armistício às 11h daquele dia, levando ao fim das hostilidades às 14h. Acrescentou ainda que as tropas americanas tinham tomado Sedan naquela manhã.

Devido às cinco horas de diferença horária, o telegrama de Howard chegou a Nova York a tempo de ser publicado nas edições vespertinas. “PAZ: COMTABES TERMINAM”¹⁵ foi a manchete do *San Diego Sun*, tendo o tipógrafo, devido ao seu entusiasmo, escrito errado a palavra “combates”. Celebrações começaram em centenas de cidades por todos os Estados Unidos. Em Nova York, Enrico Caruso apareceu à janela do hotel onde estava hospedado e cantou “The Star-Spangled Banner”¹⁶ diante de uma multidão extasiada. Em Chicago, o ensaio de uma ópera foi interrompido quando um tenor belga irrompeu no palco e gritou entre lágrimas de alegria: “Parem! Parem! Foi declarada a paz!” A orquestra tocou “The Star-Spangled Banner” e os hinos nacionais dos beligerantes aliados.

Durante a tarde e a noite de 7 de novembro, foram recebidas em Cuba, na Argentina e na Austrália notícias da assinatura do armistício, o que levou a uma onda de celebrações e demonstrações de alegria. Quando as notícias chegaram a Washington, multidões convergiram para a Casa Branca, pedindo a presença do presidente. Sua mulher instou-o a aparecer à porta e saudar a multidão. Sabendo que as notícias podiam ser falsas, Wilson não quis fazê-lo. Nesse intervalo, chegou às mãos de Howard um telegrama, enviado pelo escritório da United Press em Paris: “Notícia armistício falsa. Ministro da Guerra desmente e declara que plenipotenciários inimigos ainda a caminho das linhas. Não haverá reunião com Foch até esta noite.”

Na frente ocidental, o avanço dos exércitos aliados continuara durante o dia, assim como a resistência alemã. Quando patrulhas da 42ª Divisão Americana entraram nas aldeias de Torcy e Wadelincourt, do outro lado do Meuse, vindas de Sedan, foram obrigadas a recuar devido ao fogo intenso de artilharia e de metralhadoras alemãs.

Em Berlim, a maioria dos deputados socialistas no Reichstag exigia a resignação do Kaiser. Quando essa proposta foi recusada, renunciaram em bloco do Reichstag e apelaram à realização de uma greve geral em toda a Alemanha. Em Munique, Kurt Eisner, um judeu prussiano e seguidor de Lênin, que em sua vida profissional era crítico de teatro para o jornal *Münchener Post*, declarou o estabelecimento de uma República Soviética Bávara. Em Colônia, marinheiros revolucionários tomaram a

cidade, içando a bandeira vermelha, como tinha já sido içada em Kiel.

O Kaiser estava desesperado com o colapso de seu país e do sistema imperial que tinha sido criado por seu avô e por Bismarck meio século antes. Quando o príncipe Max pediu-lhe com insistência, ao telefone, que abdicasse, ele gritou-lhe sua recusa. Mais tarde, ainda em 8 de novembro, o almirante Hintze chegou a Spa para dizer-lhe que sua adorada Marinha já não obedecia às suas ordens. O Kaiser, que quatro anos antes tinha sido o símbolo do zelo guerreiro das Potências Centrais, estava destroçado, e seu orgulhoso mundo imperial estava em ruínas.

O armistício final

9 a 11 de novembro de 1918

Na manhã de 9 de novembro de 1918, os negociadores alemães do armistício chegaram à floresta de Compiègne. O delegado militar alemão, general de divisão Winterfeldt, era filho do homem que tinha elaborado os termos da rendição francesa de 1870 e houve certa especulação entre os franceses sobre essa escolha. Porém, quando o general Weygand conduziu os alemães ao vagão de trem de Foch, ficou claro que não traziam mais do que a aura da derrota. “Quando os vi à minha frente, alinhados ao longo do outro lado da mesa, disse para mim mesmo: ‘Eis o império germânico!’”, escreveu Foch mais tarde.

Em Spa, o governante desse império lutava contra seu futuro. “Meu caro almirante, a Marinha deixou-me ao abandono”, comentou com sarcasmo quando se encontrou com o almirante Hintze naquela manhã. O Kaiser reconheceu que tinha perdido o apoio de sua Marinha, cujo poderio, tão cuidadosamente construído, deveria ter sido o instrumento de derrota da Grã-Bretanha. Mas o que sucedera ao exército que ele comandara desde 1887 e que estava totalmente derrotado? Já não servia para restaurar a ordem na própria Alemanha, mantendo assim a monarquia? Essas eram as dúvidas do Kaiser, que estava disposto a conduzir seu exército, não em batalha, no que restava da frente ocidental, mas em Kiel, Munique e Berlim para suprimir amotinacões e revoltas. Onze cidades alemãs ostentavam a bandeira vermelha, incluindo cinco importantes portos. Com Hindenburg a seu lado, restauraria a ordem no Reich.

Foi pedida a opinião do general Groener, que respondeu sem subterfúgios que nenhuma operação militar no interior da Alemanha teria sucesso. Os revolucionários detinham o comando dos principais centros ferroviários. Muitos soldados já faziam parte da revolução. Aix-la-Chapelle (Aachen), a cidade alemã mais próxima, a pouco mais de trinta quilômetros, estava sob controle dos rebeldes. Também estava a cidade belga de Verviers, ocupada pelos alemães, a cerca de quinze quilômetros. Se

fosse chamado a lutar, o Exército não lutaria e não havia reservas.

O Kaiser parecia não compreender a enormidade da situação. A princípio, levantou a hipótese de uma expedição militar imediata contra os rebeldes alemães em Verviers e Aix-la-Chapelle. Depois, sugeriu que ficaria tranquilamente em Spa enquanto o armistício era negociado, depois do que, ainda como Kaiser, voltaria a Berlim à frente de seu exército. Groener pôs fim a tais fantasias com as palavras: “O exército retornará ao país em paz sob as ordens de seus líderes e de seus generais, mas não sob o comando de Vossa Majestade, pois o exército já não apoia Vossa Majestade.” O Kaiser protestou e exigiu que seus generais assinassem essa declaração por escrito, mas eles não o fizeram. “Não me fizeram um juramento militar?”, perguntou o Kaiser. “Hoje em dia, juramentos de lealdade não são garantias”, respondeu Groener.¹

Nesse momento da discussão, chegou um telegrama do comandante de Berlim: “Todas as tropas desertaram. Totalmente fora de controle.” Eram 11h de 9 de novembro. Outros telegramas chegaram no começo da tarde, todos eles com notícias desastrosas para a autoridade do Kaiser e para seu futuro. O príncipe Max, em Berlim, numa tentativa de preservar a monarquia, anunciou a abdicação do Kaiser e o estabelecimento de uma regência. O próprio príncipe Max abdicou, entregando a chancelaria nas mãos do líder socialista Friedrich Ebert. Outro telegrama dizia que os espartaquistas haviam tomado o palácio imperial e que Karl Liebknecht tinha, da escadaria, proclamado o estabelecimento de uma República Soviética alemã. Como resposta, o líder socialista, Scheidemann, na escadaria do Reichstag, proclamara uma República Socialista. O caminho de volta à Alemanha estava bloqueado por revolucionários. Até mesmo em Spa, os soldados estabeleciam um conselho bolchevique.

Em Spa, foi anunciada a chegada de outro visitante. Era o almirante Scheer, que, numa tentativa de reforçar a decisão imperial, disse ao Kaiser que, se abdicasse, a Marinha Imperial ficaria sem um líder. “Já não tenho uma Marinha”, foi o amargo comentário de Wilhelm. “Havia um profundo desapontamento nessas palavras”, recordou Scheer. Eram 17h. O Kaiser havia tomado a decisão de partir para um exílio na Holanda na manhã seguinte.

Na floresta de Compiègne, as negociações para o armistício continuaram durante todo o dia. Erzberger utilizou a extensão do perigo revolucionário na Alemanha e a ameaça de uma expansão do bolchevismo pela Europa Central para solicitar termos mais suaves. Foch respondeu: “O senhor sofre da doença dos derrotados. Eu não tenho receio de que isso aconteça. A Europa Ocidental encontrará os meios para defender a si própria.” Mais uma vez, Erzberger repetiu o pedido do governo alemão para que houvesse um cessar-fogo na frente ocidental enquanto decorressem as

conversações, tentando ganhar tempo enquanto os delegados alemães tentavam conseguir termos mais favoráveis. “Não”, respondeu Foch. “Represento aqui os governos aliados, que estabeleceram suas condições. As hostilidades não cessarão antes da assinatura do armistício.”

Dessa forma, a luta continuou, mas os alemães já não podiam influenciar o desenrolar das negociações por meio de suas ações no campo de batalha. Nos cem dias desde que a ofensiva aliada tinha começado, no início de agosto, o poderio alemão tinha sido quebrado não por dissidências, revoluções atrás das linhas ou por intriga política, como alegariam mais tarde políticos nacionalistas e nazistas, mas devido à superioridade militar dos exércitos aliados. Nesses cem dias, o Exército britânico, com as forças dos domínios, fizeram 186 mil prisioneiros alemães e capturaram 2.800 peças de artilharia. Os franceses tinham 120 mil prisioneiros e 1.700 peças de artilharia. Os americanos haviam feito 43 mil prisioneiros e capturado 1.400 peças de artilharia e os belgas, 14 mil prisioneiros e quinhentas peças de artilharia. No total, eram 363 mil prisioneiros e 6.400 peças de artilharia, o que constituía um quarto do Exército alemão no campo de batalha e metade de sua artilharia. O poder bélico da Alemanha, até mesmo para defender suas fronteiras, estava a dias do colapso.

No mar, decorriam as ações finais da guerra naval. Ao largo de Gibraltar, navios britânicos afundaram o submarino alemão U-34, que tinha sido responsável, desde 1915, pela destruição de 121 navios mercantes aliados. Ao largo de Trafalgar, o submarino alemão UB-50 afundou o couraçado britânico *Britannia*, tendo morrido quarenta marinheiros.²

No campo de batalha, os americanos fizeram pequenos avanços na Lorena em 9 de novembro. Mesmo então, à medida que recuavam, os alemães deixavam pequenos ninhos de metralhadoras ligeiras para dificultarem o avanço americano em cada colina. Foram poucas as baixas no campo de batalha, mas atrás das linhas milhares de pessoas morreram em consequência da gripe nesse dia, entre elas o poeta francês Guillaume Apollinaire.

Nesse dia, em sua casa em Hyde Park, enquanto se recuperava de um severo ataque de pneumonia contraída quando ainda estava na França, Franklin Roosevelt considerou a hipótese de exonerar-se do cargo de subsecretário de Estado da Marinha e alistar-se como marinheiro. Sua visita à Europa e a inspeção dos navios americanos e instalações no mar do Norte e ao longo da costa atlântica da França tinham criado nele um gosto pela ação. Não estava convencido de que os alemães concordariam com os termos aliados do armistício. “A opinião consensual parece ser que os boches estão numa péssima posição e que aceitarão tudo, mas eu não tenho assim tanta certeza”, escreveu a um antigo colega da Universidade Harvard em 9 de

novembro. “Se os termos forem recusados e a guerra continuar, penso entrar para a Marinha sem qualquer hesitação.”

Em 10 de novembro, os canadenses entraram em Mons, onde, quatro anos antes, os “Old Contemptibles” [“Velhos Desprezíveis”] da Força Expedicionária Britânica tinham entrado pela primeira vez em linha e sido rechaçados. Nesse dia, havia tropas americanas em ação por todos os lados, tanto na travessia do rio Meuse como em luta contra tropas alemãs que ainda combatiam perto da bacia do Briey. Nessa missão, tomou parte uma divisão de negros americanos, que sofreu pesadas baixas. Nesse dia, no mar, o navio-varredor britânico *HMS Ascot* foi torpedeado ao largo do nordeste da Inglaterra por um submarino alemão, tendo morrido afogados 53 tripulantes.

Enquanto essas últimas mortes marcavam a fútil perpetuação da guerra, o Kaiser abandonava seu quartel-general em Spa para dirigir-se ao exílio na Holanda, de onde não voltaria a solo alemão. Avisado de que unidades do Exército alemão em Liège poderiam amotinar-se, abandonou o trem em que seguia para a Holanda e continuou por carro através de atalhos e caminhos rurais.

Na noite de 10 de novembro, chegaram a Compiègne notícias oriundas de Berlim que diziam que o governo alemão tinha aceitado os termos do armistício. A Alemanha evacuaria imediatamente a Bélgica, a França, Luxemburgo, a Alsácia e a Lorena. Todos os habitantes dessas áreas que tinham sido deportados, aprisionados ou feitos reféns seriam repatriados. O Exército alemão entregaria 5 mil canhões pesados e peças de artilharia, 25 mil metralhadoras, 3 mil morteiros de trincheira e 1.700 aviões. As tropas alemãs evacuariam e os Aliados ocupariam toda a Alemanha Ocidental até a margem esquerda do Reno; além disso, ficariam na posse de três cabeças de ponte ao longo do Reno: em Mogúncia, Coblença e Colônia. Os alemães entregariam aos Aliados 5 mil locomotivas e 15 mil vagões, bem como 5 mil caminhões, “que serão entregues em boas condições dentro de 36 dias”. Todas as tropas alemãs do leste, incluindo os homens que estavam na Rússia, retornariam para trás das fronteiras alemãs de 1914. Todos os portos do mar Negro seriam evacuados. Todos os navios mercantes aprisionados seriam devolvidos. Todos os submarinos seriam entregues, juntamente com seis cruzadores pesados, dez couraçados, oito cruzadores ligeiros e cinquenta contratorpedeiros. A Alemanha ainda teria de pagar “indenizações de guerra pelos danos provocados” na Bélgica e no norte da França.

Os delegados alemães em Compiègne trabalharam nos últimos detalhes desses termos durante a noite e assinaram-nos às 5h10 de 11 de novembro de 1918. “Uma nação de 70 milhões de habitantes sofre, mas não morre”, disse Matthias Erzberger, chefe da delegação alemã, numa declaração em que dizia que os termos do

armistício levariam à fome e à anarquia na Alemanha. Era o quarto e último armistício da guerra. Foch enviou imediatamente uma mensagem, por telegrama e telefone, a todos os comandantes aliados: “Todas as hostilidades cessarão em toda a frente às 11h do dia 11 de novembro (hora francesa).” Quando esse momento chegou (a décima primeira hora do décimo primeiro dia do décimo primeiro mês), cessaram todos os combates na frente ocidental. O Kaiser, que muitos consideravam um dos principais iniciadores da guerra, já estava no solo neutro da Holanda.

Na manhã de 11 de novembro ainda se lutou. Nos quartéis-generais do 1º Exército e do 2º Exército americanos, as notícias da assinatura do armistício chegaram às 6h30. Os comandantes ordenaram que se continuasse a combater até as 11h. “Os homens que morreram ou ficaram mutilados nessas últimas horas sofreram sem necessidade, o que levou a uma investigação por parte do Congresso depois da guerra”, escreveu um historiador americano.³ A leste de Verdun, perto da aldeia de Herméville, a bateria de Harry Truman estava em ação. “Segundo as ordens, disparei a bateria até as 10h45”, recordou ele mais tarde. “A essa hora, disparei meu último tiro.” Estava utilizando um novo tipo de projétil, com um alcance de 11 mil metros. O alcance máximo dos canhões normais de 75 milímetros era de 8.800 metros. O poder bélico dos Aliados, mesmo nos momentos finais, continuava a ser aperfeiçoado e refinado.

Nessa manhã, um dos objetivos para uma brigada que em cinco semanas tinha avançado do Lys para o Escalda, quase até o Dendre, era capturar a ponte sobre o Dendre em Lessines antes que os alemães a explodissem. A ordem para essa missão foi dada às 9h30 e tinha de estar completada às 11h. Foi comandado pelo muitas vezes ferido general Freyberg. Quando conduzia o avanço de seus homens, um tiro disparado de um posto avançado alemão perfurou-lhe a sela. Atingiram a ponte, que foi assegurada, tendo sido feitos prisioneiros três oficiais alemães e cem homens. Por essa ação, Freyberg recebeu a barra da Ordem de Distinção em Serviço e, no devido tempo, seu nome foi dado a uma rua em Lessines. Eram quase 11h.

Na aldeia de Ville-sur-Haine, logo a leste de Mons, um soldado canadense, George Price, esperava, como milhões de outros soldados, pelo fim da guerra. Faltavam dois minutos para as 11h. Nesse momento, um franco-atirador alemão disparou e matou-o. Price foi uma das últimas baixas na frente ocidental e um dos 60.661 canadenses que morreram na guerra.

“Os oficiais tinham seus relógios na mão, e as tropas esperavam com a mesma grave postura com que tinham lutado”, escreveu John Buchan. “Dois minutos antes das 11 horas, em frente à brigada sul-africana, no ponto mais a leste a que tinham chegado os exércitos britânicos, um metralhador alemão, depois de ter disparado todas as munições sem parar, levantou-se, tirou o capacete e dirigiu-se lentamente para a retaguarda.”

Alguns momentos depois, os ponteiros dos relógios marcaram 11 horas. Buchan, cujo irmão tinha sido morto em ação dois anos antes, escreveu: “Houve um segundo de expectante silêncio e, de repente, ouviu-se um som como um sussurro, que os observadores que estavam muito atrás da frente compararam ao som de um vento ligeiro. Era o som dos homens a festejar desde os Vosges até o mar.”⁴ No esquadrão de aviões de Eddie Rickenbacker, um aviador gritou enquanto dançava de alegria: “Sobrevivi à guerra!” Outro gritou aos ouvidos de Rickenbacker: “Nunca mais dispararão contra nós!”

“Acabou. Foi assinado um armistício”, anunciou um sargento de uma companhia da 8ª Divisão Britânica aos seus homens, já que seu oficial comandante tinha ficado ferido na cabeça na noite anterior. “O que é um armistício?”, perguntou alguém. “É a hora de enterrar os mortos”, respondeu outro.

A guerra tinha acabado. Ao marchar para Mons, o tenente J. W. Muirhead viu os cadáveres de três soldados britânicos, “cada um com a fita da medalha Estrela de Mons de 1914. Tinham sido mortos por metralhadoras naquela manhã. Quando chegamos a Mons, havia muitos corpos de inimigos nas ruas, que também tinham sido mortos naquele dia (...) Alguns rapazes davam-lhes pontapés nas sarjetas (...) Os sinos no campanário tocavam ‘Tipperary’”.

A bordo do *Mauritania*, que já se encontrava a doze horas de Nova York, 4 mil soldados americanos estavam a caminho da batalha. Quando foi anunciado que a assinatura de um armistício era iminente, alguns soldados mostraram desapontamento por ser tarde demais para entrar em ação. Em Londres, canhões foram disparados para assinalar o momento do cessar-fogo. Centenas de milhares de pessoas foram para as ruas. Vera Brittain, ainda triste com a morte do irmão e do noivo, foi convidada por uma colega enfermeira do Hospital Millbank a participar da festa.

Sem pensar, fui atrás dela para a rua. Quando estava ali, estupidamente rígida, muito depois da triunfante explosão em Westminster tornar-se um distante crescendo de gritos, um táxi passou rapidamente do Embankment na direção do hospital. Pouco depois, quem passava gritou por médicos e enfermeiras, pois o táxi tinha atropelado uma idosa que ouvia, como eu, os barulhos de um mundo libertado do pesadelo e que não tinha notado que o táxi se aproximava. Ao correr para ela, vi que estava quase morta e que já não conseguia falar.

Alan Brooke também estava em Londres quando chegou a notícia do armistício. “A noite louca irritou-me”, escreveu ele mais tarde. “Por fim, senti um alívio indizível, mas estava afogado em recordações daqueles anos de luta. Sentia-me triste

nessa noite e deitei-me cedo.” Seu irmão, Victor Brooke, tinha sido morto em ação na frente ocidental mais de quatro anos antes, ainda no primeiro mês da guerra.

Em Rochester, quando os sinos das catedrais dobraram para celebrar o fim da guerra, Lucy Storrs estava em sua casa e deu graças por todos os seus quatro filhos terem escapado ilesos dos combates. Então, o telefone tocou. Era um amigo que lhe disse que Francis, seu segundo filho, tinha morrido em consequência de ferimentos na noite anterior. No norte de Gales, Robert Graves tinha acabado de saber da morte de dois amigos. Dois meses antes, seu cunhado tinha sido morto. As notícias do armistício, escreveu mais tarde, “levaram-me a andar sozinho ao longo dos aterros sobre os terrenos alagadiços de Rhuddlan (um antigo campo de batalha, Flodden), a maldizer, a soluçar e a pensar nos mortos”.

Em Shrewsbury, perto da fronteira de Gales, os pais de Wilfred Owen ouviam os sinos da catedral que celebravam o armistício quando chegou um telegrama com a notícia da morte do filho.

Durante muitas horas, memórias tristes foram tomadas por celebrações exuberantes e ébrias. As ruas estavam cheias de pessoas que cantavam, dançavam e se regozijavam. Em Londres, uma grande massa de pessoas encheu Trafalgar Square enquanto outras se aglomeravam no Mall. As celebrações alastraram-se por todas as cidades e aldeias da Europa junto com as notícias do armistício. O pequeno Desmond Flower, de 11 anos, recordou como “andamos às voltas no jardim, em nossos pijamas, soprando em tudo o que fizesse barulho e fazendo barulho com tudo que era possível, como bandejas de chá”.

A vitória levou a uma explosão de alegria em todas as capitais aliadas. “Quem se importaria ou se incomodaria com aqueles irresistíveis arrebatamentos?”, perguntou Churchill uma década depois. Ele acrescentou:

Todas as nações aliadas os partilharam. Todas as capitais vitoriosas ou cidades nos cinco continentes reproduziram, à sua maneira, as cenas e os sons de Londres. Essas horas foram breves e passaram rápido demais. Tinha sido derramado sangue demais. Tinha sido consumido muito da essência da vida. Os vazios em cada casa eram grandes demais para serem preenchidos. O choque do despertar e o sentimento de desilusão seguiu-se rapidamente ao pobre regozijo com que centenas de milhões saudaram a chegada daquilo que seus corações desejavam. Fica a satisfação da segurança conseguida, da paz restaurada, da honra preservada, dos confortos de uma indústria frutuosa, do regresso dos soldados para casa, mas tudo isso estava em segundo plano e a isso se mesclava a dor por

aqueles que jamais retornariam.

Na residência governamental na Downing Street, na noite de 11 de novembro, Lloyd George disse aos seus convidados que era partidário de que se enforcasse o Kaiser. Churchill, que estava presente, mostrou sua oposição.

Na França, Pershing estava irritado por não ter sido seguido seu conselho de manter a guerra até que os alemães tivessem entregado as armas no campo de batalha. “Creio que nossas campanhas terminaram, mas que enorme diferença teriam feito mais alguns dias...”, notou ele. “O que deploro é que a Alemanha não saiba que se salvou. Se tivéssemos mais uma semana, teríamos *ensinado* a eles.” Os alemães, com suas tropas ainda em armas, suas trincheiras guarnecidas, suas metralhadoras posicionadas, seus soldados por todos os lados, ainda em solo francês e belga, sentiram-se traídos pelos negociadores que assinaram o armistício, entregando a vitória aos aliados. Nesse dia, o general Einem, comandante do 3º Exército Alemão, disse às suas tropas: “Os tiros cessaram. Invictos (...) vocês terminam a guerra em solo inimigo.”

Os soldados dos exércitos vitoriosos celebraram com o que tinham à mão. “Durante toda a noite, todos os homens na bateria francesa ficaram embriagados como resultado de um grande fornecimento de vinho que chegou pelo estreito caminho das munições”, recordou Harry Truman.

Todos passaram junto da minha cama, bateram continência e disseram: “*Vive President Wilson! Vive le capitaine d’artillerie américaine!*” [“Viva o presidente Wilson! Viva o capitão de artilharia americana!”] Ninguém dormiu nessa noite. Os soldados de Infantaria dispararam pistolas de sinalização, lançaram todos os sinalizadores que arranjaram e dispararam rifles, pistolas, tudo o que quer que fizesse barulho, durante toda a noite.

Nos Estados Unidos, na cidade de Cedar Rapids, a tantos quilômetros da França, um estudante de ensino médio, William L. Shirer, que já fazia parte da unidade de treino de oficiais do seu colégio, acompanhou, com desapontamento, as celebrações do armistício. “Um jovem médico, que casou com uma prima minha e que tinha ido para a França, voltara recentemente com os pulmões queimados por gás venenoso, morrendo aos poucos”, escreveu ele tempos depois. “No entanto, custa-me aceitar o fato de que nunca poderei combater numa guerra para tornar, como disse o presidente Woodrow Wilson, e eu acredito, o mundo pronto para a democracia.”⁵

A guerra tinha terminado. Num poema que fez para marcar a assinatura do armistício, Thomas Hardy escreveu:

There have been years of Passion — scorching, cold,

*And much Despair, and Anger heaving high,
Care whitely watching, Sorrows manifold,
Among the young, among the weak and old,
And the pensive Spirit of Pity whispered, 'Why?'*

*Men have not paused to answer. Foes distraught
Pierced the thinned peoples in a brute-like blindness,
Philosophies that sages long had taught,
And Selflessness, were as an unknown thought,
And 'Hell!' and 'Shell!' were yapped at Lovingkindness.*

*Calm fell. From heaven distilled a clemency;
There was peace on earth, and silence in the sky;
Some could, some could not, shake off misery:
The Sinister Spirit sneered: 'It had to be!'
And again the Spirit of Pity whispered, 'Why?' [6](#)*

Construção da paz e memórias

No dia do armistício, 11 de novembro de 1918, a Áustria perdeu um império e a Alemanha, um imperador. “Aqui, o militarismo e a burocracia foram totalmente abolidos”, escreveu Albert Einstein nesse dia, de Berlim, num cartão-postal para sua mãe. “O atual governo parece estar à altura da tarefa”, acrescentou ele. Porém, as tarefas para as nações derrotadas eram enormes: combater as forças da revolução à esquerda e o militarismo à direita, fazer renascer economias destruídas pela guerra, manter o moral nacional em face do estigma da derrota, do crescente fardo da “culpa da guerra”, do desejo de recuperar territórios e a confiança que tinham sido tirados no último momento e de uma busca por bodes expiatórios.

O fardo da paz também era pesado para os países vitoriosos, incluindo a prometida melhoria de vida para os soldados, marinheiros e aviadores que regressavam dos campos de batalha. Tanto para vencedores como para vencidos, a dor e as privações da guerra não poderiam nunca, e para muitos de modo nenhum, ser mitigadas por meio de melhorias médicas ou sociais. “Não sei se estou alegre ou triste por estar vivo”, escreveu o general Freyberg a um amigo na Bretanha, em 18 de novembro, quando ele e seus homens marchavam através da Bélgica em direção à fronteira alemã. “O que sei é que não tenho culpa de estar vivo.”

Em duas regiões remotas, os combates continuaram depois de assinado o armistício. Em 21 de novembro, no centro da Albânia, o comandante austríaco, general Pflanzer-Balltin, desconhecendo que a guerra tinha terminado e que a monarquia dos Habsburgos tinha caído, recebeu a saudação imperial de soldados de tropas de ocupação austríacas que marchavam. Dois dias depois, na África Oriental, os 150 soldados alemães e 3 mil africanos que ainda estavam sob as ordens do general Lettow-Vorbeck, que se mantivera invicto em quatro anos de luta e tendo estado em vastas áreas, renderam-se aos britânicos na cidade de Abercorn, na Rodésia do Norte.

Cem soldados alemães e 3 mil africanos que lutavam com eles tinham sido mortos ou haviam morrido em consequência de doenças durante os quatro anos de sua saga na África Oriental, onde foram obrigados a percorrer centenas de quilômetros em territórios remotos e inóspitos. Nas forças britânicas, também tinham morrido 3 mil soldados indianos, bem como 2 mil trabalhadores e carregadores africanos, que sucumbiram a doenças ao longo desses quatro anos enquanto assistiam seus respectivos exércitos.

Na manhã de 1º de dezembro, as primeiras tropas britânicas entraram na Alemanha. Foi uma data, conforme escreveu o marechal de campo Haig em seu despacho final, “para sempre memorável, que testemunhou a consumação das esperanças e dos esforços de quatro anos e meio de luta heroica”. Ironicamente, foi também o dia em que, como notou Haig, a situação dos abastecimentos tornou-se crítica: os homens tinham avançado tão rapidamente que chegaram mais longe do que os trens de abastecimento podiam chegar. Dessa forma, os vencedores tiveram de parar durante três dias antes de prosseguir em sua marcha triunfal.

Quando os soldados americanos entraram na Alemanha, também em 1º de dezembro, ficaram surpreendidos com o contraste entre as aldeias e fazendas arruinadas nas zonas de batalha no norte da França e “os campos cuidadosamente cultivados e as prósperas aldeias alemães”. Os próprios soldados estavam cansados e molhados após marcharem durante duas semanas, quase sempre sob chuva, para cidades no Reno que não tinham sabido nada sobre a guerra e cujos habitantes se ressentiam com a chegada de um conquistador que, como cada vez mais se pensava, não tinha derrotado os alemães em batalha, e sim conseguido um armistício como resultado da incapacidade de seus próprios líderes em impedir a revolução e o republicanismo.

Em Viena, a capital de um vasto império que se desintegrara, a fome se agudizou rapidamente. Numa tentativa de persuadir os Aliados a ajudarem, as autoridades municipais enviaram o antigo embaixador austro-húngaro em Londres, conde Mensdorff, primo do rei George V, a Berna, para encontrar-se com Sir Horace Rumbold. “Se alguém me tivesse dito, há cinco anos ou menos, que o conde Mensdorff viria implorar-me que enviasse alimentos para Viena, eu teria dito que essa pessoa era uma perfeita candidata ao ingresso num asilo de alienados”, escreveu Rumbold ao secretário particular do rei, lorde Stamfordham. À semelhança de milhões de outros pais, o secretário particular do rei tinha perdido seu filho único, John Bigge, que fora morto em combate na frente ocidental em 1915.

Vários novos Estados emergiram rapidamente dos destroços e da fragmentação de quatro impérios derrotados. Em 1º de dezembro de 1918, três semanas depois da

assinatura do armistício, o “reino dos sérvios, croatas e eslovenos” foi proclamado em Belgrado. As fronteiras do novo Estado incluíam muitas minorias, entre as quais 500 mil húngaros e 500 mil alemães, herdeiros da derrota da Áustria. Havia também dezenas de milhares de romenos, albaneses, búlgaros e italianos dentro das fronteiras do novo Estado. Em teoria, segundo o plano de Woodrow Wilson e a legislação sobre minorias da nova Liga das Nações, cada uma dessas minorias estaria mais protegida do que havia estado dentro do império antes da guerra.

O novo Estado dos eslavos do sul sobreviveu, e até certo ponto floresceu, durante o entreguerras. Seu regente, Alexandre, que tinha comandado os exércitos sérvios em sua épica retirada em 1915 e durante todo o tempo em que estiveram em Salonica, seria rei por morte de seu pai em 1921. Seus esforços para criar um patriotismo comum iugoslavo, simbolizado por meio da mudança de nome para Iugoslávia em 1929, terminaram em 1934, quando foi assassinado em Marselha, no início de uma visita oficial à França, por nacionalistas croatas de extrema direita. A unidade da Iugoslávia foi mantida sob o governo de seu filho, Pedro, durante mais sete anos, até 1941, quando os alemães invadiram a Sérvia, como a Áustria tinha feito em 1915, e a Croácia declarou independência.¹

Em 4 de dezembro de 1918, tropas britânicas, vindas da fronteira franco-belga, chegaram finalmente a Colônia, estabelecendo uma zona de ocupação. Nove dias depois, numa sexta-feira 13, atravessaram para a margem oriental do Reno pela ponte Hohenzollern. O último rei Hohenzollern estava em exílio na Holanda havia mais de um mês.

Desde os primeiros dias de paz, o estigma da derrota e a severidade das condições econômicas estimularam forças revolucionárias e ações de fanatismo na Alemanha, na Áustria e na Hungria. “De fato, nunca, na história do mundo, um povo se viu confrontado com tão terríveis termos de armistício e admitiu sua completa derrota apesar de nenhum inimigo ter entrado em seu território e, pelo contrário, seus exércitos ainda estarem profundamente avançados nos territórios de seus inimigos”, escreveu em seu diário, em 7 de dezembro, o sionista alemão Arthur Ruppin. “O homem simples não consegue entender o que aconteceu tão de repente e sente-se completamente perdido.”

Em 13 de dezembro, o presidente Wilson chegou à Europa. Suas condições tinham levado a um prolongamento da guerra nas últimas semanas e aos termos do armistício que já incomodavam a Alemanha. Eram seus os soldados, mais de 1 milhão, cuja chegada à frente no verão de 1918 era tão essencial. Seriam seus soldados, cerca de 3 milhões, que garantiriam a vitória em 1919 e 1920. Agora, era sua visão de uma nova Europa que seria testada à mesa de conferência e louvada ou recusada em tratados de paz. Para descontentamento das tropas americanas que

esperavam para saudá-lo, não visitou os campos de batalha onde tinham lutado, sofrido e, no fim, prevalecido. Recusou também o convite de passá-los em revista em Montfaucon, cenário de uma de suas mais duras batalhas, e quando passou homens em revista em Langres, arranjou uma desculpa para não estar presente no jantar de comemoração que se seguiria. Seu campo de batalha era a Conferência de Paz de Paris e seus adversários, os antigos aliados: a França e a Grã-Bretanha representadas por Clemenceau e Lloyd George.

Os prisioneiros de guerra aliados estavam voltando para suas casas, muitos zangados com o que consideravam ter sido um tratamento rude ou negligente enquanto estiveram em cativeiro. Entre os homens que chegaram à Grã-Bretanha em 14 de dezembro, estava Leefe Robinson, que tinha recebido a Cruz Vitória em 1916 por ter abatido um dirigível alemão sobre a Inglaterra, mas que, por sua vez, havia sido abatido sobre as linhas alemãs na França. Seus amigos ficaram chocados ao vê-lo tão desgastado, precisando de uma bengala para conseguir andar. Dias depois do seu regresso para casa, contraiu uma gripe, morrendo dezessete dias depois de voltar à Inglaterra; foi um dos 150 mil britânicos, soldados e civis, vítimas de uma epidemia que não deixou ileso nenhum país em luta.

Adolf Hitler, que se recuperava de um ataque de gás dos britânicos que o deixara temporariamente cego, voltou ao seu regimento em Munique em 18 de dezembro. Seu descontentamento pela derrota da Alemanha transformou-se em veneno contra os alegados inimigos da Alemanha. Os novos governantes da Baviera eram socialistas e judeus conduzidos por Kurt Eisner. “Eu já não reconhecia a cidade”, escreveu Hitler, sete anos mais tarde, em seu livro *Mein Kampf* [Minha luta]. Foi sobre aqueles que chamava de “hebreus corruptores do povo” que descarregou seu ódio: 12 mil a 15 mil deveriam ser expostos a “gás venenoso”, juntamente com políticos e jornalistas que participavam do regime socialista bávaro, que eram “charlatães”, “ralé” e “criminosos perjuros da revolução” e que não mereciam mais do que serem aniquilados. “Todas as implementações do poderio militar deveriam ser utilizadas sem piedade para exterminar essa pestilência.”

Três dias depois de um ainda desconhecido Hitler chegar a Munique, o dr. Tomáš Masaryk, que tinha passado os anos de guerra viajando pelos países aliados para defender uma Tchecoslováquia independente, chegou a Praga e pernoitou no castelo Hradcany, que seria a sede do governo tcheco e o símbolo da independência tcheca até março de 1939, quando Hitler ali pernoitaria para celebrar sua incruenta conquista.

Em Berlim, em 6 de janeiro de 1919, 10 mil marxistas e revolucionários alemães reuniram-se numa antecipação da revolução. Durante um dia de inflamadas

discussões, um de seus dirigentes mais enérgicos, Rosa Luxemburgo, incitou seus seguidores espartaquistas a não tentarem conseguir o poder antes de conseguirem suficiente apoio popular, mas não pôde contê-los. Tendo se iniciado uma luta, ela e Karl Liebknecht foram capturados por forças paramilitares de direita e mortos. O corpo de Rosa Luxemburgo, jogado num canal, só foi recuperado cinco meses depois. Ela se tornou uma heroína comunista e, com a queda do comunismo, oitenta anos depois de sua morte, uma não pessoa nas terras que tanto a tinham exaltado.²

A Conferência de Paz de Paris teve início em 18 de janeiro de 1919. Para os alemães, a data era um insulto, pois era o aniversário do dia em que, em 1870, o império germânico tinha sido proclamado com toda a pompa de renascimento e satisfação nacionais. Numa tentativa de pressionar os delegados alemães, a França insistiu em manter o bloqueio à Alemanha. “Parece não haver limite para espírito de vingança dos franceses e para sua inveja comercial”, foi o comentário do jornalista britânico C. P. Scott, que reflete o crescimento de uma nova animosidade anglo-francesa.

Uma questão conflituosa entre os Aliados dizia respeito aos antigos territórios coloniais, pois, tendo sido todos conquistados, nenhum seria devolvido. Decidiu-se, então, implementar um sistema de mandatos entre a Liga das Nações e entregar esses mandatos aos países vencedores. Segundo os termos dos mandatos, eram impostas certas condições: nos mandatos da África e do Pacífico, havia uma estrita injunção para que fosse combatido o tráfico de escravos. O território turco também foi distribuído segundo o sistema de mandatos: a França ficou com a Síria e o Líbano e a Grã-Bretanha, com a Mesopotâmia (Iraque) e a Palestina, em cuja metade ocidental já se tinha comprometido a criar um Lar Nacional Judaico. A África do Sul foi recompensada por sua contribuição no esforço de guerra aliado, ficando com o mandato sobre o Sudoeste Africano alemão. Os Camarões e a Togolândia foram ambos divididos entre a Grã-Bretanha e a França. No Pacífico, onde as colônias alemãs tinham sido conquistadas no início da guerra, em 1914, o Japão adquiriu o mandato sobre as ilhas Marianas, Carolinas e Marshall; a Nova Zelândia ficou com o mandato sobre a Samoa alemã; e a Austrália recebeu a Nova Guiné alemã. As ilhas de Nauru, ricas em fosfatos, que tanto a Austrália, a Nova Zelândia e mesmo a Grã-Bretanha queriam, tornou-se, inevitavelmente, um mandato do “império britânico”.

Vários vencedores ficaram desapontados. Foi negada à Bélgica qualquer parcela da África Oriental alemã, que havia ocupado e que gostaria de ter; em vez disso, recebeu o território africano do Ruanda-Urundi, sem saída para o mar. Portugal também desejava ficar com a África Oriental alemã, mas, como era um dos territórios pretendidos pela Grã-Bretanha, teve de contentar-se com o Triângulo de Quionga, no norte de Moçambique. A Itália queria ter liberdade sobre a Abissínia, mas, como não tinha sido território alemão, seu pedido foi negado. Foram-lhe também recusadas muitas de suas exigências na África do Norte e na Oriental, pois

tal só poderia ser feito à custa da França e da Grã-Bretanha. Quem ficou mais satisfeita foi a Grã-Bretanha, pois o resultado da distribuição das colônias alemãs e do império turco, nas palavras do ministro das Relações Exteriores britânico, A. J. Balfour, foi “um mapa do mundo com mais vermelho”.

Entre aqueles que ficaram desapontados com o resultado da Conferência de Paz estava Nguyen Ai Quoc, um vietnamita de 25 anos que, no início da guerra, em 1914, era ajudante de cozinha no hotel Carlton, em Londres. Enquanto a conferência decorria, em Versalhes, pediu para falar com o presidente Wilson, querendo apresentar-lhe um papel e pedir o “direito dos vietnamitas à autodeterminação”, além de igualdade perante a lei para franceses e vietnamitas, liberdade de organização e de reunião e abolição de trabalhos forçados. Eram autenticamente os catorze pontos vietnamitas. “Os franceses o consideraram uma bomba”, recordou mais tarde um patriota vietnamita. “Nós o consideramos um raio. Estávamos entusiasmadíssimos. Como algum de nós poderia deixar de admirar um homem que teve tanta coragem para fazer exigências em nosso nome?”

O pedido de Nguyen para que fossem consideradas suas propostas foi recusado. Quarenta anos depois, com o nome Ho Chi Minh, emergiria como líder nacionalista, determinado a expulsar os franceses do Vietnã. Cinquenta anos depois de seu desapontamento em Paris, enfrentaria todo o poderio militar dos Estados Unidos.³

Em 25 de janeiro, a Conferência de Paz criou uma comissão para tratar das reparações de guerra. Essa comissão examinaria o que cada nação derrotada “deveria pagar” às nações vitoriosas como reparação pelos danos causados durante a guerra. Os representantes de França, Grã-Bretanha e Itália pensavam poder exigir tudo o que a guerra custara. O delegado belga estava preocupado, pois, segundo tal perspectiva, a Bélgica seria fortemente prejudicada: os custos da guerra tinham sido relativamente modestos, mas as cidades e os campos tinham sofrido os rigores de quatro anos de ocupação. A Grã-Bretanha, em resposta aos quatro anos de guerra submarina contra ela, pretendia que fossem incluídas as perdas em navios e as perdas provocadas pelos ataques aéreos alemães. Enquanto prosseguiram as discussões sobre reparações de guerra, surgiu uma nota de moderação: os danos não seriam ressarcidos durante dois anos, o que, explicou mais tarde Lloyd George, daria tempo para que “as paixões arrefecessem e reduziria as bases de avaliações, dando tempo para uma redução dos preços inflacionados pela guerra”.

Os alemães não viram benefícios nessa melhoria de atitude em relação às somas reais que deveriam ser pagas como reparações nem no prazo para os pagamentos estarem concluídos, marcado para 1º de maio de 1921, apesar de terem de pagar 1 bilhão de libras até 1º de maio de 1921. Para eles, o simples conceito de reparações era mortificante, pois era clara não só a implicação de que a derrota no campo de

batalha traria uma penalização financeira, mas também, conforme o preâmbulo das cláusulas de reparações se tornavam claros, a noção de que a Alemanha teria de pagar por sua responsabilidade pela própria guerra. A fórmula aliada, que os alemães reduziram a três palavras, “culpados pela guerra”, dizia: “A Alemanha aceita sua responsabilidade e dos seus aliados por ter causado perdas e danos aos Aliados, aos governos associados e aos seus cidadãos, que ficaram sujeitos às consequências da guerra imposta pela agressão da Alemanha e seus aliados.”

Raramente tão poucas palavras tiveram repercussões tão perturbadoras, e a seu tempo violentas, que culminariam numa nova guerra mundial. O elo de ligação entre as duas guerras mundiais, separadas por apenas vinte anos, foi a interpretação, pelos alemães, dessa cláusula de “culpa pela guerra”, agravada por políticos extremistas e organizada em torno de um objetivo e inflamada por Hitler, um antigo cabo que assumiu a missão de vingar-se dos Aliados e dos países associados (três dos quais, a Itália, a Romênia e o Japão, seriam seus aliados na Segunda Guerra Mundial).

Em seu discurso de abertura em Versalhes, o principal delegado alemão, conde Brockdorff-Rantzau, declarou: “É pedido que admitamos que somos os únicos culpados pela guerra; admiti-lo, nos meus lábios, seria uma mentira.” A imprensa aliada denunciou esse “insulto” alemão, e o *Daily Mail* disse aos seus leitores: “Depois disso, ninguém tratará os hunos como civilizados ou arrependidos.” Brockdorff-Rantzau chegou ao ponto de dizer que o bloqueio aliado à Alemanha ainda estava em vigor. “As centenas de milhares de não combatentes que pereceram desde 11 de novembro devido ao bloqueio morreram devido a uma fria deliberação após nossos adversários terem vencido e assegurado a vitória. Pensem sobre isso quando falarem em culpa e castigo”, dissera ele.

O bloqueio à Alemanha foi mantido em vigor, e assim continuaria, insistiram os Aliados, até que o tratado fosse assinado. Se o tratado não fosse assinado, informou o *Times*, a ocupação de toda a Alemanha seria acrescida ao bloqueio, como ameaça e como arma. Norman Angell, que já em 1909 tinha chamado atenção para o fato de que uma guerra prejudicaria igualmente vencedores e vencidos, denunciou a continuação do bloqueio como uma arma “contra crianças, doentes, velhos, mulheres, mães e decrépitos”, tão perversa quanto tinha sido o afundamento do *Lusitania*.

Dentro da Alemanha, as forças de direita tentavam afirmar-se. Em 21 de fevereiro, Kurt Eisner morreu ao levar um tiro nas costas enquanto se dirigia ao Parlamento de Munique; seu assassino foi um aristocrata alemão de 22 anos, o conde Anton Arco-Valley. A violência que se seguiu incluiu o assassinato de cinquenta prisioneiros de guerra russos libertados, perto de Puchheim, o assassinato de 21 católicos detidos em seu clube na cidade e mortos na prisão, o assassinato de três líderes da experiência soviética e o assassinato, como represália, de oito prisioneiros de direita. Enquanto as forças de direita se afirmavam, Hitler conseguia emprego em Munique,

trabalhando para o Exército e persuadindo os prisioneiros de guerra alemães que regressavam de Lechfeld a recusarem o derrotismo e a esquerda. Já nesse momento, adotou como tema a influência corruptora de uma “conspiração mundial judeu-marxista”, estimulando um novo fermento nacionalista que não tinha estado presente entre as forças causadoras da ruptura em 1914.

Os exércitos aliados de ocupação mantiveram-se no Reno, mas milhões de soldados eram lentamente desmobilizados e enviados para suas casas. Alguns nunca se recuperariam da angústia militar de suas experiências de guerra. Alguns ficariam confinados a um mundo mental cercado pelo tempo que serviram na guerra enquanto outros conseguiriam construir novas vidas, nas quais a guerra se tornaria cada vez mais distante e remota. Alguns encontrariam no esquecimento de outros uma fonte de angústia.

Mesmo enquanto os feridos se recuperavam, alguns muito lentamente, em hospitais, houve incidentes que causaram angústia. Em 23 de fevereiro, da cama de um hospital militar em Rouen, o voluntário americano Carroll Carstairs escreveu ao pai, falando-lhe sobre a noite em que uma enfermeira-chefe o repreendeu, e aos seus colegas oficiais, por quererem “incomodar” o médico quando seus ferimentos causavam verdadeira agonia. “Todos os oficiais a odiavam”, escreveu Carstairs.

Uma noite, quando ela chegou, puseram-se a assobiar e a vaiá-la. Ela disse: “Eu achei que os senhores eram oficiais e cavalheiros, mas vejo que estou num estábulo.” Todos riram. Era estranho vê-los. Eram marionetes cheias de ataduras, de olhos tapados, prostrados, braços e pernas em ângulos agudos, esticados em tábuas içadas por cordas presas no teto, no extremo das quais balançavam sacos de areia. Era grotesco vê-los nessa inquisição de estranhas e dolorosas posturas, com as camas tremendo devido às suas gargalhadas histéricas.

Os soldados americanos, ao voltarem para casa, ficaram chocados ao perceber como seus atos e façanhas eram pouco conhecidos. Quando o convertido transatlântico alemão *Leviathan* atracou no porto de Nova York em 25 de abril de 1919, o general MacArthur, que tinha comandado a Divisão Arco-Íris, ficou surpreso ao ver que, no cais, não os esperavam dignitários muito orgulhosos e uma grande cerimônia, mas um rapaz que lhe perguntou quem eram aqueles homens. “Nós somos a famosa 42ª Divisão”, respondeu ele. O rapaz perguntou-lhe se tinham estado na França. “Num silêncio que doía, sem ninguém, nem mesmo crianças, para receber-nos, saímos do cais em marcha até dispersarmos aos quatro ventos... Um triste e melancólico fim para a Arco-Íris”, escreveu ele mais tarde.

Siegfried Sassoon expressou em palavras a fúria que sentiu por até os soldados

esquecerem a guerra. Num poema intitulado “Aftermath, March 1919” [“Consequências, março de 1919”], escreveu:

Have you forgotten yet?

Look down, and swear by the slain of the War that you'll never forget.

Do you remember the dark months you held the sector at Mametz

The nights you watched and wired and dug and piled sandbags on parapets?

Do you remember the rats; and the stench

Of corpses rotting in front of the front-line trench

And dawn coming, dirty-white, and chill with a hopeless rain?

Do you ever stop and ask, “Is it all going to happen again?”

Do you remember that hour of din before the attack

And the anger, the blind compassion that seized and shook you then

As you peered at the doomed and haggard faces of your men?

Do you remember the stretcher-cases lurching back

With dying eyes and lolling heads... those ashen-grey

Masks of the lads who once were keen and kind and gay?

Have you forgotten yet? [...]

*Look up, and swear by the green of the spring that you'll never forget.*⁴

Na Conferência de Paz de Paris Lloyd George começou a ter dúvidas sobre o bom senso da severidade dos termos que estavam discutindo, uma severidade em que os franceses, e Clemenceau em particular, insistiam. Em 25 de março, passou o dia em Fontainebleau, onde refletiu sobre a forma como a Alemanha devia ser tratada. Num memorando que escreveu ao fim do dia, declarou que sua preocupação era criar uma paz permanente, e não por uns meros trinta anos. Uma paz de curta duração seria possível por meio de medidas punitivas aplicadas à Alemanha, mas, a menos que fossem apaziguados, os alemães se voltariam para os bolcheviques, e o bolchevismo russo teria então a vantagem “dos mais eficazes organizadores de recursos nacionais de todo o mundo”.

Tendo passado o choque inicial do fim da guerra, Lloyd George advertiu para o fato de que “a manutenção da paz dependerá de não haver motivos de exasperação que incendeiem constantemente o espírito de patriotismo, ou de justiça ou de agir com lisura para daí tirar vantagem (...) Nossa paz precisa ser ditada por homens que ajam com espírito de juízes que se dedicam a uma causa que não envolve pessoalmente nem suas emoções nem seus interesses, e não com um espírito de

vingança selvagem, que não se satisfaz sem mutilação e sem infligir dor e humilhação”.

Lloyd George continuou, criticando cláusulas que ainda estavam sendo elaboradas e que podiam vir a ser “uma fonte constante de irritação”. Sugeriu que quanto mais depressa se resolvessem as reparações, melhor. Mostrou-se totalmente contrário a colocar os alemães sob domínio estrangeiro, receando que, ao fazê-lo, “disseminaremos Alsácias e Lorenas pela Europa”. Enfatizou que os alemães eram “orgulhosos, inteligentes e de grandes tradições”, mas, segundo o tratado, ficariam sob o domínio de “raças que consideram inferiores, e algumas delas, sem dúvida, merecem tal designação nesse momento”.

No centro do memorando estava a advertência sobre o perigo que se perfilava se o tratado fosse assinado conforme estava previsto. “Sou fortemente avesso à transferência de mais alemães do que o estritamente necessário para o domínio de outras nações”, escreveu ele.

Não concebo causa maior para uma futura guerra do que cercar o povo alemão, que se provou ser uma das mais vigorosas e poderosas nações do mundo, de vários pequenos povos, muitos constituídos por pessoas que nunca antes instituíram governos estáveis para si próprias, mas contendo cada um amplas massas de alemães que clamarão por uma união ao seu país natal (...) uma nova guerra na Europa Ocidental.

Os argumentos do primeiro-ministro britânico não receberam atenção: quando o memorando foi discutido, em 26 de março, Clemenceau comentou friamente: “Se os britânicos estão tão ansiosos por apaziguar os alemães, deveriam olhar (...) para o outro lado do mar (...) e fazer concessões coloniais, navais ou comerciais.” Lloyd George ficou particularmente desagradado com o comentário de Clemenceau de que os britânicos eram “um povo de marinheiros que não conheceram a invasão”. Zangado, contrapôs: “O que realmente importa à França é que os alemães de Danzig sejam dominados pelos poloneses.”

Essas amargas trocas de palavras são sintomáticas do aparecimento de uma brecha entre a Grã-Bretanha e a França. Para Clemenceau, o tratado era a melhor possibilidade de conseguir uma proteção eficaz contra uma Alemanha que já era duas vezes mais populosa do que a França, devendo ser-lhe mostrado, por meio de uma ação deliberada e dura, que não deveria pensar em vingança. Lloyd George encarou essa posição como uma receita para um futuro conflito. Novamente em Paris, após voltar de Fontainebleau, opôs-se, mas em vão, à transferência de todas as áreas predominantemente alemãs para a Polônia. Seu protesto não conseguiu demover a determinação francesa de uma redução máxima do território alemão.

Apesar de ainda estar em curso o debate sobre como tratar a Alemanha, uma série de comemorações recordava a vencedores e vencidos as divisões, a dor e os ódios de quatro anos de luta. Em 7 de maio de 1919, dia em que os delegados alemães em Versalhes receberam um esboço do Tratado de Paz, o corpo de Edith Cavell foi levado para a Inglaterra a bordo do contratorpedeiro *Rowena*. Oito dias depois, foi feito um serviço fúnebre na abadia de Westminster, assistido por uma grande multidão. Nas ruas, multidões, onde havia até mesmo crianças, viram passar a urna, transportada numa carreta de canhão.

“Durante a passagem da enfermeira Cavell por Londres houve uma bela tranquilidade nas ruas, que ao meio-dia são cheias e ruidosas”, escreveu o *Times*. Em sua honra, o Canadá deu seu nome a um monte das Montanhas Rochosas e os Estados Unidos deram seu nome ao Glaciar Clavell, no Colorado. Em Londres, uma estátua sua foi erigida logo a norte de Trafalgar Square. Durante vários meses depois de ter sido inaugurada, homens faziam guarda junto dela para garantir que quem passasse tirasse o chapéu.

Em 29 de maio, a delegação de paz alemã apresentou um memorando à conferência, no qual protestava contra os termos propostos. Embora dispostos a desarmar-se “antes de qualquer outro país”, queriam que os vencedores concordassem em abolir a conscrição e que reduzissem seus armamentos “na mesma proporção”. Renunciavam aos direitos de soberania alemã na Alsácia e na Lorena, mas queriam que fosse realizado um plebiscito ali. Concordavam em pagar reparações até certo limite, mas repudiavam a noção da culpa pela guerra e pediam que se fizesse um inquérito neutro sobre a responsabilidade pela guerra. Essas solicitações foram rejeitadas. A negação da culpa pela guerra foi como pôr o dedo na ferida dos britânicos. “Não podia aceitar o ponto de vista alemão sem prejudicar toda a nossa razão de entrada na guerra”, escreveu mais tarde Lloyd George. Revendo “o que nos impeliu a ficar ao lado da Bélgica, da Sérvia, da França e da Rússia”, não tinha “a menor dúvida de que a culpa é das Potências Centrais”.

A resposta aliada aos delegados alemães foi inequívoca:

Durante e antes da guerra, o povo alemão e seus representantes apoiaram a guerra, votaram os financiamentos necessários, subscreveram empréstimos e obedeceram a todas as ordens, por mais selvagens que fossem, do seu governo. Partilharam a responsabilidade pela política de seu governo, pois, em qualquer momento, se assim o quisessem, poderiam ter invertido a situação. Se essa política tivesse sucesso, a teriam aclamado com o mesmo entusiasmo com que celebraram o início da guerra. Não podem agora achar, tendo mudado seus governantes após a guerra estar perdida, que é justo que escapem às consequências de seus atos.

Para os Aliados, as feridas da guerra estavam frescas demais, e a vitória estava próxima demais, para permitir qualquer outra resposta. Em 30 de maio de 1919, o primeiro dos cemitérios de guerra americanos na frente ocidental, em Suresnes, com 1.551 sepulturas e 974 nomes de desaparecidos, foi dedicado aos soldados que não tiveram sepultura. Parecia óbvio que a Alemanha era culpada, mas os alemães não estavam preparados para aceitar que seus “atos” clamassem por “justiça”. Ao voltar em junho à sua casa em Hanôver, Hindenburg começou a escrever suas memórias, culpando pelo colapso da Alemanha não só o Exército, mas as agitações e revoluções na frente interna. Era a lenda do “apunhalado pelas costas”, que seria explorada por muitos políticos alemães na década seguinte, em particular por Hitler, que viria a ser chanceler na presidência de Hindenburg desde 1925 até sua morte, em 1934.

Em junho, enquanto prosseguiram acaloradas deliberações diárias na Conferência de Paz de Paris, a atmosfera de antigermanismo parecia intensificar-se, como se os diplomatas aliados e os negociadores fossem um júri que condenava e um juiz que daria a sentença. Um entre os participantes britânicos, o historiador H. A. L. Fisher, escreveu numa carta particular a um amigo, em 21 de junho:

A atmosfera moral em Paris não é encorajadora. Todos os pequenos Estados reclamam mais territórios, e a França naturalmente teme uma Alemanha renovada e vingativa. Segundo meu ponto de vista, a paixão ainda está viva demais para que se consiga agora um acordo verdadeiramente duradouro, mas, se for assinado um tratado *tel quel*, haverá um apaziguamento, e, por meio de ajustes e modificações graduais, a Europa poderá ter perspectivas de estabilidade.

Essas perspectivas de estabilidade por meio do apaziguamento ainda estavam longe, tanto na Europa como no que fora a frente oriental. Em 17 de junho, na parte exterior da base naval de Kronstadt, três barcos torpedeiros de cabotagem, comandados pelo capitão Gordon Steele, pelo tenente Dayrell-Reed e pelo tenente Agar, penetraram nas defesas navais. Dayrell-Reed morreu ao entrar no porto. Steele e Agar continuaram, torpedeando um cruzador bolchevique. Ambos receberam a Cruz Vitória.

A intervenção contra a Rússia foi multinacional: forças britânicas, francesas, italianas, tchecas, romenas, sérvias, japonesas, letãs, alemãs do Báltico, finlandesas e americanas tomaram parte, bem como russos antibolcheviques e cossacos russos. A Grã-Bretanha aprovou as forças russas antibolcheviques com mais de 500 mil rifles e 500 milhões de balas. Soldados britânicos, incluindo um destacamento de homens que eram peritos no lançamento de gás, foram enviados para o norte da Rússia, entre eles Donald Grantham, que aproveitou seu novo posto para estudar a geologia local.

Numa de suas últimas decisões antes de abandonarem Paris, os Aliados optaram por não prosseguir com esse novo conflito, distante e com custos cada vez mais elevados. Antes da retirada americana de Arcangel e Vladivostok, 174 homens foram mortos em ação ou morreram devido a ferimentos. Em 18 de novembro de 1919, num dos últimos atos de bravura da Primeira Guerra Mundial, o major americano Sidney Graves resgatou vários civis russos que tinham sido apanhados em fogo cruzado de facções rivais, recebendo a Cruz por Distinção em Serviço.

O destino e o futuro dos alemães que ficariam sob domínio tchecoslovaco e polonês, dos quais Hitler se tornaria defensor nos verões de 1938 e 1939, estavam em evidência vinte anos antes do muito explorado prelúdio da Segunda Guerra Mundial. Em 15 de junho de 1919, representantes das regiões de fala alemã dos Sudetos, na Boêmia, na Morávia e na Silésia, partes da Áustria que seriam integradas na Tchecoslováquia, enviaram um memorando à Conferência de Paz de Paris, protestando por seus direitos de soberania terem sido entregues aos tchecoslovacos. “A nação subjugada nunca poderá tolerar tal domínio”, declararam. Seis dias depois, em 21 de junho, referindo-se aos alemães que tinham ficado sob domínio polonês, podia ler-se no *Vossische Zeitung*: “A fuga da Prússia Ocidental e outras partes das marchas orientais, que estão em vias de ser transferidas da Prússia para a Polônia, cresce a tal ponto que os alemães que ficam estão muito deprimidos.” As cidades situadas nos locais que constituiriam a nova fronteira oriental da Alemanha tornaram-se “perigosamente populosas” com refugiados. “Em Pila (Schneidemühl), famílias inteiras tiveram de ser alojadas em estábulos e em outros locais de modo nenhum próprios para habitação humana.”

Nem os 3,5 milhões de alemães da região dos Sudetos nem centenas de milhares no que se tornaria o Corredor Polonês tinham qualquer esperança de inverter o padrão de decisões que estavam sendo tomadas. Na Conferência de Paz de Paris, os alemães continuavam a buscar modificações do tratado, mas os Aliados não permitiriam que o documento fosse sujeito a negociação. Então, em 21 de junho, antecipando que a armada alemã, que tinha sido reunida em Scapa Flow desde o armistício, seria entregue aos Aliados, seu comandante, o contra-almirante Reuter, deu ordens para que os navios fossem afundados.

O primeiro navio a afundar foi o couraçado *Friedrich der Grosse*, dezesseis minutos depois do meio-dia. Dois anos antes, tinha sido o foco da primeira amotinação na Esquadra de Alto-Mar alemã. Por volta das 17h, 74 navios de guerra alemães, dezesseis dos quais eram os maiores da época, foram para o fundo do mar. Por uma curiosa ironia, a cena foi presenciada por um grupo de alunos escoceses que estavam a bordo do *Flying Kestrel* numa excursão e que ficaram muito entusiasmados por testemunharem o que pensaram ser uma gigantesca exibição naval preparada para eles. Numa tentativa infrutífera de obrigar alguns tripulantes

alemães a voltarem aos navios para evitar que fossem afundados, algumas pequenas embarcações britânicas que estavam próximas abriram fogo, tendo morrido oito marinheiros alemães. O último navio de guerra alemão a ser afundado foi o *Hindenburg*, às 17h. Quatro navios foram rebocados pelos britânicos para terra antes que fossem afundados. Sobre o afundamento dos navios, o almirante Scheer escreveu: “A mancha da rendição foi removida do brasão da armada alemã.”

Em 22 de junho, em Versalhes, os delegados alemães concordaram em assinar todas as cláusulas do tratado de paz, com exceção dos tópicos relacionados à “culpa pela guerra”. Quando os líderes aliados se preparavam para dar sua resposta a esse ato final de desafio, chegaram notícias sobre o afundamento dos navios da armada em Scapa Flow. Imediatamente decidiram não só rejeitar quaisquer alterações no tratado, como também conceder aos alemães apenas 24 horas para assinarem o documento. Quando os delegados alemães pediram que o prazo fosse de 48 horas, Lloyd George disse aos seus colegas que “depois de uma cuidadosa consideração dos fatos, sentia que o afundamento dos navios alemães nas ilhas Órcades pesou de forma decisiva para uma oposição ao pedido alemão”. O afundamento desses navios era uma “quebra de boa-fé”. Dessa forma, o pedido alemão foi recusado.

O governo alemão, não querendo enfrentar o ódio por ter autorizado a assinatura, renunciou, mas o presidente da recém-criada República alemã, Friedrich Ebert, recusou-se a aceitar essa renúncia. Então, perguntou a Hindenburg e a Groener (sucessor de Ludendorff como chefe do Estado-Maior), se a Alemanha poderia defender-se na eventualidade de um novo ataque aliado. Hindenburg saiu da sala para evitar pronunciar o impronunciável e responder que a Alemanha não podia ser defendida. O general Groener manteve-se na sala e disse a verdade: no leste, a posição da Alemanha era “razoável”, mas no ocidente era “desesperada”.

A quatro horas do limite imposto pelos Aliados, o governo alemão concordou em assinar o Tratado de Versalhes. Ao fazê-lo, apresentou um último protesto: “O governo da República da Alemanha viu com consternação, desde a última comunicação dos Aliados e dos governos associados, que estavam resolvidos a arrancar à Alemanha, à força, até mesmo a aceitação de condições de paz que, apesar de desprovidas de significado material, têm o objetivo de retirar a honra ao povo alemão. A honra alemã se manterá intocada por qualquer ato de violência. O povo alemão, depois de todo o terrível sofrimento dos últimos anos, não possui meios para defender sua honra com atos externos. Cedendo perante uma força esmagadora, mas sem abandonar seus pontos de vista em relação à enorme injustiça das condições de paz, o governo da República da Alemanha, portanto, declara que está pronto a aceitar e assinar as condições de paz impostas pelos Aliados e seus governos.” Quando essa mensagem, inflexível, mas “em acordo”, chegou aos negociadores aliados em Versalhes, ordenou-se que fossem disparados tiros de canhão em celebração. No dia seguinte, em Berlim, Ludendorff acabou de escrever suas

memórias de guerra, que dedicou “aos heróis que caíram acreditando na grandeza da Alemanha”.

Em 28 de junho de 1919, o Tratado de Versalhes foi assinado pela Alemanha e pelos “Aliados e potências associadas”: os representantes de 27 países vitoriosos colocaram suas assinaturas no documento de duzentas páginas.⁵ Pelo tratado, a Alemanha era punida tanto material como financeiramente. O território era reduzido a leste e oeste, o Exército, a Marinha e a Força Aérea eram dissolvidos e a responsabilidade alemã pela guerra ficava expressa nas obrigações financeiras impostas, obrigando-a a pagar reparações em especial à França e à Bélgica. Os artigos 42 e 44 proibiam fortificar a Renânia e ter quaisquer forças armadas nessa região. O artigo 80 proibiu uma união da Alemanha com a Áustria, “exceto com o consentimento da Liga das Nações”. Os artigos 100 a 106 retiravam a soberania do porto de Danzig aos alemães e tornavam-na uma cidade livre sob a proteção da recém-criada Liga das Nações. Os artigos 119 e 120, em cinco linhas, privavam a Alemanha de todas as suas possessões coloniais. O artigo 170 proibiu que a Alemanha importasse quaisquer armas, munições ou material de guerra. O artigo 191 proibiu-a de fabricar ou comprar submarinos. O artigo 198 proibiu-a de ter quaisquer forças militares, navais ou aéreas.

Com isso, a Alemanha deixaria de ter capacidade bélica. Segundo o artigo 231, era obrigada a aceitar, com seus aliados, a “responsabilidade” por perdas e danos causados como resultado da guerra “imposta” aos vencedores “por agressões da Alemanha e de seus aliados”. Era essa a cláusula da culpa que serviu como preâmbulo para as exigências de reparações, e à qual os negociadores alemães tinham resistido particularmente. Enquanto alguns negociadores aliados, incluindo o economista britânico J. M. Keynes, consideravam que as cláusulas de reparação tinham sido duras demais, outros elogiavam o tratado, como fez Rudyard Kipling:

*These were our Children who died for our Lands:
They were dear in our sight.
We have only the Memory left of their Home,
Treasured sayings and Laughter.
The Price of our Loss shall be paid to our Hands,
Not another's hereafter.
That is our right.*⁶

Nas semanas que se seguiram à assinatura do Tratado de Versalhes, cerimônias variadas recordaram aos vencedores seus motivos de luto, o que tornou impossível quaisquer conversações sobre uma alteração do tratado ou sobre sua injustiça, que alguns, poucos, como Keynes, já alegavam. Dez dias depois da assinatura do tratado,

houve um estímulo do sentimento antigermânico, quando foi realizado em Londres o serviço fúnebre do capitão Fryatt, o comandante de navio fuzilado pelos alemães em Bruxelas em 1916 por atrever-se a abalroar um submarino alemão. Fryatt foi novamente sepultado em Dovercourt.

Em 14 de julho, duas semanas e dois dias depois da assinatura do tratado, quando parecia que o poder alemão de ferir seus vizinhos tinha terminado para sempre, um Desfile da Vitória em Paris associou o dia da queda da odiada fortaleza da Bastilha à queda do império germânico. O dia começou com uma marcha de mil veteranos franceses, entre eles cegos, coxos e mutilados. Depois, soldados, bandas, comandantes e tropas de todas as nações aliadas seguiram em desfile sob o Arco do Triunfo e desceram a Champs-Élysées até a praça da Concórdia. Aí, foi descoberta a estátua de Strasbourg, pela primeira vez desde 1871, antes de os participantes se dirigirem à praça da República, local do triunfo da Revolução Francesa em 1789.

O desfile era encabeçado por dois homens a cavalo, Foch e Joffre, os dois marechais de campo que tinham estado no comando, ou quase, desde agosto de 1914. Onze unidades aliadas, cada uma com 1.500 homens, marcharam em ordem alfabética, como nas aberturas dos Jogos Olímpicos. Nesse desfile triunfante, foram à frente os Estados Unidos, conduzidos pelo general Pershing a cavalo, depois belgas, britânicos, tchecos, gregos, italianos, japoneses, portugueses, romenos, sérvios e poloneses. No fim, vieram os franceses, em cujo solo tinha acontecido grande parte da luta e cujas baixas eram as mais elevadas entre todos os países presentes. Não houve lugar para a Rússia bolchevique, que tinha voltado as costas para a guerra num momento crítico, tornando-a ainda mais difícil. Também não houve lugar para a China, que tinha declarado guerra à Alemanha em 1917 e cujos trabalhadores ainda limpavam os campos, removendo arame farpado e obuses que não tinham explodido. Quanto às nações que tinham sido derrotadas, puderam ler um relato circunstanciado do triunfo nos jornais no dia seguinte.

Entre os civis que assistiam às celebrações em Paris, estava Winifred Holtby, que tinha presenciado o bombardeio alemão a Scarborough em dezembro de 1914. Mais tarde, serviu na França como enfermeira. Sua biógrafa, Vera Brittain, escreveu sobre como “ao procurar, durante o dia, a gorducha madame francesa que lavava sua roupa, Winifred viu a alegre e volúvel mulher soluçando, sob uma cerejeira do seu quintal, pelo filho que nunca voltaria para apanhar os frutos maduros dos ramos carregados. Será que essa súbita chamada à realidade a fez lembrar da mulher ébria que lhe dissera, em Rudston, em 3 de agosto de 1914, que a guerra era ‘um inferno’? Seja como for, voltou a Yorkshire, onde descobriu que, para alguns, entre os quais ainda não se incluía, tragédias relacionadas à guerra, longe de terem terminado, estavam apenas começando”.

Em 1º de setembro de 1919, a última divisão de combate americana partiu da França, embarcando em Brest. Nos meses anteriores, 300 mil americanos tinham atravessado o Atlântico mensalmente, de volta aos Estados Unidos. Cada soldado que regressava recebia seus documentos de baixa, um uniforme, um par de sapatos, um casaco e sessenta dólares como bonificação. Mais de 3,5 milhões de homens passaram por esse processo. Um pequeno grupo de homens ficou na França para trabalhar em cemitérios militares, supervisionando o recolhimento, a identificação e o sepultamento de corpos. Uma força de ocupação americana de 16 mil homens foi enviada para a Alemanha como parte da presença aliada no Reno, baseada em Coblença.

Os prisioneiros de guerra estavam começando a ser libertados. Nos campos, dezenas de milhares tinham morrido na pandemia de gripe. Dos 300 mil soldados austríacos feitos prisioneiros no início de novembro de 1918, cerca de 30 mil tinham morrido em cativeiro antes do outono de 1919. Entre aqueles que regressaram estava o filósofo Wittgenstein, que chegou a Viena em 25 de agosto. Aí, juntou-se ao seu irmão Paul, que tinha perdido o braço direito na frente oriental. Pianista que dava concertos, estava aprendendo a tocar apenas com a mão esquerda e conseguiu reconstruir sua carreira como professor.

Na Grã-Bretanha, os objetores de consciência detidos eram aos poucos libertados. Em março de 1919, ainda havia 1.200 em prisões e 3.400 fazendo trabalhos alternativos em campos especiais na Grã-Bretanha. Como punição coletiva por seus pontos de vista, ficaram privados de votar durante cinco anos, tanto para o Parlamento como em eleições municipais.

Em 10 de setembro, a Áustria assinou o Tratado de Saint-Germain com os Aliados e as potências associadas. À Itália, cedeu o sul do Tirol, a Ístria, parte da Dalmácia e suas ilhas do Adriático. A Bucovina foi cedida à Romênia. As antigas províncias eslavas do sul, Eslovênia, Croácia, grande parte da Dalmácia, Bósnia e Herzegovina tornaram-se parte da Iugoslávia, ficando Saraievo, cenário do assassinato de Franz Ferdinand por Gavrilo Princip, sob domínio eslavo. Foi reconhecida a independência da Hungria, bem como a da Polônia e da Tchecoslováquia. À Polônia foram entregues as antigas províncias austríacas da Galícia Ocidental e da Oriental, incluindo as cidades de Cracóvia e Lemberg.⁷ A Tchecoslováquia recebeu as antigas províncias austríacas da Boêmia e da Morávia, incluindo a região dos Sudetos, de língua alemã. O Exército austríaco ficaria limitado a 30 mil homens, o país não teria Força Aérea e o governo estava proibido de unir-se à Alemanha.

Em 27 de novembro, a Bulgária assinou seu tratado de paz em Neuilly. A Trácia, seu único acesso ao mar Egeu, foi cedida aos Aliados, que mais tarde a transferiram

para a Grécia. O sul de Dobruja, uma pequena faixa de terra ao longo da margem do mar Negro, foi devolvida à Romênia. A Iugoslávia adquiriu os pequenos enclaves de Strumica e Tsaribrod. A Bulgária não teria aviões nem submarinos e seu Exército ficava limitado a 20 mil voluntários. O montante de reparações de guerra por danos causados seria de mais de 2 milhões de francos-ouro de seis em seis meses, durante trinta anos, até 1957. Além disso, a Iugoslávia receberia 50 mil toneladas de carvão por ano durante cinco anos.

Na Hungria, os tumultos provocados por nove meses de governo e terror comunista sob a liderança de Béla Kun adiaram a paz, mas, em 4 de junho de 1920, o último importante bloco de território que pertencera às Potências Centrais concordou com os termos da derrota, aceitando uma série de decisões que já estavam sendo aplicadas na prática. Por intermédio do Tratado de Trianon, a Tchecoslováquia adquiriu as antigas regiões húngaras da Eslováquia e da Rutênia. A Transilvânia foi transferida para a Romênia, criando um conflito que durou três quartos de século. A região de Banato foi transferida para a Iugoslávia. O Exército húngaro não poderia ter mais de 35 mil homens e a Hungria deixava de ter acesso ao mar, ainda que suas antigas atividades marítimas no Adriático fossem evidentes no grau de seu regente, o almirante Horthy, que no último ano da guerra tinha sido comandante-chefe da Marinha austro-húngara.

Por toda a Europa, e em todos os países que tinham enviado homens para a luta, eram elaborados e construídos monumentos fúnebres aos mortos na guerra. Todas as cidades e povoações de onde tinham partido homens erigiram monumentos de memória aos seus mortos, com seus nomes gravados em pedra. Em setembro de 1917, depois de um monumento ter sido erigido na Grã-Bretanha, Charlotte Mew escreveu:

*For this will stand in our Market-place
Who'll sell, who'll buy
(Will you or I
Lie each to each with the better grace)?
While looking into every busy whore's and huckster's face
As they drive their bargains, is the Face
Of God: and some young, piteous, murdered face.*⁸

Em 9 de novembro de 1919, uma placa de bronze foi afixada num dos pilares da Câmara Municipal da aldeia belga de Saint-Ghislain, em memória de uma das primeiras baixas britânicas na Batalha de Mons, o oficial de artilharia e major C. Holland, morto em ação em 23 de agosto de 1914. Monumentos coletivos

recordavam os mortos dos regimentos, unidades especiais e até mesmo animais. Alguns monumentos ligavam os mortos na Primeira Guerra Mundial a outros que haviam morrido em guerras do passado: em Newark, Nova Jersey, um memorial americano contém 42 figuras esculpidas que representam soldados americanos de cada época da história da nação, começando com a Guerra da Independência contra a Grã-Bretanha. Em Tower Hill, do lado contrário à Torre de Londres, um monumento recorda a morte, na Primeira Guerra Mundial, de 12 mil marinheiros mercantes e pescadores “que não têm sepultura além do mar”. O monumento ao Corpo Britânico de Metralhadoras, em Hyde Park Corner, tem a seguinte inscrição:

*Saul hath slain his thousands
But David his tens of thousands.*²

Em 19 de novembro de 1919, o Senado dos Estados Unidos rejeitou o Tratado de Versalhes. Foi um rude golpe para todos os que esperavam que os americanos não só ajudassem a manter o tratado, mas que também pudessem dar uma importante contribuição para a recuperação política e econômica da Europa. “Todo o tratado foi construído na certeza de que os Estados Unidos seriam não um mero participante, mas um ativo”, escreveu mais tarde um dos participantes britânicos.

A França tinha sido persuadida a abandonar sua exigência de um Estado-tampão entre ela e a Alemanha, recebendo como contrapartida a garantia de um apoio armado por parte dos Estados Unidos. Todo o acordo sobre reparações de guerra dependia, para sua execução, da presença, na Comissão de Reparções, de um representante do principal credor da Europa. Todo o tratado tinha sido, deliberadamente e com engenho, elaborado pelo próprio sr. Wilson para tornar essencial a cooperação americana.¹⁰

Dez anos depois, Clemenceau escreveria retoricamente aos americanos, ainda indignado:

Sua intervenção na guerra, da qual se libertaram facilmente, pois custou apenas 56 mil vidas humanas em vez dos nossos 1,364 milhão de *mortos*, pareceu a vocês, apesar de tudo, uma excepcional demonstração de solidariedade. E, quer seja por meio da criação de uma Liga das Nações, que forneceria uma mágica solução para todos os problemas da segurança internacional, ou simplesmente retirando-se dos programas europeus, viram-se livres de todas as dificuldades por meio de uma “paz separada”. Mas nem tudo é tão simples quanto pode parecer. As nações do mundo,

apesar de separadas por fronteiras naturais ou artificiais, têm um único planeta ao seu dispor, um planeta cujos elementos, todos, estão num estado de solidariedade, e, longe de ser uma exceção à regra, o homem descobre, mesmo nas suas mais íntimas atividades, que é a suprema testemunha da solidariedade universal. Por trás das barreiras do mar, ou do gelo, ou do sol, os senhores podem ser capazes, talvez uma vez, de isolarem-se dos concidadãos planetários, e, contudo, vejo-vos nas Filipinas, a que não pertencem geograficamente (...) Não foi o entusiasmo que vos trouxe às nossas linhas de fogo, e sim a alarmante persistência das agressões alemãs.

O Tratado de Versalhes entrou em vigor em 10 de janeiro de 1920, apenas sete semanas depois de ser rejeitado pelo Senado dos Estados Unidos. A partir de então, a Europa estava entregue a si mesma para descobrir como implementar o cumprimento das várias cláusulas e para agir, ou não agir, se as cláusulas não fossem cumpridas. Com a entrada em vigor do tratado, veio também o estabelecimento da Liga das Nações. De certo modo, já era uma organização falha, sem a Rússia e a Alemanha, e com a China irritada por os japoneses, a despeito dos protestos dos Aliados, terem anexado a província chinesa de Shandong, anteriormente sob domínio alemão. Contudo, a Liga reunia as esperanças de milhões de pessoas, que a encaravam como um meio de resolver disputas internacionais sem a necessidade de recorrer à guerra. Essas esperanças estavam contidas nos 26 artigos do Pacto da Liga, que previa consultas prévias, e depois uma ação coletiva, na eventualidade de uma agressão não provocada.

O artigo 16, que tinha como objetivo atuar como dissuasor de uma agressão, afirmava que um ato de guerra contra um membro da Liga seria considerado um ato de agressão a todos e que as forças militares, navais e aéreas dos membros poderiam ser combinadas para “proteger o convênio da Liga”. O artigo 23 destinava-se a diminuir o comércio de armas, garantir o “tratamento justo” dos povos nativos, combater o tráfico de drogas e a escravidão branca e providenciar a prevenção internacional e o controle de doenças.

O Pacto da Liga representava as mais elevadas aspirações dos vencedores no que dizia respeito a construir e manter um novo mundo, mas uma agitação criada por quatro anos de guerra não poderia diluir-se facilmente. Todos os aspectos do trabalho da Liga tinham sido objeto de debate e disputa. Mesmo nos novos Estados nacionais, que tinham nascido das aspirações de minorias existentes antes da guerra, havia agora novas minorias cujos direitos eram constantemente corroídos, às quais a Liga proporcionava mais a esperança do que a realidade de um apoio. As minorias de língua alemã na Polônia e na Tchecoslováquia, a minoria húngara na Romênia e na Tchecoslováquia e a minoria ucraniana na Polônia tinham motivos para queixa, como aquelas que, antes de 1914, tinham contribuído para uma evolução para a

guerra. O antigo sistema imperial tinha desaparecido, mas alguns problemas ainda constituíam fontes de preocupação e, por vezes, de angústia.

Quatro impérios haviam desmoronado em 1918, e com eles seus governantes. Depois da assinatura do Tratado de Versalhes, os Aliados elaboraram uma lista de “criminosos de guerra”, que deveria ser entregue aos Aliados. À cabeça, estava o Kaiser, então em exílio na Holanda. O governo holandês resistiu a todos os pedidos para sua extradição, da mesma forma que ele, quando as forças de Hitler entraram na Holanda, em maio de 1940, declinou a oferta de asilo na Grã-Bretanha feita por Churchill, satisfeito por viver sob ocupação alemã, e morreu no exílio.

A Turquia tornou-se uma república liderada por seu herói de guerra Mustafa Kemal. A Áustria e a Hungria viraram as costas aos Habsburgos, transformando seus palácios e castelos em museus. O czar já tinha sido assassinado pelos bolcheviques, que, com a força crescente do Exército Vermelho, instalaram novamente a autoridade sobre a maioria dos domínios imperiais, incluindo grande parte da Ucrânia, o Cáucaso e a Ásia Central. As guerras civis por meio das quais demarcaram essa autoridade foram selvagens, com a aplicação de terríveis represálias.

A violência no interior da Alemanha, que tinha sido tão intensa em 1919, não diminuiu. A nação derrotada tornou-se presa para aqueles que queriam uma solução militar para seus problemas, através da tomada de poder ou, pelo menos, da supressão do poder existente, e para aqueles que não aceitavam as condições ou sequer a realidade da derrota. Em 15 de março de 1920, durante uma luta entre as forças armadas de direita e esquerda em Dresden, uma bala causou danos numa pintura de Rubens, mantida na galeria de arte de Zwinger. Numa carta aberta aos habitantes da cidade, Oskar Kokoschka implorou aos cidadãos que fossem lutar “em outro lugar qualquer, tal como os montes, onde a civilização humana não esteja em risco”. Ele ainda acrescentou: “Os quadros não podem fugir de locais onde não têm a proteção dos homens, e a Entente pode utilizar o argumento de que não apreciamos os quadros como desculpa para invadirem nossa galeria.”

A República de Weimar sobreviveu a várias tentativas de destruição por meio de violência. Tentativas da extrema direita para chegar ao poder foram derrotadas: Kapp, em Berlim, em março de 1920, e Hitler, em Munique, em 1923. De certa forma constrangido entre os anônimos apoiadores de Hitler no dia em que tentou o golpe, estava um conhecido herói da guerra, o general Ludendorff, que marchou com coragem com os líderes quando tentaram abrir caminho por um cordão da polícia até a praça principal. Foram mortos dezesseis apoiadores de Hitler e três policiais. “O *Putsch* de Munique eliminou definitivamente Hitler e seus seguidores

nacional-socialistas”, comentou o *New York Times*. Weimar tinha garantido sua autoridade, que manteria durante a maior parte da década seguinte. Sob a liderança de Weimar, a Alemanha limitou a escala de pagamentos de reparações de guerra, e, em Locarno, em 1925, ingressou no sistema de segurança da Europa. Contudo, em 1933, Hitler e seu Partido Nazista arrasariam a estabilidade que poderia ter conduzido a Alemanha a um eventual regresso a uma vida normal e sem guerra.

“... em memória dessa grande companhia”

Por toda a Europa, onde quer que tivesse havido exércitos em luta, ou onde cidades e aldeias tivessem sofrido perdas, continuavam a ser erigidos monumentos, alguns pequenos, outros grandes, outros, ainda, como em Vimy ou no Somme, enormes. Muitos desses monumentos eram imaginados para além de um reconhecimento visual do conflito. Em Budapeste, até hoje, um soldado de Infantaria húngaro, morto no campo de batalha, está de pé em estribos, com a mão no coração — como Jesus, ao descer da cruz, indica o caminho do céu —, conduzindo os mortos das nuvens negras da guerra para a brilhante luz da eternidade. A espada do cavaleiro e o capacete estão no chão, aos pés de seu cavalo. Na inscrição, pode-se ler: “Da fé em Cristo, do sangue dos heróis, nasce a pátria.”

Os monumentos fúnebres russos aos mortos na guerra sofreram o mesmo destino que tantas outras coisas numa terra de constante agitação política e destruição. Em Moscou, foi estabelecida uma Irmandade dos Cemitérios pouco depois do início da guerra e uma igreja em memória dos mortos. Nos tempos soviéticos, tanto a igreja como o cemitério foram destruídos. Hoje resta apenas uma lápide.

Os livros também serviram como monumentos fúnebres. Em fevereiro de 1920, o correspondente de guerra britânico Philip Gibbs publicou *Realities of War*, em que escreveu sobre a necessidade de evitar “outro massacre da juventude, como esse sacrifício de rapazes, que durou cinco anos e de que fui testemunha”. O romance *The Forty Days* [*Os quarenta dias de Musa Dagh*], de Franz Werfel, descreve o tormento armênio, centrado na luta para resistir aos turcos em Musa Dagh (a montanha de Moisés), à vista do Mediterrâneo. “Os gemidos daquelas mulheres se desvaneceram até se transformarem num suspiro suave e quase inaudível. Acompanhavam a lavagem dos cadáveres, o amortalhamento, como um velho consolo.”

O livro de Werfel foi um grito de dor e o livro de Philip Gibbs, um duro retrato das crueldades e barbaridades da guerra, em que escreveu também sobre o aspecto

moral da guerra: “O mal na Alemanha (escravizando a juventude alemã) também tinha de ser morto. Não havia outra forma, exceto ajudando os alemães a matá-lo antes que ele os dominasse.” Na França, houve também um amplo sentimento da necessidade da guerra, exacerbado pela amargura sentida em relação aos alemães pelos “crimes de guerra” cometidos contra civis franceses e pela devastação causada em solo francês.

Essa amargura era continuamente rememorada em cerimônias e monumentos fúnebres. Em 18 de março de 1920, o ministro francês da Guerra, André Lefèvre, inaugurou um memorial a uma das aldeias destruídas pela guerra, Ornes, a nordeste de Verdun. Seus edifícios tinham sido reduzidos a cinzas, declarou o ministro, mas seu nome entrara para a história. Contudo, nem monumentos nem “história” podiam expressar os tormentos pessoais que a guerra criara àqueles que sobreviveram à luta. O historiador canadense Desmond Morton, ao notar que tinham sido mortos em ação 60.661 canadenses, escreveu: “Muitos mais voltaram da guerra mutilados no espírito e no corpo.”

Durante um debate na Câmara dos Comuns, em 8 de julho de 1920, Churchill recordou um aspecto muitas vezes esquecido da luta na frente ocidental:

Repetidamente, vimos oficiais e soldados britânicos irromper em trincheiras sob fogo muito intenso, com metade sendo morta antes de entrar na posição do inimigo, na certeza de um longo e sangrento dia perante eles, com bombardeios a destruírem tudo ao redor... Nós os vimos, nessas circunstâncias, pegarem mapas e relógios, ajustarem seus cálculos ao pormenor dos minutos e mostrar não apenas misericórdia, mas bondade, para com prisioneiros, restringindo-se em seu tratamento, punindo os que mereciam ser punidos pelas duras leis da guerra e perdoadando os que mereciam clemência. Nós o vimos fazerem esforços para mostrar piedade e para ajudar, mesmo correndo perigo, os feridos. Fizeram-no milhares de vezes.

No verão de 1920, as forças do Exército Vermelho sob o comando do general Tukhachevsky, que em março derrotara as forças antibolcheviques do general Denikin no sul da Rússia, voltaram-se contra a Polônia. Os poloneses, que ambicionavam conseguir territórios no leste, tinham avançado até Kiev. Enquanto Tukhachevsky se dirigia para ocidente, quase até Varsóvia, a Polônia apelava ao auxílio da Grã-Bretanha e da França. Entre os conselheiros franceses enviados para ajudar os poloneses a resistirem ao ataque bolchevique, estava o coronel De Gaulle, que tinha ensinado francês a Tukhachevsky quando ambos eram prisioneiros de

guerra dos alemães em 1917.

O perigo de uma expansão do comunismo para a Polônia e a Alemanha era sério. A simpatia pela Polônia, um dos mais recentes Estados criados, era geral, mas poucas pessoas queriam voltar a ver uma guerra europeia. Em 28 de julho, Churchill escreveu ao *Evening Standard* sobre o povo britânico: “Estão verdadeiramente cansados da guerra. Durante cinco amargos anos, aprenderam demais sobre sua escravidão férrea, sua sordidez, seus ridículos desapontamentos, seu permanente sentimento de perda.”

Uma semana mais tarde, em 4 de agosto, no sexto aniversário do início da Primeira Guerra Mundial, Lloyd George enviou um ultimato aos emissários russos em Londres, informando que o avanço para Varsóvia deveria cessar ou a Grã-Bretanha avançaria para defender os poloneses, como havia defendido a Bélgica em 1914. O desejo de luta de Lloyd George mostrou-se inútil 48 horas depois, quando 150 mil soldados poloneses travaram o avanço de Tukhachevsky em Radzimin, a apenas 24 quilômetros de Varsóvia. Para a nova Polônia, esse foi o Milagre do Vístula. Em 15 de agosto, Piłsudski tinha feito os 200 mil soldados russos recuarem até o rio Bug, derrotando-os em Brest-Litovsk e fazendo 70 mil prisioneiros. Em 12 de outubro, os bolcheviques aceitaram um armistício. Mais uma vez, os russos eram derrotados por um vizinho ocidental. Com essa derrota, o violento confronto de exércitos a leste do Vístula, quase contínuo desde agosto de 1914, tinha cessado.¹

Como resultado do subsequente e substancial avanço polonês, foi estabelecida uma fronteira russo-polonesa em 1921, por intermédio do Tratado de Riga, que incorporou às regiões orientais da Polônia consideráveis áreas da Lituânia, da Rússia Branca e da parte ocidental da Ucrânia. Caso único nos Estados europeus do pós-guerra, a Polônia, com o território ganho à Alemanha no ocidente, à Áustria no sul e à Rússia a leste, estava territorialmente satisfeita, ainda que os russos mantivessem, sob o governo bolchevique, ambições de recuperar os territórios perdidos em Brest-Litovsk.

Ainda havia alguns combates. No Afeganistão, os britânicos tinham esmagado uma revolta e voltado a ter influência sobre o emir. Na Anatólia, a luta militar entre turcos e gregos culminou com a derrota dos gregos e seu êxodo em massa do território continental. No Marrocos, a França continuava tentando subjugar as tribos marroquinas no deserto do Saara, e a morte de 41 legionários em Djihani, onze anos depois do fim da guerra na Europa, provocou um choque e um sentimento de ódio na França.

Um sucesso de pouca duração no pós-guerra, em termos de justiça e de reparação e erro, foi o estabelecimento de uma Armênia independente, numa das principais decisões do Tratado de Sèvres, assinado em 10 de agosto de 1920. O tão mutilado

povo exerceria a soberania na região oriental do império otomano que tanto tinha feito para prejudicá-lo. Apesar de os turcos terem o controle da cidade de Erzurum, o líder armênio, Boghos Nubar Paxá, garantiu aos líderes aliados que em breve os expulsaria. Além disso, ao longo da antiga fronteira otomano-czarista, nas áreas que tinham sido conquistadas pela Rússia em 1878, tinha sido criada uma nova Armênia, com Kars como capital, que seria unida à área retirada à Turquia otomana. A Armênia renasceria e voltaria a estabelecer suas antigas glórias.

Segundo o Tratado de Sèvres, os Estados Unidos seriam os defensores da Armênia e as fronteiras do novo Estado seriam “estabelecidas por arbitragem do presidente Wilson”. Esse triunfo no papel teve pouca duração, apesar de ser parte de um tratado formal. Em setembro de 1920, após os Estados Unidos virarem as costas a um envolvimento direto nos problemas da Europa e da Ásia Menor, forças turcas marcharam para a nova Armênia, conquistando-a em seis semanas. Simultaneamente, forças bolcheviques movimentavam-se para as antigas áreas czaristas. A Armênia independente deixou de existir menos de um ano depois de seu reconhecimento internacional. Em março de 1921, o Tratado de Moscou, negociado por soviéticos e kemalistas, estabeleceu uma nova fronteira turco-soviética, deixando de ambos os lados uma população armênia, que se encontrava novamente sob domínio estrangeiro.

Outros povos beneficiados com o Tratado de Sèvres ficaram igualmente desapontados em relação às suas aspirações nacionalistas na Anatólia. Os curdos, a quem tinha sido concedida autonomia local, com o direito de separar-se da Turquia dentro de um ano, não encontraram ninguém, no mundo internacional, disposto a continuar a apoiá-los em sua causa. A Grécia, que tinha recebido a região de Esmirna da Anatólia Ocidental, foi expulsa numa série de batalhas sangrentas contra Mustafa Kemal, o vencedor de Galípoli, que finalmente estabeleceu seu direito de ser chamado Atatürk, o Pai dos Turcos. O Tratado de Sèvres já não valia nada e, apenas dois anos depois do fim da guerra, as potências aliadas reiniciaram negociações com a Turquia para um novo tratado de paz.

Fora da Anatólia, o Tratado de Sèvres estabeleceu as bases para o assentamento territorial das posses do antigo império otomano. O Hedjaz tornou-se independente. A Síria, para desgosto dos árabes que tinham sonhado em exercer ali sua soberania, tornou-se um mandato francês. A Palestina e a Mesopotâmia tornaram-se mandatos britânicos. Na Palestina, os termos do mandato incluíam a Declaração Balfour, de novembro de 1917, estabelecendo um Lar Nacional Judaico e convidando judeus a emigrarem para lá. Duas décadas depois, o número de judeus tinha aumentado de 50 mil, que viviam ali nos tempos do domínio turco, para 500 mil. O número de árabes também aumentou por meio de emigração, ainda que com ressentimentos devido à promessa britânica feita aos judeus, o que levou a uma revolta contra os britânicos em 1936. Os judeus foram excluídos da parte oriental, ou transjordânica, da

Palestina, e foi dada substancial autoridade ao emir Abdullah.

Em 14 de outubro de 1993, o jornal londrino *The Independent* publicou um obituário do tenente-coronel Henry Williams, que tinha morrido aos 96 anos. Williams tinha lutado em Neuve Chapelle, no Somme e em Ypres e ficado ferido e com problemas causados pelo gás. Depois do armistício, como membro da Comissão de Sepulturas de Guerra, foram postos sob seu comando, no que tinha sido a frente ocidental, 5 mil homens cuja tarefa era exumar, quando possível identificar, e voltar a sepultar os corpos que encontrassem. Seus voluntários eram ingleses, franceses, belgas, poloneses e letões.

Williams e o presidente da comissão, Sir Fabian Ware, tiveram a ideia de transportar um soldado sem identificação e sepultá-lo na Inglaterra, onde seu túmulo se tornaria um local de oração e contemplação para centenas de milhares de pais, viúvas e crianças cujos entes queridos não tinham sepultura conhecida. A princípio, o Ministério da Guerra ficou cético, mas Ware e Williams perseveraram em sua ideia. No outono de 1920, Williams foi encarregado de selecionar soldados desconhecidos que atuaram nos principais campos de batalha dos britânicos na França e em Flandres. Foi então escolhido um soldado, que se tornou o Soldado Desconhecido. Seu caixão foi feito com a madeira de um carvalho inglês tirado do jardim do palácio real de Hampton Court, e o magnífico sarcófago de chumbo foi escoltado pelo norte da França por soldados da cavalaria francesa. O soldado foi levado para a Grã-Bretanha num contratorpedeiro francês, o *Verdun*, associando assim as baixas dos dois aliados na guerra.

Em 11 de novembro de 1920, exatamente dois anos depois do fim da guerra, e à mesma hora, realizaram-se, em Londres, as cerimônias fúnebres e o enterro do Soldado Desconhecido. Foi montada uma Guarda de Honra, formada inteiramente por homens que tinham recebido a Cruz Vitória, no exterior da abadia de Westminster. A caminho do local onde seria enterrado, o caixão parou no cenotáfio, que foi descerrado pelo rei. O monarca continuou o caminho a pé, seguindo atrás da carreta de canhão até a abadia. Nesse dia, o Soldado Desconhecido foi o ponto central dos pêsames de muitos que nunca saberiam onde tinha sido sepultado ou enterrado o corpo de um filho, marido ou pai. O secretário particular do rei, Sir Alan Lascelles, escreveu em seu diário: “Gaitas de foles iam à frente dele, almirantes da armada e marechais de campo da Inglaterra iam à direita e à esquerda, e todos os londrinos tiraram o chapéu à sua passagem; sobre o caixão, um capacete de aço como o que todos nós usamos e uma comprida espada de cruzado selecionada para ele entre o arsenal do rei.”

Henry Williams continuou na França e em Flandres durante sete anos, à procura de corpos e voltando a enterrá-los. A terra onde foram enterrados foi oferecida pelos

governos belga e francês à Comissão de Sepulturas de Guerra, “em caráter perpétuo”. Quando um oficial belga perguntou a Williams quem compensaria os donos daquela terra, que tinha sido retirada, ele gritou-lhe: “Ouça, nós *pagamos* por essa terra! Você tem os rapazes que morreram para proteger essa terra.”

O corpo escolhido para ficar na abadia perpetuamente não tinha nome. “De todos os símbolos, ele é o mais anônimo, o mais simbólico, e, no entanto, poucos entre os que foram desenhados pelo Homem podem dar uma imagem tão precisa da realidade; cada um de nós que tem seus próprios mortos, não pode deixar de ver que eles também vão com ele. Depois de dois anos de espera, podemos finalmente colocar uma coroa em memória dessa grande companhia”, escreveu Lascelles. No mesmo dia, à mesma hora, o Soldado Desconhecido francês era trasladado para o Arco do Triunfo com idêntico cerimonial.

Na Grã-Bretanha, o cenotáfio tornou-se o ponto central do desfile anual que comemora o Dia do Armistício. Calcula-se que 400 mil pessoas tenham passado por ele nos três dias seguintes à inauguração. Em Paris, o Arco do Triunfo, um monumento que comemora as vitórias de Napoleão, tornou-se o local da cerimônia anual do Dia do Armistício. Quando os alemães entraram em Paris, em junho de 1940, marcharam em torno dele a caminho da Champs-Élysées. Em novembro de 1944, Churchill e De Gaulle celebraram o primeiro Dia do Armistício numa Paris libertada, sob o arco mais uma vez triunfal.

Todas as nações em guerra erigiram memoriais aos seus soldados desconhecidos. O memorial polonês contém o corpo de um soldado morto na guerra russo-polonesa de 1920. O memorial alemão em Tannenberg, na Prússia Oriental, inaugurado em 1927, contém as sepulturas de vinte soldados desconhecidos da frente ocidental. Em 1931, foi inaugurado um túmulo ao Soldado Desconhecido em Berlim, colocado numa casa de estilo neoclássico construída para a Guarda do Palácio duzentos anos antes. Em 1933, os nazistas colocaram uma grande cruz nos fundos da sala, “para enfatizar”, escreveu um historiador, “o caráter sagrado da nação que eles diziam ter salvo”.²

No período que se seguiu à guerra, atos de violência refletiram alguma amargura que a guerra e a derrota tinham criado. Em 26 de agosto de 1921, quando passeava num bosque perto de Baden, Matthias Erzberger, que tinha negociado o armistício com Foch em 1918, foi assassinado por dois nacionalistas fanáticos. Em 24 de junho de 1922, Walther Rathenau, acusado por extremistas de associar-se à Entente para derrotar a Alemanha (ele, que tinha apoiado a deportação de 700 mil trabalhadores belgas para trabalhar na Alemanha em 1916), foi assassinado por nacionalistas antissemitas em Berlim.

Fora da Rússia, esforços comunistas para derrubar os governos do pós-guerra falharam por todos os lados. Os regimes comunistas que tinham sido estabelecidos em Munique e Budapeste foram ambos destruídos, porém de forma mais sangrenta

em Budapeste do que em Munique. Na Itália e na Espanha, regimes de extrema direita chegaram ao poder, conduzidos por Mussolini e Primo de Rivera, empenhados em evitar o comunismo em todas as suas formas.

O processo de estabelecimento da paz foi mais longo do que a própria guerra. O conflito havia durado quatro anos e três meses, mas somente em julho de 1923, quatro anos e oito meses depois do fim da guerra, as fronteiras da Turquia foram finalmente estabelecidas. Sem cumprir o Tratado de Sèvres, de setembro de 1920, ocupando a Armênia, restabelecendo o domínio turco no Curdistão e expulsando os gregos da província de Esmirna, no mar Egeu, Mustafa Kemal concordou em assinar e acatar o Tratado de Lausanne. Por meio desse tratado, a Turquia mantinha a soberania sobre 1.600 quilômetros da Anatólia, das margens ocidentais do Egeu até as encostas ocidentais do monte Ararat. O plano aliado, incorporado no Tratado de Sèvres, de não controle turco sobre a Turquia europeia, Constantinopla e a zona dos estreitos foi abandonado. Galípoli, onde os turcos mostraram que não podiam ser atacados com facilidade ou com impunidade, seria mantida sob domínio turco.

A única concessão feita às sensibilidades aliadas foi um estatuto especial dado aos cemitérios militares na península de Galípoli, abertos perpetuamente a todos que quisessem fazer uma peregrinação até ali. Rapidamente apareceram visitantes: a sepultura do soldado George Grimwade, do corpo médico do Exército australiano, recebeu uma pedra trazida de sua terra natal na Austrália, “colocada aqui como saudosa recordação em abril de 1922”. Os pais podiam decidir se queriam acrescentar qualquer inscrição às lápides já existentes. Na lápide do soldado de cavalaria E. W. Lowndes, da 3ª Brigada de Cavalaria Ligeira Australiana, foram acrescentadas as palavras: “Bom trabalho, Ted.” No extremo sul do cabo Helles, diante das duas praias de desembarque mais fustigadas em abril de 1915, um obelisco alto, o Monumento aos Desaparecidos de Helles, mostra os nomes de 20.763 homens que morreram na península e não têm sepultura conhecida.

Em 1918, iniciou-se um período de muita esperança de paz, sob a mão protetora da Liga das Nações. O método escolhido para manter essa paz não foi Exército, Marinha ou Força Aérea, mas o desarmamento. No interior de cada Estado multinacional, os direitos das minorias seriam protegidos pelo Tratado Sobre Minorias da Liga das Nações e por garantias às minorias nas Constituições modernas. A própria modernidade precisava ser embasada em conversações, compromisso, ajustes, arbitragem, senso comum, interdependência econômica e no desejo de dirimir controvérsias à mesa de conferências. De qualquer forma, um cínico pode argumentar que todos esses elementos já existiam na Europa antes de 1914.

No mundo do pós-guerra, os tratados constituiriam um enquadramento legal de independência e inviolabilidade das novas fronteiras, mas havia quem perguntasse se as fronteiras da Bélgica não estavam garantidas por tratado antes de 1914. Em agosto de 1920, com a assinatura de um tratado entre a Tchecoslováquia e a Iugoslávia, foi dado o primeiro passo entre os novos Estados da Europa Central para criar uma Pequena Entente de reconhecimento mútuo e proteção; um ano depois, a Romênia juntou-se a eles. Os Acordos de Locarno, em 1925, trouxeram garantias, com o apoio britânico e italiano, à fronteira franco-alemã, pela qual já tinham lutado três vezes. A inviolabilidade da fronteira belga também estava garantida pelos Acordos de Locarno. Ao mesmo tempo, os dois novos Estados, Polônia e Tchecoslováquia, assinaram alianças militares com a França, dando um apoio substancial às suas fronteiras. As nações que se sentiam prejudicadas, em especial a Alemanha e a Hungria, teriam a chance de reparar os prejuízos por meio dos bons auspícios da Liga. Plebiscitos, com a democrática aplicação do princípio “um homem, um voto”, já tinham ajustado as fronteiras franco-germânica e tcheco-polonesa no período imediatamente posterior à guerra. Tirar terras, quer fosse o território do Fiume, que os italianos tinham tirado à Iugoslávia em 1919, quer fosse o território de Vilnius, tirado pelos poloneses à Lituânia em 1920, quer fosse Memel, tirado pela Lituânia à Prússia Oriental alemã em 1923, era desaprovado e constituía precedentes a serem evitados numa nova era.

O pacifismo também floresceu no pós-guerra, focando seus esforços num apelo ao desarmamento universal. Ainda que a Alemanha, a Áustria, a Hungria e a Turquia tivessem sido desarmadas pelos tratados, a pressão dos pacifistas era exercida sobre as potências vencedoras, em especial sobre a França, para reduzir seus armamentos a um nível mínimo. Em 1925, ano em que os Acordos de Locarno pareceram fornecer um quadro legal e diplomático que poderia evitar uma futura guerra franco-germânica, com tudo o que significava em termos de repercussões, foi lançado um Manifesto Contra a Conscrição, assinado, entre outros, por Albert Einstein e Mahatma Gandhi. “Rebaixa a dignidade humana obrigar homens a darem a vida ou a infligirem a morte contra a sua vontade ou sem convicção na justiça dos seus atos”, escreveram eles.

O Estado que pensa que pode obrigar seus cidadãos a irem para a guerra nunca considerará devidamente o valor e a felicidade das suas vidas em paz. Além disso, por meio da conscrição, o espírito militarista de agressividade é implantado em toda a população masculina, nas idades mais impressionáveis. Ao treinar homens para a guerra, considera-se a guerra inevitável e até mesmo desejável.

Tratados, comportamentos civilizados, comércio e desarmamento apontavam para

uma paz permanente, mas teriam quaisquer ecos nos idílicos anos pré-1914 ou seriam uma manifestação de um novo pragmatismo nascido após mais de quatro anos de sofrimento e destruição? Em 15 de novembro de 1920, na primeira reunião da Assembleia da Liga das Nações, uma proposta para que não houvesse um aumento de armamentos durante dois anos foi contrariada por seis países, mesmo que por tão curto período de tempo. Esses países eram França, Polônia, Romênia, Brasil, Chile e Uruguai. A França tornou-se o Estado europeu mais fortemente armado, estando a Alemanha desarmada por aplicação do Tratado de Versalhes, o que foi motivo de queixa alemão, bem como de desigualdade. Em 4 de agosto de 1928, décimo quarto aniversário da declaração de guerra à Alemanha por parte da Grã-Bretanha, Sir Horace Rumbold, que tinha estado em Berlim em 1914, estava novamente na capital alemã, dessa vez para apresentar suas credenciais como embaixador ao presidente alemão, Hindenburg. Nessa tarde, andou pelas ruas em torno da embaixada. “Quase não se via ninguém. Dois soldados de baixa estatura que encontrei enquanto passeava representavam o Reichswehr, que estava então limitado a 100 mil homens. A grande máquina militar alemã tinha sido reduzida ao mínimo, mas apenas momentaneamente.”

“Apenas momentaneamente”, pois onze anos depois um novo líder nacional, o antigo cabo que ficara temporariamente cego devido ao uso de gás na frente ocidental em 1918, havia decidido que podia inverter o veredicto da derrota por meio de rearmamento, mobilização nacional, terror, tirania, diplomacia e guerra. Dez anos depois do fim da guerra, Hitler já era uma figura política relevante, falando em tom estridente sobre a necessidade de vingança, de rearmamento, de recuperação de territórios perdidos e da eliminação, na vida alemã, do bode expiatório que escolhera pela sua derrota e a derrota de seu país: os judeus da Alemanha. Se alguns milhares de judeus tivessem sido mortos com gás em 1918, escreveu Hitler em *Mein Kampf* em 1925, a Alemanha podia ter evitado a derrota. Para ele não contava o patriotismo de centenas de milhares de judeus que serviram no Exército alemão ou a memória dos 12 mil soldados judeus alemães que tinham sido mortos em combate entre 1914 e 1918.

O período do pós-guerra durou duas décadas, vinte precários anos de paz, entre as guerras mundiais. Durante essas duas décadas, a literatura de guerra refletiu toda a gama de emoções, desde entusiasmo patriótico e afirmação nacionalista até sofrimento individual e desilusão. Histórias, novelas, filmes, peças, poemas, músicas, pinturas e charges, e até selos postais, mantiveram os quatro anos de guerra perante os olhos de milhões que tinham participado do conflito e de muitos outros milhões que o tinham acompanhado de suas casas, em jornais, noticiários e cartas ou em contato com combatentes em períodos de licença. Quase todos os generais quiseram descrever e justificar sua conduta. Milhares de participantes contavam os vários episódios da guerra. Dez mil momentos de glória esquecidos ressuscitavam.

Em 1923, o general Mangin descreveu, em *Des hommes et des faits* [Os homens e os fatos], a recaptura da aldeia de Onhaye em agosto de 1914, num momento em que a frente francesa retrocedia em quase toda a sua extensão. Foi uma das ações heroicas das primeiras semanas de guerra.

Havia museus da guerra por todos os lados, e, na União Soviética, museus antibelicistas. Relíquias da guerra tornaram-se parte de muitos monumentos. Na Inglaterra, em 1924, foi inaugurado um Museu do Tanque em Bovington, onde foi exposto o primeiro tanque, conhecido pelos soldados por vários nomes: “Big Willie” [“Grande Willie”], “His Majesty’s Landship Centipede” [“Centopeia Blindada de Sua Majestade”] e “Mother” [“Mãe”]. Já lá não está: em 1940, quando foi feito um pedido por mais metal para alimentar as fábricas de munições, o “Big Willie” foi enviado para ser derretido, tornando-se parte dos projéteis e *shrapnel* de uma nova guerra.

Antes mesmo de serem limpos dos detritos da guerra, os campos de batalha tornaram-se o centro de interesse de uma indústria turística florescente. Logo após a guerra, muitos visitantes procuravam sepulturas de familiares seus ou o cenário da batalha final de seus entes queridos. Vera Brittain, à procura da sepultura do seu noivo, visitou a frente ocidental em 1921. Tendo alugado um carro em Amiens, “mergulhou numa série de estradas destruídas por bombardeios, entre os grotescos esqueletos de troncos de árvores, com seus ramos nus e destroçados ainda apontando para o céu num ridículo protesto contra a fria crueldade dos homens em relação à natureza e aos homens”.

Quase todos os anos, nos invernos, alguns dignitários e veteranos juntavam-se aos visitantes numa série de cerimônias, quase todas com a inauguração de monumentos. Em 16 de julho de 1922, em Jonchery-sur-Vesle, o presidente Millerand descerrou um monumento ao cabo André Peugeot, o primeiro soldado francês a ser morto na guerra. O monumento, que foi destruído pelas forças alemãs de ocupação um mês depois da capitulação da França, em 1940, foi reconstruído em 1959, 45 anos depois da morte de Peugeot.

Em 24 de julho de 1927, o rei Albert da Bélgica esteve presente na inauguração da Porta de Menin, o enorme memorial aos desaparecidos que substituiu os leões gêmeos que tinham marcado a saída de Ypres durante os anos da guerra.³ Nesse dia, a cerimônia terminou com “The Last Post”, tocado pelos corneteiros da Infantaria Ligeira de Somerset, e com um lamento tocado pelos gaiteiros dos Guardas Escoceses. A ideia de que “The Last Post” fosse tocada todas as noites veio do superintendente da polícia de Ypres, P. Vandenbraambussche. Era tocada, e ainda o é, pelos corneteiros do Corpo de Bombeiros de Ypres. O dinheiro necessário para

“garantir que se toque ‘The Last Post’ todas as noites para sempre” foi recolhido na Grã-Bretanha.

Não passou um único ano sem uma cerimônia impressionante e sem que fosse inaugurado outro monumento imponente. Em 4 de novembro de 1928, Foch e Weygand estavam presentes em La Ferté-sous-Jouarre durante a inauguração de um memorial a 3.888 soldados britânicos que tinham sido mortos durante a retirada do Marne e que não tinham sepultura conhecida. Eram soldados desconhecidos a cujas sepulturas parentes e amigos não podiam ir em peregrinação. Seus nomes foram inscritos num muro de pedras brancas.

Houve um lampejo em relação ao modo como a inauguração de memoriais se tornava rotineiro quando, em julho de 1931, o general Hubert Gough, que tinha comandado o 1º Exército Britânico em 1914, encontrou-se com o rei Albert da Bélgica em Londres. “Está Vossa Majestade muito ocupado?”, perguntou Gough. “Estou, estou muito ocupado a desempenhar a única tarefa que resta na minha função”, respondeu o rei. “E de que se trata?”, perguntou o general. “Descerrar memoriais!”, respondeu o rei.

Os guias publicados no entreguerras sobre França, Bélgica, norte da Itália, Iugoslávia, Polônia, Ucrânia, Turquia e Palestina incorporaram as relíquias e os memoriais da guerra como parte de sua apresentação. O famoso guia de Findlay Muirhead sobre o nordeste da França chamou a atenção, em 1930, ao descrever uma viagem a Saint-Pol, uma colina próxima “com uma esplêndida vista para o campo de batalha de Arras-Lens”. Em Arras, na praça da Estação, podia ser vista a sede da Comissão de Sepulturas de Guerra na França e na Bélgica. Na Grande-Place, cerca de um terço de todas as casas tinha sido destruído pela artilharia alemã, mas “estão sendo reconstruídas no estilo anterior”. Nos subúrbios de Lens, as casas de tijolo dos mineiros, anteriores à guerra, “oferecem pouca resistência ao fogo de artilharia”, mas as próprias minas, “devastadas entre 1914 e 1918 pelo fogo de artilharia e pela sistemática política alemã de inundá-las”, estavam funcionando novamente. Muirhead notou também sobre a cidade de Reims: “Destruída pelos bombardeios de 1914-1918, tem um lugar de honra entre as cidades martirizadas da França.”

“Honra” era uma palavra muito utilizada, e por vezes rejeitada, no período entreguerras. “As causas da guerra são sempre apresentadas de modo falso; sua honra é desonrosa e sua glória, enganosa, mas o desafio do sofrimento espiritual, a intensa consciência vivificante de um perigo comum para um fim comum, continua a seduzir rapazes e moças que acabaram de atingir a idade em que amor e amizade e aventura chamam mais persistentemente”, escreveu Vera Brittain em suas memórias, *Testament of Youth* [Testamento de juventude], em 1933. Enquanto essa consciência vivificante durasse, refletiu ela, “nenhuma emoção conhecida pelo homem parece ter o poder de compelir dessa ampla vitalidade”. A civilização não podia ser resgatada das “forças ameaçadoras de destruição”, receava ela, a não ser que fosse possível

“dar a conhecer o processo racional de pensamento construtivo e experimentar o elemento de amor santificado que, como um magnífico sol que surge de nuvens pardas, de tempos em tempos glorifica a guerra”.

Vera Brittain perdera na guerra o noivo, seu único irmão e dois amigos próximos. Durante dois anos como enfermeira, tratou desesperadamente de soldados feridos trazidos diretamente dos campos de batalha. Ao ler essa passagem depois da Segunda Guerra Mundial, um antigo soldado, Hugh Boustead, veterano do Somme, comentou:

Já vi demasiadamente o que os homens fazem uns aos outros: a tortura e mutilação de Brancos pelo Exército Vermelho na Rússia, a selvageria na África e na Arábia e, acima de tudo, a chacina na frente ocidental. Isso é evidente para quem quer que pense na guerra; o que é menos óbvio é o “poder de compelir dessa ampla vitalidade”. Isso constitui, sem dúvida, o problema real de qualquer Liga das Nações.

A “chacina na frente ocidental” foi descrita a um vasto público no livro *Nada de novo no front*, de Erich Maria Remarque, um retrato cru da vida e da morte de um grupo de soldados alemães. A escrita é direta e o tom, amargo:

Bertinck tem um ferimento no peito. Pouco tempo depois, um estilhaço destrói seu maxilar, e o mesmo estilhaço tem força suficiente para abrir o quadril de Leer. Leer geme enquanto se apoia no braço, sangra rapidamente; ninguém o pode ajudar. Como um tubo que se esvazia, entra em colapso depois de alguns minutos. De que lhe serve agora ter sido tão bom aluno em matemática na escola?

O livro de Remarque foi publicado na Alemanha em janeiro de 1929 e na Grã-Bretanha dois meses depois. Seu título refere-se à morte do narrador, em outubro de 1918, “num dia em que estava tudo tão tranquilo em toda a frente que o relatório do Exército se resumiu a uma única frase: ‘Nada de novo no front’”. Em 1930, os estúdios da Universal, em Hollywood, fizeram um filme baseado nesse livro.⁴ Quando foi projetado pela primeira vez, a revista *Variety* escreveu: “A Liga das Nações não pode fazer melhor investimento do que comprar o original, reproduzi-lo em todas as línguas e mostrá-lo a todas as nações até que a palavra ‘guerra’ seja retirada dos dicionários.”

Quem estudou as origens e o desenvolvimento da Primeira Guerra Mundial tinha esperança de que o conflito levasse a um sistema universal aceito de cooperação internacional. Em 15 de junho de 1929, o historiador alemão Emil Ludwig, biógrafo do Kaiser, escreveu na introdução de seu livro sobre as origens da guerra: “Este livro demonstra as intenções pacíficas das massas de todas as nações em julho de 1914.

Espero que contribua para a ideia de um tribunal de arbitragem, que não é utopia, mas uma realidade crescente: não um problema permanentemente insolúvel, mas o inevitável resultado de uma experiência recente.” Ludwig acreditava que não havia outra forma para avançar que não fosse a criação de tal tribunal e do conceito de arbitragem: “Há apenas uma alternativa: fazê-lo agora ou esperar por outra guerra.”

Arbitragem e negociação tinham começado a deixar marcas nas divergências do pós-guerra, mas muito lentamente e tarde demais. Em 8 de julho de 1932, chegou-se a um acordo em Lausanne, na Suíça, segundo o qual a Alemanha ficava praticamente livre de pagar as reparações de guerra. A dívida alemã, que tinha sido de 25 bilhões de dólares, foi reduzida para 2 bilhões, com claras indicações de que mesmo essa soma não precisaria ser paga na totalidade e certamente não antes da data original do tratado, 1961, a três décadas de distância. Contudo, um comentário ominoso foi feito pelo embaixador britânico em Berlim, Sir Horace Rumbold: “Devemos ter em conta que é uma característica germânica nunca admitir que qualquer acordo é suficientemente satisfatório do ponto de vista germânico”, escreveu ao Ministério das Relações Exteriores em Londres. Hitler e o Partido Nazista não tinham qualquer intenção de admitir que o acordo de Lausanne tinha ajudado a Alemanha, mas a renúncia ao Tratado de Versalhes foi uma importante plataforma de sua próxima campanha eleitoral e um objetivo muito divulgado quando se tornou chanceler seis meses depois.

Em agosto de 1932, o presidente francês Albert Lebrun inaugurou o Ossário de Douaumont, um memorial em Verdun. Assinalado por uma torre alta, tinha levado dez anos para ser construído. Estavam ali os restos mortais de 130 mil soldados, franceses e alemães, cujos ossos tinham sido encontrados no campo de batalha. Esses ossos podem ser vistos através de uma janela especial colocada no nível do solo. No cemitério em frente ao ossário estão as sepulturas de 15 mil soldados franceses identificados. Um portal próximo conduz ao local onde, em 1919, uma linha de rifles e baionetas salientes revelaram a existência, sob a terra, dos corpos de soldados franceses mortos quando sua trincheira foi despedaçada. Esse local também se tornou um memorial, coberto por uma abóbada de cimento apoiada em colunas também de cimento.

“O Marne e Verdun perdurarão para sempre entre os maiores feitos da guerra”, comentou Clemenceau em seu livro *Grandeur et misère d'une victoire* [Grandeza e dor de uma vitória], publicado originalmente em 1930. “E, no entanto, chacinas não podem ser a principal preocupação na vida. A glória da civilização consiste em que nos permite, ocasionalmente, viver quase uma vida normal. O armistício é o intervalo entre a queda e o levantar do pano.” Quando Clemenceau escreveu essas palavras, tinham passado doze anos desde a assinatura do armistício. Passariam mais nove antes que a cortina subisse novamente.

O armistício era uma memória de grande poder para os vencedores e amarga para quem fora derrotado. Em 11 de novembro de 1932, numa clareira da floresta de Compiègne, foi celebrada uma cerimônia para comemorar a assinatura do armistício, naquele local, catorze anos antes. O vagão de trem utilizado por Foch para as negociações do armistício foi levado até a clareira e foi descerrado um monumento que mostrava a águia germânica sendo cortada por uma espada, com uma inscrição que descrevia como, naquele local, a vanglória do império alemão tinha sido humilhada. O vagão de trem foi mantido sob uma cobertura especial que o protegia. Menos de oito anos depois, em junho de 1940, o vagão foi retirado do local e usado por Hitler para a assinatura do armistício francês. Para essa cerimônia, o monumento da humilhação germânica foi rapidamente coberto com uma grande bandeira com a cruz suástica. O vagão foi depois levado para Berlim como troféu e desapareceu em abril de 1945, numa estrada de ferro oitenta quilômetros ao sul de Berlim, entre Elsterwerda e Grossenhain, onde se pensa que foi destruído num ataque aéreo britânico. O vagão que está agora em Compiègne é uma réplica com a maioria das relíquias originais de 1918.

Com a chegada de Hitler ao poder na Alemanha em 1933, caminhavam juntos o receio de uma nova guerra e seus preparativos. O rearmamento alemão, ilegal segundo o Tratado de Versalhes, foi iniciado energicamente. Os aspectos da Primeira Guerra Mundial começavam a ser encarados sob uma nova luz. A “culpa” alemã, quer pela invasão da Bélgica, quer pela forma como o país conduziu a guerra, foi negada. Em 7 de maio de 1935, no vigésimo aniversário do afundamento do *Lusitania*, o jornal do Partido Nazista, *Völkischer Beobachter*, entrevistou Karl Scherb, o primeiro oficial a avistar o transatlântico, que defendeu o afundamento como retaliação pelo “bloqueio de fome” britânico e disse também que as únicas ordens que o submarino tinha eram “causar o maior prejuízo possível a transportes suspeitos de tropas britânicas”. O comandante Schwieger não era culpado de um assassinato premeditado, mas alguém “cumpru seu oneroso dever”.

O comandante Schwieger desaparecera no mar enquanto comandava o U-88 no outono de 1917. Se não tivesse morrido, poderia ser levado a tribunal pelos Aliados, acrescentando mais uma causa no ódio alemão do entreguerras.

As controvérsias da guerra, travadas durante quatro anos em departamentos do governo e quartéis-generais dos exércitos, apareceriam inúmeras vezes em livros e revistas. A passagem do tempo trouxe um acréscimo da amargura. Em 1936, no volume final de suas memórias, Lloyd George escreveu acerca dos comandantes militares britânicos: “Alguns dos assaltos a posições impossíveis, ordenados por nossos generais, nunca teriam sucedido se tivessem visto com seus próprios olhos a chacina inevitável a que sujeitavam seus homens.” Dois anos depois, num prefácio a uma edição resumida, escreveu sobre como, enquanto primeiro-ministro, “vi como o

incrível heroísmo do homem comum era usado para reparar a incompetência de inexperientes treinados (pois eram treinados para não serem peritos no que havia de mais atual na guerra moderna) (...) nas estratégias estreitas, egoístas e pouco criativas e na incrível carnificina em vão de ofensivas insensatas”.

Em 30 de maio de 1937, realizaram-se cinco cerimônias solenes na França, inaugurando cinco cemitérios de guerra americanos, seguindo-se, em agosto, a inauguração de um cemitério americano de guerra na Grã-Bretanha.⁵ Essas cerimônias provocavam profundas emoções de confiança na causa e de tristeza pessoal. Até mesmo na última cerimônia a causa foi renovada. Em 22 de julho de 1938, enquanto a guerra ameaçava mais uma vez a Europa e Hitler exigia que a Tchecoslováquia devolvesse a região dos Sudetos, a Comissão de Sepulturas de Guerra concluía sua tarefa de construir cemitérios para os mortos na Primeira Guerra Mundial. Nesse dia, o rei George VI descerrou o Memorial Nacional Australiano em Villers-Bretonneux, no norte da França. Quase um ano depois, na Páscoa de 1939, membros da Associação de Antigos Camaradas do Corpo Britânico de Metralhadoras reuniram-se na cidade francesa de Albert para descerrar uma placa, colocada na Câmara Municipal, dedicada aos 13.791 membros daquele corpo que tinham sido mortos em ação. Havia decorrido apenas um quarto de século desde a Batalha do Somme, com suas pesadas baixas, e faltava menos de um ano para o eclodir de outra guerra que traria novas tropas alemãs a Albert, dessa vez não durante cinco meses, mas por quase cinco anos. A poucos quilômetros de Albert, um dos quatro modelos de tanques no Memorial Britânico do Corpo de Carros de Combate contém marcas de balas das primeiras batalhas da Segunda Guerra Mundial.

Todos os políticos e comandantes que lideraram suas nações na Segunda Guerra Mundial tinham estado envolvidos, de uma ou outra forma, na Primeira Guerra Mundial. Tanto Hitler como Mussolini tinham servido nas trincheiras. No Gabinete britânico, no início da guerra, em setembro de 1939, sete dos seus 21 membros tinham recebido a Cruz Militar na frente ocidental durante a Primeira Guerra Mundial. Um ministro, conde De La Warr, como objetor de consciência aos 17 anos, tinha optado por servir na Marinha Mercante.⁶ Apenas um era novo demais para ter prestado serviço. Quase todos tinham perdido irmãos ou parentes em batalha. O sobrinho de Neville Chamberlain, Norman, com quem ele tinha uma relação próxima, tinha sido morto em ação em 1917.

Os campos de batalha da Primeira Guerra Mundial nas frentes oriental, ocidental e da Sérvia foram invadidos pela Alemanha em 1939, 1940 e 1941. As regiões onde tinham acontecido as lutas mais selvagens entre 1914 e 1918 tornaram-se parte dos

territórios ocupados pelos nazistas. Foram perpetradas novas crueldades que, em relação aos civis sob ocupação, eclipsaram os maus-tratos da guerra anterior. Os robustos edifícios de uma guarnição austro-húngara e os aquartelamentos da cavalaria no leste da Alta Silésia, dos quais soldados imperiais haviam saído em 1914 para lutar na frente oriental contra a Rússia, tornaram-se, na Segunda Guerra Mundial, o ponto central do campo de concentração de Auschwitz, onde morreria cerca de 1 milhão de pessoas e pelo menos 800 mil judeus, milhares de prisioneiros de guerra russos, prisioneiros políticos poloneses e presos de uma dúzia de outras nações. Outro aquartelamento austro-húngaro, na cidade de Theresienstadt, onde Gavrilo Princip tinha sido mantido prisioneiro e onde morreu durante a Primeira Guerra Mundial, tornou-se, entre 1941 e 1944, o local de encarceramento e de morte de mais de 33 mil judeus. Dali, 88 mil judeus foram deportados para serem assassinados no leste.

As tropas alemãs que avançaram pelo Somme em maio de 1940 foram vistas por um antigo soldado britânico, Ben Leech, que tinha lutado ali em 1916. No período entreguerras, Leech fora um dos jardineiros que cuidavam dos cemitérios de guerra, trabalhando num cemitério perto da aldeia de Serre. Depois da queda da França, o comandante alemão local deu-lhe autorização para prosseguir seu trabalho. Ele assim fez, mas também se juntou à Resistência francesa, ajudando 27 aviadores aliados a fugirem depois de serem abatidos por sobre os campos de batalha da Primeira Guerra Mundial. Ele manteve os aviadores escondidos numa cabana de utensílios do cemitério, a poucos metros de soldados alemães que iam ver as sepulturas da Primeira Guerra Mundial.

Conquistando a Bélgica e o norte da França pela segunda vez em 25 anos, os alemães eram confrontados com muitos memoriais do conflito anterior. Um, em particular, ofendeu-os: tratava-se do memorial aos soldados franceses vítimas do primeiro ataque de gás dos alemães, realizado em abril de 1915. O monumento, em Steenstraat, na Bélgica, mostrava três soldados: um estava de pé, apoiado numa cruz numa posição quase idêntica à posição em que Jesus é normalmente representado, mas agarrando o pescoço, e os outros dois agonizavam na base da cruz, retorcendo-se devido aos efeitos do gás. A inscrição descrevia as “primeiras vítimas do gás asfixiante”. As autoridades ocupantes alemãs deram ordem para que os belgas tapassem com cimento tanto a inscrição como as figuras, mas o cimento rachou, expondo-as novamente. Em 8 de maio de 1941, pouco mais de 26 anos depois do ataque com gás, os alemães obrigaram os trabalhadores belgas a colocarem explosivos, arrancando o monumento de seu pedestal.

Imediatamente depois do fim da Segunda Guerra Mundial, Herbert Sulzbach, na época intérprete do Exército britânico, falou a um grupo de prisioneiros de guerra alemães. Na Primeira Guerra Mundial, tinha servido no Exército alemão, tendo

ganho a Cruz de Ferro. Sendo judeu, abandonou a Alemanha depois da subida de Hitler ao poder e alistou-se no Exército britânico em 1939. Em 1945, era primeiro-sargento em Comrie, na Escócia, onde estavam 4 mil prisioneiros de guerra alemães. Pouco antes do Dia do Armistício de 1945, leu-lhes o poema de John McCrae “In Flanders Fields” [“Nos campos de Flandres”] e disse-lhes como deviam celebrar o Dia do Armistício:

Se concordarem com minha proposta, façam um desfile na praça de armas, batam continência para todos os mortos de todas as nações — camaradas seus, antigos inimigos seus, todos os combatentes que morreram pela liberdade, que deram suas vidas em campos de concentração alemães — e façam o seguinte juramento: “Nunca mais voltará a haver tais assassinatos! Essa é a última vez que nos deixaremos atraindo e trair. Não é verdade que os alemães constituem uma raça superior e não temos o direito de acreditar que somos melhores do que os outros. Somos iguais perante Deus, qualquer que seja nossa raça e nossa religião. Sofremos terrivelmente e percebemos onde nos leva a arrogância (...) Nesse minuto de silêncio, às 11h desse dia 11 de novembro de 1945, juramos voltar à Alemanha como bons europeus e tomar parte, enquanto vivermos, na reconciliação de todos os povos e na manutenção da paz (...)!”

Quase todos os anos, mesmo muito depois do fim da Segunda Guerra Mundial, há cerimônias para trazer à superfície recordações, se não mesmo memórias, da cada vez mais distante Primeira Guerra Mundial. Em 1966, os restos mortais de tripulantes alemães abatidos sobre a Grã-Bretanha quando seu dirigível bombardeava Londres e a costa leste foram trasladados de três sepulturas para seu descanso final em Cannock Chase, Staffordshire. Foi colocada uma placa com a seguinte inscrição em alemão e em inglês:

Lado a lado com seus camaradas, que aqui encontrem o eterno repouso os tripulantes de quatro dirigíveis abatidos sobre a Grã-Bretanha durante a Primeira Guerra Mundial. Aqueles que caíram foram trazidos para cá, do seu local original de sepultamento: Potters Bar, Great Burstead e Theberton. Os membros de cada tripulação foram sepultados em caixões num único túmulo.

Em 11 de novembro de 1968, cinquenta anos depois do armistício, foi afixada uma placa na parede de uma casa em Ville-sur-Haine, à saída de Mons, onde o último soldado canadense a morrer em ação foi atingido por um franco-atirador dois

minutos antes do armistício. Em julho de 1994, várias outras placas e memoriais foram descerrados no Somme.

Em 22 de setembro de 1984, Verdun foi o local da reconciliação pública da França com a Alemanha. “Num gesto de reconciliação, o presidente Mitterrand e o chanceler Helmut Kohl apertam as mãos enquanto se ouvem os hinos nacionais da França e da Alemanha Ocidental, em Verdun, cenário de uma das mais amargas batalhas da Primeira Guerra Mundial”, reportou o *Times* sob uma fotografia da cena. “Antes de visitarem os túmulos de soldados franceses, M. Mitterrand e *Herr* Kohl prestaram tributo aos mortos alemães em Consenvoye, um dos muitos cemitérios alemães na zona.” O pai do presidente Kohl lutara em Verdun em 1916 e o presidente Mitterrand tinha sido feito prisioneiro pelos alemães ali perto em 1940.

A destrutividade da Primeira Guerra Mundial, em termos de número de soldados mortos, foi maior do que em todas as outras guerras conhecidas da história. A lista seguinte mostra os números de homens mortos em combate ou devido a ferimentos. Os números são inevitavelmente aproximados e não incluem todas as vítimas da guerra. No caso da Sérvia, morreram mais civis (82 mil) do que os soldados que figuram na lista. No Exército dos Estados Unidos, morreram mais soldados devido à gripe (62 mil) do que em combate. O número de armênios massacrados entre 1914 e 1919 chegou a mais de 1 milhão. O número de civis alemães que morreram como resultado do bloqueio aliado é calculado em mais de 750 mil.

Os números de mortos na guerra entre os principais países beligerantes, de acordo com estimativas mínimas, foram:

Alemanha: 1,8 milhão
Rússia: 1,7 milhão
França: 1,384 milhão
Áustria-Hungria: 1,29 milhão
Grã-Bretanha: 743 mil
Itália: 615 mil
Romênia: 335 mil
Turquia: 325 mil
Bulgária: 90 mil
Canadá: 60 mil
Austrália: 59 mil
Índia: 49 mil
Estados Unidos: 48 mil
Sérvia: 45 mil
Bélgica: 44 mil
Nova Zelândia: 16 mil

África do Sul: 8 mil
Portugal: 7 mil
Grécia: 5 mil
Montenegro: 3 mil

As Potências Centrais, derrotadas na guerra, perderam 3,5 milhões de soldados nos campos de batalha. As potências aliadas, vencedoras, perderam 5,1 milhões. Em média, morreram mais de 5.600 soldados por dia. A morte de 20 mil soldados britânicos no primeiro dia da Batalha do Somme é frequentemente recordado com horror. Em média, morreu um número semelhante de soldados a cada período de quatro dias ao longo da Primeira Guerra Mundial.

Desde os últimos momentos da guerra, seu sofrimento humano ficou embebido no tecido das sociedades das quais dependera sua perpetuação. Os homens feridos de todas as nações constituiriam um legado da guerra que só terminaria com sua morte ou com a morte de todos aqueles que viveram com eles e que cuidaram de seus corpos e mentes. Dez dias antes da assinatura do armistício, o pacifista Clifford Allen escreveu em seu diário sobre uma moça e um soldado desmobilizado que viviam numa fazenda perto dele em Surrey: “Ele tinha perdido ambas as pernas, mas andava de um lado para o outro, satisfeito, numa cadeira de rodas mecânica. Numa dessas noites, estava sentado, conversando com a noiva, quando a chaleira começou a ferver. Esqueceu-se de que não tinha pernas e deu um salto da cadeira para pegar a chaleira, mas caiu no espaço vazio, sobre os cotos das pernas.”

O sofrimento humano dos antigos combatentes no pós-guerra tomou muitas formas. Centenas de milhares de filhos e filhas viam como os pais, com ferimentos físicos que não podiam ser curados, sofriam, consumiam-se e morriam. No início de 1922, cerca de 50 mil antigos soldados britânicos recebiam pensões do governo devido aos efeitos continuados de traumas de guerra. Se esse número for proporcionalmente multiplicado por todos os exércitos, chega-se a mais de 250 mil homens mentalmente afetados pela guerra.

Alguns entre os que sofreram gravemente conseguiram recuperar-se e ter uma vida ativa durante muitos anos. Um oficial galês, o tenente Tudor Williams, foi atingido por um projétil e enterrado vivo em setembro de 1916, durante a Batalha do Somme. Seus próprios homens desenterraram-no. Um estilhaço tinha penetrado no pulmão direito e alojara-se na membrana que envolve o coração. Apesar de recaídas resultantes do ferimento, Williams sobreviveu e foi diretor de uma escola secundária de 1929 até sua morte, em 1955. Numa visita a um hospital um ano antes de morrer, o radiologista que o examinou ficou fascinado com os estilhaços que entravam e saíam ao ritmo dos batimentos do coração. Williams era um de quatro irmãos que serviram no Exército e que sobreviveram.

Os últimos combatentes na Primeira Guerra Mundial aparecem agora nos obituários. Cada história reflete diferentes aspectos da distante guerra. Em 2 de fevereiro de 1991, o *Independent* publicou o obituário do coronel Monty Westropp, que tinha ficado gravemente ferido na cabeça no bosque de Delville, durante a Batalha do Somme, e regressado às trincheiras a tempo da Batalha de Arras, quando foi ferido numa perna durante o ataque a Fresnoy e passou várias horas rastejando na lama da terra de ninguém e escapando a várias patrulhas alemãs antes de conseguir chegar às trincheiras britânicas. Ele morreu um mês antes de completar 95 anos.

Em 24 de agosto de 1912, morreu George Jones, o último ás da aviação australiano. Jones tinha lutado como soldado em Galípoli e depois como piloto na frente ocidental, tendo feito 113 missões e abatido sete aviões alemães, incluindo dois numa única missão. Apesar de ter ficado gravemente ferido nas costas, voltou à ativa em outubro de 1918, abatendo mais dois aviões antes do armistício. Em 1942, tornou-se chefe do Estado-Maior australiano, terminando sua carreira como marechal. Morreu aos 95 anos.

Esses são alguns dos obituários que guardei quando foram publicados, mas a lista continuou a crescer mesmo enquanto este capítulo era escrito. Em 31 de janeiro de 1994, os obituários do *Daily Telegraph* incluíam os nomes de Thomas Glasse, de 95 anos, que tinha estado a serviço no Regimento de Middlesex entre 1914 e 1917, e de Albert Frank Barclay Bridges, de 98 anos, que tinha estado em ação na Batalha da Jutlândia em 1916. Em 19 de fevereiro de 1994, o *Times* publicou o obituário de E. H. T. Robinson, de 96 anos de idade, antigo subdiretor noturno do jornal, e que, em 1918, durante a Revolta Árabe, tinha sido atingido por um projétil turco e deixado como morto no deserto. No mesmo jornal, em 26 de maio de 1994, foi publicado o obituário do coronel Terence Conner, que lutara contra os turcos na Mesopotâmia, na Batalha de Dujaila, em 1916, e que participara na captura de Kut, quando foi ferido. Quase trinta anos depois, durante a Segunda Guerra Mundial, distinguiu-se na Birmânia, ao comandar um batalhão do mesmo regimento (o 26º Punjabis) em que tinha lutado na Mesopotâmia, lutando para tirar dos japoneses o aeródromo de Meiktila. Tinha 99 anos quando morreu.

O vocabulário da Primeira Guerra Mundial continua presente nas conversas tantas décadas depois do início do conflito: estar sujeito a uma “barragem” de queixas, ser “bombardeado” com formulários, juntar-se “à tropa”, estar na “linha de fogo” e “sair da trincheira” são algumas das imagens e das terminologias de uma guerra que ainda está presente. Como aconteceu com a Guerra Civil Americana, que a precedeu em um século, as imagens e os ecos da Primeira Guerra Mundial continuaram presentes na consciência pública de gerações que estão muito longe de suas duras realidades.

O octogésimo aniversário do início da Primeira Guerra Mundial coincidiu com o

quinquagésimo aniversário dos desembarques na Normandia em 1944, um dos pontos de virada da Segunda Guerra Mundial. Durante uma visita à Normandia na última semana de trabalho para a conclusão deste livro, deparei-me com uma lápide da Segunda Guerra Mundial num cemitério britânico a poucos quilômetros da praia. Comemorava os 36 anos do sargento A. Barber, da Artilharia Real, que tinha morrido em 2 de agosto de 1944, quase trinta anos depois do início da Primeira Guerra Mundial. Tinha 4 anos de idade quando o pai morreu na França em 1918. A inscrição na sepultura dizia:

*Dear son of Ann Barber
His father killed in action
1918 is buried at Condé
remembered.*⁷

Essa recordação dos mortos, ligando as duas guerras mundiais do século XX, trouxe-me à mente as ligações entre os indivíduos que lutaram e aqueles que ficaram para guardar suas memórias. Todas as guerras terminam reduzidas a estatísticas, estratégias e debates sobre suas origens e seus resultados. Esses debates sobre as guerras são importantes, mas não mais importantes do que a história humana daqueles que nelas combateram.

Bibliografia

A grande quantidade de livros publicados sobre a Primeira Guerra Mundial desafia a capacidade de leitura de qualquer pessoa. Em seu estudo resumido sobre a Grã-Bretanha e as origens da Primeira Guerra Mundial, publicado originalmente em 1977, Zara Steiner citou 335 livros só para a política britânica. Pode ser compilada uma lista semelhante para cada país beligerante. Imediatamente depois de 1918, as várias nações que participaram da guerra publicaram centenas de volumes de documentos diplomáticos, também restringidos às origens da guerra. Outros livros suplementaram esses volumes oficiais com mais material, por vezes suprimido por escritores oficiais, outras não incluído ou até desconhecido por eles.

Dezenas de milhares de volumes tratam das campanhas, batalhas, políticas de guerra, estratégias e ações individuais dos combatentes, em terra, no mar, no ar e atrás das linhas. Um artigo de 32 páginas, escrito por Martin van Creveld, sobre os problemas de vias férreas que os alemães tiveram de enfrentar na frente ocidental nos primeiros dois meses da guerra faz referência a 58 trabalhos de especialistas. O estudo de Alan Palmer, de 243 páginas, sobre a frente de Salonica, contém 140 livros em sua [bibliografia](#). A biografia do general Pershing, de Donald Smythe, com referências detalhadas sobre o Exército americano na França em 1917 e 1918, menciona mais de quinhentas publicações relevantes em suas 399 páginas. Cada um dos seis livros de Lyn Macdonald sobre testemunhas oculares, incluindo uma obra sobre as baixas na linha de frente e sobre o trabalho daqueles que tentaram salvá-las, contém centenas de entrevistas e testemunhos contemporâneos. Tentar colocar em apenas um volume a história dessa guerra é, do ponto de vista bibliográfico, tentar não só atingir o cume do Everest, mas também Pélion e Ossa.¹

Nesta [bibliografia](#), incluo apenas os livros cujo material, factual e documental, foi significativo durante a preparação do livro. Representa, como deve representar qualquer [bibliografia](#) desse tipo, uma escolha pessoal e às vezes aleatória. Por cada página que escrevi aqui, devo ter estudado e aproveitado várias centenas, talvez milhares, de páginas escritas por outros. Agradeço aos seus autores pelos conhecimentos e estímulo que me deram, pelas suas memórias da guerra e pelo

material de arquivo que reuniram no decurso de suas pesquisas.

- ANDREW, Christopher. *Her Majesty's Secret Service: The Making of the British Intelligence Community*. Nova York: Viking, 1986.
- ANDREWS, C. F. (org.). *Mahatma Gandhi: His Own Story*. Londres: Allen and Unwin, 1930.
- ANGELL, Norman. *The Great Illusion*. Londres: Heinemann, 1909.
- _____. *Human Nature and the Peace Problem*. Londres: W. Collins, 1925.
- ARMSTRONG, H. C. *Grey Wolf, Mustafa Kemal: An Intimate Study of a Dictator*. Londres: Penguin, 1937.
- ASH, Bernard. *The Lost Dictator: A Biography of Field Marshal Sir Henry Wilson*. Londres: Cassell, 1968.
- ASPINALL-UGLANDER, C. F. *Military Operations: Galípoli*. 2 v. Londres: William Heinemann, 1932.
- ASPREY, Robert B. *The German High Command at War: Hindenburg and Ludendorff and the First World War*. Nova York: William Morrow, 1991.
- ASTON, Sir George. *The Biography of the Late Marshall Foch*. Londres: Hutchinson, 1929.
- ATLEE, C. R. *As It Happened*. Londres: William Heinemann, 1954.
- AUDOUIN-ROUZEAU, Stéphanie. *National Sentiment and Trench Journalism in France during the First World War*. Oxford: Berg, 1992.
- BABINGTON, Anthony. *For the Sake of Example: Capital Courts-Martial 1914-1920*. Londres: Leo Cooper, 1983.
- BAEDEKER, Karl. *Paris, Handbook for Travellers*. Londres: T. Fisher Unwin, 1900.
- _____. *Berlin and its Environs, Handbook for Travellers*. Londres: T. Fisher Unwin, 1912.
- BAILEY, Thomas A.; RYAN, Paul B. *The Lusitania Disaster: An Episode in Modern Warfare and Diplomacy*. Londres: Collier Macmillan, 1975.
- BAIRNSFATHER, Bruce. *Bullets & Billets*. Londres: Grant Richards, 1916.
- BAKER, Carlos. *Ernest Hemingway Selected Letters 1917-1961*. Nova York: Scribners, 1981.
- BARKER, A. J. *The Neglected War: Mesopotamia 1914-1918*. Londres: Faber and Faber, 1967.

- BARNES, B. S. *This Righteous War*. Huddersfield: Richard Netherwood, 1990.
- BARNETT, Correlli. *The Swordbearers: Supreme Command in the First World War*. Londres: Eyre and Spottiswoode, 1964.
- BARRIE, Alexander. *War Underground*. Londres: Frederick Muller, 1962.
- BEIN, Alex (org.). *Arthur Ruppin: Memoirs, Diaries, Letters*. Londres: Weidenfeld and Nicolson, 1971.
- BERGHAHN, V. R. *Germany and the Approach of War in 1914*. Londres: Macmillan, 1973.
- BERNSTORFF, Conde de. *The Memoirs of Count Bernstorff*. Londres: William Heinemann, 1936.
- BORASTON, J. H. (org.). *Sir Douglas Haig's Despatches: December 1915 to April 1919*. Londres: J. M. Dent, 1919.
- BORDEAUX, Vahdah Jeanne. *Benito Mussolini: The Man*. Londres: Hutchinson, 1927.
- BORDEN, Henry (org.). *Robert Laird Borden: His Memoirs*. 2 v. Toronto: Macmillan, 1938.
- BORENIUS, Tancred. *Field-Marshal Mannerheim*. Londres: Hutchinson, 1940.
- BORG, Alan. *War Memorials from Antiquity to the Present*. Londres: Leo Cooper, 1991.
- BOUSTEAD, Hugh. *The Wind of Morning*. Londres: Chatto and Windus, 1971.
- BRITTAIN, Vera. *Testament of Youth: An Autobiographical Study of the Years 1900-1925*. Londres: Victor Gollancz, 1933.
- _____. *Testament of Friendship: The Story of Winifred Holtby*. Londres: Macmillan, 1940.
- BROWNE, D. G. *The Tank in Action*. Londres: William Blackwood, 1920.
- BRYANT, Julius. *The Iveagh Bequest Kenwood*. Londres: English Historic House Museums Trust, 1990.
- BUCHAN, John. *The King's Grace, 1910-1935*. Londres: Hodder and Stoughton, 1935.
- BUCHANAN, Meriel. *Petrograd: The City of Trouble, 1914-1918*. Londres: W. Collins, 1918.
- CALLAGHAN, James. *Time and Chance*. Londres: Collins, 1987.
- CARPENTER, A. F. B. *The Blocking of Zeebrugge*. Londres: Herbert Jenkins, 1923.
- CARSTAIRS, Carroll. *A Generation Missing*. Londres: William Heinemann, 1930.
- CARSTEN, F. L. *War Against War: British and German Radical Movements in the*

- First World War. Berkeley e Los Angeles: University of California Press, 1982.
- CEADEL, Martin. *Pacifism in Britain 1914-1945: The Defining of a Faith*. Oxford: Clarendon Press, 1980.
- CHAMBERLAIN, Neville. *Norman Chamberlain: A Memoir*. Londres: John Murray, 1923.
- CHAMBERLIN, William Henry. *The Russian Revolution 1917-1921*. 2 v. Nova York: Macmillan, 1935.
- CHARLTON, Peter. *Australians on the Somme: Pozières 1916*. Londres: Leo Cooper, 1986.
- CHURCHILL, Winston S. *The World Crisis*. 5 v. Londres: Thornton Butterworth, 1923-1931.
- CLARK, Alan. *The Donkeys*. Londres: Hutchinson, 1961.
- CLAYTON, Ann. *Chavasse: Double VC*. Londres: Leo Cooper, 1992.
- CLEMENCEAU, Georges. *Grandeur and Misery of Victory*. Londres: George G. Harrap, 1930.
- COCKER, Mark. *Richard Meinertzhagen: Soldier, Scientist and Spy*. Londres: Secker and Warburg, 1989.
- COCKS, F. Seymour. *The Secret Treaties and Understandings: Text of the Available Documents*. Londres: Union of Democratic Control, 1918.
- CODEVILLE, Coronel. *Armistice 1918: The Signing of the Armistice in the Forest Glade of Compiègne*. Friends of the Armistice of Compiègne, s/d.
- COFFMAN, Edward M. *The War To End All Wars: The American Military Experience in World War I*. Nova York: Oxford University Press, 1968.
- COHEN, Israel. *The Ruhleben Prison Camp: A record of nineteen months' internment*. Londres: Methuen, 1917.
- COOLIDGE, John Gardner. *A War Diary in Paris 1914-1917*. Cambridge (MA): The Riverside Press, 1931.
- COOMBS, Rose E. B. *Before Endeavours Fade: A Guide to the Battlefields of the First World War*. Londres: Battle of Britain Prints International, 1986.
- COOPER, Bryan. *The Ironclads of Cambrai*. Londres: Souvenir Press, 1967.
- CRAIG, Gordon A. *The Politics of the Prussian Army 1640-1945*. Oxford: Clarendon Press, 1955.
- CREFELD, Martin. *Supplying War: Logistics from Wallenstein to Patton*. Cambridge: Cambridge University Press, 1977.
- CROSSE, E. C. *The Defeat of Austria as seen by the 7th Division*. Londres: H. F. W. Deane, 1919.

CUNLIFFE-OWEN, Betty. *Thro' Gates of Memory: From the Bosphorus to Baghdad*. Londres: Hutchinson, 1924.

D'ABERNON, Viscondessa de. *Red Cross and Berlin Embassy 1915-1926*. Londres: John Murray, 1946.

DALTON, Hugh. *With British Guns in Italy: A Tribute to Italian Achievement*. Londres: Methuen, 1919.

DAVIES, Norman. *God's Playground: A History of Poland*. 2 v. Oxford: Clarendon Press, 1981.

DAY LEWIS, C. (org.). *The Collected Poems of Wilfred Owen*. Londres: Chatto and Windus, 1963.

DEAKIN, F. W.; STORRY, G. R. *The case of Richard Sorge*. Londres: Chatto and Windus, 1966.

DEUTSCHER, I. *Stalin: A Political Biography*. Londres: Oxford University Press, 1949.

DEWAR, George A. B. *The Great Munition Feat 1914-1918*. Londres: Constable, 1921.

_____ (com a colaboração do tenente-coronel J. H. BORASTON). *Sir Douglas Haig's Command: December 19, 1915 to November 11, 1918*. 2 v. Londres: Constable, 1922.

DUNN, Bill Newton. *Big Wing: The biography of Air Chief Marshal Sir Trafford Leigh-Mallory, KCB, DSO and Bar*. Shewsbury: Airline Publishing, 1992.

EDEN, Anthony. *Another World, 1897-1917*. Londres: Allen Lane, 1976.

EDMONDS, J. E. *Military Operations: France and Belgium*. 11 v. Londres: Macmillan, 1926-1947.

ELCOCK, Howard. *Portrait of a Decision: The Council of Four and the Treaty of Versailles*. Londres: Eyre Methuen, 1972.

ELLIOT, Vivian (org.). *Dear Mr. Shaw: Selections from Bernard Shaw's Postbag*. Londres: Bloomsbury, 1987.

ENGEL, Anita. *The Nili Spies*. Londres: Hogarth Press, 1959.

FALLS, Cyril. *Was Germany Defeated in 1918?*. Londres: Oxford University Press, 1940.

FARMBOROUGH, Florence. *Nurses at the Russian Front: A Diary 1914-1918*. Londres: Constable, 1974.

FARRAR-HOCKLEY, Anthony. *Death of an Army*. Londres: Arthur Baker, 1967.

- FENN, Charles. *Ho Chi Minh: A biographical introduction*. Londres: Studio Vista, 1973.
- FERRELL, Robert H. (org.). *The Autobiography of Harry S. Truman*. Boulder: Colorado Associated University Press, 1980.
- FEST, Joachim C. *Hitler*. Londres: Weidenfeld and Nicolson, 1974.
- FIELDS, Leslie. *Bendor: The Golden Duke of Westminster*. Londres: Weidenfeld and Nicolson, 1983.
- FISH, Hamilton. *Memoir of an American Patriot*. Washington D.C.: Regnery Gateway, 1991.
- FISHER, Louis. *The Life of Lenin*. Londres: Weidenfeld and Nicolson, 1965.
- FLOWER, Desmond. *Fellows in Foolscap: Memoirs of a Publisher*. Londres: Robert Hale, 1991.
- FOX, Sir Frank. *The Royal Inniskilling Fusiliers in the World War: A Record of the War as seen by The Royal Inniskilling Regiment of Fusiliers, thirteen Battalions of which served*. Londres: Constable, 1928.
- FRANKS, Norman; H. H. HAUPRICH (orgs.). *The Red Air Fighter by Manfred von Richthofen*. Londres: Greenhill Books, 1990.
- FRASER, David. *Alanbrooke*. Londres: Collins, 1982.
- _____. *Knight's Cross: A Life of Field Marshal Erwin Rommel*. Londres: HarperCollins, 1993.
- FUSSELL, Paul. *The Great War and Modern Memory*. Londres: Oxford University Press, 1975.
- _____. (org.). *The Bloody Game: An Anthology of Modern War*. Londres: Scribners, 1991.
- GARDNER, Brian (org.). *Up the Line to Death: The War Poets 1914-1918*. Londres: Methuen, 1964.
- GATZKE, Hans W. *Germany's Drive to the West. (Drang nach Westen): A Study of Germany's Western War Aims during the First World War*. Baltimore: The Johns Hopkins Press, 1950.
- GEISS, Imanuel (org.). *July 1914: The Outbreak of the First World War: Selected Documents*. Londres: B. T. Batsford, 1967.
- GERAGHTY, Tony. *March or Die: France and the Foreign Legion*. Londres: Grafton, 1986.
- GERARD, James W. *My Four Years in Germany*. Londres: Hodder and Stoughton, 1917.
- _____. *Face to Face with Kaiserism*. Londres: Hodder and Stoughton, 1918.

- GIBBS, Philip. *Realities of War*. Londres: William Heinemann, 1920.
- GIBSON, Hugh. *A Journal from our Legation in Belgium*. Nova York: Doubleday Page, 1918.
- GIBSON, Mary. *Warneford, VC*. Yeovilton: The Fleet Air Arm Museum, 1979.
- GILES, John. *Flanders Then and Now: The Ypres Salient and Passchendaele*. Londres: Picardy Publishing, 1979.
- GILLON, Stair (org.). *The Story of the 29th Division*. Londres: Nelson, 1925.
- GOUGH, Sir Hubert. *Soldiering On*. Londres: Arthur Barker, 1954.
- GRANT, Robert M. *U-Boat Intelligence 1914-1918*. Londres: Putnam, 1969.
- GRAVES, Robert. *Goodbye to All That*. Londres: Cassell, 1929.
- GRAY, Randal; ARGYLE, Christopher (orgs.). *Chronicle of the First World War: Volume I, 1914-1916*. Oxford: Facts on File, 1990.
- _____. *Chronicle of the First World War: Volume II, 1917-1921*. Oxford: Facts on File, 1991.
- GREACEN, Lavinia. *Chink: A Biography (of Major-General Eric Dorman-Smith)*. Londres: Macmillan, 1989.
- GREY DE FALLODON, Visconde de. *Twenty-Five Years, 1892-1916*. 2 v. Londres: Hodder and Stoughton, 1926.
- GULLETT, H. S.; BARRETT, Chas (orgs.). *Australia in Palestine*. Sydney: Angus and Robertson, 1919.
- HALLIWELL, Leslie. *Halliwel's Film Guide*. 7^a ed. Londres: Grafton Books, Londres, 1989.
- HAMMERSON, Michael (org.). *No Easy Hope or Lies: The World War I Letters of Lt. Arthur Preston White*. Londres: The London Stamp Exchange, 1991.
- HANAK, Harry. *Great Britain and Austria-Hungary during the First World War*. Londres: Oxford University Press, 1962.
- HARGRAVE, John. *The Suvla Blay Landing*. Londres: Macdonald, 1964.
- HAY, Ian. *Carrying On After the First Hundred Thousand*. Londres: William Blackwood, 1917.
- HERBERT, A. P. *The Secret Battle* (com uma introdução de Winston Churchill). Londres: Methuen, 1928.
- HIBBERD, Dominic. *Wilfred Owen: The Last Year 1917-1918*. Londres: Constable, 1992.
- HOEHLING, A. A. *Edith Cavell*. Londres: Cassell, 1958.
- HOFFMANN, Max. *War Diaries and other papers*. 2 v. Londres: Martin Secker,

1929.

- HOPKIRK, Peter. *On Secret Service East of Constantinople: The Plot to Bring Down the British Empire*. Londres: John Murray, 1994.
- HORNE, Alistair. *The Price of Glory: Verdun 1916*. Londres: Macmillan, 1962.
_____. *Macmillan, 1894-1956*. Londres: Macmillan, 1988, v. 1.
- HORNE, Charles, F. *Source Records of the Great War*. 7 v. Indianápolis: The American Legion, 1931.
- HUDSON, James J. *In Clouds of Glory: American Airmen Who Flew With the British During the Great War*. Fayetteville: University of Arkansas Press, 1990.
- HURST, Sidney C. *The Silent Cities: An Illustrated Guide to the War Cemeteries and Memorials to the "Missing" in France and Flanders, 1914-1918*. Londres: Methuen, 1929.
- IGDEMIR, Ulug (*et al.*). *Atatürk*. Ankara: Ankara University Press, 1963.
- IRONSIDE, Sir Edmund. *Tannenberg*. Londres: William Blackwood, 1925.
- JABOTINSKY, Vladimir. *Turkey and the War*. Londres: T. Fisher Unwin, 1917.
- JACKSON, Robert. *The Prisoners, 1914-1918*. Londres: Routledge, 1989.
- JAMES, D. Clayton. *The Years of MacArthur: Volume I, 1880-1941*. Londres: Leo Cooper, 1970.
- JAMES, Lawrence. *Imperial Warrior: The Life and Times of Field-Marshal Viscount Allenby, 1861-1936*. Londres: Weidenfeld and Nicolson, 1993.
- JAMES, Robert. *Gallipoli*. Londres: B. T. Batsford, 1965.
- JENKINS, Roy. *Mr. Attlee: An Interim Biography*. Londres: William Heinemann, 1948.
- JOSEPH, Franz. *Emden: My experiences in SMS Emden*. Londres: Herbert Jenkins, 1928.
- JONES, Nigel H. *The War Walk: A Journey along the Western Front*. Londres: Robert Hale, 1983.
- JUKES, Geoffrey. *Carpathian Disaster: Death of an Army*. Londres: Pan/Ballantine, 1973.
- KEE, Robert. *The Green Flag: The Bold Fenian Men*. Londres: Weidenfeld and Nicolson, 1972, v. 2.
- KESSLER, Harry. *Walther Rathenau: His Life and Work*. Londres: Gerald Howe, 1929.

- KETCHUM, J. Davidson. *Ruhleben: A prison camp society*. Londres: Oxford University Press, 1965.
- KETTLE, T. M. *The Ways of War*. Londres: Constable, 1917.
- KIPLING, Rudyard. *The Irish Guards in the Great War*. 2 v. Londres: Macmillan, 1923.
- KIRKPATRICK, Sir Ivone. *Mussolini: Study of a Demagogue*. Londres: Odhams, 1964.
- KLUCK, Alexander. *The March on Paris and the Battle of the Marne, 1914*. Londres: Edward Arnold, 1920.
- KNOX, Sir Alfred. *With the Russian Army 1914-1917*. 2 v. Londres: Hutchinson, 1921.
- KOKOSCHKA, Olda; ALFRED, Marnau (orgs.). *Oskar Kokoschka Letters 1905-1976*. Londres: Thames and Hudson, 1992.
- KOKOSCHKA, Oskar. *My Life*. Londres: Thames and Hudson, 1974.
- LAFFIN, John. *Battlefield Archaeology*. Londres: Ian Allan, 1987.
- _____. *Brassey's Battles: 3,500 Years of Conflict, Campaigns and Wars from A-Z*. Londres: Brassey's Defence Publishers, 1986.
- _____. *World War I in Post-cards*. Gloucester: Alan Sutton, 1988.
- LEAN, Francis. *The Royal Navy List: Special War Supplement*. Londres: Witherby, 1917.
- LICHNOWSKY, Príncipe. *Heading for the Abyss: Reminiscences*. Londres: Constable, 1928.
- LIDDELL, Hart. *Foch: The Man of Orleans*. Londres: Eyre and Spottiswoode, 1931.
- LIDDLE, Peter H. *The Soldier's War 1914-1918*. Londres: Blandford Press, 1988.
- _____. *The 1916 Battle of the Somme: A Reappraisal*. Londres: Leo Cooper, 1992.
- LLOYD GEORGE, David. *War Memoirs*. 6 v. Londres: Odhams, 1933-1936.
- _____. *The Truth About the Peace Treaties*. 2 v. Londres: Victor Gollancz, 1938.
- LOUIS, William Roger. *Great Britain and Germany's Lost Colonies 1914-1919*. Oxford: Clarendon Press, 1967.
- LUDENDORFF, General. *My War Memories 1914-1918*. 2 v. Londres: Hutchinson, 1929.
- LUDWIG, Emil. *July 1914*. Londres: G. P. Putnam, 1929.
- LYNN, Kenneth S. *Hemingway*. Londres: Simon and Schuster, 1987.

- MACARTNEY, C. A. *The Habsburg Empire, 1790-1918*. Londres: Weidenfeld and Nicolson, 1968.
- MACDONALD, Lyn. *The Roses of No Man's Land*. Londres: Michael Joseph, 1980.
- _____. *1915: The Death of Innocence*. Londres: Headline, 1993.
- MACFARLANE, David. *The Danger Tree: Memory, War, and the Search for a Family's Past*. Toronto: Macfarlane Walter and Ross, 1992.
- MACHRAY, Robert. *The Polish-German Problem*. Londres: George Allen and Unwin, 1941.
- MACK, Louise. *A Woman's Experience in the Great War*. Londres: T. Fisher Unwin, 1915.
- MACPHERSON, Sir W. G. *Medical Services: Diseases of the War (Volume II) Including the Medical Aspects of Aviation and Gas Warfare, and Gas Poisoning in Tanks and Mines*. Londres: His Majesty's Stationery Office, 1923.
- MADDOCKS, Graham. *Liverpool Pals: A History of the 17th, 18th, 19th and 20th (Service) Battalions The King's (Liverpool Regiment) 1914-1919*. Londres: Leo Cooper, 1991.
- MARWICK, Arthur. *Women at War 1914-1918*. Londres: Fontana, 1977.
- MASARYK, Tomáš. *The Making of a State: Memories and Observations*. Londres: George Allen and Unwin, 1927.
- MASER, Werner. *Hitler's Letters and Notes*. Londres: Heinemann, 1974.
- MAURICE, Sir Frederick. *The Life of General Lord Rawlinson of Trent From His Journals and Letters*. Londres: Cassell, 1928.
- MAZE, Paul. *A Frenchman in Khaki*. Londres: William Heinemann, 1934.
- MCGUINNESS, Brian. *Wittgenstein: A Life, Young Ludwig, 1889-1921*. Londres: Duckworth, 1988.
- MEREWETHER, J. W. B.; SMITH, Sir Frederick. *The Indian Corps in France*. Londres: John Murray, 1917.
- MICHELIN Illustrated Guides to the Battlefields (1914-1918). *The Marne Battlefields (1914)*. Paris: Michelin, 1917.
- MIDDLEBROOK, Martin. *The First Day on the Somme: 1 July 1916*. Londres: Allen Lane, 1971.
- MILL, Hugh. *The Life of Sir Ernest Shackleton*. Londres: William Heinemann, 1923.
- MILLARD, Oscar E. *Uncensored: The True Story of the Clandestine Newspaper "La Libre Belgique" Published in Brussels During the German Occupation*.

- Londres: Robert Hale, 1937.
- MILLET, Philippe. *Comrades in Arms*. Londres: Hodder and Stoughton, 1916.
- MINISTÉRIO DA INFORMAÇÃO DA GRÃ-BRETANHA. *Chronology of the War*. 3 v. Londres: Constable, 1918-1920.
- MONTGOMERY OF ALAMEIN, Visconde de. *A History of Warfare*. Londres: Collins, 1968.
- MOORHOUSE, Geoffrey. *Hell's Foundations: A Social History of the Town of Bury in the Aftermath of the Gallipoli Campaign*. Londres: Hodder and Stoughton, 1992.
- MORGAN, J. H. *German Atrocities: An Official Investigation*. Londres: T. Fisher Unwin, 1916.
- MORGAN, Ted. *FDR: A Biography*. Nova York: Simon and Schuster, 1985.
- MORRIS, Joseph. *The German Air Raids on Great Britain 1914-1918*. Londres: Sampson Low Marston, s/d.
- MORSE, Edwin W. *The Vanguard of American Volunteers in the Fighting Lines and in Humanitarian Service: August 1914 to April 1917*. Nova York: Charles Scribner's Sons, 1919.
- MORTON, Desmond. *Silent Battle: Canadian Prisoners of War in Germany 1914-1919*. Toronto: Lester Publishing, 1992.
- MOSSE, George L. *Fallen Soldiers: Reshaping the Memory of the World Wars*. Oxford: Oxford University Press, 1990.
- MOUSLEY, E. O. *The Secrets of a Kuttite: An authentic story of Kut, Adventures in Captivity and Stamboul Intrigue*. Londres: John Lane, 1921.
- MUIRHEAD, Findlay; MONMARCHÉ, Marcel (orgs.). *North-Eastern Front: The Blue Guides*. 2ª ed. Londres: Macmillan, 1930.
- MULLINS, Claud. *The Leipzig Trials*. Londres: H. F. & G. Witherby, 1921.
- NATHAN, Otto; HEINZ, Norden (orgs.). *Einstein on Peace*. Nova York: Shocken Books, 1968.
- NEWTON, Lorde. *Lord Lansdowne: A Biography*. Londres: Macmillan, 1929.
- NICOLSON, Harold. *Peacemaking 1919*. Londres: Constable, 1933.
- NIEMÖLLER, Martin. *From U-Boat to Pulpit*. Londres: William Hodge, 1937.
- NORMAN, Barry. *100 Best Films of the Century*. Londres: Chapman, 1992.
- NORWICH, Visconde de. *Old Men Forget: The Autobiography of Duff Cooper*. Londres: Rupert Hart-Davis, 1953.

- OLSON, Stanley. *John Singer Sargent: His Portrait*. Londres: Macmillan, 1986.
- PADFIELD, Peter. *Himmler: Reichsführer-SS*. Londres: Macmillan, 1990.
- _____. *Hess: Flight for the Führer*. Londres: Weidenfeld and Nicolson, 1991.
- PALMER, Alan. *The Gardeners of Salonika*. Londres: Andre Deutsch, 1965.
- _____. *The Lands Between: A History of East-Central Europe since the Congress of Vienna*. Londres: Weidenfeld and Nicolson, 1970.
- _____. *The Kaiser: Warlord of the Second Reich*. Londres: Weidenfeld and Nicolson, 1978.
- _____. *Who's Who in Modern History, 1860-1960*. Londres: Weidenfeld and Nicolson, 1980.
- _____. *The East End: Four Centuries of London Life*. Londres: John Murray, 1989.
- PARSONS, Ian (org.). *The Collected Works of Isaac Rosenberg*. Londres: Chatto and Windus, 1984.
- PAXÁ, Hans Kannengiesser. *The Campaign in Gallipoli*. Londres: Hutchinson, 1931.
- PEACOCK, A. J. *A Second Alternative Guide to the Western Front (From Nieuport to Pfetterhouse)*. York: Gun Fire, s/d.
- PENSHURST, Lorde Hardinge. *Old Diplomacy*. Londres: John Murray, 1947.
- PERSHING, John J. *My Experiences in the World War*. 2 v. Nova York: Frederick A. Stokes, 1931.
- POWELL, E. Alexander. *Fighting in Flanders*. Londres: William Heinemann, 1914.
- POWELL, Anne (org.). *A Deep Cry: A Literary Pilgrimage to the Battlefields and Cemeteries of First World War British Soldier-Poets Killed in Northern France and Flanders*. Aberporth: Palladour Books, 1993.
- PRICE, G. Ward. *The Story of the Salonica Army*. Londres: Hodder and Stoughton, 1917.
- PUTKOWSKI, Julian; SYKES, Julian. *Shot at Dawn*. Barnsley: Wharncliffed, 1989.
- QUIGLEY, Hugh. *Passchendaele and the Somme: A Diary of 1917*. Londres: Methuen, 1928.
- RALEIGH, Sir Walter; JONES, H. A. *The War in the Air: Being the Story of the Part Played in the Great War by the Royal Air Force*. 6 v. Oxford: Oxford University Press, 1922-1927.

- RANSFORD, Oliver. *Livingstone's Lake: The Drama of Lake Nyasa*. Londres: John Murray, 1966.
- RAWLINSON, A. *The Defence of London 1915-1918*. Londres: Andrew Melrose, 1923.
- READ, Herbert. *Collected Poems*. Londres: Faber and Faber, 1966.
- READING, Marquês de. *Rufus Isaacs: First Marquess of Reading*. 2 v. Londres: Hutchinson, 1945.
- REED, John. *The War in Eastern Europe*. Nova York: Charles Scribner's Sons, 1916.
- REED, Sir Stanley. *The India I Knew 1897-1947*. Londres: Odhams Press, 1952.
- REINHARZ, Jehuda. *Chaim Weizmann: The Making of a Statesman*. Oxford: Oxford University Press, 1993.
- REMARQUE, Erich Maria. *Nada de novo no front*. Porto Alegre: L&PM: 2004.
- RHEES, Rush (org.). *Ludwig Wittgenstein: Personal Recollections*. Oxford: Basil Blackwell, 1981.
- RICE, K. A. (org.). *Garside's Wars: Memoirs of Bernard Garside*. Hampton Middlesex: Hampton School, 1993.
- RICHTER, Donald. *Chemical Soldiers: British Gas Warfare in World War One*. Lawrence: University Press of Kansas, 1992.
- RIMELL, Raymond. *Zeppelin! A Battle for Air Supremacy in World War I*. Londres: Conway Maritime Press, 1984.
- ROBBINS, Keith. *Sir Edward Grey: A Biography of Lord Grey of Fallodon*. Londres: Cassell, 1971.
- ROEDER, George H. *The Censored War: American Visual Experience During World War Two*. New Haven: Yale University Press, 1993.
- ROOSEVELT, Theodore. *America and the World War*. Londres: John Murray, 1915.
- RUBIN, E. *140 Jewish Marshals, Generals & Admirals*. Londres: De Vero Books, 1952.
- RUMBOLD, Sir Horace. *The War Crisis in Berlin, July – August 1914*. Londres: Constable, 1940.
- RUTHERFORD, Ward. *The Russian Army in World War I*. Londres: Gordon Cremonesi, 1975.
- SASSOON, Siegfried. *Memoirs of an Infantry Officer*. Londres: Faber and Faber, 1930.

- SAVAGE, Raymond. *Allenby of Armageddon: A Record of the Career and Campaigns of Field-Marshal Viscount Allenby*. Londres: Hodder and Stoughton, 1925.
- SCHEER, Almirante. *Germany's High Sea Fleet in the World War*. Londres: Cassell, 1920.
- SCHNEIDER, Dorothy; CARL, J. *Into the Breach: American women overseas in World War I*. Nova York: Viking, 1991.
- SCOTT, J. D. *Vickers: A History*. Londres: Weidenfeld and Nicolson, 1962.
- SETON-WATSON, Hugh. *Eastern Europe Between the Wars, 1918-1941*. Cambridge: Cambridge University Press, 1946.
- SETON-WATSON, R. W. (et al.). *The War and Democracy*. Londres: Macmillan, 1914.
- SHACKLETON, Sir Ernest. *South: The Story of Shackleton's Last Expedition, 1914-1917*. Londres: William Heinemann, 1919.
- SHUKMAN, Harold. *Lenin and the Russian Revolution*. Londres: B. T. Batsford, 1966.
- _____. (org.). *The Blackwell Encyclopedia of the Russian Revolution*. Oxford: Basil Blackwell, 1988.
- SIMKINS, Peter. *Kitchener's army: The raising of the New Armies, 1914-1916*. Manchester: Manchester University Press, 1988.
- SMITH-DORRIEN, Sir Horace. *Memories of Forty-Eight Years' Service*. Londres: John Murray, 1925.
- SMYTHE, Donald. *Pershing: General of the Armies*. Bloomington: Indiana University Press, 1986.
- SOMMER, Dudley. *Haldane of Cloan: His Life and Times*. Londres: George Allen and Unwin, 1960.
- SPEARS, Sir Edward. *Liaison 1914: A Narrative of the Great Retreat*. Londres: Eyre and Spottiswoode, 1930 (reimpresso em 1968).
- _____. *The Picnic Basket*. Londres: Secker and Warburg, 1967.
- STEIN, Gertrude. *Wars I Have Seen*. Londres: Batsford, 1945.
- STEIN, Leonard. *The Balfour Declaration*. Londres: Vallentine Mitchell, 1961.
- STEINER, Zara. *Britain and the Origins of the First World War*. Londres: Macmillan, 1977.
- STEVENS, G. R. *A City Goes to War*. Brampton, Ontário: Edmonton Regiment Associates, 1964.
- STONE, Norman. *The Eastern Front 1914-1917*. Londres: Hodder and Stoughton, 1975.

- _____. *Europe Transformed, 1878-1919*. Londres: Fontana, 1983.
- STORRS, Ronald. *Orientations*. Londres: Nicholson and Watson, 1937.
- SULZBACH, Herbert. *With the German Guns: Four Years on the Western Front 1914-1918*. Londres: Leo Cooper, 1973.
- SUMMERSKILL, Michael. *China on the Western Front: Britain's Chinese Work Force in the First World War*. Londres: Michael Summerskill, 1982.
- TAUBER, Eliezer. *The Arab Movements in World War I*. Londres: Frank Cass, 1993.
- TAYLOR, A. J. P. *War By Time-Table: How the First World War Began*. Londres: Macdonald, 1969.
- TERRAINE, John. *The Smoke and the Fire: Myths & Anti-Myths of War, 1861-1945*. Londres: Leo Cooper, 1980.
- THOMAS, Lowell. *Raiders of the Deep*. Londres: William Heinemann, 1929.
- TIMES, THE. *History of the War*. 20 v. Londres: *The Times*, 1914-1919.
- TIRPITZ, Alfred. *My Memoirs*. 2 v. Londres: Hurst and Blackett, 1920.
- TOLAND, John. *Adolf Hitler*. Garden City, Nova York: Doubleday, 1976.
- TRUMPENER, Ulrich. *Germany and the Ottoman Empire 1914-1918*. Princeton, Nova Jersey: Princeton University Press, 1968.
- TUCHMAN, Barbara W. *August 1914*. Londres: Constable, 1962.
- TURNER, John. *British Politics and the Great War: Coalition and Conflict, 1915-1918*. Londres: Yale University Press, 1992.
- VINEY, Nigel. *Images of War: British Art and Artists of World War I*. Newton Abbot: David and Charles, 1991.
- WARING, L. F. *Serbia*. Londres: Williams and Norgate, 1917.
- WASHBURN, Stanley. *Field Notes from the Russian Front*. Londres: Andrew Melrose, 1915.
- WEEKS, V. A. *London County Council Record of Service*. Londres: P. S. King, 1922.
- WEINTRAUB, Stanley. *A Stillness Heard Around the World: The End of the Great War: November 1918*. Londres: Allen and Unwin, 1985.
- WERFEL, Franz. *The Forty Days*. Londres: Hutchinson International Authors, 1945.
- WHEELER-BENNETT, John W. *Hindenburg: The Wooden Titan*. Londres: Macmillan, 1936.

- _____. *Brest-Litovsk: The Forgotten Peace*, March 1918. Londres: Macmillan, 1938.
- WHITLOCK, Brand. *Belgium under the German Occupation: A Personal Narrative*. 2 v. Londres: William Heinemann, 1919.
- WILCOCK, Evelyn. *Pacifism and the Jews*. Stroud, Gloucestershire: Hawthorn Press, 1994.
- WILLIAMS, Charles. *The Last Great Frenchman: A Life of General de Gaulle*. Londres: Little, Brown, 1993.
- WILLIAMS, Jeffrey. *Byng of Vimy: General and Governor General*. Londres: Leo Cooper, 1983.
- WILLIAMSON, Samuel R. *Austria-Hungary and the Origins of the First World War*. Londres: Macmillan, 1991.
- WILSON, H. W. *The War Guilt*. Londres: Samson Low, 1928.
- WILSON, Trevor (org.). *The Political Diaries of C. P. Scott, 1911-1928*. Londres: Collins, 1970.
- WISKEMANN, Elizabeth. *Czechs and Germans*. Londres: Oxford University Press, 1938.
- WOODWARD, David. *The Collapse of Power: Mutiny in the High Seas Fleet*. Londres: Arthur Barker, 1973.
- WOODWARD, Sir Llewellyn. *Great Britain and the War of 1914-1918*. Londres: Methuen, 1967.
- ZEMAN, Z. A. B. *The Break-Up of the Habsburg Empire 1914-1918*. Londres: Oxford University Press, 1961.
- _____;SCHARLAU, W. B. *The Merchant of Revolution: The Life of Alexander Israel Helphand (Parvus) 1867-1924*. Londres: Oxford University Press, 1965.
- ZHUKOV, Georgi. *Reminiscences and Reflections*. Moscou: Progress Publishers, 1985, v. 1.
- ZIMMERN, Alfred. *The League of Nations and the Rule of Law 1918-1935*. Londres: Macmillan, 1936.

Consultei também materiais documentais de vários trabalhos que publiquei:

- Britain and Germany Between the Wars*. Londres: Longmans, 1964.
- Plough My Own Furrow: The Story of Lord Allen of Hurtwood*. Londres: Longmans, 1965.

The Roots of Appeasement. Londres: Weidenfeld and Nicolson, 1966.

First World War Atlas. Londres: Weidenfeld and Nicolson, 1970 (com uma [bibliografia](#) detalhada).

Winston S. Churchill: The Challenge of War, 1914-1916. Londres: William Heinemann, 1971.

Sir Horace Rumbold: Portrait of a Diplomat. Londres: William Heinemann, 1973.

Winston S. Churchill: World in Torment, 1917-1922. Londres: William Heinemann, 1975.

Churchill: A Life. Londres: William Heinemann, 1991.

Notas

1. Prelúdio da guerra

1 Os hunos da Antiguidade eram tribos de origem mongol que invadiram a Europa a partir das margens do mar Cáspio nos séculos IV e V, no último período chefiados por Átila. Depois de invadir a Germânia, Átila foi contido no Marne, perto de Châlons, por um exército combinado de romanos e godos. Os godos, como tribo teutônica, foram os antepassados dos germânicos.

2 Todos os poemas foram mantidos conforme o original. Nas notas, serão dadas versões em português, numa tradução puramente literal, sem qualquer pretensão poética. *Na ociosa colina do estio, / Sonolenta sob o fluxo dos riachos / Ouço ao longe o rufar constante / De um tambor que me chega como em sonhos // Longe e perto e suave e barulhento / Nos caminhos de terra passam, / Queridos para seus amigos e carne para canhão, / Soldados a marchar, todos para morrer. // A ocidente e a oriente em campos esquecidos / Embranquecem os ossos de camaradas mortos, / Amigos queridos e mortos e a apodrecer; / Nenhum dos que vão regressará. // O toque de clarins ouve-se ao longe, / Responde, agudo, o toque do pífaro, / Seguem felizes as filas escarlates: / Uma mulher me deu à luz: erguer-me-ei.* (N. do T.)

3 Uma lei de 26 de janeiro de 1907 estabeleceu as seguintes cotas nacionais no Parlamento austríaco, que tinha 515 lugares: 241 alemães, 97 tchecos, oitenta poloneses, 34 rutenos, 23 eslovenos, dezenove italianos, treze croatas, cinco romenos e três sérvios. Na eleição que se seguiu, os deputados tchecos, poloneses e rutenos tenderam a ficar na ala esquerda. Havia também cinco deputados judeus (quatro sionistas e um judeu democrata). O principal partido de esquerda, dos sociais-democratas, era constituído por cinquenta alemães, 23 tchecos, sete poloneses, cinco italianos e dois rutenos.

4 O cargo de primeiro lorde do Almirantado era equivalente a ministro da Marinha. (N. do T.)

5 Immanuel Geiss, um colega meu no St. Anthony College, em Oxford, em 1961, assinalou numa edição de documentos que conduziram à guerra que a nota do

almirante Müller sobre essa importante conversa “é mais um dos documentos que não aparecem no *Grosse Politik*, por razões óbvias” (julho de 1942, p. 42, n. 4). *Die Grosse Politik der Europäischen Kabinette 1871-1914* foi uma edição de documentos alemães que estiveram na origem da guerra, publicada em Berlim entre 1922 e 1927 e dividida em 39 volumes.

6 Um de meus tutores em Oxford, Karl Leyser, ajudou-me a notar, em 1957, que Leipzig (à semelhança de Potsdam) tinha na origem uma população eslava. Leipzig, cujo nome deriva da palavra eslava *lipa*, “árvore da lima”, foi fundada antes do ano 1000 por tribos eslavas. Leyser, que deixou a Alemanha em 1933 devido à perseguição de Hitler aos judeus, era especialista na luta milenar entre *Germandom* e *Slavdom* desde seus primeiros anos.

7 Sem entrar em detalhes sobre a estrutura do governo do Gabinete e do Parlamento britânicos, convém apontar que existem as designações Senior MP (membro do Parlamento) e Senior Minister. O termo “sênior” aqui aplicado a cargos políticos não tem qualquer equivalência em português, por isso o termo foi mantido. (N. do T.)

8 *Junker*: aristocratas prussianos. A princípio, significava apenas *Junger Herr* (em holandês, *ionkheer*), designação dada aos filhos de duques e condes e, mais tarde, aos jovens nobres em geral. Até 1818, os *Junkers* dominaram a câmara alta do Parlamento (dieta), o governo e o Exército prussianos. (N. do T.)

2. “Louco de alegria”

1 PALMER, Alan. *The Twilight of the Habsburgs: The Life and Times of Emperor Francis Joseph*. Londres: Weidenfeld and Nicholson, 1994. Entre 1952 e 1954, Alan Palmer foi meu professor de história: seu entusiasmo pela história, então conhecido apenas por seus afortunados alunos, foi mais tarde transmitido a um público mais vasto por meio de mais de cinquenta trabalhos publicados.

2 Equivalente a ministro das Finanças. (N. do T.)

3 PALMER, Alan. *The Kaiser, Warlord of the Second Reich*. Londres: Weinfeld and Nicolson, 1978, p. 172.

4 Os bolcheviques mudaram o nome Petrogrado para Leningrado, em honra do fundador da União Soviética. Em 1991, o nome foi novamente mudado para o original São Petersburgo.

5 Trata-se dos nomes de antes da guerra, na transliteração usada na época. A partir de 1919, ficaram mais conhecidas por meio da grafia polonesa: Bedzin, Kalisz e Częstochowa. Nesta última cidade, num centro de peregrinação da Igreja católica, meu bisavô, Dov (David) Fichtencweyg, estava entre aqueles que viram a chegada dos alemães. Vinte e cinco anos depois, sendo judeu e vivendo na Polônia

independente, seria assassinado pelos esquadrões da morte de uma segunda, e muito mais aterrorizadora, invasão alemã. Tinha 83 anos de idade.

3. Primeiros combates

[1](#) Nos anos seguintes, os sobreviventes desses “desprezíveis”, como orgulhosamente chamavam a si próprios, seriam vistos em muitas cidades e vilas britânicas liderando o desfile do Dia do Armistício. A frase do Kaiser é muitas vezes mal traduzida, de forma mais insultuosa, como “desprezível exercitozinho”.

[2](#) Desde 1919, Nowy Targ (no sul da Polônia).

[3](#) RIMELL, Raymond Laurence. *Zeppelin! A Battle for Air Supremacy in World War I*. Londres: Conway Maritime Press, 1984, p. 31.

[4](#) Thann manteve-se em mãos francesas durante o resto da guerra. A estrada montanhosa que vai de Thann para sudoeste é conhecida, desde 1918, como Rota Joffre, tendo recebido o nome do chefe do Estado-Maior dos exércitos franceses em 1914 (mais tarde comandante-chefe).

[5](#) Em 1944, Rastenburg foi o quartel-general de Hitler e cenário, em julho, do atentado à bomba contra sua vida.

[6](#) Por mais confuso que possa ser um general alemão chamado François, houve quem considerasse mais confuso que a mais importante medalha alemã por bravura se chamasse Pour le Mérite. A medalha fora criada por Frederico, o Grande, rei da Prússia entre 1740 e 1786, que sem dúvida preferia o francês ao alemão como idioma (correspondia-se em francês com Voltaire). Era sobrinho do rei George I da Inglaterra, cuja língua materna em que se expressava era o alemão.

[7](#) Depois da guerra, foi colocado ali um monumento que assinala a vitória francesa. O monumento foi destruído pelos alemães depois da queda da França, em 1940, e reconstruído pelos franceses em 1950.

[8](#) O major Crusius foi condenado a dois anos de prisão. Segundo uma decisão do Tratado de Versalhes (artigos 228, 229 e 230), foram julgados em Leipzig 45 crimes de guerra, na presença de observadores britânicos e franceses, perante o Supremo Tribunal de Leipzig.

[9](#) Em 1956, numerosas tropas soviéticas que chegaram a Budapeste para esmagar o levantamento húngaro pensaram que o Danúbio era o canal de Suez e que estavam ali para lutar contra forças britânicas e francesas que tinham desembarcado em Porto Said.

4. De Mons ao Marne

[1](#) Smith-Dorrien era especialista em grandes perdas: em 1879, na Guerra dos

Zulus, foi um dos quarenta europeus, em oitocentos, que sobreviveram à Batalha de Isandlwana, 180 quilômetros a noroeste de Durban.

2 Somente quatro anos depois, em 10 de novembro de 1918, voltou-se a ouvir disparos de artilharia e rifles nos arredores de Mons. Dessa vez, foram tropas canadenses que lutaram contra os alemães durante toda a noite, entrando em Mons na manhã do armistício. No mesmo cemitério comunal em que repousam os primeiros britânicos mortos na guerra estão sepultados 57 canadenses, um deles morto no último dia da guerra.

3 Seu nome era Sir Archibald Wolf Murray, mais tarde conhecido como “Sheep” Murray. Obviamente, trata-se de um jogo de palavras entre *wolf* (lobo) e *sheep* (ovelha). (N. do T.)

4 O irmão de Carol Awdry, reverendo Wilbert Vere Awdry, alcançou fama e fortuna depois da Segunda Guerra Mundial como autor do livro para crianças *Thomas, the Tank Engine*.

5 Em 1940, quando era comandante-chefe do Exército francês, Weygand apoiou a abertura de negociações para um armistício com a Alemanha.

6 ASH, Bernard. *The Lost Dictator: A Biography of Field-Marshal Sir Henry Wilson*. Londres: Cassell, 1968, p. 159.

7 Como não combatente e jornalista Moore foi libertado em poucos dias. Mais tarde, juntou-se ao Exército britânico e serviu em Galípoli e em Salonica. Na Segunda Guerra Mundial, foi conselheiro de Relações Públicas do lorde Mountbatten no sudeste da Ásia (entre 1944 e 1945).

8 *No mais fundo dos nossos corações, cremos / Que a vitória coroa os justos, / E que esses fanfarrões / Devem engolir a derrota. // Marchemos em frente sem temor / Pois no mais fundo dos nossos corações cremos / Que a vitória coroa os justos.* (N. do T.)

5. Escavar: O início da guerra de trincheiras

1 *Fomos mantidos muito afastados, meu irmão, / Por um destino que não podemos negar. / Dos nossos refúgios opostos / Olhamos a morte nos olhos. // Nas trincheiras cheias de gemidos, / Alertas ao lamento dos obuses, / Ficamos e confrontamos um ao outro. / Sou seu inimigo e você é o meu.* (N. do T.)

2 *Agora vejo claramente a visão, / Cuidando para que não estejamos ambos mortos; / Pois aquele que não pereceu / Erguer-se-á do sangue que derramamos.* (N. do T.)

3 Osnas ganhou a medalha em 5 de setembro de 1914. O relatório citado foi publicado no jornal *Yorkshire Herald* em 18 de outubro de 1914 e foi novamente publicado na edição nº 28 de *Gun Fire, A Journal of First World War History*,

revista editada em Nova York por A. J. Peacock, que é também autor de *York in the Great War 1914-1918*.

[4](#) Esse número é menor em apenas 16 mil em relação ao número total de britânicos que cumpriram serviço militar obrigatório em todo o ano de 1918.

[5](#) PALMER, Alan. *Who's Who in Modern History*. Londres: Weidenfeld and Nicolson, 1980, p. 234.

[6](#) Williamson ensinava na Highgate School, na parte norte de Londres, onde também tinha sido aluno. Seu nome aparece, entre outros 112, no monumento fúnebre da escola, que me deu uma primeira percepção da escala de mortos na Primeira Grande Guerra.

[7](#) Os soldados Highgate e Ward foram os primeiros, em mais de trezentos soldados britânicos, a serem fuzilados por covardia ou deserção durante a Primeira Guerra Mundial. Com a abertura das atas dos tribunais marciais, em 1988, foi feita uma campanha para que houvesse um perdão póstumo a todos eles, com base em que tinham sofrido traumas e outras formas de depressão causadas pela guerra. Em 1993, o governo britânico rejeitou o pedido de perdão.

[8](#) *Eles não envelhecerão como envelhecemos nós que ficamos, / A idade não os desgastará, nem os anos os condenarão. / Ao pôr do sol e ao amanhecer / Iremos recordá-los.* (N. do T.)

[9](#) O Tommy Atkins original, que deu o apelido “Tommy” aos soldados britânicos, era soldado no Royal Welch Fusiliers, que lutou na Guerra da Independência americana. Em 1829, o duque de Wellington escolheu seu nome como exemplo para o livro de contas dos soldados.

[10](#) Em outra ligação dinástica anterior à guerra, a rainha Elisabeth da Bélgica recebeu esse nome em homenagem à irmã favorita de seu pai, Elisabeth, imperatriz da Áustria, assassinada por um anarquista na virada do século.

[11](#) *Agora, devemos agradecer a Deus que nos colocou perante Sua hora, / E captou nossa juventude e acordou-nos do nosso sono.* (N. do T.)

[12](#) O primeiro número do *Popolo d'Italia* foi publicado em 15 de novembro de 1914. Seis meses depois, o governo russo discutiu a possibilidade de dar um apoio financeiro similar a Mussolini, com a intenção de pressionar por uma entrada imediata da Itália na guerra. Em outubro de 1917, depois da derrota italiana em Caporetto, os serviços secretos britânicos forneceram-lhe fundos para que pudesse combater os sentimentos antibelicistas na Itália.

[13](#) Em 1916, Marix perdeu uma perna enquanto testava um avião perto de Paris. Entre 1939 e 1945, serviu no Comando de Costa e Transporte tendo-se reformado com a patente de vice-marechal em 1945.

[14](#) CHALFONT, Alun. *Montgomery of Alamein*. Londres: Weidenfeld and

Nicolson, 1976, p. 62. Na Segunda Guerra Mundial, Montgomery comandou o 8º Exército no norte da África (derrotando Rommel em Alamein) e, depois, o 21º Grupo Armado, da Normandia para Lüneburg Heath, onde recebeu a rendição de todas as forças alemãs na Bélgica, na Holanda e no noroeste da Alemanha.

[15](#) *Então acordei, e lá embaixo, perante os meus olhos estavam / aqueles que vi em visões, mas pálidos e apavorados; / De Bruges vieram, da Antuérpia, de Oostende // Mas não traziam carrilhões. Inimigos de maus modos / tinham-nos despedaçado entre a parafernália / de telhados arrasados e fachadas em chamas* (N. do T.)

[16](#) Jack Johnson era um negro americano campeão de boxe na categoria peso-pesado entre 1908 e 1915. Ambas as alcunhas inglesas derivavam da fumaça negra da explosão desses projéteis de quinze centímetros, cuja chegada era precedida por um zumbido.

[17](#) FARRAR-HOCKLEY, Anthony. *Death of an Army*. Londres: Arthur Barker, 1967, p. 122.

[18](#) A substância era clorossulfonato de dianisidina.

[19](#) Os alemães só souberam sobre o afundamento do *Audacious* duas semanas depois, quando, em 14 de novembro de 1914, o jornal americano *Philadelphia Public Ledger* publicou uma fotografia do navio enquanto afundava. A fotografia tinha sido tirada por um passageiro que estava a bordo do transatlântico *Olympic*.

[20](#) KIPLING, Rudyard. *The Irish Guards in the Great War*. Londres: Macmillan, 1923, v. 1, p. 38.

[21](#) O sucesso de Sorge consistiu em avisar a Stálin sobre os preparativos alemães para atacar a União Soviética em junho de 1941. Foi depois capturado e executado pelos japoneses. Stálin não participou da Primeira Guerra Mundial, tendo sido eLivros pelas autoridades czaristas numa distante e remota aldeia da Sibéria.

6. A caminho do primeiro Natal: “lama, lodo e vermes”

[1](#) Ao viajar pela Polônia em 1980, vi as palavras *Deutsch Kultur* pintadas em grandes letras brancas nas ruínas de um dos crematórios de Auschwitz.

[2](#) James Callaghan, nascido em março de 1912, foi primeiro-ministro entre 1976 e 1979, o último primeiro-ministro britânico que podia recordar ocasiões da Primeira Guerra Mundial. Seu antecessor, Harold Wilson (nascido em março de 1916), recordava as respostas da mãe às suas persistentes perguntas e que ele costumava dizer-lhe que aquilo que ele queria aconteceria “quando a guerra terminar”.

[3](#) Dois contratorpedeiros britânicos participaram desse ataque. Um de seus comandantes, o capitão A. B. Cunningham, foi primeiro lorde do Almirantado na Segunda Guerra Mundial (entre 1943 e 1946). O outro, o capitão Prentis, foi morto

em ação no estreito de Dardanelos em 28 de abril de 1915.

[4](#) WHEELER-BENNETT, John W. *Hindenburg, The Wooden Titan*. Londres: Macmillan, 1936, p. 44.

[5](#) Os judeus também eram uma minoria disseminada pelo império dos Habsburgos. Durante a Primeira Guerra Mundial, três marechais de campo austro-húngaros e oito generais eram judeus. O marechal de campo Johann Georg Franz Hugo Friedlander foi deportado pelos alemães de Viena para o gueto de Theresienstadt em 1943, e daí, em 1944, para Auschwitz, onde morreu.

[6](#) *Yid* significa “judeu” em iídiche, dialeto de base alemã, com influência hebraica e eslava, escrito em caracteres hebraicos. O iídiche era usado como língua pelos judeus da Europa Oriental. Contudo, o termo *yid* era utilizado por não judeus e considerado extremamente ofensivo. (N. do T.)

[7](#) Ambos desempenharam um papel primordial no estabelecimento de instituições nacionais judaicas no Mandato sobre a Palestina. Em 1948, Ben-Gurion tornou-se primeiro-ministro do Estado de Israel, e, em 1952, Ben-Zvi tornou-se o segundo presidente de Israel.

[8](#) Reed tornou-se famoso por seu livro *Dez dias que abalaram o mundo*, seu relato presencial da revolução bolchevique. O autor morreu em 1920 e está sepultado na praça Vermelha em Moscou. Seu relato sobre a Sérvia foi reeditado em 1994. Uma chamada de um artigo no *Times* dizia: “Esboços dos horrores de 1915 da Bósnia moderna” (*The Times*, 26 de março de 1994).

[9](#) Fleming, major no Queen’s Own Oxfordshire Hussars e membro do Partido Conservador no Parlamento desde 1910 (Churchill estava então no Partido Liberal), foi morto em combate na frente ocidental em 20 de maio de 1917. Seu filho Peter tornou-se um conhecido viajante e escritor de viagens e seu filho Ian é o autor dos livros de James Bond. Ambos eram muito novos quando o pai faleceu.

[10](#) Boche é termo depreciativo usado pelos franceses para designar os alemães. Parece ser uma apócope de *alboche*, forma de calão de “alemão” (*allemand*) ou uma redução de *tête de boche*, da mesma data, com a acepção de *tête carrée* (“cabeça quadrada”), equivalente a alemão alsaciano desde 1866. O termo, já em 1866, tinha o significado de “mau sujeito”. (N. do T.)

[11](#) Um fac-símile da carta do segundo-tenente Chater foi escolhido, em 1993, para ilustrar o cartão de Natal do Museu Imperial da Guerra em Londres.

[12](#) O termo “Boxing Day” refere-se, em geral, ao dia 26 de dezembro, dia de santo Estêvão, ou ao sábado ou domingo seguintes ao Natal. Não se conhece ao certo a origem dessa designação. Por um lado, há quem defenda que se trata de uma tradição, segundo a qual funcionários de casas abastadas, que precisavam trabalhar no dia de Natal, recebiam dos patrões ofertas variadas (em geral alimentos, mas também roupas ou mesmo dinheiro) em “caixas de Natal”, para que pudessem ser

mais facilmente transportadas até suas respectivas famílias. Há quem diga que o termo vem do fato de as igrejas fazerem peditórios para os pobres em caixas de madeira, sendo as caixas abertas e o produto recolhido distribuído no dia seguinte ao dia de Natal. Pode também decorrer de uma tradição de oferecer presentes em caixas, por bons serviços prestados por servidores públicos, como, por exemplo, carteiros. Há quem vá mais longe e veja a razão dessa designação numa tradição que remonta a 1690, um costume iniciado na Escócia, em que havia dois dias, um na primavera ou no outono e outro no Natal (durante as férias), nos quais podiam ser apresentadas alegações ao tribunal, que eram colocadas numa caixa (*box*). (N. do T.)

[13](#) PEACOCK, A. J. (org.). *Gun Fire, A Journal of First World War History*, nº 28, p. 30, 1994.

[14](#) *Para que o céu não se encha de vetustas barbas cinzentas, / Deus, que criou os rapazes para Seu deleite, / Chama-os num dia de dor e glória, / E fá-los entrar vindos da noite.* (N. do T.)

[15](#) BUCHAN, John. *The King's Grace, 1910-1935*. Londres: Hodder and Stoughton, 1935, p. 130. Buchan, que escreveu a história das forças da África do Sul na frente ocidental, a história do Royal Scots Fusiliers, a Nelson Library em 24 volumes, uma história da guerra à medida que os eventos aconteciam e um volume de *History of the Great War*, é mais conhecido por seus romances e livros de aventuras. Seu irmão, Alastair, morreu em 1917, em consequência de ferimentos sofridos em combate na Batalha de Arras.

[16](#) *A irmã Susie cosendo camisas para os soldados / Tanta destreza em coser camisas mostra ter nossa tímida irmã Susie / Alguns soldados enviam cartas / Dizem que é melhor dormir em cardos / Do que nas atrevidas, macias e curtas camisas para soldados que a irmã Susie cose.* (N. do T.)

[17](#) *Tenho uma casinha úmida numa trincheira, / Que as trovoadas continuamente encharcam, / Há uma vaca morta por perto / Com as patas voltadas para o céu / E exala um cheiro horrível. // Por baixo, no lugar do chão, / Há uma massa de lama e alguma palha, / Mas com obuses a cair aqui, / Não há lugar que se possa comparar / Com minha casinha úmida na trincheira.* (N. do T.)

[18](#) HORNE, Alistair. *The Price of Glory: Verdun 1916*. Londres: Macmillan, 1962, p. 328.

7. Impasse e procura de soluções

[1](#) A soma paga a Lênin situava-se entre 200 mil e 250 mil marcos, que valiam entre 50 mil e 62 mil dólares. Em 1923, quando os bolcheviques quiseram devolver esse montante, a inflação do marco era tanta que o valor equivalia a menos de 1 dólar.

2 Davies e Peirse foram instrutores de voo de Churchill em 1913 e 1914. Em 1940, Peirse foi nomeado comandante-chefe do Comando de Bombardeiros.

3 *Blocausses* são redutos fortificados ou fortins. (N. do T.)

4 Entre os 199 submarinos alemães afundados entre 1914 e 1918 (de um total de trezentos que estiveram em serviço ativo), o destino de mais de quinze nunca foi estabelecido. Assume-se que, à semelhança de outros quarenta, foram destruídos por minas. Contudo, não foi o que aconteceu com o U-31, que, à deriva, chegou seis meses depois à costa leste da Grã-Bretanha. Toda a tripulação estava morta. Seis meses antes, ainda no fundo do mar para passar a noite, teria havido uma emissão de gases venenosos. Depois de os depósitos do submarino terem explodido um por um, a embarcação teve capacidade de flutuação suficiente para chegar à superfície.

5 Em 1942, Gandhi demonstrou outro ponto de vista, desencadeando o movimento Quit India [Saiam da Índia] enquanto as forças japonesas se aproximavam das fronteiras indianas. Foi imediatamente detido.

6 Philipps foi morto em combate no saliente de Ypres em 15 de maio de 1915.

7 Não foi tentada uma penetração no estreito dos Dardanelos nesse dia, nem em nenhum outro, e a Itália não havia entrado na guerra ao lado dos Aliados.

8 Em 1945, na Conferência de Potsdam, Stálin solicitou Dedeagatch, como porto russo no mar Egeu.

9 A pronúncia e a grafia de Przemyśl confundia o soldado britânico, para quem foi ensinada a rima “*A damp chemise’ll make you sneeze*” [“Uma camisa molhada o fará espirrar”].

10 Jerusalém, Belém e Nazaré; na realidade, a Palestina. Churchill sugerira que a Palestina fosse entregue à Bélgica como compensação pelo que sofrera sob ocupação germânica. Samuel pretendia que fosse adquirida pela Grã-Bretanha para a instalação de um lar judaico. Kitchener queria que Haifa se tornasse um porto britânico para instalar um terminal de *pipeline* de petróleo, ligando o Mediterrâneo oriental aos campos de petróleo ao norte da Mesopotâmia (Mossul).

11 *As flores que abundavam à noite no bosque / Neste tempo de Páscoa vêm à mente dos homens, / Agora, longe de casa, que, com seus amores, deviam / Tê-las juntado e não voltarão a fazê-lo.* (N. do T.)

12 Depois da guerra, Scheubner-Richter tornou-se um dos primeiros apoiadores de Adolf Hitler e esteve presente no *Putsch* de Munique, em 9 de novembro de 1923, quando foi morto enquanto marchava ao lado de Hitler.

13 Outro neto de Gladstone, o tenente W. H. Gladstone, foi morto em combate em 1918.

14 Em 1898, Kitchener havia derrotado um Exército dervixe em Omdurman, no Sudão, assumindo o título de lorde Kitchener de Cartum.

8. Desembarques em Galípoli

[1](#) “Seis VC antes do café da manhã” é também o título de um dos capítulos do livro *Hell's Foundations*, de Geoffrey Moorhouse.

9. A Entente em perigo

[1](#) Em 1929, como líder do Partido Nacionalista Alemão, Hugenberg forneceu a Hitler fundos para sua campanha contra o Tratado de Versalhes. Mais tarde, colocou os votos de seu partido (cerca de 3 milhões) à disposição de Hitler, dando-lhe a maioria no Reichstag pouco depois de ter chegado ao poder. Hitler já tinha dado a Hugenberg os ministérios da Economia e da Agricultura. Em 1934, quando Hitler já não precisava dele, Hugenberg foi afastado.

[2](#) O poema de McCrae foi publicado em primeiro lugar, anonimamente, na revista *Punch* de 8 de dezembro de 1915.

3 Nos campos de Flandres agitam-se as papoulas / Entre filas e mais filas de cruces, / Que marcam nosso local, e no céu / As cotovias continuam a cantar corajosamente e voam / Mal são ouvidas com o barulho dos canhões lá embaixo. // Somos os Mortos. Há alguns dias / Vivíamos, sentíamos o alvorecer / O ocaso do sol / Amávamos e éramos amados, e agora jazemos / Nos campos de Flandres. // Continuem a lutar com o inimigo: / A vocês, de mãos débeis atiramos / A tocha, para que a defendam. / Se não cumprirem a promessa a nós, que morremos, / Não descansaremos, embora nasçam papoulas / Nos campos de Flandres. (N. do T.)

4 Durante as monótonas e duvidosas horas de espera, / Antes do começo do despudorado frenesi, / Os cavalos mostram mais nobres poderes; / Oh, olhos pacientes, corações corajosos! // E quando eclode o momento ardente / E todas as coisas estão fora do pensamento, / E apenas a alegria da batalha / Apanha-o pelo pescoço e cega-o, // Através da alegria e da cegueira saberá / Sem se preocupar muito, mas mesmo assim, / Que nem o chumbo nem o aço o atingirão, / Ele, que não será a Vontade do Destino. // Ergue-se a atroadora linha de batalha, / E no ar a morte geme e canta; / Mas o Dia o sujeitará com mãos fortes / E a Noite o envolverá em asas suaves. (N. do T.)

[5](#) Na Segunda Guerra Mundial, a propaganda nazista citou *O Gólgota do Canadá* como exemplo das mentiras britânicas ao alegarem atrocidades cometidas pelos alemães.

[6](#) Ao todo, 226 pessoas morreram no acidente.

[7](#) Os britânicos ofereceram uma recompensa de 100 mil libras pela captura do comandante Hersing, mas ele continuou a torpedear navios aliados até 1918. Depois da guerra, tornou-se produtor de batatas no norte da Alemanha, vivendo em Rastede, a 25 quilômetros do mar.

8 Alan Clark, que conta a história em seu livro *The Donkeys* (p. 162, n. 2), acrescenta que a árvore voltou a florir em 1920.

9 As outras seis frentes eram: frente oriental, frente ocidental, frente sul (austro-sérvia), frente do Cáucaso, frente de Galípoli e frente da Mesopotâmia. Havia também lutas esporádicas na África Oriental, na África Central (Camarões), no sudoeste africano e na Pérsia.

10 JAMES, Robert Rhodes. *Gallipoli*. Londres: B. T. Batsford, 1965, p. 214.

11 *Hoje são 4 de junho / Não pense que nunca sonho / O barulho desse meio-dia infernal, / O fluxo interminável de macas, / As histórias de triunfos conseguidos, / A noite em que se descobriram as falsidades, / Os feridos a gemer ao sol, / Os mortos, o pó, as moscas. // As moscas!, meu Deus, as moscas / Que sujam os mortos sagrados. / Vê-las juntarem-se nos olhos dos homens mortos / E a partilhar do pão do soldado! / E não pense que me esqueço / Da sujeira e do cheiro da guerra, / Dos cadáveres no parapeito / Dos vermes no chão.* (N. do T.)

12 *Nessa manhã vi um homem / Que não queria morrer: / Pergunto, e não consigo responder, // se o quero eu. // O dia nasceu belo nessa manhã / Contra os Dardanelos; / A brisa soprava suave, as faces da alvorada / Estavam frias como conchas do mar. // Mas outros projéteis esperam / Do outro lado do Egeu / Metralha e potentes explosivos, / Balas e inferno para mim. // Oh, inferno de navios e idades, / Inferno para homens como eu, / Fatal segunda Helena, / Por que eu devo seguir-te?* (N. do T.)

13 BARKER, A. J. *The Neglected War: Mesopotamia 1914-1918*. Londres: Faber and Faber, 1967, p. 97.

14 FOX, Sir Frank. *The Royal Inniskilling Fusiliers in the World War*. Londres: Constable, 1928, p. 187.

10. As Potências Centrais em ascensão

1 Em julho de 1941, quando mais uma vez o Exército alemão entrava com facilidade na Rússia, Stálin ordenou a evacuação de oitocentas fábricas na Rússia Ocidental para os Urais, a Sibéria e a Ásia Central soviética, preservando a capacidade bélica industrial da União Soviética.

2 Em 15 de setembro de 1915, Kemal escapou por pouco de ficar ferido ou morrer quando um avião do serviço aeronáutico da Marinha britânica bombardeou o automóvel do Estado-Maior em que viajava. Um incidente semelhante aconteceu em 1944, quando o marechal de campo Rommel, então comandante das forças alemãs na Normandia, ficou seriamente ferido quando o automóvel de seu Estado-Maior foi atingido pelo fogo de metralhadoras de um avião de combate aliado.

3 Vinte e seis anos depois, o Nono Forte em Kaunas foi o local do assassinato em

massa, pela Gestapo, de dezenas de milhares de judeus da própria Kaunas e de várias cidades da Europa Ocidental.

4 Em agosto de 1915, os alemães mantinham detidos também 330 mil prisioneiros de guerra britânicos, franceses e belgas.

5 Seis dias depois, o compositor alemão Fritz Jürgens foi morto no setor francês (Champagne) da frente ocidental.

6 Em 22 de novembro de 1915, o governo americano rejeitou uma oferta alemã de mil libras por cada americano que tivesse perdido a vida no *Lusitania*.

7 O historiador oficial britânico escreveu: “Inúmeros feitos valentes, nunca reportados aos quartéis-generais, caíram no esquecimento, mas, como tributo a todos os homens corajosos, conhecidos e desconhecidos, que nesse dia se distinguiram, pode ser aqui referida a história do soldado F. W. O. Potts...” ASPINALL-UGLANDER, C. F. *Military Operations: Gallipoli*. Londres: William Heineman, 1932, v. 2, p. 354, n. 1.

8 ASPINALL-UGLANDER, C. F. *Military Operations: Gallipoli*. Londres: William Heineman, 1932, v. 2, p. 368.

11. A Entente continua a fracassar

1 Os pais de Farnsworth doaram a Sala Farnsworth da Widener Memorial Library, na Universidade Harvard, “pelo prazer de ler os livros de que Henry Farnsworth gostava”, e forneceram livros, quadros e mobiliário.

2 A versão de Cousin para “foi aplicado um torniquete”.

3 Dois dias depois, quando foram publicados os nomes dos mortos em Galípoli, que incluíam baixas australianas, a lista de honra preencheu cinco colunas.

4 Segundo Alistair Horne, isso pode explicar “a escrita incerta quando mais velho e o aperto de mão pouco firme com que ocasionalmente os críticos brincavam”. HORNE, Alistair. *Macmillan, 1894-1956*. Londres: Macmillan, 1988, v. 1, p. 38.

5 Um dos cinco filhos de Robert Graves foi morto em ação na Birmânia durante a Segunda Guerra Mundial.

6 Entre os membros da Guarda Irlandesa mortos nesse dia (27 de setembro de 1915) em Loos estavam o sargento-ajudante George Lewis, os cabos Michael Docherty, William Hutchinson, Horace Lawson e Peter O'Rourke e 22 soldados: Michael Cahill, Michael Doyle, James Green, John Guilfoyle, Thomas Jolly, John Higgins, John McIntosh, Horace Keogan, Charles Lewis, Alexander Morrow, John V. Murray, Patrick Murray, John McCallum, James McLennan, Patrick McHugh, James McMahan, Patrick Neafson, James Rogers, William H. Sherwood, Eugene Sullivan, Michael Sutton e Richard Tabsley. Listas semelhantes podiam ser compiladas para todos os dias da guerra e para cada frente e multiplicadas por

duzentas por dia.

7 Essa carne de que cuidamos desde o início com toda a limpeza foi dada... / Para que os gases a embranqueçam ou a coloram... para que o fogo a carbonize... / Para que a atirem incessantemente, sem sentido, em inúteis mutilações / De uma cratera para outra. Por isso expiaremos / Mas quem nos devolverá nossos filhos? (N. do T.)

8 A terra que floresceu e estava alegre / Por sob a cruz de Cristo, / Regozijar-se-á e florescerá também / Quando a bala a atingir. / Por isso, vocês, homens que marcham / A caminho da morte, cantem! / Semeiem alegria na terra, / Estejam felizes, mesmo quando mortos. // Continuem, homens que marcham, / Continuem a cantar até as portas da morte. / Semeiem a vossa alegria para que a terra a alimente / Para que estejam felizes durante o sonho. / Semeiem a vossa alegria pelo leite da terra, / Estejam felizes, mesmo que mortos. (N. do T.)

9 ... esquadrinhando toda a multidão, se / Perceberes um rosto que amaste até então, / É um espectro. Ninguém usa o rosto que conheceste. / A Grande Morte apoderou-se de tudo para sempre. (N. do T.)

10 O fosgênio (cloreto de carbonil), um gás incolor e muito venenoso, foi descoberto por John Davy em 1811. Hoje em dia é usado na preparação de plásticos de poliuretano e em alguns inseticidas.

11 As outras principais frentes de guerra eram a ocidental, a oriental, a de Galípoli, a da Mesopotâmia, a frente do Cáucaso, a frente sérvia (onde houve forte luta em torno de Kragujevac até 23 de novembro, quando teve início a retirada dos sérvios para a Albânia), a frente ítalo-austriaca e a frente de Salônica. Lutava-se também, ainda que intermitentemente, na África Oriental, na África Central (Camarões) e na Pérsia. No Egito, cem soldados britânicos e dos domínios aguardavam um possível ataque turco, dirigido pelos alemães, ao canal de Suez.

12 Essas batalhas desenrolavam-se na principal estrada das Dolomitas, de Bolzano para Cortina, hoje uma região dedicada à prática de esportes de inverno. O guia Baedeker publicado em 1930 menciona o Col di Lana como “famoso pelas sangrentas batalhas que ali aconteceram durante a guerra”. Os guias modernos omitem esse fato.

13 Dezesseis quilômetros a sudeste dos campos de batalha de La Courtine e Massiges ficava a aldeia de Valmy, onde, em 1792, um exército prussiano foi derrotado por tropas da República francesa. O general Kellermann, vitorioso em Valmy, serviu mais tarde nas tropas de Napoleão, comandando as forças francesas no Reno.

14 A ligação por via férrea entre a Alemanha e a Turquia (Berlim-Constantinopla) foi formalmente reaberta em 15 de janeiro de 1916. Três dias depois, na ocupada cidade sérvia de Niš, o Kaiser, que tinha ido de Berlim, promoveu o rei Ferdinand da

Bulgária, que tinha ido de Sófia, a marechal de campo do Exército alemão.

15 GRAY, Randal; ARGYLE, Christopher (orgs.). *Chronicle of the First World War*: Volume 1, 1914-1916. Oxford: Facts on File, 1990. Em Dunquerque, foram evacuados 224.318 soldados britânicos e 111.172 franceses, num total de 335.490 combatentes.

16 *E o poder que os impulsionou e os / Animou e deu-lhes asas? Foi a esperança / Que está na mente. Sem ela, não teria havido / Um voo para além das negras nuvens.* (N. do T.)

17 Entre 1940 e 1945, Attlee foi membro do Gabinete de Guerra de Churchill e vice-primeiro-ministro. Em 1945, tornou-se primeiro-ministro do terceiro governo britânico do Partido Trabalhista.

18 ENGEL, Anita. *The Nili Spies*. Jerusalém: Phoenix, 1989, p. 62.

19 Dos 66 rapazes que entraram para a Escola de Uppingham juntamente com Leighton, em setembro de 1909, dezessete foram mortos durante a Primeira Guerra Mundial ou morreram devido a ferimentos sofridos em combate. Um dos rapazes, Frank Hodgkinson, foi prisioneiro no campo de Ruhleben durante a guerra; outro, Brian Horrocks, tornou-se um distinto general na Segunda Guerra Mundial, contribuiu para a derrota de Rommel no norte da África e comandou o 30º Corpo nos desembarques na Normandia.

20 MACDONALD, Lyn. *1915, The Death of Innocence*. Londres: Hodder and Stoughton, 1993, p. 592. As fontes que Lyn Macdonald reuniu nos vários livros que escreveu sobre a Primeira Guerra Mundial geram inveja em muitos historiadores, entre os quais me incluo.

21 Entre eles, 4.272 soldados britânicos, 254 canadenses, 65 australianos, 23 neozelandeses, seis sul-africanos, cinco indianos, três naturais da Terra Nova e um natural das Índias Ocidentais. Também estão enterrados no cemitério doze soldados desconhecidos, seis trabalhadores chineses e um soldado alemão.

22 Dos 1.223 membros da New College que serviram durante a Primeira Guerra Mundial, 217 foram mortos em combate. Trinta e oito rapazes que tinham conseguido ser admitidos na faculdade, mas que se apresentaram como voluntários para o serviço militar, também morreram na guerra.

23 HORNE, Alistair. *The Price of Glory: Verdun 1916*. Londres: Macmillan, 1962, p. 36.

24 *Eu não quero morrer, / Eu quero ir para casa. / Não quero mais ir para as trincheiras, / Onde os ruídos zumbem e os obuses assobiam e rugem. // Eu não quero ir para o mar, / Onde os alemães dispararão contra mim, / Eu quero ir para casa / Eu não quero morrer.* (N. do T.)

12. “Esta guerra terminará em Verdun”

[1](#) *Apenas um rapaz, mas um rapaz britânico, / Filho de mil anos.* (N. do T.)

[2](#) *No irmão Bill caiu um obus: / Mas nós ainda o amamos / Sempre o amaremos.* (N. do T.)

[3](#) *Que mal fizemos a Vós, Meu Deus?* (N. do T.)

[4](#) *Das encharcadas planícies do oeste e do leste, o sangue / De homens bons jorra em brumas de ódio, / Poluindo Teu ar puro; e nações de grande / Reputação nas artes que encham / O mundo com esperanças do Céu, afundam-se num estado / De bruto barbarismo, cuja mente feroz / Deleita-se com a confusão sangrenta dos de sua laia / Que não conhecem nem o amor nem a misericórdia.* (N. do T.)

[5](#) BARKER, A. J. *The Neglected War: Mesopotamia 1914-1918.* Londres: Faber and Faber, 1967, p. 218.

[6](#) Até fins de maio de 1916, tinham sido mortos 550 civis devido aos ataques de dirigíveis alemães.

[7](#) LAFFIN, John. *Brassey's Battles: 3,500 Years of Conflict, Campaigns and Wars from A-Z.* Londres: Brassey's Defence Publishers, 1986.

[8](#) HORNE, Alistair. *The Price of Glory: Verdun 1916.* Londres: Macmillan, 1962, p. 158.

[9](#) HORNE, Alistair. *The Price of Glory: Verdun 1916.* Londres: Macmillan, 1962, p. 148. Os anamitas eram habitantes da região costeira da Indochina (hoje Vietnã), que tinha sido um protetorado francês desde 1884.

[10](#) De 26 de maio a 10 de junho, tropas da França Livre mantiveram a fortaleza de Bir Hakeim contra a Infantaria, os carros de combate e os ataques aéreos alemães. Uma estação do metrô de Paris comemora esse feito heroico.

[11](#) *Para esses me volto, neles confio... / Irmão Chumbo, Irmã Aço / A este poder cego faço apelo, / Mantenho-os limpos e sem ferrugem. // Ele roda e queima e ama o ar, / E desfaz um crânio para me agradar / Mas à medida que passam os dias / Ela reluz, nua, fria, formosa. // Doce irmã, concede ao teu soldado / Que com boa fúria possa sentir / Que o corpo que espezinha com seu calcanhar / Trema com seu beijo cadente como uma flecha.* (N. do T.)

[12](#) Em 1911, Casement tinha recebido o título de Sir por seu trabalho no Serviço Consular Britânico, investigando acusações feitas a uma companhia britânica da América do Sul. Foi condenado à morte em 29 de junho de 1916 e privado do seu título. Foi executado na prisão de Pentonville, em Londres, em 3 de agosto de 1916.

[13](#) KEE, Robert. *The Green Flag.* Londres: Weidenfeld and Nicolson, 1972, v. 2, p. 253.

[14](#) Detido em várias prisões inglesas até o fim da guerra, Valera foi primeiro-ministro da República da Irlanda durante a Segunda Guerra Mundial, mantendo para seu país o estatuto de neutralidade e enviando condolências à embaixada alemã por

ocasião da morte de Hitler, em abril de 1945.

13. “A Europa está louca. O mundo está louco.”

1 Cerca de 7 mil homens, sob o comando de Cornwallis, renderam-se às forças revolucionárias americanas sob o comando de Washington em Yorktown, em 1781.

2 Tikrit foi mais tarde centro de poder e local de nascimento, em 1937, de Saddam Hussein, contra quem marcharam tropas americanas e britânicas em 1991.

3 *Então, o senhor era o pai de David / E ele era seu único filho, / E a turfa recém-cortada apodrece, / E o trabalho ficou por fazer, / Porque um velho chora, / Apenas um velho que sofre, / Por David, seu filho David, / Que nunca mais voltará. // Oh, as cartas que ele lhe escreveu / E que eu ainda posso ver, / Não dizem uma palavra sobre os combates, / Falam apenas de ovelhas nas colinas / E diz que se deve fazer a ceifa / Antes que cheguem as tormentas. / E os boches ficaram com o corpo dele / E eu era seu oficial. // O senhor era apenas o pai de David, / Mas eu tinha cinquenta filhos / Quando à noite saíamos das trincheiras / Sob o arco dos canhões, / E regressávamos ao amanhecer... / Meu Deus! Ouvi-os chamar-me / Pedindo ajuda e conforto, / Mas eu não podia ajudar de modo nenhum. // Oh, jamais esquecerei, / Homens meus que confiaram em mim, / Mais meus filhos do que de seus pais, / Porque esses apenas viam / Seus bebês indefesos / E seus jovens orgulhosos. / Mas não puderam vê-los morrer / E abraçá-los enquanto morriam. // Feliz e valente e jovem, / Viram partir o seu primogênito, / Mas não os fortes membros em pedaços / E os homens belos a jazer no solo, / Seus lastimáveis corpos retorcidos, / gritando: “Não me abandone, senhor”, / Porque outros eram apenas seus pais / Mas eu era seu oficial. (N. do T.)*

4 O memorial de Arras inclui também uma lista de homens “perdidos” do Royal Flying Corps e da Força Aérea britânica, que morreram em algum ponto da frente ocidental.

5 STONE, Norman. *The Eastern Front*. Londres: Hodder and Soughton, 1975, p. 247.

6 Pouco depois da guerra, foram descobertas pontas de baionetas despontando do solo. A trincheira tornou-se um monumento nacional francês.

7 As outras frentes eram a frente ocidental, a frente oriental, a frente do Cáucaso (também conhecida como frente armênia), a frente persa (tropas russas na fronteira da Mesopotâmia Central), a frente sul da Mesopotâmia, a frente de Salonica, a frente da Itália, a frente da África Oriental (onde tropas belgas tinham invadido a área de Urundi, na África Oriental alemã, e a polícia da Rodésia do Norte tinha ocupado a cidade fronteiriça de Bismarckburg, na África Oriental alemã) e a frente do Sinai, onde os turcos tinham renovado os ataques à península, em poder dos britânicos, invadindo El Arish.

8 Forster foi morto perto de Verdun em 1916.

9 Ou seja, 241 mortos por dia em 1915 e 331 mortos por dia em 1916. Em 1917, o número subiu para 712 por dia (259 mil durante o ano) e, em 1918, para 802 (293.760 durante o ano). O total de mortos civis chegou a 762.106. O número de mortos civis devido a bombardeios aliados na Segunda Guerra Mundial foi aproximadamente o mesmo (cerca de 800 mil).

14. A Batalha do Somme: “Será um holocausto sangrento”

1 *Nós o vencemos no Marne, / Nós o vencemos no Aisne, / Fizemos-lhes um inferno / Em Neuve Chapelle / E aqui estamos outra vez!* (N. do T.)

2 *Eu, que na colina que me é familiar / Vi com olhos que não compreendem / Uma centena dos Teus entardeceres / Seu sacrifício fresco e sanguíneo / E antes que o sol gire sua espada ao meio-dia / Devo despedir-me de tudo isso! / Por todas os prazeres que perderei / Ajuda-me a morrer, Senhor.* (N. do T.)

3 LIDDLE, Peter H. *The 1916 Battle of the Somme: A Reappraisal*. Londres: Leo Cooper, 1992, p. 39.

4 *Através de noites áridas e dias infrutíferos / De espera quando nossa fé nos abandona / Maria, acompanha o coração despedaçado, / Tivestes um filho, recorda-o // Senhor, Vós que fostes nosso seguro refúgio, / Os Braços Eternos que tudo envolvem, / Vossa Palavra perdura pelos séculos dos séculos, / E continuarão a prover-nos com Vosso amor. // Prometei-nos que veremos, Senhor / Prometei-nos que veremos / O propósito nos dias dolorosos.* (N. do T.)

5 *Aqui não há ritos esplêndidos... mas deem-no aqui, / De camaradas de sua juventude lutou lado a lado, / Perto de onde suspiram os ventos e crescem flores silvestres, / Onde o doce rio murmura ao seu lado. / Não há esplendor, mas o deitamos com ternura / Para que descanse e seja a artilharia seu réquiem.* (N. do T.)

6 *Tenho um encontro com a Morte / Numa encosta marcada ou colina maltratada, / Quando a primavera voltar este ano / E surgirem as primeiras flores nos prados. // Deus sabe que seria melhor ter à minha volta / Grossos e perfumados travesseiros de seda, / Onde o amor pulsa num sonho de gozo / Pulsar atrás de pulsar, respiração atrás de respiração, / Onde são belos os despertares em silêncio... / Mas eu tenho um encontro com a Morte / À meia-noite numa cidade em chamas, / Quando a primavera for novamente para norte este ano, / E cumprirei minha palavra, / Pois não faltarei a esse encontro.* (N. do T.)

7 *Somos o Exército do Anzac, / Do A.N.Z.A.C., / Não sabemos disparar, não batemos a continência, / Mas nós somos mesmo bons. / E quando chegarmos a Berlim / O Kaiser vai dizer, / “Hoch, Hoch! Mein Gott, mas que gente mais*

estranha / Que ganha seis xelins por dia!” (N. do T.)

8 CROSSE, E. C. *The Defeat of Austria as seen by the 7th Division*. Londres: H. F. W. Deane & Sons, 1919, p. 35.

9 George Leigh-Mallory sobreviveu à guerra e desapareceu enquanto escalava o monte Everest em 1924. Seu irmão, Trafford, piloto durante a Primeira Guerra Mundial e um destacado aviador (vindo a ser comandante-chefe do Comando de Caças) na Segunda Guerra Mundial, morreu numa colisão de aviões em novembro de 1944.

10 MADDOCKS, Graham. *Liverpool Pals*. Londres: Leo Cooper, 1991, p. 116.

11 Os tártaros, que falavam turco, eram um povo muçulmano que vivia na Crimeia, próximo ao rio Volga, e foi anexado à Rússia por Catarina, a Grande em 1783. Na Segunda Guerra Mundial, Stálin deportou-os para a Ásia Central.

12 De 1920 a 1926, Seeckt foi chefe do Estado-Maior do Exército alemão, estabelecendo as fundações para a reconstrução do Exército alemão.

13 As nove principais línguas faladas nos domínios dos Habsburgos (e reconhecidas pelos regulamentos militares austro-húngaros) eram: alemão, húngaro, tcheco, eslovaco, esloveno, croata, sérvio, ruteno, italiano, polonês e romeno. Outras línguas faladas por pequenos grupos minoritários incluíam: ucraniano, dois tipos de albanês, iídiche (judeu-alemão), ladino (judeu-espanhol), grego, turco, romani, valáquio e armênio. Havia ainda alguns soldados lituanos, letões, estonianos e finlandeses em serviço na frente oriental, juntamente com o Exército austro-húngaro, mas não como parte dele.

14 No fim da batalha, Badoglio foi promovido a major-general, aos 44 anos. Em 1936, conduziu as forças italianas na conquista da Abissínia. Em setembro de 1943, formou um governo antifascista na Itália e negociou o armistício com os Aliados. Em abril de 1944, seu governo declarou guerra à Alemanha.

15 *Sondamos as correntes marinhas, / E às cegas vasculhamos sob elas; / Somos desconhecidos e esforçados, / Somos os pescadores da morte.* (N. do T.)

15. Guerra em todas as frentes

1 *E, sim, eles darão as explicações / Mais plausíveis: alguns a chamarão sublime, / Outros condenarão em tom de cumplicidade. / Por isso aqui, enquanto as loucas armas disparam acima de nós, / E homens exaustos suspiram, com lama como leito e solo, / Saiba que os loucos que somos, estamos agora com os loucos que estão mortos, / Não morremos por uma bandeira, nem por um rei, nem por um imperador, / Mas por um sonho que nasceu na cabana de um pastor, / E pela secreta Escritura dos pobres.* (N. do T.)

2 *Caí aqui há três semanas, sim... eu sei, / E a noite é muito fria desde a luta... /*

Podia dizer, se quisesse, ninguém sabe / Exceto eu e mais quatro ou cinco, o que não está vivo. / Posso vê-los a dormir, de três em três, / E não estão perto de uma fogueira, mas o nosso arame / Tem tudo o que é possível. Não vê / Quando a luz sobe? Ssh! Rapazes, que barulho é esse? / Sabem o que comem esses ratos? Carne humana. (N. do T.)

3 A neta do soldado Farr, Janet Booth, teve esperança de que uma lei (Private Member's Bill), apresentada por Andrew Mackinlay na Câmara dos Comuns, em 19 de outubro de 1993, em nome de todos aqueles executados por covardia e deserção na Primeira Guerra Mundial, conduzisse a um perdão póstumo, mas a lei não foi promulgada.

4 Tecnicamente, a vítima de Robinson não era um zepelim, mas um Schütte Lanz, um dirigível semelhante, porém desenhado e construído por outro fabricante.

5 Minha mãe, que na época tinha cinco anos, lembrava-se de viajar no metrô com a mãe e duas irmãs para escapar aos bombardeios. Em 1940, sua casa, em Whitechapel, seria danificada por bombas alemãs.

6 Essa notícia foi reimpressa numa publicação satírica por Karl Kraus, um vienense que se opunha à guerra, sob o título “Com o relógio na mão”. Vinte e dois britânicos morreram nesse mês como resultado de afundamentos realizados por submarinos alemães no mar do Norte e no Mediterrâneo.

7 *Brinquei com todos os brinquedos que os deuses me deram, / Cantei minhas canções e tive tempos felizes. / Agora abandonei meus brinquedos quebrados / E fui buscar meu alaúde. // Eu outrora fui cantor, mas agora só queria chorar. / Sinto crescer na minha alma uma música estranha, / Vastos cantos de uma tragédia profunda demais / Para meus lábios cantarem. (N. do T.)*

8 Ball morreria em combate em 7 de maio de 1917. Foi-lhe atribuída uma Cruz Vitória a título póstumo por sua valentia durante os onze dias anteriores.

9 No último dia de outubro de 1916, calculava-se que as baixas russas somavam 4,67 milhões de mortos e feridos, mais de 1 milhão de desaparecidos e 2,078 milhões de prisioneiros de guerra.

10 MCGUINNESS, Brian. *Wittgenstein: A Life*. Londres: Duckworth, 1988, p. 248.

11 Em 1941, Zhukov seria chefe do Estado-Maior do Exército soviético. Como o marechal soviético de maior sucesso na Segunda Guerra Mundial, comandaria a contraofensiva em Stalingrado em 1942 e a ofensiva em Kursk em 1943 e seria responsável, em 1945, pela captura de Berlim, onde aceitou a rendição alemã. De 1955 a 1957, seria ministro russo da Defesa.

12 Masterman ensinou ininterruptamente entre junho de 1915 e 3 de agosto de 1918, quando escapou. Seria recapturado dois dias depois.

[13](#) Guy Chapman recebeu a Cruz Militar em 1918. Depois, foi um distinto historiador da França e professor de história moderna na Universidade de Leeds (entre 1945 e 1953). Essa citação, o comentário do major Montague e a história da divisão constam em *The 1916 Battle of the Somme: A Reappraisal*, por outro historiador de Leeds, Peter Liddle, conservador da Coleção Liddle da Universidade de Leeds, cujo trabalho na reunião de textos e testemunhos de soldados tornou devedores todos os historiadores da Primeira Guerra Mundial.

[14](#) *O atirador Sandy matando soldados saxões, / E os soldados saxões nem sempre aparecem, mas o Sandy mata alguns, / E todos os dias os boches põem pequenas cruzes de madeira / No cemitério para soldados saxões que o atirador Sandy matou.* (N. do T.)

[15](#) Estão incluídos 125.517 soldados australianos e neozelandeses (Anzac) e 104.538 canadenses.

[16](#) *Aconteça o que acontecer, nós temos / A metralhadora Maxim e eles, não.* (N. do T.)

[17](#) *O mundo, com sua mentalidade de sangue, / A Igreja, morta ou suja, / Os cegos a conduzir os cegos, / E os surdos arrastando os mudos.* (N. do T.)

16. Intensificação da guerra

[1](#) Nesse novembro, três dias depois de Franz Josef, morreu Sir Hiram Maxim, o inventor, em 1889, da metralhadora. Maxim morreu em Londres aos 76 anos.

[2](#) Neville Chamberlain seria primeiro-ministro de 1937 a 1940.

[3](#) O autor refere-se à participação de tropas portuguesas na guerra por intermédio do Corpo Expedicionário Português, que começaram a seguir para a França no início de 1917. Porém Portugal já estava “em guerra”, pois a Alemanha havia declarado guerra a Portugal em 9 de março de 1916. O leitor que se interesse pela forma como alguns governos — neste caso obviamente o governo português — encararam essa guerra e a participação de suas tropas, pode ler o que está publicado sobre o Corpo Expedicionário Português, desde sua constituição em Tancos, por Norton de Matos, em 22 de julho de 1916, passando pela forma como foi “acompanhado” pelo governo e autoridades militares portuguesas na França, até o desastre da Batalha do Lys em 9 de abril de 1918. (N. do T.)

[4](#) ... *Desceu com barulho os degraus inclinados / Batendo na água, na porcaria que tudo encharcava / O corpo da sentinela e sua espingarda, asas / Das velhas bombas dos boches e lama em montes e montes. / Puxamo-lo, julgávamo-lo morto até que gemeu / “Ah, senhor, os meus olhos... Estou cego... Estou cego, estou cego!” / Compreensivo, aproximei uma chama de suas pálpebras / E disse-lhe que se conseguia ver pelo menos uma mancha / Não estava cego; ficaria bom com o*

tempo. / “Não consigo”, disse ele em soluços. Olhos salientes como os de uma lula, / Vigiam meus sonhos; mas esqueci-me dele ali / Tinha de cumprir meu dever e mandar um batedor / Pedir uma maca em algum lado e avançando com dificuldade / Para outros postos entre os guinchos do ar. (N. do T.)

5 Em 1994, o valor dessa soma era de cerca de 420 mil dólares.

6 Mussolini teve alta do hospital em agosto de 1917. Quanto ao muito preciso número de 44 estilhaços que o teriam atingido (uma explosão acidental quando estava na trincheira), a informação foi dada pelo próprio Mussolini e consta em KIRKPATRICK, Ivone. *Mussolini*. Tradução de Vasco Pulido Valente. Lisboa: Livraria Moraes Editora, 1965, p. 84. (N. do T.)

7 BARKER, A. J. *The Neglected War: Mesopotamia 1914-1918*. Londres: Faber and Faber, 1967, p. 377.

8 Devido à diferença no calendário russo na época, a revolução de março de 1917 é conhecida pelos russos como a Revolução de Fevereiro. Mencionei todas as datas, como é usual, fora da Rússia. Na Rússia, o calendário foi alterado em fins de 1917.

9 O primeiro governante Romanov, o czar Miguel, subiu ao trono em 1613. O primeiro governante de toda a Rússia foi Ivan, o Grande (Casa de Rurik), que proclamou a si mesmo czar em 1480.

10 HIBBERD, Dominic. *Wilfred Owen: The Last Year*. Londres: Constable, 1992, p. 10.

11 *Esses são os homens cujas mentes os Mortos cativaram. / Têm nos seus cabelos a recordação de assassinatos, / Assassinatos multitudinários que um dia presenciaram. (N. do T.)*

12 Os soberanos eram da Bélgica, da Sérvia, da Romênia, de Montenegro e da Albânia. Tinham sido destronados como resultado do triunfo de ações militares das Potências Centrais.

13 Entre 1941 e 1945, Brooke foi chefe do Estado-Maior imperial, o mais elevado cargo militar na Grã-Bretanha.

14 *Esse camponês que morreu na batalha dormia ao relento / Muitas noites geladas e feliz / Respondia aos ébrios, bons dorminhocos e a todos os outros / “No espinheiro da sra. Greenland”, dizia ele, / “Dormi.” Ninguém sabia que espinheiro. Por sobre a cidade, / Para além do “Drover” centenas salpicam a colina / No Wiltshire. E agora onde por fim repousa / Na França, também disso mantém segredo. (N. do T.)*

15 *E aquele atirador e eu / Esperamos por trás das árvores nebulosas / Para disparar contra o primeiro homem que passasse / Nossas armas prontas sobre nossos joelhos // Como pode ele saber que, se falharmos, / O mundo pode ficar preso em correntes durante anos / E a Grã-Bretanha ser uma lenda do passado / E o*

certo transformar-se em errado e a alegria em lágrimas? (N. do T.)

16 As outras sepulturas individuais são de 152 canadenses, sessenta sul-africanos, 28 alemães, 23 neozelandeses, nove indianos, seis britânicos das Índias Ocidentais, um habitante da Terra Nova, um francês, um russo e um desconhecido.

17 De 1938 a 1940, Vuillemin foi chefe do Estado-Maior da Força Aérea francesa. Em 1943, tornou-se chefe das forças de bombardeiros da França Livre, então no norte da África.

18 Nos cemitérios maiores, estão enterrados 521 soldados ingleses e 155 canadenses em Liévin, 129 canadenses e oito ingleses em Givenchy-en-Gohelle, 531 canadenses e 215 ingleses em Neuville-Saint-Vaast, 590 canadenses e noventa ingleses em La Chaudière, 245 canadenses e cinquenta ingleses em Thélus, 504 ingleses e 92 canadenses em Roclincourt e 97 britânicos, quase todos escoceses, em Saint-Laurent-Blagny, todos mortos em 9 de abril de 1917.

19 *“Bom dia; bom dia”, disse o general / Quando o encontramos na semana passada a caminho da linha. / Agora os soldados para quem ele sorriu estão quase todos mortos, / E nós amaldiçoamos seu Estado-Maior porque são uns porcos incompetentes. / “Ele é um tipo engraçado e risonho”, grunhiu o Harry para o Jack / Enquanto subiam penosamente para Arras com espingarda e mochila / Mas ambos morreram em seu plano de ataque.* (N. do T.)

20 GRAY, Randal. *Chronicle of the First World War: Volume II, 1917-1921*. Oxford: Facts on File, 1991, p. 38. Todos os estudiosos da Primeira Guerra Mundial estão em dívida para com Randal Gray e seu colega Christopher Argyle pelos aspectos gerais da guerra.

17. Guerra, deserção e amotinações

1 WHELLER-BENNETT, John W. *Brest-Litovsk: The Forgotten Peace*, March 1918. Londres: Macmillan, 1938, p. 45.

2 Foi a maior perda mensal de navios nas duas guerras mundiais. Em maio de 1917, foram afundados 285 navios aliados e neutros, num total de 589.603 toneladas. Em junho de 1917, foram afundados 283 navios aliados e neutros, num total de 674.458 toneladas.

3 Seis semanas depois, 68 marinheiros japoneses morreram afogados quando seu contratorpedeiro, o *Sakaki*, foi atacado por um submarino austríaco ao largo de Creta.

4 *As rodas balançavam sobre corpos espalhados / Mas não os machucavam ao esmagarem os ossos, / Suas bocas fechadas não pronunciavam queixumes, / Ali jaziam, amontoados, amigos e inimigos, / Homens nascidos de homens e nascidos de mulheres, / E projéteis a gritar sobre eles / De noite em noite e até agora. // A terra*

estava à espera deles / Desde que nasceram / Preocupada com sua decadência: / Agora, por fim, já os tem! (N. do T.)

5 PALMER, Alan. *The Gardeners of Salonika*. Londres: André Deutsch, 1965, p. 125.

6 *O general Cadorna / Escreveu à rainha / “Se quiseses ver Trieste, / Compra um bilhete postal”.* (N. do T.)

7 *Empurrou mais um saco para o topo / Debruçando seu corpo para fora; então um fogo / Deu-lhe um vislumbre branco da terra de ninguém e do arame; / E quando deixou cair a cabeça nesse instante partiu / Com chumbo sua vida aterrada, e tudo se foi.* (N. do T.)

8 As cidades eram Soissons, Villers-Cotterets, Fère-en-Tardenois e Coeuvres.

9 BARNETT, Correlli. *The Swordbearers: Studies in Supreme Command in the First World War*. Londres: Eyre and Spottiswoode, 1963, p. 236.

10 KEEGAN, John. “An Army downs tools”. *The Times Literary Supplement*, 13 de maio de 1994.

11 Goering entrou para o Partido Nazista em 1922. De 1935 a 1945, teve a seu cargo a Força Aérea alemã. Foi condenado à morte no julgamento de Nuremberg, em 1946, mas suicidou-se antes de ser executado.

12 PALMER, Alan. *The East End: Four Centuries of London Life*. Londres: J. Murray, 1989, p. 119.

13 Mais tarde, lorde Grade, presidente da rede de televisão ATV entre 1977 e 1982 (nascido em 1906), e lorde Delfont, importante empresário teatral e presidente do Entertainment Artists’ Benevolent Fund (nascido em 1908). Um terceiro irmão, Leslie, mais tarde chefe da Organização Grade, uma agência teatral, nascera em 1916.

14 *Hoje, os ventos solitários andam à solta / E a chuva anda a chorar. / Enquanto aqui falamos o campo que conheceram / Os mortos que morreram dolorosamente. / Os campos que esperam lentas horas a fio / Por sons que não virão. / Em outros campos, em outra terra / Os corações que riem estão mudos.* (N. do T.)

15 SMYTHE, Donald. *Pershing: General of the Armies*. Bloomington: Indiana University Press, 1986, p. 30.

16 Esta expressão é muitas vezes atribuída, erradamente, a Pershing, que estava presente e que também falou. Lafayette, um dos autores da Declaração dos Direitos do Homem durante a Revolução Francesa, tinha lutado contra os britânicos durante a Guerra de Independência Americana. Morreu em 1834.

18. Impasse no Ocidente, agitação no Oriente

1 Em 1917, essas somas eram equivalentes a 5 milhões de libras esterlinas, 13 milhões de libras esterlinas e 432 mil libras esterlinas.

2 Sir Alfred Mond, mais tarde 1º barão Melchett, deputado pelo Partido Liberal entre 1906 e 1928 e ministro da Saúde entre 1921 e 1922, era o segundo filho de Ludwig Mond, cujo pai, Meyer Mond, nasceu em Ziegenhain, perto de Cassel, em 1811. Ludwig Mond casou com sua prima, Frida, herdeira de um banqueiro judeu de Colônia.

3 Quando Florence Farmborough embarcou no vapor *Sheridan*, em Vladivostok, em abril de 1918, uma das primeiras pessoas que viu a bordo foi Maria Bochkareva. “Tinha conseguido enganar a rede de espionagem dos guardas vermelhos e escapar para os Estados Unidos.” (*Nurse at the Russian Front*, p. 408.)

4 Quando, em setembro de 1939, os alemães conquistaram a cidade polonesa de Łódź, foi-lhe dada o nome Litzmannstadt, em honra do general Litzmann. O gueto estabelecido ali em 1940 tornou-se um local de terríveis tormentos e mortes por inanição deliberada de muitos milhares de judeus (5 mil entre janeiro e junho de 1941 e dezenas de milhares posteriormente).

5 Em 1994, essa soma equivalia a aproximadamente 13 milhões de dólares.

6 Na Segunda Guerra Púnica (entre 218 e 201 a.C.) contra a cidade fenícia (púnica) de Cartago, os cartagineses, que já tinham perdido a Sicília para Roma na Primeira Guerra Púnica (entre 264 e 241 a.C.), foram obrigados a entregar todas as suas possessões ultramarinas, tornando-se um aliado dependente que teria de pagar impostos. A Terceira Guerra Púnica (entre 149 e 146 a.C.), terminou com a captura e a destruição da própria Cartago.

7 Na Polônia, no período entreguerras, Halicz e Stanislawow. Atualmente fazem parte da Ucrânia.

8 Horácio, *Odes*, III, ii, 13.

9 Acrescentei o antepenúltimo verso, provavelmente por lapso em falta no original. *Dobrados, como velhos pedintes sob sacos, / Joelhos dobrados, a tossir como desgraçados, xingamos através da lama, / Até voltarmos as costas às inquietantes labaredas das explosões / E começamos nossa penosa caminhada para um distante repouso / Os homens marcharam adormecidos. Muitos perderam as botas / Mas prosseguem a coxear, pés cobertos de sangue. Todos coxos, todos cegos; / Ébrios de fadiga; surdos até aos silvos / De granadas de gás que caem suavemente lá atrás. // Gás! GÁS! Depressa, rapazes! Um êxtase de movimento, / Pondo os desastrados capacetes a tempo, / Mas há ainda alguém que grita e tropeça / E escorrega como um homem em fogo ou lama... / Confusamente, através de painéis nevoentos e espessa luz verde, / E sob um mar verde, vi-o a afogar-se. // Em todos os meus sonhos, perante meu olhar impotente, / Mergulha na minha direção, atira-se, treme, afoga-se. // Se em algum terrível sonho, também tu pudesses*

caminhar / Por trás do carro em que o metemos, / E ver os olhos brancos a retorcerem-se no seu rosto, / Seu rosto pendente, como um demônio saciado de pecado; / Se pudesses sentir o sangue em cada sacudidela, o sangue / A gorgolejar de pulmões corroídos, / Obsceno como um câncer, amargo / Como o regurgitar de chagas incuráveis em línguas inocentes, / Meu amigo, não dirias com tanto complacente fervor / [A jovens ansiosos por contarem desesperadas glórias] / A velha Mentira: Dulce et decorum est / Pro patria mori. (N. do T.)

10 *Agora estou bebendo vinho na França, / Filho indefeso das circunstâncias. / Amanhã terei em torno de mim os barulhos da guerra, / Como vão pensar em mim? // Agora é tarde demais para lamentos / Um sonho perdido, tarde demais para ser lamentado / Um nome suspenso, mas não tarde demais / Para agradecer aos deuses pelo que é grande; // Uma espada afiada, o coração de um soldado, / É maior do que a arte de um poeta. / E maior do que a fama de um poeta / Uma pequena sepultura sem nome. (N. do T.)*

11 Apenas três homens receberam a Cruz Vitória duas vezes (Victoria Cross com barra): o tenente-coronel Arthur Martin-Leake, do corpo médico do Exército britânico (a primeira na Guerra dos Bôeres e a segunda em 1914), o capitão Noel Chavasse (ambas na Primeira Guerra Mundial) e o capitão Charles Upham, da Infantaria da Nova Zelândia (ambas na Segunda Guerra Mundial, em Creta e no Deserto Ocidental). Chavasse e Upham estavam remotamente relacionados por seus casamentos.

12 O historiador naval David Woodward escreveu sobre como, em 1958, um encontro de oficiais da Alemanha Ocidental, antigos e atuais, transformou-se num caos porque o orador, um oficial superior do Exército, “disse que preferia Reichpietsch e Kobis aos dois grandes almirantes da Marinha de Hitler, Raeder e Dönitz, ambos condenados como criminosos de guerra”. WOODWARD, David. *The Collapse of Power*. Londres: Arthur Barker, 1973, p. 12.

13 STONE, Norman. *The Eastern Front*. Londres: Hodder and Stoughton, 1975, p. 272.

14 Dawes foi mais tarde o autor do Plano Dawes, que ligava as reparações de guerra da Alemanha a empréstimos exteriores para ajudar na recuperação da Alemanha (1924), vice-presidente dos Estados Unidos (entre 1925 e 1929) e embaixador dos Estados Unidos em Londres (entre 1929 e 1932).

15 O historiador era Graham Maddocks e o seu livro, *Liverpool Pals* (Londres: Leo Cooper, 1991, pp. 166-168). A execução de Smith foi publicada em *Shot at Dawn*, de Julian Putowski e Julian Sykes, em 1989.

16 Marshall foi chefe do Estado-Maior das forças armadas dos Estados Unidos durante a Segunda Guerra Mundial e foi secretário de Estado de 1947 a 1949, idealizando o Plano Marshall para a reconstrução da Europa no pós-guerra.

[17](#) O oficial de cavalaria era o capitão George Patton, mais tarde um dos principais proponentes de uma guerra móvel de tanques e um dos comandantes militares superiores americanos no norte da África, na Sicília e no norte da Europa, entre 1943 e 1945, onde era conhecido por “Old Blood and Guts” [“O Sanguinário”]. [Essa alcunha foi retirada de palavras do próprio Patton, mas o que ele disse foi que “para ganhar uma guerra é necessário ‘*blood and brains*’ (“sangue e inteligência”)”. “*Guts*”, que equivale a “muita coragem” ou “valentia”, foi falsamente atribuído a Patton pela mente muito criativa de um jornalista. (N. do T.)]

19. Batalha de Passchendaele; revolução na Rússia

[1](#) “Cameron” refere-se a um soldado do Cameron Highlanders, criado por Allan Cameron of Harroch, em 1793, e que se tornou o Queen’s Own Highlanders. (N. do T.)

[2](#) O número de mortos e feridos no Somme foi de 419.654, mas a história oficial britânica diz: “Não havia disponível capacidade administrativa para investigar o número exato de baixas.”

[3](#) Martin Niemöller tornou-se, mais tarde, vigário de Berlim-Dahlem e foi um corajoso oponente do nazismo. Em 1937, foi detido e enviado para o campo de concentração de Sachsenhausen e, depois, para o campo de concentração de Dachau. Morreu em 1984, aos 92 anos de idade.

[4](#) Enquanto eu escrevia este capítulo, um escândalo de espionagem nos Estados Unidos levou um importante jornal britânico a publicar uma fotografia de Mata Hari com a legenda “Modelo de conduta da Primeira Grande Guerra (...)”. (*The Times*, 24 de fevereiro de 1994.)

[5](#) BARNETT, Correlli. *The Swordbearers: Supreme Command in the First World War*. Nova York: Morrow, 1964.

[6](#) Ismet tornou-se o chefe do Estado-Maior de Atatürk contra os gregos (entre 1919 e 1922), adquirindo a alcunha İnönü, nome da batalha perto da aldeia na Anatólia com o mesmo nome. Foi depois primeiro-ministro da República turca (entre 1923 e 1937) e presidente da Turquia depois da morte de Atatürk (entre 1938 e 1950). Foi novamente primeiro-ministro de 1960 a 1965. Morreu em 1973, com 89 anos de idade.

[7](#) PEACOCK, A. J. *A Second Alternative Guide to the Western Front*. York: Gun Fire, p. 13.

20. Os termos da guerra e da paz

[1](#) Em novembro de 1963, passei por Longarone. A aldeia tinha praticamente sido arrasada um mês antes, quando a barragem de Vaiont, um pouco acima,

desmoronou. A barragem era a terceira estrutura de cimento mais alta do mundo. Em Longarone e nas aldeias abaixo, morreram afogadas 1.809 pessoas, incluindo 430 crianças.

2 O chamamento às fileiras foi em 13 de outubro de 1917. Os números de isenções foram publicados em 10 de novembro. Foi concedida a isenção na maioria dos casos. Em 1º de janeiro de 1918, entre os 404.395 soldados chamados às fileiras, 380.510 tinham solicitado isenção.

3 Pela primeira vez em três anos e três meses de guerra. Na Segunda Guerra Mundial, os sinos das igrejas (que originalmente só deveriam repicar no caso de uma invasão à Grã-Bretanha), repicaram em novembro de 1942, depois da Batalha de Alamein, três anos e dois meses depois do início da guerra.

4 *Saúde, rapazes, saúde / Nós cantamos, / a Byng, / O britânico que ganhou a carga, / Sem artilharia nem barragem / Sem tentar camuflar-se / Com tropas firmes, com resolutos “tanques” / Ganhou o reconhecimento eterno do mundo. / Suas proezas brilham por sobre o oceano / Enquanto o Hohenzollern se contorce com dores. / Em frente, no teu caminho vitorioso, / Bebemos à tua saúde, bravo guerreiro Byng.* (N. do T.)

5 DEWAR, George A. B. *Sir Douglas Haig’s Command*. Londres: Constable, 1922, v. 1, p. 412.

6 O número de marinheiros britânicos mortos aumentara para 376 em novembro.

7 Depois da derrota da Turquia, Enver Paxá conduziu um desamparado Exército na Ásia Central, tentando unir o sentimento turânio. Em 1922, foi morto no Turquestão durante uma escaramuça com os bolcheviques, que estabeleceram seu domínio na região (que fez parte da União Soviética até o colapso do comunismo soviético, em 1991).

21. As Potências Centrais à beira do triunfo

1 *Nós somos os Mortos. Há poucos dias / Vivíamos, sentíamos a aurora, víamos o esplendor do sol poente...* (N. do T.)

2 MacArthur foi comandante-chefe de todas as tropas americanas e filipinas no Extremo Oriente (em 1941) e comandante-chefe das forças aliadas no sudoeste do Pacífico (entre 1942 e 1945). Em 2 de setembro de 1945, aceitou a rendição do Japão, do qual se tornou comandante aliado (1945-1951). Em 1950 e 1951, comandou as forças das Nações Unidas na Coreia.

3 “(...) meu compatriota Jesus Cristo.” Em setembro de 1917, Romain Rolland escreveu em seu diário: “Vale a pena assinalar que Einstein é judeu, o que explica o internacionalismo de sua posição e o caráter cáustico de sua crítica.”

4 Isso foi feito por insistência da delegação turca em Brest-Litovsk, conduzida por

Talaat Paxá, um dos líderes do movimento Jovens Turcos anterior à guerra. Depois da guerra, fugiu para a Alemanha, onde, em 1921, foi assassinado por um armênio em Berlim.

5 O conde Skrynski, que estava a serviço da diplomacia austro-húngara desde 1906, foi três vezes ministro das Relações Exteriores da Polônia, no período entreguerras, e primeiro-ministro da Polônia entre novembro de 1925 e março de 1926.

6 (...) *a morte chegou voando pelos ares / E deteve seu voo nos degraus do refúgio, / Tocou em suas presas / E ali as deixou / O barro volta ao barro. / Ocultou seus corpos furtivamente / No solo da terra que queriam libertar, / E afastou-se.* (N. do T.)

22. A última grande investida alemã

1 *As pegadas em Picardy / São mais do que posso dizer. / Descem os caminhos poeirentos / E libertam um feitiço mágico / Sobre os homens que marcham por Picardy / Por Picardy para o inferno.* (N. do T.)

2 *Fogos de opala no céu ocidental / (Pois o que está escrito deve ser), / E uma bala vem a zumbir, a gemer, / Para o coração de uma sentinela perto de mim. // Porque alguns vão cedo, outros vão tarde / (Um grito moribundo no ar noturno) / E quem acredita no destino / Quando sai uma alma no esplendor do crepúsculo?* (N. do T.)

3 *Pedras empilhadas e um cartaz carbonizado que indica / Com grama entre elas e os mortos por baixo / E algum pássaro canta, enquanto o espírito levanta voo. / É assim a vida na França.* (N. do T.)

4 A fama do Barão Vermelho entrou tanto na linguagem como na história. Quando, em 11 de janeiro de 1994, o *Times* reportou uma proposta do governo para suprimir, por motivos econômicos, um avião de pesquisa meteorológica da Força Aérea britânica, conhecido como Snoopy, deu à reportagem o seguinte título: “O Snoopy da RFA pode ter encontrado seu Barão Vermelho.”

23. “A batalha, a batalha, nada mais importa”

1 Gadarenos eram habitantes de uma região onde Jesus expulsou demônios dos corpos de dois homens. Em Marcos 5:1-14 é narrado o momento em que Jesus expulsa os espíritos malignos de um homem, que entra em porcos que pastavam ali perto. Os animais, então, precipitaram-se no mar e afogaram-se. (N. do T.)

2 Vinte e cinco anos depois, 140 mil alemães, austríacos e judeus tchecos foram detidos em Theresienstadt pelos nazistas. Cerca de 33 mil morreram de desnutrição e doenças e 88 mil foram deportados para Auschwitz e outros campos de morte, onde

foram assassinados. Entre os encarcerados em Theresienstadt em 1942, posteriormente deportado para Auschwitz em 1944, onde foi morto, estava o dr. Levit, que entre as guerras tinha sido professor de cirurgia militar. Era cristão de segunda geração, mas, segundo a definição nazista de raça, isso não o salvou.

[3](#) O governo iugoslavo pós-1945 mandou colocar uma placa na entrada da cela onde Princip esteve aprisionado, e, ainda hoje, os visitantes podem ver as correntes em que foi mantido preso.

[4](#) Groener foi ministro da Guerra e ministro do Interior na República de Weimar. Foi ele quem, em 1919, persuadiu o governo a manter o Exército numa condição que lhe permitisse, quando necessário, expandir-se.

[5](#) Arquimedes, cidadão de Siracusa, desenhava círculos geométricos na areia, nos arredores de Cartago, como parte de uma lição de geometria, quando um soldado romano, membro do exército conquistador, aproximou-se e mandou que parasse com aquilo. Ele recusou-se, dizendo “Não toque nos meus círculos”, mas foi morto, apesar da ordem de um general para que sua vida fosse poupada. A frase passou a ter o significado de “Não interfira no meu trabalho”.

[6](#) Paul van Zeeland foi primeiro-ministro da Bélgica entre 1935 e 1937 e passou a Segunda Guerra Mundial na Inglaterra. Como ministro belga das Relações Exteriores, de 1949 a 1954, foi uma figura central na criação de uma união europeia.

[7](#) A Grã-Bretanha apresentou a fatura dessa contribuição, ao todo 757 milhões de libras, mas, quando chegaram ao poder, Lênin e os bolcheviques repudiaram todas as dívidas, tanto do governo czarista como do governo provisório.

[8](#) Dois filhos do major Cartland foram mortos em ação na frente ocidental em 1940, com um dia de intervalo, durante a retirada de Dunquerque. Sua filha, Barbara Cartland, tornou-se uma prolífica romancista.

[9](#) Huebner subiu na hierarquia e chegou a general de divisão, tendo comandado a 1ª Divisão de Infantaria dos Estados Unidos na Sicília, na Normandia e no norte da Europa. “Não tenho uma boa recordação dele”, comentou meu revisor americano quando chegou a esse ponto da revisão.

[10](#) SMYTHE, Donald. *Pershing: General of the Armies*. Bloomington: Indiana University Press, 1986, p. 127. Os soldados alemães gritavam “*Kamerad*” quando queriam render-se. O termo significa “camarada”, ainda que muitos soldados britânicos e americanos pensassem que queria dizer “rendo-me”.

[11](#) LIGGETT, Hunter. *AEF: Ten Years Ago in France*. Nova York: Dodd, Mead, 1928.

24. Contra-ataque aliado

[1](#) *Coloca-o ao sol / Com suavidade seu toque um dia despertou-o, / Em casa, com*

o murmúrio dos campos por semear. / Sempre o despertou, mesmo na França, / Até essa manhã e essa neve. / Se alguma coisa o pudesse despertar agora / O velho sol a conheceria. // Pensa em como desperta as sementes / Despertou, um dia, os restos de uma estrela fria. / São os membros, são as extremidades / Com seus nervos, ainda quentes, tão difíceis de despertar? / Foi para isso que a lama cresceu tanto? / — Oh, o que fez trabalhar os fátuos raios de sol / Para interromper o sono da terra? (N. do T.)

[2](#) SMYTHE, Donald. *Pershing: General of the Armies*. Bloomington: Indiana University Press, 1986, p. 141. O artigo do jornal tinha como título “Enfermeira de guerra descreve o encontro de um soldado da Infantaria da Marinha com ‘Black Jack’”.

[3](#) Hamilton Fish desempenhou, mais tarde, um importante papel na fundação da Legião Americana e no estabelecimento de um Monumento ao Soldado Desconhecido nos Estados Unidos. No entreguerras, foi um grande defensor das minorias. Detestava o comunismo, e, nas vésperas da guerra, em 1939, insistiu em que se podia confiar em Hitler. Em 1941, opôs-se veementemente à intervenção americana na Segunda Guerra Mundial. Morreu em 1991, aos 102 anos.

[4](#) O número total de soldados americanos que morreram em ação em 1917 e 1918 chega a 48.909. As vítimas da gripe foram mais de 62 mil.

[5](#) Hemingway descreveu esse episódio em seu romance *Adeus às armas*.

[6](#) Numa explosão acidental em 12 de julho, o couraçado japonês *Kawachi*, de 21.900 toneladas, foi destruído na baía de Tokuyama. Setecentos tripulantes morreram. Dois dias depois, em 14 de julho (Dia da Bastilha), 442 marinheiros e soldados franceses afogaram-se no Mediterrâneo, ao largo da Cirenaica, quando um submarino alemão torpedeou o navio de transporte de tropas *Djemnah*.

[7](#) *Ciência de todos os tempos, a maior das artes do homem / Degradada e prostituída, que o Poder tome a vanguarda, / Enquanto Império, Justiça, Liberdade dormem. / Então químicos, estudantes, artesãos responderam ao cumprimento do Dever; / Nossas armas, nossas artes, nossos gases venenosos / Deram-nos a todos a Liberdade.* (N. do T.)

[8](#) Como resultado de uma informação semelhante dada pelo serviço secreto britânico em 1943, os russos puderam bombardear a posição alemã em torno de Kursk durante várias horas antes do início da terceira grande ofensiva alemã na Segunda Guerra Mundial.

[9](#) SMYTHE, Donald. *Pershing: General of the Armies*. Bloomington: Indiana University Press, 1986, p. 156.

[10](#) Na verdade, Sargent nasceu em Florença, filho de pais americanos. Em janeiro de 1915, havia devolvido à Alemanha sua prezada condecoração Pour le Mérite.

[11](#) A Cruz Vitória foi quase sempre atribuída a um ato específico de bravura. Na

Segunda Guerra Mundial, outro piloto, Leonard Cheshire, recebeu a Cruz Vitória, à semelhança de Mannock, por uma série de ações durante determinado período de tempo. No caso de Cheshire, foi-lhe atribuída devido à sua liderança.

[12](#) À semelhança de MacArthur, outros americanos que participaram dessa contraofensiva foram William J. Donovan (chefe do Departamento de Serviços Estratégicos durante a Segunda Guerra Mundial) e outro dos filhos de Theodore Roosevelt, Theodore Roosevelt Jr. (que seria o único general a desembarcar com a primeira leva de tropas americanas no Dia D). Também estava no setor americano o francês Pierre Teilhard de Chardin, mais tarde um distinto jesuíta, antropólogo e filósofo, que servia como maqueiro e que recebeu a Legião de Honra por sua coragem na frente.

[13](#) Aparentemente, Guttman emigrou para o Canadá depois da chegada de Hitler ao poder.

[14](#) MORGAN, Ted. *FDR: A Biography*. Nova York: Simon and Schuster, 1985, p. 187.

[15](#) Em 1921, Roosevelt foi atingido pela poliomielite. De 1929 a 1933, foi governador do estado de Nova York, e, de 1933 até sua morte em 1945, foi presidente dos Estados Unidos.

[16](#) Em 1944, Leckie, então marechal do ar, serviu como chefe do Estado-Maior da Força Aérea canadense.

[17](#) Os Estados Unidos só reconheceram o Conselho Nacional da Tchecoslováquia em setembro. Apesar de sediado em Paris, o reconhecimento francês do Conselho Nacional da Tchecoslováquia foi adiado até outubro.

[18](#) West falava com William Newton Dunn, membro conservador do Parlamento europeu, e com o biógrafo do tenente-general Sir Trafford Leigh-Mallory, chefe do Esquadrão de Cooperação do Exército em 1918. West, que mais tarde foi adido da Força Aérea britânica na Finlândia, escreveu-me, em 1963, sobre a determinação dos finlandeses em defenderem-se dos russos antes da Segunda Guerra Mundial. “Os finlandeses estavam prontos para lutar e morrer atrás de cada árvore.” West havia recebido a Cruz Vitória um ano depois da independência da Finlândia em relação à Rússia.

25. Mudança da maré

[1](#) Duff Cooper tinha 18 anos. Em 1928, quando foi primeiro lorde do Almirantado no Gabinete de Neville Chamberlain, exonerou-se em protesto pela assinatura do Pacto de Munique. Nos primeiros dias da administração de Churchill, foi ministro da Informação. Em 1944, depois de servir como representante britânico no Comitê Nacional de Libertação da França, foi embaixador da Grã-Bretanha na França.

2 Quando estiver concluída a última longa caminhada, / E estiver cheia a última longa trincheira, / Vou pegar um barco para Dover, / Para longe de todo o barulho; / Farei um passeio em Mendip, / Verei as colinas de Wiltshire, / E mergulharei toda a minha alma / Numa paz que nada afogará. / Longe do barulho da batalha / Longe de bombas e granadas / Repousarei onde pasta o gado, / Ou colherei as flores púrpuras; / Eu me deitarei entre as urzes; / E contemplarei a planície distante, / Durante todo o tempo de estio, / E nunca voltarei a combater. (N. do T.)

3 Como comandante de tanques na Segunda Guerra Mundial, Patton recebeu as mais altas honras militares na Tunísia e na Sicília. Em 1944, comandou o 3º Exército dos Estados Unidos, que avançou na Bretanha, contornou Paris, ao longo do Marne, através da região onde tinha lutado em 1918, e seguiu ao longo do Reno, através do norte da Baviera, até a Tchecoslováquia. De maio a outubro de 1941, foi governador militar da Baviera. Morreu após a colisão de seu Cadillac com um caminhão militar em dezembro de 1945.

4 GULLETT, H. S.; BARRETT, Chas. *Australia in Palestine*. Sydney: Angus and Robertson, 1919, p. 36.

5 Nesse mesmo dia, na frente de Salonica, foram mortos mais de setecentos soldados búlgaros quando foram atacados pela Força Aérea britânica ao tentarem escapar para a Bulgária através do desfiladeiro de Kosturino.

6 SMYTHE, Donald. *Pershing: General of the Armies*. Bloomington: Indiana University Press, 1986, p. 195.

7 Em 1948, Truman foi eleito presidente dos Estados Unidos. Em 1945, ascendera à presidência por morte de Roosevelt, sendo seu vice-presidente.

8 GULLETT, H. S.; BARRETT, Chas. *Australia in Palestine*. Sydney: Angus and Robertson, 1919, p. 47.

9 WHELLER-BENNETT, John. *Hindenburg: The Wooden Titan*. Londres: Macmillan, 1936, p. 168.

26. Colapso das Potências Centrais

1 OLSON, Stanley. *John Singer Sargent*. Londres: Macmillan, 1986, p. 261. Tonks pintou dois quadros nessa ocasião: *Dispensário subterrâneo em Arras* e *Dispensário avançado na França* (que inclui uma fila de homens cegados pelo gás de mostarda, possivelmente uma das filas da pintura de Sargent). As duas pinturas de Tonks e a obra *Gassed*, de Sargent, estão no Museu Imperial da Guerra.

2 Foi em Lublin, em junho de 1944, que a União Soviética estabeleceu um Comitê Polonês de Libertação Nacional, dominado pelos comunistas (conhecido como “Poloneses de Lublin”). Esse comitê foi rejeitado pelos Aliados ocidentais como futuro governo da Polônia, mas, no fim do ano, foram forçados a aceitá-lo.

[3](#) Vinte e dois anos depois, Brooke, então comandante de um exército, esteve no mesmo local durante o rápido avanço alemão para Dunquerque. Ao reler seus comentários de 1918, escreveu: “As pedras mantiveram-se silenciosas. Estávamos no início da Segunda Guerra Mundial.”

[4](#) *Maldigo o destino que nos enviou / uma espécie torturada na torrente da vida / com a alma exposta às praias insensatas / e à negra descida da morte. // O mundo está inundado de lágrimas / e deixa cair sua lânguida vida / em compaixão. // Mas a morte é bela no orgulho: as árvores / são lanças douradas cujo valente movimento / assalta a tristeza do dia.* (N. do T.)

[5](#) SMYTHE, Donald. *Pershing: General of the Armies*. Bloomington: Indiana University Press, 1986, p. 214.

[6](#) Em 1994, o equivalente seria um pouco mais de 10 bilhões de libras.

[7](#) CROSSE, E. C. *The Defeat of Austria as seen by the 7th Division*. Londres: H. F. W. Deane, 1919, pp. 25-26.

[8](#) À semelhança de Kemal, Nuri graduou-se na Escola do Estado-Maior de Constantinopla. Em 1922, tornou-se ministro da Defesa do governo do Iraque e foi várias vezes primeiro-ministro. Pró-britânico e anticomunista, foi assassinado pelo povo em 1958.

[9](#) EM MEMÓRIA DE VALENTES CAMARADAS. (N. do T.)

[10](#) A Eslováquia tentou duas vezes conseguir seu estatuto de soberania no século XX: de 1939 a 1945, como sátrapa da Alemanha nazista, e em 1º de janeiro de 1993, quando se separou do Estado da Tchecoslováquia pós-1945, na sequência da queda do comunismo.

[11](#) Em 1919, a Rutênia estava incorporada na Tchecoslováquia. Em 1939, foi anexada pela Hungria e, em 1944, pela União Soviética. Em 1991, tornou-se a parte mais ocidental da Ucrânia independente. Até o momento em que este livro foi escrito, não tinha conseguido sua independência.

[12](#) Dalton, na época tenente de artilharia, foi um importante político do Partido Trabalhista britânico, membro do segundo Gabinete de Guerra de Churchill e chanceler do Tesouro no governo trabalhista pós-1945.

[13](#) *Ouviam-se vozes de rapazes à beira do rio / Embalava-os o sono e deixava triste o crepúsculo. / A sombra da manhã pesava sobre os homens.* (N. do T.)

[14](#) *Deverá a vida renovar / Esses corpos? / De uma verdade / Anulará toda a morte.* (N. do T.)

[15](#) No original: PEACE: FIGHTNIG ENDS. A razão da grafia incorreta é explicada imediatamente no texto. (N. do T.)

[16](#) É atualmente o hino dos Estados Unidos, mas não o era oficialmente em novembro de 1918, apesar de o presidente Woodrow Wilson tê-lo declarado hino

nacional americano em 1916 e de ser abundantemente cantado e tocado em ações do Exército e da Marinha. Francis Scott Key escreveu o hino em 1814 para comemorar uma vitória sobre os britânicos, nos Estados Unidos, na Guerra de 1812. A letra foi arranjada de modo a “encaixar-se” na música inglesa (“To Anacreon in Heaven”, talvez de John Stafford Smith, da Anacreontic Society, que ainda existe), e, em sua origem, a canção estava bem longe de vir a ser um hino nacional. Tornou-se oficialmente o hino dos Estados Unidos por decisão do Congresso em 1931. (N. do T.)

27. O armistício final

1 “*Der Fahneneid ist jetzt nur einde Idee.*”

2 O comandante do UB-50, capitão Kukat, ficou famoso por ter aceitado dois jovens camelos como presente da tribo senussi na Líbia em 1916, tendo-os transportado na sala de minas de seu submarino, ao longo do Mediterrâneo, para o porto austríaco de Pula, onde se tornaram uma sensação no jardim zoológico local.

3 SMYTHE, Donald. *Pershing: General of the Armies*. Bloomington: Indiana University Press, 1986, p. 232.

4 BUCHAN, John, *The King's Grace, 1910-1935*. Londres: Hodder and Stoughton, 1935, p. 203.

5 Shirer foi mais tarde jornalista e presenciou o triunfo do nazismo na Alemanha, tendo depois escrito sua história em *Ascensão e queda do Terceiro Reich*. Morreu em 1993, aos 89 anos de idade.

6 *Houve anos de paixão – quentes, frios, / E muito Desespero, e Ira erguendo-se alto, / O Cuidado vigilante, as diversas Mágoas, / Entre os jovens, entre os fracos e velhos, / E o pensativo Espírito de Piedade a sussurrar: “Por quê?” // Os homens não se detiveram para responder. Os inimigos consternados / Perfuraram os povos diminuídos numa cegueira de quase feras, / Filosofias que os sábios há muito ensinaram, / E o Desinteresse eram como um pensamento desconhecido, / E “Inferno!” e “Obus!” eram gritados com amor e bondade. // Veio a calma. Os céus destilaram clemência; / Houve paz na terra e silêncio nos céus; / Alguns puderam, alguns não, afastar o sofrimento: / O Espírito Sinistro resmungou: “Tinha de ser!” / E de novo o Espírito de Piedade sussurrou: “Por quê?”* (N. do T.)

28. Construção da paz e memórias

1 Unida novamente sob um governo comunista em 1945, a Iugoslávia separou-se em seus componentes em 1991, quando a Croácia declarou novamente sua independência, seguida por Eslovênia, Bósnia e Macedônia.

2 Eu estava em Lviv, em outubro de 1991, no dia em que mudaram os nomes de

ruas dessa então cidade ucraniana, e vi as placas da rua Rosa Luxemburgo serem retiradas e substituídas por rua da Catedral.

3 Entre as menos comuns placas de ruas em Londres, há uma afixada no edifício que agora ocupa o local onde esteve o hotel Carlton (perto de Haymarket), que recorda que Ho Chi Minh trabalhou ali. Em seus tempos, o hotel era um dos locais preferidos de Lloyd George e Winston Churchill. O edifício foi destruído por uma bomba alemã durante a Segunda Guerra Mundial.

4 *Já esqueceu? / Baixe a cabeça e jure pelos que caíram na guerra que nunca esquecerá. // Lembra-se dos meses sombrios em que defendeu a linha em Mametz... / Das noites em que vigiou e pôs arame e cavou e pôs sacos de areia nos parapeitos? / Lembra-se dos ratos e do cheiro / De cadáveres apodrecendo diante da trincheira da linha de frente... / E a madrugada chegando, num branco sujo, e o frio com uma chuva sem esperanças? / Alguma vez parou e perguntou “Vai tudo isso acontecer novamente?” // Lembra-se da hora de estrondo antes do ataque... / E a raiva, a cega compaixão que se apoderou de você e o fez tremer / Enquanto perscrutavas os rostos condenados e exaustos dos seus homens? / Lembra-se das macas recolhendo corpos ao abandono / Com olhos moribundos e cabeças pendentes... Aquelas cinzentas / Máscaras dos rapazes que tinham sido animados e gentis e alegres? // Já esqueceu? (...) / Levante a cabeça e jure pelo verde da primavera que nunca esquecerá. (N.T.)*

5 As principais potências aliadas eram Estados Unidos, império britânico, França, Itália e Japão. As potências associadas eram encabeçadas por Bélgica, Portugal e Romênia. Os países restantes que tinham declarado guerra à Alemanha eram Bolívia, Brasil, Tchecoslováquia, China, Cuba, Equador, Grécia, Guatemala, Haiti, Hedjaz, Honduras, Libéria, Nicarágua, Panamá, Peru, Polônia, Estado servo-croata-esloveno (Iugoslávia), Sião e Uruguai.

6 Possivelmente por lapso, falta o penúltimo verso no original. *Esses são nossos filhos que morreram pelas nossas terras: / Eram queridos aos nossos olhos. / Restam apenas a memória de suas casas // Palavras e risos para nós preciosos. / O preço da nossa perda será pago em nossas mãos / Sem mais adiantamentos / [Nem estrangeiro nem padre decidirá] / Temos esse direito. (N. do T.)*

7 Em sua forma polonesa, Kraków e Lwów.

8 *Isso será erguido em nosso mercado / Quem venderá, quem comprará / (Mentiremos, você ou eu / um para o outro com mais graça)? / Ao olhar para o rosto de cada meretriz e de cada charlatão / Enquanto fazem seus negócios, está o Rosto / De Deus: e um rosto jovem, lastimoso, assassinado. (N. do T.)*

9 *Saul matou milhares / Mas Davi, dezenas de milhares. (N. do T.)*

10 NICOLSON, Harold. *Peacemaking 1919*. Londres: Constable, 1933, p. 207.

29. “... em memória dessa grande companhia”

[1](#) Não cessou, porém, o sofrimento humano. A fome na Ucrânia foi seguida pelas ações de Stálin e pelo assassinato e deportação de milhões de russos para a Sibéria.

[2](#) MOSSE, George L. *Fallen Soldiers: Reshaping the Memory of the World Wars*. Oxford: Oxford University Press, 1990, p. 97.

[3](#) Esses leões estão agora em Camberra, na Austrália.

[4](#) *Nada de novo no front*, realizado por Lewis Milestone, foi um dos primeiros filmes falados e, como comentou o historiador de cinema Barry Norman, o primeiro grande filme antibelicista: “(...) não faz qualquer concessão à exigência do público de um final feliz, nem deve fazer, pois a guerra não tem um final feliz (...) Na última cena, um soldado que estica um braço para apanhar uma borboleta um segundo antes de ser atingido mortalmente por uma bala do inimigo, continua sendo um dos mais vívidos e inesquecíveis momentos do cinema.” O filme ganhou duas estatuetas do Oscar, por melhor filme e por melhor diretor. A estrela, Lew Ayres, tornou-se um objeto de consciência na Segunda Guerra Mundial.

[5](#) Os cemitérios inaugurados na França foram: Aisne-Marne (em Belleau), Flandres Foelds (Waregem), Meuse-Argonne (Romagne), Oise-Aisne (Fère-en-Tardenois), Somme (Bony) e Saint-Mihiel (Thiaucourt). O cemitério na Grã-Bretanha situava-se em Brookwood, onde foram sepultados 468 militares americanos que morreram na Grã-Bretanha. Entre esses, muitos ficaram feridos com gravidade enquanto eram transportados para a Grã-Bretanha, onde morreram devido aos ferimentos, alguns em 1919 e 1920.

[6](#) Um dos dois filhos do conde De La Warr, Thomas Sackville, foi considerado desaparecido, estando presumivelmente morto, após uma operação aérea em 1943. Tinha 20 anos de idade.

[7](#) *Querido filho de Ann Barber / Seu pai morto em combate / 1918 está enterrado em Condé / Nós o recordamos*. (N. do T.)

Bibliografia

[1](#) A cadeia de montanhas de Pélion fica na Tessália Oriental. Segundo uma fábula grega, os Titãs ergueram o monte Ossa no topo do Pélion para chegarem ao céu e destronar Zeus, num “empreendimento tenaz que não teve êxito”, comenta a *Nutall Encyclopaedia*.

Índice remissivo

A

Aaronsohn, Alex [412](#)

Aaronsohn, Sarah [291](#), [490](#)

Abd al-Hamid al-Zahrawi [333](#)

Abdul Hamid [27](#)

Abdullah [127](#); emir [698](#)

Ácaba [28](#), [152](#)

Acordo da Ferrovia de Bagdá [37](#)

Acordos de Locarno [702](#)

Adams, Harry J. [608](#)

A. E. Housman [23](#)

Afeganistão [28](#), [192](#), [697](#)

África [29](#), [32](#), [34](#), [61](#), [62](#), [71](#), [87](#), [98](#), [127](#)

África do Sul [413](#), [444](#), [673](#), [715](#), [743](#)

África Ocidental [200](#)

Ahmed, Mohamed [484](#)

Ahmed Arif al-Husseini [333](#)

Aidan Chavasse [475](#)

Alan Palmer [12](#)

Albânia [31](#), [32](#), [33](#)

Albert Frank Barclay Bridges [717](#)

Alec de Candole [606](#)

Alemanha [11](#), [18](#), [21](#), [22](#), [24](#), [25](#), [27](#), [28-33](#), [35-38](#), [42](#), [43](#), [45](#), [46](#), [47](#), [49](#), [51](#), [53-64](#), [68](#), [71](#), [73](#), [75](#), [78](#), [79](#), [80](#), [82](#), [98](#), [99](#), [112](#), [117](#), [119](#), [126](#), [127](#), [131](#), [132](#), [147](#), [149](#), [152-155](#), [157](#), [158](#), [161](#), [179](#), [180](#), [182](#), [183](#), [184](#), [194](#), [198](#), [200](#), [205](#), [218](#), [219](#), [222](#), [228](#), [240](#), [246](#), [249](#), [259](#), [260](#), [267](#), [296](#), [299](#), [303](#), [304](#), [310](#), [314](#), [315](#), [316](#),

[325](#), [330](#), [334](#), [335](#), [348](#), [372](#), [375](#), [377](#), [389](#), [395](#), [400](#), [404](#), [409](#), [411](#), [412](#), [413](#), [416](#), [417](#), [418](#), [423](#), [428](#), [430](#), [431](#), [437](#), [441](#), [442](#), [448](#), [455](#), [459](#), [462](#), [467](#), [468](#), [470](#), [492](#), [515](#), [520](#), [522](#), [524](#), [526-530](#), [532](#), [534](#), [536](#), [538-541](#), [551](#), [562](#), [563](#), [564](#), [566](#), [572](#), [576](#), [584](#), [585](#), [598](#), [599](#), [601](#), [602](#), [607](#), [614](#), [618](#), [619](#), [621](#), [623](#), [626](#), [629](#), [630](#), [634](#), [637](#), [638-642](#), [644](#), [645](#), [648](#), [655](#), [657-662](#), [666](#), [668](#), [669](#), [671](#), [672](#), [673](#), [675](#), [676](#), [678](#), [679](#), [681](#), [682](#), [684-688](#), [690](#), [691](#), [692](#), [693](#), [695](#), [696](#), [700](#), [702](#), [703](#), [707](#), [708](#), [709](#), [711-714](#), [736](#), [738](#), [740](#), [746](#), [750](#), [755](#), [758](#), [763](#), [764](#), [766](#), [770](#), [773](#), [774](#), [775](#)

Alepo [192](#), [232](#), [291](#), [294](#)

Alexandreta [192](#)

Alexeiev; general [398](#), [426](#), [441](#), [448](#), [477](#), [517](#)

al-Faruqi, Muhammed Sharif [293](#)

Alfred Joubaire [340](#)

Alfred Leete [109](#)

Alfred von Schlieffen [28](#), [56](#)

Aliança Mundial para a Promoção da Amizade

Internacional pelas Igrejas [63](#)

Alistair Hardy [16](#)

Alistair Horne [177](#)

A Listening Post [433](#)

al-Khalil, Abd al-Karim [293](#)

Allen, Clifford [97](#), [230](#), [291](#), [380](#), [445](#), [452](#), [529](#), [602](#), [612](#), [715](#)

Allenby; general [94](#), [95](#), [434](#), [435](#), [438](#), [439](#), [452](#), [463](#), [497](#), [498](#), [504](#), [505](#), [519](#), [523](#), [538](#), [572](#), [615](#), [616](#), [622](#), [623](#), [633](#), [642](#)

Almirantado [48](#), [52](#), [64](#), [126](#), [136](#), [158](#), [168](#), [192](#), [200](#), [219](#), [220](#), [227](#), [228](#), [239](#), [277](#), [313](#), [314](#), [343](#), [443](#), [643](#), [736](#), [741](#), [771](#)

almirante Müller [30](#)

Alsácia [21](#), [24](#), [61](#), [64](#), [79](#), [84](#), [171](#), [418](#), [527](#), [586](#), [626](#), [630](#), [661](#), [680](#)

al-Said, Nuri [642](#)

Altwater; almirante [492](#), [516](#), [517](#)

Anatólia [29](#), [192](#), [193](#), [213](#), [233](#), [332](#), [337](#), [378](#), [423](#), [528](#), [538](#), [642](#), [648](#), [697](#), [698](#), [701](#), [765](#)

Andenne [72](#)

Andrew Bonar Law [498](#)

Angell, Norman [35](#), [46](#), [676](#)

anjo de Mons [226](#)

Antheuil-Portes [575](#), [603](#)

Anthony Eden [16](#)

Antuérpia [72](#), [73](#), [83](#), [122](#), [123](#), [128](#), [129](#), [130](#), [131](#), [135](#), [214](#), [222](#), [249](#), [564](#), [637](#), [740](#)

A. P. Herbert [236](#)

Apollinaire, Guillaume [660](#)

A. P. White [12](#)

Arábia [194](#), [329](#), [346](#), [413](#), [422](#), [623](#), [707](#)

Arbeiter Zeitung [639](#)

Arco do Triunfo [15](#)

Arco-Valley, Anton; conde [676](#)

Aristide Briand [347](#)

Armênia [192](#), [201](#), [245](#), [378](#), [528](#), [563](#), [697](#), [701](#), [753](#)

Armes, R. J.; capitão [169](#)

Arnold Thompson [301](#)

Arnold Toynbee [12](#)

arquiduque Karl [407](#)

Arthur James Webb [174](#)

Arthur Moore [100](#), [104](#)

Aspinall-Oglander [14](#); comandante [254](#), [263](#)

Asquith [48](#), [50](#), [66](#), [106](#), [126](#), [128](#), [130](#), [141](#), [153](#), [173](#), [175](#), [178](#), [198](#), [227](#), [228](#), [246](#), [290](#), [295](#), [306](#)

Atenas [17](#), [176](#), [409](#)

Atkinson [166](#)

Attlee; capitão [289](#), [292](#), [311](#), [312](#)

August Bebel [24](#)

Auschwitz [711](#), [741](#), [742](#), [767](#)

Austrália [413](#), [444](#), [622](#), [656](#), [673](#), [701](#), [715](#), [776](#)

Áustria [12](#), [18](#), [25](#), [26](#), [27](#), [30](#), [31](#), [32](#), [33](#), [35](#), [37](#), [38](#), [41](#), [43](#), [44](#), [45](#), [46](#), [47](#), [48](#), [49](#), [50](#), [51](#), [52](#), [53](#), [54](#), [56](#), [57](#), [60](#), [62](#), [63](#), [70](#), [74](#), [75](#), [76](#), [80](#), [83](#), [118](#), [132](#), [152](#), [156](#), [160](#), [161](#), [174](#), [179](#), [201](#), [213](#), [231](#), [245](#), [246](#), [280](#), [306](#), [343](#), [382](#), [398](#), [407](#), [412](#), [413](#), [414](#), [418](#), [430](#), [437](#), [447](#), [448](#), [455](#), [466](#), [468](#), [480](#), [491](#), [515](#), [520](#), [524](#), [526](#), [527](#), [528](#), [529](#), [539](#), [540](#), [551](#), [558](#), [562](#), [572](#), [585](#), [600](#), [605](#), [621](#), [629](#), [636](#), [638](#), [644](#), [646](#), [647](#), [655](#), [668](#), [670](#), [671](#), [682](#), [685](#), [688](#), [692](#), [696](#), [702](#), [714](#), [740](#)

Áustria-Hungria [192](#), [213](#)
Averianov; general [386](#)
Avetik Isahakian [233](#)
Aylmer [234](#), [313](#), [322](#), [373](#)

B

Bach [148](#)
Bachmann [246](#)
Baçorá [192](#), [194](#), [198](#), [289](#), [290](#), [336](#)
Badoglio [378](#)
Baedeker [26](#)
Bagdá [192](#), [277](#), [285](#), [289](#), [290](#), [329](#), [336](#), [337](#), [376](#), [422](#), [428](#), [505](#), [617](#)
Bailey, George; segundo-tenente [89](#)
Bairnsfather, Bruce [169](#), [170](#)
Baker, Newton D. [482](#), [490](#), [535](#); sargento [403](#), [626](#)
Bálcãs [24](#), [30](#), [31](#), [32](#), [35](#), [152](#), [160](#), [383](#), [419](#), [446](#), [447](#), [478](#), [562](#), [605](#), [614](#)
Baldwin, A. H. [253](#)
Balfour, Arthur [228](#); lorde [500](#), [528](#), [674](#), [698](#)
Ball, Albert [396](#), [757](#)
Ballhausplatz [12](#)
Balsley [347](#)
barão Conrad von Hötzenndorf [27](#), [42](#)
barão de Rothschild [111](#)
Barbade; general [115](#)
Barber, Francis [561](#), [717](#), [777](#)
Bark, Peter [283](#)
Batalha da Jutlândia [17](#), [342](#), [343](#)
Batalha das Colinas de Aubers [223](#), [225](#), [229](#), [264](#)
Batalha das Nações [32](#)
Batalha das Pedreiras [494](#)
Batalha de Arras [435](#), [436](#), [446](#), [716](#), [743](#)
Batalha de Cambrai [508](#), [511](#), [512](#), [631](#)
Batalha de Dujaila [717](#)

Batalha de Hanna [311](#), [312](#)
Batalha de Isandlwana [22](#)
Batalha de Karakilise [563](#)
Batalha de Kolomea [348](#)
Batalha de Krithia [237](#)
Batalha de Le Cateau [106](#)
Batalha de Limanowa [156](#)
Batalha de Loos [264](#), [274](#), [275](#), [276](#), [278](#), [306](#)
Batalha de Mametz [353](#)
Batalha de Mons [204](#), [689](#)
Batalha de Naroch [324](#)
Batalha de Neuve Chapelle [224](#)
Batalha de Passchendaele [505](#)
Batalha de Saint-Mihiel [609](#)
Batalha de Sedan [22](#)
Batalha de Shaiba [199](#)
Batalha de Soissons [180](#)
Batalha de Tannenberg [82](#)
Batalha de Tel el Khuweilfeh [504](#)
Batalha de Wadi [311](#)
Batalha de Ypres [226](#), [229](#), [231](#)
Batalha do Ancre [403](#), [459](#)
Batalha do Isonzo [281](#), [282](#)
Batalha do Jadar [83](#)
Batalha do Kosovo [40](#)
Batalha do Lys [551](#), [558](#), [758](#)
Batalha do Marne [17](#), [108](#), [110](#), [124](#), [131](#), [402](#)
Batalha do Somme [296](#), [338](#), [339](#), [350](#), [353](#), [356](#), [358](#), [359](#), [364](#), [374](#), [380](#), [405](#), [715](#),
[716](#)
Batalhão de Estudantes [324](#)
Batalhão Feminino da Morte [464](#)
Batalhão Hood [235](#)
batalhas do Marne [103](#)
Battenberg, Maurice de; príncipe [143](#), [144](#)

Baucq, Philippe [278](#)

Baumgartner-Tramer, Franziska; dra. [154](#)

Baviera [61](#), [64](#), [80](#), [130](#)

Beaverbrook; lorde [591](#)

Bécourt; capitão [90](#)

Bedzin [61](#)

Beethoven [147](#)

Bélgica [56](#), [60](#), [61](#), [62](#), [64](#), [65](#), [72](#), [74](#), [83](#), [87](#), [88](#), [99](#), [105](#), [106](#), [107](#), [114](#), [119](#), [122](#), [128](#), [131](#), [132](#), [135](#), [136](#), [138](#), [147](#), [221](#), [238](#), [240](#), [267](#), [278](#), [291](#), [302](#), [315](#), [323](#), [336](#), [371](#), [384](#), [413](#), [451](#), [470](#), [476](#), [492](#), [527](#), [561](#), [564](#), [614](#), [630](#), [634](#), [637](#), [655](#), [661](#), [668](#), [673](#), [674](#), [680](#), [685](#), [696](#), [702](#), [705](#), [706](#), [709](#), [712](#), [715](#), [740](#), [745](#), [759](#), [768](#), [775](#)

Belgrado [13](#), [17](#), [32](#), [33](#), [41](#), [44](#), [46](#), [47](#), [48](#), [49](#), [50](#), [51](#), [53](#), [160](#), [409](#), [431](#), [468](#), [612](#), [629](#), [649](#), [670](#)

Bell Davies, Richard [180](#), [288](#)

Berchtold; conde [42](#), [44](#), [45](#), [49](#), [50](#), [54](#), [75](#)

Berlim [17](#), [18](#), [26](#), [28](#), [29](#), [31](#), [33](#), [36](#), [37](#), [39](#), [42](#), [43](#), [44](#), [46](#), [48](#), [50](#), [52](#), [54-57](#), [59-64](#), [68](#), [70](#), [77](#), [78](#), [100](#), [133](#), [147](#), [164](#), [172](#), [179](#), [197](#), [200](#), [202](#), [220](#), [232](#), [246](#), [259](#), [285](#), [291](#), [303](#), [310](#), [317](#), [337](#), [347](#), [372](#), [373](#), [376](#), [389](#), [394](#), [413](#), [416](#), [417](#), [429](#), [431](#), [466](#), [491](#), [529](#), [534](#), [544](#), [563](#), [585](#), [602](#), [604](#), [605](#), [606](#), [617](#), [625](#), [629](#), [634](#), [638](#), [641](#), [648](#), [650](#), [654](#), [655](#), [657](#), [658](#), [659](#), [661](#), [668](#), [672](#), [684](#), [692](#), [700](#), [703](#), [708](#), [709](#), [736](#), [750](#), [755](#), [757](#), [764](#), [766](#)

Berliner Tageblatt [56](#)

Bernard Pitt [320](#), [327](#), [328](#)

Bernard Shaw [236](#), [246](#)

Berndt; comandante [71](#)

Bernhardi [22](#)

Bernsdorff; conde [416](#)

Bert Crowle [381](#)

Bertrand Russell [246](#), [344](#)

Beseler; general [131](#), [249](#), [462](#)

Best, Elston [459](#)

Bethlehem Steel [158](#), [232](#)

Bethmann-Hollweg, Theobald von [30](#), [32](#), [37](#), [43](#), [44](#), [54](#), [55](#), [60](#), [61](#)

Bielorrússia [537](#)

Billy Bishop [427](#)
bin Ali, Hussein [293](#), [346](#), [642](#)
Binyon, Laurence [126](#)
Birdwood; general [208](#), [284](#), [288](#)
Birkenhead; lorde [547](#)
Bismarck, Otto von [21](#), [33](#), [88](#), [148](#)
Bissing; barão [240](#)
Bitsenko, Anastasiya [516](#)
Bloem, Walter [80](#), [88](#), [92](#), [96](#)
Blundell, Richard [482](#)
Bochkareva, Maria [442](#), [464](#), [465](#), [762](#)
Boddy, J. A. V.; tenente [510](#)
Boêmia [49](#), [156](#)
bolcheviques [15](#), [69](#), [154](#), [156](#)
Bolonha-sobre-o-Mar [185](#), [226](#), [457](#), [459](#), [546](#)
Bolz; tenente [211](#)
Bombaim [17](#), [153](#)
Bonar Law, James [498](#)
Bordeaux, Paul [102](#), [115](#); general [499](#)
Borden, Robert [245](#), [259](#), [306](#), [579](#), [586](#)
Boroević, Svetozar [578](#)
Bósforo [195](#)
Bósnia [19](#), [26](#), [32](#), [38](#), [39](#), [40](#), [41](#), [46](#), [47](#)
bosque de Foureaux (High Wood) [383](#), [387](#)
bosque Hugo [273](#), [274](#)
Boustead, Hugh [706](#)
Boyd; segundo-tenente [111](#)
Bradbury, E. K.; capitão [102](#)
Brand Whitlock [371](#)
Bridou; sargento [79](#)
Brittain, Vera [203](#), [241](#), [264](#), [275](#), [297](#), [343](#), [352](#), [353](#), [358](#), [437](#), [438](#), [454](#), [457](#), [513](#),
[552](#), [576](#), [577](#), [664](#), [686](#), [704](#), [706](#)
Brockdorff-Rantzau; conde [675](#)
Brody [15](#)

Brooke, Alan [432](#), [496](#), [631](#), [646](#), [664](#)

Brooke, Basil [263](#), [264](#)

Brooke, Rupert [129](#), [131](#), [196](#), [350](#)

Brown Roy; capitão [554](#); Percy [184](#); sargento [403](#)

Browne, D. G.; capitão [507](#)

Broz, Josip (Tito) [196](#)

Bruchmüller, Georg [216](#)

Brunner, F. W.; major [254](#)

Brusilov, Aleksei; general [82](#), [196](#), [197](#), [201](#), [267](#), [324](#), [343](#), [344](#), [345](#), [346](#), [371](#), [375](#), [376](#), [386](#), [399](#), [426](#), [448](#), [460](#), [461](#), [469](#), [477](#)

Bruxelas [17](#), [60](#), [65](#), [74](#), [75](#), [83](#), [84](#), [87](#), [102](#), [105](#), [122](#), [123](#), [129](#), [222](#), [277](#), [278](#), [371](#), [372](#), [409](#), [413](#), [564](#), [686](#)

Bucareste [383](#), [409](#), [537](#), [562](#)

Buchan, John [663](#), [743](#)

Buchanan, Meriel [424](#), [501](#)

Buchanan, Sir George [59](#)

Budapeste [17](#), [42](#), [49](#), [83](#), [407](#), [409](#), [431](#), [514](#), [524](#), [576](#), [638](#), [647](#), [651](#), [694](#), [700](#), [738](#)

Bulgária [32](#), [63](#), [178](#), [179](#), [192](#), [193](#), [195](#), [198](#), [246](#), [280](#), [281](#), [294](#), [377](#), [409](#), [413](#), [437](#), [538](#), [562](#), [613](#), [614](#), [619](#), [620](#), [629](#), [637](#), [643](#), [688](#), [714](#), [750](#), [772](#)

Bullets & Billets [169](#)

Bülow [72](#), [85](#), [87](#), [114](#)

Bureau Socialista Internacional [69](#)

Burg [183](#)

Burian; barão [540](#), [605](#)

Burman, W.; sargento [485](#)

Burns, John [49](#)

Byng; general [439](#), [507](#), [508](#), [509](#), [510](#), [513](#), [765](#), [766](#); Sir Julian [263](#), [264](#), [284](#), [289](#)

C

cabo Helles [199](#), [206](#), [208](#), [210](#), [211](#), [212](#), [213](#), [214](#), [226](#), [236](#), [237](#), [243](#), [251](#), [292](#), [294](#), [301](#), [302](#), [308](#), [309](#)

Cadorna; general [447](#), [761](#)

Cairo [235](#), [261](#), [293](#), [294](#), [403](#), [412](#), [439](#), [463](#)

Câmara dos Comuns [23](#), [47](#), [295](#), [306](#), [340](#), [438](#), [467](#), [472](#), [522](#), [547](#), [695](#), [756](#)

Câmara dos Lordes [245](#), [276](#)
Cambrai [390](#), [507](#), [508](#), [509](#), [511](#), [513](#), [520](#), [540](#), [543](#), [618](#), [623](#), [631](#)
Campbell; comandante [420](#)
Campo de Cadáveres de Loos [274](#)
Canadá [35](#), [120](#), [226](#), [227](#), [306](#), [388](#), [413](#), [433](#), [435](#), [448](#), [505](#), [552](#), [581](#), [591](#), [680](#), [714](#), [746](#), [770](#)
canal da Mancha [50](#), [60](#), [62](#), [74](#), [115](#), [131](#), [137](#), [148](#), [161](#), [182](#), [218](#), [530](#), [542](#), [546](#), [547](#), [560](#), [614](#), [621](#), [624](#)
canal de Suez [180](#), [183](#), [187](#), [293](#), [376](#)
Candidatura do Sufrágio Feminino [401](#)
Capper [352](#)
Carcóvia [399](#), [517](#), [559](#)
Carey, G. V.; tenente [247](#), [248](#)
Carol Awdry; segundo-tenente [95](#)
Cárpatos [196](#), [201](#), [216](#), [230](#), [231](#), [343](#), [370](#), [383](#), [462](#)
Carpenter; capitão [556](#), [557](#)
Carstairs, Carroll [653](#), [654](#), [676](#)
Cartier; coronel [239](#)
Cartland, Bertram [567](#), [768](#)
Casement, Sir Roger [119](#), [164](#), [330](#)
Catarina, a Grande [24](#), [37](#), [266](#)
Cavell, Edith [74](#), [87](#), [278](#), [680](#)
C. C. Davies [12](#)
C. E. W. Bean [364](#)
Chamberlain, Neville [410](#), [711](#), [758](#), [771](#)
Champagne [178](#), [185](#), [270](#), [271](#), [275](#), [277](#), [279](#), [281](#), [282](#), [296](#)
Champs-Élysées [63](#)
Chanak [193](#), [198](#), [199](#), [214](#)
Chapman, Guy [403](#), [757](#); Victor [170](#)
Charles de Gaulle [72](#)
Charles Delvert [340](#)
Charles Feversham [396](#)
Charles Sorley [278](#), [279](#)
Charleville [197](#), [334](#)

Charteris; general [190](#), [205](#), [225](#)

Chater, Dougan [170](#)

Chavasse, Noel [386](#), [475](#), [763](#)

Chenstokhov [61](#)

China [22](#), [148](#), [420](#), [686](#), [691](#), [775](#)

Christopher Chavasse [475](#)

Chunuk Bair [12](#), [206](#), [207](#), [208](#), [210](#), [243](#), [250](#), [252](#), [253](#), [254](#), [261](#)

Churchill [14](#), [16](#), [17](#), [18](#), [23](#), [24](#), [29](#), [31](#), [34](#), [48](#), [50](#), [51](#), [55](#), [78](#), [94](#), [106](#), [126](#), [129](#), [135](#), [136](#), [153](#), [158](#), [161](#), [162](#), [164](#), [168](#), [173](#), [175](#), [387](#), [409](#), [438](#), [470](#), [506](#), [521](#), [534](#), [535](#), [538](#), [543](#), [548](#), [549](#), [550](#), [555](#), [559](#), [575](#), [600](#), [601](#), [665](#), [666](#), [692](#), [695](#), [696](#), [700](#), [742](#), [744](#), [745](#), [750](#), [771](#), [773](#), [775](#); Winston [178](#), [191](#), [192](#), [194](#), [195](#), [226](#), [228](#), [232](#), [236](#), [255](#), [256](#), [258](#), [259](#), [276](#), [288](#), [289](#), [306](#), [307](#), [313](#), [314](#), [324](#), [325](#), [340](#), [343](#)

Cidade do Cabo [17](#)

Cidade Santa [14](#)

Claridge [367](#)

Clayton; capitão [210](#), [294](#); Gilbert [294](#)

Clemenceau [482](#), [506](#), [507](#), [548](#), [549](#), [560](#), [561](#), [569](#), [573](#), [574](#), [603](#), [610](#), [614](#), [620](#), [639](#), [645](#), [671](#), [678](#), [679](#), [690](#), [708](#)

Cohen, Israel [400](#), [401](#)

colina Cimitarra [254](#), [261](#), [262](#), [263](#)

Collins; cabo [497](#)

Comissão de Sepulturas de Guerra [408](#), [439](#), [567](#), [698](#), [699](#), [706](#), [710](#)

Comitê Internacional da Cruz Vermelha [405](#)

Comitê Militar Revolucionário Bolchevique [501](#)

Comuna [22](#)

conde Moltke [30](#), [36](#)

Condon, J, [229](#)

Conferência Bolchevique de Petrogrado [441](#)

Conferência da Internacional Socialista [266](#), [270](#)

Conferência de Paz [671](#), [672](#), [674](#), [681](#), [682](#), [683](#)

Conferência de Paz de Paris [672](#), [678](#)

Conferência Internacional Socialista [267](#)

Congresso dos Trabalhadores e Soldados

Soviéticos [461](#)

Congresso Internacional de Mulheres pela Paz

[200](#)

Conner, Terence [717](#)

Conrad; general [27](#), [31](#), [32](#), [36](#), [42](#), [47](#), [49](#), [54](#), [77](#), [119](#), [156](#), [281](#), [306](#)

Conrad von Hötzenndorf [31](#), [47](#)

Conselho de Comissários do Povo [501](#)

Conselho de Guerra [66](#), [101](#), [173](#), [178](#), [191](#), [192](#), [194](#), [195](#), [198](#), [214](#), [273](#)

Constança [38](#), [63](#), [160](#)

Constantino I [153](#)

Constantinopla [17](#), [27](#), [28](#), [57](#), [63](#), [71](#), [152](#), [153](#), [154](#), [157](#), [176](#), [179](#), [191](#), [192](#), [194](#), [195](#), [196](#), [202](#), [208](#), [211](#), [213](#), [229](#), [232](#), [233](#), [234](#), [285](#), [291](#), [292](#), [333](#), [337](#), [412](#), [418](#), [492](#), [515](#), [524](#), [634](#), [642](#), [701](#), [750](#), [773](#)

Convenção de Haia [65](#), [149](#), [389](#)

Convenção Nacional Trabalhista e Socialista [452](#)

Coolidge, John [182](#), [303](#), [308](#)

Cooper, Alfred Duff [603](#), [604](#), [754](#), [755](#), [764](#), [771](#)

Corbett, Julian [229](#)

Cornillière, Charles de la; tenente [109](#), [110](#)

Corpo de Maqueiros de São [212](#), [235](#)

Corpo de Trabalho Indiano [333](#)

Corpo Indiano [139](#), [162](#), [163](#), [165](#), [166](#), [190](#), [224](#)

Corredor Polonês [683](#)

Cortina de Ferro [15](#)

Coulson, Leslie [395](#), [396](#)

Cousins, Frank [272](#)

Cowley; tenente-comandante [329](#)

Cracóvia [76](#), [151](#), [156](#)

Cradock, Sir Christopher [149](#)

Crimeia [89](#), [195](#), [313](#), [559](#), [571](#), [612](#), [614](#), [755](#)

Croácia [647](#), [670](#), [688](#), [774](#)

Cromie; capitão [611](#)

Crosse, E. C. [640](#), [641](#)

Crusius; major [87](#)

Cruz de Ferro [73](#), [144](#), [164](#), [181](#), [244](#), [252](#), [311](#), [324](#)

Cruz de Guerra [16](#), [271](#), [435](#), [458](#), [535](#), [555](#), [567](#)

Cruz Militar [11](#), [16](#), [140](#), [331](#), [339](#), [353](#), [463](#), [472](#), [577](#), [711](#), [757](#)

Cruz Vermelha [117](#), [126](#), [381](#), [581](#), [583](#), [603](#)

Cruz Vitória [16](#), [102](#), [104](#), [121](#), [145](#), [162](#), [163](#), [187](#), [199](#), [204](#), [205](#), [209](#), [239](#), [262](#), [272](#), [288](#), [329](#), [351](#), [352](#), [373](#), [375](#), [388](#), [392](#), [403](#), [407](#), [420](#), [431](#), [475](#), [485](#), [497](#), [504](#), [508](#), [543](#), [592](#), [600](#), [605](#), [613](#), [653](#), [671](#), [682](#), [699](#), [757](#), [763](#), [770](#), [771](#)

Cunard Line [219](#)

Cunliffe-Owen, Betty [57](#), [63](#), [154](#), [176](#)

Curlândia [197](#), [268](#), [539](#)

Cushing, W.; tenente [301](#)

Cuthbert; capitão [275](#)

czar [36](#), [37](#), [38](#), [44](#), [49](#), [52](#), [53](#), [54](#), [57](#), [58](#), [59](#), [68](#), [70](#), [76](#), [77](#), [121](#), [155](#), [157](#), [179](#), [202](#), [296](#), [303](#), [320](#), [383](#), [398](#), [400](#), [411](#), [414](#), [418](#), [424](#), [425](#), [426](#), [427](#), [442](#), [461](#), [501](#), [502](#), [584](#), [596](#), [601](#), [612](#), [692](#), [759](#)

Czernin; conde [414](#), [506](#), [522](#), [529](#), [540](#); Ottokar [217](#)

D

D'Abernon [396](#), [397](#), [478](#), [479](#)

Daily Citizen [97](#)

Daily Express [239](#), [467](#)

Daily Mail [675](#)

Daily Mirror [403](#)

Daily Telegraph [511](#), [515](#), [716](#)

Dalrymple-Clark; tenente [104](#)

Dalton, Hugh [652](#), [773](#)

Daly, Dan; sargento [573](#)

dAnnunzio, Gabrielle [599](#)

Danúbio [49](#), [51](#), [179](#), [192](#), [280](#), [383](#), [386](#), [407](#), [562](#), [621](#), [629](#), [647](#), [649](#), [738](#)

Danzig [60](#)

Dardanelos [178](#), [188](#), [191](#), [192](#), [193](#), [194](#), [195](#), [197](#), [198](#), [214](#), [228](#), [229](#), [237](#), [245](#), [253](#), [258](#), [259](#), [262](#), [276](#), [277](#), [284](#), [292](#), [293](#), [530](#), [556](#), [643](#), [648](#), [742](#), [744](#), [747](#); estreito de [18](#), [71](#), [152](#), [173](#)

Davey [169](#)

David Ben-Gurion [157](#)

Davidson; general [396](#)
David Sutherland [338](#)
Dawes, Charles G. [481](#), [764](#)
Dawnay, Hugh [161](#)
Dayrell-Reed; tenente [681](#)
Dearmer, Mabel [286](#)
Debs, Eugene [576](#)
Décima Batalha do Isonzo [447](#)
Declaração Balfour [500](#)
de Gaulle [318](#)
De Gaulle [14](#), [16](#); capitão [188](#), [320](#); coronel [696](#), [700](#)
De La Warr; conde [711](#), [777](#)
Denikin; general [267](#), [695](#)
De Pass, F. A. [162](#), [163](#)
Dewar, George [619](#)
D. G. J. Badger [380](#)
D. G. Lewis [554](#)
Dia do Armistício [17](#), [186](#)
Dickman, Joseph T. [588](#)
Dietrichs; general [447](#)
Dinamarca [62](#), [63](#), [564](#)
Dix; comandante [206](#)
Djemal Paxá [157](#), [334](#)
Doberitz [183](#)
Dragões da Guarda [89](#)
Dr. Drews [648](#), [649](#)
Dr. Michaelis [467](#)
Dukhonin; general [399](#), [516](#)
Dumézil; general [232](#)
Dunning, Edwin [476](#)
Dunkerque [88](#), [105](#), [126](#), [134](#)
duque de Württemberg [571](#), [651](#)
Duruy; general [101](#)

E

Eardley, T. [235](#)

East Lancashires [224](#)

Ebert, Friedrich [655](#), [659](#), [684](#)

Eden, Anthony [453](#), [454](#)

Edimburgo [133](#)

Edmonds; general [108](#), [395](#)

Edward Słoński [120](#)

Edward Thomas [201](#), [433](#)

Edward VII [26](#)

Egerton; brigadeiro-general [190](#)

Egeu; mar [32](#), [173](#)

Egito [25](#), [28](#), [61](#), [153](#), [157](#), [173](#), [183](#), [195](#), [206](#), [211](#), [212](#), [235](#), [237](#), [251](#), [255](#), [288](#), [322](#), [369](#), [412](#), [439](#), [523](#), [559](#), [749](#)

E. Hilton Young [379](#)

Einstein, Albert [70](#), [147](#), [154](#), [197](#), [246](#), [259](#), [267](#), [401](#), [429](#), [451](#), [521](#), [536](#), [563](#), [668](#), [702](#), [766](#)

Eisenhart-Rothe, Ernst von; general [268](#)

Eisner, Kurt [657](#), [672](#), [676](#)

Elkington, John [271](#); tenente-coronel [95](#)

Elliott; general [362](#), [363](#)

Elstob; tenente-coronel [543](#)

Ely, Hanson E.; coronel [568](#)

empresa Krupp [218](#)

Engelmann, Paul [398](#)

Entente [25](#), [61](#), [132](#), [152](#), [153](#), [157](#), [176](#), [179](#), [182](#), [192](#), [193](#), [201](#), [213](#), [232](#), [243](#), [245](#), [246](#), [280](#), [282](#), [283](#), [286](#), [287](#), [302](#), [303](#), [311](#), [328](#), [348](#), [387](#), [409](#), [410](#), [411](#), [491](#), [520](#), [522](#), [540](#), [601](#), [692](#), [700](#), [702](#)

Entente Cordiale [25](#), [61](#)

Enver Paxá [383](#), [466](#), [520](#), [766](#)

E. O. Mousley [313](#)

Ernest Shackleton [349](#)

Erzberger, Matthias [655](#), [659](#), [660](#), [662](#), [700](#)

Eschwege; tenente [514](#)

Escócia [99](#), [444](#), [464](#), [485](#), [712](#), [743](#)

Eslováquia [491](#), [688](#), [773](#)

Esmirna [193](#)

Espanha [63](#)

Esquadra de Alto-Mar [39](#), [60](#)

Essex Farm [218](#)

Estados Unidos [35](#), [149](#), [157](#), [158](#), [164](#), [182](#), [198](#), [202](#), [220](#), [221](#), [222](#), [223](#), [260](#), [278](#), [281](#), [283](#), [303](#), [310](#), [334](#), [372](#), [383](#), [394](#), [395](#), [407](#), [410](#), [413](#), [416](#), [417](#), [421](#), [424](#), [428](#), [430](#), [437](#), [442](#), [452](#), [456](#), [459](#), [460](#), [465](#), [468](#), [470](#), [481](#), [490](#), [499](#), [507](#), [509](#), [518](#), [526](#), [527](#), [532](#), [534](#), [536](#), [545](#), [548](#), [550](#), [557](#), [561](#), [569](#), [570](#), [572](#), [579](#), [580](#), [582](#), [584](#), [593](#), [594](#), [595](#), [596](#), [597](#), [598](#), [601](#), [611](#), [617](#), [626](#), [633](#), [635](#), [636](#), [638](#), [651](#), [653](#), [656](#), [666](#), [674](#), [680](#), [686](#), [687](#), [690](#), [691](#), [697](#), [714](#), [715](#), [762](#), [764](#), [765](#), [768](#), [769](#), [770](#), [771](#), [772](#), [773](#), [775](#)

Estônia [517](#), [536](#), [537](#)

Eufrates [192](#), [245](#), [329](#)

Evening Standard [135](#), [696](#)

Exército Vermelho [531](#), [534](#), [563](#), [584](#), [611](#), [692](#), [695](#), [707](#)

Eydoux; general [114](#)

Eyre Crowe [33](#)

F

Fackel [398](#)

Fagalde; coronel [103](#)

Fairley [352](#)

Faiçal; emir [413](#), [572](#), [623](#)

Falkenhayn, Erich von [22](#), [43](#), [140](#), [141](#), [144](#); general [302](#), [303](#), [315](#), [316](#), [318](#), [382](#), [383](#), [391](#), [411](#)

Farbman, Michael [461](#)

Farley; cardeal [389](#)

Farmborough, Florence [216](#), [217](#), [269](#), [276](#), [370](#), [371](#), [375](#), [464](#), [762](#)

Farnsworth, Henry Weston [271](#)

Farr, Henry [390](#), [756](#)

Farrar-Hockley, Anthony [139](#), [142](#)

Farrington [403](#)

Ferdinand [383](#); rei [382](#)

Ferdinand Foch [21](#)

Feuchtinger, Friedrich [77](#)

Finlândia [249](#), [284](#), [378](#), [431](#), [517](#), [534](#), [536](#), [537](#), [559](#), [563](#), [566](#), [602](#), [771](#)

Firle; tenente [226](#)

Firth, Henry [532](#)

Fish, Hamilton [581](#), [769](#)

Fisher; almirante [387](#), [681](#); Frederick [204](#), [228](#)

Flandres [16](#), [20](#), [128](#), [131](#), [173](#), [175](#), [230](#), [278](#), [411](#), [450](#), [458](#), [489](#), [590](#), [600](#), [605](#), [699](#), [712](#), [746](#), [776](#)

Flower, Desmond [565](#), [665](#)

Foch; general [79](#), [86](#), [90](#), [97](#), [113](#), [114](#), [116](#), [123](#), [124](#), [142](#), [143](#); marechal [503](#), [547](#), [548](#), [554](#), [556](#), [560](#), [561](#), [568](#), [569](#), [579](#), [589](#), [598](#), [603](#), [606](#), [607](#), [609](#), [626](#), [633](#), [639](#), [645](#), [656](#), [657](#), [658](#), [660](#), [662](#), [686](#), [700](#), [705](#), [709](#)

Força Expedicionária Americana [450](#), [456](#), [482](#), [494](#), [617](#)

Força Expedicionária Britânica [66](#), [67](#), [74](#), [75](#), [88](#), [90](#), [93](#), [94](#), [100](#), [103](#), [104](#), [108](#), [129](#), [130](#), [143](#), [405](#), [444](#), [453](#), [614](#), [618](#), [623](#), [661](#)

Força Expedicionária Egípcia [439](#), [617](#)

Força Expedicionária Portuguesa [417](#), [458](#)

Foster [368](#)

Fox, Sir Frank [111](#)

França [14](#), [16](#), [20](#), [21](#), [22](#), [24](#), [25](#), [27](#), [28](#), [29](#), [35](#), [37](#), [44](#), [49](#), [53](#), [55](#), [56](#), [58](#), [59](#), [60](#), [61](#), [62](#), [63](#), [64](#), [66](#), [74](#), [79](#), [80](#), [81](#), [86](#), [96](#), [97](#), [99](#), [101](#), [102](#), [107](#), [108](#), [114](#), [117](#), [122](#), [128](#), [132](#), [133](#), [134](#), [148](#), [158](#), [162](#), [172](#), [177](#), [187](#), [192](#), [193](#), [201](#), [218](#), [223](#), [226](#), [227](#), [231](#), [232](#), [258](#), [259](#), [270](#), [277](#), [280](#), [281](#), [283](#), [285](#), [286](#), [296](#), [302](#), [303](#), [316](#), [322](#), [325](#), [332](#), [334](#), [335](#), [408](#), [417](#), [418](#), [420](#), [421](#), [423](#), [425](#), [428](#), [430](#), [435](#), [438](#), [449](#), [450](#), [453](#), [455](#), [456](#), [457](#), [458](#), [459](#), [463](#), [470](#), [481](#), [482](#), [494](#), [499](#), [501](#), [503](#), [504](#), [506](#), [507](#), [514](#), [515](#), [518](#), [521](#), [526](#), [531](#), [532](#), [538](#), [545](#), [547](#), [548](#), [549](#), [550](#), [551](#), [559](#), [560](#), [561](#), [565](#), [569](#), [571](#), [572](#), [574](#), [579](#), [580](#), [581](#), [582](#), [586](#), [591](#), [600](#), [601](#), [609](#), [611](#), [623](#), [626](#), [627](#), [628](#), [632](#), [633](#), [634](#), [640](#), [646](#), [656](#), [661](#), [666](#), [669](#), [670](#), [671](#), [673](#), [674](#), [677](#), [679](#), [680](#), [681](#), [685](#), [686](#), [687](#), [690](#), [695](#), [696](#), [697](#), [699](#), [702](#), [703](#), [705](#), [706](#), [710](#), [712](#), [714](#), [717](#), [719](#), [738](#), [752](#), [757](#), [758](#), [759](#), [763](#), [767](#), [769](#), [771](#), [772](#), [775](#), [776](#)

François; general [80](#), [81](#), [82](#)

Frankfurt [21](#)

Franklin D. Roosevelt [594](#)

Frank Richards [93](#)

Franz Ferdinand [14](#), [27](#), [33](#), [38](#), [39](#), [40](#), [41](#), [42](#), [45](#), [46](#), [160](#), [558](#), [688](#)

Franz Joseph [25](#), [33](#), [38](#), [41](#), [42](#), [45](#), [47](#), [48](#), [49](#), [156](#), [281](#), [407](#)

Franz Marc [318](#), [321](#)

Franz Urban [40](#)

Franz Werfel [369](#)

Frederico, o Grande [310](#)

French, Sir John [64](#), [65](#), [90](#), [91](#), [93](#), [94](#), [100](#), [101](#), [112](#), [115](#), [116](#), [128](#), [137](#), [139](#), [142](#), [143](#), [165](#), [168](#), [171](#), [203](#), [204](#), [227](#), [246](#), [276](#), [296](#), [419](#)

frente ocidental [11](#), [12](#), [13](#), [14](#), [16](#), [17](#), [18](#), [36](#), [80](#), [81](#), [84](#), [91](#), [117](#), [120](#), [139](#), [141](#), [146](#), [155](#), [161](#), [163](#), [165](#), [168](#), [169](#), [171](#), [173](#), [174](#)

frente oriental [15](#), [79](#), [121](#), [150](#), [151](#), [154](#), [166](#)

Freyberg, Bernard [214](#), [235](#), [402](#), [403](#), [459](#), [484](#), [571](#), [618](#), [663](#), [668](#)

Friedrich, Eitel; príncipe [22](#), [26](#), [77](#), [97](#), [154](#)

Friedrich Paulus [347](#)

Friedrich Wilhelm I [26](#)

From the Somme [395](#)

Fryatt, Charles [200](#), [372](#)

Fuller; general [510](#), [559](#)

Fuzileiros de Lancashire [209](#), [210](#), [212](#), [234](#)

Fuzileiros Inniskilling [261](#), [262](#)

G

Gaba Tepe [206](#), [207](#), [210](#)

Gabinete de Guerra [51](#)

Gabrielle Petit [323](#)

Galícia [33](#), [68](#), [70](#), [82](#), [119](#), [132](#), [150](#), [231](#), [233](#), [244](#), [248](#), [257](#), [302](#), [324](#), [371](#), [375](#), [376](#)

Galípoli [12](#), [14](#), [16](#), [153](#), [191](#), [194](#), [195](#), [196](#), [198](#), [199](#), [206](#), [209](#), [212](#), [213](#), [214](#), [223](#), [226](#), [228](#), [234](#), [238](#), [241](#), [242](#), [243](#), [245](#), [250](#), [257](#), [263](#), [264](#), [282](#), [284](#), [285](#), [288](#), [289](#), [292](#), [293](#), [294](#), [295](#), [301](#), [302](#), [308](#), [309](#), [314](#), [321](#), [332](#), [333](#), [334](#), [362](#), [367](#), [373](#), [376](#), [390](#), [395](#), [402](#), [421](#), [474](#), [482](#), [496](#), [513](#), [524](#), [698](#), [701](#), [716](#), [739](#), [746](#), [748](#), [749](#)

Gallieni [105](#), [106](#), [110](#)

Gambetta, Léon [614](#)
Gamelin [14](#)
Gandhi [62](#), [187](#)
Garibaldi, Bruno [171](#); Peppino [282](#), [328](#)
Garland; capitão [422](#)
Gassed [628](#), [772](#)
Gavrilo Princip [13](#), [40](#)
Gaza [14](#), [28](#), [412](#), [428](#), [436](#), [439](#), [458](#), [463](#), [496](#), [497](#), [498](#), [504](#), [523](#)
Geddes, Sir Auckland [518](#)
G. E. Hemingway [368](#)
Gehl; capitão [152](#)
general Edmond [13](#)
general Savory [16](#)
Gênet, Edmond [270](#), [271](#)
Gênova [443](#), [580](#)
Geoffrey Bell [11](#)
George III; rei [456](#)
George Leigh-Mallory [367](#)
George V [26](#), [37](#), [48](#), [52](#), [58](#), [59](#), [75](#); rei [271](#), [392](#), [456](#), [591](#), [669](#)
George VI; rei [710](#)
Georg Friedrich Nicolai [147](#)
Geórgia [520](#), [563](#), [566](#), [576](#)
Gerard, James W. [55](#), [69](#), [389](#), [394](#), [413](#), [576](#)
Germany and the Next War [22](#)
Gertrude Bell [422](#)
Gibbs, Philip [298](#), [299](#), [300](#), [357](#), [358](#), [379](#), [380](#), [511](#), [525](#), [694](#)
Gibson, Hugh [65](#), [73](#), [75](#), [84](#)
Gillespie [169](#)
Gladstone, William [203](#)
Goering, Hermann [454](#), [566](#), [588](#), [761](#)
Goethe [124](#), [147](#), [148](#)
golfo Pérsico [28](#), [29](#), [43](#), [153](#), [192](#), [333](#)
Golovin; general [57](#)
Goodyear, Hedley [598](#); Raymond [397](#), [604](#)

Gottlieb von Jagow [31](#), [36](#)

Gough; general [67](#), [89](#), [224](#), [487](#), [513](#), [542](#), [546](#), [547](#), [705](#)

Gourko; general [257](#)

Grã-Bretanha [18](#), [22](#), [24](#), [25](#), [26](#), [28](#), [29](#), [30](#), [31](#), [34](#), [35](#), [36](#), [37](#), [38](#), [43](#), [45](#), [47](#), [48](#), [49](#), [50](#), [52](#), [53](#), [56](#), [57](#), [58](#), [60](#), [61](#), [62](#), [63](#), [64](#), [66](#), [67](#), [71](#), [74](#), [76](#), [79](#), [96](#), [99](#), [100](#), [101](#), [104](#), [106](#), [111](#), [112](#), [119](#), [121](#), [122](#), [124](#), [125](#), [126](#), [127](#), [128](#), [129](#), [131](#), [133](#), [146](#), [149](#), [156](#), [158](#), [159](#), [164](#), [169](#), [172](#), [173](#), [176](#), [178](#), [180](#), [182](#), [186](#), [190](#), [192](#), [193](#), [194](#), [195](#), [198](#), [200](#), [201](#), [218](#), [219](#), [221](#), [222](#), [223](#), [231](#), [232](#), [238](#), [245](#), [258](#), [259](#), [270](#), [278](#), [279](#), [280](#), [281](#), [283](#), [285](#), [286](#), [290](#), [293](#), [294](#), [302](#), [306](#), [308](#), [310](#), [314](#), [322](#), [325](#), [332](#), [343](#), [344](#), [372](#), [391](#), [394](#), [401](#), [409](#), [410](#), [413](#), [414](#), [418](#), [422](#), [429](#), [430](#), [431](#), [438](#), [439](#), [444](#), [449](#), [455](#), [456](#), [463](#), [464](#), [465](#), [467](#), [470](#), [476](#), [480](#), [486](#), [487](#), [498](#), [500](#), [503](#), [504](#), [506](#), [509](#), [514](#), [518](#), [529](#), [532](#), [535](#), [538](#), [539](#), [544](#), [548](#), [550](#), [561](#), [564](#), [569](#), [571](#), [572](#), [579](#), [582](#), [599](#), [601](#), [602](#), [611](#), [619](#), [631](#), [638](#), [651](#), [658](#), [671](#), [673](#), [674](#), [679](#), [682](#), [687](#), [689](#), [692](#), [696](#), [699](#), [700](#), [703](#), [705](#), [707](#), [710](#), [713](#), [714](#), [719](#), [744](#), [745](#), [759](#), [765](#), [768](#), [771](#), [776](#)

Graham, Ronald [500](#), [755](#), [764](#)

Grande Guerra [19](#)

Grantham, Donald [552](#), [585](#), [682](#)

Graves, Robert [240](#), [274](#)

Greaves, S. S.; capitão [403](#)

Grécia [16](#), [17](#), [32](#), [63](#), [178](#), [179](#), [192](#), [193](#), [195](#), [287](#), [377](#), [409](#), [460](#), [688](#), [697](#), [715](#), [775](#)

Grenfell, Julian; capitão [225](#), [226](#)

Gresham; cabo [499](#)

Grey, Edward [34](#), [45](#), [47](#), [53](#), [58](#), [59](#), [62](#), [64](#), [66](#), [78](#), [128](#), [129](#), [153](#), [192](#), [194](#), [245](#), [296](#), [312](#), [530](#)

Griffiths, Norton; coronel [408](#); John Norton [187](#)

Griggs, A.; tenente [510](#)

Grigoriev; general [257](#)

Groener; general [559](#), [641](#), [649](#), [655](#), [658](#), [659](#), [684](#), [768](#)

Guarda Montada [67](#)

Guarda Negra [224](#), [272](#)

Guardas Escoceses [165](#), [167](#), [168](#)

Guardas Irlandeses [142](#), [143](#)

Guardas Prussianos [112](#), [145](#)

Guchkov; general [447](#)

Guerra Civil Americana [717](#)
Guerra da Península Ibérica [209](#)
Guerra dos Bálcãs [271](#), [281](#)
Guerra dos Bôeres [23](#), [145](#), [189](#), [262](#)
Guerra Russo-Polonesa [15](#)
Gündell; general [656](#)
Guretzky-Cornitz [319](#)
Gütersloh [183](#)
Guttman, Hugo [594](#), [770](#)

H

Habsburgo [76](#)
Habsburgos [13](#), [18](#), [25](#), [27](#), [38](#), [39](#), [40](#), [76](#), [281](#), [382](#), [414](#), [491](#), [526](#), [540](#), [578](#), [599](#), [636](#), [647](#), [651](#), [668](#), [692](#), [742](#), [755](#)
Haia [200](#)
Haig [189](#), [190](#), [224](#), [225](#), [258](#), [273](#), [276](#), [296](#), [302](#), [347](#), [348](#), [355](#), [362](#), [367](#), [368](#), [373](#), [387](#), [434](#), [435](#), [437](#), [438](#), [446](#), [452](#), [455](#), [459](#), [469](#), [470](#), [474](#), [475](#), [480](#), [487](#), [489](#), [495](#), [496](#), [505](#), [509](#), [511](#), [513](#), [542](#), [545](#), [552](#), [554](#), [555](#), [586](#), [603](#), [605](#), [607](#), [609](#), [618](#), [637](#), [639](#), [669](#), [766](#); Sir Douglas [124](#), [139](#)
H. A. Jones [360](#), [616](#)
Haking; general [224](#), [276](#), [363](#), [364](#)
Haldane; lorde [551](#)
Hall, Frederick [204](#), [330](#)
Hamilton, Sir Ian [194](#), [195](#), [198](#), [199](#), [208](#), [212](#), [255](#), [256](#), [263](#)
Hammersley; general [255](#)
Hamon; coronel [115](#)
Hampe-Vincent [139](#)
Hancock; tenente [91](#)
Hankey; coronel [179](#), [198](#); Sir Maurice [573](#), [621](#)
Hans Forster [347](#)
Hans von Seeckt [371](#)
Harcourt, Lewis [192](#), [198](#)
Hardinge; lorde [408](#), [410](#), [500](#); vice-rei [192](#), [346](#)
Hardy, Thomas [16](#), [109](#), [135](#)

Hargrave, John [256](#)
Hari, Mata [493](#), [494](#), [765](#)
Harnack [70](#)
Harold Macmillan [14](#), [17](#)
Harry Truman [644](#)
Hart, Basil Liddell [21](#), [113](#)
Haslam, Alec [599](#)
Hawker, Lanoe; major [407](#)
Hedley Goodyear [598](#)
Helphand, Alexander [179](#), [303](#)
Helsinki [283](#), [437](#), [501](#), [536](#), [559](#), [563](#)
Hembroff, Earl [396](#), [433](#)
Hemingway, Ernest [583](#), [769](#)
Henry, Aline [390](#), [392](#), [532](#), [535](#), [605](#), [609](#), [628](#), [699](#), [739](#), [748](#); príncipe [52](#)
Henry Field [354](#)
Henry Williams [698](#)
Henry Wilson [122](#), [123](#), [165](#)
Herd, Edmund [265](#)
Hersing [228](#), [229](#), [314](#)
Hertling; conde [515](#), [529](#), [571](#), [591](#), [593](#)
Hervé [65](#)
Hess, Rudolf [485](#)
Highgate, Thomas [111](#), [112](#), [125](#)
Highlanders [124](#), [165](#)
Himmler, Heinrich [93](#), [99](#)
Hindenburg [181](#), [197](#), [371](#); general [81](#), [82](#), [132](#), [155](#); marechal de campo [382](#), [383](#), [389](#), [390](#), [391](#), [414](#), [417](#), [432](#), [591](#), [600](#), [605](#), [609](#), [610](#), [612](#), [618](#), [619](#), [623](#), [624](#), [625](#), [626](#), [630](#), [631](#), [634](#), [640](#), [641](#), [649](#), [650](#), [658](#), [681](#), [683](#), [684](#), [703](#), [742](#), [772](#)
Hintze, Paul von [578](#), [657](#), [658](#)
Hipper; almirante [643](#)
Hitchcock, F.; capitão [264](#), [265](#)
Hitler, Adolf [14](#), [56](#), [57](#), [61](#), [80](#), [119](#), [136](#), [141](#), [142](#), [144](#), [164](#); [180](#), [181](#), [485](#), [486](#), [566](#), [594](#), [601](#), [635](#), [672](#), [675](#), [676](#), [681](#), [682](#), [692](#), [693](#), [703](#), [708](#), [709](#), [710](#), [711](#), [712](#), [736](#), [737](#), [745](#), [752](#), [763](#), [769](#), [770](#)

Ho Chi Minh [14](#)

Hodgson, William Noel [350](#), [353](#)

Hofburg [12](#)

Hoffmann; general [417](#), [441](#), [442](#), [451](#), [466](#), [469](#), [477](#), [492](#), [516](#), [517](#), [533](#), [536](#), [601](#), [606](#); Max [81](#), [82](#), [132](#), [151](#)

Holanda [56](#), [62](#), [63](#), [87](#), [131](#), [184](#), [200](#), [259](#), [278](#), [429](#), [451](#), [521](#), [524](#), [659](#), [661](#), [662](#), [670](#), [692](#), [740](#)

Holland [689](#)

Hollweg, Bethmann [400](#), [409](#), [410](#), [411](#), [414](#), [448](#), [467](#)

Holmes, Gordon; tenente-coronel [96](#)

Holocausto [19](#)

Holtby, Winifred [61](#), [159](#)

Holtzendorf; almirante [414](#)

Holtzendorff [310](#)

Hoppe; capitão [182](#)

Horace Gahan [278](#)

Hornby; capitão [89](#)

Horne, Alistair [302](#), [410](#), [748](#)

Horridge, George [251](#)

Horthy; almirante [688](#)

House; coronel [37](#), [507](#), [579](#), [645](#)

Hradčany [76](#)

H. R. Williams [364](#)

Huebner, Clarence R. [567](#), [768](#)

Hugenberg, Alfred [218](#)

Hugh Boustead [356](#), [359](#), [361](#)

Hugh Gibson [278](#)

Hugo Dyson [16](#)

Hulse, Edward [168](#), [169](#)

Hungria [25](#), [26](#), [27](#), [33](#), [37](#), [38](#), [41](#), [43](#), [44](#), [54](#), [63](#), [74](#), [75](#), [132](#), [156](#), [174](#), [213](#), [231](#), [306](#), [375](#), [386](#), [391](#), [398](#), [407](#), [413](#), [418](#), [468](#), [491](#), [526](#), [527](#), [528](#), [539](#), [551](#), [558](#), [562](#), [571](#), [600](#), [636](#), [638](#), [642](#), [647](#), [651](#), [671](#), [688](#), [692](#), [702](#), [714](#), [773](#)

Hunter-Weston, Aylmer [234](#), [373](#)

Hussein [293](#), [294](#), [346](#)

I

Ian Hay [304](#)

ilha da Morte [286](#)

imperador Karl [431](#), [448](#), [491](#), [513](#), [562](#), [578](#), [600](#), [636](#)

Independent [698](#), [716](#)

Índia [12](#), [23](#), [29](#), [139](#), [180](#), [186](#), [187](#), [192](#), [199](#), [213](#), [233](#), [285](#), [333](#), [413](#), [582](#), [715](#), [744](#)

India Office [194](#)

Índias Ocidentais [413](#), [421](#), [439](#), [498](#), [751](#), [759](#)

Ingham, Albert [408](#)

Inglaterra [13](#), [16](#), [20](#), [52](#), [59](#), [66](#), [73](#), [131](#), [135](#), [136](#), [146](#), [172](#), [384](#), [387](#), [408](#), [433](#), [443](#), [445](#), [451](#), [454](#), [459](#), [467](#), [494](#), [513](#), [520](#), [530](#), [547](#), [551](#), [556](#), [591](#), [619](#), [646](#), [661](#), [671](#), [680](#), [698](#), [699](#), [704](#), [738](#), [768](#)

Inglis, Donald [592](#)

Irlanda [67](#), [119](#), [120](#), [141](#), [164](#), [182](#), [219](#), [220](#), [260](#), [264](#), [322](#), [330](#), [384](#), [420](#), [523](#), [532](#), [551](#), [624](#), [638](#), [752](#)

Irmandade da Não Conscrição [445](#)

Ironside; general [82](#)

Isaac Newton Lewis [105](#)

Isaac Rosenberg [20](#), [379](#)

Ismaília [183](#)

Ismet; general [497](#), [765](#)

Itália [26](#), [27](#), [28](#), [32](#), [49](#), [63](#), [132](#), [176](#), [179](#), [191](#), [193](#), [195](#), [201](#), [213](#), [231](#), [263](#), [280](#), [286](#), [389](#), [479](#), [480](#), [489](#), [495](#), [496](#), [503](#), [506](#), [514](#), [515](#), [521](#), [527](#), [553](#), [572](#), [577](#), [638](#), [643](#), [647](#), [673](#), [674](#), [675](#), [688](#), [700](#), [706](#), [714](#), [740](#), [744](#), [753](#), [755](#), [775](#)

Iugoslávia [196](#), [280](#), [468](#), [647](#), [670](#), [688](#), [702](#), [706](#), [774](#), [775](#)

J

Jabotinsky, Vladimir [212](#), [292](#), [293](#), [500](#)

Jack Bourke [365](#)

Jack Churchill [256](#)

Jackh, Ernst [180](#)

Jagow [36](#), [46](#), [51](#), [164](#); Gottlieb von [399](#)

Jahnow; tenente [79](#)

James Marshall [653](#)

James Smith [482](#)

James W. Gerard [244](#), [281](#), [291](#), [334](#)

Janowitz, Franz [495](#)

Japão [78](#), [145](#), [176](#), [584](#), [673](#), [675](#), [766](#), [775](#)

Jarvis; capitão [288](#)

Jaurès, Jean [55](#), [56](#)

Jerusalém [422](#), [439](#), [458](#), [463](#), [497](#), [498](#), [504](#), [505](#), [519](#), [520](#), [523](#), [572](#), [615](#), [745](#), [750](#)

Jerusalem Post [20](#)

Joffe, Adolf [516](#), [522](#)

Joffre [90](#), [97](#), [100](#), [108](#), [113](#), [119](#), [123](#), [125](#), [126](#), [163](#), [246](#), [275](#), [296](#), [302](#), [314](#), [319](#)

John M. McCrae [218](#)

Johnson, W.; capitão [276](#)

Joncherey [60](#)

Joseph de Hohenzollern [127](#)

Jouinot-Gambetta; general [614](#)

Joynson-Hicks, William [146](#)

Jules Leroux [241](#)

Júlio César [424](#)

Jutlândia [186](#), [342](#), [343](#)

K

Kaiser [15](#), [16](#), [22](#), [25](#), [27](#), [29](#), [30](#), [31](#), [32](#), [33](#), [36](#), [38](#), [39](#), [42](#), [43](#), [44](#), [46](#), [50](#), [51](#), [52](#), [53](#), [54](#), [57](#), [58](#), [59](#), [62](#), [64](#), [69](#), [73](#), [74](#), [75](#), [81](#), [82](#), [91](#), [97](#), [104](#), [112](#), [127](#), [140](#), [143](#), [144](#), [148](#), [153](#), [180](#), [181](#), [184](#), [186](#), [197](#), [221](#), [239](#), [240](#), [245](#), [249](#), [267](#), [278](#), [281](#), [302](#), [303](#), [310](#), [311](#), [315](#), [316](#), [317](#), [319](#), [323](#), [334](#), [343](#), [347](#), [362](#), [382](#), [383](#), [394](#), [399](#), [400](#), [409](#), [411](#), [413](#), [414](#), [417](#), [424](#), [431](#), [455](#), [458](#), [462](#), [466](#), [467](#), [469](#), [476](#), [492](#), [515](#), [517](#), [519](#), [523](#), [532](#), [533](#), [537](#), [539](#), [544](#), [562](#), [564](#), [567](#), [578](#), [588](#), [591](#), [599](#), [600](#), [601](#), [607](#), [614](#), [619](#), [623](#), [625](#), [637](#), [638](#), [641](#), [643](#), [648](#), [649](#), [650](#), [654](#), [655](#), [657](#), [658](#), [659](#), [661](#), [662](#), [666](#), [692](#), [707](#), [737](#), [750](#), [755](#)

Kalish [61](#)

Kamenev, Leo [516](#)

Kanitz; conde [57](#), [63](#)

Kannengiesser, Hans [71](#), [211](#), [234](#), [235](#), [236](#), [251](#)

Kant [147](#)
Karl Baedeker [24](#), [26](#)
Károlyi; conde [491](#), [638](#), [647](#)
Katharine Tynan [172](#)
Kellogg, Frank; dr. [291](#)
Kemal, Mustafa [207](#), [208](#), [213](#), [243](#), [252](#), [253](#), [321](#), [378](#), [615](#), [642](#), [692](#), [698](#), [701](#), [747](#), [773](#)
Keneally, W.; soldado [210](#)
Kerensky, Alexander [448](#), [460](#), [461](#), [469](#), [483](#), [501](#)
Kerr, John Chipman [388](#), [520](#), [540](#)
Kettle, Tom [383](#), [384](#), [385](#)
Kevork, Catholicos [202](#)
Keyes, Roger; almirante [276](#), [556](#)
Khan, Usman [139](#)
Khaust; tenente [440](#), [441](#)
Kidder, Edward [509](#)
Kiel [25](#), [38](#), [39](#), [42](#), [44](#), [48](#)
Kielce [70](#)
Kilmer, Joyce [541](#), [594](#)
Kipling, John [274](#), [275](#); Rudyard [685](#)
Kirk, James [653](#)
Kismet [545](#)
Kitchener [178](#), [191](#), [192](#), [194](#), [195](#), [203](#), [205](#), [206](#), [214](#), [223](#), [228](#), [241](#), [247](#), [252](#), [255](#), [258](#), [263](#), [276](#), [284](#), [288](#), [289](#), [296](#), [344](#); lorde [66](#), [67](#), [80](#), [94](#), [101](#), [108](#), [109](#), [115](#), [121](#), [122](#), [128](#), [129](#), [137](#), [140](#), [146](#), [173](#), [174](#), [175](#)
K. Luard [185](#)
Kluck [87](#), [103](#), [110](#), [113](#), [114](#)
Knowles; capitão [91](#)
Knox; coronel [59](#), [155](#), [284](#), [399](#), [418](#), [427](#), [441](#), [442](#), [500](#), [502](#)
Kobis, Albin [476](#), [763](#)
Koenig; capitão [181](#), [182](#)
Kokoschka, Oskar [78](#), [231](#), [244](#), [248](#), [249](#), [250](#), [279](#)
Kornilov; general [462](#), [469](#), [517](#)
Kramar Karel; dr. [37](#), [76](#), [491](#)

Kraus, Karl [398](#), [756](#)
Kreisler, Fritz [78](#), [577](#)
Kress; tenente-coronel [71](#), [183](#)
Kressenstein, Kress von; general [496](#), [497](#), [498](#)
Kuhl; general [489](#), [620](#)
Kühlmann, Richard von [515](#), [522](#), [578](#)
Kum Kale [188](#)
Kut [421](#), [505](#), [643](#), [717](#)

L

Labour Leader [67](#)
La Courtine [483](#), [484](#), [750](#)
Laibach [12](#)
Laidlaw, Peter [272](#)
Lancashire [210](#), [211](#), [252](#)
Lanrezac; general [84](#), [90](#), [91](#), [93](#), [97](#), [101](#), [103](#), [114](#)
Lansdowne; lorde [515](#)
Lansing, Robert [260](#), [303](#)
Lar Nacional Judaico [490](#), [500](#), [572](#), [673](#), [698](#)
Lar Nacional Judeu [192](#)
Lavinia Greacen [144](#)
Law, Andrew Bonar [227](#), [259](#)
Lawrence, T. E. “Lawrence da Arábia” [413](#), [458](#), [463](#), [572](#), [623](#)
Lawrence James [434](#)
Leblois; general [90](#)
Leckie, Robert [595](#), [770](#)
Ledwidge, Francis [260](#), [261](#), [474](#)
Leech, Ben [712](#)
Lefèvre, André [695](#)
Legião Estrangeira [201](#), [223](#), [270](#), [271](#), [356](#), [357](#)
Legião Estrangeira Francesa [95](#), [98](#), [163](#), [170](#), [171](#), [201](#), [223](#), [270](#)
Legião Polonesa [76](#), [120](#)
Legião Pulawy [120](#)

Legião Tcheca [566](#), [584](#), [597](#)

Lei de Conscrição [306](#)

Lei de Registro Nacional [241](#)

Lei do Serviço Militar [452](#), [552](#)

Leighton, Roland; tenente [203](#), [275](#), [297](#)

Leiningen, Emich von; príncipe [164](#)

Lênin [15](#), [68](#), [69](#), [70](#), [154](#), [179](#), [266](#), [276](#), [329](#), [400](#), [427](#), [428](#), [431](#), [441](#), [448](#), [469](#), [501](#), [502](#), [517](#), [528](#), [530](#), [531](#), [533](#), [534](#), [536](#), [537](#), [550](#), [596](#), [597](#), [601](#), [623](#), [638](#), [651](#), [655](#), [657](#), [744](#), [768](#)

Léon Gambetta [24](#)

Leopold; príncipe [522](#)

Lerchenfeld, Hugo von; conde [37](#)

Lettow-Vorbeck [493](#), [668](#)

Levante dos Boxers [22](#)

LHumanité [55](#)

Líbano [193](#), [323](#), [334](#), [623](#), [673](#)

Líbia [32](#)

Libre Belgique [323](#)

Lichnowsky; príncipe [43](#), [44](#), [45](#), [46](#), [58](#), [539](#)

Liebkecht, Karl [259](#), [329](#), [348](#), [431](#), [623](#), [629](#), [638](#), [659](#), [672](#)

Liège [66](#), [72](#), [74](#), [79](#), [81](#), [83](#), [107](#)

Liga da Pátria Mãe [154](#), [246](#)

Liga das Nações [670](#), [673](#), [685](#), [690](#), [691](#), [701](#), [703](#), [707](#)

Lille [17](#), [134](#)

Limanowa [156](#)

Lindley; general [255](#)

Linsmeau [72](#)

Lisboa [408](#), [758](#)

Lituânia [24](#), [197](#), [267](#), [268](#), [562](#), [571](#), [651](#), [696](#), [702](#)

Liubliana [12](#)

Llewellyn Woodward [377](#)

Lloyd, David Lloyd George [47](#), [49](#), [125](#), [173](#), [174](#)

Lloyd George [192](#), [194](#), [227](#), [231](#), [247](#), [295](#); David [409](#), [410](#), [421](#), [439](#), [443](#), [455](#), [459](#), [470](#), [480](#), [495](#), [503](#), [505](#), [507](#), [520](#), [521](#), [522](#), [526](#), [538](#), [539](#), [544](#), [545](#), [547](#),

[548](#), [549](#), [555](#), [560](#), [561](#), [569](#), [586](#), [593](#), [600](#), [618](#), [634](#), [639](#), [645](#), [666](#), [671](#), [674](#), [678](#), [679](#), [680](#), [683](#), [696](#), [710](#), [775](#)

Lody, Karl [133](#)

London Opinion [108](#)

Londres [12](#), [15](#), [17](#), [23](#), [31](#), [37](#), [43](#), [45](#), [46](#), [52](#), [53](#), [58](#), [60](#), [61](#), [62](#), [67](#), [75](#), [76](#), [94](#), [96](#), [100](#), [101](#), [105](#), [106](#), [115](#), [121](#), [125](#), [128](#), [129](#), [133](#), [135](#), [141](#), [146](#), [148](#), [158](#), [161](#), [172](#), [173](#), [174](#), [175](#), [178](#), [186](#), [197](#), [227](#), [230](#), [239](#), [241](#), [245](#), [255](#), [258](#), [266](#), [271](#), [279](#), [289](#), [290](#), [292](#), [294](#), [296](#), [297](#), [320](#), [325](#), [343](#), [344](#), [351](#), [358](#), [359](#), [367](#), [377](#), [383](#), [391](#), [408](#), [412](#), [416](#), [418](#), [421](#), [430](#), [439](#), [451](#), [455](#), [456](#), [457](#), [461](#), [464](#), [467](#), [470](#), [472](#), [475](#), [480](#), [494](#), [499](#), [506](#), [509](#), [513](#), [514](#), [519](#), [520](#), [521](#), [525](#), [528](#), [530](#), [539](#), [546](#), [549](#), [550](#), [556](#), [564](#), [565](#), [576](#), [593](#), [594](#), [600](#), [602](#), [604](#), [605](#), [607](#), [621](#), [628](#), [636](#), [643](#), [664](#), [665](#), [669](#), [674](#), [680](#), [685](#), [689](#), [696](#), [699](#), [705](#), [708](#), [713](#), [724](#), [736](#), [737](#), [739](#), [740](#), [741](#), [742](#), [743](#), [744](#), [746](#), [747](#), [748](#), [751](#), [752](#), [753](#), [754](#), [755](#), [757](#), [758](#), [759](#), [760](#), [761](#), [763](#), [764](#), [766](#), [772](#), [773](#), [774](#), [775](#), [776](#)

Longford; lorde [262](#)

Longshaw, Alfred [408](#)

Longwy [87](#)

lorde Salisbury [312](#)

Lorena [21](#), [61](#), [64](#), [86](#), [418](#), [499](#), [500](#), [527](#), [626](#), [630](#), [654](#), [660](#), [661](#), [680](#)

Louvain [73](#), [123](#)

Lowry-Cole [224](#)

Ludendorff [267](#), [268](#), [371](#), [382](#), [389](#), [399](#), [400](#), [410](#), [417](#), [465](#), [468](#), [487](#), [489](#), [495](#), [542](#), [547](#), [548](#), [549](#), [558](#), [566](#), [575](#), [593](#), [596](#), [599](#), [600](#), [605](#), [606](#), [607](#), [608](#), [618](#), [619](#), [620](#), [623](#), [625](#), [626](#), [629](#), [630](#), [637](#), [640](#), [641](#), [684](#), [693](#); general Erich [65](#), [66](#), [79](#), [81](#), [82](#), [132](#), [151](#)

Ludwig, Emil [462](#), [576](#), [652](#), [707](#), [762](#)

Lukov; general [612](#), [621](#)

Lunéville [86](#)

Lusitania [219](#), [220](#), [221](#), [260](#), [264](#), [282](#), [323](#), [481](#), [676](#), [709](#), [748](#)

Lutero [148](#)

Luxemburgo [58](#), [59](#)

Lvov [15](#); príncipe [427](#), [469](#), [630](#), [775](#)

Lyn Macdonald [20](#)

M

MacArthur, Douglas [535](#), [541](#), [587](#), [593](#), [594](#), [609](#), [610](#), [636](#), [650](#), [655](#), [677](#), [766](#), [770](#)
Macdonald, Alexander [404](#), [719](#), [751](#); Lyn [300](#)
MacDonald, Ramsay [122](#)
Macedônia [246](#), [280](#), [281](#), [389](#), [612](#), [613](#), [614](#), [620](#), [629](#), [774](#)
Macfarlane, David [254](#), [397](#)
Macfie, Scott [167](#), [168](#)
Mack, Louise [129](#), [130](#)
Mackensen, August von [216](#); general [386](#), [391](#), [407](#), [409](#)
Macker [318](#)
Mackintosh, Ewart [338](#), [339](#)
Macmillan, Harold [273](#), [335](#), [362](#), [373](#), [386](#), [387](#), [388](#), [741](#), [742](#), [744](#), [748](#), [751](#), [752](#),
[760](#), [772](#)
MacNeill, Eoin [330](#)
mademoiselle de Bressignies [186](#)
Mademoiselle de Bressignies [201](#)
Mader, Max Emmanuel [590](#)
Maeterlinck [124](#)
Magnard, Albéric [105](#)
Magpies in Picardy [544](#)
Mahon; general [255](#)
major Ross [636](#)
Manchester Guardian [67](#)
Mangin; general [93](#), [437](#), [605](#), [634](#), [704](#)
Manifesto ao Mundo Civilizado [147](#)
Manifesto aos Europeus [147](#), [564](#)
Mannerheim; general [534](#), [563](#); Gustav [249](#)
Mannock, Edward; major [592](#), [770](#)
mar Báltico [414](#), [481](#), [501](#), [516](#), [539](#)
Marchal [347](#)
mar de Mármara [191](#), [192](#), [193](#), [194](#), [206](#), [214](#), [292](#)
mar do Norte [25](#), [29](#), [48](#), [52](#), [60](#), [64](#), [71](#), [79](#), [88](#), [98](#), [99](#), [104](#), [126](#), [137](#), [148](#), [149](#), [174](#),
[180](#), [182](#), [186](#), [238](#), [303](#), [310](#), [314](#), [342](#), [344](#), [391](#), [493](#), [524](#), [530](#), [539](#), [556](#), [557](#),
[595](#), [661](#), [756](#)
mar Egeu [193](#), [195](#), [196](#), [268](#), [407](#), [411](#), [443](#), [642](#), [688](#), [701](#), [744](#)

Margutti; coronel [41](#)
Marix, Reginald [134](#)
Marne [102](#), [103](#), [104](#), [106](#), [108](#), [111](#), [112](#), [114](#), [115](#), [119](#), [122](#), [123](#)
mar Negro [179](#), [192](#), [195](#), [245](#), [321](#), [323](#), [328](#)
Marriott-Watson [545](#)
Marrocos [24](#), [25](#), [29](#), [61](#), [493](#), [697](#)
Marshall, George C.; capitão [482](#), [490](#), [609](#), [673](#), [764](#)
mar Vermelho [28](#), [152](#), [332](#), [346](#), [413](#), [463](#)
Marwitz; general [477](#)
Masaryk, Tomáš [76](#), [516](#), [584](#), [636](#), [672](#)
Massacre de La Courtine [483](#)
Masterman, J.C. [401](#), [757](#)
Maude; general [428](#)
Maunoury; general [103](#), [106](#), [110](#)
Maurice Barrès [320](#)
Max Reinhardt [147](#)
Maze, Paul [386](#), [402](#), [620](#), [621](#)
McCrae, John [530](#), [712](#), [746](#)
McKey, Edward M. [581](#)
McMahon, Sir Henry [294](#), [295](#)
McNee, J. W.; major [471](#)
McWhirter, Hugh [254](#)
Meca [188](#), [194](#), [293](#), [294](#), [346](#)
Medalha de Mérito [16](#)
Medalha Militar [331](#)
Medalha por Distinção em Serviço [16](#), [139](#), [162](#), [541](#)
Meinertzhagen, Richard [496](#)
Mein Kampf [672](#), [703](#)
Meir Ronnen [20](#)
Menin [14](#), [136](#), [137](#), [138](#), [139](#), [145](#)
Mensdorff [520](#), [666](#); conde [75](#)
Merton College [16](#)
Mesopotâmia [16](#), [35](#), [153](#), [194](#), [198](#), [202](#), [233](#), [242](#), [277](#), [289](#), [292](#), [293](#), [294](#), [295](#),
[309](#), [311](#), [313](#), [321](#), [328](#), [329](#), [332](#), [333](#), [334](#), [336](#), [422](#), [428](#), [441](#), [520](#), [623](#), [638](#),

[642](#), [648](#), [673](#), [698](#), [717](#), [745](#), [746](#), [749](#), [753](#)

Mew, Charlotte [689](#)

México [416](#), [421](#), [430](#)

Miall-Smith [351](#)

Michael Polanyi [16](#)

Middleton, Jim [612](#)

Mikhail Tukhachevsky [320](#)

Milbanke, Sir John [262](#)

Miliukov, Paul [427](#)

Millerand, Alexandre [125](#), [246](#), [705](#)

Millet; general [124](#)

Milner; lorde [470](#), [593](#), [618](#)

Minh, Ho Chi [674](#), [775](#)

Ministério da Guerra [387](#), [433](#), [601](#), [607](#), [698](#)

Mitterrand [714](#)

Moltke [30](#), [36](#), [54](#), [56](#), [58](#), [64](#), [74](#), [81](#), [91](#), [112](#), [124](#), [140](#), [148](#)

Monro, Sir Charles [284](#), [288](#)

Mons [88](#), [89](#), [90](#), [91](#), [93](#), [94](#), [96](#), [100](#), [104](#), [106](#), [109](#), [111](#), [144](#)

Montague; capitão “Cardy” [402](#), [757](#)

Montgomery [14](#), [134](#)

Monumento ao Soldado Desconhecido [15](#)

Moore, Sir John [94](#); tenente-coronel H. G. A. [254](#)

Moorhead [366](#), [367](#)

Morávia [156](#)

Morris, Lionel [393](#)

Moscou [402](#), [501](#), [537](#), [538](#), [597](#), [638](#), [651](#), [694](#), [697](#), [742](#)

Mühler, Alfred [238](#)

Muirhead; tenente [664](#), [706](#)

Müller [30](#), [31](#), [158](#)

Munique [57](#), [61](#), [276](#)

Munro, H. H.; sargento (“Saki”) [402](#)

Murat; capitão [401](#)

Mussolini, Benito [132](#), [133](#), [176](#), [280](#), [419](#), [495](#), [496](#), [551](#), [700](#), [711](#), [740](#), [758](#)

Mussorgsky; brigadeiro [271](#)

N

Nada de novo no front [707](#)

Namur [72](#), [84](#), [88](#), [93](#), [94](#), [101](#)

Napoleão [22](#), [26](#), [32](#), [84](#), [209](#), [267](#), [277](#), [402](#), [539](#), [567](#), [631](#), [700](#), [750](#)

Napoleão III [22](#)

Nation [414](#), [454](#), [577](#)

Nedi, Darwan Singh [162](#)

Needham, Henry [239](#)

Nepenin; almirante [427](#)

Neumann; capitão [444](#)

Neumarkt [68](#)

Neuve Chapelle [188](#), [189](#), [190](#), [191](#), [223](#), [224](#), [246](#), [276](#), [341](#), [350](#)

New York Herald [644](#)

New York Times [128](#), [452](#), [693](#)

Nicholas Eden [17](#)

Nicolai, Georg [563](#), [564](#)

Nicolau [24](#), [76](#), [155](#), [173](#); grão-duque [426](#)

Nicolson, Sir Arthur [43](#), [45](#)

Niemöller, Martin [493](#), [764](#)

Niš [49](#), [160](#)

Nivelle [347](#); general [410](#), [423](#), [436](#), [437](#)

Noel Chavasse [375](#)

Nona Batalha do Isonzo [399](#)

Norman Chamberlain [445](#), [511](#)

Noruega [44](#), [62](#), [63](#), [149](#)

Nova York [17](#), [98](#), [119](#), [389](#), [394](#), [421](#), [429](#), [430](#), [442](#), [450](#), [509](#), [538](#), [553](#), [583](#), [596](#), [656](#), [664](#), [677](#), [739](#), [765](#), [768](#), [770](#)

Nova Zelândia [413](#), [444](#), [652](#), [673](#), [715](#), [763](#)

Novogeorgievsk [249](#), [258](#)

Nursing Mirror [87](#)

O

O'Brien, Mick [341](#), [342](#)

Observer [576](#)
Odent, Eugene [103](#)
Ofensiva de Nivelles [436](#)
Oitava Batalha do Isonzo [398](#)
Ordem do Mérito [199](#)
Oriente Médio [18](#), [178](#), [180](#), [201](#), [422](#)
Orlando, Vittorio [503](#)
Os quarenta dias de Musa Dag [369](#)
OSullivan, Gerald [262](#)
Otto Buek [147](#)
Owen, Wilfred [415](#), [429](#), [472](#), [577](#), [631](#), [632](#), [646](#), [649](#), [652](#), [653](#), [665](#), [759](#)

P

Pacto da Liga [691](#)
Pacto de Corfu [468](#)
padre Hout [564](#)
Painlevé, Paul [451](#)
palácio de Buckingham [52](#), [456](#)
Paléologue, Maurice [69](#), [76](#), [150](#), [514](#)
Palestina [192](#), [201](#), [212](#), [291](#), [294](#), [332](#), [411](#), [412](#), [413](#), [422](#), [428](#), [436](#), [439](#), [441](#), [490](#), [496](#), [497](#), [500](#), [520](#), [572](#), [615](#), [622](#), [648](#), [673](#), [698](#), [706](#), [742](#), [745](#)
Pallavicini; marquesa [57](#)
Palmer, Alan [312](#), [317](#), [446](#), [478](#), [719](#), [736](#)
Pankhurst, D. A.; cabo [301](#)
Panvin, Georges [574](#)
Papen, Franz von [119](#)
Paris [16](#), [17](#), [22](#), [24](#), [26](#), [56](#), [57](#), [63](#), [64](#), [69](#), [72](#), [76](#), [84](#), [87](#), [97](#), [100](#), [101](#), [102](#), [103](#), [105](#), [106](#), [108](#), [110](#), [114](#), [117](#), [126](#), [130](#), [151](#), [182](#), [197](#), [239](#), [244](#), [266](#), [270](#), [303](#), [314](#), [315](#), [323](#), [332](#), [383](#), [396](#), [418](#), [425](#), [436](#), [449](#), [451](#), [457](#), [460](#), [481](#), [482](#), [483](#), [493](#), [505](#), [506](#), [530](#), [539](#), [542](#), [544](#), [547](#), [558](#), [565](#), [566](#), [569](#), [570](#), [573](#), [574](#), [575](#), [590](#), [591](#), [594](#), [601](#), [602](#), [614](#), [621](#), [636](#), [657](#), [671](#), [674](#), [679](#), [681](#), [682](#), [683](#), [686](#), [700](#), [740](#), [752](#), [770](#), [771](#)
Paris Daily Mail [403](#)
Parodi, Humbert; dr. [520](#)

Parr; conde [41](#), [87](#)

Partido Conservador [23](#)

Partido Liberal [67](#)

Partido Menchevique [425](#)

Partido Social-Democrata [69](#), [125](#)

Partido Socialista francês [55](#)

Partido Trabalhista [67](#), [97](#), [146](#)

Paxá, Boghos Nubar [697](#), [766](#)

Paxá, Djemal [293](#), [333](#)

Paxá, Enver [28](#), [71](#), [157](#), [213](#), [317](#)

Passaga; general [555](#)

Passchendaele [13](#), [136](#), [450](#), [474](#), [485](#), [488](#), [489](#), [492](#), [495](#), [496](#), [540](#), [542](#), [554](#), [618](#), [641](#)

Patrick Shaw-Stewart [237](#)

Patterson; coronel [212](#)

Patton; coronel [608](#), [610](#), [764](#), [771](#)

Patton Jr., George S. [608](#)

Paul Emil von Lettow-Vorbeck [329](#)

Paul Maze [16](#), [57](#), [92](#), [96](#), [116](#), [117](#)

Peacock [171](#)

Pedro, o Grande [24](#), [59](#)

Peirse, Richard [180](#)

Pergaud, Louis [201](#)

Pershing, John J.; general [430](#), [450](#), [455](#), [456](#), [457](#), [458](#), [460](#), [470](#), [481](#), [482](#), [483](#), [489](#), [490](#), [499](#), [507](#), [526](#), [532](#), [535](#), [545](#), [549](#), [554](#), [555](#), [556](#), [560](#), [561](#), [568](#), [569](#), [570](#), [574](#), [579](#), [580](#), [586](#), [590](#), [607](#), [609](#), [620](#), [627](#), [633](#), [635](#), [639](#), [645](#), [650](#), [666](#), [686](#), [719](#), [761](#), [768](#), [769](#), [770](#), [772](#), [773](#), [774](#)

Pérsia [28](#), [34](#), [192](#), [195](#), [321](#), [329](#), [422](#), [428](#), [601](#), [746](#), [749](#)

Pétain [450](#), [456](#), [458](#), [460](#), [480](#), [526](#), [545](#), [547](#), [571](#), [587](#), [609](#), [618](#), [633](#), [639](#); general [241](#), [317](#), [324](#), [335](#), [346](#); Henri Philippe [21](#), [164](#)

Peters; marinheiro [237](#)

Petrogrado [59](#), [76](#), [154](#), [156](#), [179](#), [197](#), [244](#), [249](#), [257](#), [268](#), [284](#), [310](#), [330](#), [412](#), [417](#), [418](#), [419](#), [424](#), [425](#), [427](#), [428](#), [431](#), [440](#), [441](#), [442](#), [447](#), [448](#), [461](#), [468](#), [469](#), [483](#), [500](#), [501](#), [506](#), [514](#), [515](#), [516](#), [536](#), [537](#), [538](#), [559](#), [611](#), [613](#), [623](#), [737](#)

Peugeot, André [60](#), [705](#)

Pflanzer-Balltin; general [668](#)

Pflanzer-Baltin [346](#), [371](#)

Philippe Millet [176](#)

Philipps, Colwyn; capitão [190](#)

Piłsudski, Józef [76](#), [120](#), [400](#), [462](#), [629](#), [696](#)

Picot, Georges [332](#), [623](#)

Pike, William [262](#)

Place de la Concorde [24](#), [57](#)

Plano [17](#) [79](#)

Plano Schlieffen [56](#), [110](#)

Plessier; general [84](#)

Plowman, Max [529](#)

Plumer; general [487](#)

Poincaré, Raymond [163](#), [283](#), [320](#)

Pollitt, George [200](#)

Polônia [15](#), [24](#), [61](#), [76](#), [119](#), [121](#), [132](#), [150](#), [151](#), [156](#), [157](#), [186](#), [197](#), [231](#), [268](#), [283](#), [291](#), [302](#), [343](#), [347](#), [375](#), [399](#), [400](#), [414](#), [462](#), [537](#), [629](#), [679](#), [682](#), [688](#), [691](#), [695](#), [696](#), [702](#), [703](#), [706](#), [737](#), [741](#), [762](#), [766](#), [772](#)

Popolo d'Italia [133](#)

Porta de Menin [13](#), [475](#), [705](#)

Portland [50](#)

Portugal [63](#), [395](#), [412](#), [673](#), [715](#), [758](#), [775](#)

Potsdam [26](#), [36](#), [38](#), [39](#), [43](#)

Potts, F. W. O.; soldado [262](#)

Pourtalès; conde [59](#)

Powell, E. Alexander [73](#), [105](#), [122](#), [131](#)

Praga [17](#), [38](#), [76](#), [491](#), [527](#), [558](#), [562](#), [584](#), [644](#), [647](#), [672](#)

Pravda [441](#), [469](#), [533](#)

Primeira Batalha de Ypres [137](#), [145](#)

Primeira Guerra dos Bálcãs [30](#), [79](#), [402](#)

Primeira Guerra Mundial [11](#), [12](#), [14](#), [15](#), [16](#), [17](#), [18](#), [19](#), [51](#), [87](#), [203](#), [254](#), [333](#), [464](#), [508](#), [649](#), [682](#), [689](#), [696](#), [707](#), [709](#), [710](#), [711](#), [712](#), [713](#), [714](#), [715](#), [716](#), [717](#), [719](#), [740](#), [741](#), [742](#), [750](#), [751](#), [755](#), [756](#), [757](#), [760](#), [763](#)

Princip [13](#), [40](#), [41](#); Gavrilo [558](#), [688](#), [711](#), [768](#)

príncipe Max [600](#), [625](#), [626](#), [629](#), [630](#), [637](#), [638](#), [641](#), [645](#), [650](#), [655](#), [657](#), [659](#)
Prittwitz; general [81](#)
Programa Industrial Hindenburg [389](#)
Prometeu, de Ésquilo [387](#)
Protopopov [400](#)
Pruett, Joseph [636](#)
Prússia [32](#), [60](#), [64](#), [80](#), [81](#), [82](#), [527](#), [626](#), [629](#), [682](#), [700](#), [702](#), [737](#)
Przasnysz [188](#)
Przemyl [196](#), [197](#), [231](#), [233](#), [319](#)
Punch [146](#)
Putnik; general [49](#), [83](#)

Q

Quarta Batalha de Ypres [618](#)
Quentin Roosevelt [587](#)
Quigley, Hugh [487](#), [488](#), [635](#)
Quirnheim, Mertz von [589](#), [596](#)

R

rainha Mary [37](#)
Ramsay MacDonald [452](#), [467](#)
Rasin, Alois [491](#)
Rathenau, Walther [56](#), [68](#), [69](#), [131](#), [132](#), [389](#), [465](#), [630](#), [700](#)
Rawlinson; general [136](#), [224](#), [230](#), [266](#), [367](#), [397](#), [546](#), [557](#)
Raymond Asquith [387](#), [396](#)
Raynal [345](#)
R. Delville [73](#)
Read, Charles [632](#)
Reading; lorde [544](#), [545](#), [548](#)
Ready-Diarmid; capitão [512](#)
Realities of War [298](#)
Redmond, John [66](#), [67](#)

Reed, John [160](#), [161](#)
Rees, T.; tenente [393](#)
Reichpietsch, Max [476](#), [763](#)
Reichsrat [448](#)
Reichstag [24](#), [60](#), [69](#), [409](#), [448](#), [466](#), [467](#), [492](#), [578](#), [604](#), [626](#), [640](#), [648](#), [657](#), [659](#), [745](#)
Remarque, Erich Maria [707](#)
Rennenkampf; general [80](#), [81](#)
Repington; coronel [227](#)
Resolução de Paz [467](#)
Rethondes [14](#)
Revolta Árabe [572](#), [717](#)
Revolução Americana [325](#)
Revolução Russa [425](#), [503](#)
Revolução Vermelha [651](#)
Rhoades, E. L.; comandante [71](#)
Ribbentrop, Joachim [486](#)
Ricardo Coração de Leão [519](#)
Richard Bell Davies [16](#)
Richard Sorge [324](#)
Richthofen, Manfred von [393](#), [407](#), [431](#), [437](#), [510](#), [554](#), [588](#)
Rickenbacker, Eddie [589](#), [663](#)
Rilke [276](#)
Rimell, R. L. [391](#), [392](#)
rio Marne [103](#), [106](#)
rio Tigre [233](#)
Ritchie, Walter [351](#)
Robeck; almirante [198](#), [199](#)
Robert Palmer [312](#)
Roberts, Richard [172](#)
Robertson, Sir William [247](#), [296](#), [367](#), [487](#), [771](#), [772](#)
Robinson; tenente [391](#), [392](#), [393](#), [431](#), [671](#), [717](#), [756](#)
Rodman, Hugh [557](#)
Rodzianko, Mikhail [427](#), [442](#)

Roland Leighton [45](#)

Rolland, Romain [197](#), [267](#)

Roma [17](#)

Romanov [76](#)

Romênia [26](#), [44](#), [63](#), [179](#), [192](#), [193](#), [195](#), [198](#), [382](#), [383](#), [386](#), [389](#), [391](#), [399](#), [407](#), [411](#), [412](#), [426](#), [477](#), [481](#), [485](#), [515](#), [527](#), [562](#), [636](#), [637](#), [675](#), [688](#), [691](#), [702](#), [703](#), [714](#), [759](#), [775](#)

Rommel [14](#), [87](#); Erwin [181](#); tenente [391](#), [495](#), [504](#), [514](#), [740](#), [747](#), [750](#)

Roosevelt, Franklin [595](#); Theodore [221](#), [222](#), [490](#), [550](#), [587](#), [595](#), [661](#), [770](#), [772](#)

Rosenberg, Isaac [432](#), [444](#), [548](#), [549](#)

Rossignol [89](#), [90](#)

Rossler, Walter [232](#)

Rothschild; lorde [490](#), [500](#)

Roupell, George [104](#)

Rousseau, Jean-Jacques [105](#)

Royal Flying Corps [360](#), [361](#), [392](#), [394](#), [435](#), [510](#), [753](#)

Royal Irish Fusiliers [510](#)

Rudyard Kipling [13](#), [19](#), [274](#)

Ruhleben [78](#), [183](#), [184](#), [372](#)

Rumbold, Sir Horace [18](#), [39](#), [48](#), [52](#), [60](#), [62](#), [520](#), [540](#), [604](#), [634](#), [669](#), [670](#), [703](#), [708](#)

Rupert Grayson [274](#)

Ruppin, Arthur [157](#), [411](#), [634](#), [671](#)

Rupprecht; príncipe [417](#), [454](#), [511](#), [550](#), [554](#), [571](#), [600](#), [637](#)

Russell, Bertrand [452](#), [504](#), [528](#), [529](#), [532](#)

Rússia [16](#), [24](#), [25](#), [27](#), [28](#), [30](#), [33](#), [36](#), [37](#), [42](#), [43](#), [44](#), [46](#), [47](#), [49](#), [50](#), [51](#), [52](#), [53](#), [54](#), [55](#), [56](#), [57](#), [58](#), [59](#), [60](#), [63](#), [69](#), [76](#), [81](#), [83](#), [99](#), [102](#), [117](#), [120](#), [121](#), [125](#), [132](#), [150](#), [154](#), [155](#), [156](#), [173](#), [178](#), [179](#), [181](#), [192](#), [195](#), [196](#), [201](#), [213](#), [217](#), [218](#), [231](#), [232](#), [244](#), [245](#), [248](#), [258](#), [259](#), [267](#), [268](#), [269](#), [270](#), [276](#), [280](#), [281](#), [283](#), [285](#), [292](#), [303](#), [310](#), [320](#), [332](#), [344](#), [348](#), [367](#), [378](#), [400](#), [412](#), [415](#), [417](#), [418](#), [423](#), [424](#), [425](#), [426](#), [427](#), [428](#), [430](#), [431](#), [441](#), [444](#), [447](#), [448](#), [455](#), [469](#), [481](#), [500](#), [501](#), [503](#), [506](#), [514](#), [515](#), [516](#), [517](#), [520](#), [521](#), [522](#), [526](#), [528](#), [534](#), [536](#), [537](#), [542](#), [550](#), [562](#), [563](#), [571](#), [572](#), [576](#), [584](#), [591](#), [596](#), [601](#), [602](#), [611](#), [662](#), [680](#), [682](#), [686](#), [691](#), [695](#), [696](#), [697](#), [700](#), [707](#), [711](#), [714](#), [747](#), [755](#), [759](#), [771](#)

Ruzsky; general [426](#)

S

Saint-Clément [21](#)

Sakharov; general [426](#)

saliente de Ypres [12](#), [13](#), [137](#), [138](#), [139](#), [143](#), [162](#), [163](#)

Salonica [12](#), [17](#), [383](#), [386](#), [390](#), [395](#), [401](#), [409](#), [419](#), [420](#), [428](#), [439](#), [446](#), [447](#), [468](#), [474](#), [478](#), [514](#), [526](#), [531](#), [571](#), [611](#), [612](#), [619](#), [621](#), [625](#), [629](#), [638](#), [649](#), [670](#), [719](#), [739](#), [749](#), [753](#), [772](#)

Salter, Arthur [465](#)

Samsonov; general [80](#), [82](#)

Samuel, Hebert [192](#)

Sanders, Otto Liman von; general [36](#), [198](#), [211](#), [213](#), [243](#), [251](#), [253](#), [263](#), [615](#)

São Petersburgo [38](#), [43](#), [46](#), [53](#), [54](#), [59](#), [69](#), [75](#)

Saraievo [13](#), [14](#), [39](#), [40](#), [41](#), [43](#), [45](#), [46](#), [127](#)

Sargent, John Singer [591](#), [628](#), [770](#), [772](#)

Sarrail; general [117](#), [314](#), [386](#), [402](#)

Sassoon, Siegfried [435](#), [449](#), [471](#), [472](#), [646](#), [677](#)

Savage, Raymond [498](#)

Sazonoff, Sergius [47](#), [53](#), [54](#), [59](#)

Scheidemann, Philip [626](#), [659](#)

Scheubner-Richter, Max Erwin von [202](#)

Scheüch; coronel [68](#)

Schlieffen [56](#), [58](#)

Schmeernkase, Otto [609](#)

Scholtz; general [612](#)

Schroeder; almirante [131](#)

Schwab, Charles [158](#), [597](#)

Schwieger, Walther; capitão [219](#), [220](#), [221](#), [264](#), [481](#), [709](#), [710](#)

Scimager, Francis; capitão [205](#)

Scotson, Jim [235](#)

Scott, C. P. [67](#), [521](#), [525](#), [673](#), [773](#)

Scottish Borderers [235](#)

Sedd el Bahr [188](#), [209](#)

Segunda Guerra Mundial [11](#), [13](#), [14](#), [16](#), [17](#), [136](#), [177](#), [324](#), [336](#), [452](#), [457](#), [675](#), [682](#), [706](#), [711](#), [712](#), [713](#), [717](#), [738](#), [739](#), [740](#), [742](#), [746](#), [748](#), [750](#), [752](#), [754](#), [755](#), [757](#),

[763](#), [764](#), [765](#), [768](#), [769](#), [770](#), [771](#), [772](#), [775](#), [776](#)

Segunda Internacional Socialista [329](#)

Seidler, Ernst [491](#)

Seilles [72](#)

Senegal [204](#)

Sérvia [13](#), [17](#), [24](#), [26](#), [27](#), [29](#), [30](#), [31](#), [32](#), [33](#), [35](#), [38](#), [40](#), [41](#), [42](#), [43](#), [44](#), [45](#), [46](#), [47](#), [48](#), [49](#), [50](#), [51](#), [54](#), [62](#), [63](#), [72](#), [83](#), [160](#), [178](#), [192](#), [277](#), [280](#), [281](#), [282](#), [285](#), [286](#), [287](#), [295](#), [302](#), [308](#), [317](#), [401](#), [423](#), [468](#), [501](#), [527](#), [528](#), [585](#), [629](#), [630](#), [633](#), [638](#), [644](#), [647](#), [670](#), [680](#), [711](#), [714](#), [715](#), [742](#), [749](#), [759](#)

Sétima Batalha do Isonzo [478](#)

S. Godfrey [325](#)

Shaw-Stewart, Patrick [524](#)

Sherwood Foresters [224](#)

Sibéria [16](#), [156](#), [173](#), [427](#), [516](#), [522](#), [566](#), [584](#), [741](#), [747](#), [776](#)

Siebert [311](#)

Siegfried Sassoon [236](#), [326](#), [341](#), [357](#)

sikhs [184](#)

Silésia [151](#), [156](#)

Simkins, Peter [109](#)

Simmons, Mervyn [184](#)

Sinai [411](#), [412](#), [413](#), [422](#), [439](#), [463](#), [753](#)

Singapura [186](#), [187](#)

Singh, Jemadar Sudhan; oficial [199](#)

Sir Edward Goschen [33](#)

Sir Edward Louis Spears [16](#)

Síria [193](#), [194](#), [202](#), [233](#), [293](#), [294](#), [332](#), [333](#), [334](#), [622](#), [623](#), [642](#), [648](#), [673](#), [698](#)

Sir John Gray Hill [27](#)

Sir John Wheeler-Bennett [15](#)

Sistema de Traição [401](#)

Skene; tenente [79](#)

Skrynski, Alexander; conde [540](#), [766](#)

Slatin, Sir Rudolph [75](#)

Smith-Dorrien [204](#); Sir Horace [45](#), [49](#), [92](#), [94](#), [103](#), [106](#), [108](#), [112](#), [134](#), [146](#), [165](#)

Smuts; general [455](#), [459](#), [470](#), [520](#), [539](#), [540](#), [593](#)

Sniper Sandy [404](#)

Somme [12](#), [382](#), [383](#), [384](#), [385](#), [386](#), [387](#), [388](#), [389](#), [390](#), [395](#), [397](#), [398](#), [402](#), [403](#), [404](#), [405](#), [411](#), [427](#), [433](#), [438](#), [459](#), [470](#), [475](#), [479](#), [489](#), [540](#), [542](#), [544](#), [545](#), [547](#), [548](#), [549](#), [550](#), [551](#), [554](#), [567](#), [581](#), [582](#), [591](#), [596](#), [598](#), [603](#), [604](#), [607](#), [628](#), [632](#), [694](#), [698](#), [706](#), [710](#), [712](#), [713](#), [754](#), [757](#), [764](#), [776](#)

Sorge, Richard [145](#)

Souchon; almirante [71](#), [152](#)

South African Scottish [322](#), [359](#), [361](#)

Soviete de Petrogrado [425](#), [426](#), [447](#), [448](#), [483](#)

Soviete de Trabalhadores, Soldados e Camponeses de Petrogrado [425](#)

Spears; capitão [16](#), [80](#), [84](#), [85](#), [101](#), [102](#)

Spee, Maximilian von [148](#), [158](#)

Sra. Harley [419](#)

Stálin [145](#), [320](#), [528](#), [534](#), [597](#), [601](#), [741](#), [744](#), [747](#), [755](#), [776](#)

Stalingrado [347](#), [597](#), [757](#)

Stallibrass [360](#)

Stamboliiski, Alexander [614](#)

Stanton, Charles [460](#)

Starr, Dillwyn Parrish [390](#)

State of the Nation Address [Discurso sobre o Estado da Nação] [414](#)

Steele, Gordon [681](#), [682](#)

Sterling, Robert [203](#), [204](#)

Stettinius, Edward [601](#)

Stewart Chamberlain, Houston [148](#)

Stinnes, Hugo [400](#)

Stopford; general [255](#)

Strachan, H.; tenente [508](#)

Stramm, August; capitão [260](#)

Strasbourg [24](#)

Strasser, Peter [595](#), [596](#)

Straussenburg, Arz von [612](#)

Stumm; barão [65](#)

Sturdee; almirante [158](#)

Sudão [23](#), [75](#)

Suécia [32](#), [62](#), [63](#), [149](#), [431](#)

Suíça [60](#), [63](#), [68](#), [69](#), [76](#), [78](#), [133](#), [147](#), [154](#), [174](#), [179](#), [200](#), [266](#), [267](#), [276](#), [329](#), [400](#), [428](#), [437](#), [466](#), [520](#), [539](#), [708](#)

Sukhomlinov; general [52](#)

Sulzbach, Herbert [137](#), [138](#), [141](#), [590](#), [712](#)

Sverdlov [623](#)

Sykes, Mark [572](#), [623](#), [764](#); Sir Mark [201](#), [332](#)

Szogyeny; conde [43](#)

T

Tägert, Wilhelm [228](#)

Tannenberg [81](#), [82](#), [155](#), [172](#)

Taylor, Marvin H. [590](#)

Tchecoslováquia [566](#), [584](#), [599](#), [636](#), [644](#), [647](#), [672](#), [682](#), [688](#), [691](#), [702](#), [710](#), [770](#), [771](#), [773](#), [775](#)

Teddy Roosevelt [587](#)

T. E. Lawrence; Lawrence da Arábia [329](#), [346](#)

tenente-coronel G. R. Stevens [388](#)

tenente-coronel Joffre [22](#)

Tennant, E. W. [388](#)

Terceira Batalha de Ypres [450](#), [487](#), [489](#)

Terceira Batalha do Aisne [566](#)

Terceiro Reich [485](#), [774](#)

Terra Nova [254](#), [349](#), [355](#), [397](#), [434](#), [439](#), [475](#), [598](#), [604](#), [751](#), [759](#)

Terror Vermelho [611](#)

Thaw, William [98](#), [163](#)

The Atlas of the First World War [18](#)

The European Powers 1900-1945 [18](#)

The Forty Days [Os quarenta dias de Musa Dagħ] [694](#)

The Irish Guards in the Great War [19](#)

The Last Post [393](#), [705](#)

The Mad Soldier [389](#)

Theodore Roosevelt Jr. [490](#), [770](#)

The Secret Battle [236](#)

The Sentry [415](#)

The Turning Points of History [547](#)

Thomas, W. Beach [403](#)

Thomas Glasse [717](#)

Thomas Hardy [667](#)

Thompson; tenente [532](#)

Thrasher, Leon [200](#)

Timbuktu [22](#)

Times [67](#), [71](#), [74](#), [76](#), [83](#), [86](#), [94](#), [99](#), [100](#), [104](#), [106](#), [126](#), [150](#), [158](#), [179](#), [226](#), [227](#), [242](#), [272](#), [312](#), [333](#), [420](#), [493](#), [510](#), [520](#), [529](#), [534](#), [552](#), [565](#), [581](#), [583](#), [596](#), [648](#), [676](#), [680](#), [714](#), [717](#), [736](#), [742](#), [761](#), [765](#), [767](#)

Tirpitz; almirante [30](#), [31](#), [34](#), [52](#), [61](#), [110](#), [112](#), [131](#), [135](#), [197](#), [253](#), [334](#)

Tisza, István; conde [38](#), [42](#), [44](#)

To die for the fatherland is a sweet thing and becoming [473](#)

Toussaint; comandante [117](#)

Townshend; general [233](#), [289](#), [290](#), [313](#), [332](#), [337](#), [422](#), [642](#), [648](#)

Tratado de Brest-Litovsk [537](#), [538](#), [566](#)

Tratado de Lausanne [701](#)

Tratado de Lunéville [86](#)

Tratado de Paz [542](#), [680](#)

Tratado de Paz de Brest-Litovsk [542](#)

Tratado de Riga [696](#)

Tratado de Sèvres [697](#), [698](#), [701](#)

Tratado de Trianon [688](#)

Tratado de Versalhes [684](#), [685](#), [690](#), [691](#), [692](#), [703](#), [708](#), [709](#), [738](#), [745](#)

Tratado Sobre Minorias [701](#)

Tréveris [58](#)

Tribunal de Leipzig [444](#), [738](#)

Tribunal Internacional de Haia [34](#), [48](#), [54](#)

Tríplice Aliança [27](#), [50](#)

Tríplice Entente [25](#), [50](#), [69](#), [74](#), [83](#)

Trótski, Leon [266](#), [448](#), [468](#), [501](#), [502](#), [506](#), [514](#), [516](#), [517](#), [521](#), [528](#), [533](#), [534](#), [537](#),

[550](#), [623](#)

Truman [456](#), [617](#), [618](#), [620](#), [662](#), [666](#), [772](#)

Trumpeldor, Joseph; capitão [212](#)

Tschirschky; conde [43](#), [44](#)

T. S. Eliot [454](#)

Tsereteli; príncipe [425](#)

Tukhachevsky; general [695](#), [696](#)

Tulloch; capitão [207](#)

Tunes [110](#)

Turner, William [219](#), [220](#), [221](#)

Turquia [28](#), [30](#), [31](#), [32](#), [36](#), [60](#), [63](#), [71](#), [127](#), [152](#), [153](#), [154](#), [157](#), [173](#), [179](#), [180](#), [193](#), [195](#), [198](#), [201](#), [213](#), [215](#), [263](#), [292](#), [329](#), [332](#), [346](#), [369](#), [412](#), [418](#), [458](#), [515](#), [520](#), [527](#), [537](#), [563](#), [621](#), [642](#), [643](#), [648](#), [651](#), [692](#), [697](#), [701](#), [702](#), [706](#), [714](#), [750](#), [765](#), [766](#)

Tuttle, Henry [392](#)

Twamley [309](#)

Tyne Cot [13](#)

U

Ucrânia [12](#), [15](#), [441](#), [517](#), [528](#), [530](#), [537](#), [559](#), [562](#), [566](#), [572](#), [576](#), [602](#), [692](#), [696](#), [706](#), [762](#), [773](#), [776](#)

União para a Libertação da Ucrânia [70](#)

União Soviética [320](#), [704](#), [737](#), [741](#), [747](#), [766](#), [772](#), [773](#)

Unter den Linden [63](#)

URSS [531](#)

V

Valentine Fleming [161](#)

Vandervelde, Émile [69](#)

Vansittart, Robert [46](#)

Varsóvia [15](#), [17](#), [76](#), [79](#), [173](#), [179](#), [231](#), [245](#), [248](#), [249](#), [400](#), [409](#), [451](#), [462](#), [629](#), [630](#), [696](#)

Venetia [128](#), [130](#)

Veneza [13](#)

Venizélos, Elefthérios [153](#)

Vera Brittain [45](#)

Verdun [21](#), [117](#), [127](#), [188](#), [218](#), [302](#), [303](#), [314](#), [315](#), [316](#), [317](#), [318](#), [319](#), [320](#), [321](#), [323](#), [324](#), [325](#), [335](#), [340](#), [341](#), [346](#), [347](#), [348](#), [355](#), [356](#), [359](#), [360](#), [368](#), [373](#), [385](#), [398](#), [405](#), [409](#), [459](#), [478](#), [479](#), [485](#), [595](#), [662](#), [695](#), [699](#), [708](#), [714](#), [744](#), [751](#), [752](#), [754](#)

Verkhovski; general [500](#)

Vernede, R. E. [433](#)

Viena [12](#), [17](#), [18](#), [33](#), [37](#), [42](#), [43](#), [44](#), [45](#), [46](#), [49](#), [50](#), [51](#), [54](#), [57](#), [67](#), [75](#), [76](#), [77](#), [78](#), [83](#), [156](#), [179](#), [197](#), [217](#), [250](#), [280](#), [306](#), [414](#), [431](#), [491](#), [524](#), [529](#), [531](#), [540](#), [562](#), [563](#), [576](#), [585](#), [599](#), [629](#), [635](#), [644](#), [647](#), [651](#), [669](#), [687](#), [742](#)

Vincent Weeks [174](#)

Vitez [19](#)

Vitória; rainha [25](#), [143](#)

Vuillemin, Joseph; capitão [435](#), [458](#), [759](#)

W

Wagner [148](#)

Waldersee; general [46](#)

Walther Rathenau [373](#)

Ward, George [124](#), [125](#)

Ware, Sir Fabian [698](#)

Waring, Lily Florence [285](#)

Warneford, Rex [238](#), [239](#)

Washburn, Stanley [150](#), [151](#), [179](#)

Washington [55](#), [119](#), [127](#)

Waterfall, Vincent; tenente [89](#)

Waterloo [62](#), [92](#), [135](#)

W. B. Yeats [551](#)

Weber, Erich [152](#), [214](#); Willy [476](#)

Weerde [122](#), [123](#)

Wehrle [152](#); tenente-coronel [193](#), [209](#)

Weimar [692](#), [768](#)

Weizmann, Chaim, dr. [572](#)

Wellesley, Gerard [177](#)

Wemyss; almirante [648](#); Wester [292](#)

Werfel, Franz [694](#)

West, Frederick [394](#), [599](#), [600](#), [771](#)

Weygand; coronel [97](#); general [658](#), [705](#), [738](#)

W. G. Wilkerson [301](#)

Wheeler; major [199](#)

Wheeler-Bennett, John [442](#), [461](#), [522](#)

White, Preston [181](#), [190](#), [191](#), [196](#), [260](#)

Wilhelm Forster [147](#)

Wilhelm II [22](#), [24](#), [25](#), [26](#), [311](#)

Wilhelm Roentgen [147](#)

Willcocks; general [190](#), [224](#); Sir james [162](#)

William L. Shirer [666](#)

Williams, Tudor [698](#), [699](#), [716](#)

Williamson, Alexander [124](#)

Willis, Raymond; capitão [209](#), [210](#)

Willmer; major [255](#)

Wilson, Cameron [544](#); Woodrow [37](#), [127](#), [202](#), [220](#), [310](#), [389](#), [394](#), [395](#), [407](#), [410](#), [411](#), [412](#), [413](#), [414](#), [416](#), [417](#), [425](#), [428](#), [429](#), [467](#), [507](#), [527](#), [528](#), [531](#), [532](#), [544](#), [545](#), [549](#), [575](#), [582](#), [584](#), [605](#), [614](#), [619](#), [626](#), [629](#), [630](#), [634](#), [636](#), [637](#), [638](#), [639](#), [640](#), [641](#), [645](#), [656](#), [666](#), [667](#), [670](#), [671](#), [674](#), [690](#), [697](#), [739](#), [741](#), [773](#)

Wingate, Sir Reginald [293](#)

Winifred Holtby [327](#)

Winnington-Ingram [173](#)

Wiskemann, Elizabeth [492](#), [636](#)

Wittgenstein, Ludwig [67](#), [77](#), [119](#), [120](#), [151](#), [344](#), [345](#), [346](#), [370](#), [398](#), [462](#), [576](#), [652](#), [687](#), [757](#)

Woermann; tenente [188](#)

Wolf, Karl Hermann [491](#), [492](#), [738](#)

Wood, Derwent [191](#), [227](#)

Wood-Martin [191](#)

Wordsworth [321](#)

Würzburg [15](#)

Wyndham, Percy [124](#)

X

Xangai [91](#)

Y

Yakubovich; coronel [441](#)

Yanushkevich [54](#)

Yates; capitão [166](#)

Yitzhak Ben-Zvi [157](#)

York, Alvin C. [452](#), [456](#), [630](#), [631](#), [636](#), [656](#), [739](#), [765](#)

Yorkshire Herald [121](#)

Young, Rush [403](#), [650](#)

Ypres [180](#), [190](#), [203](#), [204](#), [218](#), [225](#), [229](#), [247](#), [264](#), [296](#), [301](#), [304](#), [325](#), [343](#), [373](#), [465](#), [470](#), [474](#), [475](#), [476](#), [477](#), [484](#), [492](#), [530](#), [534](#), [540](#), [541](#), [550](#), [554](#), [591](#), [598](#), [607](#), [621](#), [635](#), [698](#), [705](#), [744](#)

Yudenitch [309](#)

Yusuf al-Hani [323](#)

Z

Zaharoff, Sir Basil [466](#)

Zangwill, Israel [405](#)

Zeeland, Paul van [564](#), [768](#)

Zhukov [14](#); Georgi Konstantinovich [399](#), [423](#), [424](#), [757](#)

Zimmermann, Alfred von; dr. [416](#), [417](#), [421](#)

Zimmern, Alfred [172](#)

Zmay Yovanovitch [287](#)

Zossen [184](#)



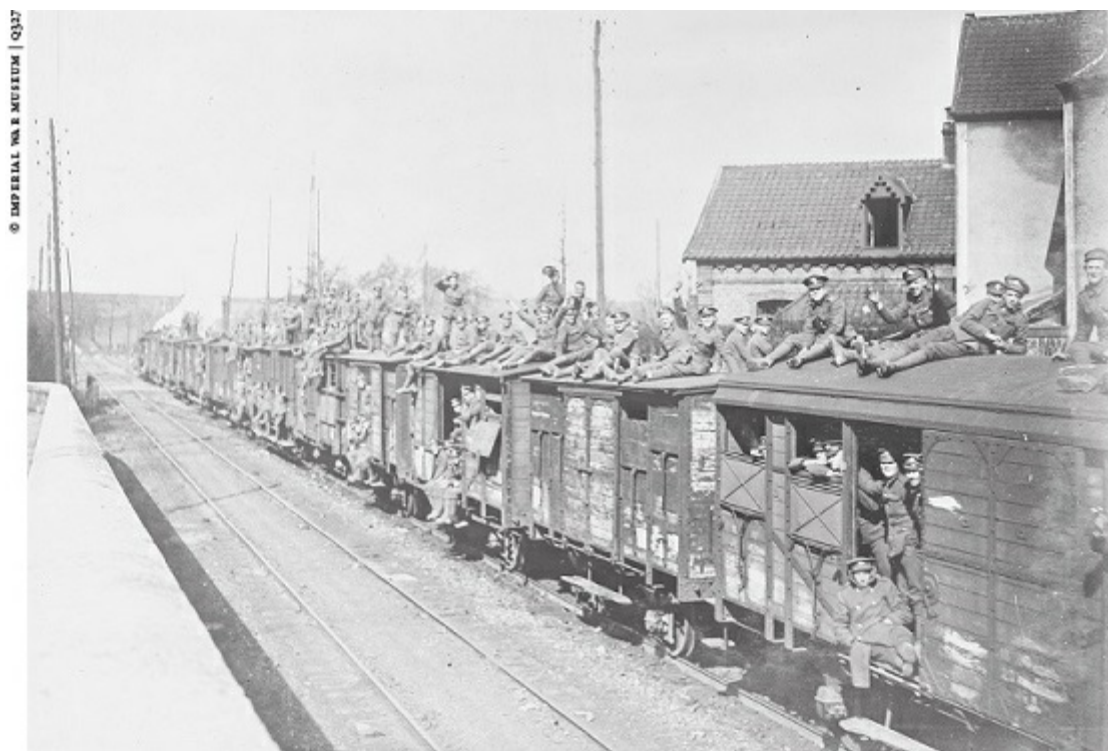
O arquiduque Franz Ferdinand, herdeiro do império Austro-Húngaro, sua mulher Sophie, duquesa de Hohenberg, e seus três filhos: princesa Sophie, Maximilian, duque de Hohenberg e príncipe Ernst von Hohenberg.



A prisão de Gavriilo Princip (sendo segurado à direita).



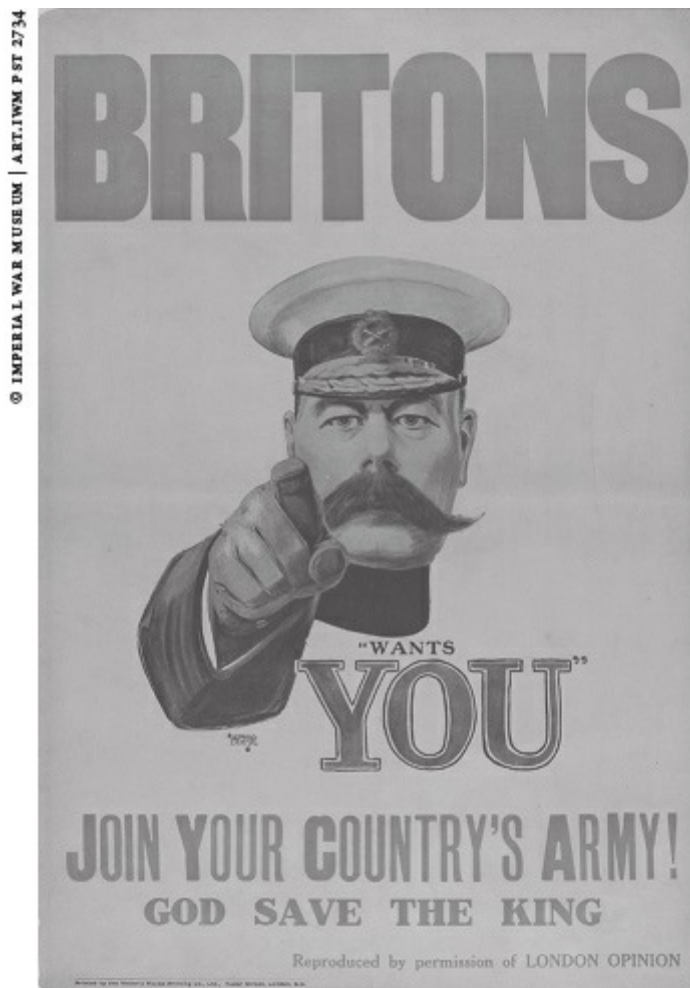
Soldados escoceses em retirada pelo Marne, 10 de setembro de 1914.



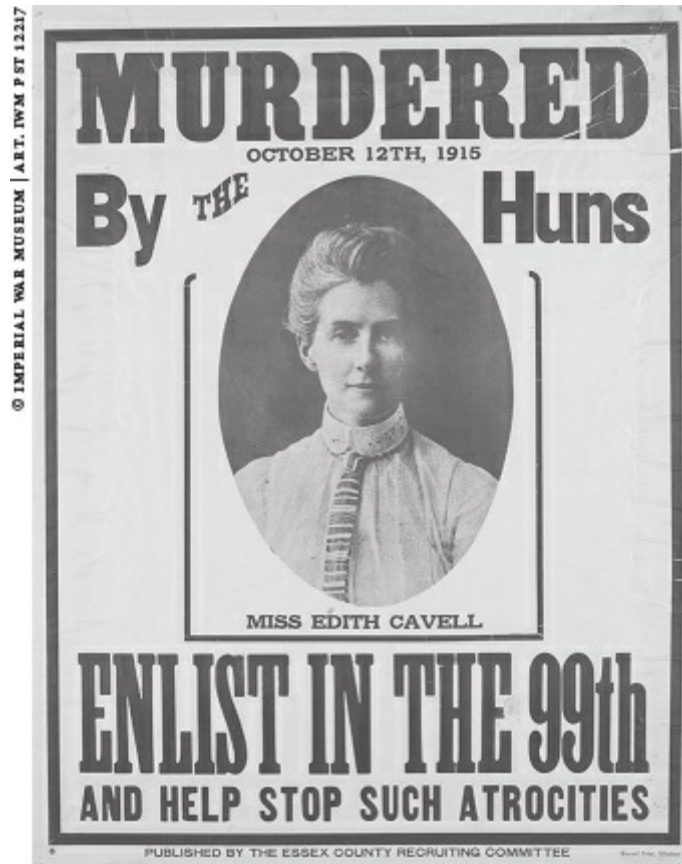
Tropas britânicas rumo à frente de batalha, 1914.



Tropas belgas ocupam postos de combate entre Louvain e Bruxelas, 20 de agosto de 1914.



Cartaz de recrutamento “Your Country Needs You” (“Seu país precisa de você”).



Cartaz britânico com o objetivo de citar a brutalidade dos inimigos contra a enfermeira Edith Cavell, executada pelos alemães em Bruxelas, em 12 de outubro de 1915.



Galípoli: cavalos são mantidos presos na praia, enquanto a tropa descansa.



Galípoli: soldados com ulcerações causadas pelo frio extremo, na baía de Suvla, num abrigo feito com caixas de biscoito, novembro de 1915.



Refugiados armênios alcançam a segurança em Baku.



Estado-Maior do quartel-general sérvio durante a retirada para o mar Adriático, outubro de 1915.



O primeiro dia da Batalha do Somme, 1º de julho de 1916, um fotograma do documentário britânico *The Battle of the Somme*.



Uma carreta de artilharia no Somme, perto de Flers, novembro de 1916.



O Somme: soldados britânicos com dois prisioneiros de guerra alemães. La Boisselle.



Tropas senegalesas a caminho da frente ocidental, junho de 1916.



Trincheira no Somme: alemães mortos num posto de metralhadoras, perto de Guillemont, setembro de 1916. Um soldado britânico aparece de pé.



Tanque britânico cruzando uma trincheira em seu caminho para a Batalha de Cambrai, novembro de 1917.



Verdun: grupo de metralhadores em ação, forte Vaux, 22 de novembro de 1916.



Oficiais do 1/7º Batalhão, na linha de frente em Givenchy, 15 de março de 1918.



Aviões da Royal Aircraft Factory, 21 de junho de 1918.



© IMPERIAL WAR MUSEUM | Q6003

Padioleiro cuida de um sargento gravemente ferido numa trincheira perto do bosque de Polygon, 26 de setembro de 1917.



© IMPERIAL WAR MUSEUM | Q45349

Tropas alemãs com máscaras de gás em ataque na frente oriental. Destaque para os dois soldados mortos próximos a eles.



Um grupo de soldados carregando uma maca numa trincheira traz um homem ferido.



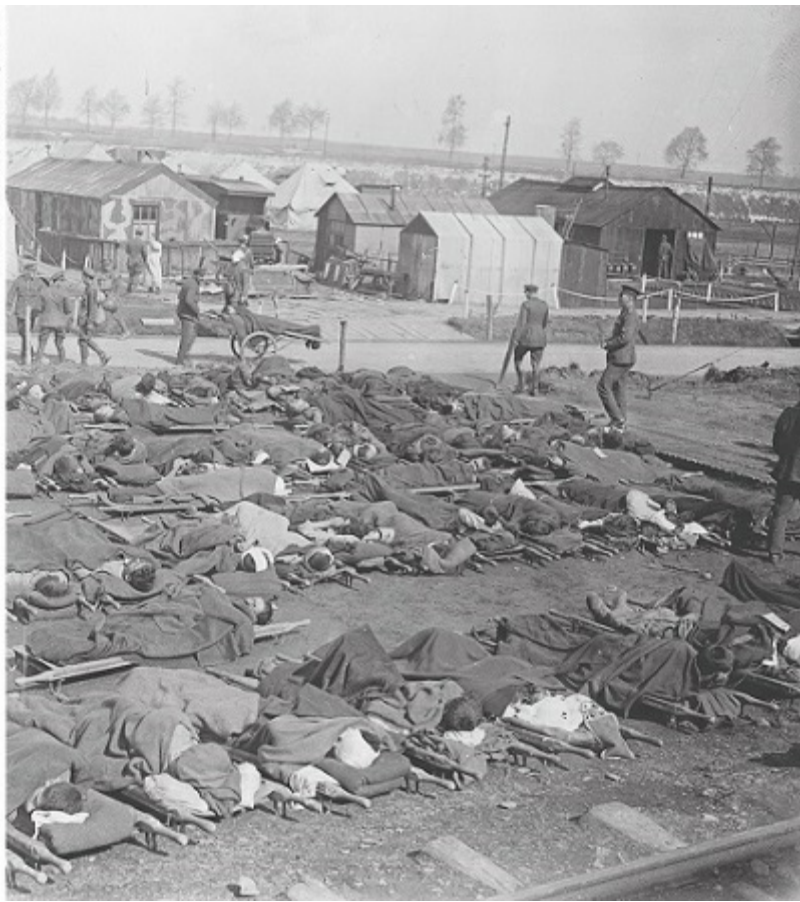
Soldados romenos com rifles numa trincheira. Destaque para o soldado aos fundos, posicionado para jogar uma granada, e para um sinaleiro operando um telefone.



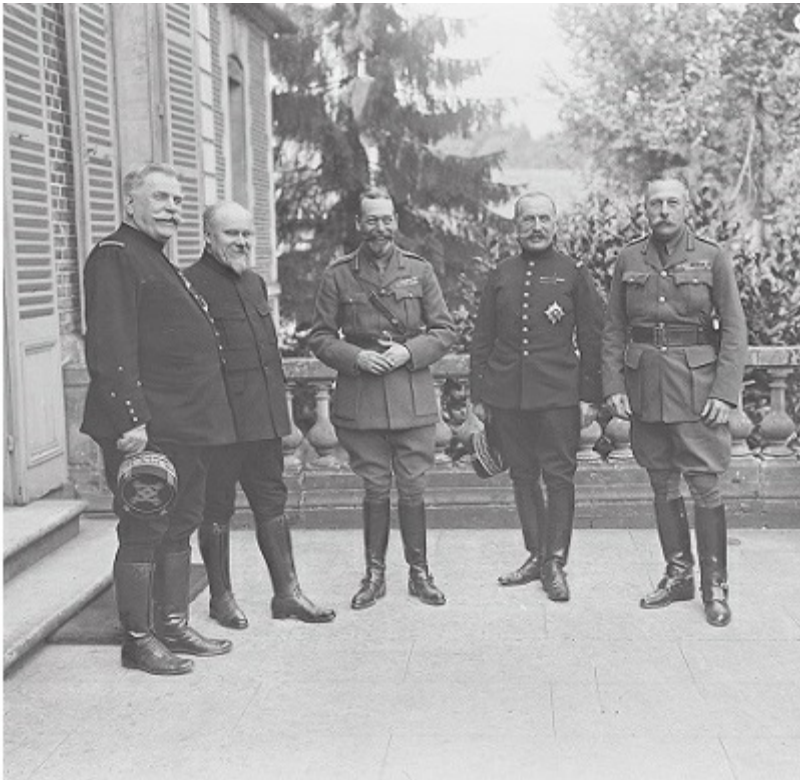
Hindenburg, o Kaiser e Ludendorff estudam um mapa.



Soldados cegados por gás tóxico alemão alcançam um posto avançado de primeiros-socorros próximo a Béthune, abril de 1918.



Alemães e britânicos feridos esperando a evacuação, perto de Bapaume, 22 de março de 1918.



Potenciais vencedores: Joffre, Poincaré, rei George V, Foch e Haig, agosto de 1918.



Um marinheiro americano, uma enfermeira americana da Cruz Vermelha e dois soldados franceses celebrando a assinatura do Armistício, 11 de novembro de 1918.

Mapas

Regiões

1. A Europa em 1914
2. O Mediterrâneo
3. Estados Unidos e Canadá
4. Grã-Bretanha
5. Alemanha
6. Áustria-Hungria
7. Império Otomano
8. Bulgária, mar Negro e mar Egeu
9. Frentes da Guerra

Campanhas

10. Frente Ocidental, 1 a 22 de agosto de 1914
11. Frente Ocidental, 1914, de Mons ao Marne
12. Frente Ocidental, 1914-1915
13. Frente Oriental, 1914-1916
14. Dardanelos e Galípoli
15. Frente da Itália
16. Sérvia
17. Verdun
18. Frente de Salonica
19. O Somme
20. Bucovina, Transilvânia e Romênia
21. Frente Ocidental, 1916-1917
22. Palestina e Síria

- 23. Mesopotâmia
- 24. Frente Oriental, 1917-1918
- 25. Frente Ocidental, 1918
- 26. Frente Ocidental, últimos três meses
- 27. Sibéria

Pós-guerra

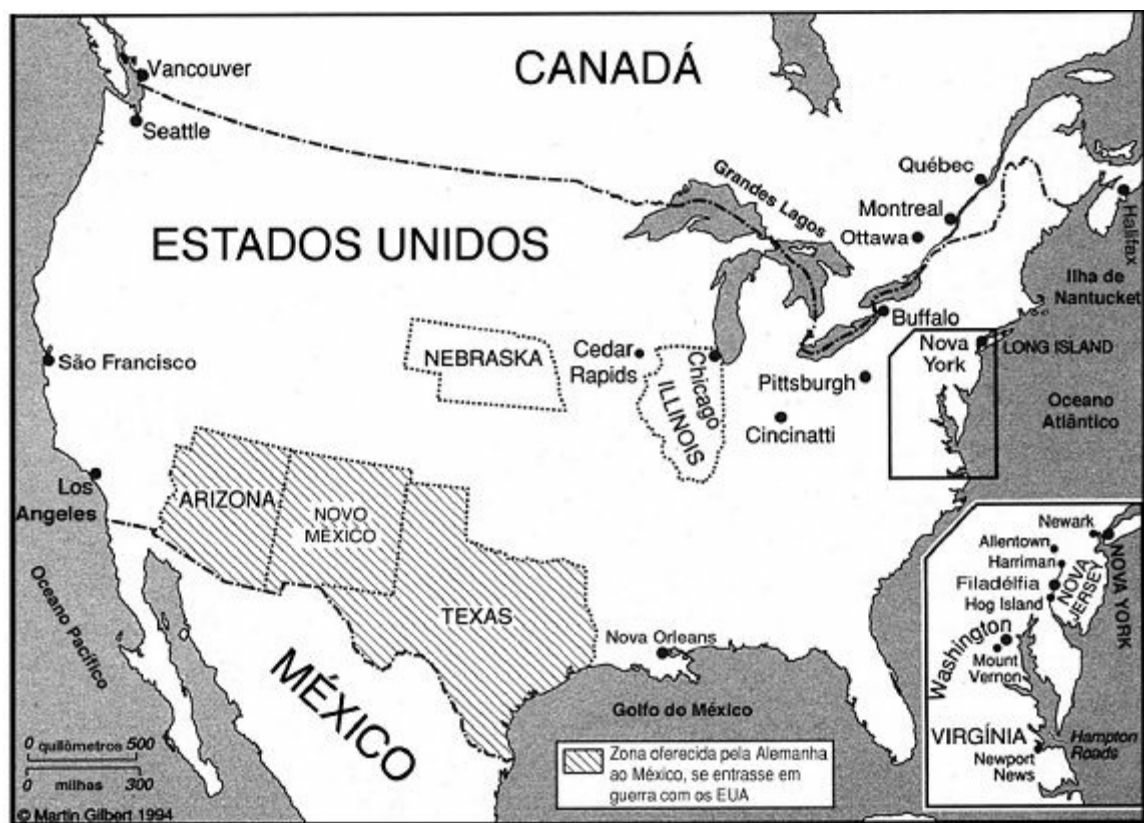
- 28. Perdas territoriais alemãs na Europa
- 29. Perdas alemãs nas colônias
- 30. Fragmentação da Áustria-Hungria
- 31. Desintegração do Império Otomano



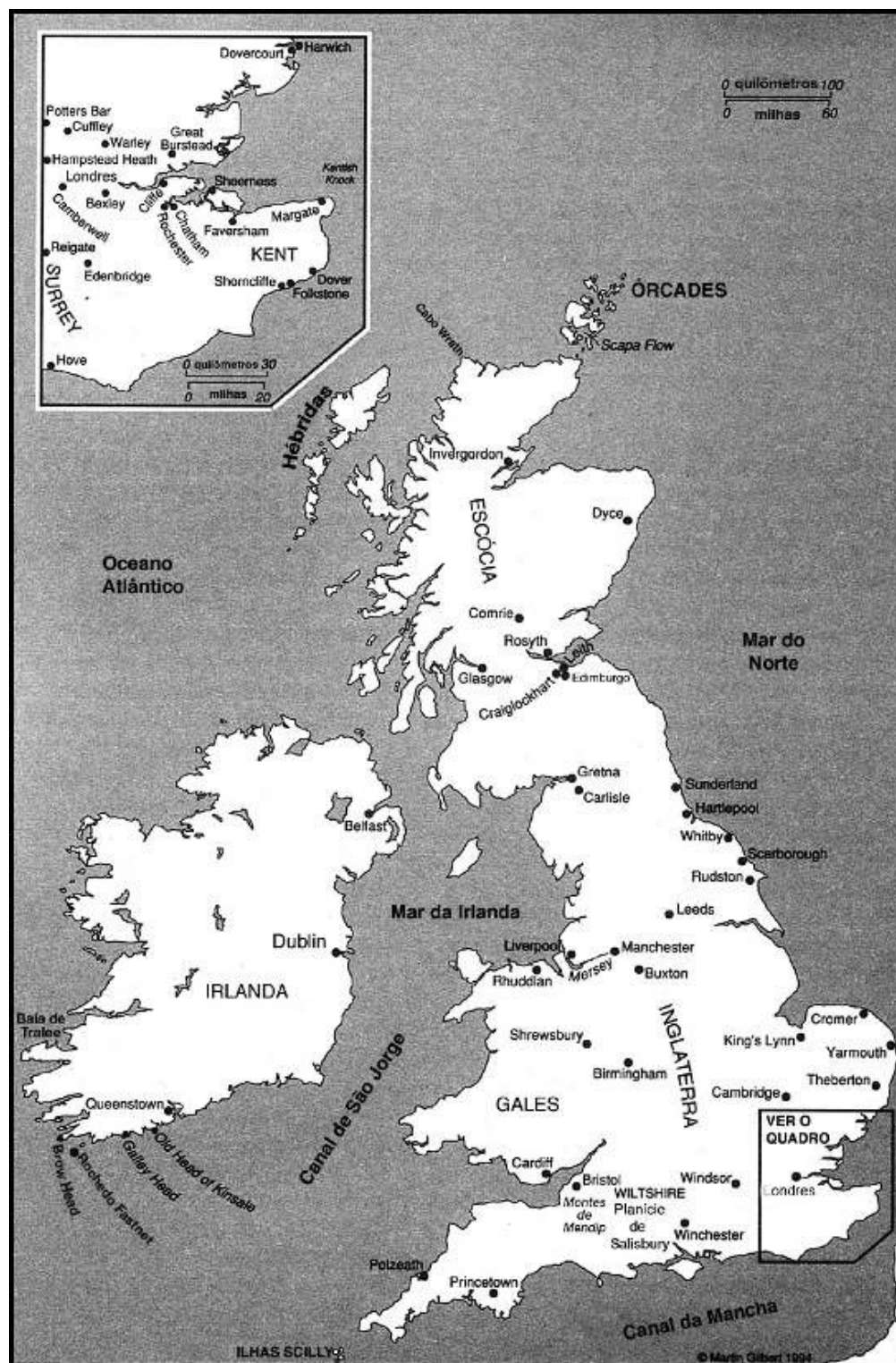
1. A Europa em 1914



2. O Mediterrâneo



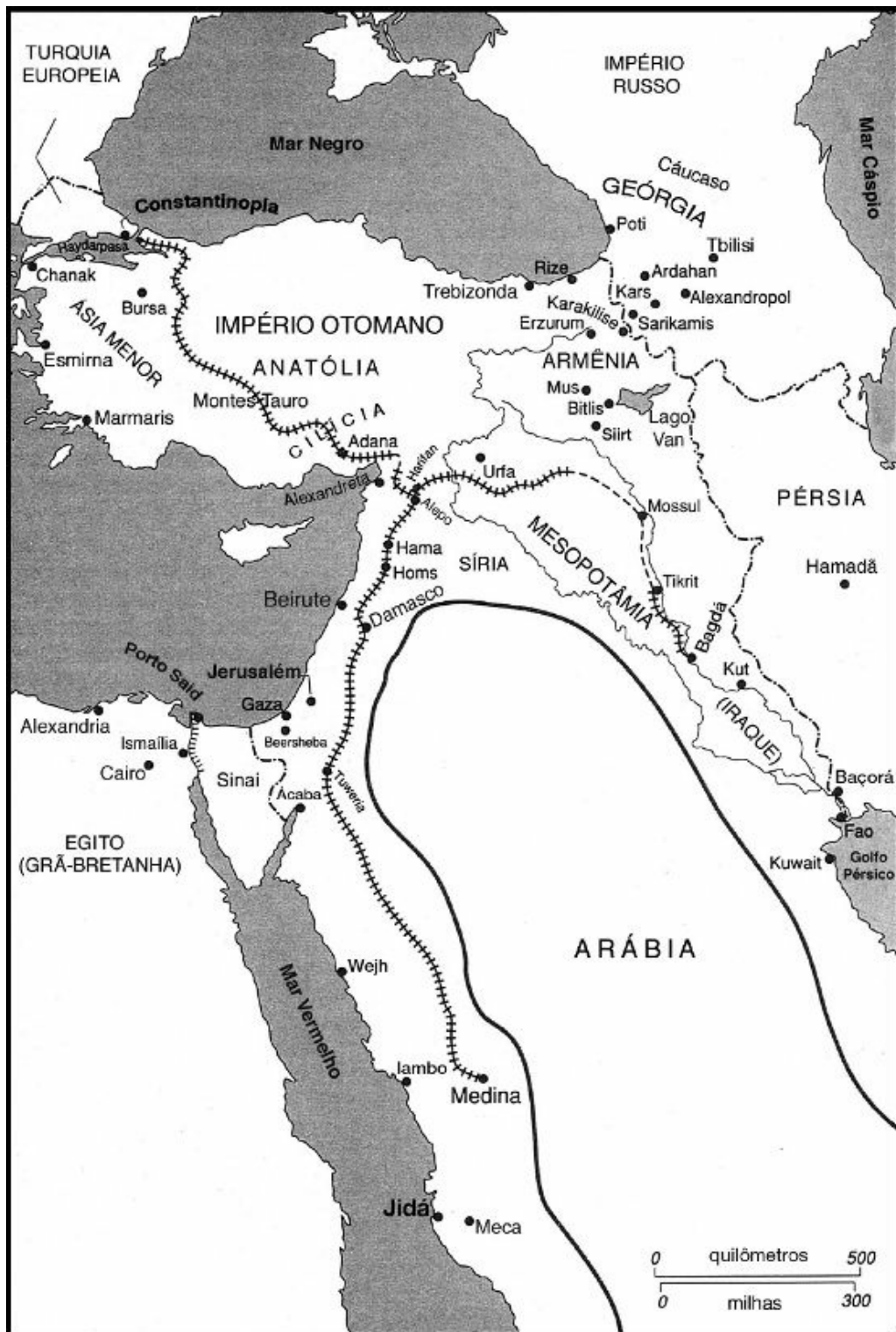
3. Estados Unidos e Canadá



4. Grã-Bretanha



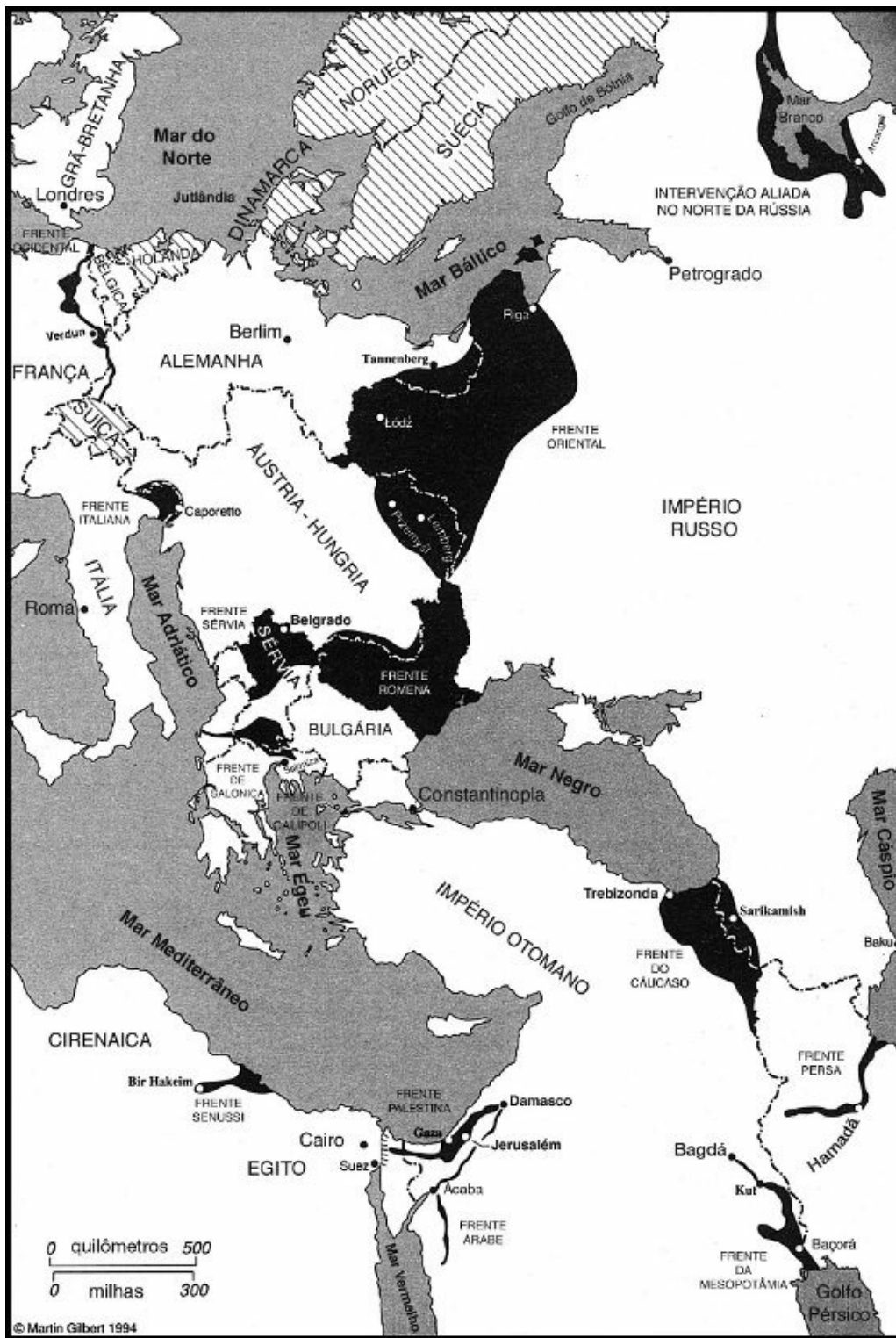
5. Alemanha



7. Império Otomano



8. Bulgária, mar Negro e mar Egeu



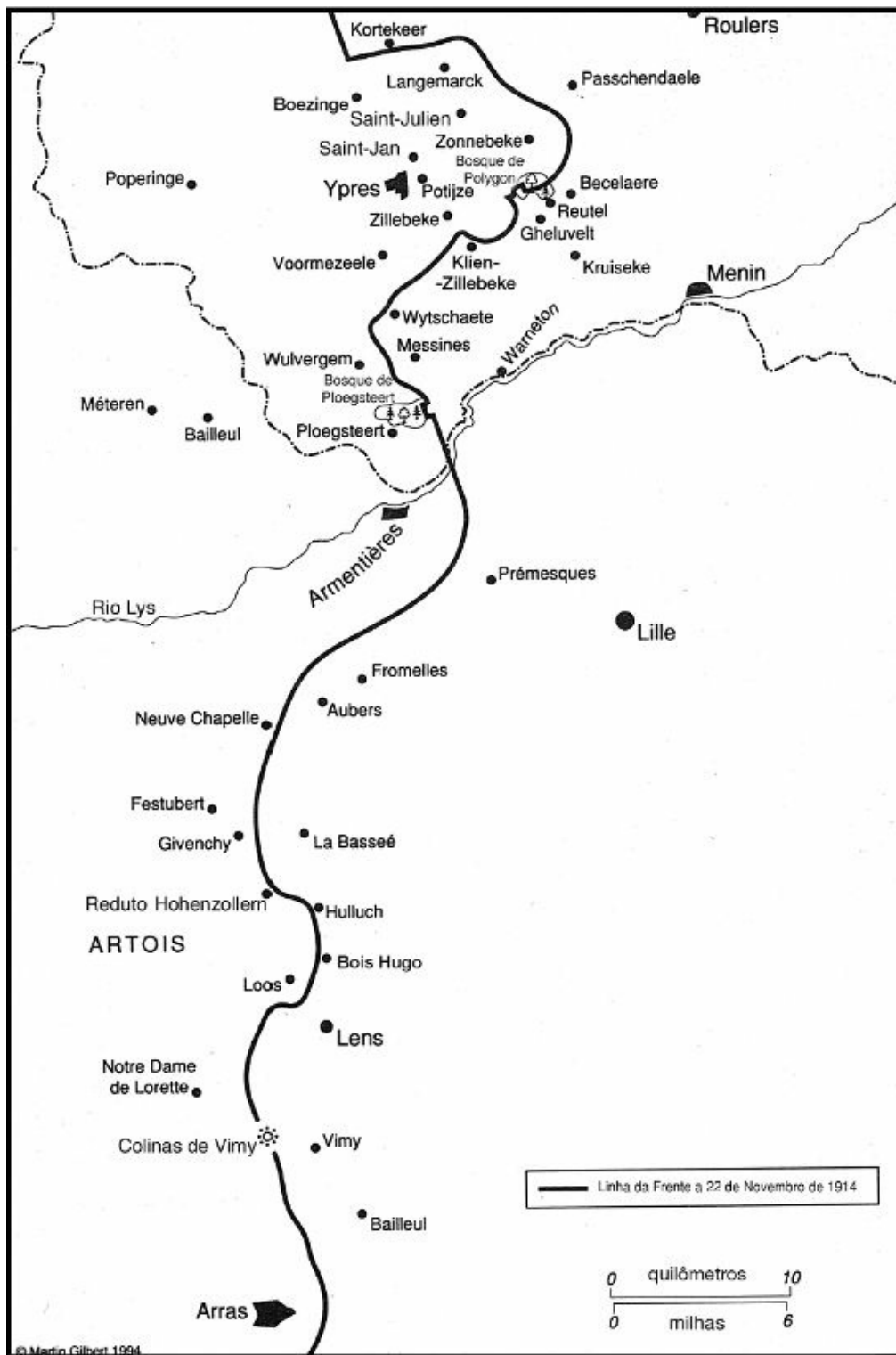
9. Frentes da Guerra



10. Frente Ocidental, 1 a 22 de agosto de 1914



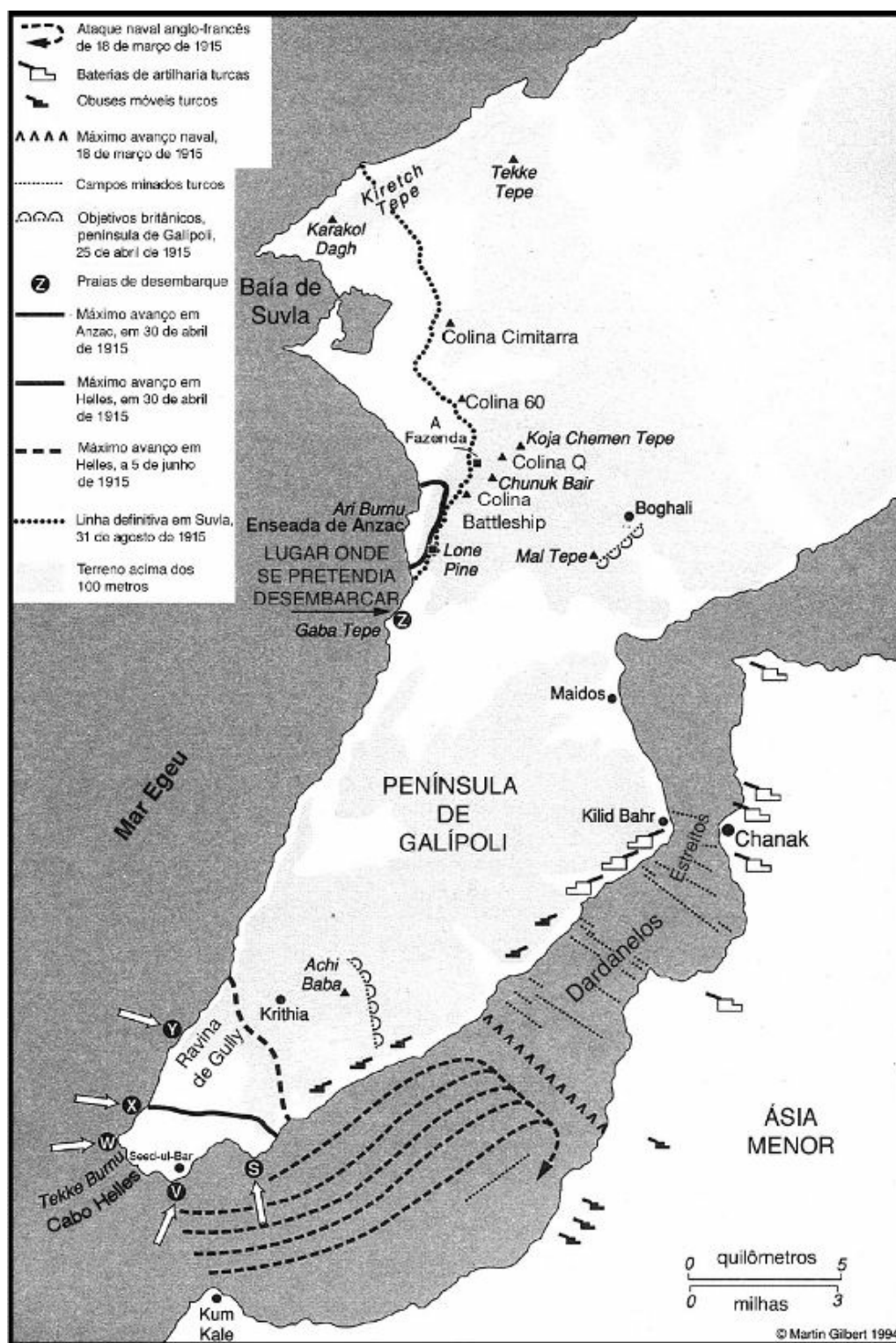
11. Frente Ocidental, 1914, de Mons ao Marne



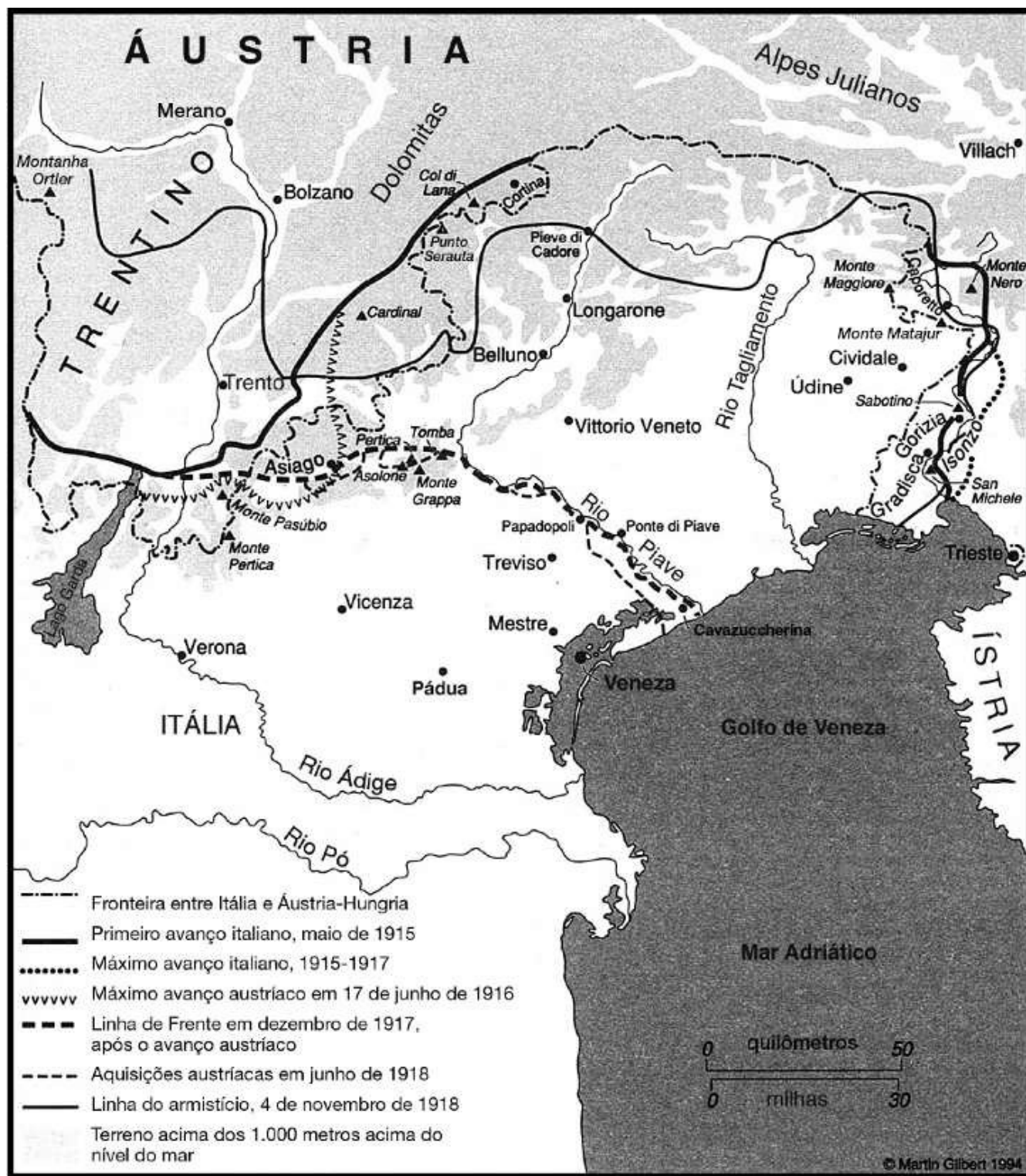
12. Frente Ocidental, 1914-1915



13. Frente Oriental, 1914-1916



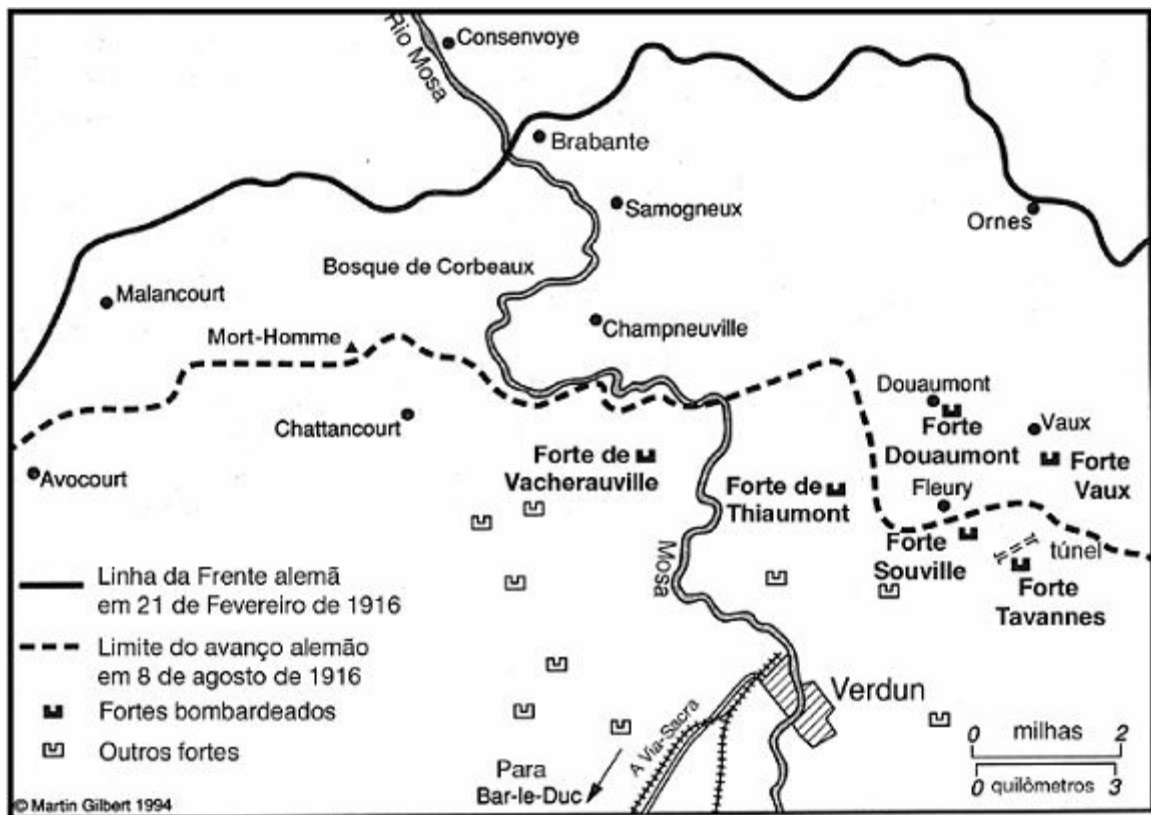
14. Dardanelos e Galípoli



15. Frente da Itália



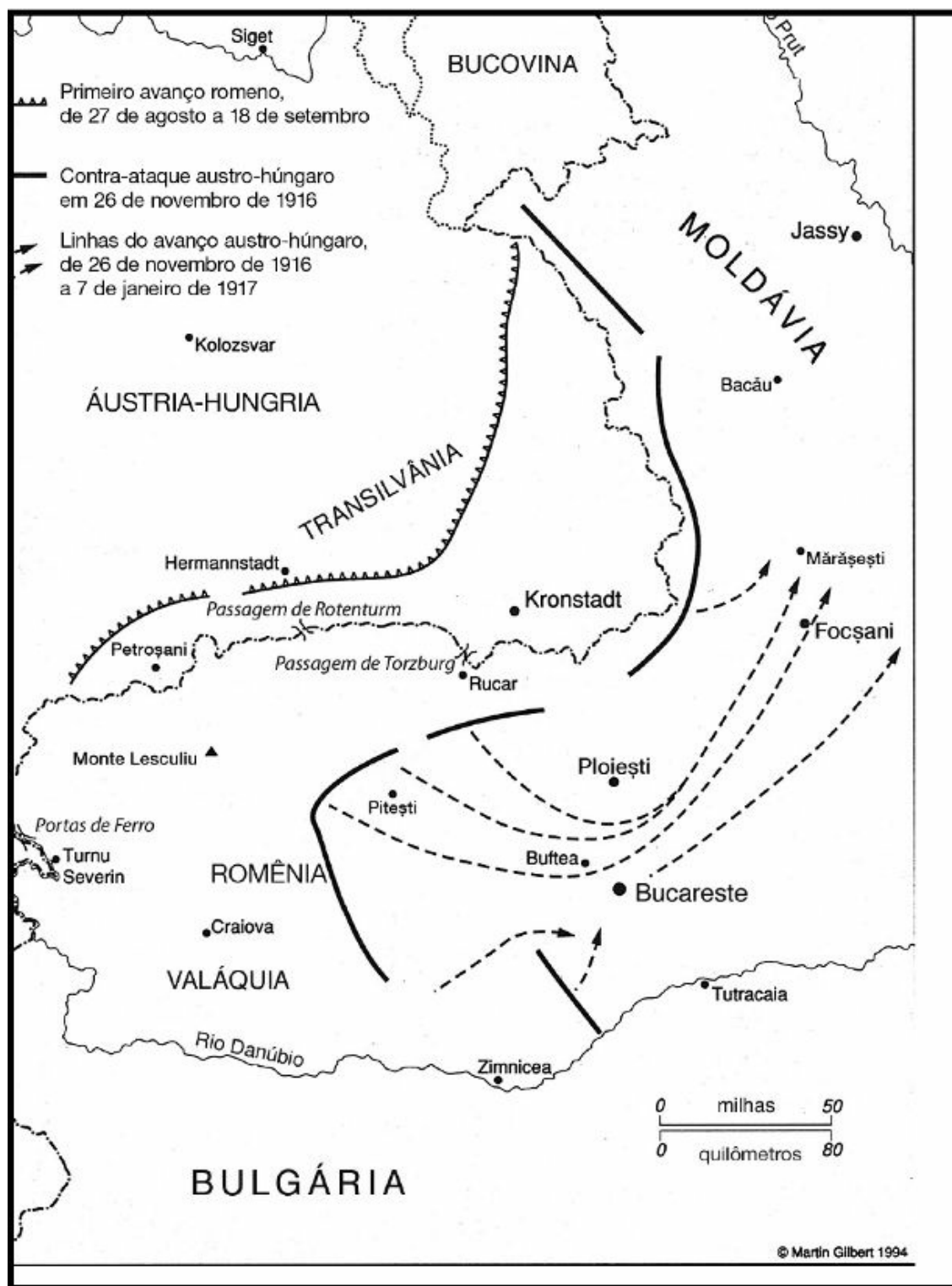
16. Sérvia



17. Verdun



18. Frente de Salonica



20. Bucovina, Transilvânia e Romênia



21. Frente Ocidental, 1916-1917



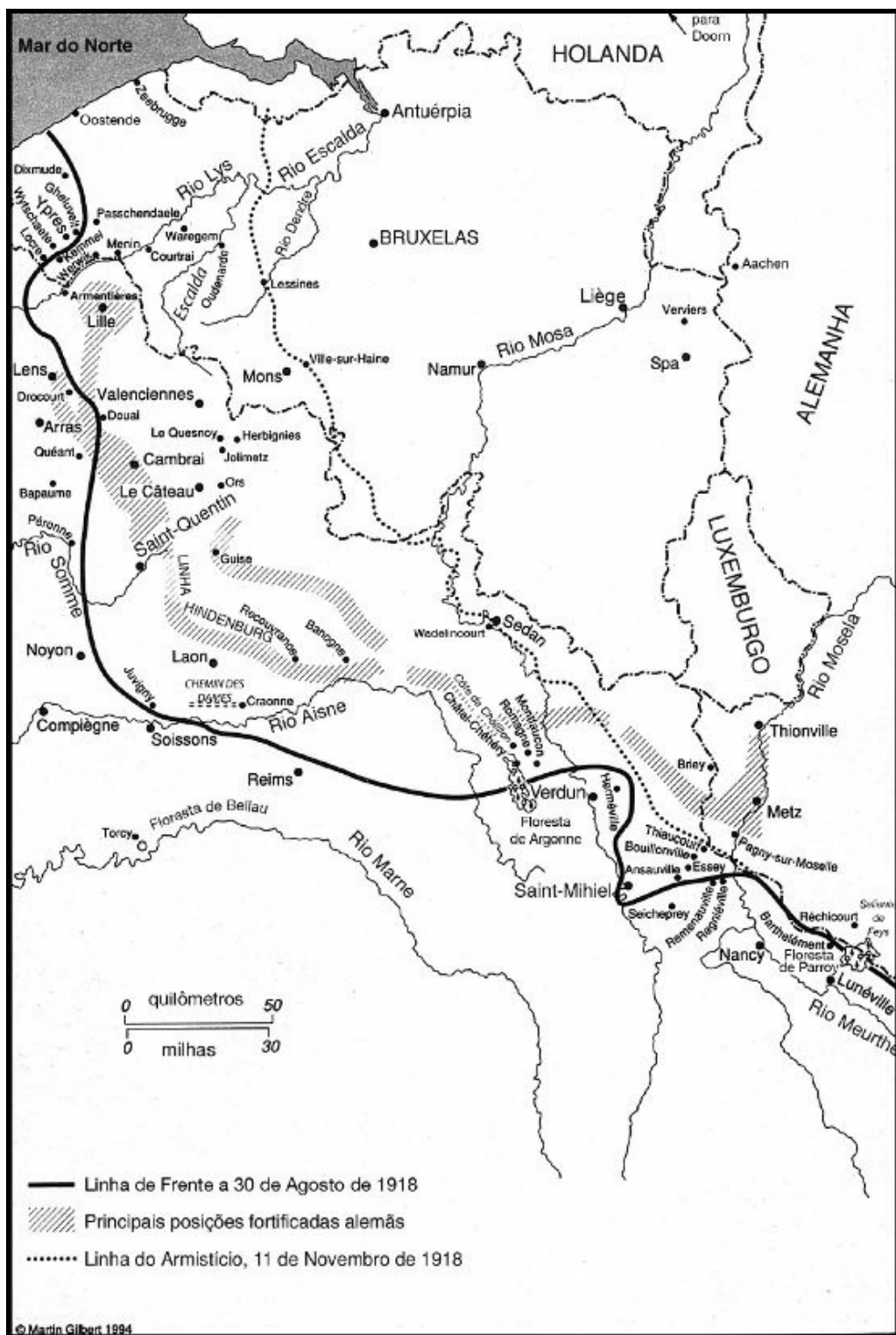
22. Palestina e Síria



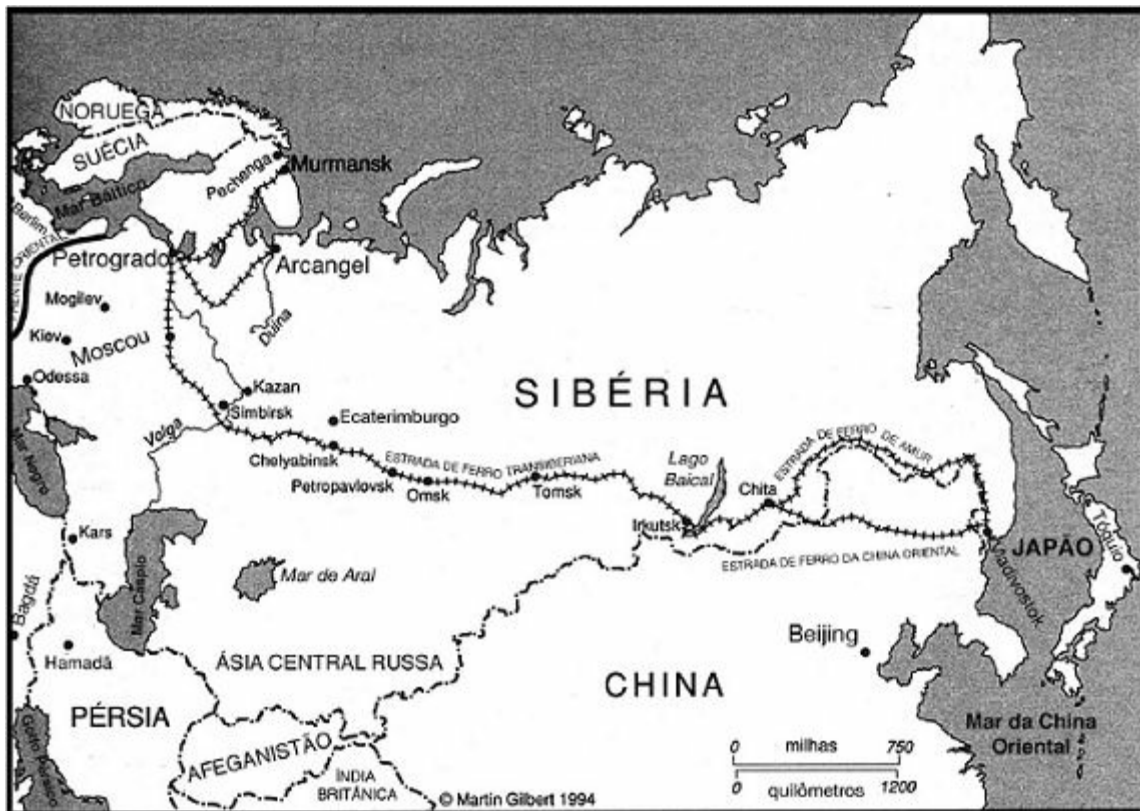
23. Mesopotâmia



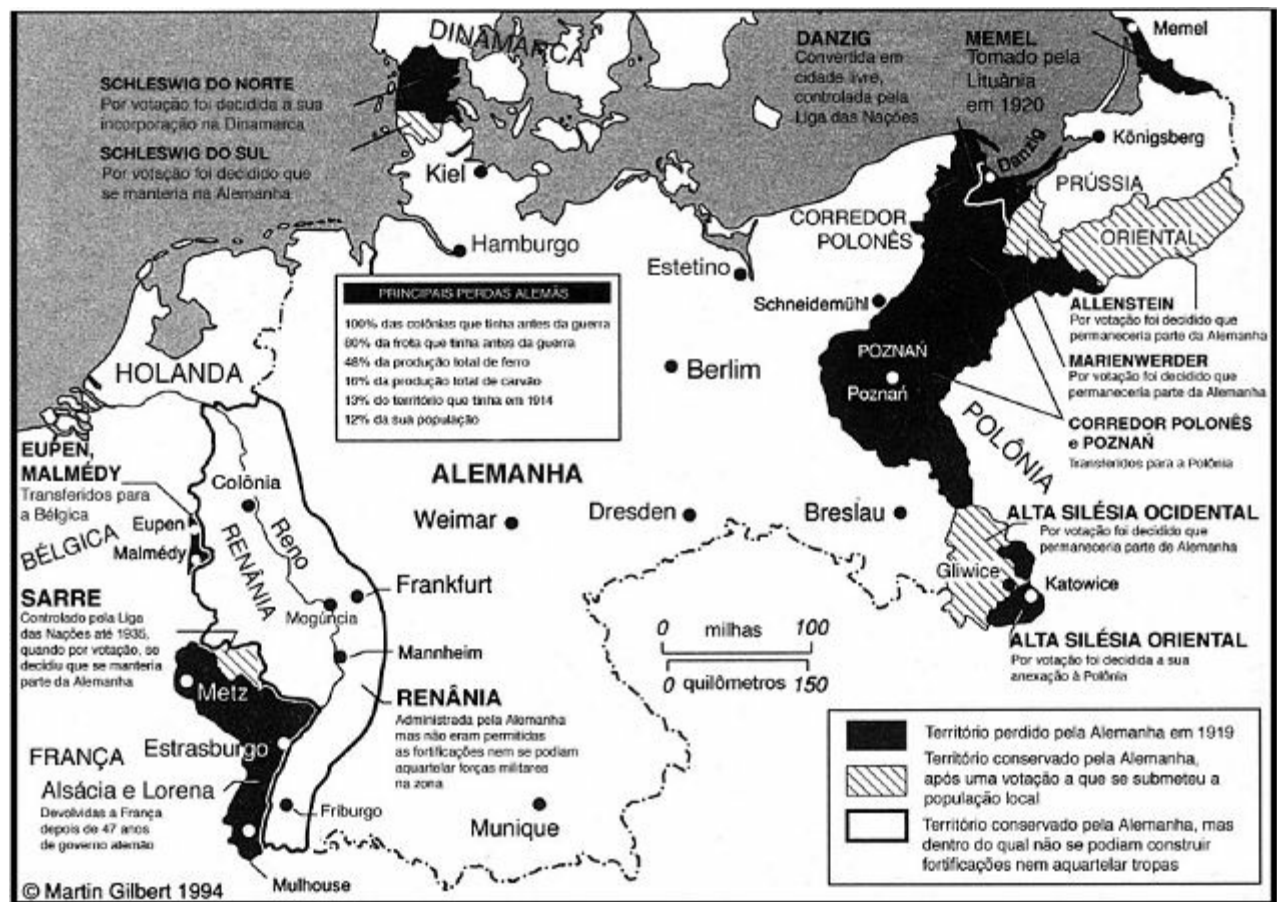
24. Frente Oriental, 1917-1918



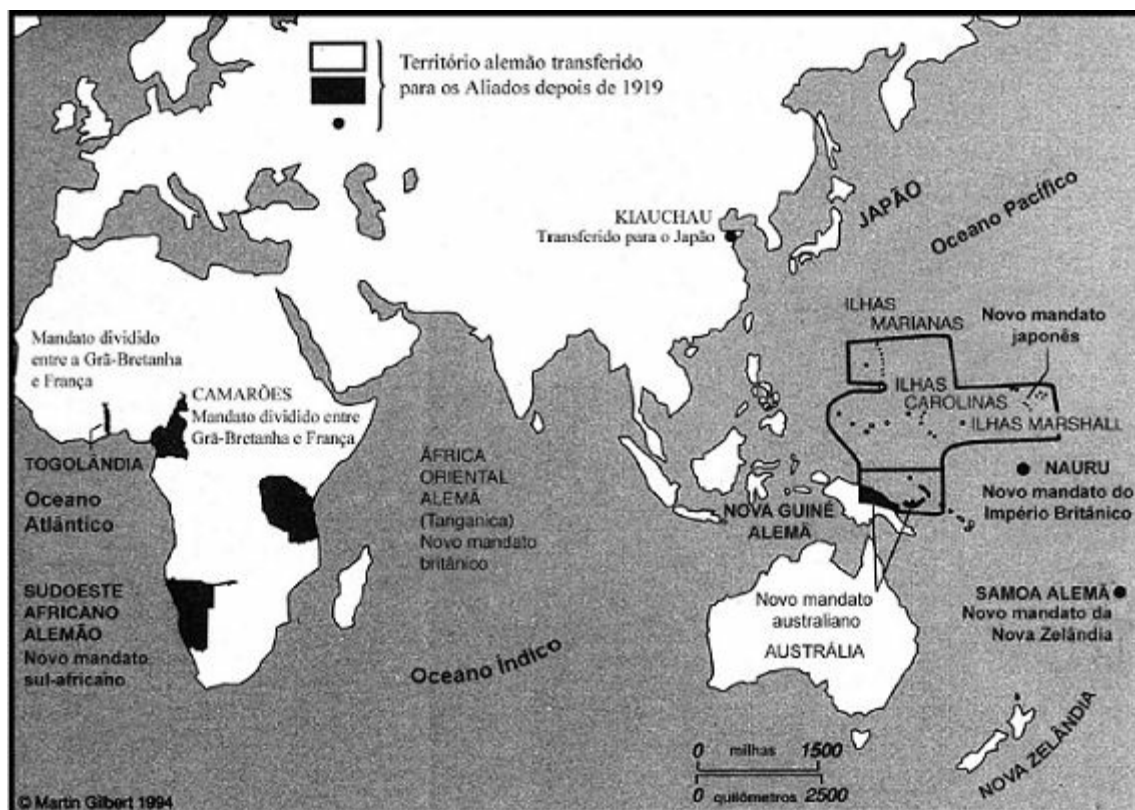
26. Frente Ocidental, últimos três meses



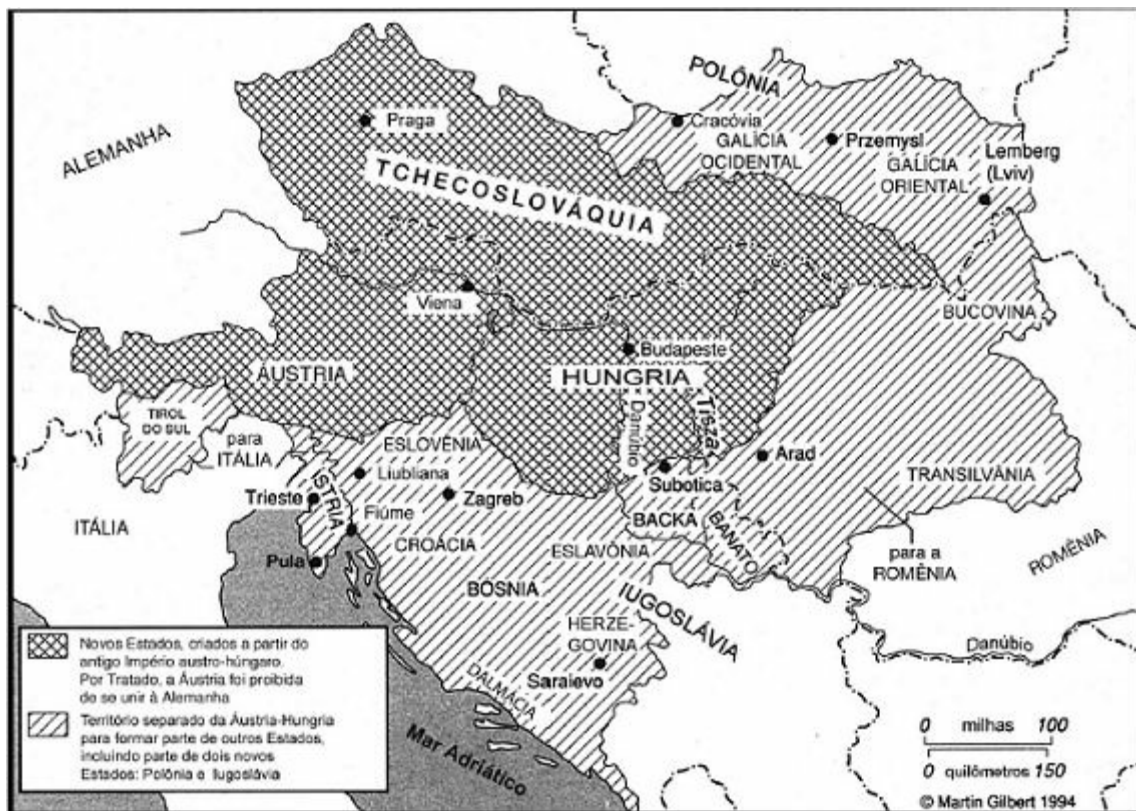
27. Sibéria



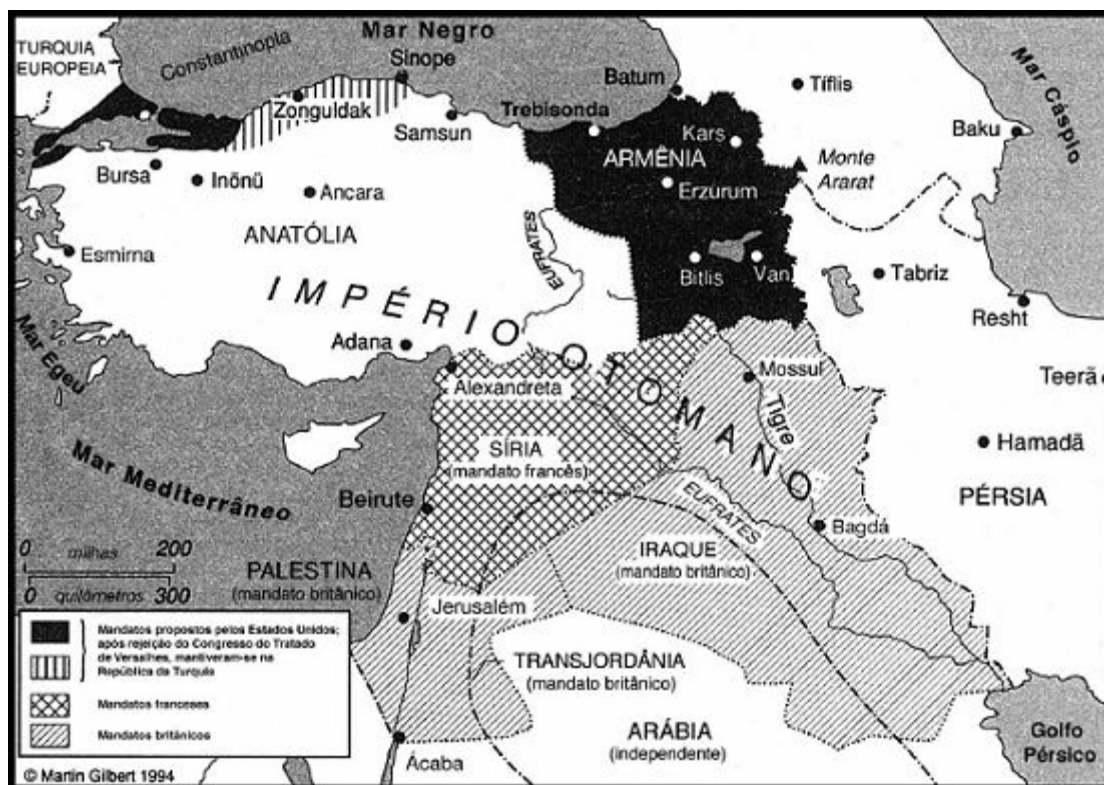
28. Perdas territoriais alemãs na Europa



29. Perdas alemãs nas colônias



30. Fragmentação da Áustria-Hungria



31. Desintegração do Império Otomano

Agradecimentos

Muitas pessoas encorajaram-me ao longo de anos a explorar diferentes aspectos da Primeira Guerra Mundial ou encaminharam-me para estantes pouco conhecidas e alguns cantos de uma vasta [bibliografia](#). Charles Mahjoubian, sobrevivente do massacre dos armênios, encorajou-me a incluir essa tragédia na narrativa. Dois dos meus alunos de doutorado, Martin Ceadel e John Turner, escolheram a Primeira Guerra Mundial como sua “época”. Desde então, ambos publicaram livros pelos quais todos os estudiosos da guerra agradecem, mas ninguém mais do que seu antigo orientador. A tese de doutoramento de Larry Arnn, intitulada “Winston S. Churchill as Minister of Munitions” [“Winston Churchill como ministro das Munições”], foi de muito valor para um antigo chefe e amigo de longa data.

Meus conhecimentos bibliográficos e factuais aumentaram com a ajuda de vários amigos, entre os quais Clinton Bailey, David Harman, Zena Harman, Jeffrey Siegel, Sarah Meron e Simon Broadbent. Como sempre, Erich Segal foi meu guia em todas as alusões clássicas. Outras pessoas que me forneceram informações foram: J. W. Bakewell, dr. Vojtech Blodig (Museu de Theresienstadt), I. L. Buxton, Andrew Baker, Robert Craig, Sir Brian Fall, Martin Greenwood (conservador-assistente na Kenwood House), Bruce Gaynor, J. P. Gee (Comissão de Sepulturas de Guerra da Commonwealth), Julie Kessler, Michael Levine, Len Mader (Assuntos Internacionais e Comércio Internacional do Canadá), T. P. Penfold (Comissão de Sepulturas de Guerra da Commonwealth), J. P. Rudman (Arquivo da Uppingham School), coronel William E. Ryan Jr. (Comissão Americana de Monumentos de Batalha em Washington), Jean Saunders, dr. Harry Shukman, Chris Thomas (Biblioteca de Referências do Banco da Inglaterra), Sir David Williams, Georgina Wilson e a equipe do Instituto Claremont, na Califórnia. Agradeço também a ajuda bibliográfica do professor Oleg Rzheshovski, de Moscou, e de Pauline Underwood, da Macmillan Press Ltd. À semelhança de todos aqueles que utilizaram os arquivos do governo britânico, sou grato ao chefe e à equipe do Arquivo Nacional em Kew.

Os excertos de *Testament of Youth* [Testamento da juventude], por Vera Brittain, foram incluídos com autorização de Paul Berry, seu agente literário, da Victor Gollancz Ltd. (para a edição britânica) e da Virago Press, de Londres (para a edição

dos Estados Unidos). Estou agradecido às seguintes pessoas pela permissão para reproduzir poemas: a George Sassoon, pelos poemas de Siegfried Sassoon (de *Collected Poems 1908-1956* [*Poemas completos 1908-1956*], Faber & Faber); a A. P. Watt, em nome de Crystal Hale e Jocelyn Herbert, por um poema de A. P. Herbert; à Macmillan Publishers Ltd., por um poema de E. Hilton Young (de *A Muse at Sea* [*Uma musa no mar*], Sidgwick & Jackson); e a David Higham Associates, por um poema de Herbert Read (de *Selected Poetry* [*Poemas selecionados*], Faber & Faber).

Obtive todas as imagens deste livro na Robert Hunt Library, a cujas relíquias fui apresentado antes, para minha história da *Segunda Guerra Mundial*, por Graham Mason, o qual também me permitiu explorar livremente o vultoso acervo da biblioteca relativo à Primeira Guerra. Menciono os detentores do copyright de cada figura na lista de imagens. Os mapas foram desenhados, a partir dos meus fracos esboços, por Tim Aspden, que lhes deu o benefício de suas capacidades cartográficas. O texto datilografado foi lido por meu antigo professor, Alan Palmer, e consideravelmente melhorado (como sucedia com meus ensaios de aluno há quarenta anos) pelos seus conselhos e ideias. O olhar de perito do dr. A. J. Peacock, editor de *Gun Fire, A Journal of First World War History* [*Armas de fogo: Um diário da história da Primeira Guerra Mundial*], foi também uma grande ajuda. Ben Helfgott chamou a atenção para pontos de estilo e conteúdo. A revisão foi feita por Chris Bessant na Inglaterra e por Arthur Neuhauser nos Estados Unidos, e estou agradecido a ambos pela sua atenção. Benjamin Buchan, na Weidenfeld and Nicolson, foi muito útil em vários pontos do conteúdo, bem como Ion Trewin. Rachelle Gryn ajudou na busca de muitos dados difíceis, bem como Kay Thomson, que também ajudou na correspondência e nas críticas. Susie Gilbert dedicou ao texto, como sucede em todos os meus trabalhos, minúcia e conselhos.

<i>papel de miolo</i>	Pólen Bold 70g/m ²
<i>papel de capa</i>	Cartão supremo 250g/m ²
<i>tipografia</i>	Minion Pro / ITC American Typewriter Std
<i>gráfica</i>	????????????????

de guerra, e aqueles que regressaram, depois do choque e do prolongamento da batalha, encontraram cidades, pelo menos na Europa, onde a privação e a mágoa tinham substituído o efêmero entusiasmo anterior. Além disso, as instabilidades foram institucionalizadas e as inimizades foram consagradas. Tudo passou por uma enorme transformação: os códigos de comportamento, a literatura, as distinções de classe.

O nome que recebeu por algum tempo, Grande Guerra, indicava sua escala sem precedentes. Um período de tempo relativamente curto, mas que inspirou, confundiu e perturbou todo o século.

SIR MARTIN GILBERT (1936-2015) foi um dos principais historiadores de sua geração. Antigo membro honorário do Merton College, em Oxford, por trinta anos, ele é considerado o biógrafo oficial de Churchill e autor de oitenta livros, entre os quais *Segunda Guerra Mundial* e *Winston Churchill – uma vida*, volumes 1 e 2, também publicados pela Casa da Palavra.

www.martingilbert.com

"Magistral. Gilbert nunca se esquece de que os 'exércitos conflituosos' eram compostos por milhões de indivíduos. De leitura muito fácil, o domínio de Gilbert sobre o tema é invejável e o resultado é admirável. É a história dos homens comuns da Primeira Guerra Mundial." – *The Sunday Times*

"O poder e a paixão que Gilbert traz para a história, a vivacidade com que ele recria a proporção do conflito, a enormidade de seu sofrimento, os feitos de bravura e covardia individuais, de devoção e deserção, serão difíceis de esquecer." – *Kirkus Review*

"Um livro extremamente importante. Consegue com sucesso exaltar o sacrifício humano individual e também a perspectiva mais ampla de uma guerra." – *Daily Mail*

* * *

A Primeira Guerra Mundial alterou o mapa e o destino da Europa da mesma forma que marcou a ferro sua pele e sua alma. Conhecida também como a "Grande Guerra", ela trouxe poucos resultados, mas mudou tudo em cada país por onde passou, destruindo impérios e milhões de vidas. De forma magnífica, Martin Gilbert descreve, dia a dia, os eventos e horrores das batalhas nas linhas de frente, das guerras do mar e do ar e de seus efeitos nos seres humanos que participaram dela.



leYa

leYa.com.br

Casa da Palavra

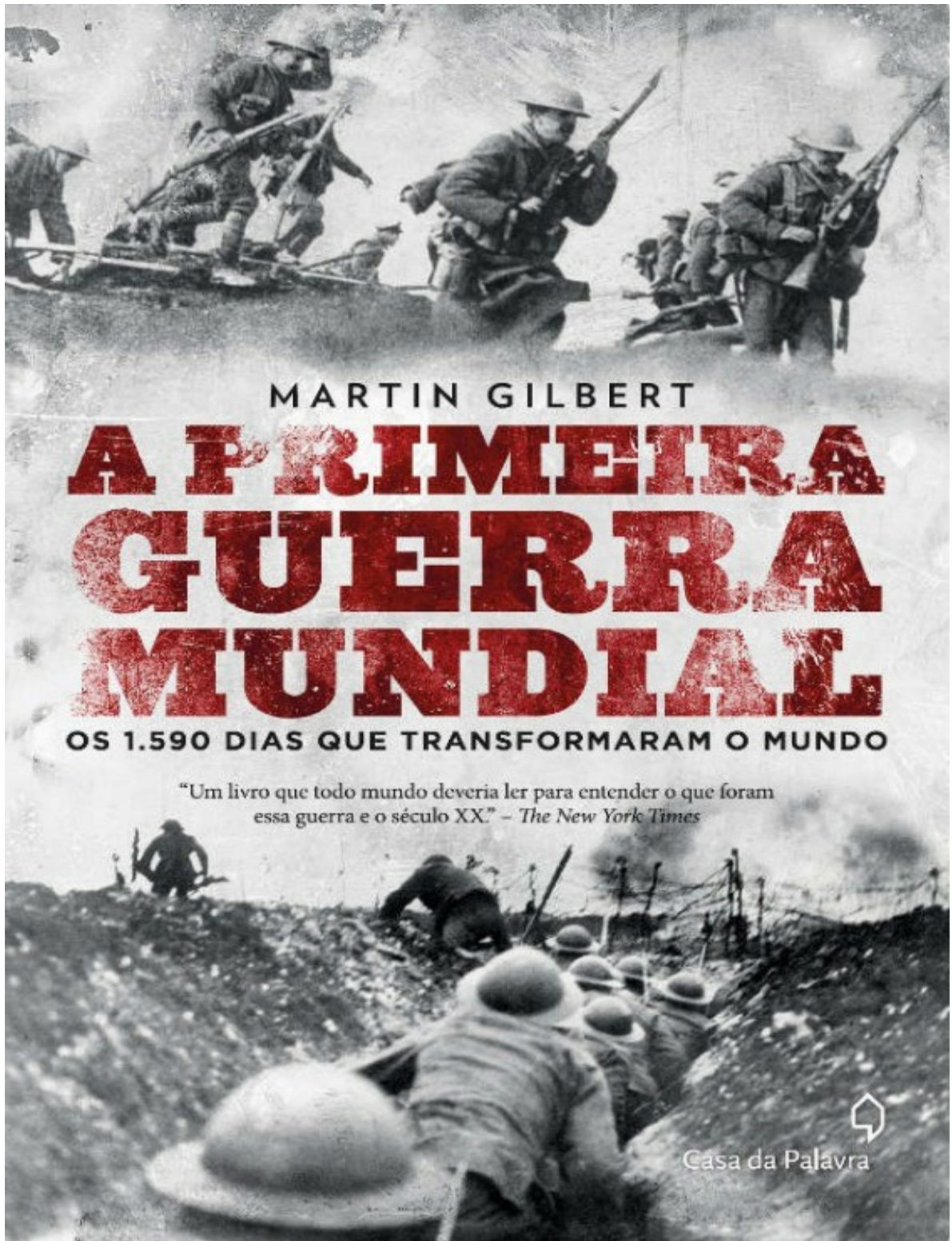


www.casadapalavra.com.br



9 788544 106037

ISBN 978-85-441-0503-7



MARTIN GILBERT

A PRIMEIRA GUERRA MUNDIAL

OS 1.590 DIAS QUE TRANSFORMARAM O MUNDO

“Um livro que todo mundo deveria ler para entender o que foram
essa guerra e o século XX.” – *The New York Times*



Casa da Palavra

Table of Contents

[Página de Título](#)

[Página Direitos Autorais](#)

[Sumário](#)

[Prefácio à nova edição](#)

[Introdução](#)

[1. Prelúdio da guerra](#)

[2. “Louco de alegria”: 28 de junho a 4 de agosto de 1914](#)

[3. Primeiros combates: Agosto a setembro de 1914](#)

[4. De Mons ao Marne: Agosto a setembro de 1914](#)

[5. Escavar: O início da guerra de trincheiras: Setembro a outubro de 1914](#)

[6. A caminho do primeiro Natal: “lama, lodo e vermes”: Novembro a dezembro de 1914](#)

[7. Impasse e procura de soluções: Janeiro a março de 1915](#)

[8. Desembarques em Galípoli: Abril a maio de 1915](#)

[9. A Entente em perigo: Maio a junho de 1915](#)

[10. As Potências Centrais em ascensão: Junho a setembro de 1915](#)

[11. A Entente continua a fracassar: Setembro a dezembro de 1915](#)

[12. “Esta guerra terminará em Verdun”: Janeiro a abril de 1916](#)

[13. “A Europa está louca. O mundo está louco.”: Abril a junho de 1916](#)

[14. A Batalha do Somme: “Será um holocausto sangrento”: Julho a agosto de 1916](#)

[15. Guerra em todas as frentes: Agosto a dezembro de 1916](#)

[16. Intensificação da guerra: Novembro de 1916 a junho de 1917](#)

[17. Guerra, deserção e amotinções: Abril a julho de 1917](#)

[18. Impasse no Ocidente, agitação no Oriente: Julho a setembro de 1917](#)

[19. Batalha de Passchendaele; revolução na Rússia: Setembro a novembro de 1917](#)

[20. Os termos da guerra e da paz: Novembro a dezembro de 1917](#)

[21. As Potências Centrais à beira do triunfo: Janeiro a março de 1918](#)

[22. A última grande investida alemã: Março a abril de 1918](#)

[23. “A batalha, a batalha, nada mais importa”: Abril a junho de 1918](#)

[24. Contra-ataque aliado: Junho a agosto de 1918](#)

[25. Mudança da maré: Agosto a setembro de 1918](#)

[26. Colapso das Potências Centrais: Outubro a novembro de 1918](#)

[27. O armistício final: 9 a 11 de novembro de 1918](#)

[28. Construção da paz e memórias](#)

[29. “... em memória dessa grande companhia”](#)

[Bibliografia](#)

[Notas](#)

[Índice remissivo](#)

[A](#)
[B](#)
[C](#)
[D](#)
[E](#)
[F](#)
[G](#)
[H](#)
[I](#)
[J](#)
[K](#)
[L](#)
[M](#)
[N](#)
[O](#)
[P](#)
[Q](#)
[R](#)
[S](#)
[T](#)
[U](#)
[V](#)
[W](#)
[X](#)
[Y](#)
[Z](#)

[Mapas](#)

[Agradecimentos](#)